BOX

SÉRIE MC FÊNIX











IVANI GODOY

BOX

SÉRIE MC FÊNIX



IVANI GODOY

Copyright© 2020 - Ivani Godoy

Revisão: Revisão: Analine Borges Cirne

Diagramação digital do Box: Denilia Carneiro

Capa: Barbara Dameto

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

SHADOW
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Epílogo
KILL
Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11

Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Epílogo
DAEMON
Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Epílogo

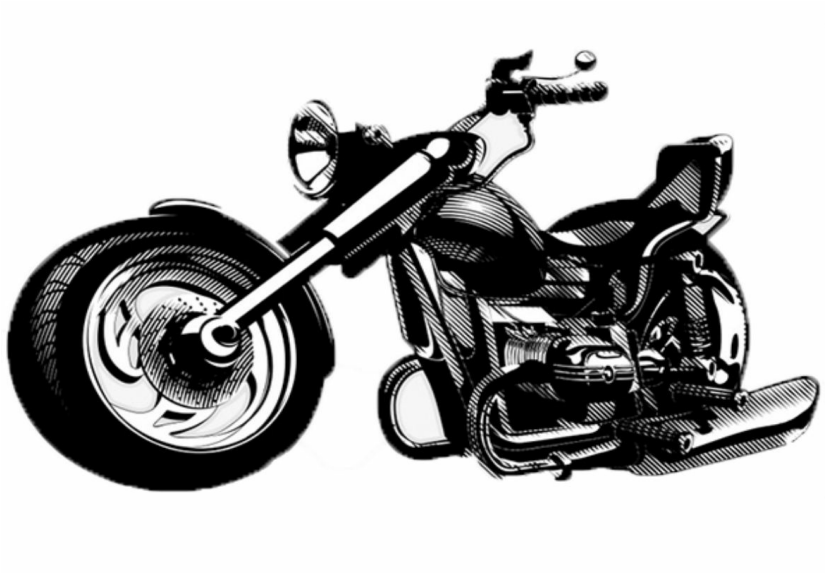
NASX
Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Epílogo

RENDENÇÃO
Sinopse
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Epílogo
Conheça meus outros trabalhos:
Siga-me nas redes sociais:

IVANI GODOY

SHADOW

SÉRIE MC FÊNIX



Prólogo

Evelyn

Tonta, eu sacudi a cabeça. Se já estava sofrendo antes, depois do que eu tinha acabado de descobrir, a dor aumentou exponencialmente. Céus! Havia dito tantas coisas horríveis ao Dom... A dor que ele devia ter sentido após ouvir tudo aquilo... Eu jurei que não fugiria de nada que ele fizesse, que sua escuridão e vida não me afastariam dele, mas não cumpri minha promessa e o traí da pior forma possível. De forma imperdoável.

— Oh, Céus! Eu o machuquei tanto... Jurei que nada do que ele fizesse me afastaria dele, mas não cumpri minha promessa...

— Lamento não ter dito antes, eu precisava esperar até Pablo desaparecer, mas não aguentei ver o estado de vocês dois. Ele não está diferente, está em casa bebendo direto e sofrendo — seu tom estava triste no final; talvez isso lhe trouxesse várias lembranças de quando sua antiga namorada o havia deixado.

Não respondi, apenas saí correndo da casa para ir ao encontro de Dom. Não me importei que fosse noite e estivesse chovendo e nem que eu estivesse descalça. Não era longe da casa do Michael, só um quilômetro mais ou menos, embora pouco me importasse com a distância. Por Dom, eu iria à lua, até o sol sem me preocupar em derreter no processo devido ao calor.

Eu o fiz sofrer tanto naquelas três semanas por algo que ele não fez, e as coisas que disse a ele... os nomes que o chamei... Dom não iria me perdoar pelo que eu fiz, mas precisava tentar de alguma forma, implorar se fosse preciso.

Michael gritou, mas não ouvi, apenas corri na noite escura, assim como minha vida tinha

se tornado naqueles dias. Todavia, esperava iluminá-la em breve, assim que pedisse perdão a ele.

As luzes de sua casa estavam acesas, então ele estava realmente lá. Eu me senti ansiosa para vê-lo, sentir seu cheiro, seus lábios, seu sorriso. Não bati à porta, apenas entrei na sua casa, mas a cena que vi na sala acabou comigo, tanto que achei que iria morrer naquele momento. Meus pulmões pareciam defeituosos, porque o ar havia sumido deles.

Dom estava de toalha e com os cabelos molhados, como se tivesse recém-saído do banho. Ao seu lado estava uma mulher morena enxugando seus cabelos com um pano. A cena era tão íntima que me cortou profundamente.

Assim que arfei, os dois arregalaram os olhos ao me ver perto da porta. Eu estava molhada, descalça, mas não me importei, pois a dor estava me matando ao vê-lo com outra...



Capítulo 1

Evelyn

Planos

Quando eu tinha oito anos, fui sequestrada e levada para aquele lugar, chamado Paraíso, mas ali estava mais para pesadelo ou o inferno. Era uma fazenda na cidade de Chicago, no estado de Illinois, que, antes de se tornar o que era – uma prisão – tinha sido um lugar onde os proprietários, a família Salvatore, passavam as férias. Ficava muito longe do perímetro urbano, o que tornava o local ideal para seus escusos propósitos.

Fui criada e ensinada a participar de cultos. Eu os chamava de seita do demônio, pois eles não eram religiosos, nem em Deus acreditavam. Como podiam pregar algo e fazer o contrário? Nenhum deles era humano; eles eram monstros que nos roubaram de nossas famílias, levando-nos para aquele maldito lugar.

Ali, nós éramos separadas por idade. Meninas dos sete aos dez anos ficavam numa casa à direita da nossa com o nome de ala cinco. E onde eu morava, junto às meninas dos 11 aos 19 – pois já estava ali havia quase 11 anos – era a ala seis, uma imensa casa branca no meio do nada. Éramos vigiadas por guardas armados, 24 horas por dia.

Dália era minha colega ali, dividíamos o mesmo quarto. Ela foi raptada aos sete anos, ou seja, fazia 12 que estava ali. Ela dizia que as meninas que iam para a casa chamada de ala sete, que ficava afastada da nossa, não voltavam mais. Eu mesma vi duas garotas indo para esse lugar, e elas não voltaram.

Matteo era filho do dono daquele lugar, mas não era como seu pai, não queria o mal das meninas. Contudo, não podia lutar contra ele. Matteo me disse que o poder e a influência falavam mais alto do que a prudência e a bondade. Também disse que as meninas que iam para a ala sete seriam oferecidas a homens por intermédio de uma seita...

— Homens? O que eles fazem com elas? — perguntei-lhe com tremor na voz.

Nós dois estávamos no galpão que ficava no fundo da casa onde eu era mantida presa. Não ficávamos algemadas e essas coisas, durante o dia éramos livres para andar desde que ficássemos no “pavilhão”, que eu chamava de corredor, como o de um hospital com seus quartos. Às noites, nossos quartos eram trancados. Éramos prisioneiras, pois não podíamos sair dali para ir embora. Livre, eu queria e iria lutar para ser assim um dia.

— Eles as estupram e as matam. Eu estou fazendo parceria lá fora para derrubar essa escória maldita, alguém mais poderoso que meu pai — seu tom era frio. — Lembra do que aquele cara ia fazer com você quando a salvei?

Eu assenti, lembrando-me de alguns anos antes. Dois guardas iriam me pegar à força no corredor. Estava escuro, e eu vinha do refeitório sozinha. Nunca senti tanto medo. Foi então que Matteo apareceu e os matou com duas adagas, enfiando-as em suas gargantas. Depois desse dia, ele me ensinou a usá-las, até me deu duas de presente.

Lembro-me de quando eu era pequena e treinava com Michael. Ele também era bom com facas. Mamãe até brigava dizendo que íamos nos machucar.

— É algo como aquilo o que acontece nessa seita, por isso eu ensinei você a lutar e a se defender de situações como essas, pois nem sempre estarei por perto. Estou preocupado com você; daqui a poucos dias, fará 19 anos.

— Por que isso é um problema? — sondei confusa. O que meu aniversário tinha a ver com aquilo?

— Essa é uma seita doentia e que meu pai quer passar para mim, mas isso não vai acontecer, porque vou acabar com todos eles. Esse é o meu objetivo. Quando uma menina completa 19 anos, ela é levada para a ala sete, onde é feito todo um ritual macabro.

— Esses caras são monstros que eu adoraria matar com minhas próprias mãos.

Ele riu.

— Eu vou fazer de tudo para não deixar você sujar suas mãos assim, pois vou acabar com eles. Eu juro. Lorenzo, meu pai, faz isso como uma espécie de vingança para amenizar a raiva por algo que há muito tempo fizeram com minha irmã. Ela foi estuprada e morta quando tinha dez anos, em Moscou. — Ele expirou como se estivesse com dor. — Estávamos de férias na ocasião, eu, ele, mamãe e ela. Seu nome era Dalila, tão linda. Pele branca, cabelos negros longos e olhos tão escuros como duas pedras negras, tão tímida. Aonde íamos, ela mal falava com as pessoas. Não era para irmos à Rússia, já que estava acontecendo uma guerra de poder entre a máfia russa e a italiana.

— Espere, vocês são da máfia? Mas o que é máfia? Nos livros que você me deu, não tinha isso — não me lembrava desse nome sendo mencionado em nenhum livro que eu tinha lido.

Ele sorriu, mas era um sorriso triste, pois não chegava aos olhos.

— São organizações muitas vezes controladas por uma família que usa métodos inescrupulosos para fazer prevalecer seus interesses ou para controlar uma atividade, como mercado negro, tráfico de drogas etc. Crime organizado. Eu as considero como reinados. No meu mundo, quem tem mais poder vence. Há grupos e famílias mafiosas em praticamente todos os países, mas considero as máfias italiana, russa, mexicana, japonesa, jamaicana e albanesa como as mais poderosas. No meu país, especialmente na Sicília, de onde a minha família é originária, há máfias muito importantes, como a nossa, a Cosa Nostra, a Colombo, a Banchi, a Esposito. Nossa família já está há mais de um século estabelecida aqui, nos Estados Unidos. Há anos, a máfia russa aqui, os Dragons, detinham muito poder. Acredito que até hoje têm, embora os Salvatores também tenham. Lorenzo os acusa de serem os mandantes do crime bárbaro contra Dalila, mas aquela família não era assim, mesmo antes de o casal Dragon morrer e deixar o legado para seus filhos...

— Eles eram bons, então? E como morreram? — sondei curiosa.

Ele alisou a testa.

— Não importa, o que sei é que eles não fizeram isso com minha irmã; se fossem eles, eu já teria ido atrás e buscado vingança contra todos, mas não contra inocentes, igual ao Lorenzo. Ele começou a fazer essas barbaridades com tantas crianças. Eu não acredito que seja uma seita, e sim, estupradores. É isso o que eles fazem aqui, ele e seus amigos. Os policiais podiam ajudar a salvá-las, mas Lorenzo comprou quase todos eles — revelou enquanto começávamos a treinar com nossas adagas.

Rodopiou-me e me prendeu à parede com uma adaga em meu pescoço e a outra na minha barriga. Ele era forte, moreno, e seus cabelos negros caíam sobre os olhos, também negros. Sua boca era bonita e estava próxima à minha como se fosse me beijar, mas ele a afastou.

— Mantenha a guarda levantada, nunca se esqueça disso — falou com dificuldade para respirar.

— Eu não fiquei tão abaixada. — Mostrei-lhe minhas adagas, que estavam em suas calças.

Ele sorriu e se afastou.

— Isso só doeria, mas, quando você estiver encurralada, deve sempre procurar uma área fatal, como coração, garganta e cabeça, porém, uma artéria seria melhor.

Assenti enquanto guardava as adagas nas botas que estava usando. Assim, ninguém saberia que eu as tinha, e, se eu precisasse usá-las, não pensaria duas vezes. Procuraria o ponto mais fraco e eliminaria o perigo.

— Matteo, o que você ia fazer? Parecia até que ia me beijar. Por que não o fez? — inquiri mais por curiosidade do que por querer ser beijada por ele.

Eu não sabia muitas coisas sobre romance, nós éramos privadas disso. Aquele lugar era quase como um convento de freiras, eu sei disso, pois Matteo me dizia. A diferença era que, num convento, buscava-se a Deus; ali, Lorenzo procurava por uma vingança distorcida pela sua filha assassinada. Lorenzo Salvatore, o homem que eu desejava matar, o pai de Matteo. Ele não se

importava com isso, já que queria tomar o lugar do seu pai para eliminar tudo e desmanchar aquela escória.

Matteo queria fazer um novo reinado. Eu não sabia direito o que ele era lá fora, mas o importante era que, ali, nos protegia de caras que queriam nos fazer mal. O fodido do seu pai havia imposto uma lei para que ninguém nos tocasse até o dia de sermos levadas para a ala sete, onde nos possuiriam e nos matariam, mas muitas vezes seus guardas não ouviam isso e infringiam as ordens do velho.

— Eu ia beijá-la, mas não vou fazer isso neste lugar asqueroso, só quando sairmos daqui — respondeu ele guardando suas adagas também. — Ou melhor, quando eu der um jeito de tirar você daqui o mais rápido possível.

— Como vai fazer isso? Esses caras estão fortemente armados. A não ser que esteja pensando em matá-los. — Olhei para ele e sorri. — Eu te ajudo com isso.

— Ly, você não está pronta para lutar com esses caras, ainda mais com eles armados. Nem eu sozinho dou conta, mas estou contatando alguns amigos – inimigos do meu pai – para me ajudarem a derrubá-lo e a tomar seu lugar sem parecer que seja eu o mandante. — Ele parou à minha frente. — Eu sei que todo ano, em seu aniversário, você faz aquelas coisas e sempre estou por perto, mas dessa vez não vou estar, pois preciso tirá-la deste lugar antes e, para onde você vai, não vou poder ir por um tempo.

Quando perdi minha família, meus pais e meu irmão, eu era pequena, mas me lembro de tudo, do fogo na casa, de vê-los caídos no chão, sem vida e das chamas sobre eles... Depois, de ser levada à força por homens mal-encarados, de chamar por Michael, que estava desmaiado no chão. E, logo depois, fui levada para aquele lugar, onde estava sendo prisioneira desde então. Eu perguntei a Matteo, havia algum tempo, se foi Lorenzo quem matou meus pais, mas ele disse que não, eu fui vendida a ele. Então ele me prometeu que tentaria descobrir o que realmente aconteceu quando fosse *capo*, pois não tinha como fazer isso antes.

Depois desse dia, a cada ano que passava, a dor de perder minha família era demais, então, a única forma que encontrei para a aliviar foi sentindo uma ainda maior: dor carnal. Eu entrava em confusões para ser castigada, mas algumas vezes eles me prendiam em um poste ao sol, sem comer ou beber nada, até que conheci Matteo, três anos antes, e ele me ajudava desde então a sentir dor sem precisar ser espancada quase até a morte. Acredito que isso não demoraria a acontecer, caso ele não tivesse aparecido na minha vida.

Eu pensava em sair daquele lugar para tentar ter uma vida lá fora, talvez encontrar um amor que fizesse meu coração bater forte, minhas mãos suarem frio só por eu estar ao seu lado, sentir as famosas borboletas no estômago ao ver seu sorriso e ver o tão falado olhar de adoração. Talvez, se eu encontrasse esse amor como as meninas dos livros, aí, sim, eu pudesse desistir da ideia de pensar em me ferir como o fazia no intuito de aliviar a dor. Dizem que o amor cura tudo, dor, tristeza, até quando a pessoa se encontra quebrada igual a mim. Será que eu conseguiria ser normal lá fora e encontrar alguém que me amasse tanto quanto eu o amaria? Precisava ter esperança de isso acontecer.

Matteo quase me havia beijado, mas eu não sentia nada por ele assim, como sempre desejei. Meu coração não acelerava como se fosse sair do peito, eu apenas gostava dele como um irmão. Quando eu fosse beijada, queria que o beijo me consumisse, não só a mim, mas a pessoa que estivesse me beijando também. Queria que essa pessoa fosse o meu *para sempre*.

— Amanhã à noite vai ter uma festa no salão da casa de Lorenzo. Ele vai ter alguns convidados, então vou dar um jeito de levá-la para a festa e tirar você dela...

A casa do velho era a um quilômetro de lá. Ele vinha ali de vez em quando, então éramos obrigadas a ficar em filas para recebê-lo como malditos soldados, de cabeça baixa, chamando-o de dom ou mestre.

— Mas ele nunca deixa ninguém participar dessas festas, ao menos, não algumas de nós. — Sempre que tinham festas como essas, Lorenzo nos trancava nos quartos para que ninguém

saísse.

— Eu vou dar um jeito. Vou falar que é seu castigo por ter a boca esperta. — Ele piscou para mim e sorriu. — Isso é verdade, mas vou dizer que, como um castigo, você vai servir as pessoas na festa dele.

Ergui as sobrancelhas.

— Ele vai acreditar nisso? — especulei andando pelo corredor ao seu lado.

Lorenzo nos proibia de andar ao lado dos homens. Sempre tínhamos que ficar atrás deles com a cabeça baixa e mudas, como malditas escravas. Isso me deixava com mais raiva e ódio dele, além, é claro, do fato de nos manter trancafiadas até a nossa morte. Eu não tinha dono, não iria receber ordens de ninguém, por isso era castigada direto. Preferia ficar dias presa ao sol e amarrada a chamar aquele ser desgraçado de mestre.

— Eu cuido disso, mas vou estar de olho em você, porque nessa festa vão ter homens da pior espécie que já existiu neste mundo.

— Piores que seu pai? — questionei estupefata e com os olhos arregalados.

Se existisse alguém pior do que ele, então era porque o mal já havia saído do Inferno para reinar na Terra. Quem em sã consciência sequestrava crianças inocentes de suas famílias ou as comprava para deixá-las presas naquele maldito lugar? Somente caras doentes como aquele, que logo teria um fim, pois eu arrancaria suas tripas e o faria comê-las.

— Ly, esses caras que vêm aqui são como animais, pois, se uma garota inocente é jogada no meio deles, logo ela estará despedaçada. Lorenzo é igual a eles, mas só faz isso em sua seita demoníaca, que logo espero encerrar. Eu só não fiz nada antes para terminar com isso porque descobri a existência deste lugar há apenas três anos, então, depois disso, fui me preparar para conseguir aliados para lutar contra ele, mas a maioria tem medo dele e do seu poder. — Matteo suspirou e alisou meu cabelo. — Mas eu juro que protegerei você amanhã e sempre.

Suspirei e assenti.

— Eu confio em você, Matteo. Me salvou mais vezes do que posso contar. — Ele me salvou dos homens, de ficar presa como castigo por causa da minha boca, embora eu nunca tenha mudado meus pensamentos. Eu mandava se danar as pessoas de quem não gostava. Aprendi esse linguajar com Matteo, pois ele falava assim. Uma vez o ouvi dizer isso a alguém ao telefone.

Nos corredores havia guardas, um em cada esquina. Samuel era o guarda da minha ala. No total tinham vinte corredores na ala seis, e em cada um ficavam dez garotas, mas às vezes em alguns corredores tinham menos meninas devido ao fato de terem sido levadas para a ala sete. Isso fora a outra casa, onde estavam as crianças, que eu não sabia quantas eram, mas pretendia arriscar minha vida no plano de fuga do Matteo. Eu iria fugir e buscar ajuda.

Entretanto, se Matteo, que estava lá fora, não podia com seu pai e seu reinado de monstro, o que eu poderia fazer? Ir à polícia? Matteo tinha dito que seu pai havia comprado quase todos os policiais. O que eu faria então? A quem buscar ajuda? Não sabia como era lá fora, além dos filmes que Matteo me levava para assistir em seu quarto escondido de seu pai, que ficava mais fora do que ali. Eu me recordava de pouca coisa boa de quando criança, apenas de brincar no jardim e ter meus pais e meu irmão comigo.

Matteo tinha algumas pessoas de confiança ali, como Samuel e Zaira – a “dona” da nossa ala. Ela era um anjo de pessoa. Eu não sabia como ela tinha vindo parar naquele lugar horrendo, mas esperava descobrir isso um dia.

— Obrigado, querida. Eu prefiro morrer a deixar algo acontecer com você. Sempre irei protegê-la — seu tom tinha um juramento ao dizer isso a mim.

— Eu sei. Mas, quando eu sair, como posso ajudar essas meninas e aquelas crianças? Não posso deixá-las aqui para o lunático do seu pai...

Ele me cortou:

— Em todos esses anos, eu venho mandando pessoas de confiança para cá, principalmente na área das crianças. Ninguém as toca lá. Contudo, estou mais preocupado com você e mais dez dessa ala, que fazem aniversário este mês. É quando ele leva e faz o que faz com as garotas... — seu tom era sombrio no fim.

— Vamos dar um jeito de desmanchar isso e fazer seu pai queimar no inferno.

— Como posso me controlar com isso? Como aquele ser desgraçado e desumano acha que minha irmã se sentiria se estivesse vendo algo assim? Eu queria chegar perto dele e o matar eu mesmo, mas, na nossa família, temos leis. Se eu o matar, perderei o direito ao trono mesmo sendo seu único filho. Preciso do poder que a máfia Salvatore tem para tomar conta de tudo aqui e tentar arrumar a bagunça que ele fez. Sem contar com o fato de que meu tio está de olho no título, e Enzo é um tremendo psicopata, pior que Lorenzo.

Eu estava prestes a dizer que tudo ia dar certo quando Zaira apareceu na nossa frente com Samuel. Matteo tinha se preparado para atacar caso não fosse gente dele e sim do seu pai, mas relaxou assim que viu quem era. Isso me fez querer saber o que ele fazia com os corpos dos caras que matava ali, igual fez com os dois que matara para me salvar. Onde ele havia escondido os cadáveres para o fodido do velho não saber?

— O senhor Lorenzo acabou de chegar e procura por você, menino — informou Zaira, uma mulher em seus 57 anos aproximadamente, usando óculos de grau.

Matteo me olhou preocupado, porque ele sempre me levava até o meu quarto, onde eu era vigiada por Samuel, mas, nos outros corredores, podíamos encontrar algum capanga fodido do seu pai, e alguns deles não seguiam as regras do velho asqueroso.

— Vamos tomar conta dela e a levar para o quarto em segurança — afirmou Zaira.

— Eu fico com ela na porta e a protejo, não se preocupe, chefe — disse Samuel, um homem alto e musculoso, coberto por tatuagens, pelo menos na pele exposta, como braços e pescoço.

— Não a deixem sozinha, assim como as outras meninas que fazem aniversário este mês. Eu vou dar um jeito de tirá-la daqui amanhã à noite, na hora da festa. — Matteo olhou para os dois. — Vocês sabem o que fazer amanhã.

— Sim, senhor, não se preocupe. Vai dar certo. — Zaira me olhou com esperança. — É nossa única chance.

— O que vamos fazer? Preciso saber para não cometer erros também e nem falar demais. — Sorri para aliviar a tensão de todos ali. — O que é um mero sacrifício.

— Eles vão te contar o plano quando for a hora certa. Até amanhã direi a você, e vamos precisar da sua boca esperta bem quieta nesse dia. — Ele revirou os olhos com isso, como se fosse quase impossível, e seguiu para a direita, em direção à casa de Lorenzo. Eu esperava que no dia seguinte fosse o fim desse crápula.

— Esse garoto é tão diferente do senhor Lorenzo. Acredito que ele vai limpar o nome da família, que seu pai sujou após a morte da menina Dalila e da senhora Giulia — falou Zaira enquanto seguíamos para o corredor.

— Conheceu a família de Matteo? E como veio parar aqui, pode me dizer? — já que ela era amiga de Matteo, eu podia perguntar. A maior parte daquelas pessoas não me respondia e queria me bater. Embora eu sempre tentasse me defender, os homens eram extremamente fortes.

— Sim. Trabalho para essa família desde que o senhor Matteo e a menina Dalila eram pequenos. — Seus olhos se molharam de lágrimas. — Ela era tão doce, sabe? Não merecia ter passado por tudo o que passou, tudo o que fizeram com ela...

— Como foi? — indaguei, porque Matteo tinha sido vago em relação a isso, provavelmente porque doía demais pensar nela assim, como doía pensar no meu irmão, ao qual, até então, eu não sabia o que realmente acontecera, se havia morrido também como meus pais ou se, de alguma forma, tinha sobrevivido àquele dia que havia sido o meu maior pesadelo.

— A senhora Giulia foi ao parque com ela, quando apareceram uns homens e a raptaram. Nunca mais foi encontrada, somente suas roupinhas ensanguentadas e rasgadas... — Zaira expirou como se estivesse controlando as lembranças dolorosas. — A mãe chegou gritando e disse o que houve. O casamento da menina Dalila já estava marcado para dali alguns dias...

— Espere — cortei-a. — Mas Matteo disse que ela só tinha dez anos. Era muito criança ainda para se casar, não?

— Na família Salvatore, os homens entram na batalha cedo, e as mulheres se casam aos dez anos. É a lei que o pai do senhor Lorenzo criou.

— Por que o chama de senhor? Ele é um monstro desalmado que merece morrer — rosnei com ferocidade na voz e na alma.

Ela sorriu, sem se abalar com meu tom.

— Por costume e respeito ao nome Salvatore, e não a Lorenzo. Por isso eu ajudo o menino Matteo, porque ele vai construir um reinado diferente do de seu pai e de seu avô, Ezequiel. — Ela parecia feliz com Matteo.

— Por que nenhum dos seus subordinados vai lá e mata o velho, já que Matteo não pode? — Quem era próximo a ele podia matá-lo, já que ele confiava nos que viviam ao seu redor. Por que não faziam isso então? — Eu não entendo.

— Você não entende porque não nasceu na máfia. Quem está nela não pode sair, não importa onde esteja ou onde se esconda. Também existem leis que não podem ser descumpridas, como matar o líder da máfia, por exemplo. A pena para isso é a morte, até para o menino Matteo. Têm muitas pessoas só esperando para derrubá-lo e tomar o lugar de seu pai também. Estão loucos para Matteo fazer alguma besteira para lhe tomarem o título de direito ao trono da máfia Salvatore. Ele será o novo *capo*, o chefe do nosso povo.

Eu ia perguntar o que era *capo*, mas ela respondeu antes disso. Também tinha uma questão

mais importante e que estava me preocupando.

— Mas, então, como o velho pode ser morto, se depois quem ficar no lugar tem que buscar vingança? — Estávamos quase chegando ao quarto.

— Por isso está demorando para que o menino Matteo tenha o que quer realmente, mas acredito que ele dará um jeito, talvez forçando aliança casando-se com alguma mulher de outra máfia — disse ela com um suspiro e me olhou de lado. — Eu sei que ele tem sentimentos por você, mas isso não pode acontecer com vocês dois, ele sabe disso. Quem é da máfia só pode namorar e se casar com membros das famílias da máfia.

— Isso é meio preconceituoso, eu acho. Matteo deveria se casar com quem ele gosta.

— Está apaixonada por ele? — sondou, avaliando-me de lado.

— Apaixonada? — Eu nunca havia me apaixonado, mas gostaria de sentir isso um dia.

Ela suspirou e falou algo em outra língua com o guarda Samuel, que estava nos seguindo em silêncio. Ele suspirou também e foi na frente.

— O que disse a ele? Que língua é essa? — Olhei para a senhora de cabeça branca.

— Em italiano, a nossa língua nativa. E, quanto à paixão por um homem, é quando você só quer estar ao lado dele, amá-lo incondicionalmente e sentir seus beijos e seus abraços. Sentir seu peito palpitar sempre que está perto. E, quando o vir com outra, isso te causa dor, sua alma dói como se alguém tivesse enfiado as mãos em seu peito e arrancado seu coração — seu tom parecia distante ao fim da frase, como se isso já tivesse acontecido com ela.

— Você já passou por isso? — inquiri curiosa, vendo a dor em seus olhos.

— Sim. Como eu disse, não podemos casar com quem queremos, e sim com quem nossos pais querem. Quando meninas, nosso casamento é arranjado desde criança, e, quando temos dez anos, somos obrigadas a nos casar. E você ama o menino Matteo? Sente tudo o que acabei de dizer?

— Não. Eu gosto dele como meu irmão mais velho, não sinto nada do que você disse agora, mas quero sentir tudo isso um dia por alguém que corresponda da mesma forma. Contudo, não acho que seja ele. Também não quero, já que você disse sobre o que ele tem que fazer. O destino do Matteo é com o povo da máfia, e se ele precisar se casar para forçar uma aliança, isso é bom, não é?

— Sim, mas acredito que, assim que ele for *capo*, vai mudar a lei do casamento com crianças, porque dez anos não é uma idade apropriada para casamento, embora Matteo não poderá acabar com a lei que proíbe a união com pessoas fora da máfia. Isso ele não poderá desfazer, por isso fico feliz que você não tenha sentimentos por ele. Assim será mais fácil para o menino esquecê-la, já que vocês não poderão ficar juntos.

Assenti e olhei para ela, que estava à porta do meu quarto enquanto eu já me encontrava entrando, mas, antes, eu precisava saber de uma coisa que estava me deixando nervosa.

— Você disse mais cedo que eu preciso fazer algo que depende apenas de mim. A que se referia? — Olhei para o corredor escuro e não vi ninguém vindo.

— Lá fora, a menina vai para um lugar onde tem muitos homens fortes...

— Eles vão querer... — minha voz tremeu ao pensar nesses caras querendo me tomar à força.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe, pois os homens desse lugar não são como alguns que têm aqui, não pegam mulheres à força. Eles as protegem de caras assim, tanto que vão até o fim do mundo para ajudar as pessoas protegidas por eles.

— Você está querendo dizer que esses caras vão me proteger e me ajudar a salvar todos daqui? Matteo os conhece? Quem são esses homens? Como se chamam?

— O clube de motoqueiros MC Fênix. Não sei se o menino Matteo os conhece

pessoalmente, mas sabe tudo sobre os MCs, sobre sua idoneidade, pesquisou sobre eles para saber se era seguro levá-la até eles. Assim que você estiver lá, Matteo vai ter um encontro com o pessoal do clube para propor uma aliança com os motoqueiros para ajudar a acabar com isso aqui. Só peço que confie no menino; ele sabe o que está fazendo.

Eu confiava em Matteo. Afinal, nunca houve motivos para fazer o contrário.



Capítulo 2

Evelyn

Fugindo do inferno

Eu me arrumei com um vestido prata e sapatilhas. Meus cabelos ruivos, que batiam nas costas, estavam presos e com alguns fios soltos. Minhas duas adagas – que ganhei do Matteo – estavam presas em uma cinta-liga em minhas coxas; assim, eu não ficaria sem elas.

— Não as use, por favor, somente se for realmente necessário, tudo bem? — suplicou Matteo.

— Eu vou fazer isso por você, Matt, não por seu pai, porque minha vontade vai ser de matá-lo...

Ele me interrompeu:

— Promete que não vai atacar o Lorenzo? Se fizer isso, todos os nossos planos serão em vão, porque a pena disso será a morte, e eu não poderei fazer nada.

— Juro me comportar como uma santa. — Sorri quando ele revirou os olhos.

Eu estava com a bandeja de bebidas nas mãos e ia distribuindo as taças para os homens que estavam na sala imensa. Tinham uns vinte guardas aproximadamente, alguns do Lorenzo, outros certamente dos seus convidados. Havia um total de dez convivas com Lorenzo e Matteo, fora os guardas.

Eu já conhecia a enorme sala branca e glamourosa com móveis lindos, pois Matteo já havia me levado ali enquanto seu pai não estava em casa. Obviamente eram visitas rápidas e escassas, afinal, ele não queria arriscar minha vida caso o velho descobrisse.

Estava tudo indo certo, mas um velho me puxou para o seu colo e falou alguma coisa para mim. Não entendi nada do que ele disse, mas não era algo bom, pelo espanto nos olhos do Matteo. Eu podia ver seus punhos cerrados ao tentar se controlar. Os outros velhos riam com as

palavras daquele cara.

Em meio às risadas e balbucios, descobri que ele se chamava Raul Wainer – pelo menos, o nome não pareceu diferente na língua que ele falava. Raul olhou para Lorenzo como se estivesse pedindo permissão para me ter. *Oh, maldição! Isso não está acontecendo, não mesmo! Eu preferia morrer com uma bala na cabeça,* pensei.

— Me dá essa de presente por fecharmos o negócio — disse Raul agora em nossa língua enquanto apertava a minha bunda com suas mãos imundas.

Lorenzo riu como se estivesse gostando disso. *Doente desgraçado!* Eu estava tão perto, mas não podia matar aquele ser abominável.

— Eu dou. Você merece por me conseguir mais mercadorias para trabalhar na boate. Afinal, eu tenho muitas em meu estoque.

Estoque? Então esse fodido acha que somos estoque e não pessoas?

Peguei uma estrela de aço que tinha no pescoço desde que Matteo me deu de presente assim que fiz 17 anos, dois anos antes. Ela ficava escondida em minhas roupas. Eu precisava fazer aquilo sem levantar a suspeita de que Matteo havia me dado o objeto, afinal, isso seria considerado traição e poderiam matá-lo. Eu não deixaria aquilo acontecer. Nunca.

— Me faz um boquete, sua puta. Se ajoelha e me chupa agora — não era um pedido.

Eu fuzilei o gorducho com ódio no olhar.

— Sabe quando serei sua, verme imundo? Nunca! Agora apodreça no inferno — grunhi.

Peguei a estrela e a enfiei na garganta do cara, abrindo um corte. O sangue espirrou longe assim que a puxei de volta. Procurei uma artéria, para ser fatal. Não me arrependi por matar aquele monstro. Quantas vidas ele já havia tirado? Tinha certeza de que ele sequer pensava em nenhuma delas enquanto dormia à noite. Finalmente ia queimar no inferno. Eu torcia para que, um dia, mandasse todos os outros para lá também.

Pulei de seu colo antes que me sujasse de sangue e não me importei em ver como ele estava, porque vários homens apontaram armas para mim como se fossem atirar – e eu não duvidava disso. Os olhos de todos estavam arregalados, alguns chocados, outros com ódio.

— Você vai morrer, sua vadia desgraçada...! — rosnou um cara com os olhos puxados. Um japonês com certeza.

Eu me recostei a uma mesinha, e ali estavam as facas que eu tinha colocado quando as peguei da cozinha. Cada vez que trazia bebidas, também trazia uma faca para o caso de precisar usá-las, já que eu tinha apenas duas adagas, e eles eram muitos. E acabei precisando mesmo. Eu pegaria as facas e acabaria com quantos homens conseguisse, embora soubesse que morreria naquele exato momento, porque o ódio e a raiva exalavam entre todos.

— Rapazes, atirem nessa vagabunda, pois ela feriu o Raul e merece morrer agora mesmo! — incentivou um cara gordo e barbudo. — Atirem agora!

— Esperem, pessoal! — exclamou Matteo, interrompendo a carnificina que estava prestes a acontecer e se pondo à minha frente.

Todos lhe apontaram as armas também, pelo menos os guardas dos convidados; já os do seu pai apontaram para aqueles que alvejavam o filho do *capo*. Se pelo menos eles matassem uns aos outros, facilitaria muita coisa, deixando apenas a mim, Matteo e Samuel vivos.

— Vai ficar contra nós e a favor de uma mulher? Uma vadia barata? O quê? Ela chupa tão bem assim um pau para que você vá contra nossa família? — grunhiu um homem de olhos escuros e sombrios. Ele se parecia com Lorenzo, talvez fossem parentes, afinal, acusou Matteo de trair a família.

Eu não podia deixar aquilo virar um confronto e alguém machucar Matteo. Ele só queria me salvar de todos ali e me ajudar a fugir daquele lugar horrendo.

Matteo estava à minha frente e olhava a todos, mas eu podia sentir suas costas rígidas e

mãos em punho tentando se controlar. Eu esperava que ele tivesse um plano, ou nós dois estaríamos mortos num piscar de olhos. Entretanto, pela fúria que eu podia sentir saindo dele, parecia que estava mais furioso pelos xingamentos direcionados a mim que por ter sua vida em risco naquele momento.

— Não é nada disso, tio — falou ele em tom calmo, mas eu percebi que levou todo seu autocontrole para conseguir essa proeza. Matteo olhou para Lorenzo, que fitava o filho como se tivesse sido traído. — *Capo*, não queria que eu provasse minha lealdade a você, já que disse que não faço muitas coisas? Essa garota desobedeceu hoje, mais vezes do que o tolerável, por isso estava aqui servindo a todos, mas ela fez de novo e agora pior. — Ele olhou para Raul, grunhindo no sofá.

Não segui seu olhar para ver se o verme estava morrendo; por mim, que apodrecesse no inferno.

— Então me deixe levá-la para a ala sete, e depois revezamos com ela. Eu começo, depois vocês. — Ele olhou para todos ali na sala, que, por sua vez, estavam se desfazendo de suas expressões traídas e furiosas. Então se mostravam animados com a ideia de Matteo: me usar e depois me matar.

Não senti medo ou pensei que Matteo realmente estivesse pensando nisso, porque eu sabia que ele jamais faria algo assim a mim nem a ninguém. Nunca ele daria uma mulher àqueles vermes malditos.

— Ótima ideia, meu filho — disse seu pai sorrindo e levantando uma taça, como se seu filho tivesse falado que ia se casar ou que havia fechado um negócio, ou algo assim.

Segurei meu ódio e minha boca para não mandar Lorenzo para o inferno, porque sabia que Matteo já estava fazendo demais por mim.

— Eu vou levá-la para a ala sete — avisou Matteo pegando no meu braço e me puxando sem delicadeza, pois eu sabia que ele não podia agir de forma diferente na frente daquele bando

de animais, porque era isso o que eles eram.

— Oh, isso não vai acontecer — disse um cara forte e vestido de preto. — O que nos garante que você vai cumprir o que está falando?

— Está chamando meu filho de mentiroso? — rosnou Lorenzo.

Então as armas foram levantadas novamente. Senti meu coração gelar. E se eles quisessem provas? Matteo teria que me tocar de verdade e na frente deles. O que aconteceria com meu sonho de encontrar um cara que fizesse meu coração bater forte, me apaixonar? Comecei a achar que esse dia não chegaria.

— Mande alguns de seus homens comigo para conferir o serviço depois que fecharem sobre... — ele falou algo em italiano e olhou para todos, que sorriram e abaixaram as armas.

— Ela deve ser bem apertada — comentou um cara forte com tatuagens na pele exposta.

Matteo saiu da sala me puxando para perto de si, mas o ouvi trincar os dentes. Seis guardas vieram conosco para conferir se ele ia mesmo me tocar, ou melhor, me estuprar, porque ele não poderia ser carinhoso comigo, ou eles descobririam sobre mim e ele. O que poderíamos fazer para isso não acontecer?

Saímos da casa e seguimos a trilha cheia de mato em ambos lados. A rua estreita ia para a casa do terror, onde muitas vidas haviam sido tiradas e outras ainda poderiam ser, mas eu ia fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para que isso não voltasse a acontecer.

Antes de eu ir para aquela maldita festa, reuni as meninas do meu corredor e prometi a elas que iria tirá-las dali. Mesmo não podendo ir até onde as outras garotas estavam, já que éramos proibidas de ir aos corredores diferentes dos nossos, eu sabia que faria de tudo para levá-las, e as crianças, para seus pais.

— Vamos ver se ela vai continuar apertada depois que eu comer sua bunda e sua boceta — disse um cara atrás de mim sorrindo e me olhando. — Delícia.

— Você come a boceta enquanto eu como atrás — e assim continuaram falando o que iam fazer comigo.

Eu sabia sobre o sexo, embora nunca o houvesse feito. Quando li um livro que falava sobre isso, que o cara enfiava o seu pênis na vagina de uma mulher, tentei imaginar a cena, mas na hora não veio nada, então pedi ao Matteo que me mostrasse isso nos filmes como já havia me mostrado sobre outros assuntos. Devo dizer que gostei da cena que vi. O homem depositou a mulher na cama e se deitou sobre ela com delicadeza enquanto beijava seus lábios. Introduziu seu pênis dentro dela, movimentando-se para frente e para trás. Por mais que eu amasse o Matteo, não queria fazer aquilo com ele, desejava que fosse com o homem pelo qual eu estivesse apaixonada.

Matteo parou de repente e me colocou atrás de si, então se virou e jogou facas nas gargantas dos homens que ainda estavam falando sobre mim. Não tiveram tempo nem de respirar, pois logo estavam mortos. Eu sabia que Matteo era bom, então não fiquei chocada por ele dar conta dos seis guardas.

Ele me olhou preocupado.

— Você está bem? Está tremendo. — Chegou perto de mim e me puxou para seus braços. — Lamento pelo que ouviu desses caras.

— Eu estava com medo de que tivéssemos que fazer... — minha voz falhou.

Ele se afastou de mim e me olhou com olhos arregalados. Mesmo no escuro, eu podia ver a sombra em seu rosto.

— Acha que eu tocaria em você assim? Eu só disse aquilo para sairmos de lá...

Eu o interrompi:

— Claro que não pensei nisso, eu só achei que precisaríamos fazer isso na frente deles...

— Ly, eu jamais tocaria em você se não quisesse isso, nem que tivesse uma arma apontada

para minha cabeça, nunca! Também jamais deixarei isso acontecer com você, não enquanto eu respirar neste mundo. Aquilo que eu disse foi para ganhar tempo para fugirmos daqui. — Ele me puxou para a casa onde ficavam os carros. — Agora eu quero que me escute. Pegue isso aqui e dê ao cara chamado Kill, aonde você vai, no MC Fênix. Ninguém lá ainda sabe sobre a aliança que pretendo forjar com eles, pois primeiro preciso saber se posso confiar em que vão me ajudar a libertar todas as meninas daqui. Eu sei que eles não irão machucá-la, têm a fama de serem protetores de mulheres.

— Mas, com esse nome, ele deve matar pessoas... — interrompi-o, chocada, e baixei a voz para que ninguém nos ouvisse.

— Pode ser, mas ele irá ajudar. Entregue a ele só quando tiver certeza de que ele vai ajudar você e a mim a salvar essas garotas. Esse MC, ou motoclube, tem muita influência e não está na folha de Lorenzo, aliás, eu soube que seus membros abominam esse tipo de gente, pelo menos, a maioria deles.

Ele me entregou uma carta, e eu a guardei em meu sutiã, já que não tinha mais nenhum lugar. Ele sorriu travesso enquanto me arrastava para onde estavam estacionados vários carros.

— Lugar legal para guardar a carta.

Revirei os olhos e fiquei de frente para ele.

— Vamos em qual carro? — questionei olhando para ele e depois para a mansão não muito longe.

— Não posso sair daqui, porque eles desconfiariam que eu esteja com você, por isso você vai ficar escondida no porta-malas desse carro até alguém abri-lo.

— Quem?

— Alguém de confiança que estava na reunião e está do meu lado. — Ele me puxou para seus braços e me beijou na testa. — Toma cuidado lá fora, OK? Eu sei que eles não a

machucarão de nenhum modo. Embora seu presidente seja um rato, os outros são legais e não gostam desse tipo de coisa.

— Como tem certeza disso? — perguntei com meu coração batendo forte, não querendo ficar longe dele e enfrentar o desconhecido lá fora sozinha.

— Apenas tenho. Assim que eu resolver tudo aqui e eliminar esse esquema aqui, levarei você para minha casa.

— Sua casa? Tipo morar juntos? Eu... — Não sabia o que dizer, porque não estava pronta para isso, e nem ele podia, já que tinha que se casar com alguém igual a ele, que pertencesse à máfia. Eu não tinha mais nada neste mundo, o que eu tinha havia sido tirado de mim havia anos.

Ele riu e alisou meus cabelos.

— Não falo de casar, já que isso eu não posso fazer nem mesmo depois de ser o novo *capo* no lugar de Lorenzo — seu tom estava triste. — E também porque você não me ama desse jeito, não é? Posso sentir.

— Eu... — eu não sabia o que dizer, já que não queria magoá-lo de nenhuma forma. Sua dor parecia doer em mim, mas eu não sentia amor romântico por ele.

— Não precisa dizer nada, Ly, eu sei que gosta de mim como um irmão. É por isso que vou levá-la para morar comigo depois que acabarmos com esses malditos.

Nós nos despedimos, e eu entrei no porta-malas do carro não sabendo de quem ele era, mas esperava que desse tudo certo na fuga e que Matteo não ficasse encrencado por me tirar dali. Se algo acontecesse com ele, eu não saberia o que fazer... Não! Ficaria tudo bem, eu tinha de acreditar nisso.

Minutos depois, o veículo começou a se movimentar. Meu coração gelou, sem saber para onde eu estava indo, mas confiava em Matteo. Ele jamais iria me mandar a algum lugar em que quisessem me fazer mal, afinal, o que era pior do que o que aqueles caras estavam dizendo que

iam fazer comigo? Achava que não existia.

Andamos por mais um longo tempo, depois o carro parou de repente. Eu segurava minhas adagas para o caso de que a pessoa que abrisse o porta-malas quisesse me fazer mal. Eu não deixaria. Toda aquela adrenalina e perigo me tornavam nervosa e me traziam lembranças que eu não queria, afinal, quando isso acontecia, eu mal conseguia respirar direito.

O porta-malas foi aberto, e eu pisquei devido à claridade do lado de fora, mas ainda era noite; eram apenas as luzes das lâmpadas dos postes de energia.

Um cara alto, moreno e com olhos negros e frios me olhava e me ajudou a sair sem muita simpatia.

— Anda, garota, não tenho a vida inteira — rosnou com ferocidade.

Suspirei, mas fiquei quieta, olhando onde eu estava. Era um lugar que não tinha muitas casas, parecido com o local em que eu era mantida aprisionada. Além de carros, tinham várias motos estacionadas. Já havia visto algumas na fazenda onde eu estava, embora eu nunca tivesse visto uma tão de perto assim. Ali, elas pareciam muito bonitas, pretas e brilhantes. Pensei que adoraria dar uma volta em alguma delas um dia. Seria uma experiência de outro mundo.

Zaira tinha me explicado mais sobre as motos e sobre os caras que me protegeriam a partir daquele momento, mas achei que tinha algo a mais sobre isso que ela não me havia dito.

A casa era grande, e observei que as luzes estavam acesas. Os portões estavam abertos, e havia pessoas entrando. Eu estava um pouco longe, mas dava para vê-las.

Olhei para o homem ao meu lado, que, por sua vez, não parecia nada amigável. Como Matteo podia ser amigo de um cara desse? Parecia um assassino em série. Eu tinha visto um filme desses na TV em uma das noites em que Matteo me ensinara a conhecer mais sobre o mundo lá fora, embora eu não estivesse muito longe da realidade, já que onde eu estava também tinham monstros.

— Cadê o Matteo? — perguntei, embora soubesse que ele não deveria estar ali.

— Cale a porra da boca e me escute — rosnou ele com raiva, ou foi o que me pareceu.

Estreitei meus olhos.

— Olha aqui, seu babaca...

Ele me cortou dando um passo até mim com os punhos cerrados com força, como se fosse me bater. Levantei minhas adagas para me defender de qualquer agressão daquele homem arrogante, porém, bonito. Ele se parecia com Matteo. Talvez fossem parentes.

— Olha aqui, sua puta, acha que só porque está transando com meu primo pode falar comigo assim? Você não passa de uma ninguém que deve dar graças a Deus por seus pais estarem mortos para não verem no que se transformou: uma vadia. — Ele se lançou para mim, pegando minhas adagas.

Eu não soube bem o que aconteceu, só sei que saí correndo, não por medo dele, mas por sentir minha alma doer tanto ao ponto de me fazer querer gritar. Certamente que suas palavras maldosas romperam algo dentro de mim que eu estava tentando não deixar sair: as lembranças dos meus pais... de Michael... Tudo veio em uma enxurrada, deixando-me sem fôlego.

Cheguei ao portão aberto do clube e fui para a casa enorme e barulhenta, mas pouco me importei com isso, eu só queria achar um jeito de fazer a dor passar e as lembranças irem embora, nem que fosse um pouco. Eu vivia cercada por elas desde aquele dia fatídico em que minha alma foi destruída, despedaçando-me por dentro e por fora, como uma carne moída ou algo jogado em um maldito triturador.

Eu não sabia como, mas naquele lugar barulhento eu poderia encontrar algo que me fizesse sentir dor. Uma nova dor era a única forma que eu sabia que fazia com que a dor antiga fosse embora, bem como as lembranças. Matteo me disse uma vez que eu precisava de um psicólogo, uma pessoa que ajudava pessoas que sofreram por alguma coisa. Trauma, foi essa a palavra que

ele usou.

Cheguei à porta aberta que dava acesso à imensa casa. Pude ver que ali tinham dois rapazes cuja idade imaginei que seria aproximadamente a minha. Eles vestiam calça e jaqueta de couro preto. Carregavam um colete por cima, com a palavra “prospecto” escrita, seja lá o que fosse isso.

O cara da direita me olhou de cima a baixo e pareceu gostar do que viu. Seu sorriso era sexy.

— Você veio para a nossa festa, linda? — perguntou. Havia tatuagens em sua pele, pude ver através da gola da camiseta que ele usava.

Eu pisquei. Ele estava me chamando de linda? Nunca ninguém tinha me chamado de linda em toda a minha vida, nem mesmo Matteo. Recuperei a minha voz e assenti.

— Sim...

— Nossa! Você vai fazer um show lá dentro. — O cara da esquerda riu olhando para meu rosto. — Pode entrar.

Suspirei baixinho e comecei a andar dentro de um corredor. O som estava mais alto, parecia que meus ouvidos iriam explodir. Cheguei a um salão grande, e o que vi me fez ofegar e meus olhos arderem.

No salão, havia vários homens com calça de couro preta e colete com o emblema de uma fênix. Estava escrito “Fênix MC” por cima de suas camisetas, do mesmo jeito que Zaira disse.

Ali também observei que tinham várias mulheres nuas cujos corpos eram manipulados de várias formas por aqueles homens. Entretanto, não reparei no que faziam, pois me concentrei em uma mulher que estava nua e deitada em uma mesa enquanto um homem se colocava de pé entre suas pernas. Ele balançava seu quadril para frente e para trás, e a mulher gritava. Eu havia lido algo assim no livro *Em busca do amor,* mas, na história, a mulher não gritava, ela apenas gemia

de êxtase pelo que estava fazendo. Talvez a mulher ali estivesse sentindo dor e aquele cara bandido a estivesse machucando! Por que eu estava parada ali e não fazia nada? Poderia voar nele e o tirar de cima dela. No entanto, estava entorpecida demais para isso.

Percebi que talvez pudesse fazer aquilo, deixá-los me tocarem assim. Talvez a minha dor passasse. Eu faria aquilo só para aliviar o que estava sentindo?

Dei mais um passo para dentro, e de repente todos pararam o que estavam fazendo e ficaram me olhando. Eu sabia o que eles viam em mim: uma garota com 1,70m, ruiva, de olhos amendoados, cabelos compridos e anelados, boca vermelha como se fosse da cor de morango. Eu ainda estava com meu vestido justo, que mostrava minhas curvas. Afinal de contas, tinha acabado de fugir de uma festa.

O cara que estava fazendo a garota gritar parou e me fitou. Ele tinha cabelos loiros e longos, nos ombros, olhos azuis da cor do céu. Seu rosto estava sério ao me observar, mas também vi interesse ali. Olhos de um animal faminto. Não só os dele, mas da maioria dos homens. Talvez Zaira estivesse errada sobre aqueles caras.

— O que está fazendo aqui? Quem é você — perguntou um cara à minha frente.

Eu o fitei e babei. Seu corpo era musculoso, com várias tatuagens desenhadas em sua pele exposta. No braço, tinha uma cobra. Também vestia couro e colete com o mesmo emblema. Seu cabelo era castanho-escuro, um pouco longo, seu queixo tinha um furinho, e ele parecia ter covinhas em suas bochechas. Seus olhos eram de um verde claro.

Pisquei. Meu coração trovejou ao olhar para tamanha beleza. Ele estava a dois metros de mim. Tentei recuperar a minha voz:

— Eu quero que faça... que faça comigo o que estão fazendo com aquela garota — minha voz falhava ao apontar para a garota ainda gritando na mesa conforme o cara loiro balançava seus quadris contra ela de novo.

O homem lindo suspirou. Eu olhei para ele. Sua expressão era confusa e seu cenho estava franzido.

— Você quer trepar? — perguntou me conferindo de cima a baixo.

Franzi o cenho.

— Trepar?

O cara piscou e apontou para todas as mulheres nuas ali.

— Todas essas mulheres sem roupas são prostitutas. Elas estão trepando.

Tornei a olhar para o lugar e vi várias mulheres com a boca na parte íntima dos homens. Nunca tinha visto um homem completamente nu. Os filmes aos quais tive a chance de assistir com Matteo não mostravam. No entanto, eu sabia sobre pênis, paus e outros nomes dados à parte íntima de um homem, porque eram mencionados nos livros que eu lia. Porém, algumas coisas eram novas. Aqueles caras olhavam para mim como se eu fosse uma refeição. Eu não gostava, mas de que outra maneira teria dor? Queria o cara certo para fazer sexo, mas a dor era algo mais forte, dor essa desencadeada por aquele homem que tinha me trazido.

— Garota, isso aqui não é para você — disse o cara de olhos verdes. — Você alguma vez já fodeu?

— Fodeu?

Ele suspirou parecendo irritado.

— Sexo. É o que essas mulheres estão fazendo. Você já fez isso?

— Não — admiti, e mostrei a garota, que ainda gritava. — Mas ela está gritando.

— O que tem isso? — a voz do cara demonstrava confusão.

— Ela deve estar sentindo dor... — Mordi o lábio. Percebi que seus olhos escureceram ao observar minha boca como se quisesse devorá-la.

— Dor...?

— Eu também preciso sentir dor... muita... — Apertava minhas mãos uma na outra.

— Olha, garota, eu não posso ajudar você com isso...

— O que foi? Brigou com o namorado ou algo assim? — indagou o cara loiro chegando perto de mim.

A garota com quem ele tinha estado havia um minuto estava com outro cara, que, por sua vez, estava fazendo a mesma coisa que o loiro. Ela continuava a gritar. No entanto, percebi que aqueles homens não batiam nas garotas igual os homens que Matteo matou disseram que iam fazer comigo.

Meu cenho se franziu.

— Eu não tenho namorado. — Fitei o cara de olhos verdes.

— De onde você é? — Ele me avaliava de cima a baixo. — Você não parece ser daqui de Chicago. O que você fazia antes? Cadê seus pais?

Precisei respirar ainda mais com a simples menção aos meus pais, mas a minha respiração não saía, e meu peito subia e descia como se buscasse ar.

— Droga, o que ela tem?! — gritou o loiro. — Parece que tem asma ou coisa assim.

Repousei a mão direita no peito como se quisesse arrancar meu coração com ela. Meu sangue pulsava, e, a cada pulsação, meu corpo tremia e se encolhia de dor. Aquela lembrança era uma das piores que eu tinha. Fazia tempo que eu não tinha uma crise assim. Provavelmente se devia a tudo o que aconteceu no decorrer daquele dia: o homem que eu tive de matar, os guardas mortos por Matteo, seu primo dizendo coisas sobre mim e meus pais...

O moreno de olhos verdes me fitava com preocupação e raiva. Ele deu um passo em minha direção.

— Calma, garota...

— Eu preciso de ar... — Virei-me e saí correndo.

Podia ouvir os gritos deles, mas não me importei. Apenas queria sair dali rápido, precisava que aquela dor sumisse. Sequer pensei nos motivos que me levaram a estar ali nem no que Matteo me pediu.

Cheguei à mesma rua cheia de carros e motos em que o primo idiota de Matteo estacionou. Podia ouvir passadas não muito longe logo atrás de mim me pedindo para parar de correr.

Escondi-me atrás de um carro e senti algo nas minhas pernas. Olhei para baixo, e ali tinha um cara caído com sangue derramado no chão. Reconheci-o da casa do Lorenzo. Gritei com medo de ele me levar para ele, porém, ao mesmo tempo, outro cara estava à minha frente, mas dentro do carro. Seus olhos negros eram mortais e frios. Ele tinha uma cicatriz na bochecha direita.

O cara da cicatriz ligou o carro, mas, antes, ouvi um tiro de uma arma que estava em sua mão. Então ele “pisou fundo” no acelerador e partiu.

Senti meu sangue drenar, e a dor em meu braço veio forte. Assim tive a dor física que eu precisava para paralisar a outra que estava me consumindo por dentro; melhor essa dor a ter de ficar com os caras. Meus gritos ainda estavam altos quando ouvi passos pesados atrás de mim, mas não me importei. Talvez eu morresse ali... isso seria um alívio.

— Corre atrás do carro e pega o desgraçado! — gritou alguém atrás de mim não muito longe.

Senti algo me puxando. Olhei para baixo e vi o fodido no chão tentando falar. Segurei meu ombro ferido e me abaixei para ouvir o que ele queria me dizer. Se pedisse perdão, eu não lhe daria, pois foi um dos que sorriram quando Matteo disse que me daria aos homens.

— Da... Danilo. Mike, Shane, Lorenzo, Raul... — sua voz sumiu, e seu corpo ficou mole.

Aquele monte de sangue só tornava as lembranças mais reais para mim, coisas que haviam acontecido naquele dia de terror quando eu era criança e que me assombravam a cada dia.

Tudo ficou nebuloso. Eu podia ouvir gritos, mas meus olhos estavam fechados, sem força para se manterem abertos. Eu apenas sentia a dor circulando pelo meu corpo.

— Nasx, leve-a para dentro e chame o doutor! — gritou a voz do cara de olhos verdes. Seu tom tinha um timbre rouco que parecia encantador.

— Sim. VP, o que vai fazer com ela? Não está pensando em deixá-la aqui e torná-la uma prostituta, está? — sussurrou Nasx. Era a voz do cara loiro da mesa.

— Vamos esperar ela acordar e ver como ela reage a isso — sua voz era grossa. — Ela pode estar com os caras que mataram o Prez.

— Eu não acredito nisso, mas vou tomar conta dela — a voz de Nasx era grossa, mas tinha algo de malicioso. — Eu não tocaria em uma mulher dormindo.

— Não ouse tocá-la, ou teremos contas a acertar, Nasx — rosnou VP. — Leve-a para o meu quarto e não deixe ninguém chegar a ela a não ser eu e Mary.

— Sim, farei isso, embora eu não entenda por que, mas vou fazer — seu tom era confuso. — Daemon seguiu o carro que saiu cantando pneu daqui.

— Obrigado. — Ele suspirou frustrado. — Espero pegar esse desgraçado e mandá-lo para o inferno. Também temos que descobrir se essa garota está ou não com o cara que fugiu; talvez seja por isso que ele atirou nela, para silenciá-la.

Depois disso, só houve silêncio, mas foi bom, porque a dor foi embora finalmente, e eu caí na escuridão.



Capítulo 3

Evelyn

Descoberta

Acordei e me vi em um quarto branco com uma lâmpada acesa no teto, embora fosse dia lá fora. Era uma pena que minha vida não brilhasse mais. Ela era apenas escuridão e devastação, mas eu precisava ficar forte e salvar as garotas, não ficar tendo crises por aí. Porque, se eu morresse, quem iria salvá-las? Matteo precisava de mim e daqueles caras, então eu iria fazer um esforço para esconder e guardar o que sentia até resgatar todas.

Olhei para o lado para ver direito onde estava. Encontrava-me em uma cama com lençóis brancos. Cheirava a lavanda e menta. Sentei-me e percebi que meu braço esquerdo estava enfaixado. Senti-me aliviada por não ser nada sério; assim, cumpriria meu objetivo.

Eu estava vestida apenas com calcinha e sutiã. *Céus! Será que eles me tocaram enquanto eu dormia? Não, eles não podem ter feito isso, pois Zaira e Matteo disseram que eles não cometiam esse tipo de atrocidade.*

Desci da cama e me concentrei em encontrar algo para vestir. Não achei nada de prontidão ali que me servisse, apenas uma camiseta com o desenho da fênix e com as mesmas letras que tinham na jaqueta daqueles caras. Então isso devia significar que eu estava no quarto de um deles. Vesti a camiseta, que pareceu um vestido curto, mas não liguei, e caminhei em direção a uma das portas, abri-a e olhei para o corredor vazio – para o meu alívio.

Precisava sair dali e checar o que aqueles homens queriam comigo e se iam ajudar Matteo e a mim a salvar as garotas. Peguei uma faca que estava em um prato perto da mesinha de cabeceira e a levei comigo.

Segui pelo corredor em direção às vozes no andar debaixo. A cada passo que eu dava, as vozes ficavam mais altas. Todavia, ignorei o medo e fui adiante. Cheguei ao fim da escada e espiei primeiro para saber o que fazer.

— O que vamos fazer com a garota de olhos amendoados? — perguntou Nasx. Reconheci sua voz.

Alguém suspirou.

— Estamos esperando que ela acorde para saber o que tem a dizer — disse VP.

— E se ela estiver do lado do cara que matou o Prez, o que faremos? — sondou Nasx.

— Se Berry morreu por causa dela... digamos que a garota vai ter o que merece — a voz de VP era baixa, mas um tanto mortal.

Eu não me preocupava com homens assim, afinal, tinha vivido muito tempo cercada por caras daquele tipo.

— Seria um desperdício fazer isso — murmurou Nasx. Em seguida, seu tom pareceu brincalhão: — Você vai transar com ela antes de lhe darmos o castigo? Ela pareceu gostar de você, pela forma que te olhava.

— Você acha que eu desceria tão baixo ao transar com aquela garota esquisita? — sua voz era irritada.

O sangue gelou e esquentou ao mesmo tempo em minhas veias. Quem aquele babaca pensava que era para dizer isso de mim?

O bastardo estava sentado em um sofá com uma mulher morena ao seu lado. Peguei a faca e a joguei entre suas pernas. Ele quase subiu pelo sofá de susto como uma maldita aranha. A mulher ao seu lado começou a gritar.

Avistei vários dos homens apontando uma arma para mim, mas não me importei; apenas olhava para ele, que estava branco como um fantasma.

— Você se acha muita coisa, não é, babaca? — Encostei-me à parede perto da escada e o fitei sem vacilar.

— Você tentou me matar! — ele gritou, levantando-se com os punhos cerrados.

Balancei a cabeça.

— Se minha intenção fosse matá-lo, você já estaria morto com essa faca enfiada no seu cérebro de merda. — Apontei para a faca presa no sofá.

— E você estaria morta — rosnou outro cara do grupo, um moreno com os olhos quase da cor dos meus.

Eu não sabia seu nome, mas o cara era lindo e com tatuagens, como Matteo. Forte, 1,90m, olhos caramelo-ouro, cabelo curto e brincos em sua orelha direita e na ponta da língua.

Zaira usava brincos. Eu queria usá-los, mas lá não podia. Eu esperava usá-los de agora em diante.

— Eu não me importo com a morte — falei friamente; não os deixaria me intimidarem. — Vocês estariam me fazendo um favor caso fizessem isso.

— Têm coisas piores do que a morte — o tom de VP era frio ao olhar para mim.

— Com certeza têm — concordei com ar grave, pensando nos monstros que me tinham vendido e matado meus pais e, talvez, Michael.

— E se eu fizer isso agora a você, menina? — Ele se lançou rápido para mim, prendendo-me na parede com a faca em meu pescoço.

Nem pisquei com isso; sabia que não adiantaria nada, não quando se queria morrer. A morte seria um alívio para o que eu sentia. Entretanto, pensei que eu não podia morrer ainda. Como eu podia conciliar as duas coisas? Depois da crise que tive no dia anterior, as janelas das lembranças estavam abertas, e meu peito doía, mas eu precisava ser forte pelas garotas.

— Você não teme a morte — sua voz era gelada ao sussurrar em meu rosto, mas seu hálito banhando minha pele era quente. Seus quadris estavam colados aos meus, e pude sentir a sua

dureza triscando em mim. Meu corpo começou a pegar fogo, principalmente entre as pernas. Droga, eu não queria sentir isso, ainda mais por aquele cara arrogante. Sempre pensei em sentir algo assim por um cavalheiro, e não por um homem que era um cavalo. Era até um crime chamá-lo assim, uma ofensa ao animal.

— Não, então seja o que for fazer comigo, faça, pois eu não vou me importar — falei não demonstrando meu medo. Na verdade, eu não podia morrer naquele instante, não antes de fazer o que viera fazer naquele lugar.

Seus olhos eram sombras escuras nos meus.

— Agora você é o presidente no lugar do Berry, já que era o vice-presidente do clube. Prez, nós precisamos de respostas. Precisamos agir e descobrir o que houve com nosso amigo e irmão — disse Nasx ali, perto de nós.

Ele se chamava VP ou Prez? Eu não entendia nada do que estava acontecendo ali naquela casa maluca.

— Você tem razão.

Ele suspirou e me puxou para me sentar em uma cadeira. Ficou de frente para mim com os braços cruzados. Seu corpo era forte e musculoso, o rosto grave, porém, belo como o de Adônis. Lindo! Suas calças estavam levantadas em suas partes íntimas.

Eu ri, e seus olhos foram para os meus. No livro que li, quando um homem ficava duro, era porque ele desejava uma mulher.

— Isso aconteceu só por que me tocou? — Apontei para sua calça.

Seus olhos se estreitaram, mas ele não respondeu. Alguns caras ali riram baixinho. Seu olhar para eles foi mortal; logo o sorriso de todos sumiu.

— Você não estava assim quando estava com ela. — Apontei para a garota, sentada no sofá de volta.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você estava olhando para o meu pau? — seu tom era de zombaria.

— Eu tinha que centralizar para que a faca não atingisse os seus órgãos genitais e, com isso, impedisse você de ter filhos com ela. — Sorri para a garota, que não retribuiu, só parecia curiosa.

Eu podia não saber muito sobre a vida de um casal, e algumas coisas eram novas para mim, mas filhos vinham depois de fazer sexo.

— Eu nunca me casaria com uma prostituta, ainda mais teria filhos — seu tom era sombrio.

A garota se levantou e o encarou com os olhos molhados, mas ele não se importou, apenas me fitava. A menina saiu correndo da sala em prantos.

— Você não devia tratar as pessoas como se elas não tivessem sentimentos. — Fechei a cara para aquele idiota. Só porque era bonito precisava pisar nos outros?

— Elas estão aqui para foder, não para ter sentimentos — replicou com dureza.

— Um dia, uma mulher vai fazer você cair de quatro — falei com desdém. Peguei esse trecho de um livro. O termo “cair de quatro” significava que ele ia se apaixonar por ela, pelo menos foi isso o que entendi. — Se eu estiver por perto, vou adorar ver isso.

Ele meneou a cabeça de lado como se me avaliasse.

— Você quer dizer ela ficando de quatro? E eu por trás? — Ele sacudiu a cabeça e riu.

Seu sorriso era deslumbrante, tão perfeito com as covinhas. Entretanto, eu estava confusa com suas palavras.

Os caras dali o fitavam como se estivessem vendo algo que não acontecesse com frequência. Ele deveria rir mais vezes, já que seu sorriso era lindo.

— Você não sabe do que eu estou falando, não é? — pela primeira vez seu tom não era de zombaria.

— Não — fui franca.

— Posso te ensinar várias coisas na cama e muitas posições. — Nasx sorriu para mim com essa ideia.

Prez lhe lançou um olhar mortal.

— Se valoriza o que tem no meio das pernas, é melhor ficar longe — vociferou.

Nasx levantou as mãos como se estivesse se rendendo.

— Calma, não está mais aqui quem falou — disse, embora seu tom fosse confuso enquanto avaliava Prez.

Eu também estava confusa. Por que ele se preocupava comigo? Por que se importar se alguém me tocava ou não?

— É melhor irmos para o que interessa agora. — Seus olhos verdes repousaram em mim. — Agora diga o que sabe.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você não sabe como falar delicado com as pessoas, não é? — objetei, cruzando os braços. — Primeiro seja educado e bondoso...

— Tenho cara de Papai Noel? — ele me cortou.

— Hummm — murmurei checando seu corpo de cima a baixo. Eu me lembrava vagamente dos Natais com meus pais e Michael. Embora onde eu havia estado por 11 anos não se comemorasse esse dia, Matteo comemorava comigo desde que me conhecera. — Talvez, se deixasse a barriga crescer e uma barba grande também.

Ele cerrou os punhos.

— Você está gozando da minha cara, porra! — esbravejou. — Eu agora sou o presidente deste clube de motoqueiros e sou respeitado por todos!

— Se você quer respeito, então trate as pessoas com respeito, babaca — sibilei com raiva e me levantei para enfrentá-lo de igual para igual. Eu sabia que precisava manter a calma e controlar minha boca para eles me ajudarem, mas aquele cara me tirava do sério com seu ar arrogante.

— Você está brincando com fogo, garota. — Seus olhos eram parecidos com os de falcões.

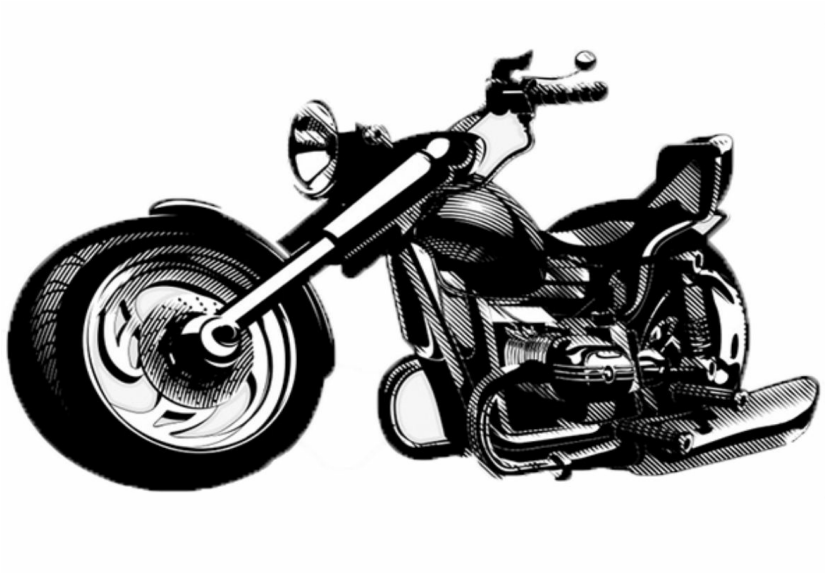
Lancei um sorriso matreiro.

— O gelo pode derreter o fogo e domá-lo. — Se bem que, com aquele cara, seria necessário uma geleira para derreter toda a sua arrogância e prepotência.

— Você quer me domar? Acha que pode fazer isso? Sabe quantas pessoas eu matei nesta vida? — falou em tom subitamente gelado. — Centenas... Você não sabe o que é tirar uma vida e ver pessoas que você ama morrerem... e a escuridão te consumindo pouco a pouco.

— Você não sabe nada da minha vida! — esbravejei, tremendo. — Não dou a mínima por domá-lo, por mim que você se exploda!

Merda, não tenho tempo para ficar discutindo, preciso focar no que é importante.



Capítulo 4

Evelyn

— Pode nos dizer o que houve? — pediu Prez parecendo controlado.

Expirei tentando me controlar.

— Uns homens aparecerem... — minha voz falhou, e as lágrimas se derramaram. — Eles... eles mataram minha família e tiraram tudo de mim, então, se você quiser me matar, eu não ligo. — Meus olhos estavam cheios de lágrimas. — Porque eu já estou morta há 11 anos... — Sentei-me na cadeira. — Todas as dores que você me infligir não terão comparação com isso...

Ele não falou por alguns minutos. Contudo, eu podia ver sua respiração pesada.

— Quantos anos tem? — sua voz estava rouca, como se tivesse sal na garganta.

Eu expirei, limpando as lágrimas.

— Faço 19 amanhã.

Ele ofegou.

— Você tinha oito anos então. Pode nos dizer o que aconteceu? — pela primeira vez seu tom não tinha antagonismo, estava calmo, embora triste, acho que por mim, pelo meu estado.

— Sim, oito anos, mas me lembro de tudo que passei desde então... — Minha respiração estava agitada.

— Pode nos dizer o que houve? — perguntou um cara sentado no sofá com uma garrafa de Jack Daniel’s. Seu cabelo era comprido e bagunçado. Ele não estava olhando para mim como todos ali, e sim para a garrafa em sua mão. Não pude ver seu rosto, o cabelo me impedia de vê-lo

claramente.

Suspirei.

— É difícil lembrar... — sussurrei com um resfolegar dolorido. — Dói.

— Eu sei como é isso, podemos respirar, mas sentimos que estamos mortos... — sua voz também estava tomada de tristeza.

— Sim, eu estou assim em todos esses anos — falei a verdade. Eu achava que, mesmo que não tivesse sido presa, jamais seria normal ou feliz por completo, ou talvez fosse, se tivesse meu irmão ou ao menos soubesse o que havia acontecido com ele. Eu tinha certeza da morte dos meus pais, mas não da de Michael. — Você entende isso?

— Sim. — Ele tomou um gole da bebida.

— Como foi que ficou assim...? — sondei curiosa, embora não quisesse me meter com aquele cara estranho.

Notei que todos estavam calados enquanto aquele homem conversava comigo. Pareciam tristes por ele.

— A dor nunca vai embora. Você pode ter tudo em sua vida, ter outra família, mas nunca será igual àquela que foi tirada de você para sempre... — Ele expirou como se estivesse com dor. Estava de perfil, e seu cabelo longo cobria seu rosto, mas, por um breve segundo, pareceu-me familiar.

Eu não sabia o motivo, mas algo naquele homem me fez contar a verdade sobre a minha vida, ou melhor, o que eu me lembrava dela.

— Eu tinha quase oito anos quando me levaram... — Precisei respirar. — No dia seguinte seria meu aniversário, três de agosto, ou seja, amanhã fará 11 anos que fui tirada da minha família. — Eu sabia sobre meu aniversário porque o fodido do velho guardou meu registro de nascimento. Matteo me mostrou em uma noite, mas ele disse que não podia me dar, porque seu

pai descobriria.

— 2 de agosto de 2004 foi o dia em que fui raptada. Não recordo muita coisa, mas lembro que pedi uma boneca Barbie ao papai de presente. Ele disse que me daria o céu. — Fechei os olhos ante a dor que me assolou. — Mamãe estava tão feliz... Era tarde, eu não sabia a hora... Estava dormindo no sofá, e Michael, meu irmão, estava comigo... Ele era tudo na minha vida, me ensinou a andar de bicicleta sem me machucar. — Ri sem humor, ainda de olhos fechados. — É claro que isso não aconteceu, eu acho que devo ter ralado meus joelhos várias vezes enquanto aprendia. Ele estava lá cuidando de mim como se eu fosse preciosa e precisasse de cuidados. — Inclinei-me para frente e coloquei a testa nos joelhos. — Ele me prometeu que, se eu dormisse, ele ficaria velando o meu sono e me protegeria... Eu acreditei nele, porque não havia por que não acreditar... — Ouvi o som de algo como vidro se quebrando e alguém ofegar, mas não me incomodei, porque a minha mente estava longe dali.

Céus, como doía sentir e reviver aquele dia, mas algo dentro de mim precisava se libertar daquilo para eu poder tentar respirar de novo e seguir em frente. Só havia contado para Matteo, uma noite, mas agora eu estava ali, falando sobre mim para desconhecidos que podiam nos ajudar. Eu esperava realmente que sim.

— Acordei no meio da noite, estava dentro do sótão... Michael tinha ido junto com meus pais... me deixaram sozinha...

— Isso não é verdade — discordou uma voz aguda próxima a mim.

Levantei a cabeça e olhei o cara que antes tomava a bebida, mas agora ele estava ali de pé me fitando. Seus olhos eram de um preto brilhante, e tinha a barba por fazer. Seu corpo era forte e musculoso, assim como o de todos os homens dali. Pude ver seu rosto... Eu o reconheceria nem que fosse no fim do mundo. Mesmo pequena, eu o guardei na memória. Não podia esquecer quem eu amava no meio daquele inferno.

— M-Michael? — minha voz falhou. — É você mesmo?

O garoto de 17 anos, magro e pequeno, tornara-se um homem musculoso e alto.

— Evelyn... Oh, Deus! Eu te procurei tanto, você não tem ideia! — sua voz soou alta na sala, como se não acreditasse que eu estivesse ali à sua frente. — Eu nunca te deixei naquele dia! Eu juro pela minha vida que não fiz isso...

Pulei nos braços dele e o abracei apertado, chorando por alguns minutos. Nem me importei com a ferida no meu braço.

— Vai ficar tudo bem, princesa, agora estou aqui e não vou sair do seu lado.

Eu não conseguia acreditar que ele estava ali na minha frente depois de todos aqueles anos. Queria só abraçá-lo e beijá-lo para matar a saudade, mas precisava saber o que havia acontecido, porque não me recordava de tudo, só de algumas coisas.

— O que houve naquele dia? — perguntei, ignorando o resto das pessoas e só pensando no meu irmão ali, tão perto de mim. Eu estava com medo de piscar os olhos e ele desaparecer como num passe de mágica.

Ele se sentou em um sofá e me puxou para seu lado. Apertei sua mão, não querendo soltá-lo. Quando poderia imaginar que, ao ir para aquela casa, ia encontrar meu irmão?

— Nossa casa foi invadida por homens desconhecidos naquela noite. Pareciam motoqueiros pelas suas roupas, mas eu não sabia dizer ao certo na época... — sua voz falhou.

Ofeguei.

— Como veio parar aqui? — Indiquei os motoqueiros ao redor da sala. De acordo com Matteo, não tinha sido Lorenzo a matar nossos pais, e eu confiava nele.

— Esses caras aqui me salvaram naquele dia. Quando aqueles homens chegaram à nossa casa e derrubaram tudo, eu te escondi e desci para ver nossos pais. Os dois estavam mortos... — Ele precisou respirar, e eu também. — Eu tentei lutar com eles, mas não consegui enfrentar vinte homens. Mas consegui levar cinco com minhas adagas.

— Agora eu sei onde ela aprendeu a manejar uma faca — disse Nasx com um sorriso na voz. — Você teve sorte, chefe, de não ficar sem as suas bolas.

Eu os ignorei e olhei para meu único irmão, que tanto sonhei em um dia encontrar, torcendo para que estivesse vivo. Os nossos pais, eu tinha certeza de que não tinham sobrevivido, já que vi seus corpos no chão e sem vida, mas Michael ainda respirava quando fui levada, apenas estava inconsciente.

— O que houve depois? — Peguei suas enormes mãos entre as minhas. — Os homens que fizeram isso foram presos?

— Eles conseguiram me nocautear e, quando acordei, estava aqui. — Apertou nossas mãos juntas. — Mas eu soube depois que eles incendiaram a casa. Berry me achou debaixo de uma árvore, quase morto, não sei como fui parar lá... — Ele me olhou. — Mas não conseguiram te encontrar. Quando disseram que a casa tinha pegado fogo, eu achei que tinha perdido você para sempre...

— O que o levou a crer que eu estava viva? — questionei, a respiração pesada.

— Seu vestido branco, aquele que a mamãe comprou para você, estava ao meu lado quando eles me encontraram. Depois disso, te procurei em todos os lugares... Procurei os assassinos dos nossos pais, mas não os encontrei. Achei que eles tivessem levado você com eles. — Ele tocou meu rosto. — Onde esteve todo esse tempo?

— Eu saí naquela noite após ouvir o barulho e sentir um calor intenso. Corri para a sala onde estava antes de dormir. Vi a mamãe e o papai no chão cobertos de sangue, e havia fogo perto deles. — Eu tremia e o abracei forte, inspirando seu cheiro em uma tentativa de me acalmar. — Você também estava lá, e o fogo estava chegando até você. Tentei arrastar o papai e a mamãe, mas não consegui... — eu gemia no seu peito. — Eu tentei...

— Eu sei que tentou, preciosa, mas eles já estavam mortos antes do fogo. — Ele alisava meus cabelos.

— Eu não sei como, mas consegui tirar você de lá... Por sorte, onde você estava, na varanda, não era muito longe da árvore... e arrastei você. Agradeço por você ser magro na época, por isso eu acho que consegui, mas depois os caras que acredito que mataram nossos pais me entregaram para outra pessoa, para o monstro que me levou ao local onde estive presa. De acordo com Matteo, eu fui vendida.

Ele se afastou e me olhou.

— Que lugar é esse? Você sabe o nome das pessoas que mataram os nossos pais?

— Não sei quem sãos os assassinos. Quanto ao lugar, é uma fazenda chamada Paraíso, mas parecida com o Inferno na Terra. É afastada de tudo, não tem nenhuma casa por perto. Não sei como chegar até ela. Eles, lá, são horríveis...

— Esses caras tocaram em você? Eles a violentaram? — sua voz saiu como um chicote.

Franzi a testa.

— Violentaram? O que é isso? — Eu não me lembrava de ouvir essa palavra. Seria algo relacionado à violência? Às surras, aos castigos? Se fosse, sim, então eles tinham me violentado.

Michael olhou ao redor para os homens ali presentes, como se não entendesse ou não soubesse em que mundo eu vivia.

— Sua irmã parece que foi criada em outro planeta — Nasx disse para Michael. — Ela nem sabia o que era trepar quando veio aqui ontem querendo fazer o que Sandy fazia enquanto eu transava com ela.

Michael piscou para mim, chocado.

— Você queria foder com todos os caras sem ao menos saber o que é sexo?

Eu encolhi os ombros.

— A moça estava gritando, então achei que ela estava sentindo dor, e eu queria sentir

naquele momento...

Ele ofegou.

— Por que diabos você queria sentir dor?

Suspirei.

— Foi um modo de eu sobreviver todo esse tempo, através dela. Acho que uma dor dessas é menor do que a verdadeira, na alma... E eu sei sobre sexo, mas trepar e foder eu não sabia. Por que colocar um monte de palavras com um significado só? Por que não só “fazer sexo”? Eu li que *vai se foder* é um termo usado para mandar a pessoa ir para o inferno, ou se catar.

— Também significa isso. E foder, trepar, sexo, todos são uma só coisa, querida, só muda o nome. — Nasx sorriu para mim e piscou um dos olhos. — E Sandy não estava gritando de dor, e sim de prazer.

— Quer dizer que, quando você fode... — pisquei chocada para ele — você grita porque é bom?

— Você vibra de tão bom. — O cara com os olhos caramelo sorriu.

— Mas e quanto a sentir seu coração bater forte como se fosse sair do peito por causa do cara, e sua pele esquentar com seu toque como se estivesse perto de uma fornalha... isso acontece quando se fode? — indaguei curiosa. — Eu li isso em um livro, antes de a menina fazer sexo... mas é o mesmo que foder?

Todos se entreolharam, sem saber o que responder, e olharam para Michael.

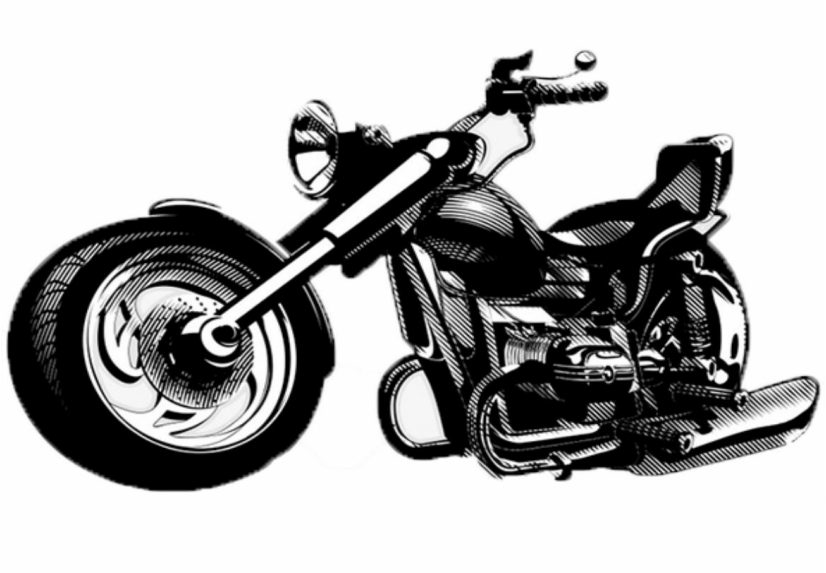
— Vamos deixar essa conversa para depois — meu irmão se esquivou com um pigarro. — Então, onde você esteve, ninguém tocou em você?

— Não. Nenhum homem me tocou. — Eu me levantei e olhei o campo aberto através da janela. — Onde eu fui criada, não nos ensinaram essas coisas sobre homem e mulher. O único

que me ensinava e me ajudava me dando livros era o Matt — abreviei o nome do Matteo, pois precisava saber se eles iam me ajudar antes de falar dele e pedir sua ajuda.

— Esse Matt é um dos caras que manteve você nesse lugar? E onde fica isso? — sondou Prez com aço na voz.

— Eu não sei onde fica, só sei que fica em uma fazenda. Lá é um lugar cercado por cerca elétrica, onde não podemos fazer nada, apenas ficar esperando o velho chegar e nos domar como cães obedientes. Têm mais ou menos umas duzentas moças ao todo. Todas elas nunca foram tocadas, nem as crianças que o velho sequestrou para crescerem e ficarem como nós. — Abracei meu corpo. — Esse fodido demônio sempre disse para sermos obedientes, assim nós não seríamos punidas.



Capítulo 5

Evelyn

A verdade

— Meu Deus! Duzentas?! — rugiu Nasx.

— Que tipo de punição, se não é estupro? — A mandíbula de Prez estava apertada.

— Além de espancamentos, as garotas são presas numa cruz com seus pés e mãos amarrados. Ficam lá por dias sem comer ou beber água. O resgate acontece somente quando elas já estão à beira da morte...

— Quem é esse cara? — perguntou Michael.

Virei-me para todos ali e, por fim, para o meu irmão.

— Seu nome é Lorenzo Salvatore.

— Está brincando comigo! — sibilou Prez. — Você sabe quem é ele?

— Eu sei que ele é um crápula sanguinário e que, na primeira oportunidade que eu tiver, irei matá-lo e esquartejá-lo. Isso está guardado para ele. — Puxei a minha estrela ninja, a mesma que eu tinha usado para rasgar a garganta de Raul. Daria um jeito de matar o velho também sem trazer problemas a Matteo.

Nasx assoviou.

— Nossa! Sua irmã tem mais bolas do que um homem — disse para Michael, em seguida me fitou. — Lorenzo Salvatore é um dos homens mais perigosos e temidos deste mundo, o chefe da máfia italiana aqui em Chicago.

Arqueei as sobrancelhas.

— E me deixem adivinhar, vocês têm medo dele, não é? Por isso não vão fazer nada para ajudar todas aquelas meninas inocentes que foram roubadas de suas famílias.

Nasx fez uma careta, mas não disse nada.

— Por que não deixa de ser petulante e nos conta o que sabe? — Prez estava com os olhos estreitos.

— Olha aqui, seu babaca! — Lancei-me para ele, mas Michael entrou na frente. Mesmo assim, sibilei para Prez: — Você não entende, eu preciso salvá-las daquele lunático desgraçado antes do dia...

— Como pretende fazer?

Maldição, aquele homem não me ajudaria, mas eu precisava tentar de alguma forma.

— No 19.º aniversário de cada menina, elas são levadas para a ala sete e entregues a caras que as pegam à força e depois as matam. Eu tenho amigas lá dentro pelas quais daria a vida... Nós daríamos a vida umas pelas outras. — Pensei em Dália, uma menina doce que também faria 19 anos em breve, por isso eu precisava salvá-la. — Então não me importa o que vou fazer, porque vou conseguir tirá-las de lá antes de seus respectivos aniversários! — percebi que estava gritando com ele. — Eu fugi para conseguir ajuda e libertá-las.

— O que pensa em fazer? — perguntou sério.

— Eu não vou à polícia, já que eles são comprados por Lorenzo.

Prez riu, amargo.

— Sim, a polícia está na folha de pagamento dele, então sem chance de isso acontecer. — Ele maneou a cabeça de lado. — Mesmo se tentasse, você poderia ser morta.

— Oh, e você está preocupado com a minha vida? — rosnei com os punhos cerrados. Por que ele não dizia logo se me ajudaria ou não em vez de ficar me provocando?

Ele jogou as mãos para cima num gesto exasperado.

— Eu desisto. — Fitou Michael. — Sua irmã é muito teimosa. Cuida disso, porque

precisamos saber quem são os caras que estiveram aqui ontem à noite e mataram Berry.

Michael assentiu e me questionou:

— Você sabe alguma coisa do que houve no tiroteio de ontem à noite?

— A única coisa que sei é que saí daqui correndo e me escondi atrás de um carro. Foi quando vi o homem caído no chão. Aquela visão do sangue me levou de volta àquela noite, e eu comecei a gritar. O cara que estava dentro do carro apontou a arma para mim e atirou... Seus olhos eram frios...

— Espere! — esbravejou Prez me interrompendo. — Você viu o rosto dele?

— Sim. Nos encaramos por alguns segundos. — Estremeci, porque ele era sombrio como a morte.

— Como ele é? — perguntou Michael. — Qualquer sinal é fundamental para descobrirmos sua identidade.

— Moreno, cabelos negros jogados para todos os lados, como se tivesse levado um choque. Seus olhos eram negros e sombrios. E tinha uma cicatriz em forma de cruz na bochecha.

— O desgraçado do Ramires! — gritou Prez. — Eu vou matá-lo.

— Sim, nós vamos procurar o desgraçado e esfolá-lo vivo — concordou Nasx.

Todos os homens ali concordaram com ele.

— Mais alguma coisa que você sabe? — Prez me perguntou.

— Sim, o cara que estava no chão murmurou alguns nomes antes de morrer...

— O quê?! — ele gritou. — E só agora você está me dizendo isso? Desembucha logo!

— Você acha que eu sou uma das mulheres que se deixam ser dominadas por você?! — gritei com raiva. — Eu não vou dizer até que você peça direito.

Saiu um rosnado de seu peito:

— Menina, não teste a minha paciência...

Ri.

— Uma menina que deixou isso duro. — Apontei para suas calças. — O que vai fazer? Me obrigar a abrir a boca?

Ele deu um passo para mim com ira.

— Você precisa de alguém para domá-la. — Seu olhar era mortal.

Sorri.

— Está para nascer um homem que vai me domar. Muito menos um cara igual a você.

Michael se colocou entre nós e encarou Prez.

— Fique longe dela, eu cuido disso — avisou ele num tom suave. — Preciosa, nós precisamos saber desses nomes para atacar os inimigos, então, por mim, por favor, me dê os nomes.

Assenti.

— Por você. — Sorri. — Porque, se dependesse dele, não obteria fácil, já que é um grosso.

— Preciosa... — ele me repreendeu.

— Danilo, Mike, Shane, Lorenzo, Raul.

— Todos esses nomes? Maldição! Eu não acredito que estávamos sendo traídos debaixo do nosso nariz! — a voz de Nasx era alta, cheia de raiva.

— Esses nomes, eu os conheço... — interrompi-me, porque todos me fitaram com descrença. — Bom, alguns deles.

— Pode nos dizer de onde? — pela primeira vez a voz de Prez estava calma. Ele queria

uma resposta, por isso falou assim. Estava aprendendo como as coisas funcionavam comigo.

— Sim, inclusive o desgraçado que morreu ontem e deu com a língua nos dentes. Lamento dizer, mas ele não valia nada, deve estar no inferno agora. — Suspirei.

Todos ofegaram.

— Não, Berry não se envolveria com menores de idade, ele jamais faria isso... — a voz de Prez parecia traída. — Ele era nosso presidente. O presidente dos MCs Fênix.

— Ele estava lá na reunião de ontem à noite com Lorenzo e com todos esses homens que acabei de nomear. Diria que lamentaria sua morte, mas eu estaria mentindo. — Continuei ignorando o choque de todos. — Nesse dia, fui designada para levar as bebidas para os caras como intenção de castigo. — Ri. — Nunca gastei tanta saliva como ontem...

— Você cuspiu na bebida deles? — Nasx piscou.

— Eu preferia mijar ou colocar veneno, mas não podia, pois eles sentiriam...

— Você realmente não valoriza a sua vida, não é? — Prez parecia descrente.

Dei de ombros e levei a mão direita à cabeça. Foi quando percebi que todos olharam para minhas pernas.

— Droga, Evelyn! — esbravejou Michael. — Você não está usando um short por baixo?

— Quando acordei, eu estava só de calcinha e sutiã, e a única coisa que tinha naquele quarto que servia em mim era essa camiseta. — Estava escrito “propriedade de Shadow’’. Virei-me para o meu irmão. — Por que alguém escreveria isso em uma camisa?

— Quando uma mulher é de um motoqueiro, é isso que escrevemos na camisa da nossa parceira — ele esclareceu.

— Como um objeto? Não é melhor um casamento? — sussurrei. — Afinal, quem é Shadow?

Michael gesticulou para Prez.

— É ele. Quem tirou as roupas dela?

Shadow levantou as sobrancelhas.

— Se está me perguntando se fui eu quem as tirei, a resposta é *não*. Foi a Mary. — Ele me fitou, em seguida ao Michael. — Eu jamais faria nada com ela apagada.

— O que isso quer dizer? Que, se eu deixasse você tirar as minhas roupas, você as tiraria? — Levantei uma sobrancelha.

Ele sorriu como o gato de Cheshire[1]. Lembrava-me de ter assistido ao filme *Alice no País das Maravilhas* com Matteo uma vez. Embora o sorriso deslumbrante daquele homem causasse sensações estranhas entre as minhas pernas.

— Nem ousem ter essas ideias — rosnou Michael para todos. Seu rosto pela primeira vez estava sombrio. — Ela está fora dos limites para todos vocês. — Ele olhou para Shadow. — Incluindo você. Não me importo se é o presidente. Se tocá-la, eu acabo com você.

— Vamos voltar ao que interessa — Shadow disse. Contudo, percebi que ele não negou ou assumiu que poderia me tocar. Interessante! Será que ele seria capaz? Eu concordaria? Lindo ele era, mas também era grosso, arrogante e frio. — O que aconteceu na festa? E como sabe que Berry era um traidor? Talvez ele estivesse em ação...

Suspirei e me sentei no sofá ao lado do Nasx.

— Ação? Só se for para estuprar garotas — rosnei e continuei antes que eles me interrompessem: — Cheguei com as bebidas para eles. Um cara gordo e velho me puxou para seu colo e passou a mão na minha bunda quando fui dar a sua bebida. Eu me segurei para não o esbofetear ali mesmo, não me importando quem ele era. Mas olhei para Matteo, e ele suplicou para eu me segurar...

— Espere, o Matteo, filho de Lorenzo? — interrompeu Shadow. — Sei que ele não

concorda com algumas das atrocidades de Lorenzo, mas ele iria contra o pai e *capo* para ajudá-la?

— Se me mantive viva e intacta até hoje, foi por causa dele. Eu o conheci há três anos, ele não sabia sobre o que seu pai fazia — respondi. Havia chegado a hora da verdade. — Ele foi como um irmão para mim naquele lugar. Um irmão que eu pensei ter perdido.

Michael chegou à sala e jogou um short jeans para mim. Eu nem tinha notado que ele havia saído.

— Vista isso; não estou a fim de matar nenhum dos meus irmãos por cobiçar sua bunda.

Eu assenti e me levantei para vestir o short.

— Por que eles iriam se interessar pela minha bunda? — sussurrei enquanto vestia o short jeans com uma mão só, já que o meu braço estava enfaixado. Eu não ia conseguir abotoar o short.

— Nossa! Docinho, essa bunda ressuscita até defunto — falou Nasx. — E você ficaria surpresa com o que faríamos com uma bunda linda.

Olhei para ele, ignorando o rosnado de Michael.

— Você é um cara legal, acho que vamos nos dar bem.

Ele sorriu. Um sorriso de molhar calcinha, uma frase interessante que a menina de um livro disse uma vez. Agora, cercada por aqueles caras, eu entendia o que ela quis dizer com isso.

— Pode fechar o botão para mim? Meu braço está começando a doer — pedi ao Nasx.

— Isso não está acontecendo! — falou Michael com um rosnado. — Sente-se no sofá, que vou pegar os remédios, e deixe o botão como está.

— Matteo gosta de você como um amigo ou algo a mais, para ajudá-la como ajudou? — perguntou Shadow assim que Michael saiu para buscar meus analgésicos.

Com meu irmão por perto, eu não queria mais sentir dor. A sua presença me trazia conforto. Eu torcia para um dia conseguir alcançar paz, assim que mandasse toda aquela corja de abutres para o inferno.

Shadow encarava Nasx como se estivesse dando uma advertência a ele. Eu não entendia aquele cara, ora ele me enchia o saco, ora não gostava que os caras me olhassem ou falassem algo comigo, dessem em cima de mim. Por que ele iria se importar?

— Eu acho que ele sente algo a mais por mim, mas não tenho como ter certeza, já que, quando dormíamos juntos, ele não dizia nada... — Isso acontecia quando seu pai não estava lá, então só seus homens de confiança sabiam disso. Eram os momentos em que eu aprendia mais coisas sobre tudo do lado de fora.

— O quê?! — Michael gritou, chegando minutos depois com os remédios. Eu os ingeri rapidamente, pois assim aliviaria a dor. — Você não disse que era virgem?

— Nós não transamos ou coisa do tipo, ele ficava comigo quando eu era açoitada. Ele cuidava de mim. Mas já fazia alguns meses que eu não me encrencava lá dentro...

— Um milagre — disse Shadow. — Você tem cicatrizes nas costas. Parecem antigas.

— Foi de quando fui açoitada nos castigos. As cintadas de Matteo não deixavam marcas... — minha última frase parecia mais para mim mesma. Meu amigo só fez isso uma vez, e acredito que ia fazer naquele ano de novo, mas eu tinha sido trazida para o clube antes. Eu achava que nunca mais precisaria daquilo outra vez, pois finalmente tinha meu irmão vivo e ao meu lado.

— Eu vou matá-lo... — sibilou Michael.

Pulei do sofá e olhei para ele.

— Não pode machucá-lo, por favor — pedi. — Ele é importante para mim.

— Está apaixonada por ele? — Seus olhos eram facas afiadas em minha direção.

— Não, mas eu o amo assim como amo você. Ele fez isso porque pedi a ele.

— Explique — seu tom era mortal.

— Na primeira vez em que fui castigada, eu percebi que aquela dor aliviava a outra dor interna que eu sentia. Então, todo ano, na data da "morte" de vocês, eu fazia com que eles me castigassem. — Virei-me para a janela. — Quando eu fiz amizade com Matteo, ele me salvou de um possível estupro por um dos homens de Lorenzo. Desse dia em diante, ele tomou conta de mim. Não queria que eu me machucasse, mas eu precisava sentir dor, principalmente quando chegava perto do meu aniversário e da morte dos nossos pais. Eu disse a ele que ia fazer de qualquer jeito. Então ele sugeriu me bater com o cinto... assim eu não passaria três dias amarrada e com fome. O cinto traria dor. Então, assim ele o fez.

— Por que ele simplesmente não tirou da sua mente essa ideia absurda? — rosnou Michael.

— Ele não conseguia tirar, por essa razão propôs isso. — Eu me virei para eles, que estavam com expressões incrédulas. — Ontem à noite eu não cumpri a promessa que fiz a ele de me controlar. Aquele velho estúpido me puxou para o seu colo, Raul, é esse o nome do bastardo. Ele enfiou as mãos na minha bunda e me chamou de puta e disse para eu fazer um boquete ou algo assim. — Eu ri, amarga. — Eu não sabia o que isso era, mas, pela cara horrorizada do Matteo, percebi que coisa boa não era. Eu não vi a hora em que peguei a minha estrela, essa aqui... — toquei nela no meu pescoço — e a tracei no pescoço dele, pulando para longe do desgraçado...

— Você matou Raul Wainer? — perguntou Shadow horrorizado e parecendo um pouco impressionado.

— Eu não sei se ele morreu ou não, mas, se aconteceu, não vou chorar. — Suspirei. — Mas as coisas ficaram feias por lá. Eu estava me preparando para atacá-los com as facas que roubei da cozinha e as minhas adagas, que estavam comigo, escondidas, mas Matteo se

intrometeu para impedir o massacre. Eu cairia, mas levaria alguns comigo.

— Você é doida em enfrentar os homens do Raul. — Shadow sacudiu a cabeça. — Quantos tinham lá?

— Acho que uns dez, fora os homens de Lorenzo e dos outros, que não conheço. Eu não sou doida, apenas estava sobrevivendo. Ninguém me toca sem minha permissão e fica vivo.

— Espero nunca ser seu inimigo. — Nasx sorriu e deu uma piscadela.

— Eu também, afinal, seria um desperdiço matá-lo. — Sorri e depois fiquei séria. — Eles estavam prontos para me matar.

— O que houve depois? Como escapou? — Shadow estava de braços cruzados.

— Matteo disse que, ao invés de eles me matarem ali, seria melhor que me levassem para a ala sete, onde eram levadas todas as meninas que faziam 19 anos, para serem ofertadas aos homens — minha voz soou fria no final.

— E esse bastardo se ofereceu para levá-la a esse lugar e dá-la aos caras? — a voz de Michael era cortante.

— Ele estava querendo ganhar tempo. Os caras de lá estavam todos animados com o que fariam comigo, incluindo seu presidente morto, que espero estar no inferno agora. *Ela deve ser apertada*, essa foi a sua frase. — Encarei todos ali, cujas expressões eram sombrias e enojadas.

— Se ele estivesse aqui, eu iria matá-lo de novo — rosnou Michael.

— Mas, graças à interferência de Matteo, eu consegui fugir. Assim que saímos da grande sala, alguns homens vieram conosco. Matteo os matou usando as adagas. Ele é bom nisso e me ensinou muito, apesar de eu me recordar de você me ensinar quando era criança. — Sorri para meu irmão. — Acho que é um dom. Ele me colocou dentro do porta-malas de um carro grande e me disse que, do lado de fora, alguém viria abrir o porta-malas para mim. O idiota do seu primo.

— Luca Salvatore? Primo de Matteo? — indagou Shadow. — Foi ele quem a trouxe aqui?

— Eu não sei o nome do imbecil e nem me interessa saber, mas ele citou que era o primo dele. — Suspirei. — Essa foi a última vez que vi Matteo. Eu tenho medo de que o pai dele o tenha machucado por, talvez, ter suspeitado de algo.

— Eles não o machucaram — disse um cara chegando com um laptop. Seu cabelo era comprido, na altura das costas, em um tom de loiro platinado. Seus olhos eram pretos, e o rosto, sexy. O corpo, nem tenho o que falar de tanta beleza.

— Me diz uma coisa: quem escolhe vocês para serem motoqueiros do clube? — perguntei curiosa.

— Sempre o presidente. Por quê? — sondou Nasx.

Sorri.

— Bem que o fodido tinha bom gosto ao conseguir um monte de homens lindos...

Michael rosnou.

— Não seja estraga-prazer. — Olhei para ele. — Nunca vi tantos homens sexy de uma vez só. Os homens de Lorenzo eram todos frios e malvados. O único que era lindo lá era Matteo. O resto pode-se jogar fora, mas aqui... — sorri animada — tem um monte de uma vez, igual li nos livros.

Michael gemeu.

— Evelyn.

— Achar lindo não é pecado, ou é? — retruquei. — Anya disse que, quando você olha um homem lindo e sexy, apenas a risada dele faz sua calcinha ficar molhada... — Eu concordava com a personagem do livro.

Nasx riu e se levantou.

— Alguém aqui molhou a sua calcinha? — perguntou com um sorriso no canto da boca.

— Sim, estou a ponto de ter um orgasmo. — Via essa palavra em alguns dos livros que eu lia e finalmente tinha noção do que ela significava, rodeava como eu estava por tantos homens lindos. Ri dos gemidos deles, embora só um me fizesse sentir realmente quente: o senhor arrogante de olhos verdes. Seu toque me fazia sentir coisas que nunca havia sentido por ninguém.

— Você tem alguma noção do que essas palavras fazem com um homem? — indagou Shadow.

Franzi o cenho.

— O quê?

— Isso, docinho. — Nasx apontou para sua calça, que agora estava alta igual à do Shadow quando ele me tocou. Olhei para todos, que estavam do mesmo jeito.

— Nem ouse olhar para o meu pau — rosnou Michael.

Sorri para ele.

— Somos irmãos, e eu sei que posso ficar nua na sua frente, pois você não vai sentir nada.

Ele sacudiu a cabeça.

— Isso é algo que não quero ver — grunhiu e olhou ao redor. — Só porque ela não tem noção do que faz com os homens, não quer dizer que vocês podem se aproveitar disso. Estão me ouvindo? Ela é minha irmã! Intocável para todos!

Estreitei os olhos.

— Eu não entendo. Eu apenas disse que eles são lindos, e isso não quer dizer que farei alguma coisa com eles. — Sorri para Michael, que tomava uma bebida. — Depois você vai me dizer tudo sobre sexo, foder, trepar e o fogo que Anya falou que sobe no meio das pernas.

Michael se engasgou.

— Essa Anya devia ficar calada — sibilou e colocou as mãos no rosto, sentando-se na cadeira.

— Ela não me disse nada, eu que li um livro em que a personagem se chamava Anya. E, se não me disser, eu vou descobrir sozinha — retruquei sorrindo para os homens na sala. — Talvez algum deles possa me ensinar.

— Só se eles quiserem morrer por tocá-la — silvou meu irmão. Ele suspirou. — Mary vai te contar tudo depois.

— Essa Mary é sua namorada?

— Eu não tenho namorada — seu tom saiu estranho nessa hora, e ele tomou mais um gole da sua bebida, como se estivesse com dor.

— Você faz com as mulheres daqui o que eles fazem? O que Nasx fez com essa Sandy?

— Eu não vou ter essa conversa com você — sibilou e apontou para o cara do laptop. — Mary é mulher do Hush.

Olhei para ele, que sorria.

— Nossa, ela é uma mulher de sorte.

— Verdade. Eu ganhei na loteria — disse uma mulher entrando na sala.

Ela tinha cabelo loiro comprido e anelado que cobria as suas costas. Vestia calça jeans e uma camisa igual a minha, na qual estava escrito “propriedade de Hush.”

— Eu acho que foi ele que ganhou nessa loteria, seja lá o que isso for. — Minha boca estava aberta. — Você é tão perfeita.

Ela sorriu.

— Obrigada. É você que está deixando todos esses homens bobos e babando por você.

Bufei.

— Quero que me ensine como agarrar um homem lindo e sexy igual ao seu marido — sussurrei.

Ela riu.

— Acho que não vai levar muito tempo — sussurrou de volta olhando de mim para Shadow.

— Ele? — Ri. — Acho que um mataria o outro antes de chegar ao quarto.

Ele fechou a cara.

— É melhor dizer o que descobriu, Hush — rosnou.

— Saiu uma nota na imprensa sobre o assassinato do senador Raul Wainer, mas ninguém sabe a identidade do assassino. Aqui diz que ele morreu com uma facada na garganta e cinco tiros...

— Espere, eu não atirei nele, nem sei usar uma arma — interrompi, chocada.

— O filho de Lorenzo levou um tiro e está hospital...

— O quê...? — minha voz falhou. — Aí tem o endereço do hospital?

— Sim, mas você não pode ir lá. Matteo está bem, entretanto teve que ficar no hospital ontem, mas acabei de saber que vai ter alta hoje.

— Você não entende, se Matteo levou um tiro, então descobriram que fui ajudada por ele na fuga...

— Pelo que meu amigo policial que está no hospital disse, parece que Lorenzo, ou o *capo*, está verdadeiramente preocupado com o filho e com sua segurança — Hush disse.

— Conheço Matteo Salvatore, ele não ia fazer nada pela metade das coisas — Shadow me disse. — Se ele te ajudou a fugir, então com certeza foi ele quem atirou em si mesmo; assim não

pareceria tão suspeito o fato de ele ser o único a sair ileso.

— Mas é loucura atirar em si mesmo! — minha voz saiu alta e alarmada. — E, por falar nisso, eu tenho uma carta de Matteo que estava no meu sutiã. — Olhei para Mary. — Você achou alguma coisa em meu corpo quando tirou minhas roupas?

— Sim, deixei dentro da gaveta ao lado da cama do Shadow. Eu vou lá pegar e já volto.

Minutos depois, ela entregou a carta ao presidente.

— Matteo disse para entregar a Kill. Afinal, quem colocaria esse apelido em uma pessoa? — inquiri olhando para todos, que fitaram Michael. — Espere, você é Kill? Mas por que esse apelido? Você mata muitas pessoas?

Ele suspirou.

— Sim, mas os maus, OK? — seu tom saiu estranho, como se tivesse medo de eu rejeitá-lo ou algo assim.

— Tudo bem, eu não me importo, já que não são inocentes... — Franzi os lábios, pensando. — Acho que Matteo sabia que você era meu irmão, por isso falou para eu entregar a carta a você. Ele tinha certeza de que você ia me ajudar a resgatar todas naquele lugar.

— Acredito que sim — falou Michael checando a carta nas mãos de Shadow, que a estava lendo.

— Vamos para a igreja resolver isso — disse Shadow.

Arqueei uma sobrancelha.

— Vocês rezam? — meu tom era incrédulo. — Posso ir? Assim rezo para tudo dar certo. — Eu sempre rezava à noite, uma oração para que ficasse livre daquele lugar. Graças a Deus eu não estava mais lá.

Todos começaram a rir, até o meu irmão. Adorei vê-lo sorrindo; parecia que ele não fazia

muito isso.

— O que foi?

— A igreja é uma sala aqui dentro onde fazemos reuniões — sussurrou Shadow passando perto de mim. — Um lugar onde mulheres não podem entrar quando nos reunimos.

— Vamos providenciar tudo para o resgate dessas meninas e ver os detalhes — falou Nasx.

Todos entraram em uma sala e fecharam as portas.

— Vamos, eu vou te mostrar tudo — chamou Mary.



Capítulo 6

Shadow

Aliança

Eu não acreditava que minha vida tinha dado aquela guinada tão grande, ou melhor, aquela reviravolta. Tudo isso se devia a um par de olhos amendoados que não saía da minha cabeça desde que Evelyn havia aparecido ali na noite anterior, com seus olhos arregalados como uma corsa em frente ao farol de um carro. Tão assustada e ferida.

A sua inocência gritava para mim como uma maldita gralha, mas o que ela tinha de inocente, tinha de boca esperta. Adorava me desafiar. Tanto que isso me dava nos nervos.

Contudo, o importante naquele momento era descobrir o que Matteo queria, porque sua carta era vaga; apenas pedia para encontrá-lo fora da cidade, a alguns quilômetros ao sul de onde estávamos. Porém, como eu não podia decidir sozinho, resolvi levar a situação para a igreja. Seria a minha primeira missão como presidente depois da morte do desgraçado do Berry. Eu já estava desconfiado de que ele agia errado, embora nenhum de nós ali fosse santo, mas participar daquele antro que usava meninas inocentes e raptadas era demais.

Olhei para todos sentados na sala de reunião.

— Temos dois assuntos importantes aqui: primeiro, o que Evelyn disse sobre Berry pode estar certo; eu já desconfiava dele, mas jamais imaginei que ele se envolveria com Lorenzo. Eu lhe daria um enterro digno, mas ele não merece. Não depois que eu soube no que ele estava envolvido. Entretanto, se vocês quiserem fazer isso, eu não os impedirei só porque sou o novo presidente. As contas com o Ramires, nós vamos cobrar depois de ver o que Matteo quer e dar um jeito de resgatar aquelas meninas.

— Eu também não vou fazer velório algum, porra! Berry nos traiu! Talvez seja por isso que tivemos vários prejuízos nas mercadorias durante esses meses. Além disso, todas as corridas eram interceptadas como se tivéssemos um dedo-duro. Até cheguei a falar com ele, mas o

desgraçado disse que isso era apenas um acaso — sibilou Nasx.

Todos concordaram com ele, dizendo que também não iriam fazer um velório para o rato desgraçado.

— OK, agora vamos para a segunda coisa: o bilhete de Matteo Salvatore pede um encontro conosco às 5h da tarde de hoje fora da cidade, em uma fazenda abandonada ao sul daqui. O que vocês acham? Isso é uma armadilha para nos pegar?

— Eu não acredito. Evelyn não parece que está nos enganando. Vocês viram o jeito dela, a menina só é inocente e linda — disse Nasx com um suspiro.

Segurei todo o meu autocontrole para não quebrar sua cara por suspirar por ela, afinal, ela não era minha, nem nunca seria. Como podia um homem como eu sentir algo por uma menina como aquela? Eu não era merecedor de alguém inocente assim. E minha escuridão era muito profunda para eu ter alguém como ela em minha vida.

— Evelyn jamais faria isso — falou Michael. — E eu irei ajudá-la, mesmo se vocês quiserem cair fora. Vou entender caso fizerem isso.

— Estamos juntos nisso, irmão — retrucou Nasx, o meu braço direito.

— Sim, estamos, sim — assegurou Daemon. — Temos de limpar o mundo dessa escória maldita.

E assim os meus outros irmãos foram dizendo que estávamos juntos.

— Vamos ter inimigos fortes, como a máfia Salvatore, e, se duvidar, até o cartel mexicano, já que mandaram um dos seus homens matarem Berry. Agora vão pagar caro por isso, porque, seja lá o que Berry fez, Ramires pode nos atacar pensando que estávamos com ele.

— Mas, para termos uma noção melhor sobre essas meninas presas, nós precisamos ver o que Matteo Salvatore quer e descobrir por que ele ajudou a Evelyn — disse Daemon.

— Isso nós sabemos. Certamente ele se apaixonou por ela, por isso quis salvá-la mandando-a para nós. Isso me diz que Evelyn pode estar certa sobre Matteo saber que Kill é, de fato, o irmão dela, por isso a mandou para cá. Ele sabia que a protegeríamos e que não teríamos escolha a não ser nos aliar a ele — falou Nasx.

Eu não queria pensar naquilo naquele momento, no que Matteo sentia por ela, afinal, isso não era da minha conta, e eu havia acabado de conhecer a garota. Como podia ficar pensando nela assim? Maldição, isso nunca tinha acontecido antes na minha vida.

— Já que todos vocês toparam essa briga, agora vamos falar com Matteo e ver o que ele tem a nos dizer — falei, batendo o martelo.

— Vamos nessa — concordaram todos.

— Esperem. Antes eu preciso saber de algo — falei me lembrando de uma coisa. O corpo de Berry estava com a polícia para averiguação, embora quase tudo seria encoberto, já que Ramires possuía aliados lá dentro. — Eu sei que, com a morte de Berry, vocês me colocaram na presidência do clube, e agradeço por isso. Vou honrar esse papel, diferente de Berry, que não honrou o dele, mas agora precisamos eleger o vice-presidente. Quem vai ser? O mais votado vence.

Todos na sala votaram em Nasx, que arregalou os olhos ante isso. Nós nos conhecíamos havia quase cinco anos, desde que eu o peguei roubando meu carro. Dei um ultimato a ele: ou viria comigo para o clube, onde eu o colocaria na linha, ou o mandaria para o inferno, porque ninguém me roubaria e ficaria impune. Ele sorriu e disse que ia comigo, porque era bonito demais para morrer e as mulheres iriam chorar. Gostei da sua alegria contagiante, e eu precisava disso naquele momento e até então, porque tudo que cercava minha mente era escuro. Nasx tinha atualmente 24 anos, mas, na época, estava com 19.

— Porra, caras! Eu adoro vocês! — gritou Nasx animado, batendo palmas.

— Parabéns pelo seu novo cargo, irmão. — Levantei-me e dei um tapinha nas costas dele.

E assim foi com todos.

— Mas por que eu? — inquiriu para o resto dos irmãos, que sorriam.

— Porque você é o melhor negociante, o mais capacitado para trazer a estabilidade entre todos e um irmão fiel. Não é, pessoal? — declarou Daemon.

Daemon estava conosco havia alguns anos. Apenas apareceu ali e disse que não iria embora. Se por acaso alguém quisesse que ele fosse, que tentasse fazer isso sozinho; mesmo com armas apontadas para ele, o cara não temia a morte. Então Berry deixou Daemon ficar. Agora éramos irmãos. O cara era um tremendo mistério, mas jamais lhe perguntei sobre seu passado, afinal, isso não era problema meu.

Meus irmãos saíram da sala para se preparar para o encontro com Matteo. Antes disso, eu tinha de resolver um problema.

Eu precisava ter uma palavra com Lisa. *Porra!* Como eu não vi aquela situação vindo até mim? Eu a fodia, sim, mas não era o único, então precisava saber se ela realmente se importava comigo, ou ao menos o motivo de ela ter saído chorando da sala quando eu a chamei de puta. Eu sabia que tinha sido egoísta, mas aquela ruiva me tirava do sério, então acabei descontando na pessoa errada.

Bateram à porta.

— Entra — mandei e fiquei de pé no meio da sala.

Lisa entrou. Ela era uma mulher morena e bonita, mas eu não sentia nada por ela. O que tínhamos era só foda e nada mais, e isso não iria mais acontecer.

— Mandou me chamar? — Ela ficou à minha frente. Notei que estava tremendo.

— O que sente por mim? Na verdade, por que está aqui sendo prostituta? — fui direto.

Ela se encolheu.

— Eu gostava do que fazia, mas...

— Mas...? — incitei em tom duro.

— Eu me apaixonei por você. Eu sei que isso está errado, afinal, você jamais vai sentir algo por uma mulher como eu — sua voz estava fraca.

— Tem razão, eu não vou — concordei, enquanto ela se encolhia, mas eu precisava dizer a verdade sobre isso. — Você terá uma escolha se quiser ficar aqui. Vai continuar fazendo o que faz, mas não comigo, porque eu apenas fodo e não fico com alguém que esteja apaixonada por mim. Mas, se quiser ir embora, pode ir. Você escolhe o que quer.

— Podemos apenas foder. Eu não me importo, eu só quero você. — Ela se aproximou de mim, pegou o botão da minha calça e se ajoelhou à minha frente, mas, antes que eu dissesse que aquilo não ia acontecer, a porta se abriu.

Olhei para ela e vi uma ruiva voar em cima de mim como uma leoa faminta e doida para me matar.

— Você, seu fodido de merda, como pode ficar com essa pobre mulher que tem sentimentos por você?! E você a trata mal igual tratou antes?! — Ela bateu no meu peito com os punhos fechados.

Porra! Aquilo devia doer nela! Ela pareceu se esquecer de que estava machucada. Olhei para Lisa, que, por sua vez, estava de olhos arregalados, provavelmente perguntando-se por que alguém havia tomado as suas dores.

— Lisa, nos deixe a sós e pegue suas coisas, pois vai embora daqui.

— Mas eu...

— Agora, porra! — sibilei. Ela saiu correndo porta afora, mas não me importei. Peguei os pulsos da ruiva e a encostei na parede com as mãos ao lado de seu corpo.

— Então você a mandou ficar de joelhos para colocar a boca em seu fodido pau e agora a manda embora daqui? — silvou ela, tentando se soltar. Porém, me mantive firme. — Você é um demônio sem coração! Como pode não pensar nos sentimentos dos outros, seu desgraçado...

Eu a interrompi devorando aquela boca esperta que estava louco para provar desde a hora em que ela entrara ali na noite anterior. Minha língua dançava com a dela. Pude ver que ela não sabia beijar, mas, porra! Eu simplesmente amei isso. Ela desistiu de lutar e gemeu em minha boca, retribuindo o beijo com fome.

Soltei suas mãos e a peguei pelo seu traseiro, apertando-a, trazendo-a para o meu pau, que estava duro, louco por ela. Sua mão boa foi para o meu cabelo e o apertou, querendo mais da minha boca, então a dei a ela com um gemido.

Minha mão direita foi para o meio de suas pernas por debaixo do vestido que ela usava. Notei que ela tinha tomado banho, porque cheirava a morangos e havia trocado de roupa. Meus dedos alisaram seu clitóris por debaixo da sua calcinha. Ela gritou, mas meus beijos abafaram os gritos. Seus gemidos eram como música para mim, um som que eu adoraria ouvir para sempre.

Rodeei mais meu polegar em seu clitóris, e ela se desmanchou em meus braços. Meu Deus! Eu nunca tinha ficado tão duro com um beijo e tão louco para possuir uma mulher à qual tinha acabado de conhecer e que era intocável para mim.

— Porra, chefe! — ouvi Nasx praguejar, trazendo-me de volta ao meu juízo, porque – merda! – eu o havia perdido.

Tirei minha mão e meus lábios dela, afastando-me ofegante. Fiquei com raiva por não conseguir me controlar. Maldição! Eu só queria que ela calasse a boca, mas, agora que a havia beijado, queria muito mais que isso.

Evelyn estava com a mão na boca, chocada devido ao que tivemos, mas era para estar; eu praticamente não consegui me controlar.

Saí da sala, passando por Nasx sem olhar para trás.

— Vamos agora! — ordenei passando por todos no salão e fui até minha moto. Expirei, controlando-me para focar no que era importante: falar com Matteo e torcer para que não fosse nenhuma armadilha.

Todos saíram da casa e foram até suas Harleys para irmos embora.

— Michael! — gritou Evelyn saindo correndo da casa e vindo nos encontrar.

A menina não parecia ter noção de que não podia correr assim com um vestido rodado. Dava para ver a maior parte de suas coxas, e que pernas... Maldição! Só em vê-las, fiquei duro na mesma hora. Droga! Quando uma mulher havia me consumido daquele jeito? Nunca na minha vida.

Kill parou de andar e olhou para ela. O cabelo da menina estava solto nas costas e mais vermelho devido ao sol. Tão lindo e sedoso que tive vontade de ficar mais tempo só com ele em minhas mãos e sentir seu cheiro de morangos.

— O que foi, Evelyn?

Seus olhos fitaram todos, por último, a mim e seu irmão. Por um lado, gostei do que vi em seu olhar, mas, por outro lado, senti-me frustrado, porque, se ela tivesse sentimentos por mim, logo seria ela quem estaria sofrendo como Lisa, porque eu causava esse efeito nas pessoas. Eu não podia me apaixonar, muito menos por ela. Kill deixara claro que sua irmã era território proibido para todos, incluindo a mim.

— Aonde vocês vão? — perguntou ela com um leve tremor na voz. Ela estava preocupada, mas com o quê? Ou melhor, com quem?

— Isso não é da sua conta — rosnei para ela.

Seus olhos lindos se estreitaram. Essa mulher tinha algo diferente de todas que conheci. Era para ela corar quando me olhasse devido ao que havíamos feito; pelo menos, a maioria das

mulheres coravam, mas ela não.

— Eu não perguntei a você — rosnou ela de volta e se virou para o irmão. — Se vocês vão ao encontro de Matteo, não o machuquem, por favor.

Senti uma fisgada no peito. Talvez ela realmente estivesse apaixonada por Matteo e não soubesse disso ainda, afinal, tudo era novo para ela.

— Não vamos tocar no seu namorado — grunhi, ligando a moto. — Vamos conversar sobre o resgate das outras garotas onde você estava... — mal terminei de falar, quando ela me abraçou, pegando-me de surpresa.

— Obrigada — disse e depois sussurrou em meu ouvido: — Eu vou querer mais do que me fez na sala, aquilo foi... — ela se afastou sorrindo — maravilhoso.

Expirei para me controlar e não dizer nada sobre o que aconteceu entre nós, mas algo dentro de mim ficou feliz em saber que gostou do que eu fiz, porque eu também me deliciei com seu beijo, seu toque e seus gemidos enlouquecedores.

— Docinho, não é só ele que vai resgatar essas meninas, nós também, então eu quero um abraço — disse Nasx com uma risada, lançando-me um alerta, porque Kill já estava com os olhos estreitos.

Agradeci a Nasx. Depois eu teria uma conversa com Evy, porque jamais voltaria a tocá-la. Aquilo só havia acontecido porque eu tinha sido fraco, e não ia se repetir.

— Sem abraços. Maldição! — rosnou Kill.

Ele era assim, ciumento, com Isy – sua ex-namorada – antes de ela deixá-lo e ir embora. Até aquele dia, ninguém sabia o motivo, ele não havia dito. Eu também não perguntara, mas o homem adorava o chão em que ela pisava. Atualmente ele era assim, sombrio e atormentado por dentro. Eu podia ver a dor dele por causa disso. Se um dia eu visse a cadela de novo, eu a esfolaria viva. No entanto, vendo-o com Evy, eu podia ver uma chama de luz em seus olhos, e

não era eu que iria apagá-la transando com sua irmã.

Evy sorriu. Seu sorriso fazia meu estômago revirar, e não por passar mal, mas por querer beijar sua boca linda até seus lábios ficarem inchados, embora eles já estivessem um pouco devido ao nosso recente beijo. Que beijo foi aquele? Ela, com toda sua inocência, fez-me perder a maldita cabeça, tanto que meu cérebro estava fritando. Todavia, eu prometi a mim mesmo que não voltaria a tocá-la nem que, para isso, tivesse que recitar um mantra e rezar para ser forte. Porque, com ela por perto, seria como um fruto proibido, a tentação de Eva no jardim ao ser seduzida pela serpente.



Assim que estacionamos as motos em frente ao seis Mercedes pretos, todos os seus ocupantes saíram armados. Na hora, meu coração gelou por eu pensar que havia trazido meus irmãos para uma emboscada, mas, então, Matteo saiu. Era um homem alto, moreno e com os olhos frios, assim como os meus.

Eu soube que ele havia levado um tiro no ombro, quase igual ao que Evy levara, mas o dela fora de raspão, no braço. Só de pensar que alguém de Ramires tinha algo a ver com isso me dava vontade de matar todos eles.

Toda gangue ou família era conhecida por marcas ou símbolos. A de Ramires era uma cicatriz em formato de cruz no rosto dos seus homens. Só um fodido da cabeça podia fazer isso. Tatuagem seria bem melhor e não desfigurava o corpo.

Fui à frente dos meus irmãos até onde Matteo estava de pé, vestido em um terno preto. A máfia lucrava bem nos mercados ilegais, bem mais do que nós. Parei a dois metros deles, mas Kill foi para cima de Matteo. Então, armas foram apontadas em ambos os lados. Segurei Kill, impedindo-o.

— Você bateu nela com um cinto, seu cretino, e a escondeu de mim, sendo que sabia há

bastante tempo que eu era seu irmão! — esbravejou Kill.

— Relaxe, Kill, nós não viemos aqui para isso. E o *capo* está machucado, já que levou um tiro, não?

O cara me fuzilou com o olhar.

Observei Matteo, encolhido encostado no carro e segurando o ombro machucado, mas não gemeu ou gritou. Com certeza estava acostumado à dor, assim como eu. A minha vontade também era de matá-lo por ousar tocar em Evelyn.

Ele expirou e fez sinal para seus dez homens, todos armados.

— Abaixem as armas agora. — Depois olhou para Kill, que estava furioso. — Descobri só há alguns meses, quando ela mencionou seu nome, então puxei a sua ficha para investigá-lo. Precisava de tempo e aliados para tirá-la de lá sem demonstrar que havia traído minha família.

— Não me importo com isso! — rosnou Kill.

— Eu me importo, porque, se eu não der um jeito no meu pai, ele irá atrás dela. Agora mesmo estão caçando Evy para executá-la, já que atingiu um companheiro na garganta e fugiu logo depois.

— Pelo que sabemos, ele foi morto com a garganta cortada e tiros na cabeça — falei a ele. — Ela disse que não atirou, então quem foi?

— Guerras territoriais. O senador não queria ceder Chicago para meu pai, então, na verdade, ele já seria morto na reunião de ontem, mas as coisas se complicaram quando o desgraçado tocou nela. A minha vontade era de matá-lo; Evy foi mais rápida — seu tom era orgulhoso ao falar de Evelyn. — Ela tem um gênio forte. Ainda bem que o acertou, porque eu já ia mandá-lo para o inferno por dizer aquelas coisas.

— Você está apaixonado por ela? — grunhiu Kill; não era uma pergunta, estava na cara.

Matteo riu e estremeceu, provavelmente devido à dor em seu ombro. Eu não tinha certeza, mas acreditava que o cara tinha sido capaz de atirar em si mesmo ou mandar alguém fazer isso só para que seu pai não desconfiasse de que ele salvara Evelyn.

— Quem não estaria? — retrucou. — Quando a conheci e a vi naquela maldita cruz, toda machucada, fui onde meu pai dormia. Minhas mãos apertaram as adagas para matá-lo, mas não podia, porque, se o fizesse, o meu tio tomaria meu lugar por direito, e o velho é mais sádico que Lorenzo.

— E sobre essas garotas presas? Ela disse que tem umas duzentas, e que seu pai as entrega a abusadores assassinos. — Eu queria matar Lorenzo. Era uma pena que ninguém chegava perto dele, só seu filho, mas ele não podia matar o velho.

— Sim, descobri três anos atrás, fui convocado por ele para participar daquilo. Não sou santo, longe disso; tenho sangue em minhas mãos. Daí a fazer aquela barbaridade? Ao chegar lá, encontrei três garotas mortas e os homens fazendo a festa. — Ele expirou e olhou para o céu azul. — Tive de me controlar para não matar todos, até Lorenzo, porque a culpa daquilo é dele e do doente do meu tio.

Enzo era um sanguinário que atirava primeiro e perguntava depois. Eu sabia que eu era um demônio, mas uma regra eu tinha na minha vida: nunca machucar uma criança ou uma mulher fosse ela quem fosse.

— Então é pedofilia e estupro? — perguntou Daemon com os dentes trincados.

Casos de estupro sempre mexiam com Daemon, eu só não entendia o porquê. Esperava que um dia ele confiasse em nós para dizer o que houve com ele. Sua história com certeza não era bonita, mas a minha também não era. Aliás, no MC eu tinha encontrado minha casa, uma família de caras que levariam uma bala por mim, assim como eu faria por cada um deles.

— O miserável do meu pai assume que está fazendo justiça, porque minha irmã foi morta e estuprada. Não acharam o corpo, só havia sangue em seu vestido encontrado na Rússia. Ele

acusa a máfia Dragon.

— Dark? — interrompi-o. — Não é feitio de sua família, ele abomina isso.

Nikolai, ou Dark, como era conhecido, era um garoto de 23 anos que possuía um imenso poder em suas mãos, desde a morte dos pais em um acidente de carro, que foi comprovado ser criminoso.

— Seu pai matou os Dragons? — Olhei para ele. — Então por que Nikolai acha que foram os Bravatas que os assassinaram?

— Na época, os Dragons estavam em guerra com os Bravatas. Quando Lorenzo matou a família de Dark, ele e seu irmão, Alexei, deduziram terem sido seus inimigos, e meu pai saiu ileso. Não entraríamos em guerra com os dois; temos poder, mas eles têm mais — respondeu Matteo. — Quero limpar toda essa sujeira logo. Assim que os Dragons decidirem se vingar contra o meu pai, precisarei arrumar um jeito de controlá-los. Há muitos inocentes nessa história.

— Porra! Se eles souberem do que Lorenzo fez, vocês estão fritos — falou Kill. — Ainda bem que minha irmã está longe disso tudo, longe de vocês.

— Não importa agora, o que interessa é que preciso salvar aquelas garotas e crianças sem envolver o FBI e essas merdas. E sem que meu pai descubra que ajudei, ou estarei morto — seu tom continha tanto raiva como tristeza, e eu apostava que era por causa das crianças. Eu também estava furioso com aquilo. — Lorenzo manteve o FBI no bolso por muitos anos para que fechassem os olhos quanto àquele antro de tortura.

— Supus que algo assim acontecia — havia aço na voz de Daemon. — Sequestro de crianças, por causa do alerta Amber, chama a atenção da polícia, além da pedofilia que rola solta na sua máfia, com esses casamentos entre marmanjos e meninas.

— Sempre fui contra, embora haja muitos membros da máfia Salvatore que não tocaram nas meninas com quem se casaram até que completassem a maioridade. Ao me tornar *capo*,

esses manterei comigo; eliminarei os demais. — seu tom era calmo, embora triste. — Espero sobreviver até lá.

— Você não me fará nenhuma falta — rosnou Kill com raiva.

Matteo riu.

— Bom, Evelyn sentirá — seu tom era seguro disso, o que me deu vontade de quebrar seus dentes.

— Pode ser, mas não ficaria sabendo, pois quando tudo isso acabar, você não vai mais vê-la — disse Kill com os punhos cerrados e, como eu, louco para quebrar sua cara.

— Dificilmente, já que ela irá morar comigo. — Sorriu animado com a perspectiva.

Kill se lançou para ele, mas seus homens o impediram de chegar até Matteo.

— Porra, isso não vai acontecer! Acha que não sei sobre vocês, Salvatore? Não pode se casar com alguém de fora da sua origem mafiosa, e se mencionar que vai fazê-la sua amante, juro que o mato agora mesmo! — a voz de Kill era mortal e fria ao fuzilar Matteo com o olhar.

Dei um passo à frente, não conseguindo controlar meu ódio e raiva por aquele cara, porque só de imaginar alguém tocando no corpo de Evelyn e fazendo até mais do que eu tinha feito com ela... Meu Deus! Eu seria capaz de matá-lo.

— Prez, se controla. Não é sua tarefa defendê-la aqui nesse assunto — sussurrou Nasx.

Eu expirei, tentando me controlar, porque ele tinha razão. Evelyn não me pertencia, e não cabia a mim decidir o que ela faria, mas, sim, a ela mesma e Kill.

Matteo riu sem alegria, dando sinal para seus homens se afastarem e olhou para Kill.

— Eu jamais agiria dessa forma. Evy me ama como um irmão. No final, decidirá o que quer fazer da vida, e garantiremos que nenhum perigo recaia sobre ela, nem sobre ninguém. — Ele suspirou. — Agora vamos ao que interessa: resgatar os inocentes. Enfrentarei todos para isso

acontecer ou morrerei tentando.

— Eu acho que você está pensando errado nesse caso — comecei.

Ele franziu a testa.

— Sobre o quê?

— Veja bem, você não pode matar seu pai ou ser acusado de traição, perderia seu legado. Se o FBI entrar no caso, vão confiscar o que vocês têm, então precisa de nós para invadir esse lugar, que não sabemos onde fica, armados até os dentes, para resgatar todas as crianças e moças que estão sendo mantidas em cativeiro. Faremos o seguinte: você limpa o local, apagando quaisquer menções ao nome de sua família, e o resto deixa conosco. Um aviso: quando entrarmos, derrubaremos todos.

— Não, há pessoas de minha confiança lá dentro que protegem as meninas…

— Remova-os. Não podemos entrar e matar somente alguns, ou desconfiarão que você estava por trás de tudo, não é?

Ele assentiu, praguejando.

— Se eu os tirar de lá, ele também estranhará. Meu tio já diz que não tenho pulso firme para controlar o legado, porque não sou a favor do que fazem — seu tom era amargo. — Quando tudo isso acabar, mudarei muitas coisas.

Eu apostava que seu amargor era pelo fato de não poder mudar a lei que determinava com quem os membros de sua família deveriam se casar, porque, do modo como as coisas eram, ele não poderia se casar com Evelyn. Meu peito se aliviou com isso.

— Tenho uma ideia, só será um pouco complicado — falou Nasx para Matteo e seus homens.

— Mande. Não há nada pior do que o que acontecerá caso não peguemos as meninas.

Principalmente dez delas, que estão para fazer aniversário.

— O que um aniversário tem a ver com isso? — sondou Daemon. — Evelyn comentou algo, não entendi muito bem.

— É um ritual do culto que meu pai criou. Ao completarem 19 anos, ele oferece as meninas à minha irmã, que morreu, depois as entrega aos homens para fazerem o que quiserem delas. — seu tom era de asco. — Todos têm de apodrecer no inferno.

— Incluindo seu pai? — perguntei.

— Sim, e não sentirei nada por sua morte, será um alívio. Lorenzo só não pode ser morto agora, tenho planos antes disso, mas seu dia chegará. Espero que, quando acontecer, ele esteja lúcido, assim sentirá o que preparei. Vocês não podem ser os responsáveis, porque, ao me tornar *capo*, mesmo sem querer, precisarei caçar o assassino do meu pai, e o cara deverá ser muito bom em encobrir todos os rastros. É uma lei da minha família, não poderei quebrá-la.

— Resolveremos o problema das meninas e deixaremos a situação de Lorenzo para você, Matteo.

— Qual é o plano?

— Como não podemos entrar e matar só o pessoal do cretino do Lorenzo e manter o seu vivo, e já que seus parceiros não podem sair de lá, vamos ter que atingi-los...

— Porra, não! São boas pessoas e acreditam em mim. — Não podem matá-los!

Nasx suspirou.

— Ninguém falou em matá-los, e sim atingi-los em algum local não fatal. É a nossa única chance.

E, pelo jeito, era mesmo, e não era uma ideia de todo ruim. Além disso, não tínhamos alternativa.

— Como diferenciaremos os do seu pai dos seus? — questionou Hush.

— Falarei com eles primeiro, para saber o que acham. — Olhou para seus homens.

— Estamos com você até o fim, chefe — respondeu um dos caras.

— Obrigado, Samuel. — Ele nos fitou. — Depois que eu conversar com todos, dou a resposta. Temos no máximo quinze dias para resgatá-las.

— Fechado. Bolaremos um plano para pegar esses desgraçados e acabar com todos — declarei, virando-me para ir embora.

Porra! O jogo estava para virar contra Lorenzo e seus homens, e o Inferno estaria cheio logo, logo.



Capítulo 7

Evelyn

Fuga

O dia passava rápido no clube, e não lento como quando eu estava presa naquele lugar, mas, mesmo ficando maravilhada com tudo ali, meu coração estava apertado pelas meninas que continuavam presas na Paraíso. Entretanto, eu confiava que Matteo as salvaria.

Quando todos chegaram mais cedo, foram direto para a igreja. Eu não sabia o motivo de chamarem o lugar dessa forma, quando, na verdade, era uma sala grande com uma mesa comprida e cadeiras. Eu sabia disso, porque tinha estado lá logo cedo. Só de pensar nisso, subia um fogo quente no meio de minhas pernas.

Antes de eles saírem para conversar com Matteo, eu os vi saindo, menos Shadow, cujo nome verdadeiro era Dominic, de acordo com Mary (finalmente eu soube porque o chamavam, às vezes, de VP e, depois, de Prez; VP era sigla de vice-presidente, e Prez era apelido para presidente, que ele passou a ser com a morte do Berry, e ele gostava de ser chamado por qualquer coisa, menos seu nome real; eu não entendia por que, já que era tão bonito). Minutos depois, a mulher morena entrou, Lisa era o seu nome.

Quando entrei na sua sala e vi aquela mulher de joelhos, pronta para fazer o que ele mandasse como um cachorro, eu fiquei furiosa, mas então ele me beijou e me tocou lá embaixo. Nunca eu havia sentido nada mais maravilhoso na minha vida. Sua boca parecia que ia me consumir, sua língua dançava com a minha, quase me deixando sem fôlego. Seus dedos circulavam meu ponto sensível, então vi estrelas tão brilhantes que gritei, mas sua boca não deixou o som sair. Com ele, eu senti tudo o que havia lido nos livros, o desejo, o fogo e meu coração batendo forte.

Eu queria sentir aquilo de novo, mas, quando ele chegou, nem me olhou, foi direto para a sala de reuniões e ficou lá um tempão junto a todos.

Eu disse a Mary o que tinha acontecido entre mim e Dom, que ele havia me beijado e que tinha sido maravilhosamente lindo e gostoso.

— Menina, Shadow não se envolve com ninguém. Já o vi quebrando mais corações do que você imagina, então não se iluda com ele, ou vai sofrer com isso, tudo bem? — disse Mary sentada ao meu lado. — Não pode se apaixonar por ele.

— Amor, já li sobre ele nos livros. É tão lindo e mágico — sussurrei, imaginando sentir tudo aquilo por alguém.

— Quando você se apaixona pela pessoa certa, mas Shadow não é o certo. O homem ajuda pessoas sem nem mesmo elas terem de lhe pedir, mas ele não se acha bom o suficiente, como se não merecesse que coisas boas lhe acontecessem, embora mereça. Mas Shadow não acredita nisso.

— Ele devia ficar feliz e não o contrário. Talvez seja por isso que ele é arrogante. Acho que isso é uma forma de afastar as pessoas de perto dele. Li isso uma vez em um livro, o cara afastava a menina também.

— O que aconteceu? Também gosto de ler livros.

— Não desistiu dele, e eu também não vou — fui firme. — Eu quero sentir tudo aquilo que senti quando ele me tocou. Era como se eu tivesse sido levada ao céu e voltado. E, se ele não me der o que eu quero, vou pedir ao Nasx.

Ela riu.

— Menina, você não sabe no que está se metendo. Se seu irmão souber que um desses caras tocou em você, ele os matará sem pensar duas vezes.

Eu não acreditava nisso, mesmo sabendo que Michael tinha aquele apelido esquisito. Meu irmão era bom, e eu acreditava nele cegamente. Sabia que ele jamais machucaria alguém inocente.

Todos saíram da sala de reuniões. Hush pegou sua mulher nos braços e a beijou com carinho e amor. Comparei com os beijos entre mim e Dom, mas não tinha sido assim, e sim como se estivéssemos famintos e ele fosse minha sobremesa favorita. Eu queria buscar o amor verdadeiro. Todavia, quando eu me apaixonasse, eu sentiria as mesmas sensações que sentia por Dom quando ele me tocava, como quando tinha me beijado, ou melhor, devorado minha boca?

Michael e alguns dos outros saíram de novo. Ele me disse que tinha negócios a fazer e depois voltaria para me levar para sua casa, mas, na sua ausência, eu dormiria no clube. Eu não fui contra, porque gostava dali, era grande e bom. Livre.

— Você vai ficar bem, não se preocupe com nada — disse Michael. — Eu só vou ficar fora por algum tempo, uma semana no máximo. As pessoas aqui são de confiança. Mary e os prospectos tomarão conta de tudo aqui.

— Eu confio em você, Michael, e em todos aqui, não fique preocupado comigo.

Eu sabia que todos eram confiáveis, então não me preocupei com nada.

Nenhum deles quis me dizer o que conversaram com Matteo. Para meu alívio, ninguém estava ferido, então não houve brigas, e Michael me prometeu que não machucou Matteo, então confiei nele como sempre fiz e faria.

Fazia uma semana que os motoqueiros haviam saído do clube montados em suas motos. Para onde? Eu não fazia ideia, nem mesmo Mary sabia. Ela disse que nós, mulheres, não podíamos nos meter nas coisas do clube. *Muito machista*, pensei.

Durante todo esse tempo em que Dom esteve fora, eu fiquei pensando nele e no seu toque, querendo e ansiando por mais dele. Aprendi muita coisa sobre sexo também; Mary me contou. Eu já sentia que tinha feito uma grande amiga ali.

— Evelyn querida, por favor, esqueça o Shadow — ela me pediu assim que eu lhe contei

sobre os meus sonhos com ele todas as noites.

— Não dá, eu sonho que estou transando com ele e gritando igual Sandy fez quando cheguei aqui naquela noite. Esses sonhos parecem ser tão reais.

Ela sorriu.

— São sonhos eróticos. Acho que sua vontade é tanta que sonha com Shadow, o único homem em quem pensa assim, não é? — não era uma pergunta.

— Sim, o toque e os beijos dele estão me consumindo por dentro.

— Sabe que ele pode estar transando com outras mulheres onde está agora, não sabe? — Ela me avaliava.

Fiquei sem respirar com isso por um segundo. E se ele estivesse fazendo com outras mulheres o que tinha feito comigo, e até mais do que isso? O que eu faria? Meu peito se apertou, mas, antes que eu respondesse, Dom entrou na grande sala. Contudo, ele estava sozinho.

Mary se levantou e sussurrou em meu ouvido:

— Tome cuidado, o amor machuca mais do que nós lemos em livros. — Afastou-se, indo em direção à cozinha.

Olhei para Dom e fui até ele. Ficamos um de frente para o outro.

— Cadê o Michael e os outros? — perguntei a ele.

— Virão amanhã. Só eu e Nasx voltamos antes.

Não perguntei o que ele esteve fazendo tanto tempo fora; eu sabia que não me diria nada.

— Vai me tocar igual fez naquele dia? — questionei, mordendo o lábio inferior ao olhar para a sua boca carnuda, louca para beijá-lo de novo.

Ele estreitou os olhos e expirou como se tentasse se controlar.

— Não — sua voz saiu fria.

— Mas por que não? — minha voz saiu em um sussurro. — Você não quis aquilo?

— Não. O beijo é bom, mas você não tem experiência, não sabe beijar, além disso é intocada. Eu não transo com virgens, só pego mulheres experientes — respondeu, pousando os olhos em uma loira formosa que chegou até nós. — Como Sandy, por exemplo, que tem experiência e sabe o que fazer com um homem.

Sandy era legal. Ela me havia dito que era prostituta por prazer e não por dinheiro e gostava de ficar com muitos homens. Então aquilo era experiência? Ficar com mais de um cara? Eu não sabia, mas meu peito se apertou ao imaginá-lo com ela, fazendo mais do que tinha feito comigo.

— Você pode me ensinar...

Ele me cortou, furioso:

— Eu não quero ensinar uma criança a fazer isso. Não entende, porra?! Não vou tocar em você, e sim na Sandy e nas outras mulheres que fodi enquanto estava fora. Vou fodê-la a noite inteira e fazê-la gritar e vou tocar sua boceta e esfregar seu clitóris até ela se desmanchar em meus braços, não vou fazer isso com uma fedelha que mal sabe beijar...

Parei de ouvir em algum ponto em que ele falava que havia feito coisas com outras mulheres. Tudo em mim doía de forma desconhecida, meu peito apertava e me sufocava tanto que pensei que estava ficando sem ar. Apenas dei as costas para ele e corri para fora. Para onde? Não fazia ideia, apenas queria não sentir o que estava sentindo naquele momento, aquela maldita dor que me apertava por dentro. Como me livraria dela?

Avistei um carro. Algumas vezes, quando o pai de Matteo estava viajando, ele me levava a um lugar afastado para me ensinar a dirigir. Isso foi extremamente útil. Eu apenas fui para o carro preto e entrei procurando as chaves. Eu esperava que quem quer que fosse o dono daquele

veículo, não as tivesse levado consigo. Para meu alívio, estavam no lugar. Liguei o automóvel.

Assim que o motor do carro foi ligado, eu parti, mas notei alguns homens saindo correndo da casa, inclusive Dom, mas acelerei o máximo e fui embora. Eu só não sabia para onde ir, mas não voltaria para vê-lo ficando com outra pessoa. Cafajeste! Era isso o que ele era: um tremendo mulherengo desgraçado! O que custava ele me ensinar e não recorrer a outras mulheres? Eu também podia me tornar experiente e fazer o que Sandy ou qualquer outra mulher fazia. Isso! Eu ia procurar experiência com outros caras.

Depois de algum tempo, numa rua escura, eu parei em frente a uma casa barulhenta. Talvez fosse um clube igual ao daquele cafajeste, que agora devia estar lá, fazendo sexo com uma mulher experiente e não com uma que não sabia nem beijar.

— Pague a entrada — falou um cara à porta do clube. Depois olhou para o carro no qual eu tinha vindo. — Desculpe, pode passar. Não diga ao Shadow que a impedi de entrar aqui.

Estreitei os olhos para o garoto, que parecia ter uma idade próxima à minha, um pouco mais novo ou mais velho.

— Não me fale naquele cretino desgraçado — rosnei e passei por ele. Então parei, fitando-o. — Como sabe que estou com aquele miserável?

Ele pigarreou, nervoso.

— Sua camisa e o carro dele — falou, apontando para a camiseta que eu usava. — Todos aqui vão saber que está com ele.

Eu tinha sido tola em vestir aquilo, como se o quisesse mais perto de mim. Como pude pensar em um cara só porque seu beijo me consumiu?

Tirei a camiseta e a dei ao garoto, que estava de olhos arregalados.

— O que está fazendo?

— Eu sou Evy e não quero nada daquele fodido de merda. Se você não a quer, então jogue fora. — Passei por ele, entrando no clube. — Porque ela não passa de lixo.

Entretanto, ao entrar no lugar, notei que era diferente. Tinha música, sim, mas, em vez de sexo ao vivo, havia várias pessoas dançando umas com as outras.

— Oi, linda. Você quer sentar comigo e meus amigos? Você está tão sexy nesse top — disse um cara loiro e com sorriso bonito.

Eu vestia um top e short jeans. Apenas colocara a camiseta porque queria algo daquele imbecil de merda...

— Se eu fosse você, não faria isso — disse o garoto da porta com a camiseta na mão. Se as pessoas soubessem que eu estava com os MCs, ninguém tocaria em mim, igual ao garoto da portaria, que parecia assustado.

— Vamos, eu aceito. — Peguei em seu braço e fui para o meio do povo com ele, que me levou a uma mesa cercada de garotos mais ou menos da minha idade.

— Gente, eu vinha do banheiro e encontrei essa garota, seu nome é... — Ele parou e olhou de lado para mim. — Qual é o seu nome, linda?

Sorri. Os outros meninos eram bonitos também, e estavam sentados junto a duas meninas.

— Evy.

— Eu sou Jerry. Esses são Matt, David, Sara e Jamile. — Apontou para os dois morenos e a morena de cabelo curto e depois para a loira de cabelo longo.

— Oi. Pode sentar conosco, nós estávamos bebendo. Eu sou maior de idade para beber, acabei de fazer 21. Jamile e Sara têm 19 anos— disse David. Ele tinha o cabelo um pouco mais comprido que o de Matt.

— Você fala demais, David. Para todos os efeitos, também somos maiores de idade, temos

nossas identidades falsas — retrucou Jamile baixinho.

Tentei aparentar que entendia o que eles estavam falando. Por que alguém precisava ser maior de idade para beber? Eu não queria bancar aquela que não sabia de nada, que não sabia beijar, foder, transar, que não sabia o que era a maioria das coisas. Eu sabia de algumas coisas por que Matteo e Mary tinham me ensinado, mas não sabia tudo. Isso me fazia burra? Se eu fosse mais esperta, Dom ficaria comigo? E por que eu estava pensando naquele traste?

— Claro — respondi ao garoto e me sentei perto de Jerry e Sara. Os outros estavam à minha frente.

— Eu nunca vi você por aqui. É nova no bairro? — indagou Matt.

— Sim, me mudei faz poucos dias — respondi sorrindo e olhando ao redor. Foi quando me deparei com Dom vindo em minha direção, mas Nasx segurou seu braço e falou algo em seu ouvido. Depois disso, os dois foram se sentar perto de um lugar com uma parede repleta de bebidas, sem tirarem os olhos de mim.

— Nossa! Eles são tão gatos... — falou Jamile, babando por Dom e Nasx.

— Sim, uns malditos deuses gregos — concordou Sara. — Se eu tivesse uma chance, queria Shadow.

— Homens como eles não pegam crianças como vocês e sim mulheres experientes — informou Matt sorrindo.

— Querido, eu sou expert e faço um boquete como ninguém. Pergunte ao Jerry.

Ele se engasgou com a bebida.

— Droga, Jamile! Isso é coisa para dizer? — repreendeu, mas depois sorriu.

— Para uma mulher ficar experiente, ela tem que fazer mais o quê? — perguntei.

Todos me observaram atentamente.

— Você já transou? Ou é virgem? — sondou Sara.

— Não transei ainda. Eu queria um cara, mas ele disse que não ia ficar comigo porque eu era virgem, porque não sabia foder e nem beijar, já que meu primeiro beijo foi com ele — minha voz saiu com raiva no final.

— Nossa! Esse cara disse isso para uma mulher como você? Ele deve ser cego — falou Matt sorrindo.

— Com certeza — assegurou David. — Eu jamais a dispensaria.

Sorri e evitei prestar atenção aos olhos que sentia sobre mim. Eu não sabia por que Dom se dera ao trabalho de me seguir até ali, mas, já que ele não me queria inexperiente, outro ia querer, e talvez, quando eu fosse experiente, ele me aceitaria.

— Esse desgraçado merece que você fique com um cara gostoso e lindo na frente dele para que veja o que perdeu. Depois você vai para casa com esse gostoso e transa com ele a noite inteira.

— Isso o faria pagar e engolir suas palavras? — indaguei para Jamile, animada com seu plano.

— Sim, e, quando você estiver com esse bofe, abrace ele, então pisque para o outro cara só para esse fodido se dar conta do que perdeu. — Ela sorriu, batendo palmas. — Vamos te ajudar com isso.

Era bom ser normal. Eu não queria pensar naquele cara da cicatriz e no perigo que eu estava correndo com Lorenzo à minha procura, apenas queria desfrutar daquele momento de liberdade. Sorte a minha ter encontrado alguns adolescentes iguais a mim, já que eu era uma criança, como Dom disse...

— Ele vai querer ir para casa e beber todas. — Sorriu Jerry. — Eu faria isso, embora não seria louco de dar um fora em você.

— Mas o que eu faço quando estiver com esse cara? — Eu não queria outro homem, mas, se o único jeito para Dom me querer fosse eu me tornar experiente, então por que não?

— Vem aqui. Vamos ao banheiro, que explico tudo a você — falou Jamile.

— Por que não pode ser aqui mesmo? — perguntei a ela, confusa.

Ela suspirou.

— Eu achei que, sendo virgem, você teria vergonha de falar na frente de homens — comentou, avaliando-me.

— Eu não tenho vergonha. Estou acostumada a falar tudo com meu amigo, então não me importo — falei a verdade. Muitas coisas eu havia perguntado ao Matteo, como sobre primeiro beijo, sobre sexo... Porém, nada do que ele me disse era verdade, porque ele não falou que, ao beijar, eu seria arrebatada. Aconteceu isso quando Dom me beijou.

— Certo. Primeiro, diga que é virgem, porque a primeira vez dói pra cacete, mas, se ele for carinhoso e amoroso, você vai conseguir lidar com isso. Então, depois, quando for transar de novo, você faz um boquete nele — disse Sara.

— Boquete? — já tinha ouvido essa palavra antes.

— Você não sabe o que é isso? — Jerry piscou atônito, e não foi o único.

— Eu não tenho muita experiência, como diz o cretino — rosnei. Achava que já tinha visto isso no clube, era o que Lisa ia fazer em Dom quando eu entrei na sala. — Isso tem a ver com colocar a boca no homem, não é?

— Sim, você coloca a boca no pênis do homem e o chupa igual a um pirulito. Não vai me dizer que você não sabe o que é um pirulito? — seu tom saiu descrente.

— Eu acho que tenho um aqui na bolsa, espera — disse Sara. Percebi que ela não era tão atirada como Jamile, que falava pelos cotovelos.

Sara me entregou uma coisinha redonda e vermelha espetada num caninho de plástico.

— Você coloca na boca e chupa isso. É gostoso. — Ela me entregou. — Experimenta, mas discretamente, OK?

Eu assenti. Coloquei-o na boca e o puxei para fora. Tracei-o com a língua. A coisa era gostosa, doce. Eu conhecia balinhas, porque, quando criança, gostava, mas não me lembrava de ter chupado pirulitos.

— O que está pensando enquanto chupa esse pirulito? — perguntou uma voz divertida perto da mesa.

Levantei a cabeça e vi Nasx e Dom, que estava com seus olhos escuros. Ignorei os dois e continuei com meu pirulito na boca.

— Pensando que esse pirulito seja o pênis de um homem — disse Jamile, sorrindo. — Acredita que um cretino a beijou e teve a audácia de dizer que ela não beija bem e que não vai fazer sexo com ela porque ela não tem experiência?

— Esse cara disse isso? — inquiriu Nasx com as sobrancelhas erguidas.

Dom me fitava com raiva, para não dizer mortalmente.

— Sim, então estamos dando dicas para ela fazer com um homem e ficar experiente na cama. Arrumar um gato, transar a noite inteira e passar com ele na frente desse imbecil — continuou Jamile.

— Esse cara é realmente um idiota ou talvez seja gay — comentou Jerry, sorrindo. — Só pode ser, para dar um fora em você.

Arregalei os olhos, ignorando a gargalhada de Nasx, mas fiquei confusa, porque eu não sabia o que era aquilo.

— Ela provavelmente não sabe o que é isso, como também não sabia o que era um pirulito

— disse Sara. — Gay é um homem que gosta de homens e não de mulheres.

— Então ele não é isso, porque, antes de eu sair, ele me disse que tinha fodido um monte de mulheres experientes e que iria para o quarto foder uma loira — meu som saiu como um rosnado.

— Canalha, desgraçado! Ainda teve a audácia de ficar com outra enquanto você estava lá? — Jamile bateu na mesa com tanta raiva que as bebidas tremeram. — Se eu o visse pessoalmente, o faria comer o próprio pênis. — Ela sorriu para mim. — Eu defendo você.

Sorri com o pirulito na boca.

— Obrigada por me ajudar e dar suas dicas. Agora só falta eu encontrar um homem e pedir para ele me fazer ficar experiente na cama.

— Você não pode fazer isso? Eu sei que ficou com quase todas as mulheres da cidade — Jamile perguntou para Nasx.

Arregalei os olhos para ele.

— Você ficou? Pode me ensinar, então?

— Docinho, eu valorizo minha vida. Se tocar em você, eu estarei morto em dois segundos. — Nasx sorriu.

— Vocês se conhecem? — sondou Jerry, avaliando nós dois e Dom.

— Sim, meu irmão é do clube deles — respondi a verdade, afinal, aqueles garotos estavam sendo tão legais comigo. Esperava ser amiga deles dali em diante.

— Ele é seu irmão? — Jamile apontou o queixo na direção de Dom.

Bufei.

— Não, o meu irmão é o Michael. — Vi a expressão neutra deles. Foi quando me lembrei de que ele não era conhecido por esse nome. — É o Kill.

— Oh, meu Deus! — gritou Jamile e depois abaixou a voz: — Você é irmã dele?

— Sim. Eu sei que ele tem um apelido esquisito, mas ele não mata pessoas. Ele só tem a cara fechada — defendi-o.

— Chega de conversar e vamos embora — rosnou Dom, mortal.

Tirei o pirulito da boca e olhei para ele.

— Não irei a lugar algum com você, aliás, eu não vou voltar mais para o clube.

Ele trincou os dentes e estalou os dedos para Jerry.

— Vaza.

Peguei o braço de Jerry e o mantive no lugar.

— Ele fica. Você que vai embora. Aliás, o que faz aqui? — retruquei. — Pelo que eu ouvi, você deveria estar ocupado demais fodendo a Sandy.

Ele expirou, mas Jamile falou antes dele:

— Não vai me dizer que o filho da puta que te beijou e falou mal do seu beijo é o Shadow?

Eu assenti e voltei para o meu pirulito, lambendo a bola redonda. De repente, meu doce sumiu.

— Puta que pariu! — falou Matt.

— Quer parar de chupar essa merda na frente desses caras? Ou quer que eu os mate por olharem você como se quisessem comê-la? — sibilou Dom.

Os caras na mesa me fitavam com os olhos escurecidos.

— Vocês querem isso? — sondei curiosa.

— Sim, querida! — falou Nasx antes dos outros. — E sem chance de isso acontecer, entende? Seu irmão mata qualquer um que tocá-la.

— Ele não precisa saber disso, não é? Ou você vai dar com a língua nos dentes?

— Menina, não brinca com fogo.

Interrompi Nasx:

— Vocês são uns frouxos por terem medo do Michael — rosnei para ele e depois, num tom calmo, falei para os garotos na mesa: — Vocês aceitam me ajudar a ter experiência?

Dom se curvou, apoiou as mãos na mesa e olhou para cada um ali.

— Porra! Isso não está acontecendo! Agora vão dançar e me deixem ter uma palavrinha com ela. Isso não é um pedido — silvou assim que todos hesitaram. Até Jamile ficou calada devido a sua expressão sombria e mortal.

Eles se levantaram e saíram para dançar, e Nasx ficou ali, parado.

— Você também, Nasx — rosnou.

Ele assentiu e foi para o bar.

— O que foi? — indaguei para Dom, que se sentou ao meu lado.

— Que porra tinha na cabeça para pegar meu carro e sair correndo assim?

— Oh, então você está preocupado com seu carro? Faça bom proveito. Está sem nenhum arranhão. Pegue-o e vá embora — disse, bebericando uma bebida. Quase a cuspi. — Que porcaria é essa?

Ele riu.

— Cerveja — respondeu e depois ficou sério. — Você não pode sair assim, pois ainda está em perigo. Sua cabeça está sendo caçada, esqueceu?

— Eu não me esqueci, mas não vou para o clube para ver você com outras mulheres. — Bebi mais um gole. — Vê-lo com elas e não comigo.

— Eu não posso ficar com você, não entende? — murmurou, mas eu o ouvi, mesmo com a música alta.

— Eu sei. É pela minha falta de experiência — meu tom saiu como um grunhido.

— Experiência com o quê? — inquiriu uma voz ao meu lado.



Capítulo 8

Evelyn

Planos

Olhei para cima e me deparei com um par de olhos negros me encarando. Notei que Nasx já estava perto de dois homens vestidos de preto ao lado de Matteo. Reconheci Samuel.

— Oi — falei e me levantei e já ia até meu amigo para o abraçar, mas Dom pegou meu braço em um aperto firme, mantendo-me no lugar ao seu lado. — Ele não vai me machucar.

— Não conte com isso, Evy — respondeu Dom. Em seguida falou friamente para Matteo, que estava com a testa franzida: — O que veio fazer na minha boate?

— Este lugar é seu? — indaguei. Bom, isso explicava o fato de o garoto da portaria ter reconhecido o carro de Shadow.

Ele suspirou, mas não respondeu.

— Eu precisava conversar com você, Shadow, e soube que estava aqui. Mas olha a surpresa que tive ao ver a Evelyn aqui, neste lugar, quando ela devia estar sendo protegida e na maldita sombra — falou Matteo para Dom, com os dentes trincados.

— Ela pegou meu carro e fugiu, e eu vim atrás dela — ele respondeu do mesmo modo frio.

Matteo franziu a testa para mim.

— Por que fugiu? Eles por acaso a machucaram ou algo assim? Se alguém a tocou, eu vou matá-lo — rosnou dando um passo para Dom, que me puxou para trás de si e encarou Matteo, que estava com duas adagas apontadas. Dom estava com uma arma, e assim, havia armas e adagas apontadas para todos os lados.

Meu coração gelou com medo de os dois serem feridos. Eu não queria isso. Por esse motivo, peguei minhas adagas, não as que aquele cara idiota havia me roubado ao me tirar do porta-malas do carro, mas duas novas com as quais Mary tinha me presenteado. Entrei no meio

de ambos e coloquei as adagas em suas calças, pronta para cortar e os impedir de matarem um ao outro.

Fitei os dois.

— Abaixem as armas, ou eu vou fazer um estrago nesses seus bens preciosos, que, por sua vez, não prestarão nem para fazer filhos — sibilei para os dois, pressionando mais as lâminas em suas calças jeans.

— Abaixem as armas — rosnou Matteo e se afastou da minha lâmina.

— Nasx, você também — disse Dom um pouco mais calmo, aproximando-se mais de mim.

— Ótimo, crianças! Agora nós vamos conversar como gente e não como um bando de animais soltos na mata — comuniquei para os dois, que me fitavam de olhos arregalados.

— Ela tem mais colhões do que um homem — disse, rindo, o cara moreno que tinha me tirado do porta-malas. Luca Salvatore. — Se você for toda essa selvageria na cama, eu adoraria ser o felizardo a ter o privilégio de possuí-la.

Fechei a cara para ele, que mantinha um sorriso sexy.

— Acha que eu faria sexo com alguém como você? Um cretino desgraçado que roubou minhas adagas e ainda me chamou de puta? Prefiro ficar sem experiência.

— Espere... o quê? Luca, você a chamou de puta? — silvou Matteo, sombrio, para o cara, que, por sua vez, não parecia furioso e preocupado. O pior era a fúria de Dom, que estava de punhos cerrados.

— O que queria que eu fizesse? Ela começou a me xingar com essa boca esperta, logo chamaria a atenção. Ou eu dizia isso, ou a calava com um beijo. — Ele sorriu para mim. — Adoraria ter feito isso, mas o meu primo aqui me mataria, não é?

Matteo suspirou e olhou para mim e Dom.

— Não tem um lugar mais reservado onde possamos conversar sem espantar os clientes e chamar atenção?

Nós todos fomos para uma sala grande depois de subir uma escada. O cômodo tinha uma mesa pequena e uma prateleira de livros. Corri para ela e peguei um com o nome: A “armadilha do amor”. *Deve ser bom*, pensei.

— São seus? — questionei para Dominic, impressionada por um cara como ele ter livros.

Ele bufou.

— Não. Eram da Isy — respondeu meio nervoso.

— Quem é Isy? — inquiri curiosa.

— Não importa agora — respondeu vago e olhou para Matteo. — O que tem a dizer?

Suspirei baixinho conferindo o livro. *Ele não quer dizer nada porque talvez seja de uma mulher que ele amava, não é? Será que é por isso que ele é assim, arrogante, prepotente e não quer me ajudar? Talvez ela tenha morrido e então ele ficou assim, com medo de se entregar a alguém de novo.*

— Evy? Você está bem?

Pisquei e vi que todos me fitavam.

— Claro. Eu posso ficar com esse livro? — pedi a Dom. — Ele parece bom.

Ele deu de ombros.

— Sim, é tudo entulho mesmo.

— Ótimo, agora vamos ao que interessa — falou Luca. — Afinal, têm mulheres me esperando no meu clube.

Matteo revirou os olhos ante suas palavras.

— Conversei com todo o meu pessoal, e eles concordaram em ser atingidos também...

— Espere... o quê?

Matteo me fitou.

— Eles vão resgatar as meninas e crianças, mas, ao fazer isso, vão matar os bandidos lá, e eu não posso tirar o meu pessoal, porque isso faria meu pai e meu tio suspeitarem de algo, então decidimos deixar o meu pessoal ser atingido de leve para não levantar suspeitas.

— Mas Zaira aceitou isso? — Estremeci.

— Sim. Eu queria poder fazer alguma coisa, mas não consegui. Se eu fizer algo, eles vão desconfiar, principalmente meu tio, que está de olho em mim.

— O velho fodido do seu pai e o gordo do seu tio só desconfiam de você ou de mais alguém? — perguntei, pensando em algo.

Todos estavam sorrindo, principalmente Nasx e Luca.

— Menina, você e sua boca esperta. Se meu pai souber que você o xinga, mandaria te esfolar viva — disse Luca. — Ele confia em mim. Ninguém desconfia de que eu seja contra o que eles fazem, afinal, sei controlar o que sinto sem reclamar mais do que o Matteo.

— Têm coisas que não dá para aturar e ouvir calado — falou Matteo. — E meu pai não foi tão severo em me ensinar sobre esse mundo como o seu. O meu se tornou cruel depois que Dalila se foi, mas seu pai sempre foi um monstro desde que você era criança.

Senti Luca estremecer com as coisas que Matteo disse, talvez pensando no que seu pai fodido tinha feito consigo. Eu queria perguntar, mas isso não era da minha conta.

— Se ele não desconfia de você, então podemos usar isso. Afastar os bons de lá com uma desculpa, e assim atacamos o lugar e resgatamos as meninas — contei-lhe o meu plano. Podia não saber muita coisa, mas eu não era burra.

— E o que eu digo a ele, coisinha linda? *Olha, eu estou promovendo uma festa e quero alguns do seu pessoal, tio*. — Ele riu, zombeteiro. — Lorenzo não vai ceder, e como teremos garantia de que ele vai mandar as pessoas certas?

Coloquei minha mão no queixo, pensando em um plano. Tantos homens ali, e nenhum usava o seu cérebro. Tinha que sobrar para mim. Sorri.

— Quando você sorri assim, eu tenho até medo de perguntar o que está pensando — disse Matteo com um sorriso. Ele chegou perto de mim e pegou meu cabelo. — O que tem em mente?

Eu ainda sorria.

— Lembra quando me conheceu e eu estava sendo castigada? — perguntei-lhe.

Seus olhos ficaram escuros com a lembrança.

— Eu soube que você mandou metade dos homens ao hospital porque deu purgante a eles. — Ele riu e me puxou para os seus braços, ou quase, porque de repente Dom me levou para longe dele.

— Sem tocá-la — rosnou e depois ergueu as sobrancelhas para mim. — Você é realmente louca. Sabe o que esses homens poderiam ter feito com você?

— Não sei por que você se preocupa. Só está me protegendo porque meu irmão pediu — grunhi.

Ele expirou.

— O que pensa em fazer? Dar purgante a todos de novo? Aliás, onde conseguiu isso, já que era prisioneira? — seu tom saiu duro, mas uma coisa não me passou despercebida; ele não negou que só estava me protegendo porque meu irmão pediu.

— Eu vou responder porque não quero passar a noite olhando para essa sua cara, seu estúpido! — rosnei, apertando o livro para não o jogar na cara dele.

Luca assoviou.

— Bom, achei que ela tivesse cismado apenas com a minha cara, mas vejo que não. — Ele riu de Dom, que estava furioso. Porém, toda hora esse homem estava furioso. Devia fazer ioga; eu li num livro que isso ajudava. — Bem-vindo ao clube, cara.

— Seu plano tosco sugere que coloquemos purgante novamente na bebida dos caras? Como faremos para eles tomarem, já que com certeza estão espertos depois da sua estupidez ao ter feito algo assim?

Eu estava me controlando com aquele cara, mas estava difícil, ainda mais com meu gênio, que não deixava nada barato. Aproveitei sua distração e chutei com toda força sua canela. Ele chegou a rugir.

— Isso, seu imbecil, foi por sua arrogância e prepotência. E se eu fiz o que fiz, não é da sua maldita conta — sibilei, fuzilando-o com o olhar. — Para sua informação, eu peguei o remédio com Pablo, o guarda que queria ficar comigo. Falei que, se ele me desse o que pedi, eu o beijaria. Pablo não era como os outros, ele só dava em cima de mim, não tentava me pegar à força. E sim, eu fiz isso para ir para o castigo, porque precisava, mas Pablo não sabia o motivo para o purgante. — Meu tom saiu triste: — Mas ele foi embora antes de eu cumprir o que prometi.

— Então você ia cumprir a promessa de beijá-lo? — perguntou Matteo descrente.

— Sim, e, se um dia eu o vir, vou cumprir a promessa de beijá-lo — sussurrei.

— Isso não vai acontecer — rosnou Dom.

Sua expressão parecia como as daqueles bois bravos que eu via na TV, mas ali estava pior. Ainda assim, não tive medo dele.

— Isso não é da sua conta, afinal, você não está só me protegendo? Não interessa quem eu beijo, com quem fodo, trepo e transo! — falei furiosa para ele.

Ele beliscou o nariz e expirou como se estivesse se controlando. E ficou lá com seus olhos fechados. Eu o ignorei.

Nasx, Luca e até Matteo estavam sorrindo.

— Menina, essa sua boca vai acabar te metendo em encrenca, viu? — Nasx disse.

— Onde aprendeu tudo isso, já que não tem nem uma semana que está aqui fora? — sondou Matteo.

— Os homens no clube falam muito nisso, além de Mary, mulher de Hush. Ela me ensinou muita coisa. Eu quero ficar experiente em tudo, principalmente em sexo e beijos — falei. Talvez, depois que eu ficasse com outra pessoa, não quisesse mais o toque de Dom. Sempre que ele me tocava, meu corpo vibrava de uma maneira boa e poderosa, fazendo-me quase chegar a implorar pelo seu toque. Isso era normal?

— Com tanto homem que tem naquele MC, você ainda não teve essa experiência? — retrucou Luca, sorrindo.

— Todos têm medo do meu irmão. Ele disse que sou intocável — sussurrei. — Preciso achar um cara que não tenha medo de morrer com as ameaças de Michael e que não seja um frouxo igual ao Benito...

— Quem porra é Benito? — rugiu Matteo. — E você sabe que pode ter a mim, não é?

— Benito é um cara de um livro. Mas você tem sentimentos por mim, não é estranho? — comentei antes, porque Dom já ia abrir a boca. — Também, depois que tudo acabar e você derrotar seu pai e tomar o lugar dele, Zaira disse que vai precisar se casar com alguém do seu mundo e não comigo, já que não faço parte dele.

— Isso realmente não é justo, mas deve haver alguma coisa que eu possa fazer, mudar a lei ou algo assim...

Seu primo o cortou:

— Sabe que isso é impossível, primo. Mesmo se você for o *capo*, jamais poderá mudar essa lei.

Suspirei, fui até Matteo e o abracei. Se eu não podia fazer nada por ele, pelo menos podia abraçá-lo.

— Tudo bem, Matt, eu também queria ficar com alguém que fizesse o meu coração bater mais forte e que fizesse coisas em meu corpo que nunca senti...

— Então por que quer buscar experiência? — Ele se afastou para me olhar. — Espere até encontrar esse cara certo. Se lembra de quando pensava em estudar quando saísse daquele inferno? Talvez você encontre alguém da sua idade.

Eu falava mesmo em estudar. Lembrava-me vagamente da escola quando criança e gostava de ir para ela. Todavia, antes era só um sonho; agora, poderia ser realidade. Existia o desejo em meu íntimo de conhecer vários lugares lindos. Praias, sentir o cheiro salgado do mar, as areias em meus pés e nadar com os golfinhos. Assisti a vídeos sobre eles. Eram tão lindos. E eu iria fazer tudo isso logo, assim que pudesse ser verdadeiramente livre.

— Pode ser, mas quero sentir o que senti quando ele me tocou e me beijou...

Matteo me cortou arfando alto.

— Quem tocou em você e a beijou? — seu tom era frio, e olhou para Nasx e Dom. — Deixaram alguém tocá-la? Como aquele desgraçado do Kill deixou isso acontecer?

— Eu quis o beijo e seu toque, mas ele disse que não podia ficar comigo, porque não sei beijar e por eu não ter experiência — murmurei. — Não posso dizer quem é, mas quero sentir de novo aquilo quando ele me tocou.

— Evelyn...

Não queria magoar Matteo então mudei de assunto para o plano.

— Voltando ao plano, Zaira pode dar um banquete a todos os homens. Então os seus caras, Matteo, comem algo batizado com o laxante. Para que não vá só gente sua, então alguns dos capangas de Lorenzo devem comer também. Provavelmente vão pensar que comeram algo estragado. Ela pode pegar um rótulo de massa de bolo vencida e dizer que não olhou as embalagens, assim não traz problemas para ela, já que também irá para o hospital. — Encarei a todos ali. — O que acham? Dor de barriga não é bom, mas é melhor do que ser atingido e ferido.

Nasx sorriu.

— Brilhante, menina, sua mente é suja. — Sacudiu a cabeça. — Quero continuar seu amigo.

Matteo e Dom combinaram de dar o remédio que levaria o pessoal da confiança de Matteo para o hospital, e deixariam somente os malvados de Lorenzo para serem atacados. Então poderiam acabar com todos. Contudo, o purgante seria dado para alguns homens de Lorenzo também, para que esses poucos não morressem. Assim não causaria desconfiança quando somente homens do *capo* perecessem na invasão.

— Você não vai conosco — disse Dom, como se eu não tivesse escolha.

— É claro que vou. Já que não vai ter ninguém de Matteo lá, eu sou a única a conhecer todo o lugar. Têm corredores que parecem labirintos, e é difícil de chegar a...

— Como sabe, se você nunca saiu da sua ala sozinha, foi somente aonde eu a levei? — questionou Matteo.

Pelo menos, a dor sumiu de seu rosto quando paramos de falar sobre com quem eu ficaria. Eu esperava que ele me esquecesse algum dia.

— Eu fui criada lá dentro, se esqueceu? Fugia pelo tubo de ar no teto e ia para todos os quartos e corredores. Teve uma época em que alguns pensaram até que eu era uma sombração. — Sorri. — Eu conheço tudo dentro das casas e posso ser o guia de vocês. Além disso, também

vou estar com Michael e não correrei perigo algum.

— Maldição! Se eles a pegarem lá, eu não sei do que sou capaz de fazer — falou Matteo em tom mortal.

— Não vão! Eu prometo, OK? Eu sou a única que conhece o lugar, para que eles não fiquem cegos.

Matteo não queria permitir, mas, de tanto eu insistir, ele acabou cedendo, mas primeiro falaria com Michael.

— Posso conversar com vocês dois lá fora? — pediu Matteo a Nasx e Dominic. Eles assentiram e saíram porta afora.

Fui olhar os livros. Estavam todos cheios de poeira e precisavam que alguém os arrumasse. Assim que eu pudesse sair livre por aí, eu viria arrumar tudo. Não via a hora de ser livre como um pássaro para poder fazer tudo que tinha sonhado enquanto era prisioneira. Eu ansiava por conhecer Paris. Matteo havia me mostrado uma vez um filme em que aparecia a famosa Torre Eiffel. O lugar era magnífico, e havia outros lugares que eu também sonhava em conhecer.

Achei um livro com o título *Como fazer sexo*. Sorri animada, porque ali poderia ter algo que me ajudasse. Abri a primeira página, e tinha a foto de uma mulher amarrada na cama, com os olhos vendados, e um homem sobre ela. Também havia várias figuras diferentes com as mesmas personagens. Comecei a ler:

Sentia minhas mãos amarradas na cama, seu calor sobre mim, seu cheiro rico e másculo que me fazia remexer na cama. Seus dedos tocando meu clitóris me faziam gritar clamando para ele se apossar...

— É isso! — gritei alto, não me importando que alguém ouvisse.

— Posso saber o que te deixou toda animada? Porque, ao que parece, o que vamos fazer não é algo divertido, e sim preocupante — disse Dom entrando na sala.

Olhei para ele e lhe mostrei a foto do livro.

— Olha a foto dessa mulher que está presa. Ela sente o mesmo que eu senti quando você me tocou.

— Claro que sim. Isso se chama desejo, toda mulher o sente com o seu parceiro.

— Então somos parceiros, porque eu senti isso quando você me tocou. — Olhei novamente para o livro.

— Você acaba comigo, sabia? — rosnou chegando perto de mim e me prendendo na parede. — Não sabe o quanto me segurei para não matar alguém hoje por você. Tudo porque queriam tocá-la.

Prendi a respiração ao sentir meu corpo pegando fogo igual havia sentido antes, e ele mal me tocava.

— Você não quer me tocar por eu não ter experiência, por isso eu vou ficar com um... — ele me interrompeu me beijando, ou melhor, devorando minha boca.

— Maldição! Chefe, você sabe no que está se metendo? — perguntou Nasx em algum lugar.

Foi então que Dom se afastou de mim meio ofegante. Eu pensei que ele ia sair correndo igual tinha feito da outra vez em que me beijara. Porém, ficou perto de mim e me deu mais um selinho.

— Não sei, mas não posso deixar alguém tocá-la, porque eu seria capaz de matar qualquer um — respondeu baixinho a Nasx, que estava perto da porta.

Eu sorri.

— Então vai me ensinar a fazer tudo? Ou vai ficar com outra mulher como fez hoje? — sondei ainda sem fôlego e não querendo pensar nele com ninguém.

Notei que Nasx saiu, deixando-nos a sós, mas não me importei. Dom tocou meu rosto.

— Eu não fiquei com ninguém desde que você apareceu e não vou ficar, tudo bem? Eu só disse aquilo para que você se afastasse de mim.

— Jura que não vai tocar em mais nenhuma mulher, só em mim? — sussurrei, fitando seus olhos verdes e lindos.

— Juro. — Ele beijou minha testa e se afastou. — Mas vamos manter isso em segredo do seu irmão por enquanto, até tudo se resolver com os Salvatores e Ramires, OK?

Sorri e bati palmas.

— Ótimo! — gritei animada e peguei os dois livros, o de romance e o outro, que ensinava a fazer sexo. — Podemos fazer essa cena? Parece boa.

— Oh, ela é, mas agora vamos voltar, pois já estamos longe tempo o suficiente.

— Posso me despedir dos meus colegas lá embaixo? Eles são legais.

— Contanto que nenhum deles queira arrumar homem para você... principalmente aquela garota sem “papas na língua” — ele fechou a cara ao dizer isso.

— Se vai me tocar, eu não preciso de nenhum outro homem — falei, saindo com ele da sala.

— Ora, o casal finalmente saiu — repreendeu Nasx olhando para Dom. — Espero que isso seja algo sério, porque, se machucá-la, não é só com Kill que terá que acertar as contas. Sabe disso, não é?

— Por que ele iria me machucar? Você bate em mulheres? — Olhei para Dom, que fez uma careta e fuzilou Nasx com o olhar.

— Não, querida, o que quero dizer é... Lembra do que eu fiz com a Sandy quando você chegou ao clube? — Nasx continuou assim que eu assenti: — Então, agora pense em Shadow

fazendo o mesmo com outras mulheres. O que sente?

A dor foi tão forte que passei a mão onde doía, em meu coração. Dom parecia triste. Eu já tinha ouvido falar em amor, mas o sentir era bem diferente dos livros.

— Por que dói pensar em você com outra pessoa? — sussurrei, encolhida.

Ele chegou até mim e sussurrou em meu ouvido:

— Eu prometi que seria só você e vai ser assim.

Assenti, aliviada.

— Ótimo! Agora vamos embora, porque as mulheres me esperam — disse Nasx.

Fui me despedir das garotas e dos meninos que conheci.

— Mulher, você entrou naquela sala lá em cima com quatro bofes lindos. Por favor, me diz que ao menos tirou uma casquinha daquele moreno com sorriso sexy! — falou Jamile assim que cheguei à sua mesa. Entretanto, senti algo em sua voz que não entendi; a menina era difícil de ler. — Matteo Salvatore, o sonho de toda mulher.

— Isso não aconteceu e nem vai, então pare de dizer para ela arrumar um cara e foder por aí, porque isso não vai acontecer — rosnou Dom ao meu lado.

Todos arregalaram os olhos, mas falei, antes de eles fazerem um monte de perguntas:

— Eu preciso ir embora agora, mas gostei de conversar com vocês. — E era verdade.

— Aqui está meu telefone. Qualquer coisa que precisar de mim, me chama. — Jamile me deu um papel com números. — Por favor, me diz que tem um celular.

— Não tenho, mas vou conseguir um — prometi.



Capítulo 9

Evelyn

Noite Mágica

Chegamos a uma casa grande com varanda ao seu redor, mas estava escura.

— De quem é a casa? — inquiri. Ela não ficava muito longe do clube.

— Minha — respondeu Dom e saiu do carro. Eu o imitei e fiquei ao seu lado.

Nasx tinha ido para o clube farrear com as mulheres, enquanto eu e Dom vínhamos para casa. Eu sabia que íamos ficar sozinhos, mas não imaginava que seria em seu lar. Adorei!

Ele entrou e acendeu a luz da sala, que, por sua vez, era bem espaçosa e aconchegante, com dois sofás e uma mesinha de centro, separada da sala de jantar por um balcão em L.

— É bonita, mas, se tem uma casa, por que fica no clube? Até um quarto você tem lá... — Coloquei meus livros na mesinha perto do sofá.

— Porque aqui é solitário, então venho só quando quero ficar sozinho.

— Então você quer que eu... vá embora? — minha voz falhou no final.

— O quê? Não! Eu vim aqui para ficar sozinho com você. — Ele veio até mim e me beijou.

Joguei braços e pernas à sua volta e senti que estávamos nos movendo, mas não me importei para onde iríamos; eu só queria aquele homem. Ele subiu a escada comigo nos braços e entrou em um quarto branco. A cama era grande, estava prendendo a minha atenção.

Sorri para ele.

— Vai me amarrar na cama?

Ele beijou a ponta do meu nariz.

— Hoje não...

— Por que não? É uma posição boa — reclamei me remexendo nos seus braços. O meu centro roçava em sua calça jeans, já volumosa apenas devido ao meu toque.

Ele gemeu.

— Porque quem é virgem não pode fazer uma posição daquela. Aquilo é para foder com força — respondeu com a voz rouca.

Eu toquei seu rosto lindo.

— Por favor, vamos fazer sexo.

— Sim, mas hoje iremos fazer amor. — Ele riu. — Eu nunca na minha vida pensei que fosse fazer isso.

— Sei que dói na primeira vez, é isso que deseja evitar? — Não que eu me importasse naquele instante, só desejava aquele homem mais que tudo.

Ele sorriu com seus dentes brancos, dando mais beleza à sua pele bronzeada e olhos verde-esmeralda.

— Sim — respondeu me colocando no chão e se ajoelhou à minha frente. — Agora fique parada, OK?

Eu assenti, porque queria fazer tudo o que ele desejasse; assim ele me beijaria mais e me daria o que eu tanto queria.

— Sim... — Minha pele tremeu quando senti seus dedos nela. Ele abaixou meu short jeans, beijando sobre minha calcinha branca, de renda na frente. Senti sua língua ali. Gemi e chutei meu short para longe. — Isso é bom... — Olhei para baixo e me deparei com seus olhos me observando e com um meio sorriso sexy. *Nossa! Esse homem é tão lindo!*, pensei.

— Que bom que gostou, linda — sussurrou com sua voz rouca. Tirou minha calcinha e

triscou os dedos no meu centro, bem onde pulsava. Eu quis mais do seu toque. — Quer minha boca nessa boceta linda?

Arregalei os olhos.

— Homens colocam a boca na mulher como elas colocam a sua no pênis do homem? É como um pirulito também?

Ele riu deliciado e beijou minha vagina, fazendo-me gemer. A sua boca era boa tanto me beijando como na minha intimidade.

Ele se levantou e tirou meu top e meu sutiã.

— Sim, colocamos a boca na mulher também, mas não chupamos como pirulito. — Ele piscou para mim. — Nós lambemos. Já tomou sorvete?

— Sim, Mary me deu um hoje cedo. Aquilo é gostoso... — sussurrei.

— Lamber também é. Assim, agora eu vou lamber sua boceta, que com certeza está molhada.

— Sim, ela está muito molhada, mas antes... — respondi, pegando sua jaqueta — vamos tirar suas roupas e ver o que há por baixo.

— Você me quer nu? Não sabe o que eu tenho por debaixo das minhas roupas? — Beijou meu nariz num gesto carinhoso. — Fico feliz que não tenha visto outras pessoas nuas.

— Eu vi em filmes, mas não mostra tudo, e nos livros só falam. Entretanto, naquele livro que deixei na sala, mostrava as imagens, mas ver pessoalmente é melhor. — Tirei seu colete, sua camiseta e vi suas tatuagens coloridas. A cobra em seu braço e dois revólveres na barriga apontados para dentro, com o nome “MC” em um cabo de uma das armas e, no da outra, “Fênix”.

Tracei os dedos em seu abdômen forte, quatro gominhos definidos de músculos. Ele

estremeceu, mas não disse nada, apenas me deixou desfrutar do seu corpo delicioso. A minha vontade era de mordê-lo inteiro.

— Está gostando do que está vendo? — sondou com a voz rouca.

— Sim, muito! Nossa! Seu corpo é tão lindo — disse traçando meus dedos nas armas e em algumas cicatrizes, uma de faca. — Por que as armas tatuadas? Por que Fênix? Eu soube que elas renascem das cinzas.

— Obrigado. — Ele sorriu e depois ficou sério. — As armas são porque eu as uso e gosto, então as tatuei no meu corpo. E sobre a Fênix... Bem, Curt – presidente do MC de Nova York – diz que, quando morremos, renascemos. Bem que eu queria isso, talvez assim nascesse uma pessoa melhor.

— Eu soube que você não se acha bom, mas você é, Dom, nunca pense o contrário... Pode ser grosso, arrogante, prepotente e um tanto frio às vezes, mas você tem bondade.

— Nossa! Eu sou tudo isso? — Sorriu assim que assenti. — Dom... faz tempo que não ouço alguém me chamar assim. — Ele me olhou. — De agora em diante, pode me chamar assim? É como ser normal de novo.

— Você é normal — falei, indo até suas costas para ver o pássaro colorido ocupando toda a sua extensão. Uma fênix brilhante. E, no meio dela, estava escrito “MC Fênix”. Uma tatuagem impressionante. Eu a beijei. — Linda!

— Você que é linda. Sua inocência grita para mim... Eu sou um bastardo fodido que não consegue resistir a você — falou com a voz sexy e rouca, um tanto triste no final: — Eu não sou bom, Evy, está em meu sangue machucar as pessoas. E se eu acabar machucando você?

Voltei para frente dele e toquei seu rosto.

— Não vai me machucar, já que prometeu que não vai ficar com outras mulheres, apenas comigo. E ainda vai me ensinar muitas coisas na cama, não é? — Beijei seus lábios de leve e

sorri quando ele assentiu.

— E vou cumprir a minha promessa.

Eu me ajoelhei à sua frente, segurei sua calça e abri o zíper, vendo e adorando o V perfeito no início de seu abdômen. Abaixei sua calça junto à cueca preta. Ele as chutou para longe, então o vi duro como rocha próximo ao meu rosto. Olhei para cima.

— Ele está duro — sussurrei ofegante e passei os dedos no seu comprimento e na cabeça inchada. — O que é isso? — Rocei a substância gosmenta que surgia na ponta.

— Pré-sêmen. Isso sai quando um homem está com um baita tesão, ao ponto de parecer que seu pau vai rachar se ele não o enfiar em uma boceta. Na sua, na verdade.

Coloquei o dedo na boca e senti que ele era um pouco salgado, diferente de tudo o que eu já tinha provado, mas gostei. Peguei mais da substância e a coloquei na boca.

— É bom... — Então coloquei minha língua em cima de onde saía o pré-sêmen e fiz o teste, igual quando tinha chupado o pirulito. Gemi, porque, ao fazer isso, também senti vontade de que ele me tocasse entre as pernas, pois estava latejando.

Suas mãos foram parar nos meus cabelos e os prenderam, mantendo minha cabeça ali.

— Não deixe com que seus dentes toquem nele, tudo bem? Só a língua... isso...

Ele gemeu quando fiz o que mandou e enfiei o mais fundo que pude, mas minha boca não era tão grande assim, então o levei até a metade. Eu segurava em seus quadris e balançava minha cabeça para cima e para baixo, movimentando enquanto o chupava mais forte.

— Porra! A sua boca é o meu maldito céu, mas, por mais que eu adore sua boquinha linda em mim, eu prefiro gozar dentro de você hoje — revelou e me tirou dele, depois beijou minha boca. De repente, eu estava deitada na cama, e ele em cima de mim, sem parar de me beijar.

— A minha vagina está queimando querendo o seu toque — falei meio ofegante.

Ele tirou a boca da minha, foi para o meu pescoço e mordiscou minha orelha, fazendo-me gemer mais.

— Eu vou cuidar dessa sua boceta gostosa, querida, vou fazer você gritar muito hoje enquanto chupo seu clitóris — avisou descendo a boca e abocanhou meu seio direito. Então gritei, porque meu corpo se apossou de um desejo nunca sentido por ninguém na minha vida e por nunca ter sido tocada assim. Eu estava amando sentir tudo isso, sua boca em meus seios e na minha barriga.

— Vai me lamber igual chupei você? — Abri as pernas em um convite.

Ele riu na minha barriga. O som me fez remexer na cama igual uma lagarta na areia quente.

— Eu adoro você desse jeito, o modo que fala e pede o que quer sem corar.

— Por que eu iria corar se eu quero o que estou pedindo? — Franzi a testa. — Quero sua boca em mim e ver se é tão bom quanto ter chupado você.

— Querida, eu vou colocar a boca em você, e vai ser de outro mundo. — Então ele abriu mais as minhas pernas e abocanhou meu centro.

Acreditei que tivesse sido abduzida para outro lugar, outro planeta, talvez. Eu nunca tinha sentido nada como aquilo. Era maravilhoso enquanto ele me lambia e chupava meu clitóris com fome e desejo. Um tremendo prazer me dominou.

Minhas mãos foram parar em seus cabelos, apertando-os e querendo mais dele em mim, dentro de mim e que me realizasse, porque eu estava na borda. Qualquer empurrão, e eu me desmancharia. E foi o que aconteceu. Com mais um toque de língua no meu clitóris, eu gozei gritando o nome de Dom.

— Foi arrebatada? — brincou, pairando em cima de mim e beijando meus lábios.

Eu estava mole e esparramada na cama e fitei seus olhos lindos, que já adorava admirar.

Sorri.

— Nossa! Isso é bom demais! — exclamei abraçando seu pescoço. — Pode fazer todo dia?

— Eu faço a hora que você quiser, minha linda. Agora você tem certeza de que está pronta para se entregar a mim? — perguntou beijando meus lábios. — Se não estiver agora, vamos esperar até estar preparada.

— Pronta? Querido, eu já nasci pronta, e não há nada que eu queira mais do que ter o que senti quando me tocou com os dedos, embora com essa boca expert tenha sido maravilhoso também. Então, sim, eu tenho certeza disso. — Abri mais minhas pernas em um convite.

— Eu vou com cuidado, tudo bem? Eu nunca fiquei com uma virgem, mas dizem que a primeira vez dói. — Ele se esticou sobre mim e pegou algo na gaveta perto da cama.

— O que é isso? — questionei vendo-o rasgar um pacotinho de plástico com os dentes. Mary não tinha me falado sobre isso...

— Camisinha. Isso impede as doenças...

— Você tem doenças? — Arregalei meus olhos, pois ele parecia tão sadio.

Ele riu sacudindo a cabeça, os cabelos balançando, tão lindo que eu só podia ficar olhando.

— Não, minha linda, mas isso impede de pegarmos doenças através do sexo e evita de a mulher engravidar. Não podemos ter filhos agora — falou, colocando a camisinha, que parecia um balão em seu pênis duro.

— Você não quer ter filhos? — sondei curiosa.

Ele suspirou e me fitou com os olhos tristes.

— O problema não é esse. Você tem 19 anos ainda e foi privada de muitas coisas na sua vida, inclusive do que vamos fazer agora. Pode acontecer que, mais para frente, você venha a querer coisas novas, como estudar, fazer faculdade e até outra pessoa. — Ele suspirou. — Eu não

vou ser contra...

— Espere... o quê? Você vai me deixar ficar com outra pessoa e não sentir ou fazer nada? — minha voz soou alta no quarto, embora não tivesse ninguém ali além de nós.

— Evy, se você quiser outra pessoa da sua idade, eu não vou ser contra, mas não quer dizer que eu não vá sentir nada, porque só de pensar nessa hipótese me dá vontade de matar qualquer um que a tocar.

Eu ri, e seu olhar pairou em meus lábios.

— Você está rindo de mim? — seu tom saiu como um grunhido, um tanto mortal.

— Estou, porque eu não quero mais ninguém, só você. Tanto que, quando pensava em ficar com outro para ter experiência, eu pensava nisso só para ficar com você, ansiando seu toque de novo. — Beijei sua cara fechada e coloquei meus lábios em seu ouvido. — É só você que eu quero.

— Fico feliz em ouvir isso. Eu jamais deixaria alguém tocá-la.

— Eu também não queria ou quero ser tocada por nenhum outro homem, só você.

Dom gemeu e se posicionou. Senti-o na minha entrada quando empurrou um pouco e beijou minha boca, acariciando meu rosto com as pontas dos dedos, tão macios como seda. Mal senti a penetração intrusa de seu pênis grosso e delicioso. Tudo nesse homem era fabuloso.

— Eu vou devagar, OK? — sussurrou com dificuldade de respirar.

Assenti sem nunca tirar os olhos dos dele, tão belos e perfeitos.

— Vai de uma vez, pois será melhor. — Eu não sabia por que, mas já confiava nele.

Ele afastou o rosto, avaliando-me para saber se era isso mesmo que eu queria.

— Tem certeza? — indagou alisando meus cabelos e meu rosto com as pontas dos dedos. — Queria que tivesse um jeito de você não sentir dor.

— Não se preocupe comigo, você está indo bem. Apenas vai de uma vez — pedi a ele. Doía, sim, mas nada tiraria o prazer de senti-lo dentro de mim.

Ele devorou minha boca como se eu fosse seu oásis e ele não bebesse água havia dias, mas adorei tanto que quase não senti quando ele entrou todo em mim e parou, deixando-me acostumar-me com ele. Porém, não parou de me beijar e esquadrinhar meu corpo com as suas mãos, que pareciam chamas por onde passavam. Eu as sentia como labaredas e logo estava torcendo para ele se mexer dentro de mim.

Abri mais minhas pernas e as coloquei a sua volta, fechando-as em sua bunda. Esperei que ele se movesse, mas ele não fez nenhuma menção quanto a isso.

— Dom, eu estou bem agora, então mova essa bunda linda e me faça gritar de prazer igual Nasx fez com a Sandy.

Com isso, ele deu uma risada gostosa no meu pescoço e me olhou.

— Acha a minha bunda bonita? Querida, a sua que é linda, e, já que insiste que eu me mova, então eu vou cumprir o seu desejo. — Ele entrelaçou suas mãos fortes nas minhas enquanto se movia dentro de mim e voltou a me beijar.

Soltei suas mãos e coloquei minhas palmas em suas costas, acariciando sua pele. Senti-o estremecer, mas ele não reclamou. Pensei que minhas unhas o haviam arranhado, então tentei me controlar, embora o desejo fosse demais por aquele homem, que estava me deixando excitada e mole ao mesmo tempo.

Acredito que gritei – e não foi pouco – enquanto ele bombeava seu pênis em mim. Embora sua boca cobrisse ao máximo os meus gritos, isso não era necessário, porque o clube não era tão perto, não dava para ouvir nada. Apertei minhas pernas a sua volta, fazendo-o entrar mais fundo.

Dom deu mais duas estocadas e então gozou chamando meu nome contra meus lábios, assim como eu, que vi milhares de estrelas. Tão bom e maravilhoso sentir algo assim,

desmanchar-me em suas mãos, nos seus braços.

Ele me beijou por mais alguns segundos, ainda dentro de mim, tão carinhoso e romântico como eu sempre sonhei sentir na minha vida.

— Quer tomar um banho comigo ou vamos deixar para amanhã? Porque já está tarde. — Beijou-me um pouco mais e saiu de mim, fazendo-me estremecer. — Desculpe.

Com ele, nunca era o suficiente. Suspirei.

— Está tudo bem. — Sentei-me na cama. — Acho que vou precisar de um banho.

— Então vamos. — Ele me pegou nos braços como se eu fosse um bebê e me levou ao banheiro, que era grande e com uma banheira branca. Colocou-me no chão e ligou o chuveiro.

— Se eu não estivesse tão cansada e com sono, ficaria horas nessa banheira apreciando o banho — falei dando um bocejo. — Mas estou morta e, se fizer isso, vou acabar morrendo afogada ao dormir na água.

Ele pegou a bucha e passou a esfregar o meu corpo.

— Eu não deixaria isso acontecer, vigiaria você — prometeu sorrindo. — Tem amanhã o dia todo para ficar nela se você quiser — sussurrou, virando-me e escorando minhas costas no seu peito. Senti seus dedos no meio das minhas pernas.

— E-estou contando com isso — minha voz falhou. Gemi, abrindo mais as pernas.

— Quero vê-la gozar de novo agora em meus dedos — falou rouco, beliscando meu clitóris.

— Isso é tão bom, Dom... — murmurei enquanto ele acelerava mais os movimentos em mim. Eu escorava minha cabeça em seu peito, ainda gemendo.

Ele beijava e lambia minha orelha e pescoço. Um arrepio atravessou todo o meu corpo como um raio, mas de um jeito bom e poderoso.

— Eu só não deixo você marcada porque Kill descobriria e teríamos problemas — sussurrou, apertando meu clitóris, então explodi com um grito – *Dom!* — Isso, querida! Grite o meu nome, o único nome que vai gritar nessa vida!

— Sim, o único nome que quero dizer também! — falei olhando em seus olhos preciosos, que me deixavam bêbada por ele. Meu coração estava quente e feliz por estar com ele e termos feito tudo o que havíamos feito. Isso era amor? Eu já o amava assim, em tão pouco tempo? Fosse o que fosse, eu não queria que acabasse nunca. — Agora só falta realizar alguns desejos que tanto anseio.

— Quais são? — sondou com a voz rouca.

Fitei-o sorrindo.

— Conhecer o mar e nadar com os golfinhos. Estudar e conhecer Paris. Lá parece ser tão lindo, vibrante. E quero fazer tudo isso com você assim que acabarmos com aqueles imundos desprezíveis. — Beijei seus lábios.

— Quero poder realizar seus desejos. E vou amar ir com você.

Depois do banho, ele me levou de volta para o quarto e falou algo sobre os lençóis sujos, mas eu já estava apagada em seus braços, ou quase, porque, antes de dormir, ouvi sua voz linda, que também parecia triste. Senti lábios nos meus e no meu rosto, e dedos esquadrinhando-o.

— Eu queria que o que tivemos hoje durasse para sempre, mas não acredito em milagres. Quando eu contar o que já fiz, você irá desaparecer da minha vida, e eu vou perdê-la antes mesmo de tê-la — sua voz era um sussurro dolorido. — É assim que acontece com todos que se aproximam de mim.

Eu queria lhe dizer que isso não iria acontecer, porque eu não me importava com o que ele era ou tinha sido. Também lhe agradeceria pela nossa noite mágica, mas a escuridão foi mais forte.



Capítulo 10

Evelyn

Atacados

Acordei cedo, revirando-me na cama e caçando o corpo em cujos braços eu tinha passado a noite. Eu nem acreditava que tinha ficado com ele, com o homem que eu achava arrogante, mulherengo e grosseiro. Entretanto, Dom tinha seu lado carinhoso. Ele tinha sido todo amoroso comigo, como eu sonhava. Seu toque suave, seus beijos e carícias... só de pensar nisso, eu o quis de novo.

Sentei-me na cama e olhei ao redor à sua procura, mas não o vi. Também notei que eu não estava no quarto em que ficara na noite anterior com Dom, e sim em um parecido, mas com menos móveis. Por que eu estava ali e não no outro cômodo? Ele só queria ficar comigo e não que dormíssemos juntos? Eu havia sentido seu corpo perto do meu durante a noite. Ou será que tinha sonhado?

Eu vestia a mesma camiseta do Dom na qual estava escrito “Propriedade de Shadow”, aquela que o garoto tinha devolvido na noite anterior ainda na boate. No entanto, eu não queria ser isso, e sim sua namorada ou até me casar com ele. *Calma, Evelyn! Está sonhando alto demais*, pensei. Saí do quarto e fui aonde tínhamos ficado juntos. Ele também não estava lá, embora os lençóis sujos com o sangue da minha virgindade tivessem sido trocados.

Desci a escada para o andar debaixo chamando por ele. Eu ainda estava com sono, então alisei meu rosto para acordar enquanto chegava à sala.

— Shadow! Quanto tempo, querido! — disse uma voz de mulher à minha frente.

Olhei bem a tempo de ver uma morena abraçada a ele, mas me controlei e não fiz escândalo, afinal, isso entregaria o que tínhamos feito durante a noite, porque eu também notei que os dois não estavam sozinhos ali; o lugar estava lotado de homens. Contudo, pouco me incomodei, pois somente Dom me importava, e ele estava abraçado a outra. Meu coração doeu

com isso.

— Eu achava que as mulheres ficavam feias quando acordavam, mas vejo que me enganei, pelo menos com essa — disse um homem moreno me olhando dos pés à cabeça. — Essa mulher é a porra de uma gostosa. Será que eu teria chance?

Dom se afastou da mulher assim que soube que eu estava ali. Isso me fez perguntar a mim mesma: se eu não estivesse ali, ele a beijaria ou faria algo mais?

Seus olhos ficaram escuros ao avaliar meu corpo. Detectei raiva. *Ele abraça outra e ainda fica com raiva?*, pensei com amargura.

— Maldição, Evy! Cadê suas roupas? — rosnou Michael e estreitou os olhos. — E agora você está chamando o Shadow por Dom?

Levantei as sobrancelhas para ele.

— Esse é o nome dele, não é? Assim como o seu é Michael. Eu ainda não sei o de Hush, o de Nasx e o de Daemon. — Olhei para os dois últimos, que estavam comendo pão sentados no sofá da sala. As pessoas estavam espalhadas por lá e pela sala de jantar, algumas estavam sentadas ao balcão que dividia os dois ambientes.

— Para saber o meu nome, você teria que dividir a minha cama. — Nasx sorriu, piscando para mim. — Acho que isso não vai acontecer, não é?

— Bom, então eu não irei saber, não é? — Sorri também e fui até a mesa da sala de jantar, repleta de várias coisas gostosas, e olhei para Daemon. — E você? Também teríamos que ir para sua cama para eu saber seu verdadeiro nome?

Ele sorriu. O cara era realmente lindo e de deixar qualquer mulher boba.

— Acho que nem assim, por mais que você seja gostosa.

Eu assenti, sorrindo. Michael estava rosnando para os caras.

— Não vai me apresentar a seus amigos? Ou vai ficar com essa cara de quem quer matar alguém? — Coloquei um pãozinho na boca. Fui pegar café e, para fazer isso, passei por Dom e fiquei de costas para ele e de frente para os outros. Curvei-me na mesa para pegar a garrafa térmica. Senti que minha bunda roçou nas calças dele, que pareceram ganhar vida. Também o senti prender a respiração e rosnar baixo.

Endireitei-me e sorri para ele, depois para Michael, que suspirou, não notando o que eu tinha acabado de fazer.

— Soube que você fugiu na noite passada. Não sabe dos riscos que está correndo lá fora? O que poderia ter acontecido com você? E que droga aconteceu para você fugir desse jeito? — seu tom era sombrio.

Dei de ombros enquanto comia.

— Não vai responder? — incitou ele.

— Não, eu não vou. Nem tudo o que acontece comigo você precisa saber.

— É claro que preciso. Eu sou seu irmão...

— Você disse bem: irmão! E não meu pai... — quando mencionei nosso pai, arrependi-me, porque a dor que me tomou foi grande, mas expirei. — Olha, Michael, eu gosto da sua proteção, isso significa que gosta de mim.

— Eu não gosto, eu a amo. Você é a única família que me restou. Eu vou zelar e protegê-la com minha vida se for preciso — seu tom tinha uma tristeza profunda. Percebi que isso afetava mais Michael, porque ele era mais velho e tinha presenciado tudo o que acontecera aos nossos pais. Contudo, parecia que algo a mais do que apenas a morte deles o afetava, embora eu não soubesse dizer o que o atormentava. Eu também sofria pela dor da perda deles, mas, com Michael comigo, a dor ficava menor, e agora, com Dom, eu esperava ficar completa um dia, mesmo que a dor nunca fosse totalmente embora.

— Eu sei, também amo você, mas isso é confuso para mim. Prometo não fugir ou sair sem avisar ninguém — prometi, sentindo-me culpada por não dizer a verdade, o motivo por eu ter saído daquele jeito na noite anterior. Eu não queria pensar nas palavras do Dom. Sabia que ele tinha dito aquilo para me afastar, mas, depois da última noite, isso não aconteceria mais... Eu não queria nem pensar nessa hipótese, porque doía muito, mesmo vendo-o abraçado a outra. Talvez fossem amigos, não? Ele tinha prometido que não tocaria em mais ninguém, e eu acreditava nele, ou pelo menos tentaria.

— Tudo bem — falou, vindo me abraçar e beijar minha cabeça. — Não quero pensar em perder você de novo, por isso você não irá conosco no resgate das garotas.

Afastei-me dele e fechei a cara.

— Uma ova que eu não vou. Têm lugares lá que somente eu conheço...

Ele me cortou:

— Temos um mapa detalhado do lugar, então não precisamos de você. — Parecia animado com isso.

Fechei a cara.

— Onde está o mapa? — inquiri olhando ao redor, então o vi no meio da sala, na mesinha.

— Ali — ele disse e se encaminhou para lá.

— Pare de lamber esses dedos, ou quer que eu mate meus irmãos por quase gozarem nas calças? — rosnou Dom quando passei por ele.

Eu estava lambendo o doce do pãozinho dos meus dedos. Franzi a testa.

— Por que se preocuparia com isso, já que estava abraçado a outra mulher? — retruquei e fui até onde estava o mapa, ignorando seus olhos estreitos e seu praguejar atrás de mim.

Ao me aproximar do mapa, comecei a me curvar, mas Dom xingou alto.

— Mas que maldição, Evelyn! Se você se curvar assim, todos esses caras vão gozar nas calças vendo sua maldita bunda! — grunhiu.

Eu me endireitei e arqueei as sobrancelhas para ele, que ainda estava perto da mulher.

— Nenhum homem goza nas calças... só quando pega no pau e o balança para cima e para baixo... ou quando fode.

— Chama-se punheta, querida — disse Daemon entre risadas, e não era o único.

— Punheta? Gostei. — Sorri.

— É a primeira vez que vejo uma mulher dizer tudo isso na frente de homens sem corar. Até as prostitutas coram — disse o mesmo cara que falou que eu era gostosa.

— Por que eu iria corar se isso é algo que quero aprender? — indaguei confusa. O ato de corar significava ficar envergonhada, mas eu não estava. Eu queria aquilo.

— Onde aprendeu tudo isso? — perguntou Michael sufocado, ou foi o que me pareceu.

Sorri, fui até a mesinha perto do sofá e peguei o livro da noite anterior.

— Aqui diz como fazer sexo. — Evitei me remexer ao pensar na língua de Dominic na minha boceta enquanto a lambia.

— É maravilhoso ler livros assim — disse a mulher perto de Dom, falando pela primeira vez. — Eu sou Nádia, mulher de Zaul. — Ela olhou para um homem barbudo usando óculos escuros, também coberto de tatuagens, como todos ali.

— Eu pensei... — Olhei entre ela e Dom, que fez uma careta. — Bom, eu quero fazer tudo que está neste livro...

— Você não vai fazer isso! — exclamou Michael, tomando o livro da minha mão.

— Devolva o meu livro agora! — rosnei com os punhos cerrados.

— Não vou devolver esta merda, eu vou jogar fora. Assim você não vai ver mais nada

daqui e ter ideias...

Fui até perto dele e chutei sua perna, fazendo-o praguejar, então rodopiei para trás dele. Chutei suas pernas por trás, fazendo-o cair de joelhos no chão. Peguei meu livro e corri para trás de Dom. Acho que só consegui acertar meu irmão e pegar meu livro porque Michael estava mais surpreso do que qualquer outra coisa.

Todos estavam calados e de boca aberta com o que eu fiz. Michael se levantou de olhos arregalados.

— Mas que porra! Como sabe fazer isso? *Se* desvencilhar assim? — perguntou chocado e impressionado.

— Matteo me ensinou a lutar corpo a corpo e com facas. Você tem sorte por eu não fritar suas bolas e impedi-lo de ter filhos algum dia — falei com um sorriso.

— E por que foi se esconder atrás de Shadow? Acha que ele iria te proteger de mim? — Seus olhos se estreitaram.

— É claro que protegeria. Ele é seu chefe — não preciso dizer que nem ao menos pensei nisso. Corri para Dom porque eu sabia que ele não deixaria nada me acontecer, embora eu soubesse que meu irmão jamais encostaria um dedo em mim. Devia ter sido apenas instinto.

— Com relação ao clube e ao meu trabalho, sim! Mas não em relação a você!

— O livro é meu, Michael, para eu aprender a fazer sexo, e não vou deixá-lo pegar nem que, para isso, eu lute com você de verdade. — Embora eu soubesse que perderia, porque nunca tinha conseguido ganhar de Matteo, e o cara era bom. E, pelo visto, meu irmão era melhor ainda.

— Mesmo que fique com ele, ninguém vai tocar em você para fazer tal coisa. Deus! Só em pensar nisso, me dá vontade de matar alguém. — Ele expirou como se tentasse se controlar.

— Você não pode me proteger a vida inteira. Depois que tudo isso acabar, eu pretendo estudar, conhecer o mar e nadar com os golfinhos, talvez viajar para Paris também e encontrar

alguém... — interrompi-me ao notar a tensão no corpo de Dom, então me lembrei do que ele tinha e dito na noite anterior, que, quando eu fosse estudar, talvez fosse querer outra pessoa e não a ele, mas isso não aconteceria, porque eu só queria a ele e não outra pessoa. Porém, como eu podia explicar isso com meu irmão ali para nos ouvir?

— Vamos parar de falar sobre isso e ir ao que realmente importa? Ver o mapa e olhar alguns pontos cegos? — a voz de Dom estava dura, bem como seu olhar. — Agora você vai olhar o mapa e ver se acha algo nele que esteja faltando.

Estreitei meus olhos ante seu tom de ordem. Notei que ele estava com raiva de mim pelo jeito que falei. Ele deveria saber que eu disse aquilo para Michael não desconfiar de nós. Não era isso o que ele queria? Então por que havia ficado assim? Eu não entendia.

— Você acha que sou algum de seus homens ou de suas mulheres, aos quais você ordena e eles vão correndo feito cachorros? Pois fique sabendo que não sou e, se não falar direito comigo, eu não vejo nada — disse com raiva também.

— Não, você não é. E nunca vai ser, menina — seu tom era frio.

Eu não estava pensando em fazer nada, mas, quando ele me chamou de menina, peguei o café que estava bebendo havia instantes e o joguei na cara dele, que urrou, mas de raiva e não de dor, porque não estava quente.

— Seu idiota! — gritei com os olhos molhados, mas sem derramar lágrimas, afinal, eu não iria chorar na frente de todos.

Ignorei seus olhos furiosos e sujos de café e fui até a mesinha do mapa. Ninguém disse nada; acho que alguns estavam chocados demais, mas era bom assim. Eu não explodiria com todos, afinal, ninguém tinha culpa por aquele estúpido me tratar daquela forma. Como ele podia me chamar de menina após ter estado dentro de mim durante a noite? Após eu ter chupado o seu maldito pau?

Ajoelhei-me em frente à mesinha e chequei cada ângulo do mapa. Eu ia pensar naquele resgate e deixar o que queria de lado. Senti-me egoísta por querer coisas novas, enquanto as garotas não tinham nada. O mundo ali fora iludia e deslumbrava; aconteceu comigo.

Estava tudo certo no mapa, entradas e saídas, mas os alçapões não se encontravam ali.

— Estão faltando os alçapões dos calabouços de castigo, que não estão no mapa. Têm uns 40 mais ou menos. É impossível encontrá-los quando não se sabe da existência deles.

— Como soube, então? — perguntou Nasx sério perto de mim.

— Lembram do garoto que me ajudou com o purgante? Pablo? — Não levantei os olhos para ver se eles assentiam ou não; estava me esforçando para não chorar. — No seu turno, ele me levava para conhecer tudo, então me falou sobre os calabouços. Lá é tão terrível! Fiquei ali uma vez por dois dias. Pablo ia me visitar e, em todas as vezes, ele me ajudou, muito antes de Matteo chegar para se tornar meu suporte.

— Cadê o garoto? — questionou Daemon.

— Eu não sei. Matteo tentou localizá-lo, mas não conseguiu. — Suspirei. — Acredito que eles o mataram e sumiram com o corpo, ainda mais depois do que nós dois fizemos. Talvez, de alguma forma, eles descobriram e o eliminaram.

— São quarenta alçapões? Você os desenha no mapa, assim fica mais fácil para encontrarmos — disse Zaul.

Sacudi a cabeça.

— Não, porque, se eu fizer isso, vocês não vão me levar com vocês, não é? Portanto, não vou dizer nada. — Eu me levantei, enfim com a raiva controlada. Fiquei feliz por não chorar na frente deles.

— Talvez esteja dizendo isso para levarmos você, porque, se tivesse algo lá, Matteo saberia — disse Michael com recriminação.

— Não se esqueça de que ele chegou lá há somente três anos, e eu fiquei lá por 11. Eu nem saberia disso se não fosse pelo Pablo, que me mostrou, e depois que fui levada para um, mas achei que só tinha um, e não quarenta ao todo — falei, saindo da sala. — Eu vou com vocês querendo ou não.

— Aonde vai? — sondou Michael atrás de mim.

— Para o clube arrumar um jeito de ligar para Jamile e perguntar se ela pode arrumar roupas para mim, já que não posso sair daqui — informei e saí porta afora. Eu estava havia pouco mais de uma semana usando roupas dos outros, porque não podia sair e comprar as minhas próprias, mas eu queria as minhas, e não as de outras pessoas. Assim que eu ficasse livre, seria a primeira coisa que faria. Talvez Jamile pudesse comprar para mim enquanto isso não acontecia, já que notei que tínhamos o corpo parecido.

Meu peito estava doendo pelas coisas que Dom disse. Eu não queria pensar nisso, mas ele falar sobre as mulheres que teve e depois me chamar de criança foi a gota d'água. Ele devia saber por que eu disse aquilo sobre encontrar alguém. Tinha que me ferir dizendo aquelas palavras? Como se esfregasse na minha cara que eu não tinha experiência. Eu sabia que não tinha, maldição! Porém, ele não precisava dizer nada.

— Você não vai dirigindo meu carro — disse Dom ao meu lado assim que abri a porta.

Meu peito se partiu. Então ele não queria nem que eu andasse em seu carro? Se ele tivesse me batido, teria doído menos do que dizendo isso.

— Tudo bem, eu vou andando — respondi, virando-me para ir ao clube. Embora eu não soubesse onde ficava, ele havia dito que sua casa era perto do estabelecimento.

Ele suspirou exasperado.

— Não falei que você não poderia usar o meu carro, e sim que não ia dirigindo. Afinal, para as pessoas dirigirem, precisam de carta, e você não tem uma.

Entrei no carro e me sentei no banco do passageiro. Assim fez ele também, olhando para minhas pernas nuas.

— Carta?

Ele suspirou, pegou algo no bolso e me deu.

— Uma carteira? Com isso posso dirigir? — inquiri abrindo a carteira preta. — Então só preciso de uma.

— Não é a carteira. Abra e pegue um documento em que está escrito “habilitação”. É ela que você tem que ter, e não é simplesmente comprada, você deve aprender com os profissionais para tê-la — falou ele seguindo por uma rua plana.

Enquanto eu conversava com Dom, os outros tinham ido à frente com suas motos. Eu não sabia como meu irmão não tinha reclamado do fato de eu ter ido sozinha com Dom no carro.

Peguei um documento que tinha a foto do Dom, mas de quando ele era mais novo. O seu rosto não tinha mudado, ele estava apenas mais velho e com mais músculos.

— Você tem 28 anos, Dominic Carter? — meu tom saiu mais surpreso do que outra coisa.

— Oh! É bom saber que pensa que sou velho para você, afinal, você tem apenas 19 anos e logo vai querer um cara mais novo do que eu — seu tom saiu amargo.

— Eu não me importo com a sua idade, Dom, mas você, sim, já que fica me chamando de menina sem experiência o tempo todo — murmurei, fechando sua carteira.

— Quando eu disse sobre você não ter experiência? — rosnou cerrando os punhos no volante.

— Você disse que eu nunca seria como as mulheres que já teve, tudo por minha falta de experiência...

Ele me interrompeu:

— Sim, tem razão. Você não é como elas, mas...

Eu me lancei sobre ele, dando-lhe socos devido à minha raiva ao ouvir isso.

— Como pode dizer isso depois de ter transado comigo, seu bastardo?! Se não me quer, devia apenas dizer e não me ferir assim! — gritei ainda batendo nele.

Ele amaldiçoou e parou o carro de repente. Fui lançada para frente, mas ele me segurou antes que eu batesse no vidro e segurou minhas mãos.

— Maldição, Evelyn! Quer parar de me bater? Eu não... — ele se interrompeu quando ouvimos tiros sobre nós. — Mas que porra! Fique abaixada!

Ele pegou uma arma nas suas costas e se virou para trás, abrindo a janela do carro e atirando. Eu espiei e vi dois carros pretos grandes e armas apontadas para nós.

— Por que as balas não entram aqui? — indaguei confusa, olhando as balas sendo ricocheteadas pela lataria do carro, mas sem nos atingir.

— O carro é blindado — explicou e ligou para alguém em seu celular, dando-o a mim. — Fale com Michael e diga que estamos sendo atacados.

Peguei o celular prateado e o coloquei na orelha. Matteo me ensinara uma noite como usá-lo, e Mary também disse que ia me dar um.

Dom prendeu algo na minha cintura, o cinto de segurança. Minha blusa subiu, mostrando que eu estava sem nada por baixo.

— Maldição, Evy! Está sem calcinha todo esse tempo? — praguejou ele e abaixou minha blusa, depois disparou pela estrada de terra. Os carros continuaram atrás de nós, ainda atirando.

— Eu não ia usar uma calcinha suja, então a lavei e deixei em seu banheiro. Vê se não joga fora, pois depois vou pegá-la, já que não vamos mais transar. Opção de mulher experiente para você que não falta, não é? — sibilei, ouvindo o telefone tocar.

Dom ia dizer algo, mas Michael falou antes:

— Shadow, algum problema? — seu tom saiu preocupado com alguma coisa.

— Têm dois carros pretos atrás de nós, soltando tiros na gente...

— Espere... o quê?! — ele me cortou com um grito tão alto que tive de afastar o celular da orelha. — Evy, cadê o Shadow?

— Ele está dirigindo o carro como louco! — falei a ele em tom alterado.

— Estamos a caminho! Fala para ele segurar as pontas aí até chegarmos.

Ele desligou após eu assentir, e olhei para Dom, que observava os caras que nos seguiam. Sua expressão era assassina, pior do que eu já havia visto.

— Dom...

Ele me interrompeu:

— Segura firme!

Eu me segurei e, pela primeira vez, não retruquei ante seu tom de voz, afinal, com os homens mandando bala, eu não poderia replicar. Esperava que os outros chegassem logo.

Dom virou o carro de uma vez, e tive de segurar firme. O veículo ficou de frente para os carros, que estavam um ao lado do outro. Os automóveis também pararam.

Quatro homens armados saíram dele, todos de Lorenzo – reconheci-os. Um deles, chamado Branco, deu um passo à frente. Seus olhos eram frios e mortais; não pareciam diferentes da expressão dos outros.

— Não queremos problemas com você, Shadow, e seu MC. Nós só queremos a garota. Ela é propriedade de Lorenzo, e viemos pegá-la para levá-la até ele.

Outro cara riu.

— Eu vou adorar rasgar aquela boceta virgem e sua bunda gostosa e ouvir seus gritos...

Trinquei os dentes, querendo acabar com aqueles homens fodidos e paus mandados.

— Esses estúpidos desgraçados acham que vão me ter, mas estão enganados, pois, antes, acabo com todos eles — rosnei cerrando os punhos. — Você não tem facas ou adagas aqui, em algum lugar neste carro? Eu esqueci as minhas na sua casa.

Dom suspirou e me olhou, mas percebi que ele estava segurando sua raiva contra os caras.

— Fique no carro e não saia por nada — ordenou, e acrescentou quando eu já ia abrir a boca: — Faça o que eu digo pelo menos uma vez na vida, maldição!

— Eu quero ajudá-lo a acabar com eles!

— Pelo amor de Deus, Evy! Você tem alguma noção do que sou capaz de fazer se esses caras tocarem em você? — Ele colocou a testa na minha sem tirar os olhos dos meus. — Só faça o que eu estou pedindo, tudo bem? Fique no carro até eu acabar com eles.

Assenti pela primeira vez, porque seu tom estava suplicante.

— Eu vou ficar aqui — prometi, e falei quando ele já ia saindo do carro: — E, Dom, toma cuidado. Mesmo que ache que não sou mulher para você, eu não quero perdê-lo.

Ele me lançou um olhar triste e alisou meu rosto com as pontas dos dedos.

— Lamento pelo que você verá agora. Eu queria te proteger dessa parte de mim, mas não tem como, e fico contente, porque, assim, você se afastará de mim para sempre — declarou e saiu do carro antes que eu dissesse algo.



Capítulo 11

Evelyn

Escuridão

Dom havia falado que ia me mostrar um lado seu que eu nunca tinha visto e que isso iria me afastar dele, mas nada que ele fizesse me distanciaria. Bom, só se ele procurasse outra mulher e não a mim.

Ele saiu com duas armas e as mirou nos caras de Lorenzo, atingindo-os nas pernas. Tiros foram alvejados dos dois lados. Dom se protegia com a porta do carro; os homens também estavam atrás dos seus veículos.

Dominic tinha uma mira boa, e acertou as pernas e braços dos quatro caras. Percebi que ele não mirava na cabeça ou peito deles, onde certamente os mataria. Não por sua mira ser ruim, mas porque ele parecia querer desse jeito. Por que não tirava as suas vidas?

— Seu desgraçado, você procurou briga com o diabo! Tem noção disso? — disse Branco, apelido bem esquisito para um assassino que merecia a morte por tudo de ruim que fez e pelo que pensou em fazer comigo.

— Eu sou o diabo, não Lorenzo — afirmou Dom, sombrio. Agora ele se parecia com seu apelido, *Shadow*[2]. — Pena que não vão viver para contar nada a ele sobre isso, e, quando eu terminar com vocês, vão pedir para estarem mortos.

Várias motos chegaram e cercaram a estrada e os quatro homens.

— Abaixem as armas! — rosnou Nasx, apontando sua arma para os caras. — E não tentem nenhuma gracinha.

Branco sorriu, abaixando as armas.

— Todos vocês estão mortos — avisou num tom zombeteiro, o mesmo com que disse que me tomaria. — Um por um, pois quem mexe com Lorenzo acaba morto.

Dom o acertou na boca com um soco, fazendo com que seu sangue espirrasse. Começou a esmurrá-lo, deixando-o mole no chão e gritando.

— Eu vou te ensinar que não se deve dizer que vai rasgar uma mulher fodendo-a até ela gritar! — esbravejou.

— Você vai se arrepender por ter entrado em meu caminho e ousar ter mexido com alguém da minha família! — Michael estava com as duas adagas nas mãos e mortal. Eu nunca o tinha visto assim.

Parecia que todos os membros do MC sentiam e agiam da mesma forma. Eu já havia visto Matteo sombrio, claro, mas aqueles caras? Pareciam mortais. Pela cara de todos, o destino dos asseclas de Lorenzo não era nada bom. Porém, eu não me importava com o que eles fizessem; todo o sofrimento era pouco para aqueles bandidos.

Dom falou alguma coisa para Nasx, que assentiu e veio até mim, entrando no carro ao meu lado. Olhei para ele, que estava com o rosto duro.

— O que está fazendo? — questionei assim que ele fechou a porta e ligou o automóvel.

— Eu vou tirar você daqui. E não complique as coisas agora, tudo bem? — pediu calmamente assim que abri a boca.

Calei-me, não por ele ter mandado, mas pela situação, porque, por minha causa, eles tinham entrado em uma briga que não era deles antes de eu aparecer. Eles teriam que entrar em um lugar perigoso e protegido para resgatar aquelas garotas, embora eu soubesse e tivesse certeza de que fariam isso mesmo se eu não estivesse envolvida, porque se preocupavam com os outros.

Cheguei ao clube, então cheio de pessoas. Nádia estava junto a algumas mulheres, tinham quatro contando com ela, uma loira fabulosa e duas morenas. Algumas delas vestiam camisas como a minha, mas com nomes diferentes. Não reparei em quais eram, porque minha mente

estava voando a mil por hora.

Fui direto para o quarto que Dom tinha ali, tirei as roupas e entrei debaixo do chuveiro, abaixando-me no chão enquanto tremia, não pela água fria que caía sobre mim, mas pelas coisas que haviam acontecido – minha fuga da Paraíso e, especialmente, tudo o que ela acarretara para a vida dos que estavam ao meu redor. Eu sabia que os rapazes precisavam fazer aquilo, mas era tudo por minha causa, principalmente os perigos que todos estavam correndo ao me protegerem.

Por que tudo isso tinha que acontecer? Por que eu havia sido separada dos meus pais? Por que eles tinham sido mortos? Nenhum deles tinha rixas, devia nada para aqueles motoqueiros desconhecidos. Por que coisas ruins aconteciam com pessoas boas? Eram muitas perguntas sem respostas. Os homens que os haviam matado tinham que pagar por suas mortes. Quando tudo isso acabasse, eu ia procurar saber quem eram eles.

Eu nem percebi, mas estava chorando e gemendo ali, debaixo da água que batia em meu rosto. Eu sabia que não era hora para uma crise, mas tudo havia acontecido rápido demais. Minha mente estava explodindo.

A porta se abriu, mas não me incomodei em ver quem era, apenas mantive minha cabeça sobre meus joelhos.

— Oh, querida! Isso tudo deve ser demais para você — falou Nádia em tom triste.

A água foi desligada. Ela me pegou pelos ombros e me ajudou a levantar.

— Desculpe por tudo isso — sussurrei, encolhida na toalha que ela colocou sobre meus ombros. — É que eu...

— Eu sei, querida. Vem aqui, vamos vestir as roupas. — Ela me deu um vestido vermelho colado que parecia de festa. — Eu sei que é extravagante, mas não tenho nada que sirva em você, então peguei esse da Andy.

— Tudo bem! É bonito. Como estão todos? Eles estão bem? — sondei, agora raciocinando

direito depois da crise. Talvez tivesse acontecido algo depois que eu fora trazida para o clube. Eu nem sabia quanto tempo tinha ficado naquele banheiro, mas pareceram horas, porque minha garganta estava rouca pelo choro.

— As coisas estão feias lá embaixo, menina...

— Oh, meu Deus! Alguém se machucou? — questionei, saindo do banheiro e me deparando com Michael no quarto. Eu o avaliei para ver se estava bem.

— Oh, sinto muito, Evy. — Ele me abraçou forte. Estava cheirando a detergente. Eu não queria nem pensar no que ele havia feito para estar cheirando àquilo. Matteo me havia dito que detergente tirava o cheiro de sangue. Com certeza era por isso que meu irmão o tinha usado.

— Eu estou bem. É só descarga emocional. — Afastei-me dele. — Mas Nádia disse que tinha algum problema. Que tipo de... — interrompi-me, assustada. — Dom. Ele está bem?

Seus olhos se escureceram ante esse nome. Eu pude ler raiva neles, e não era pouca.

— Quando chegamos aqui, Nasx disse que fazia horas que você estava no banheiro, chorando, então, de repente, Shadow se irou e foi para a igreja, trancando-se lá e quebrando tudo, pelo barulho que ouvimos. — Seu tom ficou mais sombrio e mortal: — O que está acontecendo, Evy? Por que ele ficou assim depois que soube que você estava chorando por tudo o que viu?

Meu peito se apertou, então me lembrei de Dom dizendo que eu o veria de um jeito ruim e que certamente me afastaria dele.

Corri porta afora.

— Maldição, Evy! Me diz que não é o que eu estou pensando! Porque, se for, eu vou ter que matar um irmão! — exclamou Michael pegando meu braço assim que cheguei à escada.

Eu o fitei suplicante.

— Ele é importante para mim, Michael, e está sofrendo por pensar que eu estava chorando

por ter visto um lado sombrio dele. Ele me avisou que, quando eu visse esse seu lado, o largaria... mas isso não vai acontecer. — Peguei a mão de Michael. — Eu sei que você me queria intocada, mas eu quero Dom, e... — ouvi um estrondo lá embaixo — ele também precisa de mim. Sua dor parece que vai arrancar um pedaço da minha alma.

— Evy, ele a tocou?

Dei um suspiro frustrado.

— Isso importa? O que importa é que preciso dele na minha vida, tudo dele. Meu coração acelera quando ele está perto, seu sorriso me alegra e sua tristeza entristece a minha alma como se sua dor estivesse entranhada em mim. Se penso nele com outra mulher, meu coração dói como se estivesse sendo esmagado. Por favor, não o tire de mim. Eu sei que você me protege dos caras, mas não precisa me proteger dele.

— Você sabe a fama dele, Evy? Shadow nunca se prendeu a ninguém na vida. Por que acha que com você seria diferente? — seu tom era severo.

— Eu sei que para você é difícil aceitar isso, mas preciso ajudá-lo agora. Depois conversamos, mas ele sente o mesmo que eu, por isso está destruindo tudo, pois acha que não vou querer e amar o seu lado sombrio.

— E vai? Porque a vida a qual vivemos não é um mar de rosas, Evy. Nós fazemos coisas... que nem sempre está dentro da lei, mas você é nova, ainda pode mudar de ideia.

Eu ri sacudindo a cabeça tristemente.

— É isso o que ele pensa, sabia? Por isso nossa discussão na casa dele mais cedo, quando falei da escola e sobre encontrar um cara da minha idade. Mas eu só disse aquilo para você não desconfiar de nada. Saiba que não quero mais ninguém, só ele. — Beijei seu rosto com a barba por fazer.

— Eu não vou responder nada até falar com ele e descobrir o que realmente está

acontecendo e o que ele sente por você. — Ele suspirou. — Agora vai lá ver se consegue tirá-lo daquela sala, porque tenho contas a acertar com ele.

Eu assenti e desci a escada, notando a imensa sala cheia de homens e algumas mulheres. Nasx e Daemon estavam perto da porta da sala de reuniões. Eu só ouvia barulho de coisas sendo arremessadas na parede ou em outros lugares, porque ouviam-se os estrondos.

— A coisa deve estar feia lá dentro — disse Daemon em tom preocupado.

— Por que não entraram para impedi-lo de quebrar as coisas? — critiquei quando me aproximei deles.

— Querida, ninguém seria louco de chegar perto de Shadow quando ele está assim — falou Nasx. — Da última vez que tentei, fiquei com um olho roxo por semanas.

Suspirei, chegando até a porta e pegando na tranca.

— Dom? Sou eu, estou entrando — falei. O barulho cessou, e depois ele gritou:

— Eu não quero ver ninguém agora, então não entre!

— Bom, então feche os olhos, porque vou entrar querendo você ou não — repliquei e abri a porta; antes de entrar, contudo, olhei para Michael, que ia descendo a escada enraivecido, mas controlado.

Todos pareciam impressionados por eu ter a coragem de entrar e, por minha causa, Dom ter parado de quebrar as coisas. Nasx e Daemon estavam sorrindo, mas ficaram sérios ao ver Michael olhando feio para todo mundo. Com certeza ele desconfiava de que todos ali pareciam saber sobre mim e Dom, menos ele.

Entrei na sala de reuniões e tranquei a porta. Olhei o grande estrago no cômodo. Muitas cadeiras estavam quebradas pelo chão, a estante, com alguns arquivos espalhados por todo lugar. A única coisa intacta ali era a mesa grande de 14 cadeiras, agora com nenhuma, já que estavam quebradas ou jogadas por todos os lados. Ainda assim, a mesa estava virada para cima.

Ele estava no meio da sala de costas para mim e fitando a parede ou o nada, eu não soube dizer. Aproximei-me dele.

— Não chegue perto de mim — mandou sombrio, mas senti dor em sua voz.

— Eu posso saber por que destruiu tudo isso? Todo este lugar? — perguntei com a voz mais composta que pude e me controlei para não correr para ele e o abraçar, porque era isso que eu queria fazer. Entretanto, dei tempo a ele, afinal, Dom precisava ouvir algumas verdades e me dizer algumas também. O que estava afligindo sua alma naquele momento. O que o estava comendo vivo por dentro.

Ele se virou, e seus olhos estavam vermelhos. *Ele chorou? Mas por quê?*, perguntei-me.

— Você viu como eu sou de verdade hoje, não é? Por isso estava chorando — seu tom era frio; não combinava com o rosto.

Ergui as sobrancelhas.

— Você acha que eu estava chorando por tê-lo visto atirando naqueles bandidos? Acha que me importo com aqueles assassinos desgraçados? Ou com o que fizeram com eles?

— Não por se importar com eles, mas por ter visto o monstro em mim hoje. — Ele levantou suas mãos. — Essas mãos têm sangue. É isso o que vai querer para sua vida? Ficar ao lado de um homem como eu? Um demônio?

Suspirei.

— Você não é um monstro ou demônio por se livrar de gente como eles. Eu não me importo com isso, não ligo para o que fez ou faz. Eu só quero você.

— Mas eu não quero você, não quero nada com uma inexperiente. Acha que eu queria algo mais do que sexo com alguém como você?

Fitei o chão e respirei fundo para não chorar, mas era difícil. Assenti e voltei meus olhos

para os dele, que estavam gelados.

— Tudo bem. Já que o que tivemos não teve importância para você, então não posso prendê-lo a alguém como eu, não é? — Meus lábios tremeram. — Mas quero que saiba, Dom, que suas palavras são piores do que uma surra, porque, se tivesse me batido, doeria menos.

Ele não disse nada, apenas permaneceu parado com os olhos arregalados.

— E o motivo por eu ter chorado nunca foi você, e sim o fato de que, por minha causa, vocês estão correndo perigo com Lorenzo, porque, se eu não tivesse vindo para cá, ninguém daqui estaria em guerra com essa máfia agora. — Sussurrei: — E lamento por não ser mulher suficiente para você.

Sua respiração parou como se eu tivesse lhe dado um soco no estômago. Eu podia ver o tormento em seu rosto, mas não podia fazer nada, porque ele tinha escolhido não me deixar fazer parte da sua vida, assim como eu gostaria. Meu peito estava doendo tanto que parecia ter sido esmagado e espremido igual a carne moída.

Dei-lhe as costas para ir embora dali e chorar por ele não me querer, mas seus braços me envolveram por trás, fortes. Dominic escondeu seu rosto em meu pescoço e cabelo e gemeu. Percebi que era um gemido de raiva e dor.

— Você é mais do que suficiente para mim, Evy. Nunca duvide disso, mesmo eu dizendo o contrário — falou em meus cabelos. — Eu que não sou homem suficiente para você e nunca serei. Mesmo se eu mudasse, jamais chegaria aos seus pés. — Beijou meus ombros. — Mais cedo, quando eu disse que você não se parecia com nenhuma mulher que eu tive, era porque você é única, Evy. Você foi a única que entrou em mim, tanto que agora estou aqui, atormentado pelo medo de perder a única luz na minha escuridão. Eu fiz coisas que você sequer sonha... e, se soubesse, daria graças a Deus por se ver livre de mim.

Meu coração se partiu com sua dor imensa, que tanto o atormentava, a ponto de dizer coisas para me afastar dele por achar que eu merecia algo melhor. Porém, isso era impossível,

porque, com seu gesto nobre, vi o quanto ele se importava comigo.

Virei-me ainda em seus braços e toquei seu rosto lindo e atormentado.

— Dom, abra os olhos — pedi, pois suas pálpebras estavam fechadas, e esperei que as abrisse para continuar: — Nada que você tenha feito no passado fará com que eu me afaste de você, nem mesmo se continuar matando bandido, mas, se ficar dizendo o que disse agora há pouco, vai me perder, porque, quando diz essas coisas, é pior do que se me batesse no rosto.

Ele me beijou, ou melhor, consumiu a minha boca, apertando-me mais em seus braços, e sua mão foi parar em minha calcinha, sobre a qual esfregou minha boceta como fez na primeira vez, naquela mesma sala, mas agora eu queria mais do que isso. Desabotoei sua calça enquanto ele rasgava minha calcinha, e logo estava dentro de mim. Ele me escorou na parede enquanto estocava em meu interior, fazendo-me gritar, mas sua boca abafou o som dos gritos. Minhas pernas estavam a sua volta, e minhas mãos, em seus cabelos, trazendo-o mais para mim enquanto chupávamos a língua um do outro. Nenhum de nós disse nada, apenas sentíamos, nossas respirações, nossos beijos, nossos corações que batiam quase no mesmo ritmo.

— Eu lamento por tudo o que eu disse. Prometo que nunca mais direi nada assim a você — jurou assim que gozamos juntos. Eu queria gritar seu nome, mas Michael ouviria.

Acariciei seu rosto com as pontas dos dedos e beijei seus cílios longos e olhos verdes e brilhantes.

— Tudo bem, eu... — estava pronta para dizer que eu o amava, mas o que eu sentia era amor? Eu nunca tinha amado antes dele, mas se amor fosse um sentimento forte como o que eu estava sentindo, então eu amava Dom, mesmo que nos conhecêssemos havia apenas uma semana.

— Se você estiver fodendo a minha irmã, Shadow, eu vou matar você! — gritou Michael.

Dom praguejou baixo e saiu de mim, colocando-me de pé no chão. Senti o meio das

minhas pernas molhado e olhei para ver o que era.

— Maldição! Não usamos camisinha — rosnou, fechando as calças e me olhando. Pegou um lenço que estava em uma mesinha, uma das poucas coisas intactas naquele lugar, e me deu. — Eu quero filhos, mas primeiro quero que você estude. Depois falamos em filhos — declarou ele, beijando minha boca, que estava sorrindo. — O que foi? Por que está sorrindo assim?

— Você disse “depois falamos em filhos”. Então quer dizer que você é meu namorado?

Ele riu.

— Tenho que ser, não é? Ou seu irmão vai me matar — ele não parecia preocupado com isso.

— Abra essa maldita porta antes que eu a arrombe! — gritou Michael.

Peguei minha calcinha rasgada do chão e a dei a Dom, que a cheirou.

— Eca, isso é nojento! — exclamei.

— Não é nojento. É maravilhoso o aroma, tão doce.

Eu ri.

— Querido, boceta cheira a tudo, menos a doce. Está mais para queijo azedo.

— Eu adoro queijo — disse, escondendo-a no bolso e foi abrir a porta.

— Deixa que eu abro, porque ele vai querer bater em você — falei, indo até a porta e a destrancando. Um Michael mortal entrou por ela, indo direto até Dom e lançando um soco na sua boca.

Ofeguei ante a cena que meu irmão e meu namorado protagonizavam ao brigar por minha causa. Eu não deixaria isso acontecer com os dois homens da minha vida.

— O que acha que Evy é?! Uma das putas que você está acostumado a usar e pisar? Ela é minha irmã, seu desgraçado! — urrou Michael e estava pronto para lançar um murro em Dom de

novo, mas eu entrei na frente, o que foi uma tolice, pois seu punho parou a centímetros do meu nariz. Eu senti até o vento banhar meu rosto.

Arregalei os olhos.

— Você ficou louca?! Entrar assim na briga de dois homens?! Ele poderia tê-la acertado sem querer! — grunhiu Dom pegando meu braço. — Maldição, Evy! O que tem na cabeça?

Olhei para ele, que estava com raiva, mas não me importei.

— Não vi você lutando, e sim apanhando sem dizer uma maldita palavra!

— Isso porque eu mereci — falou limpando o sangue da boca.

— Mereceu levar socos só porque estamos namorando? Desde quando isso é motivo para apanhar? — sibilei, fuzilando Michael, que olhava mortalmente para Dom.

— Então é sério? Em relação a ela? — o tom da voz de meu irmão não era nada amigável.

Dom suspirou e sorriu para mim, então se voltou sério para o meu irmão, à nossa frente.

— Sim. Tão sério que ela será a minha *Old Lady*... — começou ele, mas o cortei, confusa:

— *Old Lady* o quê?

— Mulher com status de casada. Protegida por seu parceiro. Estado considerado sagrado por membros do clube — disse Nasx perto da porta. Na verdade, vários dos membros do MC estavam ali.

— Por que não namorada ou casada ao invés de *Old Lady*?

— Normas do clube, minha querida — disse Dom, beijando minha cabeça.

— Vamos lutar no ringue agora... — começou Michael, mas Nasx interveio antes que eu dissesse que isso não ia acontecer de modo algum, afinal, ele já tinha batido em Dom:

— Eu sei que vocês têm contas a acertar no ringue, mas precisamos dos dois intactos para

hoje. Então adiaremos para quando tudo acabar, OK?

— Acho isso bom, Shadow — falou um moreno forte entrando na igreja, assoviando ao ver o estrago. — Porra! Você estava mesmo irado, não é? — Ele sorriu, depois seus olhos fixaram-se em mim. — Meus parabéns, querida, por domar a fera. Eu sou Curt, presidente do clube MC Fênix de Nova York.

— Oi, eu sou Evelyn. — Sorri para ele. — A irmã de Michael e namorada, ou *Old*, do Dom.

— *Old Lady*, minha linda — corrigiu-me Dom, abraçando-me por trás e beijando minha cabeça.

— Se não se importam, temos coisas para tratar agora — avisou Curt para algumas mulheres que estavam próximas. — Só os homens. — Ele me fitou. — Mas, como não sabemos de algumas informações que só Evelyn possui, ela participará da reunião.

— Claro, querido — disse uma mulher loira beijando sua boca. — Vamos arrumar o almoço junto a Mary, ou... — ela olhou para mim — já que você é *Old Lady* de Shadow, talvez queira fazer algo para nossos homens. A propósito, eu sou a Andy.

— Muito prazer, Andy. Bem, além de eu ter de participar dessa reunião agora, é melhor vocês mesmas cozinharem, porque não sei fazer nada, apenas cachorro-quente, pois Matteo me ensinou — falei meio sem jeito.

— Oh, Matteo. Eu soube que ele é bem-dotado e bom de cama. É verdade? — perguntou uma morena com um sorriso nos lábios.

— Eu não sei sobre isso, já que nunca transamos. — Olhei para Dom, que estava grunhindo. — Eu só fiz sexo com Dom, e ele disse que ia me ensinar a ficar experiente. — Sorri, mas meu sorriso morreu ao ver a cara de Michael. — Oh, oh... Se controla, macho-alfa, eu sou namorada dele, então não pode ficar com essa cara, querendo matá-lo só porque nós...

Ele me cortou, furioso:

— Não termine essa frase, ou vou matá-lo neste exato momento.

— Tudo bem. Vamos esquecer isso e organizar tudo para podermos ir ao resgate das garotas.

Todos assentiram ante o que eu disse, e as mulheres saíram. Ficamos somente eu e vários homens fortes e tatuados, tanto dali como de Nova York. Eu não conhecia essa cidade, mas já tinha ouvido falar sobre ela. Disseram que era linda. Esperava um dia conhecê-la.

Eles levantaram a mesa e ajeitaram algumas cadeiras que tinham sobrevivido à fúria de Dom.

— Pelo jeito, a maioria de nós terá que fazer a reunião em pé, depois desse furacão que passou aqui — disse Curt, sentando-se em uma cadeira. — O sargento de armas...

— Sargento de armas? O que é isso? — sondei enquanto me sentava perto de Dom. Alguns ficaram de pé.

— Sargento de armas é o responsável pela segurança e proteção do clube, de seus membros e seus prospectos e pelo policiamento e manutenção da ordem em eventos do clube. Ele também relata comportamentos inadequados para o presidente e o vice-presidente.

— Certo. Posso saber quem é esse sargento de armas? — sondei olhando para cada um na sala.

— Têm coisas que acontecem nas reuniões que não podemos contar nem para nossas parceiras. Você só está aqui hoje porque vamos precisar de você para entrar naquele lugar. Nosso sargento de armas é o Ruben. — O Prez Curt apontou para um cara moreno escorado na parede e amolando uma faca prateada, depois para o meu irmão. — Kill é o sargento de armas daqui de Chicago.

Pisquei chocada para ele, que estava ao meu lado.

— Você? Depois que tudo isso acabar, vai me ensinar a usar uma arma? Matteo queria me ensinar, mas não podíamos atirar onde estávamos, ou todos descobririam que ele estava me ajudando.

— Depois falamos sobre isso — respondeu em tom nada amigável. Ele provavelmente ainda estava “grilado” por eu não ser mais virgem, mas, porra! Eu adorava o sexo. Por mim, eu passaria horas do dia e da noite no quarto com Dom.

— Os caminhões estão preparados para levarem as garotas para fora do lugar — falou Michael. — Eu consegui 15 caminhões grandes para que coubessem todas.

— Eu cuidei das rotas para que ficassem livres para sairmos de lá sem ter problema algum. Então vamos formar grupos de cinco. Cada um pega um lado, e, ao fim, nos reunimos aqui. — Daemon apontou para um ponto no mapa que colocou sobre a mesa. — Aqui dá para os caminhões e as motos passarem. Eu chequei o lugar, está todo equipado como o Fort Knox[3].

— Vamos ter que obter alguma ajuda de dentro para fazer o serviço, e o pessoal que é do lado do filho de Lorenzo não está mais lá, e sim no hospital, como era o plano — disse Nasx. — Tem uma fonte de energia ao sul de onde estaremos. Se a neutralizarmos por algum tempo, conseguiremos entrar e atacar o local.

— Eu sei o que todos estão pensando, mas isso não vai acontecer — rosnou Dom.

— Não mesmo. Maldição! — esbravejou Michael, fuzilando todos na sala com seu olhar.

Franzi a testa, sem saber do que eles estavam falando, mas parecia que era algo perigoso.

— Do que estão falando? Quem vai ter que entrar nesse lugar e desligar tudo? — indaguei. Nesse instante, todos em torno da mesa olharam para mim. — Oh!

— Sim, você é nossa melhor opção. Eu sei que é perigoso, mas... — começou Nasx.

— Não, porra! — Dom bateu seus punhos na mesa. Notei que isso foi uma ordem e que todos ficaram calados devido ao seu tom.

— Eu topo. Posso chegar lá e dizer que me arrependi de ter fugido e voltei para...

Fui cortada por Dom:

— Não é você que tem que decidir isso. Sou eu — seu tom era duro.

— Claro que sou eu, pois a vida é minha e cabe a mim decidir, não a você — retruquei.

Seus olhos ficaram escuros por eu lhe desobedecer.

— A partir da hora em que se tornou minha mulher, a decisão é minha, e não sua. Você não vai servir de isca para aqueles caras. Fico louco só de pensar nisso... — sua voz estava sombria no fim.

Estreitei meus olhos.

— Isso não dá a você posse sobre mim, Dom. Não é porque sou sua mulher que você vai tomar decisões sem me consultar e mandar em mim.

— É claro que dá. Se quiser continuar neste clube, vai ter que fazer o que eu mando...

— Ou o quê? Vai me mandar embora daqui por não fazer o que você quer? Bom, então eu vou, mas não vou deixar de fazer o que é certo. Se a única forma de conseguir invadir o lugar é servindo de isca, então por que não posso? Só porque divido a cama com o chefe? — meu tom saiu amargo.

Ele trincou os dentes, segurando sua raiva. Então éramos dois, porque eu também estava irada. Quem ele pensava que era para me ameaçar com a expulsão por qualquer coisa? Isso queria dizer que, a cada briga que houvesse entre nós, ele iria me expulsar do seu clube, até da sua cama?

Dom estava prestes a retrucar, mas foi interrompido por Daemon:

— Eu posso desligar a energia sem que ninguém precise ir lá. Faço um apagão geral, assim aproveitamos para entrar no lugar e atacar. Assim ninguém precisa se arriscar para fazer isso. —

Olhou para cada um de nós. — Vamos sair às 4h da tarde e atacar quando estiver anoitecendo.

— Ótimo — falei e me levantei, mas Dom pegou meu braço para me impedir de sair.

— Espere...

Afastei-me de sua mão. Ele se encolheu como se eu lhe tivesse batido.

— Eu vou te dizer uma coisa, Dom, e trate de ouvir bem: se você está comigo pensando em mandar em mim ou me colocar no cabresto, isso não vai acontecer; se você quer submissão fora da cama, isso não vai acontecer; se você acha que vai me mandar embora e eu vou me ajoelhar aos seus pés pedindo e implorando para você ficar comigo, isso não vai acontecer. Então pense bem e faça sua escolha, porque, se quiser uma mulher que faça tudo o que você quer em todas as horas, escolheu a pessoa errada para namorar — falei em um fôlego só. — Porque eu não nasci para ser mandada e domada por ninguém, muito menos pelo homem que eu amo e que espero que retribua o mesmo sentimento.

Saí da sala, deixando-o – e não só a ele, mas todos – de olhos arregalados pelo que eu disse. E era verdade. Eu já obedecera a pessoas demais na vida, queria ser livre. Era claro que queria a companhia de Dom e poder conversar sobre as coisas com ele. O que eu não queria era que ele impusesse lei e ordem sobre mim.



Capítulo 12

Shadow

Decisão

Passado

Assim que cheguei ao chalé do qual Jason – meu melhor amigo – tomava conta, eu desliguei meu carro. Tabitta, namorada dele, veio até mim aos prantos, dizendo que tínhamos que sair da cidade urgentemente, porque seu pai assassino – Sebastian Ruiz – tinha aparecido querendo levá-la consigo. Eu já tinha ouvido falar dele, o chefe do cartel mexicano, um dos homens mais temidos, pelo que eu sabia.

Tabitta decidiu ficar longe de Jason para a segurança dele. Eu acreditei ter sido uma escolha tola, mas não consegui convencê-la a ficar com ele e enfrentar Sebastian, embora soubesse que, se isso acontecesse, iríamos perder e nós todos morreríamos.

Eu sabia que meu amigo iria sofrer por Taby partir, mas eu não podia fazer nada para mudar isso, apenas tentar protegê-lo de alguma forma. E se no futuro alguém viesse atrás dele, eu o impediria, mas, para isso, precisava desistir do que realmente queria: servir ao exército indo em missão ao Afeganistão. Queria fazer algo de bom que ajudasse as pessoas.

— Você vai buscar sua mãe, mas passe longe da rua de casa, e depois vem buscar o Jason. Ele vai estar inconsciente, então cuida dele, OK? Enquanto isso, eu vou me despedir dele — ela me pediu com os olhos verdes da cor dos meus cheios de lágrimas.

Ela era uma loira bonita, embora não fosse chegada a se arrumar como as outras mulheres que eu conhecia. Meu amigo morria por ela.

— Você vai dizer que vai embora? — indaguei.

— Não, eu não posso dizer adeus assim. Eu não conseguirei partir caso eu diga... E ele

jamais permitiria isso — sua voz falhou.

— E aonde você vai depois daqui? — perguntei num tom triste por causa de sua partida. Depois de um ano de amizade, eu passei a gostar dela, mas quem não gostaria? A menina ajudava a todos que precisassem.

— Não sei ainda. — Ela tocou a mochila preta grande no banco de trás. — Isso é para vocês viverem por enquanto. Não diga que eu dei, invente alguma coisa. O que está aqui dá para vocês dois irem para a faculdade e se formarem, apesar de ambos terem notas boas o suficiente para conseguir bolsas para entrar em qualquer faculdade.

Abri a bolsa e assoviei. Eu não sabia quanto tinha, mas era muito dinheiro.

— Menina, de onde esse dinheiro saiu? — minha voz saiu alta devido ao choque.

— Minha avó sabia que logo esse homem chegaria aqui para nos procurar, por isso ela arrumou tudo. O quarto com porta de aço e leitor de mão e o túnel por debaixo da casa. Foi assim que fugi. — Ela pegou a mochila menor e a colocou no ombro.

— Daqui a meia hora, eu apareço aqui. — Eu estava estupefato com o que ela disse, mas triste pelo que teríamos de fazer.

Deixei Tabitta com Jason e fui buscar minha mãe no hospital para fugirmos antes que o pai de Taby nos encontrasse e assassinasse.

— Cobra, eu preciso sair da cidade por uns tempos, mas antes quero agradecer por tudo o que você fez por mim — disse assim que meu amigo atendeu meu telefonema.

Cobra era chefe do MC da Serpente e um amigo fiel que eu prezava muito. Ele era meu irmão e o pai que eu nunca tive. Meu pai verdadeiro foi preso por tráfico de drogas. Ele nunca se importou comigo nem com minha mãe, que trabalhava duro para manter a nossa casa. Claro que eu ajudava trabalhando na oficina do Cobra. Ele cuidou de mim para que eu não virasse um drogado e acabasse sendo preso como meu pai.

— O que houve com você, cara? Sabe que, se estiver com problemas, eu estou aqui para ajudar seja lá no que for — seu tom estava preocupado comigo, mas pude sentir sinceridade em sua voz ao dizer isso.

— Eu sei, cara. Uma amiga minha está com problemas, então preciso ajudá-la...

Ele riu, interrompendo-me.

— Desde quando Dominic tem amigas? — seu tom era incrédulo.

Sacudi a cabeça. Claro que eu não tinha amizades com o sexo oposto, eu apenas fodia e mandava a "mina" vazar da minha vida. Cruel, eu sei, mas era assim que eu agia.

— Não é foda com essa mulher. Ela é namorada de Jason, um amigo meu. O pai dela é Sebastian Ruiz...

Jason não conhecia os MCs, não porque eu tivesse vergonha do Cobra, mas para a própria proteção de meu amigo. O mundo dos MCs gerava muitos inimigos.

Ele ofegou do outro lado da linha.

— Maldição! Esse cara não brinca em serviço; quando ele quer algo, vai até o fim.

— Ele quer a Taby e matar quem ela ama, incluindo Jason. Ele já matou a avó dela, a senhora Margareth, tudo para levar a filha com ele, mas ela conseguiu fugir e veio até mim, pedindo ajuda. — Trinquei os dentes no final.

Eu estava a alguns quarteirões do hospital quando um carro bloqueou o meu na estrada, fazendo-me pisar no freio bruscamente e segurar firme para não ser lançado à frente. Três homens armados saíram com metralhadoras apontadas para mim.

— Eu acho que estou encrencado, Cobra. Três caras acabaram de me cercar a duas quadras do hospital...

— Pode lutar?

— Não. Os três estão com metralhadoras e prontos para me peneirar. Se eles me matarem, você promete ajudar Jason e Taby na fuga? Eles estão na cabana.

— Saia agora, ou eu vou atirar em você! — ordenou um dos homens.

Não tive tempo de dizer nada, porque um dos caras me tirou de dentro do carro, e não foi de um jeito gentil, tanto que bati meu braço na porta do carro ao ser tirado à força.

— Espero que alguém cuide do meu carro — falei, esperando que Cobra ouvisse, porque meu celular estava no banco.

O carro era um dos meus menores problemas, quando eu estava sendo levado para sabe-se lá onde. E certamente aqueles caras não eram nada amigáveis.

— Garoto, depois de acabarmos com você, não vai nem pensar no carro ou em alguma coisa. Não lembrará nem do seu nome — sibilou um dos caras.

— Agora anda! — ordenou outro, fazendo-me entrar em seu carro.

Eu não seria louco de lutar, afinal, os três estavam armados. Embora dentro de mim eu soubesse que o meu fim tinha chegado, pois o pai de Tabitta soube que eu a ajudei e mandou acabarem comigo e com minha mãe. Dei graças a Deus por estar sozinho, por eles terem me pegado antes que eu chegasse até ela.

O carro seguiu para fora da cidade alguns quilômetros e entrou na área onde ficavam os armazéns abandonados. Eu sabia que seria o meu fim, porque todos os homens do lado errado da lei levavam caras para serem executados ali e sumiam com os corpos para a polícia não achar.

Fui tirado de dentro do carro e segui os caras em silêncio para o interior do armazém. Afinal, o que eu ia dizer? Suplicar pela minha vida? Isso não ia resolver nada, pois eles eram do maldito cartel que arrancava a pele de pessoas vivas sem qualquer remorso, sem se incomodar com súplicas e gritos. Certamente eles até gostavam disso.

Um cara alto – quase dois de mim – me prendeu com algemas com as mãos para trás em

um poste de cimento no meio do armazém vazio e começou a me torturar. É claro que eu estava com medo do que ia acontecer, mas não era covarde para admitir isso nem para dar o que eles queriam.

— Onde a garota está? — perguntou o cara com barba parecido com gangster.

— Vocês acham que vou dizer algo sobre isso? Estão realmente enganados, seus desgraçados de merda — silvei entre dentes para os três.

Estava escuro naquele lugar. A única luz vinha dos faróis do carro deles, que estavam sobre nós.

— Você vai contar onde aquela putinha da Tabitta está, ou vou acabar com você — falou outro deles, com cabelos mais claros e bigode. Ele segurava uma faca. — Não adianta ser valente, garoto, isso só irá piorar para você.

— Manda Sebastian Ruiz ir para o inferno, pois eu não vou dizer nada para vocês — falei, embora minha voz tremesse por temer a minha morte.

Todos riram disso.

— Sebastian Ruiz? Não, eu trabalho para o cartel dos Lobos Solitários.

— Cara, não diz isso, ou quer morrer? Se Hector Salgado descobrir que você anda falando demais, você estará morto — avisou o barbudo.

— Vamos matá-lo mesmo, por que, então, não dizer nada? — o do bigode me fitou como um verdadeiro lobo sanguinário, ou seja, eu era a presa. — Não trabalhamos para o verme do Sebastian, e sim para Hector. Queremos a menina para usá-la contra Sebastian Ruiz, já que é filha dele.

— Sinto muito, mas, se quiser alguém, vá atrás dele, e não de uma inocente que não tem nada a ver com as merdas do pai — grunhi, mas fui interrompido com um soco na minha boca, fazendo o sangue descer.

— Diga onde ela está agora, ou eu vou acabar com você, garoto — insistiu ele, então senti porradas em todo o meu corpo. Enquanto me espancavam, ordenavam para que eu falasse.

— Eu prefiro morrer a entregar um amigo...

Eu não gritei, afinal, quem iria me socorrer? Ninguém. Não ali, naquele lugar deserto, abandonado por Deus e pelos policiais da cidade.

Estava quase desmaiando, então senti algo afiado entrar em mim. Eu nunca tinha passado pela morte, mas, naquele momento, vi-a de perto, tanto que senti frio. Eu já estava desistindo de lutar, afinal, o socorro não viria. Entretanto, ouvi tiros vindo na nossa direção. Os três homens começaram a atirar para todos os lados também. Era só o que faltava, eu morrer com bala no fogo cruzado. Todavia, era melhor um tiro à facada que tinha levado na barriga e que me fazia sentir o sangue descer.

Os tiros pareciam vir de todos os lados. Pelo jeito, era mais de um grupo ali, tanto que os homens das metralhadoras correram para se esconder e acertar quem atirava, porque caras como eles não fugiriam nunca, nem mesmo à beira da morte. Por mim, que todos morressem e fossem para o inferno.

Eu devia estar quase desmaiando, mas despertei ao sentir alguém mexendo nas minhas algemas. Olhei para cima, deparando-me com um par de olhos verdes como os meus. Cobra, o meu amigo e irmão, tinha vindo por mim.

— O que eu disse sobre você ir ajudar Jason e Tabitta? E você vem até mim? — falei encolhido. Tudo em mim doía como se eu tivesse passado em um triturador. Os caras tinham caprichado na surra e na facada.

— Garoto, não acha que eu deixaria você sozinho, não é? — indagou e me soltou das algemas. Todos me chamavam de garoto só porque eu tinha 19 anos. — Acabei com um deles, mas faltam dois ainda.

— Obrigado por vir, mas como você descobriu que eu estava aqui? — inquiri ainda ouvindo tiros à minha volta, os Lobos Solitários contra os amigos de Cobra. Esperava que os MCs da Serpente ganhassem aquela luta, afinal, eles eram lutadores profissionais.

Ele suspirou.

— O único lugar para o qual eles te levariam, era para cá, já que este lugar é um matadouro. Eu esperava estar certo e tive sorte, embora lamento ter chegado um pouco tarde demais — falou enquanto me tirava dali.

— Parados agora, e mandem seus subordinados cessarem fogo — rosnou um dos caras atrás de nós.

De repente, eu fui rodopiado pelo Cobra, que me colocou atrás dele, levantou sua arma para o Bigode e puxou o gatilho. Era o filho da puta que mais tinha me batido e o que me esfaqueara na barriga, querendo me matar por eu não abrir a boca.

Tiros foram disparados da arma de Cobra e do cara, então tudo aconteceu tão rápido que mal pude assimilar direito. Cobra arfou e caiu para trás. Eu o peguei e vi que ele segurava com a mão a região do seu peito, de onde saía sangue. Ele tinha sido atingido para me proteger.

— Não, porra! — gritei exasperado, esquecendo a minha dor e olhando para o homem que tinha dado a sua vida por mim sem pensar duas vezes.

— Era melhor eu partir a você, garoto — falou com sangue saindo de sua boca. — Você tem todo um caminho pela frente, um futuro...

— Não, você não vai morrer! Eu, com uma facada na barriga, estou de pé! Você também irá sobreviver! — exclamei e tentei me levantar para levar os vários quilos de peso dele a um hospital, mas fiquei tonto e não consegui. — Você não pode morrer! Maldição! Por que entrou na frente da bala?!

— Chegou a minha hora... Não caia no mundo do crime, garoto... Continue o que sempre

foi... — então sua voz sumiu, e ele ficou mole nos meus braços.

— Não, não, não, porra! — rugi sacudindo-o para fazê-lo acordar. — Acorda, Cobra! Você não tinha o direito de me proteger, não tinha!

Ouvi um gemido e fiquei com raiva do desgraçado caído no chão, que também havia sido atingido por um tiro, mas sobrevivera, ao contrário de Cobra. Peguei a arma que ele estava segurando e que agora estava caída no chão e me levantei.

Não dei importância à minha dor; precisava lidar com tudo ali e ir proteger minha mãe, Jason e Taby. Precisava avisá-la de que não era só o seu pai que estava atrás dela, mas também outro cartel tão perigoso quanto.

Parei à frente do cara, que estava caído no chão com a mão na barriga. Ele me olhou e sorriu em meio à dor.

— O que vai fazer, garoto? Me matar? Sabe que, se puxar esse gatilho, a sua vida vai mudar para sempre — seu tom era de zombaria. — Uma vez nessa vida, não há retorno.

— Eu não quero retorno. Você me espancou, eu aceito isso, mas você o matou e agora vai para o inferno — sibilei entre dentes.

— Você também irá para o inferno pelo caminho que vai seguir, caso puxe o gatilho — disse meio ofegante e com a voz falha devido à dor.

— Pode ser, mas não me importo com isso, porque você tirou a única pessoa que eu considerava um pai e vai pagar por isso. — Funguei. Eu não ia chorar, porque a dor carnal que estava sentindo não era nada se comparada à dor na minha alma tanto pela morte do cara que eu amava como um pai quanto pelo sofrimento do meu amigo, Jason. Ele perderia sua namorada assim que ela fosse embora. Eu precisava impedi-la de ir. Talvez eu pudesse protegê-los, ou ao menos tentar. Se para isso eu tivesse que entregar a minha alma ao diabo, então que assim fosse.

— Você não tem misericórdia em seu interior... — sua voz falhou por causa do sangue na

boca. Ele devia ter notado a minha decisão.

— Não, o único com misericórdia é Deus, e eu não sou ele — falei e puxei o gatilho, selando meu destino.

Deixaria o armazém após descobrir a verdade sobre os Lobos Solitários. Eu não era fã de tortura, mas, com caras como aqueles, não tinha como ser diferente. Atirei na perna do sobrevivente e o interroguei até ele revelar tudo sobre a rixa de seu cartel com o de Sebastian. Hector Salgado queria pegar Tabitta como uma vingança e para ter seu pai no controle. Cartel contra cartel. Por mim, que os dois fossem para o inferno.

Precisava ir embora, entretanto, não queria deixar Cobra. Porém, seus amigos e irmãos o levaram para a sede do MC da Serpente. Eu nem pude me despedir dele direito, sequer poderia ir ao seu enterro, já que não podia ficar na cidade.

Cheguei ao hospital sangrando, entrei pelos fundos para que ninguém me visse, nem mesmo os médicos. Eu só queria ver a minha mãe.

— Oh, Deus! Meu filho, o que aconteceu? — ela perguntou meio alterada assim que entrei em sua sala.

O hospital em que ela estava na cidade de Austin, Texas, não era grande. Ela era enfermeira e fazia plantão à noite. Ela se parecia comigo, cabelos negros, olhos verdes, mas estava em seus 45 anos.

— Preciso de pontos, mas não pode acionar a polícia, OK? — supliquei.

— Tudo bem, mas, só porque sou uma mãe liberal, não quer dizer que eu não queira saber o que houve com você — falou ela inspecionando o corte. — Facada?

— Fui pego por uns caras maus, mas não posso dizer sobre isso a você, pois devo protegê-la, tudo bem? Não fiz nada de errado. Eles apenas queriam que eu lhes entregasse alguém, mas isso não aconteceu e nem vai — falei me encolhendo quando ela aplicou antisséptico e

anestésico local e começou a me costurar.

Ela queria fazer exames e tudo o mais, mas eu não tinha tempo. Taby estava me esperando. Eu só esperava que ela ainda estivesse lá para eu dizer que iria protegê-la e a Jason também.

Quando eu puxei o gatilho, soube que estava em um caminho sem volta, e faria qualquer coisa para proteger Jason. Meu amigo já tinha sofrido muito com o fodido bêbado do pai dele, que eu só não matei porque Jason me pediu para deixar aquilo quieto.

— Mãe, eu preciso sair da cidade por uns tempos, e a senhora não pode ficar aqui. Os homens que fizeram isso comigo estão atrás de Taby e Jason. O pai dela é um canalha que vai fazer de tudo para levar a filha, mas o que importa é que vou sair com eles para sua proteção e a minha e quero que a senhora vá para a casa de sua irmã, no Arizona, e fique lá, OK? Prometo que vou manter contato direto com você.

Ela não queria me deixar. Chorou, suplicou, mas eu não podia fazer nada. Agora era só pegar Taby e Jason e ir embora dali até que tudo se resolvesse, não só para eles, mas para mim também.

— Pega o ônibus e vai embora. Não pega nada em casa, pois alguém pode estar lá agora. Eu mando dinheiro assim que você chegar lá.

Eu a deixei perto da linha de ônibus e fiquei a vendo ir embora chorando. Esperava um dia voltar a estar com ela.

Fui para o chalé. Cobra tinha pegado meu carro abandonado na estrada. Ainda bem que nenhuma pessoa pegara o dinheiro que Taby tinha dado para Jason. Porque eu não queria nada dele.

Cheguei ao chalé de madeira e vi a luz acesa. Corri chamando por minha amiga e ignorando a dor na barriga, aliás, no meu corpo inteiro, mas ela não estava lá, só Jason, apagado na cama. Ela me disse que ia fazê-lo dormir para ir embora, já que não suportaria se despedir

dele.

Sentei-me perto de Jason na cama e olhei para ele. O que seria de meu amigo dali para frente? Onde poderíamos encontrar Tabitta? Eu não sabia, mas de uma coisa tinha certeza: ninguém iria tocar no meu irmão e amigo. Nem que, para isso, eu tivesse que me tornar o verdadeiro diabo, pior que Sebastian Ruiz e Hector Salgado.



Capítulo 13

Dom

Medo

Presente

Eu ainda estava pasmo com o que Evy me disse. Ela me amava? Como, se fazia apenas uma semana que nos conhecíamos? Eu sabia que a queria para sempre, queria sentir seu cheiro, seu gosto e dormir a vida inteira ao seu lado, igual aconteceu naquela noite, aconchegar-me a ela, ouvindo seus suspiros enquanto dormia.

Naquela noite, enquanto eu olhava para Evy em seu sono, pude entender mais claramente o que Jason sentira e sentia por Tabitta. Eu tinha descoberto havia pouco tempo o paradeiro da Taby. Até estava pensando em ir até ela e pedir para contarmos tudo ao Jason, que, por sua vez, morava tão perto dela sem saber. Entretanto, o desgraçado do Berry me proibira de procurá-la, já que Taby tinha se tornado uma agente do FBI.

Na verdade, o miserável do Berry não queria que descobríssemos que ele estava junto a Lorenzo e Ramires, todos uns malditos com os quais eu adoraria acabar um por um. Contudo, ele não era mais o meu chefe, e, assim que tudo se resolvesse ali, eu iria procurar Taby e falar para ela contar a verdade ao Jason, ou eu contaria. Não podia mais guardar aquele segredo dele, porque estava me matando.

Eu sabia que ela o amava, porque até então, Taby lutava para colocar Sebastian na cadeia, mas ninguém conseguia provas o suficiente contra ele. Sempre que conseguiam algo, alguém assumia a culpa e ia preso no seu lugar.

— Porra! Essa mulher veio por encomenda, hein, Shadow? — falou Curt entre risadas, trazendo-me dos meus pensamentos sombrios.

Nasx também se debruçava de tanto rir por Evy ter me enfrentado na frente de todos.

— Eu nunca pensei que chegaria o momento em que uma mulher colocasse Shadow no cabresto, mas estou adorando isso — ele disse. — Eu já amo essa mulher.

— Eu não a mereço, muito menos o que ela sente por mim. — Passei as mãos nos cabelos. — Mas sou incapaz de deixá-la ou de não ficar feliz por ela me amar.

— Isso é bom, porque, se deixá-la, você vai com passagem só de ida para o mundo dos mortos, irmão ou não — avisou Kill num tom mortal antes de sair da sala.

— Ele se preocupa com ela. Após tantos anos na expectativa de que ia encontrá-la viva, finalmente a encontrou, por isso a proteção cerrada — falou Curt.

Os outros saíram, deixando só a mim e Curt na sala quebrada. Eu já tinha perdido o controle antes, mas não ao ponto de destruir a igreja. Todavia, quando cheguei e soube que Evy estava chorando, temi que fosse pelo fato de ela ter me visto atirando naqueles fodidos caras do Lorenzo. *Que apodreçam no inferno para onde os mandei.* Eu sabia que ela merecia alguém melhor do que eu, mas não podia ficar longe dela. Um mero beijo que eu dei nela já me arrebatou ao ponto de não querer outra mulher; depois que eu a tomei como minha em meus braços, o sentimento só aumentou exponencialmente.

Uma semana antes, meus irmãos e eu tínhamos ido a Nova York, ao clube de Curt, a fim de pedir a ajuda dele para lutar conosco contra a corja de malditos estupradores. Ficamos lá seis dias, então, quando voltei, o que encontrei? Evelyn me pedindo para tocá-la de novo. Eu sabia que tinha sido egoísta por dizer a ela que fiquei com várias mulheres enquanto estive fora. No entanto, isso não aconteceu. Eu vi pessoas transando, mulheres nuas e não senti nada por nenhuma delas. Meu pau morreu para todas. A porra nem se levantava. Se não se erguesse por ela, eu pensaria que tinha ficado brocha. Porém, quando cheguei e a vi toda animada para que eu a tocasse, nossa! Meu pau ganhou vida. Eu descobri que estava definitivamente perdido, porque passei uma semana pensando nela direto. Evelyn veio como um trem na minha vida, mas, em vez

de me destruir, me tomou por completo. Sua inocência e boca esperta me fizeram cair de joelhos, de quatro por ela.

— Eu sei o que você pensa sobre si mesmo, Shadow, mas isso não é verdade. Sabe que não temos só lealdade em nosso clube, não é? Também temos amor de irmãos. Todos fizemos escolhas ruins nessa vida. Só temos que decidir que caminho seguir, o da luz ou das trevas. Não existe meio termo, irmão — disse Curt, trazendo-me dos meus pensamentos com minha mulher.

Ele me ajudou muito em um dos piores momentos da minha vida, não me deixando afundar em minha raiva, dor e culpa. Fiquei um tempo com ele em Nova York, mas, então, Berry precisou de ajuda na sede de Chicago, e eu vim, e não me arrependia disso, porque ali conheci pessoas maravilhosas que se tornaram minha família.

Suspirei.

— Mais cedo, eu pensei que ela estava chorando por ter visto um lado meu que ainda não tinha visto... Eu não sei bem, mas fiquei furioso comigo por tudo o que já fiz, o que me tornei...

— Você se tornou um homem bom, cara, jamais pense o contrário disso. Somos motoqueiros porque amamos isso. Ou você não adora pilotar motos e participar das reuniões e festas que temos?

Eu assenti.

— Sim, você tem razão, eu amo ser um motoqueiro, mas falo pelas mortes que tenho nas mãos, que não são poucas, você sabe disso. — Era claro que eu tinha matado só bandidos, mas isso não justificava a minha desobediência às leis.

— Sim, mas você só feriu criminosos e assassinos, caras que não perderiam uma noite de sono sequer por terem tirado uma vida inocente. Tenho certeza de que, se Evelyn descobrir isso, jamais vai deixá-lo. Isso se chama amor, ele supera qualquer barreira nessa vida — falou sério e depois sorriu como um pai coruja, embora fosse apenas dez anos mais velho do que eu. — É

claro que, se você pular a cerca, pode ser diferente. Pelo que notei, sua garota não parece ser daquelas que perdoam facilmente, ela pode até cortar seu pau com as adagas, já pensou?

Ri.

— Eu não quero outra mulher, só ela — garanti e depois acrescentei: — Obrigado, cara! Por estar aqui e se juntar a nós nessa luta. Eu não queria levar ninguém de vocês ou dos meus para isso, mas não podemos simplesmente fazer o FBI entrar lá e derrubar a casa. Eu até queria isso, mas aí o filho de Lorenzo não teria a sua coroa de família por direito. — Suspirei, passando a mão na cabeça. — Embora eu não ligue para isso, mas Matteo será o novo *capo* em breve, e, com ele do nosso lado, será melhor para todos. Afinal, ele controlará quase toda a América e a Europa.

Curt coçou o queixo, assentindo.

— O que vamos fazer com Lorenzo Salvatore? Ele não vai estar lá na casa para podermos matá-lo, e, mesmo se o fizéssemos, a família dele teria que buscar justiça pelo assassinato. É assim a lei da máfia, mesmo que esse menino Matteo seja contra. Ele precisará ir atrás do cara que matar seu pai, não terá escolha a não ser caçar e matar, afinal, Lorenzo ainda é o *capo*.

— Eu não sei ainda, mas vamos deixar para pensar nisso depois de tirarmos as garotas daquele lugar de merda e derrubarmos tudo.

— Não podemos matá-lo, você sabe disso, não é? Não falo isso por medo, mas a máfia Salvatore tem mais de cem mil caras trabalhando para eles. Mesmo se juntássemos todos que conhecemos para essa luta, nós perderíamos. — Ele suspirou. — Nossas mulheres, amigos, tudo seria dizimado. É isso o que eles fazem.

Eu assenti, porque ele tinha razão em relação a isso. Os Salvatores tinham muitos homens que trabalhavam para si em todo o mundo e mais de um milhão de servidores pelo planeta, ficando abaixo apenas das máfias russas Dragon, de Nikolai, e Bravata, de Andrey Jacov.

Eu poderia entregar Lorenzo a Nikolai, então as máfias que se entendessem, se explodissem, mas Matteo não tinha nada a ver com o que seu pai havia feito, e vingança na máfia não era algo bonito. Eu apostaria que Nikolai acabaria com todos, até com quem não tinha nada a ver com a morte dos seus pais.

— Eu não sei como vai se resolver isso, mas agora só quero pensar que vai ocorrer tudo bem hoje.

— Vamos cuidar de tudo aqui, depois veremos a reação de Lorenzo ao saber o que iremos fazer. Agora vamos comer, porque estou morrendo de fome — falou, alisando a barriga.

— Sim, vamos.

Chegamos à cozinha, e todos já estavam comendo.

Eu estava com fome, sim, mas queria mais falar com Evy. Nossa conversa na igreja tinha ficado inacabada. Só em pensar que eu poderia perdê-la, meu peito se apertava por dentro, tanto que quase me impedia de respirar, mas eu tinha de acreditar que não ia acontecer nada com ela, não enquanto eu vivesse e respirasse nesse mundo.

— Depois eu vou levá-la para comprar uma lingerie sexy. Vai deixar Shadow louco, porque todos os homens ficam loucos com isso — disse Andy.

— Querida, eu fico mais louco vendo você sem elas — falou Curt, indo se sentar ao seu lado.

Ela riu amorosamente.

— Isso também, querido.

Antes, eu via os dois juntos, e até Taby e Jason anos atrás, mas não sentia o desejo de ter alguém assim um dia, alguém que eu pudesse ter 24 horas por dia. Todavia, vendo os dois naquele instante, eu quis aquilo. Queria Evy sorrindo assim para mim, não só então, mas sempre.

— Evy, eu posso falar com você a sós? — chamei, querendo ficar um pouco perto dela antes de partimos, afinal, eu não sabia como iríamos nos sair na operação de resgate.

Ela, que estava sorrindo, parou ao me olhar. Eu quis bater em mim mesmo por ter falado com ela daquele jeito na frente de todos na sala de reuniões, mas estava preocupado que ela fosse ser usada como isca para aqueles caras malditos. Deus! Só de pensar nisso, meu sangue fervia ao ponto de explodir.

— Pode falar, estou ouvindo — falou ela amuada, virando-se para mim.

— Querida, eu sei que algumas pessoas fazem e dizem o que bem entendem na frente dos outros, mas nem tudo pode ser dito e feito...

— Mas se vocês transam na frente das pessoas nas festas, o que pode ser mais íntimo do que sexo, que, por sua vez, deveria ser feito no quarto? O que queria me dizer? — sondou ela e colocou a mão no queixo, pensativa.

Quando ela fazia essa carinha linda e concentrada, com certeza aprontaria. Eu nunca havia conhecido alguém que não corasse com determinadas conversas na frente dos homens, mas aquela menina tinha vindo por encomenda. E eu adorava isso nela.

— Quem te falou das festas?

— Andy, Mary e Nádia. — Ela sorriu para as mulheres. — Além disso, em minha primeira noite aqui, estava acontecendo uma.

— Nem todas as mulheres transam na frente de todos, só as prostitutas. — Suspirei.

— Quer dizer que, se eu quisesse ser fodida como Nasx fodeu a Sandy na noite em que cheguei aqui, eu não poderia? — Ela arqueou as sobrancelhas. — Você já não fez isso antes?

Eu expirei, porque não sabia como ela reagiria ao conversar sobre as mulheres com quem eu já transara. Ela nunca reagia como eu esperava.

— Sim, mas não vou fazer isso com você — falei, avaliando sua expressão.

Ela estreitou os olhos.

— Por que, se você fazia com suas namoradas? — seu tom estava irritado.

Suspirei.

— Eu nunca tive namorada, Evy, apenas fodia e pronto! Você não ficará nua na frente dos meus irmãos, ou eu mato todos eles, entendeu? — Isso era verdade. Só em pensar nela nua e meus irmãos a vendo me enchia de raiva e me dava vontade de acabar com todos que olhassem para aquela perfeição que era só minha.

— Querem parar de falar em foder? Maldição! Eu estou louco para acabar com Shadow, e você fica falando em fazer sexo, Evy, e ainda para todos verem? — rugiu Kill, tomando um gole de sua bebida.

Depois que Isy foi embora e o deixou, ele começou a beber direto. Kill provavelmente fazia isso para esquecer a dor, pois a perda dela o abalou muito. Eu esperava que um dia ele se curasse.

— Você deveria arrumar uma namorada e sair do meu pé — retrucou Evy, não sabendo o estrago que essas palavras fariam com ele.

A dor e o tormento toldaram as suas feições, mas de forma pior que antes. Ele se levantou da mesa e arfou como se estivesse com falta de ar.

— Michael... — sussurrou ela, vendo a reação do irmão.

Ele passou por ela e saiu da cozinha. Ela se levantou e correu atrás dele.

— Michael, o que foi? O que eu disse para você ficar assim? Me desculpe, seja o que for...

Ele parou à porta, mas não olhou para ela, apenas disse com a voz atormentada:

— Eu não posso falar, Evy, não sobre isso... Preciso sair agora. — Então saiu, deixando-a

no meio da sala, chocada, sem saber o que tinha acontecido.

— Daemon, vá com ele — pedi.

— Sim — respondeu Daemon e parou em frente a Evy. — Eu vou tomar conta dele, não se preocupe.

Fui até Evelyn e a puxei para o meu quarto. Ela não se retraiu, apenas me seguiu.

Kill tinha ido correr. Sempre que ficava assim, ele corria para aliviar, e bebia também, mas eu acreditava que, como tínhamos coisas para fazer, ele não iria beber ao ponto de desmaiar e algum irmão ter de carregá-lo, como sempre acontecia. Além disso, Daemon estava de olho nas coisas, ou melhor, nele, para que nosso irmão não matasse alguém ou dirigisse bêbado.

Kill nunca comentava sobre seu término com Isy, e nós não tocávamos no assunto, afinal, isso o machucaria, mas Evy não sabia de nada sobre isso.

— Eu não entendo. O que eu disse para ele ficar daquele jeito? — sua voz tremeu, e ela se encolheu. — Só falei para ele conseguir uma namorada.

— Não é sua culpa. É que Isy é um assunto complicado para ele.

Ela me olhou com seus olhos grandes e arregalados, mas também confusos.

— Isy? A mulher dos livros? A que eu pensei que era a *sua* namorada?

Sacudi a cabeça.

— Essa mesma. Como eu disse, nunca namorei ninguém na minha vida. Isy era namorada do Michael uns anos atrás — falei com um suspiro resignado.

— O que houve para ele ficar assim? Parece que estava tomado de dor...

— Eles namoraram por um tempo, mas, há quatro anos e meio, terminaram, ou melhor, ela foi embora, mas não sabemos o porquê da separação. Kill não quis me contar nada, aliás, ele não fala com ninguém sobre ela.

Ela assentiu, meio triste pelo irmão.

— Ele ainda parece amá-la, pois vi dor nos olhos dele. É por isso que ele bebe assim? — ela parecia falar consigo mesma no final.

— Sim, eu acho que isso ajuda a aliviar a dor que ele sente, embora nunca a tire realmente, não é? — Eu nunca tinha amado alguém, mas, se o amor fosse parecido com o que eu sentia pela Evy, era algo que não dava para esquecer com nada nesse mundo, nem mulheres, nem bebida.

Sentei-me ao seu lado, abracei-a e beijei sua cabeça.

— Lamento pelo que eu disse mais cedo na igreja. Não tive a intenção de impor sua obediência ou dizer que você fosse embora. — Apertei-a em meus braços. — É só que, ao pensar em você nas mãos daqueles caras, enlouqueci e falei daquele jeito, mas prometo que vou me controlar.

Ela se afastou. Achei que estivesse com raiva de novo, mas sua expressão era branda.

— Eu sei que não entendo algumas coisas, ainda mais no quesito relacionamento, mas li em livros que um casal compartilha tudo, ninguém esconde nada um do outro, e, quando é para tomar decisões, eles as tomam juntos, e não por ordem ou ameaças.

Não disse nada, só a beijei devorando aqueles lábios que eu amava tanto. Ela gemeu em minha boca e começou a tirar minhas roupas. Eu a ajudei e tirei seu vestido, deixando-a nua com toda a sua beleza exposta para mim.

— Esse corpo é só meu e apenas eu posso olhar, lamber, morder e degustar, não é? Responde — falei assim que ela gemeu. — Quero ouvir sua resposta.

— Sim, ele é todo seu para você fazer o que quiser — sussurrou ofegante.

— Eu gosto de como isso soa. Então deite-se de bruços na cama e coloque as mãos na cabeceira da cama. Segure firme e não solte, OK?

Ela assentiu, com dificuldade de respirar. E fez o que eu mandei.

— Agora levante a bunda o mais alto que conseguir — ordenei.

Ela arfou.

— Vai comer minha bunda? — o som saiu mais alto no quarto. — Eu quero saber como é. Andy e Nádia disseram que é bom.

Eu olhava aquela bundinha linda arrebitada, com sua boceta linda e gostosa já molhada para eu saborear. Fiquei atrás dela.

— Você não tem ideia da maldita vista que estou tendo agora. — Dei uma tapa em sua bunda que a fez remexer as pernas para aliviar o atrito. — E não vou comer essa bundinha linda hoje.

— Mas por quê? Eu quero ver se é bom — falou ela me olhando por cima do ombro. — Se for igual quando você come a minha boceta, eu vou adorar.

— Gosto da forma como você fala sem vergonha nenhuma. E, sim, é igual. Mas, como a virgindade doeu, isso também vai doer na primeira vez. Depois que tudo isso acabar, e se você ainda quiser, nós fazemos, OK? — Beijei sua bunda. — Agora vou lamber essa boceta gostosa.

— Graças a Deus que tomei banho depois que ficamos na igreja — falou ela mexendo a sua bunda. — Eu adoro sua língua...

Sorri.

— E meus dedos? Você gosta? — Alisei sua boceta e enfiei dois dedos dentro dela, esfregando seu clitóris e a fazendo se remexer, mas segurei seu corpo com a outra mão. — Não solte as mãos.

— Dom... — chorou de desejo. Sua voz estava rouca e falha. — Isso é tão bom...

— Sim, querida, mas tenta não gritar, OK? Queria estar em casa e ouvir seus gritos, mas,

aqui, o Kill pode chegar e arrebentar essa porta ao ouvi-la gritando, e nenhum de nós dois quer isso, não é? — Acelerei o movimento dos meus dedos.

Evy colocou a boca no travesseiro, mas a vi assentir com a cabeça. Ela estava perto de gozar, então tirei meus dedos e coloquei minha boca. Eu queria rir do que ela falou, que a boceta cheirava a queijo. Até parecia, mas eu amava queijo, como também amava a boceta dela.

Eu não era muito de chupar uma boceta, apenas quando eu via que a mulher com quem eu estava não tinha um homem havia muito tempo, diferente das prostitutas, que ficavam com muitos em um curto prazo. Porém, aquela era somente minha, e ninguém a tocava além de mim. E, enquanto eu vivesse, ninguém tocaria naquele botão rosado e inchado.

— Essa boceta é só minha! — rosnei enquanto dava um puxão com os dentes e a língua no seu clitóris. Então a senti gozar e devorei todo o suco, não deixando nada para trás.

— Sim, é sua! Agora me fode...! — falou meio sem fôlego pelo orgasmo que teve.

Tirei meu pau para fora da calça e coloquei a camisinha. Entrei nela e, de repente, estava no céu. Peguei seus cabelos e os enrolei nas mãos, dando um puxão enquanto a fodia por trás. Ela gritou pelo prazer que estava sentindo. Eu só esperava que Kill não voltasse para estragar tudo, porque eu era capaz de matar qualquer um que me interrompesse naquele momento de êxtase.

Evelyn soltou as mãos da cabeceira e ficou de quatro, mas tive que firmar seu corpo.

— Dom, eu estou tão perto! Por favor, não para...! — ela gritou suplicante assim que circulei seu clitóris com os dedos, trazendo-a à borda do orgasmo.

— Nem se o inferno congelasse! — Fui junto, gozando dentro da única mulher que conseguia me domar.



Capítulo 14

Evelyn

Resgate

Estava com meu coração apertado, tanto pelo que aconteceria naquele dia, quanto pelo meu irmão, que estava sofrendo por uma mulher que o havia deixado quebrado daquele jeito. Por isso ele só bebia e tinha aquele olhar mortal.

Eu vim com Dom em sua moto, já que Michael tinha sumido, mas Nasx disse que ele já tinha ido para o lugar combinado para entrarmos, no fundo da fazenda Paraíso. Estava preparada com punhais em minha jaqueta e nos bolsos.

— Chegamos — disse Dom assim que atravessamos quilômetros de mata extensa.

Tinham muitas motos e caminhões grandes para levarem as garotas embora. Fiquei feliz com isso. Seria difícil para elas se descobrirem ali fora, mas eu acreditava que se acostumariam assim como eu. O pior era viver naquele inferno.

Os membros dos MC Fênix de Chicago e de Nova York estavam vestindo roupas normais para que ninguém os ligasse ao motoclube. Assim, Salvatore não ficaria sabendo da relação entre o MC e o resgate.

Michael estava sentado em sua moto com uma garrafa de bebida na mão. Pulei da moto antes que Dom tivesse tempo de parar e fui até meu irmão. Peguei a garrafa e a joguei em uma árvore, despedaçando-a.

— Mas que porra! — rosnou e, ao me olhar, viu quem fez. — Evelyn?

— O que pensa que está fazendo, hein?! Só porque está sofrendo, não significa que tem que buscar a morte, seu idiota! Vai ser uma luta grande lá dentro, e você bêbado vai se tornar uma presa fácil! — gritei, batendo em seu peito e o fazendo dar um passo atrás, afastando-se da moto, mais por surpresa do que pela dor. — É isso o que quer?! Você está tão desesperado assim

que anda procurando a morte?!

Ele pegou meus pulsos para eu parar de bater nele.

— Mas que droga, Evelyn! Eu não vou me matar. Maldição! Então pare de me bater. — Abraçou-me forte. — Mesmo que a dor me consuma, eu jamais iria acabar com minha vida, ainda mais depois de você voltar para mim, então não pense besteira e não fique com medo.

Apertei-o em meus braços.

— Não suporto a ideia de perder você, entende? Você sabe o que eu fazia enquanto pensava que não tinha mais ninguém... A dor... Eu não sei do que seria capaz de fazer caso viesse a...

— Não vai, eu juro — prometeu.

— Então já resolveram as coisas pendentes? — perguntou Dom em tom duro.

Afastei-me de Michael e olhei para ele se aproximando de mim com cara de poucos amigos.

— O que foi?

— O que foi?! Você nem deixou a moto parar e pulou dela! Sabe que poderia ter se machucado? Não se pula de uma moto em movimento, droga!

— Eu não me machuquei, está vendo? Pra que tanta histeria? — falei dando as costas para Dom e Michael e vendo os sorrisos dos caras ali. — Então vamos começar? Estou louca para detonar alguém.

— Pena que você não me conheceu antes de Shadow, assim seria eu o sortudo a ter uma mulher como você. — Sorriu o mesmo cara moreno que havia me chamado de gostosa na casa do Dom.

Sorri para ele. Eu tinha ouvido Nasx chamá-lo de Logan.

— Dom foi como amor à primeira vista. Quando bati os olhos nele, só queria ele, mas o que mudou mesmo foi quando ele me...

Dom me cortou, com um sorriso:

— Certo, querida, não vamos falar sobre nossa vida sexual aos outros. Temos problemas maiores para resolver agora. Vamos fechar o perímetro, deixá-los sem energia, então derrubar a cerca elétrica e câmeras que estão no lugar.

— Eu vou interceptar os telefones deles e deixá-los sem sinal por algumas horas — disse Daemon mexendo no seu notebook e em algumas "engenhocas" que eu não sabia o que eram. — Assim, não conseguirão chamar a ajuda de Lorenzo e dos outros. Vamos resgatar as garotas e acabar com todos.

— Você é um maldito hacker, meu irmão — disse Nasx e depois me olhou, vendo a confusão em meu rosto. — É uma pessoa craque em computadores, que se dedica com uma intensidade incomum a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e redes de computadores.

Assenti, não entendendo muita coisa. Ele sorriu com isso e revirou os olhos.

— Depois eu explico melhor para você — disse com uma piscadela.

— Você vai ficar comigo a todo o momento, ouviu? — Dom me virou de frente para si, forçando-me a levar a sério o que ele dizia. — Eu vou protegê-la de todos que estão lá, juro.

Eu podia detectar a verdade em cada palavra que ele dizia. Meu coração bateu forte com isso, por ter a sorte de tê-lo em minha vida e por ter encontrado tantas pessoas maravilhosas no clube. Uma família, agora eu tinha uma, e faria de tudo para as meninas sequestradas também terem um lar ali fora.

— Eu confio em você com a minha vida, querido — falei a verdade.

— Obrigado, linda. Agora vamos.

— Eu vou estar com você também, porque não tem a mais remota chance de eu deixá-la com quem quer que seja — afirmou Michael.

Após conseguirmos entrar na propriedade, nós nos separamos em grupos. Dom, Michael e eu fomos, junto a mais alguns caras, para a casa onde eu ficava. Os outros grupos foram para a casa onde eram mantidas as crianças. Oitenta homens ao todo entraram na fazenda.

Dom e Michael entraram na frente, após a energia e as comunicações terem sido cortadas. Peguei minhas adagas, uma de cada lado, e fiquei entre os dois. Ainda bem que a lua cheia clareava o bastante para nos movimentarmos.

Dom segurava um revólver, e Michael, duas adagas, como eu. Logo que entramos, abatemos quatro, ou melhor, Michael e Dom, pois, quando eu ia lançar minhas adagas, os dois já tinham ido à frente e feito o serviço.

Chegamos ao corredor onde meu antigo “quarto” ficava e lidamos com alguns dos guardas que vigiavam o lugar. Tiros foram disparados em todas as direções.

Deixei-os lutando com uns homens e corri para abrir as celas. Eu nem podia chamar aqueles cômodos de quarto, mas de celas, já que à noite ficávamos trancadas e, de dia, só podíamos ficar em determinadas áreas. Na verdade, éramos vigiadas 24 horas por dia. As meninas estavam todas assustadas com o barulho dos tiros.

Dom gritou, e Michael amaldiçoou por eu sair na frente, mas precisava tentar ajudá-las e acalmá-las por causa daquele alvoroço. Assim que abri a primeira porta, algumas meninas queriam sair correndo da cela, desesperadas, loucas para saírem daquele lugar. Eu faria o mesmo que elas se ainda estivesse presa ali.

— Se acalmem, meninas, eu vim para tirá-las daqui — pedi tentando tranquilizá-las.

Dália veio até mim. Ela era uma mulher morena e bonita com olhos castanho-claros.

— Oh, meu Deus! Evy, eu tinha medo de que não a veria de novo... — falou ela,

abraçando-me e chorando. — Mas tinha esperança de que conseguisse ajuda.

Houve mais tiros, e Dom apareceu ao meu lado com sua arma na mão, procurando inimigos. Dália entrou na minha frente e o encarou.

— Não se aproxime dela, seu desgraçado, ou eu vou rasgar sua garganta e expor suas tripas! — rosnou ela, apontando um lápis afiado para Dom.

— Espere, Dália, eles estão comigo! — exclamei, pegando seu braço para acalmá-la. — Esse cara com as adagas é meu irmão, aquele que pensei que estivesse morto, mas ele está vivo. E esse homem sério, porém, lindo aqui é meu namorado.

Ela arfou.

— Namorado?

— Se vocês não perceberam, nós estamos em uma guerra, então por que vocês não deixam para falar sobre isso depois, hein? — pediu Dom, mas notei felicidade em seu tom. Talvez fosse pelo que eu disse sobre ele.

Assenti, porque ele tinha razão. Não era hora para conversar. Estávamos no meio da luta. Depois recuperaríamos o tempo perdido.

— Evy, não entre nos quartos sem eu checar as coisas antes, tudo bem? Faça o que digo e pare de correr na frente bancando a heroína — disse Dom com um rosnado.

— Vou tentar, é o melhor que posso fazer — falei, saindo e ignorando o praguejar dele.

Fomos aos outros corredores e abrimos mais portas, conforme Dom e Michael acabavam com os guardas. Eu ia perguntando às meninas se estavam todas ali ou se estava faltando alguém.

— Estão faltando duas — disse uma garota loira. Eu não a conhecia, afinal, não vinha para aquele lado.

No corredor nove, tinham sido levadas duas garotas para os calabouços havia poucas

horas. Então era para lá que iríamos, e eu iria esquartejar o desgraçado que as levara. Esperava que elas estivessem bem. Os fodidos tinham aproveitado que não tinha gente de Matteo ali para começarem a se aproveitar de garotas inocentes.

Um dos MCs que eu não conhecia estava encarregado de levar as meninas para os caminhões.

— Eu não vou deixar você! — Dália não queria sair do meu lado, mas eu a convenci a tomar conta das outras meninas. Precisava achar as garotas que haviam sido levadas.

Fomos aos alçapões que Pablo tinha me mostrado havia alguns anos, antes de desaparecer do mapa. Eu achava que ele tinha ido embora ou estava morto. Tentei não pensar nisso, ou a culpa viria, porque tinha sido por minha causa que ele sumira.

Nós já estávamos no 36.º alçapão e não achávamos as garotas desaparecidas, mas, pelos gritos que ouvimos, estavam no 37.º Corri e entrei nele na frente, antes de Dom e Michael. Não havia tempo para aguardá-los.

— Maldição! Evelyn, dá para esperar?! — ouvi Michael gritando atrás de mim.

Não respondi; ao ouvir novamente as meninas gritando, só aumentei o ritmo de meus passos para descobrir o que estava acontecendo com elas e salvá-las. Quando entrei no lugar, porque a porta estava aberta, tinha um homem forçando uma garota a ficar com ele. Ela estava chorando e ajoelhada à sua frente, e o desgraçado se encontrava com as calças abaixadas, pronto para forçá-la a colocar a boca em seu pau.

— O lugar está sendo invadido, mas, antes de ir, vou ter vocês, vadias, porque não servem para nada, só para foder e chupar pau!

— Por favor, não...! — choramingou ela.

— São todas putas...

— Não concordo com isso, seu miserável, mas que tal encarar alguém do seu tamanho? —

falei, entrando no lugar e movimentando as adagas em minhas mãos. — Vamos ver se me obriga a ajoelhar na sua frente.

Ele se virou e sorriu ao varrer seus olhos sobre meu corpo como se estivesse tirando as minhas medidas e parecesse gostar do que via. Então o reconheci.

— Alvin... — soltei seu nome com um rosnado. Um mês antes ele tinha me agarrado no corredor e tentado me beijar à força, mas eu peguei minha adaga, acertei sua cara e saí correndo até Samuel. Depois disso, não o vi mais. Achei que Matteo tinha sumido com ele, mas vi que não.

— Nossa! Evelyn, a foragida, agora está de volta. O quê? A filha pródiga voltou?

— Não sonhe com isso. Eu jamais voltaria para esse inferno. — Mexi as adagas, louca para acertá-lo, mas, como eu precisava tirar as garotas dali sem que aquele crápula as machucasse, falei à menina ajoelhada: — Se afaste dele e vá para sua amiga.

Ela olhou para ele e correu para a outra moça, encolhida no canto e com medo.

— Evy? É você?

— Sim, sou eu. Fiz amigos e viemos tirá-las daqui — informei para tranquilizá-las.

Ele as ignorou; sua atenção estava só em mim. Bom começo, pois assim aquele cretino não as machucaria.

— Amigos? Sabe que todos serão mortos. Lorenzo anda procurando você por todo canto, sabia? Ele está furioso por sua fuga daqui — comunicou ele, meneando a cabeça de lado. — É uma sorte eu encontrá-la aqui.

Bufei.

— Fiquei sabendo, mas ele não vai me tocar, assim como você, seu verme. Acha que esqueci quando você quis me pegar à força?

— Acha que não sei que anda fodendo o filho do chefe? Eu vou adorar estar dentro de você e fazê-la gritar — seu tom era meloso, mas de um jeito cruel, frio, não sexy. — Mais do que as essas meninas choronas. Mas com você, vou devorá-la, e vai fazer o que eu quiser, inclusive chupar meu pau.

Eu ri.

— Só tem um homem que vai estar dentro de mim e me fazer gritar, e esse não é você, nunca vai ser, seu desgraçado de merda. Agora você vai morrer e ir para o inferno!

— Você é corajosa ou estúpida, mas te darei uma lição. Ensinarei você a ser obediente...

Grunhi e corri para me lançar sobre ele. Todavia, antes que eu chegasse até Alvin, ele caiu morto com um tiro na cabeça. Olhei de forma assassina para Dom, na porta.

— Maldição, Dom! Por que se meteu? Eu dava conta desse fodido de merda, porque ele não estava armado, então eu podia vencê-lo! — reclamei.

Dom suspirou.

— Como deu conta quando ele tentou pegá-la à força? Ele tem sorte que foi um tiro na cabeça, porque, se tivéssemos tempo, eu o faria pagar lenta e dolorosamente.

— Eu cortaria seu pau de merda e o faria comer — disse Michael com ar feroz e mortal.

Revirei os olhos.

— Vocês estão bem? — perguntei às meninas.

As duas se levantaram do chão e vieram até mim. Não pareciam ter marcas de ferimentos. Nós devíamos ter chegado a tempo de impedir que algo pior acontecesse.

— Eles tocaram em vocês de alguma forma? — eu precisava saber.

— Não, graças a vocês, mas Ana está quente. Eu tentei avisar a esse desgraçado, mas ele não ligou. — Ela cuspiu na cara do cadáver de Alvin.

Toquei no rosto de Ana, uma garota que tinha uns 12 anos mais ou menos. A menina oscilou, e eu a segurei.

— Como vamos tirá-las desse lugar? — perguntei a Dom e Michael. — Ela não vai aguentar andar.

Dom saiu da cela e gritou chamando alguém. Um rapaz ruivo veio e a pegou nos braços.

— Eles são bons e vão cuidar dela — disse.

— Eu me chamo Mariana e não a conhecia, mas ouvi que alguém com nome Evy tinha conseguido fugir e que voltaria para nos ajudar.

— Finalmente vamos libertar todos daqui e destruir este lugar.

Assim que o rapaz levou as meninas embora, seguimos para os últimos calabouços. Não tinha mais registro de sumiços, mas era melhor checar as coisas, por via das dúvidas.

Os códigos das portas das celas eram o nome da filha de Lorenzo. O velho era realmente doente e fodido.

Enquanto Dom lutava contra um homem, e Michael com outro, as celas estavam todas abertas, menos uma, que ainda estava trancada. Então tinha alguma coisa especial lá dentro, e eu precisava saber o que era. Abri-a e entrei, mas gritei assim que uma mão puxou meu braço e me imprensou na parede.

Pisquei na escuridão do lugar, porque não tinha janelas, mas a claridade do corredor refletia num rosto que eu conhecia muito bem.

— Pablo? Oh, Deus! É você? — Arfei de choque. O garoto magricela estava encorpado desde a última vez que eu o vira três anos antes.

— Evy? — Piscou para mim. — O que faz aqui? Maldição! Eu poderia tê-la matado.

— E você estaria morto logo em seguida — rosnou Dom à porta da sala. — Agora se

afaste dela, ou eu atiro sem pensar duas vezes.

— Não atire. É o Pablo — eu me coloquei à frente dele e supliquei para Dom e Michael, que fuzilavam com o olhar o meu amigo desaparecido. — Por favor, abaixem as armas.

— Se afaste dele — ordenou Dom ainda com a arma em riste.

— Eu não vou fazer isso, e você não vai matá-lo — falei, encarando os dois na porta, mas o estranho é que eles não entraram na cela.

— Evelyn, você não pode entrar na frente das pessoas quando elas estão na mira de armas. — Pablo me pegou pelos braços, rodopiando-me para ficar à minha frente e me escondendo de Dom e Michael.

— Todos os homens de Lorenzo devem morrer — sibilou Dom, e houve o tiro, então Pablo arfou, caindo em cima de mim com os olhos arregalados.

— Não, por favor — supliquei caindo de joelhos com ele nos meus braços. — Não morra...

— Era... preciso fazer isso... Lamento não a beijar antes... — sussurrou e então se foi.

Meu coração doeu com sua perda, mas o que doía mais era saber que foi Dom quem puxou o gatilho e matou Pablo, um inocente que não ia me machucar e que não estava com Lorenzo, porque se encontrava trancado ali. Ele era prisioneiro, não guarda.

Limpei as lágrimas que desciam pelo meu rosto, tanto de dor quanto de raiva por Dom ter matado meu amigo, um que havia me ajudado em vários momentos. Olhei para ele, parado do lado de fora da porta me fitando.

— Você não tinha esse direito, seu desgraçado! — Voei para cima dele, batendo em seu peito e o pegando de surpresa com a mistura da minha fúria, dor e raiva. — Pablo não estava com eles, e sim preso neste lugar por minha causa... E você o matou, seu assassino doente! Como pôde fazer isso com ele...

Ele arfou como se eu tivesse batido nele.

— É isso o que eu faço, Evy — sibilou pegando minhas mãos. — Eu sou um assassino, um monstro sombrio. Eu te falei que há partes de mim que fariam você ficar com nojo e raiva. Essa é uma delas, que elimina e mata.

Afastei-me de seu toque, não querendo nem mesmo olhar para ele. Ameacei ir para perto do cadáver de Pablo, mas Michael pegou meu braço.

— Evy, nós precisamos ir — falou com tom triste e olhando para Dom e para mim.

— Eu não posso deixá-lo aqui sozinho... — murmurei com dor na voz.

— Eu sei, mas precisamos ir agora — Michael me rebocou para fora do lugar.

Não disse nada, apenas o segui, deixando Pablo morto pelas mãos da pessoa que eu amava. O único homem em quem eu achava que podia confiar cegamente, mas errei quanto a isso. Não me importava se todos ali vissem as lágrimas que estavam descendo pelo meu rosto, porque a dor que estava me comendo por dentro era tão forte que me impedia de respirar direito. Eu estava despedaçada.

Dom não disse nada a mim enquanto nos aproximávamos das motos estacionadas na mata.

— Shadow, o que aconteceu? — perguntou Nasx, vendo a cara sombria do irmão.

Dom não disse nada, só passou por todos como uma ventania e foi até sua moto, ligou-a e já ia saindo, mas, antes, ouvi-o falando com Michael:

— Kill, leve-a e tome conta dela. — Então saiu em disparada.

— Sim — meu irmão respondeu.

Meu peito estava sufocado, e gemi por estar sofrendo e por ver Dom sofrer. A dor em sua voz estava evidente quando pediu para Michael tomar conta de mim. Mesmo depois de tudo o que eu falei dele, ele ainda se preocupava comigo.

— Que droga está acontecendo, Kill? — rosnou Nasx, depois ficou preocupado ao ver as lágrimas nos meus olhos. — Preciosa, o que houve?

Não respondi e passei por ele, indo para a moto de Michael. Eu só queria sair dali e ir a algum lugar para chorar sozinha.

— Kill? — insistiu Curt, aproximando-se dele. — O que deu nesses dois? Eles brigaram?

— Depois conversamos sobre isso. Agora vamos embora deste lugar — esquivou-se Michael, dizendo algo baixo para eu não ouvir. Todos praguejaram.

Não me preocupei com o que eles estavam dizendo, não tinha cabeça para isso. Eu pensei que aquele seria um dia feliz após libertar todas aquelas garotas e acabar com todos os assassinos fodidos. Contudo, a vida ou o destino me passou uma rasteira da qual eu não sabia se conseguiria me levantar tão cedo. Esperava que um dia eu superasse isso, porque não sabia como viver sem Dom.



Capítulo 15

Evelyn

Tormento

Três semanas sem ver Dom e sem saber onde ele estava. Depois que deixamos aquele lugar, voltamos para o clube, onde as mulheres estavam felizes por seus namorados e maridos estarem bem e vivos. O risco de nenhum deles ter sobrevivido era grande, mas, graças a Deus, suas vidas tinham sido poupadas... menos a de Pablo, que poderia estar vivo e livre.

Eu estava na casa de Michael, uma casa grande, parecida com a de Dom. Não queria ficar no clube nem ir para a casa do homem que me colocou naquele poço de dor e tormento. Porque era assim que eu me sentia após a ação de resgate.

As *Old Ladies* dos MCs de Nova York vieram se despedir, pois estavam indo embora da cidade, mas eu não quis ver ninguém. Podia parecer egoísmo da minha parte, mas eu só queria ficar sozinha e chorar. Meus dias se resumiam a isso depois de Dom me deixar após atirar em meu amigo.

Eu precisava me reerguer de alguma forma, não podia ficar na cama a vida inteira. Precisava saber o que tinha acontecido com as meninas que foram resgatadas, pois sequer pensei nelas durante aquelas semanas.

— Agora chega, porra! — gritou Michael puxando as cobertas de cima de mim. — Você não vai ficar mais um dia nessa cama. Levanta e vai tomar banho, ou eu vou te arrastar até o banheiro.

Funguei.

— Posso estar nua debaixo das cobertas. E eu não quero me levantar daqui. Aliás, só quero ficar sozinha.

Ele veio, tirou-me da cama em seus braços e me levou ao banheiro ignorando meus gritos e

os tapas que eu lhe dava.

— Me solte, idiota! Não pode me obrigar a ficar boa, eu não quero, preciso sentir dor...

Ele cortou minhas palavras:

— Se você ao menos pensar em se machucar, eu juro que perco a cabeça!

— Está doendo demais... Por que ele fez aquilo? Por que atirou em Pablo? Eu pedi para não fazer isso, mas ele fez... Agora Pablo está morto, e Dom, sumido...! — gritava, chorando e batendo em Michael. — Eu o amava... e confiei em que ele não tirasse vidas inocentes!

— Evelyn, Shadow não matou o Pablo! — gritou Michael acima da minha histeria.

Travei com o que ele disse. Meu coração acelerou forte. Não, isso não era possível.

— Não? Eu vi Pablo morrer após levar um tiro... — minha voz falhou. Pensar na sua morte doía muito, ele era alguém que me ajudou bastante lá, e ficamos amigos até que desapareceu. Então durante todo aquele tempo ele esteve trancado naquele calabouço? Tão perto, onde eu podia ter ido ao menos checar se estava lá.

— Você viu algum sangue nele? Quando as pessoas levam tiros no peito, geralmente sai sangue pela boca e nariz — ele me disse em tom sério.

— O que quer dizer? — Eu não vi hemorragia em Pablo. Se ele não estava morto, o que tinha acontecido lá? Na hora entrei em pânico com tudo e não notei nada disso, nem sequer pensei na hora, só que Pablo tinha caído e fechado os olhos...

— Por Deus, Evelyn! Você acha mesmo que Shadow iria atirar em uma pessoa que entrou na frente de uma arma para você não ser atingida? Você acha que ele iria atirar correndo o risco de a bala atravessar o corpo do garoto e alvejá-la? — seu tom estava sofrido; não era de crítica.

Meu corpo tremeu, e o choro voltou mil vezes pior, porque Michael tinha razão. Dom preferia cortar um braço a me machucar ou matar alguém assim a sangue-frio, ainda mais um

inocente como Pablo.

— O tiro...

— Foi bala de borracha, era preciso fazer aquilo, Evy.

— Oh, Deus! O que eu fiz? Mas eu não entendo, porque vi Pablo cair no chão... Como sobreviveu? Eu não vi sangue... O que houve, Michael?

Ele suspirou.

— Matteo mencionou que Pablo estava preso lá dentro havia três anos. Ele deu uma escolha ao garoto após ele ter ajudado você. Se ficasse livre, Lorenzo o mataria pelo que fez, então Matteo o colocou naquele lugar até conseguir lidar com seu pai e o manteve escondido lá até aquele dia. Mas, como entraríamos para matar todos do lugar, Matteo sugeriu que forjássemos a morte de Pablo, pois assim ele estaria livre depois. — Ele alisou meus cabelos e depois limpou minhas lágrimas. — Ele usava colete à prova de bala, e tinham câmeras no lugar que apenas gravavam imagens, não áudio, por isso não entramos no cômodo, para não sermos vistos. Lorenzo precisava ver Pablo sendo morto.

Tonta, eu sacudi a cabeça. Se já estava sofrendo antes, depois do que eu tinha acabado de descobrir, a dor aumentou exponencialmente. Céus! Havia dito tantas coisas horríveis ao Dom... A dor que ele devia ter sentido após ouvir tudo aquilo... Eu jurei que não fugiria de nada que ele fizesse, que sua escuridão e vida não me afastariam dele, mas não cumpri minha promessa e o traí da pior forma possível. De forma imperdoável.

— Oh, Céus! Eu o machuquei tanto... Jurei que nada do que ele fizesse me afastaria dele, mas não cumpri minha promessa...

— Lamento não ter dito antes, eu precisava esperar até Pablo desaparecer, mas não aguentei ver o estado de vocês dois. Ele não está diferente, está em casa bebendo direto e sofrendo — seu tom estava triste no final; talvez isso lhe trouxesse várias lembranças de quando

sua antiga namorada o havia deixado.

Não respondi, apenas saí correndo da casa para ir ao encontro de Dom. Não me importei que fosse noite e estivesse chovendo e nem que eu estivesse descalça. Não era longe da casa do Michael, só um quilômetro mais ou menos, embora pouco me importasse com a distância. Por Dom, eu iria à lua, até o sol sem me preocupar em derreter no processo devido ao calor.

Eu o fiz sofrer tanto naquelas três semanas por algo que ele não fez, e as coisas que disse a ele... os nomes que o chamei... Dom não iria me perdoar pelo que eu fiz, mas precisava tentar de alguma forma, implorar se fosse preciso.

Michael gritou, mas não ouvi, apenas corri na noite escura, assim como minha vida tinha se tornado naqueles dias. Todavia, esperava iluminá-la em breve, assim que pedisse perdão a ele.

As luzes de sua casa estavam acesas, então ele estava realmente lá. Eu me senti ansiosa para vê-lo, sentir seu cheiro, seus lábios, seu sorriso. Não bati à porta, apenas entrei na sua casa, mas a cena que vi na sala acabou comigo, tanto que achei que iria morrer naquele momento. Meus pulmões pareciam defeituosos, porque o ar havia sumido deles.

Dom estava de toalha e com os cabelos molhados, como se tivesse recém-saído do banho. Ao seu lado estava uma mulher morena enxugando seus cabelos com um pano. A cena era tão íntima que me cortou profundamente.

Assim que arfei, os dois arregalaram os olhos ao me ver perto da porta. Eu estava molhada, descalça, mas não me importei, pois a dor estava me matando ao vê-lo com outra...

— Evy... — sua voz falhou assim que disse meu nome. Ele se afastou da menina.

— Então essa é a cadela da Evelyn, que disse aquelas coisas a você, Dom? — rosnou ela vindo até mim, mas ele a segurou. — Eu vou acabar com você, sua puta desgraçada!

— Emy — repreendeu-a em tom dolorido sem nunca tirar os olhos de mim. — O que faz aqui nessa chuva? Devia estar na casa de Michael. Afinal, eu sou um assassino, um monstro

cruel que mata pessoas. Matei seu amigo, lembra?

Prendi a respiração ante seu tom duro e frio, mas eu o havia ferido, então merecia isso e muito mais.

— Você fodeu essa garota? — perguntei com os lábios tremendo e temendo pelo pior.

Ele estreitou os olhos, avaliando meu rosto, mas a menina, da minha idade aproximadamente, falou antes:

— Sim, fodemos a semana inteira. Eu devorei todo o corpo perfeito que ele tem...

Parei de ouvir após ela dizer que tinha ficado com ele. Eu sabia que Dom estava ferido por eu ter dito aquilo a ele, mas por que ele foi buscar consolo em uma mulher? Ele prometeu que não ficaria com outra, mas não cumpriu sua palavra... assim como eu não cumpri a minha ao não acreditar nele.

Aquela garota parecia gostar tanto dele que queria me bater por tê-lo machucado.

— Eu mereço isso. Espero que sejam felizes. Eu sinto muito por não ter dado valor a você, Dom, e tê-lo perdido... — falei chorando e saí correndo, porque a dor era forte demais. Não podia ficar ali vendo os dois juntos.

Eu não sabia bem para onde ir, apenas corri ignorando os gritos dele me chamando.

Fazia um mês desde que eu tinha vindo para o mundo real, e, durante o pouco tempo em que estive ao lado de Dom, fui feliz. Eu jurei confiar nele, então não o merecia, não merecia nada... A dor estava me consumindo tanto que, quando tropecei e caí, ralando o joelho, não me importei, mas percebi que estava em algum lugar na cidade onde ainda não tinha estado. Mesmo assim, não dei a mínima.

Levantei-me do chão mancando e continuei andando, não me preocupando com os machucados, porque eu estava tomada de dor por todos os lados. Isso, eu precisava aliviar aquela dor em meu peito. A única forma para isso era sentir uma dor física maior do que a emocional

que eu sentia naquele momento. Precisava aliviar aquele sofrimento, porque parar de doer certamente nunca aconteceria; eu jamais superaria a perda.

Podia ir a Matteo e pedir que ele me ajudasse como sempre o fazia, mas sequer sabia onde ele estava. Eu só avistava prédios, clubes e boates ao meu redor. Talvez algum daqueles estabelecimentos fosse de Matteo.

Eu já estava quase entrando em um deles quando um carro parou ao meu lado, e, logo depois, alguém me pegou pelo braço.

— Que maldição está fazendo aqui? — rosnou Luca me puxando para sair da rua. — Não pode estar aqui, este território é dos Salvatores. Se Lorenzo souber que você...

— Por favor, tire essa dor de mim... Está doendo demais, tanto que respiro, mas sinto que estou morta! — supliquei apertando sua camisa e chorando, gemendo de dor.

— Menina, o que houve? — seu tom era preocupado. Devido ao meu estado, eu nem sabia como minha aparência estava, também não me importava.

— Tira essa dor... por favor — supliquei a ele, soluçando. — Arranca...

— Vem comigo — chamou, levando-me rumo a um carro, mas não andei muito, pois minhas pernas perderam as forças e Luca me pegou nos braços, impedindo-me de cair. Ele amaldiçoou, mas não me importei, porque a escuridão se apossou de mim.

Abri os olhos secos, mas certamente vermelhos. Tentei me lembrar do que aconteceu antes de eu apagar. Eu vi Dom com outra mulher... então saí correndo, depois vi o Luca e pedi para que ele tirasse a dor que eu estava sentindo.

Sentei-me, tirei o lençol de cima de mim e vi que estava nua. O desespero tomou conta de mim.

— Oh, Deus! Se Luca me tocou, eu o mato...! — rosnei em voz alta.

— Eu também o mataria caso ele tivesse tocado em você, como pediu a ele — disse uma voz que eu amava demais, mais do que a mim mesma.

Virei-me e vi Dominic sentado na cadeira ao lado da cama. Então notei que eu estava em seu quarto e na sua cama. Expirei, porque, ao vê-lo ali tão perto de mim e ao mesmo tempo tão longe, meu peito se apertou. A dor que eu tinha sentido na noite anterior veio como enxurrada, fazendo-me gemer, então me deitei de volta na cama.

— Dom... — a dor era evidente na minha voz, tanto que achei que estava sufocando. Fechei os olhos para estabilizar minha voz: — Lamento por ter feito você sofrer daquele jeito sem merecer.

— Evy, você não sabia — começou ele com tormento na voz. — Você não disse nada que não soubesse...

— Esse é o problema, eu não devia ter desconfiado mesmo vendo o que vi. Devia ter a certeza de que você jamais atiraria em alguém a sangue-frio, ainda mais num inocente... — Chorei, encolhendo-me. — Mas estou feliz por ter me deixado... Eu não mereço você...

Senti um movimento ao meu lado, mas não olhei; não merecia nem olhar para ele. Seus dedos sensíveis, porém, ásperos tocaram meu rosto.

— Essas lágrimas e a dor que ouço em sua voz não parecem de alguém que está feliz — observou, beijando meu rosto. — Então me perdoaria se eu tivesse ficado com outra pessoa? Cadê a Evy viva e cheia de vontade, com garras de leoa? Se eu fizesse algo assim, ela cortaria meu pau e partiria sem olhar para trás.

Suspirei. Ele tinha razão, eu não achava que poderia perdoar aquilo...

— O que viu não era aquilo, Emy é uma amiga minha e veio aqui me ajudar quando soube como eu estava. Jamais ficaria com ela ou com outra pessoa. — Ele pegou minhas mãos, que

notei que estavam raladas devido ao fato de eu ter me machucado quando caíra na noite anterior.
— Só você me importa assim, Evy.

Ele estava tão perto de mim que pude sentir seu hálito quente banhar meu rosto.

Ele assentiu.

— Quando Matteo disse o que eu precisava fazer e eu topei, sabia que você não me perdoaria e que eu corria o risco de perdê-la, mas sabia que não tínhamos escolha. — Ele suspirou e fechou os olhos por um breve segundo, depois continuou com voz atormentada: — Embora tivesse esperança de que, mesmo vendo a cena, você confiasse em mim, que eu jamais faria aquilo...

A dor de ouvir isso foi como uma lasca cravada em meu peito. Fiz uma promessa a mim mesma de que, daquele dia em diante, jamais duvidaria dele novamente.

— Lamento por isso, juro que irei sempre confiar em você de agora em diante.

Sorriu, beijando meu rosto.

— Fico feliz com isso, mas agora me tira uma dúvida. Ontem, quando pediu para que Luca tirasse a dor que estava sentindo, você se referia a transar com ele ou a apanhar, igual acontecia com Matteo, para aliviar a dor? — notei que ele estava com raiva, pois senti sua voz tremendo. Eu só não sabia se era por eu querer me machucar ou pela imagem que fazia de Matteo me batendo.

— Jamais usaria o sexo como uma válvula de escape para a minha dor, por maior que ela seja. Não quero ninguém desse jeito, porque só você me importa, Dom. Por isso fico feliz que não tenha ficado com ninguém e mantido sua promessa de não tocar em outra mulher.

Ele sorriu e beijou minha testa.

— O mesmo eu digo, querida. Não quero ninguém e jamais iria atrás de outras mulheres só pelo fato de estar sofrendo. Além disso, o meu pau só quer você, assim como o seu dono —

revelou, beijando meu rosto. — Eu amo você, Evy, tanto que não consigo nem imaginar ficar ou viver sem você.

— E quanto à menina de ontem à noite? Você estava só de toalha... e ela enxugando seus cabelos... Se não estava com ela, como afirmou, então o que aquela garota significa para você? E quem ela é?

— Eu fui para o Arizona, para a casa da minha tia, para dar tempo a você até poder contar o que realmente tinha acontecido com seu amigo assim que ele tivesse sumido, como prometi ao Matteo. Eu voltei há uma semana e fiquei trancafiado nesta casa, sem sair e bebendo... Foi quando Emy veio me tirar do buraco onde eu estava. Ela praticamente me arrastou ao banheiro para tirar a ressaca danada. Eu estava de toalha porque minhas roupas estavam no carro. Não tirei a mala do carro quando cheguei de viagem. Como estava chovendo, eu fiquei de toalha, e ela ajudou a me secar. Ela é como uma irmã caçula que eu nunca tive, não tem a mais remota possibilidade de eu um dia tocá-la assim, mesmo se eu não tivesse você. Ela também ama outra pessoa. — Ele sorriu. — Só você me importa.

Sorri em meio às lágrimas e o beijei, mas logo me afastei quando suas mãos foram para o meio de minhas pernas.

— Espere...

— O quê? — seu tom estava dolorido quando tirou as mãos de mim. — Não quer meu toque?

Revirei os olhos.

— Querido, preciso dele mais do que respirar. — Dei um selinho nele e me afastei. — É que preciso tomar um banho e fazer alguma higiene em meu corpo, já que fiquei três semanas só deitada em uma cama. — Se me levantei para tomar banho, foram poucas vezes, somente quando Michael me obrigava.

Tentei me levantar, mas notei que meus pés estavam enfaixados e os joelhos, ralados. Além disso, estavam doloridos.

— O que houve?

Ele se sentou ao meu lado e olhou para meus pés.

— Você saiu correndo da casa de Kill descalça e foi daqui até a cidade não se preocupando que fosse se machucar. São quilômetros, e você foi parar do outro lado da cidade. — Ele estremeceu. — Sabe o que teria acontecido caso Lorenzo te encontrasse no território dele, e não o Luca?

— Lembro só de andar, querendo que a dor sumisse, até ver Luca, mas então apaguei. O que houve depois? — sussurrei, não querendo pensar em Lorenzo naquele instante, aliás, nunca.

Ele expirou.

— Todos nós já estávamos à sua procura quando Luca ligou e disse que estava com você. Você não sabe o que senti quando a vi toda machucada e desmaiada nos braços dele. Minha primeira intenção foi matá-lo.

— Mas não o fez — não era uma pergunta; eu sabia por experiência própria que ele não faria isso.

— Não, afinal, ele disse que não a tocou, e eu sabia que estava falando a verdade. Ele contou o que você pedia a todo o momento antes de apagar. No princípio, achei que estava se referindo a sexo, mas depois percebi que queria que ele batesse em você. — Ele estremeceu. — Evy, por mais que briguemos um com o outro, você não pode querer se machucar, porque, só em pensar nisso, a minha vontade é de matar alguém. Você precisa ir a uma psicóloga e ver sobre isso, esse seu impulso de se machucar sempre que sofre. Têm especialistas muito bons que podem ajudá-la.

— Eu não preciso... — Não gostaria de falar sobre o que eu sentia para um estranho.

— Evelyn...

— Olha, vamos fazer assim: se eu tiver outra crise, irei a um especialista, prometo. Acho que tudo aconteceu muito rápido. As coisas que eu disse a você, que era inocente, estavam me atormentando, e aí veio a dor, tão profunda como eu nunca senti antes, por vê-lo com outra mulher... — Toquei seu rosto. — Estou feliz por você ser só meu. O único homem que amo e vou amar para sempre. Isso bastará para me curar. Não preciso de mais ninguém, só de você.

— Não vamos mais falar sobre isso hoje. Agora vem. — Ele me pegou nos seus braços fortes, que eu tanto adorava à minha volta.

— O que está fazendo?

Ele não disse nada e me levou ao banheiro, colocando-me na cadeira que tinha lá.

— Você não queria tomar banho? Então vou ajudá-la com isso.

Assenti, com meu coração batendo forte por esse homem lindo me amar e ser carinhoso assim comigo.

— Meu.

Ele me olhou.

— O quê? — inquiriu enquanto tirava suas roupas também. Eu já estava só de calcinha.

— Você é meu! — declarei com fervor, puxando-o para mais perto de mim e beijando seu peito. — Seu coração é meu e sempre vai ser.

— Sempre, querida — jurou, dando-me um beijo casto nos lábios e colocou sacos plásticos em meus pés enfaixados. — Assim não vai molhá-los.

Assenti, adorando sua proteção e carinho. Um homem que um dia tinha sido mulherengo estava ali com apenas uma mulher. Nem quando estávamos brigados ele havia tocado em outra pessoa, porque só queria a mim.

Ele ligou a mangueirinha do chuveiro e deu banho em mim, esfregando meu corpo com a bucha. Também tomou banho, ficando ali à minha frente, completamente nu e duro. Toquei seu peito, descendo os dedos pela barriga tesa até seu pênis, que estava rijo como uma rocha.

Ele gemeu assim que me curvei e coloquei minha boca nele, traçando minha língua em sua cabeça inchada e necessitada por mim. Lambi, chupei, suguei com toda a fome que eu estava depois de várias semanas sem tê-lo.

Uma de minhas mãos foi para o meio das minhas pernas, e me toquei assim como ele fazia com seus dedos mágicos, embora os meus não fossem tão bons quanto os dele.

— Eu vou gozar, querida... — sua voz estava fraca de desejo, prazer, luxúria e amor.

Então acelerei mais os movimentos da minha boca e língua em volta do seu pau gostoso e lindo. Foi quando senti seu gozo batendo no fundo da minha garganta e degustei cada gota dele até não restar mais nada.

— Estou mole... — Sorriu para mim, alisando meu rosto e minha boca. — Tão gostosos, esses lábios... — Então devorou minha boca e me levou para o quarto, depositando-me com cuidado e amor na cama. — Agora vou retribuir o boquete maravilhoso que a minha linda mulher me fez.

— Sua boca também é maravilhosa... — parei de falar assim que seus lábios estavam na minha boceta, lambendo, sugando como se fosse mel ou sorvete com cobertura. Minhas mãos prensavam sua cabeça em mim, querendo mais dele. — Dom, isso... — Gritei assim que ele puxou meu clitóris com os dentes, a língua roçando a pontinha, mas sem machucar, e sim levando-me ao ápice do prazer.

Ele lambeu mais uma vez, depois me beijou enquanto entrava em mim. Minhas mãos estavam em suas costas, e as unhas, em sua pele, apertando-o mais contra mim. Tentei colocar minhas pernas a sua volta, mas meus pés doeram.

Ele se afastou assim que gemi não de prazer, e sim de dor por causa dos ferimentos.

— Não mexa os pés, querida, não quero que se machuque — sussurrou contra a minha pele. — Mas, se estiver doendo muito, nós vamos parar, sim?

Agarrei-me mais a ele assim que ia saindo de mim por pensar que eu estava com dor.

— Dom, pode acontecer um terremoto ou até um vulcão explodir no quintal, mas você não vai sair de mim até me fazer ver estrelas com esse pau que eu tanto amo.

Ele sorriu tão lindo! Dentes brancos e olhos verde-esmeralda, tão perfeito!

— Bom, então vamos satisfazer minha mulher, não é? — Ele me beijou e colocou uma mão entre nós, circulando meu clitóris de forma tão suave e quente que me fez flutuar e ver milhões de estrelas.

— Isso, querida... Goza para mim... — pediu com a voz rouca de desejo.

E assim eu fiz, gritando seu nome.

— Está tudo bem aí, Dom?! — gritou uma voz de mulher do lado de fora.

Calei-me e fitei Dominic, que estava sorrindo para mim. A voz não parecia com a da garota do dia anterior. Ele ainda não tinha saído de dentro de mim. Apenas alisou meu rosto assim que voltamos do êxtase.

— Quem é?

— Já vou descer, mãe! — gritou ele.

Eu arfei e o empurrei de cima de mim, mas ele não saiu e ficou ali, ainda sorrindo e avaliando meus olhos arregalados. Pela primeira vez, senti meu rosto quente.

— Nossa! Achei que você não corasse com nada neste mundo — seu tom era surpreso conforme alisava minhas bochechas. — Elas estão vermelhas.

— Mas é claro que estão! É sua mãe ali, e ela me ouviu gritar pedindo mais do seu pau!

Como vou ter coragem de sair daqui? Agora sai de cima de mim!

Ele riu, mas fez o que pedi, depois praguejou ao olhar para minhas pernas.

— Esqueci a maldita camisinha. Você vai ter que começar a tomar anticoncepcional de agora em diante... — ele tocou meu rosto — para não termos filhos por enquanto. Eu quero que estude e faça tudo o que quiser. Vamos viajar depois e conhecer os lugares a que você tanto quer ir. Depois pensaremos em filhos.

Assenti, muda, mas gostei de que ele estivesse pensando em mim, querendo me mostrar o mundo e que eu fizesse coisas das quais tinha sido privada por tantos anos. Como não amar um homem desse?

Eu me limpei, e nos vestimos.

— Vamos conhecer a minha... s-sogra — falei, mas minha voz falhou.

Ele estreitou os olhos e parou em frente a uma porta.

— O que foi? Tem algo incomodando você.

— Nada.

Ele respirou fundo.

— Evelyn, se você não dizer ou falar nada, como posso saber o que está na sua cabeça?

Suspirei.

— Estou nervosa. E se ela não gostar de mim? Afinal, nem nos conhecemos, e ela já me ouviu gritar ao ser fodida pelo filho...

Ele me cortou:

— Que porra quer dizer? Sou eu quem tem que gostar de você, não ela e nem meus irmãos, porque o único que vai foder, transar, trepar e fazer amor com você sou eu, e quem não quiser ouvir seus gritos, que tanto amo, que suma da minha casa — seu tom foi duro ao dizer isso.

— Você não deve ser grosso com as pessoas, querido, pois os que estão ao nosso redor são nossos amigos e família. — Beijei seus lábios, que estavam sorrindo, e um brilho intenso surgiu em seus olhos lindos.

— Não sabe o quanto me faz feliz ao ouvir isso da sua boca. O clube é a minha vida há oito anos. Nele, fiz irmãos, amigos. — Ele beijou a ponta do meu nariz. — Por isso fico contente por você aceitar viver comigo e com eles.

— Eu os adoro, e amo você — declarei. — Então vamos descer ou não?

Ele sorriu.

— Seu desejo é uma ordem — disse ainda com os olhos brilhantes.

Fiquei contente por ele estar feliz, isso me fazia ficar em êxtase também.

Dom me levou para a sala em seus braços.

— Eu estou parecendo um bebê sendo levada assim, em seu colo.

Ele deu um beijo carinhoso em minhas pálpebras.

— Uma bebê muito gostosa, devo dizer. — Piscou para mim em meio a um sorriso.



Capítulo 16

Evelyn

Armadilha

Emília era a mulher que tinha estado com Dom naquele dia. Contudo, não pude conhecê-la. Dom me falou que ela estava escondida de uns caras que a queriam. Falou que ela só apareceu ali porque soube o que se passava com ele. Eu já gostava dela sem conhecê-la direito, porque sua atitude demonstrava que ela amava Dom, mas ele jurou que não era nada romântico ou coisa assim. Eram mais como irmãos. Eu esperava um dia conhecê-la do jeito certo e que Dom conseguisse pegar qualquer pessoa que estivesse atrás dela.

Eu me dei super bem com a mãe de Dom. A mulher era uma tremenda cozinheira de mão cheia. Fez uma macarronada para nós, dizendo que Dom adorava. Então a senhora Avana ficou de me ensinar a fazer, assim, quando ela voltasse para sua cidade, eu poderia fazer para Dom a sua comida preferida.

Ela morava em Phoenix com sua irmã e trabalhava como enfermeira em um hospital de lá. Dom tinha ido para a casa dela e ficado lá por duas semanas, até que ela o aconselhou a voltar e me procurar, mas, quando chegou aqui, ele perdeu a coragem de vir até mim e começou a beber. Então ela pegou o voo para cá, no intuito de ajudar o filho.

Avana foi quem cuidou dos meus machucados nos pés. Já estavam praticamente curados uma semana depois. Pelo menos, eu não precisaria ser levada ao banheiro pelos outros. Com Dom, tudo bem, mas ele deixava prospectos do clube na casa quando não estava. Tripper e Ash se revezavam para tomar conta de mim. Eu não era tímida, mas isso era um tanto embaraçoso.

As meninas resgatadas foram para suas famílias. Eu nem me despedi de Dália, que morava na Flórida. Fiquei meio absorta naquelas três semanas por ter pensado que Pablo estava morto e por estar longe de Dom, então fiquei fora de sintonia por um tempo, mas finalmente estava de volta. No entanto, não podia ir até Dália. Os homens de Enzo podiam descobrir onde elas

estavam, e eu não queria isso.

Dom me disse que, após as meninas serem soltas e os agentes do FBI encontrarem várias adolescentes e crianças em caminhões grandes, Lorenzo ficou furioso e surtou, passando mal. Estava no hospital, inconsciente, respirando com a ajuda de aparelhos. *Vaso ruim não quebra fácil. Se fosse um inocente, morreria no processo de infarto,* pensei amargamente.

Matteo ocupou seu lugar de *capo,* mas seu tio ainda queria vingança contra mim, por ter destruído a fodida seita de seu irmão. Ele me acusava de ter levado Lorenzo ao coma. Era uma pena que eu não pude destruí-los. Sabia que devia ser pecado rezar para alguém morrer, mas Lorenzo precisava desaparecer, aliás, todos aqueles vermes.

Era por isso a proteção cerrada de Dom sobre mim, não querendo e não me deixando sozinha por um segundo. Eu dizia que sabia cuidar de mim, mas ele não ouvia e dizia:

— É preciso, Evy, para a sua proteção, porque não quero nem pensar... caso eles a toquem... sabe o que eu faria? Chicago iria ter um massacre jamais visto. E a guerra que teríamos?

Depois disso, eu só fiquei na sua casa, ou melhor, nossa, já que morávamos juntos. Michael não lutou ou disse nada quando falei que ia morar com Dom. Ele sabia que não podia me afastar do meu namorado motoqueiro.

— Como Dom era mais novo? Ele já tinha esse modo protetor com as pessoas que gosta? — sondei ao conversar com Avana. Nós estávamos na cozinha.

Ela era uma mulher bonita e parecida com o filho. Ava sorriu amorosamente.

— Ele sempre foi protetor com todos, até apanhou e foi apunhalado por uns caras que queriam sua amiga, mas ele aguentou tudo calado e não revelou o paradeiro dela — sua voz falhou no final, mas senti um tom de orgulho. — Dom morreria por quem ama. Amo isso nele, embora me deixe um pouco velha antes do tempo por tanta preocupação com meu filho.

— Quando o conheci, ele era arrogante, prepotente e grosso, embora ainda seja um pouco, mas eu via através daquele escudo que ele colocava à sua volta para se proteger — falei, escorrendo o macarrão enquanto o molho da macarronada do meu homem cozinhava. — Eu sabia que Dom era alguém capaz de amar. Sua lealdade é algo que admiro nele. Ele aceitou que eu brigasse com ele por algo que não fez só para ajudar uma pessoa que sequer conhecia a ser livre.

Pablo ainda estava escondido, ninguém sabia onde, porque mesmo Lorenzo estando meio morto, ainda tinha Enzo, seu irmão, que podia matá-lo.

— Sim, ele é. Ainda mais quando dá a sua palavra, e principalmente com seus amigos e família — respondeu ela me olhando de lado. — Ele estava sofrendo por estar longe de você. Dom não disse o motivo da briga, mas falou que precisou fazer algo que destruiu você e, assim, a ele também.

— Fomos a um resgate de garotas num lugar em que eu fiquei por anos, e ele atirou em alguém do bem e que não merecia, mas eu não sabia que aquilo era só atuação, então disse coisas que o machucaram e das quais vou me arrepender para sempre. — Suspirei, com meu coração doendo por dentro só em imaginar a dor que ele sentiu quando eu disse aquelas palavras. — Eu jurei que nada do que ele fizesse me afastaria dele, mas não cumpri minha promessa ao duvidar de suas atitudes...

— Está tudo bem agora, filha. — Ela me abraçou para me reconfortar. — O importante é que estão juntos e que não há mais nada que os fará se afastarem de novo.

— Obrigada. — Distanciei-me e sorri.

— Eu nunca imaginei que Dom fosse se prender a alguém, embora torcesse e rezasse para isso acontecer. Conforme o tempo passava, eu até estava desistindo. — Alisou meu cabelo. — Torço por vocês dois. Dom merece ser feliz também. E o sonho de toda mãe é que seu filho fique bem e feliz.

— Eu vou fazê-lo feliz, prometo! Jamais vou machucá-lo de novo. — Eu faria de tudo para manter essa promessa, custasse o que custasse.

— O que está acontecendo aqui? — indagou Dom chegando à cozinha. Eu não tinha ouvido o som do motor da sua moto, então supus que estivesse com seu carro, pois ele era silencioso. O meu homem amava e tinha mais ciúmes daquele carro do que de mim.

Afastei-me de Avana e sorri para ele.

— Sua mãe me ensinou a fazer sua macarronada preferida. — Fui até ele. — Experimente e veja como me saí cozinhando para o meu futuro marido.

Ele sorriu e me puxou para seus braços, beijando-me. Afastei-me e dei um tapinha nele.

— Se comporte na frente da sua mãe — repreendi-o, saindo de seus braços e ouvindo motos chegando e parando à porta da frente. — Quem são?

— Os outros. Vamos ter que dar uma saída para trabalhar, mas não vamos demorar — disse para mim, mas seu tom estava estranho. Ele parecia me avaliar, mas continuou, antes que eu perguntasse o que estava havendo: — Mas antes eu vou comer a comida que minha mulher fez para mim.

Sorri com isso. Minutos depois, ele saiu junto aos MCs. Dom e todos os outros disseram que a comida que eu tinha feito estava saborosa. Não vi mentira neles, então fiquei mais do que feliz. Eu logo seria uma dona de casa.

Estava no quarto, quando meu telefone tocou. Dom tinha dado um celular para mim para conversamos quando ele estivesse fora.

— Alô?

Um grito desesperado do outro lado me fez travar, e um gelo desceu por minha espinha.

— Evy, por favor, não deixe eles me tocarem! — suplicou Jamile, chorando.

— Jamile...

— Faça o que eu digo, ou essa putinha aqui vai pagar pelos seus erros...

— Por favor, não a machuque... — implorei com o coração doendo e temendo por ela.

— Cale a maldita boca e faça o que eu mandar. Agora venha até o final da cidade, há um clube chamado The Square, e não conte a ninguém, ou ela vai pagar o preço. Você tem uma hora, ou vai encontrar os restos dela na sua porta — falou e desligou.

Meu coração estava acelerado com medo do que viesse a acontecer com ela. Porém, o que eu faria? Se eu fosse lá sozinha, eles matariam a nós duas. Eu não podia deixar isso acontecer. Ela estava em perigo por minha causa, por eu ter me aproximado dela e dos outros.

Vesti um jeans e moletom com capuz. Assim, ninguém veria aonde eu estava indo. Precisava de ajuda, não podia lidar com aquilo sozinha. Não podia simplesmente ir até lá, não só pelo perigo, mas também por ter prometido a Dom que não mentiria ou me machucaria de novo. Eu iria cumprir minha promessa, porque, se eu fosse e acontecesse algo comigo, ele não deixaria barato e acabaria com todos.

Desci a escada correndo e parei na sala. Tripper se levantou num salto, avaliando o jeito que eu estava vestida, ainda mais no calor e em casa.

— Preciso dar uma saída — informei tentando me recompor e não desmoronar. Precisava correr e ser forte.

— Evy, o que houve? — sondou ele preocupado. — Sabe que não vou deixar você sair sozinha daqui. Shadow me mataria.

Eu expirei.

— Por isso preciso da sua ajuda. Quero que me leve até os outros agora e não faça tantas perguntas, porque não posso dizer nada — falei rápido. Antes de sair porta afora, olhei para Avana, que estava com os olhos arregalados. — Não saia daqui, OK?

— Eu vou mandar Ash vir para cá — disse Tripper com a voz tensa.

Saí antes de Avana perguntar o que estava havendo. Eu não podia dizer, pois, quanto menos gente soubesse, melhor. Corri para o carro de Dom, fui para o banco de trás e me abaixei, embora os vidros fossem escuros, e olhei para Tripper.

— Dirija e finja que não estou aqui. Ninguém pode saber para onde estou indo, tudo bem?

Ele ainda estava confuso, mas assentiu e partiu com o carro dali. Após 15 minutos, estávamos em uma das boates do MC Fênix. Não era a mesma a que eu tinha ido havia algum tempo, onde eu conhecera Jamile, Sara e os outros garotos, que eu já considerava amigos.

— É aqui que eles estão trabalhando. — Ele desligou o carro e olhou para mim.

— OK, vamos nessa. — Saí do veículo fazendo o possível para não mostrar meu rosto. Assim, caso alguém estivesse espionando, não saberia que era eu ali, mas, por via das dúvidas, cheguei até bem próximo de Tripper e passei um braço em sua cintura. Ele já ia se afastar de mim. — Retribua o abraço e sorria como se estivesse feliz.

Ele suspirou, mas sorriu. O garoto era realmente bonito.

— Estou ficando maluco aqui e correndo o risco de ser morto pelo chefe.

Eu não disse nada, e entramos na boate. Deparei-me com uma cena que ainda não tinha visto, aliás, era bem diferente de tudo o que já tinha presenciado. Não tinham adolescentes ou pessoas dançando, mas mulheres só de calcinha e peitos de fora dançando em postes em cima de um palco. Todos os MCs estavam sentados e olhando para elas enquanto rebolavam lá em cima. Sete delas ao total.

Eu me afastei de Tripper, aliás, o garoto quase saiu correndo assim que viu Dom. Ele estava sentado junto aos outros à mesa, mas olhava para uns papéis à sua frente e não para as mulheres.

— Serviço bom, não é? Sentado e assistindo essas mulheres nuas balançando suas bundas

— assim que minha voz saiu, todos pararam o que estavam fazendo e me fitaram.

— Evy? Que droga está fazendo aqui? — rosnou Dom e depois fuzilou Tripper. — Espero ter uma boa razão para não chutar sua bunda.

— Não brigue com ele. O quê? Você não queria que eu soubesse que seu serviço é ver mulher dançando nua em um poste enquanto seu pau fica duro? — Eu não ia dizer nada, mas, quando ele usava seu tom de ordem, deixava-me irritada.

— A única boceta que eu quero é a sua, porra!

— O que está fazendo aqui, Evy? Estamos perguntando não por você descobrir o que fazemos, mas porque você não pode sair por aí. Entende o que quero dizer? — inquiriu Michael fazendo uma careta ante o que Dom disse.

Suspirei, tirando o capuz.

— Sua vida ainda corre perigo — avisou Dom se levantando e vindo até mim. Ele tentou me tocar, mas eu me afastei. — O quê? Duvida de mim? Acha que eu um dia iria olhar ou trair você com outras mulheres?

Eu sabia que ele jamais olharia ou ficaria com mais alguém, Dom jamais iria me trair assim. Contudo, meu peito doeu, porque, mesmo com ele dizendo isso, senti uma pontada de dor e traição na sua voz rouca. Lembrei-me de ter dito que jamais iria duvidar dele de nenhuma forma. E não iria.

— Acredito em você de olhos fechados, Dom, mas, se eu fosse você, tomaria cuidado caso olhasse e pulasse a cerca, porque eu cortaria seu pau e não seria com minhas adagas, e sim com uma faca cega, começando pela ponta e indo até a base, fazendo tudo dolorosa e bem lentamente — declarei a verdade.

Todos riram disso, até ele, mas o senti estremecer e se remexer, provavelmente imaginando a cena que eu acabava de descrever. No entanto, rir não era algo que eu iria fazer até ter Jamile

de volta

— A minha Evy está de volta, a mulher por quem me apaixonei perdidamente — disse Dom, abraçando-me e beijando meus lábios. — Eu só tenho olhos para você, querida.

Suspirei feliz, mas me lembrei do motivo para estar ali e me afastei com o peito apertado e temendo pela minha amiga.

— O que foi, Evy? — indagou meu namorado, depois fuzilou Tripper com os olhos. — O que está havendo?

O garoto suspirou.

— Não sei, chefe, mas ela está agindo estranho. Desceu do quarto vestida assim e me disse para trazê-la até onde vocês estavam. Até me abraçou aqui na entrada, dizendo para que eu fingisse que estávamos juntos, como se tivesse alguém olhando...

Olhei para o prospecto.

— Contou a ele? Achei que estivesse com medo do chefe — sussurrei.

— Sabe o que é aquilo? — Ele apontou para umas câmeras espalhadas no lugar. — Ele saberia, então achei melhor falar.

Bufei e olhei ao redor, para as meninas que me fitavam, algumas impressionadas, outras com raiva, provavelmente por Dom estar fora do mercado. Reconheci Lisa. Dom me disse que a havia tirado do clube dos MCs e a mandado para outro estabelecimento. Eu queria falar com ela, afinal, um dia eu a defendi de ser humilhada pelo homem que se tornou meu namorado.

— Será que podem encerrar a festinha de vocês? Porque tenho um problema com o qual não sei o que fazer. — Varri meus olhos por todos, que me encaravam.

Dom, ainda confuso, mandou todas saírem do salão.

— O que houve?

Então contei a eles sobre a ligação e sobre Jamile estar presa no intuito de me levarem até alguém.

— Pensei em fugir e ir sozinha, mas prometi que nunca mentiria para você, então resolvi abrir o jogo. Temos uns quarenta minutos para estar lá, ou ele vai mandá-la até mim em... pedaços...

— Você fez bem em vir até mim. Vamos resolver tudo. Eu vou ligar para Matteo ir lá e checar, já que essa boate é no seu território. — Ele beijou a ponta do meu nariz.

Assenti e fui procurar Lisa para falar com ela enquanto Dom ligava para Matteo. Precisávamos conversar. Todavia, ela estava em um camarim ou algum lugar parecido com isso. Conversava a um telefone com alguém.

— Que maldição está acontecendo?! Ela está aqui e não onde a mandamos ir para entregá-la aos Salvatores — sua voz era fria. — Estou a caminho, então conversaremos e veremos o que vamos fazer com a amiguinha dela. A mosca morta nem sabe que sua colega bocuda está comigo.

Eu estava pensando em saltar sobre ela e arrancar seus cabelos, mas, já que aquela cadela estava com Jamile, eu tinha de descobrir onde minha amiga estava. Se os Salvatores estavam naquilo, ou melhor, Enzo, porque Matteo jamais se submeteria a algo assim, o único jeito era seguir aquela víbora peçonhenta. Saí de fininho para que ela não descobrisse que eu tinha ouvido sua conversa maquiavélica ao telefone.

Corri até Dom e o abracei forte, sentindo-me traída.

— O que foi, querida? — questionou preocupado.

— Evelyn? — Michael perguntou. — O que houve?

— Não diga nada, apenas escute... — pedi baixo a Dom. — Eu ouvi uma ligação da Lisa com alguém. Foi ela que sequestrou Jamile e ia me enviar a uma armadilha para os Salvatores...

Agora ela está saindo para provavelmente se encontrar com o homem que me ligou.

— Espere... o quê?! — rugiu, mas depois diminuiu o tom. — Eu vou resolver tudo.

— Chefe? Deu minha hora. Então eu estou indo — avisou Lisa a Dom, chegando ao salão.

— Aja de modo normal, pois precisamos segui-la e encontrar Jamile — pedi baixinho e olhei para ela, que estava tentando se controlar. Eu pude notar raiva em seus olhos por me ver com Dom.

— Claro — respondeu ele, mas percebi que recorreu a todo o seu autocontrole para não grunhir.

— Eu fico feliz por vocês dois estarem juntos — falou ela e saiu do salão.

— Por que ela disse isso se não sente de fato? — sussurrei. — Por que atacar uma inocente só por vingança contra mim?

— As pessoas são más, querida, principalmente uma mulher que pensa que você me roubou dela...

— Mas você não a amava... Se a amasse, eu jamais teria ficado com você — murmurei.

— Não é sua culpa. — Ele beijou minha cabeça. — Algumas pessoas são cruéis.

— Do que estão falando? — sondou Nasx.

— Daemon, por favor, siga a Lisa, pois é ela quem está com Jamile, a amiga que Evy fez na boate. Assim que tiver sua localização, nos chame — Dom ordenou.

Contei-lhes o que eu tinha ouvido.

— Aquela puta desgraçada! — rosnou Daemon e saiu do clube.

— Bem que achei aquela história de que ela tinha superado o que sentia por você muito forçada — disse Nasx. — Era só uma desculpa para ficar com você.

— Por que uma mulher iria querer um homem se ele não a ama? — eu falava mais comigo mesma.

— Querida, têm mulheres e homens que querem uma pessoa e não se importam com quem derrubam no processo. Alguns até matam — o tom de Nasx ficou duro no final. — Vamos trazer sua amiga de volta, tudo bem, docinho?

Suspirei, não querendo me sentir mais culpada, porque era por minha causa que Lisa tinha raptado Jamile, pois desejava vingança contra mim por eu estar com Dom.

— Eu não posso ficar aqui sem fazer nada — falei. — Preciso ir...

— Você não vai a lugar nenhum, Evy — avisou Dom se sentando na cadeira e me virando para encarar seu rosto. — E sem essa de reclamar por eu impor uma ordem. Não posso deixá-la ir. Entende o que Enzo pode fazer caso a encontre por aí? E esse cara que ligou, seja ele quem for.

Encolhi-me e me sentei no seu colo com os braços em volta do seu pescoço.

— Eu sei, mas estou me sentindo inútil aqui... — minha voz falhou.

— Vamos trazê-la sã e salva para você e iremos ouvir muitas coisas daquela boca esperta, assim como da sua — falou, beijando minha testa.

— Chefe? Você vai querer ver isso — chamou Hush.

Gelei por dentro, porque vi que ele estava olhando para um laptop.

— Aconteceu alguma coisa com ela? — minha voz tremeu ante essa ideia.

— Estamos todos mortos — disse Hush com assombro ao olhar para nós.

Dom correu, viu algo na tela e logo praguejou. Fui ver o que tanto assustava a todos. Na tela, estava a foto de Jamile, mas não era seu nome ali, e sim Irina Dragon. Não entendi o espanto de todos só porque ela tinha outro nome. Isso não era tão espantoso assim.

— Vocês estão com essa cara de terror só porque Jamile tem outro nome? — indaguei. — Por que ela mudaria seu nome? — perguntei-me. — Irina é tão bonito.

— Se eu pegar a cadela da Lisa, vou esfolá-la viva — disse Michael.

— O que significa isso? — sondei apontando para a tela com a foto de Jamile, ou Irina, seja qual fosse o nome.

— Significa que essa menina Jamile, ou melhor, Irina, é a irmã caçula de Nikolai, chefe da máfia russa, e quando ele souber o que houve com sua irmã, estaremos fritos. Ele é conhecido por ter um coração de pedra. Não tem misericórdia, ainda mais quando mexem com o que é dele, como sua irmã — o tom de Dom saiu duro.

— Mas não temos nada a ver com isso — falei enquanto assimilava o que tinha acabado de ouvir. Eu não me importava com quem era seu irmão, só a queria comigo e segura.

— Isso não faz diferença, porque Lisa trabalhava para mim. — Dom suspirou, frustrado e irado. — Devia ter mandado a cadela embora quando tive a chance.

Seu telefone tocou.

— O que foi, Daemon? Más notícias? Porra! Nós também. — Ele disse o que descobriu sobre Jamile. — Espere... o quê? Ela foi mesmo para o território dos Salvatores? Certo, cara! Eu vou entrar em contato com Matteo. Tentei neste instante, mas ele não atendeu. Vou tentar de novo para ver se ele a encontra antes que isso vire uma carnificina.

— Jamile está no território de Matteo? — inquiri impaciente e com o coração na mão. — Ela está na boate a qual eu devia ter ido?

— Sim — respondeu ele enquanto discava um número e deixou no viva voz. — Surgiu um problema. Faz seu tio parecer um animal doméstico perto do que virá por aí se não conseguirmos impedir a catástrofe — disse Dom, sombrio. — Uma das nossas prostitutas, Lisa, que eu tinha mandado embora, sequestrou uma amiga da Evelyn. Ligou para Evy encontrá-la, caso quisesse a

amiga viva…

Fiquei ansiosa com a preocupação deles por causa daquele mafioso. O homem era realmente tão poderoso assim?

— Só que Lisa acabou levando a garota para o seu território, no clube de Enzo, Plaza Streep. Daemon a seguiu.

— Não mandei ninguém fazer isto. Resolverei a situação. Mandarei meus homens à procura dela…

— Vá pessoalmente para checar se não houve nada com essa menina, senão estaremos todos ferrados, inclusive você — cortou Shadow.

— Por quê? O que há de diferente na garota? É filha de alguma figura pública? — ele parecia confuso.

— Irmã de Nikolai e Alexei Dragon… É conhecida por Jamile, mas seu nome verdadeiro é Irina.

Praguejou na sua língua natal.

— O quê?! — sibilou Matteo. — Maldição! Isso não pode acontecer, droga! Nikolai não pode vir aqui. Nem consegui arrumar metade dos estragos de meu pai. Se ele souber do que Lorenzo fez antes da hora, eu estarei frito.

— Chefe? Daemon disse que eles estão na boate Plaza Streep, onde Lisa entrou — disse Nasx. — Esse lugar pertence ao Enzo.

De posse dessas informações, já que o telefone estava no viva voz, Matteo desligou.

— Daemon está dizendo que a situação lá está feia. Ele acabou de ver Enzo. — Nasx suspirou com o telefone ao ouvido. — Ele disse que vai segurar as pontas até o *capo* chegar.

— Fala para o Daemon dar cobertura à menina e não deixar que nada aconteça a ela até o

capo ir lá para controlar a situação — pediu Dom a Nasx. — Nasx e Michael vão dar cobertura para Daemon caso tudo fuja do controle lá — informou Dom aos outros. — Você também, Hush.

Assim que todos saíram, Dom me levou para casa, afinal, havíamos deixado Avana sozinha. Mesmo com a proteção de Ash, ela estava preocupada.

Meu coração estava apertado sem saber o que estava acontecendo a todos naquela boate. Esperava que meus amigos e Matteo ficassem bem.

— Vai dar tudo certo, meu amor — disse Dom me abraçando assim que chegamos à sua casa. — Mas vou precisar deixá-la aqui e ir lá para checar as coisas.

Olhei para ele com preocupação.

— Eles não podem resolver isso sozinhos, sem você? — supliquei, tentando convencê-lo a não ir, pois temia pela sua vida.

— Não, querida. Eu sou o chefe e preciso fazer a coisas do modo certo, diferente de Berry. Eu os cubro, e eles me cobrem — explicou, beijando meus lábios. — Eu ficarei bem.

— Jura, Dom? Não suporto a ideia de você e Michael se ferindo, mesmo os outros. Não posso ir junto? Também luto bem...

Ele me cortou:

— Não, Evy, não quero Enzo perto de você, porque, senão, eu teria de matá-lo, e logo começaríamos uma guerra que não teria volta.

Eu não queria, mas confiava em Dom quando ele falava que não ia acontecer nada com ele, nem com ninguém que eu tanto amava.

Uma hora depois, os homens entraram no clube, todos intactos. Avana e eu tínhamos vindo para a sede do clube para esperar por eles, já que nenhuma de nós descansaria sem saber o que

acontecera a todos.

— Como foi lá? — perguntei ansiosa e com o coração apertado. — Jamile, ela está bem? Eles a tocaram...

Dom veio até mim e me abraçou forte.

— Ocorreu tudo bem. Irina está bem e ninguém a tocou, graças a Deus. E não estou falando isso só pela guerra que teríamos, mas porque ninguém merece ser sequestrado. Ela vai ficar na casa de Matteo hoje. Acredito que ele quer ficar com os olhos nela.

Suspirei aliviada, porque sabia que Matteo a protegeria e não deixaria ninguém a tocar.

— E quanto a Enzo e Lisa? O que houve com eles? — inquiri, embora não me preocupasse com eles; só estava curiosa.

— Lisa não é mais problema nosso, e sim do *capo*, já que ela infligiu a lei de não atacar ou atingir alguém da máfia — disse Dominic.

— Enzo vai ter o castigo que merece por desobedecer às ordens do *capo*, mas não sabemos qual é, já que isso é negócio da máfia — falou Nasx e foi até Sandy. — Agora vou me divertir.

Dom revirou os olhos e sorriu.

— Vamos para a nossa casa comemorar, porque agora você está livre para estudar, viajar e fazer o que quiser sem correr perigo de ser levada pela vingança dos Salvatores.

— Eu também vou me divertir — avisou Daemon indo até uma das prostitutas.

Eu queria participar da festa deles, mas não com minha sogra presente, é claro.

— Sim. Vamos embora.



Epílogo

— Oi, Matteo. — Sorri assim que ele entrou no escritório do clube.

Eu estava livre havia uma semana. Durante esse tempo, fiz várias coisas que estava louca para fazer. Uma delas foi comprar roupas. Gastei bastante dinheiro de Dom, já que eu não tinha ainda. Eu gostava de jeans e tops, mas também comprei vestidos sexy e lingerie para usar para meu namorado à noite. Na semana seguinte, eu iria viajar com ele, pois pretendia me levar a Paris e à praia para que eu nadasse com os golfinhos.

Estava no escritório da boate de Dom limpando os livros entre os quais eu tinha achado aquele sobre sexo, que estava me ajudando, a cada dia, a ter mais prática no assunto. Já havíamos feito várias posições que eu tinha adorado. E acreditava que faríamos muitas mais.

Como não estava no clube nem em casa, liguei para Matteo e disse que precisava falar com ele. Não queria que meu amigo soubesse sobre mim e Dom pelos outros. Eu mesma queria lhe contar.

Ele estava de pé no meio da sala, e eu, sentada na cadeira. Levantei-me e fiquei à sua frente.

— Primeiro, quero agradecer a você por tudo o que fez por mim naquele lugar, e depois de lá também. — Eu o abracei. — Você sempre será importante para mim.

Ele passou os braços à minha volta.

— Eu faria tudo de novo, Evelyn.

— Eu preciso lhe contar uma coisa antes que ouça pelos outros — afastei-me dos seus braços, tentando controlar a minha voz.

— O que é? — sondou me avaliando, mas eu percebia que ele estava rígido como se já

sentisse o que eu diria.

— Estou namorando o Dom. Mais para frente, vamos nos casar. Lamento o que está sentindo agora. Nunca teríamos um futuro, Matteo, e você sabe disso. Logo ficará com alguém do seu mundo e, se eu me apaixonasse, como seria? Sofreria por vê-lo com outra…

— Não casarei, Evelyn, podemos ficar juntos e dar um jeito de continuarmos assim. Conseguirei ajudar o meu povo ao mesmo tempo — não parecia ter esperança na sua voz quanto a isso.

— Sabe que é impossível — sussurrei, encolhida pelas minhas próximas palavras: — Eu amo o Dom, não vivo sem ele.

Ele prendeu a respiração.

— Shadow pode estar só usando você...

Cortei-o:

— Não. Lembra do que pediu a ele para fazer com Pablo? — perguntei, e continuei assim que ele assentiu: — Eu o vi atirar nele. Naquele momento, eu disse palavras que o machucaram tanto… Nós dois sofremos com isso. Não desconfiaria dele de novo. — Peguei sua mão. — Quando você se apaixonar de verdade...

— Já estou apaixonado! — interrompeu-me com ferocidade.

— Pode ser. Então me diga uma coisa, quando você descobriu esse amor?

Ele franziu a testa.

— Desde que a vi pela primeira vez. No começo, achei que estava só iludido por uma garota bonita. Logo notei que sentia mais, tanto que queria fazê-la minha esposa.

— Depois desse dia você ficou com alguma mulher? — sondei, e acrescentei assim que ele hesitou: — Responda, Matteo, por favor.

Ele suspirou.

— Sim, porque não podia ter você — falou com a voz levemente alterada.

— Você não está apaixonado por mim, Matteo…

Ele me interrompeu:

— É claro que estou. Não significa que eu não a ame apenas porque transei com outras.

— Não estou dizendo que não me ama, e sim que não está apaixonado. — Olhei em seus olhos. — Matteo, nós somos amigos há muito tempo. — O tom de voz dela era determinado. — Você me protegeu mais vezes do que consigo me lembrar. Eu o amo muito e acredito que você também me ame. Contudo, não é aquele amor que nos leva a ver a pessoa de uma forma única, que faz com que ninguém mais importe. Não conseguiria ficar com outra se estivesse apaixonado. Se fosse verdade, e uma mulher nua desse em cima de você, logo a descartaria, porque não sentiria prazer ou desejo por ela, somente pela garota que domou seu coração, sua alma. Isso é amor, Matteo, é paixão. Foi o que aconteceu com Dom desde o dia em que entrei naquele clube, toda assustada. Ele não ficou com ninguém, porque só eu importava. Até lutou contra o que sentia por mim, pois achava que eu merecia mais, mas não tocou em nenhuma mulher.

— Eu...

— Você me ama, e eu não duvido disso. Porém, quando sua alma gêmea chegar, ela o consumirá, no bom sentido, é claro! Todas as mulheres à sua volta desaparecerão. — Eu o abracei. — Espero que encontre isso com sua futura esposa, pois um relacionamento depende da paixão para que haja felicidade.

Seus braços eram fortes ao se apertarem ao meu redor, e ele aspirou o aroma dos meus cabelos, que cheiravam a morangos, como se o estivesse memorizando.

— Eu a amo Evy. E vou amá-la para sempre — sussurrou com dor na voz.

— Eu sei. Eu também amo você, Matteo, e sempre amarei — declarei. — Obrigada por tudo. Torcerei para que ache o seu *para sempre* no seu casamento, seja ele com quem for.

— Que cena mais linda! — comentou Dom nada amigável à porta. — Tem dois segundos para tirar seus braços da minha *Old Lady*, ou eu vou quebrá-los.

Meu coração bateu forte. No começo, achei que ele tivesse interpretado mal, mas Dom confiava em mim, assim como eu nele. Entretanto, não confiava no meu amigo.

Afastei-me de Matteo e avaliei a expressão mortal, porém, bonita, de Dom.

— O que faz aqui? Achei que tinha negócios no clube para resolver. — Bom, foi isso o que ele me disse de manhã cedo, antes de sair.

— Pitã ligou e disse que o *capo* estava aqui com você — ele disse num tom chateado enquanto olhava para Matteo. — Como pôde bater nela? Não importa se Evy pediu, você devia ter feito algo para impedir. Se fosse comigo, jamais conseguiria, pois cada cintada doeria em mim também…

— Acha que eu quis aquilo?! Acha que os gritos de dor não me atormentam toda noite?! E que pode ser esse o motivo de ela não ter se apaixonado por mim?! — esbravejou.

— Matteo, sinto muito. Saiba que não o acuso. Sou grata por me ajudar tanto naquele lugar. Agora é a nossa vez de sermos livres, porque, de alguma forma, você também ficou preso lá comigo e com aquelas garotas, que por sua insistência e ferocidade poderão ter uma vida com suas famílias. E você também merece uma, sem pesadelos e culpa. Não é por causa das surras que não o amo, e sim porque não somos destinados um ao outro.

— Evelyn...

— Você tem um legado a seguir. Transformará o que hoje está ruim em coisas boas, diferente do seu pai. Mesmo se eu o amasse, nós não poderíamos ficar juntos. — Fui até ele e segurei sua mão. — Tenho fé de que há algo maravilhoso aí fora para você. Com alguém que

será seu mundo inteiro, assim como Dom é o meu.

— Eu vou tentar. Mesmo sofrendo agora, desejo que seja feliz, Evelyn, pois você merece após tanto sofrimento. — Fulminou Dom. — E você a faça feliz, ou te mandarei com uma passagem só de ida para o inferno.

Matteo foi embora meio tristonho com o que eu disse, mas era melhor assim, embora não tenha sido fácil. Eu queria poder fazer algo por ele, mas não podia.

— Vejo que arrumou o lugar — Dom observou notando a mudança que eu fiz nos livros.

— Sim. Eu queria falar com você. Estava falando com Pitã, e ele disse que precisa de alguém que o auxilie aqui, então pensei que talvez eu pudesse ajudar. Eu sei que não sei muita coisa, mas posso tentar, e ele me ensinaria — falei, avaliando seu rosto. Pitã era quem tomava conta do lugar.

— Se ele disse que ajudaria você, então tudo bem. Mas, querida, você tem certeza de que quer isso? É muito trabalho.

— É claro que sim. Eu não posso ficar sempre dentro de casa, ficaria louca. Sei que vou começar a estudar, mas posso fazer os dois, ou pelo menos tentar.

— E quando terá tempo para mim? — Ele sorriu, puxando-me para seus braços.

— Você não para muito em casa, então tenho que me ocupar com algo. — Dom sempre ia a *hallys*. Eu não sabia o que fazia neles, mas ele disse que isso era assunto só dos homens. No começo, achei que fosse algo relacionado a mulheres, mas descartei, porque Dom jamais faria isso, e Michael o mataria, então, fosse o que fosse, deixei quieto.

— Sabe que tenho negócios a tratar nos clubes que tenho na cidade.

— Não estou criticando, Dom. Eu só quero trabalhar em alguma coisa. — Passei meus braços em volta do seu pescoço e o beijei, louca pelo seu toque.

— Tudo bem, então — respondeu, beijando-me, colocando-me sentada na mesa e ficando entre minhas pernas. — Tenho alguns minutos antes de ir embora para checar a mercadoria.

Afastei o rosto do dele.

— Mercadoria? Por acaso são mulheres nuas...? — não me incomodava com o que ele fazia nas boates, mas as mulheres eram um dos meus pontos fracos. Por mais que eu confiasse nele, ainda ficava com ciúmes.

Ele riu.

— Não são mulheres. E, quando eu contrato dançarinas novas ou prostitutas, é o Nasx quem cuida de tudo, não eu. Você sabe que não olho para nenhuma delas, não é?

— Eu sei, é só que...

— Tem ciúmes, eu sei. Eu também tenho de você ir para a escola, onde ficará cercada de garotos da sua idade doidos para entrarem em sua calcinha.

Eu ri.

— Nenhum deles tem a pegada do Dom — murmurei, abaixando o zíper de sua calça e pegando seu pau já duro. — Você é o único homem que entrará em minhas calças, querido. Agora entra em mim e me fode com força.

Ele riu, beijando meus lábios e com os olhos brilhantes de emoção. Eu sabia que nossa diferença de idade ainda o incomodava, mas provaria que somente ele me importava.

— Seu desejo é uma ordem, querida. — E então ele entrou em mim, e eu logo estava gritando seu nome, não me importando se o maldito prédio inteiro ouvisse.

Jamile estava estranha quando a vi na faculdade na segunda-feira. Saí mais cedo do colégio ao qual estava frequentando e fui vê-la. Parecia que estava sofrendo. Perguntei-lhe o que houve,

mas ela disse que tudo estava bem, mas que tinha que voltar para a Rússia. Jurou não dizer nada aos seus irmãos sobre o seu sequestro no meu país. Ela também não contou por que tinha mentido sobre seu nome. Irina era tão lindo. Combinava com ela.

— Quando quiser se abrir comigo ou com Sara, é só dizer, OK? — falei a ela. Também lhe contei o que realmente tinha acontecido comigo, meu rapto quando criança e onde eu havia vivido até fugir e conhecer Dom e rever meu irmão.

— Que estejam todos mortos e no inferno — silvou ela. — E, quando eu estiver pronta para dizer tudo sobre mim, você será a primeira pessoa a saber.

— Tudo bem, Jamile.

Eu a chamava assim por puro costume, e ela gostava, também. Então por que não?

— Hoje vamos à boate nos divertir. Quer vir conosco? — perguntou Jerry a Jamile, colocando o braço à sua volta.

Ela se esquivou dele.

— Não posso, mas vão vocês — disse e saiu.

— O que houve com ela? Notei que essa semana Jamile está estranha, calada, e isso é incomum nela, já que fala pelos cotovelos.

Suspirei, pois isso também estava me incomodando, mas talvez fosse o rapto que a tinha deixado assim, embora Matteo e os outros me garantissem que ninguém a tinha tocado, até ela mesma confirmara isso. Podia também ser outra coisa que ela não estava querendo contar.

Ela havia me pedido segredo sobre o seu nome verdadeiro e o que tinha acontecido com ela. Eu não entendi, mas fiz o que ela pediu, afinal, isso não era da minha conta.

— E você? Vai à boate comigo e o resto do pessoal? — perguntou Jerry a mim.

— Eu vou começar a trabalhar lá essa noite, então estarei lá mais cedo. Podemos nos

encontrar e nos divertir, bom, depois que eu terminar o horário do meu expediente — falei animada com a ideia de trabalhar, já que nunca tinha feito isso, mas eu iria adorar.

— Seu namorado deixou? Ele parece um tanto protetor em relação a você.

Sorri.

— Ele deixou, afinal não vou fazer nada de mais, somente trabalhar — respondi, deixando a proteção da marquise do prédio com ele e Sara ao meu lado.

— Como foi seu primeiro dia de aula na escola? — perguntou Matt. — Queria que pudesse fazer faculdade conosco.

— Maravilhoso. Dom conhece um amigo que dá aulas particulares, e ele vai me ensinar. Talvez eu termine meus estudos em pouco tempo. Vamos ver, não é?

— Olha quem está chamando a atenção! — exclamou Sara sorrindo e olhando para frente.

Vi Dom encostado em seu carro e as garotas dali o cobiçando, mas quem não o faria? Aquele homem deixava todas as mulheres bobas e de pernas bambas, assim como eu. Havia ligado para ele avisando-lhe que ia passar na faculdade de meus amigos antes de ir embora, e nós combinamos de nos encontrar ali.

Ele estava com seu jeans rasgado e botas pretas e sua jaqueta de MC, cabelos bagunçados, e seus olhos estavam em mim.

Sorri para ele.

— Eu acho que vou virar MC fodão também — disse Jerry avaliando as meninas ainda cobiçando meu homem.

— Mesmo se virasse MC, você jamais teria a atenção que meu gato tem. — Sorri para ele, Sara e Matt ao meu lado. — Ele é único. Agora vou mostrar a essas garotas quem é a dona dele.

Corri até meu homem, ignorando meus amigos rindo de mim. Eu não me importava em

parecer infantil, apenas queria deixar claro que elas podiam babar por ele, mas, no final, Dom era meu.

Ele se afastou do carro e sorriu para mim. Pulei em seus braços colocando as pernas e braços à sua volta e o beijei faminta. Com ele, nunca era suficiente.

Ele riu nos meus lábios.

— Estava sentindo tanto a minha falta assim? — sondou apertando suas mãos em minha bunda.

— Muita, mas isso também foi um aviso para essas garotas babando por você. Quero que elas saibam que você é só meu. — Dei mais um selinho nele e me coloquei de pé, mas ainda abraçada a ele.

Ele revirou os olhos.

— Sim, seu para sempre. Mas gostei disso, assim os homens desse lugar vão ver que você também tem dono. Agora vamos embora, que tenho uma surpresa para você.

— O que é? — indaguei assim que entrei em seu carro e partimos.

— Não comemoramos seu aniversário devido a tudo o que aconteceu, mas agora vamos aproveitar, e farei com que seja o mais especial que já teve. — Ele beijou minha testa ainda olhando a estrada. — Vamos a um chalé que tenho afastado daqui, pois lá ficaremos sozinhos. E, na semana que vem, vamos viajar. O que acha? Podemos ir à Flórida. Você disse que não viu Dália depois que saiu daquele lugar, então vamos à sua casa. E lá tem mar.

— Sim, estou louca para vê-la. Obrigada. — Sorri — Com você, com certeza vai ser o aniversário mais lindo do mundo! — respondi com animação. — Ainda mais em um chalé a sós. Preciso do livro. Vamos fazer todas aquelas posições e outras que você souber.

Ele riu.

— Vamos, sim, linda... — ele foi interrompido pelo seu celular tocando e o atendeu. — Espero que seja importante, Nasx, ou eu juro que vou acertar as contas com você... — parou de falar e ouviu o que seu colega disse, então seus olhos ficaram enraivecidos. Não penas isso; ele estava furioso e sombrio. — Estamos voltando para o clube, segura as pontas até eu chegar.

— O que houve para ficar assim? Alguém está ferido? — indaguei preocupada e esquecendo para onde iríamos e o que faríamos. Meus amigos e família eram mais importantes.

— A guerra está para começar — declarou em um tom mortal que fez minha alma gelar.

— O quê? Que guerra?

— Isy foi sequestrada pelo cartel. Isso deixou Kill furioso. — Trincou os dentes.

O ar saiu dos meus pulmões.

IVANI GODOY

KILL

SÉRIE MC FÊNIX

Sinopse

Conhecido por Kill, o sargento de armas do clube MC Fênix, Michael só tinha uma coisa em mente: vingança. Na adolescência, ele viu seus pais sendo assassinados, e sua irmã desapareceu. Isso o destruiu e o transformou em uma pessoa fria.

Ele sabia que jamais seria salvo pela quantidade de sangue que tinha nas mãos, mas nunca se incomodou verdadeiramente com isso até *ela* aparecer e dominar sua vida.

Isabelle lhe mostrou que há algo mais valioso do que a vingança. Ela lhe ensinou que o amor pode transformar um homem e fazê-lo enxergar além das feridas da alma.



Prólogo

Eu estava aflito ao ouvir barulho de vozes altas na sala do andar de baixo. Olhei para minha irmãzinha, que estava dormindo, levei-a em silêncio para o sótão que tínhamos em casa e a escondi para que ninguém descobrisse que ela estava ali. Tinha prometido que estaria perto dela quando acordasse, mas não poderia cumprir a promessa porque precisava saber quem eram as pessoas que estavam lá embaixo.

Meu instinto dizia que eu não ia gostar do que veria lá embaixo, mas fui mesmo assim, porque precisava ter certeza de que meus pais estavam bem. Eles tinham saído, mas vi que, alguns minutos antes, enquanto colocava Evelyn para dormir, os dois haviam chegado.

— Paguem suas dívidas agora, ou vou acabar com vocês dois e seus filhos — rosnou uma voz grossa e um tanto mortal.

— Não temos como pagar agora, mas vou dar um jeito, eu juro! Só deixe minha família em paz! — implorou papai com dor na voz. — Eu faço o que vocês quiserem!

Eu estava confuso com essa conversa, porque não sabia que meus pais tinham dívidas a pagar. Se tinham, então, por que não pagavam? Não éramos ricos, mas tínhamos a mercearia e algum dinheiro.

— Eu te falei o caminho ao qual isso ia te levar, Nathan, quando você saiu. Uma vez nessa vida, não tem como fugir ou sair dela — disse outro cara num tom mortalmente frio.

— Vocês podem tentar, mas achamos vocês, não é? — outra voz soou.

Eu queria entender sobre o que eles estavam falando. E por que diziam que meu pai não podia sair daquela vida? Que vida? Que raio estava acontecendo ali?! Dei mais um passo, descendo a escada em silêncio e com minhas adagas uma em cada mão, pronto para acertar

qualquer um que se metesse com minha família.

Papai era bom com facas e adagas, manejava-as que era uma beleza, por isso me ensinou a usá-las. Eu não entendia o motivo de ter de aprender aquilo no começo, mas logo gostei de manuseá-las.

— Por favor, nos deixe em paz! Já não fez muito matando meus pais? Agora quer acabar com minha família também? — suplicou mamãe, chorando.

Então ouvi um baque como de um tapa e depois papai gritando o nome de minha mãe.

— Amanda!

Apareci bem a tempo de ver um cara diante da mamãe, que, por sua vez, estava ajoelhada, e ele puxava os seus cabelos vermelhos, iguais aos da minha irmã. Evelyn era parecida com mamãe, e eu já me assemelhava mais a meu pai. Papai estava preso por dois homens, impedido de chegar até onde ela estava.

Peguei minhas adagas e as joguei no cara que estava machucando minha mãe e nos homens que seguravam papai. Tudo aconteceu muito rápido, como em um pesadelo.

— Michael! — mamãe gritou meu nome, mas foi interrompida por um tiro na cabeça, e assim aconteceu com papai.

— Mamãe! Papai!

Acabei com mais alguns homens enfiando a faca em seus cérebros, matando-os assim como tinham assassinado meus pais. Tudo em mim doía, meu peito, minha alma. Também estava com raiva.

Antes que eu pudesse lutar mais com vários homens armados e levar alguns com minhas adagas, fui preso por dois deles, mas eu encarava com ódio somente um daqueles assassinos, fossem quem fossem: seu chefe, um cara de meia-idade com barba e óculos escuros, embora fosse noite. Ele tirou os óculos e os guardou no bolso do terno sem tirar os olhos de mim.

— Me mata agora, ou eu juro que vou matá-lo com minhas próprias mãos, e não vai ser bonito quando colocá-las em você... — sibilei, lutando nos braços dos dois homens que tentavam me segurar para eu não chegar ao seu chefe.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você tem uma escolha, garoto: vir comigo para trabalhar para mim ou morrer agora como os seus pais — falou apontando o dedo para eles, mortos no chão. Seus olhos negros e sombrios os fitavam como se meus pais fossem lixo.

— Eu prefiro morrer, seu demônio! — exclamei. Livrei-me dos caras e corri na direção da varanda, antes pegando uma adaga que escondia atrás, nas costas e a lançando bem no seu olho direito. Depois disso apaguei com uma pancada forte na cabeça. Meu último pensamento foi para minha irmã, no sótão.

Evelyn.



Capítulo 1

Encontro

Passado

ISABELLE

Eu estava vindo do asilo de que vovó era dona quando o meu carro quebrou, mas o pior foi que isso aconteceu no meio de um beco nada movimentado. Tinha ouvido dizer que aquela área era frequentada por usuários de drogas. Já estava escurecendo, por isso eu estava com medo de ficar ali sozinha.

Esperei alguns minutos, até pensei em ligar para Mary ou Draw, os meus melhores amigos, mas não consegui, já que meu celular estava descarregado. Novidade, eu vivia me esquecendo de colocá-lo para carregar. Mary e vovó até brigavam frequentemente comigo por causa disso.

Pensei em ir embora a pé e deixar o carro ali, embora corresse o risco de alguém roubá-lo antes de retornar com um mecânico ou ir atrás de um celular para poder chamar um guincho.

— Ótima essa ideia de pegar um atalho — recriminei a mim mesma varrendo os olhos ao redor do beco.

Eu sempre dava a volta para evitar aquele beco, mas naquele dia não sabia por que tinha resolvido passar por ali. Acabei ficando na mão.

Saí do carro pensando em ir embora antes de escurecer, quando uma moto veio em minha

direção. Temi que fosse um bandido qualquer, mas, em vez disso, era outra pessoa, que se tornara minha sombra, não de um jeito obcecado e doentio, mas protetor.

— O que faz aqui? Não sabe que é perigoso ficar neste beco? O que tem na cabeça? — seu tom foi de crítica ao descer da moto e vir até onde eu estava.

Havia duas semanas que o via direto, na sorveteria à qual ia com Mary, na lanchonete e no asilo da vovó. Aquele motoqueiro sempre estava por perto. Eu não sabia por que, mas tinha algo nele que não me deixava temerosa, e sim protegida, não sabia se era sua confiança ou seu tom seguro de si.

Quatro dias antes, eu o notei me seguir do asilo até minha casa, mas daquela vez fui até ele e lhe perguntei por que me seguia havia semanas. Ele disse que era para minha proteção e do bairro, pois zelava por aquela redondeza que pertencia aos MCs Fênix. Disse também que todos os comerciantes possuíam um pacto de proteção com eles, assim como sua avó e, por consequência, também eu.

Fiquei confusa na ocasião, mas depois deixei passar. A partir daquele dia, sempre que o via, ficava mais intrigada. Ele não quis me dizer seu nome quando perguntei, então disse que não falaria com ele, já que não confiava em mim para dizer quem era.

Depois que eu o conheci, comecei a sonhar com ele direto. Seus cabelos negros e anelados eram curtos, olhos negros como a noite e um tanto misteriosos. Isso me intrigou mais em conhecê-lo, por isso não desisti até saber quem ele era.

Perguntei a Draw, meu amigo, se ele conhecia os MCs Fênix, um grupo de motoqueiros donos de quase metade de Chicago. Donos porque ouvi dizer que eles tinham a maioria das pessoas nas mãos. Políticos e policiais estavam na sua folha de pagamentos. Se isso era verdade, eu não sabia, mas não duvidava. Os caras irradiavam poder.

Mesmo sabendo que aquele cara misterioso e lindo era um membro do MC, não consegui descobrir seu nome, mas esperava que ele confiasse em mim para dizê-lo. Esperava que não

demorasse. Estava roendo minhas unhas de curiosidade.

Franzi a testa.

— O que faço? Bom, o carro quebrou. — Indiquei a minha picape para ele. — E sei que aqui é perigoso, mas não vejo como podia evitar...

— É claro que podia — cortou furioso. — Por que não foi por outro caminho? Aquele pelo qual você sempre vai?

— Porque por aqui é mais perto. — Suspirei, irritada. — Por que está bravo? Não é para tanto, afinal, estou bem.

Ele fechou as pálpebras por alguns segundos, inspirando como se fosse para se controlar. Depois elas se abriram, e o preto ônix das íris estava mais escuro, se isso fosse possível. Seus olhos pareciam mortais.

— Você tem ideia do que sou capaz de fazer caso alguém a toque? Tem alguma noção da *besta* que há dentro de mim, louca para ser solta só em pensar nessa hipótese? — sua voz estava grave, como se ele estivesse se controlando.

Besta? Então ele acha que tem demônios? Tinha algo nos olhos dele que mostrava algo profundo, mas não parecia algo ruim, era como se fosse tormento. *O que será que houve na sua vida para ele ficar assim? Será isso mesmo ou imaginação minha?*

— Estou bem. Não precisa ficar assim, OK? Prometo que não virei mais por aqui — falei, não querendo deixá-lo com mais raiva ou vontade de matar alguém inocente.

— Certo. O que houve com o carro? — Ele sondou o capô, de onde saía fumaça.

— Eu não sei, pois não falo a língua dos carros. Só quando pede gasolina.

— Pede gasolina? — Dessa vez ele sorriu, evidentemente deixando sua raiva de lado, e tocou meu rosto. Seu toque sempre me dava calafrios de um jeito bom, e uma corrente elétrica

desceu por todo o meu corpo. Na primeira vez tinha sido assim também, quando estava indo jogar o lixo da lanchonete fora e quase caíra na calçada, que estava quebrada. Ele me pegou antes que eu caísse no chão, e senti essa mesma eletricidade.

— Você é tão linda! — exclamou impressionado, alisando meu rosto como se o estivesse memorizando. — Isabelle, algumas coisas precisam ser checadas no carro fora a gasolina. Água, medida do óleo...

— Isso realmente não é justo... — critiquei me afastando dele, porque seu toque me deixava mole feito marshmallow.

Ele se afastou como se tivesse sido empurrado por mim. O sorriso lindo desapareceu, e ele me fitou como se sentisse dor. Algo nele me chamava como o canto da sereia, só não sabia o que era. Meu peito doía ao ver a dor em suas feições lindas. Esperava um dia saber a causa daquele tormento que via ali.

— Você não gosta quando eu toco em você? Não se sente segura estando ao meu lado? — sussurrou em tom magoado.

Suspirei, tentando me controlar para não lhe perguntar por que ele era assim, afinal, quando quisesse me falar, com certeza ele o faria. Nós nem nos conhecíamos ainda.

— Não é que eu não goste, mas sinto como se tivesse tocado em um fio desencapado. Sobre o medo? Não sinto isso em relação a você, eu juro. Apenas fica mais fácil falar quando não está me tocando — sussurrei a verdade. — Mas antes estava me referindo ao fato de eu não saber seu nome, mas você sabe o meu.

Ele me analisou e pareceu aliviado. Será que tinha percebido que eu desejava mais do seu toque, que me deixava toda mole, além de quente e molhada? E eu não estou me referindo a água, e sim, a minha calcinha.

Santa mãezinha, quando um dia molhei minha calcinha por um homem? Nunca!

— Eu me chamo Michael — disse. — Venha comigo, vou levar você em minha moto.

— Não posso deixar o carro aqui. Se alguém roubar alguma coisa, vovó vai surtar — murmurei olhando ao redor e notando alguns rapazes fumando. *Com certeza não é cigarro*, pensei.

Ele suspirou. Olhou para um dos garotos, que estava não muito longe dali, e o chamou. Aproximei-me dele e segurei seu braço assim que o rapaz chegou perto de nós. Dois, na verdade, um era moreno com cabelos espetados como se tivesse levado um choque, e o outro, ruivo com sardas.

Michael pareceu gostar do fato de eu buscar sua proteção. Pensei que eu tinha ido para mais perto dele por instinto. Ignorei meu coração acelerado ante a proximidade.

— Quero que tome conta desse carro. Não deixe ninguém tocar nele até Max chegar aqui e levá-lo para a oficina — não me pareceu um pedido àqueles garotos, e sim uma ordem.

— Sim, Kill — respondeu o moreno, todo orgulhoso. — Ninguém vai tocar no carro.

Depois que os garotos se afastaram um pouco, Michael me levou a sua moto, uma Harley preta com emblema de uma fênix assim como seu colete de motoqueiro.

— Kill? Por que chamam você assim? Você mata pessoas? — indaguei curiosa.

Era para eu ter medo de pessoas desse tipo, afinal de contas, sabia que os MCs com certeza eram fora da lei e já deviam ter matado alguns. Entretanto, não fiquei com medo, apenas intrigada.

Ele não respondeu, mas o senti nervoso. Deixei passar; não queria constrangê-lo. Vovó dizia que eu falava demais, que perguntava coisas que não eram da minha conta. Na verdade, eu era apenas curiosa.

— Acha confiável deixar o carro aqui? — inquiri baixinho só para ele ouvir, e não os garotos, que tinham mais ou menos minha idade.

Michael parecia mais velho que eu poucos anos, mas seu tom firme, confiante e seguro o fazia letal e adulto, como se fosse muito mais velho. Poder; ele tinha muito.

— Não se preocupe, seu carro vai estar seguro. Max virá buscá-lo depois, e esses garotos não vão tocar nele ou deixar alguém fazer isso. Confie em mim — pediu alisando meus cabelos.

Assenti meio ofegante devido à intensidade daquele homem.

— Confio em você — declarei. Conhecia aquele garoto havia apenas algumas semanas, embora só de vista, mesmo assim acreditava nele quando dizia que meu automóvel ficaria seguro naquele lugar.

— Obrigado, linda. Tem algo para fazer agora? — Ele ligou a moto.

— Nada de interessante, por quê? — questionei curiosa e intrigada com aquele homem protetor. Mesmo se eu tivesse algo para fazer, desmarcaria só para ficar com ele. Algo nele me chamava a atenção, fascinava-me. Eu não sabia se era o perigo ou o poder, só sabia que não queria ficar longe dele. Vovó sempre dizia que eu gostava de tudo que era letal.

Uma vez gostei de um garoto *bad boy*, mas vovó não me deixou namorá-lo. Foi bom, já que o verme tinha três namoradas de uma vez. Eu acreditava que Michael não fosse assim. Bem, esperava que não.

— Confia em mim para te levar a um lugar? — Ele me olhou de lado. — Prometo que a deixarei segura.

A promessa estava em cada palavra que ele dizia.

— Eu não o conheço direito, mas vou confiar em você. Acredito que não queira me fazer mal, já que veio aqui me salvar e impediu que eu caísse na calçada naquele dia. Além disso consertou o piso só para evitar que eu me acidentasse de novo, não é? — Não era uma pergunta. Eu sabia que tinha sido ele.

— Obrigado. E, na verdade, foi para que sua avó também não caísse. — Piscou. — Suba,

que vamos nos divertir hoje.

Assenti e subi em sua moto, segurando-me firme em sua cintura máscula, por cima de sua camiseta preta e jaqueta de motoqueiro com emblema da fênix. Encostei meu rosto em suas costas assim que ele acelerou sua Harley e me agarrei a sua volta como uma aranha. Eu tinha medo de motos havia um tempo, desde que Draw tentara me ensinar e eu caíra, quebrando a perna. Isso tinha acontecido três anos antes, e aquele tipo de veículo ainda me dava calafrios. Apesar disso, o cheiro e o toque de Michael causavam vibrações intensas em meu corpo, fazendo-me ansiar mais pelo seu toque. Tinha notado isso desde que ele me tocara nos fundos da lanchonete.

Saímos dali e andamos mais alguns minutos até ele parar em frente a um cinema. Fiquei confusa por Michael me levar ali, pois achei que iríamos para o clube ao qual ele frequentava. Jamais poderia imaginar que aquele homem frequentasse lugares assim.

Mary e eu tínhamos planos de ir ainda naquele fim de semana ao cinema, mas não naquele dia em especial, porque nele havia promoção para casais de namorados, e nenhuma de nós tinha um parceiro. Eu estava louca pelo filme *Coração de espinho*, baseado no livro de Mikael Smith, um autor habilidoso cujos livros eu amava.

— Por que estamos aqui? — indaguei descendo da moto e olhando para o prédio grande à nossa frente. Tinham muitas pessoas entrando ali.

— Vamos ver o filme. Soube que você estava louca para assistir ele, não é? Só não veio hoje porque não tinha namorado. Então eu vim resolver esse problema. — Ele parecia animado em realizar meu desejo.

Arregalei os olhos.

— Você gosta de assistir a filmes assim? — sondei intrigada, porque ele não parecia gostar de filmes românticos.

Ele negou com a cabeça.

— Nunca fui ao cinema, nem assisti a nada assim, então não sei. Mas vou por você, porque não tem a mais remota chance de você ir com seu amigo, como ele sugeriu, porque sou capaz de matar qualquer um que a toque — seu tom sugeria que não era uma hipérbole; Michael realmente faria aquilo.

Franzi a testa.

— Como sabe sobre isso? Que eu queria vir ao cinema hoje? E que Draw sugeriu vir comigo? E por que se importa se eu vier com meu amigo? — Eu só queria ir naquele dia específico pelo brinde que seria dado na entrada do cinema para as mulheres, um coração de pelúcia com o nome do filme, tão fofo que eu o quis logo de cara, assim que li o livro. Só quem assistisse ao filme na estreia e fosse acompanhado o ganharia.

— Sei porque ouvi você conversando sobre isso com sua amiga. Por isso estou aqui — falou ele, mas uma coisa não me passou despercebida. Michael não me disse por que se importava se algum cara viesse comigo.

Será que ele tem sentimentos por mim? Acho que não! Devo estar enganada, pois não faço o tipo dele. Acho que ele só está curioso sobre mim porque não sou como as mulheres do seu clube. Isso é algo que eu não quero ser. Ou talvez queira? Não sei...

Eu não tinha nada contra as meninas andarem quase nuas, como já tinha visto algumas nas motos de alguns amigos dele, mas isso não era do meu feitio. Eu era mais do tipo sem graça, então jamais seria compatível com algumas delas, por isso achava que Michael não queria ficar comigo. Todavia, não pensaria naquilo naquele momento, afinal de contas, eu assistiria ao filme que queria e teria meu coraçãozinho de pelúcia.

— Tudo bem, embora eu não esteja vestida adequadamente para ir ao cinema — murmurei olhando para meu vestido marrom com listras pretas.

Ele chegou até mim e tocou meu rosto, esquadrinhando-o e fazendo minha pele queimar. Não deixei de notar que ele sempre fazia aquilo, como se adorasse o gesto.

— Você está linda! Não ligue para isso, sim? Vamos entrar, então? — Estendeu sua mão para pegar a minha, que estava tremendo, então a dei a ele. — Não fique nervosa, OK?

— Tudo bem. — Eu estava nervosa e confusa por ele querer me ajudar, mas, apesar de tudo, estava gostando. Não era boba. Apenas esperava não me apegar àquele homem intenso e um tanto misterioso.

Michael me levou para o caixa, onde comprou nossas entradas. A mulher da bilheteria olhava para ele com interesse, mas ele nem notou, porque seus olhos estavam em mim a todo o momento.

— E quanto ao brinde? Vocês vão dar, não é? — perguntei para a mulher.

Ela assentiu.

— Sim, mas na saída — respondeu e entregou os ingressos.

Franzi o cenho, confusa. Por que eles haveriam de dar depois e não antes?

— Com certeza eles vão checar quem namora mesmo — respondeu Michael a uma pergunta que nem notei que tinha feito em voz alta.

— Vai mesmo ser meu namorado hoje? — indaguei. Queria seu toque de maneira mais profunda. Já fazia dias que queria beijá-lo. Talvez enfim eu conseguisse provar que sabor tinha a sua boca.

— Meus olhos estão um pouco mais acima da minha boca. — Seus lábios sexys se curvaram em um sorriso lindo, de iluminar o mundo.

Corei e olhei para a entrada.

— Vamos entrar? — Dei um passo à frente, sentindo-me boba, mas ele me puxou para

seus braços e me beijou, não se importando com os adolescentes a nossa volta.

O beijo foi breve, mas tão intenso que era capaz de devastar uma floresta, ou melhor, o cinema onde estávamos e nos queimar inteiros. Doce. Sua boca era como mel, mas senti gosto de bebida alcóolica.

— Agora vamos — falou se afastando e me deixando ofegante e quente por ele. Provavelmente eu teria tropeçado no degrau que tinha ali se ele não tivesse enlaçado meu braço num dos seus enquanto mantinha a pipoca na outra mão.

O filme foi o que eu esperava. O romance de uma jovem e linda princesa cuja madrasta, a rainha, por inveja do seu pretendente, enfeitiçou-a para nunca ser feliz no amor, transformando seu coração em espinhos, deixando-a incapaz de aceitar o amor de alguém, porque, ao fazer isso, ela absorvia sua alma por inteiro, trazendo-lhe a morte. Seu único consolo era seu coraçãozinho de pelúcia falante que a acompanhava a todo canto para ajudá-la a quebrar o encanto antes de a rainha malvada tomar a coroa dos reinos e matar o príncipe.

Alguns trechos da história me fizeram chorar, e, quando isso acontecia, Michael limpava minhas lágrimas com o dedo abrasador. Ele não assistiu ao filme, porque a todo instante eu notava que seus olhos negros estavam em mim.

Ao fim do filme, Michael ficou mais do que contente ao ver minha felicidade ao receber o brinde. Depois me levou para casa, porque era bem tarde. Por sorte, vovó dormiria no asilo, assim ela não me veria com aquele homem, que havia me encantado ainda mais naquela noite. Eu nunca poderia acreditar que meu carro quebraria e muito menos que eu teria uma noite especial como a que tive com ele.

Eu não tinha vergonha de mostrar Michael a minha avó, mas ela era um tanto protetora; logo acabaria fazendo um monte de perguntas. Notei, uma vez em que conversava com Mary sobre os MCs, que vovó não gostara nada disso. Ela não me disse nada, mas nem precisou; sua expressão a delatava.

— Obrigada pela noite de hoje — falei assim que desci de sua moto e abracei meu coração de pelúcia. — Podemos fazer mais vezes?

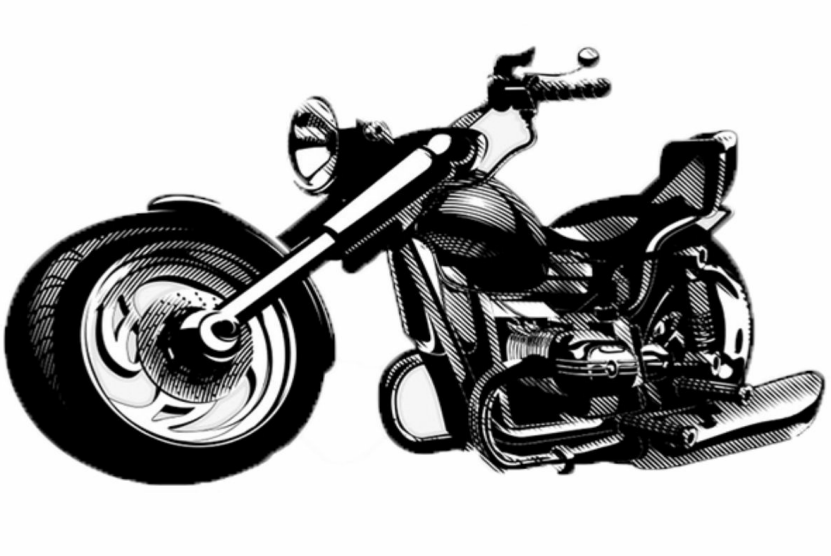
Ele estava pronto para falar, quando uma mensagem chegou ao seu celular, e ele suspirou, fitando-me. Algo tirou a sua felicidade, e eu tinha certeza de que era o que ele leu em seu telefone. Era como se, em um momento, seus olhos fossem a lua brilhante, e depois o brilho se tornasse algo escuro e sombrio. Meu coração doeu por ele.

Sua mandíbula estava apertada, seu rosto estava duro ao me olhar.

— Acho melhor não nos vermos mais — falou e saiu com sua moto, mas o que me fez estranhar e apertou meu peito foi o tom dolorido e um tanto frio na sua voz, como uma geleira.

Encolhi-me pela sua rejeição. Talvez fosse por causa de alguma das mulheres do clube ou as festas que eu sabia que tinham por lá quase todas as noites. Por que ele iria sair comigo, quando eu não parecia em nada com elas?

Inspirei e tentei não deixar isso dominar minha mente, afinal de contas, era bom acontecer antes do que mais para frente. Se eu me apaixonasse por Michael, iria sofrer quando ele me deixasse.



Capítulo 2

Flagrante

Passado

ISABELLE

— Vem dormir na minha casa hoje? Minha mãe viajou, e não quero ficar sozinha com meu padrasto — pediu-me Mary.

Alguns dias antes, ela tinha me revelado que seu padrasto tentou abusar dela à noite. Por sorte, sua mãe chegou na hora. Ela contou para Sandra, mas a cadela não acreditou em sua filha e ficou do lado do marido estuprador, Jonas, um cara mais novo que sua mãe. Como ela acreditava nele e não em sua filha? Por sorte, o fodido não conseguiu encostar o dedo nela.

— Temos que fazer algo, Mary, não podemos deixar isso continuar. Vai que uma hora ele consiga tocar em você? Não posso deixar isso acontecer. — Franzi os lábios pensando em algo. — Isso!

Ela franziu o cenho.

— O que foi?

— Essa noite, na sua casa, nós vamos estar preparadas. Se sua mãe não acredita em você, então vamos lhe mostrar as provas — meu tom saiu amargo, porque uma mãe de verdade não precisaria de provas, apenas da palavra da filha.

— O que pensa em fazer? — Chegou até mim com seus olhos grandes e azuis.

Mary era uma loira linda, seus cabelos eram anelados nas costas. Os homens babavam por ela, mas a garota nem se importava. Ninguém até então havia chamado sua atenção, apenas um, o motoqueiro loiro com cara de surfista.

— Gravar tudo quando ele entrar no quarto. Não diz que vou dormir lá com você, assim ele pensará que você vai estar sozinha e com certeza tentará alguma coisa... — Peguei suas mãos. — Vamos colocar esse desgraçado na cadeia pelo resto de sua vida miserável.

— Vamos dar conta dele? O cara é bem forte — sua voz tremeu no final.

— Vamos! Gravamos e depois vamos embora. Se algo acontecer e ele levar à agressão física, nós corremos. OK? — Esperava que meu plano desse certo, porque não havia a mais remota possibilidade de ele tocar em Mary, não enquanto eu estivesse ao seu lado. — Vai dar tudo certo, minha amiga.

— Tudo bem. Podemos pegar aquele taco de beisebol que Draw me deu e acabar com ele, fazendo-o virar fritas amassadas — disse ela sorrindo. — Não quero que aquele filho da puta me toque, só quero um homem dessa forma, embora ele não queira nada comigo.

Um mês antes, nós estávamos saindo do supermercado, quando vimos alguns dos motoqueiros junto a Michael. Ele não falava mais comigo após a noite do cinema, mas ia direto à lanchonete e a outros lugares em que eu estivesse. Porém, não chegava perto de mim, como se ele se contentasse em me ver de longe. No começo, eu quis ir até Michael, mas não fui, já que não queria falar comigo. Eu não suplicaria por saber o que tinha acontecido e o motivo de ele ter ido embora.

No supermercado, Michael estava com um loiro que tinha cabelos longos platinados. Seus olhos eram pretos, o rosto, sexy, e o corpo, musculoso. Estava com uma jaqueta em que estava escrito *MC Fênix*, parecida com a de Michael. Aliás, todos eles se vestiam assim. Mary ficou louca por esse loiro.

Ele e Michael estavam acompanhados de mulheres, as mesmas que eu já tinha visto antes com os MCs, mas não com Michael. Tentei não pensar nisso, mas meu peito estava apertado ao vê-lo com aquelas garotas de minissaias, com certeza prostitutas do clube deles. Se ele tivesse desaparecido, teria sido mais fácil tirá-lo da minha cabeça, mas vivia atrás de mim aonde quer que eu fosse. Eu realmente não o entendia. Isso estava me deixando louca. Eu só queria que ele não me ignorasse e que me dissesse o que realmente havia acontecido.

Algumas semanas antes, eu tinha ouvido as meninas da escola dizerem que todos do clube MC transavam na frente de outras pessoas. Fiquei chocada no início, mas, vendo-os ali, a beleza delas me fez querer ser uma delas, mas só com Michael. Contudo, isso era algo que nunca aconteceria.

Naquele dia, quando os dois MCs nos ajudaram a levar as compras para o carro, notei que as mulheres que estavam com eles e mais dois caras pareceram não gostar, mas não me importei com isso, só lhes agradeci por nos ajudarem, ignorando o aperto no peito por eu ser uma estranha para Michael e não a garota que ele tinha levado ao cinema havia quase dois meses.

O que me fez ficar ainda mais encantada por ele foi quando ele me ajudou com Oliver, um garoto de 12 anos que tentou roubar as frutas que eu tinha comprado para a lanchonete da vovó. No entanto, ele só fez isso porque estava com fome. A víbora da sua tia não dava comida para seu sustento. Michael me ajudou ao deter o garoto e depois, quando me seguiu em minha ida à casa onde Oliver morava. Como a tia do menino não prestava e ele não tinha outros familiares, vovó estava tomando conta dele e pretendia adotá-lo. Eu gostava daquele garoto.

— Isy, o que foi? — chamou Mary, trazendo-me ao presente. — Você acha que não conseguiremos lidar com meu padrasto?

Evitei pensar em Michael. Depois de nos ajudar, ele foi embora sem nos dizer uma única palavra, embora eu o tenha visto me seguir até a casa da tia do Oliver.

— Conseguiremos, sim, não se preocupe. Eu estava pensando nos motoqueiros. Acha que,

se pedíssemos ajuda, eles nos ajudariam a nos livrar desse problema? — sondei curiosa. Estava disposta a pedir auxílio a Michael, mesmo que ele estivesse me ignorando. A segurança da Mary vinha em primeiro lugar.

Ela arregalou os olhos.

— Não quero que Hush saiba. Se agora ele não me quer, vai querer muito menos se souber. Vai que ele acredite em minha mãe e não... e não em mim? — sua voz falhou. — Eu não quero isso.

— Se reagir igual à cadela de sua mãe, então ele não vale nada também, mas, pelo que notei dos dois naquele dia, nenhum deles parece ser assim, mas vamos tentar nosso plano. Se falhar, vamos até eles. Tudo bem?

Ela assentiu e suspirou. Pelo jeito, achava que Hush – era assim que Michael o chamava – não iria acreditar nela, mas, pela forma como o cara a olhava, eu não acreditava nisso.

— Depois que fizermos isso, minha mãe vai surtar. E se ela não quiser mais que eu more aqui? Afinal, essa não é a primeira vez. — Mary suspirou. — Uma vez ela dormiu com um cara que deu em cima de mim, mas Draw me defendeu dos dois, porque ela estava lá e sabia, mas não disse nada.

— Se isso acontecer, você vai morar comigo e com a vovó, afinal, você é maior de idade, pode fazer o que quiser — disse com firmeza.

— Vovó irá me deixar ficar lá? Não quero trazer problemas...

— Não fale besteira, ela adora você. — Sorri. — E vai amar tê-la por perto, assim como eu. Somos mais que amigas, somos irmãs para a vida toda. — Abracei-a forte. — E nós juramos que sempre estaríamos juntas. Nada, nem ninguém vai nos separar.

— Até que a morte nos separe — declarou ela, e rimos juntas.

♥ ♥ ♥

Entrei pela janela do quarto de Mary por volta das 10h da noite sem que Jonas visse. Ele estava na sala e poderia ter me visto através da janela do cômodo, mas graças a Deus isso não aconteceu. Por sorte tinha uma árvore em seu jardim que dava para subir direto para a janela do quarto dela, no primeiro andar. Bônus para mim.

Fiquei escondida no banheiro dela para o desgraçado não saber de nada. Peguei o taco de beisebol; esperava não o usar, mas, por via das dúvidas, era melhor estar preparada.

Mary assentiu para mim, mas não disse nada, talvez com medo de que o escroto pudesse ouvi-la. Acenei para ela ir se deitar e ficar na cama até Jonas aparecer. Eu apostava que o fodido estava contando nos dedos os minutos para poder entrar ali... O asco subiu por meu peito. Eu queria matar o miserável!

Enquanto ela fingia estar dormindo, eu ouvi pisadas fora do quarto. Minutos depois, a porta se abriu. Estava tudo escuro, só um abajur ligado perto da entrada, mas dava para ver a silhueta do monstro.

Evitei respirar para ele não ouvir, apertei o taco com força em uma das mãos e o celular ligado na outra, para gravar tudo, não deixando minhas mãos tremerem. Precisava fazer o que pudesse para salvar minha amiga.

— Não me toque, seu desgraçado! — gritou ela batendo nele.

— Agora estamos sozinhos e ninguém vai salvar você! — rosnou, prendendo-a na cama e subindo em cima dela.

Eu filmava cada ato seu com meu celular. *Vamos ver se ele se safa agora*, pensei amarga. *Odeio monstros que abusam de mulheres e crianças, para mim eles não deveriam existir.*

— Você nunca vai me ter, seu estuprador de merda! — grunhiu ela, empurrando-o de cima de si. — Eu vou dizer a todos o que tentou fazer comigo!

— Acha que alguém vai acreditar? Sua mãe nem liga para você, ninguém liga. — Rasgou a

blusa dela. — Agora eu vou fodê-la e lhe ensinar uma lição, sua puta!

Guardei o celular, pois aquilo era o suficiente, firmei o taco na minha mão e saí do banheiro.

— Está errado quanto a isso, desgraçado. Eu me importo com ela — falei atrás dele e lancei o taco em suas costas, fazendo-o urrar de dor.

Jonas ficou meio zonzo. Mary aproveitou para se afastar dele. Peguei sua mão, e corremos para fora do quarto. Ignorei quando ele gritou, chamando-me de tudo quanto era apelido vil que faria até caminhoneiros tirarem o chapéu para ele.

Saímos pela porta da sala, indo em direção à rua, enquanto ele vinha atrás de nós gritando. De repente, tudo silenciou. Olhei para a varanda e o vi cair feito uma fruta madura.

— Oh, meu Deus! Será que o matamos? — a voz de Mary se alterou.

— Shiii... Vai acordar os vizinhos — pedi a ela baixinho enquanto olhava para o cara caído na varanda.

Ouvi motos vindo em nossa direção. Peguei sua mão, e corremos, tentando nos afastar delas, não querendo ver quem eu sabia que estava em um dos veículos. Entretanto, elas nos acompanharam. Era muita idiotice nossa pensar que podíamos ser mais rápidas e nos esconder. Paramos assim que os dois, que eu conhecia muito bem, pararam com as motocicletas à nossa frente.

Nenhum deles usava capacete. Eu achava muita imprudência, por sinal. Aconteciam bastantes acidentes de moto.

— O que aconteceu? — Hush avaliou o estado de Mary, que estava despenteada e com a blusa rasgada. Ele desceu da sua Harley e ficou à nossa frente. Seus olhos se transformaram em aço puro.

Nós duas trocamos um olhar, sem saber se lhes contávamos ou não.

— Isy, o que houve para vocês saírem correndo a essa hora da noite? — perguntou Michael com aço na voz. Ele não tirava os olhos de mim.

Eu também queria saber por que estavam ali àquela hora. Contudo, tínhamos problemas maiores.

— Acho que matamos meu padrasto — sussurrou Mary, encolhida, com a voz tremendo. — Vamos ser presas.

Eu podia sentir o medo na sua voz, mas a culpa não era dela, e sim daquele canalha.

— Uma ova que vamos! Foi ele que tocou em você! — rosnei com meus punhos cerrados. — Temos o vídeo dele tentando... vamos dá-lo à polícia e dizer que foi legítima defesa.

— Se vocês têm um vídeo, isso mostrará que não foi legítima defesa, e sim premeditado — disse Hush olhando para a casa e depois para nós, ou melhor, para Mary. — Ele a tocou ou só tentou? — seu tom estava mortal.

Ela suspirou.

— Algumas noites atrás, ele tentou, mas minha mãe chegou, entretanto hoje ela viajou, então Isy e eu planejamos armar para ele assim que entrasse no meu quarto. Eu seria a isca, e ela gravaria enquanto...

Hush rugiu, dando um passo até nós, parecendo bem furioso conosco.

— Vocês são idiotas? Não sabem do risco que correram? O que esse cara podia ter feito com vocês?

Ela empinou o nariz.

— Era a única coisa que podíamos fazer para provar que ele é um maldito estuprador! — sua voz saiu alta. — E por que está se metendo no que não é da sua conta? Devia estar fodendo por aí.

— Sim, eu estava...

— Você me dá nojo! — ela cuspiu, pegando meu braço e nos virando para irmos embora. — Vamos à polícia. Eu assumo a culpa.

— Não, eu bati com o taco de beisebol nas costas dele, portanto, se ele estiver morto, sou eu a culpada, não você, Mary — revelei, pensando que eu passaria um bom tempo na cadeia.

— Eu vou cuidar do cara, e não se preocupem, que ninguém vai para a cadeia — disse Michael sem tirar os olhos de mim. Aliás, ele me olhava como se eu fosse desaparecer do mapa. Seu jeito era bem estranho, mas era isso o que me fascinava nele.

— O que vai fazer? — sondei ao vê-lo pegar um telefone. — Vai ligar para a polícia?

— Não, meus irmãos vão cuidar para que esse cara nunca mais toque na sua amiga, tudo bem? — Ele veio até mim e tocou meu rosto com suas mãos ásperas e um tanto abrasadoras. Isso me lembrou de que ele sempre fazia isso quando chegava próximo de mim. Era como se estivesse checando se eu era real. *Ou apenas goste de fazer assim*, pensei. — Uma pancada nas costas não mata ninguém, então acredito que ele esteja só desmaiado.

Assenti ainda com a pele tremendo onde ele havia tocado. Era como se uma corrente elétrica atravessasse meu corpo dos pés à cabeça. Ele me afastaria de novo dessa vez?

— Por que estão nos ajudando? — inquiri curiosa e com a voz fraca.

— Porque homens não devem tocar em uma mulher contra a vontade dela. Confia em mim para cuidar dele?

Concordei, assim como o fiz quando o meu carro quebrou. Depois de dois dias fui buscar o veículo na oficina do amigo dele, chamado Max, e o carro estava como novo, conforme ele havia prometido. Eu não me importava com o que viesse a acontecer ao imundo do Jonas. Pelo olhar mortal de Michael e de Hush, não seria nada bom.

— Obrigada aos dois por aparecerem aqui na hora. — Eu não sabia por que eles estavam

ali, já que o clube era meio afastado da cidade, longe de nosso bairro. Talvez Michael estivesse como sempre tinha estado ultimamente, perto de mim.

— Não foi nada — respondeu, então falou ao telefone com alguém chamado Logan.

— Isy, para onde vamos? Se acordarmos a vovó a essa hora da noite, ela vai se preocupar — questionou Mary, em seguida pareceu animada. — Podemos ir até o Draw e dormir na casa dele. Ele deve estar na boate agora. O que acha?

— Isso não vai acontecer — avisou Hush a fuzilando.

Ela vincou a testa.

— Por que se importa com isso? Você mesmo disse que não sou mulher suficiente para estar com você. Agora vem se meter no que devo ou não fazer?

— Não foi isso o que eu disse...

Havia alguns dias, Mary tinha vindo até mim chorando, dizendo ter sido humilhada por um homem que a beijou, mas, em seguida, disse para ela pastar. Hush, o idiota de carteirinha cuja cara eu estava louca para esmurrar. Só não o fiz porque ela me pediu para *deixar o assunto quieto*.

— Isy, nós não podemos ficar discutindo aqui no meio da rua. Vou levar as duas para o clube. Amanhã vocês decidem o que fazer — comunicou Michael.

— Tudo bem, mas, se tentarem alguma coisa, eu acabo com todos! — avisei aos dois, embora soubesse que Michael jamais faria isso.

Ele riu. Uma risada rouca e gostosa.

— Você é uma coisinha pequena e valente. — Triscou no meu nariz com o dedo. — Você vem comigo, e sua amiga vai na moto com Hush. — Subiu em sua Harley e estendeu a mão para mim. Antes eu temia motocicletas; após meu passeio com ele um tempo atrás, não tinha medo

mais.

— Suba na moto, Mary — mandou Hush.

— Eu prefiro ir a pé — rosnou ela, dando passos para longe dele, que suspirou e desceu do veículo e a pegou nos braços, ignorando seus gritos e xingamentos.

— Ele não vai machucá-la — garantiu Michael vendo a preocupação no meu rosto.

Assenti, chocada com o homem bruto e xucro colocando Mary na garupa de sua moto. Ela inspirou frustrada, mas depois relaxou.

Peguei de leve na cintura de Michael, mas ele segurou minhas mãos e as apertou em torno de seu torso.

— Segura firme, eu não mordo. A não ser que queira. — Sorriu para mim de lado, tão lindo que eu só podia ficar olhando e sentindo meu corpo pegar fogo.

Não deixei de notar que ele estava mais brincalhão do que nunca. Eu só esperava que não desaparecesse como tinha feito na última vez.

Eu apertava sua cintura firme enquanto acelerávamos pelas ruas, adorando tocá-lo de novo.

Michael me levou para uma casa, mas não parecia ser o clube, já que certamente ele deveria estar cheio de gente, ainda mais por ser fim de semana. Eu não sabia o motivo de eles não terem nos levado para lá como disse que faria. Talvez não quisessem nós, Mary e eu, no seu mundo. Talvez fosse por isso que Hush a tinha afastado. Eu notei que ele estava a fim dela. Mary também não ficava atrás. Ela sempre quis ficar com o motoqueiro que a havia beijado.

— Você não vai nos levar ao clube? — indaguei enquanto estacionávamos em frente a uma casa típica de fazenda. Não dava para ver direito, porque era noite e tudo estava escuro. — De quem é essa casa?

— Não vamos ao clube, porque tem muita gente lá hoje — respondeu, desligando a moto.

— Aqui é minha casa, e acho que, devido à situação que houve hoje, não seria bom ir para lá.

— Oh, sim. Ouvi dizer que vocês fazem sexo na frente das pessoas. — Desci da moto e vi Mary sair da garupa da Harley de Hush como se houvesse uma cobra ali.

Michael sorriu para mim.

— Vejo que já ouviu falar dos meus irmãos. — Arqueou as sobrancelhas. Não deixei de notar que ele não se incluíra entre eles no quesito foder diante dos outros. — Vamos entrar. Vou deixá-las aqui e ir ao clube.

— Eu vou com você. Podem ficar tranquilas, que aqui é seguro — afirmou Hush.

Assenti e entrei na casa de Michael. A propriedade de dois andares era bonita, embora não era enfeitada de quadros ou fotos, parecia vazia. Senti-me mal por ele. Isso significava que ele era vazio também?

— Vocês podem ficar no meu quarto. Sei que não vão se separar — destacou Michael.

Assenti de novo enquanto os dois saíam para o clube, onde estava rolando festa e mulherada. Tentei não pensar nisso, mas devo dizer que doeu em meu peito ouvi-lo dizer que iria àquele lugar. Talvez até fodesse com alguém lá. *Mulher e opção não devem faltar*, pensei amarga.

— Eles com certeza vão ficar com mulheres — grunhiu Mary se deitando na cama de Michael.

Não tinha nada que desse alegria ao lugar, que parecia triste.

— O que sente por Hush? — perguntei me deitando ao seu lado.

— Nada — esquivou-se ela.

— Eu te conheço, Mary, então vai me dizer o que sente, porque parece que está com ciúmes dele com outras mulheres.

— E você não está com ciúmes de Michael? — devolveu a pergunta. — O cara é um idiota, te levou ao cinema e depois a ignorou todo esse tempo. E você ainda continuou pensando nele, não é?

Suspirei.

— Sim, quase dois meses sonhando direto com ele. Mas eles nunca olhariam para nós, Mary, não somos como as mulheres que vimos com os dois. Homens como eles gostam do que é fácil, por isso fogem de mulheres como nós duas. — Forcei um sorriso. — Um carma, pois eles são lindos, não é?

Ela também sorriu.

— Sim, agora vamos dormir e esquecer os dois. Tudo bem? — no final, ela parecia falar consigo mesma.

Fiquei ao seu lado até ela pegar no sono, depois saí de fininho, não querendo incomodá-la. Acabei perdendo o sono pensando em tudo o que tinha acontecido conosco e onde Michael estava e o que estaria fazendo.

Fui à cozinha e peguei uma cerveja na geladeira. Já estava na segunda quando ouvi uma voz.

— O que faz acordada ainda? — perguntou Michael entrando na sala, separada da cozinha por um balcão.

O homem era como um fantasma. Caminhava em silêncio, tanto que eu nem o notei se aproximando de mim.

— O que fizeram com aquele homem? — Bebi um gole da cerveja. — Devo dizer que não ligo, caso o tenham estripado com uma pá enferrujada.

Ele riu.

— Ele não vai mais incomodar vocês, eu prometo. Agora você e sua amiga estarão a salvo — sua promessa estava em cada palavra que ele dizia.

Eu estava ficando meio tonta devido à cerveja, era mole com bebidas, bastava alguns goles para eu começar a falar grogue.

— Eu não sei o porquê, mas continuo confiando em você — declarei com a voz meio embargada. Queria lhe perguntar o motivo de ele ter me ignorado todo aquele tempo, mas tinha medo da resposta.

Ele se sentou perto de mim numa cadeira e pegou uma cerveja também.

— Obrigado.

— Vai querer o vídeo para alguma coisa? Está aqui. — Peguei meu celular e o dei a ele.

— Foi perigoso fazer isso — disse vendo a mídia.

Notei que seus olhos ficavam mais escuros quando estava com raiva, como naquele instante, ou quando me viu no beco no dia em que meu carro quebrou.

— Eu sei, mas juramos sempre protegermos uma à outra não importa como. Eu não podia deixar aquele patife estuprar a minha amiga. É uma pena que a paulada não foi certeira.

— Você não quis dizer isso. Tirar uma vida não é fácil como imagina, ainda mais para uma menina como você. — Ele alisou meu rosto e me puxou para seus braços.

— O que está fazendo? — sussurrei ofegante.

— Protegendo você — percebi um sorriso na voz dele, também estampado no seu rosto.

Arqueei as sobrancelhas.

— No seu colo? Isso é uma desculpa para me tocar? — Alisei seus cabelos anelados. — Por que foi embora naquele dia e se afastou de mim esse tempo todo?

— Eu não queria ir, mas foi preciso. Eu estava louco para tocá-la de novo desde que a vi

tomando aquele maldito sorvete e após sentir seu beijo lá no cinema. Fiquei viciado! — seu tom era acusador. — Não deveria tomar sorvete daquele jeito no meio dos outros. Sabe o que aquilo faz com um homem, lambendo-o daquele jeito?

— Todos tomam sorvete assim. — Corei, bebendo mais um gole da cerveja. Estreitei os olhos. — O que imaginou quando me viu lambendo o sorvete?

Ele sorriu sem nenhuma vergonha.

— O que um homem imaginaria vendo aquela cena? — retrucou.

— Pensou safadeza. — Sorri. — Por que pensou nisso, já que eu não faço seu tipo?

— Meu tipo? — Arqueou as sobrancelhas. — Eu não tenho um tipo de mulher.

— Tem, sim. Alta, loira, pernas longas e vestindo roupas curtas e sexys, não vestidos como eu, que ainda sou, por cima, baixinha — murmurei. — Por isso tenho que parar de sonhar com você.

— Você sonha comigo? — seu tom saiu meio incrédulo.

— Sim, com muita frequência, mas vou parar, afinal, você nunca pensou ou reparou em mim desse modo. — Franzi os lábios. — Por isso me ignorou após o cinema? Talvez tenha notado que não me queria.

— Não reparei? Eu ia direto à lanchonete da sua avó só para observar você enquanto lia. Você sempre fica na mesa afastada, lendo, quando não há movimento. Fica tão concentrada que se esquece de todos ao redor. Como se estivesse dentro dos livros. — Ele parecia impressionado com esse fato.

— Ler é a única forma de viajar sem sair do lugar. Mary e eu sempre sonhamos em viajar, namorar e casar no mesmo dia. É claro que cada uma com um homem diferente, porque eu jamais iria querer o Hush, ele é grosseiro — sussurrei. — Não diz nada a ele.

Michael sorriu.

— Ainda bem, evita de eu ter que matá-lo. — Ele tocou meu rosto. — E não quero que desista de mim. Pode continuar sonhando comigo, assim como faço com você.

— Você também me quer? — Arregalei os olhos. — Por que, então, não chegou em mim? Em vez disso foi embora e não falou mais comigo após termos uma noite tão maravilhosa.

— Estou aqui agora, não estou? Antes achei que não teria chance com você, mas, ouvindo você dizer que sonhou comigo, me dá esperança. — Seus dedos se enfiaram em meus cabelos e trouxeram minha cabeça para a sua, e ele me beijou com ardor e fome, apertando-me mais contra seu corpo como se quisesse me colocar dentro dele. Eu não reclamaria quanto a isso.

— Michael... — chamei por ele, querendo-o mais em mim. Minhas mãos em suas costas o apertavam contra meu corpo. Nossos lábios e língua batalhavam e sugavam uma à outra. Gemi, esfregando as pernas uma na outra, precisando de mais atrito.

Ele me colocou sentada na mesa e se encaixou no meu quadril, esfregando-se mais contra mim e me fazendo clamar pelo seu toque, querendo mais dele.

— Você já transou? Eu sei que o seu amigo Draw disse que tiveram algo...

Franzi a testa.

— Draw? Eu nunca tive nada com ele, nem com ninguém. Somos amigos... Eu não transei, estava esperando o cara certo que faria o meu coração bater forte. — Olhei para ele. Não sei se era a bebida me obrigando a ser sincera, mas o fiz. Eu podia culpar o álcool por querer Michael naquele momento, mas talvez fosse apenas eu mesma. — Você foi o único que me fez sentir assim, antes mesmo do cinema.

Ele se afastou de mim, colocando-me no chão com delicadeza, como se eu fosse quebrar.

— Vai dormir — falou com dificuldade de respirar assim como eu.

Estreitei os olhos.

— O quê? Você não me quer só porque sou virgem? — perguntei em choque.

— Preciso ir, agora volte a dormir — respondeu e saiu da casa. Ouvi o barulho de sua moto, partindo e me deixando chocada.

Talvez fosse melhor; com a minha mente um pouco embriagada, eu poderia até fazer algo de que me arrependesse na manhã seguinte, embora me sentisse com raiva e humilhada como nunca tinha sido na vida, ainda mais do que quando ele havia ido embora após o cinema. Maldito!



Capítulo 3

Harém

Passado

ISABELLE

— Idiota! — rosnei trincando os dentes, pensando no patife do Michael.

Mary e eu saíramos bem cedo da casa do Michael, antes de ele voltar. Eu não queria ver sua cara após me rejeitar na noite anterior só porque eu nunca tinha feito sexo. Como ele não havia voltado para casa, certamente estava com alguma mulher qualquer. Ele não me quis.

— O quê? Eu não disse nada — Mary disse, trazendo-me ao presente.

Ela estava ao meu lado me observando. Estávamos no táxi, indo para a casa da vovó.

— Você acredita que o Michael não vai ficar comigo só porque sou virgem? — devo ter falado alto demais, porque o taxista me olhou pelo retrovisor, depois suspirou e olhou para a frente. Provavelmente estava cansado de ouvir coisas assim dos jovens que passavam pelo seu táxi.

Corei.

— Oh, merda! Isso é meio hipócrita da parte dele — disse ela.

— Eu bebi um pouco ontem, depois que você dormiu, então conversamos, e ele acabou me beijando. Nossa situação ficou bem intensa, mas, quando eu disse que nunca havia ficado com

um homem, ele foi embora sem ao menos olhar para trás. — Suspirei frustrada. —Será que ele acha que eu o obrigaria a ficar comigo?

— Acredito que sim, afinal, ele é um MC, então deve ficar com mulheres experientes o tempo todo, diferentes de nós — murmurou, com certeza pensando no Hush.

— Você realmente gosta daquele loiro mandão? Ele parece sentir algo por você também pela forma como a olha.

Ela suspirou.

— Que nada. Se aquele cretino sentisse algo assim, não teria ido foder com aquelas mulheres no clube, assim como Michael — sibilou. — Nenhum deles vale nada.

— Eu acho que isso é muito antiquado da parte dele. Um homem como Michael não deveria se importar como eu sou ou não. Acho que foi só desculpa por não querer ficar comigo, afinal, não é a primeira vez que ele me deixa. Lembra-se do cinema? Foi a mesma coisa.

— Isy, você é linda. Se aquele estúpido não viu isso, é porque não merece você, minha amiga.

Sorri, embora tudo dentro de mim doesse por não ser mulher suficiente para ele.

— Sim, ele com certeza é um idiota de carteirinha.

Nós duas rimos.

— Vamos deixar isso de lado. — Ela se mexeu no assento, insegura. — Acha que sua avó vai me aceitar?

— Preciso responder isso? — Arqueei as sobrancelhas. Vovó adorava Mary tanto como eu.

— Não, ela me ama — era uma declaração, porque ela sabia a verdade.

— Eu também — falei assim que entramos na rua da lanchonete. — Pelo menos para uma coisa serviu conhecer aqueles motoqueiros. Michael disse que não precisaríamos nos preocupar

com o fato de Jonas aparecer nas nossas vidas de novo, principalmente na sua.

Ela arregalou os olhos.

— Acha que eles o mataram? — sussurrou para o taxista não ouvir.

— Você se importaria? Porque eu não me importo nem um pouco.

— Eu também não. De hoje em diante, vou cuidar de mim e não ligar para minha mãe, já que ela nunca se importou comigo. Custo a acreditar que mesmo ela vendo o vídeo ainda duvidou de mim — sua voz saiu baixa.

Como a mãe dela ia demorar a chegar de viagem para lhe contarmos tudo, enviei o vídeo a ela. Não dei a mínima se a mulher tivesse um treco, afinal, nunca tinha se importado com minha amiga. Só não achei que surtaria não por defender sua filha, mas o cara. Eu não era de desrespeitar os mais velhos, mas aquela mulher era uma víbora.

— Ela não vale nada! Como pode ficar do lado dele, não do da filha?

Mary me fitou.

— Vamos jurar que, daqui para frente, faremos tudo que nunca fizemos antes, como ir a festas e nos divertir adoidado, talvez até arrumar namorados que não sejam malditos motoqueiros.

— Vamos, sim, mas agora vamos falar com a vovó e dizer que você pretende morar conosco. — A mãe de Mary nem se importou quando eu disse que ela ficaria comigo.

Mary assentiu. O táxi parou em frente à lanchonete da vovó. Paguei, descemos e entramos no estabelecimento. As paredes eram de tijolo, com amplas janelas de vidro com vista para uma praça e com um balcão em forma de meia lua. Nossa casa de dois andares ficava nos fundos. Minha avó possuía aquele lugar havia quase vinte anos. Eu o adorava.

Vovó estava na cozinha fazendo café e torradas e colocando a mesa. Suas torradas eram

magníficas. E eu não era a única que vinha à procura delas, muitas pessoas as queriam.

— Oi, vovó. — Beijei seu rosto. — Cadê o Oliver? Ainda está dormindo?

— Está se arrumando, vamos para o asilo. Ele vai me ajudar com algumas papeladas, o menino é uma fera em números.

Ela tinha 65 anos, mas com uma saúde de ferro. Estava vestida com um vestido florido e não o uniforme da lanchonete.

— Está linda — declarou Mary ao abraçá-la. — Cuidado, que vai arrumar namorado.

Ela sorriu.

— Que nada, menina. — Descartou com um gesto da mão. — Obrigada. Como foi sua noite? — Sentou-se à mesa e tomou seu café com torradas.

— Bem, pode deixar que Mary e eu tomamos conta da lanchonete hoje — comecei a falar pegando suas mãos. — Queremos contar e pedir algo à senhora.

Seus olhos verdes, da cor dos meus, estreitaram-se, desconfiados. Ela sabia me ler facilmente.

— O que foi, querida?

— O meu padrasto tentou abusar de mim na noite passada, e não foi a primeira vez. — Então Mary contou toda a história sobre o fodido do Jonas.

Vovó ficou chocada e furiosa com Sandra por apoiar o salafrário do seu marido ao invés de sua filha.

Que mãe faz algo assim? Mulheres como ela deveriam ser estéreis. Há tantas pessoas no mundo querendo ter filhos e não podem... A vida é realmente injusta, pensei. Se eu voltasse a vê-la, acabaria com ela.

— Sua mãe sabia e não tomou providência nenhuma? — o tom de vovó era de raiva.

Depois me fitou com medo. — Deus! Eu deixei você dormir lá! O que poderia ter acontecido? Ele já tentou alguma vez tocar em você também?

— Não, vovó. Isy nem sabia, eu contei para ela... essa manhã, quando ele tentou de novo, mas consegui fugir com Isy e o desgraçado sumiu — Mary mentiu, provavelmente porque não queria preocupar a vovó.

— Vamos à polícia dar parte desse cara desumano.

Mary sacudiu a cabeça.

— Não, está tudo bem, não vou vê-lo mais e já fiz 18 anos, então posso trabalhar e morar sozinha. Eu só queria saber se posso ficar aqui na sua casa.

Ela não mencionou os MCs, e eu entendia muito bem o porquê, como entendia que o melhor era não irmos à polícia, pois os motoqueiros iriam dar conta daquele verme. Mary só falou aquilo para dar uma satisfação para vovó.

— Por favor, vovó. Nós vamos conseguir um emprego essa noite para servir bebidas em algum clube — pedi suplicante. — A vadia da mãe dela não pode dizer nada quanto a isso.

— Menina, olha essa boca — repreendeu vovó. — E clubes não são para meninas como vocês trabalharem.

Sorri.

— Draw toma conta de nós, mas nem é preciso, já que temos 18 anos.

— Não precisam trabalhar, pois, com a minha renda, dá para vivermos bem e pagar a faculdade de vocês — gostei de ela ter usado o plural. Vovó sempre era boa. Quando alguém precisava de seu auxílio, ela não media esforços para ajudar fosse quem fosse.

— Vovó, eu sei da dívida que fez para reformar o asilo, então vamos fazer nosso próprio dinheiro. Temos que ser adultas. — Pisquei para ela.

Depois que ela saiu, Mary e eu fomos atender na lanchonete. O senhor Milton, que trabalhava com vovó, já tinha aberto o estabelecimento e estava arrumando tudo.

Alguns minutos mais tarde, o local começou a se encher de pessoas. Mary me ajudava a servir as mesas.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela olhando por cima do meu ombro. — Não acredito que aquele cretino está aqui!

Eu me virei e me deparei com Michael, Hush e um cara moreno, de cabelos negros e olhos verde-esmeralda. Ele tinha estado no supermercado naquele dia, assim como as duas mulheres que estavam na lanchonete com eles, vestidas com roupas bem curtas.

Olhando para elas, percebi que eu nunca teria qualquer chance com Michael. Por isso ele me rejeitara na noite anterior. Eu não tinha como competir com aquilo. Sabia que não era feia, mas meu modo de me vestir era outro, diferente do mundo dele.

Eles se sentaram a uma mesa perto da porta e juntaram outra mesa para que coubessem todos.

— Você atende aquela mesa; não quero falar com Hush e muito menos com aquelas mulheres que estão com ele. É como se esfregasse na minha cara que não tenho chance — seu tom era um rosnado, mas triste. — Sou capaz de jogar algo na cara dele.

Ri, mas algo estava embrulhado dentro de mim, porque Michael tinha feito o mesmo comigo. Sufoquei o que estava sentindo e forcei minha expressão a se tornar branda, ou vovó me esganaria por tratar algum cliente mal.

— Eu vou dar um jeito nisso — falei, indo atendê-los. Meu telefone tocou, e eu o atendi ao chegar à mesa deles.

— Oi, Bombom — disse Draw.

Revirei os olhos, porque ele sempre me chamava assim.

— O que vão querer? — perguntei a todos à mesa, incluindo Michael. Não importava o que ele havia feito, eu tinha que agir de forma profissional.

— Vocês foram embora e não disseram nada essa manhã — acusou Michael.

Franzi a testa.

— Achei que estivesse ocupado demais, então não quis incomodá-lo no seu harém — revidei com desdém.

— Harém? — indagou uma morena tocando o braço dele, mas logo o soltou após a expressão sombria que ele lhe deu. Isso não me passou despercebido.

— Você não me esperou porque achou que eu estava trepando com outra mulher? — rosnou com os dentes trincados.

Sacudi a cabeça.

— Vão pedir ou não? Se não, eu vou sair — falei, evitando sua pergunta.

— Isy? — chamou Draw ainda na linha. — Está muito ocupada? — sondou enquanto eu pegava os pedidos de todos.

— Um pouco, mas tenho tempo para você — falei a ele, gravando os pedidos mentalmente. Era muito boa nisso, não precisava anotar nada.

— Fico contente com isso. Eu vou direto ao ponto, minha irmã saiu e deixou David comigo, mas tenho um compromisso e não posso levá-lo. Posso deixá-lo com você?

Suspirei.

— Se for para sair com mulher, eu não vou olhar, apesar de amar David.

— Não vou, prometo, é serviço.

— OK, mas se me devolver o favor. Preciso conseguir serviço em um clube...

— Para dançar?

Ri.

— Não conte com isso, não nasci para dançar nua. — Corei.

— Ficaria linda. Talvez perdesse a vergonha e me beijasse, já que jurou que seu primeiro beijo seria meu — ouvi o sorriso na sua voz.

— Querido, eu tinha sete anos quando disse isso, e está fora de cogitação, já que meu primeiro beijo foi com um traste. — Fulminei Michael com o olhar. — Só consegue o serviço para mim e para a Mary, e eu fico te devendo uma. Agora eu preciso desligar para atender os clientes, ou vovó vai ficar uma fera. E traz David, que estou esperando.

Desliguei e fitei Michael, que estava com os olhos escuros. Parecia que, quando ele estava com raiva, eles ficavam como ônix. Sua mandíbula estava apertada.

— Decidiu o que vai tomar e comer? — perguntei novamente. Só faltava ele pedir.

— Cerveja...

Cortei-o:

— Cerveja às 9h da manhã? — meu tom saiu alto, então o abaixei. — Desculpe, isso não é da minha conta. Agora o que vai comer?

— Você não gosta que eu beba? — indagou e, pelo seu tom, parecia curioso e intrigado.

Franzi o cenho.

— Se você quiser morrer antes dos trinta de tanto beber... Meu avô morreu disso, e, pelo tanto de caixa de cerveja vazia e garrafa de vodca e Jack Daniel’s na sua casa, isso não vai demorar a acontecer. — Suspirei. — Então, se eu fosse você, largava para não virar um alcoólatra.

Ele não disse nada, só me avaliava com seus olhos arregalados.

— Se não vai pedir mais nada, eu vou buscar o pedido de vocês. — Virei-me para sair, mas ouvi sua voz atrás de mim:

— Você não pode trabalhar em um clube — pareceu uma ordem vinda dele, não um aviso ou um pedido.

Virei-me. Seus olhos estavam estreitos, e ele trincava os dentes.

— Quem você pensa que é para me dizer o que fazer? — sibilei. — Eu faço o que quiser.

Saí sem olhar para trás, mas ouvi alguém rir.

— Essa baixinha tem uma boca esperta e parece estar furiosa com você — provavelmente era o moreno, porque não era a voz do Hush.

— Babaca — grunhi assim que cheguei a Mary. Dei os pedidos ao senhor Milton.

— O que foi? — perguntou ela indo levar um café para um cliente.

— Aquele idiota disse que não posso trabalhar em clubes. Ele acha que é meu dono? Nos beijamos duas vezes, e ele correu nas duas como o diabo foge da cruz. E o pior, ainda foi ficar com outra. — Suspirei, mas a imagem doeu.

— Com outras; ouvi dizer que eles ficam com mais de uma — seu tom era amargo.

— Jura? — Arregalei os olhos. — Ainda bem que ele me deu um fora, porque odeio homem mulherengo, que troca de mulher igual troca de roupas.

Fui entregar os pedidos deles, e o fiz bem a tempo de Draw entrar na lanchonete. O cara era um tremendo homem com H maiúsculo, tão perfeito que as meninas no recinto viraram a cabeça só para olhar para ele. Moreno, forte, olhos azuis que ficavam mais destacados com seu tom de pele. Tinha um sorriso que fazia qualquer uma abaixar a calcinha. Éramos amigos desde crianças, então eu o vi pisar em garotas mais do que gostaria de ter visto. Mary e eu éramos as únicas mulheres que eram apenas suas amigas, sem qualquer envolvimento romântico ou sexual.

Seu sobrinho, David, de cinco anos, era a coisa mais fofa que eu já tinha visto na vida, loiro e com olhos castanhos.

— Oi, titia Bombom — disse ele.

Eu me abaixei e fiquei com meu rosto perto do seu. Ele pegou o decote do meu vestido e o puxou para baixo, mostrando meu peito. Bom, teria mostrado se eu não estivesse de sutiã.

— O que eu disse sobre não fazer isso? — inquiri. Ele era fofo, sim, mas também um pestinha. Seu tio tapado o ensinara a fazer isso.

— Tio Draw vai me dar doces — respondeu ele sorrindo e indo até Mary.

— Oi, meu lindo, ainda bem que estou de calça. Na última vez que eu estava de vestido, você fez um pequeno show.

— Tio Draw me deu sorvete. Ele disse que vai casar com você, mas eu que vou — disse. — Quero torrada.

Ela revirou os olhos ante as palavras sobre se casar com Draw. Acho que ele tinha uma queda por ela, mas nunca disse nada, pelo menos nada sério, só do tipo brincalhão.

Virei-me para ele de cara fechada e lhe dei um tapa.

— Como pode ensinar isso a uma criança, seu pervertido? E, na próxima vez que disser para ele levantar ou abaixar minhas roupas, vou te decapitar — rosnei. — E vou dizer a sua irmã. Ela não vai gostar nada disso.

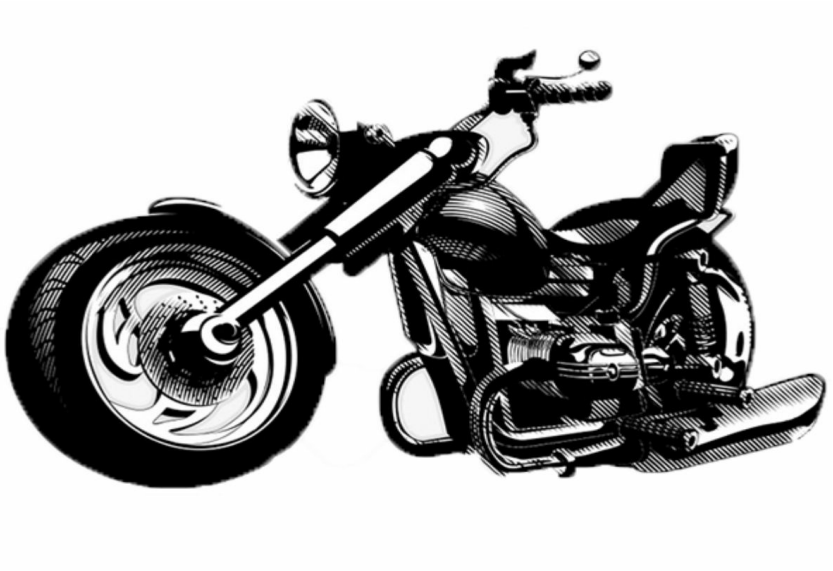
Ele fez uma careta, porque a mulher era uma fera. Amanda era policial. Um amor de pessoa, mas não pisassem no seu calo, que uma fera nascia.

— Ah, Isy, eu não vi nada — pelo seu sorriso, ele estava mentindo. — Certo, só seu sutiã rosa.

— Muito engraçado... — interrompi-me ao ver a cara assassina do Michael direcionada ao

Draw.

O homem moreno segurava o braço dele como se fosse para mantê-lo lá. Talvez estivesse interferindo para que Michael não matasse meu amigo.



Capítulo 4

Toque

Passado

ISABELLE

— Certo, vamos conversar. — Peguei o braço de Draw e o levei à despensa.

— Lugar bom para nós...

— Não fale besteira, pois não existe nós e você nunca me amou assim, aliás, nunca amou ninguém dessa forma. No dia em que fizer isso, vai largar de ser galinha — reclamei. — E, se usar David para ver o corpo das mulheres de novo, eu mesma vou acabar com você.

Ele revirou os olhos.

— Eu poderia discutir mais, mas estou atrasado para uma reunião. Prometo que não vou usar mais o David, mas gosto de ver você e Mary corando com isso. — Sorriu divertido.

— Seu idiota! Vê se cresce e cria juízo. — Bati na sua cabeça para ver se enfiava a ideia em seu cérebro, mas ele segurou meus braços e me rodopiou, depois me escorou na parede de madeira com minhas mãos para cima e seu corpo próximo ao meu. Seus olhos me fitavam intensamente.

— Se me beijar, eu acabo com você — avisei num tom afiado.

— Essa é a primeira vez que tenho uma mulher assim e ela me rejeita, não querendo meu

beijo. — Sorriu. — Mas, falando sério, consegui emprego para as duas, mas como *stripper*.

— *Stripper*? — minha voz saiu duas oitavas mais alta. Como se eu fosse dançar nua na frente de outras pessoas!

— Sim. — Pela primeira vez, ele não estava sorrindo. — Eu não quero isso para vocês duas, então vou conseguir alguma outra boate para vocês trabalharem.

— Certo, agora me solte, porque não quero suas partes íntimas me tocando — falei tentando me soltar de suas mãos firmes.

Ele sorriu maroto.

— Está exci... — ele se interrompeu quando uma faca foi lançada na parede perto da minha cabeça. O golpe foi tão forte que a ponta da arma se cravou na madeira.

Draw se afastou de mim, mas me colocou atrás de si como se fosse para me proteger do atacante, e com certeza faria isso. Era por esse e outros motivos que eu o amava. Quando eu e Mary corríamos algum perigo, ele sempre nos ajudava. Eu sabia que ele ainda era um moleque sem maturidade, mas esperava que ficasse responsável logo, afinal, faria 19 anos em junho, dali a três meses.

Michael estava à porta da despensa, mortal, e sua mão segurava um punhal igual ao que ele tinha acabado de lançar na parede ao lado do meu rosto.

— Tire as mãos de cima do que é meu — ordenou num tom gelado.

Estreitei os olhos diante suas palavras e gesto, e não fui a única. Eu não tinha ideia de que era dele. Quase revirei os olhos. Estava tensa demais.

— Isy? Desde quando você sai com um MC? Você sempre disse que não me queria porque eu fodia tudo o que se movia, mas está com um deles? Não sabe que eles são piores do que eu? — o tom de Draw era incrédulo, mas não me olhou enquanto falava; não tirava os olhos de Michael.

Michael veio em nossa direção como se fosse bater em Draw, talvez até matá-lo. Coloquei-me na frente de meu amigo para protegê-lo da fúria do MC.

Draw sabia lutar. Fizera aulas de arte marcial uma vez por semana até seus 17 anos, ultimamente fazia academia, e o cara nem precisava, já que era forrado de músculos. Michael também era forte e com certeza manejava uma adaga que era uma beleza. Então eu temia que os dois se ferissem.

— Se controlem, Michael, Draw, não vão brigar agora — pedi aos dois, não querendo contenda entre eles. Então tentei estabilizar a situação entre ambos. — Michael, esse é Draw, o meu melhor amigo.

— Amigo? Que tipo de amizade é essa? Ele estava quase a beijando e ainda fez a criança puxar a sua blusa só para ver seus seios! — sua voz era cortante como uma navalha afiada.

Pisquei ainda entre eles. Estava chocada por ele se importar comigo e com quem visse meu corpo, afinal, na noite anterior, havia me rejeitado só porque eu não tinha ficado com ninguém.

— Eu não ia beijá-la sem a vontade dela, jamais faria isso. E, se beijasse, não seria da sua maldita conta, afinal. Por que se importa? — rosnou Draw com os punhos cerrados, provavelmente doido para acertar Michael.

— Isy é minha, e, se a tocar, eu juro que aquela faca não vai ser cravada só na parede, mas em seu cérebro também — isso era uma ameaça, não uma brincadeira.

— Isy, o que está acontecendo? — Draw me olhou de lado com o cenho franzido. — Você está mesmo saindo com esse atirador de facas?

Suspirei.

— Preciso falar com Michael. Você não disse que estava atrasado, Draw? Prometo que depois ligo para conversarmos sobre o serviço, mas agora nos deixe a sós.

— Você acha que vou deixá-la sozinha com esse atirador de facas? — Ele apontou para o

punhal ainda enfiado na parede.

Respirei fundo.

— Ele não vai me machucar. Só, por favor, vá. Assim que tiver um tempinho, eu te ligo e explico tudo. — Queria que ele fosse embora para Michael não o machucar, porque notei que ele estava se segurando para não fazer isso. — Draw, eu não conversaria com um cara sozinha se não soubesse que ele não me machucaria. Por favor, pode ir.

Ele não queria ir embora, mas assentiu e alertou Michael:

— Machuque *ela*, e eu vou acabar com você — seu tom era mortal. Eu sabia que ele seria capaz disso e muito mais por mim e por Mary.

Os olhos de Michael se estreitaram, mas ele não disse nada enquanto Draw saía.

— Você o trouxe aqui para me provocar, não é? — seu tom era duro.

Franzi o cenho.

— Provocar? Você é louco? Eu estava falando com meu amigo... E por que isso importa a você? — retruquei trincando os dentes.

— Amigo que estava quase beijando você — rosnou chegando perto de mim. — Você é minha e vai ser para sempre.

Ri amarga.

— Não sou, e, pelo jeito, você não perdeu tempo, já que veio com mulheres aqui. O quê? Isso foi para me provocar dizendo que não me quis, por isso ficou com outra? — tentei não gritar de raiva, mas queria fazer isso com aquele cara. Tentei passar por ele, mas ele pegou meu braço.

— Acha que transei com Lisa ou Sandy, ou qualquer outra mulher? — Ele me prendeu na parede como Draw o tinha feito, mas com Michael meu corpo se acendeu, pois eu ansiava por ele, tanto que quase supliquei por mais. É claro que não faria isso, afinal, eu tinha dignidade. Se

ele não me queria, eu que não ia implorar. — Eu não fodi ninguém, então não precisa ter raiva disso. Só quero você, Isy, desde que a conheci.

Antes que eu formulasse uma resposta, seus lábios estavam nos meus, beijando-me ardentemente, e, por incrível que pareça, não estavam com gosto de bebida alcóolica, e sim de café. Talvez ele tivesse aceitado a minha dica para parar de beber álcool.

Seus lábios devoraram os meus com ardor e fome, como se não se alimentasse havia anos. Gemi, tamanha era minha sede por Michael, vencendo-me por seu toque inesquecível e o fogo que consumia meu corpo dos pés à cabeça, tão poderoso quanto mil sóis juntos, tanto que eu faria qualquer coisa que ele me mandasse naquela hora só para ter mais dele.

Sua mão esquerda estava em meus cabelos, trazendo meu rosto para mais próximo do seu, e a direita foi esquadrinhando meu corpo e chegou ao espaço entre minhas pernas, onde aquele ponto clamava em silêncio por atenção, querendo o atrito e desejando seus dedos, seu pau e tudo daquele homem.

Algo me dizia que ele ia me machucar, não fisicamente, mas ao meu coração caso eu deixasse rolar o que estava sentindo por ele. Entretanto, eu era incapaz de resistir, como um drogado diante de sua droga favorita. E eu não podia prever o futuro, só desejava que, no fim, não me arrependesse de nada.

Meu coração batia forte enquanto eu estava ao seu lado, meu corpo ansiava cada toque, cada beijo, cada olhar que aquele homem me dava. Eu estava consumida por ele, tanto que clamava por mais.

Minhas pernas se abriram como se tivessem controle próprio, em um convite silencioso para ele, mas minha mente gritava querendo mais de seu toque.

Por favor...!, pensei, já que não conseguia falar devido à falta de oxigênio e forças.

Seus dedos chegaram aonde eu ansiava por ele, afastaram minha calcinha para o lado e

começaram a circular meu clitóris, fazendo-me gritar, mas os sons foram abafados pelos beijos.

Minhas mãos estavam em suas costas, apertando-o mais contra mim, e, se não fosse sua jaqueta e camiseta, eu estaria com minhas unhas em sua pele, porque o desejava mais contra mim.

— Michael...! — clamei a ele mais do que beijos e carícias.

Ele acelerou mais os movimentos de seus dedos ágeis e maravilhosos, então eu explodi vendo uma constelação inteira. Meu corpo tremia devido ao orgasmo.

— Grave esse nome, porque ele é o único que você irá chamar em sua vida na hora do prazer, agora e sempre. — Beijou a ponta do meu nariz num gesto carinhoso. — Eu sou o único que irá tocá-la.

— Você é bem confiante, não é? — tentei estabilizar a voz para falar de modo normal. Seu toque me deixava bêbada de desejo e prazer.

Michael sorriu maroto, tão perfeito, parecia que ele não sorria com frequência.

— Sim, eu sou em relação a você. Posso sentir o quanto me quer. — Ele deslizou mais um pouco o dedo, quase o enfiando em minha boceta, mas parou assim que gemi. — Está vendo? Seu corpo anseia por mim, assim como eu anseio por você, minha pequena bela.

Eu arfava, mas revirei os olhos, porque ele tinha razão quanto ao fato de eu o querer. Tão intenso, amoroso e um tanto mortal. Fosse o que fosse que acontecera em sua vida, tinha deixado cicatrizes.

— Só me responde uma coisa. — Fitei sua boca entreaberta, querendo devorá-la de novo.

— O quê? — Ele tirou a sua mão de entre minhas pernas e a levou à sua boca, lambendo os dedos, enquanto eu arregalava os olhos. — Sabor do céu! Esse sabor vai ser só meu enquanto eu viver, porque sou o único que irá tocá-la assim e muito além. Agora pergunte o que quer saber.

Engoli em seco.

— Eu não entendo você, Michael — admiti confusa. — Se me quer, então por que não me quis ontem à noite? Foi só porque eu nunca estive com ninguém? Eu posso ficar...

— Nem ouse terminar essa frase. Sabe do que sou capaz de fazer caso alguém a toque? Mesmo que seja seu amigo — havia um timbre duro em sua voz.

Sacudi a cabeça, meio tonta, sem fôlego, precisando respirar. Não conseguia dizer nada, então ele continuou de um jeito intenso:

— Eu sou capaz de matar qualquer um que a tocar, bela...

— Você não faria isso... — eu me interrompi, porque ele o faria; podia ver em seu rosto.

— Sim, eu faria — seu tom deixava isso bem claro. — Há sombras em minha vida, bela, que você sequer sonha. Então não pense que não faço isso, porque faço.

— Michael. — Pigarreei tentando estabilizar a voz, ainda mais depois de ele dizer sobre suas sombras. Eu podia vê-las em seus olhos, na sua expressão de vez em quando. Elas apareciam mais quando ele estava com raiva, como pouco tempo antes com Draw. Dei graças a Deus por meu amigo ter ido embora, ou eu não sabia o que poderia ter acontecido com ele.

Ele tocou meu rosto.

— Você é tão frágil que eu só quero protegê-la.

Fiz uma careta.

— Eu não sou tão frágil assim e não preciso de proteção. — Respirei fundo e lhe disse a verdade com o coração apertado: — Eu não sei o que houve aqui, mas não pode se repetir.

Ele se afastou de mim como se eu lhe tivesse batido ou insultado. Talvez tivesse doído menos, porque a dor em seus olhos era como chamas ardentes, e não de desejo, mas de agonia intensa, como se eu tivesse ferido seus sentimentos, mas parecia que era algo ainda mais que

isso. Ele realmente gostava de mim? Eu sentia algo por ele, só não sabia bem se era apenas desejo ou algo a mais, afinal de contas, eu o conhecia havia pouco tempo, embora, desde então, viesse sonhando com aquele homem todos os dias, desejando e ansiando por ele.

— É porque sou motoqueiro e não um engomadinho como seu amigo? — ele se referiu ao Draw com desdém.

Franzi a testa.

— Não tem nada a ver com você ser motoqueiro ou ser de algum clube. Eu não ligo para isso, mas tenho medo de deixar o que houve entre nós ir adiante e eu me apaixonar por você, porque sinto que já gosto de você desde que o vi pela primeira vez. Mas amar é algo a mais. Eu sinto que irá me quebrar. Todos os *bad boys* fazem isso com meninas tolas como eu. — Isso era puramente verdade, por esse motivo temia me apaixonar por aquele homem. Ou talvez já tivesse acontecido?

Ele se aproximou de mim parecendo aliviado e acariciou minhas bochechas. Senti-as corar, mas retribuí o olhar intenso dele.

— Não fiquei com ninguém e não vou, também não vou machucá-la caso fique comigo — seu tom parecia uma promessa — Só não fiquei com você ontem porque tinha bebido um pouco, e quero que sua primeira vez seja especial. Lamento ter afastado você todos esses meses, mas juro que não farei mais isso.

— Eu não estava tão bêbada para não saber o que estava fazendo. Queria aquilo assim como quis hoje — anunciei tocando seu rosto também.

— E vamos fazer de novo, mas só que do jeito certo! — prometeu com intensidade. — Dessa vez, eu não vou desaparecer. Juro.

— Eu não entendo. Nenhum de vocês, MCs, parece ser assim. — Franzi os lábios. — Era para você estar implorando sexo, não eu.

Ele riu.

— Meus irmãos são assim, eu não. — Beijou-me de leve nos lábios, ainda sorrindo. — Mas gostei de você implorando por sexo.

Corei, mas estava chocada por descobrir um homem assim. Ele podia parecer um *bad boy*, mas aparentava ser mais velho que sua idade de fato. Muito antiquado, devo mencionar, mas gostava dele assim. Isso significava que Michael não era mulherengo como os outros membros do seu clube e Draw.

— Eu não estou implorando por sexo, só achei estranho um homem como você ser assim, mas gosto de você desse jeito — sussurrei. — Agora preciso retornar e ajudar Mary antes que ela enlouqueça com o pestinha do David.

— Tudo bem. — Assentiu. — Não vou atrapalhá-la mais. Ainda está com raiva de mim ou estamos bem?

— Não atrapalhou nada, e, agora que me disse os motivos de não ter ficado comigo e que também não ficou com ninguém, então estamos mais do que bem. — Sorri, fiquei na ponta dos pés e beijei sua boca por alguns segundos. Ele me pegou pela bunda e me levantou do chão, devorando mais a minha boca.

— Hummm, eu tenho que trabalhar — murmurei nos lábios dele, que riu e me colocou no chão, mas ficou com seus braços à minha volta. — Escuta, eu preciso pegar as coisas da Mary na casa da mãe dela agora à tarde. Acha que tem algum problema se nós duas formos lá? Porque à noite eu preciso procurar emprego nas boates. — Isso se Draw não conseguisse emprego para nós duas, Mary e eu.

— Não tem problema ir até lá, já resolvemos tudo com aquele crápula, mas você quer ser *stripper*? Não há a mais remota chance de isso acontecer. Acho que sou capaz de matar qualquer um que a olhar — eu sabia que o que ele falava era verdade.

Bufei para não pensar no lado sombrio que eu via nele.

— É claro que não vou ser isso. Eu danço para mim, não nua na frente de pessoas. Mas quero um trabalho de servir mesas ou algo assim, igual eu faço aqui quando não estou na escola.

— Eu vou conseguir emprego para vocês duas em uma boate como atendente, OK?

Sorri.

— Jura? — Pulei nos seus braços e o beijei mais uma vez.

— Embora eu soube que só tem uma vaga — continuou ele, tirando meu cabelo do rosto.

— Uma? Mas preciso de duas, porque não posso trabalhar sem a Mary. Nós duas dividimos tudo — murmurei.

Arqueou uma sobrancelha.

— Dividem tudo?

— Acho que você está fora dos limites. Uma, porque você não faz o tipo dela, e sim o Hush, e outra, aquele cara safado não faz o meu tipo. Então acho que homens estão fora dos limites, mas o resto, nós dividimos tudo.

Ele ainda sorria.

— Vou conseguir para as duas, não se preocupe. Agora vamos retornar para a lanchonete, porque à tarde quero levá-la a um lugar depois que pegar as coisas da sua amiga — seu tom estava animado.

— Onde?

— Surpresa.



Capítulo 5

Protegida

Passado

MICHAEL

Havia três anos eu não era feliz por completo. Posso dizer que vivia em um pesadelo. Meus pais foram mortos, e minha irmã de oito anos foi levada de nossa casa. Até então eu não havia conseguido descobrir para onde a tinham levado, e o pior, quem tinha feito aquilo e matado meus pais.

Durante todos aqueles anos, eu vinha procurando pelos assassinos, mas ainda não havia tido sucesso. Jurei que, quando descobrisse quem eles eram e onde estavam, eu os mataria, principalmente o chefe, que devia estar usando um tampão no olho direito, pois eu o acertei com minha adaga. Com certeza não estava morto, porque vaso ruim não quebra fácil.

Naquele dia, eu abati cinco deles, mas fui atingido antes de terminar o que tinha começado, como matar o seu chefe. Eles me deixaram para morrer queimado. O estranho era que, quando acordei, estava na sede do clube MC Fênix. Berry, meu presidente, encontrou-me do lado de fora da casa, perto de uma árvore. E o vestido de minha irmã estava comigo, o mesmo com que ela tinha dormido naquela noite. Por isso eu tinha a certeza de que ela estava viva em algum lugar. E, enquanto eu vivesse, iria procurá-la, não importando aonde fosse. Iria até o fim do mundo.

Havia poucos meses, eu estava vindo de uma corrida de motos quando me deparei com

uma bela morena de olhos verdes, tão pequena, 1,53m mais ou menos. Quase bati minha Harley no poste apenas ao vê-la lamber um maldito sorvete, e não fui o único. Parecia que, na sorveteria, todos os homens tinham parado para olhar aquela cena. A menina não parecia enxergar nada, e sua amiga loira era igual. Garotas como elas eram fáceis de serem conquistadas e ficarem em perigo. Não viam malícia e maldade em nada.

Fiquei meia hora observando-as, a morena, pelo menos. Hush se encantou pela loira. Ainda bem que não foi pela baixinha que me fascinou. Seu nome era Isabelle, pesquisei sobre ela. Morava com sua avó, Amelia, desde que seus pais haviam morrido quando ela ainda era criança. Sua avó era dona de uma lanchonete e diretora de um asilo no centro de Chicago.

Um mês depois de observá-la de longe, como o fodido que eu era, vi-a num beco e, depois disso, sabia que não podia ficar longe dela. Depois de tê-la beijado no cinema, aquele beijo me consumia até então. Contudo, uma mensagem de Berry estragou tudo naquela noite. Eu fui convocado a me livrar de um problema, ou seja, eliminar alguém. Mesmo se o cara não valesse nada – como de fato não valia –, isso não mudaria o que eu faria, por isso fui embora. Sabia – ou pensava – que Isabelle jamais aceitaria esse meu lado sombrio. Por isso parti, mas sempre a vigiava de longe. Temia que ela desaparecesse como minha irmã.

Algumas semanas depois, eu vi ambas as garotas – Isabelle e sua amiga – no supermercado, com sacolas cheias de compras. Um garoto que parecia ter uns 12 anos passou correndo por elas, pegando uma sacola de sua mão. Ela gritou, chamando por ele.

Ignorei os meus irmãos – Hush e Shadow – e as prostitutas do clube que estavam conosco, Lisa e Sandy, e peguei o garoto pela camisa.

— Me solta, seu Huck — rosnou ele se debatendo.

Isabelle chegou até mim, mas olhava para o menino.

— Solte ele — pediu.

— Ele estava roubando você... — comecei, mas ela me cortou:

— Eu converso com ele, e, além disso, isso não diz respeito a você — seu tom saiu seco enquanto olhava para meus amigos e as meninas ali, próximas a mim. — Pode ir fazer o que estava fazendo.

Estreitei meus olhos. Por que ela se importaria com quem eu andava ou não? Desde que eu a havia conhecido, ficava observando-a em qualquer canto, lanchonete, escola, mesmo no supermercado. Eu não estava ali com meus amigos, mas sim a seguindo. Não sabia por que, mas estar perto dela fazia com que minha escuridão ficasse menor. Shadow zombava disso, mas eu não ligava. Será que ela realmente se importava comigo? Eu tinha sido estúpido por deixá-la após o cinema. Poderia ter perguntado se ela me aceitaria do jeito que eu era. Porém, temia a resposta. E, vendo sua raiva naquele momento, notei que aquele sentimento era dirigido a mim.

Soltei o menino.

— Se tentar alguma coisa, eu te penduro de cabeça para baixo — ameacei-o. Na verdade, eu nunca machucaria uma criança, mesmo que fosse alguém que roubava da minha garota. Quase ri. *Minha garota? De onde isso veio? Ela não olharia para alguém como eu, um motoqueiro sem lei.*

Isabelle estreitou os olhos para mim e sorriu para o menino.

— Oi, eu sou Isabelle, mas meus amigos me chamam de Isy. Posso saber por que pegou a sacola? — perguntou com delicadeza.

O menino a olhava como se ela fosse um anjo. *Bom garoto! Eu também acho isso*, pensei.

— Eu, humm... — Ele pegou uma maçã, e, ao mesmo tempo, sua barriga roncou.

— Você está com fome? Por isso pegou a sacola, não é? Não precisa roubar, basta pedir. Onde estão seus pais? — sondou ela com preocupação estampada em seu rosto lindo.

— Eles morreram. Eu vivo com minha tia. Mas ela não me dá comida. Ela diz que, se eu

quiser comer, preciso trabalhar... ou r-roubar — sua voz falhou no final.

Ela fechou a cara, e seus punhos pequenos se cerraram como se quisesse socar alguém.

— Essa vadia disse isso? Me leva até onde vocês moram? — pediu.

— O que vai fazer? Não pode provocá-la, ou ela não me deixa entrar na casa dela... — Ele se encolheu. — Aí terei que dormir na rua.

Algo brilhou nos olhos de Isabelle, parecia raiva, mas depois ela sorriu de forma brilhante. Eu nunca havia conhecido ninguém assim, além dos meus pais. Mamãe era como ela, boa, viva e brilhante, parecia uma fada. A dor me sufocou por um segundo, mas me controlei.

— Se ela não deixar, será bom, porque aí você vai morar comigo e com a vovó — ela nem mesmo pensou para dizer algo assim, apenas falou como se fosse algo simples.

— Com você? Mas eu roubei... — começou o garoto, mas ela o cortou sacudindo a mão, não dando importância àquilo. Era uma mulher maravilhosa de coração puro e por quem eu estava apaixonado perdidamente.

— Não liga, não, você estava com fome. Agora vamos falar com a víbora da sua tia. — Pegou na mão dele e o levou para o carro dela. E, olhando por cima do ombro para mim, disse: — Obrigada.

Assenti, ajudando-a e à sua amiga a levarem o resto das coisas para o carro.

— Eu vou seguir você até essa mulher — falei baixinho. Eu era contra maus tratos com crianças, e não era o único, porque notei pela cara sombria do Shadow que ele pensava da mesma forma.

— Não precisa, eu resolvo tudo, mas obrigada — disse ela e entrou em uma picape preta, a mesma que Max tinha arrumado algumas semanas antes.

— Essa mulher não tem noção, não é? — falou Shadow sacudindo a cabeça. — Você vai

atrás dela, não vai?

Assenti. Não tinha a mais remota possibilidade de eu deixá-la sozinha naquela hora, ainda mais não sabendo que tipo de pessoa era a tia do garoto, com certeza uma puta barata. Além disso, poderia haver mais pessoas como ela na casa.

— Preciso saber se vai ocorrer tudo bem lá. Talvez possa ter algum cara e elas saírem machucadas — falei subindo em minha moto. Se alguém a tocasse, eu perderia a porra da minha mente.

— Eu vou com você — disse Hush.

— Mas eu vou embora com quem? — perguntou Sandy.

Ele deu de ombros, não se importando. O cara ficava com todas as mulheres e logo as descartava, mas eu não o tinha visto com ninguém depois que conhecera Mary, a melhor amiga de Isy. Eu soube que ele até a tinha beijado umas semanas após o encontro no supermercado. Pareceu-me que algo havia acontecido, porém, não era da minha conta.

Ainda naquele dia, Isy foi à casa do garoto, que se chamava Oliver. A tia dele era uma tremenda de uma cadela e prostituta. Vivia nas esquinas com os homens. Foi fácil descobrir isso, então dei essa informação a Isy, e logo a mulher perdeu a guarda dele. Para ele não ir para um orfanato ou algum lar temporário com pessoas desconhecidas, já que Oliver não tinha outros parentes, a avó de Isy conseguiu a guarda temporária e o levou para sua casa. Ela estava fazendo de tudo para adotá-lo permanentemente.

A cadela da tia queria entrar na justiça, não por amor ao seu sobrinho, mas porque o fazia roubar para ela. Shadow cuidou disso. Eu não sabia o que ele tinha feito, mas a mulher desistiu de ir à justiça. Mesmo se tivesse entrado, perderia, por ter usado seu sobrinho para fins inescrupulosos.

Certa noite, quando fui vigiar a casa onde Mary morava, já que Isy havia ido dormir lá com

ela, Hush veio junto comigo. Devo dizer que fiquei chocado quando vi as duas correndo sozinhas pela rua no meio da noite.

Após descobrir o que aquele filho da puta ia fazer com sua enteada, fiquei mais furioso ainda, mas com Hush foi pior, afinal de contas, ele gostava de Mary. Apenas pensava que não era bom o suficiente para ela. Eu também não era o melhor para Isy, mas não me importava, e ela seria minha em breve. Eu já tinha cansado de lutar contra o que eu era e de a afastar de mim. Não faria mais isso.

Hush e eu as levamos para minha casa e íamos deixá-las lá para cuidar do desgraçado fodido do padrasto de Mary. Descobri que ele era viciado em jogos e tinha uma dívida muito alta com Noah, o dono do cassino clandestino.

No entanto, antes de sair de lá, eu a beijei e quase a possuí na minha cozinha. Porém, não consegui, não porque não a queria, não era isso. Eu a desejava mais do que tudo, mas ela tinha bebido, e eu não queria que sua primeira vez fosse no dia em que ela quase matou alguém e, por cima, sua amiga quase foi tomada à força. Queria que fosse especial.

Eu cuidaria de Jonas, mas ficou por conta de Hush, já que a garota era dele. Ela só não sabia disso ainda. Descobri que Mary não era a primeira vítima daquele crápula, houve uma menina de dez anos que o fodido tinha estuprado, mas saiu ileso, fugindo do Texas para Chicago.

Na manhã seguinte, percebi que Isy estava com raiva de mim por eu não ter ficado com ela. E o pior, ela pensou que eu tinha levado outra mulher à lanchonete de sua avó só para que ela visse que eu estava com outra. Isy não disse isso, mas vi em seus olhos. Era claro que eu não tinha ficado com ninguém.

Eu fiz um juramento aos meus pais. Eles sempre foram reservados e conservadores, não gostavam de festas e coisas do mundo, como dizia mamãe. Ela me fez prometer que eu não faria sexo ou namoraria alguém até me apaixonar, e mesmo muito tempo depois disso, aos vinte anos de idade, eu cumpria essa promessa. Eu não me importava de ser chamado de gay. Era claro que

ninguém dizia isso, a não ser que quisesse morrer. Algumas mulheres chegavam a mim, mas levavam um *não*. Não me importava com os olhares, como se perguntassem se eu gostava mesmo de mulheres. Eu gostava, mas era firme nas minhas promessas.

Sentia que, com Isy, era algo a mais, e mamãe gostaria dela como nora. Então eu lutaria por aquela mulher. Alguns dizem que existe amor à primeira vista; eu não sabia se isso era verdade, mas não parava de pensar e querer aquela mulher para sempre desde o primeiro dia em que a tinha visto. Queria um relacionamento como o que meus pais tiveram.

— Kill, você vai mesmo investir nela? A garota é bonita, eu sei, mas não parece que pertence ao nosso mundo — disse Shadow.

Hush, Shadow e eu estávamos em nossas motos perto da casa de Mary. Elas tinham entrado havia pouco para pegar as coisas da loira. Descobri que Mary ia morar com Isy e sua avó e com o garoto Oliver. Tanto Isy quanto Amélia eram boas demais. Muitas pessoas não fariam algo assim, acolher pessoas que nem conheciam, ou mesmo as que conheciam, para morar com elas só porque não tinham onde ficar.

Jonas ainda estava preso no calabouço do clube desde a noite anterior. Se fosse antes de eu conhecer Isy, ele já estaria morto, mas Shadow falou sobre a dívida dele com o dono do cassino, e Berry tinha negócios com Noah. Então ficamos de entregar o salafrário a ele. De qualquer modo, Hush acabou com o cara, embora não a ponto de matá-lo.

— Não posso mais ficar longe dela. Tem algo em Isy que faz minha escuridão ser menor e todo o tormento que existe dentro de mim ficar suportável. — Suspirei. — Ainda mais depois de tocá-la.

— Vocês transaram? — indagou Shadow com os olhos arregalados.

Hush e Shadow eram os únicos que sabiam da promessa que eu tinha feito a minha mãe. Os dois eram meus melhores amigos.

Shadow tinha algo escuro nele, assim como havia em mim. Ele já havia feito muitas coisas erradas, como eu. Eu não sabia se algum dia teria misericórdia pelos meus pecados. Nunca me sentira culpado por isso até conhecer Isy e enxergar a sua bondade, sua doçura.

— Não tecnicamente, mas sei que ela é a pessoa certa para mim, como se eu estivesse esperando por ela a vida toda.

— Acha que ela se daria bem com a vida no clube?

— Eu não sei, mas ela me disse que não liga para quem eu sou e o que eu faço. Então isso é bom, não é? Pelo menos espero que ela se dê bem lá.

— E você, Hush? — Shadow o observava atentamente.

— Que interrogatório é esse? — esquivou-se passando a mão nos cabelos. — Virou algum padre?

Shadow sorriu.

— Só quero saber o que meus melhores amigos viram nessas garotas. — Deu um suspiro. — Não sei o que faço com Jason, que não consegue esquecer Tabitta.

Jason Falcon era o melhor amigo de Shadow desde que moravam em Austin, até algum tempo antes. Depois os dois se mudaram para Cambridge e passaram a estudar em Harvard. Shadow saiu da faculdade e foi para o MC Fênix de Nova Iorque, depois se mudou para o de Chicago e estava conosco. No mês passado tínhamos ido para Cambridge, e eu percebi o quanto Jason estava sofrendo. Ele bebia mais do que eu e ficava com mulheres tentando esquecer sua namorada, que havia ido embora. Eu não sabia direito o que tinha acontecido, mas o cara sofria muito por ela.

Eu esperava nunca sentir o que Jason estava sentindo. O cara parecia quebrado. Essa palavra dizia tudo. Não, provavelmente morto o descreveria melhor.

Hush suspirou.

— Eu não sei o que vai acontecer comigo e Mary, mas cansei de ficar longe dela, ainda mais depois de ver o estado de Jason após aquela puta o deixar...

— Não xingue a Tabitta — alertou Shadow.

— Vai defendê-la?

— Hush, ela teve motivos para deixá-lo, mas espero que um dia eles fiquem juntos. — Ele suspirou, triste. — Vendo vocês caírem por mulher, espero que isso nunca aconteça comigo.

Quando eu fui com Shadow e Hush para Cambridge, Jason estava todo machucado após ter brigado, embora os caras que o tinham desafiado estivessem piores. O cara era definitivamente uma fera nas lutas, só Shadow conseguia controlá-lo. Era como se Jason quisesse sentir dor física para esquecer a emocional por ter sido deixado por uma mulher. Nada justificava ela o ter deixado. Eu não sabia como Shadow ainda a defendia. Contudo, deixei o assunto de lado, afinal, não era da minha conta.

— Mary vai lidar bem com o clube e aceitar você, mas precisa deixar a mulherada — aconselhei.

Ele suspirou.

— Não fiquei com ninguém depois que a conheci. Nenhuma delas importa mais, além disso, ouvi que ela odeia homem mulherengo, por isso nunca ficou com aquele cara que estava na lanchonete, que disse que se casaria com ela. Amigo dela ou não, eu queria matá-lo — sua última frase soou como um rosnado.

Trinquei os dentes, porque eu quase matara aquele engomadinho, que estava prendendo Isy na parede como se fosse beijá-la. Ele teve sorte por ela se impor e me impedir de acabar fazendo uma besteira, mas o que aliviou mesmo minha raiva foi a hora em que eu joguei a adaga na parede e o cara a colocou atrás de si para defendê-la. Ele também não queria deixá-la sozinha, com medo de eu a machucar. Isso amenizou minha raiva dele, um pouco, porque eu não sabia

quais eram os seus sentimentos em relação a ela.

— Aposto que ele ficou desanimado após saber que nenhuma das duas será *stripper*. Ainda bem que você conseguiu emprego na boate para ambas; assim tomaremos conta delas — falou Hush me olhando e depois para a casa, como se quisesse ver Mary.

— Você conseguiu serviço para as duas? — indagou Shadow. — Berry deixou? Porque só havia uma vaga e foi preenchida ontem.

— Eu vou pagar o salário delas com meu dinheiro, mas nenhuma delas precisa saber disso — anunciei a ele.

— Eu pago a parte da Mary. Não gosto de outro homem pagando nada para ela. — Hush bateu de leve em meus ombros. — Mesmo que seja um irmão.

Shadow sorriu.

— Fico realmente feliz pelos dois, por terem encontrado alguém assim. — Fitou a casa. — Gosto disso, embora não deseje isso para mim.

— Obrigado, irmão. Estou feliz. Mas vou com calma, porque não quero decepcioná-la. — Passei as mãos nos cabelos.

— Eu também — disse Hush.

Seu celular apitou. Shadow o olhou e suspirou.

— Temos reunião na igreja. Berry está nos convocando... — ele se interrompeu. — O que é aquilo?

A igreja era a sala onde aconteciam as reuniões no clube, nas quais discutíamos sobre o trabalho.

Antes de dizer a Shadow que eu iria passear com Isy antes de saber da reunião, vi o que o chocou.

Um carro preto estava parado em frente à casa de Mary, e dele saiu uma mulher parecida com ela. Com certeza era a víbora da sua mãe, mas o pior era que ela estava com os homens do dono do cassino. Eles entraram na casa. E, em seguida, ouvi os gritos das meninas.

Nós três corremos armados, eles com revólveres, e eu com minhas adagas.

— Vocês não vão tocar nela... — sibilou Isy de dentro da casa.

— Eu não acredito que me vendeu para pagar dívidas de jogo do seu marido! Sabe o quanto isso é asqueroso? Você é uma cadela imunda que não devia ser mãe! — exclamou Mary.

Senti Hush trincar os dentes.

— Chega de frescura. Que mal há em abrir as pernas para alguns homens? — censurou a cadela da sua mãe.

— Você é louca?! Já não basta seu fodido marido tentar me violentar e você ficar do lado dele?! Ainda quer destruir minha vida?! — gritou Mary furiosa.

— Isso é mentira! — retrucou a mulher louca. — Ele jamais faria tal coisa!

— Pois fez, e gravamos tudo, sua cobra, você viu as imagens. E agora Mary vai morar comigo e com a vovó, e você nunca mais a verá na sua vida — comunicou Isy.

— Você é louca se pensa que vou deixar um homem me tocar sem minha vontade — falou Mary. — Além disso, eu tenho um namorado, e, quando ele souber disso, vai acabar com todos vocês, assim como fez com o merda do seu marido!

A menina parecia valente, mas, com caras como aqueles, não se podia brincar. Entramos na sala, que estava com a porta aberta.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Shadow.

Tinha algo sombrio nele. Às vezes, eu via sombras mortais em seus olhos. O abismo estava lá, afogando-o dia a dia. Eu só não sabia o porquê. Ele não falava muito sobre sua vida, mas

tinha algo a ver com Jason Falcon. Vivendo com Berry por anos, eu fiquei bom em ler as pessoas. Os olhos de Shadow eram sombrios, mortalmente frios. Assim como os meus.

Os dois homens se viraram para nós com suas armas levantadas, assim como estavam as nossas. Então arregalaram os olhos e as abaixaram.

— O que faz aqui, Shadow? — interrogou o mais alto. Eu não sabia seu nome, já que não conhecia bem os homens de Baal, ou Noah, como era seu nome verdadeiro.

— Eu é que pergunto, Steven. Por que querem levar as garotas, quando elas não querem ir? Baal anda pegando garotas sem a vontade delas? — a voz de Shadow era fria.

— O Jonas e essa mulher devem ao chefe por apostarem lá — respondeu e apontou para a mãe de Mary.

— Vai ter que cobrar deles, porque Mary é minha — disse Hush de modo maligno.

— Acho que vai ter que cobrar desses dois fodidos, a não ser que queira uma guerra — advertiu Shadow.

Os homens suspiraram, e Steven falou:

— Tudo bem. Já que deu um fim em Jonas, você terá que pagar a dívida, porque, morto, ele não me faz bem nenhum.

— Vocês mataram meu marido?! — berrou a mulher. — Eu vou dar parte na polícia!

— É muita cara de pau sua dizer isso após apoiar aquele crápula. E, se ele não estiver morto, talvez eu tenha uma chance de estripá-lo com uma pá — rosnou Isy, defendendo sua amiga. Ela deu um tapa na cara da mulher, que chegou a virar o rosto.

Senti orgulho da minha baixinha, tão pequena e corajosa.

— Você é louca?! — grunhiu a mulher segurando a face.

— Você é a única desequilibrada aqui — contestou e olhou para os homens, que a fitavam

impressionados e com um certo prazer. — Vocês, seus brutamontes, não vão encostar na minha amiga.

Os olhos deles se estreitaram.

— Você...

— Acho melhor tomar cuidado em como fala com minha mulher. — Mexi os meus punhais nas mãos.

— Kill — disse Steven em reconhecimento.

Isy veio até mim, mas eu fitava os caras.

— O que vai ser?

— Jonas não está morto, e vamos dá-lo ao Baal. E, quanto à sua dívida... — Hush olhou para a mulher — eu pago, mas você terá que sumir da cidade e da vida de Mary para sempre. — Depois tornou a dizer aos homens: — Se vocês a deixarem continuar a jogar nos estabelecimentos das cidades vizinhas, aí será por conta de vocês, e não da minha garota.

— Hush, deve ser muito dinheiro — murmurou Mary chegando perto dele.

— Tudo bem, minha querida — respondeu ele a puxando para seus braços.

Os homens aceitaram a proposta, e entregaríamos Jonas a Baal. O cara teria um fim pior do que se continuasse em nossas mãos.

A cadela saiu ganhando, pois sua dívida foi paga e ela não teve que fazer nada para isso. Hush poderia não ter pagado a dívida da mulher, e os homens iriam dar fim à vida dela ou forçá-la a pagar a qualquer custo. Eu conhecia Hush. Ele tinha feito isso por Mary. Eu faria o mesmo por Isy.

Mary pegou a bagagem, que já tinha preparado. Não a deixamos sozinha com aquela víbora. Hush pegou uma das malas, e eu, a outra, tirando-as das mãos da garota.

— Você terá até o fim do dia para sumir da cidade, e, se eu fosse você, não iria ver Jonas, pois morrerá como ele, porque Baal não perdoa nada, e não farei nada quanto a isso, e nem Mary — alertou Hush, saindo porta afora.

Logan estava com sua caminhonete lá fora, como tínhamos combinado mais cedo, e colocamos as malas ali.

— Leve as duas para a casa da avó da Isy. Eu vou enviar Max para ficar com elas — falei.

— Michael — chamou Isy chegando perto de mim —, nós não íamos sair essa tarde?

Na lanchonete da sua avó após o episódio com o amigo dela quase a beijando, tomei a decisão de que não ia me afastar dela mais, de nenhuma forma. Tinha chegado a vez de eu ter o meu prêmio, o meu bilhete de loteria, porque aquela baixinha era mais valiosa que tudo na minha vida.

— Sim, mas teve um imprevisto, e nosso chefe ligou pedindo uma reunião. Então eu tenho que ir, mas te vejo na boate à noite.

Ela assentiu e entrou no carro.

— Vamos ver o que Berry quer — falei aos meus irmãos, subindo na moto.



Capítulo 6

Ignorada

Passado

ISABELLE

As semanas passaram rápida e lentamente ao mesmo tempo. Michael viajou, e eu não sabia dele desde que tinha saído havia mais de duas semanas. Ele bem que podia ter ligado e avisado, mas só deixou uma sombra que seguia a mim e a Mary a todo canto. Max era um cara legal, moreno, alto e bastante sorridente.

— O que Michael está fazendo? — eu lhe perguntava quase todos os dias.

— Trabalho — ele respondia sempre.

Eu já estava frustrada. Por que ele não ligava para dizer que estava bem? Devia estar! Contudo, eu queria ouvir sua voz. Sentia falta dele a cada segundo.

Michael e eu tínhamos um encontro marcado após sair da casa da mãe de Mary, mas ele precisara ir embora após seu presidente o chamar. Depois disso não o vi mais, só soube que tinha ido viajar a negócios em outra cidade.

— Novidade — desdenhei depois de mais uma vez questionar a Max em vão sobre o paradeiro de Michael e fui servir a mesa de um grupinho de veteranos filhinhos de papai na boate onde eu tinha passado a trabalhar.

— O que vão querer? — Eu não precisava de caderneta, mas a usava ali só por usar. Talvez meu chefe não gostasse se eu não a usasse e me mandasse embora.

Um garoto quase da minha idade passou o braço em minha cintura e me puxou para si. Foi tão rápido que não pude impedir que ele passasse a mão na minha bunda. Eu já tinha passado por algo assim antes, mas dessa vez foi diferente, porque ele gritou e seu rosto foi empurrado contra a mesa, derrubando algumas bebidas.

Michael o estava prendendo à mesa, ignorando seus amigos, que gritavam.

— Ainda quer pegar na bunda dela, porra? — sibilou, dobrando o braço do garoto.

— Mas que droga, Michael, o solte — pedi, olhando para todos que nos observavam. Logo meu chefe apareceria ali e me demitiria.

Ele não me ouviu ou, se ouviu, ignorou completamente. O cara moreno se aproximou e pegou seu braço – Shadow, pelo menos era esse o nome com o qual Max o chamava.

— Kill, solte-o agora, OK?

— Michael — insisti enquanto o garoto gritava pela pressão forte que ele aplicava em seu braço.

Ele expirou e o soltou, empurrando o garoto contra o seu grupinho de amigos.

— Vazem todos vocês daqui e não voltem mais — não pareceu um pedido, mas uma ordem.

— Tudo isso por uma puta? Eu vou processar este lugar — declarou o garoto.

Vi o fogo nos olhos de Michael. Se ele pegasse o garoto, certamente o mataria, então eu fui à frente e desci o meu punho na cara do fedelho, que se achava bom só por ser filho de algum magnata da alta sociedade, talvez um político.

— Eu sou atendente de mesa, uma garçonete, não uma puta. E, se fosse, também não seria

da sua maldita conta! — esbravejei. — Eu decido com quem fico, e você não tem o direito de pegar na minha bunda.

— É melhor irem embora — Shadow rosnou, acenando para os seguranças da boate.

Assim que os meninos saíram, fuzilei Michael.

— Por que fez aquilo? Estava pensando em machucá-lo?

— Não, em matá-lo, mas você impediu. Ele não devia ter tocado em você — respondeu com dificuldade.

Provavelmente ele ainda estava com raiva. Suspirei para me acalmar, porque eu também estava furiosa com ele.

— Você fica fora por duas semanas e não diz nada, então, quando chega, quer bater em um garoto porque ele pegou na minha bunda? — Ri, amarga. — Eu vou trabalhar. E vê se não mata ninguém enquanto isso.

Afastei-me, mas ele me segurou.

— Vamos conversar agora, pois parece que está com raiva de mim.

— Eu tenho que trabalhar agora, ou vou ser demitida. Depois conversamos — afirmei e saí antes de ele dizer algo.

— O que foi aquilo com o Kill? — perguntou meu chefe. Seu nome era Pitalo, mas as pessoas o chamavam de Pitã, um homem alto, moreno e forte, coberto de tatuagens.

Suspirei.

— Desculpe, é que ele viu o garoto pegando na minha bunda e não aceitou bem, mas vou falar com ele para não se intrometer no meu serviço. Pode ficar tranquilo, só não me demita.

Ele franziu a testa.

— Por que eu iria demitir você por estar conversando com Kill?

— Não sei, você é o chefe, e ele veio aqui me importunar.

Tinha algo nos olhos dele, parecia divertimento, mas eu devia estar imaginando coisas.

— Na verdade, ele a defendeu, assim como fariam os seguranças que trabalham aqui na boate. É função deles protegerem os funcionários, mas Kill foi mais rápido. — Ele sorriu e olhou por sobre meu ombro. — Acho que estão te chamando para levar uma bebida.

Assenti e fui trabalhar. Na mesa estavam Michael, Shadow, Logan, Hush e outro cara mais velho, talvez com uns 45 anos.

— Boa noite, o que vão tomar? — inquiri, ignorando Michael.

— Cerveja — respondeu o homem mais velho. — Preciso de uma após viajar do clube de Nova Iorque até aqui.

Clube? Michael tinha estado por duas semanas em um clube onde havia sexo adoidado, quando nós nem tínhamos ido por aquele caminho ainda? Controlei-me; não deixaria aquela informação me abalar enquanto anotava os pedidos.

— Você mandou bem com o soco na cara daquele fedelho. — O homem mais velho sorriu. — Sou Berry, presidente do clube MC Fênix de Chicago.

— Isabelle, mas todos me chamam de Isy — apresentei-me. — Já volto com os pedidos.

— Se sente com a gente — pediu ele.

Neguei com a cabeça.

— Não posso, pois meu chefe pode me demitir.

— Seu chefe? — Ele arqueou as sobrancelhas.

Apontei para Pitã, ao balcão.

— Ele. Então tenho que ir...

— Acha que pode lidar com a vida no clube? — sua pergunta me pegou de surpresa.

— O quê? — indaguei confusa.

— Sendo namorada de Kill, às vezes ele não poderá contar as coisas a você. Têm segredos no clube que pertencem somente aos homens...

— Olha, eu posso lidar com o clube, porque é a vida de Michael, mas, sobre os segredos, talvez seja difícil. Eu não soube dele por duas semanas. — Suspirei, ignorando os olhares sobre mim.

— Mas sabia que ele estava bem e trabalhando — interveio Barry ainda me olhando de lado.

— Existem vários tipos de trabalho. Vocês são de um clube de MC, então com certeza não agem dentro da lei, e isso não me incomoda, mas têm coisas que me impedem de ficar com ele. O silêncio! Se ele precisava ficar semanas fora, devia ter ligado, porque não é possível que tenha trabalhado dia e noite. Dizer como estava, esse tipo de coisa que os casais fazem, não mandar recado por Max apenas dizendo que está trabalhando. — Suspirei. — Que se exploda o trabalho! Eu não ligo sobre as regras do clube. Contanto que não sejam pedófilos, sequestradores de mulheres, que não cometam tráfico humano e assassinatos em série, eu não ligo. Mas não quer dizer que Michael não possa dizer aonde vai e onde vai ficar.

Saí dali antes de eles dizerem mais alguma coisa e fui pegar suas bebidas. No entanto, notei seus olhos arregalados com o que eu lhes disse.

— Conhece os MCs? — perguntou Lana, uma mulher morena e bem formosa que trabalhava comigo.

— Um pouco — respondi. Eu não os conhecia bem, só Michael e Hush, um pouco de Max e Shadow, e aquele Berry parecia legal, mas não os conhecia mais profundamente, já que Michael tinha sumido por duas semanas sem ligar e todos eram misteriosos. Parecia que ele

havia estado em outro clube, com certeza festejando com a mulherada.

— Eu queria ter uma chance com Michael, mas, pelo que eu soube, ele não fica com ninguém. — Ela chegou perto de mim. — Ouvi dizer que ele fez uma promessa à sua falecida mãe de que não transaria até se apaixonar. Ninguém sabe disso por aí, mas fiquei com Hush uma vez quando bebeu demais e ele acabou soltando isso.

Ofeguei ao ouvir aquilo. Era por aquele motivo que ainda não havíamos feito sexo, fora a parte de ele não estar presente? Será que seu sentimento em relação a mim era amor ou só um capricho? O meu em relação a ele era forte, tanto que meu peito se apertava sempre que pensava nele com outra. O que eu tinha acabado de ouvir seria verdade?

Entretanto, isso me fez descobrir que eu não sabia nada da vida dele. Nada do que gostava, da sua família. Dos amigos, eu até tinha visto aqueles que apareceram ali, mas com certeza devia ter mais.

Fui entregar suas bebidas.

— Aqui. — Dei-as a todos e por último ao Michael.

— Eu não vou beber — informou ele.

— Não vai? — Franzi a testa.

— Você disse que, se eu ficar bebendo, vou morrer antes dos trinta, não é? Então resolvi parar — respondeu me fitando —, já que pretendo viver.

Pisquei por ele ainda se lembrar daquilo. Meu avô morreu por beber demais. Eu não me lembro dele, mas vovó disse que ele chegava a vomitar sangue.

— Que bom. — Sorri, mas tudo dentro de mim dava voltas com o que Lana havia dito, porque aumentara a minha dúvida sobre se ele gostava de mim ou não. Michael podia me querer, mas talvez fosse somente desejo. Eu queria ter certeza. Como faria para ter essa resposta? Transar, ele só iria fazer com quem amava, não? Eu podia fazer isso, entregar-me a ele, algo que

ansiava havia muito tempo, então saberia.

— Você devia visitar nosso clube amanhã, vai ter uma festa lá — falou Berry sorrindo.

Os olhos de Michael se estreitaram.

— Berry — seu tom era de aviso.

— O quê? Não quer que eu vá? Por acaso tem vergonha dos seus amigos ou de mim? — minha voz saiu cheia de acusação.

Ele suspirou.

— De nenhum de vocês, é só que... — seu tom parecia temeroso.

Eu estava a ponto de perguntar o que o afligia, porque sabia que era alguma coisa relacionada a mim. De repente, braços me cercaram por trás.

— Achei você — falou Draw com a voz arrastada. Com certeza estava bêbado.

Michael já ia se levantar para acabar com meu amigo; sua cara revelava a intenção.

— Eu cuido disso — falei a ele, depois tirei as mãos de Draw de mim e me afastei um pouco, olhando para ele. — O que faz aqui?

— Vou pedir a Mary em casamento. — Ele me mostrou uma caixinha azul. — Aqui, não é lindo?

— Casar? — indagou Mary chegando até nós.

Ele sorriu para ela.

— Você está aí, minha bonequinha linda. — Ele pretendia ir até ela, mas o impedi.

Sacudi a cabeça.

— Draw, você está bêbado e, além do mais, você não é assim. O que houve? — Peguei seu braço e olhei a todos ali. — Desculpa, pessoal. Me deem licença.

Eu o levei até meu chefe e pedi uma pausa. Mary veio comigo.

— Agora nos conte o que houve — pedi, porque ele não era de ficar bêbado, só quando brigava com o pai. Dennis era um cara rígido que queria a todo custo que Draw tomasse conta dos negócios da família. Era dono de vários hotéis na cidade.

Nós três estávamos nos fundos do clube. Sentei-o na calçada, ou ele cairia no chão.

— Draw, agora estamos somente nós três. Conte o que houve — pediu Mary. — Que história de casamento é essa?

— Meu pai disse que vai me deserdar se eu não assumir os negócios dele, e vou perder tudo na minha vida. Meu sonho de ser um DJ e viajar pelo mundo em boates. — Ele olhou para nós duas. — Eu só tenho vocês, não posso perdê-las. E, como sei que Isy nunca aceitaria, porque gosta daquele motoqueiro manejador de facas, e logo vou perdê-la, não quero perder você também. — Ele colocou a cabeça no ombro de Mary, que estava sentada ao seu lado.

Notei Hush e Michael perto da porta dos fundos, nos olhando. Hush parecia com ciúmes. Eu sabia que ele falava com Mary durante as semanas em que tinha estado fora. Os dois pareciam ter se entendido.

— Não vai, Draw. Não precisamos nos casar para isso. Lembra de quando juramos ser amigos para sempre e que nada, nem ninguém iria nos separar? — falou ela. — Mesmo não podendo me casar com você, eu ainda estarei aqui. Guarde esse anel para aquela garota que você realmente amar, quando nenhuma outra mulher servirá mais, somente ela.

— Amanhã pensamos em alguma coisa para seu pai não deserdar você. Se quiser, falo com ele. Acho que o senhor Dennis Albert disse isso só para você criar juízo, mas não vamos falar sobre isso, já que não se lembrará de nada amanhã — eu disse. — Vou pedir para sair mais cedo hoje e levo você para casa, OK?

Ele assentiu, fechando os olhos. Fui até Hush e Michael.

— Vou pedir para sair mais cedo e levar Draw embora.

— Não precisa, pois já falei com seu chefe, que liberou as duas. Aqui estão suas coisas. — Michael me entregou a sacola com minhas roupas e as de Mary, porque usávamos o uniforme do clube, uma espécie de vestido.

Assenti, agradecida.

— Obrigada. Agora vou levá-lo embora.

— Seguimos vocês...

Cortei Michael:

— Não precisa.

— Eu não quero ir para casa, meu pai está lá. Quero dormir com vocês duas, assim não fugirão de mim — falou Draw.

Quase revirei os olhos ante isso. Ele era um homem lindo, mas, quando bebia, ficava todo sentimental.

— Com elas não vai poder, cara — retrucou Hush. — Que tal ir para a minha casa?

— No clube? Onde é cheio de mulheres? Estou dentro. — Ele tentou se levantar e quase caiu.

— Acho que não é hora para pensar em mulher — aconselhei-o. — Vovó foi dormir no asilo hoje, então pode ficar na minha casa.

— Na sua cama? — Sorriu.

— Não conte com isso — rosnou Michael.

♥ ♥ ♥

Chegamos a casa. Michael e Hush tiveram de levar Draw para a cama, já que ele estava

dormindo. Ele ficou no quarto de hóspedes.

— Obrigada por nos ajudarem a trazê-lo aqui — falei aos dois.

— Que horas sua avó volta para casa amanhã? — perguntou Michael se sentando no sofá de dois lugares.

Nossa sala não era grande, tinha dois sofás, de dois e três lugares, uma estante com livros e uma TV.

— Só amanhã à tarde, pois terá um evento lá no asilo. Ela e Oliver vão ficar lá. Por quê?

— Onde é seu quarto? — indagou evitando a minha pergunta.

Apontei para a porta à direita. Ele não disse nada, apenas foi para lá. Eu o segui. Meu quarto era aconchegante, com uma cama de casal, mesinha de computador, guarda-roupa e uma estante cheia de livros.

— Michael... o que está fazendo? — Ele estava tirando suas adagas da jaqueta e as colocando na mesa. Sete ao todo. — Nossa! Tudo isso?

Ele sorriu.

— Preciso delas de vez em quando — falou tirando a jaqueta e a camiseta e, em seguida, as botas. E se deitou na cama. — Eu vou dormir aqui.

Deixei passar, porque era bom ele ficar ali, afinal de contas, eu precisava falar com ele. Fui tomar banho. Esperei que ele entrasse no banheiro, como todo namorado faria, mas Michael não o fez. Isso significava que ele não tinha sentimentos por mim, por isso não queria me tocar assim?

Saí do banheiro vestida com meu pijama, composto de short e top. Ele estava deitado com seu peito nu e coberto de tatuagens, como tribais e outras que coloriam seu belo torso musculoso e sexy. O V nos quadris era tão perfeito que eu adoraria passar minha boca e o lamber todo.

Nossa! Eu estava parecendo aquelas mulheres loucas desejando e cobiçando aquele homem, mas eu queria mais do que cobiçar, queria prová-lo.

— Gosta do que está vendo? — seu sorriso estava em sua voz.

Fitei-o corando, mas me sentei na cama perto dele e tracei os meus dedos por seu tórax duro e a barriga tanquinho, descendo para o V. Eu estava hipnotizada por aquele homem, mas, antes que pudesse prosseguir, sua respiração acelerou, e ele me rodopiou e me deitou na cama, pairando em cima de mim.

— Não quer conversar? Até alguns minutos, você ainda estava com raiva por eu não ter te ligado. — Ele se ajoelhou na cama com meus quadris entre suas coxas sem tirar os olhos de mim. — Não gosto de mentir, por isso não liguei.

Desviei a visão do seu peito sarado e o fitei.

— Por acaso estava com alguma mulher? — Empurrei-o para sair de cima de mim, mas ele não deixou.

— Acha que eu tocaria em outra? — seu tom saiu magoado.

— Michael, eu não sei nada sobre você, só sei que adora seus amigos do clube e os trata como irmãos, mas, fora isso, mais nada. Tem família? Gosta de fazer o quê? Você sai por duas semanas e não me diz nada. Não estou pedindo para contar tudo sobre o clube, mas algumas coisas precisam ser ditas se vamos ter um relacionamento — parei de falar, perdendo o gás.

A dor estava visível em seus olhos por causa de algo que eu disse. Ele se sentou ao meu lado, e fiquei à sua frente.

— Michael, por que ficou assim? Precisa se abrir comigo para eu saber o que fazer. — Toquei seu rosto, e ele fechou os olhos atormentados ao meu toque. — Por favor.

Ele se deitou com a cabeça no meu colo e os lábios na minha barriga, abraçando forte minha cintura, como se fosse para me manter ali para sempre.

— Há três anos, os meus pais foram mortos em nossa casa. Até hoje não descobri quem foi o assassino e nem onde vive. Ele falava em dívidas e que já havia matado meus avós. Naquele dia, minha irmã de oito anos estava dormindo. Eu lutei e matei alguns, acertando com uma adaga o olho do chefe deles, por isso sei que ele certamente tem um olho só.

— Oh, Deus! Michael! — Alisei seus cabelos e enxuguei algumas lágrimas que desciam pelo seu rosto. — O que houve com a menina?

Ele expirou.

— Após acabar com alguns homens, fui acertado na cabeça e deixado para morrer queimado, porque eles atearam fogo na casa, mas, por alguma razão que não sei explicar, alguém me tirou da casa antes das chamas. O vestido da minha irmãzinha estava ao meu lado, o mesmo que ela vestia quando a deixei dormindo. — Seus olhos molhados foram para os meus. — Não sei se ainda está viva, se está em algum lugar e está bem ou sendo maltratada. Sabe o quanto isso me atormenta? Os meus pais, eu sei que morreram, mas Evelyn? Eu não sei nada. Como posso viver com isso?

— Vamos dar um jeito de encontrá-la, e eu vou estar ao seu lado sempre. Apenas peço que não me deixe no escuro.

Ele se sentou e me puxou para seus braços.

— Jura? Eu não posso ficar sem você. Quando Berry mencionou sua ida ao clube, eu hesitei não porque tinha dúvidas ou por não querer você lá, mas porque temo que não aceite a vida que levo e acabe me afastando de você. — Escondeu o rosto no meu pescoço. — Essa dor que há em meu peito se alivia quando estou perto de você. Não posso perdê-la.

— Não vai. Eu juro — prometi. Empurrei-o para se deitar e pairei sobre ele, colocando meu peito sobre o seu, coração com coração.

— Lamento não ter ligado. Achei que não aceitaria o que faço. Como você mesma disse,

fazemos algumas coisas ilegais, mas juro que nada hediondo com pessoas ou coisas assim. Mas não posso contar. Nunca toquei em nenhuma mulher, apenas em você, e sempre será só você, minha bela. — Ele me beijou, apertando minha bunda contra seu pênis duro através do seu jeans.

— Michael...! — clamei, querendo aquele homem maravilhoso e quebrado, mas que esperava consertar por inteiro algum dia. Beijei seu peito nu e desci meus lábios e língua por sua pele até chegar ao V. — Você quer?

— Com você, eu quero tudo — respondeu ofegante.

Desabotoei sua calça jeans e a puxei para baixo junto a sua boxer preta. Peguei seu membro duro, que ficou ainda mais rijo em minha mão e o balancei para cima e para baixo. Ao ver sair o pré-sêmen, fiquei com ainda mais água na boca, então o beijei e passei a língua em sua cabeça inchada.

— Nossa! Seus lábios são o maldito céu! — grasnou pegando meus cabelos. — Coloca em sua boca o quanto puder e lambe como um pirulito...

Sorri e trisquei a língua na fissura de onde minava o líquido.

— Eu sei fazer isso, querido — revelei e me apressei em explicar, pois sua cara ficou sombria e magoada. — Nunca fiz, mas Mary e eu treinávamos com banana e competíamos sobre quem seria melhor no boquete.

Dessa vez ele riu, a risada que eu passei a amar desde o dia em que o conheci.

— Queria ter visto isso.

— Você está me vendo agora com minha boca em seu pênis — disse e sondei: — Alguém já fez isso em você?

— Não. Como eu disse, nunca toquei em nenhuma mulher, e vice-versa. — Seus dedos esquadrinharam meu queixo e boca. — Mas estou adorando-a em volta do meu pau.

Sorri, feliz com sua resposta. Então o abocanhei o quanto pude. Minha boca degustava, lambia e sugava ao mesmo tempo. Eu remexia as coxas juntas para conseguir mais atrito e aliviar o desejo que estava sentindo.

— Vem aqui, me deixa cuidar de você.

Virei-me para deixá-lo tirar a dor que havia entre minhas pernas. Fizemos um 69. Michael tirou meu short e calcinha, e logo estava com a boca em mim. Voltei a lamber e sugar seu pau e o colocava tão fundo quanto conseguia na minha boca.

Eu gemia com sua boca sugando, lambendo e mordiscando o meu clitóris até que explodi em sua boca.

— Eu vou gozar, e, se não quiser, precisa tirar — rosnou, dando um beijo doce em minha boceta.

Não parei, apenas acelerei os movimentos, querendo que ele se satisfizesse como eu. Então o senti gozando em minha boca. Eu apertava sua bunda, querendo mais do seu pau saboroso. Não tirei minha boca dele até que não houvesse mais nada.

— Maldição! Sua boceta tem mel, e eu quero mais dela — falou, beijando-a suavemente.

— Seu pau também é gostoso demais — declarei ficando em cima dele. — Agora o quero dentro de mim.

Ele beijou meus lábios por um segundo, fazendo-me gemer de novo.

— Hoje não.

Afastei meu rosto e o fitei.

— Por que não? Você não quer isso? — questionei, pensando no que Lana havia falado.

— É claro que quero, mas não aqui. Você pode esperar até amanhã? Tem um lugar que quero que conheça, o mesmo ao qual eu ia levar você há duas semanas. — Ele me deu um

selinho. — Quero que nossa primeira vez seja especial.

Sorri.

— É raro encontrar um rapaz de vinte anos virgem. — Toquei seu rosto. — Mas adorei isso. Sinto-me feliz em saber que você nunca teve outra mulher e que nunca irá ter, só a mim.

— Sim, só você. Vamos jurar. — Ele colocou a mão na minha boceta. — Vamos fazer uma promessa, e sou capaz de cumprir a minha. Juro que meu pau só vai ter essa boceta em toda minha vida, até eu ficar velhinho e morrer.

— Muitos juram em cima de bíblia ou outra coisa, mas você vai jurar com a mão entre minhas pernas? — Sorri e peguei seu pau, dando-lhe uma apertada leve que o fez gemer, pois ele ganhou vida novamente. — Juro que em minha boceta somente esse delicioso pau entrará e possuirá enquanto eu viver.

— Ele vai fazer bom uso dela até ficarmos velhinhos e eu precisar daqueles comprimidos azuis, mas não deixarei de realizar essa promessa. — Ele sorriu, beijando-me e selando nosso juramento.



Capítulo 7

Lago mágico

Passado

ISABELLE

Quando acordei, Michael já tinha tomado banho e feito o café da manhã.

— Bom dia, linda! — Senti lábios macios e gostosos na minha testa. — Levanta e se arruma para irmos ao nosso primeiro encontro de casal.

— Humm... — gemi ainda de olhos fechados. — Aonde vamos? E o que preciso vestir?

— Qualquer coisa, mas com biquíni por baixo — senti um sorriso na sua voz.

Abri os olhos e avistei as preciosas íris negras que finalmente estavam felizes. Não desmancharia sua alegria, quando ele havia derramado uma parte de sua alma quebrada sobre mim. Esperava que um dia ele realizasse todos os seus sonhos, inclusive o de reencontrar sua irmã.

Vesti um biquíni branco e um vestido florido, já que estava quente lá fora.

Mary entrou no quarto toda sorridente depois que Michael foi para a cozinha.

— Viu o passarinho verde? — indaguei, sorrindo por ela estar feliz. Eu apostava que ela e Hush tinham se entendido.

— Um pássaro loiro, lindo, gostoso... — Ela deu um gritinho, animada. — Não acredito

que fiquei com ele! Nossa, Isy! Ele foi tão carinhoso comigo...

— Vocês transaram?!l — minha voz se elevou.

— Sim, e você não fez com Michael? — sondou ela franzindo a testa.

— Não, ele vai me levar a um lugar especial para nossa primeira vez.

— Espera, ele é virgem?!

A porta se abriu.

— Quem é virgem?

Fechei a cara para Draw.

— Devia bater na porta, pois poderíamos estar sem roupas — reclamei.

— Não tenho tanta sorte assim — falou, e gemeu com a mão direita na cabeça. — Parece que meu cérebro está em um liquidificador.

— Vem comigo e deixa as meninas se trocarem. E, se entrar em um quarto onde Isy esteja sem bater na porta, eu quebrarei seus dedos e furarei seus olhos — rosnou Michael, levando-o para a cozinha.

— Lana disse que ele fez uma promessa à sua mãe de que ficaria só com quem ele amasse, por isso se manteve intocado até hoje. E ele confirmou que é virgem, além de que quer que nossa primeira vez seja em um lugar especial — falei assim que estávamos a sós.

— Fico feliz por você. Não critico o Hush por não ser virgem, afinal de contas, eu também não era. É claro que fiquei só com o traste do Jonathan naquele baile de 15 anos, uma coisa de que nem quero me lembrar. — Ela sorriu. — Com Hush, tudo é esplêndido.

Jonathan era o cara mais paquerado da escola e ficava com todas, inclusive com Mary. Eu não fui àquele baile; se tivesse ido, certamente teria impedido aquela insensatez. Soube depois que foi uma aposta, por isso fiquei feliz quando Draw acabou com ele.

Chegamos à cozinha. Todos estavam comendo torradas, menos Draw, que tomava apenas café puro.

— Draw, vai falar com seu pai? — inquiri. — Se quiser, posso ir junto.

— Não conte com isso — disse Michael. — Esse dia é nosso.

— Você pode sugerir ao seu pai que vai terminar os estudos, aí assume as coisas dele — aconselhou Hush. — Até lá, terá tempo para pensar no que quer da vida e ser independente.

Draw sorriu para ele.

— Você até que é legal, levando em conta que tomou minha garota.

Mary revirou os olhos.

— Eu não sou sua garota. Só irmã.

Ri, assim como todos.

Saí com Michael, que me levou para fora da cidade. Seguimos alguns quilômetros por uma rodovia, depois continuamos por uma estrada de terra. Ele parou em frente a um lago com água tão clara que dava para ver as pedrinhas no fundo.

Fui até a beira do lago, deslumbrada com a paisagem. Em torno dele tinham pinheiros altos e grama verdejante.

— Nossa! É tão lindo aqui! — exclamei maravilhada tirando as sapatilhas. — De quem é isso aqui? Parece uma fazenda.

— Eu achei há alguns anos. Não é bem uma fazenda, só terras, então as comprei. Sempre venho aqui quando quero ficar sozinho.

— É deslumbrante. — Olhei para Michael, deparando-me com ele só de boxer. Minha boca deve ter ficado aberta como a de um peixe. — *Uau! Eu o vi ontem, mas, à luz do dia, é formidável. Mais lindo que o lugar*, pensei.

Ele sorriu. Fui até ele e o toquei no peito e na barriga tanquinho. Minhas unhas passeavam fazendo um ziguezague em seu V perfeito. Sua respiração acelerou. Ele pegou a barra do meu vestido e o ergueu, jogando-o junto às suas roupas.

— Vamos nadar antes que eu a possua aqui mesmo, antes da hora — falou me puxando para o lago.

— Eu não reclamaria quanto a isso.

Ele sorriu.

— Vamos até aquela pedra. — Apontou para o meio do lago, onde havia uma pedra comprida, estendida sobre a água, na qual dava para nós nos deitarmos e tomarmos sol.

Nadei até a pedra e me deitei, sentindo o sol beijar minha pele. Logo Michael estava sobre mim, beijando-me e apalpando o meu corpo com suas mãos abrasadoras, que incendiavam cada parte de mim.

— Michael...! — clamei seu nome, pedindo mais dele do que apenas beijos.

— Eu vou cuidar de você, minha bela. — Ele puxou a parte superior do biquíni para baixo e abocanhou meu seio direito enquanto apertava o outro, fazendo-me gritar ali, no lago dos sonhos.

Minhas mãos foram para suas costas, apertando-o mais contra mim, querendo aquele homem mais do que tudo na vida. Gritava alto, não me importando se alguém ouvisse meu clamor, embora não tivesse ninguém ali.

Seus lábios desceram para minha barriga, fazendo-me remexer-me na pedra dura. Suas mãos fortes e ao mesmo tempo quentes e suaves me firmaram no lugar, então, com um puxão, ele tirou a calcinha do meu biquíni, e logo sua boca e língua estavam em mim, chupando-me como se faz com um pirulito e me lambendo como se eu fosse seu sorvete preferido. Isso me fazia flutuar no céu, tanto que eu apertava mais sua cabeça contra mim, querendo mais de sua

boca, até que explodi vendo um monte de estrelas.

— Voltou para a Terra? — indagou depois de segundos pairando sobre mim e me fitando com os olhos quentes.

— Nossa! Eu vi uma constelação inteira. Para quem nunca fez isso, você é expert. — Sorri, tocando seu rosto. — Fico feliz por essa boca e você inteiro serem só meus.

— E serei para sempre — jurou, beijando-me. — Sinta seu gosto maravilhoso.

Ele abaixou sua boxer e se encaixou entre minhas pernas, sem nunca desviar os olhos dos meus.

— Só vou esfregar um pouco, depois vamos para a caminhonete, pois preparei a carroceria para ficar um pouco mais confortável — avisou, beijando-me e começando a esfregar seu pênis em meu clitóris.

Eu não queria esperar mais e não me importava com conforto, e sim em tê-lo em meus braços, ainda mais ali, naquele lugar mágico. A sua segurança em fazer sexo comigo me incentivou a fazer o que queria tanto. Se ele tivesse alguma dúvida de que eu não era a mulher que queria, desejava e sonhava, eu não faria isso. Entretanto, ele queria tanto quanto eu, mas queria que fosse confortável para mim.

Prendi minhas pernas em seu quadril e o forcei a entrar em mim, apertando-as mais em sua volta. Ele parou assim que tudo entrou e me fitou de olhos arregalados. Eu arfava devido a sua intrusão.

— Isy...

— Michael, eu quero isso agora, aqui, não em algum lugar confortável. Só quero você neste momento. — Beijei seus lábios.

— Deixar uma cama macia igual a de ontem para ficarmos em uma pedra dura? — Sorriu nos meus lábios.

— Não ligo, só quero desfrutar de você e deste momento mágico neste lugar, que será nosso local de amor.

— Seu desejo é uma ordem, minha bela — rendeu-se e devorou meus lábios enquanto bombeava dentro de mim, tão suave e ao mesmo tempo tão intenso e glorioso que tudo em mim queimava de forma prazerosa.

Apertei mais as pernas ao seu redor, fazendo-o entrar mais fundo, e me movimentava junto ao seu corpo. Minhas unhas apertavam suas costas, mas ele não reclamou por eu o estar machucando, então não me incomodei, pois me senti feliz ao ouvir seu gemido. Cada estocada de seu pau incrível me levava mais para a borda do prazer.

— Isy, você é tão magnífica, tão bela! — exclamou com veneração contra os meus lábios.

Corei, mas me sentia realizada nos braços daquele homem, que tinha sua parte doce, carinhosa, mas também sombria, quebrada. Eu esperava ser sua cura um dia.

— Michael! — gritei, explodindo como os fogos em 4 de julho.

— Isso! Chama o único homem que vai tocá-la por toda sua vida! Ainda mais neste momento de êxtase!

Acelerou mais seus movimentos e gozou dentro de mim, grunhindo e me abraçando.

— Sim, senhor... Este momento é mágico, tanto que parece um sonho... — murmurei quando ele tirou seu peso de sobre o meu corpo. — E, se for, eu não quero acordar tão cedo, aliás, nunca.

Ele me deu um selinho.

— Não é um sonho, é realidade, e podemos fazer isso o quanto você quiser.

Sorri e depositei um beijo em seu coração.

— Vou adorar ter momentos assim para sempre. — Eu estava deitada em seu peito.

— Vamos ter, mas não hoje, afinal está dolorida, mas podemos brincar. Vamos para a carroceria da caminhonete. — Ele se sentou, puxando a cueca boxer para cima.

Ajeitei meu biquíni, e foi quando me dei conta de uma coisa.

— Não usamos camisinha. — Olhei preocupada para ele. — E se eu ficar grávida?

— Cuidaremos da criança juntos. A não ser que não queira ter filhos — seu tom tinha uma nuance que não entendi.

— Michael, eu quero ter filhos, mas um dia, não agora. Afinal, eu tenho só 18 anos. — Sua expressão desmoronou com minhas palavras. — O que foi?

— Nada — falou e pulou na água, nadando em direção à margem do lago.

Eu não conseguia entender o motivo de ele ter se comportado daquela forma após eu ter mencionado que não queria ter filhos tão cedo. Meu coração doeu por ver a dor nos olhos dele, mas como eu poderia pensar em filhos quando o conhecia havia tão pouco tempo? Filhos vêm com estabilidade, casamento e outras coisas. Nenhum de nós dois estávamos prontos para isso.

Pulei na água e fui até Michael, que estava de costas para mim. Em seu dorso tinha a tatuagem de uma fênix em cujo meio estava escrito “MC Fênix”.

— Linda! — Alisei sua bela tatuagem colorida. — Por que ela?

— Curt, o presidente do MC, em Nova Iorque, que fundou o MC Fênix, tanto o nosso quanto o dele, sempre diz que um dia vamos renascer após morrermos. É claro que não acredito nisso, mas todos no clube, os homens, pelo menos, possuem essa tatuagem em algum lugar do torso. É nossa marca. — Ele se virou; seus olhos estavam inalcançáveis.

— O que foi, Michael? Não diga que não é nada — falei assim que ele abriu a boca para dizer algo, certamente para fugir da pergunta. — Posso ver que tem algo te atormentando.

Ele olhou para o céu azul e depois para mim.

— Eu acho que você logo me deixará se nós não nos casarmos e tivermos filhos.

— Você queria me engravidar para eu não o deixar?! — meu tom saiu alto.

— Eu sei que soa egoísta, mas é isso. Já esperei quase dois meses por você, não posso perdê-la agora. Ainda mais depois de tê-la em meus braços.

Coloquei minhas mãos em sua cintura.

— Lembra de nossa promessa de não ficarmos com ninguém enquanto vivermos? Eu não vou a lugar algum. Nada, nem ninguém vai me afastar de você neste mundo. Não preciso de filhos para estar com você.

Ele me avaliou por alguns segundos e beijou minha testa, parecendo gostar do que viu em meus olhos.

— Obrigado, linda! Agora vamos aproveitar o nosso dia. E, quando transarmos da próxima vez, eu vou usar camisinha — seu tom enfim tinha mais vida. Amei que ele tivesse acreditado em mim.

— Como não ficamos com ninguém e nem iremos, então usarei anticoncepcional para me prevenir. No futuro, podemos ter filhos, um garoto parecido com você.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu quero uma menina como você, e vamos chamá-la de Bella. — Beijou a ponta do meu nariz.

— Bella. Gostei desse nome.

Depois disso, a nossa tarde foi maravilhosa. Nadamos, fizemos sexo oral, já que eu estava dolorida, comemos e, quando o entardecer chegou, fomos embora, mas logo voltaríamos àquele lago, que eu guardaria para sempre na memória.

♥ ♥ ♥

Cheguei ao clube nervosa e com medo dos outros caras não gostarem de mim. Michael estava tão nervoso quanto eu, porém, seu medo era de eu não gostar de algo e sair correndo. Isso não aconteceria.

O clube ficava em um casarão, e havia várias motos e carros na frente. A festa lá dentro estava rolando à solta. Assim que entramos, deparei-me com muitas pessoas, mulheres quase nuas, algumas com a boca nos homens, outras sobre uma mesa grande de sinuca com caras as fodendo. Sexo explícito ali era liberado.

— Quer participar? — indagou Berry se aproximando de mim e Michael.

Corei.

— Oh, isso não é minha praia, ficar assim na frente das pessoas. — Pigarreei. — Mas pode ir.

Ele riu do meu tom nervoso.

— Fiquem à vontade e aproveitem — disse e se afastou, pegando uma loira.

— Ele é um cara legal — falei ao Michael. — Olhando para essas mulheres, estou muito sem graça. — Estava com um vestido prata rodado e apertado nos seios, fazendo-os ficar maiores.

— Você está linda, e não importa a roupa que use. É bom não usar esses pedaços de pano, pois me livra de matar alguém por olhar para você. — Beijou minha testa.

— Sempre achei que, no dia em que ficasse com alguém, Kill, seria alguém melhor — comentou a morena que estava no mercado quando eu conheci Oliver. Acho que seu nome era Lisa, pelo menos foi assim que eu ouvi Shadow a chamar. Ela vestia um top e uma saia curtíssima. Seu olhar para minha vestimenta era de asco. — Não uma freira de convento.

Michael estava prestes a dizer algo, mas fui mais rápida, porque suas palavras me encheram de raiva:

— E quem seria melhor para ele? Você? Acha que, por usar essas roupas curtas, teria alguma chance com ele? Michael não gosta de garotas oferecidas como você, que não respeitam nem a namorada dele ao seu lado. Acha que usar seu corpo para ter homens é tudo? Pois não é. Você é só usada para um intuito, sexo, mas isso não é tudo. Algum deles já disse que a amava? Que queria se casar com você? Ter filhos? — Respirei fundo e continuei: — Não, e sabe por quê? Você é uma descarada, uma vadia que não respeita ninguém, nem um homem comprometido.

— Sua puta! — A mulher ficou tão furiosa que tentou me dar um tapa na cara, mas me defendi e a empurrei, fazendo-a quase cair de sobre seus saltos altíssimos.

— Eu não sou puta, mas, se fosse, não seria da sua maldita conta.

Notei que todos tinham parado o que estavam fazendo para nos observar. Corei e fiquei preocupada, pensando que seria expulsa por brigar com alguém do clube, mas o que eu deveria ter feito? Deixá-la me maltratar? Nunca!

— Lisa, está na hora de ir — ordenou Berry. — Eu disse que não queria confusão hoje, então vá para a boate e fique por lá.

— Mas...

— Agora! — seu tom foi duro.

Quase me senti mal pela mulher assim que a vi saindo de cabeça baixa.

— Desculpe por isso — disse ele, mas estava sorrindo, o que me fez sentir aliviada. — Ela tem peito, Kill. Vai saber lidar com essa vida.

Sorri.

— Obrigada. Eu não queria bater boca aqui, mas simplesmente não consegui deixá-la dizer aquelas coisas. Vovó diz que tenho o pavio curto, apesar de ser baixinha.

— Tudo bem. Agora aproveite a festa. — Ele voltou para a mulher com quem estava antes.

Olhei para Michael ao meu lado, que estava sorrindo.

— O que foi?

— Eu estava pensando que teria que protegê-la, mas nem precisei. Você mandou muito bem com as palavras e a defesa — seu tom era orgulhoso.

— Você é meu, se esqueceu? Acha que vou deixar uma desclassificada tomar isso? — Fiquei na ponta dos pés e o beijei.

— Ninguém neste mundo se iguala a você...

— Sobre a defesa, Draw me ensinou após eu tentar quebrar a cara de um safado quando tinha 15 anos, pois ele havia feito uma aposta para tirar a virgindade de Mary. Quebrei um dedo, mas valeu a pena, porque o nariz dele ficou inchado por semanas, fora a surra que Draw deu nele.

— Eu vou agradecer a ele depois por ensiná-la a se defender. Neste meu mundo, é necessário ter pulso firme para não deixar ninguém pisar em nós, embora eu não deixaria isso acontecer com você.

— Querido, eu escolhi essa vida e vou vivê-la ao seu lado, então não se preocupe.

Michael me levantou do chão e me beijou. Eu parecia ser tão pequena em comparação a ele. Todavia, adorava estar em seus braços, tanto que tudo à minha volta desaparecia, restando somente nós dois. Nos braços dele, eu seria forte, para sempre estar ao seu lado.



Capítulo 8

Escolha difícil

Passado

Três anos e dois meses depois

ISABELLE

Os próximos três anos foram uns dos mais lindos da minha vida. Após quatro meses de namoro, fui morar com Michael em sua casa. Vovó não reclamou por eu não estar casada. Contei a ela que ele desejava casar comigo, mas queria achar a sua irmã primeiro. Michael queria que pelo menos ela estivesse em seu casamento, já que seus pais estavam mortos. Aceitei isso.

Michael viajava direto, rastreando possíveis pistas sobre Evelyn. Qualquer menção ao nome dela, e ele ia atrás checar os fatos. Contudo, sempre chegava de mãos vazias.

Eu sempre o apoiava, mesmo ele ficando longe de mim por semanas. Entretanto, o que estava me incomodando era sua insistência em termos filhos e seu vício em bebida, mesmo tendo dito que iria parar. A cada dia em que chegava sem informações de sua irmã, ele bebia mais, até ficar caído no chão. Insistia para termos filhos, mas eu lhe dizia que não queria ainda, porque tinha intenção de fazer faculdade, e uma gravidez interromperia meus estudos.

Foi por causa disso nossa primeira briga depois de anos. Provavelmente se uniu, ao desejo

de ter filhos, a sua frustração por não achar Evelyn.

— Eu faço tudo por você, então por que não pode fazer nada por mim? Antes não tivesse conhecido você! — gritou.

Encolhi-me, porque foi como se ele tivesse me batido na cara. Eu sabia que ele estava sofrendo por não conseguir notícias sobre sua irmã, mas eu não tinha nada a ver com aquilo. Sua obstinação em buscar o assassino de seus pais e matá-lo e encontrar Evelyn o estava deixando cego. Se continuasse assim, nosso relacionamento acabaria antes de construirmos uma família. Por Michael, eu era capaz de desistir de meus sonhos só para lhe dar o que ele tanto queria. Então decidi parar o anticoncepcional.

No dia da briga, ele saiu e demorou 15 dias para voltar para casa. Eu sabia que ele estava sofrendo. Confiava nele com relação a mulheres, porque sabia que Michael jamais me trairia independentemente do quanto sofrêssemos longe um do outro. Ele não era esse tipo de homem, mas estava bebendo muito mais do que quando eu o conhecera, e a bebida era algo que podia distorcer as pessoas.

Eu sabia que tinha de fazer alguma coisa, ou a escuridão o venceria, e eu não teria como alcançá-lo nem mesmo com todo o amor que sentia por ele.

No ombro de Mary era onde eu chorava por tudo que estava acontecendo comigo. Ela estava firme e feliz com Hush, o que me contentava. Embora eu amasse Michael, não estava feliz, porque sua dor e frieza estavam me fazendo passar mal.

Estava enjoada havia já alguns dias, e os MCs me ajudaram muito, mas pedi que não contassem ao Michael, já que podia ser uma virose, então eles não disseram. Como o mal-estar não passou, Mary me levou ao médico na marra.

— O que eu tenho, doutor? Alguma úlcera que afeta meu estômago? — perguntei a ele depois de ter feito os exames.

O médico de meia idade sorriu.

— Meus parabéns! Você está grávida de seis semanas.

Arregalei os olhos.

— Mas como, se só parei de tomar os comprimidos agora?

— Às vezes, as mulheres esquecem de tomar o anticoncepcional. Talvez tenha acontecido isso.

Assenti, ainda abobada com tudo que ouvi. O tanto que Michael sonhava com um filho, e tinha acontecido sem nenhum de nós premeditar, pelo menos eu. Estava louca para lhe contar assim que ele voltasse de onde estava.

Hush disse que Michael estava com um cara chamado Daemon, um novo integrante do MC que era um bom rastreador. Eu esperava que ele encontrasse Evelyn, ou Michael acabaria ainda mais no fundo do poço. Talvez aquela criança, o nosso filho, conseguisse resgatar o pai, já que eu não estava conseguindo fazer isso.

— Grávida! — gritou Mary, que tinha me acompanhado à consulta, assim que o médico revelou.

Alisei a barriga depois de fazer um ultrassom, através do qual ouvi o coraçãozinho do meu bebê batendo, *tum, tum*... Aquilo me fez sentir culpada por não querer filhos antes, pois ouvir aquele som me encheu de júbilo e de um prazer imenso. Eu já o amava tanto.

— Seu papai vai ficar tão feliz em saber que você está aqui dentro de mim. — Senti as lágrimas descerem pelo meu rosto.

— Não vejo a hora de contar ao Hush...

Eu a cortei:

— Não vai. Não quero que Michael saiba até ele voltar. Preciso dizer pessoalmente.

Sabia que ela faria o que eu pedi. Eu precisava conversar com calma com meu homem e colocar um basta no que estava acontecendo conosco. Michael precisava tomar uma decisão. Ele tinha de parar de sair como doido à procura de sua irmã. Eu não era contra isso, mas não podia ficar sozinha sem saber como ele estava indo, se estava bem, ainda mais grávida. Só ficava sabendo como ele estava pelos outros, porque ele não ligava para mim.

Durante aqueles anos em que fiquei com ele, deixei de ser garçonete e passei a trabalhar no escritório da boate. Michael queria bater em todos que olhassem para mim, então Berry sugeriu que eu ficasse no escritório. Foi quando eu soube que a boate era dos MCs.

Fui ao escritório da boate, já que eu não tinha nada para fazer. Aquela casa se tornara solitária após Michael viver tanto tempo longe. Então, para eu não ficar chorando dia e noite, costumava ir trabalhar para passar o tempo, mesmo fora de expediente.

— Isso não pode acontecer — falou uma voz que não reconheci dentro do escritório.

— Sim, não pode. Se Ramires descobrir que Kill é o garoto que o deixou cego com aquela adaga, vai matá-lo. — Berry suspirou. — Não posso deixar isso acontecer. Preciso protegê-lo.

— Como pretende fazer isso? Ramires descobriu sobre Isabelle...

Abri a porta e entrei, vendo um cara moreno, alto, musculoso e cheio de tatuagens, pelo menos na pele exposta. Berry estava de pé à sua frente.

— O que tem eu? E que perigo Michael está correndo? — perguntei a Berry e fitei o cara que eu não conhecia. — Onde ele está?

O desconhecido suspirou.

— Está rastreando uma pista falsa que dei a ele.

Franzi a testa.

— Por que você fez isso, quando ele está caindo cada vez mais no fundo do poço a cada

beco sem saída que encontra? — Tive vontade de esmurrar sua cara. — Como pôde fazer isso? Ele não é seu amigo? E quem é você?

— Não importa quem eu seja — disse o cara com tatuagem de escorpião no braço. — Estou fazendo isso para o bem dele. É melhor desiludido a morto, não acha?

— Isabelle — começou Berry —, não podemos deixar Kill saber quem é o assassino de seus pais e que ele está vindo para Chicago.

— Você sabe quem matou os pais dele? — questionei aturdida. — Por que não disse a ele, então?

— Foi Ramires. O pai de Michael trabalhava para o cartel mexicano, mas se apaixonou pela mãe de seu filho e fugiu do México para vir morar aqui. Quando se entra em um cartel, só sai morto, assim como na máfia. Anos mais tarde, Ramires descobriu onde eles estavam morando e os matou, mas Michael revidou, acabando com alguns de seus homens e furando o olho de Ramires.

— Eu não entendo. Então ele sabe onde Michael está e vai vir para se vingar? Esse Ramires tem que ser morto. Por que não faz isso?

Berry suspirou.

— Não é tão simples assim. O cartel tem vários aliados em todos os lugares, e não seríamos páreos para eles, mas isso não faria diferença para Kill. Assim que ele souber que Ramires está por trás de tudo, vai procurá-lo e ser morto em sua tentativa de acabar com ele. — Berry tomou um gole de bebida. — Mas o pior, eles tiraram fotos suas. Ramires sabe que você está namorando o cara que o cegou.

— Como? Então ele sabe sobre Michael? — minha voz saiu alarmada.

— Não sei como ele descobriu sobre você estar namorando o cara que o cegou, e meu informante descobriu que ele mandou gente vir atrás de você aqui. Se você estiver com Michael,

Ramires vai matá-lo. — Berry deu um suspiro triste. — Por isso você precisa deixá-lo.

Ofeguei de pavor, porque não havia nada pior do que aquilo que eu acabava de ouvir.

— O quê? Eu não posso. Ele jamais deixaria isso acontecer... — a dor era evidente na minha voz, aliás, minha alma estava tremendo, porque eu sabia que ele tinha razão. Se aqueles caras viessem atrás de mim, acabariam com Michael, e o pior, se ele soubesse quem tinha assassinado seus pais, tentaria matá-lo e acabaria morto.

— Lamento, mas, se tivesse outra forma, eu jamais deixaria você longe dele. Será por alguns meses ou anos, só até eu conseguir aliados para acabarmos com Ramires e descobrir onde está a irmã de Kill. Porque, com certeza, Ramires sabe onde ela está.

— Ela está com esse Ramires?

— Não sabemos ainda, só desconfio. Mas não quero que isso vaze. Estou me infiltrando entre eles para descobrir, e, se você ficar com Michael, não poderei protegê-lo e nem a você. — Ele passou as mãos nos cabelos. Notei que Berry fazia isso sempre quando estava nervoso.

— Olha isso. — O cara me entregou um envelope. Eu o abri e ofeguei, porque aquilo acabou comigo.

— Não, não! — Sacudi a cabeça, vendo Michael deitado em uma cama com duas mulheres ao seu lado, como se tivessem transado com ele, e certamente o fizeram. Eu nunca tinha pensado que ele fosse capaz de fazer algo assim comigo, mesmo depois de nossas brigas e distanciamento.

— Ele não ficou com ninguém, eu estava todo o tempo com Kill — disse o cara moreno e de olhos negros. — Aquele cara, mesmo bêbado, não deixa ninguém chegar perto dele, muito menos mulher. Foi preciso muita bebida para eu conseguir tirar essas fotos dele com essas mulheres.

Olhei para ele, confusa e me sentindo aliviada por saber que Michael não descumprira

nossa promessa de sermos somente um do outro até a morte.

— Eu não entendo. Então por que tiraram as fotos? Por que armaram para ele? — indaguei, tendo a certeza de que não gostaria do que ele ia dizer. Algo me dizia que não seria nada bom.

Berry suspirou.

— Porque ele não vai deixá-la ir embora, conheço Kill. Então você mostra essas fotos e diz que não confia mais nele e termina o relacionamento. Depois vai embora para outra cidade. Tenho uma casa em Dallas, você pode ir para lá e ficar até eu resolver tudo aqui. Depois que não tiver mais perigo para nenhum de nós, você volta.

— Você precisa decidir o que tem mais importância: viver com ele por algum tempo, mas perdê-lo para a morte, ou viver longe dele por um tempo, mas depois ficar com ele para sempre — disse o cara cujo nome eu ainda não sabia – e não me importava.

Peguei as fotos e minha bolsa e saí da boate meio zonza, porque tudo em mim estava dormente, exceto pela dor em meu peito e em minha alma, pois eu não sabia o que fazer.

Como eu podia ficar com Michael se poderia levá-lo à morte? Sua irmã estaria mesmo com Ramires? Eu podia confiar em Berry para resolver tudo caso partisse para outra cidade? Ele nunca tinha feito nada de errado e amava seus garotos MCs. Por que não haveria de confiar nele? Eu colocaria Michael em risco só para ficar ao seu lado por mais um tempo? Seria egoísta a esse ponto? Não, não podia fazer isso. Não seria capaz de ficar ali sabendo que tinham pessoas à minha procura e à dele para matá-lo. O que fazer?

Liguei para Mary e para vovó, pois precisava da opinião delas. Não podia enfrentar tudo sozinha, sabia que as duas ficariam ao meu lado independentemente do que eu escolhesse, pois, fosse qual fosse minha decisão, todos sofreríamos no processo, eu, Michael, vovó e meus amigos.

Contei tudo a elas sobre o que eu descobri e a escolha que me foi dada, uma que me traria anos de sofrimento, dor e solidão e outra que acabaria para sempre comigo. Se eu fosse embora, a única alegria que haveria na minha vida seria meu bebê em meu ventre. Porém, e quanto ao Michael? Ele não teria nada, só uma vingança contra alguém que ele não podia matar, não tão cedo.

Eu precisava acreditar que Berry conseguiria aliados e que acabaria matando Ramires e quem havia levado a irmã do Michael, caso não fosse ele. Só assim eu poderia voltar para meu motoqueiro.

— Isy, nós vamos dar um jeito nisso, não precisa deixá-lo — falou Mary.

Nós estávamos na casa da vovó. Eu ia chamar Draw e Oliver, mas já tinha gente demais sabendo da minha verdadeira razão para estar indo embora, e não a que eu diria ao Michael para dar fim ao nosso relacionamento. Só de pensar nisso, eu já me sentia morta.

Por que a vida era cruel assim comigo? Nunca havia feito nada de errado, não que eu soubesse, para ser castigada ao viver longe do homem que eu amava mais do que tudo na vida.

Quando eu disse o nome Berry, vovó estreitou os olhos, mas não falou nada sobre isso, e eu não estava com cabeça para perguntar nada naquela hora.

— Esse Berry disse que era por quanto tempo mesmo? — inquiriu vovó.

— Ele não sabe ao certo, mas está fazendo aliados para conseguir resolver esse problema e Michael poder ficar seguro. Pelo que eu soube, Ramires quer vingança por ter ficado cego de um olho, assim como Michael quer por esse homem ter matado sua família — minha voz era só um sussurro no fim.

— Vingança não leva a nada, só faz sofrer quem quer aplicá-la e quem está junto também. O menino Michael devia saber disso.

— Berry acha que, se eu partir, Michael irá parar de procurar quem matou seus pais,

porque ele pensaria que era por causa disso que me perdeu... pelo menos, ele vai achar isso, não saberá a verdadeira razão até que tudo se resolva — minha voz tremeu ante as últimas palavras, porque só em pensar que não veria mais o seu rosto, sentiria seu cheiro, seu toque me deixava aflita ante meu amargo destino.

— Você acredita mesmo nisso? Acha que ir embora é a solução? — Mary franziu o rosto para não chorar.

— Não faria o mesmo por Hush se estivesse no meu lugar? — murmurei encolhida.

Ela estremeceu, provavelmente ao pensar em si mesma longe do seu namorado, podíamos dizer marido, já que estavam morando juntos. Ela estava esperando se casar num casamento conjunto assim que Michael recuperasse sua irmã. Entretanto, pelo visto, isso não aconteceria, não por hora. Só o que eu podia fazer era orar a Deus para que não demorasse muito.

— Tem razão, eu faria — sussurrou e me abraçou. — Para onde vai?

Limpei minhas lágrimas, tentando não desmoronar antes da hora.

— Não posso dizer. Vai ser melhor, assim vocês duas não saberão de nada, porque, se souberem, vão querer me visitar, e Michael pode descobrir onde estou, e, assim, os bandidos também. — Isso não podia acontecer, já que eu faria o sacrifício para deixá-lo seguro, bem como os seus amigos do clube e minha família.

— Então você está decidida — não era uma pergunta. Mary sabia que eu não tinha escolha. — Mas, Isy, você está grávida agora. Vai ser difícil lidar com tudo lá fora sendo uma mãe solteira.

— Vou deixar para lidar com isso quando chegar a hora, afinal de contas, não penso em nada, só em como vou dizer ao Michael. — Expirei. — Não contem a ninguém que estou grávida. Eu sei que é ruim esconder coisas de seu namorado, mas preciso que faça isso por mim. Tudo bem? Ele não pode saber de nada.

Depois de muito choro, fui embora. Mary disse que, conforme Hush falou, Michael chegaria naquele dia. Todos sabiam quando meu namorado iria chegar, menos eu, que era sua mulher, pois ele não ligava para mim. Todavia, isso era o de menos. O que importava então era sua segurança; por ela, eu seria capaz de renunciar à minha felicidade. Entretanto, não deixava de doer quando era ignorada por ele como se eu não tivesse mais importância. Ou talvez tivesse; ele só não estava sabendo lidar com tudo na sua vida, como ele mesmo me disse uma vez: não saber nada de sua irmã era como viver em um pesadelo. Eu acreditava que era nisso que ele estava vivendo. Tinha medo de que, com minha partida, ele acabasse se afundando mais. No entanto, Berry disse que tomaria conta dele, então eu precisava confiar nisso para não enlouquecer.

Arrumei minhas coisas, guardei nossas fotos e alguns vídeos nossos, porque precisava deles para vê-lo nem que fosse em imagens. Essas lembranças e recordações eram as que eu mostraria para minha filha ou filho quando nascesse, se, até então, nada tivesse sido resolvido ainda. Não sabia qual o gênero de meu bebê, mas acreditava que faria o meu melhor para educá-lo até chegar o dia em que eu poderia o apresentar ao seu pai.

Coloquei minha mala no meu carro e esperei Michael chegar. Já passava da meia-noite quando ele chegou a nossa casa. Eu estava sentada na sala, no escuro. Ele até tomou um susto quando ligou a luz e me viu ali.

— Isy? O que faz acordada a essa hora? — Ele suspirou parecendo cansado.

— Precisamos conversar.

— Não pode esperar até amanhã? Estou exausto — falou, deixando a chave da moto na mesinha.

— Não pode. Tem que ser agora.

Ele franziu a testa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu. O que significa isso? — Joguei-lhe o envelope com as fotos dele com as mulheres. Ele o pegou com habilidade.

Esse era o meu trunfo para conseguir a separação. Embora estivesse feliz por ele não ter tocado em ninguém, não significava que não o faria assim que eu fosse embora dali. Nossa promessa não significaria nada, com o tanto de dor que ele sentiria.

Michael abriu o envelope e arregalou os olhos para as fotos e, em seguida, para mim.

— Isy, eu não fiz isso... — começou, mas eu o cortei, levantando-me do sofá e ficando de frente para ele, não me deixando vacilar um segundo:

— Chega, Michael! Eu aguentei todos esses anos o nosso relacionamento se distanciando, você dormindo fora e chegando em casa bêbado! Eu sei que sofre pela sua perda e por não saber nada de sua irmã, mas você está se afundando a cada dia, e eu não tenho poder de fazer nada para não o deixar cair nesse abismo!

— Isy... — seu tom era torturado.

Respirei fundo, porque precisava ser forte naquele momento, ou acabaria chorando na sua frente e desmoronando, tornando tudo pior para ele.

— Eu percebi que não é para vivermos juntos. Não posso continuar assim... Você está cego por vingança...

Ele chegou mais perto de mim, mas me afastei. Não podia sentir seu toque, ou não conseguiria deixá-lo e ir embora dali.

— Eu posso mudar! Não me deixe, por favor! Prometo que não vou mais atrás de vingança, eu só quero você mais do que quero qualquer outra coisa! — suplicou.

— Eu não posso. Não depois disso. — Apontei para as fotos, que estavam no chão desde que ele as tinha deixado cair. — Você nem se lembra do que fez, não é?

Ele arfou como se estivesse tomado de dor.

— Por favor, Isy, me perdoa! — Ajoelhou-se à minha frente e abraçou minha cintura. Senti suas lágrimas no meu vestido. — Eu não posso viver sem você!

Respirei fundo, fechando os olhos por alguns segundos, tentando buscar forças de onde não tinha, porque, por mais que eu quisesse ficar com ele, não podia, não depois do que descobrira.

— Lamento, Michael, mas não posso. Sinto muito que esteja sofrendo, mas isso logo passará. — Tirei suas mãos de cima de mim, porque, se sentisse seu abraço um segundo a mais, não teria forças para partir. *Como duas pessoas que se amam tanto não podem ficar juntas?,* pensei com a alma e o coração dilacerados. — Adeus.

Saí correndo da casa, deixando-o de joelhos no meio da sala, quebrado, assim como eu também estava e ficaria para sempre.

— Isy! — seu grito atormentado e torturante foi a última coisa que ouvi ao arrancar com o carro para longe da minha vida, da minha alma.



Capítulo 9

Sequestro

Presente

Quatro anos e meio depois

ISABELLE

Eu nem podia acreditar que fazia quase cinco anos que tinha vindo morar em Dallas para a proteção de Michael. Ali tive de trabalhar para ocupar minha mente e por dinheiro, já que não aceitei nada de Barry.

No começo, foi difícil a situação. Tive que tirar forças para não entrar em depressão. A única coisa que me manteve sã foi o nascimento de minha filha, a bela garotinha doce que a cada dia se parecia mais com Michael.

Levantei-me cedo para preparar o lanche para Bella levar para a escola e eu ir trabalhar na lanchonete do Ben, o meu chefe, um cara legal que era doido para se casar comigo, mas eu não sentia o mesmo. Meu corpo, alma e coração só pertenciam a um homem e pertenceriam enquanto eu vivesse neste mundo.

Já fazia meses que eu não ouvia nada de Berry e o que ele estava fazendo para conseguir achar a irmã de Michael e acabar com o cartel de Ramires. Só assim eu poderia voltar para Michael, isso se ele ainda me quisesse e me perdoasse por eu tê-lo deixado havia alguns anos.

Eu queria ligar para Mary e procurar saber o que estava havendo em Chicago, mas tinha medo da resposta, tipo: *Michael te superou e está feliz com outra mulher*. Contudo, o que eu poderia fazer? Eu tinha ido embora, e, por causa disso, ele continuava vivo e continuaria até pegarmos todos os envolvidos no assassinato dos seus pais e no sequestro de sua irmã.

Eu ligava de vez em quando para a vovó, mas não tocávamos no assunto de Michael, embora Berry, quando aparecia ali, dizia que Michael bebia muito e ficava direto na boate que tinha comprado. O que eu podia esperar daquela notícia? Certamente que ele fodia todas as dançarinas de lá.

— Bella, anda logo, ou vamos nos atrasar! — gritei para ela na escada.

Eu estava colocando um sanduíche em sua lancheira e torradas na mesa para ela assim que minha lindinha entrou na sala. Ela se parecia com Michael e comigo, cabelos negros e volumosos e um par de olhos verdes iguais aos meus. Ela sorriu para mim ao rodopiar com seu vestidinho rosa, que eu lhe havia comprado no dia anterior.

— Como estou, mamãe? — indagou ela vindo até mim com o coração de pelúcia nas mãos, o que eu ganhei quando fui ao cinema com Michael. Ele estava novinho, e eu o dei a ela logo que começou a falar e perguntar do seu pai, então eu menti dizendo que foi ele que lhe deu, mas que minha garota não se lembrava disso. Assim, minha princesa dormia toda noite com ele e o levava aonde fosse.

Eu me sentia mal por dizer isso a ela, mas não queria deixar Michael apagado completamente de sua vida. Queria que ela se sentisse amada por ele, por isso disse que seu pai trabalhava viajando e não vinha muito para casa. Bella entendia, mas, quando ficasse mais velha, perceberia que tinha algo de errado, por isso eu precisava resolver toda essa história antes disso.

— Minha princesa está linda como sempre. Mas que tal agora comer para irmos embora? — Apontei para a cadeira vazia e coloquei leite à sua frente. — Senta, porque, se não, vamos nos atrasar, eu para o serviço, você para a escola.

Ela ficava em tempo integral em uma escola perto do meu serviço, tudo graças ao Ben. Eu devia muito a ele, mas gostava dele como amigo e não algo mais, como ele queria.

— Mamãe, eu posso dormir na casa da Brenda? Ela vai fazer aniversário — pediu ela enquanto tomava seu café da manhã.

Suspirei, porque isso era algo que eu não gostava nem de pensar. Quando tinha 18 anos, dormi na casa de Mary, minha amiga, e seu padrasto tentou abusar dela, e provavelmente ele teria feito aquilo comigo também se nós duas e Michael junto a Hush não tivéssemos nos livrado daquele miserável.

— Dormir, você sabe que não deixo, mas levo você e busco depois, OK? — Isso era o melhor que eu podia fazer. Tremia só de pensar em alguém tocando minha bebê. Por isso ela não saía das minhas vistas.

Ela assentiu. Algo bom em minha filha era que ela nunca reclamava de nada do que eu lhe dizia, sempre concordava com tudo. Era um amor de menina, meu anjinho lindo.

Deixei Bella na escolinha e fui trabalhar na lanchonete do Ben. Ela era pequena, parecida com a da vovó. Eu gostava de trabalhar ali porque me lembrava de casa.

Coloquei meu avental e fui servir as mesas com Mariana. Ela era uma loira linda que tinha uma paixão por Ben, mas o cara estava tão cego me perseguindo que não enxergava um palmo à frente do nariz. Esperava que um dia ele visse a mulher maravilhosa que ela era e que não fosse tarde demais, porque, de mim, não teria nada além de amizade. O meu coração estava trancado para o amor. Nele só tinha uma pessoa, ao qual eu renunciara para sua segurança, inclusive para a nossa felicidade. Todavia, eu tinha fé que logo estaria ao lado dele para sempre, não só eu, mas nossa filha também.

Quando eu vim morar em Dallas, na casa de Berry, não deixei ninguém de Chicago saber onde eu estava morando. O único que sabia era o próprio Berry e o cara com tatuagem de escorpião cujo nome eu não sabia, já que ele não quis me dizer.

— Bom dia, Isabelle — saudou Ben assim que me viu atendendo as mesas.

Antes de conseguir aquele trabalho, andei bastante procurando um, por isso fiquei muito feliz. O único problema era meu chefe; a sua insistência em me conquistar estava me dando nos nervos. Claro que ele nunca havia me desrespeitado, por isso eu não dizia nada, mas não podia retribuir seu amor. Entretanto, ele não queria me ouvir ou tinha esperança de que eu mudasse minha mente com o tempo, algo que não aconteceria.

— Bom dia — cumprimentei-o não parando de fazer meu serviço, mas o notei um tanto nervoso, olhando ao redor para as pessoas sentadas às suas mesas e depois para mim.

— Quero te pedir uma coisa e espero que aceite — continuou ele.

Eu não estava gostando do seu tom de voz. Algo me dizia que não apreciaria o que ele ia me dizer, ainda mais no meio dos clientes. Entretanto, me controlei, afinal de contas, ele não seria louco de fazer o que eu pensava que faria... *Oh, merda!*, pensei assim que ele se ajoelhou à minha frente com uma caixa azul de joia. Isso não podia ficar pior. Aquele homem era louco? Ele me fazia lembrar meu amigo Draw, tão sem noção quanto ele, embora, naquele tempo, éramos adolescentes, ao contrário de Ben, que já devia ter juízo, pois aparentava ter uns 28 anos.

Como Ben pode me pedir em casamento assim, quando nós nem estamos namorando? Ele tem algum problema, só pode ser, pensei.

Notei dor nos olhos de Mariana assim que presenciou a cena.

— Ben...

Ele me interrompeu eufórico, ou não querendo receber um não:

— Eu sei que é cedo, mas gostaria de saber se você quer se casar comigo...

— Eu odeio interromper a cena melosa de vocês — disse um homem entrando na lanchonete. Era tatuado e vestia jeans e camiseta preta. Com certeza frequentava alguma gangue, a julgar pela cicatriz de cruz na bochecha. Essa marca também estava no outro que o seguia. Os

dois eram sombrios e, pelo seu tom de voz, não eram amigos. Pareciam mortais.

O pessoal de Ramires me achou? Mas como, se Berry disse que estávamos protegidas em Dallas?, pensei. Contudo, eu não sabia dele havia semanas. Talvez tivesse acontecido algo com ele. Só podia ser isso.

Ben se colocou de pé e olhou para os caras à nossa frente.

— Quem diabos são vocês? — rosnou. — Ela vai ser minha mulher querendo vocês ou não!

Eu estava a ponto de lhe pedir para calar a boca e não se meter com aqueles caras, porque eu já havia visto homens assim, para os quais matar alguém não custava nada, era só puxar o gatilho, não se importando com testemunhas. Também lhe diria que não tinha a mais remota possibilidade de eu aceitar me casar com ele, e não era só por Mariana o amar. Eu sabia que o homem era um tremendo mulherengo, jamais o aceitaria mesmo se meu coração não tivesse dono. Michael era o único com quem me casaria.

O cara o fuzilou com os olhos, mas depois eles repousaram sobre mim. Eu sabia que boa coisa não vinha dali e, por instinto, que tinha a ver com Michael e comigo. *Será que Ramires descobriram quem Michael é? Por isso vieram atrás de mim? Ou só estão interessados em mim?* Esperava que não soubessem nada de Michael.

— Você vem comigo agora! — era uma ordem.

Gelei por dentro, porque, quem quer que fossem aqueles homens, eram maus e da pior espécie. O pior é que queriam que eu fosse com eles certamente para atrair Michael e, assim, Ramires poder matá-lo. Como eu faria para impedir que aquilo acontecesse? Porque eu morreria antes de deixá-los tocarem em meu amor.

— Ela não vai a lugar algum com vocês! — gritou Ben querendo bancar o valentão.

— Cara, é melhor ficar fora disso se não quiser ter problemas — disse o homem de barba e

olhou para fora da janela.

Segui seu olhar e ofeguei ao ver Bella no carro com um homem ao seu lado. Não pensei em nada, apenas saí correndo, passando por ele e indo em direção ao veículo. Não me importei com ninguém, nem com a possibilidade de levar um tiro, só me importei com minha filha ali e o que aqueles caras poderiam fazer com ela.

Abri a porta e a olhei de corpo inteiro, checando se estava ferida, mas, para meu alívio, ela estava bem.

— Mamãe, esses homens disseram que são amigos do meu papai e que, se eu fosse boazinha, eles me levariam até ele — falou ela sem imaginar que tipo de homens eles eram.

Olhei para o cara ao lado dela, que estava sério.

— O que vocês querem? — sondei pensando em como sairia daquela situação.

— É melhor entrar no carro. Não tenho tempo a perder aqui — disse o homem atrás de mim, um dos que tinham entrado na lanchonete.

Olhei para as pessoas que trabalhavam comigo, bem como para os clientes. Todos estavam de olhos arregalados, temendo que eu realmente fosse com eles. No entanto, mantive a calma para não deixar Bella preocupada e com medo.

— Isabelle, não vá com eles. Esses caras são da pesada — pediu Ben.

Suspirei.

— Preciso ir, mas não se preocupe. Eu vou ficar bem — falei e entrei no carro, fechando a porta antes que ele dissesse mais alguma coisa e aqueles homens o matassem. — E, quanto ao seu pedido, eu jamais poderia aceitá-lo, sinto muito.

Peguei Bella e a coloquei em meu colo, querendo protegê-la daqueles caras, assim como queria fazer com Michael, que corria um grande risco de ser morto naquele mesmo dia...

— Nós vamos ver meu papai, mamãe? — inquiriu ela apertando seu coraçãozinho de pelúcia e com seus olhos animados e grandes.

Eu sempre dizia que o pai dela viajava muito e por isso nunca estava em casa, mas que logo voltaria. Sabia que era mentira, mas não podia negar a ela a chance de um dia ter seu pai, porque eu também tinha esperança de tê-lo de novo na minha vida.

— Sim, você logo o verá, querida — afirmei tentando tranquilizá-la.

Saímos de Dallas em direção a Chicago, então com certeza eles tinham um plano. Eu tinha certeza de que nos usariam para capturar Michael e cumprir a vingança distorcida.

Depois de um trajeto de quase cinco horas, eu ficava mais nervosa quanto mais nos aproximávamos da cidade de Chicago. Faltavam nove horas ainda, mas parecia uma eternidade. Meu coração batia forte, temendo por Michael e minha filha.

— O que vai fazer conosco? É alguma moeda de troca com alguma coisa que os MCs têm? — questionei, querendo saber o que estava ocorrendo. Eu não queria que Michael fosse machucado ou que acontecesse algo com o clube.

— Garota esperta — respondeu o cara ao meu lado, olhando para Bella, que estava dormindo nos meus braços. — Ele pegou um dos nossos, e o queremos de volta. Então descobrimos que o desgraçado do Kill tem uma mulher e filha que viviam em Dallas e que podíamos usar isso ao nosso favor.

Meu coração estava aliviado, porque percebi que aqueles caras não eram pessoas do Ramires. Se fossem, iriam querer Michael e não um de seus homens, já que, pelo que Berry mencionara, Ramires queria Michael a qualquer custo e sabia sobre mim. Tinha algo ali que não estava batendo. Fiquei me perguntando: *como ele descobriu sobre mim, e não sobre Michael?*

— Por que simplesmente não atacar o clube ao invés de vir até mim? — indaguei tentando ficar calma. Queria entendê-los e aos seus motivos. Aquilo significava que Ramires não sabia

que Michael e Kill eram a mesma pessoa? Ou aqueles homens não eram capangas dele?

— Porque o MC tem aliados fortes, então o chefe sugeriu que pegássemos alguém para sugerir a troca. Aqueles caras fazem tudo pela família, e acredito que vão nos devolver o Rato em troca de vocês duas — falou o cara que dirigia.

— E se ele não devolver esse cara? O que vai acontecer conosco? — Eu não queria saber a resposta, tinha medo, mas precisava ouvir para arrumar um modo de proteger minha filha.

— Acho que não gostaria da resposta de antemão, não é? — disse o homem de cabelos castanhos sentado ao lado do que dirigia.

Eu me encolhi, mas estava contando que Michael viesse nos salvar, principalmente por minha filha. Ao mesmo tempo não queria isso, já que poderia causar sua morte. Talvez Berry viesse nos socorrer. Afinal de contas, eu havia ido embora porque ele prometera que manteria Michael seguro. *Espero que ele cumpra essa promessa, ou eu mesma acabarei com ele*, pensei com o coração cheio de temor.

Rodamos por horas e paramos em uma cidade vizinha a Chicago chamada de Schaumburg. Não reparei na paisagem, porque logo fomos levadas a um lugar deserto. Paramos em um galpão abandonado meio afastado da cidade, num local cheio de mato, como se não viessem pessoas ali havia dias, quiçá meses.

— Vem logo! — Um cara moreno que estava no galpão veio até nós e pegou meu braço, puxando-me para sair do carro e me arrastando para dentro do galpão sem a menor delicadeza.

— Não precisa puxar meu braço assim, eu vou — falei, encolhida com seu aperto de aço. — Está me machucando.

Seu olhar foi frio como uma geleira.

— Acha que eles foram amigáveis com o Rato? Que ele está lá sem nenhum arranhão? — rosnou, empurrando-me para uma cela com grades. — Principalmente o fodido do Kill. — Seu

olhar varreu meu corpo. — Ele merecia que nós devolvêssemos você e sua filha depois que passassem nas mãos de todos os homens daqui.

Apertei mais Bella nos meus braços no intuito de protegê-la daqueles monstros. Porém, estava tremendo de medo por dentro, porque aqueles homens eram da pior espécie de gente.

Oh, Senhor! Que nada aconteça conosco! Que Berry ou Michael cheguem aqui para nos proteger!, supliquei em pensamentos.

Eu sabia que o havia magoado no passado de forma imperdoável, tanto que acreditava que ele me odiasse, pois chegara a ficar com Lisa como vingança, talvez para me esquecer depois do que eu tinha feito com ele. Algo em que eu não queria pensar naquele instante, afinal de contas, eu era a culpada de tudo, por todo seu sofrimento.

Eu sabia que Michael e os outros não deviam ter pegado leve com aquele tal de Rato, isso sem contar que o homem podia estar morto naquela hora. Isso seria o meu fim e o de Bella, mas eu precisava acreditar que tudo daria certo e que logo nós duas sairíamos dali.

Fitei o cara à minha frente, alto, moreno e com olhar maligno. Ele me odiava mais do que os três que tinham estado no carro comigo e mal me conhecia. Acreditei que o tal de Rato fosse algum amigo ou familiar dele. Só podia ser, para reagir assim.

— Por favor, não! — supliquei assim que ele me escorou na parede tão forte que minhas costas doeram. E suas mãos foram parar entre minhas pernas, sobre o jeans que eu usava.

— Fica de joelhos — rosnou puxando meus cabelos e me fazendo ajoelhar à sua frente. Apertei Bella ainda mais, não querendo que ela acordasse e visse aquela cena.

— Por favor...

Ele me cortou tapando minha boca com brutalidade, ignorando minhas lágrimas. Eu soube o que aquele monstro queria assim que ele começou a abrir o zíper da calça.

— Você vai fazer o que eu mandar, sua puta de merda. Agora vamos ver o quão bem sabe

chupar um pau. — Aproximou-se mais de mim.

— Se afasta dela agora, Rali, ou eu acabo com você — ordenou um homem entrando na sala.

Ele era forte, tatuado e com tampão no olho. Parecia que era cego ou algo assim. Estremeci, já sabendo quem ele era. Ramires finalmente havia me encontrado, e eu estava morta.

Tinham mais uns cinco homens ao redor dele, que aparentava ter entre quarenta e cinquenta anos. Os homens ficaram do lado de fora, no corredor. Eu apostava que todos eram seus subordinados, porque logo Rali se afastou de mim, obediente.

— Kill e seus comparsas pegaram o Rato, então o desgraçado merece ver sua mulher chegar a ele toda rasgada e usada por todos nós. Porque com certeza meu irmão não está inteiro lá com eles — retrucou Rali com ódio evidente na voz.

Eu não precisava dizer a nenhum daqueles homens que eu não era mais mulher de Michael. Havia mais de quatro anos, eu não fazia mais parte da vida dele, sequer sabia algo sobre ele. Bem, sabia o que Berry me dizia quando eu perguntava, mas deixei de fazer isso desde que ele me falou que Michael ia para a boate todas as noites e bebia direto, além de sair com mulheres diferentes a cada noite.

Ramires suspirou.

— Vai dar uma volta e esfriar a cabeça, Rali. Temos que ser cautelosos aqui, pois Kill não é alguém com quem possamos brincar. Toca nessa mulher, e vamos ter uma guerra nesse momento.

Rali trincou os dentes.

— Você é o líder. Não devia ter medo, e Rato é seu primo...

Ele foi cortado quando Ramires se lançou sobre ele e imprensou uma faca em sua garganta, sibilando mortalmente para o seu primo:

— Eu sou a porra do seu chefe, e, se não está satisfeito com as minhas ordens, me diz, que mando você para o inferno, parente ou não. Você sabe que estamos para fechar um negócio grande e os federais estão na minha cola. Então me diz: se alguém tocar nessa mulher e Kill souber, sabe o que ele fará? Você com certeza viu o que ele e seu grupo fizeram ao desmanchar os negócios de Lorenzo, não é? — Ele se afastou ainda olhando para Rali. — Eu cheguei onde estou por pensar com a cabeça de cima e não com a de baixo. Elas estão aqui como moeda de troca, e você não vai tocá-las, ou Rato já era. Não vou fazer uma guerra porque você quer foder uma boceta.

Dei graças a Deus por Bella estar dormindo e ter um sono pesado, porque eu nunca tinha visto tantos palavrões juntos, só no MC. Também agradecia por aquele homem ter impedido o que Rali ia fazer comigo, mesmo que não fosse por bondade, mas porque seus objetivos eram outros.

Isso me fez perguntar a mim mesma: ele sabia sobre Kill, mas será que sabia que ele era o cara que o havia deixado cego? Berry disse que Ramires sabia que eu era mulher do cara o qual ele procurava por vingança, e enfim o homem havia me encontrado, mas por outra coisa? Não por vingança? Berry mentira para mim? Se sim, por quê? Esperava ter a chance de lhe perguntar. Se ele mentira, eu acabaria com ele.

— Agora some da minha frente, antes que eu perca o resto da minha cabeça e acabe te matando. — Ramires enxotou o primo com um gesto de mão. — Eu vou ligar para o Kill e fazer a negociação.

Rali saiu dali calado, mas antes me olhou de modo mortal. Eu sabia que ele estava louco para me matar.

Olhei para o homem de um olho só à minha frente, um inimigo que eu queria morto havia muito tempo. Por causa dele, eu tinha ficado todos aqueles anos longe de Michael.

— Obrigada — agradeci-lhe a contragosto, levantando-me e tentando não acordar minha

filha. Era melhor ela não ver nada do que estava acontecendo ali.

— Não fiz isso por ser bom, mas porque tenho negócios a tratar com seus amigos. Se não fosse pelo Rato estar preso, eu não daria a mínima com o que ele fizesse com você ou essa criança — replicou de modo frio.

Engoli em seco e tentei me controlar para não me incomodar com o que ele disse, afinal de contas, eu só tinha que agradecer, porque sabia que nem eu nem minha filha seríamos tocadas. Isso me tranquilizava. Não o bastante, porque isso só aconteceria completamente quando eu estivesse livre e longe daqueles homens cruéis, que não conheciam a palavra redenção.

— Seja qual for seu motivo, eu agradeço — falei mesmo assim.

Não importavam os motivos dele, o importante era que eu não precisara colocar a boca naquele fodido desgraçado. *Espero que Michael o mate,* pensei amargamente.

— Está curiosa?

Pisquei.

— O quê?

— Você fica observando o meu olho como se estivesse se perguntando o motivo desse tampão. — Ele meneou a cabeça de lado e apontou para a cama. — Pode se sentar na cama, ninguém aqui vai tocar em vocês duas. Só se Kill não trouxer o Rato.

Assenti e me sentei no catre fino e estreito da cela, porque minhas costas doíam por ter sido lançada contra a parede pelo Rali. Ainda bem que ele tinha sumido dali. Esperava não o ver nunca mais.

— Desculpe — falei, sentindo-me mal-educada por ficar encarando o homem.

Eu estava curiosa e preocupada que tudo aquilo fosse uma armadilha para pegar Michael, por isso precisava saber se Ramires o havia reconhecido ou se só sabia sobre ele, mas nunca o

tinha visto realmente. Quanto mais pensava nisso, sentia que Berry havia mentido para mim. Eu só não sabia o porquê.

— Isso aqui está destinado ao cara que me fez isso. — Ele pegou uma adaga no bolso da jaqueta e a levantou, mostrando-a a mim. — Ele era adolescente na época, mas agora deve ser adulto. Michael Smith é o seu nome, estou à procura dele desde então. O desgraçado me deixou quase um mês em um maldito hospital, quase me levando à morte.

Evitei arfar, porque reconheci aquela arma como um dos punhais do Michael. Tinha até sua inicial, M, no cabo. Ele me disse uma vez que o homem que matara seus pais tinha levado uma adagada em um olho e poderia ter ficado cego. Era uma pena que não acertara o cérebro e o matara de vez.

— Foi você que matou os Smiths há quase 12 anos — comentei sem pensar, apenas saiu, e temi que tivesse falado demais. E se ele pensasse em se vingar em mim, embora eu não tivesse nada a ver com aquilo? Isso só provava que o desgraçado do Berry havia me manipulado para eu deixar Michael como se fosse para protegê-lo. Ramires não sabia que Michael e Kill eram a mesma pessoa. Era tudo mentira. Eu não acreditava que tinha sofrido todos aqueles anos à toa. E o pior, havia feito Michael sofrer.

Ele estreitou os olhos.

— Como sabe sobre os Smiths? Que eu os matei? — seu tom não era nada amigável.

— Eu li num jornal há alguns anos que os Smiths tinham sido assassinados e queimados em sua casa, assim como seus filhos — respondi, não mencionando que os irmãos sobreviveram, mas provavelmente ele sabia, já que disse que a adaga estava preparada para Michael.

Michael e sua irmã escaparam, mas ninguém sabia dela. Berry me disse que estava atrás do paradeiro de Evelyn. Contudo, depois de descobrir que aquele desgraçado mentira para mim, imaginava que talvez ele tivesse mentido sobre isso também.

— Mortos? Quem dera se tivesse acontecido isso. Quando fui levado para o hospital, eu pensava que aquele fedelho que me cegou tinha morrido, mas, quando acordei dias depois, descobri que meus homens não o tinham matado, já que só pensaram em me salvar. Desgraçados incompetentes! Espero que estejam no inferno! — seu tom era amargo.

— Você matou os homens que salvaram sua vida? — as palavras saíram sem pensar, mas senti raiva por existirem homens cruéis assim no mundo.

— Eles deveriam ter matado aquele moleque. Quando eu colocar minhas mãos nele, vou lhe ensinar o quanto é bom ficar cego e vou rasgá-lo membro por membro.

Então ele realmente não sabia que Michael era Kill. Eu acreditava nisso, porque todos os chamavam com aquele apelido esquisito. Era melhor me fazer de desentendida e torcer para que ele não reconhecesse Michael assim que ele viesse nos resgatar. Esperava e rezava para aquilo não virar uma carnificina.



Capítulo 10

Ameaça

MICHAEL

Meu telefone tocou assim que entrei no clube. Franzi o cenho ao notar que era uma chamada de vídeo. Meu mundo desabou naquele momento, pior do que mais de quatro anos antes, quando Isabelle tinha ido embora e me deixado quebrado. Morto era a palavra certa para descrever como eu me sentia em todos aqueles anos.

Isy estava sentada em uma cama com uma menina nos braços, que parecia estar dormindo. Eu podia ver o seu rosto, e me chocou o fato de que ela se parecia conosco.

Tentei ver alguma coisa no cômodo em que elas estavam, que parecia ser uma cela ou algo assim. Fora isso, nada. Isy estava ainda mais linda do que ela sempre tinha sido.

Havia quatro anos e meio, Isy me disse que não queria ter filhos. Até discutimos na época, mas eu estava tão fodido da cabeça que não percebi que estava perdendo a única coisa que já me fizera feliz como nunca tinha sido em toda a minha vida. Não antes de ela aparecer e eu me apaixonar perdidamente por aquela baixinha. Um amor que nunca iria morrer, e eu nem queria que desaparecesse. Esse sentimento que sentia por ela era a única coisa que me mantinha são nesta Terra, a única luz no meio da minha escuridão. Mesmo longe, ela tinha esse poder na minha vida.

Naquele tempo, eu não conseguia esquecer o meu ódio e vingança contra quem matara

meus pais e tinha levado minha irmã. Pelo menos era isso que eu achava na época. No entanto, eram pessoas diferentes. Foi o maldito Lorenzo que levou Evy e a deixou presa naquele inferno que havíamos derrubado.

Quase seis anos antes, Berry disse que tinha conseguido pistas junto a Axel sobre o paradeiro de minha irmã, mas todas eram falsas, e cada vez mais eu era destruído, até que cheguei ao ponto de perder tudo o que tinha. Agora Isy estava ali, naquele vídeo, com aquela menininha que eu estava louco para saber quem era. Seria minha filha ou Isy tinha seguido em frente com sua vida? A dor atingiu forte meu peito ante a ideia.

— Acho que tenho algo seu, não é, Kill? E você, um dos meus homens — falou um cara aparecendo na tela do celular. — Eu não sei se você me conhece. Sou Ramires, e temos negócios a tratar, uma troca, para ser mais exato.

Eu o reconheci pelo tampão em seu olho direito, o mesmo que eu fiz antes de apagar quando ele matou meus pais. Tantos anos o procurando e então o encontrava daquela forma, querendo matá-lo, mas não podendo fazer isso porque ele estava com as mulheres da minha vida. Esperava que ele não quisesse usá-las como vingança contra mim por tê-lo deixado cego.

— Rato?

Alguns dias antes, nós havíamos pegado um cara chamado Rato, o mesmo que matara Berry. Não tinha sido por vingança a ele, já que não merecia, por ser um traidor de merda. Berry merecia morrer por minhas próprias mãos, ainda mais depois de ele ter se juntado ao maldito Lorenzo, que estava “morto-vivo” em uma cama de hospital. Era uma pena que ele não morria de uma vez.

— Sim. Ele é da família, e acredito que essas duas aqui também são suas, não é? — A câmera do celular focou em Isy, por certo para me mostrar que ele não estava brincando.

— Isy... — chamei, checando se ela estava me ouvindo ou só o patife do Ramires. — Vocês estão bem? Ninguém as tocou?

Eu devia ter furado os dois olhos dele na época, porque era isso o que merecia depois de as ter levado para onde quer que fosse aquele lugar em que estavam. Eu só esperava que ele não as tocasse, porque eu era capaz de matar toda a sua corja caso isso acontecesse.

Isy piscou e olhou para a câmera. Mordeu o lábio como se quisesse chorar ao ouvir minha voz. Eu havia sentido muitas saudades dela todos aqueles anos e, quando finalmente a via, era daquela forma.

— Estamos bem na medida do possível, Kill. Pode nos tirar daqui? — pediu ela suplicante e com a voz tremendo como se estivesse com medo, e com certeza estava. Quem não estaria? Ela olhou para a criança, ou melhor, minha filha, porque, dentro de mim, eu sabia que era minha.

Estranhei o fato de ela me chamar de Kill. Isy nunca me chamava assim, nem quando brigávamos no passado, quando eu estava fodido. Será que ela sabia que Ramires era o homem que tentara me matar e assassinara os meus pais? Talvez por isso ela não estava dizendo meu nome. Era melhor pensar nisso do que imaginar que ela não se importava comigo ao me chamar assim. Outras pessoas, eu nem me incomodava por me chamarem pelo apelido; com ela, era o oposto. Eu não queria ser “Kill” para ela.

Matar é fácil, o difícil é esquecer as mortes depois. Eu já matei mais do que me lembro, e nunca me arrependi disso, até conhecer Isy. Quando ela foi embora, tudo em mim se quebrou, de tal modo que eu não me incomodava com mais nada, sequer com as vidas que tinha tirado, quando, na verdade, não importava se tais vidas eram de assassinos ou não; afinal, vida é vida.

— Eu juro que vou tirar vocês daí. Prometo — jurei a ela, depois disse com a voz dura: — Ramires, não as toque, e dou o que você tanto quer. Rato ainda está vivo.

— Em que estado ele está? — sondou, depois respondeu a própria pergunta: — Acredito que mal. Sabe que tirei o Rali de cima dela agorinha? Se eu as jogasse para ele, não sobraria nada de nenhuma das duas — seu tom era orgulhoso, como se quisesse que aquilo acontecesse com ambas.

Uma sensação gelada desceu tão forte por minha coluna que acreditei que eu o mataria se ele estivesse à minha frente, mas segurei meu ódio por aquele homem e me mantive concentrado, ou elas pagariam por eu falar demais e deixar a ira me vencer.

— Veja por esse lado, o Rato matou um dos nossos e tentou matar a mulher do meu presidente atual. O que acha que faríamos com ele? E quanto a elas, o que fizeram? Nada. Então, se quiser descontar sua raiva, desconte em mim. Assim, eu o levo até você — ponderei, tentando acalmar a besta dentro de mim.

Eu era um monstro, sabia disso. Não precisava que ninguém me dissesse. As mortes e sangue em minhas mãos nunca seriam redimidos por Deus, embora eu nunca fiz ou cometeria o que aqueles monstros praticavam. Machucar inocentes e abusar de mulheres e crianças era algo que eu abominava verdadeiramente.

Ele suspirou.

— Vamos nos encontrar em uma hora nos limites da cidade, nos prédios abandonados. Se você se atrasar ou não trouxer o Rato, mando suas mulheres com cada membro faltando depois de dá-las aos meus homens — avisou; não era uma ameaça vã. — Se eu fosse você, me apressaria, porque Rali está faminto.

— Porra, porra! — amaldiçoei, trincando os dentes de raiva, e joguei uma garrafa de bebida, que estava em uma mesa perto de mim, na prateleira de bebidas, fazendo voar cacos e álcool paras todos os lados.

— Que porra, Kill! — reclamou Nasx vindo até mim com um olhar preocupado.

Todos deviam estar pensando que eu estava louco, mais do que tinha ficado algumas vezes no passado.

— O que foi, cara? — perguntou Daemon se aproximando também. — Aconteceu alguma coisa para deixá-lo assim, querendo matar alguém?

Eu estava mesmo louco para matar toda a corja de Ramires, incluindo ele. Respirei fundo, não deixando a dor, a raiva e o medo me dominarem, porque precisava salvá-las. Depois lidaria com a chegada de Isy de novo em minha vida após todos aqueles anos e com as descobertas de que eu tinha uma filha e de que o cretino do Ramires era o assassino dos meus pais.

— Preciso libertar o Rato agora e levá-lo comigo — anunciei enquanto saía porta afora. Eu só esperava que ele estivesse vivo.

— Espere, o quê? Kill, o que está acontecendo, cara? — guinchou Logan me seguindo assim como Nasx, Daemon e alguns dos irmãos que estavam no salão do clube.

Logan era membro do grupo MC de Nova Iorque, mas Curt, o presidente de lá, o havia liberado para ficar alguns dias conosco. Ele viera nos dar uma mão no resgate das meninas presas por Lorenzo, assim como os demais MCs de NY, e ficara mais alguns dias. Por sorte, todas estavam livres, inclusive minha irmã.

— Sabe que não pode fazer isso, Kill. A morte dele vai chegar assim que Shadow voltar de onde está indo — afirmou Nasx usando seu tom de vice-presidente do clube.

Shadow e Evelyn tinham saído da cidade para passar um tempo juntos, algo em que eu não queria pensar naquele momento. Nem nunca.

— Foda-se, vocês não entendem... — eu queria gritar, mas minha voz saiu tremendo. A impotência estava me deixando louco. — Ramires em pessoa acaba de me ligar...

Max me cortou:

— O que esse cretino quer? Guerra? Bom, vamos dar a ele, então, porque não há a mais remota chance de lhe entregarmos aquele rato de esgoto.

— Ele está com Isy... — interrompi-me ao sinal de alerta de chegada de uma mensagem pelo celular. Era um vídeo. Parei na varanda olhando a tela do celular. Meu coração tremeu, tentando não pensar no pior.

Na tela, a criança estava acordada, com seus cabelos encaracolados e volumosos como os meus e olhos tão verdes como os de Isy. Suas íris estavam brilhantes e ela parecia com medo, mas também ansiosa. Isso me fez encolher ainda mais, temendo que acontecesse algo a elas caso eu falhasse.

— Papai? O homem disse que, se eu falar aqui, o senhor vai ouvir e me ver. É verdade que o senhor vai vir aqui agora nos pegar? — sua voz era tão linda e meiga que aqueceu meu coração.

Ouvi praguejamentos ao meu lado, vindos dos meus irmãos, que estavam vendo o vídeo, mas não me importei, apenas a olhava, querendo-a comigo, longe de todos aqueles monstros que estavam lá.

— A mamãe disse que o senhor viaja muito, por isso nunca está em casa, mas estou feliz, porque hoje vou conhecer você. Eu te amo, papai. — Ela sorriu para Isy, que a segurava nos braços. — Meu papai vai vir, mamãe.

— Sim, ele virá, minha querida. — Isy beijou seu cabelo.

— Isso é só uma reprise do que vai perder caso não esteja no lugar marcado com o Rato vivo dentro de uma hora — alertou a voz de Ramires, em seguida o vídeo terminou.

Peguei minha adaga e a lancei na parede, cravando-a fundo.

— Puta que pariu... — rosnou Max.

— Maldição! — sibilou Hush.

— Chamem o Shadow, porque isso vai ficar feio — ouvi Daemon dizer a alguém.

Ignorei todos e fui para o porão, onde o Rato estava preso. Eu precisava acreditar que as duas ficariam a salvo e que nada aconteceria com elas. Minha menina me chamara de “papai”. Ambas confiavam em que eu as protegeria e as libertaria de Ramires, e eu faria isso custasse o que custasse. Entretanto, teria de me segurar para não tentar matar aquele desgraçado lá mesmo.

Não poderia fazer isso tão cedo. Depois de tê-las salvas, eu iria atrás dele para matá-lo por ter assassinado meus pais, vendido minha irmã e sequestrado Isy e minha filha.

Meu peito estava apertado e temendo a ponto de eu querer gritar, pior do que no dia em que eu a havia perdido. Devo dizer que eu só me embriagava porque era a única forma de aliviar a dor, pois ela jamais ia embora. As noites eram cheias de tormento e tortura quando Isy não estava comigo.

No dia em que ela saiu da minha casa, eu fui atrás dela com minha moto, mas estava tão esgotado que acabei sofrendo um acidente. Acordei no outro dia e descobri que tinha quebrado a perna. Se não fosse isso, eu não a teria deixado ir. Procurei-a por anos, mas não consegui descobrir nada sobre onde ela estava. Parecia que tinha sido sugada do mapa.

Não podia culpá-la por ter ido embora, pois eu mal parava em casa. A cegueira de querer saber onde Evy estava me impedia de enxergar as coisas como verdadeiramente eram. As fotos que Isy usou para me acusar de tê-la traído não eram verdadeiras. Eu podia beber muito, sim, mas jamais tocaria em mulher alguma com ela na minha vida. As prostitutas disseram que estavam tirando fotos comigo enquanto eu estava apagado. Só depois eu descobri que Berry as obrigara a fazer aquilo, o que significava que ele me queria longe de Isy. Eu gostaria de saber por que, mas provavelmente jamais teria essa resposta, já que ele estava morto.

Finalmente Isy estava de volta, e eu não a deixaria ir embora, ainda mais com minha filha, que eu nem imaginava que tinha.



Capítulo 11

Inimigo mortal

MICHAEL

Entrei no galpão e vi Rato desmaiado, preso nas correntes e sangrando. Tremi por dentro, porque ele não podia estar morto. Precisava daquele fodido vivo. Por enquanto.

Sacudi-o para o acordar, mas ele não abriu os olhos.

— Porra! — rosnei, tirando suas algemas e correntes e o colocando no chão. — Maldição! Você não pode morrer agora!

— Esse verme morreu? — perguntou Nasx a meia-voz.

— Ele não pode morrer. Não agora. — Bati em sua cara, tentando acordá-lo e massageei seu peito. Seu pulso estava fraco.

— Que caralho está acontecendo aqui? — sibilou Shadow de algum lugar não muito longe de mim.

Todavia, naquele momento eu não me importava com nada, só em salvar aquele homem. Com ele estavam as vidas das duas pessoas que eu mais queria neste mundo. Eu estava como um louco tentando fazer o Rato viver, mas ouvi Nasx contar ao Prez o que tinha acontecido ali e a ligação de Ramires.

— Kill, ele já está morto — disse Daemon ao me ver tentando salvar o cara que, até o dia

anterior, eu queria morto.

Sacudi a cabeça, tentando ressuscitá-lo, reanimá-lo, fazê-lo voltar.

— Não! Eu preciso dele vivo, ou elas vão morrer! — grasnei, esforçando-me em seu peito. — Sem chance no inferno de eu deixá-lo partir assim!

Rato começou a tossir e estremecer devido às porradas que levava.

— Isso, cara. Reage! — pedi ao vê-lo abrir seus olhos negros e frios.

— Se vai me matar, faz logo, caralho! — Ele ofegou, encolhido.

— Eu adoraria fazer isso, mas infelizmente você não pode morrer agora. — Levantei-me e olhei para meus irmãos. — Temos menos de uma hora agora para levá-lo até o lugar marcado por Ramires.

— Sabe que precisamos conversar sobre isso... — começou Shadow.

— Não tem conversa! Preciso levá-lo vivo, ou Ramires vai matar Isy e minha filha. — Estremeci com essa ideia.

— Filha? — indagou. — Você nem sabe se ela é sua ou não.

Lancei-me contra ele e o prendi na parede com uma faca em seu pescoço. Ouvi palavrões de todos os lados, mas os ignorei e peguei o celular, mostrando-lhe o vídeo de minha filha.

— Acha que ela não é minha?! Olha para ela! — grunhi. — E, mesmo se não fosse, é uma criança! E Isy... Por elas, eu derrubaria qualquer um, até um irmão. Para protegê-las, eu iria ao inferno.

Seus olhos estavam alternadamente em mim e na imagem da minha filha, mas ele não se defendeu. Shadow era contra esse tipo de coisa. Ele só estava reagindo daquela forma por causa da sua empatia por Isy.

— O que você faria? As deixaria lá com aqueles vermes só porque não gosta dela? Você a

odeia tanto assim? — Shadow não gostava de Isy por ela ter me deixado, mas ninguém sabia realmente o que tinha acontecido.

— Ela é uma...

— Cuidado! — avisei, imprensando a lâmina em sua garganta. Minha paciência e cabeça não estavam boas, então era melhor ele não me provocar.

Antes que ele dissesse alguma coisa, duas adagas foram lançadas e cravadas na parede perto de nossas cabeças, uma de cada lado.

Eu não precisava olhar para saber que era minha irmã. Só ela tinha uma mira tão boa assim, para não nos atingir sem querer.

Shadow piscou, olhando para trás de mim. Desvencilhou-se de mim e foi até ela.

— Que porra faz aqui? Eu não a mandei ficar no clube?

Virei-me e a vi perto da porta de entrada, vendo o homem caído no chão. Depois olhou para mim e Shadow com o cenho franzido.

— Você sabe que não manda em mim. — Ela entrou no lugar. — Eu queria saber o que tinha acontecido de importante para interromper a nossa viagem. Agora o que está acontecendo aqui? Lembro-me desse cara, pois foi ele que atirou em Berry e em mim. — Ela começou a andar até ele, mas Shadow a pegou pelo braço.

— Ficou louca?! Não se aproxime dele! Agora vá para o clube, porque temos negócios a fazer.

Ela bufou.

— E deixar vocês se matarem? Sem chance do caralho... — sibilou. — Agora quem vai me dizer o que houve aqui? E por que você e Michael estavam enfrentando um ao outro?

Suspirei e fui até o Rato, levantando-o para que ele não apagasse. Daemon e Hush o

levaram para a van, e eles ficariam com ele para não o deixar morrer.

Enquanto isso, Shadow contou tudo a Evelyn sobre o que tinha acontecido ali.

— Você quer dizer que a cadela da Isy está de volta? É isso? — sua voz saiu alta e enraivecida por Isabelle ter me deixado, um sentimento que parecia ser compartilhado por todos.

— Não a chame assim, preciosa — pedi-lhe. — Ela não foi a culpada por isso acontecer, mas sim eu.

— Eu não entendo. Por que a defende? O que fez para ela o deixar? — seu tom era confuso.

— Não precisa entender, pois isso só diz respeito a nós dois. Agora volte para o clube. O tempo está passando, e eu preciso levar esse cara logo e as trazer para mim. Ramires não parece paciente.

Não lhe contei que aquele homem era quem havia matado nossos pais. Se dissesse, ela iria querer ir conosco. Eu não podia deixar isso acontecer de modo algum. Já bastava eu estar aflito pensando nas duas mulheres da minha vida presas com aqueles caras, não precisava da minha irmã lá também.

— Eu vou levar o Rato para a negociação. — Olhei a todos. — E, se vocês não quiserem ir por acharem perigoso, eu vou entender. Não os culparei por isso.

— Nós estamos nisso juntos, irmão — disse Daemon entrando no lugar. — A van está preparada.

— Sim — afirmou Nasx. — Não podemos deixá-las com aqueles vermes imundos independentemente do que Isy fez.

— Vamos salvá-las — falou Hush, depois olhou para Evy. — Não diz nada a Mary sobre Isy.

— Por quê?

— As duas eram como irmãs antes de Isy ir embora. Não quero preocupá-la com isso. Não sei o que vai acontecer com sua chegada, mas não quero preocupá-la.

Todos não gostavam de Isy por ela ter ido embora, mas ninguém sabia que eu discutia com ela direto por querer filhos quando ela não estava pronta para isso. Enquanto ela queria estudar, eu estava focado em uma vingança distorcida e bebia direto. Por isso Berry conseguira tirar fotos minhas com aquelas mulheres, mesmo que eu nunca as tivesse tocado.

— Kill, eu não gosto dessa mulher por ter feito você sofrer, mas também estou junto nessa, porque odeio esse tipo de coisa com inocentes, ainda mais com mulheres e crianças — disse Shadow. — Agora vamos ao que interessa, resolver isso logo. — Ele olhou para Ash, um dos prospectos. — Leve Evy para o clube. — Ele a fitou. — E sem essa de reclamar. Não temos tempo agora.

Ela não queria ir, mas acabou cedendo. Depois fomos para o carro. Eu esperava que aquele fodido não morresse ali. Não antes de minhas mulheres estarem comigo.

— Foi Ramires que matou meus pais — informei a todos que estavam no veículo, Shadow, Nasx, Daemon e Hush. Max e Logan iam com Rato na van.

— Isso complica mais as coisas. Acha que pode lidar com isso? Está preparado para enfrentá-lo e não fazer nada? — sondou Shadow. — Se não estiver, eu e os outros vamos lá fazer a troca

— Acha que vou ficar escondido enquanto elas estão lá esperando por mim e deixar vocês resolverem sozinhos? — Suspirei. — Vai ser difícil vê-lo e não matar o verme imundo, mas vou me controlar. Jamais arriscaria suas vidas por uma vingança.

— Mas e se Ramires o reconhecer no encontro? — Nasx suspirou também.

— Por que isso aconteceria? Ramires não o reconheceu na vídeo-chamada. Kill está muito

diferente de quando era um garoto — disse Daemon.

Eu estava sentado no banco de trás, ansioso, nervoso e furioso para dirigir.

— Isy me chamou de Kill. Isso é incomum nela, porque nem quando brigávamos e nos separamos, ela me chamava assim. Acredito que Ramires disse algo sobre mim e minha família e o que houve, porque ela não disse meu nome — era a única explicação que eu tinha para aquilo, porque não queria pensar que eu não significava nada para ela ao ponto de a mulher não se preocupar comigo. Eu preferia a morte a olhar em seus olhos e não ver nada do que tínhamos vivido e sentido durante todos aqueles anos que havíamos passado juntos.

— Talvez, se o fodido souber, ele não queira fazer a troca. Talvez seja com isso que ele conte, que você vá lá para ele poder se vingar. Isso pode ser uma armadilha com o intuito de ter você.

Eu sabia que Shadow tinha razão, mas não ligava para isso.

— Se isso for verdade, você vai fazer o que ele quiser. Me entregue em troca de que elas saíam ilesas.

— Nem fodendo — rosnou Nasx.

— Não tem outro jeito. — Fitei a todos. — Shadow, tem que ser assim. Essa é minha escolha. Não vou permitir que aconteça nada com elas. — Eles hesitaram. — Eu só quero a palavra de vocês de que não vão deixá-las desprotegidas independentemente do que sintam por Isy agora.

— Prometo, mas não vai acontecer nada com você, mesmo que tenhamos uma guerra no processo — falou Shadow.

— Então vamos nessa, porque eu estou surtando aqui por não saber o que ele está fazendo com elas e o que fará caso descubra sobre mim...

Chegamos ao lugar marcado. Tinham uns dez carros e uns trintas homens bem-vestidos ali.

Avistei Ramires na frente deles, e Isy ao seu lado, com nossa filha nos braços, mas a criança estava com a cabeça escondida em seu pescoço, como se a mãe lhe tivesse dito para não olhar para ninguém. Se fosse isso, Isy havia feito bem.

Isabelle estava nervosa, encolhida como se sentisse dor, e provavelmente o cara ao seu lado era quem a estava machucando, porque o desgraçado segurava forte em seu braço. Tive de me segurar para não matar o imundo e mandá-lo para o inferno.

— Eu soube o que fizeram com Lorenzo e seu império — declarou Ramires Salgado assim que chegamos até ele.

— Aquilo não era império, e sim uma seita de pedófilos que estão queimando no inferno agora — retrucou Shadow sem alterar a voz.

Nós estávamos a uns sete metros deles, uma distância boa para enfiar a faca na cabeça de Ramires e atacar a todos. *Seria tão fácil*, pensei. Porém, ante qualquer movimento que eu fizesse, as duas poderiam ser feridas. Isso não podia acontecer. A proteção delas era mais importante do que minha vingança contra aquele homem.

Ramires riu.

— Vocês podem julgá-los...?

— Não somos estupradores, igual a muitos que conheço — replicou Nasx.

— Isso foi uma indireta? — Ele ainda ria como se fosse um elogio. — Pegamos só o que é nosso por direito e porque eu sou poderoso. O que há de mal em uma festinha de vez em quando?

Respirei fundo, tentando não o matar ante suas palavras e pelo que ele havia feito com meus pais. Não podia. Não com *elas* ali.

— Vamos ao que interessa. Queremos as garotas, e você, o seu homem. Então vamos acabar com isso — disse Shadow tentando também controlar sua raiva.

— Achei que vocês iam trazer o *capo* aqui, já que são bons amigos. — Ramires meneou a cabeça de lado, avaliando cada um de nós.

— O *capo* e eu não somos amigos. Apenas fazemos negócios juntos — a palavra *capo* parecia escapar com gosto amargo da boca de Shadow.

Matteo morria de amores pela minha irmã, mas ela não lhe correspondia. Shadow e Evelyn estavam num relacionamento sério. Dava para ver o amor que ele sentia por ela. Foi isso que me impediu de acabar com ele por tocá-la.

— E não vamos brigar, não é? — Shadow falou num tom como se quisesse que aquilo acontecesse.

Ramires riu.

— Podíamos fazer negócios juntos também; acho que nos daríamos bem.

— Eu jamais me aliaria a alguém como você. — Shadow suspirou. — Agora entregue a mulher e a criança e pegue seu homem. Encerramos aqui.

Prez sabia que a qualquer momento ele poderia me reconhecer, por isso sua ansiedade para darmos o fora dali.

— Você vai esquecer tudo? O culpado pela morte de seu antigo presidente? Achei que a lealdade de vocês fosse outra — o tom do verme era de crítica.

— Se você mandou matá-lo e pelo que soubemos de Berry, com certeza ele estava trabalhando para você, além de negociar com Salvatore. Não ligamos para traidores, e pegamos seu cara porque ele tocou em minha mulher. E teve o que mereceu.

— Mereceu?! — rugiu o cara que estava segurando o braço de Isy. — Então acho que essa puta vai merecer ser fodida por todos nós! — Puxou o cabelo de Isy para trás de modo tão forte que sua cabeça se curvou, mas ela não gritou, provavelmente para não assustar nossa filha.

Dei um passo à frente, e Ramires colocou seus olhos sobre mim. Gelei por dentro, pensando que talvez fosse o meu fim e das duas, porque ele poderia me reconhecer. Eu estava diferente, afinal de contas, tinham se passado 12 anos, minha barba e meu cabelo comprido modificavam muito minha aparência. Isso deveria dificultar seu reconhecimento. Além disso, eu não havia trazido as minhas adagas para ele não as identificar. Todas tinham minhas iniciais, M.

Ele não pareceu me reconhecer. Senti certo alívio por isso. É claro que só estaria totalmente aliviado quando todos estivéssemos bem longe daquele lugar.

— Você deve ser o Kill — não era uma pergunta. — Já ouvi falar de você, que sabe manejar muito bem uma faca e não tem piedade de ninguém.

Controlei minha voz, minha raiva, meu ódio e respondi calmamente:

— Tenho só de quem merece, ao contrário de vocês, que acabam com tudo e todos que estão em seu caminho. Agora avise ao seu mascote para tirar as mãos da minha mulher. O trato era eu trazer o Rato. Ele está na van — sibilei entre dentes.

— Como ele está? — Ele assentiu para um de seus homens ir até o veículo.

— Devo dizer que ele não está inteiro, mas está respirando.

Seu capanga trouxe Rato todo machucado e acabado. Ramires praguejou e me olhou furioso.

— Nós deveríamos mandar sua mulher e sua criança assim para você — seu tom era frio.

— Pelo que fiquei sabendo, você está sendo investigado, inclusive tenho uma amiga do FBI para quem posso passar as localizações de seus negócios. Eu as darei a ela se tocar nas duas — ameaçou Shadow, segurando meu braço para me manter no lugar.

Ele se referia à agente do FBI Tabitta Rodrigues, a antiga namorada de Jason Falcon. O mundo era mesmo pequeno. Eu sabia que ela morava em Nova Jersey, e ele, ultimamente, em Manhattan. Ela o deixara sem lhe dizer nada havia mais de oito anos, e o cara nunca mais foi o

mesmo, quase igual a mim, mas Isy, pelo menos, terminou comigo, não aceitando minha suposta traição. Tabitta o deixou para que o seu pai, Sebastian Ruiz, não matasse Jason. Ele era chefe de um cartel mexicano, como Ramires, dois miseráveis que deveriam estar mortos.

Pode não ser hoje, mas em breve Ramires morrerá de um jeito bem doloroso, pensei.

— Não gosto que me ameacem — avisou Ramires com um grunhido.

— Nem eu — devolveu Shadow em tom seco. — Agora vamos acabar com isso.

— Eles merecem que estupremos essas duas aqui, na frente deles — disse Rali ainda segurando os cabelos de Isy.

Suas mãos serão as primeiras coisas que eu cortarei antes de matá-lo, pensei enfurecido.

— Vocês não viveriam para isso acontecer — rosnei com sede de sangue.

— Não? Vamos ver isso... — O cara apertou a bunda de Isy.

Nesse momento, eu fiquei cego de raiva e voei para cima dele antes que os meus irmãos me detivessem. Dei uma porrada na sua cara que o fez cair no chão, longe dela. Eu ia acabar com ele, ignorando as armas apontadas para mim, mas Isy abraçou minha cintura, impedindo que eu fizesse uma besteira e terminasse matando a todos nós.

— Atire nesse desgraçado! — gritou Rali com a mão na face. — Ele quebrou meu nariz!

— Rali! — Um cara foi até ele, que estava sangrando.

— Se puxarem o gatilho, todos vamos morrer, porque também vamos atirar — avisou Shadow. — Kill, venha e traga as duas.

Eu estava tremendo de tanta raiva por ter de ir embora e deixar Ramires livre e respirando, sem pagar pelo que tinha feito aos meus pais. Os braços de Isy eram o que me mantinha no lugar para eu não fazer besteira.

— Por favor, Kill, vamos embora — ela suplicou. — Pense em Bella.

Era o nome que, quando ainda namorávamos, eu gostaria que nossa filha, quando tivéssemos uma, se chamasse.

Deixei-a me levar dali, não por causa dos bandidos, mas pelas mulheres da minha vida e meus irmãos. Porém, jurei a mim mesmo que logo acabaria com todos eles. Ramires e Rali principalmente; em breve os mandaria para o inferno.



Capítulo 12

Descoberta

ISABELLE

Meu coração gelou quando todos apontaram as armas para Michael assim que ele tirou Rali de perto de mim. O fodido tinha apertado tão forte meu braço que certamente estaria todo preto no dia seguinte, fora a parte de ele puxar meus cabelos. Eu só não gritei para não assustar Bella, que ainda estava escondida com a cabeça no meu ombro e de olhos fechados. Eu não queria que ela visse nada que acontecesse ali caso as coisas saíssem do controle.

Percebi que Michael estava a ponto de estourar ao ver aquele ser abominável me agarrar, e sua ruptura aconteceu quando o canalha pegou na minha bunda. Michael se lançou para ele, jogando-o para longe de mim.

Notei que Michael não estava com suas adagas. Isso significava que ele havia entendido a minha indireta ao chamá-lo de Kill, porque eu jamais o tinha chamado assim, nem nunca o chamaria, mesmo se não o amasse mais.

— Atire nesse desgraçado! Ele quebrou meu nariz! — berrou Rali se levantando do chão e fuzilando com o olhar Michael, que me escondeu atrás dele, protegendo a mim e a Bella com seu corpo. Rali segurava seu rosto sangrando.

Naquele momento, achei que fosse nosso fim. Eu não via Michael havia quase cinco anos e não teria sequer algum tempo com ele após vê-lo de novo? Isso era muita injustiça do passado,

presente e futuro.

Eu devia a Shadow, que mencionou a todos sobre a luta que haveria caso eles atirassem em nós, bem como falou sobre seu contato no FBI. Fiquei aliviada por todos ali estarem bem.

— Deixe-os ir. Abaixem as armas, e vamos embora.

Todos obedeceram a Ramires e entraram em seus carros, partindo. Porém, antes, Rali me lançou um olhar mortal que era ao mesmo tempo um aviso de que voltaria para se vingar de mim e de Michael e os MCs por terem tocado no seu irmão.

Meu coração estava acelerado desde que eu vira Michael pelo celular, e muito mais ali, pessoalmente, sentindo seu toque, que sempre trazia eletricidade à minha pele.

Ele estava um pouco mais forte do que quatro anos antes, sua barba estava cheia, assim como seus cabelos anelados, que estavam mais compridos. Seus olhos escuros não se desviavam de mim hora nenhuma, como se ele pensasse que, ao piscar, eu desapareceria do mapa ou da sua frente.

Gostei de seu novo visual, embora Michael sempre fosse lindo. Isso me fez me apaixonar ainda mais por ele quando o conheci, mas sua preocupação e proteção comigo era o que realmente tinha feito com que eu me apaixonasse perdidamente por ele, que havia se tornado a minha razão de existir oito anos antes.

Eu não sabia o que aconteceria dali em diante conosco, só sabia que, depois que eu o tinha revisto e tocado, a dor seria insuportável assim que eu fosse embora de novo caso ele não me perdoasse por deixá-lo.

— Os homens malvados foram embora, mamãe? — perguntou Bella nos meus braços.

Ela se afastou um pouco e olhou ao redor para todos os MCs, que me fitavam com cara de poucos amigos. Eles não me perdoariam tão cedo. Eu nem sabia se Michael iria fazer isso. Meu coração estava acelerado temendo o pior.

— Eles já foram, meu amor — respondi e tirei minha mão que estava na cintura de Michael. Precisava de distância para respirar normalmente de novo. Sua aproximação sempre me deixava fraca e ofegante, de um jeito bom, claro. Muitos anos sem isso, e eu estava morrendo de saudades.

Ela assentiu, e seus olhos pousaram em Michael ao meu lado. Sorriu de modo deslumbrante. *Tão linda, minha bonequinha...*

— Mamãe, meu papai veio nos salvar como disse que viria! — disse ela animada. — Você está igual na foto, só muda isso. — Tocou sua barba e riu. — Faz cócegas.

— Fotos? — indagou ele com os olhos grandes e admirados como se ela fosse uma dádiva, um presente dos céus. E, de fato, era para mim e acreditei que para ele seria também, afinal, Michael sonhava com filhos havia muitos anos. Enfim ele recebia a chance de ter uma.

Bella assentiu e pegou a correntinha que eu lhe tinha dado no seu aniversário com uma foto minha e dele dentro do coração de prata.

Entramos em um carro preto. Michael se sentou ao meu lado no banco de trás. Um garoto loiro dirigia o carro. Não o reconheci, mas parecia que ele tinha uns 18 ou vinte anos. Era um prospecto, com certeza. Os outros iam em motos e carros à nossa frente e atrás, como uma escolta.

— É lindo o colar, querida — disse Michael meio sem fôlego.

Eu sabia que tínhamos de conversar, ainda mais depois que ele soube que tinha uma filha, uma com a qual ele nem sonhava. Eu tinha certeza de que Michael me odiava desde que descobrira que eu tinha mentido.

— Para minha casa, Riley — avisou Michael com a voz grossa.

Eu estava a ponto de dizer que, se ele quisesse, poderia nos deixar em um hotel qualquer até voltarmos para Dallas, mas Bella gritou animada e batendo palmas:

— Obaaa! — Sua euforia era tanta que eu não disse nada que pudesse tirar sua alegria. — Posso me sentar no seu colo, papai?

Ele piscou e assentiu.

— Sim, claro, princesa — respondeu.

Ela se sentou no colo dele.

— Mamãe disse que seu trabalho não deixa você ficar em casa, por isso não o vi até hoje, só em fotos. — Então ela começou a lhe contar toda sua vida, as aulas de balé de que ela tanto gostava, as festinhas da escola a que tinha ido, quando as outras meninas iam com seus pais, menos ela.

Até então, eu não tinha percebido o que aquela separação havia feito com ela, a dor, a saudade, o desejo de ter seu pai por perto. A falta de uma figura paterna lhe fazia uma imensa falta. Eu fui egoísta por não pensar nela e mantê-la afastada de Michael. Contudo, estava-o protegendo, ou pensava que estava. Ao descobrir tudo sobre Berry e a quem ele se aliara, eu percebia que tinha sido um esforço inútil. Poderia lamentar sua morte, mas não faria isso, já que Michael vivera atormentado por todos aqueles anos.

Por mais que não ficássemos juntos, caso Michael não me perdoasse, eu não queria Bella afastada dele. Pensaria em algo para que ela o visse ao menos uma vez por mês.

Ajeitei-me no banco. Minhas costelas estavam me matando por causa daquele desgraçado que as havia chutado, fora a parte de suas mãos me tocando... Estremeci ao pensar naquilo. Ainda bem que outro guarda chegou e impediu Rali de novamente tentar me estuprar. No entanto, a dor nas costelas estava ali, como também a de uma mordida que ele deu no meu peito tão forte que chegou a sangrar.

— Você está bem? — sondou Michael me avaliando de lado.

— Estou, sim — menti. Não queria que ele se sentisse mal por saber que eu quase fui

tocada. Na verdade, fui, porque houve a mordida em meu seio e os chutes em minhas costelas, tanto que estavam me impedindo de respirar normalmente.

Fomos em silêncio para sua casa. Ele só ouvia Bella falar, até que ela dormiu em seu colo. Um dos momentos mais perfeitos que eu já presenciara na vida. Era fantástico o brilho nos olhos dele ao admirar nossa filha.

O carro parou em frente à sua casa, uma que um dia tinha sido *nossa*, onde vivíamos felizes até Berry dar pistas falsas para Michael seguir e procurar sua irmã. A desilusão o havia deixado louco e machucado, por isso bebia direto. Notei que ele ainda bebia, porque senti cheiro de álcool quando cheguei perto dele.

Michael saiu do carro com Bella ainda dormindo. Eu havia pensado que ela, ao ver o pai, ficaria acordada por muito tempo, mas a maratona pela qual tínhamos passado devia tê-la deixado cansada, assim como eu. Foram quase 15 horas de viagem, fora o tempo em cativeiro. Um dia inteiro, para ser exata. Havíamos sido levadas no dia anterior para aquele galpão abandonado. Graças a Deus estávamos livres.

Saí do carro também, evitando gemer com as dores fortes que cercavam todo o meu corpo. Eu só queria me deitar para ver se ela ia embora, mas a dor pior estava em meu peito. O medo de Michael não me perdoar era pior do que tudo.

— Eu vou colocá-la no quarto — disse ele quando entrou na casa.

Era bom, assim ele não veria o quanto eu estava machucada. Se soubesse, eu apostava que me levaria a um hospital. Eu não podia e não queria ser hospitalizada, só queria que toda aquela dor sumisse.

Caminhei devagar para não me machucar mais. Estava na varanda quando uma ruiva linda veio na minha direção saindo da casa com cara de poucos amigos.

— Então você é a cadela que abandonou Michael! — rosnou ela voando para cima de mim

e descendo a mão na minha cara. — Eu vou acabar com você!

Ouvi gritos não muito longe, só não sabia de quem eram, porque tudo em mim parecia que estava se soltando, rachando, tanto que eu queria gritar, mas me segurei enquanto aquela menina descarregava sua raiva em mim. Ela devia ter entre 18 e 20 anos. Eu estava ferida demais para lutar.

— Você destruiu a vida dele e ainda tem a coragem de vir aqui?! — gritou ela, derrubando-me no chão. Nessa hora eu gritei, pois minhas costelas pareciam estar quebradas. Se não estivessem, logo estariam com aquela pancada.

— Que droga, Evy! — grunhiu Shadow, tirando a garota de cima de mim.

— Mas que porra está acontecendo aqui?! — gritou Michael. — Que maldição, Evy! — Ele me olhou, ofegante e encolhida no chão. — Você a machucou.

Eu estava arfando e não conseguia mover nada do meu corpo.

— Ela mereceu por ter deixado você sofrendo! E o pior, não contou que teve uma filha sua! Que tipo de vadia é essa?!

— Você não tinha o direto de tocá-la — notei repreensão em seu tom de voz. Eu não queria que os dois brigassem. Ela parecia gostar dele, já que o defendera me batendo por eu tê-lo deixado e omitido algo tão importante.

— Não foi ela — contestei ainda deitada no piso de madeira e coloquei minhas mãos nas costelas, respirando com dificuldade. — Foi Rali. Ele chutou minhas costelas algumas vezes quando...

Michael praguejou e olhou para Shadow.

— Chame o médico agora — disse e me ajudou a ficar de pé. Seu toque em minha pele foi como uma corrente elétrica direto ao meu coração, igual sempre acontecia quando ele me tocava desde quando nos havíamos conhecido.

Ele começou a me mover, mas, ao ser levantada do chão, senti que tudo estalou dentro de mim.

— Por favor, não dá — pedi ofegante. — Me deixe aqui...

— Acho que vamos ter que chamar uma ambulância em vez do médico — disse Shadow acenando para Nasx.

— Isy! — gritou Mary descendo da moto de Hush e vindo até mim. Avaliou meu estado e fechou os punhos para Michael, ao meu lado. — Você bateu nela?! Se fez isso, eu vou acabar com você!

Ele suspirou, mas não disse nada. Notei que Michael estava com raiva por me ver naquele estado. Ele ia se levantar. Temi que machucasse Mary.

Peguei seu braço para o impedir de fazer uma besteira, mas foi idiotice tentar me levantar, porque a dor pareceu andar nas minhas costas, se isso fosse possível.

— Michael! — gritei ofegante.

Ele olhou para mim e se sentou ao meu lado no piso, colocando minha cabeça em sua perna.

— Fique quieta, eu não ia tocá-la. Jamais faria isso com a mulher de um irmão, e mesmo se não fosse.

Assenti, ou pelo menos tentei, e fechei meus olhos, sentindo-me cansada.

— Isy, abra os olhos — pediu ele suplicante, com a voz débil. — Cadê a maldita ambulância?! Não aguenta que eu te leve?

— Não consigo, minhas costelas parecem que estão quebradas. — Inspirei, mas doeu. — Conversa comigo para aliviar a dor.

— O que quer que eu diga? — Tocou meu rosto com suas mãos fortes e um tanto

abrasadoras.

— Qualquer coisa! Que me odeia e que é para eu sumir da sua vida para sempre por deixá-lo... — Minhas lágrimas desciam pelo meu rosto e caíam em sua perna.

— Oh, sim, ele odeia! Você o quebrou da pior maneira possível! — sibilou a ruiva.

Michael a fitou.

— Por favor, Evy, não piore as coisas — pediu a ela, depois se voltou para mim com dor na voz: — Isy, eu tive culpa por você ter ido embora. Estava tão cego por vingança e rastreando pistas para ver se encontrava minha irmã que não percebi que estava perdendo você.

— Eu jamais deixaria você por isso — ignorei a dor ao falar, mas precisava dizer o que estava entalado em minha garganta havia muitos anos.

— Então você me deixou só pelas fotos? Aquilo foi obra de Berry, eu jamais trairia você. Mesmo bêbado, eu nunca faria isso — seu juramento estava em cada palavra que ele dizia.

— Eu sei, Michael. Eu estava, sim, cansada de ver você caindo e por não conseguir fazer nada para tirá-lo do abismo. — Suspirei. — Eu até tinha desistido de tomar anticoncepcional para termos um filho e ver se ele traria você de volta de onde estava.

— Você soube que estava grávida antes ou depois de ir embora? — sondou, encolhido.

— Antes...

Ele me interrompeu. O tormento era evidente em seus olhos lindos, dos quais tanto senti saudades.

— Mas, então, por quê...? — sua voz falhou, cheia de tormento pela traição.

— Naquele dia, eu estava sozinha em casa, então decidi ir à boate. Quando entrei no meu escritório, lá estava Berry e outro cara que não sei quem é. Ouvi que ele estava dando pistas falsas a você para encontrar sua irmã...

Ele me cortou:

— Espere, o quê? Por que não me contou, então?

— Eu ia dizer, mas, então, ele me contou o motivo de ter feito aquilo.

— Que motivo seria esse? — grunhiu Shadow com raiva. — Aquele maldito rato nos traiu, e, cada vez que descubro mais podres dele, fico mais furioso!

Não olhei para ele, só para Michael.

— Eu não sabia que ele era traidor até Ramires me contar umas coisas. Berry me disse que sabia que seus pais tinham sido mortos por Ramires e que não podia ter uma guerra com ele, ou todos sairiam mortos, então...

— Então o que ele disse para fazer você ir embora? — seu tom saiu mortal.

— Falou que Ramires sabia sobre eu ser namorada do cara que o cegou e que ele queria vingança, por isso estava vindo para Chicago... Eu achei estranho, na época, Ramires saber só de mim, e isso me fez perguntar: por que ele não sabia sobre você, então? Berry disse que não sabia, mas não havia motivos para eu desconfiar dele, por isso acreditei.

— Aquele rato imundo! Que apodreça no inferno! — exclamou ele com aço na voz.

— Berry disse que, se eu ficasse, Ramires me mataria. Eu não me importava comigo, mas ele iria matar a todos vocês também, porque, ao chegar aqui, ele iria descobrir sobre você. — Fitei-o com os olhos molhados. — Eu tinha que escolher entre ficar com você e correr o risco de você ser morto ou ir embora e eles jamais me acharem e você permanecer vivo.

— Você me deixou para eu não ser morto? — sua voz saiu dura. — Maldito Berry! É uma pena que está morto e não posso fazer com ele tudo que tenho vontade!

— Quando aqueles caras me pegaram em Dallas, eu temi que me usassem para levar você até ele só para o matarem, mas, quando Ramires falou que tinha uma adaga que estava

guardando para quem havia feito aquilo em seu olho, notei que fui enganada por Berry e aquele cara com um escorpião no braço, cujo nome não sei, para ficar longe de todos vocês — minha voz estava fraca. Ouvi sirenes não muito longe dali.

— Axel? Filho da puta! — guinchou Shadow.

— Por que ele fez isso? — sondou Nasx confuso e com raiva.

— Eu não sei. Berry ia direto onde eu estava morando, mas nunca vi interesse da parte dele por mim, nem desse Axel — falei. — Mas Berry disse que Michael estava bem e até vivia farreando com a mulherada...

— É uma pena que eu não possa trazê-lo de volta à vida para matá-lo de novo — o tom mortal de Michael dava até calafrios. Tinha algo nele que mostrava que estava mais mortal do que antes.

— Mas tem Axel, que vai pagar, porque com certeza estava com Berry. Tal pai, tal filho — sibilou Shadow.

— Ele é meu — anunciou Michael.

— Não! — tentei segurá-lo para dizer que não queria que ele matasse alguém, mas minha voz sumiu devido à dor que estava me atormentando.

— Pare de falar, pois está piorando as dores — pediu calmamente.

Eu queria pedir para que ele não se vingasse de ninguém. Não sabia o que ia fazer, mas não o deixaria fazer isso. Precisava arrumar um jeito de conseguir evitar que ele fosse destruído. Ele tinha nutrido ódio demais em todos aqueles anos e com certeza já matara bastante. Eu estava prestes a suplicar para ele não fazer nenhuma besteira quando a escuridão me venceu.



Capítulo 13

Raiva

ISABELLE

Abri os olhos e observei ao redor pensando em onde eu estava. Lembrava-me de estar com muita dor e depois apagar na casa de Michael. Devia ter desmaiado antes de a ambulância chegar. Isso queria dizer que minha condição não estava nada boa.

Michael estava sentado na cadeira me olhando e sua expressão era mortal.

Fitei meu corpo coberto com um lençol branco e tentei me sentar, mas gemi, ofegante.

— Fica quieta — pediu ele, calmo. A voz não parecia nada com a fúria estampada em seu rosto. Ele colocou mais um travesseiro atrás de mim, e fiquei quieta.

— O que houve? Cadê Bella? — perguntei, preocupada com minha filha. — Me lembro de estar conversando com você, mas logo depois apaguei...

— Você desmaiou devido às dores, uma costela quebrada e uma pancada na cabeça — a cada palavra, sua raiva ia crescendo. — Isy, Rali a estuprou? Têm marcas de dentes no seu seio.

Neguei com a cabeça.

— Ele ia, na primeira vez, mas Ramires o impediu e o proibiu de me tocar. Só que, depois, ele me achou sozinha e entrou na cela. Bella estava dormindo e não viu nada... — minha voz falhou.

— O que houve depois? — Pude notar que ele estava tentando se controlar.

— Michael, é melhor não ouvir sobre isso — murmurei, não querendo que ele tivesse mais raiva e ódio além do que eu estava vendo em seus olhos.

— Melhor? Você está machucada porque aquele filho da puta a tocou. Eu estou doido para matá-lo por ter encostado em você — silvou com a voz fria. — Eu preciso saber o que houve, Isy, ou vou endoidar ao imaginar cenas dele estuprando você.

— Ele não me estuprou...

Michael me cortou:

— Mas quase, e colocou sua maldita boca em seu corpo.

Suspirei, porque não queria mentir para ele mais do que já havia mentido.

— Ele me jogou no chão e queria que eu colocasse a boca... — Encolhi-me e quase vomitei; só não o fiz porque não havia nada no estômago. — Mas eu disse que não faria isso e o mandei para o inferno. Foi quando ele chutou minhas costelas. E ia me tomar à força.

— Ele colocou a boca em seus seios, não é? E os mordeu.

— Sim, e se esfregou em mim, querendo que eu gritasse, mas não o fiz para não acordar Bella, que dormia. Mas um dos caras chegou e o impediu de me tocar mais — sussurrei.

Ele se levantou e foi até a janela com os punhos cerrados. Pude ver que ele estava tentando se controlar para não ir atrás daquele verme.

— Você não vai atrás desses homens, não é, Michael? — sondei, preocupada com ele. — Ramires é um inimigo perigoso.

— Rali tocou em você... e Ramires assassinou meus pais — sua voz saiu fria, mas ele respirou fundo e se concentrou. — Eu nem sei por qual motivo ele os matou.

— Berry disse que seu pai trabalhava para Ramires, no México, mas se apaixonou pela sua

mãe, então os dois fugiram para morar nos Estados Unidos. Falou que, quando se é do cartel, não pode sair vivo, só morto — revelei, respirando fundo. Pelo menos eu não estava sentindo mais dor. Isso era bom. Só faltava eu saber se teria Michael de volta. Esperava que sim, pois não queria e não podia viver sem ele neste mundo.

— O quê?! — Ele se virou para mim e me fitou com os olhos atormentados e coléricos. — Meu pai trabalhava para ele?

— Acredito que sim, pelo menos foi isso que Berry disse — sussurrei. — Sinto muito, Michael, por todo o sofrimento que teve durante esses anos. E por eu não ter dito sobre Bella...

— Você foi enganada por Berry e acredito que também sofreu. — Ele veio até mim e se sentou de volta na cadeira.

— Sim, eu respirava, mas sentia que estava morta. A única alegria na minha vida era Bella, enquanto, na sua, não havia nenhuma. Por isso não devia se preocupar com o que aquele cara me fez. — Eu estava com raiva de mim mesma.

— Ninguém merece ser violentado. E só de imaginar ele tocando em você... me dá vontade de acabar com ele. — Michael tocou meu rosto com as suas mãos um tanto calejadas. — Eu entendo seus motivos por não contar sobre Bella. Sei que fui egoísta e que minha cegueira pela vingança atrapalhou nosso relacionamento, além de Berry. Embora eu preferisse que não tivesse ido, porque também me sentia morto.

Meu coração se apertou ao ouvir sua dor, a perda que eu o tinha feito sentir todos aqueles anos longe de mim. Porém, não podia perdoá-lo por ter ficado com outra. Por mais que ele estivesse sofrendo, eu não podia aceitar isso, ou podia? Conseguiria lidar com algo assim?

— Por que fez aquilo? — choraminguei encolhida nos travesseiros.

Ele franziu o cenho.

— O quê? Eu estava confuso e com raiva por não pegar quem levou minha irmã e matou

meus pais, mas jamais teria deixado você ir, por isso fui atrás de você assim que saiu. Antes deixaria tudo a viver sem você. Mas houve um acidente naquele dia que me impediu por semanas de ir procurá-la. Você estava fora do radar, como se tudo sobre você tivesse desaparecido. Axel é bom em fazer rastros sumirem. Maldito seja!

Sacudi a cabeça.

— Não, você me traiu com Lisa...

— Espere, o quê? Eu nunca toquei nela, Isy. De onde saiu isso? — sua voz se elevou um pouco, depois diminuiu.

Arregalei os olhos com esperança de ele não ter tocado nela, mas não significava que não tivesse tocado em outras mulheres depois que eu o deixara todo aquele tempo, ainda mais cercado de prostitutas no clube e dançarinas na boate.

— Na noite em que fui embora, eu me arrependi no meio do caminho e voltei no dia seguinte. Voltei pensando em dizer o que realmente tinha acontecido e as razões para eu ter ido embora. Mas eu a vi, e ela disse que tinha ficado com você... durante a noite toda — minha voz falhou. — Depois disso, parti magoada e me sentindo culpada, porque, se eu não tivesse ido, mesmo tendo feito aquilo pela sua proteção, você ainda seria só meu.

Ele piscou chocado e irado.

— Aquela puta desgraçada...! — rosnou, aproximando-se mais de mim. — Ela mentiu. A cadela ficou na minha casa porque Shadow a chamou para ajudar a tomar conta de mim, já que eu tinha machucado a perna naquela noite. Eu não toquei nela. Eu juro, Isy.

— Não tocou? — não era uma pergunta; quem machucado ia querer fazer sexo? Eu estremecia sempre que pensava no quanto ele havia sofrido, tanto sentimental como fisicamente.

Ele tocou meu rosto.

— Não. Talvez ela estivesse com Berry para nos separar desde o início...

— Mas por quê? Eu não entendo. O que ele ganharia com nossa separação?

— Axel com certeza sabe os motivos, e, quando eu colocar minhas mãos nele, saberei de tudo. — Ele parecia ansioso por isso.

— Por que tem certeza de que esse é o nome do cara? Afinal de contas, eu nunca soube seu nome realmente. Eu só o vi umas três vezes. A primeira foi quando me pediu para escolher entre você ficar vivo e seguro, comigo longe, ou eu ficar com você correndo o risco de ser morto. Foi ele que disse isso, não Berry. Ele foi duas vezes com Berry à minha casa. — Cocei meu braço onde a agulha estava enfiada. — Tem algo nele, eu não sei, mas não parecia malvado. Teve uma vez em que eu estava com Bella com febre em casa. Ele apareceu e nos levou ao hospital e ficou lá toda a noite comigo. Ele é calado, não é de conversar muito.

— Pelo que conheço do filho de Berry, ele tem um escorpião no braço. Só pode ser Axel. Mas o que eu não entendo é o motivo de ele ter feito isso. Ele estaria interessado em você? Só isso para explicar o fato de ele dirigir quase 15 horas para vê-la. — Grunhiu: — Assim que for atrás dele, eu saberei da verdade.

— Se você o pegar, não o mate, pois eu preciso falar com ele antes. — Precisava ganhar tempo, afinal, não queria que Michael matasse ninguém, muito menos aquele cara, que sempre tinha sido bom para mim, embora estivesse furiosa com ele por ajudar Berry. Contudo, eu não acreditava que Axel estivesse interessado em mim; não percebi isso vindo dele.

— Não o quero perto de você nem de nossa filha — informou com dentes trincados, mas se interrompeu assim que sorri. — O que foi?

Eu ainda sorria ouvindo o orgulho em seu tom de voz e vendo a adoração estampada em suas feições. Parecia que ele queria explodir de tanta felicidade.

— Gosto de como você diz: *nossa* filha.

— Ela é uma coisa linda, tão animada. Não para um segundo. — Sorriu de forma tão linda

que eu só pude ficar olhando e babando por ele. — Já conquistou o clube inteiro com sua alegria.

— Sim, ela é. E parece muito animada por ter você na vida dela.

— Eu também estou. Quando ela me chama de papai, eu me sinto o homem mais sortudo do mundo por ter alguém como ela em minha vida.

Notei que ele não me incluiu em sua frase. *Fui eu que perdi tudo, afinal de contas. Um dia eu fui seu mundo inteiro. Agora não sou mais, não é? Talvez até seja, mas não igual era antes de deixá-lo.*

Escondi minha dor por pensar nisso. Eu tinha feito minha escolha no passado; agora, mesmo se eu ficasse e ele me aceitasse, nunca seria como antes, quando juramos pertencer um ao outro enquanto vivêssemos.

— Fico feliz em saber disso. Por isso deixei sua lembrança na vida dela através de fotos e vídeos.

Nenhum de nós perguntou o que aconteceria conosco dali para frente. Eu não sabia se ele tinha medo de a resposta não ser a que ele queria ouvir, assim como eu temia pensar que nunca mais seria parte da sua vida. Não como mulher, pelo menos. Talvez fosse só como mãe da sua filha. *O medo é uma droga*, pensei amarga.

Queria tanto uma resposta, mas esperaria e me contentaria com o que ele pudesse me dar. Michael era o que eu mais queria. Entretanto, o que eu pudesse ter dele, aceitaria, não importava o que fosse.

Ele tocou meu rosto como se o estivesse memorizando.

— Eu tinha medo de nunca mais ver esse rosto novamente. — Seu toque aquecia minha pele e meu coração, fazendo-o bater mais forte.

— Eu também. Jamais pensei que teria a chance de voltar a vê-lo, mas tinha fé em que conseguiria. Foi isso, e Bella, que me manteve sã e viva até hoje. — Toquei sua barba cheia. —

Gostei dela assim.

— Então eu vou deixá-la desse jeito. — Ele chegou mais perto de mim e esfregou o rosto no meu em ambos os lados, fazendo-me tremer e ansiar mais dele.

Um beijo era o que eu queria, já que estava acamada e ficar com ele seria impossível devido às costelas machucadas.

— Michael... — Ele me interrompeu me beijando, não, consumindo meus lábios de forma urgente e faminta, afinal de contas, havia anos que não fazíamos isso.

Suas mãos fortes esquadrinhavam meu rosto de forma tão suave e ao mesmo tempo tão abrasadora que me fez gemer, desejando-o com minha vida. Eu queria dizer o quanto o amava e que não podia mais viver sem ele de forma alguma. Sabia que ele sentia o mesmo em relação a mim, podia notar pela forma como me beijava com fome e saudade.

Eu estava prestes a lhe dizer o que ele significava para mim e acreditava que ele também estava, pois abriu a boca, mas uma batida na porta nos interrompeu. Michael se afastou de mim e olhou para a porta como se quisesse matar quem quer que estivesse do outro lado.

Shadow, a ruiva e Mary entraram no quarto, em seguida Bella, minha bonequinha linda.

— Mamãe! — chamou ela vindo até mim com um olhar tristinho. — Tia Evy disse que está dodói, por isso está no hospital.

Ergui as sobrancelhas para a ruiva esquentada. Até então não sabia o que ela era de Michael, mas com certeza estavam relacionados. Eu não queria pensar sobre isso, ou minha cabeça explodiria.

— Tia Evy? — sussurrei, mas Michael só tinha uma irmã, que ainda estava desaparecida, ou eu achava isso, ao menos.

Bella apontou para a ruiva e sorriu, e ela lhe devolveu o sorriso.

— Ela é irmã do meu papai — disse a mim com alegria.

— Irmã? — Olhei entre os dois. — Pensei que estivessem...

— O quê? Pensou que eu fosse... namorada de Michael? — notei que ela ia dizer amante, mas talvez, devido a Bella estar presente no recinto, se controlou.

Gostei do fato de ela se preocupar com minha filha. Então Michael tinha encontrado sua irmã? Depois eu ia querer saber sobre isso, porque pensava que tinha uma história ali. Afinal de contas, ela tinha estado desaparecida por anos.

— Posso te dizer que sim — assenti.

Evy riu.

— Eu sou mulher do Dom. — Ela olhou para ele, que retribuiu o sorriso.

Pisquei, porque jamais imaginei que Shadow seria fisgado por uma mulher. O cara era um tremendo mulherengo, vivia cercado de mulheres dia e noite, não pensando em amor. Era praticamente um milagre ele estar com alguém e apaixonado.

— Nossa! Não precisa me olhar assim, com espanto, não é tão impossível eu ter uma namorada — disse ele com os olhos estreitos.

— Eu sou boa domadora — falou Evelyn. — Afinal de contas, você tem um belo...

Michael a cortou, provavelmente já imaginando o que ela ia dizer:

— Evelyn...

Com certeza seria “pau”. A menina não tinha papas na língua. Fiquei feliz por Michael ter encontrado sua irmã, que tanto sonhara reencontrar. Após anos, eles finalmente estavam juntos.

Olhei para Michael.

— Fico feliz por ter encontrado sua irmã.

— Depois falamos sobre isso — ele disse e sorriu para Bella. — Como está a minha linda filha, minha joia rara?

Ela correu para os braços dele, que a pegou, beijando suas bochechas e a fazendo rir devido à barba.

— Isso faz cócegas! — falou sorrindo. — Eu trouxe maquiagem. — Levantou um estojo, mostrando-o a ele. — Mamãe sempre diz que, quando ela está doente, fica feia, mas eu não acho isso, só seus olhos que ficam inchados por ela chorar. — Remexeu-se nos braços dele para descer do seu colo.

Michael a colocou no chão e a ajudou a subir e se sentar ao meu lado na cama.

— Inchados? — indagou ele me avaliando, mas vi dor nos olhos dele.

Com certeza sabia o motivo de eu chorar assim: nossa separação. Os últimos anos tinham sido difíceis na minha vida. Às vezes, Bella me via chorando, e, para não lhe contar os motivos do meu sofrimento e não a preocupar, eu dizia que estava doente.

— Sim, mas ela é sempre linda. Não é, papai? — sua voz era orgulhosa enquanto falava com Michael.

Ele também me olhou com adoração. Eu sabia que ele ainda me amava, assim como eu o fazia, podia ver em seus olhos. Só esperava que nosso amor fosse suficiente para superar o passado.

— Sim, ela é a segunda mulher mais linda do mundo. — Sorriu para a menina com adoração.

— Quem é mais linda que mamãe?

— Você, querida. — Chegou perto de nós e tocou seu rostinho lindo. — Mas acredito que vocês duas fiquem empatadas.

— O senhor, papai, também é lindo, mas essa barba faz cócegas — falou ela abrindo o estojo de maquiagem para usá-lo em mim.

— Sua mãe gostou dela. — Piscou para mim.

— Podemos ter uma conversa lá fora? Precisamos sair um segundo — pediu Shadow para Michael.

Ele olhou para mim com preocupação.

— Eu vou ficar bem — afirmei para tranquilizá-lo. Depois supliquei: — E não faça nada de errado ou precipitado, OK?

Ele me beijou sem nunca tirar os olhos dos meus.

— Não os procure, Michael, e não faça nenhuma besteira — roguei em seu ouvido. — Não posso perder você.

— Não vai, eu juro — prometeu, depois beijou ambos os lados da face de Bella. — Cuide de sua mãe.

— Sim, papai. Também não vou deixar mamãe chorar por estar dodói.

— Faça isso, querida.

— Tomamos conta das duas — disse Mary. — Vovó está chegando. Só Tripper não quis vir, porque não quer vê-la. Ele ainda está grilado por você ter ido embora sem dizer nada a ninguém.

Fiquei sabendo por vovó que Oliver tinha o apelido Tripper, bem esquisito. Também soube que ele entrou para os MCs. Ainda era um prospecto, mas valente. Gostei de ele fazer isso. Não havia família mais protetora do que aqueles homens tatuados e fortes, pois eram capazes de morrer e matar por aqueles que amavam. Eu gostava da lealdade deles.

— Eu vou falar com ele — disse Michael com a cara fechada.

— Não, eu mereço isso. O erro foi meu, e agora terei que lidar com as consequências dos meus atos. Deixa que lido com Oliver e Draw — pedi a ele. Esperava que ambos me perdoassem.

Ele assentiu.

— Agora eu preciso ir.

Vi-o sair do quarto de hospital. Só esperava que ele desse ouvidos ao que eu lhe pedira e não procurasse Ramires e seus homens, principalmente Rali.



Capítulo 14

Família

ISABELLE

— Como foram todos esses anos sem nós? — sondou Mary em tom de crítica. — Poderia ter atendido ao menos uma das minhas infinitas ligações. Falava com sua avó, mas não comigo, Draw e Tripper, que, a propósito, estão furiosos com você por tê-los deixado sem dizer nada, nem ter se despedido deles.

Já fazia duas horas que Michael tinha saído com Shadow e não tinha voltado ainda. Eu já estava sentindo uma falta danada dele, pois havia ficado longe demais daquele homem.

Suspirei.

— Foram muito difíceis. Senti uma falta imensa de todos vocês — sussurrei. — Precisei ligar para vovó, porque não queria preocupá-la, e lamento não ter telefonado para você, Oliver e Draw.

Havia ligado para Mariana alguns minutos antes e a tranquilizado dizendo que os homens que me sequestraram foram presos e que ela não devia se preocupar com nada. Era mentira, mas ela não precisava saber disso, afinal de contas, eu não queria preocupar nem a ela nem a Ben. Também lhe disse que não voltaria para Dallas.

— Em que você trabalhava lá, em Dallas? Ouvi dizer que é uma cidade linda. — Mary se sentou na cadeira ao meu lado.

Fiquei aliviada por ela não estar chateada comigo por não ter entrado em contato. Com Draw e Oliver não seria fácil.

— Servindo mesas, como fazíamos na lanchonete da vovó e na boate e Michael ameaçava matar qualquer cliente que me olhasse diferente. — Era um tempo de que eu sentia muita falta. Esperava retornar a ele em breve.

Ela riu.

— Muito ciumento, aquele cara. Mais do que Hush. Queria voltar a trabalhar na boate, mas ele não deixou. Então me falou para tomar conta do clube.

— Machista da parte dele. O que há de mal em trabalhar na boate?

— Isso foi o que eu disse e que não ia ser dona de casa quando queria trabalhar. Deixei-o dois dias sem sexo. O cara só faltou subir nas paredes de vontade. — Ela sorriu. — Uma arma boa que descobri. Depois disso, ele me conseguiu serviço onde trabalha, acredito que para tomar conta de mim. Mas tomo conta do clube também porque gosto e não por exigência dele.

Bella dormia ao meu lado após me maquiar inteira. Nem olhei meu rosto, mas imaginava que a maquiagem estava bem forte. Mary ajeitou para que eu não parecesse uma palhacinha assim que minha filha adormeceu, desse jeito ela não ficaria magoada por eu não querer sua maquiagem.

— Queria que tivesse mantido contato comigo, assim eu lhe contaria tudo que acontecia aqui na sua ausência, como sempre fazíamos uma com a outra — murmurou Mary assim que voltamos a falar da minha ausência.

— Eu queria ter entrado em contato também, mas não achei justo você guardar ainda mais segredos do Hush. Se ele soubesse onde eu estava, com certeza diria ao Michael, já que são como irmãos. — Isso era verdade. Aqueles homens eram leais uns aos outros. Eu gostava disso.

— Você é minha amiga — falou com firmeza e convicção. — Eu devo fidelidade a você.

Suspirei.

— Mas deve mais ao seu homem, Mary. Eu não queria trazer problemas a vocês dois, por isso deixei você no escuro quanto ao meu paradeiro, embora você soubesse do resto. Lamento por isso, minha amiga, aliás, irmã.

— Tudo bem, contanto que agora fique aqui para sempre. Mas me diz uma coisa: como vai fazer com seu relacionamento com o Kill? Não quero que você vá embora de novo.

Encolhi-me com a ideia de partir e deixar Michael de novo, meus amigos e família. Eu não poderia fazer isso.

— Não sei o que vai acontecer conosco, mas espero que ele me perdoe por ter acreditado no cretino do Berry e partido — murmurei. — Como fui tola assim em confiar nele?

— Aquele desgraçado! Espero que esteja no inferno — pronunciou com raiva. — Por culpa dele fiquei todos esses anos longe de você.

— Acredito que esteja no inferno, já que era um mentiroso de merda. Mas o que houve depois que eu parti? — inquiri curiosa, mas temendo ouvir que Michael tinha ficado com muitas mulheres, como Berry dizia quando ia me visitar.

Michael negou que havia estado com Lisa, mas não falou nada sobre outras mulheres com que talvez tivesse ficado na minha ausência. Eu tentaria evitar pensar nisso, ou acabaria ficando doida.

Ela suspirou.

— Naquela noite em que você foi embora, recebemos uma ligação do hospital avisando sobre o acidente que Kill sofreu e sua perna quebrada. Foi um tempo difícil para ele e para todos do clube. Shadow deixava um dos homens sempre com ele, temendo que fizesse alguma besteira... — ela se encolheu — como tirar sua vida ou algo assim.

— Ele não seria capaz de fazer isso... — minha voz falhou e meu peito doeu ao pensar

nessa possibilidade. Por mais que tivesse sofrido, eu não acreditava que ele faria algo assim, afinal de contas, outras pessoas dependiam dele, como minha família e os seus amigos e até sua irmã, que, até aquele momento, tinha estado desaparecida. Enfim ela retornara para a vida dele. Eu dava graças aos Céus por isso.

Seu olhar estava triste.

— Você não viu como ele ficou. O cara parecia quebrado, um zumbi andando por aí. Destruiu toda a sua casa, principalmente o quarto de vocês. Shadow e Berry foram tirá-lo daquele buraco de dor e bebida no qual ele estava vivendo dia e noite, ou acabaria morrendo de tanto beber — murmurou.

— Berry também? Por que aquele cretino faria isso? Seria remorso? Porque foi por culpa dele que parti e Michael sofreu tanto. — Só em pensar naquilo me dava mais vontade de matar Berry. *É uma pena que ele já esteja morto*, pensei amargurada.

— Talvez, ninguém sabe. Mas a sua partida destruiu Kill. Hoje ele está melhor depois de encontrar a irmã dele, mas antes parecia um morto-vivo. — Ela estremeceu. — Essa palavra descreve tudo, morto. Foi assim que ele esteve esses anos todos.

— Como ele a encontrou? — questionei, não querendo pensar na dor que Michael sofrera. Aquilo ainda me cortava fundo.

— Evy apareceu no clube uma noite há alguns meses. Um cara chamado Lorenzo Salvatore a sequestrou e a manteve prisioneira por todos esses anos em uma maldita fazenda longe de tudo, protegida como o Fort Knox.

— Como ela conseguiu fugir, então, já que era protegida? Ouvi Ramires dizer que os MCs derrubaram o império desse Lorenzo, e, pelo que entendi, eles eram estupradores — minha voz soou alta e preocupada. — Alguém a tocou?

Ela sacudiu a cabeça negando. Isso me deixou aliviada, porque nenhuma mulher merecia

isso, ou melhor, criança, já que ela ainda era pequena quando foi levada para longe de Michael.

— Ninguém a tocou, mas porque ela fugiu com a ajuda do filho do líder, que agora é o *capo*, chefe da máfia italiana. O fodido do velho Lorenzo mantinha as meninas lá até seus 19 anos, depois as dava para homens horríveis as estuprarem e matarem...

— Meu Deus! Esse homem é louco! Ele ainda não está morto? Porque deveria, já que é um verme imundo, muito pior que seu padrasto.

— Nem me lembre daquele traste. Mas, quanto a Lorenzo, ele está em coma. O cara é da máfia italiana, então ninguém pode matá-lo. O filho dele, atual *capo*, tem uma paixão por Evy, então nenhum deles vai tocar nela de novo, fora a parte de Shadow e Kill matarem qualquer um que a tocar.

Suspirei aliviada por ninguém daquela máfia ter prejudicado nenhum deles. Quanto perigo todos tinham corrido, e eu estava longe.

Mary contou toda a trajetória deles indo resgatar as duzentas meninas que tinham sido presas também, assim como Evelyn, na fazenda chamada Paraíso. Era mais como o inferno na Terra. Dei graças aos Céus por todas terem sido libertadas e enviadas às suas famílias.

— Agora está tudo bem. Só Michael, que bebia direto mesmo com a irmã dele aqui — disse num tom triste. — Acho que ninguém apaga ou ameniza a dor de um coração partido, ou melhor, quebrado.

— Eu só queria entender por que Berry me enganou desse jeito com Axel e a cadela da Lisa, que mentiu dizendo que ela e Michael ficaram juntos. — Suspirei frustrada e com raiva. — Eu não sei o que Michael será capaz de fazer quando vir Axel. Acho que ele vai querer matá-lo.

— Ele merece isso depois do que fez a você. Berry já foi para o inferno, agora só falta Axel. Por mim, que Kill o mate. Até podia fazer isso com a cadela da Lisa também.

Revirei os olhos.

— Acho que viver com Hush deixou você meio sedenta por sangue ou algo assim. Você sempre foi a mais centrada de nós duas... ou quase.

Ela riu.

— Meu gato é fabuloso, corajoso, esplêndido, charmoso, gostoso...

— Certo, ele é tudo. — Sorri, depois fiquei séria. — Mas, falando sério, preciso falar com Axel para saber o motivo de ele ter mentido para mim e tenho de acertar as contas com Lisa por ter dito aquilo e eu ter perdido o Michael. Porque, no dia seguinte à minha partida, eu voltei, arrependida por ter ido embora, mas a puta descarada disse que transou com ele naquela noite inteira.

— Ele estava machucado, acredito que nem levantaria o pau — disse sorrindo. — Mas gostei de irmos acertar as contas com ela. Vamos pedir ao Draw para nos ajudar, afinal de contas, ele trabalha na mesma boate que ela agora, que pertence aos Salvatores. Mas, antes, você precisa ficar boa. Não pode bater forte naquela puta estando machucada.

— Que puta? — perguntou Evy entrando no quarto. Ela tinha saído havia quase uma hora para ir ao clube e agora retornava com algumas roupas para mim. Eu não gostava de roupas de hospital, aliás, não gostava de hospitais em geral.

Mary sorriu para ela.

— Lisa. Isy quer acertar as contas com ela por ter mentido sobre ter ficado com Michael.

Evelyn me avaliou.

— Eu não a perdoei por ter deixado meu irmão, mas, se for para acertar as contas com aquela safada, estou dentro. Acredita que ela ia me dar de bandeja ao fodido do Enzo, um velho asqueroso mafioso, só por vingança por Dom não a querer, e sim a mim? Ele não a quis mais no clube. Eu não sei bem o que houve naquele dia quando ela sequestrou minha amiga Jamile, mas agora Lisa pertence aos Salvatores, e Dominic disse que isso é pior do que dever sua alma ao

diabo. Mas, quer saber? Não tenho dó nenhuma.

— Sim, acredito. Lisa sempre foi invejosa, queria todos os homens do clube só para ela, principalmente Shadow — falei com um suspiro. — E lamento por ter deixado Michael. Quero que saiba que sempre o amei e vou amá-lo para sempre.

— Acho bom mesmo, porque ele não vai deixá-la ir a nenhum lugar, ainda mais com a filha de vocês. — Evy olhou para Bella, ainda dormindo. — Eu nem acredito que sou tia.

— É o que espero, porque não posso mais viver sem ele. Já fiz isso por muito tempo e foi um completo martírio — murmurei.

— Fico feliz que não vá embora, porque não quero ver meu irmão sofrendo. Pode ficar tranquila, pois irei te ajudar com a Lisa. Sou melhor que meu irmão com facas.

Estremeci, porque notei que ela falava sério. Aquela garota era bem estranha, ainda mais para alguém tão jovem, mas gostei dela.

— Não a quero morta, talvez só com uma cara roxa ou algo assim, mas Hush e Shadow não vão gostar que me ajudem com isso.

— Eu faço as pazes com Hush depois. — Sorriu Mary maliciosa. — Sou boa nisso, na verdade sou ótima em fazer — ela se interrompeu, olhando Bella para checar se ela ainda estava dormindo — um bom boquete nele.

— Oh, eu adoro fazer isso no Dom também, mas gosto mais quando ele coloca a boca em mim — disse a menina sorrindo.

— Chega de falar em sexo, porque estou na seca há anos. Então vamos conversar sobre outras coisas. — Quatro anos e meio, para ser exata. Desde que tinha perdido Michael, eu não transava, porque mantinha minha promessa e não queria outro homem além dele.

— Não ficou com ninguém em todos esses anos longe do Michael? — sondou Evelyn curiosa.

Sacudi a cabeça.

— Não, porque só Michael me importa desse jeito.

Antes que alguém dissesse algo, vovó entrou no quarto, toda preocupada comigo. Mary saiu da cadeira, deixando-a se sentar ali.

— Como está, minha *bambina*? E minha bisneta? Estava tão preocupada com vocês duas. — Tocou meu rosto e o de Bella.

Eu falava com ela direto por Skype, assim a deixava menos preocupada comigo. Não podia estressá-la, com sua idade avançada.

— Estou bem, vovó, não se preocupe comigo — comecei, mas ela me cortou:

— Bem? Você foi raptada por uns assassinos querendo vingança e me diz que está bem? E está com uma costela quebrada... — ela estremeceu ante a última palavra.

— Quem lhe contou que fui raptada? — sondei curiosa, porque não havia sido eu, já que não queria preocupá-la com o que tinha acontecido.

— Michael me contou tudo e pediu para eu vir tomar conta de você aqui. Como pôde não me ligar você mesma? — acusou. — Eu sou a sua avó.

— Vovó, eu sinto muito, mas não queria preocupá-la com nada disso. E estou bem, não fizeram nada mais sério com nenhuma de nós duas.

— Mesmo assim, eu morri um milhão de vezes pensando no que poderia ter acontecido com vocês duas nas mãos daqueles assassinos estupradores.

— Não é só com sua avó que devia ter aberto o jogo, mas com seus amigos também — criticou Draw entrando no quarto. Seus olhos estavam estreitos e irados, mas também vi preocupação neles. — Eu pensei que éramos amigos, mas me enganei, pois você foi embora e não me disse nada sobre isso. Mas contou a Mary que estava partindo. O quê? Ela era sua única

amiga? E quanto a mim? O que eu era para você?

Meu coração se cortou, porque os dois sempre foram meus melhores amigos, e eu parti sem dizer nada a ele. Também não contei ao Oliver, que ainda não tinha vindo me ver. E eu acreditava que ele não iria aparecer. Assim que eu estivesse boa, ia procurá-lo e falar com ele.

— Sinto muito, Draw, não queria deixar vocês preocupados, mas não tive escolha. Eu pensei que Michael estaria em perigo se eu ficasse. — Meus olhos estavam molhados. — Por isso fui embora, mas não queria fazer isso com nenhum de vocês.

Ele me avaliou por um momento, depois veio até mim, perto de vovó e olhou para Bella ao meu lado.

— Ela é uma garotinha linda, pena que parece com o atirador de facas do seu marido — falou em tom brincalhão.

Fechei a cara.

— Michael é lindo!

— Não faz meu tipo, já que ele não tem um par de seios e...

Cortei-o:

— Já entendemos. — Sorri, estendendo minha mão a ele. — Senti saudades.

— Eu também, minha querida. — Beijou minha testa e alisou as bochechas de Bella. — Não nos deixe de novo, ou vou atrás de você e a dobro em meus joelhos.

Dei um tapa nele, porque esse era o Draw que eu conhecia e amava.

— Se comporta — ralhei com um bufo.

— Ou Michael vai te cortar em cubos — disse Evy com um sorriso.

Draw olhou para ela varrendo os olhos por seu corpo como se estivesse tirando suas medidas e pareceu gostar do que viu. Ela era realmente uma beldade com short jeans e um top,

seus cabelos ruivos caídos em suas costas, fora seus olhos caramelados.

— Nossa! Não vai me apresentar a sua amiga? — inquiriu sorrindo sexy para ela.

— Esquece ela, ou seu namorado vai te fazer em pedaços. Ele é pior do que Michael, ou empata — disse Mary com um sorriso.

— Quem teve essa sorte de namorar uma beldade assim?

— Eu. E, se não caçar outro lugar para olhar logo, vou te mandar para o necrotério — disse Shadow sombrio entrando no quarto com Michael ao seu lado.

Evy revirou os olhos e foi até ele, dizendo algo em seu ouvido que o acalmou na medida do possível.

Draw piscou, mas se recuperou ao avaliar o motoqueiro fodão.

— Acho que vou me tornar motoqueiro como vocês e Tripper — comentou.

Ri, mas logo me arrependi. Olhei para Michael ofegante, sentindo algumas dores.

— Isy? — chamou ele preocupado.

— Estou bem, mas acho que está passando o efeito dos analgésicos — minha voz era falha.

— Chame a enfermeira! — gritou ele.

Minutos depois, uma mulher entrou no quarto e fez uma cara feia olhando a todos ali.

— A visita é liberada só para duas pessoas por vez e não para esse tanto de gente. Se querem conversar, façam isso quando a paciente estiver melhor. Agora saiam todos — ordenou a mulher. Olhou para mim. — Escolha duas pessoas para ficar aqui. O resto sai.

Assenti, olhando para Bella e Michael. Não queria ficar longe de nenhum dos dois.

— Eu fico com você — disse Michael entendendo o meu pedido silencioso.

Todos saíram, deixando-me meio sonolenta após a enfermeira aplicar o remédio no soro.

Depois até ela saiu.

— Aonde foi?

— Não vamos falar disso agora. Evite conversar para não sentir dor.

— Michael, por favor, não vá atrás de nenhum deles. Eu estou te implorando! Não posso viver mais sem você. Se algo te acontecer, eu não sei o que vou fazer... — Meus olhos estavam molhados.

— Não chore. Eu não fui atrás de ninguém, tudo bem? Agora se recupere para irmos para casa.

— Eu amo você mais do que a minha vida — confessei e adormeci antes de ouvir sua resposta.



Capítulo 15

Acerto de contas

Um mês e meio depois

ISABELLE

Eu estava feliz com minha família e amigos de volta. Todos no clube me aceitaram novamente. Eles entenderam o motivo de eu ter feito o que acabara fazendo. Minha recuperação foi mais do que boa no mês e meio que se passou, então finalmente eu podia continuar com minha vida.

Tripper, ou Oliver, era o único que não quis me ver depois que voltei. Quando ele descobria que eu iria a um lugar onde ele estivesse, ele pegava sua Harley e desaparecia, não esperando para conversarmos.

No começo, fiquei magoada e triste por sua rejeição, mas depois, irritada com ele. Poxa! Ele devia ao menos me ouvir antes de me ignorar daquela forma, como se eu não fosse sua irmã postiça. Eu o considerava assim desde o dia em que o libertei da megera de sua tia prostituta que não ligava para ele, só o usava para roubar dos outros.

Por isso Mary me ligou e disse onde Oliver estava naquele momento. Deixei Bella com Evy e fui falar com ele. *De hoje não passa*, pensei, porque no outro dia eu iria para Dallas pegar as minhas coisas e as de Bella.

Cheguei à boate Fênix, no centro de Chicago, que Michael tinha comprado para si. Tentei evitar pensar no que ele fazia ali com as dançarinas do lugar. Não podia acusá-lo pelo que ele fazia quando estava sofrendo e sem mim.

Meu relacionamento com Michael estava indo bem. Não brigávamos nem culpávamos um ao outro. Até aí, tudo ok, mas ele não estava me tocando. No dia anterior eu o havia beijado, e logo tudo ficou bem intenso. Eu sabia o quanto o queria naquele momento, mas ele simplesmente disse que tinha de sair e voltou bem tarde da noite. Michael nunca se negara a mim. Algo estava acontecendo, eu só não sabia o que era. Assim que lidasse com Oliver, iria até Michael para conversarmos e saber o que estava acontecendo conosco e se ele ainda me queria ou não, bem como o motivo da sua hesitação em transarmos.

Entrei na boate. Devo dizer que estava preparada para tudo, menos para o que via à minha frente. Todos os MCs estavam ali, no salão, Shadow conversando com Hush e Daemon, o moreno lindo de olhos caramelo. Entretanto, o que me chocou mesmo e partiu minha alma foi ver Michael com uma mulher morena vestida com roupa bem sensual. Ela estava com um braço em seu ombro e outro no de Curt, o presidente do MC de Nova Iorque. *Com certeza compartilham a mesma mulher*, pensei amarga.

Esqueci-me da minha conversa com Tripper, que, por sua vez, também estava ali no meio de todos. Fiquei tão transtornada que era como se meu mundo tivesse desabado naqueles poucos minutos. Finalmente eu entendia o motivo de Michael não querer ficar comigo. *É porque ele tem outra pessoa, ou várias*, pensei irada. *Ele só não sabe como me dizer que eu não sirvo mais para ele depois de tantos anos.*

Saí correndo antes que eles me vissem e esbarrei em Max, que ia entrando.

— Isy? — Ele segurou meu braço, detendo-me, então ficou preocupado ao ver as lágrimas em meus olhos. — O que aconteceu?

Esquivei-me dele e corri para o meu carro. Só queria sumir dali. Todavia, antes de arrancar

com o veículo, eu o vi entrando na boate certamente para saber o que estava acontecendo.

Não me importei, porque só queria sumir dali e deixar a dor tomar conta de mim. Limpei as lágrimas para enxergar melhor e não atropelar ninguém ou me acidentar batendo contra um poste.

Eu ainda custava a acreditar que Michael havia feito aquilo comigo. Certo! Eu o tinha deixado, e ele ficara com várias mulheres, como Berry disse, mas eu havia voltado, e, se ele não me quisesse mais, devia pelo menos ter tido a decência de me dizer. Assim, eu partiria, porque não podia ficar com uma pessoa se ela não me queria mais.

Eu estava pensando em ir buscar minhas coisas em Dallas, mas, pelo visto, teria que ir embora de vez de Chicago, porque não podia ficar ali vendo Michael direto e sabendo que ele não me pertencia mais. Um dia, tinha sido meu; não era mais.

Controlei a dor que estava em meu peito e na minha alma, afinal de contas, havia sido eu a abandoná-lo. Como podia esperar que tudo fosse como antes? Que viveríamos e seríamos felizes só porque nos amávamos – ou eu achava que sim? Não sabia de mais nada.

Meu telefone tocou. Pensei em ignorá-lo, mas podia ser algo relativo a Bella. Atendi sem olhar a tela.

— Oi.

— Isy? O que aconteceu? Parece que está chorando — sondou Draw preocupado.

Expirei, não querendo preocupar ninguém. A dor e o buraco em meu peito só diziam respeito a mim e a Michael, com quem, assim que eu voltasse para sua casa, conversaria antes de ir embora.

— Estou bem, é só uma gripe. Mas por que está ligando a essa hora da noite?

— Fiquei de achar aquela tal de Lisa, se esqueceu? Ela tinha dado uma sumida da boate, mas agora está aqui junto com um cara que tem um escorpião no braço. Não é o homem que

procura também? Ele não tem uma tatuagem como essa?

Quase pisei no freio ao saber disso. Enfim era a vez de eu acabar com os dois fodidos de merda. Por causa deles, eu havia perdido Michael para sempre, pois ele estava por aí ficando com a mulherada.

— Onde?

Draw me deu o endereço da boate, no outro lado da cidade, mas não me incomodei com onde ela ficava. Eu tinha ouvido que ali era o território dos mafiosos italianos, mas Shadow tinha aliança com eles, então eu estaria segura, pelo menos não morreria ou seria sequestrada por eles. *Assim espero*, pensei.

A boate estava movimentada, diferente da boate Fênix, que estava vazia quando eu entrei, só com os MCs, aquela mulher e algumas outras no palco. Eles deviam estar contratando mais dançarinas. Isso nunca havia me preocupado no passado, Michael olhar para elas, porque sabia que ele jamais sentiria nada, mas atualmente era diferente. Nossa história era como vidro fino e estava quebrada antes mesmo de termos alguma coisa novamente.

Não liguei por estar diferente das mulheres ali, com poucas roupas. Eu vestia um vestido florido. Era o tipo de roupa que mais gostava. Entrei e ouvi música eletrônica enquanto mulheres faziam strip-tease no palco.

Ignorei todos e procurei Lisa no meio da multidão, então a vi dançando enquanto esfregava sua maldita bunda em Axel, que estava sorrindo. Vi Draw na mesa de som também, mas não me importei; falaria com ele depois. Naquele instante eu só queria descontar minha raiva e dor, que estavam presas dentro de mim havia anos.

Aproximei-me deles e puxei o cabelo dela para trás, fazendo-a gritar. Em seguida dei uma forte bofetada no seu rosto.

— Sua puta desgraçada! Como ousou fazer aquilo?! — gritei indo para cima dela antes que

se recuperasse. Ela tropeçou nos saltos e caiu, e continuei avançando. — Como foi capaz de mentir dizendo que ficou com Michael, quando era mentira?!

Ela arregalou os olhos, depois ficou furiosa ao me reconhecer.

— Não é mentira. Fodemos muito naquela noite — rosnou de volta, puxando meu cabelo. Chegou a doer.

— Sua descarada! Ele teve um acidente e se machucou, por isso você estava lá, mas vocês dois — olhei para o cara parado me olhando de modo vidrado —, seus malditos, e Berry me afastaram dele! Tudo para quê?! Para vê-lo sofrer?!

Bati mais na cara dela, tanto que eu acreditava que ficaria cheia de hematomas no dia seguinte e não rebolaria aquela bunda fodida por muito tempo. Ela gritava pedindo para Axel me tirar de cima dela.

— Eu odeio vocês, seus malditos! — gritei assim que Axel me puxou de cima da vadia descabelada. — Vocês destruíram minha vida!

— Mas que porra está acontecendo aqui? — sibilou um cara alto, moreno e com os olhos negros e frios. Ele olhava com raiva para nós três.

Notei que todos perto de mim se encolheram como se aquele cara tivesse poder sobre eles. Não liguei para isso e chutei a canela de Axel, que amaldiçoou, e voei de novo em cima da Lisa, que estava se levantando. Contudo, não cheguei até ela, porque aquele homem desconhecido me pegou pela cintura para evitar o massacre.

— Sua cadela! Eu vou acabar com você! — sibilei, debatendo-me nos braços do cara. — Me solta e me deixa bater no outro olho dela para ficar todo preto!

Ele deu um suspiro frustrado.

— Os dois na minha sala agora — não pareceu um pedido, e sim uma ordem para Lisa e Axel, que estava calado todo esse tempo. Isso me deixou com mais raiva dele. — Se controla,

tigresa — falou pegando meu braço e me puxando para um corredor meio escuro, com somente uma luz vermelha que vinha das salas VIP.

Uma sensação gelada desceu por minha coluna ao pensar no que aquele desconhecido faria comigo ali, mas pelo menos eu não estaria sozinha, mas com Lisa e Axel, embora nenhum dos dois me ajudaria caso aquele homem quisesse acabar comigo.

— Me solta! — Dei um safanão no meu braço para me soltar dele, mas o cara só me largou quando entramos em um escritório.

Tinha uma estante e uma mesa grande com papéis sobre ela. Ele me deixou, sentou-se à mesa e cruzou os braços, fuzilando a nós três com seus olhos frios.

— Agora me digam o que diabos aconteceu. Você está aqui para trabalhar pela dívida que me deve — disse a Lisa, depois se voltou para Axel: — E você só ficou lá e não impediu essa...

— Cuidado! — avisou Axel num tom mortalmente frio. Eu nunca o tinha visto assim. Se bem que eu não conhecia o homem.

— Ela é sua mulher? — Ele me encarou. — Porque, se vocês são casados e você pegou seu marido com outra, deixe para resolver seus problemas do lado de fora, de preferência longe da minha boate. Já ouviu aquele ditado que roupa suja se lava em casa? Agora quem vai arcar com os prejuízos?

— Eu pago...

Cortei Axel batendo no seu peito e o pegando de surpresa. Ele deu um passo atrás e caiu sentado no sofá, e eu continuei batendo nele.

— Seu desgraçado! Eu não preciso que me defenda de ninguém e muito menos que pague minhas dívidas! — Eu chorava de raiva, algo humilhante. — Você e o maldito do Berry se juntaram e me separaram de Michael!

— Era preciso...

— Uma ova, seu cretino! Vocês mentiram, e tudo para quê? O que ganhou com isso? Foder a desgraçada da Lisa? Vocês dois são uns malditos vermes que deveriam estar mortos como Berry!

Ele estreitou os olhos.

— Eu fiz isso para protegê-la...

Interrompi-o lhe dando um soco na boca. Ele chegou a gemer. Axel me rodopiou e pairou em cima de mim com minhas mãos para cima.

— Proteger?! Eu nem conhecia você, desgraçado! Como pode dizer isso?! Ramires nem sabia sobre Michael e Kill serem a mesma pessoa, e vocês dois disseram que isso era para sua proteção, mas, no final, ele nunca correu perigo algum! — Chorei. — Você destruiu minha vida me afastando do homem que eu mais amava no mundo, e tudo para quê?! Porque estava interessado em mim?

Ouvi a porta se abrindo como se tivesse sido chutada. Olhei-a a tempo de ver um Michael mortal entrar seguido por Shadow e outros, mas meus olhos estavam em Michael, que estava se preparando para jogar suas adagas em Axel.

— Interessado em você? Porra, eu sou seu irmão...

Meus olhos lampejaram para ele, mas vi que as mãos de Michael pararam no ar, e não foi o único que ficou surpreso com isso.

— Não! Vovó teria me contado que meu verdadeiro pai estava vivo! Ela disse que Daniel Slokan morreu! — Quando mamãe se casou com Benjamin, ela estava grávida de mim, e ele me aceitou como se eu fosse sua filha biológica. Eu era pequena, mas me recordava de que ele me amava.

— Daniel Slokan era o Berry — falou ele ainda em cima de mim. Eu me remexi debaixo dele.

— Não posso ser filha daquele filho da puta! — grunhi. — Agora saia de cima de mim!

Ele saiu e se levantou, olhando a todos na sala, ainda chocados e depois a mim, sentada no sofá, também atordoada. *O que ele disse não pode ser verdade... Não tem como ser, não é?*

— Sua mãe, Isabel, teve um caso com Berry antes de ela se casar com Benjamin. Desse caso, ela engravidou de você, mas Berry não a quis, disse para sua mãe abortar. É claro que ela não fez isso. Logo depois Isabel conheceu seu marido, e se casaram. Ele aceitou você mesmo não sendo dele. Depois do acidente dos seus pais, você foi morar com sua avó.

— Como sabe sobre isso? E que ela é filha de Berry? — perguntou Shadow controlando a sua voz, mas percebi que ele estava grilado com Axel e com seu antigo chefe traidor.

— Descobri quando a vi com Michael uma noite na boate e vi Berry reparando em você, Isy — ele me disse —, não em termos sexuais, mas com raiva. Na sua frente, ele sorria, mas, por trás, ele amaldiçoou por sua mãe não ter abortado você. Acho que ele estava com medo de você descobrir e querer conhecê-lo como pai ou algo assim. Depois, eu chequei os fatos e descobri tudo sobre ele e Isabel.

— Eu não entendo. Se ele não gostava de mim e queria que eu morresse, por que queria me proteger? — minha voz era só um sussurro abatido.

Axel suspirou.

— Não foi ele que quis protegê-la, fui eu — informou e puxou a camisa mostrando sua barriga tanquinho com a tatuagem de um dragão, mas notei cicatrizes de faca, e não eram poucas. Estavam no peito e na barriga. — Está vendo isso? Foi o cartel mexicano que fez há oito anos, porque souberam que eu era filho de Berry. Queriam me trocar por algo que ele pegou do cartel de Ramires.

— Então ele se importava com você? — Meus lábios estavam rígidos.

Ele riu amargo. Notei que tinha um piercing na língua.

— Se importar? Não, se fosse por ele, eu iria morrer lá. Essas facadas são rasas, um tipo de tortura que fura a pele, mas não os órgãos, afinal de contas, eles nos querem sofrendo e não mortos. — Ele abaixou a camisa.

— Não soube de troca nenhuma nessa época — falou Shadow.

— Com certeza ele não diria a ninguém sobre isso, já que era um miserável que se importava só consigo mesmo — seu tom estava sombrio.

Eu me senti mal por ele ao descobrir quanto Axel sofrera nas mãos daqueles mafiosos e tudo porque Berry não quis fazer uma barganha igual Michael havia feito ao entregar o tal de Rato em troca de mim e Bella.

— Como se livrou deles, então, se aquele fodido não fez essa troca? — não perguntei o que era, talvez não quisesse saber a resposta. Com certeza era algum homem como o Rato.

Ele suspirou.

— Houve uma intervenção da polícia no lugar. Me acharam lá e me levaram para o hospital de Monterrey. Assim que me costuraram, eu fugi para os Estados Unidos, pois sabia que não podia dar as respostas que eles queriam. — Ele passou a mão direita nos cabelos. — Há quase cinco anos, eu descobri que Ramires estava querendo pegar Berry por um carregamento de meninas que não deu certo. Estava tudo marcado para ir ao mercado negro. — Ele olhou a todos. — Vocês devem se lembrar que ele ficou uns cinco meses longe, naquela época. Foi porque ele teve que conseguir mercadoria e dar a Ramires se não quisesse ser morto.

— Lembro-me dessa época. O miserável disse que ia tirar uns dias de folga. Eu achei estranho, mas não disse nada, já que era nosso presidente — a voz de Shadow estava sombria.

— Eu descobri sobre isso e o ameacei dizendo que ia contar caso ele não me ajudasse a separar vocês dois. — Axel olhou de mim para Michael, que estava parado, mas furioso. Notei que ele estava se segurando para não acabar com Axel.

— Por que faria isso? O que meu relacionamento com Michael tinha a ver com as coisas daquele asqueroso? — sondei. — Por culpa disso, eu perdi o Michael.

Pelo canto do olho, notei que Michael me olhava com os olhos estreitos.

— Porque logo Ramires iria descobrir sobre você ser filha de Berry e a usaria como fez comigo, e Berry nem ligaria caso você morresse ou fosse torturada. Ele não se importava com o que viesse a acontecer com você, mas eu, sim, e lamento que tenha sofrido durante esses anos, mas era melhor sofrer a ser morta — ele se encolheu ante a última palavra.

— A teríamos protegido — rosnou Michael. — E isso não adiantou muito, já que ela foi sequestrada em outra cidade e sob a sua proteção.

Axel estreitou os olhos.

— Ramires sabia que não poderia tocá-la, ainda mais com a aliança que o MC Fênix fez com o *capo*. Depois de fazer Ramires matar Berry, achei que, com sua morte, você estaria livre. — Ele me fitou. — Mas, de algum jeito, ele descobriu que você era mulher de Kill e a usou para ter o Rato de volta.

— Você matou Berry? — inquiri ultrajada. — Mas ele era seu pai!

Axel bufou.

— Aquele homem não sabia o significado dessa palavra, e não fui eu que puxei o gatilho, mas ele merecia aquilo. Pena que não fui eu a matá-lo. — Ele parecia mesmo querer ter matado o pai. — Descobri que ele estava roubando algumas cargas de Ramires, e fiz o mexicano perceber, então ele mandou Rato executá-lo.

— Por causa disso, a minha irmã quase foi morta — grunhiu Michael.

Axel suspirou.

— Imprevistos...

— Imprevistos?! — Shadow se lançou contra ele. — Ela é minha mulher!

Entrei na frente para impedir que Shadow atacasse Axel, talvez por instinto, mas o movimento não passou despercebido, porque todos me fitavam ao proteger meu irmão. Ou tentei, porque ele me puxou para trás de si, defendendo-me da fúria de Shadow.

— Ficou louca?! Entrar na frente de um homem enfurecido?! — repreendeu Axel.

— Ele ia bater em você — murmurei olhando entre os dois.

Shadow controlou sua raiva, mas foi Michael que o deteve segurando seu braço, mas estreitou os olhos sobre nós.

Se eu tinha perdido Michael, pelo menos ganhara um irmão. Eu sabia que, por causa dele, havia perdido meu homem. Contudo, pensei que ele poderia não ter ficado com ninguém durante aqueles anos, igual a mim, mesmo sofrendo. Só por que era homem? Isso era muita injustiça, pois eu mantinha a minha promessa enquanto ele fodia todas que passavam na sua frente.

— Você também me bateu, se esqueceu? — Axel falou, mas senti orgulho em seu tom. Depois ele se direcionou a Shadow: — O que eu quis dizer foi que não sabia que as coisas sairiam do controle naquele dia. Eu nem sabia que sua mulher ia aparecer lá, ou que você — olhou para o cara dono da boate, que ainda estava de braços cruzados, ouvindo tudo — a deixaria lá.

— Como sabe sobre isso? — sondou o cara.

— Eu chequei depois algumas câmeras do lugar, rastreei e descobri o que houve. Mas, de qualquer forma, eu não me importo com Berry morto. — Ele suspirou. — E acredito que vocês também não ligam para isso. Ao menos não depois de saber o rato imundo que ele era — disse aos MCs.

— Não ligamos — concordou Nasx perto de Shadow.

— A conversa está boa, mas quero saber quem vai pagar as coisas quebradas e os prejuízos

no clube por espantarem meus clientes — disse o cara, nada feliz com as perdas e danos, mas quem ficaria? — Além de deixar minha dançarina machucada, pois ela não participará de nada por semanas.

— Eu sinto muito pelo prejuízo na sua boate, mas não pela surra que dei nessa vadia. — Fuzilei com o olhar Lisa, que retribuiu, mas não disse nada. Provavelmente temia aquele homem fosse ele quem fosse. — É uma pena que você não me deixou acabar mais com ela.

Ele riu.

— Dizer que sente muito não paga prejuízos. Você poderia ocupar o lugar de Lisa, mas acredito que Kill não irá permitir isso.

— Nem fodendo — sibilou Michael.

— Acha que eu dançaria para um bando de homens idiotas que deixam suas namoradas e esposas em casa para vir ver mulheres mostrando a bunda? — minha voz estava cheia de asco, mas pensei em Michael na boate e nas mulheres dançando no palco.

— Eles só vêm procurar o que não veem em casa — respondeu o cara.

Isso foi como um soco no meu estômago, porque ele estava certo.

— Acho que tem razão — a dor era evidente na minha voz, talvez em meu rosto também.

— Eu pago a dívida — disse Axel e olhou para mim. — Você vem comigo ou vai com Kill? Parece que vocês têm assuntos inacabados.

— Você vai ficar bem? — indaguei, não querendo deixá-lo sozinho. Eu temia que os MCs tencionassem se vingar dele por me afastar de Michael. Olhei a todos. — Nenhum de vocês vai tocar nele.

Os olhos sombrios de Shadow se estreitaram.

— Acho que isso não é da sua conta — sibilou com os dentes trincados.

— Passou a ser depois que descobri que ele é meu irmão — retruquei fuzilando Shadow com os olhos. — Se quiser machucá-lo, vai ter que passar por mim.

— Isy, eles não vão me tocar, não se preocupe — Axel falou, mas sua voz não tinha confiança.

Peguei seu braço e o puxei porta afora, mas Michael entrou na frente, impossibilitando-me de passar.

— Você não vai sair com ele. Vamos embora, e eu prometo que ninguém vai encostar um dedo nele. Não meus irmãos, pelo menos.

— Isso quer dizer que você vai? — chutei.

— Nós dois temos contas a acertar, Isy, mas não vamos matar um ao outro. Só luta, como normalmente fazemos.

— Luta? Sei que, quando um membro do clube MC comete um erro, ele fica lá apanhando sem fazer nada, igual você fez com Shadow por namorar sua irmã — acusei. — Ela me contou o que fez.

— Está tarde. Vamos deixar para resolver isso depois — disse Axel, querendo impedir a briga que eu acreditava que não levaria a nada.

Deixei Michael me levar de lá. *É a vez de nós dois termos uma conversa definitiva*, pensei, mas meu coração estava sangrando por dentro.



Capítulo 16

Invasão

ISABELLE

— Isy, o que você viu na boate que a fez sair correndo? Max disse que estava chorando — Michael perguntou assim que entramos na sua casa. — Fui atrás de você, mas não a encontrei em nenhum lugar.

Ele ainda me pergunta por que fui embora? Como pode ficar tranquilo assim depois de ficar abraçado com uma mulher quando estamos juntos?! Ou pensei que estávamos...

— O *quê*? Estou cansada, Michael... — falei me sentando no sofá.

Ele ofegou e veio ficar à minha frente com um olhar atormentado.

— O que foi? Por favor, me diz que não está querendo me deixar... — sua voz estava tremendo. — Eu não posso viver sem você.

— Então por que fez aquilo? — Chorei. — Se me queria, por que ficou com outras mulheres? Eu vi uma com os braços em você e em Curt na boate...

— Mulher? — Ele piscou. — Está falando de Nádia? Eu não estou fodendo-a, nem a ninguém, Isy. Ela é só uma amiga, e não no termo sexual. Gosto dela assim como gosto da Mary. E, além disso, ela é mulher de Curt.

Pisquei, com esperança de que ele não tivesse ficado com ninguém.

— Curt tem mulher? — Pensei no homem que eu tinha conhecido no clube havia oito anos, pior que Shadow e chefe do clube em Nova Iorque. *Então ele foi fisgado? Milagres acontecem mesmo*, pensei.

— Sim, há quase dois anos — respondeu ele. — Somos uma família. Os dois vieram aqui passear. Eu esperava apresentá-la a ela esta noite, mas então Max disse que viu você sair correndo da boate. Eu nem a vi por lá.

— Por que não me esperou? Eu sei que sou egoísta por dizer isso, mas não fiquei com ninguém em todos esses anos, porque só você me importava. Mesmo sofrendo pensando que você tinha fodido a Lisa, eu não quis ninguém. — Limpei minhas lágrimas. — Também não queria descumprir a promessa que fiz a você, mas você deve ter ficado com várias mulheres...

— Isso é uma pergunta ou declaração? — perguntou calmo e abriu minhas pernas, ajoelhando-se no chão à minha frente.

— M-Michael — minha voz falhou devido ao seu toque, que abrasava minha pele e meu coração. — Estou falando sério aqui.

— Eu também, e a resposta é não. — Sentou-se nos calcanhares e ergueu um pouco o meu vestido.

— Não? O que quer dizer com isso? — Peguei sua mão para impedi-lo de tocar em mim, ou fugiríamos da nossa conversa séria, porque ele estava me deixando quente.

— Não, você não é egoísta, e fico feliz que não tenha ficado com ninguém. Isso me impede de ir lá e matar seja quem for.

— Isso significa que eu tenho de matar as mulheres com quem ficou — minha voz estava amarga ao pensar nele com outra.

Ele riu. Isso me deu raiva por ele zombar de mim e dos meus sentimentos. Empurrei-o para sair de perto de mim, mas ele me deitou no sofá e pairou sobre meu corpo, segurando minhas

mãos acima da cabeça.

— Está sentindo meu pau duro? — Ele se mexeu sobre minha pele. — Ele só esteve dentro de uma boceta em toda a minha vida, e foi na sua, e vai ser a única, Isabelle.

Arregalei os olhos ante o que ouvi.

— Jura? Não beijou ou as deixou tocarem em você todos esses anos?

Ele sorriu, beijou meu pescoço e mordiscou minha orelha, fazendo-me gemer, ansiando por ele como vinha fazendo havia muito tempo. Eu possivelmente gozaria só me esfregando nele de tanta vontade que estava daquele homem.

— Não, porque há mais de oito anos conheci uma baixinha que lambia um sorvete de modo que me fez quase bater minha moto, e, depois disso, eu soube que ela seria a única mulher com quem eu me casaria e teria muitos filhos.

— Já temos uma, e, se quiser, podemos fazer mais filhos. — Sorri, tocando seu rosto. — Eu vou adorar essa parte, ainda mais, seca do jeito que estou. Fico feliz por ser a única em sua vida, assim como você é o meu único homem, a quem amarei para sempre.

Meu coração batia forte, tanto que eu poderia gritar de felicidade.

— Você sempre foi a única em toda a minha vida e será até eu morrer. — Ele me fitou e beijou minhas pálpebras com amor e doçura.

— Não vamos falar em mortes hoje, não quero pensar nisso, já que pensei nela nesses quase cinco anos longe de você, imaginando que isso poderia acontecer a qualquer hora. — Abri mais minhas pernas. — Por que me rejeitou todo esse tempo, então?

Ele suspirou com um olhar triste.

— Depois daquele dia em que você quase foi estuprada por aquele desgraçado do Rali, fiquei com medo de que pudesse ter algum trauma de toque. Acho que temi que fosse me deixar.

— Ele beijou a ponta do meu nariz amorosamente.

— Isso é idiotice, Michael, eu jamais sentiria medo de você, mas devo dizer que fiquei com raiva, porque você não quis me tocar igual tocou nas outras mulheres.

— Eu não toquei em ninguém, minha baixinha linda — lembrou-me ele.

Sorri.

— Eu sei, mas eu pensava que tinha feito. Por isso estava irritada, e ver você na boate com aquela mulher me deixou mais furiosa. Depois recebi a ligação de Draw... — interrompi-me com a cara fechada de Michael.

— Oh, eu soube o que aquele incompetente fez. Como pôde levá-la para lá sabendo que é uma boate do líder da máfia italiana? Eu devia acabar com ele.

Estremeci com isso, mas Michael jamais tocaria nas pessoas que eu amava.

— Como soube que eu estava lá, na boate daquele cara sombrio? — Estava curiosa com isso desde que ele entrara no escritório.

— Luca é o nome dele, é primo do *capo*. Somos aliados, mas temi quando Draw me ligou e disse que Luca a levou para sua sala, ainda por cima com Axel e Lisa. — Ele suspirou, sentando-se em meus quadris. — Eu estava há dias à procura dele, mas Axel sabe fazer rastros desaparecerem, assim como fez com o seu em todos esses anos. Eu fui lá para matá-lo.

— Mas não vai, não é? Eu sei que ele nos fez sofrer nos afastando um do outro, mas Axel só fez isso para me proteger dos inimigos de Berry — falei em tom suplicante. — Por favor, Michael.

Ele deu um suspiro frustrado.

— Não vou, mas por você, Isy. Ele merecia isso depois de tudo o que passamos e os momentos que perdi não vendo minha filha crescer — disse e olhou para fora por um segundo,

depois para mim. — Mesmo depois de morto, Berry ainda se mete em tudo. Por que Axel tem que ser seu irmão? Agora não posso acabar com ele como gostaria.

Fiquei contente por ele não fazer isso com Axel. Eu estava com raiva dele também, mas, após ver o quanto meu irmão tinha sofrido ao ser torturado, isso acabou me comovendo, e eu não queria que ele sofresse mais do que já havia sofrido.

— Gravei vídeos de todos esses momentos, cada aniversário dela, seu nascimento, seu primeiro passo, sua primeira palavra pronunciada, que, por incrível que pareça, foi “papai”. Acho que ela me ouvia dizer muito sobre você.

Seus olhos brilharam com isso. Fiquei feliz e não falei mais sobre Axel, pois o deixava com raiva. Achava que levaria algum tempo até ele aceitar meu irmão. Esperava que os dois se entendessem.

— Onde eles estão? Em Dallas? Precisamos ir lá buscar suas coisas e as de Bella e as trazer para cá. — Ele apertou meus seios. — Amanhã resolveremos isso. Agora quero outra coisa que estou ansiando há anos.

— Não é só você. Eu também estou quase gritando para você rasgar minhas roupas com os dentes de tão louca que estou por seu toque. — Peguei sua jaqueta de MC e a tirei junto a sua camiseta, jogando-as longe. E algumas adagas, sete ao todo. Meu homem gostava de facas.

Ele tirou meu vestido e varreu os olhos sobre meu corpo com desejo e prazer. Senti o fogo subir por mim, tanto que meu centro latejava, querendo-o, desejando seu toque, seus beijos e ele por completo.

— Michael...! — clamei, puxando seu zíper e tirando suas calças. Puxei sua cabeça, atraindo seus lábios para os meus e os devorando com fome, como se não me alimentasse por anos – e com certeza não o tinha feito. Logo ele estava dentro de mim bombeando cada centímetro de seu pênis.

— Isso, geme enquanto é fodida por meu pau... — rosnou ele contra a minha boca.

Minhas mãos passeavam por suas costas, apertando-o mais contra meu corpo, querendo colocá-lo dentro de mim no sentido figurado. Eu nem acreditava que, após anos, estava com aquele homem de novo e que ele ainda era só meu e não havia pertencido a mais ninguém.

Prendi minhas pernas em sua cintura para que ele entrasse mais em meu interior, adorando cada polegada dele. Cada impulso me levava à beira do orgasmo. Eu sabia que a primeira vez ia ser rápida, porque tinha sido muito tempo sem sexo, mas tão intensa e prazerosa que eu gritei não importando se alguém aparecesse e ouvisse.

— É gostoso demais foder você! Eu sentia muitas saudades dos seus gritos! Espero ouvi-los sempre! — grasnou enquanto estocava mais rápido e duro, levando-nos ao ápice do prazer.

— Eu te amo, Michael — revelei bêbada de desejo e amor, olhando seus olhos ardentes como os meus deviam estar naquele momento.

— Eu também amo você, minha baixinha linda — declarou dando uma última estocada dentro de mim e gozando comigo. Clamamos o nome um do outro com prazer e devoção.

— Sempre! — jurei com ferocidade, beijando-o mais um pouco.

Ele sorriu e me pegou nos braços. Deixei minhas pernas à sua volta, com seu pau ainda dentro de mim, enquanto ele subia a escada e nos levava ao banheiro.

— Não quero sair daqui tão cedo — falou ligando o chuveiro e mexendo o quadril, dando ênfase ao que estava dizendo. — Um lugar em que adoro estar. Só você me deixa duro assim tão rápido.

— Eu gosto de você duro e se mexendo dentro de mim. — Sorri, beijando seus lábios, que eu amava tanto saborear e degustar.

Fizemos amor mais uma vez debaixo do chuveiro, deliciando-nos e apreciando mais o momento dessa vez.

Olhei para cima com a boca em seu pênis e passando minha língua em sua cabeça inchada, saboreando, degustando, amando e chupando forte.

— Isso! Lambe, minha baixinha! — Ele estava com as mãos em meus cabelos, prendendo-os no alto, mas não me forçou a ir mais fundo, só as manteve ali. — Eu senti tanta falta desses lábios... Eu vou gozar... tão perto...

Acelerei mais os movimentos, porque o queria gozando em minha boca, e foi o que ele fez. Apertei suas bolas, fazendo-o grasnar de prazer.

— Porra! Isso é bom demais! — Sorriu assim que tirei minha boca de cima dele.

— Que bom que gostou. Sabe, estou meio sem prática. Foram quase cinco anos sem fazer um boquete bom como esse. — Sorri.

— Vamos deixá-la com prática de novo. Agora é a minha vez — falou me puxando para seus braços e me beijando. Depois caiu de joelhos à minha frente, olhando minha boceta. — Linda.

Corei e me escorei na parede, colocando minha perna direita em seu ombro. Estremeci assim que senti seu hálito quente no meu centro.

— Agora vamos ver o quanto está inexperiente no sexo oral também. Devo dizer que estou louca para ver como vai ser com essa barba, até sonhei com ela na noite passada.

Ele riu. Logo depois estava me devorando com sua língua e lábios. Sua barba me deixava mais louca, a ponto de quase cair sem forças, mas ele me segurava pelas nádegas, apertando-me mais em sua boca.

— Oh, Deus! Isto é o paraíso! — Fechei meus olhos, deixando meu corpo tremer, quase chegando ao orgasmo, diga-se de passagem: o melhor da minha vida. Vi uma galáxia inteira.

Ele lambeu mais, sugando tudo em mim até eu parar de tremer em seus braços. Depois deu mais um beijinho doce em minha boceta e logo estava com sua boca na minha.

Depois de banho tomado, já estávamos indo para a cama continuar a fazer amor e a praticar mais sexo oral, matar a saudade e falta que estávamos um do outro, mas ouvi um barulho no andar de baixo.

Michael me olhou preocupado e pegou duas adagas que estavam na gaveta do banheiro, pedindo-me silêncio.

— Fique aqui e não saia por nada — pediu saindo do banheiro.

— Michael... — chamei baixinho com meu coração apertado e com medo de que algo acontecesse a ele.

Olhei nas gavetas à procura de celulares, mais adagas. Talvez tivesse algo que eu pudesse usar para chamar ajuda contra quem estava lá embaixo.

Tive sorte, porque, assim que abri a última gaveta, achei dois celulares pretos. Esperava que funcionassem. Disquei o número de Shadow tentando não entrar em pânico.

— Alô? — atendeu ele em tom confuso, talvez por ser um número desconhecido.

— Shadow, eu acho que tem gente aqui — sussurrei, e bem na hora ouvi tiros. — Oh, meu Deus! Tiros... Michael está lá fora...

— Isy, me diz o que está havendo! — pediu e gritou algo para alguém, mas não ouvi, preocupada demais com Michael.

— Eu não sei, estávamos aqui em casa, mas de repente ouvimos barulho. Michael saiu para checar, e agora ouvi tiros — respondi alterada e saindo do banheiro. Fui até o armário de roupas e procurei uma arma que sabia que estava guardada ali.

— Isy, estamos indo. Não saia de onde ele mandou você ficar. Kill é experiente e saberá lidar com quem estiver aí, então não faça besteira.

Michael era acostumado a deixar adagas em todos os lugares, bem como armas de fogo em

armários e no criado-mudo. Contudo, com Bella em casa, ele as deixara só no guarda-roupa para que ela não as pegasse pensando serem brinquedos.

Interrompi a ligação, ignorando a preocupação de Shadow. Peguei a arma e conferi se estava carregada. Eu sabia que Michael tinha pedido para que eu ficasse ali, mas não podia. Não com ele lá enfrentando perigo.

Meu coração batia alto devido ao medo, tanto por mim quanto por Michael, que podia estar ferido. Não, eu não podia pensar nisso, tinha de acreditar que ele estava bem.

Vesti uma camiseta dele que coube em mim como um vestido, mas não liguei para calcinha. Só queria proteger o meu homem.

Espiei o corredor, mas estava escuro. Não enxerguei nada, mesmo assim saí porta afora tentando ver algum vulto suspeito e atirar. Michael estava com uma toalha branca andando por aí, então se destacava na escuridão, a não ser que estivesse nu.

Andei pelo corredor tateando às cegas até perto da escada. Foi quando ouvi vozes. Uma especificamente me chamou atenção. Rali estava ali e com certeza não estava sozinho.

— Você, seu miserável, matou meu irmão! — rosnou a voz do verme, colérica. Acho que a palavra certa era furiosa ou mortal.

— Eu o dei para Ramires vivo. Se Rato morreu enquanto estava em seu poder, não é problema meu — disse Michael de algum lugar da sala.

Rali grunhiu furioso:

— Eu vou matar você e aquelas putinhas da sua mulher e filha. Vamos ver o quão apertadas elas são!

Estremeci e dei graças a Deus que Bella não estivesse ali, e sim segura no clube. Mesmo com tudo dentro de mim tremendo, continuei andando para ver se aquele desgraçado estava sozinho ou com alguém.

— Você vai morrer, e vou adorar te matar lenta e dolorosamente por ousar tocar na minha mulher, seu merda! — o tom de voz de Michael destilava fúria.

Rali riu.

— Você e mais quantos? A casa está cercada, e seus amigos não estão aqui. — Falou com alguém: — Procure a cadela da mulher dele. Ela está aqui, já que tem roupa dela por todo lugar. Quem a encontrar primeiro poderá usá-la como quiser. Agora vão logo.

— Você está morto! — sibilou Michael. — Assim como Ramires.

— Ramires? Acha que sou estúpido? Vocês o prenderam e com certeza o mataram. Agora vou deixar você e sua mulher só com os membros e os enviar àqueles MCs de merda para ver que começaram a guerra e que nós vamos vencer.

Escondi-me atrás de um vaso de planta que ficava perto da escada. Era uma dádiva ser baixinha. Nunca mais reclamaria daquilo.

Michael precisava manter Rali falando até que os nossos amigos chegassem e nos salvassem. Todavia, o que aquele verme imundo disse me pegou de surpresa. Então os MCs estavam com Ramires? Quando o tinham pegado? Já o haviam matado?

Espiei e vi três homens subirem a escada. Prendi a respiração, torcendo para não me verem. Poderia atirar em algum deles, mas não enxergava bem no escuro. E se eles descobrissem onde eu estava e me usassem para Michael se render? Eu não podia deixar isso acontecer de forma alguma.

— Eu queria estar com Ramires para acabar com aquele imundo assim como vou fazer com você, mas não estamos com ele. Seja quem for que o pegou, não fomos nós — respondeu Michael mortalmente. — Ou talvez ele tenha fugido.

Expirei. Pelo menos uma coisa boa – ou não. Eu não queria que Michael sujasse as mãos com vingança, mas ali, naquele momento, eu não dava a mínima, pois precisava matar para

sobreviver. Só não concordava quando prendiam pessoas em cativeiros e as torturavam. Eu não queria mais escuridão na vida dele, como acontecera em todos aqueles anos à procura de sua irmã e de retaliação.

Alguém pegou meu braço, e gritei de medo. Depois tudo aconteceu rápido demais. Ouvi tiros lá fora de todos os lados, alguém falando em espanhol, mas não liguei, só peguei minha arma e ia atirar naquele que me prendia.

— Isy, sou eu — falou Tripper me puxando para um quarto, o de Bella, e nos trancando lá.

— Oliver? Oh, Deus! — Eu o abracei, chorando e aliviada por ele estar bem.

— Vai ficar tudo bem. Agora espere aqui, pois eu vou ajudá-los... — Beijou meus cabelos.

— Não, fica aqui também, você pode ser morto no meio daquele bando de criminosos. Já estou preocupada com Michael e vou enlouquecer se você for também. — Segurei sua mão.

Ele assentiu e pegou a arma da minha mão.

— Me dê isso. Agora fique calma, porque Kill e todos os outros enfrentaram coisas piores e sobreviveram.

Assenti, tentando acreditar nele. O cara se tornara um homem formado nos últimos anos, forte, musculoso e com um rosto que deixaria muitas mulheres loucas. Durante todo o tempo desde que eu tinha chegado, não havia reparado em como ele realmente crescera.

— Deve arrancar muitos suspiros das mulheres, não é? — comentei vendo suas duas covinhas.

— Está tendo uma luta lá fora, e você está sondando se as mulheres babam por mim? — Sorriu de lado, revelando o menino perdido que se tornara meu irmão.

Suspirei.

— Estou nervosa, então falar me impede de ir lá fora... — Olhei para a porta, ainda

ouvindo tiros. — Estou preocupada com Michael e todos os outros.

Ele assentiu.

— Por que foi embora e não se despediu de mim? — a dor estava em cada palavra sua. — Meus pais fizeram o mesmo.

— Eles morreram, Oliver, não te abandonaram. Eu precisava fazer aquilo para proteger Michael e todos vocês. — Peguei suas mãos grandes cheias de correntes e anéis, dois, na verdade, um no dedo médio e outro no indicador. — Eu sabia e tinha fé que voltaria para vocês e para Michael. — Toquei seu rosto lindo. — Jamais imaginei que pensava que eu o deixei como seus pais. Eu amo você, Oliver, como um irmão, e seus pais também o amaram quando estavam vivos. Nunca pense o contrário.

— Senti tanto sua falta. — Ele me puxou para seus braços. — Nunca mais nos deixe de novo.

— Eu não vou a lugar nenhum, eu juro — prometi, aspirando o seu cheiro rico e vivo, que jamais queria abandonar de novo.

— Amo você, pequena — falou, beijando meus cabelos.

Afastei-me e ergui a cabeça, porque ele era maior que eu, 1,92m por aí. Muito alto para o meu 1,55m.

— E eu a você, gigante. — Sorri bem a tempo de alguém chutar a porta.

— Fique atrás de mim. — Pegou meu braço, colocou-me atrás de si e levantou sua arma para a porta.

— Isy! — gritou Michael do lado de fora.

— Estou aqui! Oliver está comigo! — gritei indo para a porta e a destrancando.

Ele veio correndo para os meus braços, ainda enrolado na toalha.

— Você está bem? — inquiriu entre beijos.

— Sim, e você? — Eu me afastei, checando-o, e vi sangue nele e na toalha com a qual estava vestido. — Oh, meu Deus!

— Não é meu — ele me tranquilizou. — Daemon foi baleado. O médico já está vindo tomar conta dele.

— Meu Deus! — repeti. — Ele está bem ou é grave? — minha voz saiu duas oitavas mais aguda.

— Foi na barriga, não sabemos ainda...

— Vamos levá-lo ao hospital. É melhor do que chamar um médico aqui — disse saindo do quarto e indo para o corredor. — Onde ele está?

— Aqui — disse Shadow, trazendo-o para o colocar na cama.

Daemon estava apagado quando foi posto na cama de Bella. Havia muito sangue.

— Vamos levá-lo ao hospital, gente — falei de novo e com a voz tremendo.

— Não podemos. Isso pode levar a muitas perguntas e policiais — informou Nasx olhando preocupado para seu irmão de clube. — O doutor está a caminho.

Aproximei-me de Daemon e peguei uma tesoura na gaveta.

— O que vai fazer? — perguntou Shadow.

— Tirar a roupa dele e estancar o sangue até o médico chegar — respondi cortando sua camiseta. — Preciso de toalhas. Têm na gaveta do meio da cômoda.

No passado, fiz um curso de primeiros-socorros para poder ajudar vovó no asilo caso fosse preciso. Eu gostaria de cursar medicina. Não havia feito faculdade ainda, pois a minha vida nos últimos ano tinha virado de cabeça para baixo.

Depois de Nasx me dar as toalhas, estanquei o sangue na barriga tatuada do MC, deixando

sua pele morena limpa. Ele possuía também a tatuagem de uma âncora no peito direito e várias cicatrizes na pele.

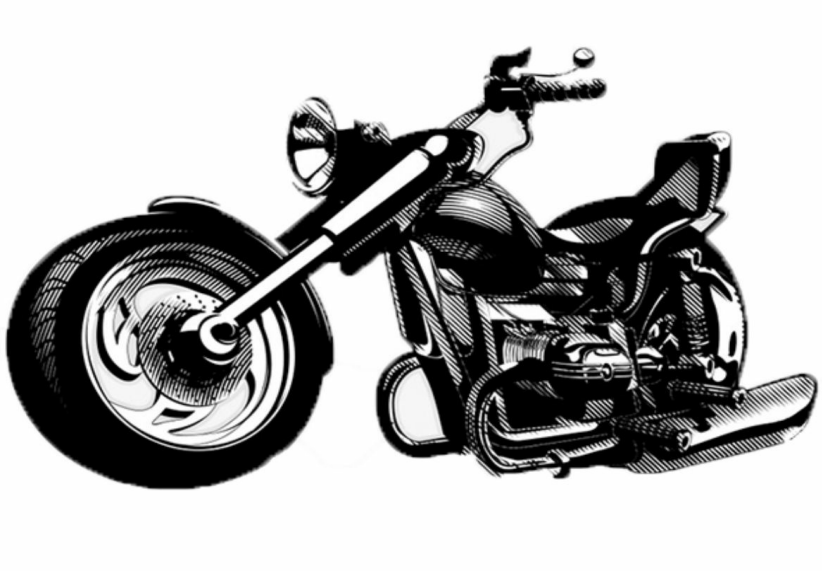
— O que aconteceu com ele? Parecem ser antigas. — Alisei sua testa, limpando o suor que estava ali. Seus cabelos negros estavam sobre seu rosto bonito. — Pelos cortes, são facadas, e não foram poucas. Parece que alguém estava amolando a faca em sua pele — estremeci ao dizer isso enquanto segurava uma toalha no buraco de bala. — São piores do que as de Axel.

— Daemon nunca contou para nenhum de nós o que houve com ele. Em suas costas é pior — explicou Nasx com um suspiro triste. — Uma vez perguntei, mas ele não quis dizer nada, então deixei quieto.

Eu estava com meu coração doendo vendo algo assim e querendo acabar com quem quer que o tivesse machucado daquela forma. Tinha sido quase igual a Axel, mas Daemon sofrera muito mais. Eram muitas marcas, que quase deixavam sua pele morena grossa. As tatuagens as cobriam um pouco, mas elas estavam ali. Ele devia ter sofrido muito com aquilo, tanto física quanto mentalmente – o que era pior. A dor do trauma devia machucá-lo tanto quanto a faca que o havia marcado.

O médico chegou alguns minutos depois e o costurou. Disse que a bala não atingira nenhum órgão vital, então ele não precisava ir ao hospital. Entretanto, ele precisava de repouso por um tempo. Fiquei aliviada por saber que ele ficaria bem.

Meus amigos estavam todos bem, além de Daemon, que tinha levado um tiro para salvar Michael, uma dívida que eu teria para sempre com ele por salvar o amor da minha vida.



Capítulo 17

Casamento

ISABELLE

Era para eu ir a Dallas, mas, devido ao atentado na casa de Michael, a emboscada de Rali e os homens do cartel, não deu para ir buscar minhas coisas, que ainda estavam lá, em meu apartamento.

Michael achou melhor nós não sairmos da cidade, já que não sabíamos onde Ramires tinha se enfiado. O cara havia desaparecido do mapa. Era uma pena que não estivesse morto. Isso seria uma sorte danada. Assim Michael não sujaria mais as suas mãos.

Liguei para Mariana e lhe pedi para mandar minhas coisas por uma transportadora. Também a convidei para o meu casamento. Ela ficou de vir à cerimônia. Fiquei feliz por nossa amizade não ter sido abalada por causa daquele idiota do Ben, que não via a mulher maravilhosa que ela era.

— Você devia esquecê-lo e procurar algo melhor, porque Ben não merece você — disse a ela.

— Você tem razão, Isy. Vou procurar alguém que me dê o devido valor.

O meu casamento estava marcado para a semana seguinte. Resolvemos apressá-lo porque Michael precisava ajudar um colega de Shadow a prender o chefe de uma máfia e o de um cartel. Até pensei que fosse Ramires, mas Michael disse que era Sebastian Ruiz, o pai de Tabitta, a

mulher que abandonara Jason Falcon. Soube que os dois tinham voltado a ficar juntos. Nem o tempo havia apagado o amor deles, assim como o meu por Michael.

Eu não queria meu noivo envolvido com máfias e cartéis, mas nunca pediria para ele não participar, afinal de contas, Bryan Scott era amigo de Shadow, e Michael parecia gostar do cara. Eu só rezava para que todos voltassem inteiros, porque aquilo não seria bonito, ainda mais se prendessem aqueles homens. Sebastian era chefe de um cartel mexicano, e Andrey Jakov, líder de uma das máfias russas.

Todos iriam para Nova Iorque, para a casa de Bryan em Manhattan. Eu queria ir, mas Michael não quis me envolver nisso, ainda mais levar Bella para lá. Decidi não lutar e aceitar, afinal de contas, a segurança de minha filha vinha em primeiro lugar.

♥ ♥ ♥

Olhei para o homem que estava embaixo de mim enquanto eu o cavalgava. Tanto tempo sonhara em ter de volta aquele homem que, agora que estava vivendo um momento assim, era como um sonho lindo do qual jamais queria acordar.

— Isso, rebola no meu pau! — grasnou Michael pegando meus quadris e amassando minha bunda, fazendo-me gemer saboreando a sensação de foder com ele.

Fechei os olhos, sentindo suas mãos abrasadoras em meu corpo me levando à porta do orgasmo. Ele colocou o dedo em meu clitóris e o circulou, então eu explodi gritando seu nome.

— Isso, querida, goza para mim! Eu quero sentir seu orgasmo no meu pau! — sua voz estava rouca com o desejo ardente. — Quero ouvir seus gritos implorando para ter mais dele dentro de você!

— Sim, eu quero todo o seu pau gostoso, que será meu alimento todos os dias enquanto eu respirar neste mundo! — Olhei para baixo, encontrando seus olhos preciosos e ardentes. Senti meu rosto quente. — Quero ser comida por você, meu gato!

Michael me puxou para si e me beijou, ainda dentro de mim, fazendo-nos movimentar em sincronia perfeita e avassaladora, porque logo explodimos juntos clamando um ao outro.

— Você tem certeza de que quer isso, Michael? — sondei mais uma vez assim que estava deitada ainda sobre ele e com seu pau delicioso dentro de mim. Nós respirávamos com dificuldade devido ao clímax alucinante.

— O quê? Fazer amor com minha mulher? — Sorriu do meu rosto vermelho. — Vê-la gritar querendo meu...

— Querido, eu sempre quero essa parte do seu corpo, assim como quero o dono dela. — Sorri ainda com o rosto em brasa. — Por vocês, eu sou capaz de gritar nos quatro cantos da cidade.

— Seus gritos e clamores são somente para meus ouvidos, e assim será para sempre! — declarou com fervor.

Sorri fitando seus olhos preciosos.

— Não estou falando disso, mas sobre você querer mais filhos. Porque não estamos usando proteção já faz semanas. — Beijei seus lábios.

— Eu quero mais filhos com você, minha baixinha, uma casa cheia deles. Temos espaço de sobra aqui, e quero recuperar o que perdi da sua gestação com Bella.

Revirei os olhos pensando na quantidade de crianças que ele queria.

— Vamos pensar em fazer só mais um, porque a dor do parto é uma cadela. Assim que os vídeos chegarem, você verá. Gravei o nascimento; xinguei seu pau por isso na época. — Alisei sua barba gostosa. Era ainda mais prazerosa quando estava entre minhas pernas, por isso eu não o deixara tirá-la, além do charme que ela trazia a ele.

Michael riu sacudindo seu corpo debaixo de mim. O som que eu amava.

— Você xingou meu pau? Vou gostar de ver isso. Acho que não quero que meus irmãos a vejam nua nesse vídeo. Eles querem ver como foi o crescimento de Bella também.

Assenti, gostando da sua felicidade.

— Vamos deixar o parto de fora, ou eles vão me chamar de mole a vida inteira.

— Eu acabaria com eles caso fizessem isso, mas o parto está fora. Estou louco para ver tudo que gravou dela e de você. — Beijou-me mais uma vez. — Então, está feliz com nosso casamento, minha *Old Lady*?

Ri.

— Senti tanta falta de você me chamando assim. — Beijei seu peito sobre o coração, onde ele tinha as iniciais do meu nome e do de Bella, I&B, que tinha feito havia pouco tempo. Já estava praticamente cicatrizada. — Estou mais do que feliz, meu amor. Estou contando nos dedos. Mas lamento pelo que Mary está fazendo com vocês todos. Se fosse por mim, você se casaria com sua roupa de motoqueiro fodão por quem me apaixonei.

Ele fez uma careta ante isso. Mary e eu realizaríamos nossos casamentos juntas, um sonho que tínhamos esperado oito anos para pôr em prática. Contudo, ela queria todos os seus convidados vestindo traje a rigor, homens com terno e mulheres com vestidos elegantes, igual nos contos de fadas.

— Ela devia querer seu homem do jeito que ele é e não o forçar a vestir uma coisa de engomadinho. Isso é para seu amigo — falou ele indo para o banheiro tomar banho. — Agora tenho que ficar lá parado enquanto aquele cara me espeta consertando meu smoking.

Ri do seu tom rabugento.

— Mary morre por Hush, mas isso é um sonho que temos desde a infância. E, por favor, não vai ser tão difícil assim experimentar a roupa do noivo. Draw conseguiu esse estilista que faz os ternos do pai dele e que não vai cobrar nada, então não seja chorão. — Olhei para ele debaixo

do chuveiro, de costas para mim.

Abracei-o e beijei a fênix colorida e bonita em sua pele morena. Ele se virou e me suspendeu do chão enquanto eu trançava as pernas à sua volta.

— Você vai me pagar com juros, baixinha — afirmou contra os meus lábios. — Cada espetada de agulha que eu levar na prova da roupa vai ser uma foda bem fodida.

— Oh, eu vou adorar então, ser fodida por você toda a noite de núpcias. O bom é que vai ser em um chalé afastado da cidade, assim ninguém ouvirá meus gritos, não é? — Rebolei sentindo seu pau já duro entre minhas pernas. — Agora que tal uma rapidinha antes que Mary venha nos buscar?

E ele o fez.

♥ ♥ ♥

Olhei-me no espelho do carro enquanto seguíamos para o nosso lago mágico. O casamento seria lá. Mary decidiu a roupa de todo mundo, enquanto eu resolvi que iríamos nos casar onde eu fui mulher de Michael pela primeira vez, um lugar especial para mim e o meu homem.

Eu estava com um vestido branco colado na cintura e nos meus seios, mas rodado embaixo, fazendo um volume lindo e delicado. Gostei do modelo e dos botões nas minhas costas, em forma de pérola.

Meus cabelos estavam presos no alto da cabeça, mas algumas mechas caíam nos dois lados do rosto maquiado.

— Você está linda — declarou Axel dirigindo o carro. Era ele que me levaria ao altar, enquanto Draw seguiria com Mary.

Foi uma luta para Draw deixar Axel me conduzir, mas depois meu irmão disse que a única solução seria os dois irem para o ringue decidir em uma luta. Draw, então, cedeu, porque sabia que perderia. Axel era um lutador experiente, mesmo que meu amigo tivesse feito aulas de artes

marciais. Michael foi o único que detonou meu irmão no acerto de contas que os tiveram. *Coisa de MC*, isso foi o que Michael me disse quando eu soube que ele tinha batido em Axel, que, por sua vez, ficou acamado por quase uma semana.

O bom era que enfim eles estavam se dando bem, na medida do possível. Eu também estava adorando ter um irmão fora Draw e Oliver, a quem eu amava dessa forma. Tomei conta de Axel enquanto estava machucado. Soube mais de sua infância criado por sua mãe, a dona Scarlet. Eu não a conhecia ainda, mas Axel disse que, no fim do ano, ela viria para Chicago. Ela morava em Savannah, Geórgia. Eu estava louca para conhecê-la.

— Isy? — Axel me chamou, trazendo-me de volta ao presente.

— Desculpe, o que disse? — Estava tão absorta que não ouvi o que ele dizia.

— Estou dizendo que, se Kill pisar na bola, eu vou matá-lo — ele disse e, pelo seu tom, não parecia estar brincando. Era um alerta.

— Michael não vai. Eu confio minha vida a ele — garanti.

— Que bom. Isso impede que eu o quebre no ringue. — Sorriu assim que fiz uma careta para ele. — Ainda há tempo de mudar de ideia.

— Esperei oito anos por esse momento. Não há nada que me faça desistir dele — declarei num tom firme e depois suspirei. — Axel, eu posso te perguntar uma coisa? Vai me contar a verdade?

— Se estiver ao meu alcance, sim — respondeu, olhando-me pelo retrovisor.

Eu estava no banco de trás, com o coração apertado pelo que perguntaria.

— Michael matou o Ramires? Por isso ele sumiu? — sussurrei.

Ele respirou fundo.

— Não confia no seu homem?

Sacudi a cabeça.

— Não é isso. É só que, talvez, ele tenha medo de dizer que fez isso e eu não o aceitar mais, ou coisa assim.

— E você ainda ficaria com ele? — Ele me avaliava, mas não consegui ler sua expressão.

— Claro que sim. Jamais o deixaria por nada no mundo, mas não queria que ele fizesse isso, porque não é como se ele matasse para se defender, igual fez com Rali ao invadir nossa casa. Isso seria vingança, e seus pais não vão voltar.

Quando Rali entrou na nossa casa para nos matar e os MCs lutaram contra o cartel, ele foi morto junto a todos os seus comparsas, deixando Daemon ferido. Graças a Deus ele estava curado e bem, tanto que também ajudaria na captura dos mafiosos, em Manhattan.

— Não, eles não vão, mas pelo menos Kill estaria livre — disse.

— Vingança não é algo bom. Isso o destruiu por anos, tanto que bebia quase todos os dias. Não quero vê-lo cair nessa vida de novo, por isso não quero que seja ele a puxar o gatilho contra Ramires — murmurei, mexendo minhas mãos num gesto nervoso. Michael havia parado de beber. Desde quando eu retornara, não o tinha visto bebendo uma gota de álcool.

— Ele não matou Ramires. Não sabemos ainda onde ele está, mas, se aparecer, eu prometo que não vai ser Kill a puxar o gatilho...

— Também não pode ser você...

— Eu não posso prometer algo assim, já que temos contas a acertar. Mas não vamos falar sobre isso no dia do seu casamento.

Eu sabia que ele estava desconversando. Assim como queria que Michael não fizesse nada por vingança, também não desejava que meu irmão o fizesse. Essa palavra me dava calafrios. Já a ouvira tanto em todos aqueles anos que, se pudesse, não gostaria de ouvi-la tão cedo de novo.

Resolvi seguir o conselho de Axel e esquecer tudo aquilo, focar no meu casamento e no homem que seria meu marido daquele dia em diante.

Assim que desci do carro, olhei para frente. Tinha um espaço grande com cadeiras dos dois lados formando um corredor no meio, com flores de todas as cores nas guirlandas e nas pétalas de rosas no chão. Como o dia estava ensolarado, tinham colocado um toldo branco sobre o local em que a cerimônia aconteceria. O lago ficava ao lado direito dali. Uma vista linda.

— Não fique nervosa — disse Axel me dando seu braço.

— Não estou. — Era verdade. Eu estava mais do que feliz por aquele momento.

Mary também estava exuberante. Ela usava um vestido de noiva tomara que caia e justo, modelando todo o seu corpo. Os cabelos loiros estavam soltos nas costas. Era linda a minha amiga e irmã.

Seguimos para o corredor com minha filhota levando nossas alianças. Ela estava linda com seus cabelos soltos e com um vestido branco rodado. Parecia uma bonequinha.

Assim que olhei para a tenda, avistei um mar de rostos que eu amava. No lado direito, vovó e os MCs, todos de terno. Notei que Nasx e Daemon estavam com a gravata frouxa, doidos de vontade de jogar aquilo fora.

No lado esquerdo, estavam os amigos que eu tinha feito em Dallas, Mariana, Bento – o cozinheiro da lanchonete – e outras pessoas, como Tânia, que trabalhava comigo servindo mesas. Até Ben estava ali, perto de Mariana. Quando eu soube que ele viria, nem acreditei, mas fiquei contente.

Olhei para frente, encontrando o olhar de adoração, de devoção que tanto amava. Michael estava de pé no altar improvisado.

Eu ia à frente com Axel, e, atrás de mim, Draw com Mary. Hush também estava no altar, um loiro lindo que não parecia enxergar nada além da sua noiva andando até ele com um sorriso

de imensa felicidade.

Esqueci todos e avistei só meu homem, louco para ficarmos sozinhos e arrancar as suas roupas.

— Espero que a faça feliz, ou vou te mandar com passagem só de ida para o inferno — ameaçou Axel entregando minha mão a Michael.

— Você não vai machucar meu papai, titio — falou Bella para Axel.

Ele sorriu e a pegou nos braços, beijando suas bochechas.

— É só um modo de dizer que ele precisa fazer sua mãe feliz.

— Ele faz, porque ele ama nós duas — declarou ela sorrindo para Michael. — Não é, papai?

Michael sorriu.

— Com a minha vida, querida — respondeu com tom orgulhoso.

Um padre amigo de Max foi quem ministrou nosso casamento. Quando chegou a hora dos votos, nós falamos o que um significava para o outro.

— Há oito anos, quando te conheci, foi como um milagre, como se Deus, a Quem eu nem sabia que existia, um ser no Qual minha mãe acreditava, tivesse enviado você para lamber aquele maldito sorvete, quase me fazendo cair da moto. — Michael sorriu, e não foi o único. — Você me deu forças para seguir em frente, lutar por algo que eu nem sabia que um dia pudesse ter, um amor igual ao dos meus pais. Um amor que prevalecesse, igual foi o nosso durante o tempo em que estivemos longe um do outro por culpa de um idiota. — Ele olhou para Axel, que o ignorou, depois tornou a me fitar. — Esse amor foi capaz de me tirar da escuridão, da dor e do tormento em que eu estava vivendo. Quero viver para sempre ao seu lado, minha baixinha linda.

Eu já estava chorando, mas precisava dizer o que aquele homem significava para mim.

— Conhecer você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Foi como olhar para o sol sem doer a vista, como andar sobre as águas sem me afogar. Há oito anos, bastou um olhar seu para eu me apaixonar perdidamente, para me deixar de quatro.

Ele riu ante essas palavras.

— Gosto de você assim — comentou.

Revirei os olhos, mas continuei ignorando a risada de todos e meu rosto vermelho.

— Eu posso ter encontrado a dor, a perda ao te conhecer, mas também encontrei amor, um tão imenso, capaz de atravessar todos os obstáculos que sofremos. Mesmo em meio à dor, não fiquei à deriva. Você me deu algo que é nossa razão de existir. — Olhei para Bella, nos braços de Axel, depois para Michael, que estava com os olhos tristes pela lembrança do tempo que havíamos passado separados. — Nossa filha. Eu quero que saiba que enfrentaria tudo de novo só para estar aqui hoje ao seu lado e viver o nosso amor para sempre. Nesse lago foi onde você se entregou por inteiro a mim e assim eu fiz, lhe entregando minha alma, meu corpo e meu coração, que serão eternamente seus enquanto eu viver e respirar neste mundo.

— Eu amo você — afirmou emocionado sem nunca tirar os olhos dos meus.

— Como eu o amo! — declarei com fervor, selando nossa promessa com um beijo.

— Agora vamos viver o nosso “para sempre”, e ai daquele que se meter em meu caminho — ele falou contra os meus lábios.

Então foi a vez de Hush e Mary se casarem. Eu não podia ficar mais feliz do que naquele dia, pois tinha o homem que eu amava em meus braços, minha vó, minha filha, meus amigos à minha volta, algo que eu sempre havia sonhado. Demorou, mas aconteceu.

— Vamos para nossa lua de mel? — Michael indagou no meu ouvido, pegando-me nos braços e me levando para o carro.

— Querido, o mel já foi embora há muito tempo.

Ele riu enquanto dirigia dali para o nosso ninho de amor.

— Com você, nunca acabará.



Epílogo

Um mês depois

MICHAEL

Eu já estava de saída para levar Bella à escola quando recebi a mensagem de Axel dizendo para encontrá-lo no galpão, no “caldeirão”. Esse lugar era conhecido como matadouro ou caldeirão, porque era lá que alguns criminosos levavam suas vítimas para as aniquilarem sem correr o risco de a polícia aparecer.

Eu não queria deixar Bella, já que tinha prometido a Isy que a levaria para a escola. Fosse o que fosse, Axel poderia esperar. Entretanto, o desgraçado disse que era urgente. Uma coisa que eu queria era matar aquele verme, mas Isy gostava dele. Ela ficou furiosa por eu ter batido nele no ringue e não falou comigo o dia inteiro. Atualmente eu tinha de conviver com ele por causa de Isy e de Bella, que amavam aquele traste.

Isy concordou em levar Bella para a escola por mim. Haveria oportunidade de eu levá-la outros dias, algo que minha pequena queria, e tudo que ela queria, eu lhe dava. Já tinha perdido muito tempo sem minha menina. Queria recuperar.

— Não se esqueça de que eu te amo, OK? — falou Isy quando foi levar Bella para a escola.

— Eu também, Isy. — Franzi o cenho, porque seu tom parecia triste. — O que foi?

— Nada, eu só queria que soubesse. Agora vai ver o que meu irmão quer — disse tentando

se controlar.

Eu já ia lhe perguntar novamente que droga estava havendo, quando ela ligou o carro.

— E, Michael, a vingança não é a solução. Pensa em tudo o que você tem hoje, e, se você optar por não querer seguir em frente com o que sempre quis, Axel sabe onde estou indo depois de deixar Bella na escola — falou e partiu, deixando-me confuso.

Assim que cheguei ao local marcado para o encontro, estranhei ao ver todos os meus irmãos ali, de braços cruzados e sérios, olhando para mim. Isy sabia o que estava havendo ali? *O que ela quis dizer com vingança?*

Axel estava à porta, impedindo-me de entrar.

— Que porra está acontecendo aqui? — questionei com raiva. Nessa hora vi, lá dentro, Ramires acorrentado e todo quebrado pela surra que com certeza havia recebido das mãos de Axel, já que ele estava com cortes iguais aos que mandara fazer em meu cunhado.

Passei por Axel, entrando no lugar com minhas adagas já nas mãos, louco para terminar o que tinha começado anos antes.

— Você, seu merda, devia ter morrido com os inúteis dos seus pais! — grunhiu Ramires, tossindo sangue.

Trinquei os dentes e, deixando meu ódio por aquele homem me tomar, lancei-me para ele, mas Axel entrou na frente.

— Que porra está fazendo?! Deixe-me cuidar desse desgraçado! Ele vai morrer lentamente, vou fazer com que não morra tão cedo e que peça a morte, mas ela não virá ao seu socorro...

— Você não pode matá-lo — disse Axel com tom firme.

— O quê?! Você ficou doido?! Estou há anos querendo acabar com esse verme, e você diz

que não posso matá-lo? Só pode estar brincando com minha cara! — rosnei, indo para cima dele. — Se você não sair do meio, eu vou derrubá-lo junto! Não importa se Isy brigar comigo depois!

— No dia do seu casamento, eu falei com Isy, e ela me perguntou se você tinha matado Ramires, imaginando que você talvez não lhe havia dito porque estava com medo de ela o deixar. Ela disse que jamais o deixaria independentemente do que fizesse, mas Isy não queria que fosse você a fazer o serviço.

À menção ao nome de minha mulher, travei meus músculos, e meu coração se apertou.

— Ela sabe que você está com Ramires — não era uma pergunta. Isso explicava o que ela me disse antes de levar Bella à escola.

— Sim. Eu contei a ela que peguei Ramires e que ia contar a você. Ela quer que você escolha o que tem mais peso em sua vida, o passado ou o futuro. O passado é você matar Ramires e vingar a morte de seus pais — disse Axel com um suspiro.

— Eu tenho que fazer isso, ou não conseguirei me libertar. Você não sabe o que é viver anos assim, sabendo que o assassino dos meus pais não foi castigado...

Ele me cortou:

— Ele vai ser, mas não por você, Kill. Você sabe onde está sua mulher neste momento enquanto está aqui querendo vingança?

Franzi o cenho.

— Foi levar Bella à escola e depois ia visitar Mary... — interrompi-me ao me lembrar de Isy me dizendo, antes de sair, que Axel saberia onde ela estaria. Para onde ela tinha ido? Meus olhos ficaram assombrados. — Ela não vai me deixar...

Ele riu amargo.

— Não, ela jamais o deixaria, mesmo não querendo que você se vingue. — Apontou o

dedo na direção de Ramires. — Mas, como eu disse, você tem a escolher o passado e o futuro, que está neste momento em um hospital...

— Hospital?! — guinchei. — Mas ela estava bem quando saiu com Bella! Porra! Me diz o que está acontecendo!

Ele respirou fundo.

— Isy descobriu que está grávida. Ela ia te contar ontem, mas eu disse sobre Ramires, e ela me pediu para deixá-lo escolher o que tem mais importância para você nessa hora: passado, com vingança e morte, ou o futuro que ela e seus filhos têm a lhe dar. Se preferir participar da consulta e do ultrassom para saber sobre o filho de vocês, ela está no hospital do Centro neste exato momento. Mas, se preferir a vingança, ela nunca vai deixar você por isso, e terá outra oportunidade no mês que vem.

Tudo dentro de mim amoleceu como gelatina, porque, por anos, eu tinha uma meta a cumprir, uma vingança a fazer, mas, olhando para Ramires e o jeito como continuava a me provocar, falando que eu era dominado por uma mulher e que não era homem, percebi que realmente não fui um, porque dei muita importância a um verme imundo igual a ele e me esqueci da coisa mais preciosa do meu mundo, que estava naquele instante em um hospital vendo nosso bebê.

— Você é um frouxo por ser dominado ainda mais por uma boceta! — ele se interrompeu com o punho de Axel em sua boca lhe arrancando um dente.

— Veja como fala da minha irmã, seu fodido! — rosnou meu cunhado.

— Na verdade, eu não me importo se sou dominado por minha mulher. Você matou meus pais e vai pagar por isso. Eu adoraria fazê-lo eu mesmo, mas minha esposa e meus filhos são meu futuro. Meu passado será enterrado hoje pelos meus irmãos, que vão cuidar de você. — Dei as costas a todos e fui em direção à porta. Notei orgulho em Shadow.

— Boa escolha, irmão — disse ele dando um tapinha no meu ombro. — Parabéns pelo seu novo bebê.

— Obrigado! Eu confio em todos vocês, que vão cuidar disso. — Apontei para o verme ainda gritando besteiras e tentando me provocar; ignorei-o.

— Cuidaremos — prometeu Axel. — Agora vai, que o amigo dela está lá junto com Mary. Só está faltando o pai ali.

Saí daquele lugar, abandonando meu passado, e fui até o meu futuro. Uma escolha que jamais iria me arrepender de ter tomado.

ISABELLE

Eu estava com meu coração doendo, porque Michael teria que escolher entre deixar seu passado e o desejo de vingança controlá-lo ou deixar tudo para trás e vivermos o futuro, tudo que eu sempre havia sonhado.

Deitada na cama de hospital, esperava Michael chegar. Precisava acreditar que ele escolheria a nós ao invés da vontade de retaliação que o destruíra por anos.

Draw e Mary estavam comigo no quarto por enquanto. Todos me olhavam com piedade. Eu já tinha pedido ao doutor para esperar mais um pouco, mas achava que não poderia pedir mais.

— Ele vai vir, eu tenho certeza — falei talvez mais para mim do que para eles.

— Isy...

— Ele vem! — Meus olhos estavam molhados.

Meu coração doeu quando o doutor sondou, olhando para Draw:

— Ele é o pai?

— Não...

— Eu sou o pai — disse Michael entrando no quarto e vindo até mim sem nunca tirar os olhos dos meus. — Eu escolho você e nossos filhos. Sempre serão vocês.

Sorri em meio ao choro, sentindo-me aliviada por ele estar ali naquele momento tão importante para mim. Para nós dois.

— Eu te amo, Michael. — Beijei seus lábios. — Agora vamos ver como anda nosso bebê.

— Sim — respondeu ele.

Olhando para a tela, ouvi o coraçãozinho do nosso pequeno anjinho batendo. Escutar aquele som, assim como quando eu ouvi o coração de Bella, era uma das experiências mais felizes e extasiantes da minha vida, ainda mais porque Michael estava ao meu lado, e seria assim para sempre.

Fim

IVANI GODOY

DAEMON

SÉRIE MC FÊNIX

Sinopse

Emília Snow é mãe solteira e guarda um passado de dor e sofrimento, um ao qual deseja esquecer. No entanto, nada acontece como gostaria. Após anos fugindo do homem que diz ser seu dono, ela tem que escolher entre continuar fugindo de quem a persegue e ser capturada ou aceitar a ajuda do cara mais arrogante, grosso, cafajeste, devasso e depravado que já teve o desprazer de conhecer. Bastou o motoqueiro abrir a boca para ela o odiar à primeira vista. Todavia, apesar de rude, o MC é insuportavelmente sexy.

Daemon é cercado de demônios que o assombram dia e noite. Dono de um passado miserável e sórdido por causa de seus pais na sua adolescência, hoje ele é um membro do MC Fênix, e só o que importa em sua vida são seus irmãos do clube, festas e fodas sem compromisso.

Entretanto, ele terá que proteger Emília.

“Ela era geniosa, orgulhosa e arrogante. Apesar de gostosa, fazia questão de retrucar e contestar cada ordem minha! A convivência com ela me levava ao limite, me fazia querer jogá-la na cama e fodê-la sem sentido. Com seu jeito teimoso, logo me levaria a um infarto fulminante.”

Os dois terão forças suficientes para dar o braço a torcer em relação à atração que sentem um pelo outro? Conseguirão ser felizes e esquecer o passado sombrio que ambos tiveram?



Prólogo

Emília

Após a morte de minha mãe, meu mundo ruiu. Se não bastasse isso, meu próprio pai passou a me estuprar e me manter como seu objeto de satisfação. Para piorar mais ainda minha vida, ele me deu a um clube de motoqueiros, assim acabando com meus sonhos de ser estilista famosa ou qualquer coisa boa na vida.

Todos naquele antro de MCs estupravam as meninas na frente de todo mundo. Até policiais frequentavam aquele clube e não faziam nada para prendê-los.

A garota que tinha sido trazida para aquele lugar, assim como eu, falou-me para dizer que era virgem, pois assim aqueles homens não me tocariam no início. Não entendi muito bem, mas parecia que, sendo intocada, eu teria mais valor. Isso me deu raiva, mas fiz o que ela me sugeriu.

Estávamos no salão do clube MC Scorpion, e eu torcia para que acreditassem que eu era pura, porque todos ali eram letais. Se eu fosse jogada no meio deles, não sobraria nada.

O local estava cheio, parecia que alguém chamado Scott estava chegando, e isso deixou Black, o presidente do clube de motoqueiros, muito furioso. E nós, que estávamos ao seu redor, pagávamos o preço.

Eu estava ajoelhada na frente de Black, obediente, mas não por vontade própria, claro! Porém, ou faria aquilo, ou teria que aceitar as consequências dos meus atos.

O cara chamado Scott entrou e veio até onde Black estava. Observei-o de perto. Cabelos escuros e olhos azuis. Parecia um lobo. Poder irradiava dele, que não parecia temer o lugar ou todos ali, os quais tinham a capacidade de matá-lo.

Black puxou meus cabelos, forçando-me a olhar para ele e não para o homem que me encarava, embora não com desejo, como eu via no rosto de muitos doentes ali, mas com raiva do

chefe MC.

— Coloca logo essa maldita boca em mim, sua puta! Vamos ver o quão bem você sabe chupar um pau — sibilou Black.

Meu pai só buscava o que queria – sexo cru – e nada mais. Eu não sabia fazer o que aquele homem queria, bem como não desejava fazer aquilo, ainda mais com ele, nem ficar ali, à mercê daquele bando de animais, porque era isso que eles eram. A expressão certa era “demônios desalmados”.

O cara parou em frente a Black com alguns dos seus homens ladeando-o como leões prontos para darem o bote.

— Seu serviço não foi confirmado — rosnou Black. Ele me empurrou, quase me fazendo cair no chão de cimento duro. Contudo, Scott impediu que eu quebrasse a cara.

— Isso porque eu não fiz.

— Você a quer? — Black gesticulou com ferocidade para mim, que estava ao lado do homem lindo, tentando cobrir minha nudez.

Scott me soltou, mas não saí do seu lado; talvez ele pudesse me tirar daquele lugar.

— Você sabe que não sou estuprador como vocês — grunhiu com os punhos cerrados. — E você disse que os caras eram gente ruim, da pior espécie, e não trabalhadores, que se esforçam dia e noite para ganhar o próprio sustento. Pelo amor de Deus! Eles são inocentes e não têm nada a ver com vocês aqui.

— Eles não são inocentes, Scott, e o primo da mulher dele me deve uma nota preta. Se você não me pagar, sua família paga o preço! Devia pensar nisso antes de fazer besteira, porque você tem uma irmã linda de quem poderíamos usufruir muito aqui, não é, rapazes? — Black apontou para todos ao redor, mas não consegui olhar, apenas fiquei meio escondida atrás de Scott.

Estremeci, mas fiquei quieta, pois não queria morrer. Isso não podia acontecer. Esperava que aquele homem de olhos azuis me tirasse dali. Preferia ser dele a ser tocada por aqueles animais.

— Vocês nunca vão tocá-la! E, se você quiser acabar com alguém, então vá atrás desse cara que deve a você, e não da sua família inocente, que nem sabe o que está acontecendo — rosnou Scott. No entanto, foi interrompido pelos homens de Black, que o fizeram cair de joelhos em frente ao demônio sem alma.

— Respeite o chefe, seu merda! — rugiu o cara atrás dele.

Black deu uma risada fria.

— Alguns meses atrás, quando o peguei para fazer essas tarefas, eu não sabia que ia ser um bunda mole. Achava você petulante e cheio de marra, mas agora? Vejo que me enganei, pois não passa de um coitado todo sentimental.

— Pode me chamar do que quiser, mas não vou tirar a vida de pessoas inocentes, ainda mais crianças e mulheres. — Ele não parecia temer as armas apontadas contra si. — Sem chance no inferno!

— Não? Vamos ver isso. — Olhou para seus homens no salão decrépito.

Fiquei desesperada ao pensar que seria a hora de aquele homem bonito ser morto, e tudo porque não quis matar pessoas para aquele monstro.

— Peguem essa garota. — Acenou para um cara ao meu lado.

Eu estava ainda mais perto de Scott, assustada com as palavras de Black, que me fizeram gelar dos ossos até a alma. Meu coração se encheu de pavor. Gritei assim que um cara pegou meu braço e me jogou no chão, pondo-se em cima de mim. Não precisava ser um gênio para saber o que ele faria, igual o desalmado do meu pai tinha feito.

— Revezem essa puta. Vamos ver o quanto uma virgem aguenta. Quem quer ser o voluntário? Eu queria me candidatar a romper esse hímen, mas negócios primeiro, depois o prazer — disse Black. — Se ela resistir a vinte homens, eu ficarei por último.

O cara desdenhoso que ia tomar meu corpo estava prestes a tirar seu pau para fora para me estuprar, mas tudo aconteceu muito rápido: Scott se lançou, derrubando os homens que estavam perto e o desgraçado que estava em cima de mim. Um deles estava a ponto de me chutar, mas ele o jogou longe. Parecia que a sua raiva estava direcionada àquele que me jogou no chão e ia me

tomar à força.

Os homens nos cercaram enquanto Scott me ajudava a ficar de pé ao seu lado. Não desgrudei dele hora nenhuma. Ele me colocou atrás de si e olhou para todos à nossa frente, que estavam com as armas apontadas, doidos para puxar o gatilho.

Scott sorriu para eles. Ele era doido por estar sorrindo numa hora como aquela.

Eu me grudava a ele e gemia, temendo que fosse nosso fim.

Black estava furioso. Talvez furioso fosse pouco.

— Nos deixe sair daqui sem lutar, Black. Vai ser melhor assim — pediu Scott.

— Acha que vou deixá-lo livre depois que você não cumpriu o que deveria e ainda por cima bateu em meus homens por essa puta desgraçada? — rosnou Black.

— Feche os olhos e segure em mim — pediu-me Scott.

— Oh, Senhor, eu nem tive a chance de conhecer meu filho ainda — choraminguei.

Tinha descoberto poucos dias antes que estava grávida. Isso me deixou chocada no começo, pois eu era uma menina que estava prestes a fazer 16 anos, mas queria ter meu bebezinho, mesmo que fosse fruto de um incesto. Nem eu nem ele éramos culpados, e sim o canalha do meu pai, que me deixava trancada em casa e me violentava dia após dia. Ele dizia que não era meu pai biológico, mas eu não sabia dizer se era verdade ou não, já que minha mãe tinha falecido. Contudo, mesmo se fosse, eu não tiraria meu bebê só por ser filho de quem era.

— Você não é virgem? — perguntou Scott, parecendo chocado.

— Não. Estou grávida de dois meses — sussurrei para que os demônios ao nosso redor não ouvissem. — Uma menina aqui disse que, se eu dissesse que era virgem, demoraria mais tempo para eles me tocarem...

Ele amaldiçoou e pegou suas adagas atrás de si, jogando-as no peito de dois deles ao mesmo tempo, que caíram no chão, mortos. Então tudo explodiu lá fora.

A explosão foi tão grande que as paredes e o chão tremeram. Black deu ordens para que fossem ver o que estava acontecendo.

Todos dispararam para fora. Aproveitando o ensejo, Scott pegou a minha mão, e, juntos,

corremos para fora daquele inferno.

Daemon

— Quem diabos é você? — rugiu o velho, que fodia uma jovem com idade para ser sua filha.

Peguei a garota, que parecia drogada, pelo braço e joguei suas roupas para ela.

— Vaza agora! — sibilei.

— Quem você pensa que é, seu moleque? — O velho tentou vir até mim, mas lancei um soco em sua boca com a minha soqueira, fazendo-o cair no chão.

— Não se preocupe, vamos ter muito tempo para nos conhecer; vai adorar querer estar morto, mas não vou deixar isso acontecer assim tão fácil — informei logo que a garota saiu correndo, não tendo sequer o trabalho de se vestir.

Shadow, poucas horas antes, me ligou e disse o que aquele verme fez com a própria filha, abusando dela e até a engravidando. Merda! Não podia ficar mais fodido que isso. Eu me encarreguei de cuidar das coisas e de fazer com que aquele traste não visse a luz do dia nunca mais. Dentro de pouco tempo, ele iria estar no inferno, que era o seu lugar.

— Você é um MC? — perguntou olhando para minha jaqueta, que trazia o nome do meu clube. — Já entreguei aquela putinha para o Scorpion. O que mais quer?

Eu não pensava em me esconder; por que iria fazer isso se ele não iria sobreviver? Eu não deixaria pontas soltas ou rastros. Ele desapareceria, mas antes sofreria as consequências dolorosas de seus atos.

Fechei meus punhos e os lancei em seu estômago, fazendo-o gritar. Peguei-o pela camisa rasgada e velha e o levei para fora da sala.

— Onde é o quarto de sua filha?

O velho – não me preocupava em chamá-lo pelo nome, afinal de contas, ele não merecia, mas se chamava Luiz Snow – apontou numa direção.

— Ali... — Ofegou de dor assim que aumentei a força do meu domínio sobre ele.

Entramos em um quarto com sofá desgastado, uma mesinha com roupas em cima, a cama com um colchão velho e rasgado que deveria ter sido jogado fora havia muito tempo.

— Como pôde criar sua filha em um buraco desses? — Joguei o bastardo na cama, peguei minhas algemas do bolso e o prendi à cabeceira.

— O que está fazendo? — o medo era evidente em sua voz.

— Me diz: quantas vezes sua filha perguntava isso enquanto você a estuprava, hein, seu verme imundo?

— Filha? Emília? Eu...

— Você abusou de sua própria filha! Quão doente é isso?

Ele tentou me chutar, mas lhe dei um soco, fazendo-o gritar, então prendi seus pés também.

— Aquela cadela não é minha filha, não se parece nada comigo, mas com Black, portanto, não comi mais do que merecia...

Cortei-o com um soco na boca.

— Agora vamos ver o que vai fazer lá no inferno, seu pai de merda. — Fui pegar um galão de gasolina, que estava na sala, e voltei para o quarto.

— O que é isso?

Começou a gritar assim que joguei o combustível nele.

— Pode gritar como uma mulher. Aposto que ela gritava muito. Agora você vai sentir na pele a sensação da impotência. Vai gritar, chorar e urrar, mas ninguém vai ouvir. Por isso essa casa no meio do nada, não é? — o aço era evidente na minha voz.

— Não, por favor, não me mate! Desculpe por tê-la dado ao Black, mas ele estava cobrando uma dívida minha. Eu não tinha como pagar... Por favor, tenha misericórdia! — choramingava.

— Não sou Deus para dar perdão às pessoas. De mim, você não vai levar nada, a não ser sofrimento por tudo que fez à garota, não importa se ela era ou não sua filha. — Joguei mais gasolina em cima dele, fazendo-o se engasgar com ela.

Continuou a balbuciar pedindo para que eu não fizesse nada contra sua vida. Entretanto, suas súplicas eram em vão; eu não sentia nada, aliás, adorava eliminar homens como ele. Para mim, todos deveriam queimar no inferno e aqui na Terra também.

— Você é um demônio, posso ver em seus malditos olhos! Quando morrer, você vai para o inferno também, seu miserável!

— Esse é o meu nome — falei e joguei o isqueiro aceso. — Nos vemos no inferno.



Capítulo 1

Emília

Dois anos depois

Fui resgatada por Bryan das mãos do miserável Black, o chefe do MC Scorpion. O maldito do meu pai me deu a ele como forma de pagamento por uma dívida que fez. Se por um lado aquilo foi horrível, por outro também foi bom, pois assim conheci Bryan Scott, o cara que deixou tudo de lado para tomar conta de mim e Emma, a minha filha, a minha bonequinha linda.

Emma estava com um ano e cinco meses. Toda vez que olhava para ela, eu agradecia por ter decidido que ia tê-la sem me importar com quem fosse seu pai. Esperava que ele estivesse no inferno, porque acreditava que Black tinha acabado com sua vida, afinal, sua mercadoria havia escapado – ou seja, eu. O doente achava que eu pertencia a ele.

Black ainda me procurava e ao Bryan também, já que foi ele quem me tirou daquele inferno e me levou consigo. Estávamos vivendo em uma fazenda na Carolina do Norte, perto de Culberson, com nomes diferentes. Assim ninguém saberia onde estávamos, ou melhor, o bastardo do MC Scorpion não nos encontraria.

A casa da fazenda era grande: três quartos, uma sala imensa e janelas de madeira. Havia uma varanda generosa ao redor da casa.

No começo, eu achei que era apaixonada por Bryan, mas, conforme o tempo passava, percebi que era somente gratidão por tudo que ele fazia por mim. Eu o amava como um irmão protetor.

Estávamos vivendo ali como um casal, claro que de fachada, porque isso era algo que

nenhum de nós desejava que fosse real.

Bryan entrou na cozinha depois da lida no campo. Ele estava trabalhando na cerca da propriedade, que estava quebrada. Coloquei um prato de arroz e frango à sua frente.

— Como foi no serviço hoje? — perguntei.

Ele sorriu. Eu conhecia quando seus sorrisos eram verdadeiros ou falsos, e aquele parecia falso. Isso apunhalou meu coração. Bryan se esforçava para viver feliz ali, mas não era. Eu podia ver isso. Contudo, nenhum de nós podia voltar a ser livre, não enquanto Black não desaparecesse do mapa.

Eu queria minha liberdade; queria poder andar por aí sem viver com medo a todo o momento, mas nós dois tínhamos sido privados disso.

— Foi bom. Consertei a cerca, que estava caindo, assim o gado não foge.

Quando fomos morar na fazenda, ele comprou algumas cabeças de gado, das quais tirávamos leite, que Bryan vendia na cidade.

Eu costurava para ajudar na renda, mas Bryan não aceitava meu dinheiro; dizia que havia ganhado bastante trabalhando para Black e com alguns outros serviços. Eu não perguntava, mas sabia que devia ser algo errado, como assassinatos. Todavia, acreditava que Bryan não machucaria alguém inocente, afinal, foi por isso que acabamos naquele lugar.

Franzi o cenho.

— Quando vai sair? Quero dizer... sair com uma mulher. Desde quando nós viemos para cá, você não sai, só trabalha nesta fazenda, de que você nem gosta...

Era a única forma de fazer Bryan acordar um pouco, porque parecia que ele estava hibernando, só trabalhava todos os dias e apagava à noite, isso quando dormia, porque eu o via, às vezes, lá fora, fumando cigarro. E também o via olhar para uma foto que ele carregava de uma mulher loira de olhos azuis que parecia dominar seus pensamentos; não era sua irmã, porque uma vez ele me falou que Samantha era a cara dele: cabelos negros e olhos como os dele. Alguns dias antes, eu o tinha sondado sobre isso, mas Bryan apenas disse que não era ninguém. Claro que eu não acreditei, mas não insisti.

— O quê? — Ele parou de comer e arregalou os olhos.

— Já conversamos antes, Bryan, quero que saia e se divirta com alguma mulher. — Sentei-me à sua frente.

— Não quero sair...

— Bryan, eu sei que está fugindo de Black, mas você precisa ter uma vida lá fora, não em uma fazenda. — Peguei a carta no bolso e a entreguei a ele.

— Onde a encontrou?

— A achei no bolso da sua calça. Eu nem sabia que você era um agente da CIA. Posso ver que é algo que você ama fazer. Está vendo? Seus olhos brilham querendo isso, Bryan. Você só não aceitou por minha causa e de Emma. Por isso viemos morar aqui, não foi? Não precisa desistir de nada por nós, pode seguir seus sonhos. Já renunciou demais, não acha? — falei controlando minha voz.

Assim que ele olhou para a carta de convocação, seus olhos se iluminaram. Bryan queria voltar. Isso era evidente.

— Olha, eu não vou aceitar isso e fim de conversa — disse. — Eu escolhi essa vida e vou vivê-la.

— Mas, Bryan... — comecei a suplicar, mas sabia como ele era cabeça-dura; quando colocava algo na cabeça, não havia quem tirasse. Já tínhamos discutido tanto sobre isso, e não chegávamos a lugar algum.

— Não vamos mais falar sobre isso, tudo bem? — Voltou a comer.

— Pelo menos saia esta noite e encontre alguém, já que faz muito tempo que... — Sorri tranquilamente, querendo que ele se divertisse um pouco.

— Certo, eu vou, mas não quero mais falar desse negócio de CIA e tudo mais, porque eu não me arrependo de estar aqui com você e Emma. Jamais pense isso, Emília — declarou com firmeza.

Para as pessoas, nós éramos Christopher e Christina Wolf. Quando ficávamos sozinhos, chamávamo-nos pelos nossos próprios nomes. Emma não precisou mudar o dela, já que ninguém

sabia de sua existência.

— Ok. Enquanto você estiver fora, eu vou costurar algumas roupas para Emma, que está a cada dia maior. E preciso consertar uma roupa para a dona Laura. — Dona Laura era a dona da fazenda ao lado da nossa. De vez em quando ela vinha me visitar.

— Só espero que leve a roupa até a casa dela; não gosto daquela mulher aqui — resmungou enquanto retirava seu prato após ter acabado de jantar.

Ri.

— Não gosta que ela belisque suas bochechas?

Ele fez uma careta.

Também retirei meu prato e o coloquei na pia. Passei a lavar a louça enquanto ele a enxugava.

— Não sou uma criança para ela fazer isso, e aquela história de filhos? Meu Deus! Ela me disse para ter uns nove, como ela.

Arregalei os olhos.

— Só espero que, quando se casar, você se divirta fazendo seus filhos. — Sacudi a cabeça.

— Querida, não esqueça que ela pensa que somos casados, então isso vale para você também. — Saiu da cozinha.

— Cruz credo, não estou a fim de ter filhos por um bom tempo. Além disso, eu nem tenho um namorado — falei o seguindo para a sala —, alguém para chamar de meu.

— Um dia terá — disse e beijou minha testa. Ele sempre fazia isso.

Enquanto Bryan foi tomar banho, fui para a máquina de costura. Eu amava fazer isso. Não podia ser uma estilista famosa, mas podia fazer o que eu adorava.

Já eram quase 7h da noite quando Bryan saiu. O cara era lindo de morrer, essas palavras o descreviam bem. Era uma tentação para as mulheres. Ele tinha a barba feita e os olhos claros como o céu no verão, que combinavam com sua pele branca e cabelos escuros.

— Ficou bom sem aquela barba que o fazia parecer mais velho do que é de fato — brinquei, sorrindo e fui até onde ele estava, de pé. Baguncei seus cabelos, que estavam muito

bem penteados para o meu gosto. — Esse é o seu charme, não o deixe de lado. Vai conquistar todas esta noite.

Ele me abraçou rapidamente.

— Só quero que saiba que você e Emma são muito importantes na minha vida.

Meu coração derreteu com seu carinho por mim e por minha filha.

— Bryan, eu também amo você, como irmão — declarei. — Agora vá se divertir. Ou está tentando se tornar um monge? — Afastei-me, sorrindo.

— Isso não é minha praia — respondeu, indo para o quarto de Emma. — Agora vou me despedir da minha boneca.

Levantei-me e fui até eles. Vi-o debruçado sobre ela, que estava dormindo, beijando-a na testa.

— Boa noite, princesa linda. Eu te amo demais! — declarou com fervor.

— Nós também amamos você — eu disse. — Agora vá para seu encontro.

Alguns dias depois, acordei com uma ligação de Bryan. Dois dias antes ele tinha ido ver sua irmã, porque alguém havia tentado matá-la, ou algo assim. Eu nunca o vira ficar tão desesperado por algo como com aquilo. Claro, ela era sua irmã, e ele tinha que se preocupar, mas notei que ele se culpava por não ter estado perto dela.

Eu queria poder fazer algo que o ajudasse a partir e ter uma vida digna, mas sua segurança e a de Emma vinham em primeiro lugar. Talvez pudesse existir um meio termo. No entanto, eu não saberia falar com os policiais certos para que prendessem Black ou encontrar alguém para matar o bastardo. Sabia que era pecado desejar a morte dos outros, mas não ligava, já que ele merecia.

— Oi, Bryan — respondi sem olhar para a tela do telefone, mas sabia quem era, afinal, ninguém tinha esse número além dele.

— Não é o Bryan. Sou eu, Shadow — anunciou o MC com sua voz grossa do outro lado da linha.

— Shadow? — Sentei-me na cama e franzi a testa.

— Sim, Emília. — Quando eu conheci Shadow, logo que ele ajudou Bryan e a mim a fugirmos de Black, eu o achei lindo, mas também fiquei com medo daquele cara forte e sombrio. Mortal era a palavra certa para descrevê-lo. Porém, com o tempo, descobri a pessoa boa que ele era, que não media esforços para ajudar os seus amigos.

— Aconteceu alguma coisa? — sondei preocupada por ele me ligar logo cedo. — Bryan está bem?

— Sim, ele está bem, com a irmã, mas não é por isso que estou ligando — seu tom parecia triste.

— Então aconteceu alguma coisa? Seu tom de voz está estranho. — Levantei-me e fui para a sala.

— Black sabe onde vocês estão e está indo pra aí! — seu tom se tornou urgente. — Só soube nesse momento e não tem como eu chegar a tempo. Então quero que você pegue a Emma e vá embora daí agora, tudo bem? — Não era um pedido. — Um dos meus homens vai encontrá-la na saída da cidade, ele te dará dinheiro e a levará a um local seguro, ok?

— E quanto ao Bryan? Black pode ir atrás dele também...

Ele me interrompeu.

— A dívida de Bryan foi paga, eu já cuidei disso, mas a sua, Black não quer receber. — Ouvi-o amaldiçoar alguma coisa, mas não ouvi o que era. — Eu poderia eliminar o verme, mas meu presidente me proibiu, e sigo ordens de Berry.

Minha mente estava longe e perto ao mesmo tempo. Eu estava em choque. Contudo, diante do que acabava de ouvir e temendo que Black aparecesse ali e me levasse consigo, forcei-me a reagir. Não poderia deixar Emma passar por aquilo.

Bryan tinha sido convocado para uma missão pelo órgão para o qual trabalhava antes que aquilo tudo com Black acontecesse, então eu sabia que ele teria um futuro brilhante pela frente, e

eu não poderia ficar ao seu lado fingindo que estávamos felizes, porque isso não era verdade. O meu amigo precisava estar com sua irmã naquele momento, e não fugindo, ainda mais quando não havia necessidade para isso. Sua dívida tinha sido paga, então ele estava livre.

— Estou indo embora então. — Minha voz e meu corpo estavam tremendo de medo pelo que estava vindo e por eu ter de deixar um amigo fiel e leal como Bryan. No entanto, era o certo a se fazer.



Capítulo 2

Emília

Dias atuais

Não imaginava que minha vida tomaria uma guinada tão grande.

Quase um ano antes, quando Shadow me ligou e disse que eu precisava ir embora e deixar Bryan, doeu deixá-lo, porque eu sabia que não podia fazer parte da sua vida por um tempo. Esperava que Black fosse preso logo, ou morto, pois assim eu poderia ser livre. De vez em quando eu mandava recado ao Bryan através de Shadow, já que não tinha o novo número do seu telefone. Com isso, eu ficava feliz, sabendo que ele estava bem e feliz ao lado da mulher que sempre amara. Eu estava com saudades e gostaria de lhe pedir que viesse até onde eu estava morando apenas para vê-lo, mas isso poderia colocá-lo em risco, então só mandava recado para ver se estava bem.

Eu morava em Austin. Shadow conseguiu com um amigo chamado Jason Falcon, um lutador de MMA, uma casa para que eu ficasse com minha filha. Consegui um trabalho como costureira na loja da dona Benta. A mulher era muito gente fina, tratava-me com o maior carinho, e não somente a mim, mas a todos.

Eu tinha acabado de chegar em casa quando recebi o telefonema de Shadow. Já fazia tempo que ele não ligava, certamente para não correr o risco de Black descobrir onde eu estava.

— Emília, Bryan precisa de você — disse ele.

— Achei que tivesse dito que ele estava namorando a Alexia e que estava feliz. — Pouco tempo antes eu tinha descoberto que, depois que eu saí da vida do Bryan, ele foi morar em

Manhattan com sua irmã, Samantha. Além disso, voltou a trabalhar como agente infiltrado, seu sonho desde sempre. Também fiquei sabendo que ele estava feliz com Alexia, a mulher por quem sempre foi apaixonado.

— Semana passada, os pais dele foram mortos por um cara que estava atrás de sua mulher. Rolou algo entre eles que fodeu a cabeça de Bryan. Sua perda e a de Emma também fizeram isso. Você precisa libertá-lo, Emília.

— Minha perda? O que você quer dizer com isso? — Eu achava estranho Bryan não ter vindo nos procurar durante todo aquele tempo, porque, pela forma que ele relutava em nos deixar, achei que descobriria logo onde estávamos. No entanto, ao passar dos meses, eu soube que ele não viria, então pedi ao Shadow que entregasse meu recado dizendo que Bryan não precisava vir até mim, que eu estava bem e só precisava saber que ele também estava bem.

Ele suspirou triste.

— Bryan pensa que estão mortas, você e Emma — falou como se tivesse sal na garganta.

Arfei.

— O quê? Como assim, mortas? — meu tom saiu alto na sala, então o abaixei; assim não alteraria Emma, que estava brincando perto de mim.

— Lamento pelo que fiz, mas foi melhor assim. Eu sabia que Bryan nunca a deixaria. Ele se sentia obrigado a tomar conta de vocês duas. Isso estava deixando os sonhos dele passarem, então surgiu a oportunidade perfeita, e eu a peguei.

— O que você fez? — Meu coração já imaginava, mas ele não podia ter dito isso ao próprio amigo, não é?

Shadow tinha um lado protetor e dado a sacrifícios pelos que amava. Eu tinha certeza de que as coisas que ele devia ter feito ao Black pela libertação de Bryan não haviam sido fáceis; com certeza envolviam algo como matar ou roubar.

— Após você sair daquela fazenda, eu aproveitei e incendiei o lugar, assim Black pensaria que estava morta.

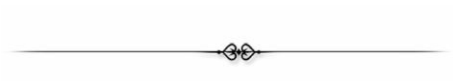
— Mas Bryan...

— Também pensou que vocês duas morreram. Lamento pelo que fiz, mas não tinha como você fugir de Black, ele conseguiria localizá-la em breve. Você precisava viver sem medo, e Bryan, ser feliz realizando os próprios sonhos. — Deu um suspiro. — Você não sabe, mas Bryan já se sacrificou muito, pela irmã dele, até pelos seus malditos pais, que provavelmente estão no inferno agora.

Minha mente estava a mil por hora, mas eu não deixaria a dor me dominar por pensar no que Bryan tinha sentido durante aquele ano.

— Bryan está na fazenda agora, pois acredita que o que houve com vocês foi culpa dele.

Desliguei o telefone. Estava com raiva demais de Shadow naquele momento para continuar ouvindo sua voz. Eu só precisava ir até Bryan e dizer toda a verdade para tirá-lo do tormento que devia estar sentindo.



Olhei a casa pequena da fazenda, o lugar que um dia tinha sido meu refúgio, minha fortaleza ao lado de Bryan. Nesse lugar aprendi muita coisa com ele, como dirigir e até tomar conta do gado que tínhamos na época.

Deixei Emma dormindo no carro e entrei na casa. Parecia estar vazia, mas Bryan estava na fazenda, porque tinha uma picape na frente da casa. Tinham alguns móveis no local, sofá de dois e três lugares, mas nada mais.

Meu coração estava acelerado, temendo que ele viesse a ficar chateado por eu ter partido sem dizer ao menos um adeus.

— Tem dois segundos para dizer quem é e o que está fazendo na minha casa — uma voz que eu conhecia muito bem veio de trás de mim.

Eu estava diferente de quando o havia deixado. Antes, usava calças jeans largas e blusas de flanela, cabelos em longas tranças; agora os cabelos tinham um corte chanel repicado, e eu vestia shorts jeans e regata.

— Eu fiz uma pergunta. Quem é você? — tinha algo escuro na sua voz, diferente de antes, que era só brincalhona. Ela me lembrou dele ao entrar no clube de Black, em tom mortal e frio, como se não tivesse expressão.

Virei-me e vi que sua expressão estava pior do que antes. *Foi por minha causa que ele ficou assim? Maldito Shadow!* Por causa dele, Bryan tinha sofrido durante todo aquele tempo por pensar que eu estava morta.

Assim que seus olhos azuis se fixaram em meu rosto, ele ofegou e piscou algumas vezes, provavelmente pensando estar vendo coisas.

— Olá, Bryan — pigarreei, tentando formular minha voz para sair normal.

— Emy... Como?! Você tinha morrido... — Ele estava petrificado no lugar como se não tivesse forças para sair dali.

— Eu juro que não sabia que você pensava que eu estava morta. Só soube ontem — tentei explicar. — Quando me disseram que estava difícil para você, porque perdeu seus pais e que tinha acontecido algo mais...

Ele ofegou.

— Como soube, então... — ele se interrompeu de olhos arregalados. — Não, Shadow não pode ter feito isso comigo.

— Estou grilada com ele também por ter feito isso, mas entendo o porquê — sussurrei. — Naquele dia em que você estava cuidando de sua irmã, notei que estava se culpando por estar longe dela.

— Só por isso sentiu a necessidade de ir embora sem um maldito adeus? — rosnou com os dentes cerrados.

— Não foi por isso que fui embora. Droga, Bryan! Eu já havia te pedido muitas vezes para que tivesse uma vida, mas você sempre fugia dessa conversa só para ficar ao meu lado e ao de Emma como se fosse uma obriga...

Ele me cortou, gritando:

— Porra, eu amava vocês! Me importava com as duas, e você simplesmente foi embora?

Por quê? Só para eu ter uma maldita vida?

Eu me encolhi com sua raiva, mas ele tinha razão em estar furioso por eu ter partido.

— Lamento que tenha sofrido todos esses meses, mas eu precisei fazer aquilo. Você estava livre da dívida com Black, Shadow pagou seja lá o que aquele maldito pediu para que fizesse. — Suspirei. — Então, naquele dia, ele me ligou e disse que eu precisava fugir logo, porque Black estava a caminho, então parti.

— Partiu assim? Fácil, como se não se importasse com nada, nem ninguém? — seu tom era cheio de censura e amargura.

— Parti, sim, mas não foi fácil, aliás, foi a decisão mais difícil que tomei na minha vida. Mas você estava livre, Bryan, podia seguir sua carreira, estar ao lado de sua irmã, como eu sabia que desejava. Eu não podia atrapalhar isso.

— Por isso se deu ao trabalho de fazer essa escolha por mim? Poderia ter ao menos dito um maldito adeus — sua voz estava amarga.

— Você não me deixaria ir assim tão fácil — contestei. — Mas saiba que, se eu soubesse que pensava que eu estava morta, teria vindo antes e dito a verdade. Jamais o deixaria sofrer dessa forma.

— Shadow vai me pagar por isso — seu tom era sombrio, assim como sua expressão, quase mortal.

Eu estava com raiva de Shadow, mas não como Bryan.

— Bryan, eu vim aqui porque, sabendo a verdade, não podia guardar esse segredo. Agora a sua vida está feita, com a mulher que ama e trabalhando no que gosta. Posso ter sido egoísta quando fui embora e o deixei sofrendo, mas foi melhor assim, porque, mesmo sofrendo, você seguiu em frente. Agora que sabe que não estou morta, pode ser feliz e não sentir culpa, porque você não é culpado. Nunca pense isso.

— Existe um culpado, e vou acertar as contas com ele assim que o vir — sibilou. — Mas você também foi embora e não me disse nada.

Engoli em seco e fitei o chão, com um caroço na garganta, mas expirei e voltei a encará-lo.

— Eu vim aqui pedir seu perdão. Se não me quiser na sua vida, não vou insistir, vou deixá-lo ser feliz com sua família e sua noiva. Só queria que soubesse que estou feliz em ver o homem que você se tornou hoje, um agente honrado — declarei a verdade.

Ele abaixou a cabeça, não me olhando nos olhos. Então essa era sua resposta. Contudo, o que eu pensava que iria receber? Um abraço e ouvir que estava tudo bem? Merda, eu o tinha deixado quebrado e destroçado e ainda pior: sentindo-se culpado. Não podia condenar só Shadow por isso; havia uma parcela de culpa minha também.

Limpei as lágrimas que desceram pelo meu rosto e assenti para mim mesma. Era hora de sair da vida de Bryan de uma vez por todas. Eu não queria isso, mas era o preço por o ter deixado.

— Tudo bem, se é assim que você quer, então vou deixá-lo. Se um dia me perdoar, eu estarei em Austin. Moro no chalé de Jason. Shadow sabe onde é — sussurrei com um nó na garganta. — Só quero lhe agradecer por tudo que fez por mim e pela minha filha, e saiba que amo você...

Antes de eu terminar ou de ele dizer alguma coisa, ouvi um arfar na sala, o que fez com que nós dois nos virássemos. Ali estava Alexia, a loira linda. Vestia um vestido chique e sapatos de saltos altos. Seus olhos azuis se encontravam cheios de dor e traição.

— Não é o que pensa, Alexia — ele disse indo até ela, que parecia chocada.

Um cara surgiu atrás dela. *Santa mãezinha, que homem é esse?* O cara era um deus grego tatuado. Forte, olhos cor de caramelo, cabelos curtos e brincos e um alargador em sua orelha direita. Ele estava com um colete com logotipo da Fênix.

Minha boca devia estar aberta em choque, e eu o encarava feito uma idiota, até ele abrir a boca. Foi como jogar em mim um balde de água fria.

— Você a largou e veio transar com uma puta qualquer? — inquiriu me olhando. Tinha um piercing na língua. Eu podia jurar que os tinha em outros lugares também. Não que eu quisesse vê-los, ainda mais depois de suas palavras, que perfuraram meu cérebro e meu peito.

Estreitei os olhos para ele.

— Veja como fala comigo, seu cretino! — Cerrei meus punhos, querendo esfolar o verme imundo. Como ele ousava me chamar assim, quando eu nunca havia ficado com um homem, só com o desumano do meu pai? E isso tinha sido à força, então não contava.

Bryan pegou o braço de Alexia, que já estava de saída dali.

— Espere, Luz do Sol, não é o que pensa — pediu.

— Me larga! O que tem para explicar? Que você não quer casar comigo porque anda fodendo por aí? — ela rosnou, mas senti a dor na sua voz por pensar que estávamos tendo um caso.

— Maldição! Eu não estou fodendo ninguém...

— Não era o que parecia, principalmente depois de eu ouvir um “amo você”! — Ela voou em Bryan, batendo nele no processo. — Seu desgraçado! Como pôde fazer isso comigo?! Como você ousa?!

A mulher estava uma fera com ele. Eu estava a ponto de explicar, quando Bryan falou:

— Ela é a Emília...

Alexia parou de lutar. Provavelmente ele já lhe tinha falado sobre mim em algum momento.

— Mas você disse que ela morreu...

Fiz uma careta.

— Eu não estou morta, também não sou nenhuma puta — afirmei, fuzilando o motoqueiro, que só deu de ombros, o que me deixou com mais raiva. Faltou pouco para eu não o estrangular como se faz com uma galinha. Eu não tinha coragem de matar um animal, mas a ele, eu teria.

— Ele sofreu durante todos esses meses enchendo sua alma de escuridão por pensar que você estava morta. Como ousa, sua vadia?! — Ela veio para cima de mim, mas Bryan a pegou pela cintura. — Você não tinha esse direito!

— Eu não sabia que Bryan pensava que eu tinha morrido, porque, se soubesse, teria vindo antes e dito a verdade — argumentei.

— Por que fugiu dele, então? Você não devia ter feito isso, sua...

Cortei-a.

— Olha, eu lamento pelo que fiz, mas tinha meus motivos, e Bryan sabe quais são. — Olhei para ele, que não encarou meus olhos. Eu podia ver que estava com raiva. Notei que já tinha dado a minha hora. — Sabe onde me encontrar.

Saí dali, deixando os dois e lhes dando espaço para se entenderem. Também tinha de dar o tempo que Bryan precisava, afinal, eu mentira e o magoara profundamente. Além disso, estava furiosa demais com aquele MC babaca que havia me chamado de puta.

— Luz do Sol, acalme-se — ouvi Bryan dizer.

— Ela se fingiu de morta?

Parei de ouvir assim que saí da casa.

— Ei — chamou o cara, seguindo-me. — Você estava tendo um caso com Bryan?

Ignorei-o e entrei no carro; assim não pegaria suas soqueiras e esmagaria suas bolas.

— Estou falando com você — rosnou à porta do veículo. Dei a marcha ré, quase acertando seus pés, o que fez com que ele pulasse para trás. — Sua doida! Está querendo me matar? Por que não diz a verdade a Alexia? Assim ela o deixaria.

Franzi a testa e parei o carro, fazendo Emma me olhar da cadeirinha.

— Desculpe, filhota — falei a ela e fitei o MC, avaliando-o de pé, olhando para mim com o rosto duro como pedra.

Tinha algo nele que o tornava sombrio e mortal. Eu só não conseguia imaginar o que o levara a ser assim. Entretanto, uma coisa não me passou despercebida: ele gostava de Alexia e estava torcendo para Bryan não ficar com a loura. Será que ele não via que aquela batalha já era perdida? Aliás, eu achava que aquele cara nunca teria qualquer chance com ela.

Certo, ele era lindo demais, tanto que fazia uma mulher molhar a calcinha só em olhar para ele, mas, quando abria a boca, isso passava, porque só saía asneira. *Isso! Esse homem é um asno que me deixa furiosa!*

— Lamento dizer que, se está com esperança de que aquele homem traia aquela mulher, você está cego. E pode tirar o cavalo da chuva, porque ela não vai deixar o Bryan, que é um

exemplo de homem, por uma ralé de motoqueiro como você, seu escroto imbecil! — Não gostava de falar palavrões na frente de minha filha, mas aquele motoqueiro me tirava dos nervos. — Ele é mil vezes mais homem do que você.

Aquele cara despertava o que havia de pior em mim; fazia-me querer rasgar suas roupas e matá-lo ao mesmo tempo. Eu só não sabia qual das duas coisas seria mais nociva.

A fúria tomou conta dele, e acreditei que me bateria se eu não fosse uma mulher. Devia sentir medo, mas estava com raiva demais para isso.

Todavia, antes que ele dissesse alguma coisa, um som de moto chegando chamou nossa atenção, fazendo-o amaldiçoar. Também o fiz, petrificada, olhando para as várias motocicletas que vinham pela estrada da fazenda, onde ficava a cerca com a porteira, que estava aberta. Um deles eu reconheci: era o cara que queria me destruir me dando a vários homens. Minha sorte foi Bryan ter me salvado na época.

Um braço me puxou de dentro do carro, trazendo-me ao presente.

— Vamos para dentro! — exclamou o motoqueiro com Emma nos braços, então corremos para a casa.



Capítulo 3

Emília

— O que foi, Bryan? — ouvi a voz de Alexia na sala.

O motoqueiro entrou carregando Emma.

— É o Black — respondeu o cara com um rosnado.

— Acho que eles descobriram que estou viva — sussurrei com a voz tremendo.

— Meu Deus! Será que Steve está junto?! — a voz de Alexia soou alta.

— Não. Shadow foi até o Black para perguntar o motivo de ele estar com Steve Lutner, um dos homens mais procurado do FBI. — Bryan suspirou.

— E esse cara disse por que se aliou com aquele monstro? — sondou Alexia.

Eu não sabia do que estavam falando, nem quem era esse tal de Steve Lutner.

— Black não sabia quem ele era. Steve pagou para que eles o protegessem ao ir à igreja, mas não sabiam que os MCs Fênix estariam lá e que você era protegida deles... — disse Bryan a ela.

— Mas o que isso tem a ver? Quero dizer, pelo que ouvi desse Black, ele não parece ser diferente de Steve. Por que Black não lutaria contra Daemon e Shadow? Ele tem medo de vocês? — Alexia olhou para o motoqueiro.

Daemon? Esse é o nome dele? Cada apelido que esses motoqueiros inventam, pensei.

— Black não tem medo de ninguém. Shadow o obrigou a sair de cena não por medo, mas para ele pagar o marcador que devia. E, antes que pergunte o que é marcador, é uma dívida que nós, MCs, prezamos em cumprir, e, se ele não fizesse... — ele deu de ombros — bom, teria que lidar com as consequências e enfrentar Shadow. Nesse caso Black perderia, já que ele tem vários aliados, e não somos procurados como ele. Um erro, e Shadow o mandaria para a cadeia.

Shadow havia se tornado o presidente do clube MC Fênix. Pelo que eu entendi, o antigo chefe tinha morrido. Berry era um traidor e foi morto por um chefe de cartel com quem fazia negócios. Pelo menos foi isso que Shadow me disse uma vez.

— Eu sei que você está aí dentro! Saia e nos enfrente como o homem que você não é, Scott! — gritou uma voz masculina do lado de fora.

O maldito motoqueiro continuou a gritar, mas Bryan o ignorou.

Daemon veio até mim e me entregou Emma, que estava segurando sua orelha com brinco. Ele tirou a mão dela dali e lhe sorriu.

— Não pode puxar isso, princesa — disse com tom doce.

Eu o encarei surpresa por presenciar aquele homem com expressão mortal todo doce com uma garotinha. Ela sorriu para ele. Segurei Emma nos braços. Juro que, assim que minha pele tocou a dele, uma corrente elétrica passou por meu corpo. Porra, eu não podia sentir atração por aquele cara. Tinha consciência de que ele era lindo e tudo mais, mas também era um grosso e idiota de carteirinha.

Foco, Emília! Têm motoqueiros lá fora querendo te levar com eles, entoei a mim mesma. Contudo, não consegui esquecer a sensação estranha. Eu nunca tinha sentido nada parecido por um homem.

Bryan arrastou o sofá e puxou o carpete.

— O que está fazendo? O que tem nesse alçapão? — sondou Alexia indo para perto dele, que abriu o alçapão, então arregalei os olhos ao ver o que tinha lá dentro. Armas e mais armas de todo tipo.

— Querido, eu espero ser sua amiga para sempre — falou a mulher.

Ele sorriu de lado para ela. Ali tinha tanto amor que me deixou feliz por ver que meu amigo estava bem, mesmo não me perdoando tão cedo por tê-lo deixado sem dizer adeus.

— Você será mais do que isso, minha linda, vai ser minha esposa e mãe dos meus filhos. E, por falar nisso, como anda nossa filha? Sinto falta dela — seu tom era amoroso.

— Vocês dois têm filhos? E vão se casar? — indaguei. Não sabia que Bryan era pai.

Bryan assentiu sem olhar para mim e respondeu com voz grave, acredito que apenas por educação:

— Não é minha filha de sangue, mas eu a amo como se fosse. E vou me casar com essa mulher semana que vem, já que uma danada de uma loura não desistiu de mim. Estou louco para você ser minha esposa, senhora Scott... — Sorriu para ela.

— Eu também, querido. E não vão ser uns bastardos de MC que andam pendurados em motos que farão com que isso não aconteça. Nem que para isso eu tenha que atirar em todos eles. — Ela pegou uma arma e puxou a trava, mas ele a tomou de sua mão.

— Luz do Sol, você não vai atirar em ninguém, ok? Porque, se alguns desses merdas tocarem em você, aí, sim, teremos um Apocalipse na Terra, pois não restará nenhum deles vivo. Você é a única luz que ilumina a minha escuridão; se eu perder você, perco tudo: a vida, o ar que respiro. Entendeu? — Ele se levantou.

Todo o tempo longe dele valia o sacrifício de eu ter ido embora, vendo-o feliz como estava naquele momento. Não só por isso, mas também por ele ter ficado seguro, assim como eu e Emma, ao menos por um ano.

Daemon estava ao meu lado, e sua expressão era de tortura ao ver o amor dos dois. Aquele cara realmente amava aquela mulher. No entanto, eu garantia que ele não tinha qualquer arma para lutar contra um amor assim.

— Vocês duas fiquem quietas. Deixem que Daemon e eu resolveremos isso.

— Mas, Bryan, se eles quiserem atirar em você...

— Não vão, confie em mim — ele interrompeu a preocupação dela. — Vamos resolver isso logo — afirmou, indo com Daemon para fora da casa, cada um com uma arma.

— Estou curiosa... — começou Alexia, avaliando-me.

Deixei Emma no chão, perto do sofá, e fui para a janela observar o que estava acontecendo. Alexia ficou ao meu lado. Tinham uns dez caras. Reconheci Black entre eles.

— Sobre o quê? — questionei.

Daemon e Bryan ficaram a uma distância segura dos motoqueiros. Eles pareciam ter

alguma política privada, mas o que fez com que abaixassem as armas foi ver Daemon perto de Bryan. Black olhou para Daemon e seu colete.

— Você não parece amá-lo, quero dizer, não parece estar apaixonada por ele. A forma como o olha é como eu olho para um amigo meu. Nunca gostou dele de outra forma? Se já, eu não sou contra, só estou curiosa, afinal, isso seria no passado.

— Eu não o amo assim e nunca amei, só tenho Bryan como um irmão que nunca tive na vida. Não sei, era bom me sentir protegida e querida, porque não me lembro de alguma vez ter tido algo assim.

— Você se sacrificou para que ele tivesse uma vida e pudesse realizar os sonhos, como acabou fazendo. Eu faria o mesmo por Bryan se estivesse no seu lugar. — Ela sorriu para mim. Depois fez uma careta — Já o Shadow, eu vou chutá-lo quando o vir.

— Acredito que Shadow se sacrificou bastante por Bryan. Sei que não justifica o fato de ele ter mentido dizendo que morri. Mas ele com certeza deve ter feito coisas horrendas para Black apenas para que Bryan ficasse livre. — Fulminei Black lá fora com o olhar, ansiando pegar a arma que Alexia segurava para atirar na testa dele. Seria tão fácil... mas eu conviveria com isso?

— Não quer dizer que ele não mereça ter sua bunda chutada. — Sorriu balançando a cabeça.

Também sorri.

— Vamos nós duas chamá-lo para um duelo — sugeri com um revirar de olhos ante a ideia de lutar contra um homem daquele. Mudei de assunto: — Bryan sempre amou você, até tinha uma foto sua na carteira. Sempre que pensava que eu não estava vendo, ele olhava para ela. Pode conferir, que ainda deve estar lá. — Ele com certeza nunca havia se livrado dela. Por que faria isso se era uma recordação de quem amava? — Estou feliz por vocês. Vejo como ele olha para você; é como se estivesse em um mar, se afogando, e de repente você aparecesse; como se estivesse em um deserto sem nada para beber e comer, e de repente encontrasse um oásis. Você é a salvação desse homem, Alexia. Ele a venera. — Olhei para fora. — Quero que um cara me

olhe assim um dia, como se eu fosse seu mundo inteiro ou fizesse parte dele.

Nunca achei que gostaria dessa ideia, mas ver os dois juntos me fez desejar algo assim também, um amor profundo e intenso.

— Com o pai de sua filha não foi assim? Bryan me disse que você foi estuprada. Foi pelo pai de seu filho ou algum outro cara? Eu sei que tinha 15 anos, mas... — ela parecia sem jeito em perguntar isso.

— Ele era meu pai... me vendeu como pagamento de uma dívida para Black. Por isso ele está aqui, querendo "o que é dele" — minha voz saiu com raiva ao pensar naqueles dois monstros. Um estava ali; o outro, eu esperava que no inferno

— Oh, Deus! Sinto muito por isso — sua voz se alterou um pouco.

— Não gosto da piedade das pessoas. — Por isso eu não falava sobre isso com ninguém e daria um jeito de minha filha não saber também, só quando fosse adulta e entendesse as coisas.

Ela colocou a mão no meu ombro.

— Não é pena, é entendimento. A minha filha também veio de um estupro, de um lunático *serial killer*. Ele conquista mulheres idiotas, como eu fui, e as leva para um cativeiro por semanas, mas o que ele faz... é como se estivéssemos no inferno. — Ela olhou para Bryan, conversando com Black. Parecia que tudo estava indo bem. Estávamos longe para ouvir a conversa deles, já que não estavam mais gritando.

— Eu não conseguia ficar presa em correntes; Bryan me ajudou a superar isso. Ele é como um anjo que apareceu na minha vida. Ariane e ele são meu mundo inteiro.

— Nunca me arrependo de ter escolhido ter Emma. — Passei as mãos nos cabelos. — Mas confesso que pensei em tirá-la quando descobri. As lembranças e pensamentos pelo fato de ter sido violentada eram demais. Devo dizer que foi uma época muito perturbada a que passei. Mas, quando senti Emma chutar, tudo mudou, sabe? Não sei explicar. Hoje, eu adoro ver o sorriso dela, ouvi-la me chamando de mamãe. Não há nada mais lindo do que isso.

Ela me contou a sua história, de quando ficou internada em uma clínica e da sua filha, que ela pensou que estava morta e só veio a encontrá-la aos quatro anos de idade.

— Meus pais queriam que eu abortasse. Eu não sou contra quem opta pelo aborto após ter sido violentada, mas acho que a decisão deve ser da mulher, como também a decisão de ficar ou não com a criança. Devia ter partido de mim a decisão de não criar minha menina, não dos meus pais. — Seus olhos estavam molhados. — Por culpa do meu pai, eu perdi quatro anos com Ariane. Mesmo depois que pensei que ela estivesse morta, eu ainda a amava. Graças a Deus, ela voltou para mim. Assim que tudo isso acabar, vou registrá-la como minha filha.

— Nossa filha. Eu serei pai dela — disse Bryan, entrando na sala com Daemon, que não parecia nada feliz.

— O que aconteceu? — perguntou Alexia abraçando Bryan. Ele retribuiu rapidamente e se afastou, pegando a arma da mão dela.

— O que eu falei sobre armas, Luz do Sol?

— Era por garantia, sabe? Para o caso de eles atirarem em vocês dois — ela sussurrou.

— Estava pensando em atirar neles? — Parecia incrédulo. — Ainda bem que não houve luta então, né?

— O que vai fazer para o filho da puta em troca da minha liberdade e da de Emma? — sondei, preocupada. Sabia que ele ainda estava com raiva de mim, mas precisava perguntar. — Porque Black não faz nada de graça, e seu preço é alto, Bryan.

Ele suspirou e olhou para mim e para Daemon, que estava sorvendo uma bebida direto da garrafa.

— O que propôs, Bryan? Sabe que não pode fazer nada para eles. Se a CIA souber que você está metido com esses caras, a sua carreira vai acabar. Seus sonhos... — a voz de Alexia saiu urgente.

— Não vou fazer nada para eles. — Beijou sua testa e se afastou. — Daemon fez um acordo com Black que ele não pôde recusar.

Meus olhos ficaram arregalados assim que os pousei no motoqueiro, ainda tomando sua bebida.

— Você? Que tipo de acordo alguém como você faria para me salvar? Matar alguém? —

meu tom saiu enraivecido e meio alto. Eu sabia que estava sendo uma cadela, mas tinha sido ele que começara me xingando e ainda não tinha se desculpado.

O olhar de Daemon pousou em mim, e não era nada amigável.

— Alguém como eu? Acha que sou assassino? Você, sua ingrata, deveria me agradecer, já que salvei sua bunda, salvei você de ser levada por aqueles homens para servir como prostituta deles — seu tom era mortalmente frio.

— Você me chamou de puta, se esqueceu? — rosnei com os dentes trincados. — Você não sabe nada sobre a minha pessoa, seu crápula, para me xingar.

Seus olhos se fecharam, e ele respirou como se estivesse se controlando para não fazer besteira. Depois de alguns momentos, abriu-os e me encarou.

— Pegue sua filha e vamos embora agora — não parecia um pedido.

— Eu não vou a lugar algum com você! Nem se eu fosse louca — grunhi.

— Você não tem uma maldita escolha. Ou vem comigo, ou vai voltar para o Black e seus homens. E, quando uma pessoa é dele, o que ela tem também é considerado dele, entende o que quero dizer? — Ele deu mais um gole da bebida.

Olhei para Emma, que estava sentada no chão, brincando, e depois para Bryan ao meu lado. Não! Minha filha não podia ir para aquele antro de merda e correr o risco de ser tocada por alguém.

— Bryan... sei que me odeia...

— Odiar você? — indagou seco. — Eu apenas estou furioso pelo que fez, mas minha raiva mesmo é de outra pessoa.

Sabia que ele estava falando de Shadow e torcia para que a amizade deles não terminasse pelo que tinha acontecido.

— Olha, Emília, os MCs têm uma lei que seguem claramente e que não pode ser quebrada, nem por Black, que não liga para nenhuma regra — Bryan continuou.

— Que lei é essa? Todos esses MCs fodidos são bandidos e estupradores, não ligam para a lei — sibilei. Certo, nem todos, porque Shadow não era, mas eu não conhecia aquele motoqueiro

diante de mim. Apenas sua expressão assassina já me dava calafrios. Embora, em outros momentos, ele me fizesse sentir quente.

— Sim, tem uma lei que não pode ser quebrada por nenhum deles: ninguém pode mexer com a mulher de um irmão, porque é contra as regras fazer isso. Se mexer com sua mulher, mexerá com todos os membros do clube, e, como Daemon mencionou antes, Shadow é bem conhecido, mais do que Black, então ele não tem escolha a não ser obedecer a lei — disse e acenou a cabeça na direção de Daemon. Então entendi com assombro o que ele estava falando.

— Oh, Deus! Você está querendo dizer que disse ao Black que sou mulher desse cara? — Apontei o dedo sem olhar para o motoqueiro. — Nem morta fico com esse homem.

— Querida, eu preferia cortar meu pau a enfiá-lo em alguém como você. Afinal de contas, não curto crianças mimadas — rosnou, saindo e batendo a porta.

Peguei um cinzeiro e o joguei na porta, transformando-o em cacos de vidro.

— Anda logo, não tenho o dia todo! — ele gritou do lado de fora.

Soltei um grito, indignada e irada por não ter a opção de fugir e nem de ir embora dali. Talvez, se eu me escondesse bem, onde ninguém me achasse, não precisaria me casar com aquele cara. E nem deveria ser um casamento de verdade mesmo, então não fazia sentido algum.

Peguei a mão de Emma; não podia arriscar fugir para nenhum lugar. Eles poderiam me encontrar e a machucar.

— Emília, vai ser bom ficar com os MCs Fênix, pois eles são legais. Você vai amar cada uma das meninas que estão lá, especialmente a mulher de Shadow e a de Kill — falou Alexia, sorrindo doce.

— Evelyn? Eu a vi uma vez. Shadow estava passando por problemas com ela e fui ver se podia ajudá-lo, então a conheci. Aquela ruiva o ama demais. — Sorri. — Mas o milagre foi ver aquele cara domado por uma mulher.

Algum tempo antes, eu tinha ido até Chicago e visto Evelyn. Ela me pegou com Shadow e imaginou coisas, assim como Alexia quando me viu conversando com Bryan. Fiquei feliz que os dois tivessem se entendido.

— Pois é, milagres existem. — Sorriu também, enquanto Bryan se abaixava para pegar Emma nos braços.

— Olá, princesa. — Beijou ambas as bochechas dela, fazendo-a rir. — Está grande, hein, menina? Eu estava com saudades de você.

Meu coração palpitou com a cena, porque fazia tempo que eu não via aquilo. Minha garganta estava fechada de emoção, mas eu não era a única. Alexia estava igual a mim.

Fomos para fora, onde Daemon estava, escorado no meu carro.

— Emília, não saia da proteção dos MCs, ok? Sei que não se deu bem com Daemon, mas ele é um cara legal e vai protegê-la se for preciso — disse Bryan olhando para mim e para o motoqueiro

Legal? Ele está apaixonado pela sua mulher, pensei, mas o que eu disse foi:

— Farei isso. — Suspirei. — Espero que um dia me perdoe, Bryan.

Cheguei ao meu carro e me estabeleci ao lado de Daemon.

Bryan assentiu, colocou Emma na cadeirinha e a beijou na testa.

— Fica com Deus, bonequinha linda — falou alisando o rosto dela. Depois me olhou: — Não é preciso perdoar, afinal você não sabia que eu pensava que estavam mortas. Só estou magoado por ter fugido e não me dito que ia partir. Só quero que vocês duas fiquem seguras.

Engoli em seco. Não queria ser uma estranha na vida de Bryan. Todavia, sabia que ele precisava daquele tempo para pensar, afinal, sofreu durante um ano pela nossa falsa morte.

— Ficaremos — prometi com um nó garanta, em seguida entrei no lado do motorista do carro preto.

— Ei, eu que vou dirigir — informou Daemon vindo na minha direção.

— Está vendo aquela garrafa ali? — Apontei para a garrafa vazia de bebida, que estava jogada no chão. — Você bebeu uma cheia; não sei como ainda está de pé.

— Não sou fraco para bebidas, posso dirigir muito bem.

— Não no meu carro e não com minha filha dentro dele — sibilei. — Agora entre no maldito carro, ou deixo você aí.

Ele deu um suspiro frustrado, mas deu a volta e entrou no veículo.

— Coloque o cinto de segurança — mandei depois que ele se sentou.

— Mas que porra! É só dirigir! — alterou a voz, mas depois a abaixou quando Emma se assustou.

— Nós vamos ficar aqui o dia inteiro se for preciso. — Não dei partida.

— Valha-me, Deus, me dê paciência! — Colocou o cinto.

Eu queria rir de seu jeito rabugento. Ele já estava meio grogue pela bebida.

— Proteja as duas, Daemon — pediu Bryan.

— Eu que vou precisar de uma maldita proteção para que ela não atire em meus miolos antes de chegarmos em casa — grunhiu, fazendo-me segurar um sorriso.

Então parti, não sabendo o que seria do meu futuro com os MCs Fênix. Contudo, ficaria com aquele motoqueiro e não sabia se iria morrer de irritação ou me divertir.



Capítulo 4

Emília

Dirigi por mais de sete horas, e, durante toda a viagem, Daemon dormiu como uma rocha. O litro de bebida o detonara. Eu também queria beber e me esquecer daquele dia e para onde eu estava indo, mas alguém precisava dirigir, não é?

Devia acordar aquele motoqueiro fodão para dirigir um pouco, mas não queria correr o risco de ele capotar meu carro, uma vez que não estava sóbrio e parecia que nem um tanque de guerra o acordaria.

Emma também dormia tranquilamente. Ela havia acordado algumas vezes e ficava olhando para Daemon e para mim. Minha lindinha faria três aninhos em sete meses. Logo estaria na escolinha, mas, até lá, eu queria uma vida estabilizada para ela, não queria continuar fugindo como uma condenada.

Ao entardecer, parei em um posto de gasolina para abastecer e comprar alguns alimentos e o leite de Emma, que tinha acabado. Já estava saindo da loja de conveniência quando vi Daemon escorado no carro e uma mulher à sua frente, acariciando sua jaqueta. Ele estava parado, só olhando para ela.

— Você, lindão, está a fim de sair para um lugar mais calmo onde a gente possa aproveitar? Farei valer a pena — disse a loira com roupas curtas, saia e blusinha que mais parecia um top. — Tenho uma boca experiente. Adoro um motoqueiro.

Com certeza ela é experiente, pensei, amarga.

— A minha boca também é experiente, tanto que meu marido não vai procurar fora, com vadias que dão em cima dele, o que tem em casa — falei, chegando até eles. Os dois olharam para mim, a vadia com o olhar arregalado, e ele, com as sobrancelhas erguidas, mas ficou calado.

Cheguei mais perto de Daemon e tirei a mão da mulher da jaqueta dele. — Esse cara gostoso tem dona e não vai cair em cima de qualquer sirigaita que o chama para foder. Eu dou tudo a ele; faço um boquete como ninguém; o faço gozar com minha boca e língua — eu falava enquanto passava os dedos em seu abdômen, ameaçando descer até suas calças. Juro que o homem não estava respirando.

Eu queria rir do que estava dizendo, mas aquela cadela precisava de uma lição, porque viu Emma no banco de trás, então devia supor que ele estava com alguém. Odiava mulheres assim.

— O faço gritar e clamar meu nome. E quando fodemos? Meu, é o céu, seu pau é maravilhoso com aquele piercing, mas apenas eu tenho posse dele, e não qualquer mulher que não respeita um homem com sua filha no banco de trás do carro — silvei a fuzilando com o olhar e sorri para Daemon, que parecia divertido. — Vamos, querido? Precisamos chegar em casa logo para... — Coloquei meus lábios em sua orelha, fazendo-o estremecer, mas falei alto para a mulher ouvir: — Meus lábios já estão famintos querendo chupar você e tê-lo dentro de mim enquanto me fode com força.

Suas mãos apertaram a minha cintura, e logo senti uma corrente elétrica passando por todo o meu corpo. Juro que estava pegando fogo, como uma fornalha.

— Se disse para a mulher ouvir, saiba que ela já foi embora — sua voz estava rouca. — Mas adorei a forma como se referiu ao meu pau; o que ia fazer com sua língua... — Ele encostou meu quadril no dele, e céus! O cara estava duro como uma maldita pedra. Meu corpo estava tomado por labaredas, e tive que me segurar para não rasgar suas roupas e possuí-lo ali mesmo.

Possuir? Eu sou alguma pervertida? Merda, eu nunca tive pensamentos assim com ninguém na minha vida. Droga! Isso não podia acontecer, eu estava brincando quando disse aquilo. Só queria dar uma lição na mulher assanhada que deu em cima dele.

Afastei-me, mas foi preciso muito esforço. Eu não podia sentir atração por aquele cara lindo, mas irritante e que me fazia perder a cabeça.

— Não sonhe com isso, motoqueiro. Sabe quando colocarei minha boca em você? Nunca! Prefiro colocá-la em uma mulher.

Ele riu.

— Isso, eu gostaria de ver. — Seu peito balançava com a risada.

Fiz uma careta e abri a porta de trás do carro, entregando a mamadeira a Emma, que já estava impaciente e com fome. Minha filha era um amor, não era chorona e nem dava trabalho algum.

— Por que, em vez de falar besteira, você não dirige o carro, já que esteve praticamente morto por quase sete horas? Estou morta, preciso descansar um pouco — rosnei e me sentei no banco do passageiro.

— O que estamos fazendo por aqui? Chicago fica em outra direção — argumentou, sentando-se no lado do motorista.

— Preciso pegar minhas coisas em Austin e me despedir da dona Benta, a mulher para quem trabalho. Se eu sumir assim, vou deixá-la preocupada. Não posso simplesmente desaparecer — informei com um suspiro. — Coloque o cinto. Isso aqui não é uma moto.

Ele fez uma careta.

— Você é um pé no saco.

— Saco... — murmurou Emma.

Arregalei os olhos, virando-me para ela.

— Não pode dizer essa palavra, ouviu? É xingamento.

Ela só riu e continuou brincando com a mamadeira vazia.

— Ela não sabe o que está dizendo — afirmou Daemon dando partida e seguindo para a estrada.

Fuzilei-o com os olhos.

— Isso é culpa sua! Pare de xingar na frente dela, não a quero falando palavrões...

— Isso vai ser difícil, já que é só isso que sai da sua boca... experiente. — Ele riu, sacudindo a cabeça na última palavra.

— Se você não estivesse dirigindo, eu ia te dar um soco — grunhi. — Também porque estou cansada... — acredito que caí no sono antes de terminar de falar.

— Emília, acorda. Vamos passar a noite aqui — ouvi uma voz me chamar. Parecia tão sexy e envolvente...

Acho que estou derretendo, pensei.

— Não está derretendo. Você vai acordar ou prefere que eu te leve nos braços? — disse a voz, parecendo divertida.

Abri os olhos quando me dei conta de que não estava mais sonhando e me deparei com Daemon próximo à minha cabeça.

— Daemon?

— Olá, bela adormecida, achei que precisaria beijar você para acordá-la — provocou. — Mas estou curioso. Por que pensou que estava derretendo?

Nem em um milhão de anos eu diria que estava sonhando com ele, com seu toque, que parecia como labaredas na minha pele.

Daemon estava com Emma nos braços. Olhei ao redor, deparando-me com um hotel na beira da estrada. O lugar devia ter tido dias melhores. Isso porque era noite; se fosse dia, certamente não ficaríamos no local.

— Onde estamos? — sondei saindo do carro.

Ele seguiu para a recepção carregando minha filha, embora ela soubesse andar. Ela segurava sua jaqueta de motoqueiro. Um homem fodão com uma criança nos braços. Achei a cena linda.

— Vamos dormir aqui hoje. Já passa das 20h, e tem comida neste lugar, então isso ajuda — disse enquanto seguia a passos largos.

— Será que lá dentro é melhor do que do lado de fora? — sussurrei e segui ao seu lado. Estava louca por um banho e comida. Bem na hora minha barriga roncou, fazendo-me sentir constrangida.

— Está com fome? — inquiriu me olhando de lado. — Vamos nos instalar primeiro, depois peço comida para nós.

Assenti assim que chegamos à recepção. Uma moça loira estava ao balcão e sorriu quando viu Daemon, mas depois o sorriso morreu ao notar Emma e a mim. Pelo seu olhar, com certeza já tinham ficado juntos.

— Daemon, é um prazer vê-lo de novo — disse ela em tom meio decepcionado.

— Preciso de um quarto — respondeu somente.

— Está tudo lotado, só tem um quarto com uma cama de casal — revelou ela nos avaliando.

Lotado? O lugar parecia deserto... Talvez eu não tivesse checado direito. Bem, não podia ser egoísta e ficar criticando o local.

— Serve esse — respondeu ele tirando a carteira do bolso e a dando a mim. — Pegue o dinheiro aí e dê a ela.

— Pode colocar Emma no chão, ela está pesada, não precisa segurá-la — falei, pegando as notas e as entregando à mulher, mas, antes de fechar a carteira e a devolver a Daemon, vi seu nome na carta de motorista.

Edward? Não consegui ver o nome todo, porque a carteira sumiu da minha mão. Franzi a testa.

— Não pergunte nada sobre o que viu — ordenou e pegou a chave que a garota lhe entregou.

Mantive-me calada, mas fiquei curiosa. Se ele tinha esse nome, por que deixava que as pessoas o chamassem de Daemon?

Entramos no quarto pequeno, que, para minha surpresa, era bem ajeitadinho. Tinha uma mesinha, frigobar e um banheiro sem porta, só com uma cortina transparente. Gostei, mas o que estava me incomodando era o fato de ter somente uma cama e de que teríamos que a dividir. Daemon e eu, merda! Não poderia dormir com aquele homem, talvez corresse o perigo de atacá-lo durante a noite, afinal, estava tendo sonhos nada inocentes com ele.

— Eu vou conseguir algumas roupas para nós... — começou ele, mas o cortei.

— Não se dê ao trabalho de pedir à recepcionista, porque ela é capaz de me dar roupa suja por pura vingança. Além disso, tenho roupas que trouxe comigo. — Fiz uma careta, indo me sentar no sofá com a bolsa, que continha fraldas, pois Emma ainda não havia deixado de usá-las, e algumas peças de roupas. Eu não sabia quantos dias ficaria fora ao ir me encontrar com Bryan.

— Vingança?

— Você com certeza ficou com a loira do balcão, porque ela sorriu como se tivesse provado a coisa mais saborosa do mundo, e garanto que não foi a mim. — Sacudi a cabeça.

— Saborosa, hein? Ninguém nunca me chamou assim. — Ele riu e colocou Emma ao meu lado no sofá.

Fitei-o. Ele estava com um sorriso torto e lindo. Aquele homem sabia o poder que exercia sobre as mulheres.

— Não chamei você de saboroso, só estava ressaltando o que vi — declarei.

— Sei. — Sacudiu a cabeça. — Já que possui roupas, pode aproveitar para tomar banho enquanto compro a comida.

Assim que ele saiu, peguei Emma e dei banho nela primeiro.

— Lá, mamãe. — Ela apontou o dedo para a porta.

Na primeira vez que ela me chamou assim, eu quase surtei de tanta felicidade. Eu seria uma mãe que a protegeria e lhe daria tudo que não tive na vida.

— Ele vai voltar logo. — Deixei-a perto da cama, vestida com sua roupa de dormir, e fui tomar banho.

Havíamos viajado o dia inteiro, então era bom me encontrar debaixo de um chuveiro com água quente. Não sei quanto tempo fiquei sob ele, mas acho que foi bastante, porque de repente ouvi um tom rouco vindo do lado de fora do banheiro.

— Puta merda! — seu tom saiu alto no pequeno quarto.

Meu coração gelou com preocupação de que Emma estivesse fazendo algo que a machucaria, como subir na cama e outras coisas.

— Emma! — Saí do banheiro correndo e acabei escorregando, mas, antes que eu me espatifasse no chão, um braço me segurou, impedindo-me de quebrar a cara.

Levantei a cabeça, curvando-a para trás e encontrei os olhos ardentes de Daemon.

— Achei que só nos filmes tinham momentos como esse, em que uma mulher escorrega e um cara a pega — murmurei, sentindo meu corpo virar um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Se todas as cenas envolverem uma mulher saindo nua do banheiro, então estou louco para assistir a esses filmes, sejam quais forem — sua voz estava rouca, e seu hálito quente banhou meu rosto.

Nua? Pisquei quando notei que estava completamente sem nada no corpo e nos braços de um motoqueiro que fritava meu cérebro, deixando-me bêbada por ele.

— Porra! — Afastei-me de seus braços e me cobri com a toalha. Depois respirei fundo para me controlar. Fosse o que fosse que eu estivesse sentindo por aquele cara, não podia acontecer nunca. — Emma?

Ele apontou para a mesinha, onde ela brincava com uma correntinha com pingente de gatinho.

— Encontrei na loja que tem aqui ao lado. Ela está bem.

— Não entendo. Se ela está bem, por que gritou? Por acaso ela estava no sofá ou na cama?

— Não. — Pigarreou, afastando os olhos de mim na toalha. — Só que o plástico é transparente, então vi você esfregando seu corpo.

— As pessoas esfregam o corpo quando tomam banho — retruquei, voltando ao banheiro para me vestir. — Vê se não olha.

— Não prometo nada.

Assim que vesti meu shortinho e um top – essa era minha roupa de dormir –, saí e fui para a mesa arrumar a comida para mim e para Emma. Daemon estava abrindo as tampas das vasilhas: espaguete, arroz, bife e batatas fritas.

— Amo macarronada — falei ao lado dele.

— Porra, Emília! — rosnou assim que fitou meu corpo. — Você está querendo provar todo

o meu autocontrole, não é?

Sorri e mordi o lábio inferior.

— Eu não disse nada, apenas que amo comida italiana. Macarronada é a minha preferida — fingi não saber do que ele estava falando.

— Preciso de um banho gelado — grunhiu e se virou para o banheiro.

— Quer que eu esfregue suas costas? — brinquei enquanto pegava um fio de macarrão e o colocava na boca.

Mãos pegaram meus quadris, virando-me, e eu pisquei, chocada. Arquejei.

— Está mexendo com fogo, Emília — sussurrou perto do meu rosto, com os olhos centrados nos meus.

Parei de respirar, com meu coração acelerado ao tê-lo tão próximo a mim, fazendo-me querer devorar sua boca.

— Gosto do fogo — sussurrei com a voz fraca. Emma estava à mesinha, no canto, alheia ao que estava acontecendo.

— Quer sentir meu pau nessa sua boceta gostosa te fazendo gritar por mais enquanto te fodo com força? Meus lábios a lambendo e sugando seu clitóris? — Ele encostou a boca em meu ouvido, e eu estremeci com o seu sussurro. — É isso que vou fazer se você apenas disser que sim. Você quer isso?

Eu queria? Sim, muito, tanto que não estava tendo controle dos meus atos. Meu corpo estava tomado por uma luxúria e prazer desconhecidos. Entretanto, eu sabia que não podia me deixar cair em tentação, ou pagaria o preço no dia seguinte. Sabia que me arrependeria caso ficasse com aquele motoqueiro lindo, grosso e bem intenso. Suas palavras sujas me deixaram toda molhada.

— Responde, Emília. Você quer ser fodida por mim dessa forma? — Afastou o rosto e me encarou com os olhos abrasadores. Eu podia sentir sua parte íntima rígida através de seu jeans.

Você quer ser fodida por mim dessa forma? Entoei essa pergunta várias vezes na minha mente, e a resposta era uma só:

— Sim, mas...

Ele sorriu, e, Céus, as minhas pernas ficaram bambas em resposta àquelas covinhas e sorriso sexy.

— Boa garota. — Ele se afastou e foi para o banheiro. — Dê comida para a princesinha.

Pisquei.

— Eu disse “sim” — falei às suas costas.

Ele parou à porta do banheiro e virou a cabeça.

— Você disse um “mas” depois. Essa palavra é um claro sinal de dúvida — falou e entrou no banheiro, mas eu podia ver através da cortina transparente.

Estava ali como uma viciada querendo entrar naquele banheiro e devorar aquele homem. *Merda, estou ficando louca, só pode ser.* Antes que eu fizesse besteira, Emma me chamou:

— Mamãe...

Sacudi a cabeça, voltando a obter controle de mim mesma ou tentando clarear minha mente, que estava fodida.

— Já vou te dar comida.

Eu estava acabando de alimentar Emma quando Daemon saiu do banheiro com jeans e camiseta preta. Pendurou sua jaqueta de motoqueiro e colocou suas coisas, como soqueira e carteira, na gaveta de uma mesinha perto da cama.

— Pare de me olhar assim, Emília — disse e foi para a mesa, em seguida encheu um prato grande com comida e se sentou. — Estou surpreso comigo por ter tanto autocontrole.

Ele tinha razão, eu precisava me controlar, afinal, não podíamos ficar juntos só porque queríamos um ao outro naquele momento. Ele amava Alexia, e eu não queria ficar com um homem que pensaria em outra mulher quando estivesse comigo.

Fiz Emma dormir e fui comer meu macarrão. Sentei-me diante dele, e comemos em silêncio.

— Posso te perguntar uma coisa? — indaguei.

Ele franziu o cenho.

— O quê? Se for sobre o que viu na carteira, não comente sobre isso; não quero tocar no assunto.

Suspirei.

— Por mais que eu esteja curiosa sobre o fato de você usar um nome feio quando tem um bonito... — bebi um gole de suco de laranja e falei logo, porque ele já ia abrir a boca — estou curiosa mesmo é para saber por que resolveu me ajudar. Não era da sua conta, ou era?

Ele comeu em silêncio por uns segundos, depois deu de ombros.

— Devo ao Bryan um marcador; ele cobrou por isso — respondeu, fazendo-me ficar rígida.

— Então você está aqui comigo por obrigação? Tudo porque deve ao Bryan? — Levantei-me e joguei o resto da comida fora.

— Não estou aqui obrigado, Emília, só preciso fazer isso. — Ficou à minha frente.

— Posso trocar de marido? — Sentei-me na cama, porque já estava cansada.

Ele riu.

— Trocar de marido? Já está querendo me deixar após um dia de casamento? — Revirou os olhos.

— Não, o que quero dizer é que não precisa ser você a estar aqui, pode ser outro MC, não é? — Eu não me sentia bem que ele estivesse fazendo o que não gostava, como parecia claro enquanto ele tomava conta de mim e da minha filha.

Seu sorriso sumiu.

— Não quer que seja eu? Por quê? — tinha uma nuance estranha na sua voz.

— Você não quer estar aqui. Não quero que me proteja só porque deve isso ao Bryan ou a alguém. Isso não parece justo — sussurrei.

— Não estou com você apenas porque devo. Eu gosto dela. — Apontou para Emma, que dormia com a correntinha que ele lhe dera. Eu a tinha colocado em seu braço, dando algumas voltas e a tornando uma pulseira. — Vá dormir, Emília, pois já está tarde.

Eu não queria dormir, mas estava cansada demais, então me deitei e logo estava em

silêncio, mas, antes de cair no sono, pensei ter escutado sua voz, ou talvez fosse um sonho.

— Se soubesse o real motivo para eu protegê-la, você jamais olharia na minha cara.

Algo tocou minha testa, tão macio e suave. Seriam seus lábios?



Capítulo 5

Emília

A viagem até Austin estava silenciosa. Nenhum de nós comentou sobre o que acontecera na noite anterior, mas não era por isso que eu estava em silêncio, mas porque, durante a noite, ele havia saído do quarto e só voltado horas depois. Eu não precisava ser um gênio para saber aonde tinha ido.

— Por que está calada? — sondou ele. — Não falou o resto da viagem inteira.

— Nada — murmurei, ignorando-o.

Ele deu um suspiro frustrado.

— Maldição, Emília! Foi pelo que eu disse, é isso? Ou pelo que quase aconteceu com a gente na noite passada? — sua voz se elevou, então ele abaixou o tom ao olhar para Emma.

Suspirei e o encarei. Seu rosto estava rígido, e seus dentes, trincados. Notei que isso acontecia quando ele estava com raiva.

— Você saiu essa noite — não queria dizer isso, porque não queria saber o que estava acontecendo comigo. Por que eu estava incomodada com o fato de ele ter estado com outra mulher? Merda! O cara era livre para fazer o que desejasse. Estava confusa e inquieta, porque jamais tinha sentido nada assim.

Ele piscou e focou na estrada.

— Você está pensando que eu fiquei com a garota da recepção? — indagou, apertando o volante.

— Não é da minha conta, mas sim — respondi a verdade e olhei pela janela. Só queria que aquele incômodo em meu peito passasse. Acreditava que era porque não tínhamos ficado juntos, mas ele decidira ir até outra pessoa.

Ele riu amargo.

— Não fodi ninguém, só estava precisando espairecer um pouco — sussurrou.

Pisquei.

— Espairecer? O que te deixou inquieto? — sondei confusa.

Sacudiu a cabeça.

— Talvez aquele shortinho, que dizia “me foda”. E a pele que estava exposta enquanto você dormia pacificamente, sem se incomodar com meu estado.

Arqueei as sobrancelhas.

— Você não me quis — lembrei a ele com a voz grossa, então pigarreei. — E meu short de dormir não é um pedido para alguém me foder; eu sempre o uso quando durmo.

— Vou precisar de um maldito autocontrole — resmungou de novo, depois deu um suspiro.

— Ouvi dizer que yoga ajuda — brinquei, sorrindo. O que estava sentindo um pouco antes desapareceu; o aperto incômodo que havia em meu peito, também. — Seria uma visão linda dele num shortinho. — Olhei para suas calças e vi sua rigidez através do jeans.

Ele gemeu.

— Não me olhe assim, ou vou parar esse carro na estrada e fodê-la sem ligar para meus princípios — rosnou.

Ele tinha razão. Até eu estava com medo de mim mesma por ser tão ousada. Eu estava com um pouco de receio dessas sensações novas, mas uma parte de mim estava gostando de senti-las e provocar aquele homem.

Depois disso, ficamos em silêncio até chegar a Austin, por volta da 1h da tarde. Eu estava cansada, mas precisava ir até a dona Benta e conversar com a minha chefe e amiga.

— Pode parar no meu serviço primeiro? Preciso conversar com minha chefe — pedi.

Ele assentiu e partiu assim que lhe passei o nome da rua, mas o estranho era que ele não me esperou indicar a direção, simplesmente sabia onde era.

— Já esteve em Austin antes? — questionei assim que ele estacionou em frente à loja.

— Sim — respondeu, saindo do carro. Eu o segui e fiquei ao seu lado.

Antes que eu pudesse perguntar por que ele desceu do veículo, dona Benta veio em nossa direção. Ela aparentava ter uns cinquenta anos, mas a mulher era uma coroa enxuta, e eu a adorava não só por ter me ajudado quando eu vim para a cidade, mas porque era uma boa amiga.

Assim que ela sorriu, estranhei, porque o sorriso não foi para mim, mas para Daemon, que deu um sorriso parecido com o sol de tão brilhante. Eu só o tinha visto sorrir dessa forma quando Emma tentara arrancar o brinco da sua orelha, na fazenda, e algumas poucas vezes, quando olhava para minha filhota. Tinha algo nela que fazia cair a máscara de homem fodão que ele exibia.

— Daemon, meu menino! — exclamou dona Benta indo abraçá-lo.

— Como vai, mãe? — sua voz também possuía muito sentimento.

Arquejei.

— Mãe?! — minha voz saiu alta. Nem em um milhão de anos eu pensaria em algo assim.

Os dois se afastaram e me olharam.

— Não de sangue, mas eu a considero como uma mãe para mim. Ela é a mãe de Bax, um amigo meu e chefe do MC da Serpente — respondeu Daemon.

Eu estava de olhos arregalados. Serpente? Não queria nem imaginar por que eles tinham aquele apelido, mas com certeza não era bom. No entanto, uma ideia estava se formando em minha mente.

— A senhora sabia quem eu era quando me contratou? Foi a pedido de Shadow? — censurei.

— Menina, traga a Emma, e vamos para o meu escritório conversar, porque meu filho ligou e disse que você é mulher de Daemon — respondeu ela com tom doce.

Fiz o que ela pediu, e entramos na sua loja, um conjunto de paredes de tijolos avermelhados, janelas de vidro e vitrines lindas expondo vários vestidos de festa. Daemon pegou Emma do chão.

— Eu a levo.

Emma ficou animada por estar nos braços dele.

— Não precisa, assim vai deixá-la preguiçosa e manhosa — retruquei.

— Estou aqui para isso. Se ela não quiser andar, eu a carrego. — Sorriu para Emma. — Não é, coisa fofa? Sua mãe está com inveja porque não a estou carregando... — Ele parou e me olhou. — Mas, se quiser, eu levo você nos braços também.

— Não diga besteira! Ande logo, ou chuto seu traseiro — rosnei. Contudo, estava feliz por ele gostar de Emma.

Dona Benta riu.

— Vocês dois parecem um casal mesmo. Tão lindo! — Ela parecia impressionada avaliando nós dois.

— Desculpe por falar palavrão, mas esse motoqueiro desperta o pior em mim, como uma coceira que não podemos coçar — murmurei.

— Gosto de coçar uma coceira. Está a fim? — Ele arqueou as sobrancelhas para mim.

— Respeite a dona Benta — grunhi ficando à sua frente. — E, se minha filha começar a falar palavrões por sua causa, vou dar um jeito de você nunca mais tirar a coceira de ninguém, com uma faca bem cega.

Ele estremeceu, provavelmente imaginando a cena.

— Vocês dois... — começou dona Benta rindo e parecendo meio chocada, como se não achasse a palavra certa para nos descrever.

— Não existe “nós dois” — confessei e adentrei mais na loja bem-ajeitada e com Júlia ao balcão. Ela tinha 16 anos, cabelos loiros. Era linda. Seus olhos brilharam assim que ela viu Daemon, em seguida veio correndo para ele

— Oi, Daemon, que bom que está de volta! Faz tanto tempo que não vem aqui — murmurou magoada.

— Um ano e meio — respondeu ajeitando Emma em um braço e dando um tapinha na garota. — Você cresceu, menina.

Bom, isso explicava eu nunca o ter visto ali durante o tempo em que trabalhava na loja,

como também o fato de ninguém ter tocado nos nomes dos MCs. Dona Benta devia saber a verdade sobre mim, por isso eu consegui serviço ali logo que cheguei a Austin.

— Daqui a dois anos eu posso me casar com você sem precisar de autorização — ela sorriu, mas notei pelo seu tom que estava brincando.

Ele sorriu também, sacudindo a cabeça.

— Querida, não sei nem se vai casar algum dia. Não se depender de Lion — informou Daemon revirando os olhos.

Ela bufou.

— Meu irmão não manda em mim — retrucou indo atender uma cliente enquanto íamos para o escritório de dona Benta.

— Sei — murmurou Daemon.

— Você devia usar aquela venda que Matt Murdock usa, assim as mulheres não te secariam como fazem.

Seguimos por um corredor e viramos à direita, depois chegamos à sala de dona Benta. O lugar era espaçoso, com uma mesa, cadeira e um sofá, além de um armário de aço.

— Quem é esse?

Eu o olhei chocada.

— Não conhece Matt, o Demolidor? — indaguei. Continuei assim que ele disse que não: — É uma série da Netflix. O cara é um gato, mas perdeu a visão quando criança. Depois, ele passou a ter poder, com isso chuta muita bunda na cidade, e, para não ser reconhecido, usa uma máscara... — parei de falar quando vi que tanto ele quanto dona Benta me encaravam com olhos estatelados. — O que foi?

Daemon desatou a gargalhar feito uma hiena, fazendo Emma o acompanhar.

— Está me chamando de lindo?

Fiz careta.

— Falei que o ator é lindo, não você — destaquei. Embora fosse verdade, aquele homem ali, ao meu lado, era uma obra-prima, um Adônis tatuado, mas não disse isso em voz alta.

Ele deixou passar e se sentou, colocando Emma ao seu lado, mas ela voltou para o seu colo.

— A coloque no chão — pedi de novo, mas ele me ignorou e começou a arrumar a corrente enrolada no braço dela. Olhei para dona Benta. — Eu vim aqui hoje para dizer que vou ter que ficar um tempo fora... mas, antes, gostaria de saber se a senhora sabia sobre mim.

— Dominic me ligou há um ano me pedindo para ajudar você. Assim que a vi, eu soube que seríamos boas amigas. — Sorriu. — Lamento por não ter dito nada, mas ele pediu segredo.

Dona Benta era um amor; era incapaz que alguém sentisse qualquer tipo de rancor por ela.

— Tudo bem, eu que agradeço por você ter aberto espaço para mim aqui neste lugar. Adorei trabalhar com você. Prometo que, assim que eu não estiver mais correndo perigo, volto para Austin e venho trabalhar aqui de novo — declarei.

— Esperarei por você. — Ela sorriu, olhando entre mim e Daemon como se duvidasse que isso fosse acontecer. Pelo menos, foi isso que notei em sua expressão. Daemon estava brincando com Emma. Antes de eu dizer que o que possivelmente ela estava pensando não ia acontecer, ela mudou de assunto: — Mas quero que fique na cidade uma semana.

Franzi a testa.

— Por quê?

— Vai ter uma festa de aniversário para meu filho, e, como Daemon está aqui, queria que vocês dois ficassem — pediu ela olhando entre nós dois.

— Nós ficaremos. Não tem nada acontecendo em Chicago. Eu só preciso falar com Shadow antes. — Ele se levantou, colocando Emma no sofá. — Fique aqui, querida, eu já volto.

— Daemon... — Ela estendeu os braços para ele de novo.

— Quer vir comigo enquanto faço a ligação? — perguntou se abaixando e a pegando de novo. A menina abraçou seu pescoço, sorrindo.

— Daemon... — comecei a dizer que não precisava levá-la só porque ela queria isso, mas ele me ignorou e saiu porta afora.

Sacudi a cabeça.

— Nunca o vi assim — comentou dona Benta boquiaberta.

— Assim como? Com uma criança? — Virei-me para ela, que estava de pé, mas logo se sentou em uma cadeira. Sentei-me em frente a ela.

— Não. É a forma que ele sorri com Emma.

— Notei isso, mas ele também sorri assim com a senhora — comentei —, quando a chamou de mãe.

— Edward teve uma vida difícil...

Cortei-a:

— Sabe o nome dele? — minha voz se elevou, então a abaixei: — Mas o chamou de Daemon.

— Ele não gosta que o chamem por esse nome, por isso o chamo pelo seu apelido — disse com um suspiro triste. — Não gosto desse apelido; não tem nada dele ali.

— Também acho, por mais idiota que ele seja às vezes — comentei, fazendo-a rir. — O que foi?

— Nada. Agradeço por você estar com ele. Só quero pedir que tome conta dele lá, para onde vão, e que o faça sorrir mais, porque raras vezes isso acontece. — Ela suspirou. — No instante em que o conheci, quando ele tinha dez anos, estava todo machucado... — Estremeceu. — As feridas dele, Jesus! Quem as fez o deixou quase morto. Morávamos em Esmirna...

— Espere, onde?

— Esmirna é uma cidade da Turquia. Eu e meu marido vivemos lá durante 15 anos, quando resolvemos nos mudar para cá. Meu marido tinha parentes aqui, meu sogro era o chefe de um MC e, quando morreu, deixou Charles no comando; ele não era turco, nem eu. Me mudei para lá quando era pequena. Antes de voltar para a América, encontrei Daemon quase morto em uma rua por onde passávamos naquela noite — sussurrou com voz dolorida. — Quis levá-lo a um hospital, mas ele não quis, mesmo todo ferido. Charles e eu cuidamos dele, tratamos seus machucados.

— Foi espancamento? Será que os pais dele sabiam disso ou foram os causadores? A

família deveria ser protetora, mas nem sempre é assim — murmurei, pensando na minha.

— É verdade, mas não sei quem fez aquilo com ele. Edward não disse nada sobre isso, e não foi espancamento. O retalharam com facas em suas costas e peito. — Encolheu-se. — Eu nunca tinha visto nada como aquilo.

Estremeci, com meu peito apertado de dor ao pensar no sofrimento que ele devia ter sentido, talvez sozinho, até conhecer a família que o acolhera.

— Nunca tentou procurar a família dele? Afinal, sabe o nome dele — sondei limpando meus olhos molhados.

— Quando o encontramos, ele estava sem documentos, e perguntamos como era seu nome. Ele só disse que se chamava Daemon, e ficou assim. Então, quando viemos para cá, Charles foi conseguir documentos para ele. Eu sei que meu marido sabia quem ele era, porque numa noite ele me disse que soube quem era a família de nosso garoto, mas que não podia contar, já que jurou que não diria. — Ela me fitou com olhos lacrimejados. — Tenho certeza que os monstros que o deixaram daquela forma são seus parentes. Por muitos anos, ninguém podia tocá-lo. Me lembro do terror em seus olhos. Deus, aquilo foi monstruoso demais. Charles tinha conexões, e conseguimos trazê-lo conosco para a América, mesmo sendo menor de idade e tudo mais. No aeroporto foi que eu soube seu nome. Edward Alakurt. Você não imagina a forma como ele reagiu a esse nome, com raiva e desprezo. Depois disso, só o chamamos de Daemon.

— Não entendo de nomes, mas “Edward” não parece ser turco — sussurrei com um nó na garganta.

— Não é. Talvez sua família seja americana, ou um dos pais. Não sabemos, não busquei informações sobre isso, afinal, se Daemon não quis saber dos parentes, então devem ter sido eles que causaram isso ao meu menino.

Antes que eu comentasse mais alguma coisa, Daemon entrou com Emma dormindo nos seus braços. Ela estava com a cabeça em seu ombro e grudada ao seu colete.

— Aconteceu alguma coisa? — sondou avaliando nós duas.

Sorri, não deixando transparecer minha simpatia e dor no peito por saber um pouco de sua

história.

— Nada, só estávamos conversando sobre coisas desnecessárias — menti. Esperava que acreditasse, mas, pela sua franzida de testa, vi que não. Então mudei de assunto: — Ela dormiu?

Ele suspirou e olhou para Emma.

— Acho que não gostou da minha conversa com Shadow; deve ter sido chata pra ela. — Sorriu.

Suspirei, aliviada por ele não comentar sobre as nossas expressões tristes, minha e de dona Benta, assim que entrou.

— Então vai ficar conosco, meu filho? — Sorriu dona Benta.

Seus olhos brilharam.

— Sim, mãe.

Ela não disse nada e foi abraçá-lo, deixando-o mais alegre.

A mãe verdadeira dele estaria por trás do acontecido? Dos cortes e do fato de ele quase ter morrido? O pior era a dor que certamente tinha ficado gravada na sua mente. Esperava que um dia Daemon me contasse a sua versão da história, quem era Edward Alakurt.



Capítulo 6

Emília

A semana passou voando, mas eu estava adorando cada minuto com Daemon, e isso às vezes me assustava, tanto por gostar de ficar ao seu lado como a eletrizante atração que estava sentindo por ele.

Droga, era difícil resistir, mas eu estava me esforçando. Vestia-me de modo comportado, assim ele não sairia do chalé ao me ver com um shortinho, como havia feito no hotel. Como o chalé de madeira de Jason só tinha uma cama, ele dormia no sofá, que era grande e comportava perfeitamente seu tamanho.

Como ficaria uma semana em Austin, eu preferia não ficar sem fazer nada, então fui ajudar a dona Benta na loja. Antes, quando fazia isso, eu levava Emma comigo. Enquanto costurava as roupas que eram vendidas na loja, ela ficava com a Julia, que morava com dona Benta. Os pais da menina tinham morrido, deixando a ela e seu irmão, Lion. Eu o via algumas vezes, era alto, com cabelos escuros e cavanhaque. No entanto, não reparei que ele era de algum MC.

Entretanto, quando eu disse ao Daemon que iria trabalhar durante aquele tempo na loja, ele se prontificou a cuidar de Emma. E fez o serviço muito bem. Eu sabia que, pelo que acontecera comigo, não devia confiar minha filha a ninguém, especialmente aos homens, mas Daemon não era um monstro. Eu confiava nele não só por ser amigo de Shadow e Bryan, mas também por ver o carinho com que ele tratava minha menina. E ela também gostava dele.

Era o último dia trabalhando na loja. No dia seguinte iríamos para Chicago. Eu sentiria falta dali, mas, como não podíamos ficar, então que assim fosse.

— A festa é hoje à noite no clube — falou dona Benta para mim assim que eu estava me despedindo de todos ao fim da tarde.

— No clube?

Ela riu.

— Não se preocupe, não vai ter ninguém “ficando” ao vivo lá essa noite. Além disso, vão ter crianças no lugar. Quando têm essas festas doidas deles, não levam crianças. Era assim desde Charles.

— Seu marido, não é? Nunca o vi aqui — sondei. Quando eu vinha ali, era só para trabalhar e, assim que acabava, ia embora. Às vezes conversava com ela, mas não sobre nossas vidas.

Seu sorriso sumiu. Quis bater em minha boca por tocar no assunto.

— Desculpe, não precisa responder nada — sussurrei, culpada por estar me intrometendo na vida dela.

— Não, tudo bem, não é segredo nenhum. É só que ele foi morto há dez anos, para salvar Dominic de um cartel — seu tom era triste.

Pisquei.

— Shadow se envolvia com isso?

— Não, ele só foi salvá-lo, quando Dom foi sequestrado e torturado. Eles queriam informação de um amigo dele, mas o menino aguentou tudo calado. Foi quando Charles... Depois disso, Bax tomou seu lugar com pulso firme. Esses meninos, por mais que sejam motoqueiros, são pessoas boas e realmente protetores, amo isso neles, mesmo querendo que meu filho ficasse de fora, pois ser um MC é arriscado, mas rezo todas as noites para que fique seguro. Então agradeço por cada ano que celebro seu aniversário. — Ela suspirou e prosseguiu enquanto saíamos da loja: — Dom não vem aqui, a Austin e ao clube, desde então. Sempre vejo Nasx e alguns outros, mas nunca ele. Acho que se culpa. Tento falar sobre isso com ele quando me liga de vez em quando, mas ele sempre se esquiva. Na última vez foi para me pedir o favor de tomar conta de você.

Assenti, comovida com sua história e a de Shadow, por tudo que ele tinha passado. E ele ainda devia ter feito coisas ruins pela libertação de Bryan. Torcia para que os dois se

entendessem; uma amizade não podia acabar assim.

Meu telefone tocou assim que ia perguntar quem Shadow queria proteger ao ser torturado. Estremeci ao imaginá-lo sofrendo.

— Daemon? — Seu nome e número estavam na minha lista de contatos. Ouvi o choro de Emma. — O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Graças a Deus, ainda bem que atendeu! Não sei o que fazer — sua voz estava alterada. — Ela se sujou toda... — interrompeu-se e alterou a voz.

— Que droga está acontecendo, Daemon? — minha voz estava falha.

— Oh, Céus, não faz isso... Merda, Emília, está em todo lugar, no berço e nela inteira. Como alguém tão pequeno caga tanto assim? — quando ele falou isso, tranquilizei-me, mas também desatei a rir.

— O que foi? — questionou dona Benta. Então lhe contei o que houve, e ela também riu.

— Gostaria de ver essa cena — falou entre risadas.

Despedi-me dela, prometendo que nos encontraríamos no clube.

Assim que cheguei ao chalé, travei ao ver a cena diante de mim. Certo, eu sabia que Emma tinha feito cocô, porque Daemon havia falado, mas, quando disse que havia merda em todo lugar, eu pensei que estava exagerando. O lugar estava todo sujo, o colchão, o lençol, a madeira do berço, o chão, o rosto, a cabeça dela.

— Jesus! — exclamei de olhos estatelados. O cheiro ali não estava bom.

Daemon estava em uma cadeira perto do berço, de costas para ele, com um pano no nariz provavelmente para bloquear o cheiro. Assim que ouviu minha voz, levantou-se e veio na minha direção.

— Ela... — ele parecia engasgado com o pano no nariz — se cagou inteira.

Pisquei.

— Estou vendo. — Sacudi a cabeça. — Não sei se rio ou se choro com a cena. Mas estou curiosa. Se está fedendo como diz, por que ficou ali sentado de costas para o berço com esse pano na cara em vez de se afastar?

— Eu saí assim que vi o que ela fez, a sujeira e o fedor, mas ela começou a chorar, então voltei e esperei você — disse indo em direção à porta, resmungando. — Poderia ter colocado aquela coisa nela que segura a bosta da criança.

Sorri, mas meu coração estava balançado por ele ter ficado ali enfrentando aquele cheiro só para que ela não chorasse.

— Daemon? — chamei-o quando ele pegou a maçaneta e abriu a porta, depois olhou para mim, mas eu não disse mais nada, só corri até ele e o beijei na boca.

Ele ficou parado por um segundo, mas depois apertou os braços em meu quadril e tentou retribuir, mas me afastei.

— Isso foi por ser fofo demais com minha filha, por ter ficado ao seu lado mesmo enfrentando o cheiro — falei meio sem fôlego.

Sorriu.

— Fofo não é uma palavra boa para me descrever. Se não fosse esse cheiro, eu iria te mostrar como é um beijo de verdade.

— Terá tempo depois. — Dei um selinho em seus lábios e me afastei. — Agora preciso dar banho nela e arrumar essa sujeira. Lamento por não ter colocado fralda nela, estou tentando lhe ensinar a pedir para ir ao banheiro. Então, quando ela quer ir, começa a tirar as calças. É quando eu sei que quer ir.

— Droga, ela a tirou duas vezes, mas eu a coloquei de volta e depois a coloquei no berço e fui atender a ligação de Shadow. Quando me dei conta do odor no lugar foi que vi o que estava acontecendo. — Ele fez uma careta. — Devia ter me alertado.

— Desculpe, esqueci — sussurrei, rindo. — Queria ter tirado uma foto sua quando cheguei.

Ele resmungou alguma coisa, saindo do chalé enquanto eu ia até o berço.

— Você, mocinha, se cagou inteira. — Peguei-a e a levei para o banheiro.

— Cocô... — murmurou olhando para suas mãos sujas.

— Eu sei, querida, agora mamãe vai dar banho em você.

Assim que terminei com ela, passando xampu e sabonete de morango e a deixando cheirosa, levei-a para fora e vi Daemon escorado no meu carro.

Ele olhou para nós duas assim que me aproximei dele.

— Pode tomar conta dela enquanto limpo o lugar? — Coloquei-a de pé no chão.

— Cuido, sim — respondeu sorrindo para Emma, que estava com um vestidinho cor-de-rosa e uma “xuxinha” prendendo seus cabelos lisos.

— Daemon... — Ela caminhou até ele.

— Não deixe ela se sujar, por favor, porque está arrumada para a festa no clube — falei, voltando para dentro.

O chalé ficava em cima de uma colina. A visão da cidade ao longe era maravilhosa, bem como a do outro lado, que dava para a floresta e o penhasco abaixo.

— Agora está cheirando bem, princesa — disse Daemon com tom doce.

Olhei-o da janela e o vi com ela nos braços, a visão mais bonita que eu já tinha visto. Algo estava mudando em meu peito ao estar perto dele durante aquela semana, só não entendia o que era.

Deixei de pensar nisso e fui arrumar o lugar. Era melhor do que pensar em coisas que não entendia, a forma como ele tratava minha filha e a mim, um simples beijo que me arrebatava.

Merda, eu estava ferrada.

Entramos no clube, um conjunto de prédios de dois andares de tijolos avermelhados e desbotados pelo tempo. Estava lotado. O andar térreo tinha uma mesa com cadeiras, um sofá grande no canto direito, uma mesa de sinuca à esquerda e um bar que ficava perto da entrada.

Uma menininha de talvez uns sete ou oito anos, loira e de olhos castanhos veio até nós.

— Tio Daemon! — Ela pulou em seus braços.

— Olá, boneca. — Ele a segurou firme. — Nossa, está muito pesada! Será que está ficando

gorda? — brincou.

Ela riu.

— Não estou gorda, só estou ficando grande — declarou orgulhosa. — Papai disse que estou ficando moça.

A menina parecia uma criança bem esperta. Daemon a colocou no chão.

— Eu preciso falar com Bax — disse Daemon e saiu.

— Como ela se chama? — perguntou a garotinha, segurando a mão da minha filha.

— Emma — falei olhando ao redor. — E o seu?

— Sandy — respondeu uma mulher chegando até mim. — Eu sou Patrícia, esposa de Bax.

Ela era uma loira fabulosa, com corpo cuja dádiva eu adoraria ter, com curvas nos lugares certos e seios fartos. Usava um espartilho e calça de couro preta que arrebitava ainda mais seu bumbum. Havia outras mulheres, mas parei de prestar atenção nas pessoas, afinal, encarar assim era feio. No entanto, era difícil não olhar os homens.

Lion estava sentado a uma mesa com outros caras, reconheci-o pelo cavanhaque; havia também um ruivo bonito com tatuagem na pele exposta, como braços e pescoço. Havia outros ali. Todavia, Daemon, no meio da rodinha de homens, chamava-me mais atenção do que qualquer outro.

Com o rosto relaxado, sem seu escudo, que às vezes eu ainda via, ele não parecia estar pensando que Bryan se casaria com o seu grande amor no dia seguinte. Esse era outro motivo para eu estar resistindo a ele durante aquela semana. A tentação era como o fruto proibido, mas resistir a ela era a coisa certa a ser feita.

— Daemon é alguém para encher os olhos — disse Patrícia sorrindo e me chamando a atenção. Seu tom era brincalhão. — Não deixe Bax saber disso.

Sorri.

— Minha boca é um túmulo.

Emma foi levada por Sandy para onde tinham mais duas crianças pequenas.

— Vem sentar conosco — chamou Patrícia.

Fomos à mesa onde havia quatro mulheres sentadas.

— Essa é Indy — apresentou Patrícia apontando para a ruiva de cabelos longos chegada à maquiagem, depois para a de cabelos escuros e olhos verde mata: — Ruby — destacava os nomes e indicava a pessoa. Enfim, indicou a baixinha de cabelos loiros: — Elaine. E, por último, você conhece, a minha sogra, Benta.

Assenti, apertando a mão de cada uma.

— Sim, ela é minha chefe. Prazer em conhecer vocês. — Eu me sentei entre dona Benta e Patrícia.

— Era, querida, porque não acredito que voltará para cá, mesmo que eu queira isso — disse dona Benta olhando para onde Daemon estava e, em seguida, para mim.

Calei-me, não querendo estragar o plano de fingirmos que éramos um casal. Dona Benta estava por dentro da farsa, com certeza, mas eu não sabia se mais alguém estava.

— Aqui parece diferente. — Olhei ao redor; o lugar parecia alegre, diferente do único MC que eu conhecia.

— Já esteve em um motoclube antes? — perguntou Ruby.

— Já, uma vez, e não tinha nada como aqui.

— Somos uma família — declarou Patrícia.

Assenti, vendo Emma sair do meio das crianças que brincavam no canto e indo para onde Daemon estava. Ela lhe mostrou algo em sua mão. Eu estava a seis metros deles, mas percebi que era sua correntinha que tinha se soltado, mas ela não veio até mim para a consertar, mas a ele. Daemon sorriu para ela e a pegou, colocando-a em seu colo, em seguida ajeitou a corrente falando algo para ela que a fez rir. Meu coração bateu forte.

— Fico feliz em ver uma cena dessas — disse dona Benta orgulhosa.

— Eu também — Patrícia comentou. — Minha sogra falou o que houve na sua casa hoje, que Emma sujou tudo e Daemon te ligou pedindo socorro. — Ela riu, e não foi a única.

— Não imagina a cena que eu vi quando cheguei. Tudo lá estava cheio de cocô: o berço, o chão e ela mesma — ri alto —, enquanto ele, para não a deixar sozinha, ficou aguentando o

cheiro segurando um pano no nariz. Não tem preço.

— Queria ter visto — disse Patrícia entre gargalhadas, e gritou na direção dos caras: — Daemon, você é o cara! Se eu não fosse casada, me casaria com você!

Todos os caras olharam para nós com expressão confusa, mas um deles estreitou os olhos. Era alto, tinha cabelos longos e um cavanhaque, e eu o conhecia bem, afinal era filho de minha chefe.

— Que porra está dizendo, mulher? — rosnou o homem de expressão mortal.

— Bax, querido, você não vai acreditar no desespero que Daemon passou hoje — ela não conseguia falar, porque ria demais.

Daemon me fuzilou com o olhar.

— Você fala demais!

Ampliei mais meu sorriso.

— Desculpe, motoqueiro, mas ver aquela cena não tem preço. — Então contei aos caras o que tinha acontecido.

Eles também começaram a rir.

— Porra, cara, não queria estar na sua pele — disse o ruivo, desatando a rir.

— Cale a boca, Blade — ele rosnou, colocando Emma no chão. A garotinha correu para as outras crianças.

Depois disso, a festa, ou melhor, reunião familiar continuou, e foi muito divertida. Eu nunca havia tido algo assim, mesmo durante os dois anos que passei vivendo com Bryan, pois lá éramos apenas nós dois; ali, eram muitos. A alegria era contagiante. Acreditava que seria assim lá em Chicago também. Estava ansiosa por isso.



Capítulo 7

Emília

Estava deitada na cama, amarrada com cordas e me sentindo apavorada e com nojo de mim mesma e repulsa do homem que violava meu corpo, do homem que deveria me proteger de tudo, mas, em vez disso, me estuprava.

Meus gritos eram intensos, mas nenhuma ajuda viria até ali para me socorrer daquele monstro desalmado. Minhas mãos doíam pela força que eu fazia para puxar as cordas, e minha garganta arranhava pela força dos gritos, mas isso fazia o maldito gostar ainda mais, como se fosse música para seus ouvidos.

"Oh, Deus! Se você existe, me tire desse inferno em que estou vivendo!", pensei.

— Por favor, pai, não me toque mais! — supliquei com a pouca voz que ainda tinha.

— Você não é minha filha! — Bateu em meu rosto tão forte que cheguei a virar a cabeça. Lágrimas caíam dos meus olhos, mas ele as ignorava.

Então a escuridão se apossou de mim; era mais fácil assim a sentir meu corpo sendo violado.

— Emília — chamou uma voz através da escuridão em que eu me encontrava.

Abri os olhos e me deparei com Daemon me olhando ansioso. Suas mãos acariciavam minha face, limpando as lágrimas e o suor que estavam escorrendo pela minha pele.

Merda! Tive um pesadelo de novo! Fazia tempo que não os tinha. O que devia ter levado àquilo? Acreditei que o fato de ter visto Black de novo havia feito meu passado se confrontar com o presente. O pior era Daemon ter presenciado todo o acontecido.

Olhei ao redor, notando que estava em uma cama grande. Lembrei que, depois da festa, resolvemos dormir no clube, afinal, estava tarde e havia muitos quartos.

— Você está bem?

— Sim, estou — menti. — Emma... — minha voz saiu alterada pela rouquidão. Não via a minha bebê em lugar algum.

— Ela está bem. Patrícia teve que tirá-la daqui, porque seus gritos a estavam assustando — sua voz estava aguda e cheia de raiva. De quê? Eu não fazia ideia, mas não me interessava, porque meu coração doía por saber que minha filha precisou sair de perto de mim só por causa daqueles malditos pesadelos.

Estava com nojo de mim mesma, e a bile subiu pela minha garganta, fazendo-me correr para o banheiro, vomitando o meu jantar.

A dor no meu peito estava me matando. Por culpa daquele desgraçado de merda, eu novamente sofria com pesadelos, gritando até ficar rouca, e minha filha não podia ficar ao meu lado.

— Emília... — senti impotência na voz de Daemon atrás de mim.

— Vá embora! — gritei, batendo a porta e fui para debaixo do chuveiro. Sentei-me no chão molhado de roupa e tudo, deixando a água levar minhas lágrimas e tudo que me fazia sentir suja naquele momento e fiquei encolhida, chorando.

— Emília... — repetiu Daemon, agora com a voz próxima a mim. Ele tinha entrado ali.

Levantei-me e o puxei para mim, beijando-o, só querendo apagar tudo do meu corpo, apagar aquele fedor de bebida e tabaco, apagar seu toque repugnante, trocá-lo por outro melhor, que não me trouxesse pesadelos e tormentos. Não pensava em transar, só queria um toque diferente do que tive até aquele momento.

Meus lábios se chocaram nos deles de tal forma que chegaram a doer, mas não me incomodei.

A princípio, ele arfou, talvez chocado demais por eu atacá-lo como uma louca. Porém, depois, me beijou com fome também. Escorou-me na parede, fazendo-me gemer. Seu toque e beijo estavam levando a escuridão para longe.

Minhas mãos foram para seus cabelos, apertando sua cabeça contra mim, querendo mais de

sua boca. Deixei meu desejo por ele tomar conta, e logo era como se meu corpo tivesse vida própria.

O piercing em sua língua deixava o beijo mais ardente e enlouquecedor, se isso fosse possível. Queria mais dele, tanto que chegava a clamar:

— Daemon...

De repente ele se afastou, desvencilhando-se de nosso abraço. Ele ofegava como se tivesse corrido. Seus olhos estavam quentes, querendo mais, eu podia ver, mas sacudiu a cabeça.

— Merda, isso não pode acontecer. Como deixei chegar a esse ponto? — sua voz estava alterada enquanto saía do banheiro, deixando-me ali, nua, não só de roupas, mas por dentro também.

Eu não sabia qual o motivo para seu chilique, mas estava aliviada, porque meus pensamentos ruins sumiram. Entretanto, surgiram outros, com os lábios de Daemon nos meus, sua língua com o metal morno e vibrante me deixando alucinada. *Merda, se isso foi só um beijo, imagina se eu tiver algo mais com ele? No chalé, mais cedo, não foi um beijo, mas esse? Foi fenomenal!*

Eu nunca havia transado de verdade, porque o que tive antes não foi sexo, mas estupro. Gostei da ideia de ficar com Daemon. Seria loucura? No dia seguinte eu voltaria ao meu juízo perfeito? Porque achava que o tinha perdido completamente.

Foi bom Daemon ter saído, porque meu cérebro trabalharia melhor. Eu estava a ponto de fazer uma besteira, uma da qual iria me arrepender depois. Não sabia como reagiria a um homem na hora do sexo. Muitas pessoas que haviam passado pelo mesmo que eu sofriam com traumas e não suportavam um toque mais íntimo. Comigo também seria assim?

Tomei banho e saí do banheiro, não sabendo o que vestiria. Daemon não estava no quarto. Olhei ao redor e vi um guarda-roupa. Antes de ir até lá, ouvi uma batida na porta.

Patrícia entrou com Emma, que dormia serenamente nos seus braços.

— Oi, Emília. Eu ouvi muito sobre você, sabia? — Sacudiu a cabeça. — Daemon é um cara legal.

Eu não sabia o motivo de ela me dizer isso.

— Eu sei — respondi com a voz rouca.

Ela assentiu.

— Escuta, sei que não é da minha conta — ela começou, indo até a cama e colocando Emma ali. — Ela é uma garotinha tão linda e muito esperta.

— Sim, ela é tudo na minha vida — confessei, sentando-me na cama.

— Eu sei o que houve com você — ela revelou, fitando-me enquanto eu arregalava os olhos. — Antes que brigue com Daemon por isso, não foi ele quem disse...

— Então quem foi? Porque não falo sobre isso com ninguém. Acho que ele sabe porque Shadow deve ter dito, ou Bryan. — Suspirei, passando as mãos nos cabelos.

— Vista. — Ela me entregou um vestido justo demais. — Acho que vai caber no seu corpo.

Vesti-me e voltei a me sentar. Meu corpo todo doía como se eu tivesse lutado muito ou corrido demais em uma esteira.

— Eu também fui estuprada antes de conhecer o Bax — ela disse, fazendo-me ofegar.

— Sinto muito — murmurei.

— Eu também. Assim que ouvi seus gritos, imaginei que estivesse tendo pesadelos a respeito. Eu não sei como tudo aconteceu, mas foi isso, não? — Olhou para mim, que assenti.

— Sim.

— Também não gostava de falar sobre isso, tinha medo de as pessoas me acusarem de vadia, puta, mas agora não tenho mais. Cheguei à conclusão de que a vida é minha e faço dela o que eu quiser. Não autorizei aquele cara a me pegar à força, mesmo ele sendo meu namorado na época. Então por que temer que me julguem? Meus pais me julgaram e me expulsaram de casa, me chamando de nomes que nunca imaginei ser chamada, não por eles. — Ela respirou fundo e continuou: — Uma amiga minha me chamou para vir ao clube uma noite, então conheci Bax. Ele viu algo em mim que nem eu sabia que tinha, garra e força de vontade. Estava tão cabisbaixa de tanto ser chamada por nomes que eu não era que acabei pensando que talvez fosse.

— Mas não foi sua culpa, e, desculpe dizer, seus pais são uns merdas. Espero que seu ex esteja no inferno agora.

Ela deu uma risada triste.

— Sim para os dois comentários. Hoje eu tenho uma vida feliz com meu marido. Ele me ajudou com a dor do trauma e pesadelos e tudo que me fazia lembrar o que aconteceu. Uns buscam ajuda em psicólogos, especialistas nessas áreas, que ajudam muito, e em grupos de apoio, que os fazem abrir mais as mentes e ver que não é culpa da mulher quando algo assim acontece, mas do monstro que comete tal ato.

— Deus me perdoe, mas não tenho um pingo de dó de homens desalmados assim. Por mim todos deveriam morrer e com muito sofrimento — murmurei.

— Também penso assim. Eu foquei em Bax e no quanto ele se importava comigo, me fazia sentir que era querida e amada, algo que nunca senti na minha vida, nem mesmo por meus pais. — Ela rodou uma aliança em seu dedo. — Também em minha filha, Sandy.

— Por que está me dizendo isso? — questionei, curiosa. Ela devia ter um motivo, mas meu cérebro estava frito para pensar mais sobre aquilo.

— Porque eu ouvi seus gritos atormentados, iguais aos que eu dava, e tinha de lhe dizer que, para superar isso, precisará seguir em frente e lutar contra. Sei que não podemos esquecer, porque é uma parte sombria que nos acompanhará para sempre, mas podemos lutar. Ter uma vida ao lado das pessoas que nos amam nos ajuda a vencer. Com o tempo, fica mais fácil. Eu vi Daemon molhado quando saiu daqui e meio fora de si, e você estava no banheiro, nua. Não preciso pensar demais no que houve lá...

— Não transamos — apressei-me a explicar, só não entendi por quê.

Ela riu.

— Eu sei. Como disse, Daemon é alguém especial, jamais a tocaria quando você só queria que a dor dos pesadelos passasse, como uma válvula de escape. Ele nunca iria te submeter a isso, correndo o risco de trazer mais escuridão para a sua vida.

— Escuridão? Ele não me forçou e nem faria isso, se acontecesse algo entre nós, seria

porque eu quis.

— Eu sei, mas ele não veria assim. Conheço aquele cara. Ele pensaria que se aproveitou de você por estar fora de si e depois se culparia. — Ela deu um suspiro triste. — Talvez ajude ser tocada por outro homem diferente do que a tocou, um que se importe com você. Ou talvez não resolva, quem sabe? Cada pessoa é diferente. No meu caso resolveu. A partir do momento em que Bax me tocou e ficamos juntos, eu notei que os pesadelos diminuíram, mas isso vai de pessoa para pessoa. Somos diferentes; umas não suportam ser tocadas, outras não pensam mais em homens. Não sou psicóloga, então não sei dizer, mas o meu marido mudou tudo. Hoje, são raras as vezes que penso nisso. — Ela me olhou de lado e depois para Emma, dormindo. — Agora vou deixá-la descansar. Amanhã nós conversaremos mais.

— Tudo bem, mas antes pode tomar conta de Emma um pouco mais? Preciso procurar Daemon...

— Tudo bem, eu fico.

Saí e passei a procurá-lo. Ali havia um corredor grande como de hotéis, cheio de portas. Estava vazio, ou quase...



Capítulo 8

Emília

Algumas portas do corredor estavam abertas, por onde era possível ver foda ao vivo sem precisar assistir a filmes pornôs na TV ou internet. Ali, tudo acontecia ao vivo e em cores.

Por uma das portas abertas, vi uma cama. Nela, dois caras fodiam uma mulher toda nua. Um deles estava atrás, e o outro, na frente dela, algo que eu só tinha lido em livros e visto uma vez num filme cujo nome não recordava. Arregalei os olhos ante o gemido da mulher loira enquanto os homens se movimentavam dentro dela. A cada estocada, ela soltava um grito devido ao prazer que sentia, assim pensei, porque eu também estava quente vendo aquela cena erótica.

No entanto, antes que eu saísse dali sem que nenhum deles me visse os espiando, notei que não estavam sozinhos. Daemon se encontrava sentado em um sofá com uma morena de joelhos à sua frente. Ela estava com as mãos em sua braguilha, prestes a abrir o zíper. Eu não precisava pensar para saber o que aconteceria ali, naquele quarto de foda. Ofeguei, talvez alto demais, pois, mesmo através dos gemidos da mulher na cama, Daemon encontrou meus olhos, mas continuou parado, não tentando impedir a mulher de tocá-lo.

Quase vomitei ali mesmo, sentindo-me humilhada por ele ter me rejeitado alguns minutos antes, mas estar ali com uma prostituta. Ele a preferia a mim. Claro, eu não era melhor que ela em nada, mas tinha tudo que um homem necessitava, exceto experiência em algumas práticas sexuais, como oral e tantas outras, porque o monstro do Luiz não me deixava conhecer pessoas e me apaixonar por alguém que me desse tudo isso, me fizesse sentir o que aquela garota estava sentindo ao foder com aqueles dois homens. Claro que eu não iria ficar com dois caras, apenas com um que me fizesse sentir coisas que nunca tinha sentido. Somente Daemon era capaz disso. Contudo, o bastardo escolheu outra pessoa ao invés de mim.

Virei-me e saí correndo, pois não queria vê-lo transar com outra pessoa. *Não consigo ver uma cena dessas, ou cortarei seu pau fora e o farei comer*, pensei amarga. Respirei fundo e entrei no quarto onde deixei Patrícia com Emma para ir à procura daquele escroto.

— Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou. — Cadê o Daemon?

Eu achava que tinha mudado minha expressão, mas minha raiva era tanta que devia estar quase irradiando por minha pele. Coloquei na face a expressão mais neutra que pude; não queria preocupá-la com meus problemas.

— Nada. — Sacudi a cabeça. — Não o encontrei. Vou falar com ele amanhã. Estou um pouco esgotada, só quero dormir agora e esquecer as coisas.

Não precisava dizer que isso era impossível e que eu não estaria ali no dia seguinte para ver Daemon. Não queria ver sua cara nunca mais.

Ela franziu o cenho, avaliando-me, mas deixou passar, embora eu notasse que não acreditou em mim.

— Tudo bem, nos vemos amanhã antes de partirem. — Sorriu para mim e beijou Emma.

Adorei a forma como ela tratou minha filha. Amava que as pessoas gostassem da minha pequena, algo que eu nunca tinha sentido vindo de ninguém ao meu redor. Antes de minha mãe adoecer, ela só pensava em trabalho, vivia para isso e para sustentar o velho fodido que eu pensava ser meu pai. Eu não sabia ainda o que ele era, mas descobriria. Agradeceria aos Céus se ele não fosse, assim minha filha não teria que se envergonhar no futuro caso descobrisse como foi concebida. Talvez eu lhe contasse quando ela fosse adulta.

Parei de pensar sobre aquele monstro, porque, por culpa dele, eu era assim, toda quebrada, mas faria de tudo para reunir os meus pedaços. Se Daemon não me ajudasse com isso, eu torceria para que aparecesse alguém na minha vida que me fizesse sentir as mesmas sensações que sentia com aquele motoqueiro.

Assim que Patrícia saiu, peguei Emma nos braços e saí daquele lugar. Queria ir para bem longe de Daemon. Não queria ver sua cara, ou o mataria. Coloquei Emma no banco de trás do carro. Ela ainda dormia, mas isso era bom, pois já estava tarde. Eu não sabia que horas eram,

mas também não ligava para isso. Não vi ninguém ao sair do clube. Muito provavelmente ninguém contava que eu fosse fugir àquela hora, ou todo mundo estava fodendo naquele lugar, participando de orgias.

Parei de pensar nisso, porque não podia criticar o que eles faziam, afinal de contas, eram todos adultos e vacinados e podiam fazer o que quisessem. Os MCs eram assim. Pelo menos aqueles ali não pegavam as garotas à força, como no clube Scorpion.

Estava quase partindo do local quando vi Daemon saindo do clube, correndo e me chamando, mas o ignorei e fui embora para o chalé em que havia morado no último ano. Eu até pensava em minha falta de proteção ao sair assim, mas estava furiosa demais com Daemon. Limpei as lágrimas. Eu chorava quando estava com raiva.

Coloquei Emma no seu berço, limpo e cheiroso após a limpeza de mais cedo, depois fui para a cozinha beber água ou tomar um sorvete gelado. Não bebia, então não comprava bebidas alcóolicas, embora precisasse de uma naquele momento, assim me esqueceria daquela noite. Se bem que eu tive momentos bons também, com todos no clube. Não daria a Daemon o gostinho de pensar no que ele estava fazendo. Por que aquilo estava me incomodando? Merda, não fazia sentido.

— Desgraçado! — rosnei.

— Eu só espero que não esteja me xingando — falou Daemon entrando no chalé.

Eu o fulminei com o olhar ao vê-lo de pé perto da porta.

— Pelo jeito não foi a foda do ano, já que está aqui — deixei o desprezo sair alto e claro.

— Emília, não transei com ela. Até pensei em fazer isso, mas não o faria quando você estava se sentindo humilhada. — Ele se aproximou da mesa.

— Não me senti humilhada — menti. — Só queria vir embora e não sou obrigada a lhe dizer todos os meus passos.

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Você é uma péssima mentirosa — falou chegando perto de mim. — Não a deixei naquela hora no banheiro por não querer aquilo, porque, Deus, como eu queria, mas não tinha

nenhuma forma de eu tocá-la após ver seu estado — sua voz falhou.

— Tudo bem, não precisa se explicar — comentei passando por ele, mas suas mãos me pegaram e me encurralaram entre ele e a pia da cozinha.

— Lembra o que eu disse no hotel? — sua voz estava pesada de desejo. Eu podia ver aquilo também em seus olhos.

Ofeguei, sentindo seu calor tão perto de mim que meu corpo parecia uma árvore de Natal bem iluminada. Lembrava-me de ele ter perguntado se eu queria ser fodida com força. Na hora eu quis, mas estava com dúvida. Entretanto, não estava mais.

— Sim... estou pronta — afirmei. — Não tem o "mas" agora.

Ele riu.

— Vou repetir, você tem certeza de que quer ser fodida por mim? Quer sentir minha língua devorar sua boceta? Circular seu clitóris e fazê-la gritar de prazer? Deseja sentir meu pau se enfiando até o talo em você? — sua voz era abrasadora, e juro que senti minha calcinha ficar encharcada. — Responda honestamente.

Meu, que mulher não ia querer isso? Só se fosse uma doida, acho que nem assim.

— Sim, cem por cento de certeza — respondi o mais normal que pude, assim ele não diria que não estava pronto.

Sorriu encostando os lábios de leve nos meus, mas de forma tão intensa que prendi o fôlego.

— Vamos tentar de novo, ok? Não sei como vai ser, já que, na hora do sexo, eu não posso ser tocado, e você não pode ser amarrada.

Arregalei os olhos.

— Não pode ser tocado? — perguntei confusa. *Será que falei alguma coisa sobre não conseguir ficar presa durante o pesadelo? Só pode ser*, pensei. — E quem disse que não posso ser amarrada?

Lembrei-me da hora em que estávamos nos beijando. Quando eu tentei tocar nele, Daemon segurou minhas mãos para que eu não fizesse isso. Não achei estranho no momento.

— Não é só você que tem demônios que te consomem — ele sussurrou, prendendo meu lábio inferior com seus dentes brancos e lindos.

Eu queria perguntar o que o atormentava, mas talvez, se eu insistisse, ele se afastaria de mim. Por mais que estivesse curiosa, não queria ficar longe dele naquele instante.

— Sua pele está salgada. Esteve chorando? — questionou confuso e triste.

— Choro quando estou com raiva, uma tendência humilhante — retruquei com um suspiro. Depois mudei de assunto: — Então vamos foder? Ou tentar? Quero provar uma teoria para ver se funciona — sussurrei.

— Teoria? — Franziu a testa, avaliando-me. — Como seria isso?

— Patrícia me disse que passou pelo que eu passei, também disse que, depois que ela ficou com seu marido, as lembranças ruins aos poucos foram sumindo — murmurei. — Então estava pensando, talvez eu esteja assim porque não houve ninguém depois... — interrompi-me, expirando fundo. — Preciso ter isso, sentir a sensação de querer e não ser forçada. Talvez isso mude a perspectiva do medo e acalme os pesadelos.

Ele pareceu pensar um segundo.

— As pessoas são diferentes umas das outras. Mas pode funcionar. Vamos tentar. Se for difícil para você, eu paro, ok? Pode me pedir para parar a qualquer momento, e eu farei isso a qualquer hora.

— Ok. — Mordi o lábio inferior. Não me arrependeria daquilo; queria tentar.

— Vamos para a cama, lá vai ser melhor para os dois. — Pegou minha mão e me levou até perto do móvel.

— Tudo bem.

— Vou fazer isso ser bom para você. — Seu olhar era intenso no meu. — Vou deixar suas mãos soltas, mas você não poderá me tocar em hipótese alguma.

— Não posso tocar nada de você? Nenhuma parte? — Passei a mão nos cabelos. Sempre fazia isso quando estava confusa. Também estava um pouco curiosa com o porquê de seu pedido. — Como faz sexo?

Ele esboçou um sorriso.

— Sempre deixo as garotas amarradas para evitar toques. — Meneou a cabeça de lado. Embora sorrisse, ele parecia triste.

— Mas você deixou a menina do clube tocar em seu pau. — Como a raiva tinha passado, eu não achava justo chamar uma mulher de prostituta, mesmo ela sendo uma.

— Não, ela estava abrindo o zíper, mas não chegou a me tocar, embora eu não me incomode com toques no meu pau, e sim em outras partes do corpo. Mesmo assim, nenhuma mulher me toca na hora do sexo. — As sombras estavam de volta às suas belas feições. — Posso correr o risco de sair de mim e machucar alguém. Então, para evitar isso, é melhor deixá-las presas.

— Certo, posso conviver com isso. — Sorri, ficando à sua frente. — Posso tirar suas roupas sem tocar sua pele, então? Juro que não vou tocá-lo.

Mordi o lábio, admirando seu corpo vestido, louca para tocá-lo, beijar cada parte dele, que eu sabia que era lindo e gostoso. Entretanto, prometi que só admiraria e não colocaria minhas mãos nele.

— Eu não tiro as roupas quando fodo — disse com tom triste.

Meus olhos pairaram sobre ele com mil perguntas, mas só fiz uma, que sabia que ele responderia. Ele não perguntou sobre o que tinha acontecido comigo, então eu guardaria minha curiosidade.

— As mulheres colocam a boca em você, não é? Onde elas estão liberadas para fazer isso?

Ele sorriu.

— Só na minha boca e no meu pau — respondeu com ar divertido.

Bufei.

— Claro. — Sacudi a cabeça. — Talvez você devesse ter feito um voto de castidade.

Ele riu e veio tirar o meu vestido.

— Não está no meu sangue. Eu amo sexo, foder com força, vendo a mulher gritar satisfeita por algo que lhe dei e o quanto está amando ter meu pau dentro dela.

Juro que quase tive um orgasmo só ouvindo essas palavras em sua voz rouca.

— Se vai ficar vestido, eu também vou — informei, pigarreando para deixar minha voz composta. No entanto, o que eu queria era pular nele e rasgar suas roupas como uma louca por sexo, porque só ouvi-lo me fazia ansiar mais pelo desconhecido, sentir sensações que nunca havia sentido.

Daemon coçou a cabeça e inspirou algumas vezes. Notei que ele fazia esse gesto quando estava frustrado.

— Pode me despir, então, mas não faça perguntas sobre o que vir em meu corpo, porque não poderei responder e não quero estragar esse momento — seu tom era quase suplicante.

Assenti, já sabendo a que ele estava se referindo. Comecei a tirar sua jaqueta de motoqueiro com logotipo do seu clube e, logo depois, sua camiseta. Então as vi em sua pele; podia ter tinta sobre elas, mas eu conseguia vê-las. Ele possuía a tatuagem de uma âncora no peitoral direito e várias cicatrizes na pele. O que tinha acontecido com ele? Pelos cortes, notei que pareciam facadas, e não eram poucas. Parecia que alguém tinha amolado a faca em sua pele. Estremeci ante isso.

Meu coração estava doendo ao ver algo assim e querendo acabar com quem quer que o tivesse machucado daquela forma. Eram muitas marcas, que quase deixavam sua pele morena grossa. As tatuagens cobriam a maior parte das cicatrizes, mas elas estavam ali. Ele devia ter sofrido muito com aquilo, tanto física quanto mentalmente – o que era pior. A dor do trauma devia machucá-lo tanto quanto a faca que o marcara.

Deus, como alguém havia sido capaz de fazer algo assim? Era crueldade demais. Foram seus pais, assim como pensava dona Benta?

Eu sabia que precisava me recompor e não fazer perguntas, mas não sabia como, depois de ver a crueldade que fizeram com ele. Estava chocada e de boca aberta. Ouvir falar era uma coisa, mas ver era algo diferente.

— Emília... — Daemon estava ofegante, como se as lembranças o estivessem atormentando. — Não chore — pediu com a voz fraca.

Seja forte por ele, pensei mentalmente.

— Não estou chorando — retruquei limpando as lágrimas que desciam pelo meu rosto.

Caí de joelhos à sua frente e comecei a tirar seu cinto, a carteira preta, que estava presa em uma corrente no cós da calça jeans, e duas soqueiras que estavam no bolso.

Ergui as sobrancelhas para ele.

— Nossa! Anda preparado, motoqueiro! — Sorri.

Senti-o aliviado por eu não lhe fazer perguntas sobre o que via.

— Tenho que andar, não é?

Deixei passar, porque ele era um motoqueiro fora da lei, mas muito protetor. Gostava disso nele, mal me conhecia e já havia se prontificado a me proteger, mesmo que fosse a pedido de Bryan, ou fosse lá o que fosse. Contudo, algo me dizia que ele estava ali porque queria e não por obrigação. Eu sentia isso pela forma como agia ao meu lado e ao de Emma.

Coloquei suas coisas na mesinha perto da cama e voltei a despi-lo, tirando suas calças e cueca.

— Piercing? Nossa! Chutei naquele dia no posto, mas curti. — Levantei minha mão direita na direção de seu pênis. — Posso tocar nele?

Daemon riu.

— Não só pode, como deve, gatinha. Ele é todo seu — sua voz soou animalesca.

Peguei seu pau duro e grosso e o apertei, fazendo-o gemer. Senti-o mais rígido com meu toque. De sua cabeça inchada, saía pré-sêmen. Toquei com o dedo o líquido e o coloquei na boca para testar o sabor

— Tem um gosto diferente, meio salgado. — Eu o fitei. — Eu nunca fiz isso, então não sei como vai ser. Posso não conseguir seguir adiante...

— Se não conseguir, pode parar na hora que quiser. — Daemon alisou meus cabelos. — Mas tenha cuidado com os dentes.

Posso fazer isso, pensei como um mantra. Tracei minha língua no metal e na cabeça brilhosa pela sua necessidade.

Ele gemeu, então supus que estivesse fazendo meu papel bem. Fechei minha boca em volta da sua cabeça, deslizando a língua pela coroa. Suas mãos foram para minha cabeça, mas ele não me obrigou ou forçou a ir mais fundo. Mesmo assim, eu coloquei na boca o quanto pude dele. A coisa era muito boa. Eu nunca tinha pensado que faria isso, não antes de Daemon. Queria desfrutar de todas as sensações que nunca havia tido, com aquele homem, que era grosso, esquentado e misterioso e me fazia desejar mais, querê-lo por inteiro. Seu toque e seus beijos me faziam sentir quente, molhada, querida.

Quase ri. Como eu podia sentir algo assim fazendo um boquete? Devia ser porque eu estava fazendo o que queria, não sendo obrigada a nada. Seus gemidos não me davam medo ou repulsa; não, eles me faziam querer satisfazê-lo.



Capítulo 9

Emília

— Gatinha, eu estou quase gozando. Se não quiser que eu goze nessa boquinha linda, precisa parar agora — mas eu podia ouvir na sua voz que ele não queria que eu parasse.

Acelerei mais a sucção. O que eu não podia colocar na boca, por seu pau ser grande, movimentei com a mão.

— Porra! Isso é bom... assim — rosnou quando passei a língua no metal e fiz pressão com a boca, mas deixei os dentes de fora, como ele pediu.

Fitei-o e vi seus olhos fechados, o rosto tenso e a mandíbula apertada. Sabia que ele estava perto. Seus cabelos negros estavam sobre seu rosto bonito.

— Estou... — interrompeu-se, gozando na minha boca. Senti-o bater no fundo da minha garganta. Só me afastei quando não havia mais nada ali e sua pressão sobre meus cabelos afrouxou até ele os soltar.

— O que achou? — sondei me levantando e limpando a boca com as costas da mão. Estava nervosa, já que com certeza ele teve muitas mulheres experientes antes de mim.

Daemon sorriu, o que aliviou meu peito.

— Você foi fabulosa, merda, essa sua boquinha linda! — Ele me puxou para seus braços e me beijou com o ardor e a paixão do momento. Suas mãos apertavam meus cabelos enquanto ele consumia minha boca e língua.

Aquele momento era um paraíso que eu adoraria ter mais vezes, e nós nem havíamos fodido ainda. Minhas mãos foram para suas costas, mas rapidamente ele as pegou e se afastou.

— Emília... — Sua respiração estava entrecortada, mas eu não sabia se era devido ao nosso beijo ou ao meu toque em suas costas.

— Desculpe, esqueci — sussurrei. Pelo breve segundo em que o toquei, notei a pele grossa, resultado de cicatrizes. Eu não as tinha visto ainda, mas pareciam ser iguais às do peito.

Ele tirou o meu vestido emprestado, a calcinha e o sutiã.

— Chegou a hora de ficar nua. — Sorriu travesso. — Estou louco para vê-la.

— Não vou reclamar quanto a isso, motoqueiro. — Sorri também. — Estou animada para tentarmos fazer, só espero que consiga.

— Deite-se na cama e abra os braços para os lados. Não vou amarrá-la, mas não me toque — ele ordenou apontando para o lugar em que queria que eu me acomodasse. — Embora se quiser parar é só me dizer.

Fiz o que mandou, aliás, faria qualquer coisa que ele exigisse para tê-lo nos meus braços. Esperava não me envolver demais com aquele homem, porque isso significaria sofrer. Daemon vinha com uma bagagem grande, assim como eu. Não sabia o que aconteceria com meu futuro, mas esperava um dia ter algo verdadeiro, um amor arrebatador que me traria a luz que eu nunca havia tido. Essa pessoa não podia ser o Daemon, ou podia? Eu sabia que estaríamos juntos por um tempo; o que estava acontecendo seria um aviso de que as coisas poderiam dar certo entre nós? Eu acreditava em destino. Daemon seria o meu?

— Linda! — Seus olhos varreram meu corpo. Juro que, onde o olhar tocava minha pele, ela se arrepiava, e labaredas me consumiam dos pés à cabeça.

Daemon se curvou sobre mim, beijando minha barriga e me fazendo estremecer. Suas mãos seguravam meus quadris, mantendo-os no lugar, assim eu não me mexia tanto. Merda, eu queria aquilo com ele, ter seu toque onde ele me deixava mole e quente ao mesmo tempo. Aquele homem tinha esse poder, e acreditei que muito mais.

Minhas pernas se abriram num convite silencioso como se tivessem vontade própria.

— Eu vou cuidar de você, gatinha — ele declarou seguindo uma trilha de beijos até meus seios desnudos e duros de necessidade por ele. — Estão duros.

— Você os deixou assim... — minha voz falhou quando ele apertou um deles, fazendo-me gemer. — O que estava esperando? Que estivessem caídos?

Ele pigarreou, brincando com o bico do meu peito.

— Você é mãe...

Ri.

— Então acha que, só porque sou mãe, deveria ter meus seios caídos, estrias e gordura localizada? — retruquei, embora tivesse ganhado alguns quilos ao engravidar de Emma, e foi uma luta perdê-los. Não era algo que contaria ao Daemon; ele não precisava saber disso.

Ele piscou e sacudiu a cabeça.

— Claro que não, só estou dizendo que você tem um belo corpo. É fabuloso. — Trilhou seus dedos sobre ele, fazendo-me ofegar.

Queria passar minhas mãos sobre o seu corpo, tocá-lo em suas cicatrizes e poder tirar as lembranças e dor que elas lhe causavam, mas me controlei. Não podia fazer algo que Daemon não queria ou não conseguia.

— Obrigada, o seu corpo também é lindo e perfeito. — Ignorei as cicatrizes, não por achá-las feias, mas porque eu sabia que ele não gostaria que eu ficasse encarando-as, então só admirei os músculos que o deixavam sarado e gostoso.

— Emília... — começou a reclamar por eu ter dito aquilo. — Sou todo inutilizado...

Cortei-o:

— Não foi isso que senti alguns minutos atrás, ao ter seu pau duro na minha boca.

— Não estou falando disso. — Sorriu triste.

— Eu sei, só estou dizendo que você é perfeito com elas. — Apontei para as cicatrizes no seu peito. — Ou sem. Você é lindo, nunca pense o contrário.

Ele parecia querer dizer alguma coisa, como se não concordasse comigo, mas, antes que eu dissesse algo, beliscou meu peito e abocanhou o outro, fazendo-me esquecer todas as minhas perguntas.

— Merda, isso é bom demais! — Amassei os lençóis da cama com força, contendo minha vontade de tocá-lo, ou o momento seria dissipado.

— Bom — seu tom parecia orgulhoso por eu estar na mesma sintonia que ele.

Uma de suas mãos foi para o meio de minhas pernas, esfregando o meu ponto latejante.

— Daemon... — Meus olhos se fecharam devido ao prazer que estava sentindo.

— Olhos em mim, gatinha, não os tire de mim em momento algum — pediu ansioso, tocando meu rosto e o beijando com delicadeza. Onde seus lábios tocavam, uma corrente elétrica atravessava minha pele. — Sou eu aqui com você.

— Eu sei, estou bem, mas é tão bom ser acariciada dessa forma. — Levantei minhas mãos para ele. — Posso ao menos tocar em seu rosto?

— Não é porque não posso ser tocado em algumas partes do meu corpo que todas são proibidas — ele disse, beijando de leve meu rosto.

Toquei sua face com barba por fazer. Não tinha muita, mas era alguma coisa. Ela o deixava mais atraente e sexy. Eu gostava de homens com barba.

— Você gosta de homem com barba? — a diversão estava estampada em sua expressão.

Arregalei os olhos.

— Falei isso em voz alta? — Alisei seu queixo e boca, que formava um sorriso. — Lindo.

Beijei-o, porque estava louca para ter seu gosto de novo. Sua língua com metal traçava a minha em uma dança erótica na minha boca.

Beijamo-nos por mais alguns minutos, ou seriam horas? Não saberia dizer, mas nossos amassos estavam mais intensos, se isso fosse possível. Ficaram assim após eu dizer que ele era lindo. Seus olhos brilharam como se ele não ouvisse isso muito. Era uma loucura, não? O cara era um tremendo deus grego.

Suas mãos passeavam por todo o meu corpo, fazendo-me suplicar silenciosamente por mais dele, porque estava sem ar para falar.

— *Çok güzel* — ele murmurou, ou isso me pareceu. Não sabia que língua era aquela. Seria turco, talvez seu idioma natal?

Eu assistia muito a Netflix e seriados estrangeiros e recordava de ter ouvido aquele acento antes. Queria perguntar o motivo de ele ter falado aquela língua, mas estava tão inebriada com seu toque que isso logo fugiu da minha cabeça.

— Linda demais... — sussurrou com sua boca em minha barriga e seguiu para minhas coxas, que se abriram em um convite, mas ele nunca beijava onde eu mais ansiava.

— Daemon, por favor... — choraminguei, querendo empurrar sua cabeça até onde latejava querendo seu toque.

— O que você quer? Me diz, que vou dar a você, gatinha. — Seu hálito estava entre minhas pernas, fazendo-me quase gritar; só não o fiz por causa de Emma.

— Merda, Daemon, coloca sua boca em mim, senão vou chutar sua bunda — rosnei.

Ele riu na minha boceta, porque senti seu calor ali. Juro que quase subi nas paredes igual a uma maldita aranha.

— Fico feliz em satisfazê-la e saber o quanto está necessitada da minha boca. — Então ela estava em cada canto de mim, lambendo o meu sexo.

— Puta merda! Isso é maravilhoso... — minhas mãos mexiam no lençol, então o soltei e as levei na direção dele, que enrijeceu. — Posso colocar as mãos em sua cabeça?

Daemon parou o que estava fazendo, e eu queria que ele continuasse.

— Minha cabeça? O que vai fazer com ela? — tinha divertimento na sua voz.

Olhei para baixo, vendo-o entre minhas pernas, e a visão era linda e quente. Eu não era puritana, mas corei com a cena e seus olhos abrasadores.

— Droga, Daemon, eu não preciso responder a isso, só preciso dela para... — fazê-lo me consumir mais do que estava fazendo antes.

— Claro que precisa. Será que você quer empurrar minha cabeça mais entre suas coxas? Se for isso, é só pedir, minha gatinha linda. — Beijou o lugar por onde eu havia tido Emma, que nasceu por cesariana, pois passou da hora de nascer e não queria sair. Eu não soube discernir o que senti com aquele seu carinho.

Puxei seus cabelos.

— Aí não é lugar para beijar, mas sim ao sul daí, e anda logo, porque estou louca aqui, só esperando! — esbravejei. — Ou será que vou ter que cuidar de mim mesma com um homem desse na cama comigo? Seria muito ruim para sua reputação de motoqueiro.

Ele rosnou feroz e voltou a colocar a boca em minha boceta e me devorar.

— Puta que pariu, esse piercing... — me interrompi quando o metal atingiu meu clitóris, levando-me à loucura, tanto que meu corpo se ergueu, mas suas mãos apertaram firme meus quadris. Não me machucaram, mas flashes de cenas do monstro vieram à minha mente, fazendo-me ofegar.

— Daemon... — consegui dizer arfante, forçando-me a não deixar as imagens daquele crápula atrapalharem aquele momento lindo.

Num piscar de olhos, Daemon estava sobre mim com a mão no meu rosto.

— Emília, abra os olhos e foque em mim aqui, no meu beijo; sou eu dando isso a você, o prazer, ok? Não estou tomando à força — sua voz calma me trouxe de volta. — Sou eu aqui. Jamais machucaria você ou faria algo que não quisesse — a verdade estava em cada palavra que ele dizia. Eu sabia que podia acreditar nele. Era só minha mente distorcida e atormentada.

Assenti, focando nele, em seu rosto lindo, quadrado, no queixo com furinho, em seus olhos claros, mas ansiosos e preocupados, lábios entreabertos me dizendo palavras reconfortantes e tranquilizadoras. Sua voz e seu toque levaram a escuridão embora, pelo menos por hora. Fosse como fosse, eu agradecia ao Daemon por isso.

— Sou eu aqui — repetiu ele. — Isso, gatinha, fique comigo.

— Daemon. — Coloquei a minha mão sobre a dele, que estava no meu rosto.

— Está melhor?

— Sim, obrigada — sussurrei, encolhida na cama. — Desculpe por estragar...

Estava tão bom o momento para eu permitir que aquelas lembranças sombrias destruíssem tudo... Luiz não estava mais ali, então por que eu vivia tendo aqueles flashes que me atormentavam dia e noite?

Daemon me interrompeu.

— Ei, você não estragou nada, ouviu? — sua voz foi firme ao me dizer isso, embora tivesse algo mortal nela, uma espécie de ódio frio. Achei que fosse direcionado a quem me deixara assim. — Nunca pense isso.

Assenti e tentei beijá-lo para continuarmos de onde havíamos parado, mas Daemon já estava se afastando de mim, como se não fosse me tocar de novo. Eu até imaginava por quê.

— Ei, o que está fazendo? — Segurei seus braços, fazendo o possível para não tocar em seu torso.

Ele suspirou e me fitou parecendo triste, perturbado e com raiva, uma mistura nada boa, porque podia explodir a qualquer momento. Talvez ele se sentisse tentado a matar quem tinha me violentado.

— Vamos parar... Emília, só de me lembrar da sua voz ao dizer meu nome agora há pouco... — Eu o senti estremecer com a lembrança. — Não posso fazer isso, é como se... fosse além dos meus princípios. Duas vezes seguidas você teve sua mente perturbada, e, nos dois momentos, eu estava com você. Hoje não; se amanhã ainda quiser, nós tentaremos de novo. — Ele alisou meu queixo, boca e pálpebras. — Nunca pense que não a quero, você sabe o quanto a desejo, sentiu isso. Só não posso hoje.

Eu poderia retrucar, mas me lembrei do que Patrícia disse, que Daemon jamais ficaria com alguém buscando um escape. Naquela hora talvez fosse isso que eu estava querendo, ou não? Ele disse que me tocar após o que tinha acontecido ia além dos seus princípios. Não podia forçá-lo, afinal, isso podia trazer ainda mais escuridão para sua alma.

Assenti, com raiva de Luiz por estragar algo tão mágico que eu estava sentindo naquela noite. *Se eu estivesse com uma arma na mão e ele estivesse na minha frente, eu o mataria sem perder uma noite de sono, aliás, acho que assim meus pesadelos sumiriam de vez*, pensei amarga.



Capítulo 10

Emília

Acordei por volta das 8h da manhã e não vi Daemon em lugar algum. Já sabia o que tinha que fazer; passei a noite em claro pensando no assunto. Era o certo. O que havia acontecido mostrava que eu não estava pronta para relacionamentos – ou foda, no caso de Daemon. *Talvez nunca esteja*, pensei amarga.

Levantei-me e fui procurá-lo, porque precisava conversar com ele. Certamente estava lá fora. Abri a porta, mas, antes que eu o chamasse, ouvi sua voz falando ao telefone com alguém. Eu podia vê-lo de costas para mim.

— Alexia, eu não posso... — falou com um suspiro e depois disse: — Você sabe por quê.

Sabia o que isso significava. Daemon amava Alexia e por isso tinha acordado cedo e ido falar com ela no dia de seu casamento, talvez com alguma esperança de que ela mudasse de ideia e ficasse com ele. Eu não precisava ouvir toda a conversa para saber disso.

Virei-me e entrei em casa, não querendo ouvir mais nada por causa da sensação e aperto em meu peito ao ouvir suas palavras. Por um lado, era bom, pois isso me estimulava a me manter firme em minha decisão de não deixar a nossa atração um pelo outro falar mais alto.

Emma ainda estava dormindo, então fui tomar banho e me ajeitar, porque iríamos embora às 10h da manhã. Vesti calça jeans e camiseta de alças finas e coloquei minhas botas de salto, que eu adorava.

Já ia preparar o café da manhã, mas, para minha surpresa, já estava feito: torradas, ovos mexidos e bacon. Ao me levantar, não tinha sentido cheiro de nada, pois a decisão que tomei me deixou meio fora de sintonia.

Estava tomando café quando ouvi a maçaneta mexer. Sabia que era Daemon, então não

olhei para a porta, pois precisava de coragem para lhe dizer a verdade. Talvez estivesse nervosa à toa. *Ele com certeza está louco para esquecer o que tivemos também*, pensei amarga.

Estava passando pasta de amendoim no pão quando ouvi seus passos vindo em minha direção. Então o fitei.

Ele estava com as mesmas roupas do dia anterior, mas não deixava de ser delicioso. Devia ser um crime aquele cara ter nascido assim. O pior era que ele não acreditava que era lindo.

— A bela adormecida acordou. — Sorriu.

Eu o avaliei, tentando imaginar o que ele estava pensando. Será que fingiria que não tínhamos ficado juntos – ou quase? Ou que não estava falando com Alexia até o momento?

— Não consegui dormir direito — admiti.

— Foi pelo que aconteceu ontem? Teve algum pesadelo? Não a ouvi gritar — sua voz estava preocupada.

— Não, eu apenas fiquei pensando. O que houve entre nós não vai se repetir.

Seus olhos se arregalaram.

— É porque eu não fiquei com você na noite passada? Eu te falei que, se você quisesse, hoje nós poderíamos tentar...

— Não vai dar certo, Daemon — cortei-o e respirei fundo. — Ouvi um trecho de sua conversa com Alexia. Não estava espiando, eu juro, apenas fui ver onde você estava e acabei ouvindo o telefonema, então...

— O quê? Só me ouviu conversando com ela e já foi tomando uma decisão assim? — Ele estava com raiva.

— Você a ama. Não o estou criticando — acrescentei ao vê-lo abrir a boca para falar. — Não quero isso, não posso me envolver com alguém que pensa em outra pessoa, ou ter sexo casual como pensei que poderia ter. — Havia tentado, mas não dera certo.

— Você só pode estar zoando com a minha cara, não é? — seu tom saiu duro como uma rocha e amargo como fel.

Sacudi a cabeça.

— Não. Daemon, não entendo por que está tão furioso. Só não deu certo. Além disso, você só está me protegendo porque deve um marcador ao Bryan. Vamos colocar uma borracha no que houve entre nós. — Sabia que estava sendo uma cadela, mas era melhor assim, cortar o mal pela raiz. Eu só não entendia o motivo de ele estar reagindo daquela forma, afinal de contas, estava apaixonado por outra mulher.

Ele sacudiu a cabeça como se estivesse tentando se controlar.

— O que fizemos ontem foi parte do pagamento do marcador que devo ao Bryan? Me diz, Emília! Quando estava com meu pau duro na sua boca, e eu com a boca em sua boceta, você sentiu que eu estava pagando a porra de um marcador?! — sua voz soou alta na casa.

Engoli em seco ante suas palavras. Evitei me mexer na cadeira para controlar a sensação quente que sentia por todo o corpo.

— Tudo bem. Nós só vamos dar um tempo, ok? Preciso organizar a minha cabeça — pedi. Precisava aprender a lidar com os sentimentos que estavam nascendo a cada momento que eu passava com Daemon. Não queria ficar longe dele, mas sabia que, se o deixasse se aproximar, logo acabaria me apaixonando. Não precisava ser vidente para saber disso.

Ele enfiou as mãos nos cabelos como se quisesse arrancá-los, expirou algumas vezes e deu as costas para mim. Saiu do chalé batendo a porta com tanta força que a fechadura tremeu.

Corri atrás dele para saber aonde iria e o vi montar em uma Harley preta que eu ainda não tinha visto. Ele estava vestido com suas roupas de homem fodão e ficava ainda mais deslumbrante em cima da motocicleta.

— Aonde vai, Daemon? Não pode dirigir nesse estado, pode acontecer um acidente — falei, preocupada com o que viesse a acontecer com ele.

Daemon ligou a moto, depois me olhou, mas não disse nada, só acelerou e foi embora. Eu me preocupava com que ele corresse demais naquela motocicleta, porque arrancou cantando pneu colina abaixo, indo na direção da cidade.

— Merda!

Pelo breve segundo que nossos olhos se conectaram, eu vi traição e raiva. Só não sabia o

que significavam aqueles sentimentos. Ele podia estar com raiva naquele momento. Entretanto, assim que pensasse melhor, veria que eu estava certa.

Fui arrumar o leite de Emma assim que ela acordou. Foi quando notei que a garrafa estava suja de leite que tinha sobrado, mas eu a havia deixado limpa na noite anterior. O que tinha acon... *Daemon*.

Arregalei os olhos para ela.

— Daemon deu leite a você?

Emma sorriu.

— Daemon deu leite...

Devo dizer que esse gesto dele me deixou com o coração aquecido, por saber que ele cuidara da minha filha, sendo que não precisaria, era só me chamar. Se bem que ele havia feito aquilo durante toda a semana enquanto eu estava trabalhando.

— Você gosta dele, não é? — questionei a ela conforme lavava a mamadeira e organizava as coisas para levar para Chicago.

— Emma gosta...

Suspirei.

— Foi melhor assim, não é? Se a mamãe ficar perto demais dele, pode se machucar, sinto isso — conversava com ela enquanto trocava sua fralda. — Eu sei, Daemon está com raiva — murmurei e a coloquei de novo no berço. — Depois mamãe vai falar com ele quando estiver mais calmo.

Assim que chegássemos a Chicago, eu enviaria uma transportadora para pegar minhas coisas e as levar para onde eu fosse ficar, no MC Fênix ou em algum outro lugar. Não imaginava o que aconteceria dali para frente. Contanto que ficássemos seguras, principalmente minha filha, estava tudo bem.

Já passava das 10h da manhã quando terminei de encaixotar tudo, e Daemon ainda não tinha voltado para podermos ir para Chicago. A distância dali até lá era de mais de 2.000 quilômetros, mais de 16 horas de carro. Com certeza teríamos que dormir em algum hotel na

beira da estrada, como na viagem de Culberson até Austin. Uma coisa que eu não queria era ficar no mesmo espaço que ele, como um quarto, porque correria o risco de ter uma recaída.

Eu não ia de avião porque precisava do meu carro para sair e procurar um emprego, pois não ia ficar em casa enquanto esperava sabia-se lá quanto tempo para ser livre e poder tocar a minha vida. Não tinha conversado com Shadow e Bryan sobre isso. Não podia ficar sob a proteção de Daemon a vida inteira.

Peguei meu celular e liguei para Daemon. Não podia ficar esperando o dia todo, uma vez que a viagem seria longa. Chamou algumas vezes, até achei que ele não fosse atender, mas estranhei que, quando finalmente atendeu, não era sua voz, mas a de uma criança. Pelo menos parecia um som infantil.

— Alô?

Suspirei.

— Preciso falar com o Daemon. Com quem eu falo? — sondei curiosa. Aquela voz não era estranha, eu só não me lembrava de onde a tinha ouvido.

— Meu nome é Sandy, sou filha de Patrícia e do presidente do clube, o Bax. Meu pai é um gato, mas ama minha mãe — ela afirmou, fazendo-me sorrir.

— Oi, Sandy, sou eu, a Emília, mãe da Emma — reconheci-a. A menina era uma peça, esperta e inteligente.

— Oi, tia! Vai trazer Emma para brincar comigo?

— Não posso, querida, estou indo embora hoje, mas prometo que, assim que puder, eu volto para ver você e sua avó.

— Claro! — disse animada. — Meu aniversário é semana que vem, então, se puder, venha. Eles disseram que não vão fazer uma festa, mas sei que vão — falou baixinho como se fosse nosso segredo.

— Finja estar surpresa na hora. — Sacudi a cabeça, sorrindo.

— Você namora meu tio?

— Não, somos amigos — declarei com um nó em meu peito. Ignorei a sensação, porque

era só isso que Daemon e eu seríamos.

— Sempre que ele vem aqui, diz que não tem amiga mulher, só namorada. Você é isso também?

Apostava que a palavra que ele estava pensando não era namorada quando disse aquilo a ela.

— Não sou namorada dele — afirmei. — Ele está por perto? Preciso falar com ele. Por que você está com o seu telefone?

— Ele lutou no ringue...

— Lutou? — minha voz quase saiu alta, mas me forcei a falar em altura normal para não a assustar, nem a Emma. Contudo, estava preocupada.

— Tio Daemon sempre treina com papai, ainda mais quando parece com raiva. Ele esqueceu o telefone lá, então papai me mandou entregar no quarto onde ele está com Sueli.

— Sueli?

— Ela tem muitos namorados. Eu disse ao papai que queria ser assim quando crescesse, mas ele falou que mataria todos que tocassem em mim — sussurrou ela.

Aposto que mataria, pensei. Bax tinha o rosto duro como rocha. Coitada daquela menina quando crescesse.

Ofeguei ao focar nas palavras que Sandy disse, “muitos namorados”. Com certeza Sueli era uma prostituta. Então nós discutimos, e ele já ia foder outra, mesmo depois de ter me tocado na noite anterior? Eu sabia que tinha falado que não o queria e que era para esquecermos tudo, mas ele me trocava assim tão rápido?

Desgraçado!

— Tudo bem, preciso ir agora. — Controlei minha raiva, dele e de mim por me importar com aquilo. — Diz para o Daemon desaparecer da minha vida.

Desliguei antes de ela comentar alguma coisa. Não podia explicar algo a ela sem mandar Daemon para o inferno e não podia xingar na frente de uma criança.

Como esse filho da puta ousa fazer isso? Depois desse pensamento, outro veio à tona.

Talvez não fosse porque eu tinha falado que não poderíamos ter nada um com outro, devia ter a ver com o fato de eu não ter conseguido ficar com ele. Por que ele se daria ao trabalho de ficar com uma mulher que dava chilique na hora do sexo?

Coloquei minhas coisas no carro e parti, não me dando ao trabalho de esperar por ele. Não precisava dele para nada.

— Maldito seja, Daemon! — Limpei as lágrimas de raiva e humilhação.

Desde o começo, eu pensei em não aceitar sua proteção, mas a segurança de Emma vinha em primeiro lugar. Por ela, eu faria qualquer sacrifício. Era isso que deveria ter acontecido comigo, ter alguém que me protegesse e amasse acima de tudo. Minha mãe só pensava em trabalhar para sustentar um homem que não valia nada. Depois que adoeceu e morreu, deixou-me nas mãos dele, que me tirou da escola e me manteve em cárcere privado, fazendo o que quisesse comigo.

Minha filha teria tudo que eu não tive: amor e segurança. Eu poderia não conseguir lhe dar tudo, mas tentaria e me esforçaria ao máximo. Não precisava de Daemon, nunca tinha precisado, por que haveria de precisar então?



Capítulo 11

Emília

Saí de Austin em meu carro com destino a Chicago. Meu telefone tocava direto com ligações de Daemon, mas ignorei todas, pois não queria falar com ele, ou o mandaria para o inferno.

Até pensei em me mudar para alguma cidade longe dali, apenas Emma e eu, mas não colocaria a segurança dela em risco por causa da raiva. Podia ficar na casa de Shadow até conseguir um lugar para mim, mas nem morta iria para a casa de Daemon.

Parei em um posto de gasolina após quase uma hora dirigindo, não sabia bem onde, mas precisava abastecer. Foi quando notei dois carros pretos dirigindo logo atrás de mim. E no posto em que eu estava tinham mais cinco.

Uma sensação gelada desceu pelo meu corpo, mas queria evitar pensar que estivessem me seguindo. Devia ser só coincidência.

Entrei na loja de conveniência, mas não vi o dono, só um rapaz com capuz cobrindo seu rosto. Então pensei que aquilo só poderia ser um assalto, porque quem iria esconder a face ali, no meio do nada? Além disso, havia os carros pretos.

Merda! Eu parei no meio de algo que não deve ser bonito! Fui para o fundo do lugar, passando pelo rapaz de capuz. Não queria, mas não tinha outro caminho pelas prateleiras de mercadorias. Era isso, ou eu teria que enfrentar quem quer que estivesse nos carros lá fora.

O cara do capuz pegou meu braço. Gritei, o que fez Emma se assustar.

— Fique aqui. — Ele me colocou atrás do balcão do estabelecimento. Sua voz era grossa e irritada, parecia furiosa. Então tirou duas armas da cintura, uma em cada mão e mirou a porta da frente. Soaram sons de tiros e carros cantando pneus ao passo que os vidros do estabelecimento

explodiam.

Arfei e soltei outro grito. Emma começou a chorar, assustada com o que estava acontecendo. Tentei ficar calma e não a assustar ainda mais.

— Shiii — eu a tranquilizei, encolhida no canto.

O cara do capuz estava atrás de uma parede atirando nos carros lá fora.

Meu coração estava acelerado e temendo que meu fim e o de minha filha tivessem chegado. Não sabia quem eram aqueles caras, nem o que estava à minha frente nem os outros lá fora. Eu estava no meio de fogo cruzado ou aquilo acontecia por minha causa? Talvez fosse só uma guerra de gangues, e eu tinha parado no meio dela por estar no lugar e na hora errada.

De repente, uma janela explodiu bem próxima a mim, fazendo voar cacos em toda parte. Cobri Emma para não ser atingida, mas, antes que eu também me cobrisse, uma mão pegou meu braço e me levou para o fundo do lugar, colocando-me dentro de uma sala, provavelmente uma despensa, porque tinham vários produtos de limpeza, vassouras e rodos. Não reparei muito, porque estava assustada demais.

Olhei para cima, deparando-me com o cara do capuz. Chamava-o assim porque não sabia seu nome e o motivo para estar me protegendo. *Talvez seja um cara que não gosta de ver inocentes machucados*, pensei.

— Não saia daqui — ordenou sem olhar na minha direção.

Evitei encará-lo e o que havia lá fora; sabia que muitos matavam pessoas por testemunharem seus atos ou virem seus rostos. Então só foquei na Emma em meus braços e evitei entrar em pânico para não a assustar mais, embora eu estivesse a ponto de surtar.

O cara saiu, fechando a porta e me deixando sozinha no cômodo. Ouvi-o falar em espanhol com quem estava lá fora. Não queria saber quem eles eram e, ao mesmo tempo, desejava, porque assim arrumaria um jeito de me livrar deles. Sabia que era um pensamento idiota, mas não podia morrer ali, no meio do nada.

Daemon! Eu precisava ligar para ele e lhe avisar de alguma forma que estávamos em perigo e corríamos o risco de ser sequestradas. Por quê? Não fazia ideia. Talvez por testemunhar

o cara trocando tiros com quem quer que estivesse lá fora.

Uma pessoa normal estaria surtando e gritando, mas eu era vivida, sabia do mundo cruel lá fora, já senti na pele que gritar não resolvia nada. Fiz tanto isso durante anos e nunca obtive socorro, só quando fui vendida e conheci Bryan, que me salvou de Black.

Aquele pessoal seria de Black? Eu sabia que ele não desistiria assim tão facilmente, apenas porque não podia me atacar correndo o risco de ter uma guerra entre MCs. Talvez ele não tivesse tanto medo assim.

O mais estranho era que todos ali pareciam falar em espanhol, pelo menos era o que eu conseguia entender.

Ouvi a voz do cara de capuz em algum lugar lá fora.

— Se as duas forem feridas, eu mato vocês — sua voz soou fria. Enfim tinha voltado a falar na minha língua. Sua voz era grossa como um trovão e me lembrava poder. Aquele cara representava isso.

Alguém respondeu lá fora, também na minha língua.

— Sim, chefe.

Então aquele cara era chefe de alguma coisa? Seria um MC, uma gangue, alguma máfia? Não conseguia pensar em mais nada.

Emma se mexeu nos meus braços, prestes a chorar.

— Vai ficar tudo bem, meu amor, eu prometo — falei baixinho, acariciando suas costas.

— Daemon...

Daemon... tornei a pensar nele. Ele podia nos ajudar. Não estávamos muito longe de Austin, apenas uma hora de distância. Se eu conseguisse falar com ele, daria tempo de ele chegar ali antes que aqueles homens nos levassem embora ou nos matassem?

Peguei meu telefone para ligar para ele e lhe pedir sua ajuda. Não podia ser orgulhosa naquela situação, porque a vida de Emma era mais importante que tudo. Assim que procurei o nome dele, vi suas muitas ligações perdidas.

— Emília, por Deus, onde você está? — seu tom soou urgente assim que atendeu. Devia

ter gravado meu número e nome no seu celular. Eu não sabia se ficava com raiva ou gostava disso. Decidi não me importar e focar no momento, afinal de contas, estávamos prestes a ser mortas ou coisa pior. Antes que eu respondesse, sua voz se elevou ao telefone, parecendo apavorada: — Isso é tiro?!

Engoli em seco.

— Sim... — Eu estava ofegante e nem tinha percebido. Respirei fundo e continuei: — Eu parei em um posto na beira da estrada para abastecer, mas então o lugar foi cercado por carros pretos, e parece que duas gangues estão lutando.

— Onde estão? Espere aí, que eu estou indo. Vocês duas estão bem? Emma está machucada?

Meu peito se aqueceu ao saber que ele se preocupava com minha filha, embora não tanto para perdoá-lo. Porém, por que eu teria de perdoá-lo? Ele não tinha feito nada de errado, já que não éramos nada um para o outro. Deixei de pensar nisso e foquei no momento.

— Nós duas estamos bem, Daemon, ou quase, já que estamos nesse tiroteio, mas longe das balas. Estamos a uma hora de Austin, em uma loja de conveniência chamada Lírios, ou algo assim, não reparei direito.

— Sei onde fica, tenho amigos próximos daí. Vou pedir para salvarem vocês...

O telefone sumiu da minha mão, o que me fez ofegar de medo, então olhei para cima e me deparei com o cara do capuz, que agora estava sem ele, então pude ver seu rosto direitinho.

Cabelos negros e curtos, olhos castanho chocolate, além da barba por fazer. Ele tinha várias tatuagens na pele exposta.

— Temos que conversar, Daemon — rosnou com tom mortal ao telefone e saiu do quartinho de despensa, impedindo-me de ouvir o que estavam conversando sobre mim. Não saí para segui-lo, porque não queria arriscar minha vida e a de Emma.

Daemon teria algo daqueles homens e eles me usariam como moeda de troca? Os MCs dariam o que quer que aquele cara quisesse? Droga, eu precisava viver e manter Emma segura. Olhei ao redor; o tiroteio parecia ter parado. Espiei por uma janela do lugar; lá fora tinham

corpos em todos os lugares na estrada e carros com homens armados até os dentes.

Porcaria, se Daemon chegasse ali, acabaria morrendo. Eu não sabia o que fazer: se saía ou ficava ali mesmo. Decidi me sentar em uma cadeira que havia no cômodo e esperar.

O cara, que era o chefe, voltou após alguns minutos conversando com Daemon. Sua cara não estava muito acolhedora ao falar ao telefone.

— Vamos, o carro está preparado, e a área está limpa — disse ele de pé à minha frente. Tinha 1,88m de altura aproximadamente, era bem alto se comparado aos meus 1,60m.

— Quem é você? — perguntei, mas não esperava uma resposta. Entretanto, ele respondeu, surpreendendo-me:

— Miguel. Eu sou do cartel...

Apesar de que devia manter a boca fechada, pois ele era algum chefão com poder de me matar, cortei-o:

— Espere, cartel? Eu não tenho nada que interesse a vocês, por que estão me sequestrando? Isso é alguma moeda de troca com os MCs? Se for, pode esquecer, não sou importante para eles a esse ponto — menti. Sabia que eles fariam de tudo para me ajudar, até arriscar a sua vida, algo que eu não queria que acontecesse. Não queria trazer problemas àqueles que me tinham salvado tantas vezes.

Seus olhos escureceram como uma tempestade a caminho, embora ainda continuassem lindos.

— É bom que seja, porque não vou tolerar que alguém chegue tão perto de vocês como aconteceu hoje. Se acontecer de novo, Daemon já era, assim como seus amigos motoqueiros — seu tom era mortalmente frio. Ele estendeu a mão para mim. — As horas estão passando, precisamos ir embora.

Franzi a testa.

— Por que liga se alguém nos machucar? — Estava confusa com o que ele disse.

— Chega de perguntas, e vamos logo — não parecia um pedido.

Eu queria saber mais do que estava acontecendo ali, mas deixaria minhas perguntas para

depois. Só precisava ficar aliviada por saber que eu não era uma moeda de troca. Ainda assim estava tremendamente confusa. Aquele homem havia nos salvado. Por que se importava? Obviamente eu não obteria as respostas para meus questionamentos, não daquele cara, porque ele parecia não ter a intenção de me contar.

— O dono deste lugar está vivo? — inquiri ao sair do estabelecimento todo destruído.

— Sim — ele respondeu. — Mandei-o abandonar o local.

Mandou? Apertei Emma em meus braços, não querendo que ela visse o que havia lá fora, que não era bonito.

Miguel segurou minha mão direita. Com a outra mão, eu segurava Emma. As costas da mão dele tinham um dragão cujo corpo alongado e calda subiam, rodeando o braço forte e musculoso.

Entrei no carro e fiquei com Emma nos meus braços, não querendo assustá-la com tantos homens armados, embora ela não soubesse o que era aquilo. Dei graças a Deus por ela ainda ser uma criança.

— Não posso deixar meu carro aqui. — Sabia que era estupidez pensar no carro, mas...— Preciso dele em Chicago. E não tenho dinheiro para comprar outro.

O cara deu um suspiro frustrado.

— Vem comigo, que meus homens o levarão para você.

Eu não devia acreditar nele, mas acreditava, só não sabia o porquê. Talvez fosse por ele ter me salvado.

O Range Rover preto partiu com um cara vestido de terno o dirigindo, seguido pelos carros dos asseclas de Miguel e o meu. Miguel ficou no banco de trás, ao meu lado. Não olhei para os lados, ou teria pesadelos por um bom tempo, e já me bastava os que eu já tinha. Entretanto, dois carros começaram a sair do posto com clara intenção de nos seguir, e, pela maldição de Miguel, não era pessoal dele. Ele falou em espanhol com alguém por uma escuta no ouvido. Então algo explodiu, fazendo-me ofegar.

O posto ardeu em chamas, e a loja também, levando quem ainda estava nos carros ali perto

a ser consumido pelas chamas.

— Puta que pariu! — minha voz se elevou, e eu pisquei. Meu coração batia forte. — Você detonou o posto? Achei que só veria isso nos filmes de ação.

— Não posso deixar rastros.

— Oh, e um posto em chamas não chamará a atenção da polícia? — retruquei me ajeitando no banco. — Isso sem contar os corpos lá. Eles têm legistas, sabia? Podem descobrir quem são os bandidos através da arcada dentária.

Ele riu sacudindo a cabeça

— Bom saber que você é perita no assunto, mas está tudo coberto, não se preocupe. — Tossiu e gemeu com a mão na barriga.

Coberto? Com certeza tem policiais na mão, pensei. E eu não era perita, apenas assistia CSI às vezes.

— Chefe, o senhor está bem? — perguntou o motorista. O homem era forte e parecia letal.

Miguel assentiu, mas não parecia nada bem, sua pele parecia mais branca, como se o sangue tivesse sido drenado dele.

— Sim, Alfred, foi só um tiro de raspão. Estou bem, pode continuar dirigindo. — Levantou a camiseta, mostrando o rastro de sangue que saía de um ferimento.

— Merda! Você precisa ir ao hospital agora — informei, alterada.

Miguel suspirou.

— Nada de hospital, não foi grave, apenas de raspão — garantiu. — Além disso, o que eu ia dizer? Que levei um tiro após matar alguns bandidos por tentarem matá-la?

— Como assim tentaram me matar? Não fui atacada na estrada, só quando parei no posto, e você já estava lá... — interrompi-me, lembrando-me dos carros que me seguiam.

— Sim, os cretinos estavam prontos para matá-la. Malditos sejam! Que estejam no inferno! — rosnou sombrio. Eu não queria nem saber o que aquele cara faria caso colocasse as mãos em alguém que odiasse. Garantia que não seria bonito.

— Obrigada por salvar a mim e a minha filha — agradeci a ele e depois pigarreei. — Eu só

queria te pedir uma coisa se for possível.

Ele me olhou de lado.

— O que é?

Respirei fundo.

— Na verdade, são duas coisas: primeiro, peça para que parem o carro, assim poderei dar uma olhada no seu ferimento. — Já que ele me salvara, eu não podia simplesmente vê-lo sangrando sem fazer nada para ajudar.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não podemos nos dar a esse luxo. Precisamos chegar a Chicago na hora marcada que combinei com Daemon, ou logo terão muitos MCs no lugar, assim como a máfia italiana. Por isso tomaremos uma rota aérea.

Pisquei chocada.

— Puta merda! A máfia?! — exclamei, então abaixei a voz: — Eles são piores que o cartel? Afinal, quem é você? Não falo de nome e no que trabalha, mas sobre que o levou a me salvar.

Ele suspirou.

— Não vou dizer quem sou, não agora. — Acenou para o motorista e mandou que estacionasse.

Assim que o veículo parou, Miguel saiu do carro. Eu o segui, mas deixei Emma no banco de trás, presa ao cinto de segurança, já que ali não havia cadeirinha. A dela tinha ficado no meu carro.

— Fique aqui, a mamãe já volta — falei a ela, deixando-a bem presa para que não saísse dali.

— Mamãe, Daemon...

— Logo nós vamos estar com Daemon, querida. — Esperava estar em Chicago em breve. Não ansiava isso para ver Daemon, mas para me sentir segura de novo, sem o risco de uma de nós levar um tiro a qualquer hora.

Peguei a bolsa com as coisas de Emma, que tinha trazido comigo. Ali havia uma caixinha de primeiros socorros. Sempre a carregava, porque não sabia se precisaria algum dia. Finalmente serviria para algo.

Fui até onde Miguel estava, de pé na frente do carro, e coloquei a caixinha no capô do veículo.

— Pode tirar a camiseta? — pedi abrindo a caixa e pegando gazes para limpar o local.

Ele fez o que pedi, e limpei a ferida. A bala tinha passado de raspão na cintura dele. Tirei o grosso do sangue, que tinha sujado parte de sua barriga, depois passei um antisséptico para não infeccionar e cobri a região com gazes e esparadrapo.

— Ela parece gostar de Daemon — ele observou com tom impressionado.

Eu o fitei e vi que ele estava olhando para Emma, que sorriu ao som do nome de Daemon. Ela sempre fazia isso.

— Ela gosta de todo mundo que dá comida a ela e gosta dela. — Expirei. — Daemon é um idiota, estúpido, um tremendo de um prostituto, mas é um cara legal.

— Prostituto? — Ele parecia querer rir, na verdade, riu, mas gemeu.

— Porcaria, falei isso em voz alta? — Xinguei-me por dentro ao pensar nele. Daemon não merecia nenhum pensamento meu.

Rasguei um grande pedaço da minha blusa e o enrolei na sua cintura.

— Pronto — mudei de assunto. — Agora dá para esperar até você ir a um médico.

— Não preciso de médico. — Ele foi até o porta-malas e pegou uma camiseta preta, vestindo-a, depois deu outra para mim. — Vista isso, já que está praticamente nua.

Olhei para minha blusa, que deixava minha barriga à mostra por causa do rasgão recente.

— Isso não é estar nua — contestei, mas vesti a camiseta que ele me deu.

— Vamos, pois precisamos pegar o avião — disse entrando no carro.

Sentei-me ao seu lado, deixando Emma ao meu outro lado. O carro seguiu. Assim fizeram os seis carros pretos que nos seguiam, além do meu. Parecia uma caravana de político ou coisa assim.

— Vamos pegar o avião para Chicago onde? Em Dallas? — sondei.

— Não, em Georgetown. Qual era o segundo pedido?

— O quê?

— Você me disse que ia pedir duas coisas. Está faltando o segundo pedido. O que é? — Ele me olhou de esguelha. — Acho que sei o que é, mas vamos lá.

— Não machuque Daemon ou os outros MCs, por favor — supliquei.

— Por que eu faria isso se agradeço a eles por salvarem sua vida? — Ele se interrompeu e olhou para Emma e depois de volta para mim. — Vocês duas.

Franzi o cenho.

— Não entendo... Por que se importa? Você nem me conhece — enfatizei.

— Eu... — ele se interrompeu ao ouvir meu telefone, que ainda estava consigo, tocando. Depois de ler a mensagem, sacudiu a cabeça e me fitou. — Motoqueiro babaca? Interessante esse registro ao se referir ao Daemon. Estou me perguntando: o que há entre vocês dois? Vou ter que matá-lo por magoar você?

Bufei, mas fiquei tensa ao ouvir a palavra “matar”. Já tinha visto mortes por uma vida inteira.

— Por mais que ele seja um asno, eu não quero Daemon ferido. — Expirei. — Só espero que ninguém saia ferido quando chegarmos a Chicago.

— Não vou atacá-los, a não ser que eles nos ataquem primeiro. — Ele olhou para fora da janela.

— O que isso quer dizer? Se eles atacarem, então começará uma guerra? — minha voz tremeu.

— O que você quer que eu faça? Que eu fique lá só olhando enquanto eles matam meu pessoal caso decidam nos atacar? — retrucou me fitando.

— Não, eu só não quero mais lutas; já tive o suficiente por um ano inteiro. — Encolhi os ombros, desanimada.

— Eu vou fazer o possível para não haver lutas. Assim que chegarmos a Chicago, Daemon

já vai estar lá. Acabo de saber que ele estava no aeroporto para pegar o avião. Assim que chegarmos, eu darei você a ele no lugar marcado. — Ele encostou a cabeça no banco e fechou os olhos. — Descanse um pouco. Quando chegarmos ao aeroporto, eu te acordo, caso queira dormir.

Eu não tinha dormido na noite passada ao pensar no que tinha que dizer ao Daemon. Agora estava com o coração martelando nas costelas pensando que talvez ocorresse uma guerra entre aquele cara e seu pessoal e os MCs. Não queria que algo assim acontecesse entre eles, não só por causa dos MCs, mas também por Miguel; fosse ele quem fosse, havia salvado a mim e a Emma.



Capítulo 12

Daemon

Minha vida estava na maldita merda. Eu estava tentando encontrar um monstro chamado Steve Lutner, que desejava levar Alexia consigo porque achava que era o dono dela. Ele se aliara ao Black para tentar sequestrá-la na igreja onde estava sendo velada a mulher que cuidava da filha de Alexia. Em meio à luta entre Shadow e Black, Steve aproveitou para fugir. E eu fui ferido no ombro. O MC Scorpion não sabia que ela era nossa protegida, mas, quando descobriu, afastou-se, e o desgraçado do Steve sumiu do mapa. Ele era bom em sumir com seus rastros, mas eu iria encontrá-lo nem que fosse ao inferno.

Eu também estava apaixonado por Alexia, que pertencia a um irmão. Sabia que devia desistir dela, afinal de contas, eu não era homem de roubar a mulher de outro cara, muito menos de um irmão. Além disso, ela o amava de verdade. Entretanto, não significava que as coisas eram fáceis de suportar.

Se aquilo não bastasse, recebi a incumbência de proteger Emília. Ela era geniosa, orgulhosa e arrogante. Apesar de gostosa, fazia questão de retrucar e contestar cada ordem minha! A convivência com ela me levava ao limite, fazia-me querer jogá-la na cama e fodê-la sem sentido. Com seu jeito teimoso, logo me levaria a um infarto fulminante. Eu sabia bem que era o culpado por sua rebeldia, já que a tinha chamado de puta. Merda, naquele momento, minha cabeça não estava boa. O casamento de Alexia e Bryan estava próximo, e eu não podia lutar contra o amor que os dois sentiam um pelo outro.

E, além de tudo, Black chegou se intitulando dono de Emília e da criança dela. O verme queria levá-la porque a havia ganhado em troca de uma dívida do desgraçado do pai dela. Que apodrecesse no inferno! Por um ano Emília conseguiu ficar escondida dos radares de Black, mas

ao voltar ao lugar de onde partiu quando deixou Bryan, revelou-se para ele. Black tinha homens vigiando o local; provavelmente o tinham chamado assim que a viram com vida naquela fazenda.

Black era uma praga para os MCs. Ele envergonhava os motoqueiros com sua escória, que chamava de motoclube, mas não passava de um antro asqueroso onde ele obrigava mulheres a fazerem o que ele e seus subordinados queriam, estupravam-nas e tudo mais. Todos deveriam estar mortos. Shadow queria isso também. Estávamos pensando em eliminá-los, mas Bryan disse que o FBI estava a ponto de derrubar o antro e levar a todos para a cadeia, então nos afastamos e fizemos Emília ficar fora do radar de Black.

Nós tínhamos uma lei que ninguém podia quebrar, não os MCs, pelo menos; todo motoclube fazia esse juramento, que tornava sagrada a mulher de um motoqueiro. Com Scorpion, não era diferente. Por isso fingi que Emília pertencia a mim. Black teve que aceitar, mas, além disso, ele não queria guerra contra nós, não depois de saber que tínhamos aliados como Matteo Salvatore, *capo* da máfia italiana.

Mesmo assim, ele não gostou de ter perdido o poder sobre Emília. Pelo visto, o maldito a queria para si. No entanto, isso não iria acontecer. Eu não podia deixar as duas, tanto ela quanto Emma, nas mãos daquele homem, se é que eu podia chamar aquilo de homem.

— Eu a protegerei, porque devo isso a ela — informei ao Bryan depois que Black partiu.

— Você não deve nada, não depois do que fez àquele desgraçado do pai dela, Daemon — disse. — Eu ia fazer aquele homem pagar por ter tocado nela, mas Shadow enviou você antes que eu tivesse uma chance. Mas agradeço por ter eliminado o filho da puta. Soube que não sobrou nada.

— Não merecia restar nada daquela escória. — Lembrei-me de como o matei. Ainda foi pouco; ele merecia muito mais que aquilo.

Na verdade, meus sentimentos em relação àquilo eram meio ambíguos, pois, apesar de tudo, ele era pai dela. Não sabia se deveria ter feito aquilo, independentemente do que ele tinha cometido.

Aliás, se eu fosse uma pessoa sensata, estaria arrependido de ter feito sexo oral com ela,

não tanto pelo ato em si, mas pela forma como aconteceu, pois eu senti que havíamos nos conectado de alguma maneira.

Foi difícil não ficar com ela naquele momento, resistir àquela beleza nua na cama e debaixo de mim, mas eu precisava, para o bem dela. Não podia fazer aquilo e depois ver o arrependimento em seus olhos; talvez até me culpasse. Dizer não a ela foi mais difícil do que eu tinha pensado que seria.

Emília não podia ficar algemada ou amarrada, forma como eu sempre fodia; isso certamente a levaria a ter pesadelos e memórias ruins do abuso que tinha sofrido. Eu não podia seguir adiante, não após ela ter um pesadelo e logo depois entrar em pânico com minha boca entre suas pernas.

Eu sabia que ela ansiava se esquecer do único cara que a havia tocado, à força, e pensar em sexo de forma prazerosa e não enojada, como aconteceu durante os anos em que teve seu corpo violado repetidamente. Entretanto, eu não podia tocá-la, não naquela hora, após ela surtar. Depois, se ela me quisesse, eu estaria ali para o que precisasse. O sexo oral com Emília foi fenomenal, o melhor da minha vida.

Parei de pensar em tudo que aconteceu desde que conheci Emília e passei a olhá-la dormir, tão serena e relaxada, algumas horas após nossa tentativa de fazer sexo. Não parecia estar tendo pesadelos. Isso era bom. Eu queria dormir ao lado dela e abraçá-la durante a noite, fazer o momento mais especial, mas não podia correr o risco de machucá-la. Então me deitei no sofá para dormir, mas não parei de observá-la até pegar no sono.



Meu coração batia em um ritmo desesperado e dolorido, e eu não tinha forças para gritar por ajuda ou tentar fugir. Estava debilitado e sangrando em todos os lugares. A morte seria um alívio. Por que ela não chegava logo para acabar com meu sofrimento? Os monstros logo voltariam e continuariam com a tortura, quebrando-me ainda mais do que eu já estava quebrado, ferindo-me de forma desumana, tudo por culpa deles, dos Alakurts.

Acordei com o coração querendo sair pela boca por causa dos pesadelos. Eles eram minha companhia todas as noites.

Merda, eu não queria me lembrar do que acontecera havia 15 anos, quando eu tinha sido destruído, tudo por causa daqueles que se diziam meus pais. Expulsei as lembranças ruins; não podia pensar nelas.

Emma murmurou alguma coisa, de pé no seu berço. A garotinha era muito fofa e bem esperta para sua idade. Ela estava prestes a completar dois anos e cinco meses. Quando eu soube disso, comprei uma correntinha para ela de presente, embora estivéssemos na beira da estrada, mas, assim que eu estivesse em Chicago, lhe daria um presente melhor.

Limpei o suor do meu rosto e me levantei, indo até onde ela estava.

— Shiii, fique quietinha para não acordar sua mãe — pedi baixinho. — Está com fome?

Ela ficou toda animada, sorrindo com seus dentes branquinhos, embora lhe faltassem alguns.

— Mamadeira...

Coloquei leite morno na mamadeira e fui até ela. Seus olhos pareciam brilhar ao ver a garrafinha.

— Vai mamar sozinha dessa vez ou quer que eu te pegue nos braços? — sondei bem a tempo de ela estender os braços para mim, toda animada. — Tudo bem, sapequinha, vem aqui. — Peguei-a no colo e a levei para o sofá comigo. Dei o leite a ela, que fez um chiado de animação. — Não faça barulho, pois vai acordar sua mãe, tudo bem, minha lindinha?

Passei aquela semana tomando conta de Emma para Emília trabalhar, então me apeguei à garotinha, exceto pela parte em que ela se cagou inteira no berço. Merda, eu nunca tinha visto aquilo na minha vida, merda espalhada daquele jeito.

Adorava crianças. Era assim também com Bella, a garotinha do Kill. Ela também era muito esperta; em um dia conosco, quando chegou ao clube, conquistou a todos. *Com essa ratinha aqui, no meu colo, não foi diferente*, pensei.

Sabia que tinha dificuldade de deixar algumas pessoas entrarem em minha vida. Eu era fiel

aos meus irmãos, mas nunca os deixava entrar de fato. Temia que, no final, eu perdesse todos eles e acabasse sem nada, como já tinha acontecido antes, ou pior, que fosse novamente apunhalado por quem eu mais amava.

Expulsei esse pensamento, não querendo recordar meu passado tenebroso. Já bastavam os pesadelos, que não me deixavam esquecer.

— Daemon — balbuciou Emma enquanto mamava e segurava minha camisa.

— Você é muito fofa — declarei alisando seus cabelos negros e lisos já grandinhos. Ela se parecia muito com Emília, especialmente nos olhos escuros e no formato do rosto.

Depois que terminou, coloquei-a no berço, e ela voltou a dormir. Deitei-me de volta no sofá e fiquei olhando para a cama, onde Emília estava dormindo. Tentei cochilar, mas não consegui, então fui fazer café da manhã para comermos antes de pegar a estrada. Meu celular tocou enquanto preparava a mesa. Estava amanhecendo.

— Alô? Espero que seja importante, para ligar a essa hora — retruquei saindo da sala e indo para fora. Assim não acordaria Emília e Emma.

Bryan suspirou.

— Aqui já amanheceu — ele informou. — E não é uma diferença grande de fuso-horário entre Manhattan e Austin.

— Como sabe que estou aqui?

— O que você acha?

Sacudi a cabeça. Com certeza ele nos rastreara.

— Maldito hacker! Acho que tenho que fazer meu trabalho direito. — Suspirei.

Bryan era um tremendo hacker, encontrava alguém em qualquer lugar, assim como eu. Nós só não estávamos conseguindo encontrar Steve Lutner. O filho da puta também era fera em cobrir todos os seus passos.

— Desculpe, não queria acordá-lo — ele não parecia arrependido.

— Certo, do que precisa? Aconteceu alguma coisa? — minha voz se elevou no começo, então a abaixei, pensando que Alexia pudesse estar com problemas.

— Se está preocupado com minha mulher, ela está bem — falou com um suspiro. — Eu sei que as coisas estão confusas agora, com você amando Alexia. Não vou pedir que venha ao meu casamento, porque não quero colocá-lo nessa situação. Mas vou conversar com Emília e pedir para que venha, assim como minha bonequinha. Tive tão pouco tempo com as duas. Ainda estou grilado por ela ter ido embora sem me dizer nada, mas a quero aqui, afinal de contas, ela não sabia sobre a sua falsa morte.

— Shadow ainda está respirando? — sondei mirando a colina à minha frente.

Meu chefe escondeu de Bryan que Emília estava viva, e, por um ano, o cara pensou que a tinha perdido para sempre.

— Vai sobreviver. Queria ter raiva dele e não olhar nunca mais para a sua cara, mas o que ele teve que fazer pela minha liberdade... Merda, as vidas que ele precisou tirar, manchando suas mãos ainda mais de sangue... — Bryan deu um suspiro frustrado.

— Shadow é assim, prefere se sacrificar a colocar alguém para fazer o serviço. Valorizo isso nele, um irmão que está lado a lado com os seus. — Suspirei. — Não vou me meter nisso, afinal, vocês são adultos.

— Eu sei, também já sacrifiquei muito pela minha irmã e por Emília e não me arrependo de nada que fiz. Também tenho segredos que escondo da minha irmã. Sei que ela vai sofrer quando souber, mas é para o bem dela.

Bryan se referia aos seus pais, que morreram havia alguns dias pelas mãos de Steve. Samantha era casada com Lucky Donovan, um bilionário que morava em Manhattan. Os pais dela e de Bryan eram dois vermes imundos que não mereciam estar vivos. O cara era um psicopata que achava que a menina não era sua filha e a humilhava e maltratava, assim como a cadela de sua mãe. Então suas mortes foram válidas; não estavam fazendo falta para o mundo.

Mudei de assunto.

— Vou informar que ligou para Emília. Vamos sair de Austin hoje. Queria pegar um avião, mas ela quer ir de carro, porque assim não ficará sem ele em Chicago. Mas, se ela resolver ir ao seu casamento, a convencerei a irmos de avião. — Não queria pensar no casamento dele, mas

desejava que os dois fossem felizes.

Merda, eu estava fodido, confuso com tudo que sentia ao ter Emília em meus braços. Minha vontade era de passar o dia com ela, porque achava não ter tido o suficiente daquela mulher. E com certeza tive muito pouco; senti seu gosto uma vez, e isso estava me enlouquecendo. Necessitava tê-la por completo.

Quando estava com ela em meus braços, não pensei em Alexia, como fazia sempre que fodia outra mulher. Ainda não havíamos fodido, mas o sexo oral foi incrível, como se eu a tivesse possuído, pois me senti arrebatado. Com Emília foi diferente, aconteceu algo que eu não conseguia explicar, mas gostei da sensação.

— Obrigado, irmão — disse ele, depois continuou antes que eu respondesse: — Como Emília está com tudo isso? Sei que ela tem um gênio forte, é osso duro de roer, mas é legal e passou por muita coisa.

Oh, se não sei disso, pensei. A mulher era uma força da natureza, até mais que Evelyn.

— Ela está bem, não precisa se preocupar. Eu vou protegê-la. Acredito que Black não vá dar as caras ou tentar fazer algo, mas também, se ousar, eu acabo com ele. Não dou a mínima para o FBI — declarei.

— Vamos torcer que não, porque eles estão perto de prender todos eles — falou e depois perguntou: — Você já transou com Lisa? A antiga prostituta do clube de vocês?

— Acha que eu foderia uma mulher como aquela? Prefiro foder mil prostitutas a alguém como ela — sibilei com nojo só de pensar nisso.

Ele riu.

— Ela trabalhou para vocês...

— Olha, os outros a foderam, claro, mas ela ficava mais com Shadow, até Evelyn aparecer e domar o cara. Depois Lisa tentou sequestrá-la, junto ao Enzo, então agora ela é propriedade da máfia italiana, não nossa. — Franzi a testa. — O que tem ela? Por que me perguntou isso?

— Shadow domado, hein? Quem diria. — Ele riu parecendo divertido. — Aquela ruiva é uma fera, juro que a mulher voou em cima de mim com suas garras e facas, por pouco não cortou

minha cabeça. Ela não gostou do meu acerto de contas com Shadow.

Ri.

— Oh, sim, ela é. Sorte sua ainda ter suas bolas.

— Sim, agradeço ao Nasx por isso — informou com a voz falha ao pensar em suas bolas cortadas, assim pensei. — Então, sobre Lisa, é que os tiras estão querendo montar uma operação para descobrir sobre vocês e os Salvatores. Eu sei que, por ser um agente da CIA, eu deveria cumprir a lei, mas devo muito a você e ao Shadow, por isso achei melhor avisar.

Franzi a testa enquanto me escorava na moto que tomei emprestada de Bax para vir atrás de Emília na noite anterior. A minha tinha ficado em Manhattan. Depois teria que ir buscá-la.

— Eles não vão descobrir nada sobre nós, afinal de contas, Lisa não sabia de nada.

— Certo, só achei melhor avisar. — Deu um suspiro duro. — Escuta, Alexia quer falar com você. Ela está aqui ao meu lado.

Meu coração deu um solavanco, mas o estabilizei. Não queria falar com ela, não naquele dia, quando se casaria.

— Tudo bem, pode passar. — Respirei fundo.

— Daemon? — sua voz estava triste e encolhida. Isso acabou comigo, porque não queria que ela sofresse.

— Loura... — cumprimentei-a. Sempre a chamava assim, porque ela era uma mulher linda e maravilhosa de belos cabelos claros, mas que eu nunca poderia ter.

Ela pigarreou, parecendo nervosa.

— Eu queria que viesse hoje — sussurrou.

— Alexia, eu não posso... — Suspirei. — Você sabe por quê.

— Sei — murmurou. — Eu só...

Interrompi-a, com um aperto no peito por fazê-la sofrer e não poder fazer nada:

— Eu só preciso de tempo, Alexia, para colocar a cabeça no lugar, meus sentimentos também. — *Agora eles estão bem confusos*, pensei, *principalmente depois dessa semana ao lado de Emília*. — Mas quero que saiba que desejo que seja feliz ao lado de Bryan e de sua filha.

Você merece depois de tanto sofrimento.

— Também desejo que seja feliz — disse, depois seu tom saiu quase entusiasmado: — Acredito que isso não vá demorar a acontecer. Manda um abraço para a Emília por mim.

Pisquei assim que a linha ficou muda. O que ela quis dizer com aquilo? Estaria se referindo a uma relação entre mim e Emília? Nós dois poderíamos ter algo a mais? Eu sentia alguma coisa por ela, além da atração quando a via e tocava, mas não sabia o que era ainda.

Mandei uma mensagem ao Luca, primo do *capo*, informando sobre o que Bryan disse. Ele se prontificou a cuidar do assunto. Não perguntei como; isso não me importava. Sabia que eles não matariam Lisa, não sem um motivo forte.

Entrei no chalé e me deparei com Emília sentada à mesa tomando o café que eu tinha preparado antes do telefonema do Bryan.

Ela era uma mulher linda, magra, mas com curvas nos lugares certos, cabelos negros curtos, parecia uma fada cativante que me deixava duro. Eu precisava de mais dela, mais do que tivera horas antes. Estava a ponto de sugerir isso quando ela me disse que o que tinha acontecido entre nós não se repetiria, que não ficaria comigo se eu gostava de outra. Nesse ponto, ela estava certa, mas eu a queria assim mesmo. Estava disposto a tentar e ver até onde nós iríamos, mas ela simplesmente não quis dar o braço a torcer.

Isso não foi o pior, mas sim saber que ela tomou essa decisão por pensar que não conseguia ser tocada. Por isso, ao invés de continuar a insistir, ela desistiu. Ela não disse isso, mas eu sabia que o motivo era esse.

Eu estava furioso com ela por desistir sem lutar e comigo por ter tocado nela, afastando-a. Sabia que não deveria me sentir assim, mas, porra, e se eu tinha estragado tudo ao invés de consertar? E se, por eu tê-la tocado, de repente ela resolvesse se fechar para qualquer relacionamento? Não só em relação a mim, mas em geral.

Eu devia ter resistido, porra! Na hora em que ela pensou que eu tinha ficado com Sueli, eu vi a humilhação nos olhos dela. Devia ter pensado que eu preferia uma puta a ela. Foi por isso que eu aceitei tocá-la, mas, no fundo, sabia que queria aquilo com ela, tê-la nos meus braços,

ouvir seus gemidos, sentir sua boca em meu pau e a minha em seu corpinho lindo e delicioso.

Saí dali porque precisava esfriar minha cabeça. Precisava bater em alguma coisa, por isso fui para o clube do Bax, onde tinha um ringue. Ele esteve ao meu lado em várias situações, viu-me quebrado como ninguém mais. Bax me ajudou a me reerguer das cinzas, ou do pó, como muitos diziam. Era como um irmão mais velho para mim. Ele tinha feito 28 anos, era três anos mais velho do que eu.

Eu o conhecia havia 15 anos. Nosso primeiro contato foi em Esmirna, na Turquia. Eu estava todo machucado após ter fugido do inferno. Ele e dona Benta me encontraram. Ela foi meu anjo da guarda. Eu a amava como minha mãe. Ela também me amava incondicionalmente, mais do que aquela que me havia botado no mundo.

Expulsei esse pensamento, não querendo ir para esse lado.

Charles, mais conhecido como Cobra, marido de dona Benta e pai de Bax, morrera havia alguns anos para salvar a vida de Shadow. Ele era o presidente do clube MC da Serpente antes de passar o poder para o filho, que na época tinha 19 anos. Isso não atrapalhou seus estudos, embora ele não quisesse continuar a estudar na época, porque perder seu pai foi um baque muito grande, deixando-o destroçado, mas, com dona Benta puxando as rédeas, ele conseguiu conciliar entre a escola e o clube. Além disso, o vice-presidente, Billy, seu tio, ajudava-o muito. E Bax se tornou um tremendo líder desde então.

Entretanto, aquela foi uma época difícil para mim, porque Charles era o único que conhecia meu segredo, que sabia quem eu era de fato, a minha origem. Ele queria ir atrás e se vingar dos que tinham me machucado, mas eu não deixei, só queria esquecer tudo, mas isso nunca aconteceu. E, quando ele se foi, uma parte de mim foi junto. Sua perda abalou meu mundo. Talvez por isso eu fui embora para Chicago e fiquei com o MC Fênix. Tudo no MC da Serpente me lembrava do Cobra, o homem que era como um pai para mim, assim como para Shadow.

— Algum problema, Daemon? — perguntou Bax logo que entrei no clube, tirando-me das minhas recordações.

Tinham mais irmãos no salão, mas não olhei e não me importei com nenhum deles, só foquei em Bax. Era um homem alto, com cavanhaque e de cabelos negros e longos. Sua fisionomia me lembrava muito Kill.

— Estou fodido. — Peguei uma garrafa de vodca no bar e me virei para ele. — Preciso bater em algo ou serei capaz de fazer uma besteira.

Ninguém ali disse nada. Todos me conheciam e sabiam que, de vez em quando, eu ficava assim, perturbado. Só não imaginavam o que tinha acontecido comigo no passado. Bax me via em situações ruins algumas vezes, mas não sabia o que verdadeiramente me sucedera. Eu tinha certeza de que sua mãe suspeitava, mas não me forçava a me abrir. Esse era um dos motivos pelos quais eu a amava.

— Então vamos para o ringue; lá você poderá soltar sua fúria — ele falou.

Não respondi, só me virei e fui bebendo até chegar ao ringue, em uma parte do clube. Fiquei o que pareceu horas lá, lutando e bebendo, descontando minha raiva em um saco de pancada.

— Agora que descontou sua raiva, você pode me dizer o que o está afligindo? — Bax ficou à minha frente, em cima do ringue, e cruzou os braços enquanto me esperava falar.

Estávamos apenas nós dois ali.

— Eu toquei na Emília...

Ele arfou.

— Tocou? O que quer dizer? Vocês transaram? Merda. Shadow vai cortar suas bolas, cara — ele assegurou, em seguida franziu a testa. — É por isso que está assim?

— Não transamos tecnicamente, mas eu a toquei, e ela começou a entrar em pânico, então parei. Depois falei que, se ela quisesse continuar hoje, então faríamos... mas, hoje, quando acordou, ela simplesmente me disse para esquecer tudo que aconteceu. — Trinquei os dentes.

— Você não quer isso — não era uma pergunta.

— Querer? Não consigo esquecer nenhum momento com ela, não quero fazer isso, mas o pior é que ela começou a entrar em pânico quando ficamos juntos. E se isso lhe trouxer mais

algum trauma, tipo, se a fizer se afastar de um relacionamento?

— Daemon...

— Droga, Bax, você não ouviu a voz dela quando estava... — interrompi-me, pensando no momento em que a toquei de modo um pouco mais rude. — A dor estava ali com a força de um maldito tsunami...

— Você não a tocou depois disso, não é? — indagou, depois respondeu à própria pergunta: — Eu sei que não. Você não pode se culpar por isso, Daemon. Sei que jamais tocaria em uma mulher se ela não quisesse, ainda mais alguém como aquela garota, cercada de demônios que a atormentam todos os dias. — Ele estremeceu, provavelmente se lembrando dos gritos que ela tinha dado ali, na noite anterior. *Dava para ouvir do outro lado da cidade*, pensei amargo.

Eu sabia que ele tinha razão, mas temia que tivesse piorado seu estado, que tivesse levado mais pesadelos a ela. Se isso acontecesse, jamais me perdoaria.

Coloquei as mãos nos cabelos num gesto frustrado. Não sabia o que fazer. Não era para eu ter ido por aquele caminho.

— Shadow contou a você o que aconteceu com ela? — sondei, porque ele dizia que ela estava cheia de demônios.

— Há um ano, aproximadamente, ele me ligou e disse que precisava da minha ajuda com a proteção dela e da criança e me disse que a vida dela foi um tormento por causa do maldito que se dizia seu pai.

— Ele a estuprava enquanto a mantinha em cativeiro e a engravidou — meu tom estava cheio de asco. — Matei o pai dela e não me arrependia antes, agora eu não sei... Merda!

— Não precisa se arrepender, ele merecia coisa muito pior do que você fez, e garanto que ela não se importaria se soubesse disso. Agora volte para sua mulher.

— Ela não é minha mulher. Emília deixou claro que não quer nada comigo, que é para fingirmos que nada aconteceu — meu tom saiu amargo. Como se fosse possível apenas passar a borracha em cima de tudo. Entretanto, se Emília queria isso, eu o faria por ela, não me aproximaria, porque não queria piorar as coisas trazendo mais pesadelos à sua vida. Se eu

insistisse e a fizesse entrar em pânico ou algo assim... Deus! Não sabia o que faria caso acontecesse isso.

Depois de ficar jogando sinuca com os caras, fui tomar banho em um dos quartos no clube antes de ir embora. Já estava mais calmo. E lidaria com tudo do jeito que Emília queria.

Assim que saí do banheiro, notei que Sueli estava no quarto. Era uma morena linda com a qual eu ficava antes, sempre que visitava o clube. Fazia mais de um ano que não fodíamos.

— Oi, gato, estou feliz que tenha voltado, já estava com saudades. Ontem, aquela garota nos atrapalhou, mas agora vou satisfazê-lo — ela disse estendendo a mão para o botão da minha calça.

Eu poderia ficar com aquela mulher e esquecer tudo, pelo menos por hora, mas não queria; ainda sentia o cheiro de Emília e seu maldito gosto. *Porra!*

— Não estou a fim. — Afastei-me dela. — Quero que saia agora.

Ela arregalou os olhos. Não entendi a surpresa. Talvez fosse devido ao meu tom duro.

— Daemon...

— Agora, Sueli! Eu tenho uma mulher e não vou traí-la com ninguém. — Nem todo mundo sabia que meu relacionamento com Emília era só armação, só os mais próximos da situação sabiam disso.

Ela saiu, fazendo-me sentir aliviado. Não gostava de ser grosso com uma mulher, mas era preciso em alguns momentos.

Antes que eu saísse do quarto, Sandy abriu a porta. Era a esperta filha de Patrícia e Bax. A menina era a cara dos dois. Seus cabelos longos e loiros pareciam com os da sua mãe, e os olhos escuros, com os do pai.

— Sandy, o que faz aqui?

Ela estendeu meu celular para mim. Eu devia tê-lo deixado cair no ringue. Estava tão fora de mim que não notei.

— Tio Daemon, a tia Emília ligou já faz um tempo, mas Bianca chegou e me esqueci de trazer seu telefone.



Capítulo 13

Daemon

Bianca era a sobrinha de Blade, um dos meus irmãos daquele clube.

— Emília? — Peguei o telefone e vi que a ligação realmente tinha sido dela. Tinha também uma mensagem sua dizendo que não queria me ver nunca mais.

— Tio, a tia Emília ficou com raiva quando soube que você estava com a Sueli no quarto. A tia é sua namorada? Gostei dela — disse Sandy. — Por que o senhor não casa com ela? Assim posso brincar com Emma.

Merda, eu devia ter me preocupado em colocar a senha no celular, pensei. Provavelmente o que tinha deixado Emília com tanta raiva a ponto de ter me enviado aquela mensagem foram as palavras da menina. Ela era uma garota muito inteligente e conversadeira.

Liguei para Emília várias vezes, mas ela não atendeu as minhas chamadas. Saí correndo do clube; precisava chegar ao chalé antes de ela ir embora. Tinha que lhe dizer que não havia tocado em ninguém e que jamais faria aquilo com ela, não depois de a ter tocado naquela noite, mesmo Emília tendo me dito para esquecer tudo sobre nós. Eu não achava justo ficar com outra tão cedo, nem queria.

— O que está havendo, Daemon? — perguntou Bax me seguindo até a moto que havia me emprestado.

— Emília me ligou, e Sandy atendeu, falando que eu estava com Sueli. Ela ficou furiosa e disse que não quer me ver nunca mais — controlei minha voz.

— Minha filha fala demais; eu vivo chamando a atenção dela em relação a isso.

— Não foi culpa dela, ela é apenas uma criança e não sabe o que Emília é para mim. — Suspirei.

— E o que essa mulher é para você, Daemon?

— Alguém que preciso proteger antes que ela faça uma besteira e acabe se machucando.

— Besteira? Que tipo?

— Eu não sei, só sei que ela dá um jeito de fugir quando a situação aperta e, nesse momento, está com raiva de mim por pensar que fiquei com outra.

— Você bebeu demais para pilotar, então vamos no meu carro.

Partimos no Silverado dele.

Eu finalmente estava mais calmo e percebi que fui um idiota por ter gritado quando saí do chalé. Afinal, Emília só tinha pedido um tempo; então eu daria isso a ela.

Assim que cheguei à cabana, senti o gelo descer por minha espinha ao ver a porta da frente aberta, como se tivesse sido arrombada. Saí do carro com uma arma na mão, e assim fez Bax, ao meu lado e armado. Entramos no chalé, que estava todo revirado, como se tivessem caçado algo ali dentro.

— Daemon...! — ignorei sua urgência e chequei cada canto do lugar, não encontrando Emília e Emma. Meu coração estava apertado, temendo que Black as tivesse levado.

— Eu vou matar Black se ele a levou... — calei-me ao som de meu telefone tocando. — Emília, por Deus, onde você está? — perguntei com urgência. Antes que ela respondesse, minha voz se elevou: — Isso é tiro?!

— Sim. — Ela ofegava. — Eu parei em um posto na beira da estrada para abastecer, mas então o lugar foi cercado por carros pretos, e parece que duas gangues estão lutando.

Meu coração deu um vacilo.

— Onde estão? Espera aí, que eu estou indo. Vocês duas estão bem? Emma está machucada? — Entrei no carro novamente, seguido por Bax. Não me perdoaria se as duas se ferissem.

— Nós duas estamos bem, Daemon, ou quase, já que estamos nesse tiroteio, mas longe das balas. Estamos a uma hora de Austin, em uma loja de conveniência chamada Lírios, ou algo assim, não reparei direito.

Uma hora?! Então fiquei bastante tempo socando o saco no ringue e jogando sinuca com os caras.

— Sei onde fica, tenho amigos próximos daí. Vou pedir para salvarem vocês...

— Temos que conversar, Daemon — rosnou a voz nada amigável de um homem.

O sangue gelou em minhas veias. *Será que as duas foram sequestradas e os sequestradores estão à procura de me atingir, ou ao clube? Deus, eu espero que não!*

— Quem é você? Se quer me atingir, venha até mim, mas não as machuque — supliquei com meu coração batendo forte contra as costelas.

— Se alguém machucá-la ou chegar perto dela e da criança novamente, como aconteceu hoje, eu vou matar você de um jeito bem lento — seu tom era mortal.

— Seja quem você for, não as machuque! Se for pessoal de Black, eu juro que mato vocês — sibilei, não entendendo o que ele estava falando.

— Eu a estou protegendo, o que deveria ser sua obrigação, e não trabalho para Black — declarou. — Ela estava dirigindo um carro, sozinha, e não viu os caras atrás dela, que queriam seu fim.

— Quem é você?! E quem quer Emília morta além dele? — inquiri, louco para acabar com aquele cara fosse ele quem fosse.

— Inimigos meus. Eles descobriram que ela é importante para mim e estão querendo usá-la para me atingir — seu tom saiu como um rosnado.

— Quem diabos é você?! — esbravejei, sentindo-me impotente por estar longe dela, não sabendo como estava e se aquele cara dizia a verdade.

— Miguel Sales — respondeu com um suspiro.

— Espere, o quê? — Ofeguei. — O que o chefe do Cartel dos Lobos Solitários quer com Emília?

Senti um calafrio ao pensar que talvez eles tivessem pegado as duas por causa do que tinha acontecido nove anos antes, quando meu pai de criação foi... morto ao ir salvar Shadow; no processo, ele matou os caras que estavam lá, mesmo ele também tendo partido para sempre. Bax,

Shadow e eu queríamos matar Hector, o líder do cartel, porque a culpa de termos perdido o Cobra era dele, mas Nikolai foi mais rápido e o matou antes.

Na época, aconteceu uma discórdia entre Sebastian Ruiz e Hector Salgado. Ele queria a filha de Sebastian, Tabitta Rodrigues, como moeda de troca, e o próprio Ruiz também queria aprisionar a filha. Por isso ela foi embora e deixou Jason Falcon, seu namorado. Ela temia que o pai o matasse. Nikolai, líder de uma das máfias russas, matou Hector.

— Por favor, se está com elas por vingança apenas porque os homens de Hector foram mortos há nove anos, isso não é culpa delas! — minha voz saiu urgente; temia que ele a machucasse. — Leve a mim, mas não faça nada contra elas...

— Não me importo com o que Hector fez no passado, jamais iria buscar vingança por isso. Ele mereceu o que teve — ele me interrompeu. — O que você precisa saber é que Emília está protegida comigo, e quero que continue assim. Nos encontramos no Plazza, em Chicago, às 16h, e não leve um exército, porque não precisa disso. Eu não tive nada a ver com o que aconteceu com seu antigo presidente. Espero que passe o recado a Shadow e Bax, pois não quero retaliação e acredito que vocês também não. Eu vou deixá-la aos seus cuidados, mas, se alguém chegar perto dela e da criança, ou as ferir, nós teremos contas a acertar**.**

— Eu digo o mesmo: se tocar nela, eu derrubo o seu maldito clã inteiro e juro que não será bonito — isso era verdade. Eu já havia matado mais do que podia contar. Não seria diferente com um bando de bandidos da gangue dos lobos.

Meu peito batia descompassado com a ideia de alguém machucar Emília. Não podia deixar isso acontecer, afinal de contas, ela já tinha passado por muita coisa. Eu jurei que iria protegê-las enquanto eu vivesse e faria isso. Não era só por ter matado o pai dela, porque o verme merecia isso, mas porque ela havia sofrido muito. Além disso, só em imaginá-la ferida, meu peito doía demais.

Ele desligou, mas não liguei. Precisava chegar a tempo em Chicago e ver se Emília e Emma estavam bem, por isso teria que pegar um avião, pois ir de carro ou moto demoraria demais.

— Merda, o que está havendo, Daemon? E o que você quis dizer com o chefe do Cartel dos Lobos Solitários? — grunhiu Bax enquanto dirigia para a cidade. — Se aquele maldito verme se aproximou dos meus de novo, eu vou eliminar todos eles. Eu só não acabei com todo o clã na época, após a morte do meu pai, porque foi Hector que mandou os seus homens aqui, e todos estão mortos. Esse novo chefe dizia que era diferente, não era desumano como o antigo; se provou o contrário pegando Emília e Emma, nós vamos derrubar todos.

Eu precisava ficar calmo e acreditar que aquele homem não a machucaria.

— Miguel Sales está com elas, mas não as sequestrou. Pelo que entendi, ele as salvou de alguns inimigos dele que queriam Emília. Não sei dizer o porquê disso. — Suspirei. — Preciso estar no lugar e horário que ele marcou comigo em Chicago.

— Ele vai entregá-las a você?

— Sim, e falou que não quer retaliação e que não teve nada a ver com o que Hector fez com Charles. — Expirei, controlando dor ao me lembrar do meu pai adotivo e o medo por Emília.

— Sei que ele não teve, ou já estaria morto — assegurou, mortal.

— Eu sei. Também teria eliminado cada um deles por terem nos tirado o Cobra, mas quem fez isso na época está morto. Vamos nos centrar no presente. — Passei a mão nos meus cabelos para me controlar. — O que não entendo é que ele me disse para protegê-las e que, se eu deixasse alguém machucá-las, ele ia me matar. É claro que não ligo para esse cara, só o que me importa é ter Emy comigo sã e salva.

— Por que ele se importa com ela? — não era uma pergunta a mim, mas a si mesmo.

— Não sei, droga! — Expirei. — Emília não tem família ou parentes. Seu pai e mãe estão mortos.

— Merda!

— Sim, isso resume tudo. Só vou ter certeza quando chegar em Chicago e ver as duas protegidas.

— Você vai encontrá-lo sozinho? Droga, Daemon, vamos contatar Shadow.

— Eu preciso chegar lá antes de Miguel ou dos seus homens, que certamente estarão com ele. — Sabia disso, porque, por ele ser chefe de um cartel que arrecadava milhões em negócios ilegais e uma boa quantidade de inimigos, não ficaria desprotegido. — E não quero chamar Shadow, ele e alguns dos irmãos estão no casamento de Bryan, em Manhattan. Não vou interromper o dia feliz de Alexia.

— Essa não é a mulher por quem você está apaixonado? Aquela que você me disse que estava protegendo de um psicopata assassino?

Steve Lutner era um psicopata que sequestrava mulheres e as mantinha reféns, estuprando-as por uma semana antes de matá-las. Alexia foi a única vítima que sobreviveu àquele inferno, e agora aquele louco estava atrás dela. Eu e Bryan estávamos procurando descobrir o paradeiro desse cara.

— Sim, ela mesma. Ela e Bryan estão se casando hoje. Só quero que os dois sejam felizes. Não vou estragar o momento deles para lhes dar uma notícia ruim. Além disso, Miguel disse que não era para eu levar um exército, porque não iria machucar Emília. — Esperava mesmo que isso fosse verdade, ou acabaria com todos.

— Você é um bom cara, Daemon, um amigo fiel; mesmo gostando dessa garota, quer que ela seja feliz com outro cara — não tinha surpresa na sua voz.

— Bryan é um irmão de verdade. Foi ele que Emília deixou quando veio para Austin. Ela o admira. Não sei, mas tenho a sensação de que gosta dele, afinal, renunciou a ficar ao seu lado só para que ele tivesse a vida que sempre quis, como a que tem hoje. — Encolhi-me ao me lembrar dela dizendo que eu nunca seria alguém como Bryan.

— Isso incomoda você?

— Eu não sei. Neste momento só tenho certeza de que quero vê-la segura e comigo. — Não precisava dizer que me incomodava, sim, pensar nela gostando de outro homem e saber que, aos seus olhos, eu nunca chegaria aos pés dele. Eu era um fora da lei, não um agente da lei como Bryan.

Emília já havia tido o suficiente, e eu esperava que o que estava acontecendo com ela

naquela manhã não lhe trouxesse pesadelos mais do que já tinha. Se isso acontecesse, eu faria picadinho de Miguel. Não suportava a ideia de alguém tocando as duas, então faria qualquer coisa para evitar isso, mesmo que eu fosse levado no lugar delas, caso Miguel estivesse mentindo para mim.

— Eu vou com você para Chicago, já que não vai chamar Shadow e Nasx. E sem essa de me deixar de fora. Nós somos irmãos. Prometo não colocar a vida dela em risco tentando matar o chefe dos Lobos, afinal, ele não tem nada a ver com o que houve — acrescentou esse final assim que abri a boca para dizer que ele não precisava vir comigo.

Eu sabia que não podia fazê-lo mudar de ideia. Talvez pudesse ser bom. Eu precisava de ajuda para fosse lá o que eu fosse encontrar em Chicago.

— Tudo bem, vamos acabar com isso.



Cheguei ao Plazza por volta das 15h30 da tarde. Sabia que Miguel ainda não tinha chegado, já que disse que ligaria, mas eu precisava estar ali antes de ele vir com Emília e Emma. O encontro estava marcado para dali a meia hora.

O hotel ficava afastado de Chicago, mas era um ambiente requintado e cheio de pessoas. Supus que ele escolheu aquele lugar justamente por isso, para não haver retaliação de nossa parte, minha e dos meus irmãos.

Bax, Lion e Blade, do Motoclube da Serpente, estavam comigo. Eu não chamei nenhum da Fênix, porque sabia que, se telefonasse para algum deles, Shadow seria avisado. Além disso, eu não queria correr o risco de estragar o casamento de Alexia, porque era provável que Bryan também viesse para ali no momento em que soubesse do acontecido, e Miguel deixou bem claro que eu não devia trazer um exército comigo, já que não ia haver luta. De toda forma, nós quatro daríamos conta – assim eu esperava.

— Quando eles chegarão? — sondou Blade quando nos sentamos em um banco em frente ao hotel imenso.

Blade era magro, embora forte e cheio de tatuagens. Havíamos nos conhecido um ano antes, mais ou menos, assim como eu e Lion, que era mais baixo e tinha cavanhaque.

— Miguel disse que às 16h. — Peguei meu telefone para ligar para Emília. — Vou ligar; vai que ele ou ela atende? Preciso saber o que está havendo, ou vou surtar.

— Não é o estilo de Miguel Sales machucar mulheres e crianças — disse Bax. — Nunca foi do seu feitio. Por isso nunca fui atrás do resto do Cartel dos Lobos Solitários para eliminá-lo. Espero que continue assim e que ele tenha uma boa explicação para estar com ela.

— Eu não consigo entender o que o levou a ir do México para Austin apenas para salvá-la. Pelo menos, foi isso que Miguel deu a entender — comentei.

Antes de eu ligar, meu telefone tocou. Número desconhecido.

— Olá?

— Daemon, nós estamos chegando, então sugiro que não faça nada, ou pessoas podem se machucar — falou Miguel. — Eu não quero isso e acredito que você também não. Concorda?

— Como Emília está? Não toque nela! Eu não sei por que a pegou, mas ela teve uma vida dura, um passado sombrio. Não quero que ela se traumatize ainda mais por causa disso.

— Também não quero isso e, como eu disse, vim para protegê-la, tanto por causa dos meus inimigos quanto por causa de Black. Eu já estou cuidando dele; ninguém mais irá tocar nela, não enquanto eu viver — falou com tom sombrio. — Incluindo você, Daemon, mesmo ela me pedindo para não o machucar. A faça sofrer, e eu acabo com você.

Emília tinha pedido para que ele não me tocasse? Meu coração se aqueceu ao saber que ela se preocupava comigo.

— Eu a estava protegendo...

— Você a deixou sozinha e foi embora para o clube. Os Rodins invadiram a casa dela; por sorte, ela já tinha partido rumo a Chicago, mas a seguiram e pretendiam matar as duas. O que não contavam era que eu estivesse disfarçado no lugar só esperando a chegada deles.

— Os tiros que ouvi ao telefone naquela hora eram vocês e os Rodins? — Eu já tinha ouvido falar dos Rodins, um grupo de “cavaleiros” negros, cavaleiros entre aspas, porque não

andavam a cavalo ou algo assim. Os bastardos faziam parte de uma organização de tráfico humano e de drogas.

— Sim. Eu os matei, pelo menos, os que estavam lá. Os Rodins vão voltar, por isso preciso de sua proteção para ela. Sei que você possui aliados, e isso pode ser bom; eles não vão atacar. — Suspirou. — Preciso limpar algumas sujeiras antes de aparecer e fazer parte da vida dela.

— Limpar algumas sujeiras para fazer parte da vida dela? O que você é de Emília? Já perguntei isso antes, mas você não respondeu. Quer minha ajuda com a proteção dela, mas não vai me dizer o que ela significa para você?

— Só o que precisa saber é que ela é a única coisa boa que me aconteceu e que, por Emília, sou capaz de tudo. Demorei anos a procurando, mas enfim a encontrei e não vou desistir dela por nada nesse mundo.

— Esteve procurando? Então sabe o que o fodido do pai dela fez? E você não fez nada?

— Soube tarde demais; você já o tinha matado...

Arfei.

— Espere, ela está perto de você? — minha voz soou urgente. Não queria que ela soubesse o que eu tinha feito daquela forma.

— Foi ao banheiro trocar a Emma. Mas estou curioso; não quer que ela saiba?

— Eu vou dizer isso, mas na hora certa. — Não tinha coragem de falar, não ainda. Podia ser fraco, mas não queria machucá-la lhe informando que eu tinha matado seu pai, mesmo que ele fosse um miserável de primeira.

— Tudo bem, eu vou deixar isso para você, não vou dizer nada. Apenas a mantenha segura até eu resolver minhas merdas, depois a levo comigo para o México.

Quando ele disse essas palavras, uma sensação de sufocamento apertou meu coração. Parecia que meu peito estava sendo esmagado, impedindo-me de respirar por alguns segundos.

Merda, o que está havendo comigo? Não posso pensar em uma mulher que nunca será minha, não da forma como a tive na noite passada – e mais além –, ou posso? Eu vou lutar por ela, mesmo Emília tendo dito para esquecermos o que rolou entre nós?

— Tudo bem, eu já ia fazer isso mesmo. Você não precisava me pedir para protegê-la. — Alisei meu peito, que pulsava dolorido com a ideia de deixar Emília antes mesmo de tê-la.

— Eu sei. Só preciso avisar algo...

— O quê? Vai me ameaçar de novo?

— Não, só quero agradecer por ter salvado a vida dela. Você matou aquele verme imundo do Luiz, e Bryan a manteve protegida por anos. Sei que ele está em um caso tentando prender Andrey Jacov e Sebastian Ruiz. Diga a ele que, depois disso, preciso ter uma palavrinha com ele e que vou fazer de tudo para conseguir mais provas contra Andrey. — Ele deu um suspiro.

— Por que não conversamos pessoalmente? Não precisa ser por telefone. Não culpo você pelo que Hector fez ao eliminar o meu pai.

— Logo ela vai chegar aí em um carro preto. Não precisa interrogar o motorista, porque ele não sabe de nada, só o paguei para levá-la até você — disse, ignorando o que mencionei, o que me deu vontade de socá-lo na cara.

Coloquei-me de pé, olhando ao redor.

— Você não vai vir também? Achei que íamos nos encontrar e conversar, que você me diria o que quer com ela.

Ele riu.

— Você é um cara inteligente, um rastreador muito bom, sei que logo vai descobrir quem eu sou na vida dela, mas, até lá, prefiro deixá-los no escuro, para o seu próprio bem. Quanto menos gente souber quem sou eu, melhor para ela e sua filha.

Aquele cara era um tremendo mistério. Eu queria lhe perguntar mais coisas, mas estava temeroso de que ele mudasse de ideia e levasse Emília para longe consigo. Não queria isso, estava louco para ver minha bonequinha de novo, ver aquele sorrisinho que me trazia luz. Eu nunca havia me sentido mais vivo do que quando estava com as duas, uma sensação estranha, pois não era acostumado, mas estava adorando e não queria parar de senti-la.

— Não a magoe, Daemon — não parecia um pedido. — No telefone dela, ela o registrou como “motoqueiro babaca”. Seja lá o que você fez, a deixou com raiva, mas, mesmo assim, ela

suplicou para que você não fosse ferido. Sei que ela tem um gênio forte, mas gosta de você, e a bebê também, porque não para de chamar por você...

Sorri, com meu coração se aquecendo. Então Emma chamava por mim? Eu nunca poderia imaginar que saber de algo tão simples me faria tão feliz como estava naquele momento.

— Eu vou protegê-las, prometo, e, assim que descobrir quem você é, nós vamos ter outra conversa. — Vi um carro preto estacionar em frente ao hotel.

— Que bom. Até lá, eu estarei preparado. Agora preciso ir e acabar com alguns ratos de esgoto.

— Obrigado por protegê-las; vou dever a você por uma vida inteira.

— Não é necessário, mas, se eu precisar algum dia, eu te aviso — disse e desligou.

Eu não gostava de dever marcadores a alguém, porque nunca se sabia o que pediriam em troca. Embora, por elas, eu não me importasse em fazer qualquer coisa.

— Daemon, onde Miguel está? Ele não vai vir aqui? — sondou Bax.

— É uma armadilha para nos atacar? — Lion olhava para todos os lados.

— Soube que Miguel raras vezes mostra seu rosto para as pessoas. Ele vive mais nas sombras — disse Blade.

— Miguel não vai vir aqui. Emília está naquele carro preto estacionado ali. O cara no carro é só um motorista contratado, não um membro do grupo dele, então não vamos atacá-lo — falei, indo em direção ao veículo.

— E se for uma armadilha para te atingir? — a voz de Bax soou baixa, mostrando preocupação comigo. Quando tornou a falar, continha aço: — Eliminarei todos eles.

— Não vejo por que ele ia fazer isso; caso me quisesse morto, eu já estaria. Soube do atirador que o cara tem, ninguém o vê, todos o chamam de Fantasma. — Isso era verdade. O Fantasma, ou Ceifador, como também era conhecido, só aparecia para executar os alvos que o chefe dos Lobos desejava mortos.

— Porra, Daemon, eu ouvi você falando dos Rodins. Eles são barra-pesada. Se forem eles que estão atrás dela, você vai ter uma grande luta pela frente — disse Bax. — Vamos ter que

deixar Shadow a par disso, do que pode acontecer.

— Eu vou contar ao Prez assim que ele chegar de Nova Iorque. Vocês podem ficar no clube se quiserem, assim faremos uma reunião.

A porta do carro se abriu, e Emília saiu por ela com Emma nos braços.

— Daemon! — gritou Emma assim que me viu e sorriu vibrante.

— A criança parece feliz em te ver — Bax murmurou. — Já a mãe, nem tanto.

Naquele momento, eu estava mais do que feliz em estar ao lado de Emília, mesmo que ela não estivesse feliz em me ver. Entretanto, minha bonequinha linda estava mais do que animada em minha presença. Meu coração pareceu perder um grande peso. As duas estavam bem e continuariam assim.



Capítulo 14

Emília

Eu estava ansiosa para chegar a Chicago e ficar em um lugar protegido nem que fosse por uma noite, sem ouvir sons de tiros, sem bandidos querendo minha morte ou a de minha filha.

Miguel me acordou assim que chegamos à cidade. Eu estava cansada demais. Como estávamos em um avião, pensei que estava razoavelmente segura, por isso deixei o sono me levar. Enquanto isso, ele tomou conta de Emma. Talvez eu fosse uma idiota, mas Miguel me lembrou muito Bryan quando salvou minha vida naquele clube. Eu devia estar surtando; talvez ele me fizesse mal mais tarde.

— Vamos — chamou Miguel. Estava vestido com o paletó de um terno preto que combinava com ele.

Desembarcamos no aeroporto e seguimos o fluxo rumo à saída. Seus homens vinham logo atrás.

— Não vai me dizer por que salvou minha vida? — sondei pela milésima vez.

Eu estava louca para saber quem ele era e o motivo de ter me protegido e ter dito que acabaria com quem me machucasse, até com Daemon.

— Não precisa saber; vai ser melhor assim — disse e leu uma mensagem que recebeu no celular. — Daemon já está no local marcado. É estranho que nem Shadow nem Nasx estejam com ele.

— Soube que a maioria dos MCs está no casamento daquele agente, Bryan Scott — falou um cara forte, alto e de olhos negros como a noite, um dos homens de Miguel. Tinham mais homens logo atrás de nós e à frente.

— Por que Daemon não foi junto? — ele parecia falar consigo mesmo, depois me olhou de

lado. — Foi para protegê-la?

Suspirei, não querendo pensar no motoqueiro amando Alexia. Precisava seguir em frente e não ligar para o fato de Daemon não me querer.

— Isso não é da sua conta — rosnei, forçando-me a abandonar aqueles pensamentos. Só queria me deitar em uma cama, de preferência em um lugar onde não houvesse tiros perto de mim.

Miguel arqueou as sobrancelhas.

— Só espero que ele não magoe você no final.

— Não vou discutir meus sentimentos com um estranho — retruquei assim que um carro preto estacionou à nossa frente, na área de desembarque.

— Justo. — Sorriu. — Acho que vou gostar de ter uma bela luta com Daemon. — Suspirou e apontou para o veículo. — Esse carro vai te levar até ele.

— Você não vai junto? — indaguei curiosa.

— Não, só vocês irão até ele. — Entregou-me um papel. — Se algum dia precisar de mim, ligue para esse número, e serei encontrado em segundos. A pessoa que vai atender é de confiança minha.

Assenti, não querendo ser rude ao dizer que preferia ir embora para qualquer lugar do mundo a pedir ajuda a um cartel.

— Não seria para a base do cartel que eu a levaria — disse como se tivesse lido minha mente.

— Você parece com aqueles policiais de séries, em que os caras leem os bandidos como se fossem livros; aposto que seria famoso — comentei abrindo a porta de trás.

Ele riu.

— Não acho que seria um bom policial. — Chegou tão próximo de mim que senti seu cheiro de loção masculina. Inclinou-se para beijar minha testa; foi tão rápido que não pude impedi-lo. — Se cuida, Emília. Nos vemos em breve.

Pisquei, com vontade de lhe perguntar o motivo de ter dito isso. Não parecia interesse

amoroso ou sexual de sua parte por mim, mas havia algum tipo de interesse, eu só não sabia qual.

Entrei no automóvel segurando Emma, que brincava com meu celular. Olhei para Miguel, de pé perto da porta do carro.

— Cuide do seu ferimento, vá a um hospital e veja se precisa dar pontos, ou contrate algum médico de forma clandestina, como os mafiosos fazem — recomendei.

Ele riu de novo, sacudindo a cabeça e acenou para o cara no carro.

— Vou ver o que faço. Agora vá.

— Obrigada por me salvar! — gritei quando o veículo deu a partida.

Miguel só assentiu e ficou olhando até que sumíssemos de vista. Aquele cara me deixava realmente intrigada. Eu tinha muitas perguntas, mas achava que não teria respostas tão cedo para elas.

— Você trabalha para ele há muito tempo? — questionei ao motorista.

— Não o conheço, só fui pago para dirigir o carro — respondeu o senhor de meia-idade.

Pelo visto, eu não conseguiria nada com aquele cara também.

Notei carros escuros nos seguindo como escolta. Sabia que eram homens de Miguel me levando a salvo para Daemon. Estava contente com a ideia de vê-lo de novo, apesar de tudo.

Não demorou muito, e o carro parou em frente a um hotel imenso chamado Plazza, que não ficava no Centro, era um pouco mais afastado.

— Chegamos, senhorita — informou o motorista.

Vi Daemon vindo em minha direção, lindo como sempre. As mulheres no lugar viravam a cabeça para olhá-lo, mas talvez fizessem aquilo também para os outros que estavam com ele, Bax, Lion e Blade.

Daemon falava ao telefone com alguém e parecia estar discutindo.

Assim que o vi, em vez de me sentir aliviada, a raiva me invadiu, porque me lembrei que ele mal saiu da minha cama e já foi foder outra mulher. Ao mesmo tempo, veio à minha mente o pensamento de que eu não tinha esse direito, afinal, falei para ele esquecer o que tinha

acontecido entre nós. De fato, ele esqueceu mesmo, indo direto para a cama de outra.

Saí do carro sem tirar minha atenção dele. Emma começou a espernear assim que o viu e passou a chamar por ele, estendendo suas mãozinhas para que a pegasse.

Ele correu até mim e me abraçou por um segundo, tão forte que meu corpo inteiro tremeu. Seu toque despertava algo em mim que era bom, mas, ao mesmo tempo, me fazia ter raiva de mim mesma por me sentir bem depois do que ele fez.

— Eu estava com tanto medo de que Miguel fizesse mal a você — sua voz soou realmente preocupada e urgente. Isso amenizou um pouco a raiva que eu estava sentindo dele e de mim mesma.

— Daemon... — Passei meus braços à sua volta, querendo sentir mais de seu calor. Entretanto, ele se desvencilhou do meu toque. — Esquece.

Antes que ele falasse algo, porque já ia abrir a boca, Emma praticamente pulou em seu colo, estendendo os bracinhos para ele e sorrindo.

— Daemon! — ela disse animada por vê-lo.

Ele sorriu também e a pegou nos braços.

— Como está minha princesinha linda? — Beijou ambos os lados das suas bochechas.

Emma o abraçou forte.

— Ela sentiu sua falta, porque ficou te chamando várias vezes — informei enquanto ia para o porta-malas retirar a bolsa de Emma, que Miguel tinha colocado ali. Minhas outras coisas, que haviam ficado no meu carro, Miguel disse que seriam deixadas na casa de Daemon junto ao veículo. Eu esperava que sim, porque realmente precisava delas.

— Pelo menos alguém ficou feliz em me ver — ele disse sorrindo para ela.

Revirei os olhos.

— O senhor Sales me informou para deixar a senhorita na sede do clube MC Fênix — avisou o motorista olhando de mim para Daemon.

— Não precisa, eu as levo — falou Daemon com os olhos estreitos.

— Desculpe, preciso deixá-la lá; não quero problemas com o senhor Sales — sua voz

estava tremendo, possivelmente pensando em Miguel ou no que ele seria capaz de fazer.

— Tudo bem, nós vamos com você — tranquilizei o homem, ou logo ele teria uma úlcera.

O motorista suspirou aliviado.

— Obrigado, senhorita.

Daemon fechou a cara.

— Eu vou acabar com aquele desprezível de merda... — rosnou com os dentes cerrados.

Fuzilei-o com o olhar.

— Não vai. Ele salvou a minha vida enquanto você estava fodendo uma puta. — Cerrei meus punhos, ou socaria a cara dele. Essa era a minha maior vontade no momento.

Blade riu.

— Gosto dela, Daemon. — Sorriu para mim.

— Desculpe por me alterar com Daemon, mas ele desperta o pior em mim — falei, abandonando um pouco da minha ira.

— Jura? Pelo que ouvi das mulheres, é justamente o contrário, ainda mais na...

Cortei-o:

— Não duvido disso. — Entrei no carro, batendo a porta com força exagerada.

— Você fala demais, Blade — grunhiu Daemon entrando no carro também e se sentando ao meu lado.

— Vamos acompanhar vocês até o clube — informou Bax lançando um olhar curioso na minha direção e na de Daemon. Eles se encaminharam para um carro preto.

— Certo, eu vou levá-las à minha casa, depois vou para o clube. Me espere lá — disse o motoqueiro babaca.

— Mas o senhor Sales insistiu para levá-las ao clube — falou o motorista fitando Daemon.

— Não dou a mínima para o que o babaca disse! Já está tarde, elas devem estar cansadas, e minha casa fica perto do clube, lá é seguro! — Daemon disse exasperado. — Se ele se queixar, mande-o vir falar comigo.

O cara suspirou e assentiu, mas pareceu que não gostou. Eu esperava que ele aceitasse, não

queria Daemon e Miguel juntos. Um encontro entre eles provavelmente não seria nada bom.

Emma ainda estava em seu colo, brincando com uma corrente grossa que ele tinha no pescoço. Notei seus olhos quase se fechando. Ela não dormiu durante a viagem toda, pelo que Miguel me disse, ficou só chamando por Daemon.

— Você acha que eu estava fo...

Interrompi-o com os dentes cerrados:

— Vamos evitar falar palavrão na frente de Emma. — Apontei para ela, com a cabeça escorada no ombro dele.

Daemon arqueou as sobrancelhas.

— Você disse um palavrão agorinha na frente dela, então esse alerta deve se aplicar a você também — retrucou.

— Tem razão, mas você me deixou com raiva, primeiro por não me querer apenas porque comecei a surtar, depois pela outra mulher.

— É isso que pensa? Que não quis você? Mas eu disse que poderíamos tentar novamente! — Arregalou os olhos.

— Não estou a fim de discutir aqui, na frente de outras pessoas. Bem, você é livre, Daemon, pode fazer o que quiser — sibilei.

Ele deu um suspiro frustrado.

— Droga, Emília, você me deixa confuso. Você me disse para esquecer o que tivemos...

Cortei-o, furiosa:

— Só por isso procurou outra?!

— Eu não fodi ninguém, porra! — sua voz se elevou, então ele abaixou os olhos para Emma, que estava com as pálpebras cerradas, mas as abriu. — Desculpe, princesa, pode voltar a dormir — falou com doçura.

Arfei.

— O quê? Não ficou com Sueli? — Por que meu peito se aliviava ante essas palavras? O que estava acontecendo?

— Não, não toquei ninguém — respondeu e me olhou de lado. — O que você quer, Emília? Diga! Se não quiser que eu a toque, não irei; se precisar de tempo, eu lhe darei. Basta dizer o que quer.

O que eu queria? Com certeza ele, mas isso era certo? Não sabia. Só tinha certeza de que, se me deixasse envolver, logo estaria sofrendo.

— Eu...

— Não precisa responder agora, Emília, vou dar o tempo que precisa — disse sereno.

Meu coração bateu forte.

— Mas...

Ele sorriu com candura.

— Prometo que não vou tocar ninguém. — Colocou a mão em torno de meu pescoço e puxou minha cabeça em sua direção. Até achei que fosse beijar minha boca, mas, em vez disso, o fez em minha testa.

Não consegui discernir o que senti naquele momento, mas gostei de saber que Daemon me esperaria até eu resolver o que queria de fato fazer. Na verdade, eu não queria só foda com um homem, mas algo a mais, poder ver no meu marido o mesmo olhar que eu via Bryan lançar para Alexia, como se ela fosse o sol, a lua e o universo inteiro. Queria encontrar o amor que nunca havia tido na vida, amar como nunca tinha amado, sentir coisas que eram desconhecidas, mas tão boas que me fariam muito feliz. Esperava conseguir isso. Se fosse com Daemon, melhor, porque eu me sentia bem ao lado dele.

O carro se dirigiu para uma estrada de chão. O lugar parecia com uma fazenda. Eu sabia onde estava; a casa de Shadow não ficava muito longe dali.

A casa de madeira branca diante à qual o carro estacionou era grande, com varanda bem generosa a ladeando.

Daemon saiu do veículo com Emma dormindo em seus braços e seguiu para dentro da casa.

— Vou colocá-la na cama — avisou.

Assenti, muda, porque não sabia o que dizer naquele momento. Minha cabeça não estava bem, ainda mais depois de ouvir aqueles tiros e assistir a tantas mortes. Devia estar feliz por aqueles bandidos estarem mortos, assim não me procurariam mais.

Carreguei minhas coisas para dentro da sala grande com dois sofás, um em forma de L, outro de três lugares. Havia uma mesinha de centro no meio deles, tudo ajeitadinho como na casa de um monge, nada fora do lugar. Não havia fotos de recordações em lugar algum à vista, parecia um lugar triste.

— Fique à vontade, eu vou para o clube agora — disse Daemon atrás de mim.

Virei-me e o vi de pé ali.

— Daemon... é urgente o que vai fazer no clube?

Ele me avaliou por um segundo e veio na minha direção.

— Não, o que você quer? — Puxou-me para seus braços.

Senti-me confortada com ele ali, ao meu lado.

— Só quero me deitar ao seu lado e ao de Emma, sabe? Esquecer um pouco das coisas... Não quero... — *pensar em nada do que aconteceu, no medo que tive de perder Emma.*

— Tudo bem — aquiesceu e me puxou para o quarto onde Emma estava dormindo no meio de uma cama imensa. Deitei-me a um lado dela, e ele, ao outro. E continuamos de mãos dadas. — Estarei ao seu lado o tempo que precisar.

Fitei-o e vi que seus olhos estavam serenos e gentis. Meu coração se apertou, mas de felicidade.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por se preocupar comigo e minha filha, não ter medo de ir ao encontro de um chefe de cartel. Por tudo. — Apertei mais forte a sua mão.

— Tudo bem, querida. — Ele olhou para Emma e depois para mim. — Estava com medo de que acontecesse algo com vocês, medo de chegar tarde demais, medo de que aquilo que você visse lá lhe trouxesse mais pesadelos. Se isso acontecesse, eu chutaria o traseiro de Miguel.

Ri.

— Gostaria de ver isso — brinquei, depois falei sério: — Obrigada também por estar aqui ao nosso lado. — Coloquei nossas mãos juntas sobre a de Emma com cuidado para não a acordar.

— De hoje em diante, eu juro que não vou deixar ninguém mais chegar próximo de vocês duas, eu juro — sua promessa estava em cada palavra que ele dizia.

— Confio em você — garanti com firmeza. — Sei que nunca mentiria para mim.

Algo brilhou em seus olhos, mas foi tão breve que não consegui ler. Essa era uma característica que eu gostava em Daemon. Uma semana ao seu lado, e eu já percebia isso. Quando alguém lhe perguntava algo que ele não podia responder, simplesmente não respondia ou fugia do assunto, mas não mentia, nem inventava mil desculpas esfarrapadas.

— Dorme um pouco; estarei aqui quando acordar. — Beijou minhas pálpebras, fazendo-me fechar os olhos.

— Vai me acordar com um beijo também? — brinquei sem abrir os olhos.

Ele riu.

— Por que não? Não sou nenhum príncipe encantado, mas posso fazer isso — mesmo sua voz soando brincalhona, eu senti algo metálico ali.

— Para mim você é meu porto seguro, meu sol... — Caí no sono, mas pensei ter ouvido antes de entrar totalmente na inconsciência:

— Ela disse algo assim também, sabia? A minha mãe, e, no final, não se importou com o que fizeram comigo, me deixou nas mãos deles só para não manchar o nome da preciosa família Alakurt — o desprezo ao pronunciar a palavra “mãe” era evidente na sua voz, mas também havia dor.

Acordei no meio da noite pensando no que ouvi de Daemon. Aquilo tinha sido um sonho? Não, a dor estava ali, consumindo-o por dentro como um câncer, mas sem o matar de fato. O que

sua mãe fez... Deus, eu queria arrumar uma forma de ajudá-lo, mas como?

Não vi Emma nem Daemon em lugar algum do quarto. Olhei ao redor, pensando que ela pudesse ter saído da cama. Corri para fora do quarto temendo que algo tivesse acontecido. Meu coração estava na mão. Parei assim que vi a cena mais linda que já tinha visto na vida.

Daemon estava deitado de barriga para cima no sofá com Emma dormindo sobre ele. A mamadeira vazia estava na mesinha. Ela devia ter acordado com fome.

Meu coração parecia querer explodir de alegria ao ver alguém mais cuidando dela, assim como Bryan fazia antes. Como um motoqueiro fodão tinha sido conquistado por uma criança? O que me deixou mais comovida foi o fato de Emma estar com o rosto no peito dele, onde estavam suas cicatrizes. Ele não parecia ter surtado ou estar prestes a fazer isso por ter alguém tão próximo a ele.

Peguei meu celular na mesinha e tirei uma foto, fazendo o possível para não acordar nenhum dos dois, que pareciam dormir como anjos.

Coloquei uma coberta sobre eles e me deitei no sofá em frente, fitando admirada aquela cena. Para muitos, isso poderia ser normal, mas não para Daemon, que não deixava ninguém o tocar, mas uma criança que parecia amá-lo, sim.

Meus olhos estavam molhados ao ver o quanto minha pequena era querida. Gostava disso e faria o impossível para que ela tivesse todo o amor que eu nunca tive na vida, amor e proteção, algo que não recebi dos meus pais, ou fosse lá o que eles fossem meus. Eu daria tudo a minha filha.

Voltei a recordar as palavras de Daemon. Era por culpa da mãe dele que aquelas feridas haviam sido feitas? Tudo para não manchar o nome da família? O que isso significava? Será que um dia ele abriria o jogo comigo?

— Espero que um dia você seja feliz, Daemon.



Capítulo 15

Daemon

Eu não queria deixar Emília e Emma sozinhas na minha casa, queria estar ao lado delas, ainda mais depois do que tinha acontecido, mas precisava saber por que Miguel queria a proteção das duas. Por que se dera ao trabalho de matar vários homens para salvar uma mulher e uma criança? Deixei-a dormindo com Emma; esperava chegar antes que elas acordassem.

Bax, Lion e Blade estavam comigo, então isso me ajudaria. Lion era tão bom quanto eu em encontrar rastros e respostas, mesmo que elas estivessem escondidas a sete chaves.

Eu sabia que lutas estavam para acontecer em breve, tanto com Sebastian Ruiz quanto com Andrey Jacov, também quando eu encontrasse Steve Lutner. Esse cara estava me dando dor de cabeça. Eu odiava homens como ele, que pensavam que, por uma mulher ser do chamado sexo frágil, deviam se aproveitar dela como bem entendessem.

Sabia que a vida dele não tinha sido fácil, pois foi enviado para algum internato pensando que estaria seguro, mas, quando chegou lá, deu-se conta do que realmente era o inferno. Eu também já tinha passado pelo inferno, mesmo que não fosse como o dele. Entretanto, não me tornei um monstro àquele ponto após tudo o que fizeram comigo. Poderia ter me tornado, sim, mas não o fiz. Nada justificava tratar inocentes de forma desumana. Isso era para demônios como Steve e Lorenzo Salvatore, que achavam que a dor e as perdas justificavam qualquer coisa que fizessem.

O tormento estava ali dentro, consumindo-me, pelo que os monstros turcos fizeram comigo, e eu sabia que nunca seria normal na minha vida, por isso não conseguia me estabilizar com nenhuma mulher. Maldição! Eu nem podia dormir na mesma cama com uma pessoa sem querer matá-la durante a noite, enforcada, assim como aconteceu quando quase matei Alexia ao

acordar baleado; ela estava cuidando de mim. Sabia que não podia ficar naquela situação para sempre, por isso renunciei à luta por ela, embora fosse também porque não tinha qualquer chance de vencer seu amor por Bryan.

Após conhecer Emília e sabendo o que ela tinha passado e seus pesadelos, queria tirar a dor que ela sentia com as lembranças sombrias que a atormentavam. Eu podia até rir disso. Como podia tirar a dor de uma pessoa quando mal conseguia lidar com a minha? Os demônios que cercavam minha vida me traziam pesadelos e tormentos.

Ao menos, no MC da Serpente e no MC Fênix, com meus amigos e irmãos, éramos uma família, uma que eu nunca tive. Isso me fazia ter forças e lutar por algo bom no futuro.

Cheguei ao clube, que estava a todo vapor com a festa que acontecia ali. Max, Ash e Tripper, que eram prospectos do clube, estavam lá. Kill também estava com Isabelle. Os dois haviam tido uma separação alguns anos antes por causa do desgraçado do Berry, um rato imundo que finalmente estava no inferno.

Eles não tinham ido ao casamento de Bryan e Alexia, porque Kill não queria que Isy e Bella, a filha deles, estivessem tão perto do perigo que sobrevoava Manhattan naquela época, pelo menos até os malditos mafiosos serem presos ou mortos. Eu preferia que os dois morressem; o mundo estaria bem melhor sem a poluição que eles causavam só com sua existência.

— Reunião na igreja agora — falei a todos os motoqueiros irmãos que tinham ficado ali. Entrei na sala de reuniões, e todos me seguiram.

— Daemon, o Bax acabou de contar o que houve. Por que não nos chamou? — criticou Kill. Ele era alto, barbudo e com cabelos nos ombros, presos na altura da nuca.

— Somos irmãos, Daemon, você não podia nos deixar de fora. Sei que é calado e não conta muito sobre sua vida, mas acredite em mim quando afirmo que pode nos contar quando tiver um problema — disse Maxwell, que todos chamavam de Max. Ele era forte, com cavanhaque e cabelos curtos, mas tinha uma mecha que caía sobre seu olho direto. Eu não entendia o motivo de ele andar daquele feito, mas preferia não criticar o cara.

Um nó se formou em minha garganta ao ouvir e ver a verdade na voz e na expressão deles. Sabia que levariam um tiro por mim, assim como eu faria por cada irmão ali, como fiz para proteger Kill assim que Rali, o sobrinho de Ramirez, invadiu a casa dele e tentou o atingir.

— Eu sei, gente, me desculpe, mas não queria que Shadow soubesse de nada...

Bax me interrompeu:

— Não, você não queria destruir o casamento de Alexia e Bryan, isso sim.

— Pode ser, mas está tudo bem agora. Emília está bem, assim como Emma

— Você não precisava ter tomado a responsabilidade por uma garota que nem conhecia — disse Logan. — Ainda mais se ela estiver envolvida com o Cartel dos Lobos Solitários.

— Vejo que Bax repassou tudo a vocês — comentei me sentando em uma cadeira e olhando para Kill. — Sei que Shadow deixou você no comando enquanto ele e Nasx estiverem fora.

— Vai querer uma luta contra Miguel Sales? Se for, eu preciso falar com Shadow ou Nasx, não posso resolver nada sem falar com eles, sabe disso — disse Kill se sentando em uma cadeira à mesa de 16 lugares na sala de reuniões.

— Não quero isso. O que preciso agora é descobrir o que levou um chefe de cartel a salvar Emília e matar alguns bandidos por ela. Ele não faria isso de graça; talvez possa querer algo de nós depois, ou conquistar a confiança dela para chegar ao Black no final. — Suspirei frustrado. — Não sei o que fazer ou o que pensar sobre isso.

— Ele pode estar apaixonado por ela, já pensou nisso? — falou Maxwell.

— Não. — Sacudi a cabeça. — Ela parece não o conhecer, então não deve ser interesse nesse sentido, mas algum tipo de interesse tem, afinal de contas, o bastardo me ameaçou dizendo que, se eu a magoasse, ele me mataria.

Kill arqueou as sobrancelhas.

— Magoar como? Você está lhe fazendo um bem aceitando fingir que estão juntos para a proteção dela. Isso afastou Black. Você não precisava fazer isso, mas fez. Então não entendo por que ele o ameaçaria.

— Também não, mas vou descobrir o que ele esconde. — Tomei um gole da minha bebida, que peguei na entrada assim que cheguei. — Miguel disse que ia eliminar os problemas dela, que ia acabar com Black. Quer saber? Acho bom que isso aconteça; só assim ela ficará livre.

— E você também vai desfrutar mais de sua liberdade, não é? — Lion sorriu. — Mesmo depois de foder a...

Eu não devia reagir à sua provocação, porque ele sempre fazia essas gracinhas, mas, quando ele disse isso, a ira se apossou de mim, que me lancei contra ele já preparado para socá-lo na cara, mas Kill me segurou.

— Ela não é uma maldita puta, porra! — rugi.

A sala parecia petrificada, com todos calados, imóveis e boquiabertos, menos Kill, que me segurava, e Bax, que se levantou para ficar na frente de Lion.

— Mas que porra, Daemon! Qual é seu maldito problema? — rosnou Kill.

— Eu não ia chamá-la de puta, cara — disse Lion, sério. — Conheço Emília, pois a vigiei por algum tempo a pedido de Shadow. Ela não deixa ninguém se aproximar, diferente do que está fazendo com você. A tensão entre vocês grita de longe; só falta um querer rasgar a roupa do outro.

Desvencilhei-me de Kill, ainda fuzilando Lion com o olhar. Não ia discutir minha vida particular com Emília com eles; na verdade, nem eu sabia como nós dois estávamos.

— Preciso mantê-las seguras. Então tenho de descobrir tudo sobre Miguel, até o que estiver enterrado. — Inspirei fundo para me controlar. — Agora aproveitem a festa. Vou pesquisar tudo que conseguir sobre aquele cara. E conto com vocês para não falarem nada ao Bryan sobre o que aconteceu hoje, ou ele pode querer levar Emília embora. Eu vou dar um jeito.

Eles tinham mais perguntas para mim, eu podia ver isso nos seus olhos, mas, como sempre, não fizeram, porque sabiam que, se eu quisesse contar, eu o faria. Eu os conhecia bem para saber que respeitavam a minha forma de agir e pensar.

Fui embora, deixando todos na festa, pois não ia ficar lá, não quando tinha deixado Emília

sozinha com Emma. Também precisava investigar Miguel, pois não confiava nele nem na sua superproteção em relação a Emília.

Entrei em casa por volta da 1h da manhã. Estava muito cansado, tinha passado no servidor antes de vir. O servidor era um lugar que eu tinha construído perto da minha casa, onde ficavam meus computadores potentes, comprados para análise de dados, pesquisa e invasão de sistemas.

Procurei na *dark web* informações sobre o chefe do Cartel dos Lobos Solitários, e não encontrei nada de relevante, mas no dia seguinte continuaria a procurar. *Ninguém consegue esconder tudo sobre si, por mais que tente.*

Assim que entrei no quarto de hóspedes, vi que Emília ainda dormia, tão linda, com sua pele macia. Merda, só de pensar nela, eu ficava duro. Olhando-a dormir tão serena, percebi que ela merecia mais do que um motoqueiro sem lei. Eu amava ser um MC, mas não pensava que poderia ter aquela vida e uma mulher ao mesmo tempo. Talvez até pudesse, mas ela merecia coisa melhor do que um monstro como eu, que não sentia remorsos por matar alguém.

Emma estava sentada na cama, coçando os olhos.

— Mamãe...

— Sua mãe está dormindo, então peço que fique quietinha. Você está com fome? — Peguei-a nos braços. Ela vestia um pijama de calça e suéter do ursinho Puff. — Vamos, vou arrumar seu leite, sim?

Ela sorriu.

— Sim, Daemon.

— Tudo bem, então. — Gostava de vê-la feliz. Não importava onde eu estivesse, sempre que eu aparecia, ela sorria, iluminando todo o lugar.

Levei-a para a cozinha e preparei sua mamadeira, em seguida fomos para a sala, onde a coloquei sentada no sofá e lhe entreguei a garrafinha. Estava exausto e só queria me deitar e dormir.

— Está gostoso? — Sorri para ela, que balbuciou alguma coisa que não entendi enquanto mamava.

Deitei-me no outro sofá. Ela desceu e veio até mim com a mamadeira na mão.

— Quer ficar comigo? — Peguei-a pela cintura e a coloquei sobre minha barriga.

— Agora beba tudo, querida, porque estou um bagaço hoje. — Eu estava quase dormindo. — Foi um dia muito longo, minha pequena princesa.

— Daemon... — Ela sorriu, tornando a mamar e colocando a outra mãozinha no meu peito.

Engoli em seco, porque, quando tocavam nas minhas cicatrizes, os monstros ressurgiam e parecia que cada parte do meu corpo estava em um triturador. Respirei fundo algumas vezes para não deixar as lembranças me dominarem. Podia tirar a sua mão, mas não queria magoar os sentimentos da criança.

— *Cabou*... — disse ela com sua fala de bebê e jogou a mamadeira no chão. Peguei-a e a coloquei na mesinha de centro.

— Não pode jogar as coisas fora desse jeito, querida — sussurrei controlando minha voz devido às lembranças ruins.

— Daemon... — Ela se deitou com a cabeça em meu peito. Eu poderia surtar depois; no momento estava esgotado demais, tanto que em poucos segundos estava dormindo com uma criancinha nos braços, uma que jurei proteger com a minha vida, assim como a sua mãe também.



Capítulo 16

Emília

Três semanas se passaram desde minha visão de Daemon com Emma no sofá. Aquela cena me fez nutrir mais sentimentos por ele. Com a forma como ele me tratava e à minha filha, era impossível não o amar. Eu sabia que não demoraria muito para me apaixonar; lutava contra, porque ele ainda amava Alexia. Naquele ínterim, eu peguei Daemon umas três vezes falando com ela ao telefone. Então preferia evitar deixar florir o que eu estava sentindo, para não me machucar.

A cada dia, eu via o carinho que Daemon sentia por mim e minha filha. Isso me fazia sentir feliz. Contudo, também me deixava receosa de que, depois que ele fosse embora, sua ausência fizesse mal a Emma, quando sentisse falta dele. Pude constatar isso pelos dias em que ele esteve fora trabalhando para o clube em alguma coisa à qual não me contou; durante esses dias, Emma só ficava chamando por ele.

O que aconteceria conosco quando não estivéssemos mais sendo perseguidas? Isso seria maravilhoso, claro, mas eu também precisaria ir embora para seguir com minha vida, por isso não queria deixar Emma se apegar a Daemon. Assim que possível, eu falaria com ele sobre isso. Ele disse que faria o que eu quisesse: que, se fosse para me esperar, ele esperaria; se eu não o quisesse, ele se afastaria. Céus! Como queria ficar com ele, mas estava temerosa de sofrer depois.

A campainha tocou. Eu não fazia a mínima ideia de quem podia ser, afinal, não tinha amigas ali – embora pudesse dizer que não as tinha em nenhum lugar, exceto dona Benta; passei tão pouco tempo com as meninas no clube do MC da Serpente antes de vir para Chicago que nem podia considerá-las como tal.

Abri a porta, deparando-me com um bando de mulheres entrando na sala e me deixando de pé à porta, os olhos arregalados.

Havia uma baixinha de cabelos anelados e sorriso doce. Seus olhos eram verdes. Estava com um vestido florido com uma jaqueta feminina por cima com a logomarca do clube e a frase "propriedade de Kill" estampada nas costas. Ao seu lado tinha uma garotinha de uns quatro ou cinco anos mais ou menos, cabelos encaracolados e bastante volumosos.

Propriedade? Quem define uma mulher assim? Os MCs e suas regras, pensei. *E os apelidos? Kill, Shadow, Daemon e tantos outros... Por que dão apelidos assim? Com certeza devem ser bons no que fazem.*

Também entrou uma loira fabulosa de olhos azuis como o céu vestida com jeans e camiseta com o mesmo logotipo, o que mudava era a frase: "propriedade de Hush".

Por último vi a ruiva de Shadow. Da última vez que nos vimos, ela estava meio fora de si em razão da separação que tiveram, mas fiquei feliz que os dois tivessem se entendido e estivessem felizes – assim esperava. Ele merecia. Evelyn tinha olhos claros, quase da cor dos de Daemon, mas um pouco mais escuros. Vestia a mesma jaqueta, mas com o nome de Shadow.

Pisquei, parecendo mal-educada por ficar encarando as quatro em vez de me apresentar.

— Oi, sou Isabelle, mas todos me chamam de Isy — disse a baixinha e apontou para a criança sorridente. — Essa é Bella, minha filha. Era para termos vindo conhecê-la antes, mas eu estava na casa da mãe do meu irmão, Axel.

— Eu sou Mary, e Evelyn e eu estávamos em Manhattan para o casamento de Bryan — disse a loira.

Eu tinha falado com Bryan alguns dias antes, e ele quis saber por que eu não fui ao seu casamento. Daemon estava perto e pegou o telefone, então explicou tudo que tinha acontecido. Bryan ficou preocupado e queria vir até nós, mas o tranquilizei e disse que estava tudo bem.

— Oi. — Sorri. — Estão procurando por Daemon? Ele não está aqui. Saiu para fazer alguns negócios que não sei do que se trata.

— Eu sei como é, Michael faz o mesmo que ele. *Segredos do clube*. Sempre ouço essa

frase quando pergunto algo. Os homens membros do clube não podem falar sobre o que é tratado nas suas reuniões na igreja — disse Isabelle, não parecendo gostar disso.

— Igreja? — Ri. — Desculpe, não consigo visualizar Daemon em uma...

Ela riu divertida. E não foi a única.

— Não é igreja onde rezamos, mas sim um cômodo onde eles fazem as reuniões do clube. Entrada proibida para qualquer mulher — explicou Evelyn. — Quando soube, eu também pensei que era onde rezávamos.

Por que esse nome? Por que simplesmente não usam "sala de reuniões? Bom, isso não é da minha conta.

— Isso é meio preconceituoso, não acha? Eles pensam que só os fodões sabem lutar e puxar o gatilho? — Sacudi a cabeça com um suspiro. — Que não conseguimos só porque somos mulheres e que só servimos para foder?

Evelyn riu.

— Gostei de você — afirmou. — Me faz esquecer nosso primeiro momento na minha casa.

— Vocês se conhecem? — sondou Mary.

— Sim, quando Dom e eu nos separamos, eu fui à casa dele e vi os dois juntos — respondeu.

Isy arregalou os olhos.

— Ficou com ele?! — indagou subindo a voz. E olhou para sua filha, que tinha ido brincar no cavalinho de Emma. Poucos dias antes, Daemon chegou com aquele cavalinho de brinquedo para ela. Pensem numa menina animada! Aliás, sempre que o cara chegava de algum lugar, trazia algo para ela; nunca vinha de mãos vazias.

Como não amar um homem desse?

— Não, eu não fiquei com ele, somos amigos, apesar de ainda estar com raiva dele por ter omitido de mim que disse ao Bryan que eu estava morta. — Trinquei os dentes.

— Você não vai querer bater no meu homem também, não é? — questionou Evelyn com os punhos cerrados como se quisesse me bater. — Aquele desgraçado bateu tanto nele que

tivemos que levá-lo ao hospital. Só não o matei porque Nasx me segurou.

Hospital? Merda, Bryan devia estar com muita raiva mesmo, mas não era para menos, o cara se culpou por um ano inteiro por algo que não era sua culpa.

— Não vou bater nele, embora mereça isso. Vocês querem tomar alguma coisa?

— Chá? — Isy inquiriu. As outras concordaram, e seguimos todas para a cozinha.

Assim que entrei, parei subitamente ao ver uma cena que fez meu coração bater forte. Na mesa da cozinha tinha um banquete. Frutas, pães, geleias e pasta de amendoim, que eu adorava. Daemon sabia disso, já que eu tinha comentado, mas não acreditava que ele tinha prestado atenção em minhas palavras.

— Uau, pela sua cara de choque, não foi você quem preparou a mesa, não é? — Mary riu parecendo meio chocada.

— Então foi Daemon? — indagou Evelyn de olhos arregalados.

— Minha nossa! — exclamou Isy. — Que amor!

Não consegui sequer piscar, quanto mais formular uma resposta, já que estava ali parada e de boca aberta. Então vi um papel na mesa. Peguei-o e li o bilhete:

Oi, gatinha. Você estava dormindo tão bem que não achei justo te acordar, mas fiz o café da manhã. Espero que goste. Até fui comprar manteiga de amendoim, porque sei que você adora.

Eu tive que sair, mas logo voltarei para você e minha ratinha.

Daemon

— Puta merda! Isso foi tão fofo! — gritou Isabelle espiando a carta por cima do meu ombro e me fazendo pular de susto.

Aquelas semanas ao lado de Daemon estavam se tornando as melhores da minha vida. Os momentos com ele eram doces. Isso dificultava minha resolução de resistir. Eu era como uma

drogada tentando resistir a um entorpecente.

— Daemon é assim em muitos momentos. — Enfiei a cartinha no bolso do short para guardá-la, porque adorei o gesto. Eu me sentia como uma adolescente ao receber um bilhete do garoto que gostava.

— Quando conheci Daemon, logo quando cheguei aqui depois de ter voltado... — começou Isabelle, falando que teve de se separar de Michael e que ficou fora por mais de quatro anos. Essa separação foi causada pelo antigo presidente do clube, que foi morto, e Shadow ocupou seu lugar. Também me contou que, para salvar Michael, Daemon entrou na frente dele e tomou uma bala na barriga.

— Você não viu as cicatrizes... — sua voz falhou, não de repulsa, mas de raiva. Eu apostava que era direcionada a quem havia feito aquilo com ele.

Eu vi as cicatrizes, não só as da pele dele, mas também as que atormentavam sua alma dia e noite. Contudo, calei-me quanto a isso. Adoraria vingá-lo.

— Queria pegar as pessoas que fizeram isso com ele e matá-las. Seu passado é um tremendo mistério. Eu soube que nem Shadow sabe o que aconteceu — falou Mary, ecoando meus pensamentos. Também notei que, pelo fato de eu ter conversado com dona Benta, sabia um pouco mais da história dele, porém, não o suficiente.

Respirei fundo, também controlando a raiva dos monstros que o haviam machucado. Uma ideia surgiu em minha mente. Eu podia pedir ajuda a Miguel. Ele com certeza saberia como encontrar uma pessoa. Eu me aliaria a um cartel só para entender Daemon? Sim, com certeza.

— Eu também. Só preciso conseguir alguém bom em rastrear pessoas para descobrir sobre Daemon e o que houve com ele. — Peguei um pãozinho e passei a pasta de amendoim, saboreando a refeição que Daemon fez com tanto carinho para mim.

— Lion é bom em rastrear pessoas. Ele é do MC da Serpente, o conheci há alguns anos, quando fui ao clube dele em Austin com Hush — Mary disse, sentando-se à mesa.

— Eu não acho que ele iria investigar algo e esconder de Daemon. Esses homens não escondem nada um do outro. — Evelyn franziu os lábios, pensando. — Que tal um investigador

particular?

Isy piscou e sorriu.

— Acho que sei quem pode nos ajudar. Mas vai custar uma nota. — Ela comeu um dos bolinhos. — Hummm, isso está uma delícia. Se foi Daemon que cozinhou, eu vou sequestrá-lo para fazer os meus em casa.

Ri diante disso.

— Eu também o sequestraria. — Bebi o chá.

— Mulher, você o tem todo para você. — Gesticulou para mim. — Aquele bilhete que ele deixou já mostra isso.

Decidi não entrar naquele assunto e focar em outro: encontrar a família de Daemon. Eu já sabia seu nome verdadeiro, então pesquisaria na internet. Talvez encontrasse algo.

— Podemos fazer uma vaquinha — falou Mary, também se servindo do banquete.

— Qual o nome dessa pessoa? Tenho algumas economias, posso usá-las. — Eu estava guardando o dinheiro para fazer um curso de moda, pois queria ser estilista. Assim que não corresse mais perigo, eu pensava em terminar meus estudos, então precisava de dinheiro. No entanto, usaria minhas economias para ajudar Daemon sem remorso, afinal, ele havia se prontificado a me ajudar e a me proteger. Quem faria algo assim por alguém que sequer conhecia?

— Luca. Ele é primo de Matteo, o *capo*...

Cortei-a, os olhos arregalados:

— A máfia italiana? Merda! Se não pagarmos, corremos o risco de ser mortas?

Evelyn sorriu.

— Não, ele é muito legal, jamais faria isso. Soube que é bom em rastreio de pessoas.

— É verdade — concordou Isy.

— Fechado. Vamos contratar esse homem. Tem o telefone dele?

— Não, mas vou conseguir. Matteo deve saber, vou perguntar a ele — Evelyn informou clicando no seu celular, certamente enviando uma mensagem para o chefe da máfia italiana em

Chicago.

— Então, o que está havendo entre vocês dois? — perguntou Isy enquanto comia.

— Quem? — fiz-me de boba.

— Você e Daemon. Desculpe ser assim, curiosa, mas ele é intenso e muito fechado, não se abre com ninguém. Sou muito protetora com ele, mais do que com os outros. Se machucá-lo, nós vamos ter contas a acertar.

Quase ri da ideia de machucar Daemon. Era justamente o contrário o que eu devia temer. Porém, pensei na dor que ouvi na sua voz quando eu estava quase dormindo e ele falou de sua mãe, que o havia machucado mais do que as feridas físicas.

— Vou fazer o possível — declarei, gostando de ver o amor fraternal daquela mulher pelo motoqueiro. Pude notar que ele era muito amado por todos, Lion, Blade e Bax. Tinha certeza de que os MCs Fênix também o consideravam assim.

— Nós o amamos — afirmou Mary. — Assim como todos os motoqueiros.

— Eu não sei bem o que está acontecendo conosco — admiti.

— Pode se abrir com a gente. — Isy olhou para as meninas, que assentiram, e continuou: — Eu sei que não nos conhecemos, mas vamos nos tornar melhores amigas — asseverou sorrindo e colocou a mão na barriga.

Eu nunca fui de me abrir com ninguém sobre a minha vida. Nunca houve alguém por mim de verdade, uma melhor amiga para eu chorar em seu colo, ter apoio e coisas assim. Então ouvir a verdade na voz daquela mulher me fez querer chorar, algo que raras vezes fazia na frente das pessoas.

— Vamos, sim. — Sorri.

— Isy, eu sei que seu estado faz você comer exageradamente, mas vamos maneirar, ou meu irmão vai surtar — falou Evelyn.

— Você é cunhada dela? — Olhei entre Evelyn e Isy. — Seu estado?

Ela sorriu de forma brilhante e tornou a acariciar a barriga.

— Sim, Evelyn é irmã de Michael. Sobre o meu estado? Estou grávida, então Michael fica

mais protetor do que já é. — Ela voltou a comer. Isso explicava a boa quantidade de bolinhos que estava ingerindo.

— Oh, meus parabéns! — felicitei-a com sinceridade.

— Obrigada, estou muito feliz com essa gravidez, ainda mais com Michael fazendo parte dela; da outra vez, ele não estava perto, então disse que estaria presente nessa gestação.

Ela contou mais detalhes sobre a separação e reencontro entre ela e Kill, informando ao fim que estavam juntos e mais felizes do que nunca.

— Berry era um tremendo rato de esgoto, e espero que esteja no inferno — grunhiu. — Por culpa dele, eu fiquei longe de Michael por anos, minha filha só conheceu o pai quando já estava grandinha e meu irmão sofreu e foi preso e espancado.

Eu me sentia assim com Black e esperava que alguém o matasse.

Como a cozinha era como uma ilha que dava para a sala, vi Emma indo na direção de Bella, que estava em seu cavalinho.

— Papai deu — disse com a mão no brinquedo.

Meu coração deu um solavanco ao ouvi-la chamando Daemon de pai. Não sabia o que fazer com isso.

— Emma, ele não é... — Levantei-me com a intenção de ir até a sala, mas Isabelle pegou meu braço.

— Deixe-a, Emília, afinal, ela não vai entender o que você pretende explicar — disse com delicadeza.

— O que faço? Ela está se apegando a ele. E se isso ficar pior? — sussurrei, encolhida.

— Daemon é fácil de amar e merece isso, porque, seja o que for que ele tenha passado, não parece que ele foi amado quando mais jovem. — Mary olhava para as crianças também.

Bella desceu do cavalinho e ajudou Emma a montar nele.

— Seu papai deu a você? — perguntou a menininha.

— Deu. — Emma sorriu.

— Deixe-as brincar e vamos conversar com Luca. Matteo enviou mensagem me passando

o número dele — disse Evelyn.

— Sim. — Isy pegou meu braço e me fez sentar novamente. — Luca com certeza vai encontrar respostas sobre Daemon. Foque nisso e não em algo que não pode mudar.

— Mas tenho medo de ela...

— Daemon não vai machucar nenhuma de vocês, ele não é capaz disso. Pode confiar — sua voz foi firme ao dizer isso.

Entretanto, eu não confiava, porque ele era imprevisível. As sombras e pesadelos que o acompanhavam o faziam fugir. Eu sabia disso porque agia igual a ele quando a situação se apertava.

Olhei para Evelyn, que parecia animada por ter conseguido o telefone do tal Luca. Eu só esperava que não me arrependesse depois de contratar um mafioso, mas era melhor ele a Miguel.

E se Daemon ficasse bravo ao descobrir que eu estava investigando a vida dele? Se ele não contava a ninguém, com certeza tinha um motivo forte para isso, não? Eu achava melhor não contar às meninas que sabia o nome e sobrenome verdadeiros de Daemon, pois talvez ele acabasse sabendo e ficasse furioso. Era melhor eu conversar diretamente com quem investigaria. Depois veria o que fazer.

— E se Daemon não gostar que estejamos investigando a sua vida? — era uma pergunta idiota, porque ele com certeza não gostaria.

— Michael me disse uma vez que Daemon é cercado de demônios e que, se ele não lutar com eles, nunca vai se libertar. E meu marido entende disso, porque guardava muitos deles antes de se abrir comigo e lutar contra. Agora ele está bem melhor em vista de como estava quando o conheci. — Isy deu um suspiro triste.

Talvez ela tivesse razão. Não custava nada tentar. E por que eu haveria de ter medo de Daemon? Isso era para o bem dele.

Evelyn ligou para Luca, enquanto eu mandava uma mensagem para Daemon. “Obrigada pelo café da manhã, estava lindo. É uma pena que você não estava aqui, ou eu faria um uso muito bom dessa pasta de amendoim, mas a passando em outra... coisa.” Enviei-a sorrindo.

Vamos ver o que vai fazer com isso, senhor Daemon, pensei.

Isabelle arqueou as sobrancelhas com curiosidade para mim, mas apenas dei de ombros.

— Mandou mensagem para Daemon? — Mary sorriu.

— Agradecendo a comida — comentei, colocando um dos bolinhos na boca para evitar algum comentário.

— Você fala com Luca, Isy. Se Dom souber, não vai gostar de me ver pedindo ajuda a um mafioso. — Evelyn entregou o celular a Isabelle.

Mary franziu a testa.

— Desde quando se importa com a opinião de Shadow sobre algo assim?

— Desde que ele apanhou de Bryan uma semana antes do casamento do cretino e ficou acamado por dias. Dom sofreu, então estou evitando deixá-lo preocupado ou irritado, por enquanto. Não sabe a raiva que senti ao ver meu homem ainda machucado enquanto assistíamos ao casamento do Bryan. O pior, Dominic parecia não ligar para a dor, só estava feliz por vê-lo se casando. Se eu vir Bryan na minha frente de novo, vou fazê-lo pagar — rosnou com os punhos cerrados. — Só não fiz nada no dia da cerimônia porque não queria estragar o casamento e a felicidade de Alexia.

Assim que visse Bryan, eu lhe diria que tinha uma leoa à solta querendo esfolá-lo vivo.

— Oi, sou Isabelle, a mulher de Kill — disse Isabelle, colocando a ligação no viva voz.

— Oh, sim, aquela baixinha esquentada que deu uma surra na minha funcionária — falou uma voz grossa e sexy.

— Lisa merecia muito mais por ter se metido com meu homem — rosnou ela.

Ele riu.

— Garanto que não foi por isso que ligou. O que posso fazer por você?

— Estamos querendo contratar seus serviços — respondeu ela, sentando-se na cadeira e colocando o celular sobre a mesa.

— *Estamos*? Ouvi o plural? Não acho que nenhum dos meus serviços favoreceriam a vocês. Quem mais está aí?

Suspirei.

— Eu sou Emília...

Ele amaldiçoou.

— Seja o que for que vocês queiram, eu não posso ajudar — respondeu com a voz estranha.

— Posso saber por quê? — perguntei confusa. — Pago o preço que for.

— Menina, eu não estou doido para tocar em você. Respeito Daemon e Miguel. Jamais faria tal coisa.

— Não estou falando para ficarmos juntos, seu idiota, não sou uma puta. Tenho dinheiro — grunhi com os dentes trincados. Em seguida arregalei os olhos. — Você disse Miguel? Então o conhece?

Ele pareceu respirar fundo por um momento.

— Olha, se você quer pedir algum favor, então peça a Miguel. Não posso fazer nada. Agora tenho que ir. — A linha ficou muda.

— Ele desligou na nossa cara? — sibilou Isabelle, depois me olhou de lado. — Esse Miguel é aquele que salvou você no posto? Michael me disse que ele é de um cartel mexicano.

— Sim. Esse mafioso é bem idiota. Como ousou sugerir que eu sou uma puta? — Cerrei os punhos, querendo quebrar a cara dele. Era uma pena que ele não estava ali.

— Luca é previsível, pensa muito em sexo — comentou Mary. Então franziu a testa. — Só não entendi por que temos que pedir o auxílio de Miguel e por que, por causa dele, Luca não vai nos ajudar; Daemon, eu até entendo, mas Miguel? Pelo que eu soube, você nem o conhecia.

— Eu também não ia aceitar os serviços desse mafioso de araque. — Cerrei os dentes.

Disse a elas que entraria em contato com Miguel depois. Isso me daria tempo para pensar se eu ia querer seguir em frente com aquilo ou não.

Ficamos a manhã inteira conversando e planejando uma festa de garotas em algum final de semana. Eu estava ansiosa por isso.



Capítulo 17

Daemon

Eu estava amando cada minuto que passava ao lado de Emma e Emília. Já tinha me acostumado com as duas, tanto que não queria sair mais de casa. Se eu pudesse escolher, passaria o tempo todo com elas, mas tinha de trabalhar, descobrir quem era Miguel na vida de Emília, além de continuar tentando encontrar Steve.

Eu estava tão esgotado que mal conseguia ir para casa, muitas vezes dormia no servidor mesmo. Entretanto, às vezes chegava tarde e ficava um bom tempo olhando Emília dormir no quarto de hóspedes. Não era só pelo seu shortinho curto e o top mostrando seu corpo lindo, mas por querer dormir ao seu lado. Era uma maldita tentação resistir a ela na maioria das noites, ao voltar para casa, mas resistia, afinal, não ficaria com ela até que pedisse e estivesse pronta, além de temer machucá-la se dormíssemos na mesma cama. Então a deixava dormir apenas com Emma. Eu tinha comprado uma caminha de solteiro com protetor para que a menina não caísse enquanto dormia, mas muitas vezes ela preferia ficar com a mãe.

Todas as noites, quando eu não ficava no servidor, eram assim: eu chegava tarde, as admirava um pouco, dormia algumas horas no meu quarto ou num dos sofás da sala e saía cedo, antes de Emília acordar, quando, na verdade, queria ficar com ela.

Naquela manhã de sábado, eu estava no servidor. Tinha deixado café da manhã pronto para Emília. Não sabia por que fazia isso. Talvez inconscientemente fosse porque não queria que ela partisse depois que tudo se resolvesse, como uma espécie de suborno? Até fui ao Centro comprar bolinhos e pasta de amendoim, pois sabia que ela adorava. Deixei tudo para que ela aproveitasse e fui trabalhar.

Estava pesquisando um cara suspeito em filmagens hackeadas de câmeras das ruas e

alguns estabelecimentos duvidosos de Nova Iorque quando uma mensagem chegou a mim, fazendo-me gemer. Por que Emília me enviava coisas assim? Não sabia o que fazia comigo? Merda! Meu pau estava duro só de imaginá-la fazendo o que escreveu na mensagem.

"Não devia brincar com fogo, gatinha; quem faz isso acaba se queimando." Escrevi e enviei, esperando que respondesse.

Voltei a conferir o cara e mandei as filmagens e locais para Bryan checar se era Steve mesmo. Parecia-se muito com ele, mas o filho da puta ficava mudando sua aparência para não ser reconhecido.

Tentei localizar informações sobre Miguel na *dark web*. Achei algumas coisas, mas nada que comprovasse quem ele era antes de entrar no cartel. Não tinham fotos dele em lugar nenhum... *Espere, aeroporto.* Entrei no servidor das câmeras do aeroporto de Chicago; se ele tinha vindo de avião, com certeza seu rosto deveria ter sido registrado, e eu precisava disso para buscar mais informações do passado dele.

Outra mensagem de Emília apareceu em meu celular, o que me fez rir e gemer. Assim ficava difícil trabalhar. "Gosto de brincar com fogo, não tenho medo de me queimar", a diabinha tinha escrito.

Porra! Eu estava ferrado com aquela mulher, mas ao mesmo tempo queria ficar ao lado dela, fazê-la feliz. Sabia que teria uma luta pela frente ao me envolver com ela, mas gostaria disso. Se no final fosse recompensado, seria bom, não? Com Emília e Emma na minha vida, a escuridão que eu sentia se aliviava. Eu sabia que não poderia tê-las só por isso, mas era boa a sensação de tê-las comigo.

Em vez de continuar trabalhando, respondi a mensagem: "Sabe o que eu faria se estivesse aí? Depositaria você em cima dessa mesa, abriria suas pernas e a devoraria, sentiria esse gosto de que tanto sinto falta."

Eu parecia um adolescente mandando mensagens para uma garota. O inferno devia estar congelando, porque nunca tinha feito nada parecido.

Esperei ela responder, mas isso não aconteceu, o que fez algo dentro de mim se apertar

com o medo de ter me excedido demais, embora fosse ela quem tinha começado com as provocações.

Enquanto Emília não respondia, chequei as câmeras do aeroporto na hora do desembarque de seu voo. Encontrei Emília e Emma perto de um rapaz alto, mas não vi seu rosto; era como se ele soubesse a localização de todas as câmeras e escondesse a face de propósito. *Maldito seja*, pensei amargo.

— Eu vou achar você e descobrir quem é — falei para mim mesmo, procurando em outras câmeras nas redondezas.

Meu telefone tocou. Até achei que fosse Emília, mas era Shadow.

— Olá, chefe. — Acionei o viva voz enquanto trabalhava averiguando as imagens mais a fundo.

— Daemon, que porra é essa de você ir enfrentar um chefe de cartel sozinho?! — sua voz saiu dura. — Acabei de chegar e descubro isso?!

Depois do casamento de Bryan e Alexia, Shadow e Evelyn tinham ido passar um tempo na casa da mãe dele, a dona Avana.

Praguejei.

— Como soube?

— Não estava pensando em me dizer? — retrucou com aço na voz.

Suspirei, escorando as costas na cadeira.

— Claro que eu ia falar, só estava esperando você chegar, não queria atrapalhar suas férias. E eu também precisava saber os motivos de um chefe de cartel matar alguns bandidos para proteger Emília e entregá-la a mim sã e salva. Sei do seu ódio pelos Lobos Solitários, então só estava tentando... — tentei arrumar o momento certo para dizer a ele.

— Descobrir se Miguel Sales estava envolvido ao que aconteceu com o Cobra? Merda, ele é um dos Lobos, o chefe deles agora. Sei que ele não estava envolvido, tive certeza disso quando peguei os que faziam parte e os torturei, mas ainda não confio nele — terminou a frase por mim.

Soltei um suspiro.

— Eu sei, mas ele a protegeu... — Precisava controlar os danos; Shadow furioso não era bom.

Ele me interrompeu:

— Ele pode estar querendo se vingar de nós, conseguir um jeito de chegar até mim.

Eu conhecia Shadow havia muitos anos. Amávamos como a um pai o mesmo homem, que foi tirado de nós por Hector, que estava morto e no inferno.

— Ele deixou claro que não liga para Hector e que está feliz por ele ter morrido. E não fomos nós que matamos o chefe deles, mas sim Nikolai. Se ele quisesse vingança, seria contra o cara, não contra nós. — Abri um e-mail que tinha acabado de chegar. Eu não era muito de olhar correspondência eletrônica, mas aquela era criptografada, só podia ser de quem eu estava esperando.

— Daemon...

— Só um segundo, acabou de chegar algo sobre ele, vou ler — pedi. Fiquei boquiaberto com cada palavra ali. — Puta que pariu!

— O que foi?

— Seu nome é Miguel mesmo, mas o sobrenome é Ávilla. Tem 26 anos. Seu pai é o Juiz Ávilla, que mora em Madri, sua mãe morreu há 17 anos após ter tido a sua filha roubada. Aqui diz que ela adoeceu e não conseguiu seguir em frente quando não achou a criança, que se chamava Emília Ávilla...

— Não vai me dizer que é o que eu estou pensando! — a voz de Shadow soou muito alta.

— Isso não é tudo. Miguel tinha nove anos na época e, conforme ia crescendo, só arrumava confusão, tanto que seu pai o colocou em um internato, mas, assim que completou 16 anos, fugiu de lá. Ele foi visto pela última vez indo para o México — eu falava enquanto lia. — Aqui também diz que ele procurava a irmã dele.

— Aí mostra como ele soube dela? Porque, se ele fosse mesmo seu irmão, aposto que teria matado o verme do homem que se dizia pai dela, não é?

— Quando estava falando com ele ao telefone, perguntei se sabia o que o pai dela tinha

feito. Miguel falou que só soube do paradeiro de Emília depois que eu já tinha matado o infeliz. — Suspirei. — Merda, ele a achou. Emília só pode ser a irmã dele... Porra!

— Daemon...

— É ela, Shadow, a bebê da foto é a cara de Emma, não tem como negar. Emília é a irmã de Miguel Sales, por isso o bastardo falou que os caras que a queriam descobriram quem Emília era para ele. Com certeza sabem que são irmãos. — Praguejei. — Por culpa dele, os Rodins estão atrás de Emília.

— Os Rodins?! Merda! Não me atualizaram sobre isso! — Shadow irou-se.

— Essa palavra descreve tudo. Isso não vai ficar bonito caso Miguel não resolva o que quer que os Rodins queiram com ele — meu tom saiu amargo. — Se isso vier para cima dela e de Emma, eu vou matar aquele maldito.

— Vai matar o irmão dela? E ela não ligaria para isso? — parecia uma pergunta retórica.

Suspirei frustrado, porque Emília se importaria, sim, com um irmão que não conhecia e que vinha procurando toda a vida por ela. Ela se fazia de durona, mas era frágil por dentro. Depois do acontecido no posto de gasolina, ela andava tendo pesadelos.

— Vou ter uma conversa com Miguel. — Eu não queria isso, mas era preciso, tinha de preencher algumas lacunas, e só ele poderia fazê-lo.

— Você não vai fazer nada até termos uma reunião essa noite — ele ordenou. — Então decidiremos o que fazer.

— Não estou dizendo que vou falar pessoalmente, mas pelo telefone — pronunciei passando as mãos nos cabelos.

— Agora só cuide de Emília. E, quando falo “cuidar”, eu quero dizer isso, Daemon, e não fo...

Cortei-o:

— Shadow, eu te respeito e levaria um tiro por você, mas não a desrespeite, ou vamos ter contas a acertar — rosnei, trincando os dentes.

Ele deu um suspiro exasperado.

— Não a estou desrespeitando, Daemon, por Deus! Acha que faria isso? Eu adoro aquela menina, ela é como uma irmã para mim, por isso quero que se mantenha longe dela.

— Acha que não sou bom para ela? — grunhi com meu peito apertado, sem conseguir respirar direito. Eu sabia que não era bom, por isso os vermes dos meus pais não me quiseram, mas era dolorido saber que meu irmão também pensava assim.

— Porra, Daemon, não é nada disso! Me deixa te fazer uma pergunta: você não ama Alexia? — sua voz saiu alta do outro lado da linha.

Antes que eu respondesse, ouvi um arfar atrás de mim. Olhei para trás e vi Emília de pé à porta com um pote de pasta de amendoim caído no chão à sua frente.

Nossos olhares se cruzaram por um breve momento antes de ela se virar e sair correndo.

— Daemon, o que foi? — inquiriu Shadow.

— Porra! — praguejei, levantando-me e corri atrás dela.

Emília

Eu estava animada para fazer uma surpresa ao Daemon depois que li sua mensagem. Inclusive acreditei que tinha gozado na calcinha ao ter a ideia, ou cheguei perto disso. Na hora, eu não sabia onde ele estava, mas então Isabelle ligou para o Michael, que disse que Daemon estava em uma casa chamada servidor, perto dali.

Isabelle me contou que lá era onde ele localizava todos que precisavam ser encontrados. Talvez estivesse buscando informações sobre quem era Miguel Sales. Eu adoraria saber quem era Miguel e seus motivos para ter me ajudado. Se Daemon fosse tão bom quanto diziam, ele descobriria isso. Assim eu torcia.

Eu sabia que Daemon estava trabalhando, mas precisava vê-lo após aquela conversa que tivemos por mensagens. Suas palavras me fizeram sentir molhada como quando ele me tocou em

Austin. Então fui procurá-lo na casa dos computadores com um pote de pasta de amendoim na mão; com isso, faria um trabalho excelente que Daemon nunca se esqueceria.

Isabelle havia me dito como ir até lá e informado que ele não deixava a porta trancada quando estava trabalhando. Ela ficaria com Emma para eu ter um momento a sós com Daemon.

Assim que cheguei ao local, deparei-me com uma pequena casa parecida com um chalé, mas não era de madeira, e sim de tijolos avermelhados. Entrei na sala pequena com um sofá em forma de L. Não parecia ter cozinha; havia um frigobar num canto do cômodo.

Ouvi vozes em um quarto que estava com a porta aberta. Era a de Daemon e outra que parecia com a de Shadow. Ele estava ali?

Fui até o cômodo e parei à porta, deparando-me com vários computadores e uma tela grande na parede. Daemon estava sentado de costas para mim. Li na tela o nome Miguel, mas o sobrenome ali não era Sales, mas Ávilla. Antes de eu perguntar o que era aquilo, ouvi a voz de Shadow através do celular, que devia estar no viva voz.

— Porra, Daemon, não é nada disso, mas me deixa te fazer uma pergunta: você não ama Alexia? — não parecia uma pergunta.

Ouvir aquilo foi como um soco no estômago; possivelmente doeria menos. Não entendi o porquê do aperto em meu peito ao ouvir aquelas palavras, afinal, eu sabia que ele a amava desde o princípio.

Assim que nossos olhares se fixaram um no outro, eu pude ver dor, mas também tinha algo ali que não decifrei. E não queria. Só me virei e saí correndo do lugar. Não queria que ele me visse do jeito que eu estava, porque me encontrava confusa demais por me importar com Daemon, por ficar com raiva do fato de ele ainda gostar de Alexia. Então era isso, eu tinha me iludido, idealizando uma mudança no nosso relacionamento nos últimos dias, talvez enganada pela falsa sensação de ter uma família ao ficar em casa com Emma e Daemon como se fôssemos um casal real.

Droga! Não podia deixar isso acontecer! Não quero viver assim, incomodada e sonhando com alguém que não posso ter!

Ele pegou meu braço.

— Espera, Emília, vamos conversar — falou meio ofegante por ter corrido.

Eu também estava arfando, embora não tivesse corrido muito; estava na varanda da pequena casa quando ele me segurou.

— Me deixa ir, Daemon, foi um erro eu vir aqui — falei sem olhar para ele e puxei meu braço, mas o idiota não me soltou.

— Maldição, Emília, não é o que pensa...

Eu o fulminei com o olhar.

— Não é o que penso?! Eu ouvi muito bem, mas não foi isso que me deixou assim, e sim o fato de que eu sei que é real, que você é apaixonado por ela, mas fico me iludindo, idealizando situações. — Sacudi a cabeça. — Acha que vou viver assim, na *friendzone*? Isso não é para mim. Agora solte a porra do meu braço!

— *Friendzone*? Que porra isso quer dizer?! — rugiu com os olhos duros.

— Quero dizer que não vou ficar com você, quando não pode esquecer a mulher que não pode ter. — Inspirei. Estava grilada por ele não ter notado os sentimentos que eu nutria por ele, tanto que não o queria pensando em outra pessoa, como também estava irada por sentir isso. *Porcaria!* Estava confusa demais.

— Você não vai embora assim! — Ele me pegou pela cintura, escorando-me na parede da varanda. Depois praticamente rosnou: — Agora vamos ter uma conversa.

— Não quero ouvir nada, só me deixa ir... — sussurrei.

— Você chegou aqui, ouviu um comentário aleatório de Shadow e logo ficou desse jeito, com raiva e me julgando sem ao menos me ouvir — ele falava através dos dentes trincados.

Fuzilei-o com os olhos.

— O que vai dizer? Que não a ama mais? Porque nós dois sabemos a verdade a respeito disso. Não estou só com raiva de você, mas de mim também por estar com raiva disso. Não era para eu estar assim, não quero me apaixonar por você! — gritei a última frase, com lágrimas nos olhos.

Ele encolheu os ombros.

— Acha que não sou digno de algo assim? Não sou bom como Bryan, é isso? — A ira brilhou em seus olhos.

Sacudi a cabeça, porque nunca havia pensado que ele não fosse digno de algo, na verdade Daemon era um cara legal. *Pena que ninguém escolhe quem ama ou deseja*, pensei.

— Não tem nada a ver com isso, mas sim com o fato de você gostar de outra pessoa! Não quero ficar com um homem que, quando estiver comigo, quando me foder, sua mente esteja em outra! Jesus, não quero esse tipo de vida, quero alguém que se importe comigo e só comigo!

— Acha que sou esse tipo de homem? — sibilou. — Que tocaria em você pensando em outra? Que, em todo esse tempo que passamos juntos, estava com Alexia na cabeça?

Ele parecia realmente estar com seus pensamentos em mim naquele momento, assim como os meus estavam nele. Porém, e depois? Eu sabia que não podia julgar o que ele pensava e sentia, mas era melhor cortar o mal pela raiz, criar uma ruptura.

— Eu acho que sim, porque ninguém manda no que sente, Daemon. Por isso que não me tocou, não é? Acho que para não se culpar depois. — Tentei socá-lo para me soltar, mas ele prendeu minhas mãos em ambos os lados de minha cabeça.

— Que porra você está dizendo? — seu tom soou mortal ao perguntar isso. — Eu ia ficar com você no dia seguinte, mas você simplesmente disse que não queria! Depois falou que precisava de tempo!

— Eu devia ter ficado longe de você após ouvir sua conversa com Alexia, acho que dizendo que não podia ir ao casamento dela. Não ouvi esse trecho, mas acredito que era isso que estavam falando, pelo trecho que ouvi! — cuspi a última palavra. — Como acha que me senti naquele momento?

— Emília... — sua voz estava fraca.

Interrompi-o com um rosnado.

— Eu que sou estúpida por ter vindo aqui. Ouvi o que não queria. Pensando bem, foi bom; assim não caio na maldita tentação que será minha morte. — Só queria ficar longe dele, num

lugar onde eu pudesse chorar sozinha.

— Morte? — Ele parecia engasgado.

— Me apaixonar por você. Eu odeio me sentir assim, odeio gostar de você, querer você, e isso não me faz bem! — Como ele me soltou, aproveitei e saí correndo dali, não querendo ver sua expressão.

Por mais que eu tivesse sido dura nas minhas palavras, era melhor ter acontecido naquele momento, porque, se deixasse aquele sentimento prosseguir e eu o perdesse mais para frente, seria destruída, e algo me dizia que seria impossível me reerguer.



Capítulo 18

Emília

O dia passou como um borrão. Não vi nada devido à minha dor e raiva de Daemon e de mim mesma. Não queria gostar dele, apenas se ele também nutrisse sentimentos semelhantes por mim. Se Daemon realmente me quisesse, desejasse ao menos fazer um esforço para nos dar uma chance, ele teria vindo atrás de mim, mas não veio. Era sinal de que não se importava comigo.

Fui ao Centro da cidade tentar inscrever Emma em uma creche que Isabelle me indicou, pois precisava conseguir um emprego, ou surtaria ficando o dia todo dentro de casa. Graças aos Céus consegui uma vaga, pois era um estabelecimento bem-conceituado. Ela começaria no dia seguinte.

Por sorte, ao lado da creche tinha um restaurante precisando de atendente. Não era uma loja ou confecção de roupas, mas servia. Era um trabalho digno e me ocuparia a cabeça para não pensar no que tinha acontecido com Daemon.

— Então está combinado, eu venho trabalhar amanhã cedo — falei ao homem que seria o meu chefe. Ele era alto, tinha olhos claros e estava vestido com um terno. Alex era dono do lugar, pelo que me disse.

— Irei te esperar, Emília — ele disse meu nome como se tivesse açúcar. Eu devia estar vendo coisas.

Deixei isso passar e voltei para a casa de Daemon, assim me prepararia para o próximo dia. Estava tão animada que nem sabia se conseguiria dormir à noite.

Aproveitei para faxinar e arrumar a casa, já que Daemon não estava ali e possivelmente eu teria pouco tempo a partir do dia seguinte. *Acho que ele não vai mais aparecer*, pensei amarga. Deixei o quarto dele por último.

Ao arrumar seu guarda-roupa, só vi camisetas escuras, calças jeans e botas pretas. Aliás, tudo naquele cômodo era escuro, como se Daemon quisesse dizer que era assim por dentro. Meu coração doeu por causa disso, pelo que ele pensava de si mesmo; queria descobrir uma forma de ajudá-lo, mas não sabia como fazer isso, se ele não me deixava entrar.

Dobrei todas as suas roupas, mas, antes de fechar o armário, vi um jornal velho. Nele tinha a imagem de um casal de uns quarenta anos mais ou menos. O homem se parecia com Daemon mais velho, a mulher tinha cabelos castanho-claros, e ambos sorriam, mas os olhos da mulher pareciam vazios. Eu não sabia o que estava escrito na manchete, porque era uma língua desconhecida, possivelmente turco, embora o alfabeto utilizado parecesse o latino, mas tive uma certeza: eles eram os pais de Daemon. Sabia disso porque se pareciam com ele fisionomicamente e pelo sobrenome que estava ali, Alakurt.

Precisava saber o que estava escrito naquele jornal. Como não podia levá-lo comigo para algum tradutor, peguei meu celular e tirei uma foto da página, depois guardando o periódico no mesmo lugar e do mesmo jeito. Só torcia para que Daemon não percebesse que alguém tinha mexido nele.

Já era noite, e Daemon não tinha voltado, mas isso não era surpresa; ele mal aparecia em casa, e, depois da briga na manhã daquele dia, era bem provável que aparecesse muito menos, talvez nunca mais enquanto eu estivesse ali.

Meu telefone tocou quando saí do banheiro.

— Alô?

— Emília, você e Daemon brigaram? — perguntou Isabelle com urgência.

— Tivemos um desentendimento, por quê? — *Será que ele foi falar sobre nós dois para alguém? Porque, se fez isso, eu irei matá-lo*, pensei.

Ela suspirou.

— Foi mais do que isso. Não sei como você não percebeu. Michael contou que ele destruiu a casa do servidor, chegou aqui no clube e começou a beber. Agora está chapado e não quis ir ao médico...

— Espere, médico? O que aconteceu? — minha voz se alterou, e corri até Emma, que brincava na sala.

Deu um suspiro triste.

— Acho que ele machucou os dedos enquanto quebrava sua casa de computadores, mas ninguém consegue tirá-lo da mesa para ir ao hospital. Michael tentou e levou uns socos na boca. — Ela trincou os dentes. — Se ele não estivesse bêbado, eu quebraria a cara dele.

— Estou indo pra aí — informei. — Só não diz que estou chegando.

— Por quê?

— Talvez ele não queira me ver.

Desliguei e fui com Emma para o clube em meu carro, que Miguel havia entregado, como prometido, assim como minhas roupas. Eu não tinha ido ao MC ainda, mas, como já era o período noturno, talvez tivesse sexo ao vivo lá, como no MC Scorpion. Eu esperava que Daemon não estivesse com nenhuma mulher, ou eu seria capaz de quebrar a cara dele sem que Isabelle precisasse fazer isso.

Eu me senti confusa durante todo o caminho. Por que ele tinha quebrado a sua outra casa e o pior, se machucado no processo? Como ousava se machucar só por que havíamos brigado?

Estacionei meu carro à porta do clube, mas não ouvi som alto. Aliás, sequer parecia ter expediente, só para os MCs do local mesmo, pois não havia carros ali, só umas poucas motos.

Peguei Emma e me dirigi para a entrada, mas vi Isabelle à porta, um tanto ansiosa.

— Onde Daemon está? — Olhei para a porta, que estava aberta.

Ela suspirou.

— Lá dentro. Me deixa ficar com Emma, assim você lida com ele. Mas tem certeza de que quer...

— Deixa comigo. — Coloquei Emma no chão, de pé. — Fica com a tia Isy, tudo bem?

— Sim, mamãe.

Deixei-a ali e entrei no clube, onde alguns MCs estavam bebendo, outros, olhando com preocupação para Daemon, sentado à mesa com várias garrafas vazias à sua frente. Uma loira foi

até ele e segurou seu braço. Contudo, antes que eu pudesse ficar com raiva e a afastar, Daemon se esquivou da mulher.

— Não me toque! Se ela não pode me tocar, ninguém mais pode — rosnou, virando outra dose de bebida.

— Daemon...

Fui até eles e olhei para a loira de corpo lindo – se bem que algumas coisas ali não eram naturais, mas eu não julgava as pessoas que queriam mudar o corpo; só não gostei de vê-la perto de Daemon.

— Ele disse que não está a fim; agora vaza — rosnei com ácido na voz.

Ela me olhou, depois para Shadow e para um cara barbudo e cabeludo. Pela aparência, era Kill, como alguns o chamavam, o marido de Isabelle.

Shadow assentiu para a mulher, que saiu. Depois falou:

— Achei que, se trouxesse uma mulher aqui, conseguiria fazê-lo sair e parar de beber. — Sua expressão estava preocupada.

Segurei minha língua para não falar besteira e, de repente, fui puxada para frente e quase caí em cima de Daemon. Arfei.

— Por que você disse que eu não sou bom o suficiente para você? — sussurrou com o rosto na minha barriga por cima da blusa.

Olhei para baixo, e seus lindos olhos cor de uísque me encaravam com tristeza. O tormento era evidente ali, em suas feições belas. Eu o havia deixado assim? Merda, eu não tinha a intenção.

Ouvi Shadow pedindo a todos no salão que nos deixassem sozinhos. Isso era bom, menos espectadores.

— Vamos conversar, mas primeiro vou ver como está sua mão, se precisa de médico — comentei com um suspiro preocupado.

— Estou bem, não é nada com que eu não possa lidar — disse apertando mais o braço ao meu redor.

— Não perguntei se você pode lidar, eu sei que pode, mas preciso da opinião de um especialista, tudo bem? — pedi e alisei seu rosto.

— Não quebrei meus dedos, eles só estão machucados. Olhe... — sua voz estava grogue por causa do estado ébrio. Ele me mostrou suas mãos e flexionou os dedos. — Viu? Não estão quebrados.

Vi feridas em sua pele, e meu coração doeu por isso.

— Como pôde fazer isso? — sussurrei com a garganta apertada.

Ele tocou meu rosto.

— Não fique triste — sussurrou.

— Por que fez isso, Daemon? Com suas mãos? Essas mesmas mãos que estão me tocando agora. Por isso sentiu a necessidade de se ferir? — inquiri com dentes trincados.

Ele se encolheu.

— Você disse que odeia gostar de mim, e é o mesmo que me odiar. Disse que me amar seria como a morte... — sua voz falhou no final.

Arregalei os olhos.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu disse que me apaixonar por você quando pensa em outra seria como morrer; tem diferença. — Eu não tinha especificado isso? Merda, na hora estava tão cega de raiva e dor que não pensei direito. Então era minha culpa ele ter se machucado. Senti-me como uma vadia sem escrúpulos.

No fundo, dizer que odiava aquele sentimento por ele era demais, porque odiar era algo forte. Eu não fazia isso, estava só com medo de sofrer.

Daemon sacudiu a cabeça.

— Não penso nela assim, não desde que toquei em você naquela noite. — Ele cheirou minha barriga, sobre a pele, pois a blusa tinha se erguido um pouco. — Sua pele é tão linda e macia, sinto falta de tocá-la.

Meu coração deu um solavanco forte, atingido por um pequeno raio de esperança.

— Não pensa? Jura? Não sei se posso confiar em alguém bêbado e que praticamente

amanhã não vai se lembrar de nada do que estamos falando.

— Nunca me esqueço de nada quando bebo; agora não vai ser diferente — garantiu com firmeza. — Não tem como eu esquecer nada de você. Nunca.

A verdade estava em cada linha de seu rosto. O que fazer? Deixaria o medo de lado e me arriscaria? Se eu não corresse o risco, nunca teria certeza do que poderia acontecer.

— Tudo bem, então vamos para casa...

— Casa? Não vai me deixar? — sondou com preocupação.

— Não vou, eu prometo. — Peguei suas mãos. — Vamos, porque preciso cuidar delas.

Ele tentou se levantar, mas quase caiu no chão.

— Merda! Acho que dessa vez extrapolei na conta — murmurou com um suspiro.

— Você? Imagina!

— Precisam de ajuda? — questionou Shadow chegando até nós. — Me deixa ajudar você com esse cara.

— Obrigada — agradeci assim que ele me ajudou a colocar Daemon no carro.

— Quer que eu vá para ajudar você a levá-lo para dentro de casa?

— Seria bom, já que o cara deve ter de noventa a cem quilos só de músculo. Além disso, preciso pegar Emma.

— Isy a levou para a casa dela com Kill. Achei melhor que a menina ficasse com eles hoje enquanto você toma conta dele. Mas posso buscá-la se você quiser.

Isabelle era gente boa, bem como Michael, não havia motivos para eu não confiar em que eles cuidariam muito bem da minha filha, apesar de meus problemas com confiança.

— Tudo bem, mas amanhã vou ter que acordá-los cedo para pegá-la. Eu consegui uma vaga numa creche para ela e preciso trabalhar — informei.

— Trabalhar?

— Sim, consegui serviço no Centro, em um restaurante.

Ele assentiu.

— Então Ash vai acompanhá-la até o lugar. Não podemos correr o risco de ter alguém

atrás de você, tanto do Black quanto do Cartel dos Lobos Solitários, já que não sabemos o que eles querem de fato — declarou ele com um suspiro. Era impressão minha ou ele tinha desviado os olhos dos meus ao falar a última frase?

— O que vocês estão cochichando aí? — perguntou Daemon abrindo a porta do carro. — Não dê em cima de Emília, Shadow, ela é minha.

Shadow revirou os olhos.

— Já sou casado, cara, então você não precisa competir comigo.

Ele bufou enquanto entrava e se sentava no banco do motorista. Eu fui atrás com Daemon, bêbado. Ele colocou a cabeça no meu colo.

— Você é tão linda, tão brilhante como ela — disse com expressão quase pasma.

Por um momento, achei que estivesse falando de Alexia; se fosse, eu o chutaria para fora do carro.

— Quem? — sondei, mas não queria saber de fato. Fitei-o, vendo-o observar através da janela.

— A lua. Ela está brilhando tanto... Você é assim para mim, leva a escuridão para longe. — Suspirou, beijando minha barriga. — Não quero ficar longe de você.

— Não precisa ficar. — Minha respiração estava desigual com a intensidade na voz dele.

— Mas, assim que souber, vai me odiar e ter raiva de mim — murmurou. — Eu sou um assassino.

Pisquei. Claro que sabia que o homem já havia matado pessoas, mas não acreditava que eram inocentes.

— Não me importo — assegurei com firmeza. — Você não mata pessoas inocentes.

— Eu matei o verme que tocou em você. Nunca me arrependi por eliminar pessoas assim, mas, com relação a ele, fiquei temendo que você me odiasse — disse com um suspiro e apagou.

Shadow praguejou.

— Ele se culpa por matar aquele miserável de merda. — Ele olhou para Daemon, dormindo no meu colo. — Quando eu lhe falei há alguns anos que tinha encontrado uma garota

cujo próprio pai maltratava... — ele hesitou — no final, eu perguntei a ele se podia resolver esse problema e dar ao maldito o que ele merecia. Daemon se prontificou para o trabalho, mas acredito que, se soubesse que conheceria você no futuro, teria deixado Kill fazer o serviço.

Eu tinha certeza de que aquele homem maldito estava morto, mas achei que tinha sido obra de Bryan ou Shadow, jamais de Daemon.

— Não o culpo por ter feito isso. — Alisei sua testa, tendo certeza de que ele não acordaria tão fácil. — Aliás, estou grata por ele ter eliminado aquele pedaço de merda. Assim não fará a mais ninguém o que fez comigo.

— Eu sei disso, você sabe, aliás, todos parecem saber, menos ele. — Olhou para nós dois através do retrovisor — Daemon precisa encarar o passado, ou nunca vai ser feliz no futuro.

Pisquei, lembrando-me de uma coisa. Não sabia se podia confiar em Shadow, mas logo pensei que sim, afinal, ele queria o bem de seu amigo, assim como eu.

— O que acha de pesquisar sobre a vida dele? Tipo, informações sobre o que aconteceu com ele quando mais jovem.

— Você está falando sobre investigar o passado dele? Nem com Bax, que é mais próximo dele, Daemon se abriu...

— Mas tem outras formas de buscar o que aconteceu, não é? — falei, depois encolhi os ombros. — Ele precisa encarar isso, ou não sei como vai terminar.

— Não foi por isso que Daemon surtou hoje, quebrando aquele maldito lugar que ele ama. Ao que parece, vocês brigaram.

— Eu sei, mas às vezes fugir não é a solução. Lembra o que aconteceu comigo? Deixei Bryan pensando que seria o melhor, mas, no fundo, aquilo só serviu para feri-lo. — Gesticulei para ele. — Você também deve ter feito coisas horríveis para pagar a dívida dele.

— Bryan é como um irmão, e não me arrependo de nada do que fiz por ele. — Sua expressão estava mortal. — Só odiei vê-lo afundando pelo que pensava que tinha acontecido com você.

— Por que fez isso então? Poderia ter dito a verdade a ele, ou a mim; teríamos encontrado

uma forma de resolver isso sem dizer que eu estava morta. — Encolhi-me.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não tinha outra forma. Se Bryan soubesse que estava viva, iria te encontrar e a levaria consigo, com risco não só para a vida dele, mas para a sua e a de Emma. Eu precisava conseguir uma forma de fazer vocês duas terem uma vida sem perigo. — Respirou fundo. — Sei que é difícil aceitar o que fiz, mas estava pensando na segurança de vocês três.

— Por isso não passou meus recados ao Bryan? Toda vez que eu mandava um, você dizia que passaria para ele, mas nunca repassou, não? — Sabia o porquê, mas ainda sentia raiva, pois, no processo, Bryan e eu sofremos. Entretanto, eu apostava que Shadow também tinha sofrido. — Ele o perdoou pelo que fez? Soube por Evelyn que você levou uma surra. Ela me disse que, quando o vir novamente, vai fazê-lo pagar.

— Evelyn é uma força da natureza, acho que por isso me apaixonei por ela. — Riu e depois ficou sério. — Mas tive do Bryan o que mereci. Como também de Jason. — Suspirou e me olhou. — E você vai me perdoar, ou deseja me bater também?

Sorri.

— Pensei em chutar sua bunda, mas Evelyn disse que ninguém vai tocar em você, não antes de passar por ela. — Sacudi a cabeça. — Aquela garota parece te amar muito.

— Sei que ela ama — afirmou orgulhoso. — Não sei o que viu em mim, não a mereço.

— Ninguém fica com uma pessoa por outro motivo que não amor, Shadow.

— Você amava Bryan na época? Falo romanticamente. Ou ainda ama? — Ele me avaliava pelo espelho.

— Amar? Nunca fui apaixonada por Bryan, apenas o amo como um irmão mais velho que nunca tive, assim como gosto de você — declarei.

Ele pigarreou, e algo brilhou em seus olhos quando mencionei a palavra “irmão”, mas foi tão rápido que logo sumiu.

— Devia dizer isso para Daemon, porque o cara acha que você é apaixonada pelo Bryan e que o acha melhor que ele, até disse que você mesma mencionou que ele não chegaria aos pés de

Bryan. Falou isso? Porque ele ficou dizendo que era um merda e que você ia embora e o deixaria.

Arregalei os olhos.

— Merda, eu disse isso quando o conheci, mas estava grilada com Daemon na época. Não penso que ele seja pior que Bryan. Não achei que isso o afetaria, aliás, nem estava pensando quando mencionei algo assim. — Meu peito doeu ao saber que o que eu disse o feriu de alguma forma. — Amanhã vou conversar com ele, explicarei tudo.

Ele assentiu.

— Seria bom mesmo saber mais sobre o seu passado para poder tentar ajudá-lo de alguma forma a fazê-lo seguir em frente, mas...

Cortei-o:

— Você também precisa seguir em frente; eu soube do que aconteceu com Cobra, o seu amigo, dona Benta me contou. Disse que não a visita há anos, só telefona. — Suspirei. — Sei que não é da minha conta, mas me meto, já que também se meteu na minha vida. Vá fazer uma visita, Shadow, ela sente sua falta.

Ele ficou em silêncio por um tempo, tanto que achei que não responderia.

— Assim que puder, eu vou visitá-la. Prometo.

— Ela ficará feliz em vê-lo.

— Eu sei. — Suspirou e retomou o raciocínio de antes de eu o interromper: — Sobre procurar o passado de Daemon, não posso simplesmente concordar; isso seria uma traição.

— Ninguém está dizendo para você fazer isso. Sou eu que vou pesquisar acerca do passado dele. Só preciso arrumar alguém bom. Eu e as meninas íamos contratar o Luca, mas o cara é um bastardo arrogante.

Shadow arfou.

— Vocês foram procurar Luca? — seu tom soou um tanto alto.

— Nós só queríamos ver Daemon bem, sem seus pesadelos e tormentos — argumentei. — E foi através de telefone.

Ele suspirou.

— O que Luca respondeu?

— O babaca disse que não vai contra Daemon e Miguel.

— O chefe do cartel?

— Sim. Não sei por que Luca disse isso. Será que ele conhece Miguel? Será que têm negócios juntos?

— Não sei — respondeu. Eu não soube por que, mas não confiei no tom de sua voz.

Aqueles caras, mesmo não se dando bem, ainda obedeciam a alguma lei idiota de não abrir o bico em relação a nada que dissesse respeito aos outros. Bem, eu lidaria com aquilo no próximo dia, depois de cuidar de Daemon.

— Só peço que não faça nada sem falar com Daemon — pediu. — Se ele quiser que saibamos sobre seu passado, vai nos dizer.

Não disse nada, mas sabia que não podia abandonar meu propósito, precisava fazer alguma coisa.

Ele resmungou.

— Eu sei que não vai deixar isso quieto — disse como se tivesse lido minha mente. — Então, para que não vá atrás do chefe do cartel, vou te indicar um cara. Ele é bom em localizar pessoas.

— Qual o nome?

— Me dê seu celular. — Estendeu a mão esquerda para mim, e eu entreguei o aparelho a ele, que estacionou no acostamento apenas para clicar algumas teclas. Entregou-me o telefone antes de voltar a dirigir.

— Seu nome é Samuel, ele trabalha para o *capo*. O cara é bom no que faz, vai descobrir tudo sem ao menos sair da cidade — falou com um suspiro frustrado. — O que eu disse aqui, morre aqui; não quero problemas com Daemon por dar essa informação a você, porque já bastam os que eu tenho com Bryan e Jason.

— Tudo bem, obrigada.

— Essa merda toda pode ajudar Daemon, ter seu encerramento com o passado. Mas corre o risco de piorar.

Eu sabia que ele tinha razão quanto a isso, mas correria o risco, mesmo sabendo que Daemon poderia nunca mais querer olhar para a minha cara assim que soubesse o que eu pretendia fazer.



Shadow me ajudou a levar Daemon para dentro de casa e foi embora. Fiz curativos em suas mãos, que não tinham cortes profundos, apenas alguns arranhões. Ainda bem! Eu me sentia culpada por ele ter se ferido.

Tirei as roupas dele, deixando-o só de cueca. Também tirei as minhas e me deitei ao seu lado. Sabia que podia correr algum risco de ele acordar no meio da noite e surtar; se ele não dormia com ninguém, então devia ter um motivo. Eu acreditava que podia ser esse.

Fitei seu rosto lindo e tirei umas mexas de cabelo que caíam sobre suas pálpebras fechadas. Aproximei-me devagar e me curvei, roçando meus lábios onde ficavam suas cicatrizes no peito, fazendo o possível para não o acordar.

— Eu vou encontrar quem fez isso com você, prometo — jurei com os olhos molhados e apoiei de leve o rosto em seu tórax. — Vou fazê-los pagar.



Capítulo 19

Emília

Acordei cedo, bocejando de sono, pois demorei a pregar os olhos durante a noite pensando em Daemon. Tinha de pegar Emma na casa de Isy e arrumá-la para levá-la até a creche, então me ajeitar para ir trabalhar. Não podia chegar atrasada no meu primeiro dia de trabalho. Depois do serviço, ligaria para o cara cujo número de telefone Shadow havia me passado.

Olhei para o lado e vi Daemon ali, sem camisa e calça. A visão dele assim fazia minha boca se encher de saliva com a vontade de provar cada centímetro do seu corpo. Não queria acordá-lo, então me mexi para sair de fininho, mas, assim que ia me levantar, suas mãos me pegaram pela cintura e me deitaram de volta na cama. Seu corpo pairou em cima do meu.

Arfei ao ver sua expressão.

— Daemon...

— Nós transamos ontem? — perguntou ele. — Eu nunca esqueço de nada quando bebo, mas acho que nunca estive tão chapado quanto ontem e não queria... que fosse assim a nossa primeira vez juntos.

Toquei seu rosto.

— Não transamos. Não acho que seu membro precioso ia levantar um centímetro — tranquilizei-o.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Meu pau é precioso? — Sorriu um pouco e depois ficou sério. — Fiz alguma besteira ontem? — Ele se sentou na cama e colocou a mão na cabeça. — Não me lembro de muita coisa, só de beber após...

— Eu não quis dizer o que disse, apenas estava com medo de sofrer por amor. — Afastei-o

e me sentei à sua frente.

Ele chegou mais perto de mim e beijou meu rosto.

— Não vai, eu prometo. Só não me afaste de você. — Ele me deitou e pairou sobre mim novamente. — Naquele dia, quando eu falava com Alexia dizendo que precisava de tempo e que não ia ao casamento dela, já estava confuso com o que eu estava sentindo por você. Gostei da sensação, por isso queria ficar mais ao seu lado. Mas, seja o que for que tenha pensado, não fiquei com você pensando nela, somente em você. E não devia ter me dito para esquecer o que tivemos. Como se fosse possível.

— Então você quer mesmo tentar descobrir o que vai acontecer entre nós dois? — Aproximei meus lábios dos seus e os contornei com a língua. — O que pensa em fazer agora? Estou muito quente e molhada. Vai se afastar de mim?

— Molhada? Preciso checar. — Ele colocou a mão entre minhas pernas por baixo da calcinha e esfregou meu clitóris. — Sim, malditamente encharcada. Mas, antes de prosseguirmos, quero que saiba que, se ficarmos juntos agora, não vou abrir mão de você e não a deixarei fugir ou se afastar.

— Estou contando com isso. — Ofeguei, puxando sua boca para a minha e o beijando com fome. Estava louca por isso havia muito tempo.

Segurei seus braços e os apertei assim que ele circulou meu feixe de nervos latejante. Gritei, mas sua boca abafou o som, embora eu não me importasse se ouvissem na maldita lua. Só queria aquele homem naquele instante.

— Eu quero você agora! — Abri mais minhas pernas para ele se encaixar ali, quadril com quadril. Remexi-me, fazendo-o gemer, e o senti duro na minha entrada.

— Se as coisas...

— Não vai acontecer nada, porque eu estou pronta — garanti com firmeza. Não passaria mal como da outra vez, porque estava mais do que certa em ter aquele homem.

— Tem certeza? — Checou, beijando meus lábios, e foi pegar uma camisinha assim que assenti.

— Sim, estou ótima e louca para ter esse corpo sexy.

— Sexy, hein? — Sorriu enquanto colocava o preservativo. E se encaixou de novo entre minhas pernas. Pude senti-lo duro e pronto.

— Sim, muito, mas vê se não fica convencido com isso ou retiro o que disse. — Alisei seus cabelos, trazendo sua boca até a minha e a devorando conforme ele me penetrava centímetro por centímetro, mas parou quando chegou ao final.

— O que está sentindo? — sondou, avaliando minha expressão.

Céus, eu pensava que o sexo seria bom, claro, mas com aquele homem era fenomenal. A minha primeira transa com consentimento estava sendo perfeita, porque senti que não estávamos fodendo, não como os caras do clube que eu tinha visto em Austin; com Daemon era mais lento, mais intenso. Aquilo era fazer amor, mesmo que ele nem tivesse se movimentado ainda.

— Nas nuvens. — Sorri. — Pode se mexer, eu estou mais do que bem, Daemon.

— Se você...

— Eu prometo que direi a você se por acaso começar a surtar. Mas estou bem mesmo, Daemon. — Era verdade. E eu estava adorando vê-lo preocupado comigo e muito feliz sentindo seus carinhos, seu toque, seus beijos. Era maravilhoso.

— Estava louco para tê-la! — sussurrou com ardor, movimentando-se e indo mais fundo, fazendo-me ofegar e gemer. — Ouvir esse som quando tem meu pau enterrado em sua boceta maravilhosa.

Ouvir sua voz crua e cheia de luxúria me fez gemer mais alto e por fim gritar a cada estocada que ele dava em mim.

— Merda, isso é tão bom! — gritei enfiando minhas mãos em seus cabelos.

Ele rosnou e acelerou mais os movimentos, então colocou a mão entre nós, esfregando meu clitóris.

— Eu estou...

— Sim, gatinha, goza no meu pau! — grasnou, beijando meu pescoço e o mordendo de leve.

Sua ordem foi como um tiro entre minhas pernas. Explodi chamando seu nome. Ele veio logo em seguida, gritando por mim. Beijou minha boca até parar de tremer.

— Estou até mole. — Beijei seus lábios e de repente notei algo. — Você escovou os dentes.

— Sim, acordei e precisava tirar o gosto amargo da boca — respondeu e me fitou. — Dormimos juntos! — Ele parecia um tanto chocado e preocupado.

— Acho que isso resume tudo — falei me mexendo debaixo dele e o fazendo gemer, mas sabia que ele estava se referindo a outra coisa.

— Estou dizendo sobre dormirmos na mesma cama — sussurrou. — Acordei assustado e chequei para ver se havia machucado você. Por que você dormiu comigo sabendo que era perigoso?

— Não sei, só não conseguiria dormir em outro lugar, precisava ficar perto de você, cuidar de você. — Alisei seus cabelos macios; adorava fazer isso.

Queria perguntar o que tinha acontecido com ele para ficar assim, mas me calei; sabia que não me diria nada.

— Obrigado por não correr de mim. — Ele me deu mais um beijo e saiu de meu interior, indo ao banheiro para tirar o preservativo.

Ri.

— Querido, nenhuma mulher em sã consciência correria de você. É mais fácil agarrá-lo. — Fui para o banheiro tomar banho. Precisava ir pegar Emma. Teria que levar as coisas dela e levá-la para a creche da casa da Isabelle mesmo.

— Onde está a minha princesa? Acordei cedo, como sempre faço na hora de ela mamar, mas não a vi — ele questionou, entrando no chuveiro comigo. Pegou a esponja e a passou em meu corpo, fazendo-me estremecer.

— Daemon, eu tenho que ir trabalhar e levar Emma para a creche. Ela está com Isabelle. — Peguei a bucha de suas mãos. — Agora me deixa, que eu tomarei banho sozinha, ou vou chegar atrasada no meu primeiro dia de trabalho.

Ele franziu a testa.

— Creche? E você arrumou um serviço? Por quê? Você não precisa...

— Preciso, sim, Daemon, sou uma mãe solteira — informei, enxugando-me e saindo do banheiro.

Ele vestiu suas roupas de motoqueiro fodão, jeans e camisa pretos, jaqueta de couro e coturnos.

— Solteira? — seu tom saiu meio estrangulado.

Eu o fitei e vi que estava de olhos arregalados.

— Droga, Daemon, não é hora de discutirmos coisas complicadas. — Saí do quarto, enrolada na toalha e indo para o outro quarto.

— E quando será a hora então? O que somos, Emília? — perguntou, seguindo-me.

Seu telefone tocou. Ele amaldiçoou ao ler a mensagem.

— O que foi? É algo com Emma? — sondei preocupada.

Ele me fitou parecendo realmente apreensivo.

— Bryan vai para Moscou a trabalho e precisa garantir a segurança de Alexia e Ariane. Então está me pedindo que eu vá para Manhattan — disse assim que eu estava vestida com jeans e camiseta de alças finas, avaliando-me.

Suas palavras foram como um balde de água fria em minha felicidade. Eu estava em completo êxtase após termos ficado juntos. *Maldição!*

— Tudo bem, não precisa dizer aonde vai e o que fará, Daemon, não somos casados de verdade, nosso relacionamento é apenas temporário — praticamente cuspi.

— Emília...

Saí do quarto e fui para a sala, não querendo ouvir mais nada; precisava ficar longe dele.

— Eu disse que está tudo bem, você é livre e desimpedido.

Ele me seguiu e pegou meu braço.

— Maldição, Emília, quer parar de andar e conversar comigo? — rosnou.

Eu expirei, tentando me controlar. Não queria chorar na frente dele, não quando ele ia

embora para ficar com Alexia.

— Não precisamos conversar, Daemon, esse tempo longe será bom para nós...

Ele me interrompeu:

— Que porra está querendo dizer?! Nós quem?! Você?! — sua voz soou alterada. — Há uns minutos, meu pau estava dentro de você, agora não quer me deixar terminar de falar e quer sair correndo?

Fiquei à sua frente e o encarei, não deixando transparecer o aperto em meu coração com a ideia de ter que me afastar dele, mas sabendo que seria o melhor para todos nós, ainda mais quando ele estaria a quilômetros de distância, perto da pessoa que ele amava. A quem eu estava tentando enganar? Eu enlouqueceria com essa merda!

Por um breve momento, achei que o que tinha acontecido entre nós havia alguns minutos nos conectaria, mas estava enganada. Era bom demais para ser verdade.

— Emma está se apegando rapidamente a você, Daemon. Não posso deixar isso acontecer.

A dor foi visível em seus olhos, fazendo-me encolher por dentro.

— Você não pode deixar? — Ele engoliu em seco.

Sacudi a cabeça.

— Não...

Ele gritou com as mãos na cabeça. Então me olhou parecendo torturado.

— Acha que não sou bom o suficiente para vocês? Que não passo de um criminoso assassino? — seu tom saiu amargo.

Pisquei.

— Não é o que você é, Daemon. Sei que não tiraria a vida de alguém que não precisasse tirar e não culpo você por ter eliminado o maldito que me tocou...

Ele ficou petrificado assim que eu disse isso.

— Eu...

— Não ligo que ele esteja morto, porque quero que o infeliz apodreça no inferno. Isso não me incomoda. O que me incomoda é o fato de eu não fazer parte da sua vida de verdade. Você só

está me protegendo porque Bryan pediu — murmurei.

— É isso que acha? Que estou protegendo você porque Bryan cobrou uma dívida? Eu a trouxe para a minha casa e transei com você; acha que faria isso com alguma outra mulher só porque alguém pediu a mim para protegê-la?

Assenti, ignorando a amargura em seu tom.

— Sim, afinal de contas, vocês são amigos, e você é dado a sacrifícios por seus amigos. — Lembrei-me de Isabelle me dizendo que ele tinha levado um tiro por Michael.

— Então estou me sacrificando ao foder você? — Ele riu expressando incredulidade. — Não acredito nessa merda!

— Daemon, Miguel me garantiu que vai cuidar de Black e de quem quer que esteja atrás de mim...

— Então acredita em um miserável chefe de cartel ao invés de em mim?! — sua voz se alterou.

— Não é o caso de acreditar, Daemon, mas é fato que logo vou ter minha vida, uma que nunca tive. Vou ter que ir embora com Emma, e isso vai destruí-la se ela estiver mais apegada a você do que já está — sussurrei. — Ontem, Bella estava no cavalinho que você deu a Emma, e logo ela falou que foi o pai dela que lhe deu. Você não vê? Ela te chamou de papai.

— E o que tem isso? Eu que a ensinei a me chamar assim, porque a quero como minha filha.

— Você? — Arregalei os olhos. — Mas por quê, se não pode ser...

— O quê? Ser o pai dela? Sim, eu posso, e vou provar isso a você. Só me diga que acredita em mim, fique comigo, e vou proteger as duas. — Ele veio na minha direção e pegou minhas mãos. — Sei que está com medo...

— Daemon, eu não posso aceitar ficar com você se não sabe o que sente...

— Você só me acusa disso, mas não sabe o que estou sentindo. — Ele se afastou e colocou as mãos nos cabelos. — Eu quero você, Emília.

Eu precisava colocar os pingos nos “is”; se ele quisesse ficar comigo, teria que escolher e

decidir o que sentia de verdade.

— Querer não é o bastante; eu não posso ter alguém só para transar, quero ir a um encontro, ao cinema ver um filme, nem que seja brega, mas que se tornará especial, porque não estarei sozinha. Ir jantar em um lugar romântico à luz de velas — falei em um fôlego só, ignorando seus olhos estatelados. — Preciso ter tudo isso com alguém que queira estar ao meu lado, e não pensando em outra mulher.

Seus olhos se estreitaram.

— Você está afirmando isso de novo. Por que não pergunta como me sinto ao invés de afirmar algo que não sabe?

Assenti.

— Tudo bem. O que sente agora, além de querer fazer sexo? — perguntei, embora tudo dentro de mim temesse que sua resposta não fosse a que eu gostaria de ouvir.

— Eu quero estar ao seu lado, e, quando digo isso, quero dizer que penso só em você, não em Alexia, como imagina. Não sei bem o que sinto, porque é um sentimento novo, mas, quando estou ao seu lado, é em você que penso, não em outra pessoa. Até quando estou longe, é apenas em você que penso.

Não havia mentiras ali, mas eu precisava mais do que aquilo. Eu sabia que gostava dele, aliás, em pouco tempo de convivência, sabia que estava me apaixonando por ele.

— Mas têm mais coisas do que isso, Daemon — sussurrei.

— O quê? Você quer um encontro à luz de velas e essas coisas? Então vamos ter — falou, beijando-me por um segundo e foi na direção da porta.

— Daemon, aonde vai?

— Falar com Shadow sobre o pedido de Bryan. — Ele olhou para mim da porta. — Fique preparada para sairmos hoje à noite.

— Você não vai para Manhattan? — questionei, encolhida por ele ir embora e eu ficar ali, imaginando o que ele estaria pensando e sentindo.

— Não, Nasx pode cuidar dessa ordem. Além disso, o Calebe está lá para ajudar a proteger

as duas.

Antes de ele terminar de falar, eu estava pulando em cima dele e o beijando, querendo ter mais tempo para voltarmos para a cama. Porém, por enquanto, eu torceria e ficaria animada com o meu primeiro encontro.



Capítulo 20

Daemon

Eu estava ansioso para ter um encontro com Emília, algo que nunca tive em minha vida. Antes, eu só fodia as mulheres e gostava de fazer isso, mas, se para poder ficar com aquela mulher arretada eu precisasse ser romântico, então que se fodessem o resto do mundo e o que meus irmãos pensariam. Se alguém dissesse qualquer merda, eu acabaria com ele.

Shadow estava no clube. Então seria para lá que eu iria.

Desci da minha moto, que Logan trouxe para mim de Manhattan. Agradecia ao meu irmão por isso, estava sentindo falta dela. Liguei para Bryan, pois precisava falar com ele.

— Bryan — cumprimentei-o.

— Daemon, então vem ficar aqui em casa? Apesar de nutrir sentimentos por minha mulher, eu confio em você. E lhe confio a vida dela e de Ariane — ele disse assim que atendeu.

Suspirei.

— Eu não vou poder ir para Manhattan agora, também não poderei tomar conta de Alexia. Sei que Nasx e Calebe a protegerão, então pode ir tranquilo. Curt pode ajudar, se precisar, ou pode enviar alguns dos irmãos de Nova Iorque.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que achei que tinha desligado.

— É pelo que sente...

— Olha, essa conversa é bem estranha, mas não é por nada que você esteja pensando. — Não ia falar o que sentia pela Emília por telefone; assim que o visse, conversaria com ele. — Só preciso resolver algumas coisas, mas vou continuar à procura de Steve. E aquelas filmagens que te enviei? Era ele nelas? Obteve alguma informação para saber ao menos onde anda aquele desgraçado?

Bryan suspirou, o que não devia ser uma notícia boa.

— Pelas filmagens, era ele, mas não conseguimos localizá-lo de nenhuma forma. Preciso ir a Moscou a trabalho, por isso te mandei a mensagem.

— Nasx e Calebe vão tomar conta das duas aí, pode ir tranquilo. Espero que tenha mais sorte em prender Andrey Jacov; esses dois malditos são lisos que nem sabão — rosnei, entrando no clube. — Mas foque nesse mafioso, que suas meninas vão ficar seguras.

— Sim, vou focar — senti sua voz rouca, como se estivesse confuso. — Obrigado, Daemon, por tudo.

— Irmãos são para isso. — Desliguei assim que entrei no clube, vendo que todos estavam reunidos e limpando o salão, que parecia ter cacos de vidro por toda parte.

Arregalei os olhos.

— O que houve aqui?

Todos me olharam de cenhos franzidos.

— Temos reunião na igreja. Vamos — disse Shadow com tom seco.

Só assenti, mudo, e entrei na sala, assim como todos os meus irmãos. Não reparei muito em Evelyn e Mary, mas elas pareciam quase atônitas.

— O que está acontecendo? — perguntei de novo, sentando-me em uma cadeira, e assim fizeram todos os meus irmãos.

— Eu que deveria perguntar isso, não acha? — Shadow ficou de pé, os braços cruzados.

— Certo, eu deveria ter ligado e dito que estava tudo bem... — comecei, mas ele me cortou:

— Bem? Merda, Daemon, primeiro você foi enfrentar um chefe de cartel sem me consultar ou ao menos dizer.

— Eu não estava sozinho — destaquei, embora não quisesse desrespeitá-lo.

— Oh, sim, estava com Bax, Lion e Blade. Eu sei, mas isso não muda o fato de você não ter me dito. E, mais do que ser seu chefe, sou seu irmão. Cobrimos as costas um do outro não importa o que aconteça, enfrentamos os problemas juntos, não sozinhos. Está ouvindo?

Suspirei, com um nó em meu peito ao pensar neles preocupados comigo, embora não fosse surpresa. Todos se preocupavam, eu já tinha visto isso muitas vezes, algo que jamais tive em minha infância.

Evitei pensar naquela época e foquei no presente, ali com meus irmãos.

— Sim, estou ouvindo. Se algo assim acontecer novamente, eu chamo vocês — prometi a cada um ali.

— Talvez agora devesse informar aos outros o que descobriu sobre Miguel. — Shadow se sentou na cadeira.

Relatei-lhe minhas descobertas. Assim que cheguei à parte acerca da Emília, alguns arfaram.

— Emília é irmã dele? — inquiriu Nasx. — Ela sabe disso, ou nenhum de vocês contou a ela?

— Não posso fazer isso sem ter certeza; preciso preencher lacunas que estão em branco e que somente poderão ser respondidas por Miguel — disse e fitei Shadow. — Quero saber o que acha de ligarmos para ele. De qualquer forma, eu preciso saber a verdade.

Ele assentiu.

— Ligue e coloque no viva voz; vamos ver o que ele tem a nos dizer e de que lado está.

Assenti e fiz a ligação.

— Olá, Miguel Sales, ou seria Miguel Ávilla? — revelei assim que ele atendeu.

— Daemon. Eu achei que demoraria mais tempo para você descobrir quem eu sou. Pelo visto, é verdade; você é bom.

— Falei que ia descobrir quem você era. Mas existem lacunas. Vai responder as perguntas?

— Posso dizer que sim, afinal, você já está fazendo muito protegendo minha irmã. — Suspirou. — O que precisa saber?

— Primeiro, por que entrou em um cartel? — perguntou Shadow. — Já suspeito, mas quero ouvir de você.

Miguel riu.

— Oh, não está sozinho, Daemon? — acusou com secura. — Eu nem deveria responder, mas que mal tem?

— Não deixo meus irmãos de fora de algo assim, algo que coloca em risco quem amamos. — Eu me ajeitei na cadeira e continuei: — Pode nos dizer como encontrou Emília?

— Respondendo à pergunta do...

— Eu sou Shadow — informou.

— Shadow, então. Eu soube da morte do presidente de vocês. Poderia dizer que sinto muito, mas estaria mentindo. O cara era um tremendo verme.

— Sabemos do rato que ele era — assinalou Shadow.

— Claro. De qualquer forma, bem, minha irmã foi levada quando tinha dois anos. Estávamos na frente da nossa casa em Madri. Meus pais estavam discutindo, como sempre, e mal ligavam para nós dois. Éramos só modelos para aparecer nas revistas e pousar em fotos bem-comportadas, porque assim não mancharíamos suas imagens. — Seus dentes trincaram. — Então nenhum deles viu quando a empregada fugiu e levou a Emília.

Senti um solavanco no peito, porque a vida dele não parecia diferente da minha no passado. *Merda, não posso pensar nisso agora, só focar no momento.* Inspirei fundo.

— Como ela manteve o nome? Aqueles vermes que se diziam pais dela foram os responsáveis pelo sequestro? — sondou Nasx com os dentes cerrados.

— Emília tinha uma pulseira em seu braço direito com seu nome gravado. Acredito que a mulher que a sequestrou, Eva, não quis mudar o nome. Não sei por que ela fez isso. Depois eu soube que a cadela abandonou minha irmã em uma casa qualquer na Espanha. Ela só sequestrou Emília para se vingar do meu pai, que não quis deixar minha mãe por ela. Os dois tiveram um caso.

— Casa na Espanha? Mas como ela chegou aqui, nos Estados Unidos? — questionou Shadow. — E como foi parar nas mãos daquele casal?

— Laura, a dona da casa em que Eva deixou Emília, morou na Espanha até resolver vir para os Estados Unidos, para o Kentucky, encontrar seu namorado na época, que havia se

mudado para a América. Mentiu para Luiz dizendo que os dois tinham uma filha. No final, o miserável soube da verdade, por isso a tocou. Ou já era um monstro mesmo, vai saber — seu tom era frio como uma geleira.

— Então essa mulher achou que ficaria com o cara ao falar que a menina era dele? Fez isso só para tê-lo de volta? — sibilou Nasx. — Sorte essa puta ter morrido, ou eu acabaria com a cadela.

— Sim, funcionou por um tempo, mas depois Luiz foi vendo a diferença de fisionomias. Acabou descobrindo. Então fez o que fez, mas o cara já era um desgraçado antes disso — grunhiu.

— Soube que os Lobos Solitários faziam isso — desdenhou Shadow.

— Não durante a minha liderança. Não sou santo e não quero ser, mas jamais faria tal coisa, nem permitiria que os meus fizessem. — Miguel deu um suspiro duro. — Seja como for, Luiz pensava que Emília era de Black, porque ele estava saindo com Laura. Deve ter cansado do marido e tal, mas ela morreu antes de largá-lo e deixou minha irmã sozinha com aquele monstro.

— Quando eu o eliminei, ele disse que Emília era de Black. — Lembrei-me daquele dia.

— O meu pai não quis procurá-la ou dizer que sua filha havia sido sequestrada sob seu nariz, só jogou por debaixo dos panos como se não tivesse importância saber como ela estava. Mamãe surtou e teve um infarto fulminante. Depois fui levado para um internato...

Porra! Essa merda não pode ficar pior que isso, pensei amargo. Com meus pais também foi assim, nenhum deles se importou com o que aqueles monstros haviam feito comigo, destruindo-me de tal forma que foi muito difícil sobreviver e chegar aonde eu estava naquele momento. Respirei fundo, não deixando ninguém notar a minha dor, o aperto que sufocava minha alma como um maldito câncer. Por que eu não conseguia me libertar daquilo? Talvez fosse porque eles ainda estivessem vivos, gozando de boa saúde, como se nada tivesse acontecido.

— Daemon? — chamou Shadow.

Foi quando notei que agarrava a beira da mesa com tanta força que corria o risco de

quebrá-la. *Porra!*

— Você está bem, cara? — sondou Kill.

— Estou. — Respirei fundo, controlando-me. — Miguel, você fugiu do orfanato e foi para o México quando tinha 15 anos. Como chegou ao que é hoje?

Todos ali me avaliavam com mil perguntas, mas não fizeram nenhuma. Tirei minhas mãos da mesa; elas ainda estavam machucadas do dia anterior, mas não tanto. Emília tinha feito curativos nelas; estava sempre cuidando de mim.

— Salvei o chefe do cartel de ser morto uma vez. Sabia que tinha que fazer algo assim para subir ao poder. Não me orgulho disso, mas precisava. — Ele não perguntou o que diabos tinha acontecido comigo havia uns segundos; mesmo se perguntasse, eu não iria responder.

— Estava com os Lobos quando Hector mandou os homens dele pegarem Tabitta Rodrigues? — questionou Shadow, mortal.

— Lamento que tenha perdido um amigo naquele dia, Shadow, mas eu não fui enviado, ou teria morrido junto aos outros. Pouco tempo depois, Dark chegou até mim, e nos unimos para acabar com o líder a fim de que eu ocupasse o lugar dele.

— Você se aliou ao Nikolai? — indagou Nasx.

Nikolai Dragon era o chefe da máfia russa, um dos homens mais poderosos que eu conhecia.

— Seja como for, cheguei tarde demais quando descobri sobre minha irmã — ele mudou de assunto. — Então, Daemon, eu lhe agradeço o que fez. E ao Bryan também, pode transmitir isso a ele.

— Daremos o recado — disse Nasx. — Esse maldito verme do Luiz teve uma morte bem lenta.

— Foi pouco ter morrido queimado — o tom de Miguel era sombrio. — Já cuidei de Black...

— Você o matou? — inquiri. Não que eu me importasse, claro, só queria ter eliminado eu mesmo o desgraçado.

— Logo vocês saberão — respondeu. — Mas preciso de um pouco mais de tempo para acabar com o perigo dos Rodins a fim de que as duas finalmente não estejam mais correndo perigo. Depois as levo embora...

— Você não vai levá-las para longe de mim — rosnei. — Eu não vou permitir.

— Não? O que pensa em fazer? Namorar e casar com Emília? Está disposto a isso, Daemon? — sondou, mas em tom duro. — Porque, caso contrário, nenhuma delas vai ficar, já que eu não vou permitir que brinque com ela.

Eu sabia que todos me olhavam, mas os ignorei.

— Sim, seja como for, eu vou ficar ao lado delas e não vou deixá-las ir embora.

— Bom — ele parecia orgulhoso. — Assim não preciso quebrar sua cara por magoá-la. Nos vemos em breve, Daemon.

Terminei a ligação e pigarreei, enfrentando todos que me encaravam.

— Está falando sério sobre Emília? — perguntou Shadow.

— Como nunca falei em toda a minha vida — respondi com firmeza.

— Ótimo, mas como vai ser, se você precisa ir para Manhattan tomar conta de Alexia? Já resolveu seus problemas sobre ela?

— Sim. — Assenti e olhei para o vice-presidente. — Nasx pode tomar conta dela com Calebe.

Nasx arregalou os olhos.

— Você vai deixar outra pessoa tomar conta dela? — seu tom saiu incrédulo.

— Sim, não precisa de mim, afinal, você é bom também. — Sorri. — E os irmãos de Nova Iorque podem ajudar.

— Eu sei que sou maravilhoso e por isso vocês me amam. — Sorriu para mim também.

Revirei os olhos e olhei para o presidente.

— A reunião acabou?

Ele franziu a testa.

— Por que a pressa?

— Eu vou ter um encontro essa noite em um restaurante e preciso procurar um que sirva comida italiana — informei, ignorando o arfar de todos. — E preciso comprar ingressos para o cinema.

— Você vai ter um encontro com Emília? — questionou Shadow com brilho nos olhos, parecendo emocionado.

— Sim, ela quer ter um encontro e essas coisas que nunca fez, então vou dar isso a ela — declarei.

— Mulheres adoram que sejamos românticos. — Sorriu Shadow. — Eu adoro principalmente o que vem depois. O agradecimento.

Kill fez careta.

— Cara, se não quiser que eu quebre a sua cara, então é melhor parar de falar da minha irmã — rosnou.

— Estou pensando aqui... qual será o próximo a ser domado? — indagou Nasx com um sorriso debochado para Axel, que se colocou de pé num salto.

— Estou saindo para arrumar um jeito de me vacinar contra essa epidemia. — Sacudiu a cabeça, estremecendo. — Mulher foi feita apenas para uma coisa: foder.

— Não vai pensar assim quando se apaixonar — afirmou Shadow, sorrindo. — Estou louco para ver vocês dois. — Seu olhar foi de Nasx para Axel.

Nasx perdeu o sorriso e ficou de pé.

— Acho que estou com Axel.

— Também acha que mulher só serve para foder? — perguntou Kill.

— Não, mas eu amo as mulheres, adoro suas curvas e tudo nelas. Por que iria me contentar com uma se posso ter várias? — Sorriu. — Sou bastante generoso, posso me dividir com todas.

Dessa vez, eu gargalhei.

— Vamos apostar. Eu voto em Nasx. — Fitei-o. — Você vai ser fisgado primeiro, e estou louco para ver sua reação quando olhar para todas essas mulheres ao seu lado e sentir como se elas fossem uma parede. Não sentirá nada.

— Voto em Axel; quero ver sua crista cair. — Kill sorriu para o cunhado. — Estou louco para que ele seja amarrado. Vamos ver se ainda pensará que as mulheres são apenas objetos.

Axel fez uma careta.

— Se eu acreditasse em reza, faria o sinal da cruz ou rezaria um terço. — Estremeceu, indo para a porta. — Agora vou foder uma puta e esquecer que tive essa conversa.

— Também vou adorar ver esse dia. — Riu Shadow, vendo Axel sair batendo a porta.

— Eu acredito em reza, portanto... — Nasx fez o sinal da cruz enquanto saía da sala parecendo estar orando. — Sou muito novo e bonito para me amarrar, e as mulheres enlouqueceriam caso eu não estivesse mais no mercado.

Kill e os outros saíram também, todos divertidos com aqueles dois.

— Daemon, espere — chamou Shadow assim que eu ia saindo também.

Parei e o fitei.

— Algum problema?

— Não, só queria saber o que foi aquilo que aconteceu quando Miguel estava contando o que houve com ele. — Avaliava-me.

Respirei fundo.

— Nada — menti.

Ele assentiu, embora não acreditando em mim, percebi.

— Certo, se não quiser contar nada a mim, eu vou entender, mas uma hora vai ter que contar a ela. Você não pode viver feliz com uma mulher guardando segredos dela. Isso não é saudável, Daemon. Pense nisso. — Deu um tapinha no meu ombro e saiu da sala.

Eu sabia que ele estava certo; viver com Emília à base de segredos não daria certo. Eu teria que contar tudo a ela, mas precisava de tempo para pensar e coragem, porque recordar o passado já doía como se eu tivesse milhares de agulhas invisíveis na minha pele, imagine se eu falasse sobre isso?

Porra!



Capítulo 21

Emília

Tive um dia bem legal no meu serviço, tirando a parte em que meu chefe ficava “me secando” com os olhos. Tentei pensar só no trabalho, mas assim era difícil. Contudo, decidi pensar que era só coisa da minha cabeça para não surtar com seus olhares e arriscar perder meu emprego. No entanto, minha vontade era de mandá-lo pastar. Foquei ali, e tudo ocorreu bem até o final do dia, quando estava saindo do lugar. Alex, meu chefe, pegou meu braço, o que me fez estreitar os olhos.

— O que foi?

— Você é muito linda! Só queria que soubesse disso. — Soltou-me.

— Obrigada — agradeci, decidindo ser educada, afinal de contas, o cara não tinha feito nada de mais. — Agora preciso ir.

— Você quer sair uma noite dessas?

Ouvi a porta se abrir, mas nenhum de nós se virou para ver quem era, eu chocada demais, e ele bastante entusiasmado com a ideia de sairmos.

— Estamos fechados — informou ele.

— Preciso ir... — tentei soar normal e educada, afinal, ele só tinha dado em cima de mim. Era normal, mesmo que ele fosse meu chefe.

— Espere, Emília... — Segurou meu braço de novo, fazendo-me parar.

Eu estava prestes a dizer que não poderia sair com ele, já que estava apaixonada por outro homem.

— Tem dois segundos para tirar a mão de cima da minha mulher, ou vou arrancar seus braços — ameaçou Daemon com voz mortal.

Virei-me bem a tempo de vê-lo à porta com Shadow e um cara alto, musculoso e de olhos escuros.

Alex deu um passo atrás como se temesse que os motoqueiros o matassem. Escondeu-se atrás de mim, usando-me como escudo, uma atitude bem covarde, aliás.

— Protetor, não? — zombou o cara moreno com um sorriso cruel.

— Deveria ser, Logan, já que é um homem, e geralmente os cavalheiros tomam a frente da mulher para protegê-las e não o contrário — Shadow desdenhou para meu chefe. — Mas esse cara se escondeu atrás dela. E se fôssemos perigosos?

— Que covarde — concordou Logan.

Alex estava branco e apavorado enquanto via os três homens fodões. Parecia prestes a fugir.

Daemon estava calado e fuzilava o cara com seu olhar afiado, respirando como se estivesse pedindo controle para não voar contra meu chefe. Certo, Alex era direto no que queria, mas não parecia que me pegaria à força, só estava dando em cima de mim.

— O que está fazendo aqui? — inquiri fazendo uma careta. — Não precisa assustar meu chefe.

— Não estou assustado — retrucou Alex ficando ao meu lado e estendendo a mão para pegar meu braço novamente.

— É melhor não a tocar; já te disse o que pode acontecer — sibilou Daemon indo para cima de Alex.

Era melhor eu tirá-lo dali, ou não sabia o que aconteceria. Bem, sabia, sim: Alex, todo estourado, iria parar no hospital. Fui na direção de Daemon, assim o tranquilizaria e evitaria que ele matasse alguém.

— Se controle, macho alfa — pedi pegando sua mão. — Vamos embora, então?

Ele não disse nada, mas enfiou as mãos nos meus cabelos e me tascou um beijo que me fez acreditar que o mundo queimaria em fogo e eu mal notaria. Suas mãos desceram até minha cintura, firmes. Pareciam correr labaredas através de nossas roupas. De repente, eu não queria

nada entre nós.

Eu amava beijá-lo, claro, mas ele estava “marcando território de macho”, ou algo do tipo, e isso me irritou. Com muito esforço, eu o empurrei e saí do recinto.

— Emília — eu o ouvi me chamar, mas o ignorei, porque estava grilada.

— Nos vemos em casa, Daemon. Preciso pegar Emma na creche. — Dei alguns passos rumo à creche de Emma, vizinha ao restaurante, mas ele me impediu. Então o fuzilei com o olhar: — O que foi isso? Não quer mijar em mim para marcar seu território também?

Ouvi Logan rir, assim como fez Shadow, mas Daemon continuou sério.

— Nós vamos indo, vejo vocês depois — disse Shadow, mas não olhei para ele. Apenas ouvi o som das motos indo embora.

— Aquele cara precisava saber que você tem dono — Daemon rosnou, em seguida suspirou.

— Dono? Eu não sou um objeto...

— Não disse que era — disse tocando meu rosto e com seu olhar intenso. — Só não gostei da forma como ele a olhou como se quisesse devorá-la. Sorte dele eu não o mandar para o hospital com os ossos quebrados.

Ri para romper a tensão. Não queria ficar brava com ele, afinal de contas, o meu motoqueiro estava me defendendo, embora eu não precisasse, já que tinha tudo sob controle.

— Tudo bem, motoqueiro, não vamos falar sobre isso, mas eu posso lidar com um homem dando em cima de mim, só para que fique sabendo. — Sorri, tocando sua cintura, então abaixei as mãos para seu quadril assim que me lembrei de sua aversão a toques no torso. — Me deixa pegar minha princesa e vamos embora, porque estou morrendo de fome. — Meu olhar desceu para seu jeans.

— Você tem alguma ideia de como essas palavras soam vindo de sua boca? — gemeu.

— Espero que bem, Daemon, mas posso caprichar em casa — brinquei, mordendo o lábio inferior.

Ele encostou meu quadril no dele, então o senti a todo vapor.

— Está sentindo o quão duro estou? Ele está assim por uma mulher linda e engenhosa que me deixa louco. — Beijou-me rapidamente. — E não se preocupe com Emma; Isabelle a pegou e vai ficar com ela hoje para nós.

— Mesmo? Então ok, te vejo em casa — sussurrei.

— Eu te sigo. Não vejo a hora de tê-la só para mim. — Beijou-me um pouco mais e se afastou, mas pude ver que ele não queria parar, embora precisasse; nós estávamos na rua, e, além do mais, eu precisava fazer uma surpresa que estava louca para fazer.

— Gosto do som disso.

Eu nunca tinha achado um cara lindo em cima de uma moto como naquele momento; sua postura era firme, as mãos apertando o guidom e os olhos firmes na estrada. Lindo era pouco para aquele homem.

Ele sorriu quando passou por mim, acelerando.

Sacudi a cabeça, sorrindo, e apertei o pé, chegando à fazenda antes dele. Eu chamava o lugar assim porque a área externa era tão ampla que dava para criar gado, toda cercada de árvores.

Saí do carro antes de Daemon e peguei meu celular, tirando uma foto sua antes de ele descer da moto.

— O que está fazendo? — Veio até mim e me pegou nos braços.

Enrolei as pernas à sua volta, e minhas mãos foram parar em seu pescoço.

— Tirando foto do meu motoqueiro gostoso — respondi, beijando-o.

— Gostei da parte do “seu” e do “gostoso”. — Ele me beijou com tanta ferocidade e paixão que eu estava com meus lábios inchados. Devido à nossa fome, não sei bem como chegamos ao quarto, mas estava adorando.

Quando começamos a tirar as roupas, afastei-me dele, fazendo-o me olhar com cenho franzido.

— O que foi? — seu tom estava confuso, a respiração, ofegante.

Sorri.

— Fique aqui e tire suas roupas; eu já volto — pedi e saí correndo do quarto. Fui à cozinha pegar meu pote de pasta de amendoim, que felizmente não tinha quebrado quando eu o deixei cair no dia anterior.

No entanto, antes de eu voltar ao quarto dele, fui ao outro, em que eu dormia com Emma. Precisava tomar banho, já que tinha ficado o dia inteiro entregando lanches e inclusive estava cheirando a isso.

Sabia que deveria estar lá, no cômodo onde havia um deus grego esperando por mim, nu... Só em pensar nisso, meu corpo se incendiava dos pés à cabeça.

Já estava me enxugando quando ele entrou no banheiro, todo nu e glorioso como só ele era.

— Me mandou esperar lá, pelado, enquanto vinha pra cá tomar banho sozinha? — criticou com um sorriso, vindo em minha direção, mas sacudi a cabeça.

— Espera, tenho uma surpresa. Vamos para seu quarto. — Tentei passar por ele, mas suas mãos me pegaram pela cintura, jogando a toalha longe.

— Não preciso de um quarto para fodê-la — rosnou, prestes a me beijar, mas me afastei.

— Paciência, motoqueiro, eu garanto que vou fazer valer a pena. — Peguei sua mão e o puxei para a minha cama mesmo, sentando-me à sua frente, em seguida peguei o pote de pasta de amendoim na mesinha de cabeceira e sorri para ele. — Agora vamos nos divertir, e eu vou me alimentar, porque estou morrendo de fome.

Seus olhos ficaram escuros de tesão.

— Faminta a minha gatinha, hein? — sua voz saiu rouca devido à luxúria.

— Muito. — Abri a tampa e, com a colher, peguei uma porção da pasta e a esparramei em seu pau rígido. — Faz muito tempo que não me alimento.

Ele silvou.

— Merda, está gelado!

Assenti.

— Sim, fica mais gostoso. — Coloquei o pote e a colher na mesinha e voltei a admirar minha obra de arte. Pênis reto e duro coberto de manteiga de amendoim.

— Pare de passar essa língua nos lábios, ou vou devorar essa sua boca e esquecer o que fez com meu pau — rosnou, pegando meus cabelos. — Vamos ver o quão faminta você está.

Curvei-me sobre seu membro, que estava em riste e cheio de cobertura. Tracei minha língua sobre sua cabeça.

— Hummm, delícia! — Voltei a saborear com a minha língua em volta da sua cabeça inchada e coberta com o creme que eu adorava, a partir daquele instante ainda mais.

— Puta merda, essa visão é linda, da sua boca em volta do meu pau. — Aumentou mais seu domínio sobre meus cabelos, mas não me forçou a ir mais do que eu conseguia.

Desci da cama e me ajoelhei à sua frente, colocando as mãos em sua bunda musculosa e a apertando enquanto o devorava e lambia seu órgão duro. Se minhas unhas em sua pele o machucavam, ele não reclamou.

Eu não imaginava que fazer boquete fosse tão bom assim, mas, porra, a coisa era surpreendente, o céu maravilhoso.

— Estou quase gozando, tão perto... — sua voz falhou quando peguei o seu piercing com a língua e o apertei com meus lábios.

Olhei para cima e o notei com os olhos fechados, maxilar rígido. Sabia que ele estava prestes a gozar, dava para saber pelo seu rosto e seu aperto sobre meus cabelos.

Acelerei e trabalhei mais com minha língua, e logo ele explodiu chamando meu nome. Só afastei minha boca quando não tinha mais uma gota.

Daemon me puxou do chão e me beijou com ferocidade e paixão capazes de devastar o mundo inteiro.

— Isso foi bom demais! — Ele me colocou deitada na cama, atravessada, e se ajoelhou à minha frente.

Arqueei as sobrancelhas, levantando a cabeça um pouco e o fitei:

— Bom? Acho que preciso aperfeiçoar mais, então.

Daemon beijou minhas coxas e as abriu, fazendo-me estremecer tanto pelo seu calor quanto pelo seu toque.

— Não precisa, está perfeita para mim...

— Oh, quer dizer que sou boa só para você, mas não para os outros homens? — brinquei. Claro que não ligava para outros caras, apenas Daemon me importava assim. Torcia para que eu o tivesse para sempre. Não estava pronta para perdê-lo, talvez nunca estivesse.

— Nunca será para eles, porque você é minha, Emília, e ninguém vai tocá-la... — Pairou o rosto perto do meu.

Toquei seus cabelos, encontrando seus olhos intensos.

— Ninguém me tocará além de você; só você me importa assim. — *E muito além*, pensei, mas não disse isso em voz alta. Eu gostava demais daquele homem, só não sabia se era amor, afinal, nunca tinha amado alguém. O único que despertava sentimentos assim em mim era Daemon, por isso eu lutava contra aquela barreira que tinha na hora do sexo.

Ele pegou o pote de pasta de amendoim e a colher, depois sorriu para mim.

— Chegou a minha vez de me alimentar. Agora, querida, coloque o travesseiro debaixo da cabeça. Os olhos em mim o tempo todo.

Ele não precisava me pedir isso, porque já estava olhando. Eu tinha certeza de que me pediu aquilo porque, da última vez em que esteve com a boca em mim, eu surtei, ou melhor, comecei a surtar. Daemon estava ali para mim, todo carinhoso. Como não amar um homem daquele? Impossível!

— Eu vou ficar bem, não se preocupe — tranquilizei-o. — Só faça seu trabalho com esse piercing nessa língua habilidosa, motoqueiro.

Ele me avaliou por um segundo, depois sorriu para mim, e logo gritei assim que colocou a pasta em meu clitóris, porque tudo gelou e esquentou ao mesmo tempo.

— Puta que pariu! — minha voz se elevou.

— Fique quietinha, gatinha — ordenou enquanto colocava mais da coisa cremosa em mim.

— Difícil... — minha voz sumiu assim que senti sua língua em meu broto sensível e latejante.

Meus olhos se fecharam, e naquele momento só pensava naquele homem ali, não em

algum pesadelo que consumia o meu ser por tanto tempo. Enfim estava realizada e – esperava – curada para sempre.

Sua língua mágica se mexia, e os lábios deliciosos me sugavam com fome e necessidade.

Explodi vendo fogos de artifício. No entanto, ele não me deixou recuperar o fôlego, apenas me virou de bruços e me fez ficar de quatro. Logo estava me fodendo com força, tanto que tive que me segurar firme no colchão. Suas mãos em meu quadril me mantinham no lugar, ou eu cairia na cama. Cada estocada me levava perto do orgasmo, até que tudo virou 4 de julho novamente.

— Porra, você é gostosa demais! — Ele puxou meus cabelos para trás e beijou meu pescoço enquanto gozava forte, rugindo meu nome com adoração.

Caí mole na cama, sem energia praticamente, enquanto ele se derrubava ao meu lado.

— Você está bem? — sondou ele, beijando minhas costas. — Não queria ter sido duro.

— Querido, eu gosto de você duro — declarei abrindo os olhos e o fitando, embora eu ainda estivesse bêbada pelo momento e sua pessoa.

Ele riu e se levantou.

— Acho que precisamos de um banho, ou vamos nos atrasar — disse ele me pegando nos braços e me levando ao banheiro. Fiquei surpresa, pois meu corpo estava pressionando seu torso, mesmo assim ele não parecia mal com isso. Ultimamente ele estava se encolhendo menos ao meu toque na região. Talvez estivesse se acostumando a mim e ao contato. Eu esperava que um dia ele se curasse plenamente.

— Eu sei andar — brinquei.

— Eu sei, mas estou fazendo as honras. — Beijou-me por um instante, então tomamos banho.

Depois a ficha caiu.

— Nos atrasar? Vai ter alguma festa no clube ou algo assim? Se for, eu não tenho roupas como as que aquelas mulheres usam quando vão às festas — reclamei.

Ele estava se secando e me olhou de cenho franzido.

— Roupas como as que as mulheres usam?

— Vai dizer que não notou? — Sacudi a cabeça, rindo. — Saia curtíssima ou shortinho curto e top que parece sutiã.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não reparei, e não vamos para nenhuma festa no clube. E, mesmo se fôssemos, você não usaria uma merda assim, que basta se virar e já mostra sua bunda — grunhiu, vindo me ajudar a me secar. — Sou capaz de matar meus irmãos se a olharem. Eu não quero isso.

Eu estava de olhos arregalados com tudo que ele disse e seu ciúme; eu não gostava da palavra, mas ciúme controlado era bom de vez em quando, afinal, isso mostrava que ele gostava de mim.

— Também não, eu gosto deles. — Sorri e coloquei minhas mãos em seu peito. Logo o vi endurecer, então as retirei. — Desculpe.

— Tudo bem, preciso me acostumar, então, mesmo se eu reagir dessa forma, não retire a mão — falou respirando profundamente.

— Tem certeza? Não quero que sinta dor ou angústia.

— Tenho. — Beijou minha testa.

— Então aonde vamos, se não é ao clube? Que roupa eu preciso vestir?

— Pode vestir o que veste sempre, só vamos a um restaurante italiano que tem no Centro — sua voz estava um tanto rouca.

Eu me virei de olhos arregalados.

— Restaurante italiano? Você se lembrou de quando eu disse que amava comida italiana, ou você também gosta? — sondei enquanto ia até o armário de roupas e pegava um vestido prata de alças finas que eu mal usava. Eu o havia comprado quando fora ao aniversário da dona Benta alguns meses antes. Vesti-me e me virei para ele, de pé, encarando-me de boca aberta. — O que foi?

— Você é muito linda — disse orgulhoso, vagando seu olhar sobre meu corpo como se estivesse tomando minhas medidas e parecesse gostar do que estava vendo. — Acho que vou

adiar a ida ao restaurante e ficar na cama com você.

— Não me oporia a isso — minha voz falhou, pois estava me sentindo quente de novo. — Mas estou curiosa. Por que vamos jantar fora?

— Você não queria ter encontros, sair, jantar e ir ao cinema? Eu disse que se preparasse para sair comigo esta noite hoje de manhã, lembra?

Eu me lembrava, mas ouvir de sua boca de novo era melhor.

— Obrigada, lindo. — Beijei seus lábios. — Então vamos, ou não vou querer mais sair deste quarto.



— Nossa, é muito lindo aqui! — Olhei ao meu entorno no restaurante com mesas e cadeiras vermelhas e vidraças ao redor, com vista panorâmica.

— Sim, é, mas fica mais lindo com você presente, como a lua que está brilhando lá fora. — Ele se sentou ao meu lado à uma mesa que ficava mais afastada da entrada.

Pigarreei.

— Obrigada. — Dei um selinho nos seus lábios.

Ele sorriu brilhante. Antes que ele comentasse algo, porque abriu a boca e era óbvio que ia falar, a garçonete, uma loira bem bonita, aproximou-se.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou ela e piscou para Daemon. — Você é um dos membros do MC Fênix?

Engoli meu desprazer pela mulher encará-lo como se meu motoqueiro fosse algo que gostaria de devorar.

— Sim — respondeu Daemon, educado.

Uma das coisas que eu adorava em Daemon era o fato de ele evitar ser grosso com as pessoas, especialmente com as mulheres (com certeza a minha opinião sobre ele tinha mudado desde o começo, quando eu o achei o homem mais grosso na face da Terra).

— Nossa, estou louca para ir a uma das festas que acontecem lá — ela revelou olhando intensamente para Daemon.

— Que bom, querida — grunhi com dentes cerrados e passei o braço no pescoço dele. — Meu namorado e eu vamos querer o especial da casa.

A mulher piscou como se só então se lembrasse de que eu estava ali com ele.

— Sim, claro, me desculpem. Fiquem à vontade. Eu já volto com os pedidos de vocês. — Pigarreou e saiu.

Tirei meu braço de Daemon e me ajeitei na cadeira, controlando minha ira.

— Está com raiva? — ele sondou.

— Não — menti.

— Emília...

— Certo, um pouco, mas não é de você, mas sim daquela mulher. — Eu o fuzilei com os olhos. — Mas a culpa é sua por ser assim.

Ele franziu a testa.

— Assim como?

— Por nascer lindo. — Sorri. — Mas não se preocupe, eu sei lidar com isso.

Ele riu.

— Sei... Estava com medo de você pular sobre a mesa e dar uma de ninja pra cima da mulher — brincou.

— Vou ter que aprender a domar alguma coisa. Talvez Evelyn me ensine a manejar uma faca. — Peguei uma na mesa e a apontei para ele. — Seria muito bom, não é?

Seus olhos estavam grandes.

— Acho melhor não, você já é uma fera sem objetos cortantes, imagina com eles? — falou de modo doce, pegando a faca da minha mão e a colocando na mesa.

— Fera, hein? — Sorri, levando a mão para seu jeans por debaixo da mesa. A toalha era grande e impossibilitava que alguém visse alguma coisa.

— Emília... — sua voz falhou assim que abri seu zíper e pus a mão sobre seu pau,

começando a movimentá-lo.

A garçonete voltou com nossos pedidos, mas não parei um segundo de fazer o serviço.

— Desculpe naquela hora, eu não estava dando em cima do seu namorado. É que uma amiga minha disse que é legal ir nesse clube. Além disso, já vi o MC Nasx — comentou a menina. — Sou Tracy.

Eu já tinha visto Nasx algumas vezes. O cara era um Adônis loiro, lindo e muito divertido.

— Nasx com certeza ficou com praticamente toda a cidade — declarei.

Daemon segurou meu pulso, impedindo-me de movimentar a mão. Fitei-o e vi seus olhos abrasadores, rosto rígido e meio ofegante. Ele estava perto de gozar, eu podia ver pelas suas belas e torturadas feições.

— Você está bem? Parece estar febril — indagou Tracy para Daemon.

Avaliei a loira magra de olhos negros, que parecia ser da minha idade mais ou menos, não mais que 20 ou 21 anos. Ela não parecia interessada em Daemon; talvez, antes, só tinha ficado impressionada ao ver um MC na sua frente.

— Estou bem. — Ele olhou para ela e sorriu. — Obrigado por perguntar.

Eu quis rir da sua rouquidão. Mesmo ele tentando controlar sua voz, eu ainda podia ouvir a luxúria que estava ali.

— O.k. Então, se precisarem de mim, é só chamar. Com licença — ela disse e foi atender mais mesas.

— Emília... — Ele afastou minha mão para longe de seu pau e fechou o zíper.

— Não quer que eu termine? — sondei com um sorriso travesso.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você é impossível. Neste momento eu só desejo que a gente jante e tenha nosso primeiro encontro. — Beijou meus lábios de leve e se afastou. — Coma, que teremos uma hora e meia.

— Aonde vamos depois daqui? — questionei, animada por passar aquele tempo com ele.

— Cinema! — respondeu enquanto comia o espaguete.

Sorri animada, com a certeza de que nossa noite estava apenas começando.

Nós jantamos e fomos ao cinema ver um filme de romance, *Cantando estações*. Daemon fez tudo isso por mim. Eu sabia que estava ferrada, já estava apaixonada por aquele homem e sabia que não teria mais volta.



Capítulo 22

Emília

Os seis meses que passei ao lado de Daemon foram os melhores da minha vida. A cada dia eu o amava mais. Ele sempre me fazia surpresas; íamos a restaurantes, cinemas e até parques de diversões, onde levávamos nossa princesinha Emma. Eu nunca a via tão feliz como nesses dias. Eu ou Daemon a acompanhávamos em alguns brinquedos, porque ela era muito nova, mas no pula-pula nós a deixávamos sozinha, já que tinha apenas crianças da idade dela.

Uma vez, no parque, eu tinha acabado de tirar algumas fotos de Emma pulando no brinquedo quando Daemon disse uma coisa que quase me fez deixar o celular cair.

— Eu quero registrá-la como minha filha. — Seus olhos estavam nela. — Eu já a amo como se fosse minha, porque pai não é quem faz, mas quem cuida, zela e ama. Eu faço tudo isso por ela.

Esse dia foi o mais feliz que eu tive até então, e me apaixonei ainda mais por aquele motoqueiro fodão, lindo e amoroso. Queria ter dito a ele que eu o amava; às vezes as palavras chegavam à ponta da língua, mas eu tinha medo de ele não retribuir. Sabia que ele gostava de mim, claro, podia sentir no seu toque, nos beijos e tudo mais. Contudo, não tinha certeza se somente eu estava em seu coração. Queria poder ter certeza. Essa desconfiança estava acabando comigo. Não gostava de me sentir assim.

Sabia o que me trazia essa insegurança: a viagem que Daemon precisou fazer para Nova Iorque, quando eu sabia que entraria em contato com Alexia – e ele ainda não tinha voltado. Sabia que isso não fazia sentido, porque ela amava Bryan, e Daemon estava comigo, mas eu me sentia assim. Merda.

Daemon havia localizado Angelina, a namorada de Ryan Donovan, um empresário do

ramo da moda. Ryan descobriu que ela tinha engravidado sem poder, porque a garota tinha um problema no coração. Eu não sabia bem o que tinha acontecido, já que Daemon não quis entrar em detalhes, mas parecia que aquele cara havia pedido que ela abortasse com medo de perdê-la, mas Angelina foi embora antes, e ninguém a encontrava. Como Daemon era um rastreador muito bom, foi chamado para encontrá-la. Depois de três meses, encontrou-a em Nova Jersey. Pelo que ouvi, um amigo dela, um hacker igual a Daemon, tinha desaparecido com seu rastro, tornando difícil a localização dela.

Entretanto, meu homem a encontrou. Finalmente, três meses depois, eu fiquei sabendo que eles iam se casar em Manhattan e a criança estava bem, ganhando peso a cada dia. Nasceu prematura, com seis meses de gestação. A bebê estava completando três meses. Fiquei feliz em saber disso.

Já era para Daemon ter chegado a casa, mas aconteceu um imprevisto em Manhattan. Não me contaram muito, mas finalmente tinha chegado o dia de prenderem um bandido chefe de uma máfia russa, e os MCs foram convocados para ajudar Bryan. Eu estava com o coração na mão pensando na segurança de Daemon e dos meus amigos.

Não gostava que ele estivesse lá, afinal, eu soube que, toda vez que acontecia uma luta, Daemon saía machucado. Também estava preocupada com Bryan e os outros e torcia para que ficassem bem.

Evelyn já estava lá. Tinha ido com Shadow e Nasx. Agora estávamos indo Isabelle e eu. Logan e Max e alguns outros iriam conosco.

Pelo que eu entendi, Shadow nos queria protegidas, e, como eles não estavam em Chicago, ficaríamos mais seguras em Nova Iorque, na sede do MC Fênix de lá.

Todo aquele tempo longe de Daemon, porque nas últimas semanas ele mal parava em casa, tentei pensar que era por uma boa causa, já que ele tinha encontrado a mulher sumida e tanto ela quanto a criança estavam bem.

Aproveitando suas ausências, entrei em contato com Samuel, e ele se prontificou a encontrar os causadores do sofrimento de Daemon no passado e tudo mais que houvesse sobre

ele. Aproveitei para pedir que ele pesquisasse sobre mim também, sobre quem era meu pai realmente. Eu precisava ter certeza de que não era Luiz, embora não fizesse diferença para mim quem fosse meu pai. Contudo, não saber a verdade ainda me incomodava.

Estávamos prestes a partir em viagem rumo a Nova Iorque. Quando eu ia entrar no Mercedes de Logan, onde iríamos eu, Emma, Isy e Bella, um BMW parou perto do carro. Eu preferia ir de avião, porque seria mais prático e rápido, mas, como a decisão de viajarmos tinha sido em cima da hora, não conseguimos vagas no mesmo horário para todos no mesmo avião, então resolvemos ir de carro.

Um homem alto e bem-vestido, com rosto sombrio, embora bonito, saiu do BMW e varreu os olhos sobre o MC e os prospectos que se encontravam ali: Logan, Max, Tripper e Ash. Depois seus olhos pousaram em mim, e ele veio em minha direção, mas, antes de ele chegar até mim, Logan entrou na frente.

— Samuel? Posso saber o que o braço direito do *capo* faz aqui?

Meu coração se comoveu por ele tentar me proteger, embora eu não precisasse, afinal, Samuel não me faria mal... *Samuel?! Merda!* Saí de trás de Logan e fiquei ao seu lado, olhando para o homem elegante. Quando eu entrara em contato com ele, tinha sido por telefone, então não o conhecia pessoalmente.

— Tenho o que me pediu para localizar — disse ignorando Logan e se dirigindo a mim com duas pastas estendidas em minha direção.

Torcia para que ele não falasse sobre o assunto ali, na frente de todos, porque não queria a vida de Daemon espalhada, pois ele não gostaria disso.

Logan estreitou os olhos para mim.

— Emília?

Suspirei.

— É só algo sobre o meu passado — afirmei, dizendo um pouco da verdade. Peguei as pastas pretas, sentindo-me tremer de medo do que viesse a estar ali, tanto sobre mim quanto sobre Daemon.

— Tudo o que você precisa saber está aí, mas isso é interessante... — Tinha aço nos olhos de Samuel, direcionados aos membros do MC. — A verdade sobre você estava tão perto, e ninguém contou nada.

Logan deu um passo à frente, com os punhos cerrados.

— É melhor calar a maldita boca, ou vai se arrepender — sibilou.

Samuel sorriu. Senti um arrepio. Aquele sorriso parecia dizer: “eu vou te matar e desmembrar seu corpo”. O homem era lindo e poderoso.

— Estou pagando pra ver. Não é minha culpa que Daemon tenha escondido a verdade dela.

Franzi a testa, confusa.

— De que verdade vocês estão falando? O que Daemon não me contou?

— Diz a ela — provocou Samuel.

Logan se lançou contra ele, mas, antes que chegasse perto, ouvi uma voz doce e frágil.

— Samuel? — chamou uma mulher com a voz falha.

Virei-me e vi uma menina de uns 18 ou 19 anos perto do carro dele. Seus cabelos trançados eram loiros, e os olhos, azuis como o céu sobre nossas cabeças, assustados. Ela usava um vestido florido, e suas mãos agarravam a maçaneta da porta com força.

Samuel olhou para ela, e sua expressão assassina sumiu, dando espaço para uma como se estivesse vendo o sol e gostando disso. Aquele cara gostava daquela mulher.

Ele me fitou, em seguida, ao Logan.

— Seja como for, o que precisa está nas pastas — disse novamente e se virou, indo até a garota e tocando o rosto dela, esquadrinhando-o como se fosse algo valioso demais.

— Está tudo bem, querida. Agora vamos embora — seu tom era suave.

O momento parecia tão lindo que fiquei constrangida por presenciar. A garota o olhava como se ele fosse seu anjo da guarda. Ela entrou no carro novamente, e ele deu a volta e já ia entrando também, quando o detive:

— Quanto te devo pelo que descobriu? — Não o forçaria a falar o que Daemon me escondia, afinal, isso quem teria que me dizer era ele e não outra pessoa, ou eu poderia ler o que

estava nas pastas, como era o plano desde o princípio.

Samuel virou a cabeça na minha direção.

— Nada, é um presente meu para Daemon. Diga a ele que, se quiser o problema resolvido, eu farei isso.

— Problema?

— Depois que ler, você vai saber — respondeu somente e entrou no carro, indo embora.

— Porra! — praguejou Logan.

Eu o fulminei com os olhos.

— Que segredo vocês escondem de mim?

Ele deu as costas e foi na direção do carro, em que já estavam Emma na cadeirinha, Bella e Isy.

— Essa é uma conversa que você precisa ter com Daemon; não posso dizer nada — esquivou-se.

— Ótimo — grunhi. — É o que pretendo fazer assim que chegar a Nova Iorque.

A viagem foi longa, mais de 12 horas, e o dia estava amanhecendo quando chegamos à sede do MC em Nova Iorque. As crianças estavam dormindo. Eu estava cansada demais, mas também com raiva de Daemon, tanto que mal pregara os olhos. Tinha lido a minha pasta e não conseguia acreditar. Merda, como era possível? Eu não era filha dos Snows, a mulher que se dizia minha mãe me recebeu das mãos de uma sequestradora e me trouxe para morar nos Estados Unidos, tudo para segurar aquele desgraçado do seu marido, o maldito que abusou de mim.

O pior era saber que meu pai de verdade não me procurou, não quis saber se eu estava viva ou morta, se estava sendo ferida a cada dia e noite. Enquanto Carlos, meu pai biológico, não se importava, a minha mãe, sim. Carmen até teve um derrame e... morreu. Eu não me lembrava deles; no relatório, dizia que eu tinha dois anos quando tudo aconteceu.

Nele também dizia que eu tinha um irmão, Miguel Ávilla, que foi mandado para um

internato porque questionou o fato de meu pai não ter ido atrás de mim. O mesmo Miguel que entrou num cartel no intuito de me encontrar, pensando que eu tinha sido vendida a alguém. O mesmo chefe de cartel que foi me salvar quando eu estava indo de Austin para Chicago e que matou os homens que estavam atrás de mim. Ele sabia quem eu era, assim como Daemon, e nenhum dos dois me disse nada.

Essa era a minha raiva, de Daemon ter escondido a verdade de mim durante seis meses, quando teve muitas oportunidades para me contar, mas não o fez.

Michael saiu do clube e levou Bella adormecida num dos braços enquanto abraçava Isabelle, que estava com um barrigão, com o outro.

Daemon apareceu e tentou me abraçar, mas me afastei dele, não querendo seu toque naquele momento.

Ele franziu a testa.

— O que foi?

— Pegue a Emma e a leve para dormir na cama. Depois nós vamos ter uma conversa — rosnei, entrando no casarão. Tinha dois andares e as paredes desbotadas pelo tempo.

— Emília...

— Depois, Daemon. Agora eu só preciso de um café forte. — Trinquei os dentes.

Entrei no salão grande, com mesa de sinuca, um bar logo na entrada, dois sofás num canto e algumas mesinhas e cadeiras espalhadas pelo lugar. Havia uma mulher muito linda de cabelos escuros na entrada, usando um vestido justo.

— Oi, sou Nádia — ela se apresentou, sorrindo. — Vou arrumar um quarto para você e sua filha. Mas pode ficar onde Daemon passa a noite.

— Obrigada. Só preciso de um banho e um café para que eu me sinta inteira de novo. — Estava rígida pelas horas sentada, já que não havíamos parado em hotel algum para passar a noite.

Assim que tomei banho, fui para a cozinha. Daemon tentou falar comigo, mas me recusei a conversar com ele, porque estava com muita raiva e poderia acabar falando algo que não

gostaria. Outro também com o qual eu estava furiosa era Miguel. Os dois haviam ocultado de mim a minha verdadeira identidade.

Junto a mim estavam Isabelle, Nádia e uma loira chamada Andy, mulher de Curt, o presidente do lugar. Foi quando ouvimos vozes no salão.

— Pessoal? Temos carne fresca — falou a voz de um homem, que soltou um assovio.

Isabelle fez uma careta.

— Meu irmão e sua maneira de tratar as mulheres.

— Carne fresca o cacete! Se encostar em mim, vou acabar com você, idiota! — gritou a voz de uma mulher com bastante raiva. — Cortarei seu pau e o farei comê-lo!

Fui ver do que se tratava aquele escândalo. A mulher tinha cabelos escuros, usava um vestido justo e estava com um taco de sinuca nas mãos.

Axel era forte, tinha sorriso sexy, cabelos desgrenhados, a barba por fazer, braços que se encontravam despidos e cobertos de tatuagens – algumas eram tribais; outras, eu desconhecia. Eu já o tinha visto algumas vezes.

— Axel? O que está havendo aqui? Quem é essa garota? — perguntou Isabelle.

— Nasx? Tem boceta nova para você! — gritou ele rumo à escada. — Se não quiser, eu vou cair dentro dessa raposa.

Ela deu um passo até ele com o taco nas mãos, querendo acertá-lo na cara, assim pensei, mas eu não tirava sua razão; se fosse comigo, faria o mesmo.

Isabelle entrou na frente dele como se tentasse protegê-lo, mas Kill apareceu do nada e a tirou do caminho, temendo por ela.

— Acha que eu transaria com você? Um cara que chama uma mulher de boceta? Você só pode estar louco! Eu prefiro rodar a bolsinha em uma esquina a transar com alguém feito você, seu estúpido! — Ela o fulminava com os olhos. — Falta pouco para eu quebrar esse taco em sua cabeça e tirar esse sorrisinho de comedor de merda do seu rosto.

Todos os homens dali riram. Eu também, porque ela era das minhas.

— Porra! Eu já gosto de você — disse Kill rindo, ou melhor, gargalhando, até Isabelle dar

uma cotovelada em seu braço, como se o repreendesse.

— Michael! — Em seguida olhou para seu irmão. — Axel, por que trata as mulheres assim? Temos sentimentos!

— Mulheres foram feitas só para foder e pronto — ele declarou, sorrindo para a garota.

Todos reviraram os olhos, já conhecendo a peça.

— Talvez devesse cortar o que tem no meio das pernas e virar uma mulher também para ser fodido! — rosnou a mulher.

Ri baixo, mas Michael não fez cerimônia; estava debruçado de tanto rir. Ele tinha um rancor por Axel, pois, pelo que eu fiquei sabendo, foi ele, junto a Berry, que separou Isy de Kill no passado.

— Talvez eu devesse dobrá-la sobre meu joelho e ensinar...

— Ou talvez eu devesse enfiar esse taco na sua bunda! — Ela ficou a um palmo dele, que sorriu e se lançou com rapidez sobre ela, rodopiando-a e a abraçando por trás.

— E agora? Como conseguirá escapar, hein, raposa?

— Nasx! — ela começou a gritar o nome dele.

Todos ali ficaram de olhos arregalados. Eu já estava a ponto de ajudar a moça, embora não parecesse que Axel fosse fazer alguma coisa, só a estava provocando – e conseguindo.

— Mas que porra está acontecendo aqui?! — rosnou Nasx descendo a escada correndo. Ele estava nu! — Estamos sendo atacados?

Ele lembrava um surfista tatuado. Seu pau... merda! Interrompi esse pensamento com um beliscão de leve no meu braço. Já o tinha visto antes no clube em Chicago, mas eram raras as vezes.

— Ai! — Olhei para o lado, vendo um Daemon mortal.

— Quer parar de olhar o pau dele, ou quer que eu o corte e o faça comer? — seu tom não parecia brincadeira.

Sacudi a cabeça, não querendo deixar Nasx sem pau, afinal, aquilo ia fazer uma falta danada para as mulheres. No entanto, eu não ligava para o tamanho, só o que me importava era

Daemon, e o cara era bem-dotado, do tamanho do meu apetite.

— Samira? O que faz aqui? — Nasx olhou para ela e depois para Axel com os olhos estreitos.

— Nada do que você vai acabar fazendo. — Sorriu ele, não parecendo ter medo de ser morto.

— Que porra, Nasx! Cadê suas malditas roupas? — grunhiu Michael jogando um pano do sofá para ele. — Enrole isso à sua volta antes que eu corte seu pau! Bella pode acordar a qualquer momento.

Eu achava melhor ele se cobrir, porque quase todos estavam com vontade de cortar o seu pau.

— Desculpe, mas eu ouvi essa gritaria e... — Ele se cobriu e olhou para a mulher. — Samira, o que houve?

Samira? Será que eles são namorados?

— Eu só queria conversar.

— Tudo bem. — Ele a levou para o primeiro andar.

— Não quer que eu participe também? — disse Axel a meia-voz, com um sorriso.

— Pare de dizer besteira, Axel! Nasx pode estar apaixonado por ela, e você fica dizendo isso — repreendeu Isabelle.

— Isy pode estar certa, pois ele parecia mesmo preocupado com ela — observou Nádia.

— Oh, essa eu gostaria de ver. — Ele riu, sacudindo a cabeça.

— O próximo pode ser você, já pensou que amor? Eu teria uma cunhada. — Sorriu Isabelle, toda animada.

O cara a olhou como se ela estivesse louca.

— Vire essa boca pra lá, Isabelle! Meu pau não tem dona e nunca vai ter — rosnou, indo para a cozinha.

Ri.

— Eu me sinto como se tivesse entrado em uma novela qualquer, com muita animação,

mas espero não haver drama também — comentei.

— Emília, vamos conversar — pediu Daemon ao meu lado.

Por falar em drama... No entanto, antes que eu respondesse, Shadow chamou todos os MCs para uma reunião na tal igreja.



Capítulo 23

Emília

— Isso acontece muito por aqui? — sondei assim que estávamos todas as mulheres na cozinha. Evelyn havia se juntado a nós, bem como algumas que eu não conhecia.

— O quê? — Andy riu. — Ah, só um pouco, mas pega mais fogo quando se juntam todos os amigos.

— Interessante aquele seu irmão, Isy. Eu adoraria vê-lo domado por uma mulher que o fizesse se ajoelhar em submissão — falei, bebendo o meu café.

— Eu também. Aí quero vê-lo pensar que nós, mulheres, só servimos para foder — disse Evelyn. — Não sei como elas ficam com ele.

— Porque ele sabe o que nós gostamos — disse uma mulher que tinha cabelos lisos e era chegada na maquiagem. — O cara é muito bom.

— Ficou com ele? — não era uma pergunta.

— Claro que sim. — Sorriu.

Samira entrou na cozinha. Servimos café a ela e começamos a lhe fazer perguntas. Aliás, Evelyn estava mais curiosa do que todas nós juntas.

— Então você e Nasx estão transando? — perguntou ela.

Samira se engasgou com a bebida.

— Evy! — Todas nós falamos em uníssono.

— O que foi, gente? Só quero saber o que aconteceu, se estão namorando...

— Não estamos namorando, nem transando — declarou Samira após se recuperar. — Fiquei com um cara que eu achava que gostava, mas ele não passa de um idiota, tanto que ontem de manhã ele sumiu, me dando uma joia que vale mais do que eu possa imaginar, fora uma pílula

do dia seguinte. Dá para ficar pior do que isso? Quem ele acha que eu sou? Uma prostituta? — rosnou, amassando um pãozinho, provavelmente pensando em fazer o mesmo com o cara.

— Eu sou prostituta e adoraria ter uma joia tão valiosa assim. — Sorriu a mulher que disse ter ficado com Axel, chamada Julia. — Mas, falando sério, ele foi um tremendo canalha ao dar algo assim a alguém que não é. Talvez ele pensasse que você fosse gostar e não quisesse insultá-la. Já pensou nisso?

Ela sacudiu a cabeça com um suspiro.

— De qualquer forma, ele deveria ter me dado pessoalmente e se despedido. Sei lá, ter dito alguma coisa.

— Não o perdoe! Caras como ele, você tem que esquartejar membro por membro e fazer comer o próprio pau — falou Evy com expectativa. — Te ajudo com essa parte.

Eu ri, porque Evelyn era uma mulher que pensava e dizia o que queria. Eu também era assim, embora fosse mais controlada e não saísse por aí querendo matar as pessoas. E aquela menina manejava uma adaga muito bem.

— Eu também. Como ele ousa dar uma pílula para você tomar? Ele é um tremendo de um canalha — disse Isy com uma faca na mão. — Essa decisão deveria vir de vocês dois, não só dele. Podemos acabar com esse salafrário.

— Isso não vai acontecer — falou Michael entrando na cozinha, mas olhava entre Isy e Evy. — Vocês duas não vão se meter nisso seja lá o que conversavam ou sobre quem quer que seja.

— Você não manda em mim! — retrucou Evy. — Sua mulher é a Isy.

— E você é minha irmã, portanto, não vai entrar no meio do relacionamento dos outros. Se ele for algum abusador de mulher ou algo assim, Nasx e eu lidamos com ele.

— Kill tem razão, ainda mais depois de saber quem é o cara — falou Nasx se sentando ao lado de Samira. Os outros homens fizeram o mesmo, cada um em seu lugar. Daemon veio para o meu lado.

— Não se preocupe, pois não vou ver Nikolai nunca mais, afinal de contas, ele mora na

Rússia... Está aqui por pouco tempo, e acabei de falar com ele pelo telefone de Nasx, mandando-o para o inferno, quando ele ligou — declarou ela, calma.

— Nikolai? O Dark? — Shadow estreitou os olhos para Nasx.

— Ele mesmo — afirmou ele bebendo um copo de leite.

— E você está pegando a garota dele? — indagou em tom duro.

— Não estou pegando ninguém. Falei com Nikolai ontem e disse que, se machucasse a Samira, eu iria acertar as contas com ele. E vou fazer isso assim que o vir! — rosnou, não parecendo estar com medo.

Eu estava confusa. Quem era Nikolai? Parecia ser alguém poderoso.

Shadow riu amargo.

— Como vai acertar as contas com o chefe de uma das máfias russas mais poderosas? Fora a parte em que o homem é uma fera nas lutas, melhor até que Jason, e você perdeu para ele — retrucou com acidez.

— Ele se importa com ela? — sondou Curt. O cara era forte, tatuado como todos os MCs.

— Você disse que falou com Dark pelo telefone de Nasx. Como ele reagiu quando você atendeu? — perguntou Shadow a Samira.

— Perguntou o motivo de eu estar atendendo o telefone dele. Eu disse que estava com Nasx agora e que era para ele ir para o inferno. — Ela deu de ombros.

— Então ele reagiu bem? — Axel estreitou os olhos.

Samira se remexeu no lugar e pareceu confusa com tantas perguntas. Eu também estava. Nikolai era um mafioso. Eles estavam com medo de uma guerra entre a máfia e o MC?

— Bom, acho que ele disse que Nasx estava morto, mas Nikolai com certeza disse isso só para não sair por baixo. Gente, por mais poderoso e mortal que ele seja, Nikolai não se importa comigo. E acredito que ele não mataria um inocente a sangue-frio — declarou assim que viu a preocupação nos olhos dos MCs.

— Quando Dark diz que algo é dele, ninguém toca, ou estará morto — disse Curt e gesticulou para Nasx. — Sugiro que você não invista nela, ou estaremos fritos. Nos livramos de

uma guerra com ele há pouco tempo, por causa do *capo* Salvatore, ou talvez ainda aconteça. Então não queremos entrar em outra.

Eu já tinha ouvido sobre isso. Evelyn foi mantida presa durante anos pelo pai de Matteo. O velho *capo* tinha uma casa cheia de adolescentes, e ele as entregava para os homens no intuito de se vingar por ter perdido sua filha. Matteo se aliou aos MCs e derrubou o antro. Naquele processo, Evelyn reviu o irmão, que pensava que estivesse morto, o Michael.

— Gente, isso é exagero. Nikolai jamais deixaria seus afazeres do crime para vir saber onde estou e o que estou fazendo. Também não vai ter guerra nenhuma — afirmou, depois franziu a testa. — Por que esse *capo* iria guerrear contra Nikolai? Seria uma guerra de mafiosos? E por que vocês estariam envolvidos?

— Isso não é da sua conta. — Axel piscou para ela.

Ela o fuzilou com o olhar.

— Eu não sei como vocês suportam esse cara. — Olhou ao redor e depois para ele. — Eu também não perguntei a você, ameba.

Michael riu, ignorando a careta de Axel.

— Eu suporto porque sou obrigado. Não posso matar o irmão da minha mulher — declarou Michael.

— Meus pêsames, querida — Samira disse para Isy.

— Axel é um amor, mas às vezes extrapola um pouco — afirmou com um sorriso.

— Eu não concordo, mas tudo bem. E, se não puderem me dizer, está ok! Eu só fiquei curiosa sobre essa guerra que mencionaram.

Shadow suspirou.

— A irmã de Nikolai, Irina, foi sequestrada por Lisa, uma prostituta do nosso clube junto a um homem da máfia chamado Enzo, tio do *capo* atual dos Salvatores. Então, se Nikolai soubesse, ele não perdoaria ninguém...

— Mas vocês não tinham nada a ver com isso, tinham? E essa irmã dele? Ela está bem?

— Ela está bem. Somos amigas. E não tivemos nada a ver com isso. Essa Lisa era uma

cadela sem escrúpulos. Ela me odiava porque queria o Dom... — informou Evelyn.

— Na verdade, Evy, ela queria todos os homens, até mesmo o Michael! — Isy trincou os dentes. — Acabei com ela há alguns meses. Por culpa dela, fiquei longe de Michael por longos anos.

Não tinha sido por causa de Berry e Axel que ela tinha ficado longe do seu marido? Estava a ponto de perguntar quando Samira falou, meio confusa:

— Eu não entendo. Se vocês não têm nada a ver com isso, por que Nikolai iria causar uma guerra? A menina está bem. Então ele não precisaria atacar ninguém, não é? Ele é tão monstro assim?

— Querida, teve uma coisa que os Salvatores fizeram que eu não posso contar, mas isso os levaria à morte, e Nikolai seria o mandante — Nasx disse. — E não é porque ele é malvado, ou um monstro, mas vingativo.

Franzi a testa, confusa, mas deixei passar, já que não era da minha conta.

Tomamos café, e depois fui ajudar as meninas com a festa de aniversário de Bella. Assim que terminei, fui conversar com Daemon, mas ele estava na entrada do salão falando com Alexia. Pelo modo como ele sorria e conversava com ela, parecia que ainda a amava.

— Está linda — ele comentou.

Ignorei os dois e a sensação de querer quebrar a cara dele.

— Merda! — rosnei assim que estava de volta à cozinha. Fiquei ali alguns segundos, até que ouvi uma voz. Achei que fosse Daemon, mas não era.

— Não é o que pensa — Bryan disse. — Daemon definitivamente gosta de você. Ele pode ter sido apaixonado por Alexia no passado, mas nunca o vi olhar para ela como olha para você.

Gostar não é o que eu quero que ele faça, pensei amarga. Precisava de alguém que me amasse de verdade e me dissesse isso nem que fosse uma vez.

— Ocorreu tudo bem com a prisão daquele mafioso? — mudei de assunto, não querendo falar sobre Daemon.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você é teimosa; sempre adorei isso em você. — Sorriu. — Ocorreu tudo bem, sim, nenhum dos que fomos atrás voltará para soltar o mal na Terra.

Pisquei.

— Você os matou?

— Não, mas tenho quase certeza de quem fez; só não posso provar isso. — Seu olhar vagou para Samira, conversando com Isabelle.

— Acha que foi o mafioso dela?

Bryan riu.

— Talvez, mas, falando sério, Emília, seja qual for o problema entre você e Daemon, espero que fique tudo bem. — Ele me puxou para seus braços.

— Ele mentiu para mim — sussurrei.

— Seja o que for, ele deve ter seus motivos.

Afastei-me e estreitei os olhos.

— Nada justifica o fato de ele não ter me dito quem eu sou. Sei que ele esconde coisas do passado dele e pode achar que isso é coisa normal, mas não é. Preciso que ele acredite e confie em mim para falarmos sobre tudo, entende? Porque, se isso não acontecer, eu não vou saber o que sou para ele e se estamos na mesma sintonia.

— Claro que estão, Emília. Sei que ele tem suas merdas, mas aquele cara é louco por você — disse com firmeza.

Antes que eu comentasse alguma coisa, as meninas chegaram até nós, assim como Daemon e Alexia, que estava com um sorriso brilhante.

— Querido, Shadow está chamando você para alguma reunião, não sei dizer.

Ele assentiu e me olhou.

— Pense no que conversamos — falou e saiu.

Fui me sentar à uma mesa da qual dava para ver todos os homens perto da entrada do clube.

— A maioria dos homens aqui é grosseira. Você devia ter conhecido Shadow. Grosso,

safado, mulherengo e idiota, mas consegui domar a fera — respondeu Evy para Samira a uma pergunta que não ouvi. — Além disso, ele é maravilhoso na cama.

Elas começaram a falar de seus homens, uma conversa da qual eu não queria participar naquele momento, porque não tinha certeza do que estava acontecendo entre mim e Daemon, não depois de vê-lo com Alexia.

Bella apareceu no salão, toda linda com um vestido rodado com bordados de coração e cabelos repletos de cachinhos. Emma estava ao seu lado, com um vestidinho rosa e marias-chiquinhas no cabelo. Eu iria arrumá-la, mas Andy tinha se voluntariado para isso, e minha bonequinha ficou ainda mais linda.

Ela viu Daemon e foi correndo para ele, que a pegou nos braços, beijando suas bochechas.

Eu adorava ver aquela cena, mas precisava mais do que isso. Eu queria Daemon por inteiro, não pela metade.

O salão estava todo colorido com balões suspensos no teto e guirlandas por todos os lados. As mesas estavam forradas com toalhas brancas e vasinhos com flores sobre elas. A mesa de sinuca já tinha sido retirada, e algumas crianças estavam correndo e brincando por todos os cantos, como Bella, Emma e Ariane – a filha de Alexia, loira e com os olhos claros, a cara da mãe.

— Não acredito que ele está aqui — falou Julia. — Nunca o vi pessoalmente, mas todos dizem que ele é bastante poderoso. Mas não disseram sobre ele ser gostoso e lindo.

— Eu que não acredito que esse idiota está aqui! — Samira repetiu o que Julia disse, mas trincando os dentes.

Olhei para ver de quem elas estavam falando, e foi então que vi um cara loiro de olhos verdes e terno escuro. Poder irradiava daquele homem, tanto que todos os MCs ficaram sérios ante a entrada do cara que eu podia jurar que era Nikolai. Consigo estavam quatro homens vestidos de preto.

— Mamãe? Esses caras são maus? — perguntou Bella indo para perto de Isy.

Samira foi até ele, e os dois conversaram baixo por algum tempo. Fosse o que fosse que

conversavam, não pareciam estar se entendendo, tanto que Nasx queria ir na direção deles, mas Shadow o impediu.

Bryan estava falando algo com Daemon e olhando na minha direção, então vi raiva na expressão do motoqueiro, só não sabia para quem era direcionada. Deu as costas a ele, em seguida veio em minha direção. Eu estava junto às outras meninas, inclusive Samira, que se juntara a nós após ter uma conversa longa com Nikolai.

Elas estavam falando sobre suas vidas, namorados, mas eu não estava ouvindo, por causa da aproximação de Daemon, mas as perguntas delas passaram a ser feitas para mim, que queriam saber sobre meu relacionamento com ele.

— Menina? Que bofe é esse? — perguntei a Samira, sorrindo, mudando de assunto. Não queria falar sobre Daemon, ainda mais depois que ele chegou ao meu lado.

— Um bofe que nunca ia querer você — rosnou perto de nós.

Fulminei-o com olhos irados, mas também doloridos, porque notei que ele pensava que eu não era bonita a ponto de um cara como Nikolai me olhar. Claro que eu não ligava para aquele mafioso, mas ouvir Daemon dizendo isso me fazia sentir menos atraente, ainda mais depois de ele ter chamado Alexia de linda havia pouco tempo.

— O seu pau pode não levantar estando ao meu lado, mas garanto que o de outros homens levanta. Pergunte ao Logan o quanto ele fica duro... — Sorri, não deixando transparecer minha raiva, ou eu jurava que pegaria a faca de cima da mesa e cortaria sua garganta.

A expressão de Daemon ficou tão obscura quanto uma tempestade. Achei que ele fosse dizer alguma coisa, mas só nos deu as costas e subiu a escada pisando duro.

— Mulher, você quer matar o Logan? — Nádia me repreendeu.

— Ele não se importa com isso — comentei e olhei para Alexia. — Ele gosta é de você.

— Não é o que parece. Você viu a cara dele quando saiu daqui? — seu tom parecia preocupado.

— Ele foi atrás de Logan no quarto... — murmurou Isy.

Ao mesmo tempo ouvimos gritos femininos vindos lá de cima e depois um grunhido

dolorido de homem.

— Porra! Eu não toquei nela, cara! — ouvi Logan dizer, mas pareceu um rosnado.

— Maldição! — Pisquei, chocada que o cara tivesse mesmo ido acertar as contas com Logan.

Porcaria, tudo por minha culpa! Subi correndo a escada com Alexia em meus calcanhares. Pude ver alguns homens fazendo o mesmo, mas não me importei.

Assim que entrei no quarto, eu me deparei com Daemon com uma faca na garganta de Logan, que estava deitado na cama, nu, como também a mulher que estava com ele, segurando um lençol contra o corpo, mas não reparei muito nisso e sim nas mãos de Daemon, que tremiam querendo consumar o assassinato.

— Por Deus, Daemon! — gritei com o coração na mão. — Pare, não o machuque, não quis dizer aquilo, só estava com raiva de você por... — não queria contar minhas inseguranças na frente das pessoas ali. — Merda, se afaste dele!

Sua respiração estava irregular, e sua mão apertava tanto o cabo da faca que o sangue parecia ter sumido dali. Fui até ele e segurei seu braço.

— Daemon, por favor, o solte — supliquei.

Ele respirou com dificuldade e saiu de cima de Logan.

— Todos para fora — rosnou sombrio e mortal, depois gritou quando todos hesitaram: — Agora, porra!

Fiquei ao seu lado e vi Logan se levantar, pegando suas calças e as vestindo. Em sua garganta tinha um pequeno rastro de sangue. A mulher tinha saído praticamente correndo quando entramos. Senti-me uma cadela, porque, por minha causa, alguém quase havia morrido.

— Vamos deixá-los sozinhos — Shadow falou olhando para Daemon, que me encarava. — Vou deixá-la com você porque sei que nunca a machucaria independentemente do quanto esteja com raiva.

— Faço as palavras de Shadow as minhas — disse Bryan.

Então todos saíram, e fitei Daemon duramente.

— Que porra esteve a ponto de fazer?!

Seus olhos estavam escuros, ainda raivosos.

— Você não imagina o quanto quis enfiar aquela faca na garganta dele por imaginar o que me disse — sua voz era baixa, mas mortal. — Por sua culpa, eu quase matei um irmão.

Meu coração se apertou, porque ele tinha razão; sentia-me uma vadia por lhe ter dito aquilo, mas não imaginava que ele fosse reagir assim.

— Lamento, Daemon, mas mesmo ouvindo o que eu disse, não precisava vir aqui matá-lo...

Cortou-me:

— Não precisava? Ouvi você dizendo que ele... — Senti-o estremecer, e me fuzilou com o olhar: — Tudo porque estava com raiva de mim por não ter dito a verdade sobre quem você é.

— Você mentiu para mim, porra! Por seis meses, permaneceu me enganando, sem dizer o que descobriu!

— Eu tentei conversar com você desde que chegou, mas você não quis me ouvir, então depois a ouvi dizendo aquilo — sua voz era como fel. — O quê? Está a fim dele?

Pisquei, chocada, então explodi, soltando tudo que estava entalado na minha garganta:

— Como ousa dizer isso, seu idiota?! Eu amo você como nunca amei ninguém em toda a minha vida! Por seis meses vivi com receio, com medo de que não seja só eu que estou aqui... — Apontei para o seu peito — e na sua cabeça! Você nunca disse que me amava, então o vi hoje com Alexia, a forma que a olhava... Percebi que ainda gosta dela!

Ele segurou minhas mãos e me jogou na cama, fazendo-me arfar, em seguida pairou em cima de mim.

— Tem razão — falou, fazendo-me engolir o choro, mas, antes de deixar isso me dominar, permiti a raiva se apossar de mim.

— Me solta, desgraçado! — Lutei para me libertar, mas seu aperto era firme. — Odeio você!

— Não, você não odeia, já que acabou de dizer que me ama — tinha algo na sua voz que

não entendi.

Fitei-o, parando de lutar, e seus olhos pareciam brilhantes e felizes. Por um segundo fiquei contente, porque sua escuridão tinha ido embora.

— Daemon...

— Você quer ouvir a verdade? — Ele não me esperou responder. De qualquer forma, eu não sabia se queria ouvir o que ele estava prestes a dizer. — Gosto de Alexia, sim, como você gosta do Bryan e do Shadow. Não a amo, acho que gostei dela, sim, mas não era amor como sinto por uma mulher esquentada e que me faz perder minha maldita mente.

— Você me ama? — Arregalei os olhos.

— Achei que foder você durante todos esses meses fosse prova de que a amo. — Beijou meu rosto.

— Foder não é provar que ama; às vezes precisamos ouvir — confessei sem fôlego por seu toque incendiar minha pele, como sempre acontecia.

Ele riu.

— Vou me lembrar de dizer isso todos os dias agora. — Ele olhou em meus olhos. — Eu amo você, tanto que só de imaginar alguém...

— Não tive nada com Logan. Eu só estava com raiva, por isso disse aquilo, mas juro que não pensei que você reagiria daquele jeito. — Suspirei, encolhida. — Vou ter que pedir desculpas a ele por quase ter causado sua morte.

— Como esperava que eu fosse reagir ouvindo você falar que um irmão estava com a porra do pau duro por minha mulher? — grunhiu.

— Você disse que Nikolai jamais olharia para mim, então achei que estava me chamando de feia, quando já chegou a dizer que Alexia era linda — enquanto eu falava, aquilo soava tão idiota...

— Você o quê? Eu devia virar você sobre meus joelhos e dar umas palmadas nessa sua bunda linda — disse com um rosnado. Juro que meu centro pulsou com desejo só em imaginar a cena. — O que eu quis dizer foi que ele não ia te querer porque sabia que, se sequer olhasse para

você, eu o mataria.

— Vamos parar de falar em mortes e matar a saudade. — Enfiei minha mão em seu cabelo. — Gostei da ideia das palmadas, tanto que estou toda molhada.

Saiu um rugido de seu peito. Foi tão rápido que, em um momento, eu estava debaixo dele, e no outro, ele estava de pé no quarto.

Antes que eu reagisse, fui virada de bunda para cima com os joelhos na beirada da cama. Segurei no colchão e olhei por sobre meu ombro para ele, que estava sorrindo e com um olhar faminto.

— Linda visão. Agora coloque o rosto no colchão — ordenou, depois deu um tapa na minha bunda por cima do vestido.

Eu gritei, mas engoli os gritos. Ficar de quatro, toda exposta, fez-me sentir como se estivesse perto de um vulcão.

— Quero ouvir seus gritos, quero que todos escutem enquanto você está sendo fodida por mim e que essa boceta é minha e de mais ninguém. Que você é minha. — Ele deu um puxão na minha calcinha, rasgando-a, e não parou por aí; em seguida tirou meu vestido, deixando-me nua. — Quero que o maldito lugar inteiro ouça!

Eu estava a ponto de dizer que não ligava para quem ouvisse, mas então senti um tapa em minha pele, o que me fez gritar alto; e isso prosseguiu até que senti meu baixo-ventre se apertar. Sabia que logo gozaria.

— Puta merda! Isso é bom demais, estou... — minha voz falhou quando ele repetiu o feito, e tudo explodiu, mas, antes que eu tivesse a chance de me recuperar, senti sua língua me devorando e seus lábios puxando forte meu clitóris.

Empurrei mais minha bunda em sua cara, não me importando com a posição. Merda, naquela hora eu não me importava com nada, só queria saciar aquele desejo que estava me consumindo.

— Daemon... eu quero você dentro de mim... — consegui dizer. Minhas mãos seguravam com força o colchão. Devia me importar com o fato de que, pouco tempo antes, Logan tinha

estado com alguém ali, mas só pensava em ter Daemon de novo.

— Vou dar o que você precisa, gatinha. — Deu-me mais um tapa, e então estava me fodendo com força.

A cada estocada dele, um grito escapava da minha garganta. Devia dar para ouvir do outro lado da cidade. Suas mãos puxaram meus cabelos, trazendo minha cabeça para trás, e senti seus lábios em minha orelha.

— Está sentindo meu pau nessa sua boceta suculenta? — grunhiu e deu um puxão mais forte no meu cabelo. Um pouco de dor e prazer me fizeram quase enlouquecer. — Responda, ou não vou deixá-la gozar.

— Sim... me fode com força... Se tirar seu pau de mim, eu vou cortá-lo no toco — consegui dizer entre as estocadas duras dele.

Daemon riu e mordeu minha orelha.

— Ótimo, porque sua boceta é minha, gatinha, só eu posso usá-la, ninguém mais. — Uma de suas mãos foi para o meu clitóris, e tudo explodiu como uma maldita constelação brilhante.

Não precisava dizer que mais ninguém me interessava assim, só ele, aliás, só aquele homem tinha meu corpo, minha alma e tudo de mim.

— Eu sou sua para sempre, e você é meu... — declarei, ofegante.

Ele pegou minha cintura e me virou de barriga para cima, e o vi com seu pau rígido na mão, mirando na minha barriga e gozando, deixando um rastro de seu esperma sobre ela e meus seios. Olhos como fogo observavam seu trabalho me sujando. Assim que terminou, meneou a cabeça de lado e sorriu.

Esse era o sorriso que eu amava.

— Puta que pariu!

— Agora está marcada como minha — ele parecia orgulhoso disso.

Arqueei as sobrancelhas.

— Gozou em mim para me marcar como sua? — Levantei-me e fui para o banheiro, abrindo o chuveiro e me pondo sob ele. — Não precisava, porque já fui marcada no dia em que o

conheci.

Ele chegou por trás de mim e beijou meu ombro, fazendo-me arrepiar. Eu passaria horas com ele fazendo aquilo, mas precisávamos ter uma conversa séria e não sabia que caminho aquilo iria tomar.

— Fico feliz em ouvir isso — sussurrou.

Virei-me, vendo-o sem roupas ali, com a água escorrendo sobre nós.

— Precisamos conversar.

Ele franziu testa.

— Sobre o quê? Seu passado? Lamento não ter dito nada a você, mas iria fazer isso quando estivesse ao seu lado e depois que os problemas acabassem. Não gostaria de soltar essa bomba quando não podia ficar lá constantemente com você. Nesses últimos meses tive que sair tanto... — a verdade estava em cada palavra que ele dizia. — Sinto muito.

— Eu sei que sente... Edward — assim que disse esse nome, ele se afastou de mim como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.

— Emília...

Suspirei, enrolando-me na toalha e saindo do banheiro. Peguei minha calcinha e vestido; não queria que outro cara a visse ali, rasgada ainda por cima. Isso seria bem embaraçoso.

— Venha comigo para o outro quarto, quero te mostrar uma coisa. — Olhei para ele, de pé, vestindo suas roupas. — Espero você lá.

Corri de um quarto ao outro temendo me deparar com alguém; podia ouvir som lá embaixo. Apostava que tinham feito aquilo para não ouvir meus gritos. Corei com o pensamento de todo mundo sabendo que eu tinha sido fodida.

Estava vestindo um short e uma blusa de alças quando Daemon entrou no quarto, que tinha uma cama de casal e cômoda, onde estavam as roupas que eu havia trazido.

— Emília, não posso falar sobre isso...

— Precisa, Daemon, ou nós não vamos seguir em frente. — Fiquei à sua frente.

— O quê? Vai terminar comigo por eu não querer dizer o que aconteceu comigo? — sua

voz saiu amarga.

— Não, claro que não, mas preciso entender por que reage de forma negativa quando te chamo pelo seu nome ou por que não quer me contar quem fez isso com você. — Apontei para suas cicatrizes. — Preciso saber de onde vêm os pesadelos que você tem, ou a fúria, como a que quase o fez matar Logan. Não foi só pelo que eu disse; essa raiva que o faz perder o controle vem do seu passado. Não posso ajudá-lo se não me deixa entrar.

— Ninguém pode me ajudar.

— Daemon, eu o amo demais e não suporto vê-lo assim. Não consigo viver vendo você definhando sem que eu possa fazer nada. Achei que podia lidar com isso apenas convivendo com você e sem tocar no assunto, mas não dá, não quando isso te faz sofrer. Por isso, eu fiz...

Ele estava de olhos arregalados.

— O que você fez? — perguntou com os lábios rígidos.

Expirei. Era a hora da verdade.

— Quando pedi ao Samuel que pesquisasse sobre a minha vida, também pedi que pesquisasse sobre você...

— Você o quê?! — gritou, mas o ignorei e fui até a cômoda, pegando a pasta com seu dossiê, em seguida me virei para ele.

— Nessa pasta está tudo sobre você...

Ele se lançou com rapidez e a tomou da minha mão.

— Acha que tem direito sobre isso só porque estamos fodendo?! — esbravejou.

Eu sabia que ele procuraria um jeito de se afastar, mas não imaginei que fosse me ferindo no processo.

— Vai me machucar dizendo que o que temos foi apenas foda e que, há um segundo, não estava marcando meu corpo com a sua porra? — perguntei, não deixando a dor entrar. — Não li o que está aí dentro. Sabe por quê? Porque eu quero que você mesmo me diga, quero que confie em mim, sabendo que estarei ao seu lado seja lá o que estiver nessa pasta. Se me quer na sua vida, nós vamos nos sentar e conversar, mas, se resolver que não vai conseguir, então não acho

que eu possa lidar com isso, ver você simplesmente afundando e não fazer nada.

Suas mãos tremiam, apertando a pasta com tanta força que chegaram a amassá-la. Porém, ele não disse nada, apenas virou as costas e foi embora, batendo a porta com ímpeto e me deixando dilacerada e com um buraco no peito.



Capítulo 24

Emília

Uma semana sem Daemon aparecer em casa, uma semana sem vê-lo. Uma semana com meu coração doendo, porque sabia que era o fim de nosso relacionamento. Esperei e lhe dei seu tempo, mas ele simplesmente não quis saber e nem dar uma chance a nós.

Após eu ter revelado sobre minha investigação e o confrontado para que se abrisse comigo em Nova Iorque, Daemon desapareceu, por isso voltei para Chicago, pensando que ele estaria lá, mas também não estava. Sabia que os MCs tinham consciência de onde ele estava, só não me contavam. Eu também não perguntei. Após esse tempo, fiquei esperando Daemon. Talvez ele não voltasse para casa porque não queria me ver ali. Então o que eu estava fazendo naquele lugar?

Ash foi designado para tomar conta de mim, mas, apesar disso, eu prometi ao Shadow que não sairia, então não precisava ser vigiada, afinal, ninguém invadiria uma propriedade de um MC. Então ele cedeu, embora relutante.

Entretanto, o motoqueiro marido de Mary me seguia até o meu serviço e de volta para casa. Meu chefe não dava mais em cima de mim, mas também, depois de ver aquele tanto de homens fora da lei e mortais, quem se arriscaria? Eu ficava feliz por isso, pois gostava de trabalhar, mesmo que não fosse no que eu tinha prazer de verdade. Naquela semana, mal consegui fazer meu serviço direito devido ao sumiço de Daemon.

Tinha que sair dali, e só uma pessoa podia me ajudar com isso. Não queria sua ajuda, mas não podia me arriscar a sair por aí colocando a minha vida e a de Emma em perigo. Então liguei para o Miguel.

— Alô? — falou uma voz de homem do outro lado da linha, mas não era ele.

— Oi, sou Emília. Queria falar com Miguel. — Meu coração estava apertado por ter que deixar a casa onde eu tinha vivido por quase sete meses. Olhei ao redor; era como se tivesse estado ali durante toda a minha vida. No entanto, partir era o certo, não? Eu não podia ficar ali se o dono do lugar não me queria por perto.

Eu sabia que Daemon me amava, mas ele não queria enfrentar o seu passado e dar uma chance para nós dois sermos felizes. Por mais que quisesse isso, eu não podia obrigá-lo. Por isso estava partindo.

A linha ficou muda por um instante, depois ouvi a voz de Miguel:

— Não achei que iria entrar em contato comigo tão cedo. — Deu um suspiro.

— Preciso ir embora de Chicago. Pode me ajudar? Não posso simplesmente sair, porque não quero colocar a vida de Emma em perigo — sussurrei, limpando as lágrimas. Minha voz estava rouca pelo choro.

Ele praguejou.

— Não achei que minha luta com Daemon fosse acontecer tão cedo. Eu vou matá-lo — sua ameaça não deixava dúvida.

— Por favor — supliquei, chorando.

— Tudo bem. Daqui a meia hora, alguém em um Mercedes preto vai buscá-la na divisa das terras dos MCs. Consegue sair daí sem ser notada?

— Sim, consigo.

Depois de desligar, fui arrumar minhas coisas, só as roupas mesmo. A máquina de costura, que estava parada todo aquele tempo, ficaria; como eu trabalhava fora, não tinha tempo para costurar, mas tinha intenção de fazer um curso de moda, bem, antes de tudo acontecer.

— Papai — chamou Emma.

Nesse momento eu chorei ainda mais, porque não podia prometer que logo o veríamos de novo, afinal, isso podia ser um adeus. Eu não sabia se Daemon me procuraria para dizer que nos escolhera em vez de não querer encarar seu passado. Não precisava escolher, apenas me deixar entrar de verdade em sua vida, não pela metade.

— Vai ficar tudo bem, meu amor — sussurrei, esperando estar certa disso.

Cheguei ao local marcado e me senti nervosa, com medo de algum MC aparecer em casa ou ali. Torcia para que tudo desse certo.

Um carro parou à minha frente, e um homem alto e de cabelos escuros saiu dele e me ajudou a guardar minha mala. Olhei mais uma vez para o lugar que tinha aprendido a amar, mas, sem o dono ali, eu não podia mais ficar.

— Para onde vamos? — sondei enquanto saíamos de Chicago.

— Pegar o jatinho e ir encontrar o chefe — ele respondeu somente.

Jatinho? Bom, o ramo do crime deve estar dando bastante dinheiro para ele ultimamente, não é? Não houve jatinho da outra vez. Não tinha pensado nisso até o momento; só pensava no que faria da minha vida.

Assenti, não querendo fazer perguntas, porque sabia que não obteria resposta nenhuma. Os homens de Miguel não falavam muito; eu me lembrava daquele motorista que me entregara a Daemon e até dos outros que tinham me acompanhado a Chicago. Eles mal abriam a boca e, quando falavam, era para perguntar ou falar com o chefe deles.

Quanto mais nos distanciávamos rumo ao aeroporto, eu me sentia mais longe de Daemon, indo para um lugar que talvez fosse sem volta. Então, para dizer adeus, peguei meu celular e me despedi dele com uma última mensagem.

Após fazer isso, eu estava chorando e com meu peito doendo. Lágrimas escorriam por minhas bochechas. Poderia me importar com o cara presenciando tudo, mas não liguei para nada. Naquele momento só pensava em minha dor e na de Daemon.

Eu sabia que ele estava sofrendo em algum lugar, talvez sozinho, pensando que não poderia lidar com as merdas que aconteceram consigo, mas eu sabia que podia; eu havia enfrentado meus demônios, então por que Daemon não podia?

Queria estar ao lado dele, abraçá-lo e dizer que tudo ia se resolver, mas ele se afastou de mim, não me deixou entrar. Naquele instante, pensei que eu deveria ter deixado seu passado para trás, que não deveria ter forçado ou pesquisado sobre sua vida. Assim estaríamos juntos.

Quando seus pesadelos atacavam, Daemon dormia sozinho no sofá. Eu acreditava que era para não me machucar. Algumas vezes ele dormia comigo, mas nunca me machucava. Eu sabia que não o faria, mas o medo dele de me ferir era enorme, por isso ficava longe. Aquilo me destruía e a ele também, eu tinha certeza. Por isso tentei ajudá-lo, mas o afastei para longe.

— Acho melhor jogar seu celular fora, ou os MCs vão rastreá-lo. Você quer isso? — disse o cara.

Eu queria? Sim, mais do que tudo, mas queria que Daemon viesse, não os outros MCs. Gostava de todos, sim, mas não podia ficar com eles enquanto Daemon não me quisesse ao seu lado. Talvez um dia ele viesse a querer... Precisava ter esperança. E se eu permitisse que eles rastreassem o celular, e, no final, ele não viesse, isso só me faria sofrer mais.

Liguei uma última vez para Isy; precisava informar a eles que não se preocupassem comigo.

— Só preciso avisar a meus amigos que estou bem — falei ao homem. — Qual seu nome?

— Diego.

Assenti e suspirei assim que ela atendeu.

— Alô? — sua voz parecia sonolenta. Gravidez dava sono.

— Sou eu, Isy — minha voz estava falha.

— Emília? Desculpe, atendi sem ler o nome no identificador. Algum problema? Sua voz está estranha.

— Estou. Só liguei para avisar que estou indo embora e que vocês não precisam se preocupar comigo, pois vou estar bem — tentei falar o mais tranquilamente que pude.

— O quê?! — gritou tão alto que Michael perguntou o que estava havendo. Ouvi sua voz ao fundo.

— Tenho de ir. Não precisa se preocupar, porque estarei segura no lugar para onde vou. Quando Daemon aparecer, por favor, cuide dele, tudo bem? — Não consegui aguentar mais e comecei a chorar.

— Emília, por favor... — ela suplicou, fazendo-me engolir os soluços.

— Adeus. — Desliguei e entreguei meu telefone ao Diego.

Chegamos ao aeroporto e, após uns poucos procedimentos, entramos em um jatinho, mas não reparei em nada ao redor; minhas lágrimas não deixavam isso acontecer.

A viagem para fosse lá aonde estávamos indo foi longa. Não me importava com o destino; só esperava que lá o tempo pudesse aliviar minha dor, embora achasse que fosse impossível.

Emma estava dormindo assim que pousamos. Eu a segurei firme nos braços e desci com a ajuda de Diego.

— Onde estamos? — perguntei. Estávamos perto de uma pista de pouso, e havia uma cidade ao longe.

— Española, Novo México. Logo vamos encontrar o chefe.

Tinham vários carros pretos e homens, uns vinte mais ou menos, nos esperando.

— Para que tantos homens? — sondei, mas já suspeitava que fosse por minha causa.

— O chefe disse que precisa que vocês fiquem seguras. Vão ter mais aonde vamos. — Colocou minhas coisas em um carro, e seguimos por uma estrada de chão, distanciando-nos ainda mais da cidade.

— Miguel vai estar nesse lugar aonde vou? — Não acreditava que fosse vê-lo logo. Ainda estava grilada com ele por não ter me dito quem era, mas ele teve que passar por muitas coisas para chegar até mim, inclusive se aliar a um cartel e se tornar chefe dele.

— Sim.

Não tínhamos andado muito, quando ouvi tiros, tanto à frente como atrás de nós.

— Fomos cercados, chefe! — Diego falou através de um microfone acoplado a uma escuta no ouvido. — Estamos há uns dez minutos daí. Pode mandar todos. Eu vou entrar com elas na mata.

Meu coração estava batendo forte contra as costelas, porque pensei que eu e minha filha iríamos morrer naquele momento. Já tinha sido perseguida antes, mas daquela forma? Certamente não. Eu me senti um robô: tranquei meus sentimentos – dor, tristeza, raiva, perda e medo – e só pensei em fugir daquele lugar. Não deixaria nada acontecer comigo e com Emma.

— Vamos. — Diego abriu a porta do carro e saiu me puxando com a menina, e entramos no mato cerrado, cheio de árvores altas e próximas, tornando quase impossível alguém da estrada nos ver.

Quase caí com Emma nos braços, então Diego a pegou, e voltamos a correr entre os obstáculos proporcionados pelas árvores e moitas, mas ouvi tiros próximos, de alguém nos seguindo. Outro cara apareceu e atirou nos bandidos.

Senti uma súbita dor latejante na barriga.

— Diego... — sussurrei com a mão no ventre, vendo sangue escorrer por entre meus dedos.

Ele praguejou alto e veio em minha direção.

— Emília! — ouvi a voz de Miguel em algum lugar. Todavia, meus ouvidos estavam zunindo, e minha visão ficou turva.

— Proteja Emma... — foi a última coisa que eu disse antes que a escuridão se apossasse de mim.



Capítulo 25

Daemon

Olhei para a casa onde fui criado por praticamente quase toda a minha infância, onde tive alguns momentos felizes, com minha mãe, pelo menos. Meu pai nem olhava para mim; na verdade, ele só ligava para si mesmo.

Meu peito doía, e eu me corroía por dentro, como se tivesse um câncer incurável. Precisava ter forças e enfrentar tudo que estava ali: lembranças ruins e pesadelos que me atormentaram durante uma boa parte da vida, mas eu não deixaria que eles me atrapalhassem mais, como vinham fazendo por todos aqueles anos.

A cada passo que eu dava na direção daquela propriedade, era como se eu estivesse andando descalço sobre cacos de vidro. Contudo, precisava enfrentar aquilo para viver feliz ao lado de Emília e minha filha, porque era isso que minha princesinha linda era: minha.

— Vamos, você consegue enfrentar — disse Bax ao meu lado.

Dois dias antes, ele havia me encontrado bebendo na casa onde vivíamos na Turquia antes de nos mudar para os Estados Unidos. Meu irmão sabia onde me achar.

Eu me sentia mal por desaparecer sem dar qualquer sinal de vida, mas só queria esquecer, e, ao mesmo tempo, não queria. Precisava ser forte e enfrentar meu passado, como Emília falava.

— Tudo bem — respondi e cheguei à portaria. Podia ver os vários guardas no lugar.

Isso me fazia ter mais raiva, porque Osman não usou proteção quando deveria ter feito. Assim eu não teria sido sequestrado nem espancado por semanas enquanto os algozes não recebiam as armas que queriam em troca do resgate. A cada negação que vinha do meu pai, os bandidos me feriam e faziam vídeos que enviavam a ele, que nunca se importou em pagar para me salvar.

Bax comentou que fecharíamos um negócio lucrativo, por isso estávamos ali incólumes. Para todos os efeitos, éramos homens querendo comprar armas.

Na ficha que Samuel entregara a Emília, estavam todos os podres do meu pai. Ser político era só uma fachada para negócios ilegais, como venda de armas, prostituição. Fazia vinte anos que o maldito mexia com isso. *Devia ter ao menos colocado seu filho sob proteção,* pensei amargo.

— O senhor Alakurt disse que vocês podem entrar — respondeu o guarda.

Respirei fundo e entrei com Bax ao meu lado. A casa era de dois andares, em estilo francês, porque minha mãe adorava coisas assim. Pensar nela me fez perguntar a mim mesmo: *como ela pôde compactuar com seu marido durante todos aqueles anos? Deixar o próprio filho sofrer dia após dia e não fazer nada?* Lembrava-me de tê-la visto apanhando dele, mas nunca lutava, e eu não entendia o motivo de ela aceitar isso. Que amor era esse? Não entrava na minha cabeça a ideia de uma mulher aceitar ser espancada ao ponto de mal poder andar por amor. Recordei-me que uma vez perguntei a ela por que aceitava esse tipo de coisa, pois eu sentia raiva, mas Sila falou que era assunto de gente grande.

Céus! Como doía estar naquele lugar! As lembranças jorravam em minha mente, deixando-me sem fôlego. *Porra!*

— Daemon — chamou Bax baixinho.

— Estou bem, vamos acabar com isso — falei pelos dentes trincados.

A sala era como eu me lembrava, nada havia mudado, exceto por algo: não tinham fotos minhas nas mesas, armários e estante que havia ali. Era como se eu nunca tivesse nascido ou existido.

Entramos no escritório, mas não reparei ao redor, porque, assim que entrei, olhei para o homem à minha frente, que um dia tinha chamado de pai. Ele estava mais velho, claro, cabelos brancos e olhos escuros. E não parecia humano. Eu esperava tanto pelo momento em que poderia acabar com aquele desgraçado que arruinara minha vida por anos... Porém, tudo tinha seu tempo, e eu faria aquilo lentamente.

Ele não me reconheceu assim que me olhou, mas não teria como, porque eu estava diferente, não era mais uma criança de dez anos que aquele verme deixou desprotegida.

— Olá, senhores. Sentem-se. — Sorriu, apontando para duas cadeiras à sua frente.

Bax se sentou, mas eu fiquei de pé, pois não queria chegar mais perto dele do que já estava, ou o mataria antes da hora.

— Obrigado — disse Bax, mas notei que ele estava segurando seu ódio pelo homem, assim como eu.

— Então, que armas vocês querem? Tenho várias e de muitos modelos. Podemos negociar...

Ele se interrompeu com uma batida na porta. E uma mulher de quem eu me lembrava muito bem apareceu, cabelos castanhos grisalhos, 55 anos. Seus olhos eram da cor dos meus.

— O que está fazendo aqui? — notei que seu tom era duro ao falar com ela.

Sila se encolheu ante seu tom, e vi medo em seus olhos, mas ela logo se recuperou.

— Um dos seus homens disse que você estava me chamando — respondeu ela.

Estreitei meus olhos, avaliando os dois, e vi que ela estava com uma roupa comprida mesmo estando calor lá fora. Aquele maldito tinha batido nela? Pelo jeito, isso ainda acontecia. Levou todo o esforço que havia dentro de mim para não o matar antes da hora.

— Não chamei. Agora saia — não parecia um pedido.

— Ela não vai sair — rosnei. — Sente-se ali perto de Bax, senhora, e vamos ter uma conversa.

— Acho melhor ouvir, madame; ele não está com muito bom humor — disse Bax.

Ela arregalou os olhos entre mim e seu marido, mas caminhou, sentando-se na cadeira que mandei.

— Quem diabos são vocês? — rosnou Osman, levando a mão por debaixo da mesa, certamente para pegar alguma arma.

— Se ao menos tentar, você estará morto antes disso. — Puxei minha arma, e Bax sacou a sua também. — Agora que estamos reunidos, vamos assistir a um vídeo.

— Se veio para roubar, eu não tenho nada de valioso aqui — falou o homem com raiva.

— Não se preocupe, sei onde suas finanças estão agora; neste momento, muitas pessoas na África vão fazer a festa — informei, indo até onde tinha uma TV, ligando-a e conectando um pen drive a ela.

— Que porra está dizendo?! — gritou.

— Pode checar se quiser, mas não vai ter nenhum centavo tanto na sua conta quanto na da sua mulher. Agora vamos assistir a algo que já faz mais de 15 anos, mas você não se importou muito, não é?

Então a TV começou a exibir claramente os momentos quando fui torturado por culpa daquele cara que se dizia meu pai. O menino de dez anos, com as mãos e pés amarrados, estava sem camisa, só com os jeans, olhos assustados para a câmera que estava direcionada para ele.

— *Olá, Osman. Eu tenho algo seu. Eu disse que queria o local das armas e que, se não me informasse, o seu filho ia pagar o preço, mas você não ouviu, então aqui vai um presentinho para você* — disse o cara dono da voz dos meus pesadelos.

Fechei os olhos por um segundo, depois encarei a cena ali, sentindo o medo que senti naquele tempo, as súplicas que fiz, mas nenhum deles ouviu.

A lembrança de meus gritos ao ter o peito rasgado com lâminas até então me fazia estremecer. Foram vários vídeos gravados pedindo a mesma coisa, até que meu peito não tinha mais espaço para fazer cortes, então eles passaram para as costas. Eram dois, que faziam cortes superficiais; assim eu não morreria, já que precisavam de mim vivo.

Na última vez, eu fui levado para a sala onde praticavam torturas, mas sabia que morreria, pois meu pai não daria o que eles queriam, então consegui pegar um bisturi escondido e acertei a artéria no pescoço do cara, peguei as chaves e fugi. Foi quando conheci a família de dona Benta, que se tornou a minha.

Ainda restava um dos caras que havia me torturado. Após minha vinda para aquele país, eu pesquisei e finalmente descobri seu paradeiro. Lion estava com ele naquele momento, esperando-me acabar ali e ir para lá para terminar de cumprir a vingança atrás da qual eu nunca tinha ido.

— Oh, Deus! — Sila soltou um grito dolorido, chorando e foi para perto da TV, caindo de joelhos. — Meu bebê!

Olhei para a mulher em prantos e para o filho da puta vendo a cena, mas não demonstrando sentir nada. Naquele instante, eu soube que ele escondeu dela o que tinha acontecido.

— Vejo que não contou à sua esposa sobre o pedido de resgate que você não deu, deixando que fizessem isso ao seu filho — sibilei com aço na voz. — Me diz por quê. As armas e o poder valiam mais do que a vida de uma criança?

— Eu não podia entregar meu patrimônio, além disso, as armas não eram minhas naquela época — respondeu ele de modo frio. — Não era para termos filhos, isso aconteceu por incompetência dela. — Seus olhos foram para minha mãe, ainda chorando de joelhos. — Tive que deixar assim e depois falei que o garoto tinha morrido, o que acabou acontecendo. Onde conseguiram esse vídeo?

Eu estava a ponto de mostrar que não estava morto, mas minha arma foi tirada da minha mão e ouvi um disparo. Pisquei ao ver minha mãe chorando com a arma na mão.

— Você deixou matarem meu bebê e tudo porque não quis dar o que eles pediram?! Você disse que eles não pediram resgate e que o mataram...! — ela foi se aproximando e gritando para Osman, que tinha sido alvejado com um tiro na barriga. — Eu aceitei ser maltratada durante todos esses anos por ameaças contra a vida da minha família! Aceitei tudo calada, e você vem dizer que ousou deixar esses homens matarem o meu filho?! Onde ele foi enterrado?! Eu preciso me despedir dele... diga! — esbravejou.

Meu coração martelava nas costelas, porque ela pensava que eu estava morto. Passei anos a odiando por pensar que não me queria, que preferia que seu nome não fosse manchado a dar o que aqueles bandidos queriam. No final, ela estava sofrendo nas mãos daquele homem desumano.

Corri até ela para impedir que atirasse de novo em Osman; não queria que ela tivesse uma morte nas suas mãos.

— Não atire nele novamente, não pode ficar com isso na sua consciência para sempre —

pedi colocando minha mão sobre a sua que estava com a arma.

— Ele matou meu menino! Durante todos esses anos, eu pensei que ele foi assassinado por sequestradores que não queriam resgate, só vingança, mas, no final, esse imundo foi o culpado de sua morte! — Ela chorava. — Meu Edward...!

Meu coração rachou.

— Ele não está morto — eu disse com a garganta seca. — Estou aqui e vivo.

Ela se virou e me olhou de olhos arregalados.

— Edward? — Piscou, em choque.

— Sim, sou eu.

— Oh, Deus! Os seus olhos são os mesmos do meu garotinho! — Ela me abraçou, parecendo se esquecer da arma. Eu a peguei e fiquei em choque por um segundo pelo seu abraço, mas logo me senti aquecido e, por incrível que pareça, leve, como se um grande peso tivesse saído de meus ombros.

— Meu menino sofreu tanto... — choramingou, apertando os braços ao meu redor.

Retribuí o abraço e me senti feliz, mas, antes que eu pudesse apreciar mais o carinho e afeto, ouvi um tiro, o que me fez encolher e ofegar, com medo de que Osman, que ainda estava vivo, tivesse atingido minha mãe.

Bax estava com a arma apontada, e havia um sinal de bala na cabeça de Osman.

— Ele ia atirar em vocês — falou meu irmão. Nesse instante, ouvimos tiros lá fora. — Precisamos ir, Daemon. Agora.

— Não, por favor, eu não posso perder você de novo! — minha mãe suplicou.

Peguei suas mãos e a fitei.

— Quero que confie em mim. Não vou deixá-la nunca mais. Depois vamos conversar, mas agora precisamos sair deste lugar.

— Tudo bem — concordou.

Bax foi na frente com sua arma apontada e atirando em quem aparecia na frente. Havia muitos disparos lá fora. Eu não sabia quem estava atirando em quem, porque apenas Bax e eu

havíamos entrado ali.

— O que diabos está acontecendo?! — gritou Bax.

Merda! Eu não queria assustar minha mãe, mas estava me perguntando a mesma coisa.

Antes que saíssemos da sala, a porta se abriu, e eu já ia atirar, mas então Samuel entrou como se fosse o dono do lugar. A raiva fervilhou em meu interior ao imaginar o que ele tinha feito, tanto que voei para cima dele, mas, antes que chegasse, Bax me segurou.

— Seu desgraçado! Você investigou a minha vida! — grunhi.

Samuel meneou a cabeça de lado.

— Deveria me agradecer, afinal, acabou descobrindo que sua mãe não sabia de nada do que Osman fez no passado — retrucou sem ligar para minha ira.

— Edward, quem são eles? — perguntou Sila segurando minha mão como se quisesse me proteger.

Senti-me tão leve ao ser chamado por esse nome como nunca senti na minha vida. Controlei minha raiva pelo mafioso e suspirei.

— São alguns amigos meus — respondi, depois fuzilei Samuel com o olhar. — O que faz aqui?

— Soube que tinha vindo para a Turquia e vim ajudar em sua vingança; ofereci-me uma vez à sua namorada para fazer o serviço. Também vim te dizer que ela foi embora...

Meu peito pareceu ter sido socado por algo forte, que o despedaçou. *Não, Emília não pode ter me deixado!*, pensei. Eu sabia que estava confuso, mas voltaria para ela.

Peguei meu celular para ver se tinha alguma mensagem dela ou dos outros para mim; tinha desligado o celular quando partira para Esmirna. Ignorei as outras mensagens e ligações perdidas e li a primeira das muitas que Emília tinha me enviado, pedindo-me para voltar, falando que me amava. Pulei o resto e parti para a última, cujo teor revelava que era uma despedida:

Daemon, eu sei que está sofrendo. Queria poder estar ao seu lado neste momento e dizer que nunca irei embora e que amo você como nunca amei na minha vida. Espero que seja forte e

consiga superar o que está passando e volte para mim.

Estou indo ficar com Miguel. Eu não queria isso, mas não podia ficar na sua casa quando não estava comigo. Preciso de você, Daemon, como preciso de ar para respirar. Não é um adeus; estarei sempre esperando você até o meu coração parar de bater.

Eu te amo, estou com saudades.

Minha mão apertava tão forte o celular que seria possível quebrá-lo.

— Daemon, isso não é tudo — falou Samuel.

Olhei para ele.

— O que você quer dizer? — minha voz saiu estrangulada.

— Na viagem até o Novo México, eles foram cercados. Diego, que levava Emília e Emma, entrou na mata com elas, mas uns caras os seguiram, e houve tiros...

— Não! — Sacudi a cabeça. — Elas estão bem, não é? Por favor, diga que sim!

Sua expressão estava triste; isso apertou meu peito, impedindo-me de respirar.

— Emília levou um tiro e agora está no hospital.

Levou um tiro, essa frase se afundou no meu cérebro como uma maldita bala certeira.

— Não, não, isso não pode estar acontecendo! — Minhas mãos estavam na cabeça. — Ela está bem, não pode acontecer nada com ela... Não pode!

Ouvi vozes conversando ao meu redor, mas mal entendia, porque estava obcecado em ligar para Miguel.

— Daemon! — gritou Samuel, sacudindo-me, e logo senti um soco na boca.

— Mas que porra! — sibilei, fuzilando-o com meu olhar raivoso.

— Controle-se, cara! Pelo visto, o perigo passou. Ela está instável, mas vai sobreviver. Agora eu resolvo tudo aqui. Vá até sua mulher e filha — ordenou.

— Eu vou com você, Edward — mamãe ficou ao meu lado.

Assenti, sentindo-me bem com sua presença, mas Samuel disse:

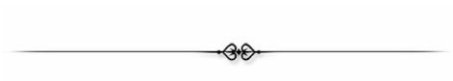
— A senhora não poderá ir agora.

— Por que não? — perguntou confusa, olhando entre mim e ele.

— Porque seu marido está morto, e, se sair agora, você será incriminada por isso. — Suspirou. — Eu cuido de tudo e vou ajudá-la. Você vai dizer que não viu nada. Depois você pode ir até onde Daemon estiver, vai ser fácil, pois, embora more aqui, você é americana, então não terá que se preocupar com visto.

— Lion está me esperando para terminar a vingança — informei a Samuel, depois me virei para a mulher ao meu lado. — Mãe, eu preciso ir. — Peguei suas mãos finas e a puxei para os meus braços.

— Eu sei, querido. — Ela alisou minhas costas. Pela primeira vez não senti qualquer aversão ao toque em minhas cicatrizes. — Sua mulher vai ficar bem, acredite nisso. Assim que puder, eu irei para você.



Cheguei ao Novo México, Española, já escurecendo e fui direto para o hospital. Meu coração estava pulando forte tanto de dor por saber que Emília estava hospitalizada quanto por ter deixado minha mãe; eu não queria ficar longe dela após descobrir a verdade, mas precisava ver minha gatinha e torcer para que ela estivesse bem.

Tinham vários homens armados no corredor, certamente a mando do verme do Miguel. Eu estava louco para acertar as contas com ele. Poderia até eliminá-lo, mas isso ia fazer Emília sofrer, algo que eu não queria.

Miguel estava no corredor, de pé, com o rosto cravado de dor e tormento.

Paralisei, com o medo enchendo meu peito. *Não, Emília tem que estar bem! Não tive tempo suficiente com ela...*

— Ela... — minha garganta travou num nó, impossibilitando-me de respirar.

— Os médicos a operaram e acabaram de trazê-la para o quarto. Agora só precisamos esperar para ver como ela vai reagir, mas foi grave. Por pouco não a perdi — sussurrou

perturbado enquanto fitava a porta à sua frente. — O estado dela ainda é crítico.

Eu estava tomado pelo medo. Por pouco não a perdera também, e ainda poderia... Não, eu tinha que ter fé em que ela sairia daquela. Tinha que sair! Eu não podia viver sem minha gatinha linda.

Senti raiva, porque, por culpa dele, que a tinha levado para longe de minha casa, ela estava correndo risco de vida. Lancei-me sobre ele com os punhos cerrados e o soquei na boca.

— Por sua culpa ela veio parar neste hospital! — esbravejei.

Seus olhos ficaram mortais.

— Você também é culpado. — Ele me lançou um soco também.

Eu estava prestes a quebrar sua cara e matá-lo, mas, de repente, um corpo entrou entre nós e duas armas foram apontadas, uma para mim, outra para Miguel.

— Vocês, porra, controlem suas merdas, porque sua mulher... — sibilou Shadow para mim, depois para Miguel — e sua irmã está lá dentro, lutando pela vida. Então deixem suas desavenças para depois que ela sair dessa, ou vou derrubar os dois.

Meus punhos estavam apertados com força, querendo eliminar aquele maldito, mas Shadow tinha razão. Eu precisava me controlar e orar para que minha mulher ficasse boa.

Dei as costas a todos; não estávamos só nós três e os homens de Miguel ali. Eu podia ver Axel, Logan e alguns outros irmãos, mas não me importei e fui até o quarto onde Emília estava.

— Moço, você não pode entrar aqui — disse uma enfermeira.

Eu a fuzilei com meus olhos.

— Só saio deste quarto morto! — rosnei e caí de joelhos ao lado da cama de Emília.

Ela estava sob um lençol branco, com um cateter no nariz para ajudá-la a respirar e um cateter no braço, recebendo soro. Seus olhos estavam fechados.

— Oh, Deus, Emília! — gemi ao lado de seu leito. — Vai ficar tudo bem, meu amor, eu estou aqui, e, assim que abrir os olhos, vou dizer a verdade sobre meu passado e que amo você como nunca amei ninguém! — afirmei. E, pela primeira vez em 15 anos, eu chorei, rezando para que ficasse boa logo.



Epílogo

Emília

Abri os olhos e me deparei com um quarto branco, mas, antes que eu me perguntasse o que tinha acontecido para estar em um hospital, lembrei-me dos tiros, da corrida pela mata e da bala na minha barriga.

— Emma! — minha voz se elevou devido ao medo de que tivesse acontecido algo a ela.

— Graças a Deus, você acordou! — sussurrou uma voz que eu temia nunca mais ouvir na vida.

— Daemon? — Olhei para o lado da cama e o vi sentado numa cadeira com os olhos ansiosos e com olheiras como se não dormisse havia dias. Uma de suas mãos estava próxima da minha barriga.

— Sim, estou aqui, e nossa princesa está bem. Está com Evelyn agora. — Expirou — Estava com tanto medo de perdê-la. Foram cinco dias de tormento.

— Daemon... — minha voz falhou, e meus olhos já estavam molhados. Tentei me movimentar, mas uma dor perfurou minha barriga, e eu arquejei. — Ai!

Ele deteve meus movimentos.

— Fique parada, não pode se mover — pediu alisando meu rosto. — Quase a perdi.

— Sim, mas você veio atrás de mim — comentei, sabendo que não era disso que ele estava falando.

Seu rosto foi para meu pescoço, e ele inspirou.

— Oh, Deus! — exclamou com dificuldade. — Se eu a tivesse perdido...

— Não perdeu, estou aqui viva, não é? — Suspirei. — Quero pedir desculpas por tê-lo

feito enfrentar aquilo que não estava pronto. Isso o fez me deixar.

— Eu não tinha deixado você. — Levantou a cabeça e me encarou com os olhos molhados. — Jamais faria tal coisa! Só precisava enfrentar meu passado, encará-lo de frente.

Pisquei.

— Você fez? Foi onde seus pais moram e os enfrentou? — minha voz saiu alta, mas grogue, como se eu tivesse dormido muito. De repente, arregalei os olhos — Você disse cinco dias? Fiquei apagada durante todo esse tempo?

— Foi uma semana de muito medo... — sua voz falhou. — Graças aos Céus, você está bem.

— Sim, não podia ir agora, preciso viver minha vida ao seu lado e ao de Emma.

Ele franziu a testa.

— Como sabe sobre meus pais se não leu o conteúdo da pasta? Estava lacrada antes de eu a abrir.

— Suspeitava. Ninguém reagiria como você se não fosse alguém da família que o tivesse machucado. A reação que tinha sempre que ouvia seu nome e sobrenome... Isso me fez desconfiar que era algo relacionado aos seus pais, além disso, eu vi o jornal velho no seu guarda-roupa com a foto deles e conversei um pouco com dona Benta.

— Sempre pensei que minha mãe sabia do que meu pai fez e não quis me ajudar, que não se importava com o que aconteceu comigo, afinal, já a vi toda roxa porque não lutava contra ele. Mas descobri que ela só não foi embora nem fez algo para me proteger e à sua família por puro medo. Eu poderia tê-la ajudado...

— Não pode se culpar por não ter ido resgatá-la antes, você não tinha como saber. O importante é que sua mãe está bem agora, não é?

— Está, sim. Sila pensava que eu estava morto, que os caras que me sequestraram não pediram resgate e que apenas me mataram para se vingar de Osman, mas, quando fui confrontá-los, ela descobriu que fui torturado em troca de armas, que ele não deu.

— Você está dizendo os nomes dos seus pais — falei, feliz pelo meu motoqueiro.

— Pensar neles não apenas doía, mas me dava raiva, e, para não ter que ir matar os dois, eu me fechei, colocando barreiras em meu interior, impossibilitando a entrada de qualquer pessoa. — Seus dedos foram para minha boca. — Mas você as quebrou junto a Emma, e agora tenho as três mulheres que mais amo na vida.

— Fico feliz em ouvir isso. — Eu ri, o que foi um erro, porque parecia que estavam esmagando minha barriga.

— Emília! — Ele estava prestes a apertar algo perto da cama, mas o detive.

— Vou ficar bem, prometo — jurei meio ofegante. — Não precisa chamar a enfermeira, só não devo mais rir nem me mexer. — Mudei de assunto, querendo distraí-lo: — Miguel está bem? Quero dizer, vocês não brigaram ou...

— Quer saber se eu o matei?

— Não, sei que não faria isso, só pensei que ele estivesse em algum leito deste hospital. — Encolhi-me.

— Não fiz nada, porque sei que você se preocupa com aquele asno, então vou engolir meu desprazer por ele, apesar de termos contas a acertar — falou com aço na voz.

— Miguel teve uma vida difícil e fez tudo para me encontrar. Ele se tornou o que é por mim, então não posso pensar mal dele...

Daemon beijou meus lábios de leve, mas foi intenso como uma fornalha acesa.

— Vai ficar tudo bem, não vamos brigar por algo assim — disse, mas eu não confiava em sua voz.

Decidi deixar isso para resolver depois, quando estivesse boa.

— Então sua mãe vai fazer parte da sua vida? Ela o ama? — queria que ele me contasse mais sobre isso, estava adorando vê-lo falar sobre Sila. O amor era evidente ali.

— Minha mãe é uma mulher forte. Ela atirou em Osman...

— Ela o matou?! — minha voz soou alta, então gemi com uma pontada na barriga. — Droga!

— Fique quietinha, não se mova — pediu com preocupação. — Ou vou chamar a

enfermeira.

— Tudo bem. — Suspirei. — Vou ficar, apenas me diga o que aconteceu.

Então ele contou sobre o trabalho sujo de seu pai, sobre o sequestro e os vídeos que os criminosos tinham feito enquanto o mutilavam na intenção de conseguir de seu pai as armas que queriam, mas o homem não cedeu. Contou também que, quando fugiu do lugar, matou um dos sequestradores.

— Foi o primeiro homem que matei — sussurrou. — Lembro-me que fiquei semanas vendo seu sangue em minhas mãos.

— Eu sei que, para pessoas como nós, que passaram por maus tratos, é impossível esquecer, mas, com o tempo, tudo se torna suportável. Com as pessoas que nos amam ao nosso lado é melhor ainda. — Toquei seu rosto com minha mão livre do cateter. — Assim como você me ama, e eu o amo.

— Sim, eu te amo e vou amar até que meu coração pare de bater — respondeu o mesmo que eu tinha escrito na minha mensagem de despedida.

Sorri.

— Vamos torcer para vivermos uns cem anos, não é? O importante é ficarmos juntos para sempre.

— Sempre, minha gatinha — jurou, beijando meus lábios de leve. — Agora descanse; estarei aqui quando acordar.

Três meses depois

Eu estava em frente ao túmulo da minha mãe, em Madri. Não me lembrava dela, mas, se ela se preocupara comigo ao ponto de ter um infarto, era porque me amava. Então era meu dever de filha vir visitá-la e me despedir dela. Gostaria que ela estivesse comigo para conhecer Emma e Edward, meu namorado e futuro marido.

Pensar nesse nome e naquele homem me fazia querer explodir de felicidade. Cada dia com ele era uma dádiva, uma benção que eu jamais imaginei ser possível. Agradecia a Deus por o ter enviado para a minha vida.

Despedi-me de Carmen, a minha mãe. Pela foto na lápide, eu me parecia com ela.

— Vocês duas se parecem — falou Miguel ao meu lado, ecoando meus pensamentos. — Faz muitos anos que não venho aqui; acho que só no dia em que ela se foi.

— Queria poder me lembrar dela, sabe? Poder sentir o amor que ela nutria por mim — murmurei.

Ele me abraçou, beijando minha testa.

— Acho que tenho uns vídeos daquela época. Vou procurá-los e dar a você — prometeu. — Agora vamos embora, porque vai começar a chover.

Não falamos de nosso pai, pois não me interessava saber do homem que não ligava para mim nem procurou saber como eu estava durante todos aqueles anos.

— Lamento por tudo que teve que fazer para me encontrar — murmurei enquanto voltávamos ao carro.

Edward estava escorado no veículo, todo glorioso com suas roupas de motoqueiro, que me deixavam toda mole e bêbada. Como eu amava aquele homem!

Quando eu disse que queria ir onde minha mãe havia sido enterrada, ele logo se prontificou a vir comigo e sugeriu que, depois que eu me despedisse dela, nós aproveitássemos um tempo ali, em Madri, mas, como não queríamos deixar Emma para trás, a sua mãe veio conosco, assim poderia tomar conta de nossa filha. Amei Sila desde o início. A mulher havia deixado tudo na Turquia e se mudado para Chicago para ficar perto do filho, pois não ficaria mais longe dele.

Edward olhou para o céu nublado e se virou para dentro do carro, pegando uma sombrinha e vindo em minha direção. Eu passei a o chamar assim, já que esse nome não lhe fazia mais mal quando era mencionado.

— Não lamente por nada, fiz tudo que podia ser feito e não me arrependo — garantiu Miguel e fez uma careta vendo Edward se aproximar de nós. — Não precisava dele aqui, eu

podia protegê-la muito bem.

Antes que eu respondesse, os olhos de Edward o fuzilaram, e ele rosnou:

— Igual fez da outra vez que ela estava com você, quando quase morreu? — Ele abriu a sombrinha preta e a colocou sobre mim e ele, deixando Miguel sob a chuva que tinha começado a cair e estava começando a engrossar.

— Não foi culpa dele — repreendi Edward e fitei meu irmão. — Nunca pense isso. Não culpo ninguém. O importante é que estou bem agora.

Miguel sorriu e sacudiu a cabeça.

— Ele tem razão, querida, mas posso jurar que nenhum perigo virá de mim para você. Já cuidei do Black e dos Rodins; agora você pode fazer o que quiser. — Ele tocou meu rosto e correu para o carro, escapando da chuva.

— Ele os matou? — sondei curiosa. — Sabe que não ligo se isso tiver acontecido.

— Vamos dizer que sim — respondeu Edward me abraçando de lado. — Vamos sair da chuva, ou você vai acabar pegando um resfriado.

Sorri. Depois que eu saí do hospital, ele ficou mais protetor comigo, embora sempre fosse. Adorava a forma como ele se preocupava, mesmo não precisando.

— Está doido para me aquecer, não é?

— Você não sabe o quanto, querida. — Beijou-me, mas, antes de intensificarmos o momento, uma buzina me deu o maior susto.

— Agora entendo o sentimento que Kill tem por Axel — rosnou Edward —, a vontade de querer matá-lo e não poder.

Ri.

— Vamos para o hotel aproveitar nossas férias nesta cidade incrível. — Mordi o lábio, olhando seu corpo. — Estou faminta, não tive o suficiente há uma hora.

— Você me mata, sabia? — ele gemeu, puxando-me, quase correndo dali e me fazendo rir.

Não havia mais nada que eu quisesse na vida, pois já tinha tudo: minha menina linda, amigos fiéis, um irmão que havia pouco tempo nem sabia que tinha, uma sogra maravilhosa e

que amava minha filha, um homem que era a minha razão de viver. Aquele motoqueiro me ensinou o amor verdadeiro e a plenitude da felicidade. Com Edward, eu teria o meu “para sempre”.

Fim

IVANI GODOY

NASX

SÉRIE MC FÊNIX

Sinopse

Jonathan, mais conhecido como Nasx, vice-presidente do motoclube MC Fênix. Um homem cercado de mulheres, festas e curtição – e adora isso. Porém, tudo muda ao conhecer Sloane, que o conquista com seu sorriso e doçura.

Entretanto, há um segredo que ela guarda de todos, um que enche sua alma de dor e escuridão.

Sloane é uma mulher batalhadora que acabou de levar uma rasteira de sua amiga, a qual deixou uma fila de bandidos em sua cola. Quando menos espera, vem ao seu socorro o homem com quem ela sonha há meses, seu príncipe de armadura brilhante personificado pelo motoqueiro loiro de olhos azuis, *sexy* e poderoso como o pecado. O amor dos dois será suficiente para vencer a dor, os pesadelos e a mentira?

Prólogo

Sloane

Meu coração acelerava, com medo de quem estava atrás de mim, me perseguindo. Sabia que não podia deixar aquele monstro colocar as mãos em mim de novo. Tinha de fazer alguma coisa para que isso nunca mais acontecesse.

Por meses suportara calada, temendo que meu padrasto, Ramon, ferisse meu irmão, Noah, mas mamãe escolheu ficar do lado dele quando eu cheguei machucada à casa, por causa de Bruce e seus amigos. Eles tinham me batido e me humilhado por culpa dela, por ter ido para a cama com o pai dele só para pagar a dívida do marido com o mafioso. Em vez de ficar do lado da sua filha, ela não deu a mínima quando ele me bateu de novo, ignorando que eu já estava machucada.

Noah era meu irmão caçula, tinha dezesseis anos, mas era maior do que eu. Ele me protegia sempre que podia. Enfrentara Ramon, seu pai, e viera comigo.

As marcas do cinto e das botas ainda estavam vivas em meu corpo. Tudo em mim doía e latejava. Estava com costelas quebradas, meu braço, o queixo e outras coisas, o que dificultava minha respiração.

Porra! Odeio aquele homem! Se pudesse, o mataria com minhas próprias mãos! O que ele obrigava minha mãe a fazer... Como ela não enxergava essa merda? Ramon era cruel, não só por fazê-la entregar seu corpo a fim de pagar suas dívidas, mas por usar Noah e eu como sacos de pancadas.

As lágrimas enchiam meus olhos, tanto que eu mal podia ver onde pisava. Se eu parasse devido às dores em meu corpo estourado, eles me pegariam e me matariam, isso se não fizessem coisa pior. Era hora de eu seguir com minha vida, longe daquela porra de mundo. Longe daquele inferno.

Se eu sobrevivesse, teria uma nova vida. A Sloane que todos conheciam morreria para que eu me tornasse uma nova pessoa.



Capítulo 1

Tracy

Ele sempre ia ali, alto, cabelos loiros soltos nas costas, corpo forte e cheio de tatuagens, pelo menos onde era possível ver, como nos braços, expostos em razão de estar usando apenas uma camiseta, com a jaqueta de motoqueiro jogada por cima do ombro. Nela estava escrito “MC Fênix” e “VP”. Acho que era vice-presidente daquele motoclube.

O sorriso era lindo, dentes brancos e boca *sexy* como o pecado, olhos tão azuis como o dia lá fora. Tinha barba por fazer, o que o deixava mais belo, e parecia mais velho do que seus vinte e seis anos. Eu sabia disso pois ouvira alguns dos seus amigos dizerem quando tinham ido lá, havia uns dois meses. Depois disso, Nasx passara a aparecer sempre, quase todos os finais de semana e algumas vezes na semana, na hora do almoço.

Quando o motoqueiro entrava no lugar, todos paravam para olhar para ele. Eu não sabia se era por sua beleza, pois o homem era um deus grego, ou porque dele emanava poder.

Naquele dia, Nasx estava ali de novo, e eu o admirava de longe; vivia rodeado de mulheres. Havia uma ruiva de olhos claros, quase caramelo, uma baixinha de cabelos castanhos e olhos verdes, uma loira linda de olhos azuis, e outra com cabelos curtos, estilo chanel, exuberante.

De repente me lembrei da última. Alguns meses antes, ela surgiu com um motoqueiro, Daemon, pelo menos foi assim que eu a ouvira chamá-lo. Ela até achou que eu estava interessada nele.

Nos meus pensamentos só havia espaço para Nasx, tão lindo e forte, mas, quando descobri que ele ficou com praticamente toda Chicago, isso destruiu meu sonho de pertencer a ele. Também não teria qualquer chance mesmo...

Precisava cair na real e tocar minha vida em vez de sonhar com um príncipe encantado.

— A conta — um casal pediu.

Molly não foi trabalhar, então fiquei no seu lugar no caixa. Foi bom; assim eu não atenderia a mesa dos motoqueiros. Acabara de chegar mais deles. Eu os vira entrando pela porta de vidro: um barbudo de longos cabelos escuros, expressão mortal e sombria, mas que amoleceu ao avistar a mulher baixinha, como se ela fosse seu mundo inteiro (eu sabia que era baixinha porque a vi entrar, era menor que meus um metro e sessenta, provavelmente tinha um e quarenta e cinco, mais ou menos); o que vinha atrás dele era alto, forte, com expressão semelhante à do colega e olhos verde-floresta – sorriu para a ruiva e foi até ela; o próximo tinha cabelos curtos, rosto sombrio, mesmo flertando com uma mulher que passou por ele (paquerador, com certeza); por último Daemon, pele bronzeada, cabelos escuros e olhos caramelo ou cor de uísque, eu não sabia dizer àquela distância.

Todos no salão pararam de comer e fitaram os homens lindos; o MC Fênix parecia uma agência de modelos, pois todos aqueles caras eram gostosos e fodões.

Eles juntaram uma mesa à de Nasx e das garotas e fizeram seus pedidos à Sally.

— Moça?

Pisquei enquanto dava o troco ao casal. Não devia ficar prestando atenção à vida dos outros, e sim ao meu trabalho.

— Desculpe — murmurei. Eu sempre sonhava acordada. Não gostava disso; às vezes minha mente ia longe, o que piorava com a presença de Nasx ali, sua risada rouca e tão fascinante. Ainda bem que eu estava sentada, mas isso não queria dizer que não estava molhada. *Porra!* Aquele cara provocava sensações que eu nunca tinha experienciado, e ele nem sabia que eu existia.

— Oi, querido, como foi a viagem? — perguntou a baixinha ao barbudo.

— Boa, Isy. — Beijou-a nos lábios e disse algo em seu ouvido, fazendo-a corar.

— Veja como agarra minha irmã, Kill — disse o paquerador, fuzilando o barbudo.

Kill? Isso quer dizer que ele é um assassino? Eu sabia alguma coisa sobre MCs, pelo

menos o que lera em livros. Sabia que eles usavam apelidos nos clubes, uns bem estranhos, inclusive, como Nasx. Tentara associar seu apelido a algum nome, mas não consegui pensar em nada.

— Vai caçar uma mulher para foder, Axel — rosnou Kill, ainda beijando a pele de sua namorada, ou mulher, eu não tinha certeza. Aquele cara parecia adorá-la, via em seus olhos.

Sim, era feio ouvir a conversa dos outros, mas não tinha como não escutar, primeiro porque eu estava perto, segundo, porque eles falavam alto, sem se importar.

— Fodi duas putas antes de vir para cá — respondeu, bebendo seu drinque.

Isy deu um tapa no marido e outro em Axel.

— Se comportem, os dois — rosnou ela e olhou para o irmão. — Fale direito das mulheres, nem todas são putas.

Alguns clientes do restaurante que estavam próximos à mesa deles ofegaram, mas não disseram nada, tampouco os MCs pareciam ligar para a opinião das pessoas.

— Todas são — respondeu Axel sorrindo, sem se abalar com o que Isy dissera.

Esse cara era bom e sabia disso. Eu ainda estava corada por ter ouvido sobre ele ter ficado com duas mulheres ao mesmo tempo. A palavra “foda” também me deixou com o rosto quente. Eu não era puritana, mas me senti toda vermelha com o linguajar daqueles motoqueiros.

— Duas mulheres, hein? Um *ménage*. Interessante. — A ruiva colocou a mão no queixo como se estivesse pensando sobre o assunto.

— Não tenha ideias, Evelyn — rosnou o cara de olhos verde-floresta. — O único na nossa cama sou eu; se outro ousar, ficará a sete palmos do chão, fazendo companhia ao diabo.

Pela sua expressão mortal, não parecia estar brincando.

Isso me provocou um arrepio na espinha. Evelyn não pareceu se incomodar, pelo seu tom de voz.

— Para mim só existe você, Dominic. — Ela sorriu para ele e o beijou.

Todos na mesa riram.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem à Bruna em vez de ficar ouvindo a conversa

dos outros.

Bruna era minha colega de quarto. Eu lhe dei minha metade do aluguel para ela pagar, e a garota sumiu com o dinheiro, bem como do apartamento desde o dia anterior. A toda hora eu enviava mensagens lhe perguntando o que acontecera, pois ela nunca deixou de pagar o aluguel, jamais tivemos problemas assim. Talvez ela estivesse com dificuldades e precisou ir embora com a grana. Esperava que estivesse bem e devolvesse meu dinheiro, porque eu não tinha como pagar o aluguel.

“Bruna, sou eu de novo. Me responda, onde você está? Preciso do dinheiro do aluguel, não tenho outro para pagar. Por favor, me diga o que aconteceu”, escrevi e enviei.

Quando cheguei a Chicago, quase um ano antes, não tinha onde ficar. Conheci Bruna e fui morar com ela. Ela tinha um namorado idiota, o Stiles, que mexia com coisa errada pelo que eu ficara sabendo, por isso eu estava preocupada, com receio de que ele a tivesse machucado. Se eu não soubesse notícias dela até o dia seguinte, o procuraria, embora não quisesse fazer isso, pois o homem vivia cercado de caras mal-encarados.

Uma risada *sexy* e rouca me trouxe de volta à realidade.

— Porra! Adoro vocês! — exclamou Nasx, talvez respondendo a uma pergunta que eu não ouvira.

Olhei para a mesa dos MCs de novo, onde eles comiam e conversavam, rindo alto, sem cerimônia. Todos pareciam tão alegres e vibrantes, como uma família, algo que eu nunca tive – exceto por meu irmão, que era tudo para mim. Fora ele, eu não tinha nada.

Não gostava de invejar os outros, isto não era bom, mas gostaria de contar com uma família grande, me casar e ter filhos, que eu protegeria. Não seria como minha mãe. Lutaria contra tudo e todos caso alguém quisesse machucá-los e os amaria com toda a minha vida.

— Nasx, você será o próximo a ser domado por uma...

— Axel! — Isy o cortou, e ele praguejou, parecendo ter sido chutado por debaixo da mesa. — Vigie a boca.

Ri, sacudindo a cabeça, todavia, o sorriso morreu assim que Nasx me fitou. Desviei

rapidamente; com apenas um olhar seu, sentia-me quente, quase derretendo dos pés à cabeça.

— Tracy, querida, me dê a conta, por favor — pediu dona Rosa. A senhora de idade almoçava e jantava naquele estabelecimento porque não tinha família.

Sorri, ignorando meu rosto ainda vermelho por sentir que Nasx me observava.

Sempre que o homem ia ali, eu pedia à Sally para atender a mesa, pois correria o risco de deixar a comida cair sobre ele, já que, quando eu me aproximava daquele cara, minha pele esquentava e eu ficava trêmula, sem forças. Uma vez ele perguntou meu nome, e eu respondi por cortesia; porém, depois evitei falar com o motoqueiro, só o cobiçava de longe.

— Oi, dona Rosa, como vai? — Recebi seu cartão e dei o recibo a ela para que o assinasse.

— Muito bem, só tive uma queda de pressão ontem, mas está tudo ótimo agora.

Meu peito se apertou. Conhecia-a havia algum tempo e sempre a ajudava quando podia.

— Por que não me ligou? Eu teria ido ficar com você — disse, preocupada. Não era autorizada a chamá-la de senhora, afinal, a coroa ainda estava enxuta (palavras dela, não minhas).

Ela sorriu, fazendo um gesto de mão para eu não me preocupar.

— Estou bem agora, menina, não se estresse. Já passou, fique tranquila.

— Tem certeza? — conferi. — Se não tiver, posso ficar lá hoje e cuidar de você.

— Sim, tenho. Agora preciso ir. Vá se divertir e namorar um pouco — ordenou, travessa.

— Não tenho namorado, acho que vou ficar velha e cercada de gatos — murmurei.

— Menina, você é linda! — declarou com ferocidade. — Todos os caras ficam te olhando.

Eu ri.

— Até agora não vi nenhum — assegurei.

— Senhores solteiros neste lugar, esta moça não é linda? — dona Rosa indagou, olhando ao redor do recinto não muito cheio.

— Oh, doce Jesus, não faça isso! — Saí do balcão, indo até ela e ignorando os olhares dos outros clientes sobre nós.

Todos disseram que eu era bonita, inclusive os MCs – Axel, pelo menos.

— Linda e gostosa, boa para provar — ele acrescentou.

Devorava meu corpo com o olhar, mas não senti nada parecido com quando Nasx me mirou havia pouco, bem como todas as vezes que me encarava.

— Viu? Você só está solteira porque quer. — Riu dona Rosa. — Se eu fosse mais nova... — Ela parecia estar sonhando.

Sacudi a cabeça, fazendo uma careta para Axel, e sorri para a senhora à minha frente.

— Eles são educados — falei e dirigi-me à Sally. Ela era ruiva e muito linda. — Tome conta do caixa, vou ajudar dona Rosa a ir para casa.

Dona Rosa morava em frente ao restaurante. A calçada era alta, e ela corria o risco de cair, por isso eu sempre a levava. Billy, o meu chefe, não via problema nisso.

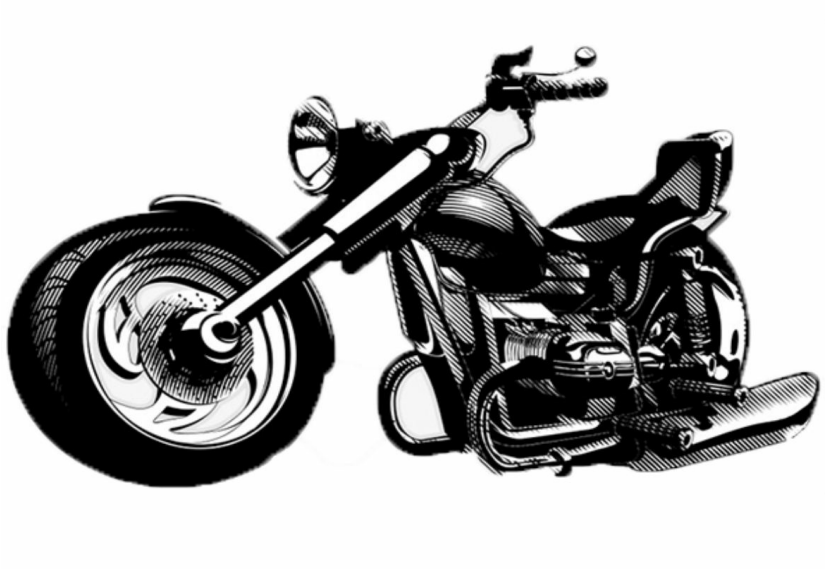
— Não precisa me auxiliar, não estou tão velha assim — resmungou.

— Não existe velhice, e sim idade avançada. Como passou mal ontem, eu não gostaria de vê-la caindo e se machucando. Então vamos. — Peguei seu braço e a levei para fora do lugar, quase correndo antes que ela me fizesse passar mais vergonha do que já o fizera.

— Menina, aquele motoqueiro é muito atraente — começou ela. — Forte, másculo e gostoso demais. Fisgue ele.

Ri de novo, sacudindo a cabeça.

— Vou pensar no assunto — menti. Não o queria, mas ao loiro que não abrira a boca para dizer que eu era bonita. Bem, eu já sabia que não era seu tipo; pelo que eu soubera, Nasx gostava de morenas altas e com pernas longas, diferente de mim, que era magra e loira, não muito atraente. Talvez foi por isso que ele não disse nada.



Capítulo 2

Nasx

Eu não ia sair naquele dia, afinal, estava cansado demais da viagem a Nova Iorque. Tive que resolver um negócio do clube sobre o transporte de mercadorias, que foi interceptado. Já acontecera algumas vezes, então eu tinha cem por cento de certeza de que existia um traidor entre nós. Quando eu colocasse as mãos nele, iria liquidá-lo. Não gostava da ideia de ter um rato conosco; o nosso antigo presidente era um, mas finalmente estava no inferno.

Mesmo exausto, resolvi ir ao restaurante que frequentava há mais de dois meses só para ver uma mulher, uma que estava ocupando a maior parte da minha mente desde então. Poderia ter chegado nela igual fazia com todas que quis antes, mas a loira era diferente, eu não sabia dizer por que, então estava levando com calma. Era paciente.

Meu irmão, Vlad, disse que eu tinha a tranquilidade de um santo quando revelei que queria a loira fabulosa e tímida que nos serviu em nossa primeira visita ao estabelecimento. Ou melhor, quase nos serviu, pois em vez disso chamou a sua amiga. Atendeu a todos no salão, menos nós dois, só porque perguntei seu nome.

Eu devia ter desistido, mas era sempre assim, quando queria algo, ia até o fim, e eu a queria. Apenas por isso ignorara o cansaço e fora àquele lugar com meus amigos.

Todos nos reunimos: Evelyn, a ruiva de boca esperta e noiva de Shadow, que estava ao seu lado; Kill, próximo de Isy, a baixinha linda e amorosa; Mary, uma loira muito amada por todos, casada com Hush, que não estava ali; Daemon e Emília, que tinham se separado alguns meses antes, quando ela fugiu e foi baleada no Novo México, o que destruiu meu amigo – mas eu estava feliz por ambos terem se entendido; e Axel, irmão de Isy.

— Senhores solteiros neste lugar, esta moça não é linda? — inquiriu uma senhora de uns

setenta anos mais ou menos. Ela olhava para a balconista que me fascinava.

Tracy! Tão doce e meiga... Nunca conheci ninguém como ela. A sua risada era tão linda que me deixava duro. Jamais encontrei uma mulher que exercesse tamanho poder sobre mim sem ao menos um toque.

— Oh, doce Jesus, não faça isso! — A garota saiu de trás do balcão e foi até a senhora.

Ela era perfeita... Notei isso assim que bati os olhos nela quando entrei ali pela primeira vez. Suas bochechas coravam com algumas palavras que Axel falava na nossa mesa. O balcão não ficava muito distante de onde estávamos.

Os homens fodidos do lugar disseram que ela era linda, sim. Isso era verdade. Eu só não sabia por que a mulher perguntou algo assim em um salão cheio de marmanjos.

— Linda e gostosa, boa para provar — falou Axel alto, sorrindo para ela como se quisesse comê-la.

Eu também queria devorá-la. Apostava que, por baixo daquele vestidinho, tinha uma obra de arte esculpida. A imagem da garota ficando com Axel me incomodou.

Ela olhou para ele, mas não vi interesse de sua parte, só uma careta, e depois sorriu para a senhora.

— Viu? Você só está solteira porque quer. — A senhora suspirou e riu. — Se eu fosse mais nova...

— Eles são educados. — Tracy estava corada e envergonhada.

— Educado e Axel na mesma frase? — Kill riu, sacudindo a cabeça.

— Eu sou educado com as mulheres — retrucou, fuzilando-o.

— Sim, com sua irmã e sua sobrinha, com o resto você não é — falou Emília, sorrindo, depois me olhou. — Quando vim jantar com Edward aqui há alguns meses, ela parecia bastante interessada em você, Nasx. Seu nome é Tracy.

Era estranho ouvi-la chamar Daemon pelo nome. O passado dele enfim fora descoberto, e meu irmão o enfrentara e aceitara ser chamado por sua alcunha real. Seu pai fodido estava morto, e sua mãe comprou uma casa perto da dele e de Emília.

— Não parece agora, ela mal me olhou — murmurei.

Isso não era bem verdade, porque, quando ela riu de algo que Axel dissera e Isy o repreendera, seus lindos olhos negros estavam em mim, mas os desviou tão rápido que achei que teria dor no pescoço. Seu rosto ficou em um belo tom de rosa, tão perfeito em sua pele branca. Como seria se eu a tocasse?

— Quer dizer que você notou? — Mary sorriu para mim e piscou.

Sorri também e vi a garota levar a senhora até sua casa do outro lado da rua.

— Ela parece ser bem simpática e gentil — observou Isabelle, seguindo meu olhar através das grandes janelas de vidro da frente do restaurante.

— Sim, acho que nenhum dos dois tem a menor chance. — Mary apontou para mim e Axel, que estava sorrindo. — Muita areia para o caminhão de vocês.

Bufei. Não havia mulher com quem eu não conseguisse ficar. Todas que quis, consegui, exceto uma, aquela da qual eu gostava até pouco tempo, Samira, irmã de Matteo, o chefe da máfia italiana, e mulher de Nikolai, o chefe da máfia russa.

Nunca tive chance com ela. Fazia um tempo desde que ela se casara com Dark, e, no começo, foi difícil para mim, embora, após eu conhecer Tracy, notei que algo havia mudado. Eu nem a toquei, mesmo assim, ela estava roubando todos os meus pensamentos.

— Vamos ver isso; até a noite, consigo ficar com essa menina — disse Axel, confiante.

Eles começaram a falar, mas não liguei, só fiquei checando Tracy sorrindo para a senhora que acabava de entrar em uma casa branca com grama verde em frente.

Tracy parou na calçada da senhora ao ver algo no telefone. Franziu a testa, preocupada, ou foi isto que pareceu. Digitou algo nele e guardou o celular no bolso do vestido que usava. Seus cabelos loiros estavam amarrados em um rabo de cavalo bagunçado. Linda, como uma modelo desfilando em roupas de garçonete.

Um carro parou antes de atravessar a rua, e um homem saiu e foi até ela. Reconheci-o como Stiles, o chefe da gangue do beco, na periferia. Ele era cafetão lá, tinha muitas mulheres trabalhando para si. Estávamos de olho nele, conseguindo provas para mandá-lo para a prisão.

Tracy não parecia uma prostituta; pela forma como falava e corava, eu tinha certeza disso, mas reconheceu Stiles.

Ele falou para ela algo que a fez empalidecer um momento e sacudir a cabeça, então gritou e tentou atravessar a rua, ao que Stiles a pegou pelo braço.

Não dava para ouvir, mas eles estavam discutindo, e Stiles a segurava com força. Ela levantou a perna, acertou-o na virilha e correu enquanto o cafetão caía de joelhos com as mãos nas bolas.

De repente três caras saíram do carro e foram na direção de Tracy, que atravessava a rua.

Levantei-me depressa, ouvindo o praguejar de Shadow, mas não dei a mínima para isso. Saí do restaurante e escutei Stiles gritar, fazendo Tracy parar no meio da via e se virar para ele:

— Você tem até amanhã para me pagar, ou vou fazer muito uso desse corpinho lindo!

— Eu não vou pagar, seu cretino, não devo nada a você! Bruna foi quem o roubou, assim como fez comigo, levando o dinheiro do meu aluguel, que vence hoje! Se me ameaçar de novo, darei queixa na polícia e farei um boletim de ocorrência! — A dor era evidente em sua voz, talvez devido à traição da amiga.

Stiles e seus capachos congelaram ao me verem atrás dela.

— Stiles, ouvi falar de você, o cafetão do beco. Agora ameaça jovens indefesas e tenta obrigá-las a vender seu corpo? — sibilei com os dentes cerrados.

Tracy arfou.

— Cafetão?! — indagou horrorizada. — Oh, meu Deus! Você esteve no mesmo teto que eu, e eu nem sabia disso, só que era namorado de Bruna!

Essa frase confirmou que Tracy não era prostituta. Senti alívio; não soube por que, mas senti.

— Sua amiga sabe quem eu sou. — Fuzilou-a com o olhar.

— Mas eu não sabia. O que poderia ter acontecido... — Tracy estremeceu. — A partir de hoje, não quero vê-lo e não me importo que seja um mafioso; se você se aproximar de mim e de Noah, dou parte na polícia. Se quer sua grana, vá atrás de Bruna, e, se a vir, mande-a devolver

meu dinheiro também.

Noah? Será um marido ou namorado? Não, não parece, afinal a senhora estava querendo arrumar um par para ela. Então esse nome é de algum irmão ou filho?

— Você...

Cortei-o com os dentes trincados:

— Vigie como fala com a minha mulher — rosnei.

Minha mulher? De onde isso saiu?, pensei. Se eu não falasse nada, Stiles ia arrumar um jeito de ter seu dinheiro mesmo que não fosse aquela garota quem o tivesse roubado. Enfim eu entendia a expressão de dor dela, como se se traída, ao ler o que estava escrito em seu celular havia pouco. Decerto era uma mensagem da cadela da sua amiga traidora.

— Ela é sua mulher? — Stiles indagou com os olhos estreitos entre nós dois.

Ele estava checando isso porque, se ela fosse minha, o desgraçado teria que recuar; não ia ousar tocá-la, ou eu o faria pagar. Não gostava de caras que abusavam de mulheres de qualquer jeito que fosse.

— Sim, então sugiro que encontre outra maneira de conseguir o seu dinheiro de volta — meu tom era mortal —, porque Tracy não tem nada a ver com isso. Se eu souber que algum de vocês chegou perto dela outra vez — sorri de modo assassino —, vamos ter contas a acertar.

Seus olhos se arregalaram para algo atrás de mim; eram meus irmãos, que tinham vindo me apoiar. Eu sabia disso sem nem precisar olhar.

— Algum problema aqui, Nasx? — perguntou Shadow de modo frio.

Meneei a cabeça de lado para Stiles.

— Nós temos?

Os lábios dele se apertaram de desgosto, mas não foi contra nós, só deu as costas e se encaminhou para seu carro com seus asseclas vagabundos que gostavam de se aproveitar de mulheres indefesas.

— Stiles? — chamei assim que ele chegou ao veículo.

Ele parou e se virou na minha direção com raiva. Aposto que odiava receber ordens.

— Não quero ver você a menos de um quilômetro perto dela. — Era um alerta que esperava que ouvisse.

Ele se virou para Tracy, ao meu lado, que deu um passo atrás, estremecendo. Medo. Ela estava com medo dele e do que podia fazer contra ela. Devia ter mesmo; mexer com Stiles era algo a temer.

— Isso é impossível, já que ela mora no meu prédio. — Rangeu os dentes e foi embora.

Franzi a testa para ela.

Senti Tracy respirar aliviada ao meu lado assim que ele partiu. Depois pousou os olhos grandes em mim, tão negros como a noite, tão lindos que eu podia mergulhar neles.

— Obrigada por me defender — agradeceu com a voz falha. — Agora preciso ir.

Peguei seu braço, mas ela se esquivou; seus olhos continham medo. Algo me dizia que alguém a machucara. Eu já vira esse olhar em Emília muitas vezes. Alguém ferira aquela garota cativante? *Merda*... Pensar nisso me fazia querer esquartejar fosse quem fosse que a maltratara.

— Não vou machucá-la — prometi.

Ela engoliu em seco, assentindo para mim e meus irmãos.

— Só fiquem longe disso, não é assunto de vocês. Eu vou resolver. Agora preciso encontrar Noah — nos disse e saiu correndo para o restaurante antes que eu pudesse contra-argumentar.

— Merda! — praguejei.

— O que foi isso? Ela é uma garota dele? — sondou Shadow ao meu lado.

— Não, a sua amiga era namorada dele e o roubou. Agora ele acha que ela precisa pagar. O pior é que essa sua colega de quarto a roubou também, levou o dinheiro do seu aluguel. — Trinquei os dentes; ela havia dito que o aluguel venceria naquele dia.

— Stiles é barra-pesada — falou Axel, apertando as mãos como se estivesse se preparando para uma batalha. — Mas estou louco por uma ação.

— O que vai fazer, Nasx? — perguntou Shadow. — Ouvi você dizendo que é namorado dela.

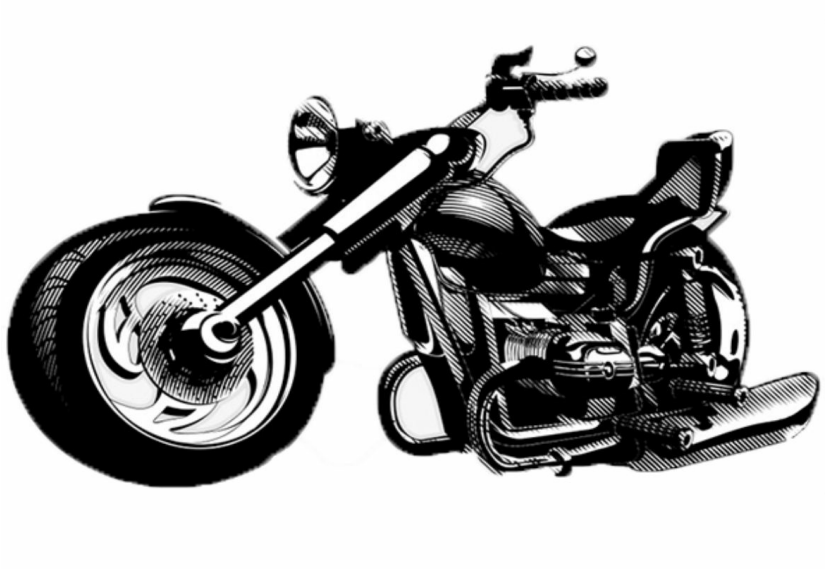
— Não podia deixar que ele a machucasse. — Dei de ombros. — Você faria o mesmo, não é?

Ele não respondeu, mas eu sabia que sim. Conheci Shadow há alguns anos, quando tentei roubar seu carro. Ele me dera o ultimato de segui-lo, ou então o filho da puta acabaria comigo. Era claro que, em uma luta corpo a corpo com ele, eu perderia, o cara era um bom lutador.

Shadow se tornara presidente do nosso clube, o MC Fênix. Ele governava bem, assim como eu, vice ao seu lado. Éramos uma família.

— O que vai fazer em relação a ela? — Shadow apontou para o restaurante, de onde Tracy estava saindo vestida com jeans folgado e camiseta de flanela, roupas bem diferentes do vestido que usava como uniforme, o qual mostrava suas curvas perfeitas. Aquela roupa simples escondia parte de sua beleza, embora ainda estivesse ali. Não importava que vestes usasse, ela continuava linda para mim.

— Vou cuidar de uma ovelhinha perdida.



Capítulo 3

Tracy

Meu corpo não parava de tremer temendo que Stiles cumprisse sua promessa de machucar a mim e ao Noah, mas também pela raiva de Bruna por me roubar e sumir, deixando-me à mercê de gente perigosa. Como ela pôde fazer isso comigo? Como aceitou namorar um cafetão? Doentio!

O pior era que eu não tinha a mínima ideia de como pagaria o meu aluguel. Não tinha de onde tirar o dinheiro, não em cima da hora. Teria de conseguir outro emprego em que ganhasse bem. Pensaria nisso depois.

Entrei no restaurante onde trabalhava havia quase um ano, o Panzarotti. Minha jornada de trabalho era das oito às dezesseis, então eu poderia conseguir um trabalho noturno.

Pedi ao Billy para me liberar mais cedo. Ele era um amor de pessoa.

— O que vai fazer? — perguntou-me. Estávamos em seu escritório. Era a primeira vez que eu entrava ali, mas não reparei ao meu redor, estava ansiosa e preocupada demais com meu irmão. — Eu te falei, Tracy, você confia demais nas pessoas, e isso pode te prejudicar.

Eu me encolhi. Sabia que Billy estava certo, mas eu nada podia fazer quanto a isso. Confiara em Bruna porque fora a única amiga que eu havia tido na vida, jamais pensara que ela me daria uma rasteira daquelas, deixando-me sem chão.

— Vou ter que conseguir outro trabalho no período da noite. — Suspirei. Isso seria difícil, uma dupla jornada.

— Eu posso...

Cortei-o:

— Não, vou me virar. Não posso aceitar seu dinheiro — apressei-me, sabendo que era isso

que ele ia sugerir. — Agora preciso ir até Noah e ter certeza de que está bem.

— Vá, mas tome cuidado, porque parece que aqueles homens lá fora são barra-pesada. Os MCs têm uma fama nada boa por aí.

Sacudi a cabeça.

— Nasx me ajudou, impedindo Stiles de me tocar. — Sentia-me amargurada ao pensar naquele cafetão de merda. Como eu nunca soube disso? Bruna deveria ter me dito o que ele era.

Lembrar de Nasx me remeteu ao momento em que o toquei lá fora, ou melhor, em que ele segurou meu braço. Foi como se uma corrente elétrica tivesse se apossado do meu corpo. Nunca tinha sentido isso por ninguém, fiquei quente, tal qual perto de um vulcão prestes a explodir.

— Se esses motoqueiros a defenderam, agradeço a eles por isso — falou Billy.

Quando Nasx disse que eu era sua namorada... *porcaria!* Gostei daquele nome na sua boca, mas sabia que ele só tinha dito aquilo para me ajudar. Um homem lindo como um modelo nunca olharia para mim, ainda mais se percebesse como eu era defeituosa. As marcas eram visíveis em minha pele, tornando a visão do meu corpo amarga. Ninguém as enxergava agora; se vissem, com certeza iriam se enojar, como acontecera com quem as olhara.

Naquele dia, fui quebrada de maneira irreversível. Nunca conseguiria me levantar e ter um relacionamento normal... Expulsei esse pensamento e foquei em sair da enrascada em que Bruna me colocou. Merda! Minha vida é uma droga.

Tirei meu uniforme, pus minhas roupas normais e saí do restaurante. Vi Nasx e seus amigos ainda lá fora, mas os ignorei e fui embora.

Noah estava na escola. Eu precisava chegar lá antes que Stiles fosse até ele. Eu não podia confiar que ele acreditara na ameaça de Nasx para se manter longe de mim e do meu irmão. Deveria protegê-lo de alguma forma.

Eu não tinha carro, ia de ônibus ao serviço, mas, como a escola não ficava longe do restaurante, fui a pé. Uma moto se aproximou de mim, mas continuei seguindo em frente ao reconhecer quem estava na Harley preta. Distingui seus cabelos longos, selvagens e loiros e suas botas e roupas escuras. Uma visão surpreendente.

Nasx não usava capacete, o que era imprudente. Acidentes acontecem, ou ele poderia ser pego pela polícia, mas descartei a ideia, pensando que ele certamente tinha alguns policiais no bolso.

— Suba, darei uma carona a você — disse, parando no meio-fio.

Fitei-o, não entendendo por que ele estava ali. Aquilo não era assunto dele; eu não queria que fosse.

— Eu disse para não se meter nisso. Não quero trazer problemas para você e seus amigos — sussurrei.

— Tarde demais para isso, ovelhinha. Suba na moto — pediu com um sorriso doce e tranquilizador.

Eu deveria retrucar e não aceitar sua oferta, no entanto, enquanto ficava ali desperdiçando meu tempo conversando, Noah podia estar em perigo. Meu peito se apertou ante o pensamento.

— Tudo bem. — Subi em sua moto e coloquei minhas mãos em sua cintura, deixando um espaço entre nós. Ignorei o meu corpo tremendo por senti-lo tão perto de mim.

Suas mãos foram para meus pulsos e me puxaram para frente, de modo que meus peitos se pressionaram em suas costas, e ele pôs meus braços à sua volta. Perdi o fôlego.

— Pode apertar. — Sorriu de lado. — Não mordo, a não ser que você queira.

Evitei me remexer na moto com suas palavras, mas fui afetada por elas. Tentei ignorá-las. Era impossível. Meu corpo estava colado ao dele, tão próximo que eu sentia seu calor através de nossas roupas. Seu cheiro de menta me deixava tão tonta que eu era capaz de cair.

Seus cabelos voavam e vinham ao encontro do meu rosto, então o escondi em suas costas. Além das sensações quentes, eu também estava com medo; o homem pilotava como um louco. Eu não sabia como não era pego por uma blitz.

Nunca me imaginei ali, tão pertinho dele. Havia muito tempo sonhava em ficar com aquele motoqueiro, mas não podia me iludir. Nasx certamente estava me ajudando porque tinha um bom coração, não porque sentia algo por mim.

De repente a moto parou. Levantei a cabeça, notando que não estávamos na escola – cujo

endereço eu tinha fornecido a ele assim que deu partida –, e sim no prédio onde eu morava.

O edifício de tijolos desbotados pelo tempo possuía dois andares. Não tinha segurança alguma, mas era o que eu podia pagar com o salário que recebia. Depois das ações de Bruna, eu não sabia o que faria, pois não tinha condições nem de pagar por aquela espelunca.

— O que estamos fazendo aqui? Preciso ir até Noah na escola — falei, descendo da moto.

Nasx também desceu, atento ao carro de Stiles. Então o verme estava ali. Por um momento fiquei aliviada por ter o loiro comigo, mesmo não querendo que ele se envolvesse.

— Shadow vai lidar com isso, não se preocupe — informou com olhos duros fixos na direção do prédio. — Seu irmão ficará bem.

Outra moto igual à de Nasx parou perto de nós. Reconheci Kill. Seu rosto era uma máscara fria e mortal ao avaliar o lugar.

Na rua havia muitas mulheres seminuas e garotos fumando baseados. Viver ali era difícil. Eu evitava andar sozinha à noite, por isso meu medo de ter de trabalhar nesse turno e deixar meu irmão sozinho.

— O quê? Como assim? Quem é Shadow? — Minha voz saiu alta no início da frase, então a abaixei, de modo que soou meio trêmula ao fim.

— Meu presidente — respondeu Nasx, indo em direção ao prédio. — Vamos pegar seus pertences e sair deste lugar antes que as coisas fiquem ruins.

Ruins? O que ele queria dizer com isso? Será que se referia a lutar com Stiles?

— Nasx, é melhor vocês irem. Eu cuido de tudo aqui, não quero que entrem em brigas com ele por minha causa — murmurei com um suspiro.

Ele veio até mim e segurou minhas mãos.

— Não vou permitir que ninguém a machuque, e não há a mais remota possibilidade de eu a deixar neste buraco de merda.

— Sempre vivi aqui, desde que vim para esta cidade. Além disso, não tenho como conseguir outro apartamento assim, em cima da hora. Não tenho dinheiro — sussurrei.

— Consegui um lugar para você ficar...

Eu deveria retrucar, e estava pronta para isso, quando Stiles apareceu e ficou à nossa frente.

— O que fazem em nossa área? — rosnou, fuzilando os MCs. Axel tinha acabado de chegar com Daemon.

Merda, isso não vai ser bonito. Meu coração estava acelerado, e minhas mãos suavam frio.

— Viemos pegar as coisas da minha garota, tem algum problema nisso? — Nasx devolveu no mesmo tom.

— Ela pode subir; vocês, não — disse um dos caras, Slan, primo de Stiles. Eu já o vira antes com Bruna.

Nasx deu uma risada linda e gostosa, mas eu podia ouvir o veneno através dela.

— Bom, não achei que íamos entrar em acordo — revelou em voz baixa.

— Não queremos lutar com vocês — informou Stiles. — Mas este é nosso território.

— Sem chance do caralho de ela entrar aí sozinha, para vocês a amedrontarem e machucarem — grunhiu sem sorrir, com seus olhos azuis se tornando frios como uma geleira. — Acho que não temos escolha, não é, Kill?

O cara mortal riu. Sua risada me deu um arrepio na espinha. Aquele homem era perigoso e não tinha medo de matar ninguém, aliás, seu apelido já demonstrava isso.

— Vamos acabar com essa merda. Tenho mais o que fazer do que lidar com gigolôs que gostam de bater em mulheres em vez de enfrentar homens como eu — sibilou, dando um passo até ficar ao nosso lado. Em suas mãos havia lâminas afiadas, pareciam adagas.

Axel esfregou as mãos em expectativa, ou foi isso que me pareceu. O cara era bem estranho.

— Sim, estou louco por uma luta, faz tempo que não brinco com alguém depois de Ramirez Salgado, que está neste momento fazendo companhia para o diabo. Acho que vou adorar levar alguém para lá. — Sorriu para todos como o gato de Cheshire.

Eu não sabia de quem ele estava falando, mas não me importava, só queria que aquele dia terminasse, de preferência sem lutas e feridos – pelo menos do nosso lado. Estava a ponto de

dizer que entraria sozinha no prédio só para não ter briga, mesmo correndo o perigo de alguém me tocar, porque, com certeza, era essa a intenção de Stiles. Eu não precisava ser um gênio para saber disso.

Stiles estreitou os olhos, avaliando Axel por um segundo, depois deu um suspiro duro.

— Me sigam — grunhiu o cafetão, dando as costas para nós e entrando no prédio.

Olhei confusa para Nasx, perguntando-lhe o que diabos tinha acontecido. Ele só deu de ombros e segurou minha mão, puxando-me para o edifício. Seus amigos nos seguiram.

Acompanhei-o calada, não querendo provocar mais a ira de Stiles, que eu podia sentir como uma onda magnética. Não conseguia entender por que ele nos deixou entrar ali. Fora por medo dos MCs? Nasx e os outros não portavam armas nas mãos, como os homens de Stiles, mas isso não parecia amedrontar os motoqueiros. Ao contrário, eles andavam tranquilamente, como reis poderosos, embora cercados por caras armados.

Subimos ao segundo piso. O corredor estava cheio de homens de Stiles. Isso me fazia ter certeza de que eles só me esperavam chegar para atacar e acabar comigo.

— Estavam preparando uma luta? — inquiriu Nasx ironicamente, checando o local.

Stiles parou à porta do meu apartamento, o 206, e olhou para mim com frieza, fazendo-me chegar mais perto de Nasx. Foi instintivo querer sua proteção. Meu corpo tremia de medo do que estava por vir. Evitei demonstrar, mas me sentia aliviada pelos MCs estarem ali, mesmo não sabendo a razão por trás disso.

— Estávamos procurando a cadela de sua amiga e o que nos roubou, então seu apartamento não está bonito — informou Stiles com amargura.

Eu não disse nada, só esperei ele sair da frente para que eu passasse com Nasx ao meu lado. Pisquei ao ver a bagunça na sala, os sofás revirados, vasilhas no chão, coisas destruídas. Ofeguei, porque ali, aniquilado, estava tudo o que eu conseguira nos últimos anos. Não necessitava olhar meu quarto para saber que se encontrava do mesmo jeito.

— Precisava disso tudo? — Nasx rangeu os dentes.

— Precisava ver se estava aqui...

Foi quando enxerguei todos os meus livros queimados. Isso me doeu por dentro, porque amava ler, era a única forma de eu ter um mundo só meu, imaginar tudo que não podia ter na vida real.

— O quê? No meio dos meus livros? — indaguei irada, fuzilando-o com os olhos. — Se não achou nada ali, por que tinha a necessidade de queimá-los?

Ele deu de ombros; cerrei os punhos.

— Você é um escroto! — rugi. Quando mexiam com meu irmão e meus livros, eu me tornava uma leoa. Desejei ir para cima dele e arrancar sua cabeça.

Seus olhos se tornaram raivosos, e ele deu um passo até mim, mas Axel sibilou:

— Um passo mais, e esse chão vai ser batizado com seu sangue de merda. Vou amar fazer isso. — Ele parecia como se tivesse saído direto do inferno e estivesse louco para mutilar alguém.

Stiles parou onde estava, enquanto eu ria de modo zombeteiro.

— Então uma mulher o xinga, e você quer bater nela, mas, quando um homem o ameaça, fica com o rabo entre as pernas. Só porque acha que somos indefesas, quer nos obrigar a fazer algo que não queremos? — Eu sabia que estava arriscando minha cabeça. Normalmente me mantinha calada, porém, se pisavam no meu calo, não havia quem me segurasse. — Você não passa de um frouxo que não encara alguém do seu tamanho.

O cara não ficou mais vermelho porque não podia. Sua raiva quase irradiava pela sala. Havia atingido seu ponto fraco. Com aquelas palavras, eu tinha assinado minha sentença de morte. Teria que ir embora da cidade; se ficasse, seria assassinada. Via isso nos olhos dele.

Por um momento, ficaram todos em silêncio. Os MCs me encaravam de olhos arregalados. Em seguida, Axel riu alto.

— Gosto de você! Pena que Nasx chegou primeiro. Podíamos nos divertir muito. Caso se canse dele, estou aqui — me disse, piscando. Aquele cara era impressionante, não temia nada.

Antes de eu lhe responder, ouvi um tiro, e Slan caiu no chão com uma bala na cabeça.

Gritei ao ver Axel com uma arma na mão; fora ele quem tinha disparado. Provavelmente

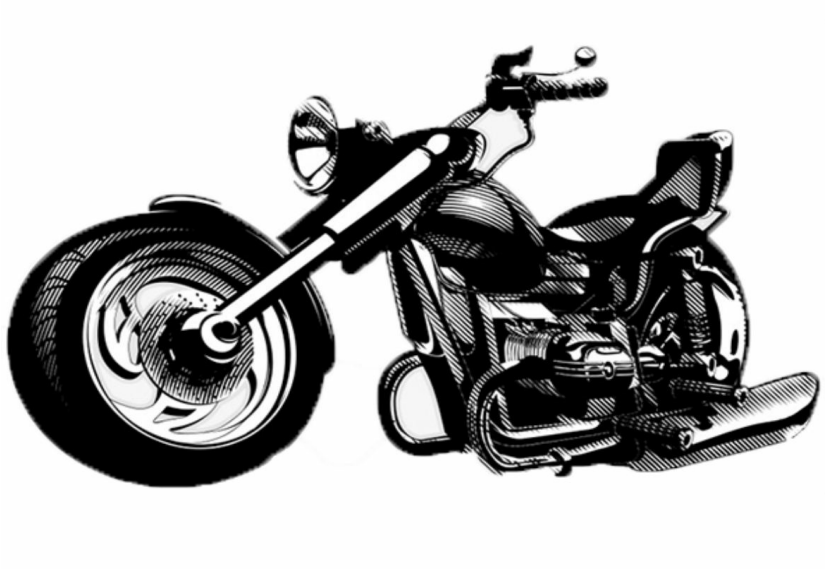
fez isso porque Slan devia ter ameaçado um de nós; a arma dele estava caída perto de sua mão.

Após, tiros soaram por todos os lados. Corri para o quarto e me prendi no banheiro com as mãos nos ouvidos, não querendo descobrir quem tinha sobrevivido. Se fosse o pessoal de Stiles, eu estaria morta assim que aquela porta fosse aberta.

Porra! Por que eu tinha que abrir minha boca?! Por que não fiquei calada e só peguei o que sobrou dos meus móveis e fui embora? Mas não, eu tinha que falar alguma coisa! O pior são aqueles homens, que vieram aqui para me proteger, alguns deles agora podem estar mortos ou machucados. Tudo culpa minha!

Com olhos molhados, me agachei no canto do banheiro. Ouvia vozes, mas minha mente estava longe, no terror daquela noite, na noite em que minha vida (ou parte dela) foi ceifada, deixando minha alma à deriva na escuridão.

Meu estômago se embrulhou e a dor se apossou de mim, impedindo-me de reagir e lutar contra o negrume que queria me dominar.



Capítulo 4

Nasx

— Stiles vai atrás dela — disse Daemon olhando a esquina em que Tracy tinha virado.

— Ele não é medroso — falou Axel com um sorriso de hiena, pelo menos se parecia com isso. — Mas nós também não somos, não é?

Axel era sombrio, e, quando ele sorria assim, como se estivesse querendo devorar alguém, era ainda mais letal. Era filho de Berry, nosso antigo presidente, que nos traíra. E estava certo. Nós não tínhamos medo de nada, muito menos de cafetões imundos. Eu precisava fazer alguma coisa, não podia deixar a ovelhinha sem proteção.

— Porra! — praguejei, colocando as mãos em meu cabelo num gesto frustrado.

— Isso resume tudo — Shadow concordou. — Stiles não vai desistir de ter o que quer, Nasx.

— Aquela amiga dela é uma puta — rosnei. Com certeza ela sabia da enrascada que ia deixar para a garota enfrentar sozinha. Se eu não tivesse ido ao restaurante naquele dia, o que seria dela? Eu não queria nem pensar naquilo.

Uma menina ruiva veio correndo em nossa direção com expressão preocupada. Reconheci-a como a outra garçonete do restaurante. Parou à nossa frente, ofegante pela corrida.

— Vocês precisam ajudá-la. Tracy corre perigo nas mãos daquele cara. Eu sabia que aquela garota não era gente boa, falei para ela, mas Tracy confia demais nas pessoas e sempre leva a pior.

Franzi a testa.

— É amiga dela? — sondou Shadow.

— Sim, eu sou — assentiu. — Me chamo Sally, a conheço já há algum tempo.

— Sabe quem é Noah? — perguntei, chegando mais perto dela. A mulher engoliu em seco e piscou. Sorri na tentativa de tranquilizá-la, mas teve efeito contrário.

Axel riu.

— Não ligue para esse sorriso estúpido de Nasx, sei que ele deixa as mulheres já querendo baixar a calcinha. — Seu sorriso era sarcástico e frio. — Apenas responda à pergunta.

Ela piscou novamente, mas de medo dele. Eu podia ver o sentimento na expressão da mulher. O imbecil era galã quando queria, mas também bem ameaçador quando lhe convinha.

— Axel! — rosnou Shadow.

Axel fitou nosso presidente com olhos estreitos, e pude ver que ele não queria obedecer ao seu chefe. Eu ainda não entendia por que ele ficava conosco se parecia não gostar de receber ordens ou ser repreendido. Ele era um alfa, assim como Shadow. Eu não sabia até quando aquela parceria continuaria.

— Precisamos descobrir quem ele é para poder ajudar a Tracy. — Voltei minha atenção à garçonete.

— Noah é irmão dela. Ele estuda em Hills, a poucas quadras daqui. Tracy foi para lá.

Depois disso, encontrei Tracy e a levei em minha moto. Ela tinha cheiro de lavanda. Nós fomos ao seu apartamento, e Max foi pegar o irmão dela na escola. Pela breve pesquisa que Hush fizera, os dois viviam sozinhos em Chicago, sem parentes por perto. Moravam ali havia quase um ano. O interessante foi que ele não descobriu nada sobre eles antes disso.

Shadow não gostou da ideia de irmos ao bairro onde Tracy morava, porque era território de Dormas, o cara que comandava a periferia de Chicago, ou parte dela. Eu sabia que o *capo* estava de olho no lugar. Talvez pudéssemos usar aquilo a nosso favor.

Entramos no apartamento de Tracy com Stiles como nossa sombra. Estávamos cercados, claro, mas também tínhamos gente lá fora. Logan era um bom atirador de elite, estava checando tudo ali e nos daria cobertura caso precisássemos.

— Gosto de você! Pena que Nasx chegou primeiro. Podíamos nos divertir muito. Caso se canse dele, estou aqui. — Axel piscou para Tracy.

Ela estava chocada pelo estado de seu cômodo e furiosa com Stiles por causa dos seus livros, que ele queimara. Eu sabia que ela gostava deles, não só porque a garota, que parecia doce e perdida, transformara-se em uma fera e por pouco não voara em Stiles, mas também porque já a vira lendo antes na praça perto da lanchonete da vó da Isabelle.

O babaca do Axel tinha que abrir a boca, não podia deixar nada passar. Antes que o mandasse se calar, Slan levantou sua arma, apontando-a para Tracy, com o dedo já no gatilho. Fui puxar a minha, contudo, Axel foi mais rápido.

Tracy gritou e correu para o quarto. Peguei minha arma e fui atrás dela, vendo-a entrar em um banheiro. Chequei tudo e não encontrei ninguém ali, à sua espera. Ela provavelmente nem pensara que poderia haver um merda de tocaia, esperando só para atacá-la. Era imprudente ou confiava demais nas pessoas, um erro grande, devo mencionar.

O quarto dela, como o resto do apartamento, estava todo destruído. Seu colchão parecia estraçalhado por uma faca. Era mais que uma simples procura por dinheiro; com certeza os fodidos tinham gostado do que haviam feito.

Tiros ressoavam sem parar. Voltei para a sala e vi Axel em cima de Stiles com uma faca enfiada no peito do cafetão, enquanto o fodido motoqueiro sorria.

— Agora você não vai mais machucar mulher nenhuma — falou a Stiles, que dava seu último suspiro. — Nos vemos no inferno.

— Chefe! — gritou um dos homens vendo seu líder morto sobre uma poça de sangue.

Dei um tiro em sua testa antes que ele levantasse a arma.

— Porra, Axel, você tinha que puxar o maldito gatilho? — rosnei, trincando os dentes.

Ele se levantou com seu sorriso fodido. Faltou pouco para eu não enfiar uma bala em sua cabeça também.

Franziu a testa.

— Devia agradecer; salvei sua garota. — Não ligou para o meu tom.

Eu não o corrigi dizendo que Tracy não era minha, pois não queria que ele pensasse que estava livre para dar em cima dela. No entanto, eu a desejava, adoraria possuir aquele seu

corpinho lindo. Mesmo por debaixo das roupas folgadas, apostava que era gostosa. Contudo, não a queria só pelo sexo, embora ele também fosse importante. Queria conhecê-la, saber do que gostava além dos livros.

Merda! Espero que possa ajudá-la com toda essa droga que caiu sobre ela.

— Shadow chegou, parece que não está sozinho! — Daemon gritou, abatendo um dos homens com suas soqueiras.

A sala estava limpa de caras de Stiles, mas o corredor e a parte de fora, não. Eu não sabia se ia com todos os meus irmãos enfrentar a luta ou se ficava ali, tomando conta de Tracy. Não podia deixá-la sozinha, ainda mais com todos aqueles corpos no chão. Onde antes havia piso branco, estava agora coberto de sangue. Isso com certeza assustaria qualquer mulher frágil, e Tracy parecia ser uma delas.

— Vocês dois — apontei para Axel e Kill — vão dar cobertura a Shadow, cercar esses filhos da puta. Precisamos sair daqui antes que Dormas envie mais gente.

— Eu vou ficar com você — disse Daemon para mim. — Entre lá e veja como está sua garota.

Franzi a testa.

— Até você?

Ele deu de ombros com a arma apontada para a porta da frente.

— Se ela não for sua, me avise, que vou cair dentro; estou louco para saber como uma ovelhinha grita ao ser fodida — disse Axel olhando para a porta do quarto onde Tracy entrara.

Algo em meu peito se apertou ante as palavras dele. Eu só não entendia o significado disso.

Axel riu, observando minha mão em punho e a arma que estendi na sua direção.

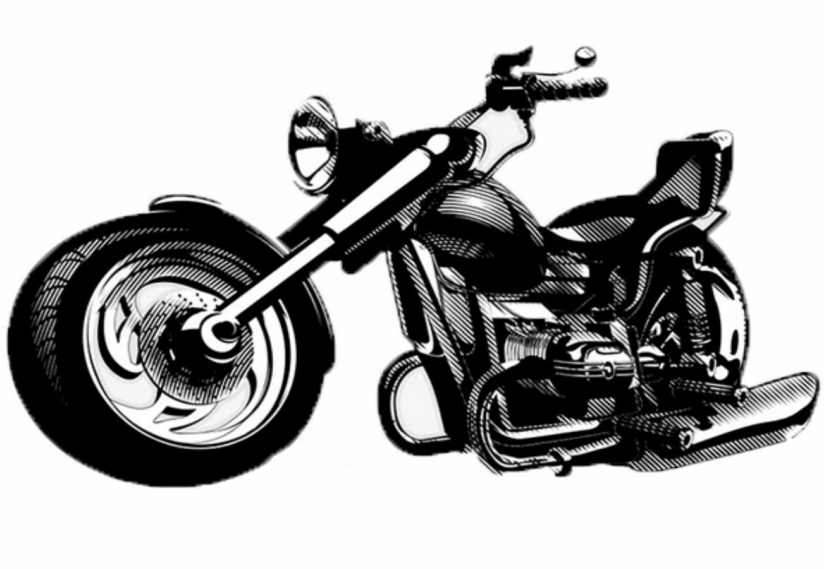
— Acho que não... — ele se interrompeu quando atirei em um dos traficantes, que estava atrás dele, pronto para acertá-lo.

Seus olhos se arregalaram em descrença. Eles eram negros, e eu via que, por mais que ele sorrisse ou brincasse, como sempre fazia, estavam mortos. A escuridão tinha consumido sua alma, assim como uma vez acontecera comigo. Bloqueei aquele pensamento, ou logo estaria

socando algo ou executando todos naquele maldito prédio.

— Não pense que não passou pela minha cabeça atirar em você também. — Dei as costas e fui até o quarto.

— Vamos acabar com esta merda — sibilou Kill, com um suspiro duro.



Capítulo 5

Nasx

— Tracy — chamei-a algumas vezes à porta do quarto, mas ela não respondeu. Então um grito veio do banheiro.

Corri com a arma apontada para o intruso. Talvez devesse ter checado o banheiro antes de ela entrar ali quando a merda fora jogada no ventilador.

Porra! Tracy estava no canto do cômodo, encolhida, como se tomada de dor, as mãos na cabeça querendo arrancar seus cabelos, ou era assim que parecia, expressão de martírio, gritos perfurantes.

Coloquei minha arma às costas, no cós da calça, e corri até ela.

— Tracy — chamei de novo. Porém, ela tinha desmaiado. Peguei-a nos braços, levando-a para sua cama destruída. Toquei seu rosto lindo, com maçãs arredondas, lábios grossos e beijáveis, cílios longos, cabelos grudados à pele devido ao suor.

Ela estava respirando, logo, bem, na medida do possível.

— Ovelhinha...

Parecia tão desamparada que me dava vontade de protegê-la.

Piscou, focando em mim. Suas roupas estavam um pouco molhadas, mas no chão do banheiro não havia água. Aquilo era suor, como acontecia quando tínhamos pesadelos. Ela havia experienciado um? Algo naquela mulher que gritava fragilidade. Com pupilas dilatadas e respiração acelerada, assim como a pulsação, demonstrava terror. Não parecia ser pelos tiros ou Slan morto à sua frente, e sim como se aquilo trouxesse várias lembranças ruins do passado, algo que acontecera com ela. O que ocorreu para deixá-la naquele estado?

— O que aconteceu? — perguntou se sentando na cama. De repente, seus olhos se

arregalaram de preocupação e sua voz se elevou: — Alguém se feriu? Seus amigos?

Tracy não parecia preocupada consigo mesma, mas com meus irmãos lutando. O barulho de fogo tinha cessado lá fora, então a luta acabara.

— Não de nossa parte. — Assim eu esperava. Estreitei meus olhos. — Você começou a gritar e depois desmaiou no chão do banheiro. Quer me dizer o que houve?

Ela se encolheu. Após, ergueu-se, sacudindo a cabeça, sem responder. Uma nova preocupação surgia em sua face.

— Noah, ele está...

Neguei num gesto.

— Seu irmão está bem, no lugar que arranjei para vocês — tranquilizei-a. Max tinha levado o garoto para minha casa. Eu não ficava muito lá, então os dois poderiam morar nela, e assim eu os protegeria. Um pensamento me veio à mente. — Cadê os pais de vocês?

Pelo que descobrimos, seu irmão de dezessete anos vivia com ela, que tinha vinte e um.

Tracy pegou seu celular no bolso do jeans.

— Estão mortos, somos só nós dois — respondeu com amargura na voz.

Havia algo ali que não consegui identificar. Eu geralmente podia ler as pessoas, mas não aquela menina. O que ela escondia? Fosse o que fosse, não tinha a intenção de revelar. A coisa não devia ser bonita; após ver seu estado no banheiro, eu tinha certeza disso. Não importava; eu iria descobrir. Era paciente quando queria algo, e queria aquela garota, desejava tê-la nos meus braços, ouvir aquela voz com sotaque sulista sussurrar em meu ouvido para fodê-la, e fazê-la gritar com meu pau dentro dela, levando-a à loucura.

Maldição! Controle-se, cara, a menina está com problemas, e você fica pensando em sexo?, recriminei-me mentalmente.

— Eu sei, vai ficar tudo bem. Já estou indo para onde você está agora, e então conversaremos — ela respondeu a uma pergunta que não ouvi. Fitou-me com os olhos ansiosos e preocupados. — Posso ir ver meu irmão?

Franzi o cenho, avaliando-a. Não parecia que ia passar mal de novo, só estava preocupada

com seu irmão, louca para encontrá-lo. Apostava que planejava fugir. Isso era algo que eu não deixaria acontecer.

— Sim, mas lá fora não está bonito. — Soltei um suspiro e fiquei na frente dela. — Se for demais para você, me dê sua mão e feche os olhos até sair da bagunça.

Arregalou as orbes negras como duas ônix.

— Stiles...?

— Morto — respondi de modo frio. Não ligava para o verme, ele ia fazer coisa pior com ela, pelo tanto de homens que a aguardavam ali. Talvez fosse entregá-la a eles. Só em pensar nisso, eu queria uma chance com Stiles para fazê-lo pagar com meus punhos na sua cara escrota. Era uma pena que já tinha ido para o inferno pelas mãos do maldito Axel. Talvez fosse por isso minha raiva dele naquele momento; ele me tirara esse prazer.

Tracy arfou, mas a senti aliviada.

— Então estou livre agora? — falava consigo mesma, não era uma pergunta direcionada a mim.

— Não é assim tão fácil. Stiles era o capacho. Existe alguém mais poderoso que ele puxando as cordas. Seu nome é Dormas — declarei. Dormas era um bastardo de coração frio que não temia nada e ninguém (quem sabe só ao pessoal da máfia, ou talvez nem isso). As coisas que eu ouvira a seu respeito eram monstruosas. — Ele comanda toda a área de prostituição deste lugar, mas seus dias estão contados caso queira atingir você ou ir atrás de algum de nós.

— Sinto muito, se não fosse eu abrir minha boca sobre os livros, vocês não teriam... — Sua voz falhou, e ela abaixou a cabeça, mordendo seu lábio inferior carnudo.

Aproximei-me dela e toquei seu rosto, esquadrinhando suas bochechas, que se esquentaram, adquirindo uma cor linda, a qual raras vezes eu via nas mulheres. Ao encostar na garota, uma corrente elétrica atravessou meu corpo, apossando-se de mim dos pés à cabeça de forma intensa e gloriosa. Não entendi o que aconteceu, mas gostei.

Diferente de Axel, eu não era frio com as mulheres que fodia; sabia o que elas queriam e dava isso a todas com quem ficava, assim como elas faziam comigo.

Até algum tempo antes, não pensava em ficar com apenas uma, mas, após conhecer Tracy, notei que algo mudara. A forma como ela sorria, seus lindos olhos meigos e brilhantes como a lua. Com ela, eu queria mais. Não dava a mínima se teria que dar corações e flores, se assim ela quisesse.

Eu devia tê-la seguido antes para saber onde morava. Se soubesse que era ali, teria arrumado um jeito de tirá-la daquele lugar sem o mínimo de segurança.

— No minuto em que decidimos entrar, sabíamos que não sairíamos sem lutar. Era fato. Stiles não deixaria — esclareci, forçando minha voz a soar normal, bloqueando o pensamento sobre meu erro ao não ter me aproximado dela antes. — Não foi sua culpa.

Ela sacudiu a cabeça com veemência.

— Mas é! Vocês nem me conhecem e já estão me protegendo, tiveram que... — ela sussurrou.

Se a menina soubesse como as coisas eram para nós, não diria isso. Não fora culpa dela. Não podíamos simplesmente fingir que não víamos o que estava prestes a acontecer, assumir que ela não corria perigo, porque isso não era verdade. Tracy estava encrencada, e, depois daquele dia, nós também. Entretanto, eu não dava a mínima para isso, só queria protegê-la. Enfim a teria onde desejava, na minha casa e, logo mais, na minha cama.

— Não importa, nada vai acontecer com você, ovelhinha — jurei, puxando-a para mim. Estava louco para senti-la em meus braços. Geralmente não trocava carinhos com mulheres fora da cama, mas aquela garota me fazia querer beijá-la. Tudo nela gritava “intocada”, como uma porcelana não utilizada por medo de ser facilmente quebrada.

Merda! Eu percebia a forma como me olhava, sabia que estava atraída por mim. Isso era um ponto a meu favor, bem como fazê-la morar na minha casa.

Ela suspirou e devolveu meu abraço, fitando-me, olhos escuros e azuis se encarando. Eu podia ver que ela queria devorar a minha boca pelo modo com que olhava meus lábios, como se morrendo de fome. Se não estivéssemos naquele lugar cheio de cadáveres, eu teria feito isso, porque também estava louco para possuí-la, mesmo que meus instintos me dissessem para ficar

longe daquela menina.

— Eu...

Coloquei meu polegar em seus lábios, impedindo-a de falar alguma coisa. Decerto recusaria minha ajuda; eu não a deixaria desprotegida.

Senti-a estremecer e expirar com dificuldade ante o contato com sua boca, ainda me encarando, incapaz de desviar os olhos, assim como eu.

— Shhh, fique tranquila. Depois nós conversamos, agora vamos sair deste lugar. — Alisei sua face linda e pele macia de pêssego. — Quer fechar os olhos?

Ela assentiu e os cerrou, tão suave e indefesa diante de mim. Não pude resistir, era como uma droga maldita. Aproximei-me e rocei meus lábios nos dela, fazendo-a abrir as pálpebras e me encarar com olhos vidrados. A inocência gritava neles; ou ela nunca fora tocada, ou tinha pouca experiência. Isso era mais um motivo para me manter longe. Eu era incapaz de continuar aguardando: fiquei distante de Tracy por dois meses, esperando não restar nenhum sentimento por Samira. Finalmente, passado tudo, reivindicaria a mulher à minha frente.

— Você é tão linda! — sussurrei maravilhado.

Sua expressão desmoronou. Ela franziu a testa como se eu tivesse dito que era feia ou a chamasse de algum nome vulgar. Não entendi sua reação. Todas as mulheres gostavam quando eu as elogiava. E eu estava dizendo a verdade sobre isso.

Antes que eu lhe perguntasse por que ela ficara assim, a porta foi aberta, fazendo Tracy correr para longe dos meus braços.

— Cara, temos uma festa da limpeza aqui, e você já vai foder a vadia? — questionou Axel com um sorriso de escárnio.

Tracy endureceu ante essa palavra. Eu vi a dor em seu lindo rosto.

Axel era a porra de um estúpido que não respeitava as mulheres. Eu acreditava que ele tinha problemas sérios.

— Cale a merda da boca, Axel! — usei meu tom de líder com ele, afinal, depois de Shadow, era eu quem mandava, sendo o vice-presidente do clube, então o imbecil tinha que me

respeitar.

Ele fez uma careta e saiu, porém, antes, falou sem emoção:

— O *capo* resolveu intervir. Shadow está chamando você.

Sacudi a cabeça, querendo socá-lo por não pedir desculpas à Tracy.

— Não ligue para Axel, ele tem um jeito estúpido de tratar as mulheres. Não é pessoal, só a maneira fodida dele — comentei.

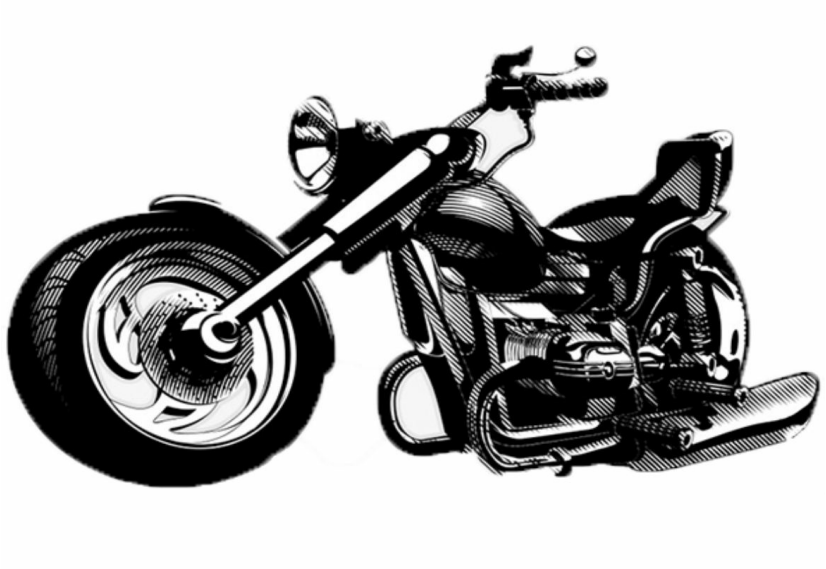
Ela piscou, assustada.

— Ele disse *capo*? Isso é algo relacionado à máfia? Ele está atrás de mim também? — Sua voz saiu duas oitavas mais alta: — Oh, meus Deus, eu vou matar a Bruna!

Duvidava que ela fosse capaz de matar uma mosca. A menina não tinha violência ou ódio em um mísero pedaço de sua alma. Eu a considerava uma flor, impossibilitada de ver a maldade dos outros. Se visse, ela não teria confiado na puta da sua amiga.

Depois eu procuraria saber onde aquela cadela traidora se metera, levando o dinheiro de Dormas – desde o começo, eu tinha certeza de que o dinheiro pleiteado por Stiles era dele – e o do aluguel de Tracy. Eu a faria pagar. Não era de bater em mulheres, mas tinha outros meios de conseguir o que queria sem colocar as mãos nela, como fazia com homens quando buscava informações.

— O *capo* não vai machucá-la, somos seus aliados — respondi, indo até ela e segurando sua mão. — Só feche os olhos até sairmos daqui. Deixe que eu resolvo tudo.



Capítulo 6

Tracy

Máfia? Merda. Como Bruna foi me envolver em uma situação dessas? Eu sempre tive cuidado de não trazer problemas para meu irmão e para mim, assim passaríamos despercebidos e não correríamos o risco de atrair a atenção de minha mãe e seu pai, principalmente dela, uma pessoa que eu não queria ver nunca mais na vida.

A porra da máfia estava atrás de mim e de meu irmão? Era tudo por culpa da Bruna, uma pessoa em quem eu confiava e considerava uma amiga; não passava de uma traidora.

Eu tinha lido muito sobre a máfia em livros, sabia do que era capaz, as atrocidades cometidas em seus porões. Isso não era apenas ficção, na realidade também acontecia. Faziam de tudo para obter respostas, de tortura a estupro.

Droga! Será que minha vida está destinada a isso? A fazer algo tão baixo que me deixará sem minha alma, igual minha mãe sempre quis que eu fizesse? Como ela faz para Ramon, dando seu corpo em troca de suas dívidas?

No meu mundo, o romantismo passava longe. Restava-nos homens como Ramon e Stiles. Um deles estava vivo; o outro, não.

Eu almejava ficar com quem amasse ou, pelo menos, com alguém por quem sentisse algo, como meu coração batendo forte, e não ser forçada a fazer o que não queria. Não iria me submeter a isso mesmo que o líder da máfia me obrigasse. Eu não tinha feito nada de errado para pagar um preço alto sendo capacho de um homem como ele.

Olhei para Nasx ao meu lado. Ele seria capaz de enfrentar a máfia e me proteger caso quisessem me torturar para obter informações sobre o paradeiro de Bruna?

O capo *não vai machucá-la,* entoei em meu cérebro várias vezes as palavras de Nasx.

Por alguma razão desconhecida, confiava nele. Também não tinha muitas opções, ele era o único que podia me ajudar. Além disso, viera até ali com seus amigos para enfrentar vários homens como Stiles só para que eu não me machucasse. *Todos são gente boa*, pensei.

Com sua mão na minha, senti-me um pouco confortada, mas não o bastante para perder o medo ou esquecer o que Axel me havia dito antes de sair do quarto.

Sentir os lábios de Nasx nos meus, mesmo não sendo de boca aberta, foi tão intenso que me deixou de pernas bambas, fora a corrente elétrica se apossando de mim dos pés à cabeça, como uma fornalha acesa. Meu coração ainda estava batendo acelerado pelo toque dele.

Eu não sabia por que ele me beijara. Interesse não devia ser, afinal, o homem era lindo e podia ter qualquer mulher que desejasse, era só estalar os dedos, e todas cairiam aos seus pês para adorá-lo.

Quando Axel entrou e me chamou de vadia, eu me senti empalidecer ao pensar que talvez Nasx pensasse como ele – que, por eu viver naquele lugar, seria uma prostituta igual àquelas do lado de fora.

Axel era um babaca pela forma como agia, mas talvez não fosse o único. Ao menos não parecia ser um homem que escondia o que realmente pensava. Convivi poucas horas com ele e já notei que só fazia o que queria.

Ao ser insultada, meu peito se apertou de forma insuportável, eu me senti suja. Jamais queria que Nasx pensasse mal de mim, assim como muitas pessoas do meu passado pensavam. Os nomes desses indivíduos ainda me assombravam toda vez que eu relembrava aquilo. Nenhum deles valia um minuto dos meus pensamentos.

Expulsei-os da minha mente e foquei na presença de Nasx ao meu lado. O único homem que eu queria era ele, que estava me ajudando a escapar da enrascada em que minha falsa amiga me enfiara. Só desejava sair dali e esquecer que aquele dia existira, embora fosse impossível vendo a sala cheia de corpos.

Deveria ter fechado meus olhos tal qual Nasx sugeriu, contudo, não consegui. O chão, que antes era branco, encontrava-se manchado de vermelho onde estavam os três corpos, de Stiles,

Slan e outro cujo nome eu não sabia.

A cena me fez tremer por dentro, e meu estômago embrulhou; me forcei a não vomitar. Permaneci com o rosto inexpressivo, mas meu coração estava acelerado ante a visão horrenda. Tentei me concentrar nas pessoas ali presentes.

Na sala vi Daemon, Kill, Shadow e Axel, além de outros que eu não conhecia, dois homens, um com cabelos e olhos negros que pareciam mortos, o fundo de um abismo, e o outro ao seu lado, com fios castanhos e expressão tão mortal quanto os demais. Os dois vestiam ternos escuros. *Deve ser para esconder o sangue*, pensei amarga.

Aqueles eram os mafiosos? Eu achava que fossem velhos e barrigudos; pelo visto, eram lindos como nos livros.

— Essa é Tracy, a amiga da puta que os roubou — disse Axel com o cenho franzido.

Senti um solavanco em meu coração. Ele estava batendo tão rápido que achei que fosse sair do meu peito. Minha mão suava frio na do Nasx, que fuzilou Axel e se virou para mim com a expressão mais branda.

— Tudo ficará bem, Tracy — assegurou para me tranquilizar. — Ninguém vai encostar um dedo em você.

Assenti, sem responder, não confiando na minha voz. E o que eu diria? Imploraria por minha vida caso eles quisessem acabar comigo? Só esperava que não chegasse a isso, que tudo desse certo como Nasx prometera.

Nasx encarou o homem de cabelos negros.

— Luca. — Ele balançou a cabeça brevemente. Em seguida, se voltou para o outro. — Samuel.

Nenhum dos dois respondeu aos cumprimentos. Tremi, porque não era bom.

Os olhos mortos de Luca pousaram em mim, fazendo os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Ele saiu de onde estava, perto da porta, e veio na minha direção.

Meus instintos gritaram para eu fugir, como se isso fosse possível. Não o fiz, só cheguei mais perto de Nasx, que me puxou para trás de si e encarou o mafioso.

Esse gesto não passou despercebido a Luca, o qual parou e ergueu as sobrancelhas para nós dois.

— Ela é sua? — A voz áspera era vazia, à semelhança de seu rosto (lindo, apesar da falta de emoção).

— Por que isso seria da sua conta? — retrucou Nasx com os dentes trincados.

Luca o encarou, então me encolhi, temendo que Nasx entrasse em problemas por minha causa.

Aquele homem não parecia ser alguém que deixava os outros falarem assim com ele. Era mais do tipo que atirava e perguntava depois.

Eu estava a ponto de dizer que não pertencia a Nasx, que ele apenas viera me ajudar a enfrentar Stiles, sem imaginar que ele tinha um exército de homens a postos para me machucar.

— Porque a amiga dela não roubou apenas dinheiro, como Stiles disse, mas um *pen drive* com informações não só de Dormas, mas também minhas. — Ele apontou o dedo para mim. — Se ela for uma...

— Cuidado — rosnou Nasx.

Luca o ignorou.

— Se ela for uma das prostitutas baratas deste lugar e estiver com sua amiga, vou descobrir, e a coisa não vai ficar bonita. — Seu tom deixou bem claro o que faria comigo.

Eu devia manter minha boca fechada, mas não conseguia ver algo errado e injusto e não dizer nada. Era desrespeitoso ele me acusar, se nem me conhecia.

Fuzilei o mafioso bastardo com meu olhar.

— Não sou nenhuma puta, e, se fosse, não seria da sua maldita conta. Não estou envolvida com o que quer que Bruna tenha feito. Ela também me roubou. — Cerrei meus punhos para não fazer besteira. — Não dou a mínima para o que ela levou de vocês e não tenho nada a ver com isso. Pode me torturar, arrancar minhas unhas, meus dentes, enfiar agulhas em minha pele, me cortar aos pedaços; tudo que vocês, mafiosos, fazem, mas não vai descobrir nada.

Noah sempre dizia que eu tinha o gênio forte, e enfim eu via que ele tinha razão, porque

falar assim com um cara daqueles podia me trazer mais problemas do que eu já arranjara. Fora o fato de iniciar a briga anterior. Nasx havia dito que não foi minha culpa, mas eu sabia que havia sido, sim, por eu falar demais. Prometera a mim mesma não deixar mais ninguém pisar em mim, como fizeram no passado.

O silêncio na sala permitiria que se ouvisse uma agulha caindo no chão. Ninguém disse nada por um tempo. As expressões dos MCs, em vez de irritadas por eu trazer tantos problemas a eles, pareciam divertidas, como se achassem engraçado o fato de eu encarar um chefe da máfia. Talvez eu fosse só suicida; a última frase soava melhor.

Luca se manteve inexpressivo durante alguns minutos, o deus da frieza em pessoa. Então, do nada, ele riu, uma risada divertida e, simultaneamente, perigosa. Isso me deixou mais nervosa; não sabia se ele estava zombando de mim por enfrentá-lo.

Todavia, notei que o abismo em seu olhar pareceu desaparecer por um segundo.

Samuel o encarou com a testa franzida, como se não visse o homem sorrir com frequência.

Luca ergueu as sobrancelhas.

— Quem te falou que fazemos isso para obter o que queremos?

Fiquei confusa com sua reação. Bem, era melhor ele se divertir e rir de mim a se enfurecer, assim não eliminaria minha vida ali mesmo, antes de eu ver meu irmão novamente. Além disso, não queria trazer mais problemas para os MCs, especialmente a Nasx, que, naquele momento, passou o braço por minhas costas e me apertou delicadamente.

Meu corpo tremeu não só por sua proximidade, mas pelo local onde seu braço se encontrava. A minha visão começou a ficar turva e, as lembranças, a quererem jorrar por minha mente, como se uma porta em meu inconsciente tivesse sido aberta para elas saírem. Minha respiração se tornou pesada; tentei focar no momento e no local em que eu estava e não no que me atormentava.

— Você está bem? — sondou Nasx com preocupação.

Assenti, percebendo que tinha fechado os olhos com força. Saí do domínio dele, mas peguei sua mão, desta forma, o motoqueiro não desconfiaria que eu não podia ser tocada nas

costas, mesmo que por um instante.

— Sim — menti.

Seus lábios e testa se franziram ao me avaliar e notar nossas mãos juntas. A confusão era evidente na sua expressão. Melhor do que ele me perguntar a verdade.

Nenhum deles suspeitou de que algo estava errado comigo, talvez pensaram que eu não queria o abraço de Nasx, o que não era verdade, porque eu queria muito ser tocada por ele, mas não podia, não ali.

Entretanto, um dos MCs me fitava com os olhos estreitos, como se me entendesse. Daemon não disse nada; seu olhar era conhecedor. Isso me deixou curiosa sobre ele.

— Não ligue para Luca, ele não vai machucá-la — garantiu Nasx, entendendo errado meu estremecimento. Se suspeitou de algo mais, não deixou transparecer.

— Não vou? — Luca riu de novo e varreu os olhos pelos MCs. — Acho que vocês só gostam de mulheres com fogo. — Sua atenção retornou para mim antes de eu dizer que não era mulher de Nasx, e ele continuou: — Eu não precisaria fazer tudo que mencionou. Um minuto com você, e eu teria a minha resposta.

— Me violentando? — desdenhei. — Mesmo assim não ia conseguir, eu não sei de nada. — Suspirei, irritada. — Por que, em vez de ficar me ameaçando, não vai procurar Bruna?

Luca meneou a cabeça de lado, e seu sorriso sumiu, dando espaço a uma expressão fria como uma geleira.

— Primeiro: não estupro mulheres, não preciso disso para obter o que quero. Segundo: você terá duas escolhas e precisa decidir agora.

Desconhecia o que ele queria de mim, somente fiquei aliviada por saber que estupro não estava em sua mente.

— Quais são elas, além de eu ser torturada e morta? — murmurei, mordendo o lábio. Não podia morrer, meu irmão precisava de mim.

— Ou você vem comigo, sob os olhos da máfia italiana, ou fica com Nasx, aos cuidados dos MCs. — Apontou o queixo para todos ali, dando ênfase a Nasx e Shadow. — Vocês

assumem a responsabilidade por ela?

— Não posso ir embora para qualquer lugar longe de todos? — Esperava que sim, porque não suportava a ideia de alguém se machucar por minha causa.

Seu sorriso naquele instante me lembrou o de hienas a que eu tinha assistido uma vez no Discovery Channel.

— Como eu saberia que não está indo embora para se encontrar com a ladra da sua amiga em outro lugar? — retrucou. — Se não quer ser torturada, ficará debaixo de nossas vistas. Escolha um de nós. — Ele veio em minha direção, e eu me aproximei ainda mais de Nasx. — E, quando eu achar Bruna, ela não vai ver a luz do sol nunca mais.

Pisquei, assustada. Por mais que Bruna tivesse me roubado e ido embora, deixando-me naquela enrascada, eu não a queria nas mãos do mafioso ou de um cafetão como o chefe de Stiles. Uma parte de mim não desejava que ela fosse encontrada, assim, não morreria, porque era isso que eles fariam caso a achassem.

Eu não ficaria com Luca, ele era arrogante e frio, parecia pior que os MCs. Não conhecia nenhum deles, sabia que eram pessoas fora da lei também, mas os motoqueiros haviam me protegido, tinham vindo ao covil dos bandidos só para eu não ficar sozinha e ser engolida viva por tubarões.

Expirei e dei um passo à frente. Com a voz rouca pelo que ia acontecer, falei:

— Pode fazer. — Esperei, tremendo por dentro, sem deixar de encará-lo. — Você disse que conseguiria tirar a verdade de mim; então, seja o que for, faça.

Meu único alívio era que eu não seria violentada, mas temia que ele me ferisse. Eu não sabia como lidaria com aquilo, se sobreviveria ao passar por algo semelhante ao dia em que fora machucada.

A expressão de Luca estava entre divertida e intrigada.

— Você prefere ser torturada a ficar conosco? — indagou incerto ao me avaliar, com certeza pensando que eu mentia.

Suspirei.

— Com você, eu prefiro — destaquei e varri os olhos por todos na sala, por último chegando a Nasx, que estava com a mão na minha.

Ele franziu a testa.

— Comigo também? — Sua voz tinha uma nuance traída ou magoada, como se minha resposta fosse um soco em seu estômago.

— Não, mas não posso pedir que confie em mim. Não peguei nada de ninguém, nem estou envolvida com tudo isso. Não sabia que eles eram cafetões, achei que fossem de alguma gangue — sussurrei.

— Tracy...

— Por que acreditaria em mim, quando mal me conhece? Por isso não posso pedir...

Nasx me interrompeu, puxando-me para seus braços fortes e confortáveis:

— Acredito em você, ovelhinha. Ninguém vai tocá-la — jurou. — Você vai ficar comigo, na minha casa, e vou protegê-la de todos.

Estremeci com o seu hálito quente em meu ouvido e seu toque. Meu coração se aqueceu por dentro por ele confiar em mim. Afastei o rosto, ignorando as sensações ante seu cheiro maravilhoso, que me deixava tonta.

— Você acredita?

Ele sorriu.

— Sim, sei ler um mentiroso de longe. Luca também, aposto. — Nasx o fuzilou. — Não é?

Observei a reação de Luca, até pensei que ficaria furioso pelo que eu e Nasx havíamos dito, mas o homem sorria. Aquele sorriso, mesmo sinistro às vezes, ainda era lindo e *sexy*. Eu apostaria que deixava as mulheres bobas, querendo abaixar a calcinha para ele.

— Gostei de você. — Riu, sacudindo a cabeça. — É a primeira mulher que diz preferir ser torturada a ficar comigo.

Ele não parecia estar me acusando, apenas descrente e divertido.

O homem era um Adônis. Não era cega ou santa para não enxergar isso. No entanto, o único que fazia meu coração acelerar e minha pele esquentar como se estivesse perto de

labaredas era Nasx.

— Podemos ir agora? — inquiriu Nasx. — Ou temos mais alguma coisa a dizer ou fazer?

Ele apontou para os corpos e o sangue no chão. Não segui seu olhar, ou seria pior. Já bastava tudo o que eu tinha visto naquela tarde.

— O pessoal da limpeza está a caminho — informou Luca e se virou para Shadow. — Cuidem dela. Não a deixem fugir, ou... — sorriu como um gato prestes a comer um rato — nós a encontraremos.

Engoli em seco.

— Não vou fugir. — Era verdade; não colocaria a vida do meu irmão em risco.

— Eu sei. Você tem alguém que ama e não suportaria que fosse machucado. — Não era uma pergunta, e sim uma afirmação com ameaça velada. Ele sabia da existência de meu irmão.

Meu coração gelou ao pensar em Noah nas mãos daqueles homens.

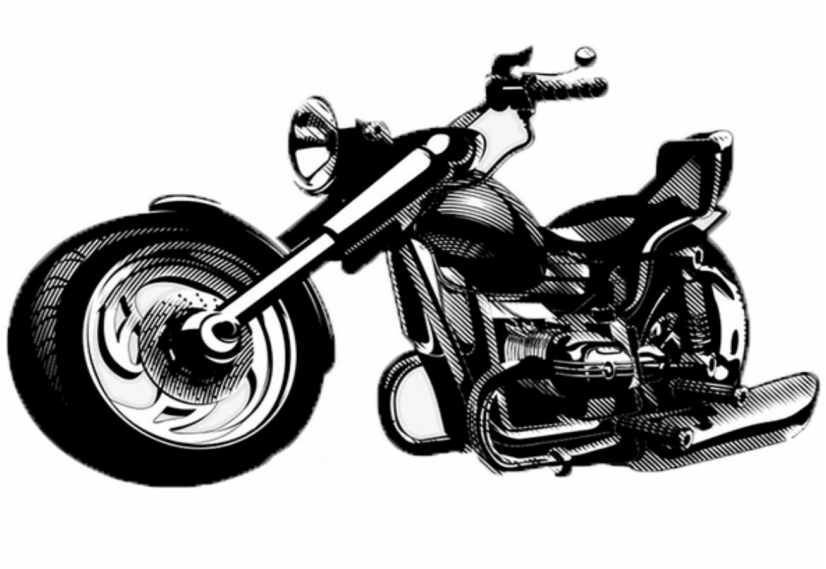
— Ela já entendeu, Luca, não precisa ameaçá-la — grunhiu Nasx.

Luca não ligou para ele, continuou me encarando.

— Por que não arruma as coisas que vai levar deste lugar, ou o que sobrou delas? Pretendemos destruir tudo aqui.

Assenti, não discutindo, só queria ir embora. Ainda não sabia o que faria da minha vida. Como eu não podia fugir para outra cidade, teria que ficar com Nasx.

Eu já gostava dele fazia um tempo e, com ele me ajudando e eu tendo de viver ao leu lado, temia me apaixonar. Isso seria minha ruína, porque, no final, meu coração terminaria quebrado. Eu não precisava ser muito inteligente para saber disso.



Capítulo 7

Tracy

Cheguei a uma propriedade em uma área afastada, mais parecida com uma fazenda, mas próxima da cidade, a um quilômetro de distância mais ou menos.

O que me deixou de queixo caído foi a casa. Ela possuía três andares e parecia uma mansão no meio do nada, cercada por árvores. O último piso tinha paredes externas de vidro.

Estremeci ao olhar novamente para todo aquele vidro. Ficaria longe de lá, ou eu não sabia o que me aconteceria. Talvez teria várias lembranças ruins, ainda mais se tivesse uma claraboia em algum dos cômodos.

— Essa é a minha casa — disse Nasx. — Vamos entrar, que vou te mostrar tudo.

Desci de sua moto, afastando-me de seu calor. Não podia ficar triste por estar longe dele, isso era bom, ajudava-me a pensar; com ele perto, minha mente ficava vaga.

Minhas coisas e as de meu irmão – ao menos o que havia restado –, um motoqueiro chamado Logan traria em seu carro.

Nasx desceu de sua Harley, veio para o meu lado e pegou minha mão, dando-lhe um aperto delicado.

— Não precisa fazer isso. — Apontei para nossas mãos juntas.

Quando ele me tocou naquele lugar cheio de corpos, achei que estivesse fazendo aquilo para me tranquilizar. Agora, ele repetia o gesto, deixando-me confusa.

Ele sorriu, jocoso. Meu coração balançou, e minhas pernas vacilaram.

— Eu quero. Além disso, seus dedos são macios e suaves. — Levantou minha mão e a beijou em um movimento doce e tão antigo como o mundo.

— Acho que vou vomitar. — A voz de Axel me trouxe de volta de onde minha mente

bêbada estava presa pelo encanto daquele motoqueiro com cara de surfista.

Tentei me afastar; Nasx não permitiu.

— Não ligue para ele. Entre, o seu irmão está esperando.

Com a menção a Noah, andei rápido para adentrarmos a propriedade. Deparei-me com uma sala grande. No lado direito tinha uma mesa de sinuca. No esquerdo, uma tela imensa, como a de um cinema, e um enorme sofá na forma de L e outro menor, com almofadas sobre eles. De frente para essa sala, havia uma cozinha como ilha, com um balcão de mármore dividindo os ambientes.

O que me deixou de queixo caído não foram os móveis ou a decoração, e sim o fato de que tudo ali parecia organizado, limpo demais. Algum monge morava naquela casa?

— Monge? — Axel se escorou no balcão e levantou a cerveja, brindando. — Se um monge fodesse tantas mulheres como Nasx, aposto que todos os homens desejariam se tornar um.

Eu não tinha notado que havia falado aquilo em voz alta. Axel não dissera nenhuma mentira. Eu sabia da fama de Nasx, a mulher de Daemon tinha dito algo assim mais cedo, no restaurante. Além disso, também já ouvira algumas garotas comentando que ele era tudo de bom. Mais um grande motivo para eu ficar longe dele.

Moraria na sua casa porque não podia ir embora, já que Luca me acharia, eu não duvidava nada disso. Apostava que mafiosos eram capazes de encontrar alguém até no fim do mundo. Como não queria que meu irmão e os MCs tivessem problemas, teria de ficar ali. Manteria distância de Nasx, não me envolveria com ele, ou isso seria fatal.

Nasx trincou os dentes, fuzilando Axel como se quisesse matá-lo. Não entendi por que ele estava furioso com o amigo.

Antes que Nasx fizesse alguma besteira, Noah veio correndo até onde eu estava e me abraçou, arrastando-me para longe do loiro.

— Estava tão preocupado com você. — Sua voz grossa soou urgente. — Me contaram o que aconteceu, sabia que aquele Stiles não era um cara legal.

Noah nunca me deixava sozinha quando o cafetão estava no apartamento com Bruna.

— Eles não a tocaram? — Afastou-se e checou meu corpo de cima a baixo.

Noah era diferente de mim fisicamente, tinha cabelos negros e olhos verde-claros. Era alto e forte para sua idade, aparentava ter uns vintes anos.

— Não, estou bem — tranquilizei-o. — E você?

— Também estou, mas soube do que Bruna fez.

Encolhi os ombros.

— Sim, eu tinha deixado o dinheiro com ela para pagar o aluguel...

— A cadela sumiu com ele? — rosnou. — Desconfiei assim que ela fez a mala ontem...

Arfei.

— Você a viu e não me chamou?

— Ontem a vi nervosa, até perguntei se havia algo errado, se o namorado tinha batido nela, mas a vadia negou. Claro que não acreditei nem um pouco. Era noite quando saiu com uma mochila nas costas, então a segui. Ela entrou em um carro escuro a duas quadras do apartamento. Não sabia quem era no início, os vidros tinham película e estava escuro.

O sangue fugiu do meu rosto, pensando que ele poderia ter sido machucado.

— Você foi atrás dela à noite sozinho?! — quase gritei. — Mas que droga, Noah, e se a pessoa no carro o tivesse visto? — Pisquei ao notar o que ele acabara de dizer. — Você enxergou quem estava com ela?

— Sim, fomos cercados na hora por seis homens, mas não estavam armados, ao menos não com armas de fogo, só bastões de beisebol ou pedaços de pau. Eles queriam a mulher que dirigia o carro, a que veio pegar Bruna. Não sei como fiz, só agi e derrubei dois no chão, gritando para elas irem embora.

Arregalei os olhos.

— Você enfrentou sozinho esses homens para salvar as duas? — perguntei, descrente.

Minha vontade era de bater na cabeça dele para criar algum juízo, porque, pelo jeito, meu irmão perdera os neurônios de vez.

— Eu dava conta deles sem nenhum problema. — Deu de ombros.

Cerrei meus punhos, bastante irritada.

— Você é à prova de balas e eu não estou sabendo? — ironizei. — Por Deus, Noah, eles poderiam estar armados e ter matado você.

Estreitou seus olhos claros, meio ofendido.

— Eu precisava fazer isso, não podia deixar eles atacarem as garotas. E não aconteceu nada de grave comigo, olhe. — Ele levantou a camisa; vi marcas roxas em sua barriga.

Lembrei-me de que, naquela manhã, ele acordara com escoriações no rosto.

— Achei que fosse pelas aulas de boxe! — Por isso eu não ligara. Algumas vezes ele chegava assim em casa, por causa do treino.

— Mana — falou como se estivesse conversando com uma criança, o que me deu vontade de socá-lo —, eu tinha que fazer alguma coisa, ou eles as machucariam. Apesar dos erros de Bruna, ninguém merece estar nas mãos de homens como eles.

— Você lidou sozinho com seis homens? — perguntou um garoto quase da minha idade. Ele tinha cabelos castanhos e olhos claros. Ainda não havia reparado em sua presença.

Noah sorriu para ele em expectativa, como sempre acontecia quando falava de lutas.

— Não, Tripper, abati quatro deles, mas logo vieram mais caras, então a garota desconhecida apareceu para me ajudar com os homens.

Olhei-o de forma dúbia por imaginar uma mulher lutando com valentões assim.

— Como ela enfrentou bandidos desse naipe?

— Porque ela era uma ninja, com as estrelas e tudo mais, acertando os malditos, que caíam no chão. — Ele movimentava as mãos como se estivesse lutando. — Nunca vi uma garota brigar daquele jeito, parecia a Mulher-Gato. O capuz saiu da sua cabeça, mostrando que tinha cabelos negros ondulados.

— Vejo que o garoto se divertiu. — Axel sorriu de modo provocativo. — Tirou algum proveito da cadela pelo menos? Quebrou o cabaço?

Fulminei-o.

— Meu irmão é uma criança, não precisa ficar com várias para provar que é homem, igual

você faz — rugi.

Ele me deu um sorriso que me fez lembrar leões famintos querendo devorar sua presa.

— Querida, não provo que sou homem fodendo alguém, mas posso provar...

— Que tal fechar a maldita boca antes que eu rasgue esse sorriso e deixe você para sempre parecido com uma hiena? — O tom duro e seco de Nasx me fez estremecer. Axel só deu de ombros e foi pegar outra cerveja.

— Eu não sou virgem, já fiquei com muitas garotas e quero ficar com muitas mais, assim como vocês. — Noah inchou o peito, orgulhoso ao fitar os MCs.

— Não precisa falar de sua vida particular para eles, e não quero que se torne um mulherengo sem sentimentos como alguns. — Esta última frase foi para Axel, mas não o encarei para saber se captara o significado. — Se não ficou com alguém, não fique até estar pronto.

Quatro pares de olhos me encararam como se eu fosse ingênua por pensar dessa forma. Não liguei, porque não queria que meu irmão crescesse e saísse por aí fodendo tudo que se movesse.

— Não sou uma criança — retrucou Noah, magoado.

Eu poderia ter rido dele se não estivéssemos em frente àqueles caras, então fiquei quieta.

— Para mim você sempre será meu irmão caçula. — Peguei suas mãos e as apertei firmemente. Já havíamos enfrentado muitas coisas juntos. Decidi mudar de assunto para um tema que não o deixasse envergonhado. — A garota o ajudou na luta, e depois, o que aconteceu? Ela apenas deixou você ir? — Ainda tremia ao pensar no quanto meu irmão correra perigo por ter ido atrás de Bruna.

— Nós vencemos os homens. Devo admitir que eu não teria conseguido sem ela. — Ele foi até o sofá, onde tinha uma bolsa. — Ela me deu isso para que eu não dissesse nada do que houve a ninguém.

— A moça te deu uma bolsa? — Franzi a testa, confusa.

Noah abriu a bolsa, fazendo-me ofegar com seu conteúdo, e não fui a única.

— Puta que pariu... — Axel assoviou, acompanhado por Nasx.

— Essa mulher lhe deu isso para que ficasse quieto? — indaguei incrédula e preocupada após ver tanto dinheiro. Nunca vira uma quantia tão grande.

— Sim, já contei. Não vai acreditar na bolada que tem aqui. Mais de cem mil. — Não parecia chocado; talvez o choque já tivesse passado. Eu ainda estava, como também preocupada com outra coisa.

— Mais de cem mil?! — Minha voz se elevou. Abaixei-a para prosseguir: — Puta merda! E você aceitou dinheiro sem ao menos saber de onde veio, nem quem era essa mulher?

Ele sacudiu a cabeça.

— O que queria que eu fizesse? Talvez, se eu recusasse, ela quisesse me enfrentar. Uma luta com ela seria bem difícil...

Ri, amarga.

— Não acredito nisso! Você brigou com vários homens e pareceu bem animado, mas sentiu medo de uma mulher?

Ele revirou os olhos.

— Os homens posso machucar sem sentir nada, mas não posso bater em uma mulher.

— Não precisava lutar com ela, bastava ter pego o meu dinheiro com a Bruna, os quinhentos dólares que ela roubou, não esse valor imenso aí. — Grunhi: — Pare de me olhar como se eu fosse estúpida.

— Você está sendo estúpida — apontou Axel. — O garoto ganhou o dinheiro, não foi roubado.

— Não sabemos de onde isso veio, tenho certeza de que não é legal, ou então estaria em um banco. Talvez seja desse Dormas, ou de outras pessoas que não conhecemos. Com certeza é de gente perigosa e barra-pesada. Não quero mais ninguém no nosso encalço, Noah. — *Será que só eu sou a voz da razão?* Olhei para Nasx. — Acha que sou idiota também?

Ele piscou, chocado por eu lhe perguntar algo como isso – pelo menos foi o que vi em sua expressão.

— O quê? Não, você só está preocupada com o seu irmão, entendo. — Fechou a cara para

Axel, depois voltou a me olhar com uma expressão branda. — Não ligue para ele, o cara é um idiota.

— Então vamos ficar com o dinheiro? Podemos ir embora desta cidade. Eu ia dizer para fazermos isso hoje, irmos para qualquer lugar — Noah fechou a bolsa enquanto falava comigo, ansioso.

— Não podemos ir embora, a Bruna está com algo que a máfia quer, então o pessoal dela deseja manter um olho em mim. — Suspirei frustrada.

— O quê? A máfia está atrás de você? Porra! — Ele correu até mim e pegou meu braço. — Não vou deixar ninguém tocá-la, eu juro.

Comovi-me com a proteção do meu irmão. Era minha obrigação de irmã mais velha resguardá-lo, não o contrário. Na verdade, desde sempre protegíamos um ao outro; às vezes eu achava que tinha sido por isso que ele aprendera a lutar, para salvar minha vida e nos tirar daquele maldito lugar.

— Por isso você e ela estão aqui, na minha casa, para sua segurança — disse Nasx.

— Era aqui ou com Luca, e ninguém em sã consciência escolhe ficar com ele — Axel falou, bebendo sua cerveja, sem tirar os olhos de mim.

A expressão de Noah escureceu de raiva e medo. Em seguida, a face se tornou dura como rocha.

— Então pegue o dinheiro para você, Nasx. — Noah apontou para a bolsa.

Todos arfaram em sincronia.

— Não pode fazer isso — informei com a voz trêmula.

Meu irmão franziu a testa.

— Pensei que você tinha dito que não ligava para o dinheiro.

— Não dou a mínima para ele. Só que a grana não lhe pertence, o dono dela pode voltar um dia, já pensou nisso?

— Agora você deve a ele. — Apontou o queixo na direção de Nasx. — Não quero isso, porque não posso nem pensar na forma como pretende ser pago.

— O que você quer dizer? — sussurrei.

Gesticulou para o meu corpo, fazendo-me ofegar.

— Sou capaz de matar qualquer um que a toque. — Eu nunca tinha ouvido aço na sua voz, como naquele instante. Já o vira com raiva, mas não assim. O sentimento beirava a fúria.

— Eu...

Nasx me olhou com intensidade.

— Não vou cobrar nenhuma dívida — garantiu. — Prometo, Tracy.

Confiei nele, não havia mentira em sua voz. Depois virou a cabeça para o meu irmão, que estava ao meu lado em posição defensiva.

— Não quero o seu dinheiro, Noah, e não estou ajudando vocês por desejar algo.

Noah estreitou os olhos, considerando o que ele disse.

— Então por que está fazendo isso?

— Porque é a minha vontade — respondeu Nasx, e pareceu que não ia dizer mais nada.

— Isso não é resposta. Todos querem algo, você não pode ser diferente — retrucou.

— O que você quer para protegê-la? — Nasx devolveu a questão.

Noah o fulminou.

— Eu a amo, porra! Ela é tudo para mim, e irei protegê-la! Não importa quantos eu tenha que derrubar para fazer isso. — A ameaça estava em cada palavra.

Meu irmão amadurecera rápido, não tivera uma infância e adolescência normais graças à nossa merda de mãe, que nos obrigara a crescer antes do tempo.

Apertei suas mãos firmemente para acalmá-lo.

— Eu vou ficar bem, querido, não se preocupe comigo — garanti com mais tranquilidade do que realmente sentia. — Nasx — voltei minha atenção para ele —, agradeço por tudo que está fazendo por mim e meu irmão, mas, já que vou ficar aqui, quero pagar o aluguel.

A atenção dele estava em Noah. Sua expressão era de admiração ante a veemência na voz do meu irmão. Após minhas palavras, seus olhos pousaram em mim, um tanto espantados.

— O quê? Não posso aceitar... — começou, mas eu o cortei:

— Nasx, você me trouxe para sua casa, mesmo não tendo essa obrigação. Quero ajudar de alguma forma. Por favor.

Esperava que ele visse o apelo nos meus olhos, porque só assim meu irmão ficaria mais tranquilo sobre a nossa hospedagem ali.

Ele ficou em silêncio um minuto, depois assentiu com um gesto de cabeça. Havia uma nuance em seus olhos que eu não entendi.

— Tudo bem, mas eu decido quanto será. — A voz dele estava estranha, contendo diversão ou coisa do tipo.

— Não é sempre o dono quem dá o preço? — Franzi a testa enquanto ele ria, então perguntei, preocupada que fosse um valor exorbitante: — Quanto vai ser?

Nasx sorriu, tão lindo e *sexy* – ainda que não tivesse tal intenção, era natural. Tinha o poder de quase me derreter.

— Daqui a um mês eu lhe digo — avisou, voltando-se para Noah. — O seu quarto fica no primeiro andar, segunda porta à direita. — Fitou-me. — O seu, Tracy, é no final do corredor no mesmo andar, perto da escada para o segundo piso. Não há quartos no térreo.

Ouvi um som de mensagem chegando não só para Nasx, mas também para Axel e Tripper ao mesmo tempo.

— Temos que ir, Shadow convocou uma reunião no clube. — Nasx checou o celular, gesticulando ao redor da sala. — Sinta-se em casa para fazer o que quiser. A geladeira está abastecida.

— Tudo bem. Como vou pagar o aluguel, tenho algumas regras. Farei uma lista e colocarei na porta da geladeira pela manhã, antes de sair para o trabalho — informei. — Vou deixar espaço nela para que coloque as suas, então nos sentaremos e entraremos em acordo.

Eu precisava disso. Não podia lidar com ele trazendo mulheres para lá, não só pelo meu irmão, mas por mim também.

Nasx franziu a testa, avaliando-me por um momento, depois estampou seu sorriso brilhante como o sol.

— Certo, conversaremos. — A diversão borbulhava em seu tom e expressão, ele nem escondeu.

Deixei passar só porque Noah estava ali. Além disso, após enfrentar muitas coisas naquele dia, eu só queria me deitar em uma cama e esquecer as últimas horas, pelo menos a parte dos mafiosos e cafetões.

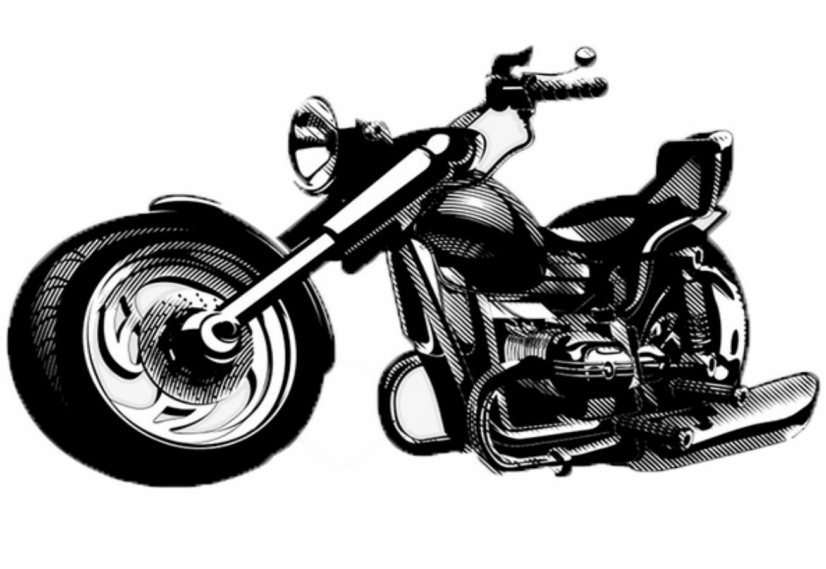
Assim que Nasx saiu com seus amigos, meu irmão apontou o dedo para a bolsa.

— E quanto a esse dinheiro? O que vamos fazer com ele?

— Deixar guardado por ora, porque essa bomba pode explodir quando acharem a Bruna. Com certeza o dono deve querer seu dinheiro de volta. Não mexa em nenhum centavo — recomendei, subindo a escada de madeira e indo até o quarto que Nasx disse ser meu.

Ao entrar no cômodo imenso, vi uma cama grande e duas portas; uma levava ao banheiro enorme, a outra, a um *closet*. Fui até a janela ampla e a abri, deparando-me com um lago cercado de árvores. Lindo demais!

Acho que posso me acostumar com essa vida... Hoje cedo amanheci ao som de um casal brigando no apartamento vizinho ao meu, agora estou aqui, nesta casa incrível que parece um lar. Mesmo que seja por pouco tempo, irei aproveitar.



Capítulo 8

Tracy

Após a saída de Nasx na tarde do dia anterior, eu não o vira mais. Não voltara à noite e ainda não tinha chegado quando fui para o meu trabalho pela manhã. Eu e Noah tivemos que andar quase um quilômetro até a estação de ônibus mais próxima. Ele iria para a escola, e eu, para o restaurante. Era muito longe. Eu podia pedir carona ao Nasx, mas não queria incomodá-lo onde quer que estivesse.

Durante o percurso, fingi para mim mesma que não ligava para o que Nasx tivesse feito durante a noite fora de casa. Sonhava com aquele motoqueiro havia muito tempo. Não sabia dizer o que me cativara nele, se fora o sorriso, a beleza, a voz, seu jeito brincalhão com todos ou uma reunião de todas essas qualidades.

Bastara eu entrar em apuros para que ele viesse ao meu socorro, como um príncipe encantado. Isso estava mexendo comigo. Depois que ele me protegeu daqueles bandidos, meu coração batia um pouco mais acelerado ante sua presença.

O que me fazia manter distância dele era a sua fama de mulherengo. No entanto, não valera de nada ter ficado longe sempre que ia ao restaurante, porque no final acabara em sua casa; mais próxima que isso, impossível.

— Vou para a academia depois da escola. Hoje ajudarei Kent até as dez da noite — informou Noah assim que chegamos ao seu colégio.

Eu tinha insistido em trazê-lo ali. Por mais que Nasx dissesse que eu estava protegida por fingir ser sua namorada, eu ainda temia que alguém procurasse meu irmão e o machucasse.

— Você não... — comecei, ao que Noah me cortou com veemência:

— Sloane, preciso, sim. Não sabemos quanto aquele motoqueiro vai pedir pelo aluguel.

Pelo tamanho e elegância daquela casa, não vai ser barato, então preciso de alguma forma ajudar você — insistiu.

Suspirei.

— Tudo bem, mas pare de me chamar assim. Não quero que ninguém saiba meu nome verdadeiro. — Olhei ao redor para checar se alguém ouvira.

Noah sabia por que eu não podia andar por aí com meu próprio nome, afinal, no dia em que eu fugi de casa, ele foi comigo. Se fôssemos pegos, eu poderia ir para a cadeia, e Ramon e minha mãe o tomariam de mim.

— Só falta um ano para eu completar dezoito, então você não vai mais precisar fingir ter outro nome, nem teremos de usar sobrenomes falsos — disse com um suspiro.

Quando eu cheguei a Chicago, conheci um cara que fazia falsificava documentos. Ele fez alguns para nós, para passarmos despercebidos pelas pessoas. Um informava que nossos pais tinham morrido e que eu, como maior de idade, recebera a guarda de Noah. Sempre que a escola ligava, meu coração gelava de medo ao pensar que tivessem descoberto a verdade.

— Também estou contando com isso. Só peço que não entre em brigas na escola, para evitar que vasculhem sua vida e descubram a verdade.

— Não vou, mana, prometo. — Ele beijou minha cabeça e entrou no colégio.

Fui para o meu trabalho evitando pensar nos meus problemas, que, pelo visto, eram muitos.

— O que aconteceu? — perguntou Sally ao começarmos a atender as mesas.

— Bruna se mandou com meu dinheiro, desapareceu, e Stiles a quer também porque ela levou algo dele que parece de suma importância. — Deixei de fora a parte de ele estar morto, bem como o envolvimento de Dormas e da máfia italiana; Sally não precisava saber disso.

Eu apostava que Luca dera um jeito de encobrir tudo, pois não ouvi sobre nenhum assassinato em massa, nem em conversas, nem em jornais.

— Oh, meu Deus! Ele te tocou de alguma forma? Nasx disse que ia tomar conta de você.

Franzi a testa.

— Ele disse isso? — sondei.

— Sim, achei que todos tinham ido protegê-la, porque, logo que você foi atrás do seu irmão, os motoqueiros também saíram. — Ela parecia confusa e chateada. — Então ele não a ajudou?

Sorri pela sua preocupação. Gostava que as pessoas se importassem comigo, porque, até aquela idade, eu havia vivido em um mundo em que isso não existia.

— Nasx me protegeu, sim, não se preocupe, além disso ofereceu sua casa para mim e Noah, onde estamos desde ontem. Agora preciso fingir para algumas pessoas que sou namorada dele. — Limpei uma mesa após um casal sair.

— Por que isso iria afastá-los, Tracy? Os bandidos, quero dizer. — Ela me seguiu até o balcão que dava para a cozinha, onde coloquei os pratos e talheres sujos.

— Os MCs têm uma lei que diz que as mulheres deles são intocadas para todos; quem cruza essa linha, acaba se dando mal.

Ela riu, animada.

— Aproveite agora e fisgue o homem, amiga! Sei que você sempre teve uma queda por ele. Talvez o namoro possa se tornar real. — Ela parecia ansiosa para que isso acontecesse.

Revirei os olhos.

— Vamos trabalhar e deixar isso de lado. Pelo que ouvi, Nasx não se contenta com uma mulher só. Isso não é para mim.

Ela não queria, mas não insistiu no assunto. Ademais, o lugar começou a lotar para o almoço.

Já estava perto da minha hora de sair. Naquele dia terminaria o expediente mais cedo, porque tinha de procurar um emprego no turno da noite em algum lugar. Podia ser em alguma boate, para servir bebidas, ou algo assim. Precisava arrumar dinheiro para quando tudo aquilo se resolvesse. Se fôssemos embora da cidade, ao menos teríamos condições de seguir com nossa vida em outro lugar. Algo em meu peito se apertou; não entendi a sensação desconfortável.

— Olha quem chegou. — Sally apontou para trás de mim.

Nasx estava entrando com uma garota loira ao seu lado e as mesmas meninas do dia

anterior. Não vi mais nenhum motoqueiro além dele. Aquela loira era nova ali, eu nunca a tinha visto.

A mesa onde eles se sentaram ficava perto da porta. Era minha, então eu teria que atendê-la.

— Se quiser, eu posso atender para você, como sempre — ofereceu Sally.

Sacudi a cabeça.

— Não, pode deixar que o faço. Além disso, por que eu não atenderia aquela mesa? Não tenho que fingir que somos um casal? — As perguntas pareciam mais para mim mesma que para ela.

— Ele veio com aquela puta. — Apontou o queixo na direção da loira.

— Puta? Não é feio tratar uma pessoa assim? Ele é livre para fazer o que quiser, Sally. Nasx só está me ajudando — falei, pegando o bloco de pedidos e a caneta.

— Não a estou xingando, ela realmente é uma prostituta do clube. Seu nome é Sandy.

— Como sabe sobre isso?

Ela sorriu.

— Já fui ao clube uma vez e fiquei com um dos rapazes de lá.

Pisquei.

— Com quem? — Não soube por que minha voz soou chocada.

— Não se preocupe, Tracy, não foi com o Nasx. — Sally riu, sacudindo a cabeça.

Prostituta? Não sou preconceituosa, as pessoas podem fazer o que quiser de suas vidas. Não vou me importar com ela estando aqui com Nasx; eles não vieram sozinhos.

Cheguei à mesa deles já preparada para anotar os seus pedidos.

— Oi, sou Tracy. Prontos para fazerem seu pedido? — perguntei, ignorando quando Sandy passou os dedos no braço de Nasx como se fossem um casal.

As meninas disseram seus nomes: Emília, Isabelle e Mary. Só não enxerguei a mulher de Shadow.

— Prazer em conhecer todas vocês. — *Exceto Sandy*, pensei, *a carrapato*.

— Obrigada. Soube que está resolvendo seu problema de ontem — comentou Emília, simpática.

— Se precisar de nós, estamos aqui — assegurou Isabelle. — Evelyn também. Ela só não veio hoje porque sua gestação está meio difícil.

— Oh, sinto muito. Ela está bem?

— Está, não há ninguém mais valente que ela para passar por isso. Sua força é subestimada. — Havia muito carinho na voz de Nasx. De repente, me olhou de cenho franzido. — Como veio para o serviço?

— De ônibus — respondi, evitando ser rude (embora sentisse vontade); Nasx fizera muito por mim. Não era porque eu estava confusa e com raiva por ele aparecer ali com uma mulher que o tocava o tempo todo que eu podia descontar no motoqueiro. No entanto, se ele pensara em levar aquela mulher ali, não devia ter me beijado. Beijar podia ser algo corriqueiro para ele, dada a sua fama de mulherengo, para mim não era; aquele fora o meu primeiro beijo.

— O ônibus passa a um quilômetro de distância da minha casa! — Continuou com a testa franzida.

Dei um meio sorriso.

— Tenho duas pernas, Nasx, e caminhar não faz mal a ninguém, é um exercício muito bom. — Não que o homem precisasse de algum, porque tinha tudo no lugar.

— Por que não pegou o meu carro na garagem? — inquiriu em tom irritado.

Arqueei as sobrancelhas.

— Não mexo nas coisas dos outros sem a devida permissão. — *E não tenho carta de habilitação*, pensei, mas não disse nada a ele.

Nasx praguejou baixo. Ignorei-o e peguei os pedidos de todos. Precisava sair dali antes que arrancasse as unhas daquela garota que se jogava em cima dele.

— Então, Nasx, como foi ontem na festa da Samira, ficar vendo a mulher por quem é apaixonado desfilando com o marido dela? — indagou Sandy.

Meu coração deu um solavanco tão alto que achei que todos à mesa tivessem ouvido. Nasx

era apaixonado por alguém? Se ser mulherengo já era motivo suficiente para eu ficar longe dele, depois de saber disso, me afastaria ainda mais. Precisava manter meu coração fechado.

Nasx não respondeu à Sandy; sua atenção estava toda em mim, como se me avaliando.

— Já trago os pedidos de vocês — informei-lhes, recuperando minha compostura.

— Virei buscá-la quando sair do trabalho — avisou Nasx em tom irritado. Eu não sabia se era por eu ter saído a pé da sua casa ou por causa do que Sandy tinha falado.

— Não precisa, o Billy vai me levar para casa — menti.

Eu poderia falar com Billy e lhe pedir para fingir que estava comigo. Não gostava de mentir, mas talvez se eu dissesse que tinha um relacionamento, isso me ajudaria a ficar longe de Nasx, ainda mais depois do que ouvira. Ou talvez só falasse que ia com Billy e depois mentisse que ele tinha me deixado na esquina por causa de sua rota, assim Nasx não desconfiaria de que ele não me levara para casa.

— Billy? — Soou frio ao pronunciar o nome.

Pude sentir os olhos de todos sobre nós, mas minha atenção estava nele.

— Sim, ele é o meu chefe e se prontificou a me levar para casa hoje. Temos um encontro esta noite. — Queria sair logo dali para não precisar mentir mais.

— Onde vocês vão? — sondou Emília.

Sentia fúria emanando de Nasx. Suas mãos estavam tão cerradas que achei que o sangue pararia de circular.

— Cinema. — Saí dali antes que tudo passasse dos limites, sem entender a reação dele.

Eu não queria pensar no que acabara de saber, que Nasx amava outra pessoa, uma que ele não podia ter. Talvez fosse por isso que me beijara. O cara estava meio fora de si, só isso explicaria ele ter me tocado. Nasx estava errado, porque eu jamais poderia ser um estepe para ele. Não podia deixar que curasse seu amor não correspondido comigo. No final, o único coração quebrado seria o meu.

— O que foi, Tracy? Parece meio nervosa. — Sally veio até mim, ouvi preocupação em seu tom.

— Nada, só acabei de dizer que tenho um encontro com meu chefe. — Minha voz falhou.

Talvez eu pudesse chamar Billy para sair. Algumas vezes ele me convidara, e nunca aceitei. Isso se Billy ainda quisesse sair comigo após eu ter dito não duas vezes.

Não era assim que eu queria que fosse meu primeiro encontro. Queria que fosse com alguém especial, alguém de quem eu realmente desejasse estar perto, como Nasx. Entretanto, ele era impossível, mais do que um dia o fora.

Sally piscou, descrente. Não era ela que me queria com alguém?

— Espere... o quê? Billy vai sair com você? — Sua voz se elevou, então diminuiu; os punhos se cerraram como se quisesse matar um. — Se aquele desgraçado mentiu para mim, vou castrá-lo.

Avaliei a sua reação, porque parecia que ela estava irritada com o suposto encontro entre mim e Billy.

— Vocês dois estão juntos?

Não imaginara algo assim. Ela não gostava de homens divorciados, e Billy já fora casado, sua esposa o deixara com uma filha pequena para criar.

— Nós temos um encontro hoje no cinema. — Pela primeira vez na vida ela parecia ansiosa por um encontro. — Mas se ele mentiu e vai sair com você...

Sacudi a cabeça.

— Não, eu só disse ao grupo de Nasx que iria ao cinema com Billy e que ele me levaria para casa. — Cheguei mais perto dela, não querendo que ninguém ouvisse. — Falei isso a eles porque Nasx queria me dar uma carona.

Sua testa franziu.

— Não entendo, por que não aceitou? Você sempre quis esse homem, Tracy, é sua chance de conquistá-lo. Por que está correndo dele?

Suspirei.

— Acabei de descobrir que Nasx é apaixonado por outra mulher, mas não pode tê-la, porque ela é casada. — Balancei a cabeça, ignorando como minha voz soou triste e dolorida.

— Oh, Tracy — murmurou e escreveu algo em seu celular. Logo depois veio o som de uma mensagem.

Não quero e não vou ficar no meio de Billy e Sally, desejo que deem certo.

— Eu vou entregar os pedidos deles. — Já estava saindo com a bandeja quando ela me chamou com um tom parecendo animado. — O que foi?

— Falei com Billy e expliquei a situação. Ele vai buscá-la às dezoito para irem ao cinema juntos. Vou encontrá-lo lá, então podemos nos divertir, nós três. O que acha? Assim Nasx vai pensar que vocês estão mesmo em um encontro. Vai precisar que ele à leve em casa ao fim do expediente?

— Não, darei a desculpa de que me deixou na esquina de casa. Sally, de verdade, se eu for, vou ficar segurando vela para vocês. Agradeço por querer fazer isso por mim, mas não precisa, só aproveite seu encontro, querida...

Ela me interrompeu:

— Não precisamos nos sentar juntas no cinema. Você só quer que Nasx pense que está saindo com alguém, não é? Podemos fazer isso. — Antes que eu respondesse alguma coisa, ela continuou: — Entramos juntas; lá, fico com meu homem, e você se senta em outro lugar. O que acha?

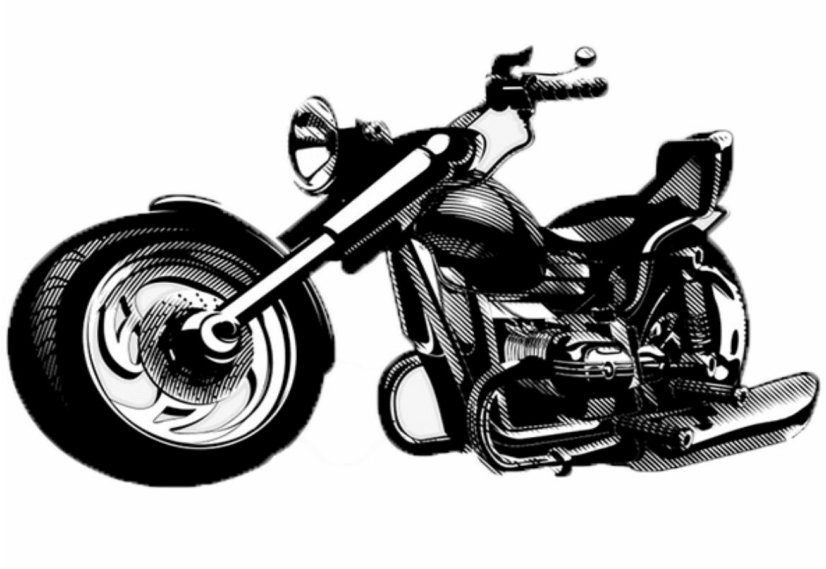
Olhei-a de forma dúbia.

— Vai deixar seu cara me buscar em casa só para irmos ao cinema e eu fingir para Nasx que algo existe entre nós? — Nunca ninguém se importara tanto comigo além do meu irmão.

— Claro que sim, nós somos amigas. — Sorriu. — Eu atendo a mesa deles.

Eu não era boa com amigos, nunca tivera nenhum. Todas as pessoas que passaram por minha vida tinham me dado uma rasteira ou tirado proveito de mim. Ali estava uma mulher que me conhecia havia pouco tempo, mas confiava em mim e me ajudava. Meu coração se aqueceu por dentro, tanto que eu queria chorar de emoção.

— Obrigada. Preciso ir embora. Já avisei Billy que ia sair mais cedo. — Peguei suas mãos. — Agradeço por tudo que está fazendo.



Capítulo 9

Tracy

Fui a algumas boates da área para tentar conseguir um emprego de atendente de mesa. Contudo, pelo que fiquei sabendo, aquela zona pertencia ao MC Fênix, então desisti, porque não queria trabalhar em um estabelecimento gerenciado por Nasx ou seus amigos.

Por isso fui para o outro lado da cidade, onde havia vários clubes de *striptease*. Eu podia me ocupar servindo mesas, se tivesse uma vaga aberta para isso.

Cheguei à boate Square e entrei no lugar ignorando as ligações de Nasx; não queria falar com ele naquele momento. Quando saíra do restaurante, pegara a porta de trás só para não o ver ou correr o risco de ele me seguir. Antes de conversar com Nasx novamente, precisava pensar, porque não entendia minha reação ao saber o que ele sentia por outra.

Deixei meus pensamentos de lado e prestei atenção à boate luxuosa. Não era hora de expediente ainda. Um homem alto na porta me deixou entrar após eu dizer por que viera, pois estavam contratando funcionários.

O salão era grande, com cadeiras empilhadas sobre mesas, e tinha um palco. Deparei-me com um cara de cabelos loiros na altura do queixo e olhos azuis. Ele me lembrava alguém, embora eu não soubesse quem era. Talvez fosse coisa da minha cabeça.

— Boa tarde. Eu soube que estavam contratando meninas para trabalhar aqui.

Seus olhos pousaram em mim e se arregalaram de leve, como se ele tivesse me reconhecido; logo a expressão sumiu. Temi que ele tivesse me visto com Nasx, mas então seu olhar varreu meu corpo, tomando as minhas medidas.

Eu estava com um vestido um pouco justo.

— Você é a nova *stripper*? — Ele deu a volta ao meu redor, checando cada ângulo meu e

me deixando nervosa. — É linda. Com uma produção e uma roupa *sexy* ficaria perfeita para o trabalho, pois mesmo com essas, você arranca suspiros de um homem.

Naquele instante umas dez garotas seminuas entraram no palco, que tinha um mastro de *pole dance*. Só então entendi o que ele estava dizendo.

— Oh, não — apressei-me em explicar —, não estou aqui para ser *stripper*, quero servir mesas.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você ganharia muitas gorjetas se estivesse no palco.

Sorri, nervosa.

— Não, obrigada. Quero servir as mesas mesmo, me ver nua não é algo que alguém desejaria. — As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las.

— O quê? Por acaso tem um pênis debaixo desse vestidinho? — brincou.

Fiquei vermelha. Não pude responder: ouvi uma voz que nunca mais queria escutar.

— Vlad, ela não vai dançar aqui. Não estou a fim de que Nasx destrua meu clube ao vê-la nua no palco — disse Luca entrando no salão e vindo até nós. Estava de terno escuro e com sua expressão vazia.

— Luca? — Arfei. — Este lugar é seu?

— Está agora no meu território, loura. — Deu um passo a mais na minha direção.

— Território? Você é algum macho alfa? — rosnei com os dentes trincados. — Droga, vou ter que conferir todos os territórios de vocês. Será que não tem nenhum que seja como a Suíça, que não pertença à máfia ou aos MCs? — Soei amarga como fel.

Vlad me avaliava com interesse, nada sexual ou romântico, só curiosidade.

— Não quero mais trabalhar aqui, mas obrigada — falei de modo educado.

— Nasx é um homem de muita sorte. — Vlad sorriu.

— Você o conhece? — Era uma pergunta idiota, porque eles, com certeza, se conheciam. Todos naquele meio pareciam se relacionar.

— Algo assim — respondeu, vago.

— Preciso ir embora agora, ver se consigo um emprego onde haja pessoas normais.

— Que tipo de serviço você está procurando? — sondou Vlad.

— Um em que os donos não sejam da máfia ou dos MCs e em que eu não precise tirar as roupas.

Vlad sorriu.

— Você não sabe o que está perdendo.

— Acho que conheço alguém que pode arrumar um serviço para você — disse Luca, trocando um olhar com Vlad.

Ele deu um sorriso maroto.

— Vai querer trabalhar em um clube de BDSM?

Arregalei os olhos.

— Eu não vou...

— Não acho que precise tirar as roupas, não se preocupe — Vlad me disse. — Pode só servir mesas. Mas antes de tomar alguma decisão, terei que consultar o Nasx.

Franzi a testa.

— Nasx não manda em mim só porque estou na casa dele. Preciso de dinheiro para que, quando tudo isso passar, eu possa ir embora deste lugar.

— Mesmo assim, vou precisar falar com ele. — Havia diversão em sua voz.

Deixei passar, não queria discutir. Nasx não mandava em mim, isso era fato.

— Então até mais, espero ver você um dia. — Sorri para Vlad. Ele parecia um cara legal.

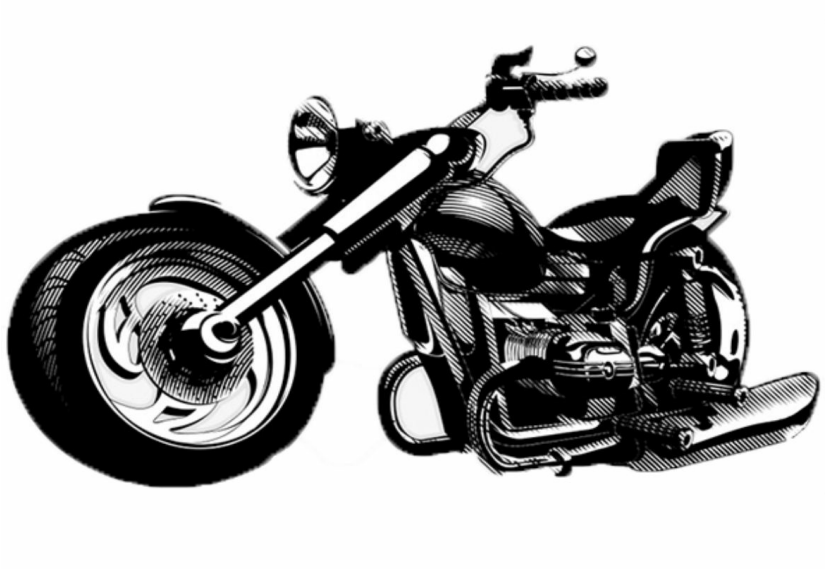
— Com certeza nos veremos — garantiu.

Eu estava saindo quando ouvi a voz de Luca:

— E quanto a mim? Não quer me ver também? — provocou.

Eu me virei e o avaliei. Por mais que seus olhos estivessem mortos, eles ainda pareciam divertidos. Talvez pudéssemos ser amigos no futuro. Entretanto, eu achava difícil algo assim para um mafioso. Eles tinham servos e séquitos, não amigos. Quem sabe estivesse errada.

— Pode ser, Luca. — Dei um sorriso e saí dali. Sua risada me seguiu.



Capítulo 10

Tracy

Por volta das seis da tarde, Billy veio me pegar na casa de Nasx, como Sally me disse. Eu vestia uma saia jeans que batia no meio das coxas, botas e uma camisa branca, com meus cabelos soltos nas costas.

Noah estava na academia, por isso não me perturbou por usar tais roupas. Não que eu estivesse indecente, só um pouco arrumada, mais do que de costume. Não era para Billy, claro, eu só queria me sentir interessante nem que fosse uma vez na vida.

Billy estava na sala com Nasx, por isso me apressei, para não dar tempo de se desentenderem.

Antes que eu saísse da suíte, Nasx entrou.

— Puta que pariu! — praguejou com os dentes trincados, olhando para meu corpo.

— O que faz aqui? Acho que não leu as regras que deixei afixadas na porta da geladeira. A segunda é “não entrar no quarto um do outro sem bater” — declarei, ficando de frente para ele, irritada.

— Você vai sair dessa forma? — Apontou para as minhas roupas.

Não entendia sua reação às minhas vestimentas, não tinha nada mostrando.

Franzi a testa.

— Assim como? Estou decente. Não sei por que esse escândalo todo.

Vi o jeito como aquela loira, a Sandy, estava vestida, em nada parecido com o que eu usava, mesmo a roupa que resolvera colocar naquela noite. Seus trajes eram *sexy* e um tanto vulgares; a saia mostrava quase metade da bunda. Talvez Nasx estivesse acostumado àquilo e achasse estranha minha maneira de vestir.

— Oh, você está decente — comentou, grosso e furioso.

Fuzilei-o.

— Sei que está me ajudando, mas isso não lhe dá o direito de zombar de mim, da forma como me visto — grunhi, passando por ele.

Nasx me puxou e imprensou contra a parede, aproximando o rosto do meu.

— Que porra você quer dizer com zombar? — murmurou.

Engoli em seco.

— Só me deixe ir, Nasx, por favor — pedi, não querendo falar sobre isso.

— Deixo, após me dizer por que achou que eu estava zombando de você, quando, na verdade, ressaltei o quão *sexy* está, ainda mais com essas malditas botas. Foda-se... — Alisou minhas bochechas, que ficaram vermelhas.

Pisquei.

— Sério? Me acha *sexy*? — Odiei a fragilidade que minha voz revelou. Isso acontecia sempre que alguém me elogiava, pois eu não acreditava. Cresci ouvindo tantas palavras ruins a meu respeito que, quando escutava algo assim, custava a crer. Desta vez, a surpresa maior era porque eram palavras de Nasx.

O azul dos olhos dele pareceu escurecer, como se pudesse ler minha alma. Tentei esconder minha expressão o melhor que consegui.

— Você é muito linda, Tracy. Esse ar inocente... Eu devia ficar longe — seus lábios estavam próximos dos meus —, mas é impossível. Me torno um maldito drogado que anseia pelo seu vício.

Então ele pensava que precisava resistir a mim porque eu era como uma droga? Uma coisa me veio à mente.

— Por isso dormiu fora essa noite? — tentei falar normalmente, mas minha voz falhou no final ao pensar no que ele provavelmente fizera. — Por isso estava com aquela mulher que só faltou se sentar em seu colo no restaurante?

Não queria tocar naquele assunto, embora curiosa sobre se ele agira de tal maneira para

resistir ao vício que dizia sentir por mim ou para esquecer sua paixão. Fosse qual fosse a opção, nenhuma delas era boa. No final, apenas eu acabaria de coração partido, caso me deixasse levar pelo desejo que sentia.

Ele piscou, chocado.

— Não fodo ninguém já há algum tempo, ovelhinha, nem tenho a mínima vontade de ficar com a Sandy. Ela só apareceu lá e se convidou a sentar conosco. — A verdade estava em cada palavra que ele dizia, então acreditei. — A única que eu quero agora é você — continuou com intensidade na voz. — E, se eu a vir saindo vestida assim com aquele cara, sou capaz de mandá-lo para o hospital, se não para o necrotério.

Engoli em seco.

— Billy é um rapaz legal — afirmei. Não eram muitos que fariam o que ele estava fazendo por mim naquela noite. Outro homem me mandaria pastar, em especial depois de eu ter lhe dado um fora (mais de uma vez). Fitei Nasx. — Nós nunca daríamos certo, Nasx... — comecei; ele não me deixou terminar:

— Me diga por que não, Tracy. — Sua boca ficou a centímetros da minha. Senti seu cheiro e seu hálito quente banhando minha face.

— Nasx...

— Você me quer também, posso ver a forma com que me olha, como se quisesse me provar.

Prendi a respiração, resoluta a admitir a verdade; não tinha motivos para mentir.

— Sim, eu quero, Nasx, mas não posso ficar com você quando está apaixonado por outra, porque no final serei a única a sair machucada. — Não encontrei seus olhos ao dizer isso. — Só me deixe ir.

— Olhe para mim, Tracy — pediu, porque eu tinha abaixado a cabeça. Como não o fiz, ele me beijou, e não foi um beijo simples à semelhança do primeiro, em meu antigo apartamento; esse foi forte como um raio, apossando-se de mim dos pés à cabeça. Seu corpo estava colado ao meu, e eu sentia a sua necessidade, similar à minha.

Seu pênis endureceu através do jeans, pressionando minha barriga, o que me fez gemer devido ao atrito entre minhas pernas. Nunca vivenciara nada parecido. Naquela hora, eu não queria roupas entre nós.

Paralisei ante esse pensamento, porque, se eu ficasse nua à sua frente, isso o faria correr para longe de mim...

Uma de suas mãos deixou meu rosto e foi para minha cintura, contornando-a, indo às minhas costas e se enfiando por debaixo da minha camisa.

Assim que seus dedos se aproximaram do local proibido, o calor e o fogo que eu sentia sumiram, como se um balde de água fria tivesse sido jogado em minha cabeça. Meu corpo estremeceu; a escuridão tentava se apossar, mas me controlei. Empurrei-o, afastando Nasx de mim.

Ele me avaliou com o cenho franzido.

— Tracy...

Recomponha-se e o faça pensar que foi pelo beijo.

— Não posso, Nasx. — Expirei. Meu peito doeu tanto pelas lembranças quanto pela verdade das palavras a seguir: — Não posso ser usada para que esqueça outra mulher.

Fiquei a dois metros dele, tentando me recuperar. Como não conseguia encará-lo, só me virei e disparei para fora do quarto.

Billy estava na sala quando desci a escada correndo. Antes que me perguntasse o que acontecera, peguei sua mão e o puxei para irmos embora.

— Vamos.

— Tracy, o que foi? Tem algo de errado? — indagou, confuso.

Sim, havia várias coisas erradas. Uma, eu estava quebrada e não sabia se poderia ter um relacionamento algum dia; outra, eu não tinha ideia do que fazer da minha vida.

— Só dirija, por favor — pedi, sentando no banco da frente de seu carro.

Billy partiu. Ouvi Nasx gritando meu nome; fingi que não escutei. Era melhor assim para os dois. Ele gostava de outra, e eu o queria muito. Além disso, mesmo se ele não estivesse

apaixonado pela tal Samira, as coisas entre Nasx e mim não continuariam apenas em beijos; se ficássemos nus um para o outro e ele me visse como eu era, se afastaria de mim para sempre.

Isso me fazia lembrar as palavras de Ramon, Bruce e seus amigos sobre as minhas costas... Eu não queria ouvir algo semelhante da boca de Nasx caso um dia ficássemos juntos.

Encolhi-me por dentro. Esse distanciamento era necessário. No entanto, doía.

Chegamos ao cinema lotado. Billy não dissera nenhuma palavra o caminho todo, e eu também não puxara assunto; não queria responder a quaisquer perguntar.

— O filme está prestes a começar — informou ao nos aproximarmos da bilheteria, onde compramos os ingressos. — Sally já está lá dentro.

Eu podia ver que ele estava ansioso para ir até ela. Não sabia se era por querer ficar com minha amiga ou porque não sabia o que dizer a mim sobre o que acontecera.

Forcei um sorriso.

— Pode ir na frente, vou comprar pipoca e refrigerante. — Segurei suas mãos e as apertei. — Obrigada, Billy, você é um amigo maravilhoso.

— Não foi nada. Sempre que precisar, estarei aqui. — Sorriu e foi à procura de Sally.

Fiquei na fila da pipoca. Havia algumas pessoas à minha frente. Eu não estava com pressa, só viera mesmo para sair de casa e não ficar sozinha com Nasx.

— *Cicatrizes* é um filme tão lindo — disse uma loira ao meu lado para sua amiga.

— Sim, o mocinho as conseguiu na guerra, então terá que superar os traumas que tem...

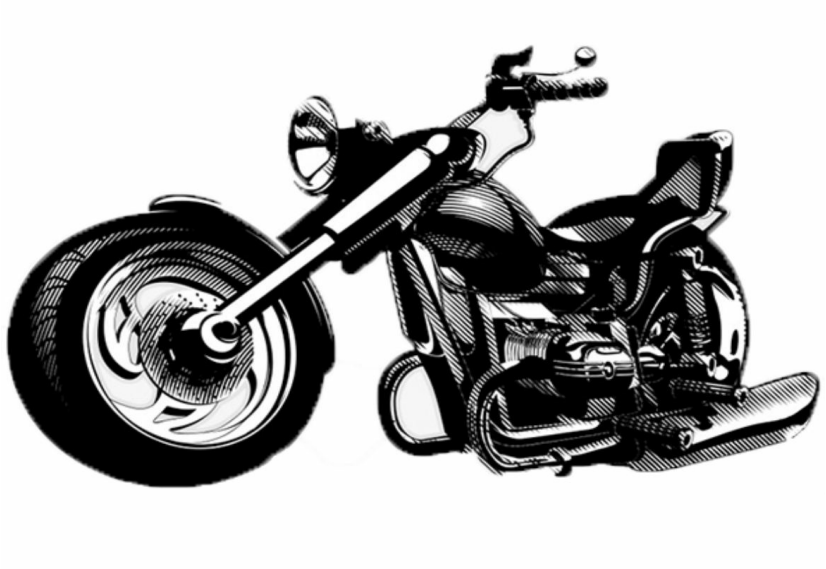
A loira cortou a amiga:

— Pare de dar *spoiler* — reclamou, pegando sua pipoca.

Mirei o cartaz e vi que o filme se tratava de um drama relacionado a traumas de guerra e cicatrizes, assim como as minhas, mas as do personagem principal tinham sido adquiridas salvando uma vida; as minhas foram infligidas por alguém que eu amava.

Eu não tinha a mínima ideia de que aquele filme estaria em cartaz. Com certeza não conseguiria assistir, ainda mais se ele fosse tudo que as pessoas ao redor estavam falando. Talvez outra hora, quando saísse em DVD ou na Netflix, eu veria sozinha.

Deixei uma mensagem para Sally dizendo que ia ver Noah na academia e desejando que ela e Billy aproveitassem o filme e o seu encontro.



Capítulo 11

Tracy

Saí do cinema, mas não fui à academia, e sim ao Navy Pier, com vista para o lago Michigan, onde me sentei num banco de frente para uma lanchonete movimentada.

As pessoas lá dentro sorriam umas para as outras, felizes. Elas não pareciam ter problemas, mas todos os tinham, uns mais que outros. Eu poderia viver tranquilamente um dia? Ter um namorado ou me casar? Ter filhos?

Vi um casal indo para a imensa roda-gigante do Navy Pier de mãos dadas. A cada segundo o rapaz beijava a namorada, parecendo não conseguir ficar longe de sua amada.

Outro par estava abraçado, com o braço do homem passando pelas costas da mulher sorridente, completamente apaixonada, relaxada e feliz.

Nunca serei capaz de fazer isso com alguém, jamais conseguirei ser tocada assim, pensei, atormentada.

Minha mente estava tão longe que não vi a pessoa chegar até que ela se sentou ao meu lado.

— Posso saber o que faz aqui sozinha? — perguntou uma voz grossa familiar.

Vlad estava ali, com a cabeça inclinada na minha direção.

Dei de ombros.

— Apreciando a vista — menti, não querendo falar sobre meus assuntos particulares com alguém que eu mal conhecia. — E quanto a você?

— Não parecia muito feliz vendo o casal se beijando.

Suspirei, melancólica.

— Estou, só não sei se poderei ter isso algum dia — sussurrei.

— É claro que sim. Se meu irmão fez algo para que você se sentisse assim, vou chutar a bunda dele — ele parecia dizer a verdade.

Franzi a testa.

— Irmão? — Não sabia a quem se referia, e minha mente estava dispersa demais para adivinhar.

— Nasx. Se o fedelho a deixou assim, vou derrubá-lo no ringue — assegurou.

Arregalei os olhos.

— Nasx é seu irmão? — Bem que eu o achei familiar quando o vi na boate de Luca. Além disso, lembrei-me que, dois meses antes, quando Nasx fora pela primeira vez ao restaurante, estava com ele. — Por que não disse antes?

— Por que deveria? — Avaliou-me. — Então, vai me dizer o que ele fez?

Sacudi a cabeça.

— Nasx não fez nada, é apenas a realidade. — Passei minha mão nos cabelos em um gesto nervoso. — Posso te perguntar uma coisa?

— Vá em frente e pergunte, só não sei se poderei responder, mas farei o meu melhor. — Sorriu de modo amigável, tão similar ao irmão.

— Já que é irmão do Nasx, sabe há quanto tempo ele é apaixonado pela Samira? — Não o encarei, pousei meus olhos na roda-gigante iluminada.

Ele deu um suspiro duro.

— Quase um ano, mais ou menos, mas, nesses dois últimos meses, ele conheceu uma garçonete tímida, então vi uma mudança nele como nunca antes.

Arfei, encarando-o de forma dúbia.

— Está falando de mim? Mas nos conhecemos ontem! Só o vi algumas vezes no restaurante, acho que porque ele gosta de comida italiana.

— Na verdade, não, Jonathan gosta de coisas simples, como lanchonetes, barracas de rua, não de restaurantes, teatros, troços de “engomadinho”. Palavras dele. — Piscou, sorrindo a seguir. — Quando ele a viu entrando onde você trabalha, me obrigou a ir almoçar com ele lá.

Lembrei-me da primeira vez que Nasx entrara no restaurante. Fora um choque para mim, porque eu nunca o tinha visto lá, só na lanchonete perto do parque. Eu sempre parava nela ou na praça em frente na minha hora de almoço para ler.

Eu devia ser louca por cobiçar de longe um homem assim, mas era incapaz de chegar nele, então sonhava com aquele cara como as meninas dos livros que eu lia. Nas histórias, elas sempre tinham um final feliz; no meu caso? Eu não podia dizer o mesmo.

— O nome dele é Jonathan? — indaguei alto, surpresa, então baixei a voz, porque havia chamado a atenção de algumas pessoas: — Então por que Nasx?

— Jonathan não gosta do seu nome verdadeiro, pois é como o nosso pai o chama, e não há ninguém que ele odeie mais. Também nossa mãe o chamava assim, e ele adorava o chão que ela pisava. — Seu olhar se fixou por uns segundos no céu.

Nasx não parecia ser o único que adorava a mãe. Queria perguntar onde estavam seus pais, porém, não era o momento. Além disso, não achei que ele diria mais alguma coisa, porque logo prosseguiu antes que eu abrisse minha boca:

— É difícil de Jonathan gostar de alguém, mas, quando o faz, não mede distância ou esforços para ficar ao seu lado. Samira morava em Jersey antes de encontrar Nikolai e se apaixonar, então se casou com ele, e tiveram um filho. — Olhou-me de lado. — Nasx a conheceu primeiro, mas nunca houve nada entre eles. Ela sempre o viu como um amigo, o que não o impediu de ir até onde ela morava.

— Nova Jersey? — *Nossa, ele deve amá-la mesmo para percorrer mais de mil e trezentos quilômetros só para vê-la. Como posso competir com isso? Não há jeito.*

— Não há competição — garantiu a uma pergunta que não fiz em voz alta, pelo menos achava que não. — Quando meu irmão quer algo, ele é persistente, tem a paciência de um santo. — Sorriu para mim. — Puxou à minha mãe nisso. Se fosse comigo e eu desejasse você como meu irmão, a teria pegado no mesmo dia e a foderia em cada canto do meu apartamento. Garanto que não andaria em linha reta por uma semana.

Fiquei vermelha e ri. Não pude evitar; era melhor isso a me esconder como uma avestruz.

— Oh, céus! É bom saber que tem pegada. — Balancei a cabeça, descrente. — Como não tem namorada ainda? Ou tem? Não que eu esteja interessada em você, só estou curiosa.

Ele sorriu jocoso.

— Tenho um gosto peculiar. — Não deu tempo de eu perguntar sobre isso, pois continuou: — O ponto é que Nasx, quando deseja algo, é paciente, tal qual ao decidir que a queria. Ia com frequência onde você trabalha para vê-la, e agora, surgindo a oportunidade de protegê-la, teve a chance perfeita de tê-la onde quer.

— Na cama dele? — Corei. Isso não podia ser verdade... O que eu tinha de interessante a ponto de ele deixar sua vida de mulherengo de lado?

Vlad riu e revirou os olhos.

— Não é só sexo que ele quer. Se fosse algo sexual, ele poderia ter em qualquer lugar. Meu irmão gosta de você. Se não gostasse, não a levaria para a casa dele.

— Com certeza deve ter levado muitas mulheres para lá. — Na minha lista de regras, eu tinha colocado que não queria mulheres na casa. Se ele a lera, não se queixara.

Vlad sacudiu a cabeça.

— Não, Jonathan nunca levou ninguém para lá. Quer dizer, nenhuma mulher, o que faz você ser diferente.

Notei que, enquanto ele falava, olhava várias vezes para uma garota de cabelos negros bebendo com amigos na lanchonete em frente.

— Se você se interessou pela menina, pode ir — falei com um sorriso. — Ela é bonita.

— Sim, terei uma boa pescaria hoje. — Sorriu como se lembrasse de uma piada.

— Pescaria? Chama uma conquista assim? — Fiz careta. — Estava começando a gostar de você, mas acho que parece o Axel. Ele tem um jeito distorcido de se referir às mulheres.

— Não, é só... Olhe para ela. — Indicou a mulher com o queixo. — Esbanja dinheiro, oferecendo bebida a todos e pagando no final como se fosse rica. Mas não é, isso é só fachada. As pessoas hoje em dia vivem assim.

Pisquei.

— Você sabe disso só de olhar para ela? — Sacudi a cabeça em descrença.

Ele riu.

— Não. Pesquisei. A dívida dela é imensa.

Então percebi o que ele queria dizer com pescaria. Viera atrás da garota com um objetivo. Lembrei-me das meninas seminuas sobre o palco na boate de Luca.

— Você... as leva para serem *strippers*?

— Não as obrigamos. Damos a chance de escolha. Pagamos todas as suas dívidas, e elas se tornam *strippers* ou prostitutas — falava com tranquilidade, como se isso não fosse nada.

Arquejei.

— Oh, Deus! Elas aceitam isso? Parece tão baixo e asqueroso.

Ele balançou a cabeça em concordância.

— Você não imagina o que mulheres ou homens fazem para viver de aparências — gesticulou para a moça, que sorria.

— Você é algum tipo de aliciador da máfia? — perguntei após um suspiro.

— Não, menina, não trabalho para ninguém além de mim mesmo. Devia algo a Luca, e vim pagar hoje. — Deu de ombros.

— Levando mulheres para se prostituir? Como aceitam isso? Eu jamais ficaria com alguém sem amor. — Senti meu celular vibrar no bolso da saia, e o ignorei.

— Quantas vezes você já se apaixonou? — inquiriu, curioso.

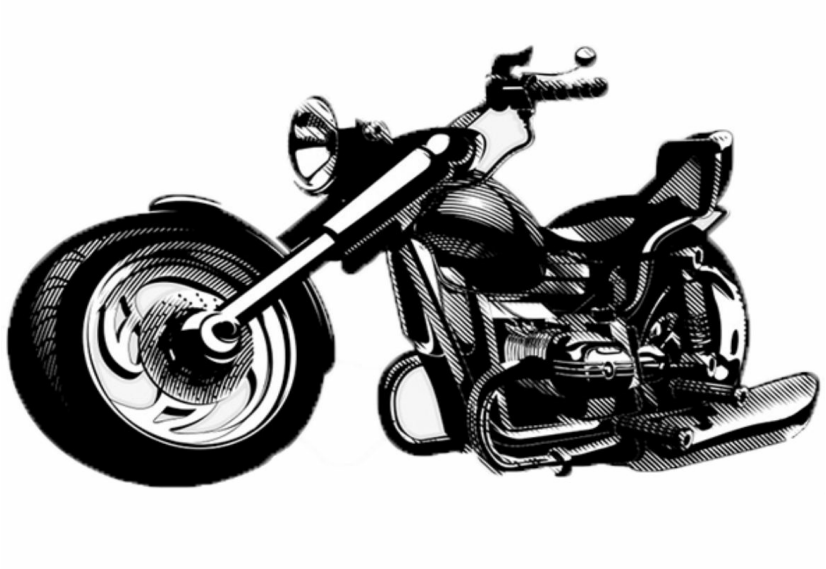
— Nenhuma. — Fora honesta, porque não sabia o que sentia pelo Jonathan, só estava certa de que gostava muito dele, pois tinha ciúmes do motoqueiro com outras.

Ele riu, divertido e um tanto chocado também.

— Agora entendo por que você fascinou meu irmão. — Seu sorriso era tão grande e luminoso quanto o de Nasx.

— Por quê?

Antes que ele respondesse, seus olhos pousaram em alguém atrás de mim.



Capítulo 12

Tracy

Nasx estava de pé atrás do nosso banco, com os braços cruzados sobre o peito e o cenho franzido para o irmão, que gargalhava alto sem fazer cerimônia.

— Posso saber qual é a graça? — grunhiu, fuzilando Vlad.

O sorriso do homem se ampliou ainda mais, e ele se levantou, indo para perto de Nasx e dando um tapinha em seu ombro como cumprimento.

— Vou adorar ver isso. — Ele se forçou a ficar sério, mas era possível notar o sorriso contido. Eu não sabia o que o divertira tanto assim. Continuou: — Agora vou atrás da minha presa, jogar a rede para pegar um peixe. — Ele foi até a mulher que observava.

Nasx se sentou ao meu lado, onde Vlad tinha estado antes.

— Seu irmão é bom? — sondei, vendo-o sussurrar algo no ouvido da mulher, fazendo-a rir.

Queria ir lá e dizer para ela não aceitar a proposta dele, mas pensei que confrontar alguém da máfia era perigoso, mesmo ele dizendo que não trabalhava para eles. Aquela garota logo poderia ser uma prostituta na boate de Luca.

— Depende do que queira dizer com “bom”. Se está se referindo a ser bom com mulheres, então sim. — Ele virou a cabeça para mim com a testa franzida. — Por que está perguntando?

Eu apostava que Vlad sabia tratar uma mulher na cama, não precisava ser experiente para ter certeza disso. Estava me referindo a ele ser bom como pessoa. O que eu queria saber era se, caso uma garota não aceitasse o aliciamento, ele, sob o comando da máfia, usaria a força para obrigá-la a consentir.

Nasx estava com os cabelos amarrados em um rabo de cavalo, mas tinha algumas mexas

soltas. A barba por fazer o deixava ainda mais *sexy*. Obriguei-me a desviar os olhos dele, ou perderia o fio da meada.

— Você não fica atrás com as garotas — comentei, emendando sem deixá-lo argumentar: — O que quero saber é se ele só induz a menina a aceitar a proposta de Luca ou se a força ou algo do tipo.

Se Vlad as forçasse, eu não poderia apenas assistir e ficar sem fazer nada; mesmo não sabendo como, tentaria impedi-lo.

— Vlad nunca força as pessoas, as deixa escolher. Ele consegue mulheres e homens para a máfia, cartel ou seja lá para quem esteja trabalhando ou devendo um favor. — Meneou a cabeça de lado, avaliando o irmão ainda com a menina. — Temos nosso livre-arbítrio, então decidimos o que queremos ou não.

Estreitei os olhos.

— Mas ele disse que não trabalha para ninguém. — Teria mentido? Vlad parecia um cara legal, tirando a parte em que recrutava pessoas para se prostituir.

Nasx riu.

— Sim, ele só faz esse tipo de trabalho de vez em quando. — Suspirou e pegou minha mão. — Sinto muito, Tracy, não queria que as coisas tivessem acontecido daquele jeito.

— Está se desculpando por me beijar? — indaguei incrédula e com uma pontada na boca do estômago.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não por isso.

— Então é porque eu estava certa sobre você me querer como um estepe? — Ri amarga, tentando tirar minha mão da dele; Nasx não permitiu.

— Não estou com você para esquecer ninguém — declarou. — Já há algum tempo não penso nela assim. Ontem fui a uma festa de lançamento de suas obras em uma galeria. Fiquei olhando-a por bastante tempo, até achei que Nikolai fosse me matar. — Deu um sorriso cativante. — O negócio é que não senti nada ao ver os dois juntos.

— Então não está mais apaixonado por ela? — inquiri. Precisava ter certeza, porque não podia ficar com ele enquanto gostasse de outra pessoa. Se não fosse assim, talvez pudéssemos tentar descobrir o que era aquilo entre nós. Eu não queria ficar longe dele.

— Não, hoje gosto de Samira como amiga, como devia ser. — Sorriu com candura. — Quanto a você, quero protegê-la, guardá-la em minha casa e nunca a deixar sair.

Senti a verdade em cada palavra dita.

— Isso soa louco, quero dizer, me manter presa — comentei. Lembrei-me das histórias que tinha lido de príncipes encantados e princesas. Aquilo existia na realidade? Aquele homem podia tornar minha vida um conto de fadas?

Ele riu também, apertando minha mão.

— Eu sei. É que você é importante demais para mim, e a quero segura. Além disso, sou ciumento. Quis matar o seu chefe. A sorte dele foi que descobri que estava com sua amiga — me disse em tom seco.

— Como sabe disso?

— Assim que vocês saíram, fui até o cinema com intuito de acabar com a raça dele, mas o vi com ela. Perguntei onde você estava, e a garota me disse que foi à academia onde seu irmão treina. Eu estava a ponto de ir lá, quando recebi a ligação do meu irmão dizendo que a encontrara aqui. — Suspirou. — Agora estou curioso. Onde conheceu Vlad, ovelhinha?

Contei a ele sobre buscar emprego na boate de Luca.

— Por que está à procura de trabalho quando já tem um? — Eu podia ver que ele estava confuso e curioso. — Seu emprego atual é ótimo, não?

Passei a mão direita nos cabelos, depois fiquei de pé e apontei para uma lanchonete não muito longe dali e que não estava tão cheia como aquela em frente a nós. Pensei no que Vlad disse, que Nasx gostava de coisas simples.

— Vou responder, mas antes vamos comer um cachorro-quente? Estou faminta. — Estendi minha mão para ele, que a pegou de bom grado.

Um brilho animado encheu seus olhos ao varrer meu corpo, fazendo-me tremer.

— Eu também. — Não parecia que estávamos falando da mesma coisa. — Tudo bem, vamos.

Fomos até a lanchonete e nos sentamos a uma mesa que ficava num canto mais afastado. Fizemos nossos pedidos e estávamos comendo quando ele insistiu, voltando ao assunto de antes:

— Por que outro emprego?

— Porque preciso pensar no futuro de Noah. Sei que não vou para a faculdade, mas quero que ele vá. — *Também posso a qualquer hora precisar ir embora de sua casa e deixá-lo*, pensei, mas não verbalizei.

— Você está pretendendo ir embora, por isso precisa do dinheiro? — Não era uma pergunta. Talvez fosse seu dom, ler as pessoas, por isso sabia quando mentiam.

Dei uma mordida no meu sanduíche e bebi um gole da Coca gelada.

— Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Só quero estar preparada para quando chegar a hora. Mas juro que não vou fugir antes de falar com você e resolver os problemas que Bruna arranjou.

Não queria pensar em deixar Nasx, em ir para outra cidade e nunca mais o ver na vida.

— Não quero que parta, ovelhinha. Acho que vou ter que trabalhar duro para fazê-la mudar de ideia e perceber que seu lugar é aqui comigo. — Trouxe sua cadeira para perto da minha.

— O que pensa em fazer? — brinquei.

— Tem uma manchinha aqui. — Ele chegou perto de mim, fazendo-me arregalar os olhos quando sua língua com *piercing* passou no canto dos meus lábios.

Prendi a respiração.

— Saboroso, esse molho. — Sua voz era ardente como fogo e me incendiou o corpo inteiro.

Eu nunca havia tido um orgasmo, mas estava perto de um só com o peso do olhar daquele homem atraente. Essas sensações eram novas, e eu estava adorando. Queria viver aquilo com ele, mesmo com medo de que descobrisse tudo sobre mim.

Tomei uma decisão importante; esperava não me arrepender depois.

— Nasx, vamos fazer um trato. — Afastei-me um pouco dele, assim conversaria com mais coerência.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Que tipo de trato? — indagou, me avaliando.

— Estou com medo de, no final, sair com o coração partido — expirei, mas disse a verdade. — Tem uma grande chance de isso ocorrer.

Ele estreitou os olhos.

— Não posso prever o futuro, mas prometo que jamais vou magoá-la ou mentir para você. Farei o que for possível para não quebrar o seu coração.

Meu peito se aqueceu por dentro, acreditei nele; não havia mentiras ali.

— Serei suficiente? Você vive cercado de mulheres capazes de lhe dar tudo o que necessita. Já não sei o mesmo de mim, se estarei apta a fazer tudo que já recebeu delas. Além disso, não quero que seja só sexo entre nós, quero permanência. Isso inclui você não procurar outras — falei em um fôlego só; era melhor abrir o jogo.

Achei que ele ia reclamar por eu lhe impor regras, mas Nasx não o fez, apenas sorriu, calmo e paciente. Fiquei aliviada.

— Esperarei o tempo que for, Tracy, e prometo não tocar mais ninguém além de você. — Alisou meu rosto, abaixou a cabeça e me beijou doce e suavemente, mas tão intenso como o sol, tão brilhante como a lua.

Uma de suas mãos alisava minha face, a outra estava em meus cabelos, atraindo-me mais para si, aprofundando o beijo. Antes que eu correspondesse ao seu vigor, ouvi uma voz divertida:

— Vejo que os pombinhos se acertaram.

Pulei na cadeira e encarei Vlad à nossa frente de braços cruzados e ar divertido.

— Que droga você quer, Vlad?! Que eu chute sua bunda para desaparecer daqui? — rosnou Nasx.

— Está para nascer o dia em que ganhará de mim, irmãozinho — provocou.

— Diga logo do que precisa e vaze daqui.

Vlad suspirou, mas não parecia magoado com o irmão por ele falar assim.

— Vou levar a pescaria para Luca. Antes, quero dar isso a você. — Estendeu um cartão para mim.

— O que é, alguma “pescaria”? — Sacudi a cabeça ante o termo que Vlad usava para se referir às pessoas que aliciava. Franzi a testa enquanto segurava o papel e via o nome dele e o telefone, além do nome de um clube de BDSM, provavelmente o mesmo que Luca mencionara.

Ele riu.

— Se você se considera um peixinho preso no anzol... — Deu uma risada, olhando para Nasx, que rosnava. — Ei, é só trabalho.

— Esse é o clube onde Luca disse que me arrumaria um emprego?

— Sim, é meu clube, e você está contratada, mas vou viajar amanhã e só voltarei na semana que vem, então me ligue daqui a uma semana.

Jonathan encarou Vlad com os dentes trincados e os punhos cerrados, como se quisesse acertá-lo.

— Ela não vai trabalhar para você — sibilou, prestes a socar a cara do irmão.

Segurei a mão dele para mantê-la no lugar. Vlad não estava preocupado, e sim risonho.

— Relaxe, Jonathan, não vou dar a ela nenhum trabalho que envolva *striptease* — tranquilizou-o, agora sério. — Tracy pode servir bebidas ou fazer alguma outra coisa que verei depois; nada que ela não queira.

Nasx ficou tenso, possivelmente devido ao seu nome ser pronunciado na minha frente. Continuou mirando Vlad, e os dois pareceram se falar com os olhos, porque Nasx assentiu, fazendo o irmão sorrir.

— Agora vou embora preparar tudo para ir ao Alasca amanhã.

Arqueei as sobrancelhas.

— Você vai “pescar” no Alasca? — Ri. — É meu sonho um dia ir para lá ver a aurora boreal, deitar-me em algum lugar para observar o céu iluminado.

— Vejo que anseia por isso. Eu a convidaria a ir comigo, mas meu irmão aqui — sorriu

para Nasx — me cortaria as bolas — depois para mim —, e eu preciso do meu...

— Entendi, não precisa dizer. — Corei, e os dois riram do meu rosto vermelho.

— Agora por que você não vai embora? Está estragando meu encontro — criticou Nasx com os olhos estreitos.

— Até outra hora. — Piscou para mim antes de ir. Não era flerte, somente provocação com o irmão.

— Se ele não fosse embora, eu ia esganá-lo — comentou Nasx, fitando Vlad desaparecer na multidão.

Ri.

— Você o ama — afirmei; ficara evidente na voz dele.

— Sim — concordou. — Ele é a única família que eu tenho. Bom, tenho uma prima chamada Hadassa, que adoro, mas ela vive com a avó em Savannah.

— E os pais dela?

Deu um suspiro triste.

— Morreram — falou rápido, como se não quisesse tocar no assunto, então não fiz perguntas. Talvez, se eu insistisse, ele poderia indagar sobre mim.

— Assim como me sinto com Noah, que é tudo na minha vida. Por ele sou capaz de qualquer coisa — confidenciei.

Avaliou-me por um segundo, depois olhou ao redor e se levantou.

— Vamos embora? — questionei, desapontada, porque estava adorando ficar com ele.

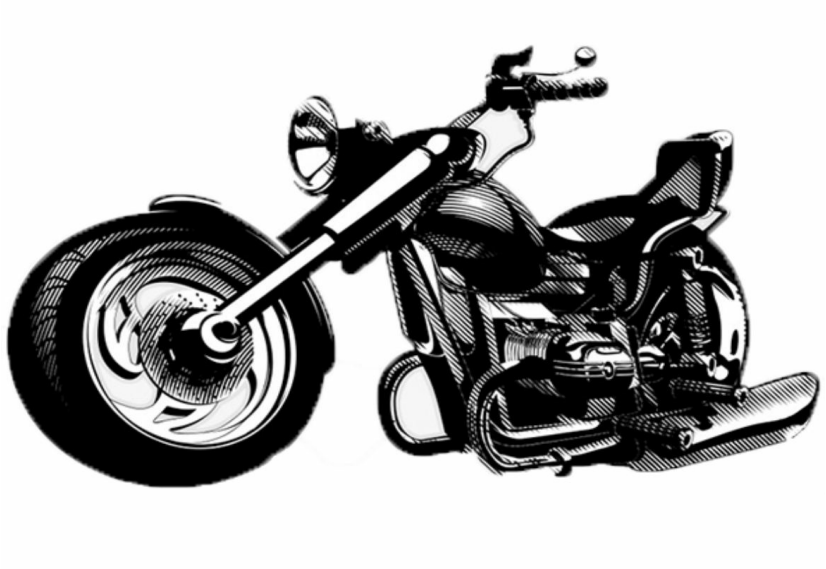
Sorriu e pagou pelos lanches. Insisti em pagar a minha parte, todavia, ele não permitiu.

— Quero levar você a um lugar. — Pegou minha mão e me guiou até sua moto.

— Aonde? — perguntei, animada por não encerrar nossa noite naquela hora.

— Surpresa. — Ele me beijou até ficarmos sem fôlego.

Notei, quando me abraçou, que não tocou minhas costas, só meus quadris, como se soubesse que não podia encostar ali. Como não comentou nada, resolvi ficar calada também.



Capítulo 13

Tracy

— Monte e segure em mim — pediu, subindo em sua motocicleta.

Olhei para as pessoas ao redor e para mim, vestida de saia. Isso não ia dar certo sobre uma moto.

— Vou levar a moto até ali, mais no escuro. Não quero que ninguém veja suas pernas. — Seu olhar varreu meu corpo, fazendo-me estremecer.

Assenti e o segui até onde parou, então montei atrás dele. Minha saia subiu, mas a abaixei para ficar o mais composta possível e o abracei. Minha mão escorregou, e o senti duro através do jeans. Não sabia se era pelo meu toque ou por eu me remexer na garupa da moto enquanto me ajeitava.

Ele gemeu.

— Tracy...

— Desculpe — sussurrei, ofegante e corada. Ainda bem que era noite e estava escuro, assim ninguém via nada.

Nasx não respondeu, só dirigiu até o ponto mais alto de Chicago.

— Uau! — Babei com a vista. As luzes eram brilhantes, helicópteros pousavam em alguns arranha-céus, e ao longe o lago Michigan parecia o oceano. — Nunca estive nesta parte da cidade.

Desci da moto para observar melhor e lhe devolvi o capacete.

— Tão linda e iluminada à noite... — Ainda estava de boca aberta quando senti Nasx atrás de mim com os braços na minha barriga e o queixo no meu ombro.

Esperei pelo pânico por seu abdômen estar pressionando minhas costas, mas dessa forma,

com as roupas, ele não sentiria minhas imperfeições, por isso relaxei nos seus braços. Senti-me como se estivesse perto de um vulcão prestes a entrar em erupção, especialmente com o toque de seus dedos na pele nua da minha barriga. Fechei as pernas para controlar o atrito em minhas partes íntimas.

— Está com dor? — Sua voz era baixa e *sexy*, deixando-me mais embriagada por ele.

Tive vergonha. Eu não era puritana, mas corei.

— Não precisa ficar tímida, só responda, por favor. — Sua mão desceu por meu ventre. — Posso fazer você se sentir bem?

— Eu nunca... — Minha voz falhou quando minha saia foi levantada.

— Eu sei, linda, só vou tocá-la hoje. Pode abrir as pernas para mim?

Fiz o que me pediu, então seus dedos deslizaram sobre minha calcinha. Prendi a respiração por um segundo com seu toque em minha intimidade.

— Nasx...

— Jonathan. Quando estivermos juntos assim, quero que me chame pelo nome. — Seus lábios mordiscaram minha orelha, e eu gemi.

Não consegui responder, minha voz tinha sumido.

— Vai me chamar assim? — A outra mão foi para o meu seio direito. — Posso colocar minha mão por debaixo da camisa para pegar nos seus peitos?

Fiquei tensa, e seus dedos pararam o movimento em meu busto. Na verdade, Nasx parou tudo que vinha fazendo.

— Tudo bem se não estiver pronta; posso parar — falou com a voz rouca.

Não queria que ele parasse, estava amando ter seu toque, apenas ficara nervosa por ser tocada tão intimamente, embora quisesse aquilo.

— Eu só... não nas costas, tudo bem? — consegui dizer com a voz fraca.

Ele suspirou, e pude notar, pelo seu corpo tenso, que ele queria me perguntar os motivos de minha aversão ao toque nessa região. No entanto, ficou calado, e o senti se afastar um pouco.

— Vamos parar. — Suas mãos estavam para deixar meu corpo, mas coloquei as minhas

sobre as dele e as mantive no lugar.

— Jonathan, quero isso com você. — Virei-me e o beijei. — Continue, está muito bom.

— Tem certeza? — checou.

— Sim, nunca tive tanta certeza na vida — falei com firmeza.

Seus dedos começaram a se mover sobre minha calcinha, então ele afastou o tecido para o lado. Senti-os no meu clitóris e gemi num tom mais alto.

— Pode gritar, querida, estou louco para ouvir cada gemido que sair dessa boca linda e gostosa. — Seus lábios estavam em meu pescoço, lambendo e mordiscando.

— Jonathan... Oh, céus, isso é tão bom! — Minha voz morreu devido aos movimentos daquela mão, que me levava à porta do céu.

— Goze em meus dedos, querida! — Sua ordem foi direto ao meu centro, e tudo explodiu. Gritei pelo seu nome.

Ficamos em silêncio uns segundos, até eu parar de tremer devido ao meu orgasmo.

— Está tudo bem? — sondou, inseguro.

Sorri, beijando de leve seus lábios.

— Perfeito, mas você está duro. — Levei minha mão ao seu membro rígido.

— Estou bem, hoje tudo é para você. — Sua mão se pôs sobre a minha, na intenção de tirá-la de seu corpo.

Franzi a testa.

— Você não quer? — Baixei o zíper de sua calça, pegando seu pau em minhas mãos. Nasx gemeu e ficou ainda mais duro, como uma rocha. Senti o *piercing* que ele também tinha ali. Fiquei grata que estivesse escuro, assim ele não veria meu rosto. — Porque ele está desejando que eu o toque.

Nasx me beijou forte e chupou minha língua enquanto eu movimentava seu pau. Com cada impulso dado, os sons que saíam de sua boca ficavam mais selvagens. Eu sabia que ele estava perto.

— Oh, céus, isso é a porra do paraíso! — grasnou, beijando meu pescoço.

A princípio tinha ficado nervosa, porque nunca havia feito nada assim na vida, mas relaxei quando o ouvi clamar, pois soube que estava fazendo certo. Com certeza recebera punhetas melhores, mas fiquei feliz por realizar aquilo ao menos uma vez.

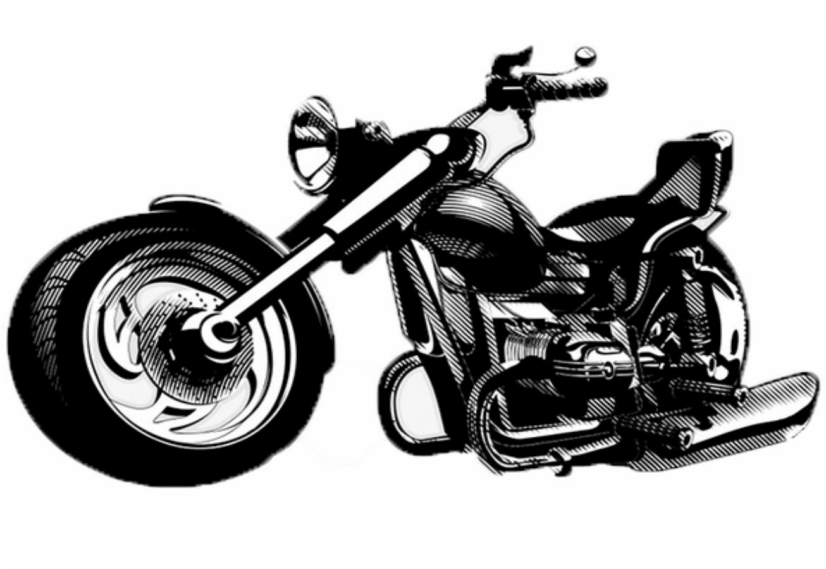
— Goze, querido, na minha mão — parafraseei o que disse antes para mim, então ele o fez com um rugido no fundo da garganta. Era uma pena que estivesse escuro, porque eu adoraria ver a forma como gozava; devia ser deslumbrante.

Coloquei minha testa em seu peito.

— Obrigada por hoje, foi perfeito. — Abracei-o assim que ele fechou sua calça.

— Estou aqui para satisfazê-la, ovelhinha. — Beijou minha testa. — Obrigado também por confiar em mim.

Eu sabia que ele estava se referindo à confiança de que ele não me tocaria as costas. Esse era um ponto sensível para mim. Eu esperava um dia superar e ser normal. Talvez fosse Jonathan quem me ajudaria com isso. Fosse como fosse, eu aproveitaria cada segundo com ele e torceria para que, no final, não saísse quebrada.



Capítulo 14

Tracy

A cada dia passado ao lado de Jonathan, apegava-me mais a ele. Conforme pedira, eu só o chamava pelo nome quando estávamos sozinhos.

Naquela semana nós havíamos nos tocado três vezes, tal qual acontecera na nossa colina. Apelidara o local assim porque tinha sido lá que fizéramos aquilo pela primeira vez. Eu não sabia em que estágio estávamos; antes de ir mais a fundo como sua namorada, precisava falar com meu irmão.

Nasx me levava e buscava no meu trabalho, já que eu não tinha habilitação, e Tripper ficara encarregado de Noah por enquanto, porque ele tiraria a sua logo. Jonathan pedira, igualmente, que eu tirasse a minha.

Como eu não sabia dirigir, ele estava me treinando em um lugar fora da cidade. Parecia uma pista de pouso de aviões, ou fora isso um dia. Nasx disse que servia para fazer rachas durante a noite, pois era ermo e não corria o risco de alguém ver as disputas, especialmente policiais.

Durante todos os dias, eu não via ninguém além de nós treinando naquele lugar. Nasx me ensinava com muita paciência.

— Está ficando muito melhor a cada dia — me disse assim que estacionei o carro dele.

Sorri animada, porque sabia que Nasx era verdadeiro sempre. Era uma das coisas que eu gostava nele.

— Acha que vou passar no teste sexta-feira? — Estava nervosa, com medo de não conseguir.

Ele saiu do carro e deu a volta, abriu a porta e estendeu a mão para mim. Sua expressão era

intensa, sem nunca desviar os olhos dos meus.

— Venha aqui — chamou.

Aproximei-me dele, e ficamos em frente ao carro. Ele me colocou sentada no capô e se encaixou entre as minhas pernas.

Arfei ao sentir a lataria quente nas minhas coxas, pois estava usando um vestido curto.

— Está quente! — exclamei, mas não tentei descer, pois não era tão ruim.

Nasx colocou as mãos no metal ao meu lado, checando a temperatura.

— Suportável. Agora, sim, vou deixá-la quente. Deite-se no capô, apoie os pés sobre ele e abra suas lindas pernas para mim — ordenou.

— Jonathan, estou suada — falei envergonhada, mas fiz o que pediu.

Esse sorriso sexy *dele vai me matar qualquer dia desses*, pensei.

— Confia que vou fazer isso para o seu prazer? — perguntou.

Embora já tivéssemos nos tocado, ao ver o brilho intenso nos olhos azuis-cobalto, percebi que ia acontecer algo mais, e eu ansiava por isso.

— Confio. — Toquei seu rosto, esquadrinhando a barba por fazer.

— Obrigado, ovelhinha. — Curvou-se sobre mim e beijou minha testa, depois trilhou até meu baixo-ventre. Levantou meu vestido na altura da barriga e tirou minha calcinha, deixando-me nua.

— Uma visão do paraíso. — Sua voz soou rouca.

Engoli em seco quando ele levou a peça íntima ao nariz, aspirando o aroma dela.

— Um cheiro que eu gostaria de sentir para sempre — revelou, e a colocou no bolso da sua jaqueta.

— Jonathan, isso é... — Estava a ponto de dizer que aquilo que ele tinha feito fora gostoso demais, mas sua língua em minha boceta me interrompeu. — Puta merda! — Meu corpo se arqueou a ponto de perder o contato com o capô do carro. Se não fosse seus braços, um em meu quadril e o outro no abdômen, eu teria subido ao céu.

Minhas mãos foram para sua cabeça, agarrando seus cabelos, e o puxei contra mim,

querendo-o entre as minhas pernas, que se abriram mais, como se tivessem controle próprio.

Sua língua com *piercing* tocava em meu clitóris, fazendo-me gritar.

— Jonathan, isso é tão bom... Oh, Deus! — Tentei não o agarrar tão forte, entretanto, era impossível, a necessidade me fazia agir de forma descontrolada. Ele não reclamava, embora eu pudesse o estar machucando.

Sua língua deslizava em cada canto de minha intimidade, e, com um empurrão forte dela em meu clitóris, explodi em um orgasmo alucinante, tão poderoso que vi estrelas. Nunca sentira nada assim na minha vida. Já tinha gozado com os dedos dele, mas com a sua boca tinha sido fora do comum, esplêndido, tanto que me deixara toda mole em cima do carro.

— Porra! Estava louco para experimentar seu gosto. — Ele se debruçou sobre mim com os olhos quentes e me beijou. Sua boca estava meio salgada, mas adorei. — Esse é o seu sabor, que eu quero sentir para sempre.

Sorri envergonhada. Sentia meu rosto quente, decerto estava todo vermelho. Acarinhei seus cabelos lisos bagunçados.

— Desculpe por isso — murmurei, lembrando-me da forma como tinha agarrado sua cabeça.

Ele sorriu com excitação.

— Está se desculpando por me agarrar ao querer mais da minha boca? — Riu com um brilho animado em seus olhos. — Ovelhinha, adoro vê-la toda eufórica debaixo de mim.

Ri também, amando ver a fome em seu rosto.

— Agora chegou a minha vez. — Tentei me levantar para satisfazê-lo também, mas Nasx não permitiu. — Jonathan, quero fazer o que fez por mim.

— Por mais que eu queira ter essa boquinha linda em volta do meu pau, sugando-o, aqui não é o lugar. Não quero correr o risco de alguém vê-la. Essa será uma visão só para mim. — Seus dedos foram até minha boca e seus olhos azuis escureceram de desejo e luxúria.

— Eu quero satisfazê-lo, Jonathan...

Beijou minhas pálpebras.

— Você vai, querida. Só vou esfregar meu pênis em sua boceta gostosa. Posso fazer isso? Não vou entrar, prometo — disse-me com firmeza.

Toquei seu rosto e o beijei de leve, afirmando que confiava nele.

— Acredito em você, Jonathan. — Era verdade. Desde que eu o conhecera, não tivera motivos para não o fazer, aliás, só razões para que eu confiasse nele de coração.

— Jamais vou quebrar essa confiança que tem em mim — jurou.

Jonathan desabotoou o jeans e retirou dele seu pau grande, duro e grosso coroado por um *piercing*. Como seria senti-lo dentro de mim? Com certeza, o paraíso. Contudo, eu não queria perder minha virgindade em um carro.

— Não aqui; quando eu for enterrar meu pau nesta boceta saborosa, quero que seja especial, por ser a sua primeira vez — informou, como se lendo minha mente.

Olhei para ele admirada.

— Como sabe que sou virgem? — inquiri.

Ele sorriu jocoso.

— Linda, sei pela maneira que cora e por essa doçura que tem, fora a sua inocência gritante. Além disso, eu já a toquei. É até um pecado um homem como eu possuir algo assim, tão puro e belo. — Ele se encaixou entre minhas pernas. — Mas sou incapaz de resistir, quero muito isso.

Senti a cabeça de seu membro rígido na minha entrada. Conforme prometeu, ele não me penetrou.

— Que bom que não consegue resistir, porque não quero que o faça — sussurrei. — Vai se saciar só com essas brincadeiras que fazemos? Sei que estou demorando um pouco para...

Ele me interrompeu com um beijo.

— Já falei que vou esperar o tempo que for para que esteja pronta, e adoro brincar assim com você, ovelhinha — declarou e começou a movimentar seu membro em minha intimidade, entre meus lábios e sobre o clitóris. — Mas se seu medo for que eu a deixe depois, posso jurar que isso não vai acontecer. Eu a quero para mim e não renunciarei a isso. Se eu me apaixonar por

você, que assim seja. Vou adorar cada segundo, porque passaremos juntos.

Segurei seus ombros firmemente e gemi alto, sem nunca tirar os olhos dos seus, pois o deslizar contínuo em meu sexo ainda sensível pelo orgasmo reavivou o desejo e o prazer.

Eu estava esperando para me entregar a ele quando tivesse certeza do que sentíamos. Minhas palavras podem soar egoístas, afinal, Nasx já estava me tocando de outras formas, mas eu queria que o momento entre nós fosse perfeito.

— Prometo que não vou fazê-lo esperar muito — jurei.

Havia outro motivo para o meu receio em fazer sexo com ele. Quando transássemos, nós dois estaríamos nus, então eu teria que lhe contar sobre mim antes e confiar que ele não me deixasse e não sentisse repúdio pelas minhas marcas, como outras pessoas já tinham demonstrado.

Alguns são maus, zombam das deformidades dos outros, têm preconceitos e vociferam insultos capazes de ferir mais do que uma faca enfiada no peito. Tinha sido assim comigo, eu ainda precisava lidar com as palavras que me assombravam.

Expulsei esse pensamento sombrio e foquei no homem maravilhoso em cima de mim, tocando-me como se eu fosse uma coisa preciosa. Se Jonathan fosse cruel à semelhança das pessoas do meu passado, jamais teria me ajudado. Entretanto, eu necessitava de tempo para lhe contar a verdade, precisava me preparar. Passara tantos anos com medo e escondendo meu problema, que era difícil falar sobre ele.

Beijei sua boca, deixando transparecer tudo que eu não podia falar em voz alta. Queria que ele soubesse que eu lutaria contra meus demônios para ficarmos juntos.

— Seja onde essa cabecinha linda estiver — beijou minha face —, volte para mim.

Sorri. Não permitiria que meu passado me assombrasse e estragasse aquele dia.

— Estou com você, Jonathan, onde sempre quis estar desde que o vi pela primeira vez.

Meus olhos se reviraram de prazer quando ele acelerou mais os movimentos.

— Se eu soubesse disso, teria chegado mais cedo em você. — Beijou meus lábios enquanto gemia. — Está perto, querida? Porque estou...

A sua voz tão baixa e quente foi como um raio em meu centro. Explodi como os fogos em quatro de julho. Seu rosnado foi alto e intenso. Senti seu esperma na minha entrada e coxas; nem sequer liguei. Ele desabou em cima de mim, todo mole.

— Se me deixou assim só me esfregando em você, imagine quando transarmos? Acho que serei arrebatado — comentou no meu pescoço, ligeiramente ofegante.

— Também estou louca por isso. — Alisei seus cabelos, os quais caíram sobre meu rosto como uma cortina loura. Após uma pausa, me permiti tocar no assunto que me angustiava: — Queria perguntar: o que nós temos?

Ele afastou o rosto e me encarou com o cenho franzido, parecendo confuso.

— O que quer dizer? Achei que tivesse deixado claro quando estava te tocando há um minuto. — Afastou-se, fechando a sua calça e olhando para minhas coxas sujas de esperma. — Espere, me deixe pegar um lenço no carro.

Ele trouxe o quadrado de tecido. Fui segurá-lo para me limpar, mas Nasx não permitiu.

— Posso fazer isso... — reclamei. Ele me ignorou e terminou o serviço. Ajeitei o meu vestido e fiquei de frente para ele. — Nasx...

— Jonathan — corrigiu.

Franzi a testa.

— Mas não estamos... — corei — *íntimos* agora.

— Então acha que pode me chamar assim só quando estivermos fodendo? — Havia algo incompreensível no seu tom; talvez raiva. — Quero que me chame de Jonathan sempre que você quiser.

Suspirei.

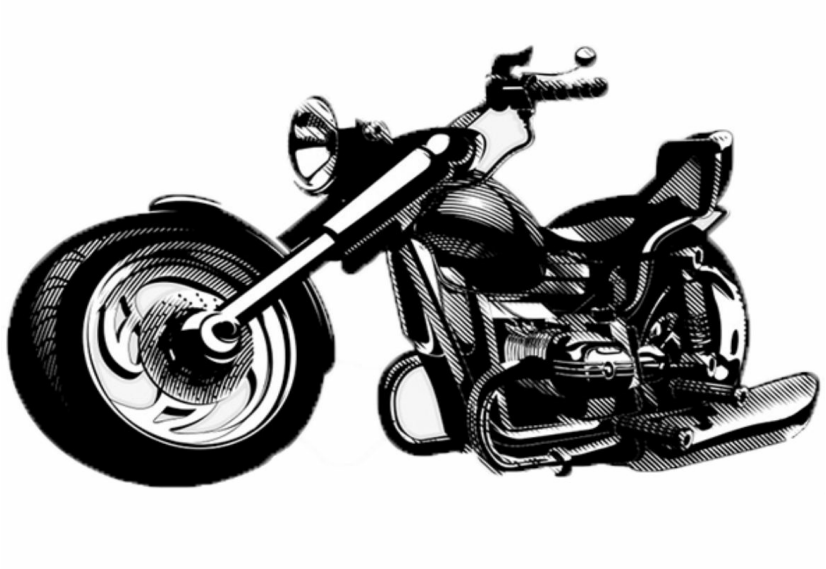
— Jonathan, perguntei sobre o que temos porque, se estivermos namorando, quero falar para Noah. Não gosto de esconder as coisas dele — murmurei. — Não tive a intenção de deixá-lo irritado.

Ele segurou minhas mãos.

— Não estou brabo, só achei que essa semana juntos tivesse deixado clara a nossa relação.

Pelo jeito, vou precisar especificar as coisas. — Tocou meu rosto. — Estamos namorando sim, Tracy. Também não quero esconder isso de ninguém, quero que todos saibam que você é minha, querida. Não há nada que me faça ficar longe de você.

Pulei em seus braços, beijando-o com meu coração mais leve e feliz. Contudo, antes que eu aprofundasse mais o beijo, ouvi pneus cantando.



Capítulo 15

Tracy

Nós dois olhamos de onde vinha o ruído. Ofeguei ao ver veículos pretos no início da pista de pouso, temerosa ao notar que eles estavam apontando armas para nós.

— Oh, meu Deus! — exclamei.

Nasx me cobriu com seu corpo, empurrando-me para o carro, então tiros soaram, direcionados a nós dois.

— Porra! — Jonathan gemeu.

Tudo aconteceu tão rápido que mal pude assimilar. Fui jogada no banco, e balas alvejaram o automóvel.

Nasx estava ao volante e tentou ligar o veículo, depois praguejou. Foi quando vi o sangue escorrendo pelo seu braço.

— Jonathan, você está bem? Levou um tiro? — sondei, continuando a ouvir o som dos disparos. O carro parecia ser à prova de balas.

— Sim — respondeu irritado, não conseguindo dar a partida.

— Me deixe fazer isso. — Trocamos de lugar, e coloquei o automóvel em movimento na direção contrária à dos atiradores, que tinham saído dos carros. — Nasx, o que está fazendo? — indaguei ao ver uma arma na mão boa dele.

— Atirando nesses filhos da puta desgraçados! — rosnou, abrindo a janela e acertando um.

— Nossa! — Pisquei impressionada, porque o homem caiu no chão e ficou imóvel. — Você é bom de mira.

— Se concentre na estrada — me disse, preparando-se para atirar mais. — Siga pela rua principal, mas não vamos para casa, e sim para o norte daqui.

Eu não sabia aonde ele queria nos levar, só segui suas orientações.

Os homens entraram nos carros e passaram a nos perseguir. Pisei fundo no acelerador. Deixei meu medo de lado assim que um dos veículos tentou nos tirar da estrada; fui mais rápida e o acertei com a lateral do automóvel.

Virei uma curva tão rápido que quase capotamos, mas me mantive firme.

— Jonathan, como está? O tiro foi fundo? Temos que ir ao hospital agora! — exclamei, urgente.

— Nada de hospital, foi só de raspão. Me leve para o lugar que eu ... — Sua voz falhou no final.

— Jonathan? — Observei seus olhos se fechando. — Não desmaie agora!

Sorriu para mim, porém, pude ver que estava com dor.

— Vou ficar bem, não se preocupe comigo — me disse, logo apagando. Sua arma ia cair, então eu a peguei, fazendo o carro dançar na pista por um momento.

— Droga! — Meus olhos estavam molhados devido ao medo de Nasx estar mais ferido do que alegara.

Ele estava com uma hemorragia intensa. Mesmo com as suas roupas pretas, eu podia ver o sangue ensopando a pele branca de seu braço. Como aquele tiro podia ser só de raspão? Impossível! Eu precisava conseguir um jeito de salvá-lo.

Cheguei ao bairro estranho indicado por ele e não vi nada ali. Não sabia o que devia procurar, porque ele só me dera o nome da rua, nenhum número para localização.

Ou eu tinha despistado os bandidos, ou eles não ousavam ultrapassar os limites do lugar onde estávamos. Quem vivia ali? A quem aquele bairro “pertencia”?

Parei o carro em frente a uma boate chamada Carmine. Como não teria respostas às minhas perguntas tão cedo, procurei o telefone de Nasx no bolso da calça jeans. Liguei para o primeiro contato dele, que era o seu irmão.

— Jonathan? Estou meio ocupado neste momento — falou assim que atendeu.

Eu ofegava e chorava. Não sabia o que fazer, temia o pior.

— Sou eu. — Pigarreei para clarear a minha voz rouca.

— Tracy? — Vlad parecia confuso, talvez por eu ter telefonado para ele do celular do irmão. Depois soou preocupado, o tom se elevando: — Aconteceu alguma coisa? Está chorando? Cadê meu irmão?

— Estávamos treinando na saída da pista de pouso, então uns caras vieram armados e começaram a atirar... — eu disse rápido, as mãos tremendo.

— Jonathan, onde ele está? — Alterou-se do outro lado da linha.

— Está comigo, desmaiado, levou um tiro, só não sei se é grave. Ele disse que foi de raspão, mas então por que desmaiou, por que há tanto sangue?! Não faz sentido! Preciso levá-lo a um hospital! Antes de apagar, ele me mandou vir a uma rua que não conheço!

— Tracy! — gritou meu nome, porque eu falava sem pausa. — Se concentre! Onde estão agora?

— Em frente a uma boate chamada Carmine.

— Ótimo, espere aí... — A linha caiu.

Olhei para Nasx e tentei tirar sua camisa manchada; não consegui, o homem era pesado demais. Apenas pressionei o lugar onde a bala o atingira e tentei estacar o sangue.

— Você vai ficar bem — garanti. Esperava mesmo que sim, não podia perdê-lo.

De repente a porta se abriu, fazendo-me levantar a arma de Nasx e apontar para o invasor.

Um par de olhos azuis conhecidos me encarou.

— Ei, sou eu — disse Vlad me avaliando. — Preciso levar meu irmão e checar como está a ferida.

Assenti e saí do carro enquanto Vlad pegava Nasx nos braços. Foi quando notei o mar de homens observando a mim e ao Jonathan desacordado, alguns preocupados, outros curiosos.

— Ele vai ficar bem — garantiu Shadow ao meu lado, voltando-se à minha mão. — Pode me dar isso? É perigoso, corre o risco de atirar no próprio pé.

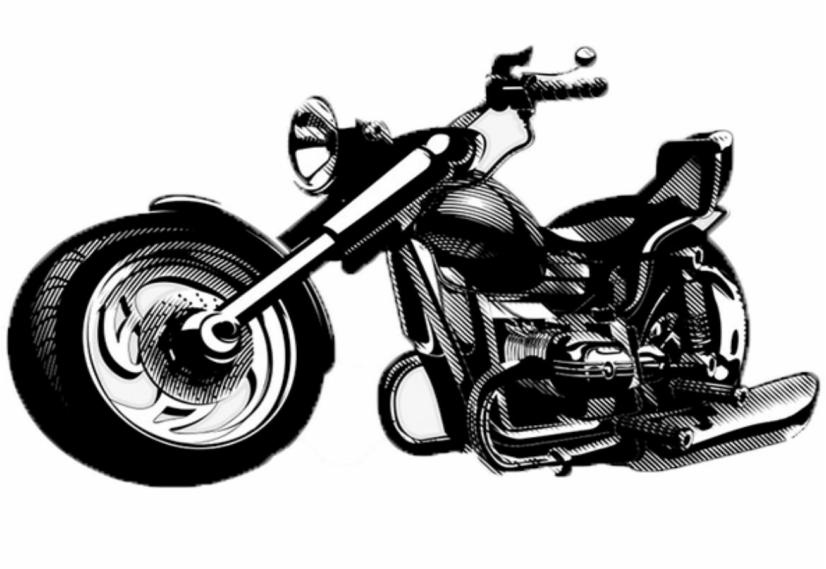
Reconheci os MCs, Luca e Samuel; o resto, não, mas também não me importei com isso. Confiava no irmão de Jonathan e nos seus amigos.

— Sim. — Entreguei a arma a ele e fui para perto de Nasx.

— Vamos entrar — Vlad me disse e entrou na boate com o irmão nos braços.

— O médico está a caminho — ouvi alguém comentar.

Minha mente se encontrava nebulosa. Naquele momento, só queria meu motoqueiro a salvo.



Capítulo 16

Nasx

Acordei com uma dor no ombro me impedindo de virar na cama, então me lembrei de como fomos atacados e do tiro que me nocauteou.

— Tracy! — sussurrei com a voz rouca, checando o quarto em que me encontrava.

Ela estava deitada na cama ao meu lado, segurando com força o cós da minha calça, como se tivesse medo de que eu saísse do lugar. De cabelos presos, poucas mechas no rosto, tão linda e serena que eu podia passar a maior parte do tempo ao seu lado a vendo dormir assim.

— Ela está bem, ao contrário de você — disse Vlad com uma voz de poucos amigos.

Virei a cabeça para ele, sentado na cadeira com um copo de uísque na mão. Seus olhos, embora fossem claros como os meus, estavam escuros e tempestuosos.

— Vlad... — comecei a falar com a garganta apertada, mas ele me interrompeu com aço na voz:

— Porra, Jonathan, você sabia que ela estava sendo procurada por algumas pessoas e ainda assim a levou para fora do território seguro, para onde seria um alvo fácil?! Não sabe o perigo que correram?!

Respirei fundo.

— Ela vai tirar sua habilitação, eu a estava ensinando a dirigir.

— Tudo bem, e quanto a você entrar na frente da maldita bala para salvar a vida dela? O que tinha na mente, porra!? — esbravejou, sem alterar a voz para não acordar Tracy.

— O que queria que eu fizesse? — Franzi a testa. — Deixar uma bala atingi-la?

— Não sei, droga! Com toda a maldita certeza não precisava se arriscar a morrer por uma mulher. — Apontou para ela ao meu lado. — Tracy é uma garota legal, mas não vale a porra da

sua vida.

— Não posso nem cogitar alguém machucando-a, assim como não gosto da ideia de você se ferir. — Isso era verdade. Na hora em que eu vira as armas apontadas na nossa direção, só tinha em mente protegê-la, não importava o que isso me causasse.

Franziu a testa.

— Está apaixonado por ela? — aparentava curiosidade.

— Não sei o que sinto ainda, apenas não gosto da ideia de ela se machucar ou sofrer. Farei qualquer coisa para evitar isso, não importa o que seja — declarei meio ofegante.

— Inclusive essas dores que está sentindo? — inquiriu com recriminação.

Tudo em mim doía, meu corpo gritava em protesto. Olhei para a bela mulher dormindo ao meu lado sem nenhum arranhão. Sim, ela valia a pena qualquer coisa que eu estava sentindo naquela hora.

— Porra, Jonathan, você gosta dela. — Não era uma pergunta. — Não sei se chuto sua bunda ou o espanco no ringue quando estiver bom. — Ele deu um suspiro duro. — Quando ela ligou chorando, balbuciando o que tinha acontecido, fiquei muito preocupado com você.

— Sinto muito por isso — sussurrei.

— Você prometeu que não ia se arriscar participando daquele clube de que gosta. — Sacudiu a cabeça e falou quando eu estava abrindo a boca: — Sei que o que houve ontem não teve nada a ver com o clube, mas não deixa de ser preocupante.

Vlad era bastante protetor, sempre fora. Entretanto, ele não podia fazer muita coisa. Eu era adulto e tomava minhas próprias decisões.

— Sei que prometi, mas você não pode me proteger a vida inteira...

— Ainda assim vou fazer o impossível. — Tocou minha cabeça como se eu fosse uma criança. — Teve sorte que o tiro só atingiu o ombro, nenhum órgão vital. Mas e se tivesse pegado? — Estremeceu. — Não quero passar por isso de novo, ver você desacordado e cheio de sangue.

Eu entendia o seu ponto de vista, porque, se fosse comigo, também iria me preocupar com

ele. Só tínhamos um ao outro por muitos anos. Todavia, eu passara a ter também meus irmãos do clube e ela.

— Eu só não podia deixar... — Olhei para Tracy, que se aconchegou mais perto de mim ainda em seu sono. Seu cheiro era inebriante.

— Espero que ela valha a pena. Se você morrer, a coisa ficará feia — falou com frieza. Fitei-o, indignado. — Não me olhe como se eu tivesse socado você. Entendo por que fez o que acabou fazendo por ela, mas não gosto de você arriscando sua vida.

— Queria poder jurar que não farei de novo, mas estaria mentindo; por ela, sou capaz de tudo — declarei, a voz meio atordoada por causa dos remédios.

Ele se levantou parecendo irritado, então mudei de assunto:

— Pegaram os homens de Dormas? Assim que eu estiver bom, vou acabar com aquele maldito.

— Estamos apurando as coisas.

— *Você* está apurando? Fique longe disso, Vlad...

— Ficar longe? — Riu, amargo. — Você vai ficar longe dos problemas dela? — Ele não me deixou responder: — Não, não vai. Sou seu irmão mais velho, Jonathan. Minha obrigação é protegê-lo ou, pelo menos, tentar.

— Vlad... — comecei; ele não me deixou terminar de falar que ficaria bem.

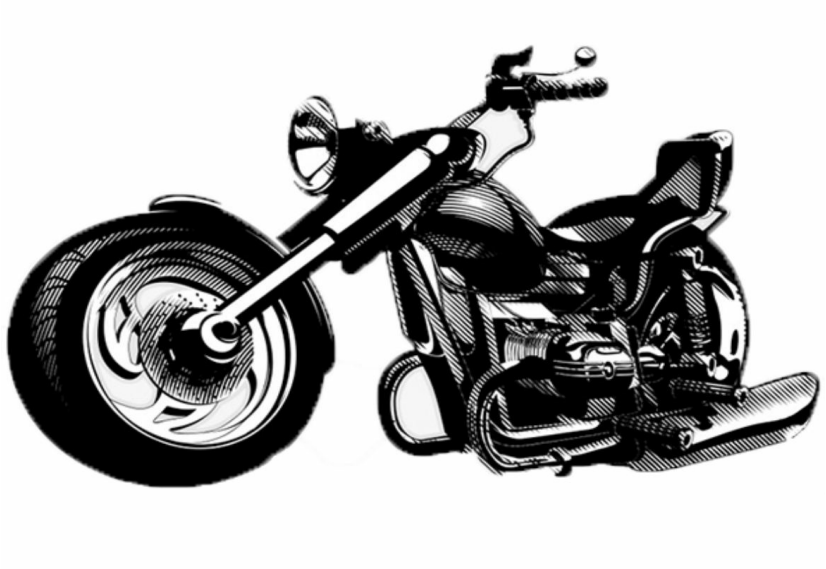
— Pegarei quem tentou matá-lo, não se preocupe. — Eu podia sentir a promessa em cada palavra. — Agora descanse. Assim que amanhecer, conversamos mais sobre toda essa merda. Tanto Luca quanto Nikolai têm planos em execução; só os deixe resolver tudo, fique bem e com sua garota.

— Não quero que diga nada a Tracy ou que a olhe torto, porque não é culpa dela.

— Não vou fazer isso — garantiu. — Só não estou feliz com essa bosta. Gosto dela, é uma garota doce e que parece adorá-lo também. Só estou com raiva por você ter saído ferido.

Queria lhe pedir que não se metesse naquilo, mas sabia que ele não me ouviria, assim como eu não ficaria longe de Tracy, ainda mais depois de ter provado seu gosto. Não queria nem

imaginar alguém com as mãos nela. Faria qualquer coisa para que isso não acontecesse.



Capítulo 17

Tracy

Acordei cedo com os braços de Jonathan à minha volta, mas não queria despertá-lo. Levantei-me com cuidado e fui ao banheiro, que não ficava no quarto.

Jonathan tinha sido medicado ao ser levado a um quarto nos fundos da boate no dia anterior. O médico, que chegara logo, disse que a bala não atingira nenhum órgão vital e que ele se curaria, então relaxei, ou tentei, pelo menos; só ficaria bem mesmo quando ouvisse sua voz. Se Nasx não tivesse chegado ali rápido, iria precisar de transfusão de sangue. Ainda bem que eu conseguira ser ligeira e estacionara perto de onde o irmão dele estava. Coincidência ou destino? Eu não sabia, mas, fosse qual fosse o motivo, aceitava-o. Ele passara a noite enfaixado e dopado devido aos remédios, e eu não saíra do seu lado um minuto.

Quando eu estava voltando para o quarto em que Nasx se situava, deparei-me com um homem vestido com um terno escuro, de cabelos loiros e olhos azuis.

Parei no meio do corredor, pensando se passava por ele ou não. Ele não tinha mais que vinte e quatro anos, mas sua expressão era tão sem emoção quanto a de Luca.

— Vejo por que Nasx está interessado em você. — Seu olhar varreu meu corpo; não vi interesse ali, só curiosidade e uma pitada de diversão.

Ignorei-o e tentei passar por ele, ao que o rapaz segurou meu braço. Endureci, então ele me soltou.

— Daemon está esperando para levá-la à casa de Nasx — me disse com um suspiro.

Fuzilei-o.

— Não vou deixar Jonathan! — rosnei com os punhos cerrados. — Olhe aqui, não sei quem você é e não dou a mínima para isso. Ninguém vai me tirar do lado dele neste momento!

Suas sobrancelhas se levantaram.

— O que está acontecendo aqui? — ouvi Nasx atrás de mim. — Nikolai?

Jonathan estava de pé à porta do quarto, só com calça jeans e a faixa, os cabelos um pouco sujos.

— Você está bem? — Corri até ele e toquei seu rosto, precisando checar se ele estava com febre ou indício de alguma infecção. — Tive muito medo de perdê-lo...

— Não vai me perder. — Passou os braços ao meu redor, mas gemeu, então me afastei, preocupada. — Estou bem, ovelhinha, foi só de raspão.

— Um tiro de raspão não ia deixar você inconsciente e sangrando até quase morrer — retruquei; minha voz tremeu. — E, da próxima vez que entrar na frente de uma bala para me salvar, vou chutar sua bunda.

Nikolai riu, fazendo-me lembrar da sua presença. Então fora ele que se casara com a mulher que Nasx amava antes de mim? Interessante... Ele era lindo, claro, mas Jonathan era mais.

— O que houve? Por que o está encarando de boca aberta? — Nasx parecia enciumado.

O loiro ampliou o sorriso provocativo para Nasx. Seu sorriso me lembrava tubarões.

— Não ligue, Nikolai tem esse efeito nas mulheres — disse outro loiro, com olhos azuis como o céu e barba por fazer. — Meu nome é Alexei.

Havia mais homens ao redor. Foquei apenas nesses dois e em Nasx, irritado e tenso ao meu lado.

— Não estava de boca aberta por ele, só pensando que essa Samira é cega por escolhê-lo e não a você. — Olhei para Nasx, sorri e toquei de leve a faixa que envolvia seu ferimento. — Mas, se um dia eu a conhecer, irei lhe agradecer; por causa disso, tive a sorte de conhecê-lo.

O sorriso dele fez meu estômago dar voltas de ansiedade, tão brilhante como o sol que estava lá fora. Ele parecia feliz com minha resposta, porque me beijou, ignorando sua ferida.

— Vamos embora agora — disse nos meus lábios, não ligando para ninguém ao redor.

— Sem sexo — alertou Vlad. — Não quero que seus pontos se abram.

Afastei-me corando intensamente e encarando o irmão de Nasx.

— Nós não... — minha voz falhou, porque vários pares de olhos me fitaram, tanto dos mafiosos como dos MCs.

Queria enfiar meu rosto na terra, assim não veria a expressão de todos, uns chocados, outros divertidos.

— Venha, querida, não ligue para esse idiota. — Nasx fuzilou o irmão enquanto me puxava para seu lado.

Assenti de cabeça baixa, confortada com os seus braços à minha volta e aliviada por ele estar bem.



Retornamos à propriedade de Nasx. Alguns dos seus amigos tinham vindo como escolta, pois Shadow não queria que fôssemos atacados de novo. Porém, Logan e Axel foram para o clube ao chegarmos em casa em segurança.

No dia anterior, Shadow não gostara que estivéssemos sozinhos e num lugar tão ermo, quando eu tinha um cartaz de “procurada” na testa. E parecia que não era o único, Vlad também ficara furioso – eu esperava que não fosse comigo. Não queria o meu cunhado com raiva de mim.

— Quem quis me matar? Acha que foi pessoal desse Dormas? — perguntei ao Nasx ao desligar o telefone.

Tinha acabado de avisar ao Billy o que acontecera. Ele me dera aquela semana de folga. Eu não queria, mas meu chefe me lembrou que estava me devendo férias. Eu sabia que não era verdade, afinal, trabalhava para ele há menos de um ano. Billy só queria me ajudar. Eu poderia ter insistido, contudo, talvez fosse bom aquele afastamento. E se alguém entrasse no restaurante e resolvesse puxar o gatilho? Estremeci ante esse pensamento.

— Provavelmente — respondeu com os dentes trincados. — Vamos descobrir. Nikolai e

Matteo checarão as coisas.

— E se for?

— Não gostaria de estar na pele de quem quer que tenha dado a ordem, ainda mais se Nikolai estiver envolvido.

Franzi a testa.

— O que ele é? — sondei, curiosa. Tinha minhas suspeitas de que fosse um mafioso também, igual a Luca e Matteo.

— Ele é chefe de uma das máfias russas. E, apesar de novo, o bastardo tem coração frio e pulso firme. — Guiou-me para o seu quarto, onde eu nunca pisara, no segundo andar. O dormitório tinha uma claraboia e uma das paredes de vidro, o que fez meu coração acelerar; respirei fundo para me acalmar.

— Achei que aqui fosse proibido entrar — comentei, lembrando-me da lista do que fazer ou não na casa, ainda pendurada na porta da geladeira.

Ele parou e olhou para mim.

— Pensei que a gente tivesse resolvido tudo na pista de pouso. Estamos namorando, portanto, você pode ir aonde quiser nesta casa e fazer o que quiser comigo também.

Eu ri porque notei que ele não estava brincando. Toquei seus cabelos.

— Tudo bem, já que posso fazer o que eu quiser com você, vamos para o seu banheiro; preciso lavar essa cabeleira, que tem manchas de sangue e suor. — Apertei sua mão. — Ou você pode descansar, e fazemos isso mais tarde, quando não estiver com dor.

Ele riu com doçura.

— Ok, mulher... Imaginei que fosse falar outra coisa. — Eu podia ouvir o desejo em sua voz.

— Se lembra do que seu irmão disse? Sem esforço excessivo para não arrebentar os pontos. — Corei, e ele me beijou.

— Sei de uma coisa que me deixaria feliz e aposto que não arrebentaria meus pontos — provocou nos meus lábios. Engoli em seco. — Antes, preciso me limpar.

Entramos no banheiro chique todo de mármore preto e vidro, com uma banheira gigante.

— Uau... — sussurrei e apontei para uma cadeira. — Sente aí com a cabeça voltada para a pia.

Ele gemeu, seu rosto demonstrando sofrimento.

— Se estiver doendo muito, pode se deitar na cama; depois tiramos o sangue seco.

— Não, quero que o lave para mim, já estive inconsciente tempo demais — pediu, segurando minha mão e se sentando na cadeira. — Fui medicado, e não está doendo tanto assim.

Prendi meus cabelos e procurei por xampu e condicionador. Quando abri o boxe, arregalei os olhos.

— Para que tantos produtos para cabelo? Gosta mesmo dos seus fios longos, não é? — Peguei o que eu precisava e uma toalha que estava pendurada e fui até ele.

— No início deixei crescer para provocar meu pai, porque não há nada que ele odeie mais do que homem cabeludo e com tatuagens. — Deu de ombros, indiferente. — Então comecei a gostar e agora os adoro do jeito que são.

Meus olhos desceram para as tatuagens vivas em sua pele branca.

— Gosto deles. Também acho suas tatuagens lindas, um dia quero fazer uma — falei, sem me conter. Se pudesse, traria as palavras de volta. Só tinha um lugar que eu queria tatuar.

— Posso fazer uma em você — me disse sorrindo.

— Você tatua? — sondei.

— Sim, essas fui eu que fiz. — Apontou para uma balança em sua barriga, em seguida para alguns desenhos nos braços. — Outras foram Daemon e Shadow, como a fênix nas minhas costas.

— Fênix? — Dei a volta e vi um pedaço das asas saindo da faixa. — Tão brilhante...

— Sim, ela é nossa marca. Nosso presidente, do MC de Nova Iorque, Curt, diz que renascemos das cinzas quando morremos. — Piscou para mim. — Teve uma época em que eu não acreditava nisso; agora é diferente, já que ontem quase fui morto.

Encolhi-me.

— Por que fez aquilo? Entrar na frente da bala por mim? — sussurrei, deixando os produtos de beleza sobre o mármore da pia.

Ele curvou a cabeça para que os cabelos caíssem na cuba e seus olhos se fixassem no meu rosto.

— Não podia permitir que eles a machucassem. — Sua mão subiu para o meu queixo.

— Só não faça mais isso, tudo bem? Agora não foi sério, mas e se fosse? — Estremeci, sacudindo a cabeça.

Ele pegou meu rosto, abaixou-o e me beijou. Uma coisa não me passou despercebida: Nasx não respondeu meu comentário; temi que ele repetisse o gesto. Antes que eu comentasse algo, gemeu.

— Porra! Isso vai ser um incômodo. — Afastou-se e suspirou.

— Acho que você devia se deitar e descansar...

— Não, vamos terminar, por favor.

Assenti e lavei seus cabelos com xampu e condicionador de morangos, depois os sequei com secador.

— Vejo que tem tudo. — Sorri, guardando o aparelho.

— Tenho que mantê-lo bem-tratados — respondeu, levantando-se. — Pode tirar minha calça? Preciso de um banho para remover o sangue grudado em minha pele.

Girei nos calcanhares e o encarei com os olhos arregalados.

— Você quer que eu... tire suas calças? — Corei quando ele assentiu. Podia ter negado, mas vi que ele estava com dor, então era melhor fazer logo e acabar com isso. — Ok.

Caí de joelhos à sua frente e levei minhas mãos à sua braguilha, abrindo o zíper, depois puxei para baixo a calça e a cueca preta. Ele já tinha se livrado dos sapatos com os próprios pés em algum momento desde que entrara no banheiro.

— Acho linda essa cor em seu rosto. — Esquadrinhou minha face com as pontas dos dedos, completamente nu.

Sorri meio tímida, embora gostasse de vê-lo assim, pau rígido e com o *piercing* o deixando

ainda mais perfeito.

Fomos até o boxe. Peguei a mangueira acoplada à ducha, uma esponja e um sabonete e o lavei da cintura para baixo. Perto da faixa, passei um pano úmido para não a molhar.

— Você parece ser experiente nisso — observou.

— Sim, já fiz isso antes — comentei e senti seu corpo ficar tenso. Olhei para cima e percebi o que ele entendeu. — O que eu quis dizer é que já cuidei de doente antes. Claro que não dei banho em ninguém assim. — Ainda ajoelhada, meu olhar foi atraído para seu membro duro e brilhante, depois para seus olhos famintos.

— Está decidindo se vai me fazer um boquete? — Soou rouco de tesão.

Nasx tinha colocado a boca em mim; por eu que não podia fazer o mesmo nele? Não devia ser tão ruim – eu já ouvira dizer que era prazeroso, e queria deixá-lo maluco.

— Não está com dor? Devia descansar após ser baleado.

— Querida, eu poderia ter levado mil tiros que ainda iria querer sua boca! — declarou com fervor.

Peguei seu pênis, que inchou mais na minha mão e de cuja cabeça começou a sair pré-sêmen. Alisei com a ponta dos dedos seu comprimento e o *piercing*.

— Porra! — Sua respiração disparou, e as mãos foram para meus cabelos. — Coloque-o na boca, linda.

— Eu nunca... — admiti em voz baixa. — E se não sair igual está acostumado?

Ele se sentou na cadeira e ficou com o rosto perto do meu. Sua mão direita tocou minha cabeça.

— Não quero que seja perfeito, só que seja você. Adoro que não tenha prática, pois isso significa que não tocou em nenhum outro homem. — Beijou de leve meus lábios. — Mas, se não estiver pronta, vou entender. Não precisa fazer agora, tudo bem?

Sabia o quanto ele desejava isso, podia ver, e gostei de ele não me forçar. Entretanto, queria prová-lo assim como ele tinha feito comigo.

Tracei com minha língua sua cabeça inchada e brilhosa.

— Puta merda! — Suas mãos foram para meus cabelos, mas não me forçaram a ir mais fundo.

Gostei de ouvir a voz dele cheia de prazer e luxúria, senti-me feliz por saber que estava fazendo a coisa certa. Coloquei-o em minha boca o mais fundo que pude e, o que não consegui, envolvi com a mão. Minha língua traçou seu *piercing*.

— Merda! — grasnou. — Estou perto...

Percebi que ele deixou a decisão comigo, se eu ia querer que gozasse na minha boca. Eu queria, queria prová-lo do mesmo modo que ele fizera ao sentir meu prazer.

Seus olhos se fecharam quando acelerei os movimentos tanto da minha língua e dos meus lábios como da minha mão. Seu corpo ficou tenso. Senti-o no fundo da minha garganta. Assim que gozou, tirei-o da minha boca e limpei meus lábios.

Olhei para Nasx, que estava meio ofegante.

— Como foi? — Não sabia se ele ouviu a vulnerabilidade na minha voz.

De repente fui puxada para ele.

— Foi mais que perfeito, linda. — Beijou meus lábios, ainda com o seu gosto. Eu tinha achado que ele teria nojo, mas vi que não. Então ele ficou tenso e praguejou. — Merda, esse ferimento vai ser um incômodo.

Ao ouvir suas palavras, lembrei-me de que ele estava machucado. Eu fizera boquete em Nasx quando ele devia estar em repouso. Talvez, se ele se esforçasse, pudesse romper os pontos.

Fiquei de pé.

— Depois que eu te secar, se deite na cama, que eu vou limpar o banheiro — avisei. Ele ficou de pé, olhando-me calado. — O que foi?

— Acredita em mim? Que foi o melhor boquete do mundo?

Sorri e dei um beijo de leve nos lábios dele.

— Acredito, sim. — Sequei-o amorosa e cuidadosamente. — Agora vá descansar antes que seu irmão venha aqui e te algeme na cama, ou eu mesma faça isso — ordenei, fazendo-o rir.

— Gosto da ideia de ser algemado por você — brincou, mas foi para o quarto.

Assim que terminei de limpar o banheiro, fui até onde ele estava, deitado e vestido com um short.

Enfim reparei no belo cômodo. Tinha uma cama *California King*, onde Nasx descansava naquele momento. No lado direito, por fora da parede de vidro, havia uma varanda que dava para o lago, situado não muito longe dali. Em frente à cama, uma espécie de sala com sofá se tornava completa por uma televisão com tela de cinema.

— Aqui é muito lindo, a claridade, os móveis combinando. — Sorri. — Tudo no lugar certo. Monge, hein?

Ele riu e se encolheu de dor.

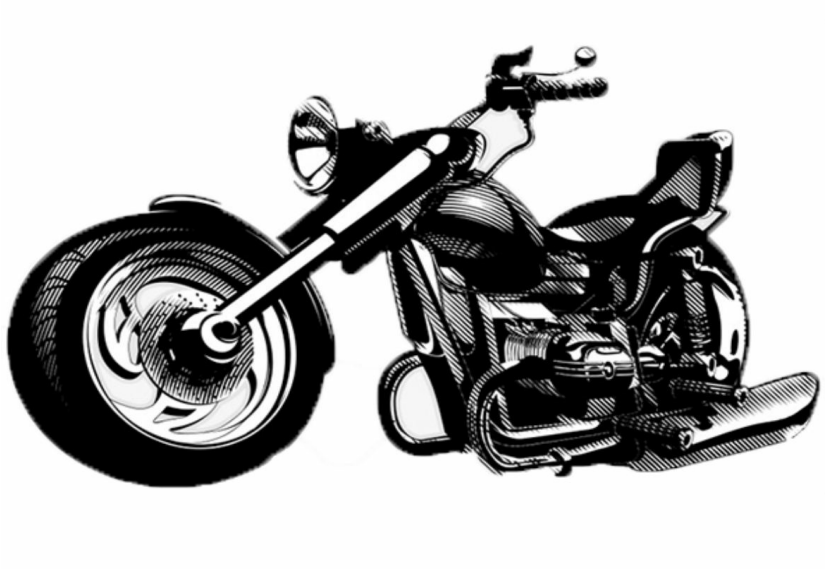
— Acho que acabou de ver que não sou um monge. Agora venha aqui. — Estendeu a mão para mim, e eu a peguei de bom grado.

— Descanse, não se esforce muito.

— Você está molhada por mim, eu sei; quero te provar. — Tentou me beijar, mas então ouvimos barulho de motos e carros. — Se aqueles bastardos aparecerem aqui, vou acabar com eles.

Ri e me afastei.

— Vou tirar essa roupa molhada e atender à porta. Enquanto isso, fique deitado — informei e saí antes que ele pudesse dizer algo.



Capítulo 18

Tracy

Sequei-me e me vesti rapidamente, mas, assim que fui até a porta, Nasx já estava lá indo abri-la.

— O que está fazendo? Devia descansar, droga! Será que vou ter que algemá-lo mesmo na cama?

Sorriu.

— Adoraria isso.

Revirei os olhos.

— Vá se sentar, eu atendo. Você machucado é um pesadelo. — Apontei para o sofá.

Riu de novo, mas obedeceu, meio torto por causa da dor, provavelmente.

Assim que abri a porta, uma manada de mulheres passou por ela. Eram tantas que tive de me afastar. Elas me disseram um "oi" rapidamente e foram correndo para Jonathan.

— Gente, não precisa bajular o Nasx, foi um tiro de raspão — informou Daemon entrando na casa junto aos outros MCs.

— Não se esqueça de que bajulamos você também quando levou um tiro ao proteger Michael — lembrou-lhe Isabelle.

— Também ao levar uma bala cuidando de Alexia — falou Evelyn.

— Nossa, você levou tanto tiro assim e ainda está vivo? — perguntou Noah, que tinha chegado com eles.

Daemon sorriu.

— Tive sorte — respondeu, pegando uma menininha nos braços. Ela tinha cabelos e olhos escuros e era linda.

— Papai, posso ir brincar? — pediu-lhe a menina.

— Espero que não entre mais na frente de nenhuma bala, ou eu mesma vou atirar em você — Emília ameaçou.

Daemon riu, sacudindo a cabeça ao olhar com amor para a sua mulher e depois para a criança nos seus braços.

— Pode ir brincar, princesa.

Uma coisa não me passou despercebida: ele não prometeu, assim como Jonathan não o fizera mais cedo para mim. Notei que aqueles motoqueiros tinham instinto protetor.

— Eu também quero brincar, papai — pediu uma garotinha de uns seis anos. Ela olhava para o marido de Isabelle, Kill.

— Pode ir, Bella — respondeu à sua filha.

A sala lotou. Ainda bem que o lugar era espaçoso. Fiquei meio de lado e sem jeito, nunca me sentira assim, cercada de amigos, como Nasx. Estava feliz por ele ser amado por todos ali.

— Porra, eu amo vocês! — ouvi Jonathan dizer às meninas, agrupadas ao seu redor com bolos e outros quitutes para ele comer.

— Vou fazer suco para seus amigos, Jonathan — avisei, indo para a cozinha, louca para sair dali. Sentia-me deslocada no meio deles.

— Nada disso, eles têm mãos, você não é empregada de ninguém. — Nasx estreitou os olhos. Estava em dúvida sobre se ele notara o meu estado.

— Preparar um suco para eles não faz de mim uma empregada, é apenas um gesto de cortesia. Além disso, esta casa é a minha até que eu me mude daqui — retruquei com um suspiro.

— Espere um segundo, você sabe o nome verdadeiro dele? — perguntou Isabelle para mim.

— Então quer dizer que transaram? — indagou Evelyn de olhos arregalados. — Lembro-me de ele me dizer uma vez que só contaria seu nome para quem estivesse fodendo.

Arfei ante suas palavras. Meus olhos foram para Noah, que fuzilava eu e Nasx.

— Que porra isso quer dizer, Tracy? — rosnou Noah, indo na direção de Nasx para bater nele. — Não ia querer nada em troca, não é?! — Riu com desgosto. — Vou matar você, desgraçado!

Os homens ali estavam para interferir, porque suas mulheres se encontravam ao redor de Nasx. Corri e entrei na frente de Noah, irada.

— Você não vai machucá-lo. — Peguei seu braço. — Ele está ferido por minha causa, porque entrou na frente de uma bala por mim. Vamos conversar. — Levei-o para fora da casa.

Noah foi sem reclamar. Era hora de termos um diálogo sério.

— O que está acontecendo? Quem atirou em você?

Suspirei.

— Não sei, mas os mafiosos estão atrás deles, e os MCs também. Quero lhe contar uma coisa.

Seus olhos se estreitaram.

— O que é? Vocês transaram? Por acaso ele cobrou a dívida assim...

— Acha que eu me rebaixaria a esse ponto? — questionei, magoada.

Sacudiu a cabeça.

— Não, é só... não confio nele com você — falou baixinho, com as mãos nos cabelos.

— Não precisa. Só me deixe viver isso com ele, Noah. Jonathan é o primeiro homem a me ver por mim mesma. Sinto que gosta de mim — murmurei.

— Não pode estar apaixonada em tão pouco tempo — grunhiu com os dentes cerrados.

— Não é assim, já o conhecia havia mais de dois meses, quando ele foi pela primeira vez ao restaurante com o seu irmão. Noah, desejo estar ao lado dele, então não estrague tudo.

Ele deu um suspiro exasperado.

— Mas e se Nasx a machucar?

Encolhi-me.

— Essa é uma possibilidade, um risco que preciso correr. Não posso ficar na dúvida e com medo de me arriscar, já fiz isto a minha vida inteira. — Peguei suas mãos. — Necessito de você

comigo. Sei que logo vou ter que dizer a verdade a ele e espero que no final tudo dê certo.

Uma Ferrari preta parou perto de nós. Dela, saiu Vlad.

— Não devia estar na cama descansando? — rosnou para Nasx, que estava de pé na varanda olhando para mim. — Por isso insisti para ficar comigo, porque aqui não terá nenhum sossego. Droga, Jonathan, o que vou fazer com você?

— Eu falei que você ia algemá-lo se ele não repousasse — comentei, indo para a varanda.

— Acho que está certa, vou ter que fazer isso — reclamou Vlad.

Jonathan revirou os olhos; após, se fixou em Noah ao meu lado.

— Noah... — começou, sendo cortado pelo meu irmão:

— Se a machucar, vou machucar você; se quebrá-la, eu quebrarei você; e se a fizer chorar por qualquer coisa — sibilou Noah sombrio como eu nunca o tinha visto —, farei você sangrar e beber o maldito líquido.

— Noah! — Pisquei, chocada. — O que deu em você para ameaçar alguém assim?

— Só o estou alertando para depois não dizer que não avisei. — Passou por Nasx para entrar na casa.

— Não vou machucá-la, prometo. Tenho sua autorização para namorar Tracy?

Ele realmente queria a aprovação do meu irmão. Talvez porque isso era muito importante para mim. Eu precisava dos dois na minha vida.

— Depende. — Noah parou e olhou para ele.

Nasx franziu a testa.

— De quê?

Meu irmão sorriu para ele de modo divertido.

— De me vencer no ringue quando se curar. Vou adorar deixá-lo pior do que já está — informou e entrou na casa, botando-me de boca aberta.

— Desculpe, gente, ele é muito protetor — sussurrei envergonhada e com o coração aquecido pelo seu carinho, a despeito do exagero.

— Meu irmão, você precisa se curar rápido e procurar um bom treinador, porque não há a

mais remota possibilidade de vencer esse garoto — comentou Vlad com um olhar impressionado na direção em que Noah tinha sumido.

— Noah só treina, não é lutador — expliquei. — Não haverá briga.

Franziu a testa.

— Você o viu lutando? Porque muita gente já, inclusive eu, e ele é impressionante.

— Sim, uma vez. Sei que é bom, mas não é... — Arregalei os olhos e o fulminei. — Não chegue perto dele! Ele não é nenhum peixe para cair na sua rede.

Vlad riu.

— Ele não faz meu tipo — provocou.

— Quem está de olho nele, Vlad? — perguntou Jonathan. — Talvez sejam essas pessoas que atiraram em Tracy.

— Não foram eles, podem ficar tranquilos. — Vlad veio em nossa direção.

— Como tem certeza? — indagou Nasx.

— Porque Nikolai não faria isso, não é do seu feitio — respondeu e estendeu a mão com comprimidos. — Agora precisa tomar isso e descansar, ou eu juro que vou amarrar você na maldita cama.

— Diga a ele para ficar longe — pediu Nasx. — Não vou deixar que coloquem a mão no garoto.

Meu peito se aqueceu e meu estômago se encheu de borboletas com sua preocupação com Noah.

— Já falei, e ele resolveu deixar quieto por enquanto, mas vocês precisam ter em mente que Nikolai não é o único que quer o garoto.

— Como eles sabem de Noah? — sussurrei com horror de que a máfia estivesse de olho em meu irmão.

— Tem uma rede online só acessível para determinadas pessoas que assistem e promovem lutas clandestinas. Eles conseguiram um vídeo de seu irmão derrubando quatro homens. Tinha uma mulher também; ninguém viu o rosto dela, a câmera não mostra; o do garoto, sim, então

algumas pessoas o querem para lutar em ringues, alguns mortais. O de Nikolai não é. Seja como for, pedi para ele ficar longe — respondeu, segurando o braço de Nasx e o levando para dentro.

Eu estava em um mundo tão encantado com Jonathan que até tinha me esquecido de Bruna, da briga de Noah e do dinheiro recebido por ele da mulher desconhecida.

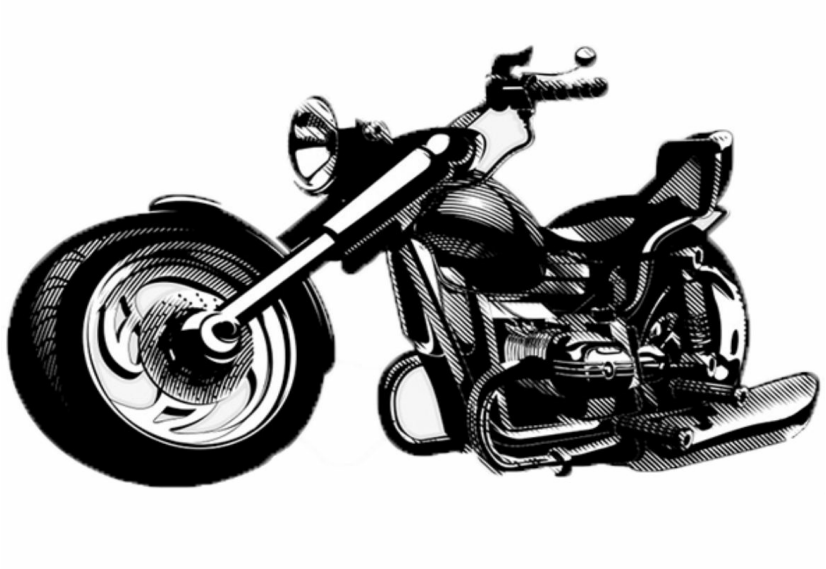
— Nikolai vai ouvir? O homem é um mafioso — sussurrei, encolhida de medo.

— Sim, ele tem princípios. Assim que soube quem o garoto era, veio até mim e sondou se vocês dois estavam em um relacionamento sério mesmo. — Apontou para Jonathan e eu. — Falei que sim, e ele se afastou, mas outras pessoas virão e farão propostas tentadoras a Noah. Caberá ao garoto aceitá-las ou não.

Não cabe a ele, e sim a mim, sua irmã mais velha, pensei. Depois falaria com Noah; naquele momento cuidaria de Jonathan, que parecia bem abatido.

Vlad o levou para o seu quarto, a muito custo. Deu-lhe medicação, e finalmente Nasx adormeceu.

Olhando para meu motoqueiro, não havia nada que eu quisesse mais do que estar ao seu lado. Meu irmão aceitaria meu namoro com Jonathan, eu acreditava nisso. Ele queria que eu fosse feliz, e eu só o seria com Nasx.



Capítulo 19

Tracy

Fazia três semanas que Jonathan levara um tiro para me defender, uma coisa que eu esperava que não se repetisse. Amei passar aqueles dias tomando conta dele e o paparicando até se recuperar totalmente, embora fosse difícil mantê-lo na cama. Só aceitava quando eu ficava com ele, e isso acontecia apenas quando Noah não estava em casa.

Pensar no meu irmão me deixava preocupada com pessoas que não deveriam estar atrás dele. Contudo, eu confiava que Jonathan não permitiria que ninguém se aproximasse de Noah.

A relação dos dois estava indo muito bem, eles conversavam normalmente, sem que Noah quisesse esganar Jonathan, embora meu irmão estivesse meio apreensivo e, quando em casa, mal me deixava sozinha com Nasx.

— Tenho que ir ao acampamento da escola, preciso que assine a autorização para mim — disse Noah, sentando-se à mesa do café da manhã, onde estávamos Jonathan e eu.

Meu coração se apertou.

— Mas e se esses homens forem atrás de você no acampamento? Não posso deixar...

Tinha lhe contado o que Vlad me havia dito. Noah não parecera ficar preocupado, e sim um pouco impressionado que alguém o quisesse por sua habilidade na luta.

— Já falei com Nasx sobre isso, ele vai enviar Tripper comigo. — Sorriu enquanto tomava café.

— Ele é só um adolescente como você, não vai lhe proteger!

Noah se virou para mim, pegou uma mecha do meu cabelo que fugia do rabo de cavalo e me puxou para perto de si.

— Você se preocupa demais, vai ficar velha antes do tempo, então seu namorado aqui vai

aproveitar e deixá-la. — Ele revirou os olhos.

— Isso não vai acontecer — assegurou Nasx.

Noah arqueou as sobrancelhas para ele.

— Diz isso em relação a qual afirmação?

— Não vou deixá-la — garantiu, voltando-se a mim. — Também protegerei seu irmão. Coloquei Axel de vigia. Ele é bom em cobrir pessoas, não se preocupe. Noah ficará seguro.

— Axel? — Franzi a testa.

— Ele pode ser um idiota às vezes, mas é leal. Pode confiar que seu irmão estará a salvo.

Confiei nele, como sempre fazia, e assinei a autorização.

— Eu estou aqui, sabiam? Não precisam falar como se eu não estivesse.

— Qualquer coisa, me ligue, não importa a hora, tudo bem? — Eu nunca tinha ficado longe dele, ainda mais por quatro dias.

— Tudo bem, mamãe — me disse com um sorriso e beijou meus cabelos. — Agora preciso ir. — Levantou-se da mesa, lançando um olhar chateado para mim e Nasx.

— O que foi? — perguntei.

— Não suporto a ideia de ele tocar em você. Minha vontade é de matá-lo — respondeu com um suspiro.

Ri e fui até ele.

— Também não gosto que você ande por aí namorando, isso me lembra que cresceu. — Na ponta dos pés, beijei seu rosto. — Amo você.

— Amo você demais! — Saiu após a buzina de Tripper disparar. Ouvi o carro indo embora.

Braços envolveram minha cintura e lábios deslizaram pelo meu pescoço, fazendo-me estremecer.

— Ele vai ficar bem, querida — sussurrou na minha pele, arrepiando-a.

Sua mão desceu por minha barriga, embaixo da camisa, escorregando para a minha saia.

— Jonathan, tenho que trabalhar. — Minha voz estava fraca devido à necessidade por ele.

— Sim? — Seus dedos rumaram à minha calcinha e tocaram em meu clitóris. — Está molhada por mim?

Gemi, incapaz de responder, sentindo-me como se perto de uma fornalha acesa.

— Oh, Deus! — gritei. — Mais forte!

A pressão em meu ponto pulsante aumentou, então explodi, desmanchando-me em seus braços.

— Isso, ovelhinha, goze em meus dedos — rosnou, mordiscando minha orelha. — Não vejo a hora de gozar no meu pau quando ele estiver enterrado em você.

Notava o desejo e a fome na voz dele. Sabia que tinha enrolado demais para transarmos. Se ele fosse outro homem, já teria ido procurar fora, mas Jonathan era leal. Finalmente chegara a hora, tanto para ficar com ele quanto para lhe contar a verdade sobre mim.

— Estou pronta — afirmei, tomando fôlego.

Se fosse só para fazer sexo, eu já estaria preparada há muito tempo. O problema era dizer a verdade e esperar que, no final, ele quisesse continuar comigo.

Jonathan afastou o rosto e me olhou de lado com o cenho franzido.

— Tem certeza? Se não estiver, posso esperar o tempo que for — disse com firmeza.

Por isso eu me apaixonara por ele, pela sua bondade. Ele era lindo demais, todavia, não fora só isso que me chamara a atenção, e sim sua personalidade extrovertida, amigável e protetora comigo e com seus amigos.

— Sim, tenho certeza — respondi, pegando sua mão e o levando para o meu quarto, onde apontei para a cama. — Pode se sentar aqui e me esperar?

— Sim, mas, se vamos ficar realmente juntos, quero vê-la toda nua. — Tocou meu rosto. — Seja o que for que tenha em suas costas, não irei a lugar nenhum, prometo.

Assenti nervosa e o beijei, demonstrando que eu confiava nele e que estava disposta a lhe dizer toda a verdade.

— Acho que estou apaixonada por você — soltei antes que pudesse trazer as palavras de volta.

Ele se afastou para me olhar. Pensei que diria o mesmo, porém, ficou calado, chocado. Antes que ele falasse alguma coisa, talvez me rejeitasse, alegando não sentir o mesmo, corri para o banheiro, não querendo que visse minha expressão.

— Tracy, espere — chamou, pegando minha mão. — Não fuja de mim, nunca.

— Achei que...

Seus olhos se estreitaram.

— Por que está frágil assim? Já disse: seja o que for, estarei ao seu lado — jurou, me beijando com fome e apertando minha bunda, puxando-me para pressionar meu centro latejante com seu pau duro.

Fomos interrompidos por seu telefone. A princípio ele o ignorou, mas quem ligava continuou insistindo.

— Que porra! — rosnou e atendeu. — Só espero que seja importante. — Ele ouviu por uns segundos e endureceu. — Maldição!

Saí de seus braços e fiquei observando sua reação. Fosse quem fosse, deixara Jonathan com raiva.

Suspirei, porque percebi que o clima tinha sido estragado.

Faltava uma hora para eu ir trabalhar. Enfim retornaria ao serviço, pois Jonathan estava bom e ninguém mais fora alvejado desde a nossa ida à pista de pouso. Dava graças aos céus por isso. Então, além de voltar a trabalhar no restaurante, eu também iria ao clube de Vlad.

Deixei Jonathan discutindo ao telefone e fui arrumar a cozinha. Já estava acabando quando ele desceu a escada pisando forte, furioso.

— Algum problema? — sondei.

Sorriu meio triste.

— Preciso fazer uma coisa. Desculpe por estragar o clima. — Aproximou-se e me beijou de leve nos lábios. — Dessa noite não passa, prometo! Estou louco para sentir você e prová-la de novo.

— Você fez isso ontem, quando Noah estava dormindo — comentei, corando.

— Não é o mesmo que ouvi-la gritar e me pedir para devorá-la mais forte com minha língua. — Gemeu na minha boca. — Adoro quando você empurra minha cabeça entre as suas pernas, querendo mais de mim.

Escondi meu rosto em seu pescoço, envergonhada.

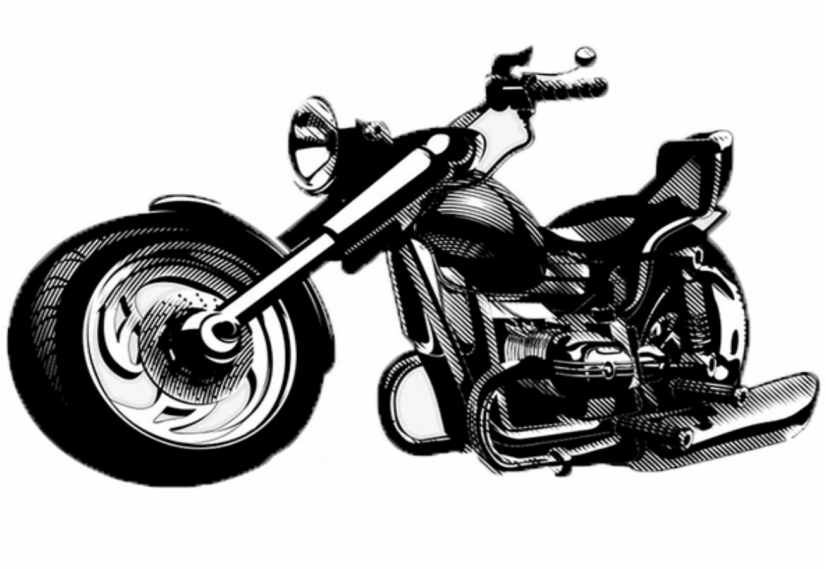
— E também quando fica toda tímida. — Levantou meu queixo para encontrar meus olhos. — Essa noite conversaremos, e estarei com você sempre, seja o que for que queira me dizer, tudo bem?

— Sim. A nossa conversa vai ser longa, não daria tempo agora mesmo. — Alisei seu queixo. — Mas você está bem? Parecia com raiva ao telefone.

Uma sombra escura cruzou seu rosto.

— Estou, sim, vou resolver tudo, não fique preocupada. — Fitou-me com a expressão mais branda. — Essa noite é nossa. Quero que seja perfeita para você! — declarou com ferocidade.

— Tudo ao seu lado é perfeito, Jonathan — admiti, beijando-o mais uma vez.



Capítulo 20

Tracy

Meu dia foi péssimo, em comparação à animação com que saíra de casa pela manhã, ansiosa por uma noite divertida e quente com Jonathan. Tudo mudou após eu saber que ele viajara sem me dizer uma única palavra. Só descobri porque Emília me contou quando foi almoçar no restaurante.

Ao revelar a ele que achava estar apaixonada, supus que não retribuiria, mas então ele me fez mudar de ideia, mostrando que eu era especial; levou-me a pensar que estávamos na mesma sintonia. Entretanto, eu não tinha mais tanta certeza disso, pois mandei muitas mensagens a Nasx ao longo do dia, sem obter nenhuma resposta. Desisti de ficar me rebaixando e de querer algo que nunca teria. Até pensara que teria, contudo, estava enganada.

Eu sempre iria lhe agradecer pelo que fizera por mim, pois havia me protegido como ninguém. Apenas temia que não me quisesse de verdade e que fora por isso que se afastara. Eu sabia que podia estar sendo egoísta por não esperar uma explicação sua antes de pensar mal dele, mas Jonathan viajara e não me dissera nada. Se eu era sua namorada, deveríamos compartilhar a nossa vida!

Resolvi parar de pensar nisso e me concentrei no trabalho – ou ao menos tentei.

Quando cheguei em casa por volta das dezoito horas, arrumei-a e fui tomar banho, evitando lembrar da minha expectativa frustrada. Aquela era para ser nossa grande noite juntos; nos abriríamos um para o outro, nos divertiríamos e nos amaríamos.

Ao sair do banho, chequei meu celular, como vinha fazendo a cada minuto para ver se Jonathan respondera às minhas mensagens. Não me desapontei; tinha um recado dele: “Estou no clube. Venha me encontrar agora”.

Pisquei ao ler a mensagem mais de uma vez para ver se tinha entendido certo, porque não parecia um pedido, e sim uma ordem. Esperava estar enganada. Jonathan me queria em seu clube, então eu iria ao encontro do meu motoqueiro. Não podia deixar de ter esperança em meu coração. Talvez ele só me quisesse mais no seu mundo. Eu já conhecia seus amigos e considerava as meninas, mulheres dele, minhas amigas. No entanto, nunca fora ao clube. Sempre que o chamava para irmos juntos, Jonathan se esquivava, e passeávamos em vários outros lugares. Eu não sabia qual o seu receio em me ter lá; aquele local era parte da vida dele.

Escolhi um vestido prata que eu tinha comprado para passar o meu aniversário, que seria dali a uma semana; aquela noite era especial o suficiente para justificar seu uso. Coloquei sandálias da mesma cor, ajeitei meu cabelo, deixando-o em ondas soltas nas costas, e apliquei um pouco de maquiagem para ganhar alguma cor.

Estava ansiosa enquanto dirigia até o clube dos MCs. Era sexta-feira, noite de festa lá, quando as coisas corriam loucas – palavras de Sally, não minhas.

Eu já sabia sobre isso, ouvira alguns comentando que as pessoas faziam sexo ao vivo nessas ocasiões especiais. Enfim eu veria com meus próprios olhos. Sally já fora lá antes de estar com Billy. Ainda bem que ela não ficara com Nasx, ou as coisas se tornariam bem esquisitas entre nós.

Desliguei o carro que Nasx me emprestara – eu já tinha habilitação – e entrei no clube MC Fênix. Não vi ninguém na portaria ao passar por ela. Estranhei; todo clube tinha alguém à sua entrada para zelar pelos frequentadores, pelo menos eu achava que sim.

Também conheceria naquele dia o clube de Vlad. Como Nasx tinha viajado sem me dizer nada, eu marcara, à tarde, de encontrar seu irmão lá às nove e meia da noite. Eu teria tempo para falar com Nasx e esclarecer a nossa situação. Precisava saber em que pé a nossa relação estava e se ficaríamos juntos.

Entrei pelo corredor vazio; ouvia uma música baixa tocar no interior. Estava nervosa demais. Tinha dado alguns passos, de repente, parei, como se tivesse topado com uma rocha.

Meus olhos custavam a acreditar no que eu estava vendo bem diante de mim, não queriam

crer que aquilo fosse real. Infelizmente, não tinha como não ser. Meu peito doía tal qual se alguém enfiasse as mãos nele e o rasgasse ao meio. O ar me faltou, impedindo-me de respirar por um momento.

O salão estava cheio de pessoas, de MCs, pelo menos. Não liguei para eles, só me concentrei em uma pessoa específica, do outro lado da mesa de sinuca, com uma mulher curvada sobre ela, e ele atrás da vadia, as mãos apoiadas na mesa. Com certeza a fodia por trás. Não dava para ver direito, porque a mesa impedia, mas era isso que estava acontecendo.

Os olhos de Nasx me encontraram. Ele endureceu, travando no lugar. Sandy, que era quem estava na mesa, sorriu para mim e empinou mais a bunda para ele.

— Então era por isso que não queria que eu viesse ao clube? Como decidiu que não era uma boa ideia ficar comigo, resolveu me mandar mensagem para que eu viesse e visse você foder outra mulher? — Era para ser um grito, no entanto, saiu somente um lamento. — Você disse que nunca me machucaria, e hoje fez isso. A partir de agora, não quero vê-lo nunca mais na minha vida.

Ouvi vozes me chamando. Ignorei, me virando e saindo correndo, pois não queria ficar na sua presença, dando-lhe o gostinho de me ver despedaçada. O pior era que eu sabia que isso aconteceria, algo me dizia no meu íntimo. Por que eu não escutara meu pressentimento antes de chegar àquele momento? Antes de ter meu coração despedaçado?

Não olhei para trás ao arrancar o carro. Não desejava enxergar nenhum deles, principalmente Nasx, depois do que eu tinha visto.

Por que eles se importavam com meu estado? Não pareceram se incomodar de se reunirem para ajudar Nasx a me mostrar o que eu significava para ele. Eu só não entendia por quê. Não havia razão para fazerem aquilo! Não precisava daquela palhaçada, era só me dizer que não sentia o mesmo quando eu me declarara mais cedo. Eu teria me afastado dele, não tocaria mais no assunto. Mesmo que não fosse fácil, faria isso e manteria distância.

Não pensava que ele fosse tão egoísta, que fosse ruim comigo depois de tudo passamos juntos.

— Bastardo de coração frio... — xinguei baixinho. — Por que, Jonathan?

Meu telefone tocava sem parar, então o deixei no silencioso. Não podia desligá-lo; caso Noah precisasse de mim, eu estaria a postos para ajudá-lo.

Assim que me recuperasse daquele golpe, pretendia me esforçar para encontrar Bruna e, após resolver as coisas, iria embora daquela cidade com meu irmão, só nós dois, esquecendo da existência de Nasx.

Não soube quanto tempo se passou comigo dirigindo. Parei o carro porque chovia muito e meu rosto estava banhado em lágrimas, o que poderia causar um acidente e machucar alguém, e eu não queria isso. Ninguém tinha culpa pelo que eu estava passando.

Deixei o carro em frente à boate pertencente à máfia italiana, onde eu viera procurar serviço algum tempo antes. Não entrei, apenas liguei para a única pessoa que conseguiria me ajudar naquele momento, já que eu ou tinha de estar sob os olhos de Nasx, ou sob os de Luca por causa do que Bruna roubara de Stiles. Na época, eu escolhera Jonathan, o maior erro da minha vida, um que eu não podia mudar.

A partir daquela noite, eu ficaria com Luca. Não tinha outra escolha; se pudesse, partiria de Chicago com o maior prazer, mas não podia, afinal, os mafiosos de Dormas me achariam. Além disso, eu tinha jurado aos MCs que não fugiria, e eu cumpria as minhas promessas. Se eu corresse, acarretaria problemas para eles com Luca, e, apesar de tudo, eu não queria que nada de mal lhes acontecesse.

— Alô? — Sua voz soou estranha do outro lado da linha, provavelmente por meu número ser desconhecido por ele.

Conseguira o telefone de Luca alguns dias antes, pois estava pensando em ligar para ele e falar do dinheiro que a menina desconhecida dera ao Noah; talvez o mafioso soubesse a quem pertencia. O dinheiro continuava intacto no armário do meu irmão.

— Luca, pode me ajudar? — Minha voz falhou devido ao choro.

— Tracy? — Soou confuso.

— Estou do lado de fora da sua boate — falei, limpando as lágrimas que escorriam pelo

rosto.

— O que houve? — indagou em tom urgente. — Aconteceu alguma coisa? Já estou descendo.

— Só preciso ficar aqui com você.

Ele permaneceu em silêncio uns segundos; suspirando, respondeu:

— Espere, já estou indo.

Desliguei o telefone, coloquei-o em uma sacolinha que encontrei dentro do carro para não se molhar e saí do veículo. A chuva me atingiu com força até alcançar a marquise, fiquei parecendo um gato ensopado. Esperava que aquele cara me ajudasse, porque eu não queria voltar para a casa de Nasx naquela noite. Dei graças aos céus que Noah não estivesse ali; eu não teria como lhe explicar meu estado sem que ele tentasse matar o motoqueiro.

— Oh, merda, Tracy, o que houve com você, garota? — ouvi Luca praguejar.

Olhei para ele, parado perto de uma porta ao lado da boate. Não reparei ao redor, mal via o ambiente por causa das lágrimas. O estabelecimento aparentava estar vazio. Não devia ser hora de expediente ainda, era muito cedo.

— Posso ficar com você? — sussurrei, encolhida de dor e tristeza. — Não sei para onde ir.

Suspirou.

— Cadê o Nasx?

— Não sei e não quero saber. — Coloquei a mão no peito para tentar aliviar a dor. Era impossível, ela estava lá e sempre estaria.

— Vamos entrar, ou você pode pegar um resfriado. — Apontou para frente, indicando-me o caminho. Tropecei por causa de minhas sandálias molhadas e quase caí, mas ele me segurou. — Cuidado, menina — falou; eu mal o ouvi.

Não sabia o que aconteceria dali por diante e amaldiçoei Bruna. Se não fosse por ela, eu não teria me apaixonado por Nasx. Antes de o conhecer, só gostava dele, de sua aparência física quando ia ao restaurante, então logo o esqueceria; depois de nossa aproximação, eu não achava que poderia tirá-lo da minha maldita mente.

Não respondi ao Luca, só o acompanhei até o elevador, e seguimos para o último andar da boate. Logo as portas se abriram, e estávamos em um imenso apartamento com uma sala grande com dois sofás, um em forma de L e o outro com três lugares, uma mesa de centro e vários quadros de pintores famosos. Não reparei mais ao redor, minha cabeça estava nebulosa.

— Vá ao banheiro, precisa tirar essas roupas molhadas. Depois conversamos sobre o que houve — ele me disse.

Assenti sem responder e passei por um imenso quarto, bonito e elegante, mas não me fixei em detalhes. Minha cabeça parecia estar em uma espécie de limbo.

Luca entrou no banheiro atrás de mim e apontou para uma calça de moletom pendurada em um gancho na parede.

— Tire suas roupas e vista isso. Ele está limpo. Vou pegar uma camisa para você.

Luca saiu, fechando a porta. Tirei minhas roupas molhadas e me sequei com uma toalha que encontrei ali. Vesti a calça, puxando o cordão, porque ficou bem folgada. O ruim era ficar sem calcinha, mas eu não podia reclamar, Luca já me ajudara muito.

Coloquei as mãos na parede e apoiei a testa no piso frio, fechando os olhos em uma tentativa de esquecer tudo; impossível.

Idiota! Como eu pudera me iludir pensando que Jonathan ia querer ficar comigo? Devia ter sido mais esperta, porque, vendo sem lentes cor-de-rosa, não tinha a mais remota chance de Nasx me querer. Eu estava destroçada por ter sido tão ingênua.

Se ele pretendia ficar com outras mulheres, por que me enganara? Eu o deixara me tocar em lugares que nunca tinham sido tocados e me sentira viva, mas, no final, ele não estava só comigo, quando jurara que não encostaria em outra além de mim.

Canalha filho da puta!

Por que tinha agido assim se me deixaria por uma qualquer? Eu não devia ter confiado nele; era um maldito *bad boy* motoqueiro que só fodia. Certamente não quisera me esperar até eu estar pronta para lhe dizer a verdade sobre mim e entregar minha virgindade a ele. Se Nasx só desejava sexo, devia ter sido sincero!

— Porra! — ouvi Luca xingar atrás de mim.

Eu ainda estava com as mãos apoiadas na parede e as costas nuas voltadas para a porta do banheiro, mal respirando devido à dor que sentia.

Virei-me meio ofegante e o vi à porta com a camiseta na mão, seus olhos estreitos e enfurecidos.

Não deu tempo de abrir a boca pelo susto causado por sua entrada inesperada. Ele rugiu:

— Quem diabos fez isso com você?

Expirei, tampando os seios com um braço e pegando a camiseta com a outra mão.

— Vire-se, por favor — foi só o que consegui dizer com o pouco fôlego que eu tinha.

O medo de que ele reagisse como todos que já tinham visto minhas cicatrizes me consumia – como mamãe, que me olhara com pena e nojo, os homens que sabiam delas tinham repulsa. Por que um mafioso não iria se sentir enojado também?

Luca não disse nada. Virou-se para eu terminar de me vestir, ignorando minhas mãos tremendo. Calada, passei por ele, indo na direção do quarto.

— Tracy, me diga o que houve. Esta é a lei para ficar aqui, não gosto de mentiras e omissões. — Seu tom deixava isso bem claro.

Fitei sua expressão dura e implacável.

— Vou responder sobre o motivo de eu ter vindo, mas não acerca do que viu em minhas costas. — Precisei respirar fundo. — Isso não é assunto seu, nem de ninguém.

— Uma porra se não é! — rosnou com os punhos cerrados. — Alguém fez isso em você, conheço cicatrizes quando as vejo. Essas são profundas.

Dei de ombros, indiferente. Não queria me lembrar de nada do que me acontecera naqueles dias sombrios e dolorosos que passara por culpa do meu pai – o homem que deveria me proteger, mas fizera aquilo comigo –, bem como do que eu sofrera depois, com minha mãe e meu padrasto.

— Olha, eu sei disso porque tenho iguais — falou com a voz controlada.

Mais calma, olhei para cima e o encontrei sem camisa. O que me deixou chocada não foi

seu corpo cheio de tatuagens e músculos definidos, com seis pares de gominhos duros no abdômen, e sim as cicatrizes, que não diminuíam sua beleza. Luca era lindo, mas não senti nada de interesse, porque só um homem me importava daquela forma, e eu não achava que o esqueceria tão cedo.

Fui até ele, de pé perto da cama, com minha atenção em suas cicatrizes. Algumas pareciam de facadas, e outras, de tiros. Passei os dedos sobre elas e senti a pele grossa e quente.

Sua respiração acelerou. Retirei a mão e dei a volta, checando suas costas. Eram piores que as da frente, embora escondidas sob uma imensa tatuagem de um dragão colorido cuspindo fogo que tomava a região inteira. Se não se olhasse de perto, as várias linhas e sinais de cortes ficavam imperceptíveis.

— Quem as fez em você? — sussurrei, tocando-as com cuidado. — Dói quando encosto nelas?

As minhas não machucavam quando tocadas. O que ardia, e me impedira de contar tudo ao Nasx, eram as lembranças dominando minha mente. Talvez, se eu lhe tivesse dito a verdade logo, ele não teria procurado outra.

— Não mais — respondeu com a voz dura. — Quem as fez, está morto e no inferno.

— Você o matou?

Não esperava uma resposta. Surpreendi-me ao ouvi-lo dizer em voz baixa e letal:

— Sim, ele era meu pai e teve o que mereceu. É uma pena que não o mandei mais cedo para lá.

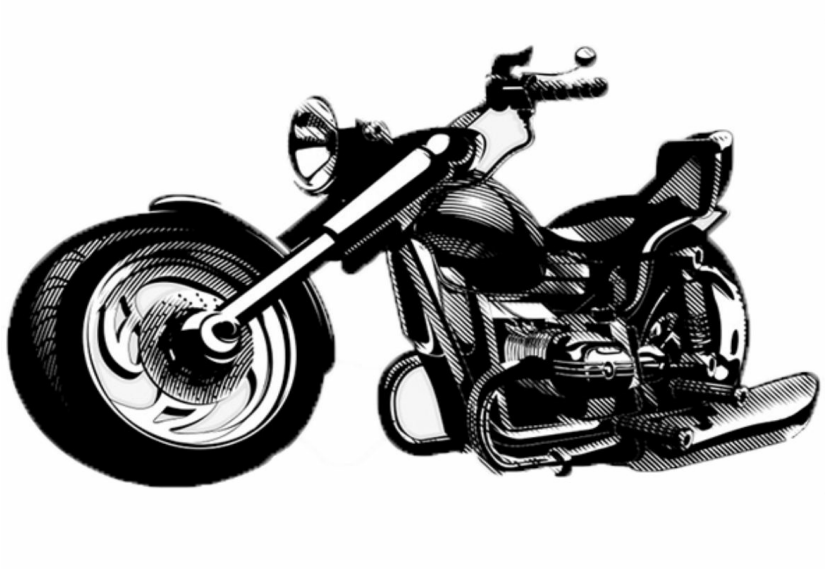
Preferi não aprofundar o assunto, pois nem o conhecia direito.

— As tatuagens que as cobrem são lindas... — sussurrei com os dedos no dragão.

De repente fui virada de costas para a parede, e seu corpo se colou ao meu, fazendo-me arfar.

— O que está fazendo? — perguntei, vendo a sua boca se aproximar dos meus lábios, seus olhos negros e quentes. Tinha algo a mais neles que não consegui ler, era difícil de decifrar. — Por favor, não me beije.

— Por quê? Faria você esquecer tudo o que está na sua cabeça e a razão de ter vindo. Tem certeza que não quer?



Capítulo 21

Nasx

— Porra! — rugi, olhando para o caminho por onde acabara de ver Tracy saindo aos prantos. O pior foi enxergar a traição em seus belos olhos.

A dor dela me imobilizou por um segundo, travando-me no lugar.

Naquele dia eu descobrira que meu pai, o mesmo maldito que deixara minha mãe morrer sozinha enquanto fodia sua amante, iria ao clube, então me reuni com todos os meus irmãos para lhe mostrar o meu verdadeiro eu, que aquele verme tanto odiava. Sabia que ele se candidatara a senador de novo e me queria ao seu lado, como uma família perfeita que nunca tínhamos sido e nunca seríamos.

Mandara Sandy se debruçar sobre a mesa para forjar que eu estava ficando com prostitutas explicitamente. Podia fodê-la de verdade, mas não a queria, não queria nenhuma outra mulher, só Tracy. Escolhera uma localização que dava para a porta da frente, de modo que realmente parecesse que eu a estava fodendo por trás, mas não me escorei nela. Meu pau nem sequer ficou duro.

William Ferrer estava chegando e aquilo iria deixá-lo furioso. Era tudo o que eu almejava, que meu pai me visse e pensasse que eu ainda era um rebelde que fodia todas as putas que passavam por mim. Não havia algo que ele odiasse mais na minha personalidade do que isso.

Tudo mudara com o surgimento de Tracy em minha vida. Ela era a única que eu desejava. Por minha ovelhinha, seria capaz de tudo, até passar meses sem enfiar meu pau em uma boceta, só esperando o momento certo para ela.

Cheguei a ficar com algumas mulheres depois de vê-la pela primeira vez, há quase três meses. Porém, logo passara a não achar justo comer garotas pensando em outra. Na época em

que eu gostava de Samira, não parei de foder meninas aleatórias, pois ela era inalcançável para mim; Tracy, não, por isso cortara o sexo e focara só em minha ovelhinha, em arrumar um jeito de conquistá-la. Foi quando a situação com Stiles surgiu, e tive minha chance de provar aquela belezura.

No entanto, eu estava fodido, porque não fora meu pai que entrara no clube, e sim Tracy. A dor nos olhos lindos dela era evidente. Isso me assombraria para sempre.

— Tracy, por favor, espere! — gritei, correndo para a porta atrás dela.

Ela estava tão linda naquele vestido que emoldurava suas curvas, os cabelos soltos em ondas sobre sua face esculpida. Tracy não gostava muito de se produzir. Ela pensara que eu a tinha chamado para um encontro no clube.

Toda vez que a ovelhinha queria vir ali e eu lhe dizia não, não era por vergonha dela ou dos meus irmãos, mas porque temia que visse um lado meu com que talvez não conseguisse lidar. Não falo de mulheres, porque eu as tinha cortado da minha vida, mas das festas, das fodas explícitas e outras coisas que ela não sabia que aconteciam no clube.

Tracy fora se encontrar comigo por causa de uma mensagem que eu não lhe enviara. Sabia que ela tinha me mandado recados durante todo o dia, contudo, descobrir que meu pai iria ao clube naquela noite bagunçara minha cabeça desde quando Vlad ligara e me contara a novidade. Assim, ao escutar um barulho de carro, já que a música estava baixa, tinha pensado que era ele; me enganei completamente.

Shadow pegou meu braço antes de eu sair.

— Nasx, precisamos resolver isso primeiro.

William seria senador em breve, então eu precisaria tirá-lo da nossa cola. Se Tracy não tivesse aparecido, meu plano teria funcionado: não só o afastaria, mas o faria desistir de mim, com o bônus de irritá-lo. O fracasso era culpa do maldito que enviara a mensagem a ela pedindo para ir ali. Por causa disso, minha garota estava sofrendo, pensando em algo que não existia.

Era meu dever mandar meu pai embora. E eu faria isso, mas sem forjar uma foda com alguma prostituta. Não queria nem chegar perto de outra mulher; a dor que eu vira em Tracy não

valia isso.

Olhei para Logan.

— Pegue meu celular, devo tê-lo esquecido lá em cima, e descubra quem mandou a porcaria de mensagem para Tracy — rosnei com os dentes trincados.

Assentiu.

— E quando descobrir? — Logan perguntou, já subindo a escada.

Ele era do MC de Nova Iorque, entretanto, ficava mais ali do que em sua cidade natal.

— Vou matá-lo, seja quem for — sibilei, indo atrás de Tracy. Parei quando Sandy gritou enfurecida:

— Ela não merece você, Nasx!

Fitei-a sem entender do que estava falando. Achei que tivesse escutado mal.

— O quê?

— Você sempre foi livre, ficávamos juntos direto! Depois que essa garota chegou à sua vida, nem ao clube você vem mais, não toca mais nenhuma de nós! — Eu podia ver a fúria nos olhos dela. — Ela tirou você de mim!

O salão foi tomado pelo silêncio.

Minha raiva cresceu ao auge, percebendo que tinha sido ela que preparara aquela armadilha para Tracy. Lancei-me na sua direção, mas, antes que chegasse a um metro de seu corpo, parei, ou faria uma besteira da qual me arrependeria.

Ela se encolheu, sem sair do lugar, e não hesitou em me encarar.

— Me tirou de você?! Porra, eu nunca fui seu, nem de ninguém! — rugi. — Você é só mais uma puta com quem fiquei, não passava disto, você não é nada!

Eu não gostava de ser cruel com as mulheres que fodia, não importava se fossem prostitutas ou não, mas aquela cadela me fizera ver em vermelho.

— Tracy nem é bonita, suas costas são cheias de cicatrizes! Ouvi uma conversa entre o irmão e ela! — tentou argumentar. — E você gosta de beleza!

Minha expressão se tornou brutal e gelada.

— Aquela mulher que saiu daqui é a mais linda que já vi. Por ela eu esquartejo, estraçalho e até mato qualquer um que a machucar — soava impiedoso —, inclusive você. Não me importa que seja mulher, se ousar falar dela ou ao menos mencioná-la, não vai ver o dia de amanhã. Isso é a porra de uma promessa.

Ela empalideceu.

— Você...

— Tire essa cadela daqui — falei ao Axel, depois me voltei para ela: — A partir de hoje, você não está mais conosco. Se quer ficar com homens, vá para outro lugar.

— Por favor, Nasx... — implorou, tentando pegar meu braço, ao que me esquivei.

— Não ouse me tocar. — Virei-me para Shadow. — Cuide disso, vou procurar Tracy.

— Primeiro você precisa enfrentar o que está por vir — Shadow me disse. — Não se preocupe, Daemon foi atrás dela.

Shadow pousou seus olhos letais na cadela à nossa frente.

— Está fora, Sandy. — Apontou para os irmãos. — Nós somos uma família, não discriminamos ninguém por cor, raça, gênero ou qualquer coisa, assim como não discriminamos uma prostituta que escolhe essa vida. Mas não há perdão para o que fez.

— Não? E quanto à Lisa? Vocês a expulsaram porque ela se apaixonou por você! — retrucou.

Ergui as sobrancelhas para ela. *Essa vadia acha que pode discutir com Shadow? Merda, estou tão furioso que minha vontade é de acabar com ela agora. Por sua culpa, Tracy está sofrendo, e eu não posso ir atrás dela ainda.*

— Lisa era uma cadela, tal qual você, que não pensa nos sentimentos dos outros, só nos seus benefícios. Agora saia por bem ou por mal — sibilou —, antes que eu chute sua bunda daqui.

— Uma bunda que todos vocês gostavam de comer! — Sinalizou para os meus irmãos.

Como alguém se rebaixa assim?, pensei, enojado por ter ficado com uma pessoa como ela algum dia.

— Deve ser por isso que ninguém quis vocês duas — Evelyn disse, entrando na sala. — Tão usadas como pano de chão, com buracos mais profundos que crateras.

Quando eu informara o que ia fazer ali, as mulheres não foram incluídas no plano. Shadow trouxera Evelyn para não a deixar sozinha, pois sua gravidez estava sendo meio problemática, e o médico recomendara repouso. Em tese, ela ficaria no andar de cima e não desceria, nem se imiscuiria nos nossos negócios, mas ela era uma força da natureza, fazia o que bem queria.

O que Evelyn falou deixou Sandy tão furiosa que sua pele branca se tornou vermelha.

Eu poderia ter rido disso se meu peito não estivesse ardendo devido à dor de Tracy.

— Cuide de Tracy, que eu vou me divertir com essa cadela. — Evelyn sorriu.

— Você também é uma putinha — rosnou Sandy, indo para cima dela. Shadow entrou na frente, protegendo sua mulher.

— Você não vai tocá-la! — A vadia deu um passo atrás. — Axel, tire-a daqui. Se ela não quiser ir, você pode fazer o que quiser.

Axel cobrira Noah no acampamento naquele dia e deixara Tripper e Max tomando conta dele, além de alguém de confiança de Luca. Eu não sabia a razão do mafioso para fazer isso; esperava que não quisesse nada em troca.

Axel sorriu de modo doentio.

— Estou indo embora — Sandy disse, pálida ao ver o sorriso cruel de Axel.

Sacudi a cabeça. Não podia ficar ali vendo aquela merda, queria estar com Tracy. Se William não chegasse logo, eu iria embora sem colocar o plano em ação.

Esperei mais algum tempo. Diante da demora, saí do clube, e antes de chegar à minha moto, vi uma limusine preta estacionar. Sabia quem estava ali. Já fazia seis anos que não o via; não sentia a mais remota falta.

Logo depois Vlad estacionou sua Ferrari perto da limusine e se postou ao meu lado, sem tirar os olhos do carro de vidros escuros.

Meus irmãos também estavam perto de mim. Era assim que eu considerava os MCs: tanto quanto Vlad, eram minha família, ao contrário do homem que acabara de sair do automóvel e

mirava seus dois filhos.

— Chegou atrasado — cochichei ao Vlad.

Ele encolheu os ombros.

— Estão prontos para isso, vocês dois? — sondou Shadow.

— Sim... — comecei, e Vlad completou:

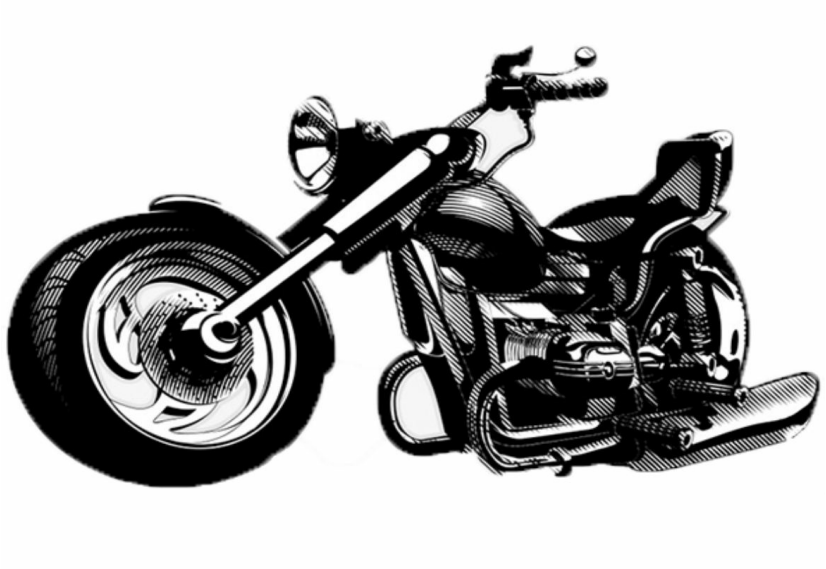
— Estamos.

Eu estava mesmo pronto, não sentia nada por meu genitor além de raiva.

— Ótimo, vamos acabar com esta merda — falou Vlad num tom duro.

Ele também não gostava do nosso pai, repudiava-o como eu por não ter ficado com minha mãe quando ela mais precisara.

Sim, vamos acabar com isto, porque preciso ir atrás da minha garota.



Capítulo 22

Nasx

William era loiro como eu e meu irmão, mas boa parte de seus cabelos estavam grisalhos. Mesmo assim, achava-se novo, já que tinha uma mulher da minha idade, metade da dele.

Vestia um terno escuro e mantinha o rosto duro, sem emoção nenhuma. Para aquele homem só existiam dinheiro e poder, mais nada era importante.

Seus olhos esquadrinharam meus irmãos do clube, depois a Vlad e a mim com desdém.

— Está diferente. — Esse foi seu cumprimento, nem um pouco educado, com a voz cheia de repulsa.

Na última vez que ele me vira, eu não tinha um cabelo tão longo como atualmente, muito menos esta quantidade de tatuagens, nem mesmo os brincos na orelha direita. Eu já usava um visual assim na época, embora bem mais *light*. Meu pai odiava isso, detestava pessoas como eu e meus irmãos do clube, nos considerava vândalos, isso para não dizer nomes piores.

Achei que William tivesse vindo ali por querer levar a mim e meu irmão consigo a fim de tentar nos convencer a ficar ao seu lado nas eleições, mas estava errado. Se não era para aquilo, por que nos procurara? Com certeza havia um motivo.

— Não posso dizer o mesmo de você. — Espelhei o tom usado.

— Você também está seguindo o exemplo do seu irmão rebelde? — a pergunta foi para Vlad, que estava como pedra ao meu lado.

Ele era mais velho que eu quase dois anos, faria vinte e oito em três meses.

— Não preciso imitar ninguém, sou do jeito que sou e não dou a mínima para o que pensa de mim — respondeu com frieza.

— Vocês dois caíram na perdição, até se tornaram parte de uma gangue. — Sacudiu a

cabeça com raiva, apontando para os MCs ao nosso redor.

— Não somos nenhuma gangue, e sim uma família. Você desconhece o que é isso, não é? — cuspi as palavras com os dentes trincados. — O que faz aqui? Tenho mais o que fazer a olhar para sua cara.

Seus olhos, claros como os nossos, estreitaram-se com a dureza na minha voz.

— Sou o pai de vocês; devia ao menos me respeitar.

Ri com ceticismo.

— Essa é a piada mais absurda que já ouvi na minha vida. — Fechei a cara.

— Você nunca foi um pai, não sabe o significado disso, então deixe de besteira. Diga logo o que quer. — Vlad deu um passo até ele, mas parou quando segurei seu braço.

Estávamos a uns metros de William, que se encontrava perto do seu carro. Havia dois homens armados ao lado dele, seguranças, com certeza.

Axel estava no lado esquerdo, mais perto da limusine, esperando o momento para atacar. Focava a atenção nos seguranças e em meu pai.

William estalou os dedos, e um dos caras dele foi até a porta de trás do carro, abriu-a e pegou o braço de alguém lá dentro.

Ouvi um grande ruído de medo saindo de alguém. Reconheci-o na mesma hora, já o escutara antes quando ela tinha pesadelos. Hadassa. Não podia ser!

Há sete anos, a casa da família de Hadassa fora assaltada enquanto todos estavam lá – ela, seus pais e os dois irmãos, Seth e Miles. Ocorreu um verdadeiro massacre, e só ela sobreviveu. Ficou quase duas semanas respirando por aparelhos. Ao acordar e saber do que tinha acontecido, seus gritos de desespero e dor foram ouvidos por quase meia hora pelos corredores da ala do hospital em que estava internada. Depois disso, todos queriam saber a sua história, e, a cada vez que ela era obrigada a falar sobre a tragédia, eu percebia que ela ficava um pouco mais destruída. Até que se fechou e não conversou com mais ninguém, com exceção de mim, Vlad e sua avó por parte de mãe, a senhora Carlie, com quem passou a morar em Savannah, após se recuperar dos traumas físicos.

Não deu tempo de correr até ela: Axel foi mais rápido, jogando o homem longe. Ele caiu igual à fruta madura.

— Não tocamos em mulheres, nós a respeitamos! — Chutou a barriga do cara que estava no chão e deu seu sorriso de hiena ao meu pai. — Isso vale para você também.

— Ela é minha sobrinha — tentou argumentar, o que me deu mais raiva.

— Isso não lhe dá o direito de tocá-la! — grunhi. — Agora diga logo por que está aqui, antes que eu esculpa um sorriso em seu rosto com minha faca.

William engoliu em seco com a ameaça e se virou para mim, exasperado.

— Não posso ficar com Hadassa, a avó dela morreu há dois meses...

Arfei.

— Morreu? Como não fui notificado sobre isso? — Se eu soubesse que a senhora Carlie tinha partido, teria ido buscar minha prima para que ela não fosse jogada na cova dos leões.

— Por que deveria? Vocês foram embora, não querendo mais fazer parte da família. — Sua atenção se voltou para a porta do veículo, ainda aberta. — Saia daí agora, não tenho tempo para seus chiliques!

Axel o fuzilou, fazendo William dar um passo atrás. Qualquer pessoa normal correria daquele olhar. Em seguida, o motoqueiro se virou para a limusine. A expressão de antes sumiu, dando espaço para uma que eu jamais vira em seu rosto. Parecia quase sereno.

— Pode sair agora, nenhum desses idiotas vai tocar em você — disse à minha prima.

Olhei para Shadow, que também estava confuso, e não éramos os únicos. Axel nunca se importara com ninguém além de sua irmã, sua sobrinha e sua mãe.

Dei um passo até ela, porque talvez não quisesse ficar perto de estranhos. Hadassa sempre se encolhia ante eles, depois de tudo por que passara. Mas não esperou eu ou Vlad chegarmos ao automóvel: pousou os pés, calçando sapatilhas prata, no chão.

Ao se colocar de pé, fez vários irmãos ofegarem. Eu sabia o que causara suas expressões chocadas. Hadassa era linda: pele branca, cabelos escuros ondulados até o quadril, olhos azuis-turquesa, lábios grossos e vermelhos mesmo sem batom. Nós a apelidáramos de Neve quando

crianças.

— Uau! — soltou Logan, chocado, entregando-me meu celular sem dizer nada, e não era o único atônito. — Essa é a sua prima?

— Sei que ela é linda, sempre foi. Tive que bater em vários meninos para que ficassem longe. — Suspirei. — Mas há muito mais além disso.

Hadassa varreu seus olhos por cada um dos meus irmãos, avaliando se confiava neles ou não. Após, checou Vlad dos pés à cabeça. Assim, igualmente, fez comigo. Ela estava diferente da última vez em que havíamos nos visto. Eu também estava. Já meu irmão continuava o mesmo, com seu terno caro usual.

Ela sorriu de modo doce e brilhante como o sol, então escreveu no bloco de notas que estava em sua mão e o mostrou a mim e Vlad:

“Vocês estão lindos”.

— Ela é... — Logan não conseguiu terminar de falar; eu sabia o que ia perguntar.

Hadassa não era muda, porém, depois que seus pais morreram, ela não falara com mais ninguém exceto comigo, Vlad e sua avó. Não queria que todos fizessem perguntas sobre a noite em que ela perdera sua família. Eu não a culpava ou acusava; quando estivesse pronta para falar com todos, ela o faria.

— Não, só aconteceram algumas coisas ruins na sua vida, então se fechou. — Sorri para ela. — Você também está linda, pequena Neve.

Ela olhou para mim, em seguida para Axel, corando e abaixando a cabeça. Senti que havia alguma coisa errada ali, não apenas por sua timidez. Era como se eles se conhecessem de algum lugar.

Eu devia estar vendo coisas. Ou não: Hadassa morava com a avó em Savannah, cidade onde a mãe de Axel vivia. Ele fora para lá alguns meses antes, mas o lugar era grande, não teria como eles se encontrarem...

— Por isso não quero essa lesada comigo — rosnou William para Hadassa. — Por que não conversa direito como todas as pessoas em vez de escrever nessa porcaria? — Apontou para o

bloco nas mãos dela. — Seus pais morreram há anos, já era para ter superado.

Minha prima empalideceu e se encolheu, como se o desgraçado tivesse batido nela. Talvez um tapa doeria menos do que as palavras cruéis vindas daquele filho da puta, seu próprio tio.

Ele deu um passo em sua direção, na intenção de pegar o bloco e o jogar fora. Não seria a primeira vez, eu já vira isso acontecer antes. Naquele dia, por pouco eu não quebrara seus dedos.

Axel entrou na frente e meneou a cabeça de lado, dando seu sorriso sinistro a meu pai.

Os seguranças começaram a erguer suas armas.

— Nem sonhem com isso. Vocês estarão mortos antes que percebam. — Sua voz era letal. Voltou-se para William. — Você eu vou adorar estripar, banhando o chão com seu sangue imundo.

Meu pai perdeu a cor. William devia temer mesmo, porque Axel não brincava; quando dizia que faria algo, ele fazia, não importava se fosse sensato ou não. Bem, eu não ligava se William morresse, menos um lixo poluindo o planeta.

Axel aproximou os punhos de William, decidido a matá-lo. Hadassa correu até ele para impedi-lo, passando os braços ao seu redor, de modo a mantê-lo no lugar. Uma atitude inteligente, pois o assassinato de um candidato a senador no clube causaria o maior alvoroço.

— Porra! — rosnou Vlad.

Axel fitou o monte de cabelos negros no seu peito, um tanto chocado e confuso. Ela era baixinha, o topo da cabeça mal alcançava os ombros do cara. Ele virou o rosto para mim, como se me pedisse uma explicação para o que acabara de acontecer.

Hadassa era assim. Quando eu ia bater em alguém para defendê-la de insultos, ela me abraçava, dificultando que eu espancasse a pessoa, porque se eu começava, não queria parar. Eu odiava preconceitos. Se minha prima não queria conversar com ninguém, que assim fosse. A boca era dela, a voz era dela.

Fiquei de frente para o homem que uma vez chamara de pai.

— Você a trouxe para meu irmão e eu só porque ela não gosta de conversar? — Queria matá-lo, mas me controlei.

— Que tipo de ser humano é? — desdenhou Vlad, vindo até o meu lado.

— Ela é um estorvo! Sabe falar, porque a vi conversando com vocês, e se finge de muda só para me provocar. Você e seu irmão são uma decepção para mim! — O veneno estava em sua voz. Deslizou o olhar peçonhento por minha aparência. — Veja o que se tornaram! Um virou um delinquente, e o outro um sádico.

Vlad arqueou as sobrancelhas.

— Não sou sádico só porque tenho um clube de BDSM — destacou com frieza. — Se fosse, teria a quem puxar, não é, *papai*?

Sua expressão se tornou dura como aço.

— Quanto a mim, me tornei alguém diferente de você, que só pensa em poder e dinheiro, como a vadia da sua amante. Cada um dos meus irmãos daria a vida por mim, da mesma forma que eu faria por eles. — Eu ficava cada vez mais furioso; queria que tudo aquilo acabasse para ir atrás da minha garota.

— Demonstre respeito quando falar da sua madrasta! — Seus olhos ferveram de ódio.

Ri, zombeteiro.

— Vocês dois são iguais. Garanto que foi ela que mandou você trazer Hadassa aqui, porque, se a levasse a uma clínica psiquiátrica para tratar seus traumas, estragaria a sua maldita candidatura. — Expirei para me controlar. — Devia ter lhe dado amor e carinho, assim minha prima superaria seus problemas, mas você não liga para isso, muito menos para seus filhos.

— Você não tem coração. O que bate em seu peito é uma pedra. — Vlad suspirou.

— E vocês são uns ingratos! Dei tudo aos dois, e é isso que recebo de volta?!

— Ao contrário: não me deu nada, tirou minha mãe de mim, maltratando-a até que ficasse mal, e, quando ela adoeceu, você não estava lá! — gritei.

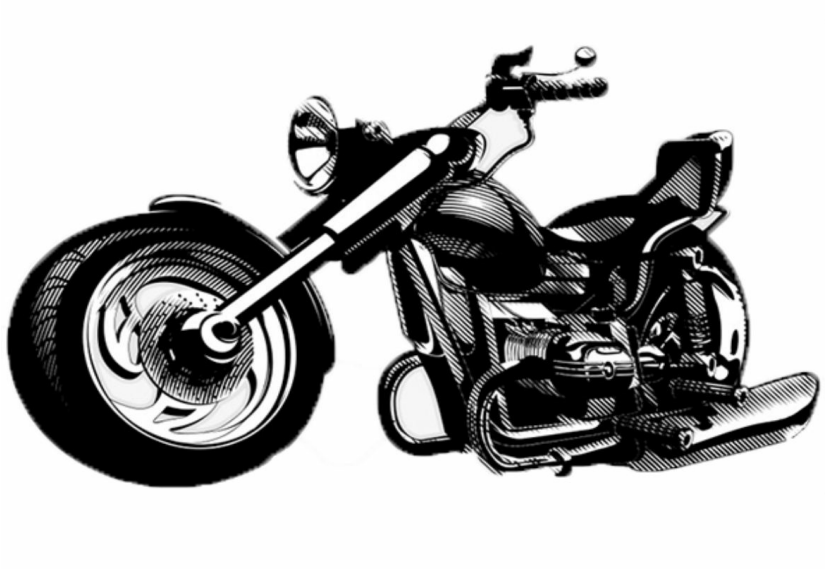
— Ela está morta! — berrou de volta.

— Por sua culpa! — rugi, lançando-me contra ele e o fazendo dar passos para trás. — Se você só veio aqui trazer Hadassa, pode ir embora. Garanto que a trataremos com amor e carinho, que ela não será julgada por não querer falar. Quando chegar a hora, ela fará isso por conta

própria. Agora suma daqui, porra!

Eu estava tão puto que via tudo em vermelho. Primeiro, com Sandy por armar aquela merda para Tracy e falar de suas cicatrizes na frente de todo mundo. Era por isso que minha garota não gostava de ser tocada lá. Como se eu ligasse... Também estava grilado com meu pai, outro preconceituoso. Eu o faria perder as eleições, pois ele não servia para estar no Congresso e atuar em prol de Illinois. Ele não servia para nada!

Um dos seguranças de William tirou a bolsa de Hadassa do carro e a colocou na calçada. Depois disso, sem mais um olhar em nossa direção, aquele que se dizia meu pai foi embora com seus lacaios.



Capítulo 23

Nasx

Olhei para Hadassa, que ainda abraçava Axel.

— Querida, ele já foi embora — falei, tocando seu braço.

Ela levantou a cabeça do peito dele e sorriu para Axel. Vi-o engolir em seco. Seu corpo estava rígido como pedra. Acho que ela não notou isso, porque ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha, afastando-se e escrevendo no bloquinho:

“Obrigada por me defender”.

Ele assentiu sem falar nada e virou as costas, entrando no clube.

Hadassa parou de sorrir, olhando confusa para suas costas desaparecendo no estabelecimento.

— Você não fez nada, querida, Axel é estranho mesmo — respondi a uma pergunta que vi em seus olhos. — Vamos entrar...

A chuva começou a cair, forte. Todos adentramos o clube.

Evelyn, Mary, Emília e Isabelle estavam sentadas no sofá. As três últimas deviam ter vindo pelos fundos, porque eu não as vira passar; se bem que, naquela noite, com tanto que acontecera, minha percepção das coisas não estava normal.

— Preciso de uma bebida forte — falou Vlad, indo para o bar, onde Axel, sentado, tomava uísque.

Eu também queria uma dose, mas primeiro precisava localizar Tracy e lhe dizer a verdade, esperando que me perdoasse.

As meninas se levantaram e observaram Hadassa ao meu lado.

— Oi, essa é minha prima, Hadassa — apresentei-a, e as garotas também o fizeram,

falando cada uma o seu nome.

— Seja bem-vinda — disse Emília.

— Quero que fique com as meninas, preciso ir à minha casa conversar com Tracy — pedi à minha prima.

Ela escreveu no bloco de papel:

“Tracy?”.

— Minha namorada, a mulher que amo. — *Eu a amo*, pensei. Tinha certeza de que a amava já havia algum tempo e queria ter revelado isso quando ela me disse que estava apaixonada, mas preferi guardar a confissão para aquela noite, após a ovelhinha me contar seu segredo.

Hadassa sorriu, brilhante como o sol. Eu não imaginava como sentia falta disso.

— Você pode dormir na casa de Isabelle hoje. Amanhã passo lá e a pego. — Não sabia como ia se desenrolar a conversa com minha garota; esperava que bem.

“Não posso ficar com ele?”, escreveu e apontou na direção do bar.

— Quer ficar com Vlad? — sondei.

Ela sacudiu a cabeça e indicou o outro cara que estava com uma bebida na mão.

— Axel? Por quê?

Hadassa sorriu:

“Ele me salvou um dia e hoje me protegeu do meu tio”.

— Salvou? Onde e quando? — perguntei.

“Estava me afogando no rio, e vovó não viu, então ele entrou na água e me tirou de lá, depois me deu isso”, anotou, pegando no pescoço uma corrente de prata.

Os dois realmente se conheciam? Por isso o choque nos olhos dele ao vê-la no carro.

Não chequei a história mais a fundo porque Daemon entrou todo molhado no salão do clube.

— Daemon? Tracy está em casa?

Ele piscou curioso ao ver Hadassa.

— Quem é? — questionou, virando a cabeça para baixo quando Emma puxou sua calça.

— Papai está todo molhado — falou a menininha.

Ele sorriu.

— Sim, minha princesa, papai está molhado. — Ele a olhava com muito amor; considerava-se pai da filha de Emília. — Que tal pegar uma toalha para mim?

— Sim! — Ela saiu apressada para a escada.

— Sem correr, Emma! — ele gritou.

Ela parou no meio da escada e colocou a mãozinha na cabeça, batendo continência, quase enfiando os dedos nos olhos.

— Sim, senhor. — Sorriu com seus dentinhos brancos.

Ele riu.

— Quem lhe ensinou isso?

— Tio Axel — falou e voltou a subir as escadas.

Todos olharam para ele, que só deu de ombros. Eu achava que tinha mais nele do que deixava transparecer.

Emília riu.

— Vou lá ajudá-la — disse, voltando-se para Hadassa. — Quer vir conosco?

Hadassa ia escrever algo no bloco de notas, mas coloquei minhas mãos sobre as dela. Seus olhos pousaram em mim, confusos.

— Não precisa escrever mais se não quiser, ninguém aqui vai perguntar nada do que houve com você, nenhum deles tocará no assunto, então pode falar conosco, com eles. Agora todos aqui serão sua família. — Eu só queria que ela soubesse que podia confiar neles assim como fazia comigo e Vlad.

Hadassa olhou para cada um, avaliando-os, e assentiu. Todavia, em vez de falar, escreveu:

“Obrigada por me aceitarem com vocês. Não parei de falar por trauma, como todos pensam, mas porque eles querem que eu responda o que não posso. Aqueles médicos queriam...”.

Ela parou e sacudiu a cabeça, os olhos vazios.

— Não vamos lhe perguntar nada ou obrigá-la a fazer o que não deseja — jurei. — Se alguém lhe olhar torto, me diga, que acabo com ele.

“Fico feliz por estar com você, embora não me considere pronta para conversar com todos. Vamos esperar e ver”.

Veio até mim, beijou minha bochecha e foi com as meninas para o andar de cima.

Entendia seu ponto de vista e suas escolhas, e jamais a forçaria a nada. Acreditava que em pouco tempo ela estaria falando com todos os meus irmãos e as suas mulheres. Ali ela se sentiria amada.

Quando só os homens restavam no salão, virei-me para Daemon, esperando a resposta que ele não dera sobre Tracy.

— Ela não está na sua casa — me disse.

Meu coração deu um maldito solavanco com medo de que ela tivesse ido embora. No entanto, ela nunca deixaria o seu irmão.

— O quê? Não está lá? — quase gritei. — Onde então?

— Na boate de Luca, onde ele mora — disse Vlad. — Ele me ligou quando eu estava vindo para cá.

— Por que ela iria para lá? — pisquei chocado, falando comigo mesmo.

— Não sei. — Sacudiu a cabeça.

— Preciso ir até ela. — Dei um passo para sair, depois olhei para a escada.

— Vamos tomar conta dela — prometeu Shadow, lendo minha expressão. — Podemos ficar aqui com ela ou levá-la para a casa de um de nós.

— Hadassa tem pesadelos à noite, e, se não estiver com quem confia, as coisas podem ficar bem intensas. — Dei um suspiro duro. — Por isso William não a queria.

— Qualquer coisa, chamamos você ou Vlad — disse Shadow.

— Tenho uma reunião com Miguel em meia hora — replicou Vlad. — Não posso cancelar. Venho para cá depois que acabar, só não sei dizer a hora.

Olhei para Axel, que estava nos observando.

— Já sei o que vai pedir, e a resposta é não — falou antes que eu abrisse a boca.

— Ela confia em você, Axel. — Eu não sabia bem o que sentia em relação a isso. Minha cabeça estava em descobrir por que Tracy procurara Luca.

— Essa merda é fodida... — Axel passou as mãos no rosto em um gesto frustrado. — Eu não podia deixar a garota morrer, só a tirei do rio. Não sou um maldito herói.

— Fique por perto até Vlad chegar da reunião. Amanhã a levo para minha casa.

— Pode ir, cuidarei dela aqui no clube. — Suspirou, irritado.

— Valeu, lhe devo uma. — Dirigi-me a Shadow: — Peça para as prostitutas irem para as boates; não quero que Hadassa veja nada.

— Certo.

Meu telefone tocou.

— Alô? — Atendi sem ver quem era.

— Por favor, não me beije — ouvi Tracy suplicar.

— O quê? — Estava confuso sobre o que ela falava, então escutei a voz de Luca:

— Por quê? Faria você esquecer tudo o que está na sua cabeça e a razão de ter vindo. Tem certeza que não quer?

Olhei para a tela do celular: era o número dele; coloquei de volta ao ouvido.

— Luca, se a tocar...

— Não posso usar uma pessoa para esquecer outra, jamais faria isso. — Ela parecia estar chorando. — Eu amo Jonathan, só me importo com ele... Por que não fui suficiente?

— Nasx é um idiota — disse Luca.

— Mas foi bom; talvez, se ele visse minhas cicatrizes, não ficaria comigo. — Sua voz estava quebrada, e isso cortou meu peito. — Que homem sentiria desejo por mim?

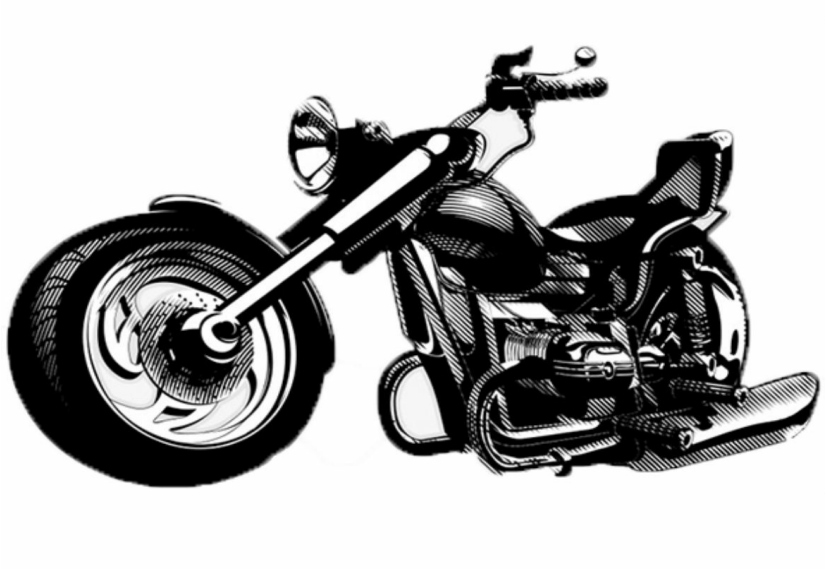
— Eu as vi quando você estava no banheiro e senti. Seus seios são lindos — comentou num tom baixo e rouco, com um maldito tesão. — Quero beijá-la.

De repente a linha ficou muda, e eu, cego. Aquele bastardo ligara para mim só para eu ouvir tudo. E pior, ele viu os seios dela; talvez a tivesse enxergado inteiramente nua, porque

mencionou suas costas, algo que eu nunca vi.

— Nasx — chamou Shadow. Eu saía do clube pisando duro. — O que diabos está acontecendo?

— Vou matar Luca — respondi, correndo para o carro de Vlad, pois ainda chuviscava.



Capítulo 24

Nasx

Era para eu vir sozinho, mas Shadow não queria que eu fizesse besteira, então resolveu enviar Kill comigo. Entretanto, Vlad veio no lugar, apesar de ter uma reunião que não podia desmarcar. Acreditei que não queria que eu me encrencasse matando aquele maldito mafioso de merda. Se ele tivesse colocado suas patas imundas em Tracy, eu o mandaria para o inferno, e que se danasse a guerra iminente. Não dava a mínima para o fato de que o desgraçado era primo do *capo*.

Ele fizera aquela ligação para me provocar e jogar na minha cara que estava cantando minha mulher? Ou fora para eu saber o quanto ela sofria?

Porra! Meu estômago se revirava ao pensar na dor que eu ouvira na voz de Tracy. Como ela podia imaginar que eu não iria querer ficar com ela após ver suas costas? Fosse o que fosse que houvesse lá ou em qualquer lugar de seu corpo, eu aceitaria, porque a amava.

— Merda! — Bati a mão no volante.

— Se controle, Jonathan! Luca não a tocaria mesmo se ela quisesse — Vlad me disse.

A chuva me impedia de ir mais rápido, ainda assim, cruzei alguns limites de velocidade.

— Vá com calma, não quero morrer em um acidente de trânsito, nem que aconteça algo a você — rosnou Vlad. — Foi idiota armar aquela cena, acabou magoando sua garota.

— Não era para Tracy ver — murmurei. — E não toco ninguém já há algum tempo. Só ela me interessa.

Parei o carro na frente da boate de Luca. Ele morava na cobertura do clube Square. Desci e corri até uma marquise que me protegeu da chuva, embora eu não me importasse com isso.

Toquei a maldita campainha várias vezes e olhei para uma câmera na entrada.

— Vou matar você, filho da puta — rosnei, porque sabia que ele ouviria.

Sua voz surgiu no interfone:

— Eu que deveria dizer isso, mas acho que deve ter uma explicação boa. — Ouvi a tranca da porta abrir. Entrei e fui até o elevador.

Vlad me seguiu.

— Não precisa subir — falei.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— E deixar você sozinho com ele? — Bufou. — Não posso permitir que faça alguma besteira que venha a ferrar todos nós — disse com um suspiro duro. — E, conforme eu comentei, ele não a tocou.

— Você continua a repetir isso, mas não confio em Luca. — Em Tracy, sim, eu confiava. Ela não o deixaria tocá-la, mesmo que estivesse ferida por minha causa.

— Jonathan, se ele realmente a quisesse, não teria feito você ouvir nada, simplesmente a tomaria e pronto. Além disso, Tracy não é dessas. Ela me disse no píer que só ficaria com quem amasse, e conheço um mentiroso a quilômetros. Sua garota não mentiu quanto a isso.

Sim, ela me amava. Inclusive me dissera isso na manhã daquele dia, em que ia se abrir comigo. Uma pena meu pai estragar tudo junto à puta da Sandy, que eu esperava nunca mais ver.

A porta do elevador se abriu, e eu saí enfurecido à procura de Luca. Mesmo se ele não a tivesse tocado, o bastardo a vira nua. Isso me encolerizava a ponto de querer esmagá-lo.

— Vejo que deu o ar da graça — disse Luca, sentado em um sofá com um copo de uísque na mão.

— Onde ela está?! — rugi. — Se a tocou...

Ele ergueu as sobrancelhas negras.

— O que vai fazer? — provocou.

Sorri.

— Matá-lo, e pode apostar que vou adorar cada segundo disso. — Não pude dar nem mais um passo na sua direção, pois Vlad segurou meu braço.

Luca não se mexeu por um segundo enquanto me avaliava.

— O que você fez para Tracy ficar assim? Aposto que ela viu você com outra pessoa. Ela estava do mesmo jeito que encontrei Evelyn algum tempo atrás, ao enxergar Shadow com a mulher de Daemon e imaginar o que não devia.

Eu me lembrava desse dia, quando Shadow tivera que forjar que matara aquele garoto a pedido do *capo*, e Evelyn não aceitara muito bem, então brigaram. Depois, ao saber a verdade, ela fora à procura dele, mas encontrara Emília e pensara que ele a traíra.

Minha situação era pior, pois eu realmente fingira que estava com aquela vadia, e seria difícil provar a verdade, provar que não houvera traição.

— É complicado, e eu não vou lhe dizer a verdade, só ela merece saber disso. Não dou a mínima para o que você pensa — retruquei.

— Concordo. Tracy acha que você não aceitará o que está nas suas costas. — Meneou a cabeça de lado, avaliando-me. — Mas ela está errada, não?

— E como! Por que você quis que eu ouvisse sua conversa enquanto dava em cima dela? — Trinquei os dentes, querendo socá-lo.

— Você precisava saber o que perderia. — Ele mexia o copo, fazendo o líquido balançar. Apontou para uma porta de madeira. — A mulher que está dormindo naquele quarto teve uma vida de cão.

Meu coração deu um solavanco.

— Tracy contou a você o que aconteceu com ela? — Pensar que confiara nele e não em mim me fazia ferver por dentro; sentia-me doente.

Sacudiu a cabeça.

— Não, ela não me contou; eu vi.

Luca era um bastardo de coração frio e ficara ainda mais implacável após saber que seu pai matara a sua mãe. Não que ele se arrependesse do que fizera ao pai, eu achava que era o contrário: ele se arrependia de não o ter assassinado antes.

— Isso é uma coisa que estou louco para saber. Pelo que ouvi, as cicatrizes dela ficam nas

costas, então você as viu quando ela estava sem roupas. — Fui em sua direção, ao que Vlad apertou meu braço, mantendo-me no lugar.

Luca pousou os olhos no meu irmão, fingindo só agora ter notado sua presença – lógico que o enxergara desde o começo – e sorriu.

— Shadow mandou você para tomar conta dele a fim de que não fizesse besteira? — Parecia quase divertido.

— Não preciso de uma ordem para proteger meu irmão.

Luca olhou para alguém atrás de mim.

— Vejo que não é o único que pensa assim — resmungou. — Quem lhe falou dessa reunião?

Virei-me e dei de cara com Matteo. Ele vestia um terno escuro, nos observando como um falcão com seus olhos negros. Era similar demais a Luca.

— Reunião interessante — apontou o *capo*, não respondendo seu colega mafioso.

Suspirei, porque perdia tempo falando com aqueles caras, quando devia estar conversando com Tracy. Luca tinha dito que ela estava dormindo, o que era muito estranho.

— Como Tracy conseguiu dormir tão cedo assim?

— Dei um calmante a ela...

— Você a drogou? — sibilei.

— *Calmante* — destacou, sem se abalar com minha fúria. — Não a droguei. Ela estava muito nervosa, necessitava relaxar.

— Vou aonde ela está antes que eu acabe matando você. — Virei-me para seguir para o quarto por ele indicado anteriormente.

— Você não vai até ela.

Ri, amargo.

— Não vou? Quem vai me impedir? — Não sabia se ganharia em uma luta corpo a corpo com ele; o cara andava treinando bastante. Felizmente, eu tinha outros meios de vencer.

— Se for preciso, eu vou. — Pôs-se de pé com sua atenção dirigida a mim.

— Ótimo, estou louco para acabar com esta merda e levar minha garota para casa.

— Ninguém vai brigar — avisou Matteo, indo para o lado de Luca. — Agora me diga, o que faz com a mulher de Nasx? Por que ela está aqui?

Luca suspirou e se sentou de novo. Ele não desobedeceria a uma ordem direta do *capo*.

— Como ela não podia ir embora da cidade, nem ficar longe de um de nós dois — gesticulou para mim e ele —, e não queria continuar com Nasx, veio até mim.

Mesmo pensando o pior de mim, ela ainda se preocupava em manter o tratado de paz entre os MCs e a máfia.

— Vou levá-la. — Não era uma pergunta.

— Eu sei — respondeu Luca. — Mas sinto lhe informar que temos um assunto a discutir antes de você ir.

Franzi a testa.

— O que seria, além do fato de que você viu os peitos da minha garota? — rebati.

— Foi sem querer. Tracy estava no banheiro quando fui levar uma camiseta a ela, pois se ensopara da chuva. A chamei, mas ela não pareceu ouvir, então entrei porque achei que tinha acontecido algo, e vi suas costas. Seja quem for que fez aquilo, é doente da cabeça. — Respirou fundo. — Ela não me contou nada sobre o assunto.

Isso era bom. Se ela tivesse se aberto com ele e não comigo, eu certamente surtaria e esfolaria Luca vivo.

— Mas não é sobre isso que preciso falar com você, e sim a respeito da amiga dela.

— Achou Bruna? O que a puta disse em relação ao que fez com Tracy?

— Sim, nós a encontramos — respondeu Matteo, ligando a TV que havia na parede do lado direito e conectando um *pen drive* a ela.

— Ela está viva? Não que eu esteja preocupado, só quero minha garota livre do Dormas. — Se eu não estivesse no restaurante naquele dia, Tracy teria sido levada por Stiles... Nem queria pensar nisso. E Bruna com certeza sabia o que Tracy enfrentaria.

Sentei-me no sofá em forma de L, e Vlad se acomodou ao meu lado. Não desejava ficar ali,

contudo, precisava saber o que estava acontecendo. Pela expressão dos Salvatores, não era nada de bom.

— Você não tinha uma reunião? — indaguei ao meu irmão.

— Sim, mas acho que será adiada, já que o *capo* está aqui — disse Vlad.

— Marquei com Miguel para fazê-la dentro de uma hora aqui mesmo, na Square — respondeu Matteo. Voltou-se para mim: — Ela está viva porque se encontra em um lugar que não podemos acessar.

— No inferno? Porque não há lugar a que vocês não vão. — Arqueei as sobrancelhas.

Luca riu.

— Bom saber que somos muito bem conhecidos. — Revirou os olhos e apontou para a tela. — Essa é a sede da máfia Destruttore.

O local era uma espécie de igreja. Vários homens apareciam na imagem. Entre eles havia um de idade, cerca de sessenta anos, alto e de cabelos grisalhos. Usava óculos de grau.

— Esse é Marco Morelli, antigo chefe deles. Foi morto há seis meses.

— Morto? Por quem? E como, no meio de tantos caras, conseguiram chegar até ele?

— É aí que a coisa fica interessante — disse Matteo.

Na outra foto havia um indivíduo alto, de cabelos castanhos curtos, barba por fazer, mas aparada, com cerca de trinta anos. Seus olhos verdes eram mortais, vazios.

— Alessandro Morelli, filho mais velho de Marco. Ele matou o pai e tomou seu lugar.

— Mesmo? — comentei. — O que faz essa máfia?

— Quando Marco governava, iam do mercado negro à prostituição infantil. — Matteo indicou o novo líder. — Já Alessandro tem regras. Não mexe com crianças.

— Então fez bem matando o pai — rosnou Vlad.

— Creio que sim. Porém, não foi por bondade — explicou Matteo com dureza.

— Por que então? — Não fazia sentido, a não ser que o pai dele fosse um torturador igual ao de Luca.

— Por isso. — Na próxima foto surgiram duas meninas, uma de cabelos negros na altura

das costas e olhos tão verdes como esmeraldas; a outra tinha fios ruivos cacheados. — A de cabelo escuro é Jade, tem dezoito anos. A ruiva, de dezessete, é Luna. São irmãs de Alessandro.

Franzi o cenho.

— O líder matou o pai para proteger as duas meninas? De quem? E de onde são? Nunca ouvi falar deles.

— Da Itália. Lideram a maior parte de Veneza, Roma, Milão, Verona e Florença, e uma grande parte do sul da América.

— Uau! Embora vocês não fiquem atrás — comentei.

— Pode ser. — Matteo deu de ombros. — Esse na próxima foto é Rafaelle Morelli, tem vinte e quatro anos, é irmão, executor e braço direito de Alessandro.

Era um loiro de olhos claros, pareciam azuis; não podia dizer com certeza.

Passou para a imagem seguinte.

— Stefano é o caçula dos homens. Mesmo com vinte e um anos, já matou quase tanto quanto Rafaelle. E o bastardo o faz sorrindo.

Esse tinha cabelos castanhos e olhos escuros.

— O que isso tem a ver com Alessandro assassinar o pai? — inquiri.

— Soube por uma fonte que o velho Marco queria entregar suas filhas aos Rodins como parte de uma negociação. Alessandro e os irmãos não aceitaram bem a notícia, pois elas não durariam nas mãos do chefe dos Rodins, o Chavez.

Outra imagem apareceu, de um homem barrigudo com bigode e chapéu, aparentando ter uns setenta anos.

— Rodins? Miguel não tinha acabado com eles por causa do tiro que um dos caras deu em Emília?

Alguns meses antes, ela deixara Daemon e fora até seu irmão, o chefe do cartel dos Lobos Solitários. Nessa época, acabou emboscada e alvejada.

— Ele eliminou os que estavam no seu território, mas a organização dos Rodins é grande e poderosa no mercado negro. O líder deles se aliou a Patrick Petrova, chefe de uma das máfias

russas, então, com certeza, está mais poderoso. Pietro, irmão de Patrick, conseguiu essa máfia há alguns anos, matando muitos, antes de ser assassinado pelo próprio irmão. Agora Petrova é dono de quase metade da Rússia e um pedaço da América — respondeu Luca. — Mas isso não vem ao caso. O que posso dizer é que não há ninguém mais protegido que essas duas meninas.

Na tela, ambas saíam da escola com seis seguranças.

— Esses três irmãos Morellis não dão a mínima para nada, a não ser as duas. Sempre seguiram os passos do pai e nunca quebraram nenhuma regra ou foram contra as suas ordens, mas, assim que Marco fez o acordo de entregar suas filhas, tudo mudou, e houve uma rebelião. Alessandro ganhou. — Matteo olhou para Luca. — Por isso estou aqui hoje.

Luca franziu o cenho.

— O quê?

— Alessandro entrou em contato comigo, marcando um encontro amanhã. Quer falar conosco — informou.

Pisquei.

— Eles não querem Tracy? Ou essa reunião é por causa dela? — O medo se apossou do meu coração, fazendo-me respirar com dificuldade.

— Eles não a querem — disse Matteo. — Bruna foi enviada para Stiles no intuito de conseguir informações. Tracy foi só um peão no meio do jogo. Alessandro queria encontrar provas contra nós para forçar uma aliança. O *pen drive* está com ele agora.

— Por que vocês estavam trabalhando com Dormas?

— Era um plano arquitetado. Eu precisava de nomes e do lugar onde uma carga de garotas traficadas ia chegar, então fingi ser aliado deles. Foi em uma dessas reuniões que fomos gravados. Apesar de tudo, não conseguimos localizar as meninas. — Luca tomou mais um gole de sua bebida.

— Por que não tira a informação de Dormas? — Apontei para ele. — Você é um executor, pode muito bem fazer isso.

— Há gente mais poderosa que Dormas implicada no esquema.

— Alessandro disse que tem os nomes de todos os envolvidos e quer nos dar — falou Matteo.

— Então é uma aliança? — Eu esperava que sim; bastava de guerra.

— Só amanhã para sabermos de tudo. — Matteo rodava seu anel no dedo.

Ele se casara com Irina, a irmã de Nikolai e Alexei, não fazia muitos meses.

— E quanto à Tracy? Ela está livre de Dormas?

— Nos deixe participar da reunião amanhã com Alessandro. Se eu conseguir o que quero por meio de um trato com ele, poderei acabar com Dormas. Tem peixe grande para pegarmos, e Dormas é só a isca no anzol.

— Tudo bem. Precisam de ajuda?

— Não, na reunião que terei com Miguel e Nikolai, tocarei nesse assunto. — Matteo suspirou. — Não quero vocês, MCs, envolvidos, porque algo me diz que isso não vai ser bonito.

— Certo. Se precisar, é só chamar — ofereci, levantando-me, e olhei para Vlad. — Vou ficar com Tracy agora. Você vai participar da reunião aqui e depois volta para o clube?

Não havia necessidade de explicitar minha preocupação.

— Sim. Qualquer coisa, ligo para você. Darei conta por hoje — garantiu.

— Durma aqui com ela, no quarto. Amanhã vocês vão. Terei que sair e montar uma estratégia para encontrar os irmãos da Destructor. — Luca ficou de pé.

— Acho que eles escolheram um nome perfeito para sua máfia — comentei, indo para o quarto. Voltando-me aos três, repeti: — Falo sério, se precisarem, o MC Fênix está com vocês. E, Luca? Obrigado por tomar conta dela.

— Se a machucar, eu machuco você. — Era uma promessa. Depois disso, ele riu. — Gosto dela. Não são muitas as mulheres que me enfrentam e dizem que preferem ser torturadas a ficar comigo.

— Espero que esse “gostar” seja amigável — sibilei.

Luca sorriu, divertido, embora houvesse algo escuro em seus olhos.

— Não tenho um coração para amar — declarou, dando de ombros.

Não perguntei sobre isso, não era da minha conta.

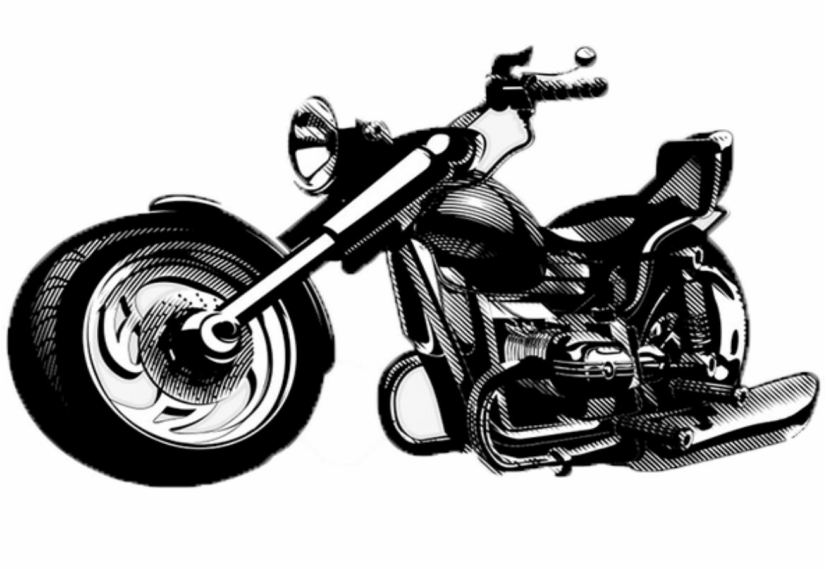
— Vou mandar o dinheiro que a garota que buscou Bruna deu ao Noah. Se ela trabalha para a máfia, deve pertencer a eles.

— Não vai querer a grana? — Luca perguntou.

— Não precisamos dela, e Tracy não a quer.

— Farei isso.

Naquele momento, eu só ligava para os sentimentos de Tracy. Assim que ela acordasse, eu5 teria minha mulher de volta, nem que para isso tivesse que cair de joelhos diante dela.



Capítulo 25

Tracy

Acordei com um corpo duro ao meu lado. Antes que eu entrasse em pânico temendo que, de alguma forma, tivesse feito besteira, afinal, estava na casa de Luca, reconheci o cheiro da pessoa. Era alguém cuja companhia eu tinha adorado desfrutar naquele último mês.

Jonathan dormia com o cabelo sobre sua face. Ele estava sem camisa, com seu peito musculoso e tatuado nu ante meus olhos cobiçosos, tão lindo que eu podia passar a maior parte da minha vida o admirando.

No entanto, a visão dele fodendo Sandy arranhou meu cérebro, deixando-me puta de raiva e com o estômago revirando. Por sorte, eu não tinha comido nada.

Afastei-me como se tivesse sido queimada, e de fato eu tinha sido, pois ele me enganara. Aquilo era algo que eu não ia esquecer e perdoar.

— Ovelhinha? Está tudo bem? — Nasx se sentou na cama, esfregando os olhos sonolentos.

Isso é verdade?! Como pode me perguntar uma coisa dessas?!

— Que porra está fazendo deitado comigo?! — esbravejei, me levantando. Senti minhas pernas nuas. A minha calça desaparecera, bem como a camiseta do Luca. Eu estava com outra, branca, de Nasx, pois tinha o cheiro dele, o que me deixava inebriada. — Cadê a minha calça? — rosnei.

Ele fechou a cara.

— Ela não era sua, nem a camiseta.

Nasx sentia raiva por eu vestir as roupas de outro homem. Não dei a mínima; eu também estava furiosa, tanto que não queria vê-lo na minha frente.

— Por que tirou as minhas roupas? Aliás, por que está aqui, e não aproveitando a sua foda

com outra mulher? — Expirei; não podia deixar a dor me consumir naquele instante, precisava ser forte.

— Primeiro, eu não ia deixar que minha garota dormisse com as roupas de outro homem. — Sua voz saiu dura ao continuar: — Me faz me arrepender de não o ter matado quando tive a chance.

Olhei-o de forma dúbia, não conseguindo acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— Não sou sua, não era a mim que você estava fodendo ontem. E acha que tem o direito de não me deixar dormir com as roupas de Luca ou mesmo de ficar chateado com isso? — Ri, amarga, sacudindo a cabeça. — Você só pode estar me zoando, porra!

— Segundo, não fodi a Sandy — continuou como se não tivesse me ouvido e saiu da cama sem tirar sua atenção de mim.

— Bom, lamento ter interrompido a sua transa. Você devia ter ficado com ela, e não vindo aqui — desdenhei e tentei sair do quarto. Ele correu, postando-se em frente à porta, impedindo que eu escapasse. — Quer sair da minha frente? Não estou a fim de falar com você.

Seus olhos escureceram, como se uma tempestade chegasse a eles.

— Você não vai sair daqui só vestida com uma camiseta! Luca pode estar na sala, e não quero que ninguém a veja dessa forma! — Seu olhar foi na direção dos meus seios, e ele ficou com mais raiva. — Aquele cretino já viu mais do que deveria.

Zombei com desdém:

— Está falando sério? Eu o enxerguei com outra pessoa, agora se preocupa com Luca vendo meus peitos? — Segurei-me para não acertar sua cara raivosa.

— Já disse que não transei com ela! — lembrou-me de mau humor.

— Já disse que não me importo! — gritei. — Não quero falar com você.

— Nós vamos conversar. Você precisa saber que aquilo foi uma armação...

Interrompi-o:

— Então me odeia tanto assim, a ponto de me machucar dessa forma? Por que simplesmente não dizer “Tracy, não quero você” e pronto? Seria mais sensato. Eu saberia lidar

com isso, não ficaria no seu pé implorando.

Não desejava me quebrar de novo, não na frente dele. Bastava a forma como eu tinha desmoronado na noite anterior diante de Luca.

Nasx enfiou as mãos em seus cabelos bagunçados em um gesto exasperado.

— Não fiz aquilo para você! Droga, Tracy! Acha que eu a magoaria assim?! Que tipo de pessoa pensa que sou?! — berrou com raiva, depois expirou, por certo tentando se acalmar. — Lembra do telefonema que recebi de manhã?

— Aquele que deixou você meio fora de si? — inquiri, sem entender aonde ele queria chegar.

— Sim. Era Vlad me contando que meu pai iria ao clube à noite. Achei que ele me queria ao seu lado.

— O que isso tem a ver com a Sandy dobrada na mesa e você atrás dela? — O gosto amargo ao dizer isso era forte. — E com o fato de Emília ter dito que você havia viajado? Achei que éramos namorados; estava errada de todas as maneiras. Preciso saber da verdade, Jonathan, não posso viver assim e não vou!

Ainda me doía todos terem mentido para mim, até as meninas.

— Emília não mentiu, eu ia ao encontro dele para que não viesse aqui, mas meu pai já estava a caminho. Então montei uma estratégia para afastá-lo. Era para *ele* ver o que você viu. Eu jamais a magoaria assim.

— E por que enviou a mensagem pedindo que eu o encontrasse? — Não entendia suas razões.

— Não fui eu. Esqueci meu celular num quarto no andar de cima do clube. Não sei como a cadela da Sandy o achou. Foi ela que enviou a mensagem a você, só para que visse o que acabou vendo. Aquilo não era real.

— Eu vi...

Ele me cortou:

— Fiz aquilo para que meu pai percebesse que não me controlaria, que eu faço apenas o

que quero, inclusive o que ele mais odeia. William me acha um vândalo por estar no MC Fênix, onde vivo cercado de prostitutas baratas (palavras dele, não minhas). Pedi à Sandy que simulasse estar comigo, pois isso deixaria o bastardo louco — falou num tom envergonhado. — Fiquei numa posição que, da porta da frente, ele pensaria que eu estava realmente fodendo a cadela. Juro por tudo que é importante para mim — seus olhos estavam brilhantes como o céu, verdadeiros —, por você, que não a toquei de forma alguma.

— Não entendo... — Estava chocada demais para pensar direito em tudo que ele me disse.

— Queria mostrar a ele que eu levava uma vida da qual me orgulhava, fodendo quem eu quisesse, sem ligar para a sua maldita opinião. Jamais tocaria em ninguém além de você, nem o ódio que tenho pelo meu pai é capaz disso.

— Eu a vi sorrir para mim e empinar a bunda na sua direção. — Minha voz era só um sussurro.

Ele tocou meu rosto.

— Porque ela é uma vadia desprezível, fez isso no intuito de se vingar por eu estar fora do mercado desde que conheci você. Nunca quis bater em uma mulher como ao saber do que ela fez. — Alisou minha face úmida. — Lamento que tenha sofrido; se pudesse mudar isso, o faria.

— Então não tocou ninguém. — Não era uma pergunta, eu sabia da verdade; estava escrita em seu rosto.

— Não, a única mulher que importa é você, sempre será você, minha ovelhinha.

— E quanto ao seu pai? Por que o odeia tanto? — sondei, respirando ofegante com o seu toque, que iluminava todo o meu corpo como uma árvore de Natal. Ele hesitou. — Se somos um casal, precisamos ser honestos um com o outro — argumentei. — Somos adultos, não adolescentes imaturos. Quero ter certeza de que estamos juntos e de que aquilo que me disse hoje cedo é real; que, se eu lhe contar qualquer coisa, ainda estará aqui para mim. Comigo.

— Sempre ficarei com você, só é difícil falar. — Respirou fundo. — Eu e ele não temos uma boa história.

Nasx raramente mencionava seus pais. Eu nunca pedira que falasse deles, pois Jonathan

podia acabar sondando sobre a minha família. Todavia, chegara a hora de colocarmos os pingos nos is. Só assim nosso relacionamento iria para frente.

— Nós nunca fomos pai e filhos de verdade. William deixava mamãe, Vlad e eu sozinhos nos feriados e finais de semana. Eu achava que era por causa do trabalho, mas, conforme Vlad e eu fomos crescendo, só piorava. As brigas entre meus pais eram constantes. — Nasx saiu de perto de mim, foi até a janela e olhou através dela.

A fênix brilhante e colorida em suas costas dava mais beleza à sua pele branca. Pensei que em mim também daria certo uma tatuagem assim; além de bonita, encobriria o que eu mais odiava em meu corpo. Até desenhara uma vez asas de um anjo para que Nasx um dia as fizesse.

— O que houve? — perguntei, porque parecia que ele não falaria mais nada.

— Tudo piorou quando mamãe ficou doente. Ele não parava em casa, e, nas poucas vezes em que esteva lá, era um inferno, mas, na frente das câmeras, sorria como se fôssemos uma família feliz.

Meu coração se apertou por ele ao imaginar o que devia ter sentido vivendo tudo aquilo.

— Ele batia em vocês? — indaguei, já com raiva do seu pai por ter feito os filhos sofrerem.

— Não, mas há palavras que machucam mais do que surras. — Sua voz soava tão baixa que tive de chegar mais perto para poder ouvi-la.

As costas dele estavam rígidas, e os punhos, cerrados, destacando os nós dos dedos.

Eu sabia do que Jonathan falava, sentira aquilo desde os meus sete anos. Após o que houve comigo, com o tempo, palavras não eram suficientes, e começaram as agressões físicas, que chegaram a tal ponto que precisei fugir, ou eu e meu irmão morreríamos. Eu não podia deixar aquilo acontecer. Por isso partira, e fora a melhor decisão que tomara.

Não interrompi Nasx. Permiti que terminasse seu desabafo, porque logo depois seria a minha vez.

— Quando eu tinha vinte anos, minha mãe descobriu um câncer agressivo. Descobriu tarde, já era terminal. Fiquei ao seu lado, tal qual Vlad. Mesmo assim, eu podia ver que ela queria William por perto. Eu não entendia por que, pela forma como ele nos tratava, mas não a

julgava, só desejava que ela fosse feliz, pelo menos no seu pouco tempo de vida. Segurei o meu desprezo por ele e fui procurá-lo. Pensei que pudesse fazer algo por minha mãe, nem que fosse para ela ter uns minutos de felicidade. Ao chegar ao seu escritório, o vi fodendo a sua secretária, que tinha metade da idade dele. Fiquei perdido, perguntei-lhe como podia fazer aquilo com minha mãe. Sabe o que o filho da puta disse?

Não tinha certeza se era uma pergunta. Respondi mesmo assim, pois podia ouvir a dor em sua voz:

— Não, o que ele falou?

— Que minha mãe estava demorando a morrer, o que atrapalhava seu objetivo de se casar com a cadela que fodia. Fervi de ira na hora, voei para cima dele e o soquei com todas as minhas forças. Só não o matei porque Vlad chegou e me impediu. — Sacudiu a cabeça, tentando acordar de seu pesadelo pessoal. — Depois de dois meses, minha mãe se foi...

— Lamento muito — sussurrei, tocando seu ombro.

Nasx me abraçou, com certeza pensando em tudo que passara.

— Também lamento por magoá-la e por ser um idiota ao armar aquilo só para feri-lo; no final, a ferida foi você. — Havia arrependimento em sua voz. — Só espero que me perdoe, porque, sinceramente, não quero e não posso ficar longe de você.

Meu coração parecia que explodiria de ansiedade e amor.

— Você poderia ter vindo até mim; eu o teria ajudado com a cena — murmurei.

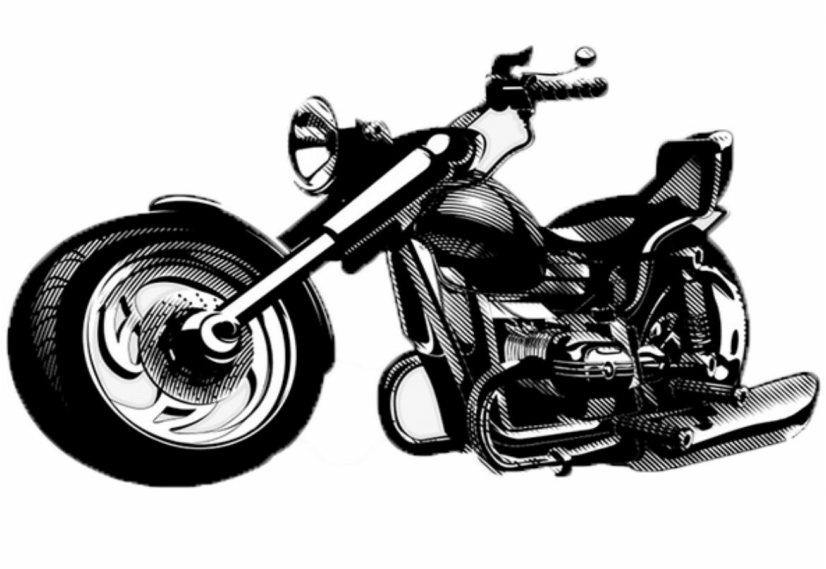
— Não — disse, veemente.

— Por quê? — Franzi a testa.

— Porque, Tracy, se fosse você lá, e ele falasse qualquer coisa que a desrespeitasse, ninguém teria me impedido de matá-lo, nem mesmo meu irmão. — Beijou minha testa. — A partir de hoje, juro que nunca farei nada parecido com ninguém, e que não vou mentir para você.

Joguei meus braços à sua volta e o beijei com desejo e fome, algo que só sentia com ele. Nasx devolveu o beijo com o mesmo vigor. Levantou-me do chão, e o enlacei com minhas pernas conforme suas mãos em minha bunda nua pressionavam mais meu centro em seu pau.

— Estou louco para me enterrar em você e fazê-la gritar. Amanhã, mal vai conseguir dizer uma palavra — rosnou, mordiscando minha orelha.



Capítulo 26

Tracy

Jonathan me levou até a cama e me deitou nela, pairando sobre mim. Sentia seu calor.

— Não acho que eu possa parar desta vez, Tracy. — Era tanto um pedido quanto um aviso.

— Eu desejo você, isso jamais vai mudar.

— Quero tudo, Tracy, quero você nua. Não se esconda de mim.

O sangue fugiu do meu rosto; fiquei tensa. Sabia que deveria lhe contar a verdade, mas lhe mostrar minhas marcas? Estava preparada para isso? Conseguiria lidar com tudo? E se ele não quisesse mais ficar comigo? O risco era grande.

— Não posso...

— Sei sobre elas, Tracy, eu as vi quando tirei a roupa de Luca de você — revelou, fazendo-me arfar. — Nunca a olharia de forma errada. Se fosse comigo, se eu as tivesse, você me veria com repulsa?

Pisquei, controlando o pânico, que fazia minhas mãos suarem e meu coração pular. Contudo, as suas palavras penetraram em minha mente caótica, e percebi que eu nunca poderia sentir algo do tipo em relação a ele ou a ninguém que tivesse uma cicatriz ou deformidade.

Mesmo assim, não era fácil. Eu havia vivido tantos anos perto de pessoas orgulhosas, esnobes e más, que me humilhavam; passei a achar que todos fossem iguais.

Não havia rejeição nos olhos lindos de Jonathan, apenas compreensão e amor. Embora ele não verbalizasse, eu enxergava tudo ali.

— Você as viu? — sussurrei, encolhida.

O sorriso que recebi foi doce e meigo.

— Sim, e beijei cada uma delas. — Seus olhos brilharam de emoção.

— Jonathan... — Lágrimas escorriam por minha face, e minha garganta se fechava de emoção. Não podia acreditar que ele tivesse beijado as cicatrizes. Ninguém nunca se importara comigo antes, além de Noah. Eu passara a maior parte da minha vida fingindo que as marcas não estavam ali, mas sempre haviam estado e estariam, não importava o que eu fizesse.

— Não chore, linda, estou dizendo a verdade. Não me importo com elas, mas, quando as vi, fiquei com raiva. — Seus dedos eram labaredas ao tocar minha pele.

— Raiva? — Meu coração falhou uma batida.

— Sim, da pessoa que fez isso em você. Algumas são finas, outras, mais grossas. Tem uma maior, que tenho certeza que foi quase ao coração. — Ele me avaliava. — Foi algum acidente?

— Não tem importância mais, é passado...

Ele me interrompeu:

— Claro que importa! Posso ver o medo e a dor em você. Jamais deveria ter tal sentimento; suas cicatrizes são sinal de que sobreviveu. Não se envergonhe delas — falava com delicadeza, porém, havia veneno em sua voz, destinado aos responsáveis pelo meu sofrimento.

— Há pessoas cruéis no meu mundo — sussurrei, afastando-me dele e me sentando na cama com as mãos no colo.

— Sim, sei disso. Agora chegou a hora de me dizer a verdade, querida. Preciso saber.

— Fui julgada toda a minha vida, humilhada, cuspida como se fosse uma leprosa, aquela que ninguém quer por perto. — Apertei as mãos fortemente uma na outra.

— Como conseguiu as cicatrizes? — Nasx continha sua raiva. E ele nem sabia do pior.

— Era pequena quando meus pais se separaram. Minha mãe foi embora com outro, deixando-me com meu pai, mas John não aceitou isso muito bem. Saiu do trabalho, bebia dia e noite. Não me lembro de muita coisa, mas certas memórias são profundas demais para esquecer.

— Seu pai a tocou?

Sua expressão era de aço.

— Não sexualmente, nem me batia, nada disso. Recordo-me de que era noite quando acordei e estava sobre o teto da claraboia da nossa casa, com ele ao meu lado. Tinha apenas sete

anos. Fiquei parada no lugar, com medo, porque era alto. Perguntei ao meu pai o que estávamos fazendo ali, pois ele estava bêbado, e nós corríamos o risco de cair. — Expirei em uma tentativa de aliviar a dor. — Papai tinha uma arma na mão. “Vamos viver juntos em um lugar de paz, querida. Lá não tem pranto, nem dor”. Na época, eu não sabia o que significavam aquelas palavras. Depois de crescida, vi que era uma passagem bíblica. Eu não sei onde ouviu isso. Ele achava que, se nos matasse, viveríamos em um lugar melhor. Não frequento muito a igreja, mas acho que, mesmo se tivéssemos morrido juntos, não estaríamos no mesmo lugar.

Limpei as lágrimas.

— “Sua mãe não quer ficar com a gente, então vamos embora juntos”, foi o que ele me falou. Supliquei tanto para que não fizesse aquilo. — Fechei os olhos por um momento. Senti que Nasx estava vindo em minha direção. Eu precisava de controle e não sabia se o teria com Jonathan me tocando. — Não chegue perto, necessito contar o resto.

— Se está doendo tanto, talvez... — Sua respiração acelerou, e eu sentia raiva e impotência em seu tom.

Abri as pálpebras e o encarei.

— Chegou a hora de tirar isso de dentro de mim. Não posso viver assim.

Ele assentiu e se sentou à minha frente.

— Tudo bem. — Notei que queria chegar perto de mim, mas eu precisava terminar.

— Depois que supliquei para ele não fazer aquilo, papai atirou no vidro da claraboia, e nós caímos. Não me recordo de tudo; tenho uma vaga lembrança de cairmos e alguém me puxar, ou talvez fosse meu subconsciente querendo pregar alguma peça de que, enquanto caíamos, ele tentava me proteger.

Fui até a janela e olhei através dela.

— Acordei vinte dias depois. Os médicos disseram que era um milagre eu ter sobrevivido; se não fosse o corpo do meu pai me proteger, eu teria morrido. Mas estava com as costas cheias de cicatrizes por causa dos cacos de vidro da claraboia. Não sei como o serviço social encontrou minha mãe, e ela foi obrigada a me acolher. Mamãe não me deixava esquecer o que tinha

acontecido, xingando meu pai por ser fraco, dizendo-me que nem na hora da morte ele tinha sido um homem, pois não conseguira me levar consigo. — Ri com frieza. — Ela só ficou comigo para não ter problemas com a lei.

— Certas pessoas não deveriam ter filhos. — O tom de Jonathan era sombrio.

Concordei. Minha mãe era uma dessas.

— Fui morar com ela e Ramon, o seu marido, o mesmo por quem minha mãe deixara meu pai quando eu tinha dois anos. Ela já tinha Noah, que é filho dele, ou, pelo menos, acho que é; mamãe sempre ficou com vários homens. — Estremeci ao pensar em Ramon.

— Esse cara a tocou?

— Não fui violentada por ninguém. Nessas horas agradeço por essas cicatrizes, pois levaram todos a ter nojo de mim. No entanto, Ramon me batia demais, já quebrou minhas costelas, meu braço e minha clavícula. Isso aconteceu até meu irmão encorpar e enfrentá-lo. Talvez venha daí sua fascinação por lutas. — Sorri com os olhos molhados. — Ele tentava me proteger, mesmo sendo quatro anos mais novo, e o fazia quando podia; nem sempre conseguia.

— E sua *mãe*? — cuspiu a última palavra.

— Ela disse que eu merecia tudo aquilo e ficava do lado dele. Ruth era uma cobra, também me batia. Os dois me faziam de saco de pancadas.

— O serviço social não via isso? A escola não percebia nada?

— Eu morava com meu pai em Seattle e fui embora com Ruth para o Novo México. Vivíamos num bairro que Ramon controlava, ninguém ia contra ele, era o chefe de uma gangue. Todos me julgavam, e eu fingia que não ligava, mas me importava, porque eu não era nada do que eles diziam... Como você falou, há palavras que doem mais do que pancadas.

Seu corpo estava duro como rocha.

— Há um tempo, conheci um garoto na escola. Ele me pediu para sair com ele, ficou no meu pé algumas semanas, até que cedi. Nesse dia, Noah estava doente, então não foi à aula, não pôde me impedir de ir com esse menino ao lago. Meu irmão não deixava ninguém chegar perto de mim na escola ou em qualquer lugar. — Olhei para Jonathan. — O que eu vou dizer agora,

quero que fique aqui. Sei que vai ficar furioso e querer se vingar, mas não quero que faça nada.

— Ainda fica pior?! — Sua voz era como um trovão. — Não posso prometer isso.

Era o que temia, pensei.

— Então não vou dizer. — Suspirei. — Não posso deixar que faça uma besteira.

— Mas que droga! — rugiu, respirando com dificuldade para se controlar.

Fui até ele e o abracei forte.

— Não me importo com eles, Jonathan, só com você. E você não se incomoda que eu seja assim, então não ligo para a opinião deles. — Toquei seu rosto. — Se prometer não tocá-los, eu conto o restante.

Ele ficou em silêncio, ponderando. Por fim, assentiu, embora seu corpo estivesse rígido.

— Tudo bem, não vou tocar em nenhum deles. Prometo.

Avaliei-o e vi que estava sendo sincero. Coloquei meu rosto em seu peito para ter coragem e deixar aquilo sair de uma vez. Já tinha me escondido demais, porque era tudo vergonhoso.

— Fui ao lago com esse garoto, conversamos, ele disse que eu era linda, e acreditei. Nunca ninguém falara isso para mim. — A minha voz saiu abafada. — Ele foi me beijar, então, antes que o fizesse, riu com desgosto e cuspiu no meu rosto. Aquele garoto doce de um minuto atrás tinha sumido e se tornado como todos à minha volta, se não pior.

Jonathan se manteve quieto, a despeito da respiração aguda e irregular.

— De repente, não estava só ele ali, como seus amigos também. Tentei correr, pois tive medo. Um deles não deixou e me derrubou no chão. Lutei, em vão. Eles eram mais fortes. Após tantos chutes que me deram, eu só queria que aquilo acabasse, sentindo-me humilhada e idiota por acreditar em alguém que me disse que eu era bonita.

Fechei os olhos, lembrando-me:

— Achou mesmo que eu ia transar com você? — disse Bruce.

— Você não serve nem para fodermos. — Denner riu com desdém. — Se enfiar meu pau em alguém assim, é capaz de ele cair com lepra.

— Uma prostituta como a sua mãe — rosnou Diego.

— Eles continuaram a me xingar e pareciam adorar me ver chorando. Bruce rasgou minha blusa com uma faca, deixando minhas costas nuas. Senti a lâmina nelas, sobre as cicatrizes já existentes. Gritei, mas estava longe, onde ninguém podia me socorrer. “Prostitutas são tratadas assim”, foi o que ele falou enquanto me mutilava. Me perdi em minha mente, porque doía e por estar sendo tocada onde me trazia lembranças que desejaria esquecer.

— Tracy... — Jonathan se enchera de agonia e fúria.

— Através da névoa em minha mente, vi todos (Bruce, Diego e Denner) batendo punheta e gozando em minhas costas cortadas. Então me deixaram quebrada no chão e foram embora...

Nasx apertava os braços à minha volta.

— Ramon coloca Ruth para transar com os homens em troca do pagamento de suas dívidas. Ela ficou com o pai de Bruce, por isso ele fez aquilo comigo, como vingança pela traição à sua mãe. — O cheiro inebriante de Jonathan me mantinha ancorada ao presente, não permitindo que os momentos dolorosos do passado me consumissem.

— Oh, Deus, Tracy!

— Cheguei em casa machucada e sangrando, com roupas rasgadas e sujas. Ramon me bateu de novo, dizendo: “Já que achou um louco para foder você, ao menos cobre pelo serviço”. — Jonathan não reclamou quando molhei sua pele com as lágrimas. — Eu estava sem forças no chão; Noah entrou, bateu no pai e fugimos para Chicago.

Encolhi-me por dentro quando ele se afastou e me encarou.

— Não estou pensando nada de errado de você, Tracy, jamais faria isso. Os culpados são esses cretinos fodidos.

— Você prometeu não se vingar — lembrei a ele.

— Por que se importa? Deus, Tracy, eles são animais por fazer algo tão inescrupuloso! — Limpou algumas lágrimas que desciam por meu rosto.

— Não me importo com eles, mas com você. Para que eu e Noah pudéssemos nos mudar para cá, tive que trocar meu nome e falsificar documentos, pois ele ainda é menor de idade. Assumi o nome da minha avó paterna, Tracy, mas me chamo Sloane.

— Sloane — pronunciou, parecendo gostar da palavra, o que tirou um pouco a sombra escura de seus olhos lindos.

Senti-me mais leve após lhe dizer toda a verdade.

— Você está bem? — perguntei-lhe. Jonathan ficara calado, e isso me deixava ansiosa, não por insegurança, mas por medo de ele ir buscar vingança.

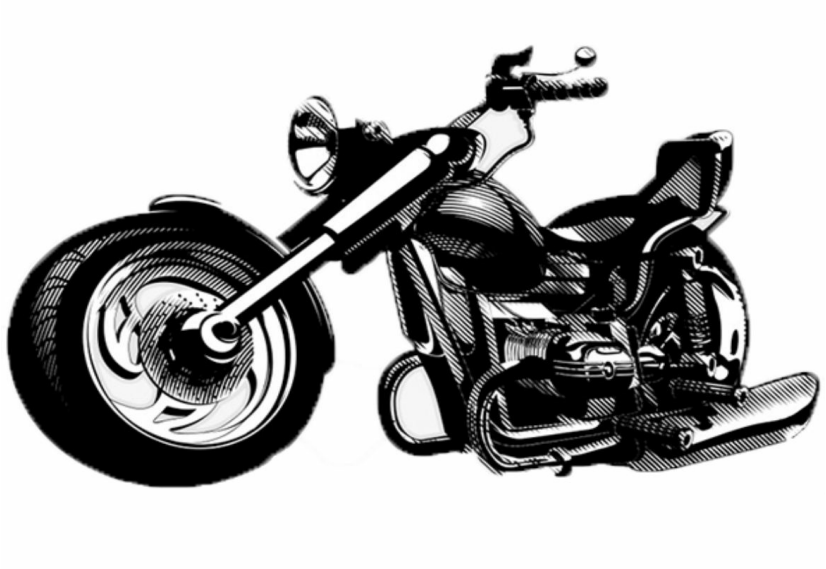
— Sloane, quero matar todos eles. — Era o que eu mais temia. — Mas, por você, não vou o farei.

— Eu sei. Não suje suas mãos com aqueles vermes, nenhum deles vale nada. — Apertei sua cintura. — Fugir daquela cidade me fez vir para cá e conhecer você, então de certo modo agradeço por isso.

— Sloane...

— Vai me chamar assim agora? — Sorri, não querendo que ele focasse mais no que acontecera. — Desejo que só pense em nós dois e em como eu o amo.

— Também amo você. Não posso apagar o que viveu, a dor que passou, mas posso prometer que ninguém irá maltratá-la dessa forma de novo.



Capítulo 27

Nasx

Porra!

Eu estava furioso com tudo que ouvira da minha garota. Sabia desde o começo que algo ruim tinha lhe acontecido; nunca imaginara que era tão horrível.

Tentei controlar o que estava sentindo, porque prometi a ela que não tocaria neles, mas não existia a mais remota possibilidade de eu deixar aqueles animais sem terem o que mereciam. Eu podia não lhes tocar, mas meus irmãos fariam todos pagarem. Sabia de alguém que adoraria ter uma chance com os merdas: Axel!

Deixei Sloane no quarto e fui conseguir uma roupa para ela; minha garota não sairia só de camiseta.

Ainda estava meio chocado em descobrir o seu verdadeiro nome, e minha raiva aumentava ao saber por que ela tivera de mudá-lo. Queria estraçalhar alguém, principalmente o tal Bruce.

Assim que saí do quarto, deparei-me com Luca encostado à parede, de braços cruzados e expressão mortal.

— Que droga está fazendo aqui? — perguntei sem alterar minha voz para não assustar Sloane.

— Posso fazer por você — me disse. — Ou vai deixá-los escapar ilesos?

Avaliei-o, tentando entender do que ele estava falando, então a ficha caiu.

— Estava ouvindo minha conversa com ela?! — grunhi, dando um passo até ele.

— Só escutei o que fizeram a ela. Já cometi vários crimes nesta vida e não me arrependo, mas nunca nada como o que fizeram a essa garota.

Eu também já tinha espancado, mutilado e até matado, porém, não uma mulher. Só em

imaginar a cena, sentia-me enraivecido, querendo fazer os responsáveis sangrarem.

— Não posso, porque prometi a ela...

Seus olhos se estreitaram.

— Então vai deixá-los escapar...

Sorri de modo frio.

— Nem fodendo. Não é porque não posso colocar minhas mãos neles que vão ficar impunes. Eles pagarão, e não de maneira fácil e rápida. Quero que todos implorem pela vida antes de morrerem.

— A mãe e o padrasto também? — sondou, se desencostando da parede e ficando à minha frente.

Esse era um problema, porque, por mais que eu quisesse acabar com os dois, não podia.

— Não. A cadela é mãe deles, e o homem, pai de Noah. Isso não quer dizer que vou deixá-los livres. Descobrirei tudo sobre eles e os mandarei para a prisão. Lá, pode acontecer qualquer coisa com eles, que não vou ligar.

— Vou cuidar para que aconteça — respondeu, indo para a sala. — Tem roupas de mulher no quarto ao lado; são de minha prima, quando vem ficar aqui. Acho que vão caber nela.

Fechei a cara.

— Se havia essas roupas, por que deu as suas para ela? — Queria socá-lo.

Luca parou e virou-se para mim com seu sorriso frio antes de ir embora; não respondeu. Ele só fizera aquilo para me deixar louco, como eu realmente ficara quando a vira com as roupas dele. Era uma pena que eu não pudesse soltar minha fúria naquele carcamano desgraçado.

Peguei um vestido da prima dele, que tinha o mesmo tamanho de Sloane, e o levei para que vestisse.

— O que vai acontecer agora? — sondou ela enquanto saíamos do apartamento de Luca.

— O que quer dizer?

— Acha que seu irmão vai me dar o emprego ainda? — perguntou em voz baixa. — Era para eu ter ido ontem tratar de minha contratação na sua boate.

— Não, mas não porque não foi ontem, e sim pois você não precisa, afinal, já tem um emprego, e à noite, querida, você é minha. Nada de ficar servindo bebidas. — Só em pensar nela lá, sendo cobiçada por aquele bando de sádicos e dominadores, enchia-me de raiva. — Vou trancá-la em casa para que ninguém a olhe — brinquei. — Além disso, não precisa ter outro trabalho, já que não vai partir. Se o fizer, irei atrás de você até o fim do mundo.

Ela deu uma risada linda, que eu amava. Como alguém fora capaz de machucar um ser humano tão doce? Era um crime! Eu acabaria com todos que provocaram seu sofrimento. Era uma pena não poder fazer o pai dela pagar, já que o maldito morrera.

— Obrigada por tudo. — Segurou minha mão firmemente.

Eu sabia por que ela estava me agradecendo, mas não precisava; eu faria qualquer coisa por aquela mulher. Ela se tornara a razão da minha existência.

Peguei-a pela cintura e a escorei no meu carro, que ela tinha dirigido até ali na noite anterior. Beijei-a, saboreando seus lábios deliciosos. Eu a queria em meus braços. Podia ter aproveitado quando estávamos no quarto, mas não gostaria que sua primeira vez fosse assim; desejava que fosse especial para ela e para mim.

— Jonathan... — gemeu na minha boca.

Afastei-me e sorri.

— Agora vamos aproveitar este dia. Quero que conheça um lugar.

Meia hora antes, no quarto da prima de Luca, tinha ligado para os meus irmãos no clube e pedido para me ajudarem com a surpresa que eu faria para Sloane. Esperava que ela ficasse feliz com isso; que, de algum modo, eu pudesse ajeitar sua cabeça e, no final, ela não entrasse mais em pânico quando eu a tocasse em suas costas.

Também pedira para Daemon apurar mais a fundo sobre a família de Sloane. Daemon era bom em conseguir tudo que estava trancado a sete chaves.

— E o meu serviço? Tenho que voltar a trabalhar no restaurante, só fui ontem — argumentou.

— Conversei com seu chefe e enviei uma pessoa no seu lugar. — Emília ficara de fazer

esse favor a mim.

— Quem?

— Não se preocupe, só vamos aproveitar.

Entramos no carro, e parti rumo ao Navy Pier. Eram quase dez da manhã, então o lugar estava cheio.

— Aonde vamos? A algum restaurante daqui? — questionou, ansiosa, olhando pela janela.

Ela estava louca para saber aonde íamos, mas era uma surpresa, por isso não respondi e virei à direita. Após dois minutos, parei o carro.

— Aqui? — Arregalou os olhos para o estúdio de tatuagens que eu e meus irmãos tínhamos. Não íamos muito ali, só quando dava tempo.

— Sim — respondi, saindo do carro, abrindo sua porta e pegando a mão dela. — Venha comigo? Quero lhe mostrar algo.

Sloane estava nervosa, embora feliz. Torcia para que ela conseguisse fazer o que eu tinha em mente.

Entramos em silêncio. O estúdio estava vazio, eu pedira que ele não fosse aberto naquele dia justamente por isso, pois queria ficar sozinho com ela.

Levei-a à sala onde Mike tatuava. Já estava tudo equipado e preparado para mim. Eu podia ver os olhos dela brilhando ao observar as fotos de tatuagens na parede.

— Elas são de clientes que cobriram cicatrizes com desenhos — comentei, enxergando em seus olhos a pergunta que ela não verbalizara.

Ainda no quarto da prima de Luca, telefonei para algumas pessoas e pedi permissão para mostrar suas tatuagens à minha garota para que ela soubesse que mesmo marcas de dor podiam se tornar algo lindo. Eu não me importava se ela não cobrisse suas cicatrizes. Queria que pudesse olhar para elas sem que sua mente evocasse os malditos pesadelos. Não seria fácil, apenas almejava fazer algo por ela, algo que a tornasse melhor.

— Nossa, são incríveis demais! — exclamou em um tom impressionado.

— Sim, são. Agora quero que tire a roupa.

Piscou, atônita.

— O quê? — Engoliu em seco, e a vi tremer.

— Confie em mim, querida. Tire o vestido. Não farei nada que não queira, prometo — tranquilizei-a.

Sloane assentiu. Colocou as mãos trêmulas na barra do vestido e o tirou de forma lenta – não de um jeito *sexy*, mas alvoroçado.

Eu estava fazendo isso porque queria que ela confiasse em mim, mas muito mais que confiasse em si mesma.

— Agora venha até mim. — Estendi minha mão com um sorriso tranquilo.

O medo se fazia presente em seus olhos, como se eu, de alguma forma, fosse depreciá-la ou alguma merda assim. Não insisti ou a forcei a andar rápido. Aquele momento era dela, e ficaríamos ali o dia todo se fosse preciso.

— É hora de deixar o passado para trás e viver o futuro. Sei que não é fácil, mas acredito em você — declarei. — Sempre estarei ao seu lado.

Parecia mais calma. Meu peito inchou ao sentir sua confiança em mim.

Luca ou Axel fariam todos aqueles malditos pagarem por deixar minha mulher quebrada. E eu estava ali tentando levá-la a superar os traumas e ser feliz como nunca fora.

Minha garota parou a meio metro de mim, ainda ofegante.

— Sloane. — Segui o restante do caminho e a toquei no rosto, olhando por sobre seus ombros para o espelho que tinha ali. — Não precisa ficar com vergonha por elas estarem aí na sua pele.

O medo se destacava em sua expressão.

— Eu...

— Querida, veja por si mesma — insisti em um tom leve. — Quantos anos faz que não as olha no espelho? Pelo desespero em sua face, faz bastante tempo.

Ela apertou seus olhos, talvez evitando pensar no passado.

— Eu tinha sete anos...

Arfei.

— O quê? Então as viu logo quando aconteceu?

Assentiu e colocou a testa no meu peito.

— Ruth estava fazendo um curativo em mim, dizendo palavras feias, que seria melhor eu ter morrido com meu pai, porque eu não conseguiria me casar, pois nunca ninguém me aceitaria daquela forma; que eu estava dando trabalho a ela. — Suas mãos agarravam a minha camisa. — Lembro-me de chorar, e isso a deixou com raiva, então me pegou e levou para a frente do espelho, obrigando-me a vê-las. Eu não queria, mas ela me bateu no rosto até que eu as olhei. Estavam com pontos, a pele grossa e inchada, sangrando um pouco. Depois disso, nunca mais as vi. Evito o espelho desde então quando estou sem camisa.

Jamais sentira tanta vontade de matar uma mulher. Como uma mãe fora capaz de fazer algo assim a uma criança? Deve ter sido aterrorizante para ela naquela época. Até depois de adulta, Sloane sofria as consequências do que a puta da sua mãe lhe fizera.

— Posso tocá-las? Prometo, se for demais para você, paro na mesma hora. — Minhas mãos rumaram às linhas que existiam ali.

Sua respiração acelerou; parei onde estava, não querendo lhe causar mais dor do que ela já sentia.

— Tudo bem, só preciso de um minuto. Não pare; preciso lutar contra as lembranças.

Lágrimas dela banhavam meu peito. Tentei parar de novo, mas minha ovelhinha não deixou. Segui até onde estava a maior das cicatrizes, uma que quase a levara à morte. Por um milagre, escapara, e eu agradecia aos céus por isso.

— Respire, Sloane. — Pousei a palma da minha mão em cima da marca maior e esperei sua respiração se acalmar. Retirei a mão após uns segundos. — Foi bom para uma primeira vez. Sei que é doloroso enfrentar, mas você precisa para seguir em frente. — Trinquei os dentes.

Ela levantou a cabeça para me observar.

— Você está com raiva — me disse baixinho.

— Estou furioso, querendo matar a cadela da sua mãe. Se a visse na minha frente, não

responderia por mim.

— Jonathan, por favor, isso não tem importância. — Tentou me acalmar.

— Não tem importância? Essa puta fez você se fechar por todos esses anos! Agora a toco e vejo a dor nos seus olhos, então não me diga que está tudo bem. Está se rasgando por eu encostar nessas cicatrizes, que nem são tão ruins assim.

Ela arfou.

— Como não são ruins? Minhas costas...

— Olhe no espelho e veja por si mesma. Todos que zombaram de você fizeram um grande caso porque são uns fodidos doentes e malvados, não por suas cicatrizes — desdenhei. — Toda vez que você se encolhe ao levar os olhos para longe do espelho me faz ter vontade de matá-los, de torturá-los, fazê-los gritarem e mandar todos para o inferno, forçá-los a implorarem e saberem por que estão sendo mortos, pela injustiça que fizeram a você durante todos esses anos em que não conseguiu encarar seu próprio corpo.

Ela expirou e se virou para o espelho por um momento, avaliando cada linha, cada marca. Deixei-a tomar seu tempo, não a apressei, porque ela precisava ver que aqueles desgraçados a haviam amedrontado por anos por algo que não era repulsivo como achava.

A parte maior da cicatriz era do tamanho de uma bola de golfe, com algumas linhas esbranquiçadas, outras grossas e mais escuras; nada que a deformasse.

— Ele me salvou — falou baixinho. — Meu pai. Se eu não tivesse caído em cima dele, teria morrido.

— Talvez, no final, o bastardo tenha se arrependido. — Se ele estivesse vivo, eu acabaria com o maldito, mesmo que ela fosse contra isso.

— Sim. — Ela olhava ao redor. Pegou o vestido e o colocou de volta. — Você me trouxe aqui só para ver as fotos?

— Queria que visse isso. — Peguei dois esboços, um deles de uma imagem de asas de anjo quebradas. Achei nas coisas dela alguns dias antes.

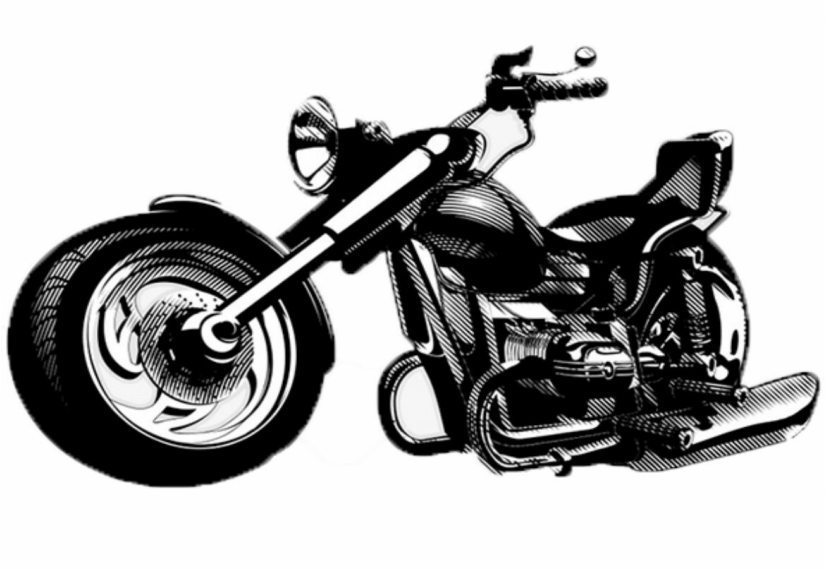
— Onde encontrou? — questionou, avaliando os esboços. O segundo mostrava as asas

intactas.

— Na gaveta no seu quarto. Estou curioso. Por que as asas quebradas?

— Porque era assim que eu me sentia antes de conhecer você. — Seus olhos brilharam ao me encarar. — Agora não estou mais quebrada. Você me ajudou a enfrentar isso. Talvez daqui a uns dias eu consiga fazer essa tatuagem. Vamos explorar mais o toque nela antes de qualquer coisa.

A emoção inchou meu peito. Por aquela mulher, era capaz de tudo, até de não ir buscar vingança com minhas próprias mãos, algo que eu ansiava fazer.



Capítulo 28

Sloane

Não acreditava que me abrira com Jonathan. Um grande peso tinha saído dos meus ombros. Sentia-me aliviada, porque não havia mais segredos entre nós.

Há cerca de uma semana ele vinha explorando a pele de minhas costas. As lembranças queriam aparecer, mas eu não as deixava me dominarem. Ainda não havíamos feito sexo, pois Nasx me queria completamente livre das memórias quando isso acontecesse, embora, por mim, teria me entregado a ele no mesmo dia em que lhe contara a verdade.

Olhando para o homem na extremidade do quintal no clube, custava a acreditar que ele era todo meu. Estava amando cada dia ao seu lado.

Naquele sábado, em vez de sair para qualquer outro lugar, tínhamos vindo para o clube, eu, ele e Noah. Meu irmão estava ao lado de Tripper, mas eu sempre o via encarar a mim e Nasx. Ele tinha medo de eu me machucar, contudo, confiava que Jonathan não faria isso.

Achara que veria uma das muitas festas de foda do MC Fênix; estava enganada. Comentei isso com as meninas.

— Dom está mudando um pouco, porque agora temos crianças participando do clube. Quando acontece esse tipo de festa, elas não vêm, ou, se estiverem aqui, não as deixamos irem para o andar de cima. Nesse caso, a festa de foda é levada para os quartos — disse Evelyn, alisando a barriga. — Logo teremos mais um correndo por aí. Não vejo a hora de isso acontecer.

Grávida de quatro meses, graças aos céus não parecia mais estar passando mal.

— Fico feliz que esteja boa. Estou louca para ver sua filha ou filho. — Sorri.

Sentávamo-nos à mesa perto da porta da cozinha, na varanda, Emília, Mary, Isabelle, Evelyn e eu.

— Tenho certeza de que é um menino com a cara de Dom. — Sorriu para o seu amado.

Ele assava carne na churrasqueira, com alguns de seus irmãos ao seu redor, mas seus olhos sempre encontravam os dela.

— Sua atenção não sai de você — falou Emília.

— Vejo que não é o único — comentou Mary.

Segui seu olhar e vi que estava em Jonathan, sentado à mesa situada debaixo da árvore. Vlad e Hadassa lhe acompanhavam.

Jonathan me contara sobre a sua prima, que o pai dele trouxera até ele e seu irmão só porque ela evitava falar com as pessoas. Eu entendia o medo dela de alguém lhe perguntar o que houvera na noite da tragédia pela qual passara; eu também não gostava de falar sobre o que acontecera comigo.

Entretanto, depois que eu me abri com Jonathan, as coisas estavam se encaminhando. É claro que doía pensar no passado, todavia, estava lidando muito bem. Esperava que continuasse assim. E devia tudo isso ao meu motoqueiro lindo.

Hadassa, um dia, superaria aquilo. Não, a palavra certa é “lidar”, porque, no fundo, não superamos acontecimentos graves. Apenas lidamos e seguimos em frente. A superação total não existe; felizmente, podemos chegar perto dela com o tempo.

— Nunca achei que Nasx tinha um nome tão comum como Jonathan — observou Evelyn. — Desconheço o porquê do apelido esquisito. Será que tem algum significado?

Meu amor estava belíssimo (bem, ele sempre era), todo de preto com suas roupas de motoqueiro fodão e encantador.

— Não que eu saiba, mas esses homens todos têm apelidos esquisitos, a maioria sem significado.

— Como é ter o homem mais bonito entre os MCs? — perguntou Mary, sorrindo. — Não são minhas palavras, afinal, para mim, meu marido é o mais perfeito de todos.

Eu ri com isso.

— Acredito que todas aqui achem seus companheiros os mais lindos. — Suspirei. —

Ainda me pergunto se estou sonhando, às vezes.

Elas gargalharam.

— Garanto que não é a única. — Sorriu Mary. — Sou uma sortuda da porra.

Conversamos sobre o passado das meninas.

Evelyn tinha sido sequestrada pelo pai de Matteo, o *capo* da máfia Salvatore. Crescera em uma fazenda em que as garotas cativas terminavam estupradas e mortas em uma seita estranha, até que Matteo a libertara e a enviara para os MCs, onde encontrou seu irmão, Kill, que ela pensara estar morto. Na sede do clube, se apaixonou por Shadow, ou Dominic, seu nome verdadeiro – era a única a usá-lo.

Isabelle conhecera Michael havia muitos anos, mas fora separada dele devido à armação de Axel e do antigo presidente, pai dos dois. Finalmente, ela, Michael e a filhinha dos dois estavam juntos e felizes.

Mary conhecera Hush na mesma época que Isabelle fora apresentada a Kill, e o relacionamento deles era perfeito!

Emília tinha sido abusada pelo homem que achava ser seu pai e engravidara dele. Daemon tivera que proteger ela e Emma, sua filha, por causa da ameaça que a garota sofria do MC horrível que a tinha comprado do seu estuprador, bem como do cartel inimigo do irmão que ela nem sabia ter. Durante o tempo que ficaram juntos, eles se apaixonaram, e eram muito felizes.

Após conversar e beber cerveja com as meninas, pedi licença a elas e fui ao banheiro no andar de cima. Antes de seguir de volta para o térreo, ouvi gemidos vindos de um quarto.

— Mais forte! — gritou uma mulher.

Notei a porta entreaberta. Devia ter ido embora, mas estava paralisada com a cena diante dos meus olhos.

Havia uma mulher na cama com Logan na frente e Max atrás. Era um *ménage à trois*.

Eu nunca imaginara que sentiria vontade de transar ao assistir alguém fazendo sexo. Claro que já vira na TV, e isso me deixava excitada, mas naquele momento? Estava molhada.

— Gostando de ver os três foderem, querida? — Escutei a voz de Jonathan no meu ouvido.

Arfei, levando Logan a me olhar, sem parar de bombear a mulher.

Tentei sair dali, mas as mãos de Nasx à minha volta me mantiveram no lugar.

— Quer que eu a foda assim? É só me pedir. — Mordiscou minha orelha, pondo uma mão em meu seio, e a outra no abdômen, deslizando-a para o sul da região. — Mas só meu pau entrará em você.

Minha respiração acelerou, e eu sabia que tinha que me afastar de seus dedos entrando em meu short de elástico, porém, o prazer de ser tocada e observar a cena à minha frente ao mesmo tempo era demais; revirei os olhos. Minha cabeça estava apoiada em seu peito enquanto eu assistia ao *ménage*.

— Não quero outro homem — declarei, ofegante. — Estou pronta para ser sua de vez, pois confio em você como nunca acreditei em ninguém.

— Minha Sloane, a doce princesa do meu coração... — Seus dedos foram para a minha fenda virgem. — O que sente com meus dedos em seu clitóris enquanto os observa foderem?

— Jonathan... — As mãos agarravam seus braços com força, tanto que achava que enterraria minhas unhas em sua pele.

Aos poucos ele derrubara as minhas barreiras. Eu estava louca para pertencer àquele homem.

— Isso, ovelhinha, só eu vou tocá-la assim. Amarei cada centímetro do seu corpo perfeito. — Sua voz era quente em meu ouvido.

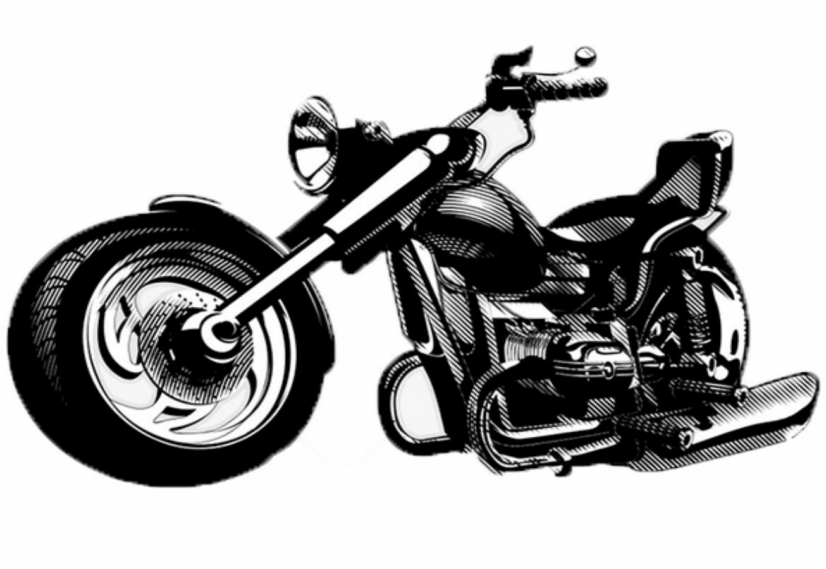
A menina continuou gritando para Logan e Max a foderem com força, então os dois o fizeram.

Gemi quando Jonathan mordiscou minha orelha e acelerou os movimentos de seus dedos.

— Quer gozar aqui ou ir para casa, onde lamberei esse corpo delicioso todinho? — Seus dedos se mexeram em um ponto pulsante, levando-me ao êxtase.

Eu deveria me preocupar com onde e na frente de quem estava sendo tocada, mas queria fazer parte do mundo de Jonathan, e aquela era a sua realidade. O toque dele era capaz de tudo, de me deixar bêbada de desejo, incoerente, sem conseguir raciocinar direito. Apenas não faria

mais que isso, não faria sexo na frente dos outros.



Capítulo 29

Sloane

Passamos pela porta da casa dele após chegarmos do clube, e Jonathan me pegou nos braços.

— O que está fazendo?! — gritei, me segurando no pescoço dele e rindo.

— Levando você até o nosso quarto — respondeu com os lábios na minha pele.

— Para o segundo andar? — Arregalei os olhos, incrédula. — Jonathan, você vai ter dor nas costas com meu peso se subir a escada. São quatro lances! Me coloque no chão, por favor.

— Está me chamando de fraco? — rosnou, dando uma mordida no lóbulo da minha orelha e me fazendo gemer. — Isso, querida, só tenha em mente fazer mais desse som para mim, porque amo ouvi-lo.

Ele parou à porta do seu quarto e, para minha surpresa, não estava ofegante ou cansado por me carregar.

— Aproveite, querido, enquanto for novo, porque, depois de uma certa idade, quando me levantar, vai ter reumatismo e dor na coluna — brinquei.

Ele riu.

— Bom saber que está pensando que teremos um futuro juntos. — Abriu a porta sem me colocar no chão.

— Você não está? — fingi espanto. Não tinha mais medo de que não déssemos certo. Não podia prever o destino, mas dispunha de uma certeza: o que eu sentia por Jonathan. Com ele queria me casar um dia, ter uma família.

— Vou lhe provar o quanto a desejo na minha vida, de modo que nunca mais duvide do que sinto por você.

— Não estou duvidando, querido, só estava provocando, mas admito que estou ansiosa para ver o que fará. — Alisei seus cabelos. — Vou adorar cada segundo disso. Todos os momentos que passarmos juntos serão mágicos.

— Feche os olhos e só os abra quando eu mandar, tudo bem? — pediu em um tom ansioso.

— O que está aprontando? — indaguei, inquieta também, obedecendo.

— Surpresa. — Senti que estávamos nos movendo. Então ele parou e me colocou de pé no chão. — Só um minuto, querida. Fique aqui, sem abrir os olhos ainda.

— Ok. — Meu coração se acelerava em expectativa. — Jonathan...

Ouvi seus passos não muito longe de onde eu me encontrava.

— Pronto, pode abrir esses lindos olhos! — falou, entusiasmado.

Assim que fiz o que mandou, ofeguei.

— Oh, meu Deus! — exclamei.

No seu quarto, havia um papel de parede 3D ilustrando uma noite com neve e, na claraboia no teto, a imagem da aurora boreal. As cores eram tão lindas e vivas... Transformavam algo que me deixava nervosa em um espetáculo impressionante.

Pisquei.

— Como? Quando? — Minha voz estava fraca ante as imagens deslumbrantes.

— Já que não posso levá-la ao Alasca enquanto a coisa com Dormas não for resolvida, pensei em trazê-lo para cá — me disse, suave. — Queria que nossa primeira vez juntos fosse especial. Gostou?

Encarei-o sorrindo e pulei nos seus braços, beijando-o com fome.

— Se eu gostei? — falei nos lábios dele, eufórica. — Eu amei! Jonathan, não há declaração de amor melhor que esta! Estou completamente feliz!

— Que bom! Não se preocupe, vou surpreendê-la mais vezes. — Levou-me até a cama e me depositou ali como se eu fosse preciosa para ele. — Agora estou louco para ter meu pau enterrado em você.

— Conto com isso. — Tirei seu colete e sua camiseta, traçando meus dedos no peito

coberto de tinta. — Também mal posso esperar você ser só meu.

— Já sou seu há um bom tempo, talvez antes que soubesse de mim. — Tirou minha camiseta. — Amo seus peitos.

Ri.

— Acho que estou fazendo errado se você gosta só dos meus peitos.

Riu também, tirando meu short.

— Sem calcinha... ótimo, quero prová-la, estou faminto por sua boceta. — Beijou meu seio e apertou o outro.

— Jonathan! — clamei, fechando os olhos devido ao prazer.

Meu coração batia forte em expectativa e desejo por aquele homem. Custava a acreditar que ele me aceitara do jeito que eu era. Jonathan estava ali e me desejava da mesma forma que antes, se não mais. Como eu tivera uma sorte tão grande para conseguir um homem igual àquele?

— Ei, por que está chorando? — De repente, ele estava em cima de mim com as mãos em minha face molhada. — Se não estiver pronta, podemos parar.

Entendera errado o meu estado, então me apressei a explicar. Nunca estivera tão certa sobre algo.

— Estou mais do que pronta, só fiquei emocionada e agradecendo aos céus por enviar você para minha vida. São lágrimas de felicidade por você me aceitar como sou — declarei, beijando de leve seus lábios. — Obrigada.

Jonathan me avaliou.

— Não há nada que agradecer, porque não vejo nenhum defeito em você. Jamais conheci uma mulher tão perfeita, ovelhinha. — Havia tanto louvor em sua voz que me emocionei. — E estou louco para me enterrar em você.

— Me sinto pronta há uma semana; você que quis esperar para explorar mais minhas costas.

Sorriu.

— Só queria acostumá-la ao meu toque.

— Bom, está funcionando. Agora fará amor comigo sob a aurora boreal? — Não tinha como eu não me realizar com um homem daqueles, com uma surpresa daquelas.

Beijou cada parte do meu rosto molhado, limpando as minhas lágrimas.

— Tem certeza de que está preparada? Não quero que faça nada contra sua vontade.

Ele pararia se eu pedisse. Isso me fez amá-lo ainda mais.

— Quero você mais do que qualquer coisa neste mundo. — Minhas mãos foram para sua calça e abriram a braguilha.

— Você é linda! — declarou com fervor.

Ele se afastou e se despiu, ficando completamente nu, uma visão que eu amava.

— Perfeito! — exclamei, vendo seu pau duro.

Riu deliciado.

— Bom que goste do meu pênis, mas vou adorar mais saber o que achará quando estiver com ele enterrado em você enquanto goza. — Pôs um preservativo, deitou-se sobre mim, posicionou-se e abaixou a cabeça para me beijar. — Vou devagar, não quero que sinta dor.

A cada dia e a cada momento, eu o amava mais.

— É melhor ir de uma vez. Não se preocupe, confio em você, Jonathan. — Sorri com os olhos nos dele. — Eu o amo demais.

— Também amo você, querida. — Empurrou delicadamente, ignorando meu pedido.

Seus beijos eram meu calmante durante a invasão e o rompimento do meu hímen. Logo não senti mais nada além de prazer e luxúria. Meu corpo foi possuído por um fogo nunca sentido antes. Claro que já havíamos brincado, mas nada comparado a experimentá-lo dentro de mim, esticando-me e me amando.

Suas mãos esquadrinhavam meu corpo, e nelas parecia haver brasas vivas. Uma corrente elétrica incendiava toda a minha pele. Nunca me sentira mais feliz do que quando nossos corpos entraram em sincronia, como um só.

Minhas mãos foram para as suas costas, apertando-o mais contra mim e o fazendo gemer.

— Jonathan... — louvei seu nome.

— Nossa, você é tão perfeita... — sussurrou, movimentando-se sobre mim.

— Você também... — Gemi assim que começou a acelerar. — Isso é tão bom...

Uma de suas mãos entrou entre nossos corpos e a senti em meu clitóris. Gritei e enfiei as unhas em suas costas. Ele não reclamou de dor, pelo contrário, gemeu de tesão.

— Estou tão perto... — Minha voz falhou, e meu cérebro foi consumido pelo êxtase transbordante.

— Goze em meu pau, ovelhinha! — Mais uma vez, vi os fogos de quatro de julho, e em pleno março. Ele me seguiu logo após, com duas estocadas.

Não precisamos dizer nada: nossos olhos mostravam tudo o que sentíamos um pelo outro.

— Sloane, eu amo você. — Falou depois de um tempo. Jamais me cansaria de escutar isto. Era real. Jonathan era meu e o seria para sempre.

— Gosto que me chame pelo meu nome verdadeiro.

— Esse é o seu nome, e vai usá-lo a partir de agora. Ele é lindo.

— Não posso usá-lo ainda, temo que minha mãe descubra onde estou e venha recuperar meu irmão. Noah é menor de idade. Não posso deixá-lo nas mãos daqueles dois.

— Confie em mim, não vou deixar isso acontecer. Ok?

— Sim, confio em você. — Fui sincera. Não havia como não confiar em um homem que, além de ser o amor da minha vida, era ainda o meu protetor, aquele que enfrentaria tudo para que eu fosse feliz.

— Ótimo, porque ninguém vai tirar aquele garoto de você. — Beijou-me. — Nunca imaginei que pudesse ser mais feliz do que já era.

— Eu também — afirmei, mas gemi assim que ele saiu de mim.

— Está dolorida? — Ele parecia realmente preocupado.

— Estou bem, não se preocupe comigo. — Alisei sua barba por fazer. — Você foi maravilhoso. Tornou esse momento tão perfeito que eu não acho que possa o amar mais do que já o faço.

Não havia nada melhor que estar com ele. Jonathan fora tão doce, como eu sabia que seria

desde o começo. Possivelmente foi por isso que eu me apaixonei por ele, por seu jeito de ser.

Deitei-me com a cabeça em seu ombro, meio sonolenta.

— Eu lhe daria o mundo se ele me pertencesse. Como não posso, prometo que farei tudo com que você sonhou em sua vida, que esteja dentro de minhas possibilidades.

— Não quero o mundo, só você — garanti. Só ele importava.



Acordei de manhã tomada pelo êxtase. Pensar nos carinhos de Jonathan, nos seus beijos, me deixava quente de novo.

Senti o colchão abaixar ao meu lado e um cheiro delicioso de café.

— Bom dia, ovelhinha. — Seus lábios abrasadores tocaram minha pele. — Trouxe café da manhã.

Pisquei e encontrei seus olhos brilhantes e azuis como o céu, quentes tal qual o sol.

— Bom dia. — Virei-me para ele e toquei seu rosto. — Adoro esse seu lado romântico.

Sabia que ele não era frio com as mulheres que tivera, mas não chegava a ser romântico como agora, comigo.

Ele riu.

— Fique sabendo que é só com você. E estou amando cada segundo. Pode se acostumar, porque é só o começo.

Sentei-me na cama e puxei a bandeja com várias coisas gostosas – bolo, torradas, frutas, suco e café.

— Está querendo me engordar? — Ergui as sobrancelhas em provocação.

Sorriu.

— Não me importa como ficar, sempre irei amá-la — declarou, pegando um morango e o levando à minha boca.

O suco escorreu pelos meus lábios. Ele encostou os dele nos meus e me beijou com fome.

Não pude aprofundar o beijo, porque ele se afastou.

— Tome seu café, vou levá-la a um lugar.

Não queria ir a lugar nenhum, e sim ficar com meu loiro apaixonante naquele momento.

— Depois, querida. Prometo que irá amar — falou, como se lendo meu rosto.

Apressei-me a me alimentar com o café maravilhoso que ele me fizera.

Jonathan pegou minha mão.

— Feche os olhos — pediu. — Não os abra até eu deixar.

— O que vai fazer? — indaguei, curiosa.

— Surpresa. — Beijou a ponta do meu nariz.

— Outra surpresa? Tão boa quanto isso? — Gesticulei ao redor. Fui vestir uma camisa, mas ele não permitiu.

— Não se vista agora, quero você assim para o que vou fazer.

Levantei as sobrancelhas.

— O que será? Preciso estar nua? — Sentia-me dolorida, mas não me importaria de fazer amor com ele de novo; aliás, ansiava por isso.

Ele riu.

— Não vamos transar agora, só mais tarde. — Beijou o topo da minha cabeça. — Faça o que pedi, por favor.

— Certo, vou ao banheiro enquanto prepara sua surpresa.

Fui me limpar, porque me sentia molhada intimamente e achava que fosse sangue; não era muito. Enrolei-me na toalha e voltei para o quarto.

— Estou pronta... — Minha voz falhou quando o vi sobre um joelho no meio do quarto, com uma caixinha azul aberta. — Oh, meu Deus!

— Sloane Prince, a mulher mais linda que conheço, aceita ser minha *Old Lady?* Prometo amá-la para sempre, cada parte sua, inclusive as que você não gosta — jurou. — Aceita trilhar esse caminho ao meu lado? Sei que é cedo, não dou a mínima, só quero estar sempre com você.

— Quero mais que tudo, mas tenho Noah...

— Qual o problema? — Franziu a testa, parecendo preocupado. — Acha que ele não vai me aceitar?

— Não é isso, penso que sim. Mas se eu me casar com você, meu irmão ficará conosco. Você o aceitará como parte de sua família? Porque nós dois somos um pacote só.

Jonathan se levantou.

— Me diga uma coisa, vai se importar que Hadassa more aqui? Porque ela não vai a lugar nenhum. — Suspirou. — Ambos temos pessoas que são importantes para nós, e acredito que seremos uma família completa e feliz.

— Entendo o que quer dizer — sussurrei. — Estou sendo boba, né? Só que sempre fomos apenas nós dois, é difícil deixar o hábito. Farei o meu melhor, porque quero você demais.

— Isso é um sim? — Levantou a caixinha, e vi o diamante com corte princesa e asas de anjo.

— Nossa, é tão lindo... — Estendi minha mão, e ele o colocou em meu dedo.

— Você é mais — afirmou. — Agora quero que feche os olhos de novo.

Concordei, confiando nele. Senti suas mãos nas minhas, puxando-me para fora do quarto, porque ouvi uma porta se abrir.

Havia degraus sob meus pés, então paramos. Outra porta foi aberta.

— Ok, agora pode abri-los. E seja qual for a sua decisão, estarei sempre do seu lado. Não estou fazendo isso por mim, mas por você.

Arfei ao ver um quarto parecido com o estúdio de tatuagens onde ele me levara.

— Um estúdio aqui? Como eu nunca o vi? Você tatua também na sua casa?

— Não tenho aqui, só trouxe para fazer em você, achei que ia deixá-la mais relaxada. Sobre a casa, ela é nossa — corrigiu, apertando a minha mão. — Vamos nos casar em breve, então tudo que é meu é seu.

Pisquei, chocada.

— Lembra daquele desenho? Achei que estivesse pronta e que poderíamos fazer a tatuagem; só se quiser. — Apontou para as coisas.

Meu coração parou um minuto. Não sabia se conseguiria.

— Podemos tentar. Se não aguentar, prometo que paro. Pode se deitar aqui de barriga para baixo.

— Acredito em você. — Deitei-me na mesa que tinha ali, respirando com dificuldade.

— Tome seu tempo, querida. — Beijou meu ombro.

Eu não podia ficar sempre com medo de pensar no que houve comigo. Chegara a hora de eu deixar as memórias onde deveriam estar: no passado.

Cobri minha bunda com a toalha, expondo o restante do corpo. Jonathan a tirou e a jogou longe.

— Fica melhor sem ela! — brincou.

— Não acho que eu precise estar nua para fazer tatuagem nas costas — murmurei com um sorriso.

Ele se sentou na cadeira perto de mim e pegou uma maquininha, ou fosse lá o que fosse aquilo. Decerto a usava para tatuar.

Enrijeci ao sentir seus lábios nas minhas cicatrizes.

— Jonathan...

— Sloane, querida, não vou cobri-las por mim, mas por você. E não desenharei as asas quebradas, e sim intactas, porque, como me disse, você não está mais assim.

— Você me ajudou com isso. — Beijei seus lábios de leve. — Agora, mãos à obra.

Demorou quase duas horas enquanto ele mexia nas minhas costas. Doeu bastante, talvez devido às linhas rígidas que eu tinha ali. As lembranças queriam aparecer ao sentir as dores; eu as expulsava para longe com sucesso.

— Precisará de mais uma sessão. Podemos fazer depois — disse Nasx.

Fiquei de pé, nervosa, diante do espelho. Obriguei meus olhos a verem a obra-prima que meu namorado fizera.

As asas estavam abertas, como se saíssem mesmo do meio das minhas costas. Tão lindas... Encobriam quase todas as cicatrizes.

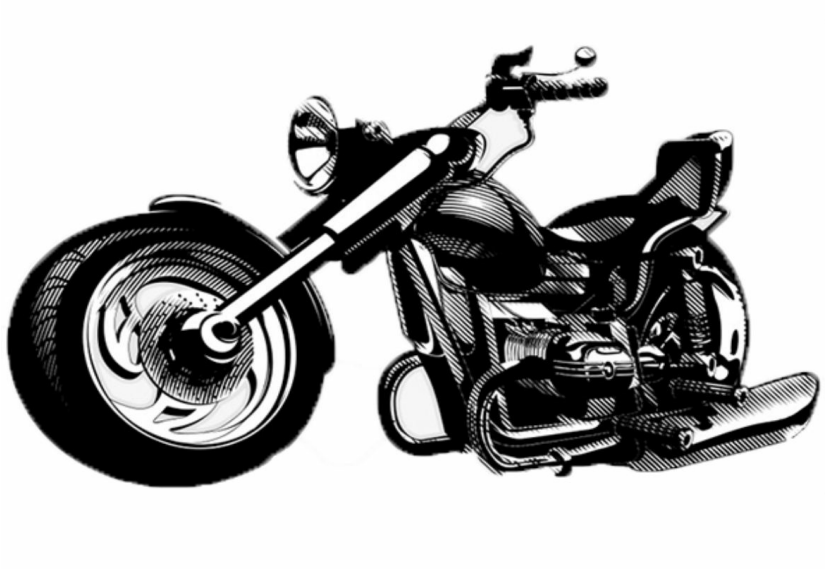
— Formidável! — exclamei, chocada com a beleza. — Você é o melhor em todos os sentidos.

— Realmente gostou? Vamos trabalhar mais nela depois, até tem espaço se quiser colocar palavras.

— Posso pensar em alguns nomes — falei, me referindo a ele e Noah. — Obrigada, está linda.

Veio até mim e me beijou.

— Adoro ver este sorriso estampado em seu rosto — declarou. — Amo você.



Capítulo 30

Sloane

— Você está noiva?! — gritou Sally, fazendo os clientes na mesa perto de nós arfarem.

Estávamos no restaurante, que se encontrava cheio. Era final de semana.

— Shhhh, não fale alto — pedi, sacudindo a cabeça. — Não quero chamar a atenção de todos.

Ela ficou feliz ao ver o anel em minha mão. Eu também estava deslumbrada com Jonathan.

Ele tinha saído cedo para fazer algo relacionado ao clube. Não lhe perguntei o que era, confiava nele.

— Não acredito que aquele motoqueiro pediu que se casasse com ele. — Sacudiu a cabeça, incrédula e contente. — Fez bem, minha amiga, em domar aquele pedaço de homem.

Ri, corando.

— Vamos trabalhar, Billy não vai gostar de estarmos aqui fofocando em vez de atender os clientes. — Fui em direção a uma mesa.

— Depois vamos terminar o assunto — disse às minhas costas.

Eu gostava de falar de Jonathan, ele era tudo de bom para comentar, mas não no horário de serviço. Ainda me lembrava da surpresa que me fizera havia algumas semanas. Eu podia sentir a tatuagem linda na pele, tudo devido ao meu motoqueiro. Uma parte do meu corpo, que antes só me trazia dor e lembranças ruins, passara a despertar recordações de Jonathan e dos momentos maravilhosos ao seu lado.

Claro que eu não estava cem por cento curada, mas um dia estaria, tinha certeza, ainda mais com pessoas maravilhosas cuidando de mim. Antes era só Noah; ultimamente eu tinha uma família inteira de motoqueiros que, embora fodões, eram gente boa e muito protetores.

Terminei meu trabalho por volta das quatro da tarde e liguei para Jonathan. Contudo, antes que ele atendesse, senti algo pressionado contra meu nariz. Após, a escuridão se apossou de mim.



Ouvia conversas e gritos não muito longe. Parecia que pessoas lutavam.

— A Bela Adormecida acordou? — inquiriu uma voz divertida.

Pisquei, deparando-me com um teto iluminado. Sentei-me brutalmente e quase caí de um banco.

Recordei dos momentos que precederam o desmaio.

Estava perto de uma arena lotada, com um ringue no centro. O local cheirava a bebida e cigarros.

O homem sentado à minha frente era alto, tinha cabelos e olhos escuros; alguém que eu conhecia muito bem.

— Luca? O que você...

— Não faça perguntas agora. Só o que precisa saber é que foi necessário trazê-la aqui dessa forma. Não podia dizer o meu plano ao Nasx ou a você, porque não aceitariam.

— Que plano? O que o levou a me sequestrar? — grunhi, querendo esganá-lo.

Avaliei o local, procurando uma forma de fugir dali. Então os meus olhos pousaram em alguém do outro lado do ringue, o que me fez pular de pé.

— Noah! — gritei. O alvoroço da multidão não deixava que ele me ouvisse. Além disso, eu estava dentro de um camarote cercado de vidro escuro. Era o meu irmão ali!

— Ele vai ficar bem — garantiu Luca.

Fuzilei-o.

— Bem?! Me trouxe aqui para obrigá-lo a lutar com alguém? — rosnei.

— Não tinha outro jeito. Precisava que isso acontecesse — disse com um suspiro. — Nasx

não vai gostar muito, mas não tínhamos escolha. Precisamos pegá-lo.

Observava um homem sentado na arquibancada, não muito longe de onde Noah se encontrava, um cara barbudo e de bigode.

— Aquele é Dormas? Ou algum outro mafioso que está de olho em Noah? — perguntei.

— Dormas. Eu precisava de um entretenimento grande para trazê-lo aqui e poder matá-lo.

— O quê? Ele é tão protegido assim, a ponto de a máfia não conseguir enfiar uma bala no seu maldito cérebro?

— Se fosse assim tão simples, eu já teria feito isso. Dormas vai se encontrar aqui com alguém de quem estou atrás há muito tempo. — Passou a mão nos cabelos. — Tentei conversar com seu irmão e fazê-lo cooperar. Ele não quis ouvir, dizendo que não ia fazer nada contra a sua vontade.

Meu coração balançou por Noah considerar meus sentimentos. A maioria dos adolescentes não agiria assim.

— Me dopou e me sequestrou para obrigá-lo a lutar em uma droga de ringue? — sussurrei com espanto. — E se for luta de morte?

Luca deu um suspiro duro.

— Não será. E, se fosse, garanto que o garoto venceria — asseverou, mas não vi certeza na sua voz. — Ainda mais quando ele souber quem são seus adversários.

— Você disse “seus”? — Arregalei os olhos. — Noah enfrentará mais de um no ringue?

— Seu irmão dá conta, não precisa se preocupar com isso. Sorte desses homens brigar com ele e não comigo e Nasx, porque a coisa seria pior. — Sua voz saiu sombria.

— Quem são eles? — perguntei, sentindo um misto de curiosidade e raiva.

— Crápulas que logo morrerão...

— Não quero que meu irmão vire um assassino! — cortei-o, com os dentes cerrados.

— Você não pode protegê-lo a vida inteira. Deixe ele tomar suas próprias decisões — informou e apontou para o banco ao seu lado. — Agora se sente, Nasx já está chegando. Você precisa impedi-lo de me atacar.

Franzi a testa.

— Por que faria isso? Eu mesma estou louca para quebrar sua cara.

Ele riu, inabalado. Levantou-se e veio na minha direção, ficando com o rosto perto do meu.

— Há um monstro em mim que está doido para mutilar alguém. Se Nasx me atacar, não sei do que serei capaz. — Tocou meu cabelo. — Isso destruiria você, e não é minha intenção.

O medo se apossou de mim. Porém, uma parte ficou aliviada por ele não querer atacar Jonathan, mesmo que fosse por minha causa.

— Será que não fui claro quando disse que, se traísse minha irmã, iria fazê-lo comer seu pau? — indagou uma voz grossa atrás de Luca.

Virei-me e encarei um homem alto de olhos verdes; apesar de bonitos, eram letais, vazios. Ele me parecia a personificação da morte.

Luca se afastou e fitou o cara, que estava vestido com um terno escuro.

— Alessandro — cumprimentou-o, seco. — Ela não é o que pensa.

Pisquei. Então Luca estava namorando a irmã daquele homem? Quem era? Parecia algum mafioso.

— Eu...

Luca me interrompeu:

— Ela é a irmã do garoto — respondeu de modo frio.

Os dois não pareciam ser amigos. Não foi possível perguntar o que estava acontecendo ali, pois outro homem entrou no recinto, seguido por Shadow, Daemon, Kill, Axel e Jonathan, furioso.

O lugar ficou meio apertado com tantos caras grandes. Corri para os braços de Jonathan, tanto porque adorava estar ali, sentindo seu aconchego, como para o impedir de socar Luca, ou a bomba explodiria. O mafioso o mataria caso ele o enfrentasse.

— Jonathan — sussurrei no seu ouvido, para apenas ele ouvir —, não enfrente Luca, por favor. Ele pode...

Nasx se afastou e me checou dos pés à cabeça.

— Você está bem?

— Ela está. Eu não tocaria em um fio de seu cabelo — falou Luca.

Jonathan o fuzilou e já ia dizer alguma coisa quando avistou Alessandro, o irmão da namorada de Luca.

— Posso saber que porra está acontecendo aqui? Por que envolveu Noah nisso? — rosnou Jonathan, voltando sua atenção para Luca. Então se virou ao outro homem que viera com eles. — E minha mulher, Matteo?

Luca apontou para Dormas e o cara de cabelos ruivos ao lado dele.

— Aquele é o braço direito de Chavez, o seu sobrinho, Charles — disse.

— E...? — incitou Jonathan com os dentes cerrados.

— Os Rodins estavam interessados em Noah, e Dormas ficou de conseguir o garoto para eles. Armei essa luta para que os dois viessem aqui. Embora eu quisesse Chavez, Charles vai servir para o que eu preciso — respondeu Matteo. — Lamento ter acontecido nesta situação.

— Meu irmão não vai trabalhar para nenhuma máfia! — urrei.

— Ele tem que pertencer a alguma organização, só assim afastará da sua cola todos que o querem — disse Matteo e olhou para Noah, que entrava no ringue. — Vi lutas dele. O garoto é bom.

— Mas...

— Noah será um de nós — afirmou Jonathan, fazendo-me arregalar os olhos.

— O quê?

— Já conversei com seu irmão sobre isso, ele está de acordo. Íamos falar com você hoje à noite.

É melhor ele participar do MC que da máfia, pensei.

— Tudo bem. Já que estão aqui os homens que você quer — olhei para Luca —, não tem como encerrar a luta?

— Não acho que ele queira sair agora. — Gesticulou para o ringue.

Segui seu olhar e travei. Ali estavam Denner, Diego e Bruce, os homens dos meus

pesadelos por tanto tempo. Não senti medo ao vê-los, só raiva por serem tão cruéis.

— Tem certeza de que Noah pode vencê-los? — Minha voz era quebradiça como vidro.

— Se não tivesse, já o teria tirado de lá — garantiu Jonathan.

— Não quero que ele mate alguém — sussurrei.

— Noah não vai matá-los, só dar uma surra neles. Depois daremos um jeito nesses fodidos.

A luta começou. Cada golpe que Noah levava doía em mim, mas ele estava ganhando. Notei que ficava mais furioso quando Bruce sorria ou dizia algo.

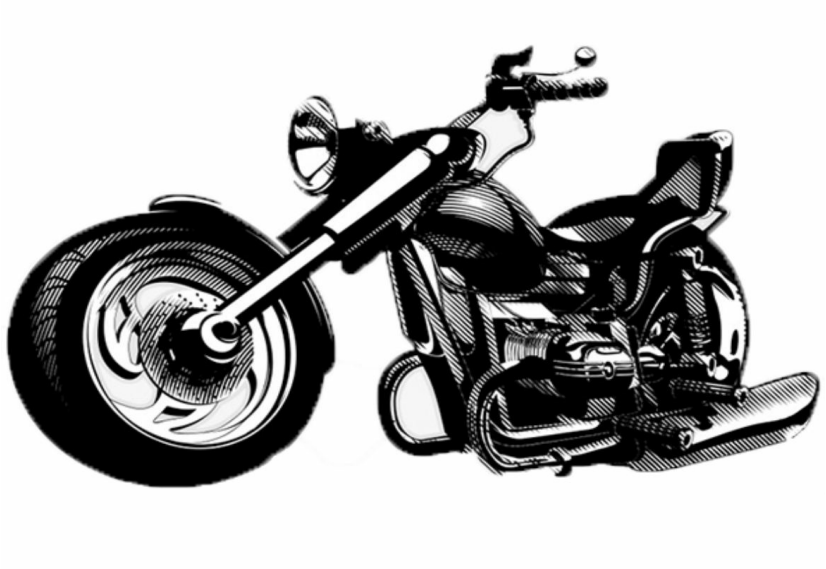
Ao meu lado, Jonathan estava tenso, tanto que eu podia sentir a fúria em seu corpo emanando pelo pequeno lugar cheio de homens e testosterona.

Nunca tinha visto Noah lutando daquela forma: mortal, raivoso, enfurecido demais socando Denner e Diego. Em seguida, foi para cima de Bruce, derrubando-o no chão e o atingindo com toda sua cólera. A plateia estava em alvoroço enquanto meu irmão acabava com eles.

— Se tem um plano, Luca, coloque-o em prática, porque nenhum daqueles animais merece morrer assim tão fácil — disse Jonathan, irado. Ele pegou minha mão para sairmos da salinha; antes, parou e fulminou Luca. — Depois vamos ter contas a acertar.

— Noah... — Eu não queria sair dali, mesmo sabendo que as coisas ficariam ainda piores, só queria meu irmão protegido.

— Tomarei conta dele para que não se machuque — prometeu Shadow. — Já o levo para vocês.



Capítulo 31

Noah

Entrei na igreja, nome pelo qual os MCs chamavam o local onde faziam suas reuniões.

Havia algum tempo minha irmã conhecera Nasx. A princípio, eu quisera matá-lo, então vira a forma como ele a olhava, parecendo que adorava o chão que ela pisava. Isso amenizou o que eu sentia pelo motoqueiro.

A sala era grande, com cadeiras e uma mesa tomando quase a extensão do ambiente. Ali se sentavam todos os MCs. Max, Ash e Tripper eram prospectores, status abaixo dos que eram chamados realmente de motoqueiros. Logo vinham Logan, Axel, Daemon e Kill. Depois o chefe deles, o presidente do clube, Shadow. E o vice-presidente, Nasx.

— Pediram que eu viesse aqui? — perguntei, entrando no recinto.

Nasx suspirou e apontou uma cadeira.

— Sente-se, precisamos conversar...

Estreitei meus olhos, avaliando seu tom preocupado.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa com minha irmã? — Eu acabara de deixá-la na casa dele, não tinha como ter ocorrido nada no tempo que eu levara para chegar ali.

Sentei-me ao lado de Tripper. Ele era um cara legal, nos dávamos bem.

— A ovelhinha está bem — garantiu Nasx.

Acreditei; ele não estaria calmo se tivesse ocorrido algo. Bom, se o assunto não envolvia minha irmã, talvez se tratasse dos nossos pais.

— Vamos deixar as coisas claras: não convocamos quem não pertence ao MC para reuniões, mas abrimos uma exceção para você — disse o presidente. — Queremos que tome uma escolha.

Assenti, achando que não gostaria do que estava por vir. Não temia nada, não depois do que meus malditos pais tinham feito à minha irmã, a mulher mais perfeita do mundo para mim. Eles só não haviam agido pior porque eu impedira e nós fugíramos daquele lugar horrendo em que vivíamos.

— Que escolha?

— Tem muita gente interessada em você, em sua luta, então, para que os mantenhamos longe, queremos que se torne um prospector e, depois, um de nós — explicou Nasx. — A não ser que deseje entrar para a máfia ou outra organização.

Pisquei. Era claro que eu amava lutar, mas não pensava em subir nos ringues para brigar por alguém sem minha irmã aceitar. Queria lutar por esporte e por amor ao que fazia, não para ganhar dinheiro para mafiosos.

— Vou ser o que Tripper é? — Olhei para ele e depois para Nasx.

Estava ansioso para me tornar um deles. Tripper me ensinara a andar de moto, e eu adorara a sensação.

— Sim. Topa? — perguntou Nasx. — Porque não acho que Sloane gostaria que servisse à máfia.

— Sim, serei um de vocês.

Tornara-me um prospector no dia anterior. Adorava vestir as roupas deles. Pensei que teria tempo para curtir aquilo, mas me encontrava ali, em frente aos filhos da puta que tinham machucado a minha irmã. Eu sempre a protegera, todavia, naquele dia ficara doente, então não fora à escola, e os bastardos tocaram nela da pior maneira possível.

Luca me levou lá para que eu lutasse com uns caras. A princípio, não aceitei. Então ele me falou que estava com minha irmã. Fiquei furioso. Entretanto, minha raiva contra ele arrefecera um pouco ao saber que brigaria com os filhos da puta que a machucaram.

Teria uma chance com eles; isso me deixara mais do que feliz.

— Somos lutadores, e, quando soube que você estava aqui, pensei que teria minha chance com você — disse o merda do Bruce. Ao seu lado estavam Denner e Diego.

— Não achamos que o bastardo fodido de um traficante iria se juntar à máfia — falou Denner.

— Acabaremos com você assim como fizemos com sua irmãzinha... — Diego foi interrompido por meus punhos em sua boca.

— Ela gritava como a putinha que é, igual à sua mãe. — Sorriu Bruce. — Sabia que foi Ruth que falou sobre sua filha ir pagar a dívida? Meu pai não a quis, e sim à mãe dela. No fim, as duas pagaram bem caro por fazer meu pai trair minha mãe.

— Vou mostrar a vocês como bato. Garanto que nunca mais tocarão em nenhuma mulher! — rugi, indo para Bruce, aquele por quem eu tinha mais ódio, e o detonando. Cego de ira, mal via tudo que acontecia.

Logo os três pararam no chão. De repente percebi que alguma coisa séria ocorria naquele lugar, pois houve uma movimentação incomum entre mafiosos e MCs. Eu não ligava se morresse, contanto que aqueles miseráveis fossem comigo. Morreria feliz.

— Vamos, garoto! — Axel puxou meu braço de cima de Bruce; eu ainda o espancava.

— Vou matá-los! — Esquivei-me dele.

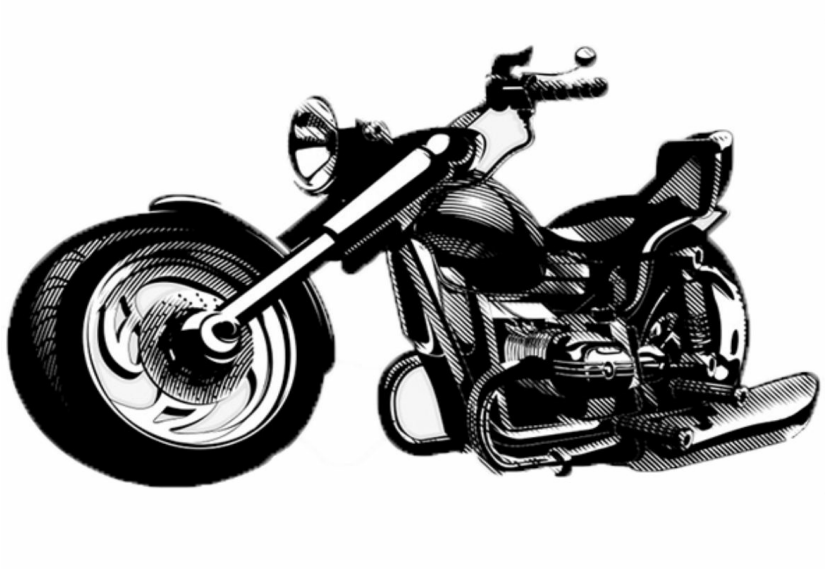
— Não, sua irmã não deseja que vire um assassino, e Nasx quer sua chance com eles. Pode confiar, os três vão pagar caro por tocá-la — disse, me arrastando dali.

— Quero que vão para o inferno, de preferência com dor, assim como meus pais. — Com a menção à Sloane, fiquei mais calmo. Entretanto, continuava a ofegar devido à raiva que sentia, tanto deles quanto daqueles que se diziam meus pais.

— Seus pais vão pagar também, Luca já está cuidando deles a pedido de Nasx. Se você os quiser mortos, é só me pedir, porque Luca só os mandou para a cadeia; eu posso fazer pior — ofereceu Axel. — Nasx disse que não vai matá-los, por Sloane e você.

Acreditava nele.

— Pode fazer, Axel — respondi com frieza. — Só não quero que Sloane saiba de nada, quem foi o mandante. Está na hora de minha irmã ser feliz.



Capítulo 32

Jonathan

Tentei falar com Sloane, e não consegui. Achei que estivesse com as meninas ou no trabalho, mas liguei para lá e disseram que saíra já fazia algumas horas. Também não tinha chegado em casa. Estava tentando me acalmar para não derrubar a cidade inteira atrás dela.

Quando menos esperava, Luca me mandou uma mensagem dizendo que estava com ela na Cedros, uma boate das mais chulas, onde havia um ringue.

Peguei minha moto e fui parar lá, furioso, querendo matá-lo. Ao descer, deparei-me com Matteo e meus irmãos do clube.

— Nasx, espere — Shadow se pôs na minha frente.

— O quê? Sabe por que ele a trouxe aqui e não me disse nada?

— Sim, mas só descobri agora. Vamos entrar e acabar com isso. Não enfrente Luca; ele não está bem nessas últimas semanas com algo que aconteceu na aliança entre os Salvatores e a máfia Destruttore. Sua garota está intacta, ele jamais a tocaria.

Eu sabia que era verdade. A máfia Salvatore, antes de Matteo, era composta de fodidos que se aproveitavam de crianças, porém, o mais novo *capo* limpara toda aquela escória. Nenhum dos membros atuais aprovava estupros, tanto de mulheres quanto de crianças.

Isso não me deixou menos furioso, claro. Eu só queria Sloane de volta aos meus braços.

Ao entender seu plano de merda, minha raiva se dissipou um pouco – não por ele ter pegado Sloane; eu acertaria minhas contas com Luca por causa disso –, e sim porque Noah teria sua chance com os malditos que machucaram minha garota, sua irmã.

No dia anterior, havíamos tido uma reunião na igreja, e ele fora convidado a participar do MC. Queríamos deixar a escolha nas suas mãos. Muitas pessoas tinham visto o maldito vídeo de

sua luta e não o deixariam em paz, mas isso poderia mudar se ele pertencesse a alguma organização. Como Noah não queria se aliar à máfia, dei-lhe a ideia de se unir ao motoclube, tornar-se um prospecto e, depois, um de nós. O garoto se alegrara.

Eu já o tinha como um irmão caçula e o adorava. O meu carinho por sua irmã me fazia simpatizar ainda mais com ele.

Na hora da briga, sentira-me orgulhoso pra cacete por Noah ser um lutador nato.

— Jonathan, o que vai acontecer? — perguntou Sloane, tirando-me dos meus pensamentos.

Levara-a para um quarto nos fundos da Cedros.

— O lugar está cercado. Ninguém sairá daqui até os dois *capi* terem o que querem. — Isso era verdade.

— Dois? Quem é o outro? — sondou nervosa, olhando para a porta.

— Alessandro é *capo* dos Destruttore, outra máfia italiana — respondi. — Você já deve saber de Matteo, o primo de Luca.

Ela assentiu, ainda preocupada, então a puxei para os meus braços.

— Não queria que visse aqueles filhos da puta de novo. — Trinquei os dentes. Referia-me aos covardes que a tinham machucado.

— Não ligo mais para eles, só senti raiva quando os vi lutando com meu irmão — sussurrou.

Mesmo assim eu não a queria ali, por isso minha vontade de acabar com Luca. Quando Sloane pedira que não o atacasse, não fora por medo que eu não o fizera, mas porque não desejava a atenção de outra máfia em cima de Noah e de minha mulher. Alessandro podia estar de olho neles.

Não houve tiros lá fora; quando a máfia estava envolvida, tudo era feito de modo silencioso e discreto.

De repente, a porta se abriu, e eu já ia apontar minha arma, quando vi Noah e Axel.

— Noah! Oh, meu Deus! Você está bem? — Sloane voou para os braços dele.

— Estou sim, mana.

— Shadow o quer lá fora — disse Axel para mim. — Mas acho que eles deviam ficar aqui, porque o lugar não está nada bonito. — Seus olhos pousaram em Sloane, que abraçava Noah.

— Já estou indo — informei. Ele saiu, deixando-me sozinho com os dois. — Está tudo bem, garoto?

Noah, abraçado à irmã, fitou-me.

— Queria tê-los matado... Axel me interrompeu, então tudo virou um caos — murmurou.

Não o vi entrando em pânico ou coisa assim, como geralmente acontecia com a maioria das pessoas. O garoto era forte, cheio de fibra.

— Eles vão pagar e da maneira mais difícil.

Sloane me fitou com os olhos arregalados.

— Você vai matá-los? — sussurrou.

— Não os tocarei, como prometi a você, mas todos vão pagar. — Beijei sua testa e encostei no ombro de Noah. — Preciso ir. Quero que tome conta dela. Vou mandar Logan vir para levar os dois para casa. Nos encontramos lá.

— Jonathan? — chamou Sloane.

— Sim? — Da porta, olhei para ela.

— Pode fazer o que você quiser com os três; não vou me importar.

— Tem certeza?

— Sim.

Assenti e saí.

Cheguei ao salão do ringue. Vi corpos espalhados por todos os lados, no chão e nas arquibancadas.

— Sobraram cinco deles — comentei.

No meio do ringue estavam os três merdas que torturaram Sloane.

Luca franziu a testa.

— Achei que você poderia ter mudado de ideia e quisesse fazer sua graça com eles.

— Terei minha chance com esses vermes malditos. — Apontei para Dormas e Charles. —

O que farão com os dois?

— Para esses, temos planos. — Alessandro assinalou para um homem alto de cabelos ruivos. — Leve-os daqui ao calabouço dos Salvatores. Diga a Stefano que logo chegaremos lá; não comecem sem nós.

Aquele cara era o deus da frieza em pessoa, mal tinha expressão. Teria que ser observado bem para se detectar algo.

— Quanto à Bruna, o que será dela? A cadela usou minha mulher — falei com um suspiro duro.

— Isso já foi resolvido com o *capo*; Bruna não é assunto de vocês — respondeu Alessandro.

Eu deveria ter insistido, mas não ligava tanto assim para a vagabunda.

— E os três vermes aqui?

Não deixaria outro ter sua chance com aqueles desgraçados, era eu quem merecia eliminar os três.

— Não me interessa — respondeu Alessandro, dando as costas e saindo.

— Gentil, não é? — Sacudi a cabeça.

O homem não se envolvia com ratos pequenos, ele gostava de tubarões. Decerto estava acostumado a lidar apenas com gente desse calibre.

Luca indicou os caras com quem eu pretendia acabar.

— Posso ter a vez? Estou louco para fazer alguns vermes comerem seus paus.

Os três garotos – falo assim porque eles não tinham mais que vinte e dois anos, embora sua ficha fosse extensa – começaram a gritar tentando se soltar, sem êxito.

— Por favor, não...

— Quantas vezes Sloane implorou que não a machucassem? Ou pior, que não jogassem a sua porra nas costas dela? Da minha mulher? Quão doente é isso? Se masturbar vendo o sofrimento de alguém? Batendo nela? Cortando-a? — Fiquei em frente a eles com uma faca na mão, louco para estraçalhá-los.

O medo nos seus olhos era prazeroso para mim. Percebi que sabiam de quem eu estava falando.

Daemon tinha puxado a ficha deles pouco depois de eu saber o que acontecera à minha mulher. Denner fora preso quatro vezes por brigar, assim como Diego. Já Bruce atropelara um morador de rua e partira sem prestar socorro. Também já fora acusado de assassinato. Além disso, havia duas acusações de estupro, numa das quais a menina viera a óbito. Sempre era solto devido às condições financeiras de seu pai, um mafioso que tinha policiais na folha de pagamento. Ou eu, ou Luca lidaria com aqueles oficiais da lei corruptos depois.

— Homens assim deviam ser queimados vivos — disse Daemon. Ele colocara fogo no maldito que estuprara Emília por anos.

— Nenhum de vocês merece estar na Terra, por isso vou eliminá-los. — Era para eu ter feito isso antes, mas, como tínhamos problemas como Dormas, resolvêramos esperar. Luca matara dois coelhos com uma cajadada só ao reunir os cinco animais num mesmo local.

— Por favor! — gritou Denner.

Sorri de modo frio.

— Ainda nem começamos, e já está implorando? — retruquei. — Não tem graça.

— Já lidei com homens que duraram um dia de tortura; até esses, no final, imploraram misericórdia. — Luca deu um passo para ficar do meu lado.

Bufei.

— Não somos Deus para sermos misericordiosos com monstros como vocês.

— Vocês também são monstros, já que vão nos matar — cuspiu Bruce.

Ele parecia um cara durão. *Vamos ver até quando.*

— Sim, somos, mas bem diferentes de vocês, que cometem atrocidades. Como, por exemplo, com aquela menina chamada Lídia, não era este o nome dela? A que você estuprou e matou? Não consegue garotas que o aceitem por quem é? Tem de estuprá-las?

— Isso não garante redenção a vocês... — começou Bruce.

— Não quero redenção, e sim vingança pela dor que infligiram à minha mulher! — rosnei,

enfiando a faca em seu peito. — Acho que gosta de cortar pessoas; vamos ver se é tão bom assim ao ser feito com você.

Gritou quando mexi a faca dentro dele.

— Luca e Axel, fiquem com os outros dois; cada irmão que quiser ter sua rodada com eles, pode mandar ver. — Olhei com frieza para Bruce. — Você é meu. Colocou suas mãos em cima dela, por isso vai pagar com a vida e muito sofrimento.

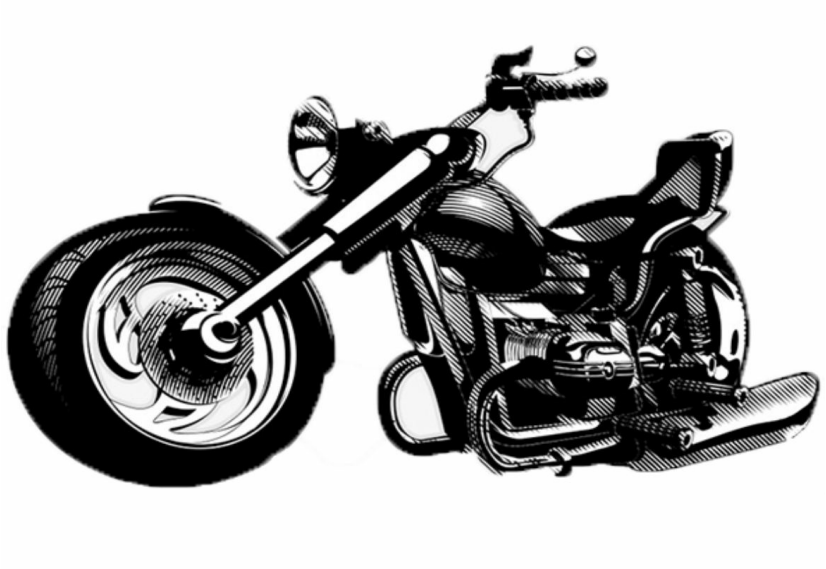
— Podemos contar onde o padrasto dela está; soube que ele batia nela também — falou Diego, possivelmente querendo barganhar.

— Não se preocupe, ele e a mãe de Sloane estão onde queremos que estejam. Terão o que merecem, tal qual vocês.

Luca faria com que os dois pagassem. Como eu não poderia tocá-los por causa de Sloane e Noah, ele cuidaria disso para mim. Não gostava de dever para a máfia, mas pagaria o preço que fosse para que Ramon e Ruth se fodessem.

— Chegou a hora de morrer.

Dei um chute em Bruce, derrubando-o no chão. Em seguida o virei de bruços, rasgando sua camisa e enfiando a faca em suas costas. Aquilo não mudaria o passado, mas me traria tranquilidade saber que ele sofrera.



Epílogo

Sloane

Dois meses depois

Usava um vestido branco estilo sereia colado em minhas curvas e solto nas pernas. Cabelos presos, apenas com mechas soltas nos dois lados do rosto, deixavam minha face um pouco mais cheia. Os olhos estavam brilhantes e excitados por ter chegado aquele dia, o mais feliz da minha vida.

— Você está linda — declarou Sally ao meu lado. — O queixo do seu homem vai cair.

— Obrigada. — Corei. — Nem acredito que me tornarei a senhora Ferrer.

— Pode acreditar, é real. Aquele cara lá no altar é louco por você.

— Bom que seja, porque, se eu souber de algo, quebrarei suas pernas dessa vez — disse Noah, entrando no quarto.

Fiz careta ao me lembrar da luta entre ele e Jonathan. Insisti aos dois que não lutassem, mas Jonathan era cabeça-dura e queria provar que merecia ficar comigo. Desejava a aprovação do meu irmão. Resultado: saiu com um olho roxo e o ombro deslocado, e isso porque Noah pegara leve – palavras dele, não minhas. Fiquei de queixo caído. O garoto estava se tornando uma máquina de socos.

— Se tocar nele de novo, ficará vários meses sem ir a qualquer festa ou excursão da escola, porque não vou assinar nada. Lembra que ainda é menor?

Ramon e Ruth tinham sido presos, e, com isso, eu ficara com a guarda do meu irmão. Havia dedo de Jonathan nisso. Não perguntei como ele conseguira, porque não queria saber de

nada que envolvesse minha mãe e meu padrasto, só agradeci ao meu motoqueiro loiro.

Noah riu.

— Gosto de Nasx, ele adora o chão que você pisa, por isso aceitei o casamento de vocês — informou, vindo até mim. — Está pronta?

— Como nunca. — Peguei sua mão. — Você está lindo de terno.

Ele vestia um terno preto com gravata combinando. Estava muito diferente de como eu me acostumara a vê-lo naqueles dois últimos meses, com sua jaqueta de prospector e roupa de motoqueiro.

— Só vai ver Nasx e eu vestidos assim; os outros disseram que preferiam ser torturados a encarar isso de novo — disse Noah, divertido.

Mary riu.

— No meu casamento com Hush, os obriguei a irem elegantes. Fiquei meses escutando suas reclamações. Você poderia ter feito isso.

Sorri, sacudindo a cabeça.

— Não ligo para suas roupas, desde que estejam presentes. — Olhei para as meninas. — Obrigada a todas, que me ajudaram a organizar tudo.

— Irmãs são para isso — declarou Evelyn com a mão na sua barriga imensa.

Eles não quiseram saber o sexo, descobririam somente no nascimento. O importante era que a gravidez, de seis meses, quase sete, ia bem, não tivera mais complicações.

— Chega de tanto chororô, vamos embora. — Noah estendeu a mão para mim.

— Seja gentil. — Dei um tapa nele.

— Sou gentil — afirmou com um sorriso.

Revirei os olhos e peguei seu braço, agradecendo-lhe por tudo que já fizera por mim.

— Está pronta? Sabe que, se quiser fugir, vou protegê-la dele — brincou, me levando pelo corredor.

— Se comporte — repreendi-o, louca para ver meu futuro marido no altar.

Quando lia sobre os casamentos dos personagens nos romances, nunca pensara que um dia

aquilo aconteceria comigo, mas estava tendo a prova viva de que milagres ocorriam. Realizaria meu sonho de pertencer ao meu homem.

O casamento se daria nos fundos do clube, debaixo de uma árvore de sabugueiro. Os MCs tinham feito um altar improvisado, e suas mulheres o haviam decorado. Eram seis da tarde, então o sol não estava quente.

Assim que passamos pela porta dos fundos, deparei-me com uma guirlanda de flores e um corredor com rosas de todas as cores. As cadeiras estavam lotadas por meus amigos e colegas do restaurante, como dona Rosa, sentada ao lado de Sally e Billy, de mãos dadas. O romance entre eles finalmente florescera. Dona Rosa sorria para mim tal qual uma avó orgulhosa.

No dia anterior eu conhecera Bax, um homem alto, barbudo e chefe do motoclube da Serpente. Ele viera para o casamento, e estava sentado ali, próximo à sua esposa, Patrícia, uma loira linda. Sua filha, Sandy, situava-se junto à Bella e Emma, perto do altar.

Ao ouvir o nome Sandy, na tarde anterior, pensara na prostituta que quase me separara de Jonathan. Por pouco não estaríamos ali, nos casando. Eu descobri que ela estava trabalhando na boate de Nikolai, e as leis lá eram mais rígidos que em outros lugares. Entretanto, não ligava para ela, contanto que ficasse longe de nós, especialmente do meu futuro marido.

Também tinha conhecido Curt, o presidente do clube de Nova Iorque, e sua esposa, Andy. Um casal encantador. Eles, igualmente, vieram para a cerimônia, bem como vários MCs de lá, e um policial amigo deles, Bryan, sua linda esposa, Alexia, e a filha, a querida Ariane.

Vendo todos ali reunidos, percebi o quanto Jonathan era amado, mesmo que não por sua família original – exceto Vlad, seu irmão de sangue. Ele era adorado por seus amigos e irmãos do clube e fora dele, e eu estava imensamente feliz por me aceitarem naquela grande família.

Esqueci-os e foquei no homem de pé no altar com terno preto, sem gravata, os cabelos presos em um rabo de cavalo e olhos tão brilhantes que quase me deixaram de pernas bambas.

Segui pelo corredor improvisado conforme a marcha nupcial era tocada, a passos lentos. No entanto, queria correr e pular em seus braços. Controlei-me, mas pareceu que milênios se passaram até eu ficar à sua frente e meu irmão me entregar a Jonathan.

— Espero que a faça feliz, ou farei você...

Cortei Noah:

— Jonathan já entendeu o recado quando lutou com você.

Noah beijou minha cabeça com um sorriso.

— Seja feliz, maninha, você merece mais do que qualquer um — disse, deixando-me com o meu lindo noivo.

Jonathan apertou minha mão, e nos viramos para encarar o homem que ministraria as palavras.

— Você está linda, tão magnífica que não consigo afastar o olhar — sussurrou, varrendo os olhos quentes sobre o meu vestido.

Corei, mas me senti lisonjeada. Então encaramos o ministro.

— Estamos aqui entre amigos e família para oficializar o matrimônio de Sloane Prince e Jonathan Ferrer... — prosseguiu com as palavras que eu adorava ler nos livros. Finalmente as ouvia.

Por fim, senhor John nos perguntou se tínhamos certeza e aceitávamos um ao outro; nossas respostas foram firmes.

— Ao conhecê-lo, tive a prova de um milagre. Antes, eu andava na escuridão, cheia de tormento, e com você enfrentei meus demônios e superei as dificuldades. — Meus olhos estavam molhados. — Hoje, você não me deu só a si e seu nome, mas também uma imensa família. — Mirei todos que assistiam à cerimônia, alguns me encarando com sorrisos, outros, com lágrimas de emoção. Voltei-me para o meu marido. — Se estou correndo perigo, você vai ao meu socorro; se estou triste, você me alegra; se estou na escuridão, você é a minha luz. Não há nada que não faria por mim, até andar em brasas e entrar na frente de uma bala, como fez uma vez.

— Faria de novo, porque este mundo sem você é horrível, eu não saberia viver nele, não sem a mulher que eu amo e que vou amar para sempre. A futura mãe dos meus sete filhos. — Riu dos meus olhos arregalados. — Dois, então. Ter uma vida ao seu lado é o que eu mais almejo. Amo você, minha linda esposa, minha ovelhinha.

— Também o amo, meu lindo protetor. — Beijei seus lábios antes mesmo de o reverendo nos declarar marido e mulher.



— Você está gostosa — disse Jonathan ao entramos no nosso quarto.

Noah dormiria no apartamento de Tripper naquela noite, assim eu e Nasx ficaríamos sozinhos para curtir nossa lua de mel. Meu irmão não gostou, contudo, não pôde fazer nada. Eu enfim era uma mulher casada.

— Você também — falei com um sorriso. — Preparei uma surpresa; peço que fique aqui e não saia até eu voltar.

Franziu a testa.

— O quê? Aonde vai?

— Só me espere, por favor. Garanto que gostará.

— Não demore.

Assenti e fui para o meu antigo dormitório, no primeiro andar. Tirei meu vestido e coloquei a roupa para o que tinha preparado. Liguei o som um pouco alto; sabia que isso atrairia Jonathan para lá, mesmo que eu tivesse lhe pedido para me esperar no outro quarto.

A porta foi aberta, então segurei no poste de *pole dance* e sorri para ele.

— Fiquei sabendo que checa as *strippers* enquanto dançam na boate de vocês. — Não havia acusação. Ele tinha falado ao Shadow que não faria mais o serviço.

— Não estou mais...

— Eu sei, só quero provar a você que também sou boa dançarina. — Apontei para a poltrona. — Sente-se ali, assista e veja como me saio, se passo no teste.

Sorriu e obedeceu.

— A prova que passou é que carrega um diamante no seu dedo e meu sobrenome na certidão de casamento. — Piscou. — Mas vou amar você dançando com essas roupas

minúsculas, que a deixam mais *sexy* do que já é.

Corei e me forcei a seguir os passos da música, segurando no poste colocado ali para aquela ocasião. Ouvi a melodia e rodopiei, seguindo o ritmo e me movimentando de forma sensual, inclusive fazendo algumas acrobacias. Vinha treinando em segredo fazia um tempo.

Enquanto eu dançava, a respiração de Jonathan acelerava. Assim que a música acabou, ele estava com os olhos muito abertos e excitados.

— Porra, você é perfeita! Onde aprendeu a dançar desse jeito? — Levantou-se e veio na minha direção.

Sorri, dando de ombros.

— Com a Mary. Ela aprendeu para Hush justamente pela mesma razão que eu.

— Quem disse que era minha função checar a mercadoria nas boates? Bom, foi antes de ter você na minha vida. Isso a fez duvidar do que sinto por você?

— Ouvi por aí, mas não duvido do que sente, só queria surpreendê-lo e mostrar que tem uma esposa que sabe dançar e é muito criativa na cama. — Olhei-o de um jeito sensual, ou, pelo menos, achei que o fiz.

— Criativa na cama, hein? — Riu e me beijou. — Temos nossa vida inteira para sermos criativos; agora só quero estar enterrado em você.

Eu não ia reclamar quanto a isso.

Ele tirou o sutiã e a calcinha de renda vermelha que eu usava e logo estava nu também.

Deitei-me com meu marido sobre mim.

— Tão linda! — Alisou meu rosto e me beijou, enterrando-se em meu interior.

Não disse nada, só aproveitei as sensações que me inundavam. A cada estocada, um gemido saía de seus lábios e dos meus. Aquilo era um sonho que eu finalmente realizava, um que nunca pensara ser possível.

— Encontrei o meu para sempre — falei em seus lábios. — Amo você.

Seus olhos fitavam os meus com intensidade.

— Também a amo e vou amar para sempre!

Eu já agradecera a Deus por várias coisas que me haviam acontecido; aquele momento era uma delas. Agradeci-lhe por ter me enviado aquele homem, que se tornara a razão para eu lutar e vencer todas as batalhas. Nos braços de Jonathan, eu estava no céu.

Fim

IVANI GODOY

RENDENÇÃO

SÉRIE MC FÊNIX

SPIN OFF SHADOW

Sinopse

Dominic, mais conhecido como Shadow, era o presidente do clube de motoqueiros MC Fênix de Chicago. Ele era leal aos irmãos e a sua família, um homem que sacrificou tudo pelos seus, a ponto de não acreditar que teria redenção em sua vida, pois estava cercado de escuridão e culpa.

Entretanto, isso poderia estar prestes a mudar com a chegada de seu filho.

Para salvar sua família e os seus amigos, Dominic seria capaz de tudo: de enfrentar a dor, a morte e o inferno se assim significasse que todos estariam seguros.

Ele só não contava que alguém do seu passado fosse chegar para atormentá-lo em busca de vingança.

Com o perigo se aproximando, Dominic precisava fazer uma escolha difícil, uma que adiou por anos. O que ele faria? Estaria disposto a enfrentar seus demônios para ser feliz?



Capítulo 1

Dominic

Dois anos antes

Estávamos na sede do clube comemorando com os amigos e irmãos, todos reunidos festejando, pois Kill estava feliz ao lado de Isabelle. Eu sabia que ela o tinha deixado arrasado e destroçado, mas no fundo entendi que foi a forma que encontrou para deixá-lo seguro; o culpado era o Berry. Era uma pena que o bastardo estava morto para que eu pudesse colocar minhas mãos sobre ele.

Eu estava sentado no sofá com uma ruiva exuberante ao meu lado. A minha mulher! Sabia que logo me casaria com ela, só precisava arrumar algumas merdas antes de pedir sua mão. Nem acreditava que ela era minha e que seria para sempre.

— Por que me olha tanto? — perguntou ela, curiosa.

— Agradecendo para seja quem for que enviou você para mim. — Apertei sua mão.

Ela estava a ponto de dizer algo, com um sorriso brilhante, quando Jason entrou no clube.

Jason era meu amigo desde a adolescência, eu tinha lutado e matado por ele e não me arrependia de nada; se voltasse no tempo, faria de novo. A única coisa que mudaria seria que não deixaria Taby abandoná-lo assim como tinha feito no passado.

Sorri, levantando-me, porque fazia tempos que não o via ali. Porém, o sorriso sumiu ao notar a sua fúria; acho que fúria era um eufemismo.

— Jason, o que... — interrompi-me quando ele se lançou contra mim e me deu um soco na boca, fazendo o sangue jorrar. Foi tão forte que cambaleei para trás.

Todos os meus irmãos tentaram pará-lo, mas ele era como uma força da natureza. O cara era um lutador excelente. Quando não conseguiram derrubá-lo, armas e facas foram apontadas na sua direção.

Jason me pegou pelo colete e olhou em meus olhos, ignorando a todos.

— Solte-o, ou eu vou atirar — rosnou Daemon com os dentes cerrados.

Meu coração gelou, porque não queria que nenhum dos dois se machucasse. Ambos eram meus irmãos, mas aquela luta era minha, não deles, eu merecia isso.

— Ninguém atira — ordenei.

Pela fúria de Jason, compreendi que ele soube da verdade, entendi que, de algum modo, encontrou Tabitta e que estavam juntos de novo. Até fiquei feliz com isso; mereciam estar juntos.

— Mas esse louco vai matar você! — sibilou Evelyn.

— Quando descobriu? Taby te contou? — ignorei a todos e sondei, sem nunca desviar os olhos de Jason.

Isso o deixou com mais raiva, e, no instante seguinte, eu estava preso na parede e perdia o fôlego com um soco no estômago dado com força bruta.

— Ninguém entra nessa briga — gemi ao ver alguns dos meus irmãos se aproximando.

Sabia que todos matariam e levariam um tiro por mim, mesmo que Jason fosse um irmão.

— O quê? Que meu melhor amigo me traiu, porra?! — Deu mais um soco, tirando-me o ar. — Eu confiava em você com a minha vida!

Não estava me defendendo porque sabia que merecia aquilo, afinal, eu ajudei quem ele mais amava a ficar longe dele. Sabia que isso não justificava os meus atos, embora tivesse feito para sua proteção e, quando tentei consertar, já era tarde demais.

— Não vai se defender? Só vai ficar aí apanhando? — Jogou-me em cima de uma mesa de sinuca, e ele pegou um taco de bilhar. — Eu confiei no meu amigo, e o que você fez? A ajudou a me deixar, e tudo para quê? Você se interessou por ela? Por isso a ajudou a se livrar de mim?

Pisquei, chocado que ele pensasse aquilo de mim. Eu podia ser um bastardo filho da puta,

mas jamais tocaria em Taby, mesmo antes de tudo. Nunca tocaria na mulher de um irmão.

— Você está louco? Nunca me interessei pela Tabitta, que sempre foi uma amiga para mim, assim como você, Jason. — Sentei-me na mesa e limpei o sangue que escorria pela minha boca.

Riu com desdém.

— Amigo não faz o que você fez! Não deixa uma mulher colocar seu amigo para dormir, depois a leva embora e a abandona, grávida de uma filha dele, para se virar sozinha, porra! — Sua carne tremia devido à raiva que o consumia.

— Grávida? Ela não me disse isso. Se você quer tanto me matar, então me mate logo, cara. Não acho que socos são suficientes para me fazer pagar por ter ajudado a Taby. Se quiser acabar com a minha vida, fique à vontade, porque ninguém vai impedi-lo. — Respirei fundo em razão da dor que me consumia por anos, deixando-me dormente. Fiz de tudo para encontrar a Taby após aquela noite, mas ela desapareceu da Terra.

— Não conte com isso. — Evelyn o mirou com um olhar homicida. Após, virou-se para mim: — Se ele o ferir mais, eu vou acertá-lo e não perderei uma noite de sono por isso. — Ela o fuzilou. — E então? Quer me enfrentar? Pode vir, seu filho da puta, pois não tenho medo de homens fodões como você. — Ela pegou uma adaga em cada mão, pronta para atirar.

Os olhos dele se estreitaram para ela.

— Essa é uma linha que você não pode ultrapassar, igual me falou uma vez — falei com um ofego por causa das dores na costela. Apontei para ela, mas sem tirar os olhos dele. — Ela é a linha que ninguém cruza.

— Você cruzou essa linha quando deixou a Taby ir embora e não me contou nada. — Deu mais um soco em minha cara. — Seu bastardo!

— Dom! — gritou Evelyn, chorando, prestes a atirar suas adagas, mas o tiro veio antes.

Congelei, pensando que alguém tivesse atirado nele sem minha ordem. Entretanto, ao checar, não o vi ferido; era só o espelho que tinha acima do sofá, que caiu e se espatifou em milhares de cacos de vidro.

Todos observavam a porta da frente, suas armas direcionadas para lá também. Surpreendi-me ao ver Taby, que também segurava uma arma.

Porra! Aquilo não ia ser bom, ainda mais ela sendo uma agente do FBI. Antes de mandar todos abaixarem as armas, um prospecto se antecipou, apontando a dele para ela.

— Abaixe a sua arma agora — rosnou Tripper.

No clube dos MCs, existia uma hierarquia: prospectos, quando se está iniciando para se tornar um motoqueiro MC com colete e tudo; membros honorários; vice-presidente, como o Nasx; e presidente, como eu.

Jason ficou branco ao ver as armas apontadas para ela, mas conhecia meus irmãos e sabia que eles não iriam atirar. Era apenas uma proteção caso acontecesse algo.

— Ninguém atira. — Ele ordenou aos meus irmãos.

Taby riu, ignorando-o e fitando Tripper. Ele era irmão adotivo de Isabelle, nós o havíamos recrutado assim que se tornara de maior.

— Quantos anos tem? 16? Sua mãe sabe que está aqui, menino? — zombou.

O garoto inflou o peito.

— Tenho 19 anos e não preciso da autorização da minha mãe para fazer o que quero. — Ainda apontava a arma para ela.

Ele não teve mãe, foi criado pela tia, que o usava para roubar e, às vezes, o deixava com fome. Foi assim que o garoto conheceu Isy alguns anos antes.

— Você possui licença para ter uma arma? — Taby não conseguia ver as coisas e simplesmente deixar seu lado policial de fora.

Ela sorria, inabalável, como se cuidar daqueles homens fosse brincadeira de criança, mas abaixou sua arma.

— Eu, ahm... — Piscou, meio chocado, e olhou para mim como se buscasse minha opinião sobre aquilo.

— Todos abaixem as porras das armas — ordenei com um gemido. — Tripper, você também.

— Espere, Tripper é nome ou apelido? — indagou Taby ao garoto, que já tinha abaixado sua arma.

Ele sorriu para ela.

— Apelido.

Ela assentiu e olhou para todos ali.

— Eu deveria prendê-los por não terem licença para possuir armas de fogo.

Não eram todas ilegais, mas algumas, sim, e isso era motivo suficiente para um mandado de busca.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Jason.

— Vejo que descarregou sua raiva. Compensou viajar quase 12 horas para acertar as contas com o Dom? — falou num tom de acusação.

— Não cheguei nem perto de liberar toda a minha raiva — grunhiu.

— Certo — seu tom era seco. Ela deu a sua arma para Tripper, que arregalou os olhos, principalmente quando ela tirou sua jaqueta e ficou só com o espartilho.

Tabitta era uma mulher linda, loira, de olhos verde-claros e um corpo arrebatador.

— Não use essa arma, porque agora ela tem suas digitais. — Piscou para ele.

— Como sabe tanto sobre porte de armas e digitais? Você é algum tira? — Ele ofegou.

— Acertou na mosca, Tripper.

Todos arfaram e me encararam. Eu não tinha contado a eles sobre quem era Tabitta Rodrigues, ou Ruiz, o sobrenome do seu pai, o chefe do cartel mexicano.

— De que departamento você é? — questionou o garoto.

Ela sorriu.

— FBI, e estou fora da folha de vocês — falou com um revirar de olhos.

Ouvi maldições de todos os lados.

— Relaxem, porque não estou aqui em busca de nada ilegal. Mas devo apontar que isso não parece faltar. Estou certa? — provocou.

— Vai nos prender? Porque só vai revistar o lugar se tiver um mandado de busca — disse

Kill com seu olhar mortal e frio. — Por que o maldito FBI mandou uma va...

Jason cerrou os punhos.

— Termine essa frase, e vou esquartejá-lo com as suas próprias facas — sibilou.

Kill foi à sua direção como se quisesse matá-lo, e Jason não parecia pensar diferente. O clube inteiro ficou paralisado e tenso. Dei um suspiro frustrado.

— Michael — chamou uma voz atrás dele. — Eu não posso ficar um segundo longe e você já quer acabar com alguém?

Graças a Deus, porra! Com Isabelle ali, Kill se acalmaria, e eu não teria que chutar a bunda de meus irmãos por brigarem no meu clube.

Ele sorriu para ela, guardando suas adagas nos bolsos da calça.

— Isy! — Pegou a baixinha nos braços e a levantou do chão, beijando sua boca e se esquecendo de que nós estávamos ali.

— Tio Jason, você veio aqui para me ver? — Bella perguntou perto das pernas dele e o fitando com seus belos olhos. Seus cabelos eram volumosos, seu sorriso era contagiante. Todos a amavam ali no clube.

Ele sorriu também, pegando-a nos braços.

— Oh, coisa pequena, como você está, querida? — perguntou, então ela lhe contou que seu papai lhe havia comprado um cachorro, além de fazer um pequeno relato de sua vida.

— O que foi? — questionou, checando todos ali, que o encaravam.

— Desde quando a conhece? — Kill, confuso, fitou Isy, que já estava ao seu lado.

— Tio Jason bateu nos caras maus que queriam machucar a mamãe e eu — falou Bella antes de Isy.

— Caras maus? Isy? — indagou ele, taciturno.

Jason a colocou no chão.

— Princesa, pode ir brincar... e, hum, me deixe falar com seu pai e sua mãe?

Ela cruzou os bracinhos.

— Não pode bater no meu papai, ele é bom, não é um cara mau. Ele disse que me ama até

a Lua.

Eu podia ver o prazer nos olhos de Kill ao ouvir aquilo. A dor que outrora jazia nele tinha desaparecido com o retorno de Isabelly e Evelyn e a descoberta da sua filha.

— Você é uma coisinha linda. — Jason se agachou na frente dela com um sorriso e colocou seus cabelos atrás da orelha. — Juro não brigar com seu pai, tudo bem?

Bella sorriu e assentiu. Foi até seu pai, que a pegou nos braços e a beijou em ambas as bochechas, fazendo-a rir pelas cócegas devido a sua barba grande. Depois, ela saiu para a porta da cozinha.

Kill olhou de Isy para Jason, que contou que estava em Dallas para uma luta, andando até seu carro para o hotel, quando três caras cercaram Isy e Bella.

— O que eles queriam? Era gente do Berry? — sondou Kill.

Ela suspirou.

— Acredito que sim, porque, um mês depois, Bella foi sequestrada, e eu vim parar aqui. — Ela se encolheu, e ele colocou o braço direito à sua volta.

Kill assentiu e olhou agradecido para Jason.

— Obrigado por ter salvado minhas duas razões de viver — falou mirando Isy e na direção da porta onde Bella tinha ido.

— E eu? Onde fico nisso? — arrulhou Evelyn vindo ficar ao meu lado, parecendo magoada e, ao mesmo tempo, brincando.

— Você também, minha preciosa. — Sorriu para ela.

— Evelyn é irmã do Michael — eu disse vendo a confusão de Jason.

— Tremo só de pensar no perigo que você correu durante todos aqueles anos sozinha, longe de mim, e tudo para quê? Para que eu não matasse o meu presidente? — seu tom era mortalmente frio.

Berry era uma merda de presidente, não merecia o título e deveria estar morto havia mais tempo. A morte dele tinha que ter sido pelas nossas mãos, não por homens de Ramirez.

— Bem-vindo ao clube. A sua foi embora para você não matar alguém, já a minha se foi

para que eu não morresse. — Jason trincou os dentes.

— Cadê aquelas mulheres que engravidam dos homens para prendê-los? — inquiriu Nasx, sorrindo, talvez para aliviar a tensão. — Não que eu queira isso acontecendo comigo. Portanto, crianças, usem proteção.

Taby deu um suspiro frustrado, ignorando-o. Em seguida, foi na direção de Jason.

— Você quer descarregar a raiva? Então lute comigo. Afinal, fomos nós dois que mentimos para você. Eu o deixei, e ele ajudou, então lute, porra! — gritou.

— Não vou lutar com você — disse a ela com os olhos estreitos. — Jamais faria isso.

Taby meneou a cabeça.

— Não vá dizer que tem medo de lutar com mulheres? — Eu a vi passar rápido por ele, que teve as costas sobre o chão duro de cimento.

Antes que ele recuperasse o fôlego, ela montou em cima dele e começou a socar seu peito.

— Reaja, seu bastardo! Não quer descontar a raiva? Então revide — rosnou a cada pancada.

Ouvi várias pessoas rindo.

— Luta de Jason Falcon ao vivo, e eu nem preciso pagar por isso. — Nasx cacarejou feito uma galinha.

Jason era lutador da MMA, aliás, um dos melhores. Era conhecido como Bala, porque derrubava seu oponente em segundos. Eu era feliz por ele ter realizado seu sonho e fazer o que amava, mesmo depois de todas as coisas que aconteceram.

— Isso, loura, acerte o pau dele e o esmague para que nunca mais funcione com outra mulher! — gritou Evelyn para Taby, que parou por breves segundos e olhou para Evelyn com um sorriso.

— Não posso machucar o pau, porque preciso dele para me dar vários orgasmos.

Mais gargalhadas foram ouvidas na sala. Jason só parecia levar socos, mas sem revidar, porque não queria machucá-la. De repente, ele a rodopiou sem a ferir, colocando-a de costas com ele por cima e a prendendo com as mãos no alto e suas pernas presas.

Ela tentou se soltar.

— O quê? Só vai me prender no chão? Lute comigo! Não era isso que você queria?

Respirou fundo.

— Sim, mas não com você. Droga, Taby, por culpa dele você sofreu sozinha, enquanto eu...

— Então é esse o problema — sibilou, piscando com aço nos olhos. — Me solte.

— Vai me atacar de novo?

— Não — grunhiu, mostrando os dentes.

Ele a libertou. Ela ficou na frente dele, ainda irritada.

— Essa é a causa da raiva, e não por Dom ter me ajudado, não é? Está se culpando porque não fiquei com nenhum homem depois de você, enquanto você ficou com toda a população feminina do país? — Eu podia sentir a dor na voz dela. Aquilo matou meu amigo, e tudo por minha culpa.

A perda de Taby foi difícil para ele no começo, que procurava brigas com todos e fodia tudo o que se movia no desejo de tentar esquecê-la. Foi uma época desesperadora. E eu fiquei no fundo do poço com o peso da culpa também, foi então que conheci Curt, o Prez de Nova Iorque, um amigo leal.

Jason foi contratado para ser lutador, isso pareceu ajudar um pouco com a sua fúria. Isso já fazia mais de nove anos.

— Ele sabia da verdade, devia ter feito algo para que eu não...

— Saísse fodendo tudo que se movia numa tentativa de aliviar sua dor? Se você está grilado com isso, então vamos ver... — Olhou para os homens dali. — Quem daqui é solteiro e quer transar comigo?

Todos arregalaram os olhos, mas não disseram nada. Eu sabia que Taby não faria aquilo, ela não era dessas, ainda mais por ter ficado todos os anos sem ninguém enquanto ele fodia todas. Certamente ela estava apenas querendo mostrar um ponto a ele.

— Cacete, isso não vai acontecer! — xingou Jason, frio como uma geleira.

Ela o fitou, venenosa.

— Não é esse o seu problema? Sua culpa te comendo vivo? Se é por isso, eu ficarei com vários homens, então estaremos quites. O que acha?

Quando conheci Taby, ela era uma mulher doce e meiga. Aquela sua personalidade durona era nova para mim, embora ainda a conhecesse e soubesse que ela não ficaria com ninguém, apesar de querer tirar a dor de Jason. Eu também queria, só não sabia como. Era algo impossível.

Por sorte, nenhum dos caras disse nada. Deviam entender que em briga de casal ninguém se mete.

— Isso não vai acontecer, Taby! — repetiu com ferocidade. — E não é só por isso! Eu bati nele porque Dom mereceu, tanto que nem se defendeu.

Nesse ponto, ele estava certo. Se não fosse por isso, ninguém me socaria mais, pois já tive o suficiente quando era novo. Sentei-me no sofá, meio encolhido.

— Garanto que, se fosse a ruiva, se ela e eu fizéssemos o que vocês dois fizeram, ele reagiria da mesma forma.

— Você acha que eu me juntaria a um verme como você? — rosnou Evelyn, dando um passo até ele com os punhos cerrados. Peguei-a pelo braço e a puxei para que ela se sentasse ao meu lado, gemendo no processo.

— Evy, se controle, mulher! Você não pode atacar um homem forte no mano a mano. Se ele a machucar, um de nós dois terá que matar o outro. E não estou a fim de assassinar um irmão.

— Não bato em mulheres, e você deveria saber disso — Jason retrucou em tom frio.

Evelyn sorriu para ele.

— Pois eu bato em homens com o maior prazer. Quer experimentar?

Segurei-a firme pelo braço, impedindo-a de ir até ele.

Taby riu.

— Você é das minhas, porque eu também bato em homens, pergunte a todos os caras que já prendi. Aposto que não terão filhos por muito tempo, incluindo o último, cujas bolas eu esmaguei — parecia deliciada com isso.

— Espero nunca ser preso por você, então. — Nasx sorriu para ela. — Eu já gosto dessa garota — dirigiu-se ao Jason, que rosnou. — Com todo o respeito, é claro.

Jason sacudiu a cabeça e me fulminou.

— Por que a ajudou com o plano tosco daquele dia?

— Não era tosco, era para sua própria segurança — retrucou Taby, cortando-o.

— Uma segurança que não pedi e da qual não precisava — rosnou e me fitou, esperando que eu falasse.

— Quando Taby se encontrou comigo na minha casa naquela noite e me pediu para levá-lo para longe, eu não queria fazer aquilo, porque era seu amigo, e você ia sofrer...

— Sofrer? Eu estive morto durante todos esses anos — sibilou num tom entrecortado.

Tanto Taby quanto eu nos encolhemos ao ouvir aquilo.

— Eu sei, cara, e lamento por isso, mas eu já sabia da fama de Sebastian Ruiz naquela época. Ele era conhecido por ter tudo o que queria, liquidando quem passasse pelo seu caminho. Incluindo você, Jason. Ele queria a Taby e podia usar você para chegar até ela e a obrigar a fazer qualquer coisa. Deixei-a na cabana e fui buscar minha mãe no hospital. Antes que chegasse lá, fui abordado por três caras armados com metralhadoras. Eles me levaram a um armazém abandonado e me prenderam, querendo saber da Tabitta. — Expirei, controlando a dor. — Olhe aqui... — Levantei minha camisa, mostrando a barriga. Nela, havia uma cicatriz de faca. Mais em cima havia duas tatuagens de revólveres, um de cada lado com os canos apontados para dentro. Nos cabos, estava escrito “MC” e “Fênix”. Também tinham outras cicatrizes de lutas que adquiri na minha vida.

— Você disse que tinha brigado com alguns caras, mas não mencionou que eles eram do cartel — acusou ele.

Abaixei a camisa e lhe olhei.

— Eu menti. Eles iam acabar comigo, mas... — mirei a serpente no meu braço, que fiz em homenagem ao Cobra — um cara de apelido Cobra me ajudou a me libertar. Ele era do MC da Serpente. Eu ia lá direto. Lembra que você perguntava o que eu fazia quando sumia?

Assentiu.

— Ele morreu naquele dia para me salvar — continuei num sussurro.

— Por isso a tatuagem no braço, em homenagem a ele — não era uma pergunta.

— Sim, ele era um irmão verdadeiro. Nós dois lutamos contra os caras. Eu pensava que os homens eram do Sebastian Ruiz, já que procuravam a Taby. Mas não...

— Espere, então de quem eram? — a voz da Taby soou alta. — Quem mais estaria à minha procura?

— Seu nome era Hector Salgado, um chefão do Cartel dos Lobos Solitários. Cada cartel, máfia e MC tem suas marcas. — Olhei para Nasx, que sorriu.

— Se você gosta de me ver tanto sem camisa, é só pedir, Prez. — Piscou, brincalhão. Tirou seu colete preto com o emblema da Fênix e camiseta, virando as costas para nós, ignorando o bufo e meu revirar de olhos. Ali estava uma fênix colorida e brilhante. No meio dela, lia-se “MC Fênix”.

— Todos aqui a temos; os homens, pelo menos. Com eles não é diferente. Por isso descobri a verdade. Rendi dois e os torturei até saber o que eram — hesitei no final, observando a reação da Taby, uma agente que trabalhava pela Lei. — Eram inimigos do Sebastian Ruiz. Eles queriam você como moeda de troca ou algo assim.

— O que aconteceu depois? Porque já passava das 2h da madrugada naquela noite, e você não tinha chegado à cabana — murmurou ela.

— Assim que eu consegui fugir, fui ao hospital, e deram pontos na ferida aberta. Se não tivesse feito isso, eu teria morrido de hemorragia. Também avisei a minha mãe que ficaria fora da cidade por um tempo. Achei melhor não a levar comigo. Enquanto isso, ela iria para a casa de sua irmã, no Arizona. Quando cheguei para te contar que não era só seu pai que estava atrás de você e que tinha outro cartel querendo pegá-la, você já tinha ido. — Suspirei com um olhar triste para Jason e Tabitta. — Eu tinha duas opções: ir atrás de você para tentar de alguma forma protegê-la desses dois cartéis, mesmo sabendo que não era páreo para eles na época, ou levar Jason para longe. Não consegui ajudá-la, Taby, e sinto muito. Não tinha como proteger os dois

ao mesmo tempo.

— Tudo bem, Dom, não o culpo. Eu é que sinto muito por você ter sido ferido naquele dia por minha causa.

— Não sinta tanto, porque eu matei dois homens naquele dia, Taby, então você terá a escolha de me prender agora. Vai fazer isso? Se for, agora é sua chance. — Levantei-me, meio sem fôlego pelos socos que levei.

Os meus irmãos estavam de olhos arregalados, alternando-os entre mim e Taby. Tabitta veio até mim e segurou minhas mãos, depois me abraçou forte.

— Eu não estou aqui como policial, Dom, estou aqui como amiga e irmã — sussurrou, alisando minhas costas. — Não tinha ideia do quanto sofreu para manter Jason seguro. Obrigada por tudo, por protegê-lo.

— Irmão é para isso, não é? — falei, encarando Jason. — Espero que me perdoe um dia, mesmo que agora suas feridas estejam abertas.

Sabia que seria um caminho duro e longo, mas faria de tudo para tê-lo como amigo de novo. Podia ser que nunca mais fosse como antes, já que tinha perdido sua confiança, mas faria de tudo para preservar e dar mais valor aos meus amigos e irmãos.

— Tem uma coisa que não entendo: quando você soube onde Taby estava? Todos aqui se assustaram por ela ser do FBI, mas você não ficou nada chocado. Suponho que descobriu há muito tempo e não disse nada a mim, inclusive que ela morava a uma hora e meia da minha casa, não é?

Afastei-me de Taby e voltei a me sentar, segurando a barriga.

— Quando vim para o MC Fênix, pedi ao Berry para investigar sobre a Taby. Descobri o que ela era e onde morava, mas ele me proibiu de chegar perto por ela ser uma agente. Se eu me aproximasse, ele saberia. Eu seguia sua liderança, afinal ele era meu presidente até alguns meses atrás, quando foi morto.

— Que apodreça no maldito inferno, que é o lugar dele — sibilou Kill.

— Eu queria ir até lá para contar tudo a você — falei a verdade. — Mas as coisas aqui

saíram dos eixos, então não pude. Estava me preparando para ir logo, mas quando vi Tabitta na TV, hoje de manhã, eu tive certeza de que você logo saberia dela. Estava indo para Manhattan te procurar, contudo, você chegou antes.

Conversamos mais algum tempo antes de ele partir com Taby. Sabia que nossa amizade tinha ficado balançada depois do que fiz e por ter escondido dele algo assim, porém torcia para que um dia ele me perdoasse, assim como eu também precisava fazer, mas a culpa é uma maldita cadela que te come vivo.



— É difícil saber que minha confiança em você foi quebrada, pois eu o tinha como um irmão. — Jason expirou.

Estávamos nós dois do lado de fora, perto do carro dele. Jason e Taby se preparavam para ir embora. Ela estava conversando com Evelyn.

— Sei, cara, não vou insistir para que me perdoe, mas espero que um dia o faça. — Olhei para Taby, que sorria de algo que Evy disse. — Ela virou uma mulher forte. Fico feliz que vocês estejam juntos. — Virei a cabeça na direção dele. — Quando quiser, as portas desse lugar estarão sempre abertas, você sempre será meu irmão. Lamento muito pelo que fiz.

— Eu sei. — Colocou as mãos nos cabelos. — Vai levar um tempo.

Dei um abraço nele antes que fosse embora com Taby; isso me deu uma esperança.



Capítulo 2

Evelyn

Dias atuais

— Como vão as coisas? — perguntou Isabelle, a mulher do meu irmão.

Antes, eu odiava essa mulher, mas aprendi a amá-la como uma irmã por ela ter aberto mão de tudo pela vida do meu irmão.

Até então eu não sabia se faria o que ela tinha feito, mas, pensando bem, para que meu irmão e Dom, assim como todos que eu amava, ficassem seguros, seria capaz de tudo. Entretanto, esperava que nunca chegasse a algo assim, porque, sinceramente, não saberia viver sem o Dominic e a minha família.

Estava tendo uma festa no clube, então convenci o Dom a vir. Cada vez que me aproximava de ter Vitor, o meu ser precioso, eu me sentia mais cansada. Dominic me protegia e não queria que eu me cansasse demais.

— Bem, eu só não acho que vou transar como elas tão cedo. — Vi uma das prostitutas, acho que se chamava Gaia, com a boca na parte íntima do Max, uma coisa que eu estava me acostumando a ver por ali.

Desde que cheguei ali, as festas eram uma loucura. Obviamente que, com o tempo, foram se tornando mais controladas por causa das crianças, mas ainda assim tinham sexo ao vivo. Eu não era contra, até gostava de ver, pois me dava mais tesão. Tive vontade de fazer aquilo uma vez, mas Shadow disse que ninguém me veria daquele modo, e, pelo meu homem, eu fazia qualquer coisa.

Alisei minha imensa barriga. Eu amava aquele volume e quem estava dentro dele. Logo meu bebê estaria ali, e eu poderia ver seu rostinho lindo.

— Com esse barrigão, o Shadow vai aproveitar para olhar outras mulheres — brincou Tripper com um sorriso.

Isabelle o considerava um irmão desde o dia em que sua avó o adotou, um garoto encantador e feroz com a proteção dos seus amigos e irmãos.

— Se ele olhasse para outra, eu cortaria o pau dele e o faria comer. — Lancei um sorriso enquanto bebia refrigerante, já que não podia tomar bebida alcoólica.

Dom estava conversando com Hush e Nasx, então franziu a testa ao olhar para nosso grupinho fofocando. Ele deixou os outros e veio em nossa direção. Seu corpo forte e cheio de músculos ficava lindo com aquela roupa de motoqueiro fodão, uma coisa que eu nunca me cansaria de admirar.

— O que vocês estão conversando? — sondou ele, beijando meu rosto. — Está se sentindo bem? Se quiser, nós podemos ir embora agora.

Sorri para tranquilizá-lo. Sabia que faria tudo por mim, mas eu estava bem.

— Estou mais do que bem, querido — declarei com firmeza. — Só conversando sobre você.

Ele franziu a testa.

— Sobre o que mesmo? Espero que seja bom.

— Que, se olhar para alguma mulher magrinha só pelo fato de eu estar gorda, corto seu pau e o faço comer. Apesar de que isso seria muito ruim, já que ele me beneficia com vários orgasmos.

A maioria das mulheres fica constrangida com algumas frases, algumas coram, mas eu sempre fui diferente, falava o que pensava e não ligava para o que as pessoas achavam. Era assim e pronto. Meus amigos me adoravam dessa maneira.

Ele riu, deliciado com isso, e colocou uma das mãos na minha barriga gigante.

— Só tenho olhos para você, minha querida — declarou com fervor. — A única mulher

que me fez cair de joelhos e que tem meu coração, corpo e alma.

Meu coração aqueceu e deu cambalhotas ao mesmo tempo.

— Mesmo pesando quase setenta quilos? — Tinha engordado quase vinte quilos. Mesmo assim, eu não conseguia me arrepender de tal coisa, porque, no fim, estava sendo recompensada com a vida crescendo dentro de mim.

Não sabia se era a gravidez me deixando frágil, mas, às vezes, eu me sentia menos sexy. Embora nada disso fizesse Dom me deixar, eram apenas pensamentos bobos.

Coloquei minha mão em cima da dele, em minha barriga. Seu toque era como o Sol.

— Ela te dá mais beleza do que já possui — a verdade estava em cada palavra.

Meu peito parecia querer explodir. Nunca imaginei que fosse ser mais feliz do que realmente era. Tinha um homem que me amava e uma família que ganhei de bônus.

— Obrigada. — Beijei-o na frente de todos. — Meu lindo motoqueiro. Vamos para o andar de cima.

Ele riu, beijando minha face.

— Teremos que esperar para depois. O seu irmão está vindo, e não quero uma luta com ele. — Onde seus lábios tocavam minha pele, parecia que entraria em combustão. Aquilo era algo de que eu nunca me cansaria... querer Dom da forma que eu desejava, todo nu, em cima de mim e me comendo. Um arrepio atravessou meu corpo dos pés à cabeça.

Fiz careta. Michael era protetor comigo e não gostaria de saber que eu estava transando no mesmo teto que ele.

— Estamos juntos, e meu irmão não pode dizer nada sobre fodermos. Isso não é da conta dele, além disso, eu quero você. — Passei a mão em seu peito duro por cima da roupa. Ele a pegou antes que descesse mais para o sul.

— Sei que não, mas vou alimentá-la primeiro, depois faremos o que quiser — disse e então encarou Max e Logan e alguns outros caras que estavam fodendo ali. — Levem a festa de vocês para o segundo andar, porque Kill e Daemon estão vindo com Emma, Thiago e Bella.

— Sugiro que andem logo, ou eles vão cortar o que Pauline e Sushiry estão na boca —

disse Axel com um sorriso zombeteiro. — Embora eu fosse adorar ver isso.

Max levantou a calça, fechando o zíper; o homem era bem-dotado, mas somente um pau me importava, e era o do meu homem. Ele era um prospecto até algum tempo antes, mas já tinha virado um membro.

— Por que não pega uma mulher e vai foder também? — inquiriu Max.

Já fazia algum tempo que eu não via Axel com mulher, não no clube pelo menos. Contudo, talvez soubesse o motivo. O cara era um tremendo de um mulherengo, mas, após conhecer Hadassa, vi mudanças em suas ações. Não comentei sobre isso com ninguém. Entretanto, acreditava que tinha algo acontecendo entre eles.

A menina era prima de Nasx e estava sendo criada por ele. No momento estava na faculdade em Detroit. Nasx não queria deixá-la ir, mas ela insistiu dizendo que precisava crescer e que já tinha vivido demais na sombra dos outros. Uma coisa que eu admirava nela.

Eu a entendia, por isso estudei e fui para a faculdade, mesmo não indo para outra cidade como ela. Não me arrependia com a pessoinha em meu ventre e não ficaria longe de Dominic, por isso estava cursando a faculdade em Chicago mesmo. Seguraria a matrícula até ter o Vitor.

Soube que Nasx não gostou de ela ter ido, mas eram quatro horas de distância, não era muito longe, e Noah foi com ela e se matriculou na mesma faculdade. Ele tomava conta dela. Era mais do que uma missão de prospecto dele, o garoto gostava dela como família.

Os dois entraram sorrindo na sala, Noah e Hadassa. Era final de semana, por isso estavam ali.

Michael e Isabelle adentraram com Thiago e Bella; logo atrás vinha Daemon com Emma nos braços e Emília ao seu lado.

— Então, Axel, você não vem com a gente para participar da festa? — sondou Logan com um sorriso.

Ele era um homem lindo. Eu soube que teve uma mulher, mas ela acabou o traindo quando moravam em Nova Iorque. Provavelmente era por isso que ele estava ali, para ficar longe dela e de tudo lá. Uma idiota, com certeza, porque o cara era tudo de bom.

— Festa! Oba, também quero participar — gritou Bella, animada, batendo palmas. — Onde está o bolo? Porque toda festa tem um.

Michael grunhiu, fuzilando Logan e Max. As meninas nuas já tinham subido, e isso foi bom, porque impediu que meu irmão eliminasse aqueles dois. Os outros caras já tinham subido também; acho que valorizavam suas vidas.

— Festa — murmurou Emma, esperneando para descer do colo de Daemon. — Papai, eu quero bolo.

Emília desatou a rir, e não foi a única na sala.

— Eu trouxe bolo, está na mesa da cozinha. — Mal abri a boca, e as duas saíram correndo, assim como Thiago com suas perninhas pequenas. Ele tinha quase um ano e meio, mal andava direito.

— Booloo! — gritou enquanto as seguia.

— Valeu, tia! — gritou Bella, e assim fez Emma, imitando a outra garotinha.

Assim que elas desapareceram, Michael foi na direção de Logan, mas Isy o segurou pelo braço.

— Se controle, Michael.

— Foi mal, eu me esqueci das crianças — falou e foi na direção da escada. Parou, olhando para Axel sentado no bar. — Você vem ou vai virar monge?

Ele olhou para Hadassa por um breve segundo e depois sacudiu a cabeça, tomando o restante da bebida.

— Estou bem, podem aproveitar...

— Vamos lá, cara... — começou Max, mas foi cortado pelo aço na voz de Axel.

— Se quisesse foder alguém, eu já estaria fazendo isso, não preciso de nenhum de vocês para me dizer o que fazer — rosnou, saindo como tempestade da sala, mas vi a forma como olhou para Noah, ao lado de Hadassa. Axel parecia querer matar o garoto. Presumi isso como ciúmes dela.

Hadassa franziu a testa, olhando para onde ele desapareceu. Pude ver que ela desejava ir

atrás dele, então sua atenção foi para Nasx e Sloane.

Parecia que ele não desconfiava de nada do que acontecia ali, como eu e alguns dos irmãos.

— Já volto. Tem algo que preciso falar com Axel antes que ele vá embora — disse Noah e saiu.

Noah era irmão caçula de Sloane. O garoto era fera na luta. Pelo que eu soube, tinham algumas pessoas no berço da máfia interessadas nele, que no momento era um prospecto do clube, o que afastava os interessados, alguns deles pelo menos. Eu soube até de ofertas orçadas pelo Nikolai, o chefe da máfia russa. Noah recusou todas as propostas.

— Sei o que está pensando, mas vamos ficar fora disso — sussurrou Dom só para que eu ouvisse. — Isso é assunto deles, contanto que não respingue nos outros.

— Por que não estão juntos? Eles parecem gostar um do outro — comentei mais para mim mesma.

Axel era filho de Berry, o antigo chefe do MC Fênix, que morreu na noite em que apareci no clube e não fazia nenhuma falta. O bastardo era um tremendo canalha, filho da puta. Dom disse que Berry era um rato e que, se o chefe do cartel não o tivesse matado, ele mesmo o faria. Berry nunca considerou Axel como filho, assim como fez com Isabelle. Os dois irmãos ao menos tinham um ao outro. Isabelle tinha uma avó, e Axel, a mãe dele, que morava em Savannah.

— Têm coisas que são complicadas, e entendo o lado de Axel por se manter longe — disse Dom. Tinha respeito na voz dele para com o cara. — Eles vão lidar com isso; se algo ficar fora do controle, eu entro.

Hadassa era uma garota especial que viu seus pais e irmãos serem assassinados. Isso deixou sequelas, o que era normal em situações assim.

O que me impediu de enlouquecer quando estive presa foi a companhia de Matteo e Pablo, que eram ótimos amigos meus. Pensar em Pablo me fez querer saber o que tinha acontecido com ele após sua falsa morte. Soube que estava morando na Itália, mas, fora isso, eu não sabia de nada. Enviei mais de cem mensagens a ele, e nenhuma foi respondida. Eu não sabia dizer o

motivo de ele me ignorar dessa forma. Talvez fosse algum pedido de Matteo, ou seria o próprio Pablo? Mesmo com seu silêncio, eu me preocupava com ele e torcia para que me respondesse em algum momento.

— É, eu sei — sussurrei.

— Você está bem?

— Sim, só pensando em Pablo — comentei com tom triste. — Liguei para ele algumas vezes, mas não atendeu nem respondeu minhas mensagens. Será que ficou com raiva de mim por eu não ter insistido em procurar por ele?

Dom passou o braço em minha volta, trouxe meu rosto para o dele e me fitou com intensidade.

— Não é nada disso, querida, confie em mim. O garoto está em um cargo na máfia que o impossibilita de viajar muito, mas vou procurar saber o motivo de ele ignorar suas ligações — disse, depois sorriu, acreditei que para aliviar a minha preocupação. — Mas, se quiser, eu posso acabar com o moleque.

Havia partes sombrias em Dom. Eu sabia que ele já tinha feito algumas atrocidades e ainda as fazia, também sabia quando estava brincando ou falando sério. Naquele momento não tinha verdade em seus olhos.

Alguns anos antes, quando libertamos as garotas daquele cativeiro, Dom atirou em Pablo, e eu até achei que o tinha matado. Aquilo me fez sofrer e acusar Dominic. Eu e Dom sofremos longe um do outro, e no final era tudo armação, porque acabei descobrindo que Pablo estava gozando de saúde. O fingimento foi feito para o proteger de Enzo e Lorenzo na época. Entretanto, no momento ele estava livre, não entrava em contato porque não queria mesmo. Decidi não pensar mais nele, já que não se preocupava em pegar o maldito telefone e me responder.

— Não, obrigada, só o que importa é você e mais ninguém. — Dom e Vitor eram tudo na minha vida. Meus amigos também eram importantes, incluindo Pablo, mas não queria preocupar Dom com isso.

Ele me beijou, e logo me esqueci de que a sala estava cheia de gente.

— Pare de agarrar minha irmã, maldição! — rosnou Michael, não muito longe de nós. — Ou vou cortar seus dedos, Shadow, ainda mais se descer alguns centímetros de onde estão.

Por mim, eu continuaria a beijá-lo e ignoraria meu irmão, mas Dominic se afastou, sorrindo. Tirou a mão do meu cóccix e a colocou na cintura. Dom fazia isso não por medo de Michael, mas por respeito.

Fuzilei meu irmão.

— Estamos juntos, Michael, e podemos nos beijar e transar, que não é da sua conta. Por que não para com essa sua proteção sem sentido? — rosnei e sacudi a cabeça. — Tenho até dó da Bella quando começar a namorar.

A sombra que surgiu no rosto do meu irmão era como a de um assassino em série, louco para mutilar e matar alguém; isso faria qualquer pessoa fugir para as montanhas, mas eu não era uma delas.

— Minha Bella não vai namorar nunca — rosnou com ferocidade. — Antes, eu esquartejo o desgraçado que tocar em um fio do cabelo dela.

Isabelle riu.

— Querido, não vamos pensar nisso agora, falta muito até que ela pense em namorar — ela falou para aliviar a fúria do seu homem.

Revirei os olhos.

— Tolo, meu irmão, é lutar contra isso. — Sorri provocante. — Vou dar meus livros para ela quando crescer.

— Evelyn, eu te amo demais, mas você é um pé no saco. — Michael sacudiu a cabeça, provavelmente decidido a não discutir mais comigo. — E, se você pensar em dar algum daqueles livros a minha filha, eu te colocarei em meus joelhos e te darei algumas palmadas como nossa mãe fazia comigo quando criança e aprontava.

Ri alto, colocando a mão na barriga.

— Acho que seria uma luta interessante de um lobo contra uma tigresa. — Coloquei a mão

no queixo, fingindo pensar. — Como seria?

— Tigresa, hein? — Dom desatou a rir, e não foi o único a fazer isso. — Acho que ele é o único homem que eu deixaria chegar assim tão perto de você em uma luta.

Bufei, isso porque Dom sabia que meu irmão preferia cortar um braço a me machucar.

— Pare de dizer besteira. — Michael foi ao bar e pegou um copo de água.

Depois que Isabelle retornou a sua vida, eu não vi mais o meu irmão bebendo. Isso era bom, deixava-me imensamente feliz. Beber fazia mal para ele, acredito que é ruim para todos. Ver meu irmão no fundo do poço como vi quando cheguei ali foi desesperador. Temi que fizesse alguma besteira e estragasse sua vida. No entanto, com Isy ali, ele sorria, e eu nunca o tinha visto mais feliz.

— Então, Hadassa, como está a faculdade? — perguntou Isy me dando um sorriso. Ela mudara de assunto antes que meu irmão resolvesse cumprir sua palavra em me disciplinar ali mesmo, na frente dos outros.

Hadassa suspirou, mas pude ver preocupação em seu rosto. Não sabia se era por Axel ou Noah, que tinha ido atrás dele, mas logo ela se recompôs e nos encarou, escondendo, por trás de uma fachada calma, a tensão com o acontecido.

Quando Hadassa chegara ali alguns meses antes, ela não falava com ninguém, não por trauma, como ela mesma nos informou. Seu tio queria que comentasse sobre sua vida e o que ela tinha presenciado, e, para fugir de todas as perguntas, a garota se fechou e não falou com mais ninguém, além de sua falecida avó e Nasx, seu primo.

Entretanto, foi um processo longo até que ela se abrisse conosco e conversasse com a gente. Embora falasse pouco ainda, eu a via conversando mesmo era com Noah.

— Está tudo muito bom — falou com um meigo sorriso. — Fiz duas amigas, Paola e Cecilia.

Pude ver o orgulho estampado no rosto de Nasx ao olhar para sua prima. Parecia um pai orgulhoso de sua filha.

— Que bom, querida — disse Isabelle sorrindo, depois olhou para seu filho, Thiago, o meu

sobrinho, que apareceu na sala com o rosto, o cabelo e as mãozinhas cheios de bolo. — Oh, céus, o que aconteceu com você, meu amor?

— *Gotoso* — sussurrou o garotinho.

Todos na sala riram, mas vi que Hadassa ficou aliviada que a atenção não estivesse mais sobre ela.

— Vem, vamos ver o que as meninas estão aprontando na cozinha. — Isabelle foi até ele e o levou para onde as meninas estavam.

Eu sabia que tinha prometido ao Dom que não me meteria, mas Hadassa estava muito cabisbaixa. Aproximei-me dela enquanto os homens conversavam entre si.

— Hadassa, se quiser ir lá fora conversar com o Axel, pode ir. Eu cubro você — falei baixinho.

Ela piscou, sem entender.

— O quê?

Sorri de modo doce.

— Sei que tem algo acontecendo entre vocês dois. Seja o que for, estou do seu lado. Se quer tanto falar com ele, pode ir, vou dizer a todos que você foi ao banheiro. — Pisquei. — Cubro você, mas saia pela porta lateral, porque assim ninguém te vê.

Ela arregalou os olhos.

— Eu...

Dei um abraço nela e sussurrei em seu ouvido:

— Aproveita com ele, acho que precisam conversar. — Lancei um sorriso ao me afastar. — Agora vai.

Hadassa sorriu.

— Obrigada. — Eu a vi saindo por onde mandei. Esperava que os dois se entendessem.

Sorri para mim mesma.

— Você não pode ficar longe e apenas assistir, não é? — Senti lábios no meu pescoço.

Derreti-me nos braços de Dom.

— Você me conhece.

— Sim, eu conheço.

Fui ao banheiro fazer xixi. Com a gravidez, eu ia ao banheiro direto.

No segundo andar, ouvi gemidos baixos das meninas que estavam com Max e Logan. Ainda bem que estavam em volume baixo para que não ouvíssemos no andar de baixo. Também havia música na sala de jogos. Ainda bem que a porta estava fechada, pois assim as crianças não entrariam.

— Não, é no meu tempo — ouvi a voz de Ash no corredor central. — Eu disse que cuido disso, porra!

Nunca o ouvira falando assim de forma brutal com alguém, nem parecia aquele garoto calado que era minha sombra desde que tinha chegado ali havia mais de dois anos e meio.

Ash era o prospecto que tomava conta de mim e era calado, embora fizesse sua função muito bem. O estranho e triste era que ele não tinha família, provavelmente por isso o garoto era solitário. Eu soube que Dom ia nomeá-lo membro, então deixaria de ser prospecto. Estava contente com isso.

— Ash? Algum problema? — sondei, preocupada que ele estivesse em encrenca.

Senti suas costas rígidas por um segundo, depois pareceu bufar e se virou para mim. Todavia, sua expressão estava controlada. Eu não sabia se era fachada ou não, talvez ele não quisesse me deixar preocupada.

— Evelyn, eu estou bem. Só alguns problemas, mas você não precisa se preocupar.

— Se estiver com algum problema, o Dom pode resolver para você — ofereci.

— Não, menina. — Sorriu, mas não com os olhos. Foi forçado.

Ele sempre me chamava assim desde que eu o conhecia. Estava prestes a insistir, mas ele falou antes:

— Agora eu vou fazer companhia ao Logan e Max e satisfazer aquelas prostitutas sedentas por pau.

— Ash — chamei-o, mas ele já tinha entrado no quarto onde os outros estavam.

Fiquei sozinha no corredor pensando se devia ou não entrar e fazê-lo me ouvir, mas certamente empatar a foda não os faria felizes.

— Evelyn, querida, o que foi? — perguntou Dom, chegando até mim. — Está triste? Está passando mal?

Tranquilizei-o:

— Estou bem, é só que vi Ash conversando ao telefone, e ele parecia estar com problemas — sussurrei.

— Ele falou alguma coisa? — Dom franziu a testa. — Onde Ash está?

— Foi participar da festa no quarto. — Gesticulei para a porta pela qual Ash tinha entrado.

— Não deve ser nada importante, já que foi foder. — Beijou meu rosto.

Ele tinha razão, talvez não fosse nada mesmo, afinal quem estava com problemas não aproveitaria o tempo daquela forma. Depois eu conversaria com Ash com mais calma.

Dom começou a me beijar ali mesmo, e, como sempre acontecia, acabei me esquecendo até do meu nome e de mim mesma. Gemi com o prazer entre minhas pernas, onde pulsava quase ao ponto de me fazer gritar.

Ele me levou ao seu antigo quarto. Algumas vezes o usávamos ali.

— Adoro ouvir você gritar, mas quero pedir que não faça isso, ou seu irmão entrará neste quarto, e não quero que ele nos impeça. Não quero brigar com ele agora — falou, tirando meu vestido pela cabeça e o jogando longe.

Enquanto minha barriga crescia, eu não tinha vontade de ficar nua na frente dele, mas, após ver o brilho excitado e amoroso em seus olhos, soube que ele jamais me olharia com menos desejo por causa da minha barriga. Passei a amar ver a adoração estampada em seu rosto.

— Segure na lateral da cama e empine essa bundinha linda para mim — ordenou.

Fiz o que mandou e já estava mais do que molhada, podia sentir isso em minha vagina.

— Dom, eu estou molhada e quente — sussurrei, ofegante com o toque de suas mãos na minha pele.

— Deseja minha boca ou meu pau? — Segurou firme nos meus quadris.

— Os dois, sempre os dois. — Ofeguei e trinquei os dentes para não gritar quando senti sua respiração nas minhas nádegas. Isso devia me deixar envergonhada, mas não acontecia, aliás, eu achava aquilo tão bom.

— Não sabe a visão maravilhosa que estou tendo agora com essa bocetinha linda brilhando para mim. — Ele deu um leve beijo, mas foi abrasador como um vulcão. Sua língua traçou minhas dobras úmidas. — Tão suculenta.

— Coloque sua boca em mim, ou juro que vou chutar sua bunda — rosnei.

Ele riu, então devorou cada centímetro da minha intimidade, que estava ansiando por sua língua, que gritava por liberação.

Minhas mãos seguravam forte o colchão, e minhas pernas ficaram bêbadas com a intrusão de sua língua e dedos. Sabia que não duraria muito. Cada impulso de língua me levava às nuvens, a ponto de quase flutuar.

— Estou amando essa gravidez, porque ela te deixa tão molhada e enlouquecida... Acho que já quero ter mais filhos com você depois do Vitor. — Puxou meu clitóris com os lábios, fazendo-me gritar não me importando com quem ouvisse.

— Eu também... — consegui dizer através dos gemidos. — Quero tudo com você... Oh, Deus, eu estou tão perto...

Seus movimentos se aceleraram, e então explodi como em 4 de julho.

— Goza, minha linda, pois quero me alimentar desse seu sabor que tanto adoro — falou ele, rouco, então o senti dentro de mim antes que recuperasse o meu fôlego. — Agora quero vê-la se desmanchar com meu pau nessa boceta gostosa.

Fazer amor com Dom era algo que eu sempre amaria, não só pelo cara ser expert, mas porque podia ver e sentir o tanto que me amava e que faria qualquer coisa por mim, assim como eu faria por ele.

— Amo você — declarou quando deu uma última estocada, e então gozamos juntos. — Agradeço todos os dias a quem quer que tenha enviado você para mim.

Deitamo-nos na cama, ofegantes pelo momento. Então olhei para ele e toquei seu rosto.

— Também amo você. — Beijei-o, demonstrando que estaria ao seu lado para sempre.



Capítulo 3

Evelyn

Levantei-me para ir ao banheiro e tomar um copo de água, quando ouvi os gritos de tormento de Dom ecoando pelo quarto e me fazendo estremecer.

Corri para o cômodo e o vi suado pelo pesadelo. Fosse o que fosse que tinha perturbado seu sono, era algo sério.

— Acorda, Dom! — Sacudi seu ombro para acordá-lo da agonia. — Por favor, abra os olhos.

Reparei que ele estava tendo muitos daqueles pesadelos ultimamente, mal dormia. Eu podia ver que, ao redor de seus olhos, estava fundo e arroxeado. Parecia que não dormia havia dias, o que realmente acontecia, porque, após cada pesadelo, ele acordava e não voltava para a cama de novo.

Toda vez que eu lhe perguntava o motivo da insônia, ele dizia que não era nada, mas eu sabia que era algo que não queria me dizer, certamente para não me deixar preocupada, embora eu estivesse mesmo assim, apenas por vê-lo naquela situação.

Dominic pegou meus braços e os apertou, fazendo-me quase gemer com a pressão, depois piscou parecendo voltar a si, mas em seus olhos tinha terror. Ficou mil vezes pior ao pousar os olhos em suas mãos me segurando. Deve ter pensado que eu era o invasor no seu sonho.

— Evelyn...

— Dom... — Minha respiração ficou fraca, mas eu sabia que ele não me machucaria de forma alguma. — Está tudo bem, você só teve um pesadelo.

— Porra! — rosnou ele, soltando-me como se minha pele o queimasse. Em seguida, pulou da cama e socou forte o espelho na parede, transformando-o em cacos de vidro. Continuou a

praguejar, culpando-se por pensar que me machucaria, mas eu sabia que ele nunca seria capaz disso.

Pisquei, chocada demais e de boca aberta com a cena diante de mim. Meu coração batia descompassado por ver a dor nele e não poder fazer nada. Precisava que ele me deixasse entrar, porque, se ficasse no escuro, eu enlouqueceria.

— Machuquei você? — o desespero era evidente na sua voz e rosto.

Balancei a cabeça, negando, porque, nem se quisesse, ele me machucaria.

— Não. — Era verdade; o seu aperto não tinha me machucado realmente.

A escuridão em seus olhos se tornou maior ao me avaliar. Chegou perto de mim, checando meu braço e então amaldiçoou ainda mais.

— Não machuquei?! O que é isso então, Evelyn? Essas manchas em seu braço? — rosnou com fogo em seus olhos direcionado a si mesmo. — Sinto muito...

— Não foi nada, você despertou de um sonho ruim, então é normal. Além do mais, a minha pele é branca e marca com facilidade. — Achei que isso o tranquilizaria, mas estava errada.

Ele sacudiu a cabeça e saiu do quarto, furioso. Acho que fúria era pouco para o que estava sentindo.

— Aonde vai? — perguntei, indo atrás dele para impedi-lo de fazer alguma besteira de novo, como a que tinha feito com o espelho.

— Para o outro quarto. Não posso me deitar ao seu lado e arriscar machucar você de novo — a raiva estava ali, direcionada a si mesmo, enquanto falava. — Prefiro cortar meus malditos dedos ou enfiar uma bala em meu crânio.

— Você nunca me machucaria — comecei a dizer, mas ele me cortou:

— Não? Não sou cego, Evelyn, posso ver as marcas. — Entrou no outro quarto, abrindo a porta com uma força exagerada.

— Dom, vamos conversar. Qual é o problema? Por favor, me diz — pedi, ficando na frente dele e notei que sua mão estava sangrando.

Meus olhos estavam molhados, porque não sabia o que fazer para tirar o tormento que via ali, não pela ferida, mas por ele pensar que havia me machucado.

— Não chore, linda. — Pegou um pano e o enrolou em sua mão. — Não é nada.

Peguei sua mão, que parecia gelada demais. Nunca o tinha visto assim, não sabia o que havia acontecido para que ele ficasse naquele estado, mas acreditava que tinha um motivo, e eu precisava saber qual era.

Aliás, só o tinha visto desse jeito uma vez, no dia em que matou bandidos que nos encurralaram a caminho do clube. A forma como destruiu a igreja – a sala onde faziam reuniões –, a sua reação enquanto isso eram semelhantes ao que agora eu via diante de mim.

— Como pode machucar essas mãos que me tocam? — sussurrei, chorando.

— Não quero que minha escuridão atinja você — sua voz estava rouca, e a mandíbula, apertada.

Como se aquilo fosse possível! Tudo o que acontecia com ele me atingia, porque éramos um só.

— Por que não abre o jogo comigo? Somos companheiros e moramos juntos.

Um relacionamento é compartilhar não só as coisas boas, mas as ruins também. Ainda não tínhamos nos casado no papel, como meu irmão e Isabelle, Mary e Hush e até Nasx e Sloane. Nunca me preocupei com isso até ver os meus amigos se casando, então também quis, não por inveja, mas porque achei lindo. Sonhava em andar pelo corredor e vê-lo lá no altar esperando por mim.

Dom me avaliava enquanto traçava, com os dedos da mão boa, o meu rosto, limpando as lágrimas. Eu não era muito chorona; uma parte daquilo era culpa da gravidez, a outra, da dor ao vê-lo sofrendo sem poder fazer nada.

— Sinto muito, meu amor. — Beijou minhas pálpebras molhadas.

— Fale comigo — insisti. — Não me deixe no escuro, ou vou acabar ficando louca.

— Não quero estressá-la com nada. — Ele me puxou para a cama e se sentou, colocando-me em seu colo, com a mão direita na minha cintura.

— Se me manter longe, eu vou ficar puta da vida — falei a verdade. — E chutar seu traseiro.

Uma sugestão de um sorriso apareceu em seus lábios, mas não alcançou os olhos.

— Adoraria ver isso — brincou.

— Deixe-me ver sua mão primeiro para ver se tem algum caco de vidro. — Toquei onde estava vermelho; a toalhinha que ele colocara ali tinha estancado a maior parte do sangue.

Ele assentiu, não sei se por não querer me contrariar ou porque estava doendo mesmo, mas, fosse como fosse, eu olharia e esperava que não precisasse de pontos.

Levei-o ao banheiro e coloquei a mão dele debaixo do chuveiro, em seguida chequei os danos. Não pareceu que precisaria de pontos.

— Não tem cacos, eu posso sentir — ele disse, vendo a preocupação estampada em meu rosto.

— Não quero que se machuque, porque é como se doesse em mim — murmurei, levantando meus olhos para seu rosto, que eu tanto adorava. — Não faça mais isso, por mais que esteja sofrendo ou com raiva. Também nunca pense em dormir fora de nosso quarto para colocar distância entre nós.

Aquele era o quarto de hóspedes, onde minha sogra ficava. Lá estava a caixinha de primeiros socorros usada no dia em que eu tinha machucado meus pés ao procurar Dom e o encontrar com Emília.

— Prometo que nunca mais vou me machucar, mesmo que eu esteja com muita raiva — disse ele em tom de juramento enquanto eu cuidava do ferimento. Depois peguei sua mão com curativo e a beijei, fazendo-o engolir em seco. — Evelyn...

— Amo você, Dom, cada parte sua, suas mãos, seu corpo e seu coração, então me diz o que está te atormentando dessa forma a ponto de se machucar.

— É muita coisa — sussurrou tão baixo que pensei não ter ouvido direito.

— O quê? Me conte seja lá o que estiver acontecendo e fazendo surgir pesadelos ao ponto de acordá-lo como se quisesse matar alguém. — Passei a mão direita em seus cabelos.

— Eu quero matá-lo, Evelyn, tanto que dói em mim não fazer isso. Mas também não quero. É difícil conciliar os dois desejos. — Puxou-me para a cama, sentou-se e depois me colocou em seu colo como havia feito antes.

Ofeguei.

— Quem? Já não tinha resolvido os problemas que estavam cercando Nasx e Sloane? — Alguns meses antes, a amiga de Sloane tinha roubado algo de um cafetão e ido embora, deixando-a em uma enrascada. Por sorte, ela tinha o Nasx e os motoqueiros para ajudá-la. O bom foi que, dessa confusão, ela e Nasx acabaram se apaixonando. Os dois estavam juntos e casados.

— Não são eles nem as pessoas que quiseram ferir quem o Nasx ama, mas outra, que eu jurava que nunca mais veria na minha vida. — Alisou minha mão, que segurava.

Franzi a testa. Não entendia a quem ele estava se referindo.

— Dom, quem é essa pessoa? — Alguém do clube não era, nem o de Chicago nem de Nova Iorque, nem mesmo alguém de Austin, do MC da Serpente, onde estava sua outra família fora sua mãe. Sabia disso, porque ele nunca machucaria alguém que amasse.

Dona Benta praticamente o criou junto a Charles, o antigo presidente do Motoclube da Serpente, que tinha morrido havia mais de 11 anos para salvar Dominic, que foi sequestrado na época. Ele foi torturado e cortado e por pouco não morreu. Só não aconteceu porque o antigo presidente, mais conhecido como Cobra, salvou-o. Dom o tinha como um pai, pois o amava. O cara até se arriscou e morreu por ele, bem diferente do verdadeiro, que não se importava com ele nem com sua mãe.

Dominic não comentava sobre seu pai, parecia o odiar com todas as suas forças, por isso eu também não tocava no assunto, pois não queria lhe trazer lembranças dolorosas. Sabia como elas eram, já tinha tido bastante quando estava em cativeiro.

A perda de Charles, o homem que ele amava como um pai, era difícil de lidar, e eu podia ver isso. Dominic não visitava dona Benta na sua casa havia anos. Acho que ele se sentia culpado, mesmo não o sendo de fato. A senhora o chamava para visitá-la em Austin, mas ele não ia. Talvez fosse porque a cidade também trazia recordações que ele evitava. Ao menos

ultimamente a senhora Benta vinha direto até nós para visitar o seu menino, como ela o chamava.

— Meu pai... — o tom dele estava estranho, mas talvez fosse só impressão minha.

Pisquei, ultrajada. Eu sabia que seu pai era um picareta, mas daí a matá-lo com suas próprias mãos? Bem, se o fizesse, não faria falta. Entretanto, isso poderia prejudicar Dom, porque ele tinha mencionado que o queria morto e, ao mesmo tempo, não.

— Espere, o quê?! — minha voz soou alta, então a abaixei. — Mas ele não está preso?

Elizeu estava preso havia mais de 14 anos, então Dom praticamente foi criado sem o pai. Seria por isso que ele o odiava? Eu suspeitava que houvesse algo mais sombrio por trás disso. Era Charles quem o mantinha "na linha", pelo que Dominic me contara.

— Já se passaram anos desde que ele foi preso, então saiu por seu bom comportamento — o desprezo estava em cada palavra.

— Como sabe que ele foi solto? Seu pai procurou você? — chequei.

— Não, um contato meu de Austin me ligou assim que ele foi solto — Expirou. — Sabe o que é pior? Não posso julgá-lo, porque também sou a porra de um monstro.

Arfei com raiva por ele pensar assim de si mesmo. Claro que Dom nunca foi santo, nem nunca seria, mas daí a ser um monstro? Eu não acreditava nisso. Sabia que ser criado sem apoio pelo lado paterno fez com que entrasse em encrencas quando era novo, mas entrar no mundo dos MCs ao lado de Charles o mudou. Dominic se tornou um cara protetor e leal, que amava sua família e amigos.

— Não pode dizer isso só por ter matado alguns bandidos, Dom. Não aceito isso. E, pelo que me disse do seu pai, ele mexia com coisas erradas, colocando em risco a sua vida e a da sua mãe. Você morreria para salvar aqueles a quem ama, tanto a mim quanto a sua mãe como cada um do clube — rosnei com os punhos cerrados. — Então não diga que é como seu fodido pai, porque não é. Ouviu? Nunca pense isso.

Ele riu e beijou minha cabeça.

— Não quero que fique com raiva ou se incomode com isso, pois vou resolver tudo. Elizeu não vai chegar perto da minha mãe, por isso eu a trouxe para cá.

Uma coisa não me passou despercebida em suas palavras: ele não concordava comigo que era um homem bom, e eu não sabia o que poderia fazer para mostrar-lhe que tinha redenção.

— Trouxe? — Arqueei as sobrancelhas, olhando ao redor. — Onde ela está?

Adorava a minha sogra, uma mulher de ouro. Avana morava no Arizona com a irmã dela, Anita.

— Chega amanhã ao meio-dia, mas dei a desculpa de que precisava dela aqui para ajudar você, não porque Elizeu foi solto há três dias. — Suspirou. — Não a quero preocupada.

Como alguém que se preocupava dessa forma não teria alguma redenção ou absolvição? Eu não acreditava nisso.

— Me ajudar? Não estou mais passando mal, Dom. — O começo da minha gravidez foi um verdadeiro pesadelo; tive contrações e sangramento, então o médico me recomendou repouso e que eu não me estressasse com nada. No entanto, era difícil, afinal meus amigos e família estavam correndo perigo na época, principalmente Nasx, Sloane e Noah.

— Eu sei, querida, e agradeço a Deus por isso, porque tive medo de que perdesse nosso bebê. — Sua mão direita foi parar na minha barriga, onde alisou. — Não vejo a hora de vê-lo.

Sorri, colocando minha mão em cima da sua e sentindo meu peito se aquecer.

— Eu também. Quero que ele se pareça com você, forte, protetor, leal e lindo. — Toquei seu rosto e beijei sua bochecha. — Um homem capaz de tudo pelos seus.

— Evelyn... — começou a retrucar, não concordando com o que falei, mas eu o cortei, porque não queria ouvir mais nada. Não aceitava que Dom não fosse redimido dos seus pecados.

— Nunca pensaria isso se soubesse que não merecesse, Dom. Nosso filho vai ter orgulho do pai que terá, nunca pense o contrário.

Suspirou.

— Mas e se não for assim? Porque as coisas que eu fiz... Não acho que sou bom para alguém — murmurou baixinho. — Sou um bastardo egoísta, pois tenho você ao meu lado e não posso abrir mão disso para que você siga seus sonhos.

— Não é um bastardo — contestei. — É o amor da minha vida e pai do meu filho. E meu

único sonho é ficar para sempre ao seu lado.

Sacudiu a cabeça como se discordasse do que eu pensava sobre ele.

— Me diz uma coisa, Dom: quem pagou a dívida daquele idiota do Bryan para que ele e a Emília tivessem uma vida feliz? — Trinquei os dentes com o surto de raiva ao pensar naquilo. — No final, você acabou machucado por ele ter batido em você, apesar do sacrifício que fez por ele.

Eu não gostava de me lembrar daquilo, porque sentia um grande ódio por aquele ingrato ter machucado meu homem. Era uma pena que Dom não me deixou acabar com o patife.

Alisou meu cabelo como se fosse para me tranquilizar da antipatia que eu sentia ao me lembrar da cena que presenciei. Só não voei em cima de Bryan porque Michael me segurou no dia e depois Dominic não me deixou sozinha para acertar as contas com ele.

Aquilo aconteceu em Manhattan, na época do casamento de Bryan com Alexia.

— Meu amor, eu merecia a raiva dele naquele momento por ter feito o que fiz. Ainda bem que não recebi o desprezo dele no final. — Não tinha nada de acusação ali, apenas aceitação.

Se fosse uma luta de verdade entre os dois, Dominic com certeza sairia o vencedor, mas Dom só deixou que acontecesse e apanhou calado, como se fosse para se redimir pelo que acabou fazendo, sendo que fez aquilo para a segurança do amigo.

— Espero que ele não bata em você de novo, ou não vou me segurar da próxima vez que eu o vir. — Isso era verdade. — Sou capaz de matá-lo.

Tive que me segurar quando Bryan chegou ao Dom quando soube a verdade, que Dominic havia mentido sobre a falsa morte de Emília. Será que aquele bastardo não via que tudo tinha sido feito para sua própria proteção e a de Emília, assim como a de Emma? Não! Bryan praticamente o espancou, e Dominic não fez nada para se defender.

Só de me lembrar da cena, a raiva irradiava pelo meu corpo como uma maldita onda magnética.

Bryan é um imbecil, um ingrato que deveria agradecer, não fazer o contrário, pensei, amarga.

— Nunca pense em confrontar um homem, Evelyn, em hipótese alguma.

Franzi a testa.

— Sei lidar com eles — falei, magoada por ele me achar fraca demais.

Claro que eu não ganharia de um homem no mano a mano, mas, com minhas facas nas mãos, eu sabia fazer um grande estrago, muito mais do que qualquer cara.

Ele riu com um brilho excitado nos olhos; ao menos nossa conversa tirou um pouco da agonia que estava na sua expressão.

— Sei que sim, mas não sabe o que eu faria se algum deles a tocasse. Apesar de saber que Bryan jamais faria nada que machucasse você nem se estivesse com raiva de mim. — Deitou-se na cama e ficou ao meu lado. — Não gosto de pensar na ideia de alguém colocando a mão em você.

— Ninguém vai me tocar, só você. — Minha mão seguiu para sua calça.

Riu, beijando minha pele e me fazendo arrepiar inteira. Eu estava quente com seu toque.

— Sabe que não foi isso que falei, mas adorei saber que ninguém irá tocá-la a não ser eu — sua voz soou provocativa. Parecia ter se esquecido do pesadelo que teve.

— Disso você já sabe — apontei.

Desejava saber mais sobre o seu pai e os pesadelos que vinha tendo, mas não queria trazer à tona a expressão sombria. Gostava de como ele estava naquele momento, sorrindo e deixando os problemas para depois. Esperava que pudesse ajudá-lo de alguma forma.

Dom me virou de costas para ele e colocou a boca em meu pescoço.

Era uma posição que fazíamos desde que minha barriga tinha se tornado um continente próprio. Contudo, eu a adorava grande, mesmo que, às vezes, pensasse que não tinha mais um corpo perfeito como as dançarinas da boate dele. Isso me incomodava um pouco, mas relevava, porque sabia o quanto Dom me amava e que nunca olharia para nenhuma delas.

— Promete que, por mais que as coisas fiquem difíceis entre nós, você nunca irá dormir em outra cama? Porque, se fizer isso, eu vou castrá-lo, e preciso dessa parte de seu corpo para me dar mais orgasmos e filhos — falei, ofegante pelos seus lábios, e me arrepiei inteira com sua risada, que chegou a balançar o seu corpo, colado no meu. — Preciso de você.

— Prometo, minha linda, afinal de contas, eu não quero ficar sem meu pau. — Levantou minha camisa e tirou minha calcinha. Em seguida começou a esfregar meu clitóris, fazendo-me gemer. — Quer meu pau nessa bocetinha maravilhosa?

— Dom! — Apertei sua mão, querendo mais dele. — Querido, seus dedos são bons, mas seu pênis é melhor ainda, então enfia logo ele em mim e me faz gritar para ouvirem do outro lado da cidade.

Ele rosnou e levantou minha perna, então me penetrou centímetro por centímetro.

— Você cheira tão bem. — Mordiscou minha orelha enquanto acelerava as estocadas em mim. — Tão gostosa, porra!

Uma de suas mãos estava em meu peito, a outra, em meu clitóris, satisfazendo-me. Eu sabia que não ia durar muito; a gravidez estava me deixando com grande tesão, e eu estava adorando cada minuto.

— Goza em meu pau, minha princesa — ordenou, deixando-me nas nuvens em segundos.

Fazer sexo com Dom era o que eu mais amava. Cada som e gemido dele me levaram à loucura, fazendo-me explodir como uma imensa constelação brilhante.

— Obrigada por me trazer de volta e ser minha luz. Se eu não a tivesse, não sei o que seria de mim; provavelmente teria feito uma besteira. — Esquadrinhava minha pele com ternura.

— Nunca irei deixá-lo fazer nada que traga mais escuridão a sua vida — declarei como uma promessa e a manteria fosse como fosse. — Um dia, eu quero levá-la para longe e manter somente luz aqui. — Toquei na cabeça dele.

Ele me aconchegou em seus braços, de conchinha, e falou na minha nuca:

— Você já faz isso, Evelyn. — Suspirou. — A escuridão se dissipa quando estou com você.

— Então estou feliz que eu esteja aqui para você — informei com um suspiro sonolento.

— Durma, querida.

— Não saia da cama. — Segurei firme em seus braços, à minha volta.

— Não irei a lugar algum — declarou. — Estou bem onde quero estar para sempre.

Então por que não se casa comigo?, pensei antes que a escuridão me tomasse.



Capítulo 4

Evelyn

— Como estão as coisas? Não passou mais mal, hum? — perguntou Sara quando saí da faculdade.

Tinha ido até ali para entregar os papeis da minha licença, já que logo teria meu filho.

— Graças aos Céus sem nenhuma dor. — Alisei minha barriga. — Não vejo a hora de vê-lo.

Ela sorriu e colocou a mão sobre a minha.

— Eu também quero vê-lo. Aposto que será um garoto lindo.

— Se puxar ao pai, eu tenho até dó das meninas que se encantarem por ele. — Sorri com amor.

Quando conheci Dom, sua fama de mulherengo era bem extensa, até eu domá-lo.

— Vamos tomar café na lanchonete, assim conversamos mais. Faz dias que não a vejo — disse Sara.

Já fazia uma semana que eu não comparecia às aulas, porque estava cansada demais. Então decidi antecipar minha saída até ter Vitor.

— Faz semanas. Você é uma menina estudiosa — comentei enquanto seguíamos aos bancos de madeira que ficavam fora do Starbucks Coffee, debaixo de uma figueira.

— O que desejam? — perguntou a garçonete.

— Suco de laranja e bolinhos. Essa gravidez está me deixando faminta e gorda. — Sorri.

— Uma soda e um hambúrguer de peru — disse Sara.

— O mesmo que a Sara — falou David, chegando com Matt e Jerry. Todos se sentaram ao meu redor.

A moça saiu após pegar o pedido de todos na mesa.

— Então como está a grávida mais linda que conheço? — perguntou Jerry com o braço em cima do meu ombro.

— Se você quer continuar tendo esse braço, eu acho melhor tirá-lo daí — informou David. — Se Shadow aparecer, vai castrá-lo e fazê-lo comer seu pau.

— Aquele motoqueiro é possessivo — assegurou Matt.

Todos ali riram, mas Jerry retirou o braço. Eu não ligava, porque eram meus amigos. Nunca nenhum deles havia se interessado por mim assim, mas não era bom provocar Dom, ele não lidava bem com alguém me tocando.

— Estou namorando alguém, e Evelyn é minha amiga — disse ele.

Pisquei.

— Quem? É daqui? — Sabia que ele tinha tido um lance com Irina, a esposa de Matteo e minha amiga. Não chegaram a ter sexo, mas tiveram algo.

Sorriu para mim e depois encarou Sara, que corou.

— Está ao seu lado.

— Jura? Vocês dois? — Estava chocada, mas animada por eles estarem juntos.

Ela sorriu.

— Sim, falei com Irina, e ela disse que estava tudo bem.

Jerry franziu a testa.

— Por que iria procurar a permissão de Irina? — perguntou ele, confuso.

Conheci Irina por seu falso nome, Jamile, mas, assim que se casou com Matteo, ela nos contou que teve de vir para a cidade com outro nome para que os inimigos de sua família não chegassem a ela, então todos ali passaram a chamá-la pelo nome verdadeiro.

Sara fez careta.

— Vocês tiveram um lance, e eu só queria checar se não era estranho eu ficar com um cara que tinha sido da minha melhor amiga. — Encolheu os ombros.

— Primeiro, nós não ficamos juntos, sério, e outra, ela está casada com aquele mafioso, e

somos só amigos. Irina ajudou a minha mãe a não perder o restaurante para uns caras que queriam tomar posse com a intenção de construir prédios no lugar. Aposto que o marido dela ajudou nisso — disse ele e pegou a mão de Sara. — Posso ter sentido algo por ela antes, mas nunca foi como você, porque eu não a amava, mas a você, sim.

Ela arregalou os olhos.

— Você me ama? — Pelo visto, ela não sabia disso.

Jerry sorriu.

— Sim, e gosto da sua timidez. — Beijou seus lábios com ternura e amor.

Fiquei contente com a chegada da comida, porque o momento parecia íntimo demais para ser presenciado. Todavia, estava feliz por ambos estarem juntos.

— Quando nosso filho vai nascer? — indagou David, ignorando os dois se beijando.

Sorri com um revirar dos olhos.

— Nosso, eu não sei, mas meu e do Dom nascerá nas próximas semanas, a qualquer hora.

— Por que não vão para um quarto? — questionou Matt com um sorriso para o casal apaixonado.

Sara riu e se afastou, encarando-nos, mas pude ver, pela sua pele vermelha, que ela estava contente.

— Vê se cresce. — Jerry empurrou o ombro de Matt com verdadeira camaradagem.

— Soube que Irina está louca para ter filho — disse Matt. — Por que todas querem isso?

— Todas, não; eu não quero filhos até me formar e casar. Isso daqui a vários anos. — Sara bebeu sua soda.

— A ansiedade de ver meu bebê em meus braços... — comentei — compensa o mal-estar, os enjoos e ficar redonda como um pão de forma.

Beberiquei o suco e comi um bolinho de doce de leite, o meu preferido.

— Isso porque você come muito, até agora contei sete bolinhos — apontou David.

— Sete? Jura? Eu achei que fosse o segundo. — Pisquei e olhei para a hora no meu relógio de pulso. — Nossa, já é tarde! Tenho que ir. — Fiquei de pé. — Minha sogra chega hoje, Dom

foi ao aeroporto buscá-la.

Enquanto Dominic ia ao aeroporto, aproveitei para vir à faculdade.

— Avana é uma mulher muito gentil, ainda me lembro dos brownies recheados dela. Pode me convidar para sua casa quando ela estiver lá? — inquiriu David. — Seu marido me dá calafrios, mas gosto da mãe dele.

— Isso porque fica perguntando como está o bebê de vocês dois na frente dele. Eu acho que, nessa hora, ele só não o mata por causa da Evelyn. — Jerry riu.

— Dom jamais machucaria um amigo meu — declarei, e era verdade.

— Quem vai te levar embora? — perguntou Sara. — Não pode ficar andando por aí com esse barrigão todo.

— Ash deve estar me esperando. — Despedi-me deles e fui para frente da lanchonete, mas o prospecto não estava em lugar nenhum. Franzi o cenho.

Liguei para ele, mas não atendeu. *Será que aconteceu alguma coisa?* Lembrei-me da conversa que ouvi dele com alguém ao telefone, três noites antes. Tentei falar com ele depois disso, mas Ash disse que tinha resolvido o problema. Ele tinha mentido só para me deixar calma?

Estava a ponto de ligar para o Dom e perguntar isso, quando David apareceu.

— Cadê seu motorista? Seu namorado não deixa você um segundo sozinha, sempre tem aquele motoqueiro te seguindo. — Ele olhou para todos os lugares.

— Não sei, mas deve ter acontecido um imprevisto. — Não queria deixar David preocupado, afinal podia não ser nada, talvez fosse só coisa da minha cabeça.

— Posso te dar uma carona se quiser, ou prefere chamar seu marido? — sondou. — Já terminei meu horário por hoje. Preciso buscar meus pais na casa de campo, mas isso é só mais tarde, ainda dá tempo de levá-la.

Poderia chamar o Dom, mas ele estava ocupado esperando minha sogra, então eu poderia muito bem aproveitar a carona que David ofereceu.

— Claro, aceitarei, sim, se não for atrapalhar. — Sorri indo para seu lado.

— Não vai, eu prometo. Agora vem comigo e me deixe ajudá-la a descer dessa calçada.

— Isso é bom, porque mal consigo ver os meus pés. — Peguei sua mão.

Sorriu brilhante. Ele era um garoto bonito e bem simpático.

— Você me lembra minha irmã, que, para pegar uma panela que caiu no chão, teve que se deitar no piso por causa da sua barriga grande. Ela estava grávida da minha sobrinha, Katia. — Ele riu, sacudindo a cabeça. — Depois tive que ajudá-la a se levantar.

Ri também.

— Bom, espero que eu não chegue a isso. — Coloquei a mão sobre a barriga ao entrar no seu Mustang preto. — U-a-u, esse carro é bem legal, nunca tinha entrado num desses antes.

— Claro, só anda na garupa daquele motoqueiro fodão — resmungou.

— Sim, ele é meu homem lindo — falei com orgulho. — Embora faz tempo que não monto em sua garupa devido a gravidez.

Não me importava mesmo em andar de carro, o que importava era que meu bebê tivesse saúde e que seria muito amado.

— Obrigada por me trazer em casa. Fico te devendo uma.

— Que tal me chamar para comer os brownies recheados de sua sogra? Assim estaremos quites — disse com uma piscadela assim que parou o carro na frente da minha casa.

— Chamarei, sim — prometi a ele, indo para dentro de casa enquanto David dava a volta para ir embora. — Obrigada de novo por me trazer.

— Sempre que quiser. Adoro carregar mulheres no meu carro. — Piscou, mas não era flerte, mas sim diversão.

Olhei para o quintal, onde podia imaginar o meu casamento acontecendo. Meus amigos e família estariam ali naquele momento, que seria o dia mais feliz da minha vida. Claro que dar à luz o Vitor também seria o esplendor da felicidade.

Limpei meu rosto molhado; nem notei que estava chorando. A gravidez estava me deixando mole.

— Você está me deixando sentimental. — Passei a mão sobre a minha barriga.

Como estava inquieta ao esperar por Dom e Avana ou por não saber o motivo de Ash ter sumido e me deixado sozinha na faculdade, quando eu sabia que deveria ter ido me buscar, peguei meu telefone e liguei para Irina. Necessitava da ajuda dela para uma coisa importante. Esqueci-me sobre casamento e foquei no que era prioridade para trazer uma noite de sono melhor para o meu homem.

Precisava arrumar um jeito de descobrir tudo sobre o pai de Dominic e se ele pretendia procurar Dom ou não. Tinha de saber isso antes de qualquer coisa para ficar preparada. Porque, se ele tinha ficado daquele jeito só por saber que seu pai havia saído, imagina se o homem resolvesse procurá-lo?

Eu não podia deixar mais escuridão entrar na vida de Dom. Se a presença do pai dele fosse lhe fazer mal, então eu só precisava evitar que se encontrassem, por isso tinha de encontrar Elizeu antes.

— Evelyn, querida, como está nosso filhote? — perguntou Irina assim que atendeu o telefone.

Nossa amizade era forte assim como a minha e a de Sara e das meninas do clube, Mary, Sloane e Isabelle. Quando antes eu não tinha ninguém naquele antro em que vivi quase toda minha vida além de Matteo, Dália e Pablo, agora eu podia dizer com todas as letras que tinha uma família, amigos que seriam capazes de dar suas vidas por mim e por Dom, assim como éramos capazes de dar por eles.

Ainda entrava em contato com Dália de vez em quando. Ela se mudou para Houston, estava em uma faculdade nova e seguindo com sua vida, assim como todas as garotas que foram libertas. Claro que algumas precisaram de psicólogos, mas eu acreditava que ficariam boas em breve, ao menos torcia por isso.

— Nosso filhote está bem, estamos saudáveis. Chuta como um jogador de futebol, me mantendo acordada à noite.

O mal-estar que passei no início, correndo o risco de perder o meu bebê, foi muito ruim e

me deixou completamente com medo, mas enfim tudo estava perfeito. Faltava pouco para tê-lo em meus braços e ver seu rostinho lindo, duas semanas no máximo.

Ela deu um suspiro, aliviada. Todos presenciaram o mal que passei nos primeiros meses de gestação. Entretanto, meus amigos e familiares estavam lá por mim.

Eu estava feliz por Irina nunca ter sentido nenhum rancor por mim ao se apaixonar por Matteo, sendo que ele gostava de mim na época. Sentia-me bem ao saber que os dois estavam completamente felizes, casados e apaixonados.

— Fico contente por isso, minha amiga — disse, e ao fundo eu a ouvi dizendo meu nome a alguém.

— Quem está com você? Matteo? — Não queria que ele ouvisse o que eu pediria a ela, porque não sabia até que ponto a aliança de Dom com ele era forte, então era melhor deixar o assunto só entre nós duas por enquanto.

Matteo também poderia não gostar de envolver sua mulher em algo como a sujeira em que eu acreditava que o pai de Dominic estava. Sabia que ela não pesquisaria pessoalmente, por isso eu lhe pediria o favor; Irina conhecia alguém além de Samuel que poderia fazer isso. Ele era bom em localizar pessoas, mas eu duvidava que ela lhe pedisse isso, pois o homem era fiel ao seu *Capo*, jamais faria qualquer coisa pelas costas de Matteo. Então só me restava apenas uma pessoa.

— Sim, por quê? Quer falar com ele? — sondou. — Se quiser, eu posso passar.

— Não! — falei depressa. — Preciso de um favor seu e não quero que conte a ele nem ao Luca. Deve ficar apenas entre nós duas e aquele seu amigo que é fera em computadores.

— Jules? — Ela parecia confusa. Ouvi-a batendo a porta como se estivesse saindo de um cômodo ou entrando em um. — O que precisa dele que ninguém pode saber? Seja o que for, eu estarei com você.

— Preciso que localize uma pessoa. Seu nome é Elizeu Carter, o pai de Dominic. Soube que saiu da cadeia em Austin, e isso está deixando-o inquieto e o impedindo de dormir à noite. Preciso achá-lo e ver por qual razão isso está acontecendo. — Fui para a varanda e me sentei

com a mão na barriga. Gostava de fazer isso, pois me ajudava a controlar a ansiedade.

Não podia deixar meu homem sofrer mais do que parecia estar sofrendo, como tinha presenciado na noite passada; precisava ajudá-lo de alguma forma. Não podia simplesmente ficar parada sem fazer nada, isso não combinava comigo.

— O que pensa em fazer no caso de descobrir que esse pai do Shadow é um homem perigoso, que deveria estar atrás das grades? — ela averiguou.

— Não penso em fazer nada, pois não quero correr o risco de perder meu filho, mas preciso saber para poder ajudar Dom de alguma forma, entende? Só quero saber o que esperar de tudo isso. Não posso deixar que isso o atormente... — sussurrei.

Varri os olhos pela vasta propriedade e vi uma moto se aproximando à distância. Sabia que era Ash, porque ele provavelmente tinha ido à faculdade e não me encontrado lá, então devia ter vindo tomar conta de mim. Era bom, pois assim eu podia perguntar o que estava acontecendo com ele.

Se Dom soubesse que eu havia ficado sozinha, isso poderia traria problemas para Ash, então não lhe diria nada. Teve uma vez que desmaiei e estava sozinha em casa. Por sorte Dominic chegou na hora e me levou ao hospital. Depois desse episódio, ele não me deixava só um segundo. Por isso eu temia sua reação.

— Tudo bem, eu vou ver o que posso fazer aqui. Jules sabe guardar segredos tanto dos meus irmãos quanto de Matteo — informou. — Mas, Evelyn, seja o que for, não faça nenhuma besteira que arrisque a sua vida e a de nosso bebê.

Os irmãos dela faziam parte da chefia de uma das máfias russas, Nikolai e Alexei. Eu já os tinha visto uma vez. Pareciam ser gente boa. Porém, eu não confiaria em nenhum deles sabendo do meu pedido, assim não correria o risco de Dominic descobrir a minha busca pelo seu passado.

Quando ele soubesse, seria eu a contar, pois não gostava de guardar segredos de Dom; a última vez que havíamos feito isso quase nos destruíra, e sofremos no processo.

— Tudo bem, agora eu preciso ir; Ash está chegando. Dom foi buscar minha sogra no aeroporto, e não quero que Ash ouça nossa conversa e conte ao meu marido. — A moto se

aproximava cada vez mais da casa.

— Marido?! Quer dizer que finalmente ele a pediu em casamento?! — Ela parecia eufórica.

Meu coração se apertou, porque isso era o que eu mais desejava na vida.

— Não, estou esperando que peça depois que o Vitor nascer — sussurrei. — Não sei por que me preocupo, já que sou sua *Old Lady*. Por que um pedaço de papel tem que significar tanto?

Irina suspirou parecendo triste.

— Fale com ele, Evelyn. Aquele homem morre por você e faria qualquer coisa que pedisse.

Sabia que ela tinha razão, mas queria que o pedido partisse dele, não de mim. Acho que não era tanto o papel; eu apenas queria me vestir de noiva e seguir ao altar para me encontrar com ele lá, esperando por mim. Então por que tinha medo de dizer isso?

— Você me conhece, Irina. Antes, eu não pensava em me casar, não tão cedo, mas, vendo todos se casando, também passei a querer. Além disso, para sempre eu só vou querer o Dom, então por que adiar? — era uma pergunta retórica.

— Conversa com Shadow, meu bem, garanto que logo teremos um casamento.

— Eu sei, mas quero que a decisão seja dele. Vou esperar até o nascimento do nosso bebê, então conversarei com ele. — Esperava que, antes disso, ele propusesse matrimônio a mim.

— Vai acontecer, querida.

— Você também devia contar ao Matteo sobre querer ter filhos. — Ela me disse que seria a mãe de Vitor também até que o dela nascesse assim que Matteo aceitasse ter filhos. — Aposto que ele cederia.

— Não cederia. Toquei no assunto hoje cedo, e ele disse que tem uma guerra a caminho, por isso não quer ter nenhum agora, só depois disso — ela resmungou.

— Isso é bom, não é? Quer dizer que, assim que tudo passar, você será mãe — tentei incentivá-la a se animar.

Ela riu amarga.

— Você não entende. Nós somos da máfia, então nunca haverá paz de verdade. Sempre aparecerão inimigos e mais inimigos, e assim vou ficar velha e sem ter nenhum bebê — a dor era evidente na voz dela.

— Hummm, você toma anticoncepcional para evitar, não é? — sondei, tendo uma ideia.

— Sim, mas o que tem isso? — Certamente ela estava preocupada demais para conseguir raciocinar.

— Pare de tomar, porque assim ficará grávida, e, quando estiver, conte a ele. Garanto que Matteo apreciará o momento. — Conhecia Matteo havia quase seis anos, éramos grandes amigos. Ele amaria a notícia. O homem era realmente louco por Irina.

— Você está dizendo para eu parar de tomar o anticoncepcional? — sussurrou, acredito que para evitar que alguém ouvisse. — Acha que ele não ficará bravo?

— Conheço Matteo muito bem e sei que ele jamais ficaria bravo com você. Aquele homem beija o chão que você pisa — afirmei. — Não é como se estivesse engravidando para segurar um homem, já que ele é seu marido. Você só está realizando um sonho, e devemos lutar pelos nossos.

— Te adoro, Evelyn — declarou mais animada. — Vou fazer isso a partir de hoje.

Meu coração se aqueceu com sua animação e ansiedade com a ideia que tive.

Quando a moto se aproximou, notei que não era de nenhum dos MCs, porque conhecia todas as motos deles, mas não tinha visto aquela ainda. Quem seria? Eles também não usavam capacetes, e o piloto ali estava usando um.

— Irina, eu tenho que ir, depois ligo para saber o que está acontecendo e se descobriu algo. — Tentei não demonstrar tensão, embora estivesse preocupada demais.

Corri para dentro após desligar o celular, peguei minhas adagas e voltei para a varanda, fixando meus olhos no ocupante da moto. Fosse ele quem fosse, se tentasse algo, eu iria acabar com ele. Meu instinto protetor relativo ao meu bebê gritava para que eu me escondesse e chamasse alguém, mas talvez não fosse nada, só um conhecido do Dom, apenas eu fazendo tempestade em um copo d’água.

A moto parou, e o cara desceu tirando o capacete e ficou onde estava, olhando-me e às adagas nas minhas mãos. Seus olhos verdes, parecidos com os do Dom, estreitaram-se.



Capítulo 5

Evelyn

— Recepção interessante ao seu sogro, menina. Ao menos sabe manejar essas facas? — sondou e deu um passo na minha direção, mas lancei uma das adagas, que ficou enfiada na terra aos seus pés.

— Vamos tentar e ver — comentei com um sorriso de escárnio. — Mas garanto que o surpreenderia, então sugiro que não se aproxime de mim.

O homem era alto, forte e de cabelos escuros, embora tivesse alguns fios grisalhos. Deveria ter seus quase sessenta anos. Eu sabia quem ele era, já que Elizeu se parecia demais com Dominic.

Ele riu e tossiu como um fumante com os pulmões defeituosos.

— Não duvido, afinal já ouvi falar muito bem das façanhas do seu irmão, o Kill, e como ele maneja uma adaga. Você deve ter herdado isso dele — seu tom parecia impressionado no final. — Acho que vejo o motivo de meu filho ter se apaixonado por alguém como você.

Franzi a testa, porque, de todas as maneiras que pensei em conhecer o pai do Dom, aquela não estava na lista. Achei que me veria atirando na sua cabeça ou o vendo ir preso, mas ali estava o homem, parecendo orgulhoso do seu filho; pelo menos foi isso que ouvi na sua voz e vi em sua expressão.

Será que ele realmente amava Dominic ou era somente coisa da minha cabeça? Sabia que alguns pais podiam cometer erros e depois buscar absolvição. Talvez tivesse acontecido com ele. Eu não era ninguém para julgar, até saber o que tinha acontecido e o que ele estava fazendo ali, na casa do filho.

— O que faz aqui? Dom não está em casa, e não acho que ele ficará feliz por saber que

você apareceu assim, sem ter sido convidado — informei-lhe.

Sim, ele não ficaria. Não depois dos seus pesadelos nas últimas noites. Talvez, se ele visse o pai, ficaria pior, não? Ou então conversariam e se entenderiam. Seria possível?

Ele suspirou de forma dolorida.

— Sei que fiz besteira, Evelyn...

Pisquei.

— Sabe meu nome? — Era uma pergunta estúpida. Claro que ele devia saber tudo sobre o seu filho. — Veio se desculpar com o Dom?

— Sei tudo sobre meu filho, Evelyn, inclusive do namoro de vocês dois. — Arqueou as sobrancelhas, olhando de mim para a casa. — Mas vivem juntos. Por que nunca se casaram após todo esse tempo de convivência?

Eu não gostava de falar da minha relação com Dom para outras pessoas, ainda mais quando envolvia casamento, o meu ponto fraco, pois não sabia o motivo de ainda estarmos só vivendo juntos e não casados. Podia ser somente um papel, mas era tudo para mim. A realização de um sonho.

— Talvez isso seja por sua causa, já que deixava sua mulher e filho sozinhos para ser um traficante e ser preso sem pensar nos dois — rosnei. — Por anos você ficou longe, sem contar que antes não ligava para eles. Dom foi criado por um homem que o amava e que morreu para salvá-lo. Ele foi torturado enquanto você estava na cadeia.

Algo brilhou em seu rosto, mas foi breve, logo se transformando em martírio. Seria arrependimento ou fingimento? Eu não soube dizer, já que aquele homem era um completo estranho, fora a parte de ser o pai do homem da minha vida.

Ele respirou fundo.

— Preciso falar com Dominic. Onde ele está? — perguntou, avaliando o lugar à procura de algo.

— Ele não está aqui, como eu já disse, ou não estaríamos conversando, pode ter certeza disso. — Apertei minhas armas. — Pode ir. Eu aviso que esteve aqui.

Não ia contar, aliás, eu queria que ele fosse embora antes que Dom chegasse com minha sogra, pois as coisas poderiam sair dos eixos, e eu não queria isso.

Ele riu, sacudindo a cabeça como se estivesse lendo minha mente. Meu desejo devia ter ficado evidente na minha expressão.

— Você não tem a intenção de dizer que vim aqui, eu posso ler na sua cara, mas saiba que preciso falar com meu filho, ou as coisas não serão nada bonitas — seu tom estava cheio de ameaças, só não entendi se eram dirigidas a mim ou ao Dom.

Fechei a cara.

— Isso é uma ameaça? Saiba que não tenho medo de você! — rugi, querendo enfiar a faca em seu rosto.

Ele pareceu exasperado.

— Não estou ameaçando, mas Dominic está com algo meu, e quero de volta, ou a pessoa de quem peguei essa coisa virá atrás não só de mim, mas dele também. — Ele apontou para mim e minha barriga. — Acho que meu filho tem muito a perder. E, por mais que ele me odeie, não quero que aconteça nada com você nem com ele ou a mãe dele.

Uma sensação gelada desceu por meu intestino, fazendo-me arrepiar dos pés à cabeça. Uma das minhas mãos foi parar na minha barriga em sinal de proteção para com meu filho. Não podia deixar que nada acontecesse com ele; eu tinha que protegê-lo de alguma forma. Mas como? Eu seria capaz de lutar contra o que viesse? Não acreditava nisso, ainda mais sem a agilidade de antes.

— Não vai nos machucar. — Preparei-me para lutar se fosse preciso.

Deu um suspiro impaciente.

— Não vou, mas há pessoas que farão o que for preciso para conseguir o que está com Dom — disse em tom preocupado. — Por isso preciso dele antes.

Ele não parecia estar mentindo, mas eu também não o conhecia. Fosse o que fosse que estivesse sob a posse de Dom, era algo sério, para que outras pessoas tencionassem vir atrás de mim ou dele.

— Quem são essas pessoas? — inquiri, não gostando nada do que estava por vir. — O que você pegou deles?

Enfim tínhamos estabilizado a rotina depois do que havia acontecido com Daemon e depois Nasx. Tudo era para ficar em seu devido lugar. Por que aquela merda tinha de vir para estragar o sossego de Dom? Seria esse o motivo da preocupação dele naquelas noites insones? A vinda de Avana para ficar conosco assim tão apressadamente talvez não fosse só por seu pai ter sido solto, mas também por causa de pessoas que estavam atrás de nós à procura de algo.

— Melhor não saber sobre isso. Apenas avise ao meu filho que vim aqui. — Foi quando me deu as costas, mas o chamei.

— Espere.

Ele parou e se virou para mim.

— O que foi?

O que fazer? Eu o deixaria ir embora sem saber o que estava acontecendo? Tinha sido por isso que eu pedira ajuda a Irina, para que investigasse sobre o pai de Dom.

— O que mais fez contra seu filho? Ele parece odiá-lo, os pesadelos à noite comprovam isso — questionei.

Ele expirou e se escorou na sua moto. Por um momento parecia que estava à procura de ar. Eu não sabia se era devido às minhas palavras ou por estar pensando no passado, no que ele havia feito.

— Você é jovem demais para entender, mas as pessoas mais velhas tendem a fazer besteiras, e não há nada de que me arrependa mais do que as coisas que fiz, além de ter sido preso. Esses anos longe de Dominic foram um tormento. — Ele parecia sincero. — Acha que é tarde demais para ser redimido?

Queria poder dizer que sim, mas todos têm direito a uma segunda chance. Eu aceitava sua redenção. Quem era eu para julgar? Mesmo que Dom odiasse o pai, também senti que ele o amava, mas estava magoado demais para ver isso.

— O que pegou desse cara foi uma forma de vingança? E por que ele nunca foi atrás disso?

— indaguei.

Ele riu sem humor.

— Sim, eles foram atrás de mim na prisão, olha o que fizeram comigo. — Levantou a sua camisa.

— Ei, o que está fazendo? Abaixe a camisa, não quero ver você dessa forma...

— Relaxa, menina, você tem idade para ser minha filha, além disso é mulher do meu filho. — Terminou de levantar a camisa. Então vi as cicatrizes de faca e um corte que atravessava abaixo do peito até a barriga, como se tivesse sido rasgado. — Oito facadas.

Ofeguei.

— Meu Deus! Como sobreviveu a isso e à perseguição? Por que não entregou a eles o que pegou?

Abaixou a camisa e inspirou fundo, como se estivesse se controlando, mas continuou de cabeça baixa.

— Sabia que os diamantes estavam com o Dom e que, se eu dissesse a eles, viriam procurar por meu filho, então não disse nada. Depois de alguns dias que saí do hospital, o Charles foi me ver, ou Cobra, como o chamavam. De alguma forma, ele soube que não revelei nada que pudesse prejudicar meu filho e se prontificou para que alguns amigos que ele tinha na cadeia me protegessem lá dentro até que eu cumprisse minha pena. — Passou a mão em seus cabelos como se tentasse se acalmar. Dom também fazia aquilo sempre. — Nunca pude agradecer a ele, porque morreu antes que eu saísse.

Estreitei meus olhos.

— Por que nunca ligou ou escreveu uma carta para seu filho?

— Posso ter sido um idiota e feito besteira, mas sempre fiz e faço tudo para proteger meu filho. — Olhou para o céu e depois para mim e tossiu de novo. — Sei que não mereço o perdão do meu filho, mas gostaria de fazer as coisas certas dessa vez, devolver os diamantes e levar todo esse perigo para longe dele e de você. Essa foi a razão que me manteve longe dele todos esses anos.

Antes que comentasse alguma coisa, ouvi o som de um carro cantando pneus na estrada de terra e tiros sendo alvejados em nossa direção vindos das pessoas que estavam dentro do veículo.

— Corre, menina! — gritou Elizeu para mim, parada na varanda, meio atônita.

Claro que tiros já tinham sido lançados contra mim, mas, antes, eu era sozinha; agora tinha um ser pequeno em meu interior que necessitava ser protegido. Por Vitor, eu faria tudo. Estava a ponto de correr quando senti uma mão puxando meu braço e me levando para dentro da casa. Estava meio catatônica para raciocinar direito, mas ia fugir dali.

— Você está bem? — sondou Elizeu com tom preocupado, ao meu lado.

Eu estava arfando com a corrida para dentro e com medo. Chequei meu corpo para ver se tinha algum ferimento feito pelas balas, mas não senti nada, nenhuma dor ou buraco. Então vi sangue em Elizeu e soube que ele tinha sido ferido. A região da sua barriga estava toda vermelha.

— Oh, merda, você levou um tiro! — minha voz se elevou na sala.

— Foi de raspão, não se preocupe. Agora me diz onde Dominic esconde as armas. Preciso de uma para revidar e não deixar nenhum deles entrar aqui até os MCs chegarem — falou olhando ao redor e me viu ali de olhos arregalados. — Vá, menina, ligue para eles ou para meu filho.

Assenti e fui correndo até o quarto. Peguei uma arma 38 e outra maior, cujo calibre não sabia. Aprendi a atirar com Dominic, mas era melhor com as facas, apesar de saber que, entre elas e as armas, essas ganham.

— Por que duas armas? — Ele franziu a testa. — Você não vai lutar nesse estado.

Era para o caso de alguém entrar no lugar. Eu sabia que não iria lá fora nem tentaria alguma coisa idiota, porque a vida do meu filho dependia de mim.

— Pensa em atirar em mim? Salvei sua vida quando entrei na frente das balas para que não atingissem você — não parecia estar cobrando alguma coisa, só declarando o óbvio.

Suspirei, porque ele tinha razão quanto àquilo, afinal não era mal-agradecida.

— Desculpe... — interrompi-me ante um estrondo na janela, fazendo-me ofegar e gritar.

No chão, ficaram somente os cacos de vidro. Não demoraria nada até eles entrarem ali e me levarem consigo. Talvez quisessem os tais diamantes?

— Se esconda no quarto do pânico. Conhecendo meu filho, sei que ele deve ter feito um aqui para protegê-la de alguma forma. — Ele pegou as duas armas das minhas mãos e gritou para mim: — Vá logo e não saia de lá até que esteja segura ou que apareça um dos motoqueiros amigos do meu filho!

Dom tinha colocado um quarto do pânico ali para o caso de sermos atacados, como quando a casa da Isabelle e do meu irmão foram invadidas pelos homens do assassino dos meus pais algum tempo antes. Na época, lidamos com tudo, apesar de Daemon ter saído gravemente ferido no dia. Não queria que aquilo se repetisse.

— Tudo bem, eu vou. Só venha comigo e os espere chegar.

Elizeu sacudiu a cabeça.

— Não posso. Preciso evitar que se aproximem, pois, se acontecer algo com você, meu filho será destruído, e eu não quero que nada disso aconteça. — Ele começou a tossir mais.

— Mas você está ferido... — comecei a suplicar, embora pudesse ver que ele não mudaria de ideia.

— Vou ficar bem, não se preocupe. Agora se esconda e não saia por nada desse mundo.

Eu sabia que devia ir para um lugar seguro, então fui para o quarto do pânico, equipado de câmeras e telefones. Corri até um dos celulares que tinha ali e liguei para o Dom.

— Oi, meu amor, nós já estamos chegando... — ele se interrompeu, e sua voz subiu duas oitavas: — Isso é tiro?!

— Estão atirando na casa, Dom. — Minha voz se elevou: — Os caras estão invadindo o lugar!

— Onde você está? Cadê o Ash? Ele não está com você protegendo-a? — tinha algo letal na sua voz.

Eu poderia proteger Ash da fúria de Dom, mas não podia mentir para ele, não em um momento como aquele.

— Não, ele não apareceu na faculdade. O David me deu uma carona até aqui. — Sentei-me na cadeira de frente ao painel das câmeras, que mostrava vários homens na frente da nossa casa. — Agora estou no quarto do pânico, mas posso vê-los através das câmeras.

Dom praguejou.

— Vou ligar para o Nasx e o Kill, eles logo vão estar aí. E você não saia do quarto do pânico por nenhum motivo — a vulnerabilidade estava no tom da sua voz, certamente por eu estar ali, e ele não.

Espiei as telas e arregalei os olhos vendo Elizeu na varanda com duas armas, atirando nos intrusos como se fosse o Rambo na melhor idade. Ele era louco?!

— Mas que droga ele está fazendo? — Meu coração estava acelerado diante de tudo que estava acontecendo.

— Evelyn, querida, o que houve? Estou só há cinco minutos daí, e os outros já estão chegando. — Alterou a voz: — Fique bem, por favor, não posso perder você e nosso filho!

— Seu pai está aqui...

— Espere, o quê?! — esbravejou. — Que porra ele está fazendo aí?!

— Ele queria falar com você, então os caras chegaram metendo bala, mas ele está lá fora agora atirando neles para impedir que entrem aqui e me peguem — sussurrei. — Estou preocupada que atirem nele de novo.

— De novo?

— Sim, quando eles chegaram aqui, uma das balas o acertou, isso para me proteger. Ele entrou na frente e acabou se ferindo. — Comecei a chorar. — E se seu pai morrer por minha causa?

Ele suspirou, frustrado.

— Não vai, aquele velho é durão demais, já enfrentou muita coisa e está aqui, então fique calma para não passar mal de novo, minha querida. Não posso perdê-la, Evelyn. — Ficou em silêncio um segundo, mas ouvi a voz da minha sogra alterada e o carro cantando pneu do outro lado da linha.

— Estou aqui e não vou sair — jurei. Embora tudo de mim gritasse para ir ajudar o pai dele, eu tinha uma pessoinha que precisava mais de mim e da minha proteção do que qualquer coisa, e faria tudo para que ficasse segura.

— Amo você demais — declarei.

— Também te amo. Fique segura.

— Ora, ora... se não é a putinha do Shadow — disse uma voz conhecida à porta assim que desliguei o celular. — Solte esse telefone, e vamos ter uma conversa.

— Ash?



Capítulo 6

Evelyn

Ash estava ali na minha frente. Ele era um rapaz alto e de pele bronzeada. Sempre foi calado e certinho demais para o meu gosto. Às vezes eu tentava brincar com ele, mas o cara não se abria de modo algum. Eu estava preocupada que tivesse lhe acontecido algo, para no final ele me tratar daquele modo desrespeitoso. Cheguei até a comentar sobre isso com Dominic, mas ele falou que cada um era de um jeito, que não era porque eu tinha uma forma extrovertida de ser que todos seriam assim, bem como que Ash não devia ter nenhum problema. Enfim eu sabia que Dom tinha razão quanto a isso.

— O que deu em você? — perguntei, levando minhas mãos à barriga como se fosse instintivo.

Era para ter medo da sua expressão, mas eu estava com raiva por ele ter me xingado.

Eu estava no quarto do pânico, e ele tinha como entrar, já que era meu protetor, pelo menos eu pensava que sim, mas percebi que tinha algo de errado, e o pior, que era contra mim. Eu podia ver a raiva em seus olhos, um ódio que nunca tinha notado antes. *Como não notei isso?* Sempre fui observadora, mas estava cega quanto a ele. Entretanto, eu não tinha feito nada que pudesse causar tal sentimento.

— Agora cale a boca e não faça barulho. Venha comigo — não era um pedido, e sim uma ordem, sem poder de recusa. — Vamos para outro lugar.

Poderia ter lutado com ele. Se eu tivesse de proteger apenas a mim mesma, teria feito isso, mas não podia colocar a vida do meu bebê em risco só por minha boca grande.

— O que você quer, Ash? Podemos conversar e entrar em um acordo...

Ele se lançou contra mim com uma ira nunca vista, eu jamais poderia pensar que aquele

garoto calado poderia se transformar naquele cara à minha frente, capaz de tudo, inclusive me machucar, e aposto que adoraria isso.

Pegou meu braço, apertando-o tão forte que certamente ficaria roxo, mas eu temia o pior. Shadow teria feito algo que irritara o Ash? Se sim, era algo bem sério, pois eu podia sentir o ódio emanando dele, capaz de me matar.

— A mandei vir comigo, ou juro que vou matar você antes da hora — sibilou.

Matar antes da hora? Isso queria dizer que ele daria cabo da minha vida? Fiquei calada e o segui contra minha vontade. Temia que me machucasse.

Esperava que Elizeu estivesse bem lá fora com os homens que nos atacaram e que Dominic viesse me salvar do que estava prestes a acontecer comigo e com nosso filho. Não conseguia entender o motivo para o Ash estar fazendo aquela merda.

Ele pegou o telefone enquanto me puxava do quarto do pânico; o bastardo sabia a senha, já que era quem me protegia havia tanto tempo.

— Estou com a cadela do Shadow — falou a alguém e suspirou. — Ele precisa pagar pelo que fez ao meu pai, e quero que sofra como nunca. Nada o faria se humilhar e cair de joelhos implorando a não ser sua mulher. Claro que implorar não mudaria nada. No final, eu irei enfiar uma bala na cabeça dele.

Senti o medo se apossando cada vez mais forte de mim, mais do que pensei ser possível, porque, ouvindo aquelas palavras, senti que logo estaria morta, ou talvez ele quisesse ferir meu bebê ou me fazer perdê-lo. Isso seria a minha ruína.

Aquele ser pequenino dentro de mim era tudo na minha vida, por ele eu era capaz de tudo, até lutar contra aquele louco do Ash, que estava pensando em me fazer mal por algo que Dom tinha feito ao pai dele.

Precisava arrumar um jeito de escapar sem que saísse machucada e dar tempo aos meus amigos e a Dominic de chegarem para lidar com Ash. Talvez fosse um engano. O que o pai do meu filho tinha feito que causara tal sentimento de vingança em Ash? Porque era isso que eu via em seus olhos e voz.

— Já estou a caminho, e prepare tudo. Quero que aquele maldito veja cada tortura que eu fizer em sua preciosa mulher — falou ao cara e desligou. Depois me encarou com fúria.

— Por que está fazendo isso? Estive preocupada com você, preocupada que tivesse lhe acontecido algo — sussurrei, estremecendo com o aperto dele.

— Você é uma tola, Evelyn, se tivesse ficado longe de Shadow, não estaria nessa situação. De certa forma, eu fico grato, porque você deu a ele um ponto fraco que antes não tinha. — Soltou meu braço e cruzou os dele. — Agradeço por isso, porque será muito fácil destruí-lo.

Sacudi a cabeça com tamanha veemência na sua voz. A ira se destacava em cada palavra.

— Vou fazer Shadow chorar lágrimas de sangue e cair de joelhos na minha frente, implorando pela vida de sua mulher e seu filho.

Engoli em seco.

— E você vai ter misericórdia de mim? Vai me deixar livre para ir embora? — Não confiava que Ash faria tal coisa, mas chequei porque precisava escapar dele antes de ir até a pessoa que estava esperando pelo patife.

Ash riu, uma risada de dar calafrios na espinha. Ao mesmo tempo, senti raiva, estava louca para esmurrar o fedelho. Chamava-o assim porque ele não tinha muita diferença de idade em relação a mim.

— Vou enviar você a ele depois de passar nas mãos de vários irmãos e tirar isso de você. — Apontou para minha barriga. — Vamos ver quanto tempo o homem pode ser destruído e continuar vivendo ou vegetando antes que eu o mate.

O medo se alojou em meu peito, tão forte que não consegui respirar um segundo. Já tinha visto maldade antes direcionada a mim, claro, mas não vinda de um garoto em quem confiava, em quem Dom também confiava, tanto que me deixou aos seus cuidados.

— Ash, seja qual for o motivo para estar fazendo isso, não faça, não me machuque para atingir o Dom, converse com ele e... — comecei a barganhar, mas ele me cortou com um tapa tão forte no rosto que cheguei a virar minha cabeça.

Senti uma pontada na barriga, então a segurei firme para não demonstrar o que sentia, mas

era impossível. Temia que fosse meu fim.

— Cale a maldita boca! — rugiu. Sua carne tremia. — Se não tivesse um propósito, eu te mataria aqui mesmo só para ele ver, assim como deixou meu pai morto lá para que eu visse. Aquele bastardo fodido devia ter me matado também. Agora vou fazer com que se arrependa de ter me poupado.

Eu não conseguia imaginar que Dom tinha sido capaz de algo assim, mas, conhecendo seu passado sombrio, sabia que havia feito várias coisas ruins que o faziam pensar não ter redenção. *Talvez ter matado o pai desse garoto seja uma delas*, pensei.

Entretanto, ele não mataria um inocente; mesmo antes de mim, eu não acreditava que faria isso. O pai de Ash devia ter feito algo muito grave para forçá-lo a fazer isso, senão Dom nunca colocaria as mãos nele ou em qualquer pessoa.

Esqueci-me da dor que senti ao ter sido esbofeteada e foquei em tentar convencer Ash; precisava ganhar tempo até alguém chegar e me salvar daquele louco vingativo.

— Dom não seria capaz disso... — tentei dizer, mas ele me cortou com aço na voz:

— Não seria capaz? Deixe-me dizer uma coisa. — Fuzilou-me. — Aquele fodido matou meu pai a mando de Blake só para livrar aquele policial maldito da forca. Eu estava com meu pai naquele dia, e ele o matou e me poupou.

Ignorei o solavanco em meu coração ante aquela notícia, mas me controlei.

— Dom não mataria ninguém na frente do próprio filho. — Quando ele tinha trabalhado para o Blake? Aquilo acontecera havia mais de cinco anos, o que me dizia que, na época, Ash tinha 14 ou 15 anos mais ou menos. Não! Não era possível que meu Dom tivesse feito algo daquele modo tão baixo e monstruoso, ainda mais para livrar aquele idiota do amigo dele, que até o tinha espancado.

A fúria em sua expressão me deixou com mais medo, mas também estava com raiva por ele ter batido em minha face e ameaçado a vida do meu bebê.

— Me deixa te contar uma coisa, Evelyn. Eu tinha sonhos. Mesmo sendo parte da minha família, acreditava que existia algo bom lá fora que eu pudesse correr atrás. E seu precioso

amante interrompeu cada expectativa minha.

Não ligava por ser chamada de amante do Dom, pois era tudo o que ele queria que eu fosse. Não me sentia insultada, embora fosse essa a intenção do Ash.

— Fui deixado lá para lidar com tudo, com a morte dele, com um império que não queria na época. — Ele meneou a cabeça de lado. — Uma vingança que teria que fazer. Foquei nisso em todos esses anos, pois foi o que me manteve vivo.

— O que você é? — Não faltava muito para os irmãos do clube chegarem ali, inclusive Michael. Só precisava que ele continuasse falando, assim os minutos passariam.

— Pertenço a um cartel mexicano, onde era para eu estar como chefe, mas tive que vir aqui me infiltrar e ter a minha vingança contra quem tirou tudo de mim.

— O seu pai? — Escondi minha raiva, mas no fundo também queria saber tudo o que aconteceu.

— Após a morte dele, a minha mãe não conseguiu lidar com a perda e então se matou, me deixando sozinho para enfrentar tudo — o desgosto era evidente em sua voz. — Então essa vingança não é só por meu pai, mas por ela também.

— Então se infiltrou no MC Fênix para chegar ao Dom e ter o que quer — destaquei.

Ele sorriu.

— Muito esperta, nem parece a mosca morta que apareceu no clube sem saber nada da vida — seu tom era um insulto, mas não revidei.

— Aprendi muitas coisas, algumas ensinadas por você. Aquilo era tudo atuação então?

— Eu poderia até ser ator se essa ocupação fosse para mim. — Sorriu como um menino perverso. — Ver Shadow domado por você foi impressionante, já estava aqui há algum tempo sem ter descoberto nenhuma das transações, afinal prospectos não participam das reuniões, não as importantes, pelo menos. Mas, como fui designado a cuidar de você, isso fez com que ele confiasse em mim. Comecei a dar informações aos meus sobre as entregas dos MCs. Mesmo sendo prospecto, eu soube que estava pronto para subir de cargo, mas nunca quis isso, e sim a oportunidade de conseguir que Shadow seja destruído.

Ofeguei.

— Você sabe o que seu homem faz de ilegal aqui? Fora a parte de ele ser um assassino sem escrúpulos?

— Não ligo para o que ele faz, contanto que não machuque nenhum inocente. — Tentei me recuperar.

— Inocente? — Riu com desdém. — Eles vendem armas e drogas, o que há pior do que isso?

Não sabia se ele queria que eu respondesse ou não, mas o fiz mesmo assim:

— Mexer com tráfico humano é uma delas. Dominic nunca faria tal coisa. Aposto que seu cartel faz, hum? — Cutucar o cara não era bom, mas eu não gostava de ouvi-lo julgar meu homem, quando ele mesmo não passava de um escroto. Eu sabia também que Dom estava tentando legalizar as coisas. Demorava um pouco, mas ele chegaria lá.

Ele se lançou contra mim, e me encolhi, esperando outra bofetada, mas ele só pegou meu braço.

— Já falamos demais. Não é preciso saber das coisas quando se vai morrer — grunhiu.

— Justamente o contrário, se eu vou morrer... — Engoli em seco. — Pode me dizer por que me ajudou quando eu estava passando mal? Levou-me ao hospital e até segurou minha mão quando eu temia perder o meu bebê. Estimulou-me a ser forte.

— Precisava que confiasse em mim para chegar onde estou hoje — disse, puxando-me para irmos em direção à escada. — Não ligo que perca esse bastardo que carrega. Se perdesse, seria um prazer, porque então viria a destruição de Shadow, mas vou fazer aquele maldito pagar por tudo o que fez com meu pai, pela destruição da minha família. É mais do que justo acabar com a dele.

— Não acredito nisso, e lamento pelo que aconteceu, mas não tenho nada a ver com isso — comecei a dizer, mas ele não parecia me ouvir; estava cego pelo ódio. Uma pessoa como ele não sossegaria até ter o que realmente desejava.

Fuzilou-me, incitando-me para continuar a andar. Pude ver que estava impaciente. Já era

para todos estarem ali. O que tinha acontecido? Esperava que todos estivessem bem e que não tivessem sido encurralados.

— Aquele cara é um monstro, não liga para nada, nem ninguém, só para você. Por isso vou fazê-lo pagar amargamente. — Cerrou os punhos como se para controlar seus instintos de me esmurrar ou querendo fazer aquilo com Dominic.

— Dom é um homem bom. Seja o que for, ele jamais teria feito nada com seu pai se fosse um bom homem. — Coisa errada para se dizer a um cara enlouquecido. Aquele era o problema de eu falar demais, mas não conseguia ver as coisas e não dizer nada, embora devesse ter evitado, porque apenas acabei piorando tudo.

Ash me imprensou na parede com a mão em minha garganta, tirando o ar dos meus pulmões.

Eu temia pela minha vida, mas mais pela do meu filho. Não podia morrer ali sem ao menos lutar; precisava me manter viva. Ignorei umas pontadas na barriga, que estava começando a sofrer com tudo o que estava acontecendo.

— Sua puta! Como ousa falar do meu pai dessa forma? — sibilou com dentes trincados, apertando seu domínio sobre mim. — Ele era tudo para mim! Meu herói, meu espelho, a pessoa que eu queria ser!

Meu coração doeu pela sua perda. Não conseguia acreditar que Dom tivesse sido capaz de tal ato, não com alguém inocente. Seria por isso que sua alma era escura? Palavras dele me vieram à mente, quando chegou a dizer que tinha feito algo que não teria redenção. Teria sido pelo pai do Ash? Talvez fosse essa a causa dos pesadelos dele, não só pelo seu pai ter saído da cadeia.

Pensar em Elizeu me fez questionar como ele estava. Talvez tivesse acontecido algo com ele, por isso não tinha vindo atrás de mim.

— Por favor... — tentei dizer através do pouco fôlego que tinha nos meus pulmões.

A minha visão ficou turva. Sabia que logo desmaiaria, então meu instinto de sobrevivência se apossou de mim. Coloquei em prática tudo que aprendi com Matteo naquele lugar horrendo

onde fui mantida presa boa parte da minha vida, algo que eu não queria recordar, mas foi bom me lembrar naquele instante, porque tive momentos bons lá com Matteo. Apliquei em Ash tudo que aprendi. Virei meu joelho e acertei suas bolas, fazendo-o praguejar e me soltar instantaneamente. Como ele estava na saída, impedindo que eu passasse, recuei, peguei a primeira coisa que achei na minha frente – um vaso de planta – e a joguei nele. Comecei a me arrepender de ter dado as duas armas ao Elizeu, pois podia muito bem ter ficado com uma. As minhas facas estavam no quarto do pânico, e eu não conseguiria pegá-las.

Esqueci-me da dor em minha garganta pelo seu aperto de antes e foquei em sair viva daquele lugar com meu filho onde ele estava até o momento, para vir ao mundo do jeito certo, e não à força por causa de um idiota em busca de vingança.

— Não vou com você para ser parte da sua vingança contra o Dom! — gritei com raiva. — Confiei em você a minha vida e a do Vitor, e, no final, não passa de um traidor desgraçado!

Fulminou-me, limpando o sangue em sua testa onde o vaso atingira. Era uma pena que não o tinha feito desmaiar, porque assim facilitaria a minha fuga.

— Você não tem escolha, pois, pelo que vejo, está desarmada e não é ninguém sem suas facas. — Levou a mão às costas e puxou uma arma, apontando-a na minha direção.

O sangue fugiu do meu rosto, o pouco que ainda tinha ali, e meu corpo estremeceu com o medo do que poderia acontecer, ainda mais do que antes.

— Agora você vai por bem ou por mal. E não acho que queira isso. — Apontou para minha barriga. — Sugiro que ande logo, porque não tenho muito tempo antes que aqueles estúpidos cheguem aqui. Os meus homens estão impedindo, mas a emboscada não vai durar muito.

Não lhe contei que tinha falado com Dom, nem que ele estava a caminho. Não devia estar longe. Já que meus amigos estavam sendo impedidos de chegar, que pelo menos Dominic viesse logo, porque eu não queria ir com Ash, mas não podia ficar ali e correr o risco de me machucar mais do que um tapa ou enforcamento. Não podia correr o risco de ir parar no hospital e, pior, perder meu bebê.

Fui até ele, calada e furiosa demais, doida para esganar aquele cara. Esperava ter minha chance um dia.

— Vai pagar por isso — declarei como uma promessa.

Não ia chorar na frente dele, então deixei a raiva me consumir. Era melhor do que qualquer outro sentimento que me tomava.

— Já paguei há muitos anos, quando fui deixado sozinho com o corpo do meu pai, e tudo graças ao filho da puta do Shadow.

Ouvi que os tiros tinham cessado lá fora e, de repente, o som de motos que eu conhecia muito bem.

Chequei minhas chances de escapar e ser bem-sucedida, então não pensei e só agi. Tentei correr, mas senti um puxão de cabelo tão forte que me fez gritar. Fui jogada pela escada. A dor que se apossou de mim fez a escuridão me atingir com força.



Capítulo 7

Shadow

Estava a caminho para pegar minha mãe quando meu telefone tocou. Coloquei-o no viva voz, já que estava dirigindo.

— Scott? — sondei, confuso com uma ligação vinda dele depois de tudo o que tinha acontecido.

Fazia algum tempo que não falava com ele. Sabia que na época tinha sido uma boa decisão – mentir que Emília estava morta –, mas só pensei na segurança dos dois, para que tanto ela quanto ele pudessem ter uma vida sem perigos por causa do Black.

Sabia que ele havia me desculpado, mas nossa amizade nunca mais foi a mesma, e não o culpava. O que me deixava feliz era saber que tanto ele quanto Jason estavam bem e felizes.

— Olá, Shadow. Faz muito tempo que não nos falamos — falou com um suspiro.

— Sim, como você está? — perguntei, depois comentei assim que ficou em silêncio: — E sua esposa e filha? Soube que Alexia está gravida. Meus parabéns.

Ele suspirou.

— Também soube sobre Evelyn. Fico feliz que esteja bem e realizado com aquela tigresa — ouvi uma pitada de risada em seu tom.

— Obrigado — agradeci, depois suspirei também após seu silêncio. — Scott, o que quer que esteja tentando dizer, só cuspa. Eu te conheço o suficiente para saber que não me ligaria só para falar da minha vida com Evelyn.

— Não pode me culpar por isso, Shadow, você mentiu para mim durante todo aquele tempo, me viu destruído pela culpa por causa da morte da Emília e da Emma, quando no final elas estavam vivas — pude ouvir a censura ali.

Se ele soubesse o que eu tinha feito para que ele ficasse livre da dívida que tinha, não estaria me acusando daquela forma. O tormento que eu vivia até o momento por causa do meu último trabalho para Black... Aquilo nunca mudaria.

Já tinha matado muitos, e alguns, eu não me arrependia, porque mereceram. No entanto, o que fiz naquela noite... Deveria ter checado direito para saber se Juarez estava sozinho. Ele era chefe do Cartel dos Lacaios no México. Seu forte era o tráfico de órgãos e crianças. Ele devia algo a Black, que me mandou cobrar a dívida e matar o bastardo. Porém, naquele dia, quando o matei, Juarez não estava sozinho. Seu filho estava com ele e presenciou tudo.

Eu sabia que era um monstro e jamais seria redimido, mas cometer tal ato? Era algo que eu nunca faria. Não podia deixar testemunhas, mas também não podia matar um inocente, eu não era assim. Então fui embora sem olhar para trás. Entretanto, mesmo depois de tantos anos, eu ainda escutava os gritos dele chorando pelo pai. Aquilo me atormentaria para sempre.

— Sei disso, Scott, por isso não peço que nossa amizade volte a ser como antes, porque sei que não é possível. — Respirei fundo. Dizer aquelas palavras acabava comigo, mas era melhor do que a verdade. Ele não podia saber de nada, ou ia se culpar também. Eu já havia vivido todos aqueles anos com isso, então prosseguiria levando o fardo sem que ninguém – que eu amava – soubesse.

Era duro esconder as coisas de Evelyn, e eu sabia que logo teria de lhe contar a verdade, que não era só pelo meu pai as minhas crises de insônia e pesadelos, mas porque, dentro de dois dias, faria seis anos desde que tudo aquilo havia acontecido, que eu tinha matado uma pessoa na frente de uma criança. Falo criança porque o garoto tinha apenas 14 anos e, além disso, era pequeno para sua idade.

— Por que não me contou o que fez para me livrar de tudo? — perguntou com um misto de raiva e dor. Era sinal de que tinha descoberto a verdade, então. — Te julguei todo esse tempo, e, ainda assim, não me joga na cara o que fez por mim.

— Scott, o que fiz foi para um irmão, e faria de novo. — Só evitaria a parte do garoto que assistira a tudo. Ninguém merece ver o pai sendo morto assim, mas o passado não podia ser

mudado. Eu torcia para que aquele menino tivesse se tornado algo diferente do monstro do pai dele, que machucava crianças.

— Mas que porra! Você matou um homem na frente de um garoto! Isso deve ter te atormentado durante todos esses anos, porque conheço você, Shadow.

— Não sabia que ele estava lá. Errei por não ter checado as coisas — murmurei com os dentes cerrados. — Não consegui eliminá-lo por ter testemunhado, só fui embora.

Scott ficou em silêncio uns segundos.

— Sei que jamais faria tal coisa com um inocente — disse. — O pai dele merecia estar morto, mas não o filho, e fico contente que não tenha feito isso. Sabe como esse garoto anda após tudo o que aconteceu? Porque eu soube de coisas nada boas vindas dos Lacaios.

Virei a esquina para o aeroporto.

— Não, mas, os conhecendo como conheço, boa coisa o garoto não deve ter se tornado, e o que presenciou deve ter ajudado nisso. — O gosto era amargo na minha boca.

— Não pode se culpar, Shadow. Vou ver o que descubro e logo te chamo, mas liguei para avisar que fui informado que tem alguém de olho no seu clube. Então, se tiver algo ilegal, é melhor legalizar ou esconder bem fundo, de uma maneira que ninguém consiga achar.

Estava com planos para legalizar tudo no clube. Não queria mais nenhum perigo sobre nós, sobre minha família e amigos. Por isso comprei vários terrenos, onde faria lojas de carros e motos. Já tinha várias boates na cidade, assim como clubes de striptease. Só queria montar mais algumas coisas para beneficiar a todos no clube.

— Valeu por avisar, mesmo não podendo, já que é um cumpridor da lei — falei, parando o carro no estacionamento em frente ao aeroporto. — Estou limpando, mas isso demora um pouco. Vou cobrir tudo.

— Pela família, vale a pena quebrar a lei — assegurou. — Outra coisa, você soube da morte do Black? Tem algo a ver com isso? Se tiver, saiba que eu não ligo, só pergunto por curiosidade.

— Não fui eu, mas tenho uma grande suspeita de quem foi o mandante. — Tinha certeza

de que havia sido Miguel, o chefe do Cartel dos Lobos. Ele tinha dito que Black pagaria por ter tocado em Emília, a sua irmã, então devia ter sido ele.

— Vai me dizer?

— Acho melhor ficarmos fora disso, Scott. Só posso dizer que é gente grande, com quem não queremos nos envolver. — Desliguei o carro e avistei minha mãe me esperando. — Agora preciso ir, estou no aeroporto. Vim buscar minha mãe.

— Manda um abraço para ela, faz tempo que não a vejo. Vou me manter presente de agora em diante, Shadow, não quero perder sua amizade. Qualquer coisa, pode me chamar. Estarei do seu lado para tudo.

Meu peito se aqueceu por dentro com isso. Estava exultante por saber que não tinha perdido sua amizade.

— Valeu. Espero que um dia Jason me perdoe também pelo que fiz. — Ele e eu conversávamos, mas não era mais como antes. Também não o culpava, porque ajudei a sua mulher a fugir, apesar de ter sido sequestrado antes de impedir que ela fosse embora, o que deixou meu amigo destroçado.

— Estive falando sobre isso com ele esses dias. Não odiamos ou sentimos que você nos traiu, não agora, pelo menos. Nós só precisávamos de tempo e tivemos isso — declarou. — Acredito que ele logo o chamará para uma conversa. Só pare de agir assim. Em um ponto, eu entendo os motivos que o levou a fazer isso por nós, mas certas atitudes machucam as pessoas de forma quase destrutiva.

Fiz uma promessa de não me meter mais nos assuntos dos outros, a prova disso era que eu estava por fora do que andava acontecendo com Axel e Hadassa. Eles não estavam namorando porque ele lutava contra o que sentia. Eu podia ver seus motivos e os entendia. Isso me deixou orgulhoso dele. Era diferente do traste do pai.

— A única coisa que posso prometer é que farei qualquer coisa para manter minha família segura, e lamento pelo que você passou, Scott. — Passei a mão no rosto em um gesto frustrado. — Vou ficar de fora dos problemas dos outros, só garanto que os protegerei.

Scott riu.

— Não podia esperar menos de você. — Ele parecia orgulhoso. — Outro motivo para eu estar ligando, é que preciso da ajuda de Axel com algo importante. Posso tê-lo por um mês ou dois? Já falei com ele, que aceitou se assim você o fizer.

— Trabalho com o quê?

Axel não era muito receptivo e não gostava de ser ordenado a fazer algo, mas, se tinha aceitado o convite de Bryan Scott, devia ser algo importante.

— Sigilo, assim como você não me disse a identidade de quem matou Black. Axel é um homem grande e capaz de tomar conta de si mesmo, então pare de se preocupar com todos e tome conta de sua mulher e seu filho.

Ele tinha razão quanto a isso.

— Tudo bem, pode levá-lo. Mas, se ocorrer algo, você pode me dizer?

Ele pareceu respirar fundo.

— Claro que sim, papai — brincou com uma risada. — Temos quase a mesma idade, e você parece o pai de todos.

Sorri comigo mesmo.

— Só me preocupo com os meus irmãos e minha família. Você e Jason fazem parte dela, assim como todos do clube.

— Por falar em família, eu soube que seu pai saiu da cadeia. Se precisar de ajuda, basta me dizer, que mando Axel de volta para lá.

— Não se preocupe, vou lidar com isso...

Ele riu, zombeteiro.

— Esse é o problema, Shadow, você quer resolver os problemas de todos, mas, no final, quer resolver os seus sozinho, sem aceitar nossa ajuda.

Ele tinha um ponto.

— Não quero preocupá-los — afirmei. — Sei lidar com o meu pai.

— Você também é nossa família, e faremos isso juntos como tal — seu tom foi firme.

— Preciso ir agora, depois nos falamos mais. Tome conta de sua mulher e seu filho — falei a mesma coisa que ele me disse antes de desligar.

Sabia que meus amigos ficariam do meu lado se soubessem de tudo, mas como eu poderia dizer isso sem trazer preocupação a todos eles? Fosse como fosse o desenrolar da merda com o Elizeu, eu lidaria com ele.

Na noite anterior, quando eu tinha sonhado com meu pai –, uma coisa que estava acontecendo com frequência quase todas as noites, o que me impedia de dormir às vezes –, ele matava Evelyn. No final, eu quase a machuquei, e esse detalhe estava me comendo vivo toda vez que me lembrava. Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo: meu pai aparecendo, o dia da morte de Juarez se aproximando. Era claro que eu não ligava para isso, apenas para o filho dele, o Alfonso, que viu uma cena que nunca iria esquecer. Se fosse comigo, eu também não esqueceria tão cedo.

— Oi, meu amor, como andam as coisas? — perguntou mamãe, abraçando-me. — Evelyn está bem?

Afastei-me um pouco dela e a olhei. Estava com um vestido que realçava bem sua beleza. Não me importava se ficasse bem velhinha, ainda seria a mulher mais linda do mundo para mim, assim como minha Evelyn.

— Estou bem, mamãe. — Peguei sua mão e a puxei para o carro. — Evelyn também. Vamos embora.

Não gostava de ficar longe de Evelyn, ainda mais quando estava bem perto de ela ter nosso filho. Por isso, eu tinha deixado todo o trabalho na boate e no cassino com o Nasx e os outros por um tempo, assim ficaria mais com minha mulher.

— Dom, querido, tem algo acontecendo. O que houve? — sondou assim que se sentou no banco do carro ao meu lado. — Não adianta mentir, eu posso sentir.

Não queria preocupá-la dizendo que meu pai havia saído da cadeia e que provavelmente voltaria para recuperar o que eu havia pegado dele e guardado por todos aqueles anos. Eu poderia ter destruído a maldita coisa, mas temia que os verdadeiros donos viessem atrás da

minha mãe, e, no momento, da minha linda mulher e do meu filho. Sabia que era hora de encerrar o que eu não tinha feito antes, só esperava que ninguém saísse ferido por causa de minha decisão do passado.

— Nada, mamãe, eu estou bem — menti. Não estava realmente bem, ainda mais depois da noite anterior.

— Conheço você, meu filho, e sei quando algo está te corroendo por dentro. — Ela colocou a mão em meu ombro. — Algo está acontecendo com Evelyn e meu neto?

Sacudi a cabeça.

— Não, eu só tenho alguns problemas que você não precisa saber agora. — Apertei minhas mãos no volante para me controlar. — Mas vai ficar tudo bem. Nada afetará você ou a Evelyn no processo, pode ficar tranquila.

Ela ficou em silêncio por uns segundos, olhando pela janela aberta. Eu não sabia dizer se tinha acreditado em mim ou não, mas esperava que sim e que nada daquela porcaria toda com meu pai caísse sobre nenhuma pessoa que eu amava.

— Isso é porque seu pai saiu da cadeia? — sussurrou virando a cabeça para mim.

Pisei no freio sem querer, fazendo com que nós dois fôssemos para frente, mesmo com o cinto de segurança.

— Desculpe. Como sabe sobre isso? Se ele a procurou, eu vou acabar com aquele maldito — sibilei.

Eu ia eliminá-lo mesmo sendo meu pai. Tinha uma promessa feita a mim mesmo de nunca tocar em sangue meu. Teria que mudar isso? Elizeu me faria sujar as mãos daquela forma? Por Evelyn e mamãe, eu faria qualquer coisa.

Ela riu sem emoção.

— Sua tia me contou. Sei que você quer me proteger dele, Dom, mas isso não é assunto seu, querido. Sou sua mãe, mas é minha obrigação lidar com os meus problemas.

Franzi a testa.

— Claro que é assunto meu, mamãe. Ele é um desgraçado que não ligava para nenhum de

nós dois, não se importava que você trabalhasse até tarde enquanto ele vivia no mundo do crime — rosnei, sombrio, querendo matar aquele homem por tê-la feito chorar várias vezes, como presenciei naquela época.

— Isso não cabe a você, meu filho. Me deixa tomar conta de mim. Você precisa se preocupar com o seu filho, que vai nascer, e com a sua mulher. Se Elizeu aparecer, deixa que converso com ele — disse com convicção.

Fechei a cara.

— Não a quero a menos de um quilômetro perto dele — sibilei. — Se eu o vir a cercando, vou acabar com ele, pode acreditar em mim.

— Por mais que eu tenha me desentendido com o seu pai no passado, ele nunca levantou a mão para mim. Então não acho que ele chegará a fazer isso depois de anos — ela tinha confiança ao dizer essas palavras.

Eu sabia disso, porque, se fosse o contrário, eu mesmo o teria matado na época. Tinha consciência de que ele esteve preso por anos, mas nunca ligou para nenhum de nós dois. Claro que eu nunca esperei um cartão de Natal, mas acreditava que mamãe, sim.

— Minha obrigação é protegê-la, e eu juro, mamãe, que, se ele trouxer problemas para você ou Evelyn, eu o mato sem pensar duas vezes — declarei.

Ela suspirou com um semblante triste. Porém, eu não podia ver algo assim e simplesmente ignorar.

— Não pode, Dominic. Por mais que ele seja como é, ainda será sempre seu pai. E não quero sua consciência pesada por fazer isso, meu amor. Eu sei que acha que deve proteger todos a sua volta, mas isso não cabe a você. Seja o que for que seu pai fizer, eu não quero que o enfrente ou o mate. Se ele fizer algo grave de novo, nós o mandamos para a cadeia, mas não quero o sangue dele em suas mãos. — Ela se virou para mim com expressão ansiosa e preocupada, mas havia esperança ali. — Me prometa, Dom, prometa que não o matará.

Estava a ponto de dizer que não sabia se poderia manter aquela promessa quando meu telefone tocou. Era Evelyn. Só ela para tirar a sombra que me atormentava naquele momento.

Não gostava de mentir para minha mãe, por isso fiquei aliviado por fugir da resposta àquela pergunta.

— Oi, meu amor, nós já estamos chegando... — parei de falar ao ouvir o tilintar de tiros. — Isso é tiro?!

O sangue drenou do meu rosto ao pensar que alguém havia sido louco ao ponto de ir à minha casa. Eu certamente acabaria com o maldito verme e o faria pagar.

— Estão atirando na casa, Dom... — sua voz falhou, e ouvi choro através dela. — Os caras estão invadindo o lugar!

— O que houve, Dom? — minha mãe perguntou em tom de preocupação.

— Alguém está atirando na minha casa com minha mulher lá dentro, e eu vou esquartejá-lo! — *de preferência lenta e dolorosamente.*

— Meu Deus! A Evelyn não pode passar nervosismo na situação em que está, isso pode antecipar o nascimento do bebê! — ela quase gritou, deixando-me mais puto com os desgraçados que estavam fazendo aquilo, ousando me confrontar.

Estava furioso ao acelerar o meu carro para ir o mais rápido possível. Não podia deixar minha mulher ser ferida, e fiquei com mais raiva ainda ao saber quem estava lá com ela.

— Espere, o quê? — esbravejei. — Que porra ele está fazendo aí?!

Evelyn me contou que Elizeu foi a minha procura e que precisava falar comigo. Eu até já sabia o que o miserável queria, e jurava por Deus que, se aqueles homens a tocassem de alguma forma, não haveria ninguém capaz de me impedir de esfolar meu pai. Ninguém! Nem mesmo minha mãe. A única coisa que me segurou foi saber que ele estava protegendo-a de onde estava, que tinha ido enfrentar todos só para que não chegassem perto dela.

— Dom, o que foi? Algo aconteceu? O seu pai foi lá? — Mamãe arregalou os olhos. — Não me diga que é ele quem está atirando em Evelyn? Isso não parece com Elizeu.

— Não, ele a está protegendo para que ninguém chegue até ela, mas isso não justifica o fato de os homens estarem lá justamente na hora em que ele deu as caras. — Estava fervendo, não só por causa dele, mas porque ordenei que Ash cuidasse dela enquanto pegava minha mãe,

mas ele não apareceu, o que significava que ela estava sozinha com meu pai e aqueles homens.

Quando colocar minhas mãos nele, não há quem me tire de cima, pensei.

Fiquei conversando com Evelyn e a tranquilizando, porque ela estava preocupada com o fato de meu pai ter ido enfrentar os bandidos. Peguei meu outro celular, que guardava para emergências, e liguei para o Nasx.

— Onde você está?! — minha voz saiu alta, mas não liguei para como meu tom saiu.

— Oi para você também, Shadow. Agora estou mais do que bem, apesar de você não ter perguntado...

Cortei-o com os dentes cerrados:

— Invadiram minha propriedade com a Evelyn lá dentro, e meu pai está lidando com os caras, mas está ferido. Quero que vá pra lá agora e não deixe ninguém chegar até a Evelyn — ordenei. — Quero todos nisso. Ela não pode sair ferida.

Ele praguejou.

— Vou falar com todos, estamos no clube agora, mas já estamos indo para lá — disse e desligou.

Acelerei o mais rápido que pude para ir ao encontro de minha mulher e meu filho. Não podia deixar nada acontecer a eles, nem que para isso precisasse exterminar o meu próprio pai.

Assim que virei a curva na rua da minha casa, vi meus irmãos, que tinham imobilizado a maioria dos homens; três deles estavam feridos ou mortos. Não me importei, só uma pessoa me preocupava ali.

— Evelyn! — gritei, saindo do carro e estaquei quando fiquei em frente ao homem que trouxe toda aquela merda à tona na porta da minha casa e para minha família.

— É culpa sua que esses homens estejam aqui, seu maldito bastardo...

— Dominic! — ouvi minha mãe gritando, mas estava cego. A fúria predominava em meu interior, e eu estava vendo tudo vermelho. Entretanto, antes que eu o socasse, mamãe entrou na frente, e meu punho parou a centímetros do seu rosto.

Todo o meu corpo tremeu, e meus músculos doeram por quase ter batido nela sem querer.

Foi por pouco. Inspirei fundo para me controlar.

— Mãe...

— Sei que quer fazer isso, Dominic, e acredite, eu também, mas não vou deixar que meu filho bata no próprio pai. Criei você melhor do que isso, meu amor. — Mamãe estava ofegante também, não sei se pelo medo de que eu o matasse ou a machucasse ou talvez por si mesma.

— Shadow! — ouvi Kill gritar meu nome de dentro da casa. O tormento estava em cada nuance da sua voz.

Olhei para cima, e a cena que vi acabou comigo. Evelyn estava desmaiada nos braços do irmão. O desespero tomou conta de mim. Corri até onde eles estavam e toquei seu rosto.

— Oh, Deus, não! — sussurrei de forma desesperada. — Você não pode me deixar!

A dor aguda se apossou de mim dos pés à cabeça. Eu estava tremendo por dentro e com o coração acelerado.

— Shadow, ela está sangrando! Nós devemos levá-la ao hospital! — o desespero também estava estampado na voz de Kill.

Peguei-a dos braços dele e corri para o carro, latindo para o Max dirigir.

— Vou prender todos aqui e depois vou para o hospital — disse Nasx.

Assenti. Não achei que conseguiria falar qualquer coisa, era como se estivesse morto, mas logo estaria... se perdesse os dois.



Capítulo 8

Shadow

Entrei no hospital com Evelyn ainda desmaiada em meus braços. Meu coração se apertava a cada segundo, temendo que fosse tarde demais.

— O que houve? — perguntou uma enfermeira.

Kill me contou que a tinha encontrado caída, inconsciente, na escada. Então relatei o acontecido à mulher.

— Ela desmaiou ao cair da escada... e acho que bateu a cabeça — respondi sem vida. — Precisa salvar os dois.

Coloquei minha garota toda mole e suja de sangue na maca... Era como se parte de mim estivesse definhando ali também, com minha mulher.

— Vou fazer o possível — respondeu um médico com um aceno de cabeça, aparecendo ao lado da enfermeira.

Fuzilei-o.

— Não, você vai fazer o impossível, não quero o possível! Ela não pode morrer, nenhum deles pode! — rugi, fazendo com que todos no local me olhassem, mas não dei a mínima.

A enfermeira, que estava perto do médico, estremeceu e arregalou os olhos de medo.

— Dominic, se acalma, você não pode ameaçar as pessoas — falou minha mãe, pegando meu braço. — Evelyn é uma mulher forte e vai ficar bem.

Eu queria acreditar naquilo, mas estava com tanto medo que não sabia de mais nada, só o que sabia era que precisava dos dois na minha vida para continuar vivendo, tanto da minha garota quanto do meu filho, que estava dentro dela...

— Entendo você, rapaz. Agora se apegue a Deus, que Ele vai te ouvir — respondeu a

enfermeira após se recuperar. — Só Ele pode ajudar em situações como essa.

Deus... eu não acreditava que Ele ligasse para pessoas como eu, um assassino sombrio que tinha matado mais do que podia contar e sem arrependimentos, porque todos os mortos eram criminosos da pior espécie.

Entretanto, tinha uma morte pela qual eu me culpava, a do Cobra. Se não fosse por mim, ele poderia estar vivo. O pior era que não pude vingá-lo. Sua família o perdeu; Bax perdeu o pai, e dona Benta, o marido.

Por tudo isso, eu não acreditava que teria um bom apreço aos olhos do Criador; era mais como uma carniça infestada de moscas, incapaz de um dia ter algum tipo de redenção, mesmo que Evelyn acreditasse no contrário.

— Não pode se culpar assim. Seja o que for que estiver atormentando você, pare, Dom. — Mamãe pegou meu braço e me levou para uma cadeira.

Não soube dizer quanto tempo fiquei encarando a parede sem nada ver, até que ouvi minha família chegando.

Todos me disseram palavras tranquilizadoras, tentando me acalmar, mas estava longe de isso acontecer; só quando minha mulher estivesse bem.

— Evelyn é uma guerreira, vai passar por isso e logo estará conosco e com o filho de vocês novamente em segurança — disse Mary, vindo ficar perto de mim.

Mamãe estava ao meu lado direito, e Kill, ao esquerdo, assim como os outros ao nosso redor.

Eu estava esperando havia uma década por notícias dela lá na sala de espera do setor cirúrgico. Pouco tempo antes, a enfermeira me informou que seria feita uma cesariana para salvar a vida dos dois. Então eu estava ali com meu peito acelerado.

As mulheres dos meus irmãos estavam comigo; eram amigas da minha garota e torciam para que ficasse boa logo. Os olhos delas estavam vermelhos, porque tinham chorado, especialmente os da Irina. Ela e Matteo tinham chegado havia pouco tempo, vieram assim que souberam da tragédia. As duas eram amigas desde que Evelyn veio para o clube.

— Obrigado, pessoal. — Levantei-me e fui até a janela, olhando o nada.

Evelyn não podia ir embora e me deixar ali. Precisávamos ter uma vida juntos, uma que sonhamos ter ao lado de nossos filhos, não só daquele que estava a caminho, mas dos outros que eu pretendia ter com minha garota. Então ela precisava voltar para mim.

Já parecia uma eternidade quando o médico chegou à sala de espera. O meu coração deu uma batida forte como um tambor.

Ele olhou diretamente para mim, fazendo-me prender a respiração. Nunca temi tanto algo como naquele momento, que me fazia sentir pequeno e frágil, porque não estava ao meu alcance.

— Como está minha irmã, doutor? — perguntou Kill, ficando de pé e encarando o médico.

— Como vocês já sabem, nós tivemos que fazer uma cesariana. O bom é que a criança já estava pronta para nascer, os exames que fizemos mostraram isso — começou o médico.

— Os dois estão bem? — sondou mamãe com tom preocupado.

Eu não tinha certeza se conseguiria falar algo, parecia que tinha um grande peso em cima dos meus ombros e no meu peito, deixando-me incapaz de qualquer coisa que fosse. Temia que a resposta não fosse a que eu queria ouvir.

— O bebê está bem, no peso certo e não houve complicações com ele. É um garoto saudável, pelos exames, mas a mãe... — disse o médico, olhando a todos e depois a mim.

— Não! Ela não... — o desespero estava tomando conta de mim, mil vezes pior do que antes.

O doutor suspirou.

— Sua esposa está instável, teve algumas costelas quebradas e perdeu muito sangue. Nós fizemos transfusão para salvá-la, mas ela bateu a cabeça, então só saberemos se teve alguma sequela quando acordar. As próximas 24 horas serão fundamentais para sua recuperação. Vamos ver como ela reagirá aos medicamentos nas próximas horas.

— Quando podemos vê-la, doutor? — perguntou mamãe, ficando ao meu lado e segurando minha mão.

— Quando a transferirmos para o quarto. Entretanto, o bebê já está no berçário se quiserem

vê-lo. É só seguir o corredor ali e virar à direita — informou, apontando para o lugar.

Saber que meu filho estava bem tranquilizou uma parte de mim, mas a outra só seria feliz mesmo quando a mãe dele estivesse saudável e com ele nos braços.

As meninas correram para o berçário, incluindo minha mãe, que estava ansiosa para conhecer o neto.

Nasx e Kill vieram, juntos, ao meu encontro com as expressões sofridas.

— Quero matar seu pai por ter trazido essa merda para minha irmã — sibilou Kill. — Se eu o vir de novo, não respondo por mim, não sou capaz de me segurar.

— Não é o único a querer fazer isso — grunhi. — Depois vou acertar minhas contas com ele, mas agora só quero estar com meu filho e minha garota.

Irina chegou até onde eu estava. Seus olhos estavam vermelhos.

— Já tem notícias dela?

— Acredito que vai ficar bem, pois minha esposa é forte. — Tinha que acreditar nisso, mesmo que estivesse com medo. — Agora irei ver meu filho. Se quiser, pode me acompanhar.

— Esposa, hein? — Ela sorriu, embora fosse triste. — Nem acredito que, até poucas horas, estávamos falando em casamento...

— Casamento? — Franzi a testa enquanto andava para o corredor.

Não tínhamos nos casado antes porque eu precisava de tempo para contar algo a ela, então veio nosso bebê e a gestação com problemas, então resolvi esperar, apesar de ela sempre ter sido minha *Old Lady*, a mulher da minha vida.

Alguns anos antes, eu tinha feito algo imperdoável e não sabia se ela me perdoaria. Esperava que sim, mas no momento queria que minha garota ficasse boa logo. Sabia que Evelyn merecia alguém melhor do que eu, embora fosse egoísta demais para deixá-la ir. Eu não era altruísta dessa forma e jamais seria.

— Isso é o que ela mais deseja. Falei para dizer a você, mas Evelyn disse que isso precisava vir de você. — Ela franziu a testa. — O que tanto espera?

Matteo veio e tocou meu ombro. Em pensar que já tinha odiado aquele homem, quando era

apaixonado pela minha mulher... mas no momento, vendo-o casado e feliz, nem tanto. No fundo, eu lhe agradecia e devia a ele por ter salvado a vida de Evelyn quando ela estava sob o domínio do pai dele, o maldito Lorenzo. *Que apodreça no inferno!*

— Tem certas coisas que enchem nossa alma de escuridão e que nos fazem pensar que não há redenção, mas, no fundo, elas nos aceitam como somos. Isso é um privilégio. — Ele olhou para Irina e depois para mim. — Seja o que for que o impeça, diga a verdade. Evelyn com certeza aceitará.

Ela bem que poderia ter me dito que aquilo era o que mais desejava; eu teria aberto o jogo antes e dito a verdade, contado o motivo de não ter pedido sua mão ainda, desde o dia em que me apaixonei por ela perdida e loucamente.

Podia soar bobo e idiota, mas eu queria que ela fosse minha esposa assim que lhe contasse tudo. Mesmo que fosse minha *Old Lady*, eu também queria que minha garota usasse meu sobrenome.

Senti-me pior, porque eu podia não ter a chance... Não, isso não podia acontecer! Eu não podia pensar só no pior das coisas, tinha que confiar que logo estaríamos em uma igreja, nos casando e sendo felizes.

Irina segurou minha mão.

— Quando nós, mulheres, amamos de verdade, não ligamos para a escuridão que há na alma de nossos amados, não da forma que vocês acham, ao pensar que vamos deixá-los. Nós queremos ajudar, arrancar aquilo que os atormenta. Queremos ser a rocha inabalável — sussurrou — a luz... deixar a sombra à sua volta diminuir ou mesmo dissipá-la. Aquela mulher morre por você e faria tudo para não o perder. Sei disso, porque é assim que me sinto. — Sorriu para o marido com ternura e devoção.

— Irina... — A garganta do *Capo* pareceu se fechar, e pude ver que ele poderia ter escondido sua expressão se fosse uma situação diferente. Afinal, um mafioso não podia demonstrar sentimentos em público.

Irina foi até ele e segurou sua mão, assim como tinha feito comigo um minuto antes.

— Agora vou ver *meu filho* e esperar Evelyn acordar, porque sei que ela não vai deixar o marido para outras mulheres aproveitarem. — Piscou para mim.

Franzi a testa.

— *Seu* filho?

— Claro, não é porque não o carreguei na minha barriga que não é meu, e Evelyn concordou — falou e saiu correndo no corredor a nossa frente.

Não soube dizer se ela falou aquilo para me distrair da minha mente miserável no momento, mas Irina era uma amiga leal e fiel, capaz de tudo pela amiga.

— Acho que você devia engravidá-la, *Capo* — ouvi Nasx dizer ao Matteo.

Eles continuaram falando sobre isso. Matteo queria que Irina estudasse primeiro, além disso não queria arriscar-se a ter um filho com a ameaça no horizonte por causa do irmão de Pietro Petrova, um mafioso russo.

Parei na frente do berçário, vendo a mulherada ao redor da benção que foi me dada, mesmo eu não merecendo tal coisa.

Tinha um rolo de pano nos braços da minha mãe, e o olhar dela para ele era de adoração.

Ela veio na minha direção com meu filho no colo e o estendeu a mim com os olhos molhados.

Meu coração parecia querer explodir ao ver aquele rostinho de porcelana, as mãozinhas tão pequenas que tudo ali gritava fragilidade, parecia quebradiço.

Quando o peguei, senti uma felicidade imensa. Tudo em mim gritava proteção. Coloquei meu dedo em sua mãozinha, e seu aperto foi firme.

— Tão perfeito! — sussurrei em júbilo.

— Já tem um nome? — sondou Mary. — Evelyn queria escolher na hora, mas me pergunto se vocês já o fizeram.

Assenti, ainda emocionado com meu bebê.

— Vitor, aquele que vence e conquista. Evelyn o escolheu após passar tão mal durante aquele primeiro mês de gestação. — Passei meu dedo na face do belo anjinho que era meu bebê.

— Nome vigoroso. Combina com ele. — Irina sorriu, beijando a testa de Vitor.

Uma enfermeira loira chegou até nós, e logo meu peito deu um solavanco ao imaginar que ela tivesse notícias da minha mulher. Sabia que era pessimista, mas torcia para que tudo desse certo.

— Vim informar que sua esposa já está no quarto, mas somente os parentes poderão ficar com ela até que acorde — falou ela.

— Alguma informação de que ela vá ficar bem? — inquiri com o coração na mão.

Ela sorriu.

— Tenha fé, e tudo vai ficar bem. Acredite nisso. Posso ficar com o garoto.

— Ele vai ficar comigo no quarto. — Não era uma pergunta. Com meu filho nos braços, eu teria mais chance de superar e esperar Evelyn acordar.

Assim que entrei no cômodo, eu a vi inconsciente com uma sonda no nariz e um cateter no braço. Meu peito se apertou por dentro ao vê-la naquele estado. Faria qualquer coisa para trocar de lugar com ela.

Sentei-me na cadeira com os olhos molhados de lágrimas, porque no final era por culpa minha que ela estava ali, tudo porque Ash não estava no lugar e na hora certos, como eu mandei. Por culpa daquele engano, minha mulher foi ferida e estava naquele leito de hospital.

Vitor se mexeu nos meus braços, fazendo ruídos sonolentos. Ele era tão parecido com Evelyn, aliás, se parecia com nós dois.

— Mamãe vai ficar boa e voltar para nós. — Balancei-o suavemente para acalmá-lo e para que dormisse tranquilamente.

Peguei a mão de Evelyn, querendo-a mais perto de mim. Eu tinha confiança de que ela ficaria bem. Eu me apegaria a isso também, afinal os médicos não disseram que era grave. Minha garota só precisava descansar, assim os remédios fariam efeito.

— Ela irá, sim — disse Kill, entrando no quarto. — Agora estou louco para saber por que ela estava sozinha. Você nunca a deixa sem a supervisão de alguém.

Ele tinha razão, era para ela estar protegida, mas, por culpa de um moleque, isso não

aconteceu.

— Mandei Ash ficar com ela enquanto pegava minha mãe no aeroporto, mas, pelo visto, o garoto desapareceu. — Suspirei enraivecido. — Acho que estou com medo do que irei fazer com aquele idiota quando colocar minhas mãos nele.

— Estava pensando aqui no rato imundo que está nos traindo. Confio em todos no clube, até em Ash, mas, após o que houve hoje... E se ele for o rato que anda nos entregando e nos fazendo perder nossos negócios? — disse Kill. — Você também suspeita dele, não é?

— Pena que não suspeitei antes, pois nada disso teria acontecido, jamais a teria deixado sob a proteção dele. Preciso de provas contra ele, assim poderei matá-lo de vez.

— Hush está nisso — garantiu, depois suspirou. — E quanto ao seu pai? Vai matá-lo? Fui deixá-lo no porão, mas sua mãe disse que ele estava ferido e que precisava ser cuidado.

— Onde ele está agora?

— Na sua casa. Max e Noah o estão vigiando, o bastardo não vai a lugar nenhum.

Levantei a cabeça subitamente.

— Minha casa?! — minha voz se elevou, fazendo com que Vitor ronronasse em seu sono. Então diminuí o tom para não o acordar: — Mande Daemon ir lá para pegar algo no meu cofre e guardar com ele até segunda ordem.

Kill franziu a testa, indo ficar na cabeceira de Evelyn para alisar seu rosto.

— O que tem no cofre?

— Documentos que comprovam os podres de um cara para quem meu pai trabalhava e um lote de diamantes. Devia ter entregado às autoridades há anos, e talvez nós não estaríamos nessa posição. — Olhei para Evelyn, acamada. — Só não fiz isso porque temia que a organização viesse atrás da minha família.

— Seja o que for, nós estaremos com você — garantiu, então sua voz soou como aço: — Todos eles vão pagar por ousar tocar em minha irmã.

— Ray Hudson está preso, mas não significa que não tem informantes e homens capazes de tudo, inclusive de dar ordens para atacar a minha casa. — Era só meu filho que estava me

acalmando naquele momento e me mantendo ali, ou eu já teria ido atrás do clã de Ray a fim de eliminar a todos.

— Nasx está fazendo o serviço com os que sobreviveram. Os homens têm colhões, mas ele vai conseguir.

Antes que eu respondesse, o telefone de Kill tocou.

— Nasx — cumprimentou assim que atendeu e logo amaldiçoou. — Vou colocar no viva voz para Shadow ouvir também.

— Shadow — começou Nasx. — Sei que não é um bom momento, mas preciso falar com você.

— O que tem a dizer que não pode esperar? — Já suspeitava de que meu passado tinha batido à porta. A prova disso era meu pai aparecendo na minha casa e trazendo aqueles bandidos.

— Alfonso Chávez é o nome verdadeiro de Ash. Ele é o filho de Juarez Chávez, o chefe do cartel que foi assassinado há quase seis anos — disse Nasx.

— Por que o filho dele ia se infiltrar entre nós? — perguntou Kill, taciturno.

Pisquei, chocado ao saber daquilo, algo que me trazia remorso, porque não devia ter matado seu pai na frente do menino. O cara devia algo a Black. Eu não sabia o que era, também não me preocupei em perguntar, mas, conhecendo Juarez como eu conhecia, boa coisa não era. Ao trocarmos tiros, ele foi morto na sala com dois disparos, um na cabeça e outro no peito. O pior era que o filho estava lá.

Entretanto, não achei que o moleque buscaria vingança contra mim. Certamente me enganei, já que ele apareceu ali, infiltrado. Devia ter suspeitado, afinal, ele pertencia ao cartel.

— Matei o pai dele a mando de Black, e na época não o vi lá. Só depois do serviço feito que eu me dei conta do garoto — sussurrei. — Não podia matá-lo, então o deixei.

— Como não o reconheceu? Ele não devia ser tão diferente de agora — sondou Kill. — Só tem alguns anos a mais.

— Ele era um garoto loiro de olhos azuis e magricela, bem diferente de agora.

Ali, pensando, com meu filho comigo e com Evelyn na minha vida, eu não tirava a razão

de Ash, ou melhor, Alfonso, em querer vingar a morte do pai. No seu lugar, eu teria feito o mesmo, mataria cada pessoa que tocasse na minha mulher. Claro que não machucaria um inocente; eu iria para o culpado mesmo e o faria pagar. Não era um covarde que se aproveita dos mais fracos.

— Outra coisa, os homens que atacaram sua casa não estão atrás de seu pai, eles trabalham para o Alfonso Chávez. Também consegui tirar deles que o maldito do Ash estava lá com Evelyn — disse Nasx. — O trabalho deles era nos adiar para que ele pudesse levá-la com ele.

Porra! Acreditei que todo o tiroteio que aconteceu fosse culpa dos homens que estavam atrás do meu pai, mas no final era tudo minha culpa. Eles queriam se vingar de mim. Tentaram da maneira mais cruel possível: usando minha mulher e meu filho.

— Maldito seja! Todos vão pagar por isso! Descubra tudo sobre eles. Agora eu quero que chequem mais a fundo, porque, pelo visto, vocês não fizeram o trabalho direito, já que não descobriram quem Ash era de verdade antes de ele entrar no clube e conseguir minha confiança para poder machucar quem mais amo. — Apertei a mão de Evelyn, agradecendo aos Céus por ela estar viva.

— Vou resolver tudo. Acredito que ele tenha pessoas boas demais para encobrir seus rastros, mas Daemon é melhor e vai conseguir todas as informações. Ele está se sentindo culpado por ter deixado passar algo tão importante a respeito de Ash. — Nasx expirou. — Tome conta de sua garota, e creio que ela vá ficar boa.

Confiava em que Evelyn fosse sair dessa, como também confiava nos meus irmãos, que eles tomariam conta de tudo. No momento, só conseguia pensar em ter minha mulher em casa comigo. Depois lidaria com Ash – ou fosse lá qual fosse seu nome – e meu pai.

— Obrigado, pessoal. Ninguém mais tocará nas pessoas que amo. — Aquele era um juramento que eu pretendia cumprir.



Capítulo 9

Shadow

Já se haviam passado quatro dias desde o parto, e Evelyn continuava dormindo, embora os médicos dissessem que ela estava melhorando e que se recuperava dos ferimentos.

A cada dia, eu ficava mais ansioso e inquieto, temendo pelo pior. Não conseguia ir para casa e deixá-la, então tomava banho e comia no hospital, embora pouco. Não havia quem me tirasse do lado dela e do meu filho.

Mamãe queria levar Vitor para casa, mas eu não admitia ficar longe dele, que era o único que me mantinha no controle diante de tudo: minha ansiedade por Evelyn não abrir os olhos e minha fúria de Alfonso por tê-la colocado naquela situação.

Nasx me enviou as gravações do quarto do pânico, e vi tudo que aconteceu lá. Ele tinha batido nela, e essa certeza me deixava ainda mais puto da vida. Quando colocasse minhas mãos em Ash, não sobraria nada. Uma vez eu o havia poupado; não repetiria o erro.

Vitor esperneou no bercinho ao lado da cama de Evelyn e começou a chorar. Peguei-o nos braços e franzi o nariz.

— Hummm, está com um cheirinho de peido. Será que só soltou um ou se cagou?

Pelo choro, era mais provável a segunda opção.

— Vamos procurar alguém para trocar você. — Tinha tentado trocá-lo no dia anterior, mas só o que fiz foi lambuzar a nós dois de merda.

Olhei para Evelyn, não querendo deixá-la. Sabia que o lugar estava sendo vigiado, e Alfonso não tinha a mais remota possibilidade de chegar perto dela ou de Vitor. Mesmo assim, eu temia.

Não conseguimos localizá-lo durante aqueles dias, era como se tivesse evaporado da Terra,

mas meus irmãos estavam procurando por notícias dele, e, quando encontrassem, eu acertaria minhas contas com aquele desgraçado.

Outro com quem eu ainda não tinha tido tempo de conversar era meu pai, mas soube que continuava na minha casa. Minha mãe achou melhor ele ficar a ir embora e alguns dos seus problemas o atingirem. Eu não entendia o motivo de ela ainda se preocupar com aquele traste. O cara nunca foi um pai de verdade para mim e um bom marido para ela. Mamãe era boa com todo mundo, e eu adorava isso nela.

A única coisa que não me fazia ir a minha casa para tirar aquele filho da puta de lá era Evelyn. Eu só sairia dali quando minha garota abrisse os olhos. O médico disse que tinha tirado alguns remédios, já que ela estava se recuperando bem, então a qualquer momento ela abriria os olhos, e eu queria estar ali quando acontecesse.

Vitor esperneou novamente, trazendo-me de longe da minha mente fodida, porque era assim que ela permaneceria até eu estar longe daquele maldito lugar, com minha família segura e feliz.

Kill sempre vinha visitar a irmã naquele horário. Ele, assim como eu, a amava e não arredava o pé dali até que o médico disse que ela ia ficar bem e que acordaria a qualquer momento. Isso nos deixou aliviados, e Isabelle conseguiu levá-lo para casa um tempinho.

— Esse cheiro no quarto é seu ou do bebê? — perguntou uma voz à porta.

Olhei para cima e me deparei com Jason entrando no quarto.

Fiz careta.

— Vitor. Eu preciso arrumar um jeito de limpar ele, mas não queria deixar Evelyn sozinha... — sussurrei. — Kill não deve demorar.

Ele assentiu.

— Pode ir, que tomo conta dela. Tabitta veio comigo, só foi comprar algo para você. Soube que não come direito há dias e que não sai daqui. Acredite, não vou pegar sua mulher e fugir com ela — brincou. Eu sabia que estava tentando me distrair.

Jason entendia o que era estar em uma situação assim, o medo que eu sentia naqueles dias

de perder a única mulher que transformava minha escuridão em luz, apesar de que, na época em que ele perdeu a Tabitta, foi uma perda diferente, mas ele sofreu com a partida dela.

— Lamento pelo que fiz com você. Colocando-me no seu lugar agora, sei a dor que sentiu ao ficar longe de Taby. — Suspirei. — Mas quero que saiba que tentei voltar a tempo para impedi-la, só que fui...

— Torturado — terminou ele, sacudindo a cabeça. — Não culpo mais você. O importante é que ela está na minha vida e vai continuar assim.

Balancei a cabeça.

— Fico feliz com isso, por estar bem agora. Sei que minhas ações machucaram você e Scott, mas saiba que não tive nenhuma intenção. Eu só pensava em proteger vocês. — Alisei a cabeça de Vitor; isso me acalmava.

— Não é sua obrigação nos proteger. — Não era uma acusação; até deveria, após tudo o que fiz. — Mas você sempre foi assim. Lembra-se de como me protegeu daqueles garotos que batiam em mim e até do meu pai? Você foi mais que um amigo, é meu irmão. Morreria por mim, e eu faria o mesmo por você.

Engoli em seco, minha garganta se fechou com emoção ao ouvir aquelas palavras.

Jason era um homem bom, que teve uma vida sofrida. Foi abandonado pela mãe e maltratado pelo pai até ficar grande e eu o ensinar a se defender. Ele encontrou a sua mãe alguns anos antes, mas ela estava morrendo e deixou mais dois filhos para Jason tomar conta, e meu irmão o fazia com muito gosto.

— Sim, eu faria — afirmei. — Nunca tivemos a oportunidade de falar. Lamento pela sua mãe.

Ele assentiu e passou a mão no cabelo castanho. Jason se transformou em um homem forte, não só por dentro, mas por fora, e não era só por ser um lutador, aliás, lutador aposentado.

— Tudo bem, às vezes eu queria ter feito mais; queria que ela tivesse ido me procurar. Mamãe sabia sobre mim e que eu podia tê-la salvado, mas não fez isso e deixou a doença tomar conta dela como se fosse para pagar o mal que fez ao me deixar — a dor era evidente na sua voz.

— Por muito tempo isso me atormentou, mas tenho meus irmãos, filhos e minha mulher, que alegram meus dias.

— Somos sortudos por termos mulheres como elas nos querendo. — Olhei para Evelyn e depois para ele, de pé à minha frente. — Obrigado por estar aqui nesse momento.

Assentiu.

— Bryan vem hoje à tarde. Ele estava em algum lugar tentando pegar alguém e não tinha como ter saído mais cedo, mas disse que estaria aqui.

— Falei com ele hoje cedo. Sinto-me grato por ter minha família ao meu lado — confessei. — Como está a Tabitta sendo mãe de novo?

Ele riu de maneira amorosa. Os dois tinham três filhos, contando com aquele que nascera alguns meses antes.

— Sim, ela está bem com isso, muito feliz. Deixamos as crianças hoje com Samantha e Lucky, só trouxemos Tayná, porque ela amamenta, mas deixamos a nossa garota no clube, já que é proibido criança aqui. — Sentou-se na cadeira ao lado da cama vazia e me encarou. — Precisa se alimentar, Dominic, ou logo vai parar em uma dessas camas também.

Encolhi os ombros.

— Não sinto fome. — Peguei a bolsa de Vitor. — Mas vou comer qualquer coisa.

Ele sacudiu a cabeça, não acreditando em mim, mas mudou de assunto:

— Conversei com Nasx. Ele mencionou que o médico disse que Evelyn logo vai acordar e que ficará boa. — Ele meneou a cabeça de lado. — Sua mulher tem fibra, vi isso no dia em que me enfrentou quando fui acertar as contas com você. Achei que fosse me bater, ou melhor, me matar. Ela vai sair dessa.

— Falei com ele mais cedo, e me disse a mesma coisa. — Olhei para Evelyn. — Estou louco para que isso aconteça para podermos ir embora daqui com nosso filho.

Assentiu e olhou para Vitor.

— Soube que, durante esses quatro dias aqui, você ficou com o menino, mas ele teve alta ontem. Você precisa deixar que o levem, Kill ou nós. Estaremos na cidade por um tempo.

Hospital não é um lugar muito bom para recém-nascidos, ainda mais saudáveis.

Assim que o médico liberou a alta de Vitor, cobrei um favor do dono daquele hospital e o mantive ao meu lado. Sabia que era melhor deixar que o levassem, mas... não acreditava que poderia lidar com tudo sem ele ali, onde eu podia vê-lo. Ele era a única coisa que estava me mantendo de pé naquele momento, o meu alicerce, assim como sua mãe.

— Não quero que Evelyn acorde a qualquer instante e não veja o nosso filho ao seu lado.

— Mesmo assim, pense bem... Vamos deixá-lo com você até amanhã. Se ela não... — ele não terminou a frase, mas eu sabia o que diria: se Evelyn não acordasse, ele, Kill ou Jason iriam levar o Vitor. — O garoto vai ficar seguro. Eu soube que tem muita gente em todos os lugares os protegendo. Bax e Curt mandaram alguns dos irmãos para nos ajudar. Estarei aqui também se você precisar de mim.

Bax tinha chegado no dia anterior e disse que viria ao hospital mais tarde, assim como a Mama Benta. Eu a chamava assim porque ela era como uma mãe para mim. Ficou do meu lado em momentos difíceis da minha juventude e até depois de adulto.

— Se quer ajuda com a fralda, eu posso fazer isso, já que, da última vez, você se sujou todo, além da cama — disse Tabitta, entrando no quarto com sacolas nas mãos. — Pelo menos foi isso que Isabelle me contou.

Tabitta era uma loira linda de olhos verdes.

— Oh, graças a Deus! Pode fazer ali na cama enquanto vou falar com a enfermeira e pedir leite? Eles têm leite materno aqui. — Coloquei Vitor na cama e dei a bolsa a Taby. — Não vou demorar.

— Não posso trocá-lo aqui, vou levá-lo ao banheiro, onde tem o trocador. Também tenho leite materno, então posso ser uma mãe de leite. — Ela pegou Vitor e foi na direção da porta.

O meu coração se apertou quando a vi se distanciando com Vitor.

— Vou ficar com eles. Enquanto isso... tome um banho e se alimente, porque saco vazio não para em pé — disse Jason.

Não queria ficar longe de Vitor, mas confiava em Jason e Taby, pois sabia que cuidariam

muito bem do meu filho. Ela saiu com Vitor, e Jason os acompanhou.



— Acorda, meu amor, para conhecer nosso garoto. Ele é tão perfeito quanto você. — Peguei a sua mão e a levei aos lábios. — Não aguento mais essa ansiedade. Não vejo a hora de ver aquele sorriso lindo que tanto adoro.

Conversava com Evelyn todos os dias e, por mais que o médico dissesse que ela estava melhor, eu ainda sentia um aperto e um medo inexplicável. Se fosse um temente a Deus e tivesse fé, talvez não estivesse assim, mas não sabia se Ele ouviria alguém como eu.

Uma batida na porta do quarto soou. Achei que fosse Taby com o Vitor. Nem sabia quanto tempo tinha se passado desde a saída deles. Conferi no relógio de pulso e notei que fazia mais de 15 minutos.

Minha respiração se perdeu assim que Mama entrou seguida por Bax.

Fiquei de pé.

— Oh, meu querido, como andam as coisas aqui? Na primeira vez que vim, você estava dormindo, então não quis acordá-lo. — Ela veio até mim e me abraçou. — Vai ficar tudo bem, meu filho.

— Mama. — Minha garganta se fechou, e apertei meus braços em torno de sua cintura. — Senti muito a sua falta.

— Eu também. — Ficamos assim por alguns segundos, depois a coloquei sentada na cadeira em que eu estava e me postei à sua frente. — Obrigado por estar aqui.

— Família é para isso, meu garoto. — Sorriu para mim e pegou a mão de Evelyn. — Nossa menina vai ficar boa.

Eu estava contando as horas para que isso acontecesse.

— Sim, irmão, vai dar tudo certo. O que precisar, nós estamos aqui para você — assegurou Bax. — Vamos pegar esse maldito e acabar com ele.

— Acredito em você — declarei. — Lamento ter ficado longe todos esses anos. — Sentei-me na cama; estava esgotado demais, quase não dormia.

Ela virou a cabeça na minha direção. Seus olhos estavam tristes.

— Esperei uma visita sua em todos esses anos, mas raras vezes vai lá. Sempre que eu entrava no assunto, você fugia. — Suspirou. — Queria entender você.

Após sair de Austin, quando Charles foi morto, evitava ir lá a qualquer custo. Não era por não os amar, era por causa das lembranças, que me atormentavam.

— Sinto muito por isso. Mas quero que saiba que estava pensando em ir lá assim que Evelyn ganhasse o Vitor. Já tinha decidido que não continuaria correndo do que temia, que iria lutar contra tudo que me impedia.

— Temia? Sei que não é o momento, mas preciso entender o seu sumiço. Se for pela culpa que sente, saiba que não foi por sua causa que Charles morreu... Já disse isso antes e continuo frisando o assunto. — Ela estendeu a mão para mim, e eu a peguei. — Precisa viver sem se corroer com isso dentro de você.

— Meu pai era um herói, não só na Marinha, onde ficou um tempo alistado, mas para todos que amava. O que podia fazer para ajudar, ele fazia, não se preocupando em morrer... — a voz de Bax ficou falha no final.

— Mesmo não sendo filho de sangue, você puxou isso dele, Dominic — Mama apontou. — Você faria qualquer coisa pelos garotos. Espelhou-se nele, não é?

Era verdade. Claro que demorou muito para que eu colocasse isso na cabeça, mas, após ter feito o que fiz para o Bryan, e Evelyn entrar na minha vida, eu só estava criando coragem para ir ao encontro de Mama Benta e de Bax no Texas. Ao menos eles tinham vindo até mim ao longo dos anos.

— Nós nunca conversamos sobre isso claramente... O que houve naquela noite? — Ela inspirou fundo e se controlou. Pude ver que ainda amava o Charles, assim como eu. — Queria a

sua versão da história e não só a dos policiais, o que você sentiu.

— Sei que ele salvou minha vida. Naquela noite, quando fui encurralado na estrada, eu ia ajudar Taby a fugir do Jason, pois o pai dela ia matá-lo, e eu queria evitar isso. Mas, a caminho de tirar a minha mãe da cidade, porque não queria que eles a usassem contra mim quando eu estivesse fora... — Respirei fundo.

— Tome seu tempo, querido — falou com tom tranquilo.

Era doído me lembrar daquela noite, ainda era como se me torturassem. Todavia, ainda preferia aquela dor a ter que lidar com a perda do Cobra.

— Sim, irmão, seja o que for, nós estaremos sempre do seu lado. — Bax apertou meu ombro.

Expirei e assenti.

— Fui emboscado por homens com metralhadoras. Só tive tempo de ligar para o Cobra, mas não foi para pedir ajuda, mas para pedir que ele ajudasse Jason e Taby. Se soubesse que ele ia arrumar um jeito de ir me resgatar, eu jamais teria feito aquela ligação, que ocasionou a sua morte. — A culpa me consumia como erva-daninha. — Juro que não teria.

— Eu sei que sim, filho, mas, como eu disse: meu Charles o tinha como um filho, e, por eles, nós enfrentamos tudo, até a morte. — Ela sorriu de leve. — Não é assim que pensa de Vitor? O que faria por ele?

— Tudo. Entendo agora, acho que ter Vitor ajudou um pouco a acabar com a culpa, só era difícil ir até Austin, onde tive vários momentos ao lado dele. — A cada segundo, eu olhava a máquina que monitorava os batimentos cardíacos de Evelyn.

— Charles teria aprovado o homem que você se tornou, assim como as coisas que tem e o que faz. — Eu sabia que ela tinha razão; Cobra amaria meu filho e Evelyn.

— Ele teria, não é? — Sorri levemente.

— Sim. — Vi a felicidade em seus olhos, depois ela suspirou. — Às vezes, Dom, nós, mulheres, temos que lidar com coisas que nos afligem e nos atormentam, mesmo assim estamos sempre ao lado dos nossos maridos. — Mama apertou minha mão. — Somos o seu suporte. Eu

era assim para Charles, sua rocha e força. Enfrentamos muitas coisas juntos. É assim com vocês dois também.

Conhecer Evelyn mudou tudo em mim, minha vida, a minha forma de pensar e até de agir. Sua alegria e inocência me fascinaram, então caí de joelhos e sabia que seria um homem domado a partir do momento em que a beijei pela primeira vez.



Capítulo 10

Evelyn

Abri meus olhos e me deparei com um teto branco parecido com o de um hospital. Eu estava em um? Então eu tinha sobrevivido? E o Vitor, onde ele estava?

Virei a cabeça em direção ao som baixo que eu estava ouvindo não muito longe, então vi um embrulho de pano esperneando e chorando no bercinho ao lado da cama em que eu estava. Porém, antes de eu dizer alguma coisa, Dom, que parecia estar cochilando, correu para ele e o pegou nos braços.

— Ei, meninão, como está? — Levantou-o perto de seu rosto. — Desculpe, o papai dormiu mais do que deveria.

Assim que estava nos braços de Dom, ele parou de chorar. Era uma visão que eu queria congelar, porque nunca tinha visto nada mais lindo no mundo.

— Calou-se, não é? — o amor e o júbilo eram evidentes na voz dele. — Espero que eu não esteja colocando manha em você, ou sua mãe, quando acordar, vai chutar meu traseiro.

— Não deveria estar xingando na frente de uma criança — foi o que tentei dizer, mas algo na minha garganta atrapalhava. Vi um cateter ali, e ele estava no meu nariz. Eu estava respirando através daquilo?

A cabeça de Dominic virou na minha direção, e seus olhos se arregalaram.

— Oh, Deus, Evelyn! — clamou ansioso e veio até mim, beijando minha testa. — Estou tão aliviado por você ter acordado! Foram dias perturbadores...

Ele apertou uma campainha.

— Avise ao médico que minha esposa acordou — disse “esposa” como se fosse sua palavra preferida no mundo.

Tentei falar que sentia muito por tê-lo deixado preocupado. Vi a mancha escura e funda abaixo de seus olhos, deixando nítido que era decorrente de noites mal dormidas. Ele parecia estar cansado.

O médico apareceu e me examinou, depois tirou o cateter do meu nariz, deixando só o soro no meu braço. Fiz uma bateria de exames que constataram que estava tudo bem comigo. Tirando a pancada na cabeça que eu tinha levado e a fratura em algumas costelas, eu ficaria boa.

— Posso segurar meu filho? — Estava louca para tê-lo nos meus braços e sentir seu cheiro de bebê como sempre sonhei desde que engravidei.

O doutor de meia-idade sorriu.

— Sim, mas evite pegar peso, pois as suas costelas ainda estão machucadas — disse e saiu, deixando-me sozinha com as duas pessoas que mais amava na vida.

— O médico tem razão. Precisar ficar boa logo.

Tentei me sentar e me escorar na cabeceira da cama, mas doeu, e comecei a respirar de modo irregular.

— Me deixe ajudar você. — Ele colocou o Vitor na outra cama, o que o fez chorar mais. — Vou ajudar a mamãe, já pego você.

— Me deixa pegar ele — pedi, não gostando de ouvir seu choro.

— Nosso filho vai ficar bem. — Dom me ajudou, colocando travesseiros nas minhas costas, o que me possibilitou ficar um pouco sentada.

— Obrigada, não suporto vê-lo chorando. — Alisei o rostinho de porcelana do meu filho assim que Dom o entregou para mim, tão pequeno e frágil. Eu queria embalá-lo e guardá-lo como uma joia preciosa.

Olhos da cor dos do pai me encaravam; eles eram tão brilhantes que meu peito se aqueceu.

Beijei-o na testa. Não pude evitar as lágrimas que estavam descendo pelas minhas bochechas.

— Não chore, linda — disse Dom.

— Estou tão feliz por conhecer o rostinho dele. — Sorri. — Tão lindo.

— Os cabelos dele são iguais aos seus. — Sorriu com carinho para mim.

— Estive com tanto medo de perdê-lo. — Expirei, não conseguindo acreditar que estava com Vitor nos meus braços, onde ficaria para sempre.

— Também tive muito medo de perder você. A forma como a vi sangrando nos braços de Michael quase me matou — sua voz falhou no final.

Encolhi-me.

— Lamento por isso, não queria que sofresse — sussurrei, encolhida.

— Agora está aqui comigo e não sairá do meu lado um minuto sequer — jurou.

Sorri, e Vitor começou a chorar de novo.

— Será que posso dar de mamar? — sondei, não gostando de ver meu bebê faminto. — Acho que ele está com fome, ainda mais se puxou a você nisso.

— Vou perguntar ao doutor e já volto. Max está na porta, então fique tranquila. — Saiu do quarto após me dar um beijo leve nos lábios.

— Sonhei tanto com você, meu amor. — Vitor estava deitado na cama entre meus braços. — Você é tão lindo como seu pai — falei, admirada.

— Não acredito que seja possível, não há ninguém mais linda que você. Ele se parece com a mãe — falou Dom, entrando no quarto com um sorriso lindo. — A enfermeira disse que pode dar de mamar ao nosso garoto.

Tentei abaixar a alça do vestido, mas a mão que estava com o soro me incomodou um pouco.

— Deixe-me ajudá-la a descobrir meus bebês — disse Dom com um sorriso. — Vou te emprestar eles por enquanto, filho, mas depois eles voltarão a ser meus de novo.

Revirei os olhos.

— Não acredito que estamos aqui e com nosso filho. — Ele sugava com tanta fome. — Promete que nada vai acontecer a ele? Não suportaria que fosse machucado.

Dominic chegou mais perto e tocou meu rosto, encarando-me intensamente.

— Juro que ninguém nunca mais irá chegar perto de vocês dois — jurou, depois alisou

meu rosto. — Vou matá-lo, Evelyn, assim que eu o pegar.

— Sabe sobre o Ash? — Pisquei. Não queria que ele matasse alguém, mas aquele moleque merecia.

A sombra escura estava em seu rosto.

— Ash fez isso com você, eu vi pelas câmeras — tinha algo sombrio na sua voz, e isso não ajudaria em nada para trazê-lo à luz. — Ele lhe contou os motivos por estar querendo se vingar, né?

Jurei que nunca mentiria para ele, e não o faria. Se aquele moleque atrevido e desumano tinha sido capaz de machucar uma mulher grávida, então seria capaz de tudo. No entanto, decidi falar do pai do Dom primeiro; depois falaria sobre Ash.

— Então sabe que seu pai chegou lá e queria falar com você? Ele disse que estava arrependido e que sentia muito por tê-lo feito sofrer.

— A única coisa que ele quer são os malditos diamantes que estão em meu poder — grunhiu. — Eu os guardei quando ele foi preso. Sabia que isso poderia trazer problemas um dia, então os escondi como moeda de troca. Agora ele só voltou por isso.

— Houve tiros enquanto estávamos conversando. — Olhei para ele. — Seu pai me protegeu, Dom; não parecia haver mentira ali. — Encolhi-me por dentro — Como ele está?

Dominic suspirou.

— Bem. O tiro não acertou nenhum órgão vital, ele vai ficar bem. — Trincou os dentes. — Embora merecesse coisa pior.

— Não fale isso, porque ele é seu pai e realmente se importa com você — comentei, colocando o Vitor para arrotar. Tive que aprender sobre gravidez, e amei os livros que li, que foram bem educativos. — Teria ficado protegida se não fosse por Ash. Ele sabia sobre o quarto do pânico e por isso foi lá.

— Um erro que não vou cometer de novo, isso é um juramento que vou manter — a verdade estava em cada palavra que disse. — Só vou confiar a sua segurança e a de Vitor a quem conheço.

— Não foi culpa sua, mas de Ash. Ele enganou a todos nós, fez você confiar nele para se vingar.

Eu não era sedenta por vingança; tinha visto o que isso fizera com meu irmão alguns anos antes, o que ele devia ter feito apenas para chegar ao homem que matou nossos pais. Entretanto, até seria capaz de cometer, se fosse alguém que eu odiasse fácil, como o Lorenzo, que já tinha morrido. Eu sabia que não era bom desejar a morte dos outros, mas esse mereceu.

— Eu devia ter pesquisado mais a fundo sobre ele, e nada disso teria acontecido.

Eu não gostava de ver a culpa nele, porque aquilo prejudicaria ainda mais sua falta de sono. Não gostava de vê-lo atormentado.

— Não vamos pensar nisso agora, apenas nesse momento, com nosso filho. Mas uma coisa eu quero dizer, Dom: não é culpa sua. Eu sei que eliminou o pai dele a mando do Black. Sei que não justifica nada, apesar de eu ter certeza de que você jamais machucaria um inocente. Você provou isso quando deixou o menino vivo. Não importa se o moleque veio para tentar me levar com ele por vingança. — Peguei sua mão e a apertei.

Ele sacudiu a cabeça, não acreditando em mim. Isso já estava me dando raiva.

— Vamos abrir o jogo, Dom, não quero que isso o aflija como está acontecendo. Você precisa confiar em mim. Não gosto de ver essa expressão de martírio em seu rosto. — Levantei ambas as nossas mãos unidas e toquei o rosto de Vitor. — Hoje nós o temos na nossa vida e o amamos.

O amor e a adoração eram evidentes nos seus olhos para com nosso filho.

— Quando eu era criança, antes de saber o que meu pai fazia, ele era tudo para mim, meu herói. Passei a ouvir as brigas entre ele e minha mãe, e isso foi me distanciando com o tempo, até o dia em que ele foi preso, nos deixando. Então eu soube o que fazia da sua vida, porque nos deixava sozinhos, porque minha mãe tinha que trabalhar dia e noite só para que eu tivesse uma vida boa e estável. — Expirou.

Deixei que tomasse seu tempo, assim ele me contaria tudo, toda a aflição presa dentro dele, entalada havia anos.

— Nesse meio tempo, alguns caras foram a minha casa à procura de algo que meu pai tinha levado. Mamãe e eu estávamos jantando, era o nosso dia de Ação de Graças. Então dá para imaginar o que sentimos ao ver aqueles homens destruindo nossa casa para ter o que Elizeu roubou deles? — aço era evidente na sua voz, mas também havia dor. — Mamãe chorava, e eu não podia fazer nada, já que era só um menino assustado e não podia lutar. Não encontraram nada e foram embora. Entretanto, eu conhecia meu pai; já o tinha visualizado em alguns dos seus esconderijos... Foi quando eu descobri sobre as drogas. Viver daquela maneira não era vida, então o denunciei à polícia e entreguei alguns dos pontos dele. Foi quando ele foi preso.

Arregalei os olhos.

— Você denunciou seu pai? — perguntei, ultrajada. — Desculpe, eu só queria entender o porquê.

— Já estava cansado daquela vida. Para minha mãe não sofrer mais, eu o denunciei, mas escondi os diamantes que tinha achado antes de dizer à polícia. Devo mencionar que pensei em vendê-los para sairmos daquela vida. Então contei ao Cobra sobre eles, e ele me ensinou que fugir não era o certo, mas sim enfrentar os problemas e que eu não podia usar aqueles diamantes, ou seria como meu pai. — Ele riu amargo. — No final, eu me tornei igualzinho a Elizeu, até pior, pois matei pessoas.

— Dom... — Eu queria poder tranquilizá-lo, mas o que diria a ele? Dominic tinha feito bastante coisa errada, mas eu jamais iria julgá-lo por qualquer uma delas.

— Não precisa tentar amenizar nada do que eu fiz, porque tenho consciência de tudo. Só não fui mais fundo porque Cobra me ajudou a não cair, ou eu teria me tornado um viciado e assassino. Por anos, eu consegui me manter limpo, então ele morreu para me salvar. Isso desencadeou algo em mim, não consegui mais ficar em Austin, além disso precisava ajudar o Jason, que na época estava destruído por Tabitta ter partido, aliás, outra coisa que era culpa minha, além da morte do cara que eu considerava um pai.

Franzi a testa.

— Você salvou o Jason, Dom. Era melhor que ele sofresse a ser morto, não acha? —

Embora eu entendesse a dor de Jason. Se eu perdesse o Dom... perderia tudo.

Ele me deu um sorriso triste.

— Pensei nisso durante anos, era uma maneira de não sentir mais culpa, no entanto, agora acredito que eu estava tentando deixar meus amigos a salvo porque, de alguma forma, não consegui salvar o Cobra. Não queria passar por aquilo de novo. — Respirou fundo. — Mas, conforme o tempo passava, a culpa ia aumentando pelo fato de eu não dizer nada ao Jason. Então deixei a faculdade, onde estudávamos, e fui à procura de Tabitta...

— Você não a encontrou, não é? Porque os dois só se reencontraram há alguns anos. — Tabitta era uma agente do FBI. Ela colocou o pai na cadeia, o mesmo cara que a forçou a deixar o homem que amava. No final, soube que foi morto.

— Não a princípio. No caminho, quando eu estava me perdendo, conheci o Curt. Ele me deu um significado de irmandade e me apresentou o clube. Com eles, eu estava em casa de novo, como me sentia com o Cobra. Mesmo com tudo isso, eu continuei à procura de Taby, e depois veio Bryan. Não podia simplesmente deixá-lo nas mãos daqueles homens. — Levantou-se e foi olhar pela janela. — O pai de Scott era um maldito, ficou devendo para Black, um ser da pior espécie, hoje morto. Scott tinha que eliminar algumas pessoas para poder pagar a dívida, mas ele não conseguiu completar o serviço, porque um dos homens em questão era honesto e inocente.

— Então você fez por ele...

— Não, eu também não mataria um inocente. Scott salvou a Emília, que tinha sido dada ao Black como forma de pagamento. Vi a forma como ele quis protegê-la e que não pretendia deixá-la sozinha, porque na época ela ainda era menor de idade e estava grávida de Emma. Então o ajudei a se esconder de Black. Teria matado o cara, mas seguia ordens de Berry e não podia ir contra ele, já que os dois eram aliados na época. — Virou-se para mim, mas seus olhos estavam inalcançáveis como um abismo.

— Dom...

— Achei que, conforme o tempo fosse passando, Black se cansaria de procurar Bryan, mas, uma noite, eu soube de uma conversa dele que dizia que Bryan Scott tinha voltado a

trabalhar para a polícia e que usaria disso para pegar meu amigo. Eu vigiava o Black constantemente para não ser pego de surpresa. — Sentou-se na cadeira de novo, não a que estava perto de mim, mas a outra, perto da porta. Isso me causou um aperto no peito. — Liguei para o Black e propus que terminaria o que Scott não terminou, contanto que, logo depois, ele estivesse livre. Não liguei por aquele desgraçado ter zoado e cuspido dizendo que eu era fraco, isso seria minha ruína. De certa forma foi... — a dor e o tormento eram evidentes ali. Queria poder ajudá-lo, mas como?

— Fui contratado para matar um chefe de cartel, um assassino que dirigia redes de tráfico infantil e de órgãos. Não me senti culpado por eliminar uma escória dessas, mas o que eu não sabia era que o filho desse homem estava com ele no dia... Depois que o matei, eu vi o garoto no final do corredor. Achei que ele fosse atirar em mim, até levantei a arma na direção dele, mas seus olhos não eram de assassino, e não estava armado. Ele correu para o pai, gritando e chorando. Depois disso, eu fui embora sem olhar para trás.

— Não reconheceu o Ash quando ele veio para o clube? Ele não deveria ter mudado tanto em tão poucos anos.

— O garoto que vi era diferente do Alfonso, esse é o verdadeiro nome dele. Mas o pior veio depois. Antes de sair do México, eu ouvi dizer que a esposa de Juarez tinha se matado após saber que o marido estava morto... — Ele veio até mim e pegou minha mão e a de Vitor, que dormia. — Isso me atormentou por anos, e agora esse problema afetou vocês dois, as únicas pessoas, além de minha mãe, que eu não queria no meio disso.

— Não pode se culpar pela esposa dele, e o homem era um assassino, você fez bem o matando, só lamento que tenha feito isso na frente de Ash, ou Alfonso — murmurei. — Espero que superemos e que nada nos atinja. O que vai fazer com ele? Vai matá-lo? Seja o que for fazer, eu estarei do seu lado.

— Não sei ainda, mas ele vai pagar por ter tocado em você. — Alisou minha bochecha onde Ash tinha batido. — Por culpa dele, eu quase perdi vocês dois.

— Mas não perdeu, nós estaremos sempre aqui com você. — Tentei beijá-lo, mas ofeguei

com a dor nas costelas.

— Ei, está sentindo dor? Não se mexa, que vou chamar o médico — falou, preocupado.

— Não! Só fique aqui ao meu lado. A dor vai passar logo, é só eu me lembrar de não me mexer. Eu queria beijá-lo para agradecer por ter voltado a você. — Respirei compassadamente até aliviar a dor.

Ele se abaixou com os lábios perto dos meus.

— Quando quiser meus beijos, é só me pedir. — Beijou-me de leve. — Amo você com a minha vida, Evelyn. Só de imaginá-lo indo até...

— Confio a você a minha vida e a de Vitor. Você jamais deixará acontecer nada com a gente.

— Não mereço sua confiança. Agora não tenho mais nenhum segredo, e daqui por diante não terei mais nenhum. Não acho que um relacionamento seja feliz por completo à base de mentiras e segredos.

— Por isso nunca pediu que eu me casasse com você? — sondei, curiosa.

Ele afastou o rosto, mas continuou tocando no meu.

— Lamento por não lhe ter dito antes. Às vezes eu queria dizer, mas temia que a perdesse.

Sacudi a cabeça.

— Dom, eu já vi o pior de você quando matou aquele homem que atacou quando vínhamos da sua casa, depois no cativeiro, ao resgatar as meninas que estavam presas. Em nenhum desses momentos, você me fez ficar longe. Você ainda é você e não machuca inocentes para ter o que quer.

— Não justifica o que fiz. De qualquer forma, eu queria dizer antes de nos casarmos. Estava pensando em fazer isso, então vieram Vitor e as complicações. Esperei para dizer depois que ficasse boa. — Beijou minhas pálpebras. — Sei que não é o lugar mais romântico, mas é o mais feliz, porque estou com vocês dois. Evelyn, a mulher mais corajosa que conheci, guerreira e amorosa, também fiel a todos, aceita ser minha esposa? Prometo amá-la e respeitá-la todos os dias da minha vida.

Sempre sonhei em ouvir aquelas palavras saindo da sua boca. Sabia que ele estava pedindo porque queria e não porque quase me perdeu.

— Aceito com toda certeza. — Eu queria gritar aos quatro cantos do mundo que aquele homem era meu. — Vai vestir um terno no dia? Porque vou adorar vê-lo com um, te achei lindo no casamento da Mary e da Isabelle.

Ele riu, beijando minha testa.

— Por você, eu me casaria até pelado — disse entre risadas.

— Isso não é algo que eu gostaria de ver — pronunciou uma voz à porta.

Meu irmão estava ali, de pé e com os olhos fundos. Ele também parecia não ter dormido bem nos últimos tempos.

— Michael! — Minha garganta se fechou. — Sinto muito por ter se preocupado comigo.

Dom se levantou e olhou para mim.

— Vou esperar ali fora, qualquer coisa é só me chamar. — Esquadrinhou minha bochecha e a de Vitor e saiu.

— Ele adora você — não parecia uma pergunta, mas respondi mesmo assim:

— Sim.

— Como está se sentindo? — Sentou-se perto de mim e pegou minha mão.

— Estou bem agora, embora ainda sinta dores nas costelas e na minha cabeça.

— Não sabe o medo que senti ao vê-la lá desmaiada e sangrando... — Ele se encolheu. — Achei que a tivesse perdido, tive tão pouco tempo com você.

— Não deixaria você e Dom para trás, e agora, Vitor — declarei. — Vou estar para sempre ao seu lado.

— Vou proteger vocês dois, assim como Shadow — jurou, beijando a minha testa.

— Eu sei — afirmei e sorri, não querendo pensar mais nos problemas, só em meu casamento. — Amo você, Michael, e quero que me leve ao altar.

— Levarei, sim, e terei a maior honra em fazer isso. — Sorriu. — Também amo você.



Capítulo 11

Dominic

Duas semanas depois.

— Nenhuma notícia de Alfonso ainda? — O desgraçado tinha desaparecido nas últimas semanas. Estávamos procurando por ele sem êxito.

— Nenhuma, Shadow, o cara sumiu. Pedi a Miguel para checar se soube de algo no México. De repente ele pode ter voltado para os seus. Mas ninguém o viu, parece que ainda está aqui, nos Estados Unidos — disse Daemon.

— Em um país com quase 350 milhões de habitantes, vai ser difícil achar um cara. — Suspirei. — Apesar de não ser impossível, porque tenho o melhor rastreador que conheço. Daemon, você é o melhor. Sei que tem família, mas preciso de você para localizá-lo, ou não terei sossego com o medo de que ele chegue perto de Evelyn e de Vitor de novo.

— Estarei nisso, chefe, vou sair hoje mesmo para encontrar o bastardo — disse e franziu a testa. — Quando eu o encontrar, é para matá-lo?

Sacudi a cabeça.

— Não, você o traz para mim, pois quero acertar as contas com ele pessoalmente.

— Posso ir com Daemon para ajudar a encontrar o filho da puta — ofereceu Kill, com aço nos olhos.

— Não, você vai tomar conta de Evelyn e Vitor, porque vou para Austin com Elizeu e sei que minha garota e meu filho vão estar seguros em suas mãos. — Só confiava os dois a ele. Claro que confiava nos outros irmãos, mas Kill faria mais, porque ela era seu sangue, sua irmã.

— Por que não deixa que ele vá sozinho para enfrentar o que procurou? — indagou Max.

— Não posso, minha mãe me pediu para ajudá-lo e que eu não o deixasse ser morto. Ela ainda se preocupa com o desgraçado — grunhi.

Sim, ela se preocupava, mesmo depois de tudo que ele nos fez, de ter nos abandonado e mexido com coisas erradas... mas, nesse ponto, eu não o julgava, afinal também tinha feito isso e ainda tinha alguns negócios ilegais, apesar de que jamais deixaria minha mulher e filho caso fosse preso.

— Nasx vai cuidar do clube e de todos. Quem ficar, irá ajudá-lo — informei.

— Você não pode ir sozinho. Pelo que soube, os homens que querem seu pai ainda são bem poderosos naquela região. — Kill tinha razão quanto a isso.

— Eu sei, e não vou sozinho, Axel e Bax vão comigo, além de alguns dos irmãos da Serpente. Vamos ficar bem. Se eu não estivesse coberto, minha mãe não teria me deixado ir; ela sabe que sei me cuidar. — Agradecia a Scott por ter dado uma pausa no serviço para o qual precisava do Axel.

Elizeu ficou preso por muitos anos, mas eu não tinha certeza se ele sabia se defender, sequer sabia como sobreviveu na cadeia por todos aqueles anos. Até os mais fortes saíam quebrados de uma prisão.

Na verdade, minha mãe não queria que eu fosse ao Texas, aliás, que nenhum de nós fosse, mas não tínhamos escolha. Logo eu me casaria e não queria pensar no passado nem ter receio e medo de que os inimigos de Elizeu viessem me confrontar e estragar meu futuro. Antes que viessem até mim, eu iria até eles.

— Faz dias que não vejo o Axel, soube que ele está no México. Será que foi investigar algo sobre o Alfonso? — sondou Noah.

Noah tinha sido convocado para a reunião, assim como todos. Os prospectos nem sempre eram convocados, mas, naquele momento, eu precisava de todos. Noah tinha uma amizade com Axel diferente da que tinha com os outros. Eu não me importava que fossem amigos, porque ter a amizade do Axel era quase impossível. O homem era fechado, não se abria com ninguém.

Entretanto, eu via a forma como reagia a Hadassa.

Assim, quando tudo se resolvesse, eu teria uma conversa com os três, Hadassa, Axel e Noah, porque ele sabia de tudo e estava ajudando os dois fosse lá no que estivesse acontecendo.

Axel nem devia fazer parte do clube. Ele era um cara que não apreciava seguir ordens, eu o considerava um macho-alfa, pois gostava de controle, mas sabia que a razão por estar ali e aceitar tudo que eu mandava era por Isabelle; aquele cara venerava o chão que a irmã pisava, e agora, o de Hadassa também.

— Ele logo estará aqui, e não estava investigando nada para mim, e sim para alguém que não posso dizer, mesmo confiando em vocês. — Recostei-me na cadeira.

Axel era leal em serviço e a nós, mesmo que o tenhamos recebido com certo desprazer por um longo tempo por causa do que fez com Kill e Isabelle, mas ele fez seu caminho até conseguir nossa confiança. Eu enfim entendia por que ele tinha feito aquilo. Eu também fiz besteira para poder deixar meus amigos protegidos. Se fosse com irmãos de sangue, então...

— Agora chame o Elizeu, pois preciso ter uma palavra com ele antes de irmos — pedi ao Tripper.

— Sim, chefe, eu já vou buscá-lo — disse e saiu.

Peguei a sacolinha de veludo que guardava os diamantes e a coloquei sobre a mesa, aberta, com a pepita de ouro ao lado.

Max assoviou.

— Quanto será que custa tudo isso?

— Não avaliei, mas, pelo que ouvi dizer, mais de quinhentos mil dólares. — Despejei as pedras na mesa.

— O que não entendo é por que eles nunca vieram procurar toda essa grana enquanto seu pai estava na cadeia. Não era para ele estar vivo. — Logan estreitou os olhos. — Sei que ele é seu pai, mas isso podia ter acontecido.

— Penso coisa pior dele, não se preocupe — falei.

Tripper entrou na igreja com Elizeu logo atrás.

Olhei para aquele homem com idade já avançada. A cadeia havia acabado com ele durante todos aqueles anos. Tinha algo de diferente nele, notei da última vez que o vi.

— Aqui, chefe. — Tripper apontou para Elizeu. — Sente-se naquela cadeira ali.

Elizeu não reclamou, apenas se sentou, mas sem tirar os olhos de mim. Depois piscou ao ver os diamantes ali.

— Sempre soube que estavam com você. A polícia não descobriu onde estavam. Mas não entendo. Por que não entregou a ela? Eu teria pegado mais anos na cadeia — ele falou de modo neutro, mas vi confusão em seu olhar.

— Você ficou preso por quase 17 anos e ainda queria mais? — retruquei e guardei tudo na sacolinha. Só queria ver se sua ganância se revelaria ao ver as pedras, mas não notei nada de estranho nele, nenhuma chama nos olhos. Talvez ele só quisesse devolvê-las aos donos.

— Saí da cadeia há cinco meses, Dominic, mas não pude vir aqui, pois não queria atrapalhar sua vida. Só queria protegê-lo.

— Cinco meses? — rosnei com os punhos cerrados. — Mas como, se eu apenas soube que tinha saído há algumas semanas? E o que quis dizer com me proteger? Pareço precisar da sua proteção?

— Um amigo meu, que fiz na polícia, me ajudou a cobrir meus rastros para que ninguém soubesse que fui solto. Fiz um acordo ao entregar alguns bandidos, então fiquei no programa de proteção à testemunha. Fugi para pegar os diamantes, pois preciso entregá-los à polícia, assim como as provas que estão com eles. Sei que Ray está preso, mas seus homens estão soltos e podem aparecer aqui atrás de você. A sua família corre perigo.

— Não entendo. Já era para terem descoberto que estou com os diamantes.

— Não contei a ninguém sobre minhas suspeitas, mesmo quando fui torturado na prisão alguns anos atrás. — Suspirou, parecendo triste.

— Torturado? — Algo apertou meu peito, quase me deixando sem ar.

— Não podia me aproximar de você ou enviar uma carta, porque eles poderiam interceptá-la e virem até aqui. Eu não podia correr esse risco. — Ele meneou a cabeça de lado, nunca

deixando meus olhos. — Estou feliz por ter se tornado quem é, Dominic. Cobra fez um ótimo trabalho e te aconselhou a esconder os diamantes.

— Sabe sobre isso? — Lembrei-me de quando encontrei os diamantes. Eu os levei para o Cobra ver, até levei um sermão dele por pensar que eu os tivesse roubado, então comentei que eram do meu pai. Ele me deu duas escolhas na época: entregá-los à polícia dizendo de quem eram; ou guardar as pedras e não as usar, pois eram produtos de um crime, além disso eu podia usá-los caso viessem até mim atrás deles. Se eu escolhesse a primeira opção, isso acrescentaria mais anos de prisão à pena do meu pai, já que, durante o roubo desses diamantes, alguém morreu, então não haveria mais só furto e tráfico na sua tipificação penal, e sim assassinato, embora eu soubesse que não foi meu pai que roubou a joalheria cujo dono foi morto, ele apenas pegou as pedras dos ladrões.

Devo dizer que fui idiota demais por ter guardado os diamantes, mas, no fundo, eu me preocupei com o imbecil; não foi só para ter uma moeda de troca no caso de aquilo vir para cima de mim e da minha família.

— Soube que Cobra morreu. Mas, antes, ele foi me visitar assim que soube que eu não envolveria você no negócio dos diamantes. Então ele me disse que você estava escondendo as pedras apenas para que eu não pegasse mais anos na cadeia — seu tom era triste.

Sacudi a cabeça.

— Por que ele nunca me contou que foi procurar você?

Seu semblante parecia distante.

— Ele não fez por maldade, deve ter tido suas razões. O intuito devia ser protegê-lo... Dominic, ele era e sempre foi o pai que eu nunca fui. Não estou aqui em busca de perdão, porque sei que não mereço tal coisa, mas preciso levar esses diamantes à polícia de Austin. — Expirou. — Só assim você ficará livre. Tenho até amanhã para entregá-los a eles.

— E quanto ao cara para quem você trabalhava? O Ray. Eu não acho que irá aceitar as coisas como estão, ainda mais se souber que entregou os diamantes à polícia. Vai querer matar você. — Eu estava com raiva, não entendia o sentimento de preocupação com aquele cara. Fiquei

de pé, pois estava muito agitado para ficar sentado.

— Não me importo com a minha vida, pois já vivi tempo suficiente, contanto que você e sua família não saiam feridos. Só preciso levar os diamantes e os documentos que mostram a participação de Ray no assalto aos policiais. Sei que Ray está preso, mas isso adicionará vários anos a mais de cadeia para ele, pode até pegar perpétua. — Pegou algo no bolso e o colocou na mesa. Era um pen-drive. — Aqui estão todos os dados que precisam para ele e seus comparsas ficarem o resto da vida na cadeia. Sei que você, Dominic, também tem papéis que comprovam todas as compras de armas e o tráfico de drogas em que Ray participou.

— Então a polícia sabe sobre os diamantes. Por que você saiu mais cedo? Com eles sabendo sobre essas pedras, não era para você ter ficado mais tempo na cadeia? — Apontei para os diamantes e para ele. — Por que não fez um acordo antes? Você poderia ter ficado menos tempo atrás das grades, saído anos mais cedo.

Não o entendia; nenhuma pessoa com uma arma assim nas mãos ficaria preso e não tentaria usá-la como uma moeda de troca para se safar.

Ele sorriu, meio triste.

— Quero partir em paz, deixar vocês livres de tudo e fazer com que Ray fique preso pelo resto da vida, não só ele, mas seus comparsas também.

— Partir em paz? — Noah piscou. — O senhor vai morrer ou algo assim?

Elizeu respirou fundo.

— Descobri há algum tempo que tenho câncer nos pulmões e já em estágio bem avançado. Eu não tenho muito tempo, então só precisamos ir para Austin e resolver isso. Os policiais sabem sobre a doença e confiaram para que eu viesse aqui. O seu amigo ajudou nisso. Aquele agente do FBI, o Bryan, ele disse que podia segurar o acordo e a polícia até amanhã cedo, por isso tenho que ir hoje.

O solavanco em meu peito foi tão alto que eu tinha certeza de que deu para se ouvir do outro lado da sala. Não soube dizer o que senti naquele momento. Eu sempre o havia odiado, então não devia me importar com o que viesse a acontecer com ele.

— Dominic...

— Então você ficou longe durante todos esses anos e só veio porque está morrendo?! — esbravejei e dei um soco na mesa, fazendo com que ela balançasse.

— Dominic, se acalma — pediu Elizeu. — Não é nada disso, me deixa terminar.

Não estava ouvindo mais nada quando saí da sala de reunião e fui embora. Pude ouvir alguém me chamando, mas não liguei; minha cabeça não estava em um bom lugar, sentindo raiva de mim mesmo e do que eu estava sentindo por descobrir a porra da verdade.

Andar de moto aliviava os sentimentos caóticos que borbulhavam em mim, refrescava-me a memória da obscuridade que eu estava sentindo. O meu peito sufocava como se eu estivesse com falta de ar. Contudo, pilotei por horas, e nada fez com que aquele aperto desaparecesse do meu peito. O vazio me sufocava a ponto de eu gemer de dor.

Lembrava-me de uma época em que eu não me importava com Elizeu, em que nada do que ele fizesse ou do que lhe acontecesse me perturbava, mas certamente isso tinha mudado, eu podia sentir. Se bem que, se eu não me importasse com ele antes, teria dado os diamantes aos policiais. A quem eu queria enganar? Não fiz isso porque queria protegê-lo.

Porra! Eu nunca tive cuidado e carinho paternais, não vindos dele, pelo menos. Teve uma época quando eu era criança que sim, mas então vieram as dificuldades e tudo mudou, e mamãe e eu fomos deixados de lado por culpa dele.

A chuva me atrapalhava a enxergar a estrada, e meu telefone tocava sem parar. Mesmo em meio a minha mente nebulosa, eu não podia correr o risco de me machucar por causa da pista molhada, minha garota e meu filho precisavam de mim.

Parei em um posto de gasolina na saída da cidade para atender o telefone. Podia ser a Evelyn, e eu não queria nem a deixaria preocupada comigo. Com certeza já devia saber que eu tinha saído desgovernado como um louco do clube.

— Oi, já estou voltando — falei sem olhar a tela. Não queria estressá-la, então amenizei o tom.

— É bom saber disso. Acho que temos algo inacabado. Vou precisar que venha ao antigo

armazém sozinho, ou essa coisinha chorona aqui vai ter um fim trágico — ouvi a voz de Ash e depois um choro que eu conhecia muito bem.

Uma sensação gelada se apossou de mim, como quando vi Evelyn correndo perigo por causa daquele mesmo desgraçado. Isso não podia estar acontecendo comigo. Vitor tinha que estar bem. Então por que aquele choro? Eu o reconheceria a quilômetros.

— Ash, se o machucar...

— Não sou o Ash, meu nome é Alfonso! — gritou. — Você matou meu pai!

Porra! Eu não podia deixá-lo mais furioso, ou ele poderia usar isso contra mim e machucar meu filho. Precisava saber se Evelyn estava bem e se mais alguém saíra machucado.

— Encontro você lá. Só não encoste um dedo no meu filho — implorei.

— Não chame ninguém, ou seu precioso filho irá pagar as consequências.

— Por favor, não o machuque — supliquei.

— Só um bastardo para fazer você cair de joelhos, e hoje vou vê-lo implorando pela vida — a frieza era evidente na sua voz.

— Onde está minha mulher? — perguntei, tremendo, e não tinha nada a ver com o fato de eu estar todo molhado.

— Me encontre no armazém sozinho, ou vou fazer você chorar lágrimas de sangue. — Desligou, fazendo-me gritar.

Enviei uma mensagem ao Kill explicando o que houve e pedindo para que checasse como estava Evelyn antes de eu ir para o armazém. O filho da puta podia muito bem tê-la pegado de novo, apesar de eu não saber como, já que estava fortemente vigiada. Os dois estavam, na verdade.

O meu coração estava na mão enquanto disparava na direção do local onde Ash estava com meu filho. Ele não podia tocar em Vitor. Eu não podia nem imaginar que ele estivesse machucado, nenhum deles, nem minha mulher nem meu filho.

Fosse como fosse, eu faria qualquer coisa para que nenhum deles fosse ferido ou pior... Não podia nem cogitar a ideia de perdê-los. Não! Eu tinha de acreditar que os dois ainda estavam

bem e que Alfonso se contentaria comigo, em me ferir, e não aos dois.

Estava pronto para salvar a ambos ou morrer tentando.



Capítulo 12

Dominic

Cheguei ao armazém abandonado e cercado de mato na saída de Chicago. Ultrapassei os limites de velocidade, mas não liguei para isso, só torcia para que não sofresse um acidente antes de chegar lá, ou meu garoto poderia...

Nunca imaginei ser pai; amava meu filho e não conseguia imaginar perdê-lo. Precisava dele e da Evelyn na minha vida, minha mulher e filho.

Ao sair de casa pela manhã, eu tinha deixado os dois dormindo. Evelyn estava reluzente com nosso filho. Eu não sabia se Ash tinha pegado ambos ou só o Vitor para me atrair até ali. Não devia tê-los deixado; poderia ter ficado com eles, ou ao menos não ter saído como louco após saber sobre a doença do meu pai. Agora estava ali, ansioso e com um medo que estava acabando comigo.

Assim que desci da moto, reparei em seis carros pretos na entrada e dois homens em cima do telhado com metralhadoras apontadas na minha direção. Sabia que eles não iam atirar, porque Ash queria ter o prazer de me quebrar; tinha certeza disso pelo seu tom de voz mais cedo. Também havia mais homens com armas espalhados em locais estratégicos. Eu não estava armado, não podia correr o risco de ele machucar Vitor e, talvez, Evelyn; ainda não sabia se o maldito a tinha trazido também.

A impotência era uma merda. Eu não gostava de me sentir dessa forma. Acho que foi por isso que nunca deixei ninguém entrar na minha vida em todos aqueles anos até conhecer Evelyn. Não me arrependia, pois conhecê-la foi a melhor coisa da minha vida. Ela me ensinou a amar e a me sentir realizado com a família que me deu, e eu acreditava que ainda me daria mais filhos. E por eles eu era capaz de tudo.

Coloquei meu telefone na moto, assim Kill o rastrearia para poder chegar até onde eu estava. Não liguei para os outros, não queria correr o risco de Ash machucá-los.

Fui ao encontro dos caras, com os punhos cerrados. Ash não estava pensando direito, seu ódio o impedia de pensar com clareza, ou ele não me traria ali, correndo o perigo de ser pego pelos policiais ou pelos meus irmãos. Isso seria bom para mim quando eu colocasse as mãos sobre ele.

— Onde está o meu filho? — Queria matá-los, mas me controlei para não fazer nenhuma besteira.

Eles não responderam, só senti um soco na boca e outro na cabeça, o que me fez cair de joelhos. Grunhi, mas não gritei, pois não queria dar o gostinho ao maldito. Outro soco certeiro deixou tudo escuro.

— Dominic? Acorda, cara — chamou uma voz não muito longe de mim.

Meus olhos se abriram, e eu pisquei, vendo a luz florescente que piscava como se fosse queimar. Já era noite? Quantas horas eu tinha ficado ali? Por que Kill ainda não havia chegado? Devia ter rastreado meu telefone, porque ainda era dia quando fugi, descontrolado.

— Bryan? — Ele estava sem camisa e amarrado com as mãos para cima. Seu peito sangrava bastante devido aos cortes que vi ali. Eu estava na mesma posição, sem camisa e na frente dele. — Oh, merda, eles o pegaram?

Não ouvia barulho de choro de criança em nenhum lugar. Eu tinha sido enganado? Esperava que sim; era melhor do que se fosse verdade.

— Meu filho...

— Eu os ouvi dizendo que enganaram você para trazê-lo aqui. — Isso me tranquilizou. — O choro que ouviu era de uma gravação, assim os ouvi dizer.

Suspirei, aliviado ao ouvir isso, mas não faria nada sem ter certeza.

Alfonso estava de pé na entrada, rindo da dor que estava me infligindo ao brincar com a

vida do meu menino.

— Quero saber do meu filho — grunhi. — Onde ele está? Mentiu só para me trazer aqui?

— Isso é algo com o qual você não deveria se preocupar, mas sim com a sua vida, porque, quando eu terminar com você... vai estar acabado e implorando — ele disse, ficando na minha frente. — Uma coisa que nunca imaginei que fosse possível, mas agradeço que a puta da sua mulher tenha aparecido, pois só assim para fazê-lo ficar de joelhos. — Sorriu e apontou para os seus homens.

— Está com meu filho ou só usou isso para me atrair para cá? — inquiri de novo.

Ash riu com desdém.

— Você colocou uma grande proteção na sua casa, tornando impossível de alguém passar. — Checou-me com o cenho franzido. — Devia ter checado antes de vir até aqui. Eu sabia que não faria isso, pois o amor deixa as pessoas fracas, sem pensar direito. O que foi bom para mim. — Ele foi até uma mesa, pegou um taco de beisebol e me encarou, rindo como uma hiena. — Vi a forma que saiu do clube após descobrir sobre a doença que seu pai tem. Isso caiu como uma luva para mim.

Minha mente não estava clara depois do que descobri acerca de meu pai. Certamente foi o que me impediu de pensar e checar as coisas antes de vir. O medo me consumiu na hora quando soube que tanto Evelyn quanto Vitor poderiam sair feridos.

— Você grampeou o meu clube? — Ele se aproximou de mim. — Seu filho da puta!

Ele bateu na minha barriga com o taco, fazendo-me arfar de dor.

— Foi bom, porque pelo menos isso o trouxe para mim. Estou adorando que esteja aqui, impotente e implorando por perdão.

— Não estou implorando...

Ele sorriu.

— Ainda, mas vai implorar no final.

— Você nos enganou direitinho se infiltrando no meu clube só para chegar até mim. Devia ter seguido sua vida ao invés de pensar em vingança.

— Vida?! — Lançou-se para mim de novo. — Você acabou com ela quando matou meu pai! Por sua culpa minha mãe se matou! Não sente sequer um pouco de culpa?

— A única coisa que lamento é por você ter presenciado tudo e por sua mãe ter feito o que fez. Mas seu pai merecia aquilo; ele era um homem mal, machucava crianças, as estuprava e as vendia no mercado negro — cuspi. — Você devia ter seguido um caminho diferente, mas decidiu seguir os caminhos dele, fazendo o mesmo que ele.

Olhar nos olhos daquele garoto, que eu tinha destruído, e ver sua fúria direcionada a mim, fez-me pensar. Eu poderia culpá-lo? Acreditava que não. Então por que suplicaria por minha vida? Eu merecia aquilo. O bom era saber que meu filho não estava ali; devia ter imaginado que algo assim aconteceria.

— Agora vou fazê-lo pagar pelo que fez a minha família, tudo por culpa desse maldito verme. — Apontou para o Bryan, todo machucado.

Ser preso me fez pensar na última vez que estive em correntes como aquelas, quando fui torturado pelos homens do cartel que queriam a Tabitta. Não gostava de pensar nisso, não por ter sofrido, mas por ter sido a causa da morte de Cobra. Eu não sabia se algum dia superaria aquilo, mas não deixaria que Bryan saísse ainda mais ferido dali por minha causa.

— Fique comigo e deixe o Bryan ir embora. Ele não tem nada a ver com isso — pedi.

— Por culpa dele você matou o meu pai, só para livrar a barra dele com o Black — grunhiu.

— Seu pai era um assassino. — Mexi nas algemas, testando se estavam bem presas; pelo visto, sim. Ele era bom, eu precisava admitir.

— O sujo falando do mal lavado. Você também é um assassino desalmado. — Bateu em mim de novo. Juro que algo estalou nos meus ossos. — Você merece morrer depois de tudo o que fez.

— Está certo, mas nunca toquei em mulheres e crianças como seu pai e você faziam. — Segurei a dor que estava sentindo. — Puxei sua ficha depois de saber o que fez com a minha mulher; seguiu os caminhos do seu pai no mercado negro. Uma decepção, já que me solidarizei

com você em razão da culpa pelo que lhe fiz. Mas então tocou em minha esposa, derrubando-a da escada e quase a fazendo perder nosso filho. Se eu sair daqui, vou matar você.

— Jura? Não tem como sair. Foi um plano bom ter deixado o seu telefone na moto para poder ser rastreado, mas o trouxemos a outro lugar onde ninguém vai achar vocês dois. Vou demorar com cada um de vocês, nos meus termos. Vão implorar, mas não terei misericórdia, assim como você não teve com meu pai.

— Você é louco! — rosnou Bryan. — Dom sente culpa pelo que fez na sua frente, mas conheço pessoas como você! Já era um monstro antes mesmo de qualquer coisa, nasceu assim, um miserável desprezível!

Sua fúria foi ao auge, e ele se lançou para Bryan, atingindo-o com o taco e o deixando desacordado, então foi interrompido pelo seu telefone. Enquanto isso, eu gritava, querendo trazer sua atenção a mim, assim não machucaria meu amigo, embora visse, pelo sorriso de Ash, que ele estava gostando de me ver implorando pelo Bryan.

— Espero que seja importante, pois estou me divertindo muito — respondeu ao telefone e caminhou para uma sala, fechando a porta atrás de si.

— Bryan? — chamei baixinho para não trazer Ash de volta. — Abra seus olhos.

Estava preocupado com ele e sua perda de sangue. Sabia que eu também tinha vários hematomas e sentia que alguns dos meus ossos estavam triturados.

Ele gemeu um pouco e abriu os olhos inchados.

— Dominic? O garoto...

— Eu sei, ele está cheio de ódio por minha causa, por isso o capturou. Lamento por isso. Como conseguiu chegar até você? Pensei que estivesse em uma investigação. — Minha respiração estava fraca.

— Fui emboscado a caminho de casa, depois fui trazido pra cá — murmurou ofegante.

— Daemon vai nos achar. Se estivermos em Chicago, eles vão saber onde. — Assim eu esperava, ou estaríamos fritos. — Lamento por envolver você nisso.

Ele meneou a cabeça de lado, encarando-me.

— Me envolver? Você eliminou o pai dele por minha causa, Dom.

— Sua causa? Tudo isso é culpa do Black; se aquele maldito não estivesse morto, eu acabaria com ele. Mas só matei o pai de Alfonso porque merecia, depois que descobri as coisas que fez.

— Isso mesmo, então não se atormente pelo que o filho dele se tornou, não foi sua culpa, apenas estava na natureza do garoto. — Eu sabia que ele estava dizendo aquilo para me tranquilizar, mas tinha consciência do que eu tinha feito. Na verdade, ninguém podia saber se Ash havia se tornado um monstro por minha culpa ou não. — Juarez mereceu a morte.

— Os dois vão morrer hoje — sibilou Ash entrando no galpão e vindo até mim.

— Apenas acabe com isso. Se pensa que vou implorar, está realmente enganado — sibilei.

Ele sorriu.

— Uma coisa que aprendi em todos esses anos é que você não liga muito para o que acontece com você, mas vai se importar com ele. — Apontou a arma, que tinha pegado nas costas, e a direcionou ao Bryan.

O sangue fugiu do meu rosto, e ofeguei pelo medo. Ignorei a dor que estava sentindo.

— Você me odeia, Alfonso, por isso entrou para o clube, então desconte em mim, seu filho da puta! Adorei atirar em seu pai, um ser miserável que merecia ser queimado vivo! — gritei com fúria, querendo trazer sua atenção para mim. — Você não passa de um verme imundo que bate nos mais fracos, como nas mulheres, seu maldito!

Ele ficou furioso e veio na minha direção com soqueiras nas mãos, então começou a me esmurrar sem controle. Concentrou-se somente em mim, como eu sabia que faria, deixando Bryan em paz.

Não sei dizer quanto tempo durou aquela tortura. Eu estava a ponto de desmaiar e sabia que isso seria o meu fim e o de Bryan. Não podia deixar que ele morresse por minha causa, mas como faria para impedir aquilo?

— Deixe-o e venha até mim! Foi por minha causa que ele matou o desgraçado do seu pai! — gritou Bryan, querendo chamar a atenção para si.

Nós éramos assim, um defendia o outro, porque irmãos são para isso. Por eles, eu faria qualquer coisa, assim como fariam por mim.

Eu já tinha estado na posição de Ash, espancava pessoas. Sabia quando perdia; era assim naquele momento. Só queria ter a chance de ver Evelyn e Vitor mais uma vez antes de morrer.

De repente, ouvi tiros vindos de todos os lados.

— Matem todos que entrarem aqui! — gritou Ash, apontando para mim. — Mas, antes de ir, eu vou matar você!

Ouvi um tiro perto de mim, e Ash caiu no chão, morto. Nasx abateu mais alguns deles e veio para nós. Enquanto ele cuidava de mim, Daemon foi soltar Bryan.

Assim que fui solto, caí para frente, escorando-me em Nasx.

— Porra, cara, você está todo machucado. — Ele olhou de mim para o Bryan. — Vocês dois estão. Eu sinto muito por ter demorado tanto, mas tivemos um imprevisto.

Encarei Ash no chão, e algo em meu peito estava apertado; sabia que ele merecia coisa pior, já que tinha tocado na minha mulher, mas algo me fez sentir mal.

— Lamento por transformar você em um assassino — sussurrei ao cadáver.

O barulho de balas continuava lá fora.

— Sei o que está se passando pela sua cabeça, mas não é culpa sua — falou Bryan.

Assenti e olhei para Nasx.

— Evelyn e Vitor estão bem? Ash disse que estava com ele apenas para me atrair para cá. Lamento que tenha saído daquela forma.

— Eu sei, mas não foi sua culpa. Você passou por muita coisa hoje. E os dois estão bem. Eu disse a Evelyn que você tinha ido para Austin, então ela não sabe de nada — falou Daemon.

— Fez bem, eu estava preocupado com isso. — Expirei, apoiando-me em Nasx.

— Vamos levá-lo a um médico. — Ele me puxou para um carro.

— Preciso estar com Evelyn e Vitor e não com um médico. Quero estar com eles. — Escorei-me no encosto do banco do carro.

— Médico primeiro. Não quer que Evelyn o veja assim, não é? — Bryan apontou. —

Preciso de um também antes de ir para casa. Quero ver Alexia e minha filha.



— Não acredito que estamos vivos. Por um segundo, achei que iríamos morrer — comentou Bryan após sermos medicados.

Ele teve algumas lesões e contusões sérias, assim como eu, o que nos deixaria quebrados por algum tempo.

— Obrigado por tudo. — Apertei a mão de Bryan. — Lamento por ter caído nessa enrascada.

— Irmãos são para isso, e agradeço por você ter aturado boa parte da surra, embora não devesse. — Bryan sorriu e me abraçou. — Se precisar de mim, é só chamar.

— Espero que eu não precise de nada assim por um bom tempo. A única coisa que quero é você no meu casamento com Evelyn.

Assim que fomos tratados, Bryan foi embora para Manhattan. Até insisti que ficasse até o dia seguinte, mas ele queria ver Alexia logo. Eu o entendia, porque queria estar com minha mulher também.

Cheguei a casa e vi que estava tudo escuro lá em cima, mas a sala estava clara. Max e Tripper estavam na frente da propriedade esperando por mim.

Nasx me ajudou a sair do carro.

— Quer que eu o ajude a ir para cima? — perguntou ele.

— Não precisa, vou ficar bem. Todos vocês podem ir agora e descansar um pouco. — Apontei para os três. — Eu vou ficar com minha família.

— Tudo bem, então. Qualquer coisa, telefona. Aqui, os remédios para dor. — Nasx me entregou uma sacolinha de remédios.

Tinha uma faixa na minha barriga e no peito, onde recebi mais golpes de Ash.

Subi as escadas e fui ao quarto, onde Evelyn dormia serenamente. No entanto, Vitor estava acordado ao lado dela, esperneando e murmurando algo.

Abaixei-me na cabeceira da cama, perto da cabeça de Evelyn e dele. Senti uma felicidade e gratidão imensos a quem quer que me ajudara a voltar para minha família.

Beijei sua testa, fazendo Evelyn murmurar em seu sono.

— Te amo demais — declarei.

Ela sorriu, ainda de olhos fechados. Por sorte, estava escuro, além de que ela mal abriu os olhos; não queria ter que narrar o acontecido a ela naquele momento, apenas no dia seguinte, pois estava cansado e dolorido. Também não queria preocupá-la, e, com certeza, ela me obrigaria a ir a um hospital.

— Também te amo. — Suspirou, sonolenta. — Vitor...

— Eu cuido dele, pode dormir um pouco mais.

Vitor tinha tido cólicas alguns dias antes, e isso a deixou sem dormir por várias noites. Eu a ajudava com isso. Ainda bem que ele estava melhor. Peguei-o nos braços, evitando gemer com as pontadas de dor que senti.

— Vamos deixar a mamãe dormir um pouco. — Levei-o para o quarto ao lado daquele em que minha mãe estava dormindo. Ainda bem que minha chegada não a tinha acordado.

Deitei-me na cama e coloquei Vitor ao meu lado. Assim que ele dormisse, eu voltaria para o meu quarto; não queria ficar longe de Evelyn.

— Durma um pouco, filho, papai está acabado — pedi, alisando seu rosto. — Hoje eu tive tanto medo de perder você. Por vocês dois, eu sou capaz de tudo.

Seu aperto era firme no meu dedo, e ele sorriu. Esse era um sorriso que eu queria ver para sempre.



Capítulo 13

Evelyn

Acordei cedo, procurando por Dom e Vitor na cama, mas não vi nenhum dos dois. Sabia que, às vezes, o meu filho acordava, e Dominic saía com ele para me deixar dormir, mas, no final, sempre voltava para a cama.

Já ia descer as escadas à procura dos dois, quando vi a porta do quarto ao lado aberta e o vi deitado na cama com o Vitor ao seu lado. Ele segurava o menino nos braços como se o estivesse protegendo mesmo em seu sono. Foi então que notei que ele tinha uma faixa no peito e abdome e lesões roxas em várias partes do corpo.

Empalideci.

— Oh, meu Deus, Dom! — Arquejei. Parecia que ele tinha levado uma surra.

Seus olhos se abriram, e então ele me encarou e depois ao Vitor, que dormia serenamente.

Corri até ele com o meu coração na mão.

— Pelos Céus, Dom! — Toquei seu rosto, evitando onde havia contusões e cortes.

— Estou bem, meu amor. — Ele se sentou na cama, mas gemeu, segurando a barriga.

— Bem? — Pisquei, incrédula, fazendo minha voz se elevar: — Eu posso ver a dor estampada em seu rosto!

— Shiii, não fale alto, ou vai acordar o Vitor. — Pegou minha mão. — Já passou.

— O que houve? Quem fez isso com você? Juro que, se você falar que mereceu e deixou alguém machucá-lo a esse ponto, vou acabar com esse ser desprezível! — Vê-lo daquela forma, todo machucado, estava acabando comigo. Tudo em mim doía ao vê-lo assim. *O que será que houve?*

— Não chore, meu amor, eu estou bem agora, não se preocupe com isso — tentou me

tranquilizar, mas estava longe de isso acontecer.

— Não tente me deixar calma, só me diz o que houve e quem fez isso com você! Está todo machucado. — Toquei a faixa que estava usando.

Ele suspirou e ficou em silêncio por uns segundos, hesitando, certamente pensando se me diria ou não.

— Desculpe por não ter contado a você ontem, quando cheguei, mas eu estava esgotado e não queria preocupá-la àquela hora da noite. Eu fui preso e torturado pelo Ash.

Arregalei meus olhos. Sabia que ele tentaria nos pegar de novo, mas não imaginei que fosse logo. Aquele desgraçado... Como ousava tocar no meu marido?!

— Ele fez isso com você? — Cerrei meus punhos, louca para socar aquele verme.

— Sim. Eu estava conversando com meu pai no clube sobre ir para Austin, então ele me contou sobre a sua doença... e isso me deixou desnorteado.

— Doença? Que doença? — questionei, chocada. — É por causa da tosse dele? Achei que estivesse gripado.

Ele expirou como se doesse, e não parecia ser apenas dor pelos ferimentos.

— Câncer nos pulmões. Quando descobri, eu fiquei louco e saí enraivecido de lá, foi quando recebi uma ligação de Ash dizendo que estava com Vitor. — Como se fosse instintivo, ele olhou para o nosso filho, checando se estava ali. — Não sei como ainda me importo com o que aconteça com meu pai, já que ele nunca ligou para mim. Por que eu haveria de ligar para sua pessoa? — a dor era evidente na sua voz. Eu queria poder tirá-la, mas não podia.

— Além do fato de você ser humano? Ele é seu pai, Dom, então é normal se preocupar com ele. O que esperava sentir? — Naquele momento eu soube que Dom teria redenção, aliás, sempre soube disso, só ele que não via, mas quem sabe um dia?

— Não sei, mas não esse aperto no peito que parece me sufocar...

— Lamento por isso, querido. Elizeu pode ter sido um idiota no passado, mas parece ser um bom homem hoje. Isso deve contar, não é?

Talvez não naquele momento, mas um dia eu esperava que Dom perdoasse seu pai pelo

que ele tinha feito. Uma coisa eu aprendi: o ódio é uma doença que acaba com quem sente. Por anos, ele sentiu isso, e eu só queria a sua libertação e que, no final, Dominic pudesse ver a luz.

Ele parecia distante, como se sua mente estivesse muito longe. Com certeza estava pensando no pai ou no que houve na noite em que foi espancado.

— Eu sei. — Beijou a minha testa. — Mesmo assim, eu não devia ter saído desgovernado daquele jeito ao saber disso. Ash tinha colocado câmeras no clube e me ligou bem quando eu estava desnorteado. — Abraçou-me forte. — Lamento por isso.

— Tudo bem — tranquilizei-o. — Entendo você por ter feito o que fez. O bom é que estamos bem agora.

Ele se encolheu.

— Tive muito medo de perder vocês dois ontem. — Inspirou fundo. — Não quero me sentir assim nunca mais na minha vida.

Meu peito doeu por notar seu sofrimento, o que ele deveria ter sentido quando foi torturado brutalmente em razão do ódio sem fim daquele moleque.

— E quanto ao Alfonso? Prendeu aquele desgraçado? Se um dia eu o vir, vou acabar com ele. — Cerrei meus punhos. Aquilo não era uma ameaça vã, pois eu teria minha chance com aquele ser desprezível que quase me matara e machucara o Dom.

Riu, meio tristonho.

— Morto...

Pisquei.

— Você? — deduzi pela tristeza em seu tom. Aquilo era justamente o que eu não queria que acontecesse; era mais um motivo para trazer mais escuridão a ele.

— Não — respondeu, deixando-me um pouco aliviada. — Mas isso não muda minha tristeza, mesmo sabendo o que ele fez com você, que quase a matou. — Olhou entre mim e Vitor. — Vocês dois. Sei que todos dizem que ele não virou o que era por minha causa, mas e se, no fundo, foi por minha culpa? Destruí aquele garoto de forma que não mereço perdão.

Meu coração se cortava fundo por sentir a agonia na sua voz, mas o que eu poderia fazer

para mudar isso? Não poderia deixá-lo cair na escuridão mais do que ele já estava; o abismo seria muito profundo para trazê-lo de volta.

Ele não parecia ligar muito para suas feridas, mas sim para a dor que aquilo nos causou e para o que aconteceu com o garoto. Eu gostava dele antes de ter tentado me matar e ver o quanto queria machucar meu homem. Devia ter prestado mais atenção nele enquanto tomava conta de mim. Não era mais a garota ingênua de quando apareci ali, então, se tivesse prestado mais atenção, talvez tivesse conseguido ajudar o Dom um pouco mais.

— Sei que não devia pensar nisso, em como poderia ter evitado tudo, afinal, pensar no passado, que não podemos mudar, é energia desperdiçada. Ash nos fez confiar nele, tanto que o deixei com você, e, no final, veja o que aconteceu... Isso quase a matou. — Sacudiu a cabeça como se fosse para espantar a lembrança. Ele não parecia pensar no que houve consigo, quando foi espancado brutalmente por Alfonso.

— Por que o chama de Ash? Seu nome não é esse — perguntei, curiosa, embora tivesse uma suspeita, mas queria ouvir dele.

— Ash é o garoto que ele poderia ter sido se não fosse essa sua vingança distorcida por minha causa. No fundo, eu o entendo, pois faria a mesma coisa se tivesse perdido você ou o Vitor caso alguém os machucasse. Iria ao inferno buscá-lo. — Suspirou e tocou meu rosto. — Por vocês dois, eu sou capaz de tudo.

— Você precisa parar de se culpar por isso, Dom. — Levantei-me e o puxei para ficar de pé diante de mim. — Você nos deu segurança de novo, para mim e Vitor. Estamos aqui por sua causa. Agora me diz uma coisa...

Ele me avaliou, mas parecia distante.

— O quê?

— Você também viu o Charles sendo morto. Isso foi um trauma difícil de superar, mas, no final, você não se tornou um vilão como Alfonso. Jamais machucaria mulheres e crianças para chegar a alguém, assim como ele fez comigo. Então pare de dizer que tudo isso é culpa sua, porque não é. Estou cansada de ouvir você se culpando. — Puxei-o para o banheiro. — Agora

vamos ver como estão essas feridas.

— Evelyn...

— Não, Dom, nós vamos ter uma vida juntos. Vou me casar com você, e agora temos um filho lindo que amamos e por quem faremos tudo. Então vamos viver o presente e esquecer o passado, pois não podemos mudá-lo.

Tirei a faixa dele e peguei a caixa de primeiros socorros. A região da barriga, peito e costas estava roxa e tinha alguns cortes com pontos vermelhos.

— Logo vamos nos casar, então, por favor, esqueça todo esse assunto, porque não quero ouvir mais você falar disso — informei enquanto trabalhava nele.

— Tudo bem, eu não vou mais falar disso, nem pensar no assunto. Afinal de contas, já acabou — prometeu.

— Também tem o seu pai; você precisa resolver as coisas com ele. Elizeu precisa de você, e sei que é difícil perdoá-lo pelo que fez, mas, se tentar com afinco, eu sei que vai conseguir. Não é só pelo que ele está passando, mas por você também.

Ele riu, o que me fez fitar seus olhos. Tinha um novo brilho ali, parecia orgulho.

— O que foi?

— Você amadureceu bastante, nem parece aquela garota inocente que veio para o clube e estava assustada por tudo. — Tocou meu rosto. — Obrigado, meu amor. Com você ao meu lado, eu me sinto forte.

Sorri.

— Também agradeço por tê-lo conhecido e por me amar incondicionalmente. — Beijei seus lábios, então o Vitor começou a chorar.

Afastei-me sem querer, mas seus olhos tinham um novo brilho; a escuridão parecia estar se dissipando.

— Tome conta do Vitor, acho que ele deve estar com fome. Meu garoto é faminto. — Triscou no meu seio, fazendo-me arrepiar inteira. — Deixa que eu guardo tudo aqui.

Eu tinha colocado a faixa na barriga dele de novo e algumas gazes e esparadrapo em outros

cortes.

— Não está com dor? — Fui até a mesinha do quarto e peguei alguns comprimidos que tinha visto lá, entregando-os a ele. — Tome, isso vai aliviar a dor. Devia estar no hospital, não aqui. Por que não foi?

Sacudiu a cabeça.

— Não, sem hospital. Além disso, eu só tive alguns machucados, nada sério. Vou ficar bem. — Ele tomou os analgésicos e veio atrás de mim rumo ao quarto.

— Você está andando todo duro, aposto que está doendo. Já que não vai ao hospital, poderia ao menos descansar um pouco, hum? Deite-se na cama.

A campainha tocou antes que ele pudesse dizer algo.

— Eu atendo... — comecei a dizer.

Seus olhos esquadrinharam meu corpo com possessividade. Eu estava vestida com um shortinho curto e uma regata.

— Eu abro, e você dê de mamar ao Vitor. E, antes de descer, vista uma roupa composta.

Sorri, sacudindo a cabeça.

— Todos são seus amigos, então não devia ter ciúmes. — Peguei Vitor nos braços e fui para o nosso quarto.

— Pode ser, mas eles são homens — disse atrás de mim e ficou de braços cruzados no batente da porta olhando o Vitor mamar.

— Com fome? — indaguei. Meu corpo estava quente da cabeça aos pés com seu olhar faminto, mas ainda não podíamos fazer amor, muito menos com seus ferimentos.

— De você? Sempre. — Se seu olhar fosse laser, logo eu estaria pegando fogo. A campainha começou a tocar mais frequentemente. — Já vou! — gritou enquanto descia a escada.

— Devia descansar. — Sabia que ele não ouviria, já que era muito teimoso. Ele não ficaria na cama nem amarrado; disso, eu tinha certeza.

Assim que terminei de dar de mamar ao Vitor, troquei-o e vesti uma roupa mais composta, então desci as escadas.

A sala estava cheia de pessoas, meus amigos e minha família.

— Você devia estar descansando — apontou Nasx para Dom. — Suas lesões são bem sérias.

— Olha quem fala, se lembra do tiro que levou? Isso foi pior, e você nem quis ir ao hospital — retrucou Dominic. — Além disso, eu já estive em estado pior do que esse.

— Também falei isso para ele, mas Dom é muito teimoso para ouvir alguma coisa — comentei, indo ficar ao lado dele, que estava sentado no sofá.

Em momentos como aquele, eu agradecia a Deus por ter vindo para o clube e ter conhecido todos eles, amigos fiéis e leais, capazes de fazer tudo não só pelo Dom, mas por mim também. Eu tinha uma família de verdade.

Dominic

Acordei cedo depois de um pesadelo daqueles em que a gente quer acordar, mas não consegue. Nele, tanto eu quanto meu amigo Bryan éramos torturados e quase morríamos. Não era um mero pesadelo; aquilo realmente tinha acontecido. A faixa estava ali como demonstração do que houve, bem como a dor. O bom era que tudo tinha acabado e eu estava com minha família e amigos. Evelyn e Vitor estavam seguros e continuariam assim; eu faria de tudo para que isso acontecesse.

— Onde está minha mãe? — Desde que acordei, eu não a tinha visto em nenhum lugar. Achei que ainda estivesse dormindo, mas ela era a pessoa que acordava mais cedo na casa, sempre foi assim.

Todos na sala se entreolharam, fazendo-me franzir a testa.

— O que foi?

— Elizeu, sua mãe e Axel foram para Austin ontem antes de tudo acontecer — disse Nasx,

sentando-se no sofá na forma de L. — Não queríamos que você soubesse e não dissemos a nenhum deles o que houve com você, pois isso cabe a você decidir se deve contar ou não.

Uma sensação de aperto atingiu meu peito e me impediu de respirar direito, temendo pelo que pudesse acontecer com eles.

— Ele não pode ter ido! — Tentei me levantar depressa e ofeguei com a dor que me atingiu; parecia que meus órgãos e ossos estavam sendo esmagados.

— Fique quieto, Dom — Evelyn pediu, pegando minha mão para me tranquilizar.

— Eles vão ficar bem. Bax conhece um agente do FBI, e ele está ajudando para que tudo dê certo. Seu pai entregou os diamantes e as provas para manter Ray na prisão para sempre, além de alguns comparsas dele — falou Kill.

Meu pai ia entregar os diamantes, correndo o risco de ser preso de novo. Eu não queria isso, ainda mais no caso dele, que estava morrendo em razão de uma doença séria.

— Soube que seu pai ficará em um abrigo para testemunhas até o julgamento de Ray, que será em algumas semanas. — Daemon suspirou. — Sua mãe disse que vai ficar com ele, que não poderá deixá-lo sozinho, o que é bom, já que ela é enfermeira e poderá cuidar dele.

Peguei meu telefone para ligar para ela.

— Sem telefone onde eles estão, até o julgamento — falou Nasx. — Mas ela me pediu para entregar essa carta a você.

Peguei-a e comecei a ler.

Oi, querido.

Eu sei que não devia ter saído sem me despedir, mas, há dois dias, no hospital, eu soube da doença do seu pai; ele desmaiou, e eu o levei. Pelos sintomas, eu soube do que se tratava, mas ele me pediu que não contasse a você até o momento certo.

Sei que o odeia por ter ido embora, mas também ainda o ama. Sei disso; no fundo, você também sabe. Espero que o aceite antes do fim, ou isso lhe trará arrependimentos depois.

Não quero que nada assim aconteça, então, logo que voltarmos, por favor, faça um

esforço e viva seus últimos momentos com ele.

Sei que o ato de eu ir com ele fará você pensar que ainda o amo. Não preciso estar aí com você para saber disso, mas não é assim. Elizeu cometeu seus erros, ele machucou a mim e a você, não fisicamente, mas por dentro, porém, ele se arrependeu. Todos já fizemos algo e, no fim, podemos ser redimidos, é assim que vejo. Ele é um homem doente que precisa da minha ajuda, mas o mais importante é que é o pai do meu filho.

Assim que tudo isso aqui passar, eu vou voltar para você, e espero que Elizeu também venha para que possamos viver juntos esse pouco tempo que temos com ele. Sei que o filho que criei e amo fará um esforço para que isso aconteça.

Te amo, Dominic.

Um abraço da sua mãe.

— Ele queria falar com você e explicar como as coisas de fato ocorreram, mas seu pai tinha um prazo para estar em Austin, ou seria caçado de novo. Então o convenci a ir — disse Nasx. — Aqui. Essa carta é dele.

Eu respirava com dificuldade. Peguei-a e me sentei na varanda, sozinho. Ninguém me seguiu, mas eu podia ouvir todos lá dentro, as crianças brincando.

Olhava a carta com medo do que estava escrito ali. Armei-me de coragem e a li.

Olá, meu filho.

Quando você nasceu, foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Aquele garotinho esperto que mal chorava se tornou um homem maravilhoso, um que luta pelos seus acima de tudo.

Entretanto, eu devo tudo isso ao Cobra, um homem especial e que o amava muito. Sou grato não só por ele ter morrido para salvar sua vida, mas também por tê-lo ensinado e

transformado no que é hoje. Era o pai, o amigo, o irmão e o marido que eu deveria ter sido.

Sei que é tarde para buscar redenção, e não estou pedindo isso a você; só quero que seja feliz com sua esposa e filho. Lamento muito por tudo que fiz a você e a sua mãe. Não digo isso porque estou morrendo, mas sim porque amo você e sempre amei; só era idiota demais para perceber as coisas boas que eu tinha na minha vida: você e Avana.

Não preciso pedir que a proteja assim que eu partir, pois você sempre fez esse papel muito bem. Ela é uma boa mulher, e espero que um dia encontre um homem que lhe dê o seu devido valor, porque ela merece.

Um abraço, meu filho, e saiba que sempre irei te amar.

Eu não sabia se estava respirando direito. O meu coração estava acelerado, porque eu soube que também o amava, mas que aquilo não mudaria nada, pois sua doença não tinha cura.

— Ei, Dom. — Evelyn sentou-se ao meu lado. — Estou aqui com você.

Com ela ali, nos meus braços, eu tinha tudo; ela era a minha rocha e fortaleza, o meu bálsamo, aquela que me trazia para a luz. A escuridão se dissipava quando eu estava com ela.

Abracei-a, agradecendo a Deus por ter alguém como ela na minha vida.



Epílogo

Evelyn

Dois meses depois

— Você está feliz? — perguntei a Irina. Ela tinha descoberto que estava grávida.

— Sim, imensamente. Sonhava com um momento assim. Por causa de sua sugestão de eu parar com o anticoncepcional, tenho o meu bebê a caminho. — Ela estava tão ansiosa para vê-lo nos seus braços, eu podia sentir isso.

— Te falei que Matteo iria aceitar e que ficaria feliz. — Era algo em que eu acreditava, só Irina temia o contrário. — Ele ama você.

Eu estava de frente ao espelho, e Irina mexia nos meus cabelos, ajeitando-os para aquele dia tão especial na minha vida, quando eu me tornaria a senhora Carter.

Tudo estava pronto, e a cerimônia iria acontecer em algumas horas. As meninas do clube ficaram encarregadas dos preparativos: bolo, flores e o lugar onde seria realizado o matrimônio, ali mesmo, no jardim da nossa casa. Irina ficou encarregada do meu cabelo e da maquiagem, assim como do vestido. Ela era linda. Estava usando um vestido salmão e os cabelos soltos, e seus olhos brilhavam.

— Quando eu soube, na semana passada, fugi para Dallas, onde meu irmão, o Alexei, estava. Sei que fui covarde ao não contar ao Matteo na hora. Mas precisava desabafar com meu irmão primeiro. — Ela suspirou.

— O que Alexei respondeu? — sondei. — Você saiu daqui só para contar a ele? Acho que o pai é quem merecia ouvir a notícia primeiro.

— Não. Eu só estava com medo, e Alexei era o mais próximo de mim na hora. Sei que fui boba ao fugir do Matteo só por estar preocupada com sua reação. Fui estúpida, não deveria ter ido, pois assim teria evitado o que aconteceu... — ela estremeceu, e senti o medo em sua voz.

Franzi a testa.

— O que aconteceu?

— Alexei me trouxe de volta. Ele estava disfarçado lá, protegendo uma garota, filha de um mafioso que morreu. — Ela sorriu. — Ainda custo a acreditar que meu irmão se apaixonou por alguém. Ela ultrapassou e derrubou as Muralhas da China que envolviam o coração dele.

Alexei e Nikolai eram irmãos e membros de uma das máfias russas. Nikolai era o chefe deles.

— Soube que ele era mulherengo — comentei —, um homem que nunca pensava em se prender. Mas o Dom era assim também, e aqui estamos nós.

Ela sorriu.

— Verdade. Mas Matteo é diferente, ele até gostava de você antes. Agora estamos apaixonados, somos felizes e temos um bebê a caminho. Não vejo a hora de vê-lo e tocar nele, sentir seu cheiro. — A felicidade estava estampada em seu rosto.

— Fico feliz com isso, Irina. Vai ser uma criança linda, pois vai puxar a vocês dois.

— Verdade, Matteo é o homem mais lindo do mundo — orgulhou-se em dizer.

— Concordo em discordar, pois Dom ganha, mas tudo bem. — Dei um tapinha de leve em sua mão. — Então como resolveu o seu medo de contar ao Matteo? Como foi a reação dele? Aposto que foi de puro êxtase.

— Foi um erro ir à procura de Alexei, porque, no caminho de volta para casa, nós fomos emboscados pelos Rodins, e meu irmão quase foi morto... — sua voz falhou. — Levou um tiro...

Meus olhos se arregalaram. Tinha ouvido Dom dizer que os Rodins faziam parte de uma organização de criminosos cruel e poderosa.

— Ele está bem?

— Agora sim. Eu queria estar ao seu lado, mas Alexei não queria deixar Rayssa sozinha, e

Matteo não me deixa ir até lá, pois há pessoas da máfia e do cartel atrás dela. Mas meu irmão irá protegê-la, ele é bom nisso. Falei com ele hoje e soube que está melhor. — Suspirou. — Mas chega de falar de mim e dos meus problemas. E então, como está seu sogro?

Elizeu tinha estado sob o programa de proteção à testemunha, mas, assim que Ray foi acusado de mais crimes e meu sogro soube que ele não sairia da cadeia tão cedo, ele e minha sogra voltaram para casa algumas semanas antes do casamento. Ele estava morando em uma casa que Dom deu para minha sogra, perto de nós. Ela estava com ele. Sua doença estava cada dia pior, e eu valorizava minha sogra por ficar ao seu lado. Eu ia lá todos os dias.

Dominic também ia visitá-lo algumas vezes. Eu sabia que ele estava lutando para conseguir lidar com tudo. A dor que eu via nos olhos dele sempre que voltava de lá... a sua impotência. Eu queria poder fazer alguma coisa, mas não era capaz, ninguém era.

— Está indo bem na medida do possível. O médico ainda lhe deu alguns meses, no máximo um ano — sussurrei, encolhida. — Avana vai ficar com ele. Aquela mulher é maravilhosa. Mesmo após tudo que passou, ainda está ao seu lado.

— Verdade, ela é uma mulher brilhante. Será que ainda o ama? — Ela parecia curiosa.

— Perguntei uma vez, mas ela disse que não se trata desse tipo de amor, mas de humanidade, que não ia deixá-lo sozinho em um momento assim. Ela é uma enfermeira, queria salvar a todos se assim pudesse.

— Uma alma boa — comentou enquanto terminava de ajeitar meu cabelo, prendendo-o num coque bagunçado com algumas mechas caindo no rosto. — E Shadow, como está reagindo?

— Não sei dizer. Às vezes eu o pego olhando para Elizeu com tristeza. Sei que se importa. O bom é que Dom conversa com ele e tudo mais. Ainda assim, eu sei que tem ressentimento, mas é compreensível, afinal de contas, o pai dele o machucou muito. No fundo, ele ama o pai e queria fazer algo por ele, mas não pode.

Antes que comentássemos algo mais sobre isso, Avana entrou no quarto, muito linda, vestida com um vestido azul-claro. *Seu filho teve a quem puxar*, pensei.

Ela sorriu.

— Chegou a hora de irmos, o seu irmão está esperando lá fora para levá-la. Meu filho está muito impaciente no altar.

Sorri também.

— Claro que ele está. — Irina revirou os olhos. — Agora vamos vestir o vestido de noiva.

Vesti-me com a ajuda da minha amiga e, no imenso espelho, me vi vestida de noiva. O tecido do corpete era rendado na frente dos seios, fazendo um V entre eles, e as costas eram nuas. A parte de baixo caía perfeitamente até o chão parecendo uma calda de sereia. Meus olhos claros estavam brilhantes e ansiosos pelo momento.

— Estou pronta para ir ao encontro da minha felicidade. — Virei-me para as duas. — Vamos, então?

Saímos do quarto, e avistei Michael me esperando do lado de fora, vestido de terno e mexendo na gravata como se quisesse jogá-la longe.

— Você está lindo, meu irmão, deveria se vestir assim mais vezes. — Aproximei-me dele. Seus cabelos compridos estavam presos em um rabo de cavalo. — Ficou lindo de terno.

Fez careta.

— Só uso essa merda por você e por Isy e espero nunca mais usar.

Sacudi a cabeça.

— Ainda tem o casamento de Bella, não se esqueça disso — provoquei-o.

Ele bufou com um olhar mortal. Eu tinha pena do rapaz que quisesse tocar naquela garota; teria que ter muitos colhões para enfrentar meu irmão.

— Você é uma espertinha. Ela não vai se casar tão cedo, é mais provável que nunca — grunhiu e depois suspirou. — Você está linda demais.

— Obrigada. — Não discutiria com ele no meu casamento, mas queria rir do que ele disse sobre a filha.

— Nós vamos na frente e esperamos vocês lá fora — disse Avana.

— Não demore. — Irina me avaliou de cima a baixo. — Está magnifica.

— Obrigada. — Pigarreei, emocionada.

Peguei o braço de Michael.

— Mamãe e papai iriam gostar de presenciar esse momento — ele comentou, suspirando.

Eu não me lembrava muito bem dos meus pais. Era claro que os amava demais, lembrava-me disso, mas não tinha tantas lembranças com eles quanto Michael; fui comprada e mantida em cativeiro pelo filho da puta do Lorenzo muito nova, e meus pais foram assassinados pelo Ramirez. Ambos os criminosos estavam mortos e no inferno – assim eu esperava.

— Tenho saudades deles todo dia. — Inspirei fundo, não querendo chorar, mas senti meus olhos molhados.

Ele me virou para ficar de frente a ele.

— Não chore, hoje é um dia para ser feliz e não o contrário. — Beijou meu rosto.

— Te amo, Michael, e agradeço a Deus por ter te encontrado de novo. — Apertei sua mão. — Bom, e ao Matteo por me trazer até você.

— Também, Evelyn, a minha princesinha linda. — Guiou-me pelo corredor da minha casa.

Descemos a escada e paramos à porta da frente por um instante.

— Está pronta? — sondou.

— Mais do que pronta. — Não me sentia nervosa, só ansiosa para ir logo e ter aquele homem na minha vida por completo.

No jardim, na entrada do corredor coberto por pétalas de flores que lavava ao altar, havia uma guirlanda pendurada no pergolado feito com plantas e flores para proteger os convidados e os noivos do sol forte lá fora.

— U-a-u, elas se superaram mesmo — sussurrei.

Nas cadeiras de um lado estava o pessoal do MC Scorpion e do MC Fênix de Nova Iorque, e nas do outro, os MCs Fênix de Chicago, Matteo, Luca, Bryan com Alexia e Jason com Tabitta, além das crianças. Todos os meus amigos e familiares que amava. Estávamos todos reunidos ali, celebrando aquele momento mágico.

Meu bebê estava nos braços de Isabelle, e eu nunca estive mais feliz do que naquele momento.

Olhei para frente e admirei o homem mais perfeito do mundo. Ele estava de terno escuro combinando com seus olhos verdes brilhantes.

Fiz de tudo para não tropeçar em meus próprios pés devido ao nervosismo que estava sentindo enquanto eu e Michael caminhávamos rumo ao altar.

— Te entrego a minha irmã e não preciso pedir que a proteja. Sei que fará isso muito bem, ou minhas facas terão muita serventia — ameaçou Michael.

Fiz cara feia.

— Ela é a razão de eu respirar — assegurou Dominic com fervor.

Ficamos diante do juiz de paz.

— Estamos aqui diante dos amigos e familiares para o matrimônio dessas duas pessoas que se amam — disse ele. — Repitam as minhas palavras.

— Eu, Evelyn, aceito você, Dominic, como meu esposo. Prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Prometo te amar e te honrar até os últimos dias da minha vida — pronunciei, reiterando os votos do juiz.

Dominic também declamou os mesmos votos, e pude sentir em cada palavra a intensidade das suas promessas.

Então tivemos a liberdade de falar o que estava em nossos corações.

— Sempre achei que não merecia nada de bom da vida, mas, ao conhecer você, Evelyn, a mulher da minha vida, pude entender o que era felicidade. Hoje tenho um motivo para acordar de manhã e voltar para casa à noite. Você me trouxe luz no meio da escuridão que me cercava — proclamou Dom, segurando minha mão. — Uma mulher incrível que não aceita desaforo de ninguém, minha esposa querida e amada e mãe do meu filho, a mulher com quem quero viver e morrer ao lado. Te amo e vou amá-la para sempre.

Meus olhos estavam molhados pela sua declaração.

— Sei que acredita que não tem redenção, mas, após tudo que fez para seus amigos e familiares, eu não acredito nisso. Tem que haver uma luz no final do túnel, um Deus capaz de nos perdoar pelos nossos erros e pecados. Mesmo se não for assim, onde quer que vá, eu irei com

você, eu o seguirei até o final do mundo.

Ele prendeu o fôlego ante minhas palavras e percebi que queria chorar. Eu era mais mole e já estava chorando.

— Sempre achei que viveria em uma gaiola, presa como um passarinho sem poder voar, mas, no final, com a ajuda de um amigo... — virei-me para Matteo, sentado ao lado de Irina, e ele sorriu para mim. Voltei a encarar Dominic. — Bem, ele me levou até você. Depois desse dia, acreditei em destino, um no qual não acreditava mais. Você me trouxe de volta do abismo em que eu estava vivendo. A dor que um dia senti, ao seu lado passou. Hoje sou a pessoa mais feliz desse mundo, pois você me deu amigos e uma família que amo demais, um filho que é a razão da minha existência, assim como você, Dominic, o meu motoqueiro lindo. Te amarei para sempre.

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva — mal ouvi as palavras do juiz de paz.

Pulei nos braços de Dom e o beijei, selando minha vida e minha felicidade.

Tivemos que nos afastar após alguns minutos ao ouvir um pigarro perto de nós, mas havia diversão na voz que se seguiu:

— Não acredito que Dominic foi domado. Sei disso, mas ainda custo a acreditar, muito menos imaginei que fosse por você — brincou Pablo.

Pisquei, vendo-o ali na minha frente. Tinha uma garota loira ao seu lado. Pulei nos braços dele, abraçando-o. Ainda não acreditava que fosse ele ali mesmo, fazia tempo que não tinha notícias suas.

— Pablo! Oh, meu Deus! Não acredito que esteja aqui — sussurrei.

Ele riu.

— Se você não quiser me ver morrer de novo, então acho bom não me abraçar por mais tempo. — A risada que eu costumava ouvir e gostar naqueles momentos sombrios na fazenda Paraíso me emocionou.

Pablo me ajudara muito a aturar a estada naquele lugar macabro. Ele mesmo tinha sofrido muito lá. Era tão bom que ele estivesse ali conosco, prestigiando aquele momento feliz.

Ri, afastando-me.

— Dom sabe que pertenço a ele. — Apertei sua mão. — Te liguei várias vezes, e não atendeu.

— Desculpe, eu estava ocupado demais, agora que tenho um cargo. — Parou de sorrir, e seu semblante ficou triste. — Sei que não é desculpa, mas agora não é o momento para falarmos disso. Eu só desejo que você seja feliz, e ele faz isso muito bem. — Sorriu para o Dom, que colocou o braço a minha volta, apertando-me firme; pude sentir o aviso de macho-alfa ali. *Meu homem ciumento*, pensei.

Não foi só eu que percebi isso; muitos ali sorriram devido a sua reação.

— Sim, eu faço. Você também mandou bem. — Dom sorriu para a loira.

— Essa é Penélope, minha namorada — disse Pablo, parecendo orgulhoso.

Sorri para ela.

— Prazer em conhecê-la. — Peguei sua mão, e ela me cumprimentou também.

— Por favor, fiquem à vontade. Agora vamos, querida — disse Dom, puxando-me para longe de Pablo e me fazendo revirar os olhos.

Joguei meus braços a sua volta e o beijei.

— Sou sua para sempre — declarei.

— Oh, eu sei que sim — afirmou. — Agora vamos nos despedir de todos e aproveitar nossa lua de mel.

Todos os nossos amigos nos desejaram felicidades. Os últimos foram Bryan e Alexia e Jason e Tabitta.

— Seja feliz, meu amigo — disse Bryan. — Você merece muito.

— Obrigado, irmão — agradeceu Dom, e percebi que prendeu um pouco a respiração, então segui seu olhar e vi Elizeu logo atrás de Bryan.

— Eu só queria desejar felicidades aos dois — disse meu sogro e começou a tossir. Eu o via fazendo isso algumas vezes. Estava cobrindo a boca com um pano.

— Você está bem? — perguntei com urgência. — Quer ir a um hospital?

Elizeu controlou a tosse um pouco e forçou um sorriso, mas pude ver que sentia dor.

— Estou bem, criança, não se preocupe comigo. — Olhou entre mim e Dom. — Sejam felizes; os dois merecem.

Avana estava ao seu lado, segurando seu braço.

— Acho melhor ir se sentar um pouco — ela sugeriu.

Elizeu se virou e quase caiu, mas Dominic o segurou firme. Até o momento, ele estava calado. Entretanto, eu via o martírio em seu rosto. Sabia que estava sofrendo pelo pai.

— Vou ajudá-lo a se sentar na varanda. — Dom o guiou para a cadeira e se sentou perto do pai.

Avana parecia emocionada com a cena dos dois juntos. Eu também estava. Esperava que os dois se entendessem antes do... não gostava de pensar em tal palavra, “fim”.

Aquele dia especial era apenas o começo. Enfim estávamos completos. Estávamos casados, e Dom tinha perdoado o pai, ou estava seguindo rumo a isso – assim eu esperava.

Deixei os dois conversarem sozinhos, eles precisavam disso, então aproveitei a festa do meu casamento e minha família. Peguei uma taça de champanhe e a levantei, gritando:

— Um brinde a essa família maravilhosa que Dom me deu! — Bebi o líquido borbulhante, olhando para o meu marido lindo.

Ali estava o meu “para sempre”, como aqueles que cansei de ler nos livros e finalmente estava vivenciando.

Dominic

Sentei-me ao lado de Elizeu na varanda. Sabia que ainda tinha ressentimento dele, mas isso estava passando durante aquelas semanas de convivência.

— Acho que devemos levá-lo ao hospital — comentei. — Está com dor.

Elizeu sorriu.

— Estou bem, não vou morrer hoje, neste dia tão especial para você. — Pegou minha mão, e senti algo nela. — Quero te dar isso; era da minha mãe, que passou para a sua, mas, depois que fui preso e perdi uma mulher maravilhosa, ela deixou de usar.

Abri a mão, e nela tinha uma corrente com um pingente de rubi. Eu tinha uma vaga lembrança da mamãe usando aquele colar em minha infância.

— Não posso culpá-la por não o usar mais. Guardei-o bem quando ela me devolveu, alguns dias antes de eu ser preso. Hoje quero dá-lo a você, filho. Eu sei que você jamais vai pisar na bola ao ponto de fazer Evelyn devolvê-lo. — Ele parecia muito cansado.

— Por que não o vendeu e contratou um advogado? Ou torrou a joia antes de ir preso? Isso aqui vale uma nota — sondei, curioso. Não era uma pedra para se enricar, mas valia bastante.

— Uma parte de mim ainda se preocupava com a família. Eu podia ser egoísta e tudo mais, mas essa joia foi da minha mãe e depois de Avana, a única mulher que amei, então perdi por ser um idiota. — Ele apertou a minha mão. — Vou embora para casa, mas, antes, queria entregar esse colar para que o dê a sua esposa.

— Mas ele é da mamãe. — Eu não sabia o que ela sentia por ele, mas o ajudava, então devia se importar.

— Sua mãe aceitou quando sugeri dá-lo a você, já conversei sobre isso com ela. Depois de eu partir, quero que Avana siga em frente e encontre alguém que a ame. Não quero que nada atrapalhe isso, mas quero algo de mim com você, o filho que amo demais e desejo que seja feliz. — Sorriu e apontou para a festa rolando no gramado. — Agora vá se divertir com seus irmãos. Vou me deitar um pouco.

— Vou ajudá-lo... — Suspirei e me coloquei de pé.

Elizeu sacudiu a cabeça, levantando-se também.

— Não, hoje é seu dia com sua esposa, então aproveite. Não vou a lugar nenhum por um tempo.

Ele me abraçou. Naquele instante, pude sentir que algo rachou em meu peito, como uma

parede sendo demolida.

— Sinto muito. — Eu sentia mesmo por vê-lo daquela maneira e não poder fazer nada.

— Não precisa sentir, isso é resultado dos erros que cometi, e sei que mereço o que estou passando por fazer você e sua mãe sofrerem. — Afastou-se. — Agora vá se divertir um pouco. Viva, Dominic, e aproveite cada segundo como se fosse precioso.

Assenti.

— Vou fazer isso. Não quer que eu o leve até sua casa?

— Não, sua mãe vai me ajudar. — Beijou meu rosto e se afastou.

— Pai? — chamei-o, fazendo-o parar e me fitar de olhos arregalados. — Também amo você. Sempre o amei, só estava magoado e ressentido pelo que houve.

Sorriu.

— Eu sei, mereci tudo aquilo. Só viva, Dom, não pense no passado e não ache que não pode ser redimido. Alguns erros que cometemos estão sujeitos à redenção. Você conseguiu. — Tinha um brilho em seus olhos, ele estava feliz.

— Depois eu vou na sua casa. Tente descansar um pouco.

— Esperarei você. Lembre-se: a felicidade e a redenção andam de mãos dadas; você não pode ser feliz sem se redimir — disse e foi embora com minha mãe. Pude ver que ela estava contente com tudo o que aconteceu.

Sorri, alisando o colar e pensando no que meu pai disse, que a felicidade e a redenção andam de mãos dadas.

— Está feliz? — Evelyn se sentou no meu colo.

Passei o braço a sua volta.

— Aprendi uma coisa com meu pai. — Beijei seu dedo com a aliança.

— O quê?

— Não posso me culpar eternamente pelos erros que cometi. Se ele conseguiu redenção, eu também sou capaz disso. — Entreguei o colar a ela. — Isso era da minha mãe, dado a ela por ele, mas, como ele estragou tudo, perdeu a sua chance... Foi da minha avó também.

— É lindo!

Ela sorriu quando o coloquei em seu pescoço.

— Nesse momento, eu juro pela minha alma que jamais vou estragar nossa felicidade ou machucá-la. Darei tudo a você e ao nosso filho enquanto eu respirar.

— A única coisa que quero nesse mundo é você, Dom. Eu guardarei o colar como um tesouro precioso. — Tocou a joia e, em seguida, o meu coração. — Assim como o que está aqui dentro, que também é meu.

— Para sempre — jurei, beijando seus lábios.

Não sabia o que o futuro nos reservava, mas de uma coisa eu tinha certeza: Evelyn estava nele.

FIM

Próximo livro Axel e Hadassa

Conheça meus outros trabalhos:

Oi meu amor, vou deixar aqui meus livros que são intercalados. Caso queira ler todas as séries em ordem, siga a listagem abaixo. Ainda, nada impede que os livros sejam lidos fora de ordem, ou que as séries sejam lidas separadamente, mas é necessário esclarecer que todos os personagens de todas as series estão de alguma forma relacionados, mesmo que a história individual de cada casal comece e termine no mesmo livro. ????

?? SHADOW (MC Fênix 1)

?? Kill (MC Fênix 2)

?? VINGANÇA (Príncipes da máfia 1) Nikolai

?? LOUCO POR VOCÊ (Série Dilacerados 3) Jason

?? MARCAS DA ESCURIDÃO (Série Dilacerados 4) Bryan

?? DAEMON (MC Fênix 3)

?? A ESCOLHA (Príncipes da máfia 2) Matteo

?? NASX (MC Fênix)

?? O PROTETOR (Príncipes da máfia 3) Alexei

?? REDENÇÃO (MC Fênix SPIN OFF)

??O executor (Príncipes da máfia 4) Luca

Série Dilacerados

Série MC Fênix

Série Destinos

Série Máfia Destruttore

Siga-me nas redes sociais:

Facebook página: fb.com/EscritoraRomances

Instagram: @autoraivanigodoy

Facebook Grupo: https://www.facebook.com/groups/667264337406677/

---

[1] Nota: O Gato de Cheshire, Gato Risonho, Gato Listrado ou Gato Que Ri é um gato fictício, personagem do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol. Ele se caracteriza por seu sorriso pronunciado e sua capacidade de aparecer e desaparecer.

[2] Nota: sombra.

[3] Nota: Fort Knox é uma pequena cidade americana e base do Exército dos Estados Unidos, localizada no estado de Kentucky, ao longo do rio Ohio.